

# II Premio Memoria de la emigración castellana y leonesa

JUAN ANDRÉS BLANCO RODRÍGUEZ  
JOSÉ MARÍA BRAGADO TORANZO  
ARSENIO DACOSTA MARTÍNEZ (Editores)



A mi adorada  
Leonor su hijo José  
9/12/948-

TARDE  
UNIÓN LEONESA  
(Cable postal U)





**II PREMIO**  
**MEMORIA**  
**DE LA EMIGRACIÓN**  
**CASTELLANA Y LEONESA**





# II PREMIO MEMORIA DE LA EMIGRACIÓN CASTELLANA Y LEONESA

JUAN ANDRÉS BLANCO RODRÍGUEZ  
JOSÉ MARÍA BRAGADO TORANZO  
ARSENIO DACOSTA MARTÍNEZ  
(Eds.)



Fundación  
Cooperación y Ciudadanía  
de Castilla y León



ZAMORA  
2011

Edi t ores: JUAN ANDRÉS BLANCO RODRÍGUEZ  
JOSÉ MARÍA BRAGADO TORANZO  
ARSENIO DACOSTA MARTÍNEZ

© JUNTA DE CASTILLA Y LEÓN, UNED-Zamora. FUNDACIÓN PARA LA CIUDADANÍA CASTELLANA Y LEONESA  
EN EL EXTERIOR Y LA COOPERACIÓN AL DESARROLLO

I.S.B.N.: 978-84-936871-7-5

Depósito l e g al : S. 1.181-2 0 11

Impreso en España. Un i ón Eu ropea

Impri me: Impren t a K admos

# Índice

<b>LA MEMORIA COMO TESTIMONIO HISTÓRICO .....</b>	<b>11</b>
J u an A n drés B l an c o R odríg u ez y A rse n i o D ac ost a M art ín ez	

## RELATOS PREMIADOS

<b>LA PEQUEÑA GRAN HISTORIA DE FRANCISCA Y SU FAMILIA.....</b>	<b>25</b>
J org e D´A mat o R odríg u ez	
<b>MEMORIA DE LA EMIGRACIÓN ARGENTINA DESDE REZNO (SORIA).....</b>	<b>57</b>
A lb ert o H ern án dez C ac h o	
<b>MEMORIAS DE UN ESPAÑOL DEL SIGLO XX.....</b>	<b>77</b>
J osé L u i s de P áramo C ern í	
<b>TÁBARA (ZAMORA) : FOCO DE EMIGRACIÓN.....</b>	<b>131</b>
M at eo del A mo A l on so	
<b>MI RINCÓN DE LEÓN.....</b>	<b>161</b>
A n drés G on z ález C ast ro	
<b>TRÁNSITO LUIS CALVO: LA HISTORIA DE UNA “NIÑA DE LA GUERRA”.....</b>	<b>173</b>
S an dra P érez C h av i an o	
<b>MI EMIGRANTE: FRANCISCO SÁNCHEZ TAMAME .....</b>	<b>199</b>
A n n i a M ari c h al	

## RELATOS DE ARGENTINA

<b>PENSÉ QUE TODO TAN SOLO ERA HISTORIA... HASTA QUE A MÍ ME TOCÓ .....</b>	<b>221</b>
M º L ou rdes C añón	



<b>MI HISTORIA COMO INMIGRANTE.....</b>	2 37
M an u el de C el is	
<b>PARADOJ A DE UNA VIDA.....</b>	2 49
J u an a Est h er C on t reras	
<b>POSTALES IMPRECISAS.....</b>	2 59
Dora M ab el Eu l al i a	
<b>LA MANTA MARAGATA.....</b>	2 69
M aría del P il ar F u ert es P érez	
<b>UN RECORRIDO MEMORAB LE TIEMPOS VIOLENTOS.....</b>	2 77
G i sel a G al leg o	
<b>DE LA MONTAÑA LEONESA A LA LLANURA SANTA F ESINA.....</b>	30 7
Seraf ín G arc ía C a ñón	
<b>HISTORIA DE UN VIAJ E F ÉRREO Y MARÍTIMO DE ABELARDO HERRERO LUCAS, HERMANO DE MI AB ELO J OSÉ HERRERO LUCAS.....</b>	32 5
M ab el O l g a H errero P érez	
<b>LA VIDA DE MI MADRE HERMELINDA. MI FAMILIA, SU HISTORIA.....</b>	333
M a C armen P oli M art ín ez	
<b>V OY CONTAR UNA HISTORIA.....</b>	343
Nél i da El en a P orrero di R u sso	

#### RELATO DE CANADÁ

<b>UN B RGALÉS EN WINNIPEG ( CANADÁ).....</b>	355
J esús Án g el M i g u el G arc ía	

#### RELATOS DE CUB A

<b>DEL B IERZO A CUB A: B REV E RESEÑA DE LA VIDA DE UN EMIGRANTE.....</b>	359
T ori b io A b el la I g l esi a y A b el A b el la F lei tas	
<b>CAMPAMENTO CUARENTENARIO DE TISCORNIA.....</b>	377
T ori b io A b el la I g l esi a y A b el A b el la F lei tas	
<b>HISTORIAS DE EMIGRANTES.....</b>	393
Y ari t z a Á l v arez A c ost a	
<b>DIARIO DEL VIAJ E A MI TIERRANATAL.....</b>	415
San ti ag o Á l v arez M arín	

<b>DE F RÍAS LLEGÓ UN EMIGRANTE:</b>	
<b>B ERNARDO B ERGADO NOCEDA.....</b>	453
A n a L u i s a B e r g a d o C a m e j o y A m é r i c a A n a P i n t a d o B e r g a d o	
<b>NUNCA DEJ ARON DE SER ESPAÑOLEs.....</b>	471
A n a G l o r i a C a l l e s M i g e n e s	
<b>ESPAÑA, CUB A Y MIA ELO .....</b>	479
M a r i s o l D í a z F e r r e r o	
<b>NOSTALGIAS DE UN RECUERDO, O PARA QUE NO MUERA EL RECUERDO.....</b>	491
M a r í a d e l o s Á n g e l e s G á l v e z B l a n c o	
<b>ZAMORA Y F LORIDA: DESPAÑA Y CUB A, TERRUÑOS MÍOS.....</b>	507
J o s é Á n g e l y M a n u e l G á r c i g a B l a n c o	
<b>EMIGRACIÓN DE UN ESPAÑOL A CUB A.....</b>	523
C a r m e n d e l a F e G o n z á l e z Á l v a r e z	
<b>MI INMIGRANTE DEL TIEMPO .....</b>	533
A l f r e d o G u l l ó n	
<b>UNA F AMILIA DE EMIGRANTES.....</b>	547
L i d a L i b r á n G o n z á l e z	
<b>CUANDO SALÍ DE MI TIERRA, 10 DE MARZO DE 19 4.9.....</b>	565
M a r í a d e l o s Á n g e l e s L o r e n z o D í a z	
<b>LA HISTORIA DE UN EMIGRANTE ZAMORANO EN LAS PÁGINAS DE SUS DIARIOS .....</b>	581
M a r í a d e l o s Á n g e l e s L o r e n z o D í a z y A l i n a d e l o s Á n g e l e s C a s a c o L o r e n z o	
<b>UNA INMIGRACIÓN SOLIDARIA .....</b>	619
M a n u e l R . N o t a r i o Á l v a r e z	
<b>B USCAR NA AGUJ A EN UNPAJ AR.....</b>	631
B á r b a r a V i v i a n P a d i e r n a P é r e z d e C o r c h o	
<b>QUIEN AMA A SU PATRIA DE ORIGEN, B IEN SE MERECE TENER OTRAQUE LO COB IJ.E.....</b>	635
C a r m e n R e g o j o M a r r e r o	
<b>UNA HISTORIA DE AMOR Y AMISTAD .....</b>	655
D o l o r e s A d r i a R o b l e s R o d r í g u e z y M a r i s e l a D o l o r e s C a b a l l e r o R o b l e s	
<b>MI VIDA ENTRE ESPINAS.....</b>	665
J o s é M a r í a S a n t o s	

<b>RELATOS SOBRE LA INFLUENCIA RECIBIDA DE LA EMIGRACIÓN CASTELLANO- LEONESA DE MIS PADRES.....</b>	<b>675</b>
A n drés San tos G on z ál ez	
<b>DOS FAMILIAS DE VILLARINO DE LOS AIRES QUE EMIGRARON A CUBA.....</b>	<b>705</b>
L au rean o Sen dín M art ín , L au rean o Sen dín O roz c o y A n ton io Sen dín O roz c o	
<b>RELATOS DE ESPAÑA</b>	
<b>HISTORIA DE UN EMIGRANTE EN EL PAÍS VASCO.....</b>	<b>739</b>
M an u el H errero P arro	
<b>TRES GENERACIONES DE INMIGRANTES EN UNA MISMA FAMILIA.....</b>	<b>763</b>
El adi o de J u an O rodea	
<b>EMIGRANTE EN ACTIVIDAD.....</b>	<b>777</b>
C arl os T api a P eñal b a	

# La memoria como testimonio

Juan Andrés Blanco Rodríguez y Arsenio Dacosta Martín

## RELATOS HISTÓRICOS DEVIDA

El presente volumen recoge los relatos presentados al “II Premio Memoria de la Emigración Castellana y Leonesa”, como en la convocatoria anterior, organizado y patrocinado por la Junta de Castilla y León, el Consejo de la UNED en Zamora, la Caja España y la Asociación Étnográfica Bajo Duero. De entre los 23 provenientes de Cuba, 12 de Argentina, 5 de distintas regiones españolas y 2 más de Canadá y Venezuela. En los dos primeros casos hemos de agradecer la decisión y promoción del premio por parte de las asociaciones castellanas y leonesas.

El presente volumen ha tenido que esperar la ardua edición de los seis precedentes, el último de los cuales, el tercero del “I Premio Memoria de la Emigración Castellana y Leonesa”, salió de la imprenta en octubre de 2008. En este sentido no podemos menos que agradecer la paciencia mostrada por los participantes que ahora pueden disfrutar de su aportación en edición impresa y digital.

El segundo premio, el que ahora editamos, fue fallado en Zamora en julio de 2008. Debemos agradecer de nuevo a los miembros del jurado –Carlos Pedrero, Begonia Galache, José Ignacio Monteagudo y María Domínguez– su esfuerzo y ecuanimidad en la labor de entreseleccionar los mejores de entre los relatos presentados. No obstante, todos forman por igual un rico testimonio del

<sup>1</sup> Editados por Juan Andrés Blanco Rodríguez y José María Aragado Toranzo en tre 2008 y 2010 en tres volúmenes bajo el *Máximo de la emigración castellana y leonesa*.

<sup>2</sup> Esta última disponible con el resto de publicaciones de la UNED de Zamora en la página web: [www.emigracioncastellanyleon.es](http://www.emigracioncastellanyleon.es). En la misma web podrán encontrar las bases del “IV Premio Memoria de la Emigración Castellana y Leonesa”.

<sup>3</sup> De los originales presentados el jurado tuvo que desestimarse tres que ya habían sido publicados en la convocatoria anterior.



proc eso mi g rat ori o q u e se su ma a los 150 reu n idos en l as dos edi c i on es an ri ores, in cl u y en do aq u í el “P remio de la M emoria de la Emigración Zamorana” fallado en un n o t a n l e j a n o t o t o n e s t e n o a ñ o l a U N E D p u b l i - c a b a u n e s t u d i o p r e c u r s o r r e c o g i e n d o l a s h i s t o r i a s d e v i d a d e 114 e m i g r a z a m o r a n o s e n M a d r i d c o n t r i b u í a a l a r e c o p i l a c i ó n d e l o s t e s t i m o n i o s d e c a s t e l l a n o s y l e o n e s e s d e L a P l a t a ( E s t r a t e m a t e n d a ) r a b a j o c e n t r a d a e n l a r e c o p i l a c i ó n d e r e l a t o s s e c o n s o l i d a e n e l m o m e n t o d e e s c r i b i r e s t a n e a s c o n l a c o n v o c a t o r i a d e l I V P r e m i o M e m o r i a d e l a E m i g r a c i ó n C a s t e l l a n a y L e o n e s a .

L a s s u c e s i v a s c o n v o c a t o r i a s d e e s t e P r e m i o p r e s e n t a n , e n s u m a , u n r á t e r i n e d i t o e n s u d i s e ñ o y v o l u m e n , y n o s e n o r g u l l e c q u e s e e s t á c o m o m o d e l o e n i n i c i a t i v a s p a r a l a s e n o t r a s c o m u n i d a d e s a u t ó n o m a s e c l u s o , e n t r e a l g u n a s c o l e c t i v i d a d e s c a s t e l l a n a s y l e o n e s a s d e l e x t e r i o .

C o m o e n o c a s i o n e s p r e c e d e n t e s s e h a r e s p e t a d o e n t o d o l o p o s i b l e l a r e - d a c c i ó n y o r t o g r a f í a d e l o s a u t o r e s p r o c u r a n d o h a c e r l a s a d i c i o n e s i m p r e - d i b l e s p a r a s u c o r r e c t a c o m p r e n s i ó n , s i n a l t e r a r e l s e n t i d o y e s t i l o o r i g i - n a l c a d a r e l a t o . H e m o s s e g u i d o a p o s t a n d o p o r l a n o t a a c l a r a t o r i a a p i e d e p á g i n a e n a q u e l l o s c a s o s e n q u e p a r e c í a c o n v e n i e n t e a c l a r a r a l g ú n a s p e c t o d e c i ó n o , m á s c o m ú n m e n t e , f a c i l i t a r a l l e c t o r l a c o m p r e n s i ó n d e a l g u n o s c a l e s e m p l e a d o s p o r l o s a u t o r e s . E n e s t o s c a s o s s e h a i n c l u i d o i n v a r i a b l e m e n t e l a c l a v e [ N . E . ] , e s t o e s , “ N o t a d e l E d i t o r ” , d i s t i n g u i é n d o l a d e [ N . A . ] o l o e s l o m i s m o , l a s n o t a s q u e h a n i n c l u i d o l o s d i s t i n t o s a u t o r e s d e s u m a - h a c u i d a d o a l m á x i m o l a e d i c i ó n d e l o s t e x t o s , c o n r e s p e t o h a c i a l o s a u t o r e s s i n q u e e l l o n o s h a y a l i b r a d o d e a l g ú n i n v o l u n t a r i o e r r o r . E n l a m e d i - d a p o s i b l e h e m o s i n c l u i d o t o d o e l m a t e r i a l g r á f i c o a p o r t a d o p o r l o s c o n c u r s a - n t e s a u n q u e a l g u n a s i m á g e n e s h a y a n t e n i d o q u e s e r f i n a l m e n t e d e s c a r t a - l c a n z a r r e s o l u c i ó n s u f i c i e n t e p a r a s u t r a t a m i e n t o d i g i t a l y u l t e r i o r .

<sup>4</sup> Editados por Juan A. Blázquez RODRÍGUEZ y por José M. BRAGADO TORANZO en 2007 en tres volúmenes *De Zamora a América. Memoria de la Emigración Zamorana, I, De Zamora al Río de la Plata. Memoria de la Emigración Zamorana, II, y De Zamora a Cuba. Memoria de la Emigración Zamorana, III.*

<sup>5</sup> MOSTAZA BARRIOS, Manuel (coord.) *Zamoranos en Madrid. Memoria oral y escrita de la emigración zamorana a Madrid en la segunda mitad del siglo X.* Zamora: UNED Zamora / Ayuntamiento de Zamora, 2005.

<sup>6</sup> PILIA, Guillermo (Dir.) *Castellano-leoneses de L a Plata. Memoria v. I.* a P l a t a : C e n t r o C a s t e l l a n o l e o n e s e s d e L a P l a t a / U N E D Z a m o r a / H e s p e r i d e s , 2 0 0 5 .

<sup>7</sup> A parte de la colaboración de las distintas asociaciones en la promoción de nuevos premios, hay iniciativas parejas como la recopilación de historias de vida realizadas por Unión Castellano Leonesa de Uruguay *Historias de la emigración Castellano Leonesa en Uruguay* Montevideo: Unión Castellano-Lonesa de Uruguay, 2005.

La presentación de los textos se realiza según el criterio de edición es a teri ores, est oes, col ocan do pri mero a los premi ados y despu és, org an iz ados en est ric to orden alfab étic o, el resto de rel atos ag ru pados por paí ses q u e se han est ru ct u rado con idén tic o c riterio.

La valoración de este tipo de documentos trasciende de la calidad literaria y el peso afec tivo de los mismos en su calidad de añ. **Pobio megorafías** porq ue con tribu y en ac rear un v aliosí simo corpu s de test imon ios q u e se poran al y aric of on do del fu tu ro **A rc hivo-M** uso de la Emigración C a y L eon esa. Test imon ios q u e doc u men tan h ist orias q u e, de ot ra forma, h lan g u idec id o en la memori a i n di v idu al h ast a perderse. Son rel atos q u e ilu más al lá de la au tob iog rafía, un a su erte de h ist oria fam iliar en oc asi on es ric a c omo la de M ateo del A mo, q u i en rec og el a ex peri en cia mi g ratori a fam ilia con el prec eden te de su bisabu ela en Italia en el sig lo X IX . De est a h ist oria c olec tiva **vecaos** otros mu ch os mi emb ros de su fam ilia por paí ses y reg ion est an di versos como EE.UU., A rg en tina, F ran cia, el País V y A leman ia en tre 192 0 y 1970 . O tra **veni tu rasi a h i ca del osé** Luis de P áramo C ern **I y e pas** pues prot ag on ist as por v arios paí ses eu ropeos, por el norte de África, por Méjico y Ven ezuela en el con tex to c g u erras, la mu n di al y su prec u rsora, la español a.

Est e corpu s ah ora ampl iado nos permite, en su ma, mejorar n u est ro c on oc imi en to del fen ómen o mi g ratori o tan to por las i nformac ion es q u e ap c omo por los v aliosí simos mat eriales q u e lo c ompl emen ta, tal es como fot o- g rafías, doc u men tos person ales y cart as, **pr. n. l. c ay p al man sean** un - c i ab a en las bases del premio, todo ello se ha i ncorporado al fondo dig it al c u st o di ado en el C en tro de la UNED en Zamora, y q u e y a sob repasa los 2 0 . 0 t doc u men tos el ec tr ónic os.

<sup>8</sup> Parala c u est ión de la au tob iog rafía en térmi nos teóri cos y met odol óg **ic os remiti** a FRANZINA, Emilio. "Au tob iog rafías y di arios de la emigración . Ex peri en cia y memori en los esc rit os au tob iog ráfic os de emigran tes e i nmi g rados en Améri ca en tre los sig los y X X " **Historia Social** 1992 , 14, pá g s. 12 1-142 ; al dossi er c oordi nado por James S. AMELANG y P et ERKE "De la au tob iog rafía a los eg o- doc u men tos: un foru m ab iert o", de la rev ist a **Cultura Escrita & Sociedad** 2 0 0 5, 1, pá g s. 15-12 2 ); y más rec ien temen te a PRAT I CARÓS, Joan . "En b u sca del paraíso: h ist orias de vida y **migración** ". En **Dialectología y Tradiciones Pop ulares** 2 0 0 7, ju lio- dic iemb re, vol . L X II, n º 2 , pá g s. 2 1-61

<sup>9</sup> Un an ál is i s met odol óg ic o de las di st i n t as fu en tes memori al í st ic as de la emigración español a en NÚÑEZ SEIXAS, X osé M an oel . "O tras mi radas sob rel a h ist oria de la emigración galleg a: sob rec art as, memori as y **Estudios Migratorios Latinoamericanos** 2 0 0 5, 58, pá g s. 483-50 **SJERRAEN** Verón ica. "Baúl es de memoria". Las esc rit u ras person ales y el fen ómen o mi g ratori o, **En** Alicia ( **Ordo. Esp aña q ue emigra a la Esp aña q ue acoge** M adri d: C aja Du ero / F un dac ión L arg o C ab allero, 2 0 0 6, pá g s. 175.

Por sí lo anterior fuera poco, los textos aquí editados permiten el estudio de los mismos en términos de construcción de una memoria individual y colectiva, con atención muy especial a la percepción de la vida y la vinculación del emigrante con su tierra de origen, cuyas líneas y desarrollos se van mostrando en los textos. Hay que repetir, una vez más, el axioma y a formulado de que la memoria no es estrictamente histórica pero sí constituyente y aplicando los necesarios filtros una extraordinaria herramienta de información para la reconstrucción cultural del pasado.

## GEOGRAFÍA IMPERFECTA DE LA SUSENCIA

En el catálogo de la exposición *El sueño de muchos. La emigración castellana y leonesa a América*, Valen t ín Cabero escrib ía: “La geograf ía de las ausencias se inscribe en la vida de los emigrantes en la memoria y las funciones virtuales de la tierra pr omi da” rec ien temente, Ramón Villares adv ert ía de la necesidad de fijar la memoria colectiva del proceso migratorio también en términos espaciales: “La emigración dev ien e, de este modo, el lugar de memoria, tan to en el sentido físico de un espacio concreto como espacio referencial y por t anto, de alto valor simb ólico”

Efectivamente esta es la impresión que se deduce de la lectura del conjunto de los relatos aquí editados, si miramos en general a los recopilados con vocatorias anteriores. Volvemos a encontrar la confrontación de los geográficos separados por un tercio, todos ellos colonizadores y tiempo, sometidos al distorsionamiento del recuerdo. Son espacios aparentemente bien definidos, pero se trata al postre de espacios que Umberto Eco define como “geográficas imperfectas” en alusión a la descripción geográfica de ciertos relatos literarios. El testimonio de Jorge D’Amato, galardonado con

<sup>10</sup> Particularmente BLANCO RODRÍGUEZ, Juan Andrés. “Memoria e historia de la emigración”. MONTEAGUDO ROBLEDO, José Ignacio. “La memoria activada”, publicados ambos en el libro *De Zamora a América. Memoria de la Emigración Zamorana, I*. Zamora: UNED, 2007, págs. 9-82 y 83-98, respectivamente.

<sup>11</sup> CABERO DIÉGUEZ, Valen t ín. “Geografía de las ausencias”. BLANCO RODRÍGUEZ, Juan Andrés (ed.). *El sueño de muchos. La emigración castellana y leonesa a América*. Zamora: UNED Zamora / C aj a España / A y u n tami en t o de Zamora, 2005, pág. 183.

<sup>12</sup> VILLARES, Ramón. “Memorial de las migraciones”. GARCÍA ALVAREZ, X. A man - c i o (coord.). *Ciudadanos esp añoles en el mundo*. V i g o: G ru p o España Ex t er i or, 2008, pág. s. 288-289.

<sup>13</sup> Proposición a esta visión idealizada de los relatos, actualmentesetrabaja la identificación espacial de la emigración. Cabe citar, GARCÍA ALVAREZ, X. A man - c i o (coord.). *Ciudadanos esp añoles en el mundo*. V i g o: G ru p o España Ex t er i or, 2008, pág. s. 288-289.

<sup>14</sup> BLANCO RODRÍGUEZ, Juan Andrés. *Historia económica y arraigo social de los castellanos en Cuba*. Salamanca: Junta de Castilla y León, 2009; y una curiosa -

el primer premio, resulte esta oposición de forma meridiana además comen-  
zando su narración: “Fueron miles y miles los que bajaron de los barcos. Tra-  
la esperanza de un avituallamiento, en un territorio que a través habían dejado  
familias, los afectos, el terruño que los había visto crecer”. En la reconstrucción  
de la memoria del emigrante se confrontan expresivamente la “tierra que  
con el “terruño”, pero no se trata de espacios puramente geográficos como de-  
cíamos, sino lugares establecidos por la estructura de sentimientos e identidades  
muchas veces en contraposición, que se identifican años de una vida.  
D’Amat comienza con “las familias, los afectos”. Ni siquiera el océano que los separa  
que actualiza como un no-lugar, es ajeno a esta percepción sentimental del  
ciclo. En el relato de Alberto Hernández Cacho, segundo premio en la pre-  
edición, se hace evidente: “Luego de semanas de navegación en regu-  
malas condiciones de salud por el rolido del buque (mareos, vómitos, inap-  
tencia) llegaron al Río de la Plata (Mar Dulce) donde su color de las aguas  
su calma aparecieron como el panorama anterior”. Se crea así un paisaje  
dialéctico en el que el lugar de partida y del llegada son percibidos en tér-  
minos contradictorios: el afecto y la miseria en uno, la esperanza y el desarraigo  
el otro. La dulzura de las promesas de ese nuevo horizonte se verá frustrada en  
mayor o menor medida en prácticas de todos los casos. En algunos, como en  
el relato de Sandra Pérez Chaviano, por constituir un sobrecogedor testimonio  
del exilio provocado por la Guerra Civil española. El dolor arrastrado hasta  
Cuba por la familia de la protagonista será tan intenso que el lastimado  
vida, incluida la ulterior oportunidad de reestablecerse en Zamora. Tam-  
bien ese carácter trágico de la vida en la autobiografía  
Manuel de Celis: “Mi historia, como tantas historias de inmigrantes,  
comienza en la nostalgia de aquella patria que dejamos atrás, con la familia y  
amigos que quedaban lejos pero llenaban el corazón de dulces recuerdos y amor  
dolorosas”.

Si este es el caso trágico, el encuentro con Castilla y León desti-  
gnerá la curiosidad y asombro, generalmente en términos muy positivos  
relato firmado por el argentino Serafín García Cañón se sostiene también en  
juicio de contrastes en su expresivo título: “De la montaña leonesa al llano  
santafesino”. Su relato inicial por los paisajes españoles –muy curioso ha-  
la extensión–, tiene un aire de descubrimiento que recuerda a la r-  
pida de un niño. Dice en sus propias palabras: “Esveja me permitió repasar  
todo lo que ellos me contaban o me mostraban en fotos, cartas u objetos, al-

incompleta – gratuita de la Habana que recorren los espacios de la emigración (ZÁLEZ PAGÉS, Julio César, M<sup>a</sup> Ángeles (coord.). *De la emigración española. La Habana. Guía turística*. Madrid: Fundación DiRECTA, 2011).

pu n t o q u e c u a n d o l l e g u é , f u e c o m o s i h u b i e r a r e g r e s a d o a u n l u g a r p o r m í , c o m o s i a l g u o z a a h u b i e s e e s t a d o ”.

A s i s t i m o s , e n e s t e y o t r o s m u c h o s c a s o s , a u n a m e m o r i a r e c o n s t r u i d a p a r t i r d e p a l a b r a s e i m á g e n e s , u n v a r e v o t a r i a t a d a s e n e l á m b i t o f a m i l i a r . C a r m e n P o l i M a r t í n e z , d e s d e A r g e n t i n a , r e c o n o c e q u e l a c a s a d e l o s e n U ñ a d e Q u i n t a n a , t e n í a d o s m a t e r i a l i d a d e s : l a f í s i c a , y l a “ q u e n o t e n í a m o s e n n u e s t r o i m a g i n a r i o ” . U n i m a g i n a r i o q u e n o p o c a s v e c e s a c o n v i s o s t r á g i c o s , c o m o n o s n a r r a M a r i s o l D í a z F e r r e r o d e s d e C u b a : “ M i a m u r i ó c o n l a e s p e r a n z a d e q u e a l g ú n d í a u n o d e s u s d e s c e n d i e n t e s p u d i e r a t a r V i l l a o b i s p o ” . E l c u m p l i m i e n t o d e l d e s e o p o s t e r o d e l a n c e s t r o s e c o n f i c o n f u n d i e n d o s e i d e n t i d a d e s : “ y o s e n t í a q u e e s t a b a c a m i n a n d o s o b r e l l a s d e l o s p a s o s d e l a b u e l o . A c a r i c i a b a c o n l a v i s t a c a d a e s p a c i o p o r q u e c o m o s i v o l v i e r a m i r a r c o n l o s o j o s d e m i a b u e l o ” , n o s d i c e M a r i s o l D í a z e s t e m i s m o r e l a t o a s i s t i m o s a l a e n o r m e f u e r z a d e l h e c h o í n t i m o y s i l e n c i o d e r e c o g e r t i e r r a d e l a h u e r t a d e l a c a s a n a t a l d e l a b u e l o z a m o r a n o y d e s p o s t a r l a a s u v u e l t a a C u b a e n l a t u m b a d e a q u é l .

E s t o ú l t i m o n o s i n t r o d u c e e n o t r o t e m a r e c u r r e n t e , e l y a a l u d i d o a l a r e a c i ó n d e l o s e s p a c i o s d e l p a s a d o y e n p a r t i c u l a r , l a e v o c a c i ó n d e l a i n f a n c i a c o m o u n l u g a r d e a f e c t o s . E s t e t e m a e s , c o m o d e c i m o s , c o m u n i c a r m u c h o s d e l o s r e l a t o s q u e í d e t a d o s , p a r t i c u l a r m e n t e e n l o s r e d a c t a d o s p o r h i j o s o n i e t o s d e l o s e m i g r a n t e s . E s e l c a s o d e l d e A n d r é s G o n z á l e z C a s t r o , d o n d e s e c o n t r a s t a n a b i e r t a m e n t e e n e l e s p a c i o r e m e m o r a d o d e s u p r o p i a i n f a n c i a e l p a i s a j e u r b a n o d e L ’ H o s p i t a l e t d e L l o b r e g a t ( B a r c e l o n a ) , d e s u s p a d r e s e m i g r a n t e s , y S a n t a M a r í a d e l M o n t e ( L e ó n ) , l a a l d e a d e o r i g e n d e l o s m i s m o s . D e s d e l a m i r a d a r e c o n s t r u i d a d e l a d u l t o , e l a u t o r d e e s t e b e l l o r e l a t o m i r a a t r a v é s d e l o s o j o s d e l n i ñ o q u e f u e y c o n c l u y e c o n s i n t e r i o r : “ M i L e ó n e s S a n t a M a r í a d e l M o n t e y p o c o m á s ” . E l l u g a r i d e a l i z a d o p u e b l a n u e s t r a n i ñ e z e s e l p r i m e r d e s t i n o a l q u e r e t o r n a r e m e m o r a n t e e x p r e s i v o c o m o e l a n t e r i o r e s e l t e s t i m o n i o d e M a r í a d e l o s Á n g e l e s L o r e n

In t r o d u c c i ó n

<sup>14</sup> E n e s t e s e n t i d o h a l l a m o s c l a r o s p a r a l e l i s m o s c o n o t r o s t e x t o s r e c i e n t e m e n t e p u e d e n d o s c o m o e l d e l c h i l e n o d e o r i g e n g a l l e g o E d m u n d o R o s a f i e l u l a d o i l o é y G a l i c i a . C o n f i n e s M á g i c o V i g o : G r u p o d e C o m u n i c a c i ó n G a l i c i a e n e l M u n d o . L a s h i s t o r i a s d e v i d a r e c o g i d a s e n o t r a r e c i e n t e c o m p i l a c i ó n – q u e i n c l u y e s e i s d e d e n u e s t r a r e g i ó n –, t a m b i é n e s t á n e l a b o r a d a s e n b a s t a n t e s o c a s i o n e s p o r h i j o s o n i e t o s d e l o s e m i g r a n t e s . P e r é z - F u e n t e s , P i l a r e z , J o s é A n t o n i o ; M a r í a Á n g e l e s ( c o o r d . ) . M e m o r i a s d e l a e m i g r a c i ó n e s p a ñ o l a a A m é r i c a M a d r i d : F u n d a c i ó n D i r e c t a , 2 0 0 9 .

<sup>15</sup> L o s e j e m p l o s t r a s c i e n d e n l o s r e c o p i l a d o s y e d i t a d o s p o r n o s o t r o s e n e l ú l t i m o l u t o V é a s e , s i n o , e l e x p r e s i v o t e s t i m o n i o d e l l e o n e s i S a m u e l M a r t í n e z e u y o s r e c u e r d o s s e d e t i e n e n l a r g a s p á g i n a s e n s u s r e c u e r d o s d e i n f a n c i a e n S a m o r a h o r e s d e R u e d a T I E L , N i n o . “ P á g i n a s d e m i d i a s i o ” . E n l a ( e d a ) e n t u r a s e n l a n o s t a l g i a . E x i l i a d o s

Díaz, emigrada con 7 años a Cuba, que acompañó sus palabras con dos fotografías de sí misma abrazada con su muñeca “Maruchita”; dichas imágenes tan iguales y tan distintas al mismo tiempo, están separadas con olímpica amplitud por más ses décadas.

## L A C O N S T R U C I Ó N D E I D E N T I D A D E S

El relato anterior, como muchos de los aquí editados, nos habla también de otro fenómeno reciente: el de la conformación de la identidad con el lugar de origen. Históricamente, al menos en época contemporánea, la emigración de nuestra región se ha definido identitariamen te en términos locales o provinciales. La principal manifestación de esa identidad, apenas presente correspondencia de los emigrantes, es la constitución de sociedades de mujeres en estas escalas. Cabe citar, en las aún existentes, las distintas “Comunidades” provinciales de Cuba o el interesante caso del Club Villarino, formada por naturales de Villarino de los Aires (Salamanca). Lo mismo hallamos en el otro gran destino americano, La Argentina, donde los “Centros Regionales” provinciales, como arracon del M anuel de Celis, el que duran te 25 años presidente del Centro Salamanca de Buenos Aires. Además de las asociaciones provinciales también hay presencia de otras microrregiones, participativamente en Buenos Aires, como el aún existente Centro Municipal de San Lorenzo, o el caso de las distintas asociaciones formadas por naturales o “hijos” de Vilvestre (Salamanca), El Barco de Ávila (Ávila), Santia Millas (León), Ferroselle (Zamora) y numerosos pueblos de la provincia Soriana (El Royo y Derroñadas, Cidonés, Molinos de Duero, San Pedro Manque, Barrio de las Casas, Salduero, Sotillo del Rincón, Oteruelos, Covadonga, Rollamién, Vinuesa y La Muedra). Aunque, como decimos, esta identidad local del asociacionismo tuvo su momento entre 1900 y 1930, lo más habitual fueron las agrupaciones de ámbito provincial, las “centros” o “comunidades”, con representación de todas las provincias actuales de Castilla y León. Los emigrantes de alguna zona de la emigración fueron más intensamente representantes de carácter comarcal, participativamente en el caso de Burgos con una marcada identidad que perdura en esta región.

Significativamente estas identidades que edarán diluidas en la segunda ola migratoria de nuestra región, la protagonizada por miles de jóvenes que partieron en busca de trabajo a distintos países de Europa, participativamente Alemania, Suiza y Francia. Allí no documentamos esas regiones con

*y emigrantes españoles en León*. Madrid: Ministerio de Trabajo e Inmigración, 2008, págs. 99-134).

nas y leonesas, aunque sí las hallamos en la emigración interior, donde provincial la que abarcaba las identidades de los emigrantes, repitieron esencial el esquema de la emigración americana.

No obstante, al menos en el exterior, estas identidades que daban en cuenta una superior, tanto por razones legales como sentimentales: la española. Incluso en los forzosos exilios, como la familia de José Luis Páramo Cerní, después de adoptar una nacionalidad, lo español se mantiene como identidad principal en el seno familiar. Occurre igual en el cubano Ana Gloria Calles Migen estitulado expresamente “Nuestro de ser españoles”, y en la que la identidad de su abuelo Joaquín abarcaba más, su pueblo de origen (Vitigudino), la región histórica (“pertenece a la Región Leonesa”), la realidad administrativa actual (“Comunidad Autónoma de Castilla y León”) y la vinculación con la capital provincial (“capital provincial”).

Este diálogo en el localista y nacional, que define la emigración castellana y leonesa durante prácticamente todo el siglo XX, lo encontramos en relatos como el de Jesús Ángel Miguel García, emigrante de nueve años en Canadá que se reclama expresamente “burgalés” y “español”. La fotografía que acompaña al relato, con la bandera española como protagonista, no puede ser más expresiva. No obstante, lo importante es la afirmación de identidades como la expresada en el relato de Juan Esther Contreras: “En su esencia, español del eyelabuelo nunca perdió su nacionalidad, adoptó esta tierra como suya, pero su única tierra fue España, su provincia, León y en Guadalajara su coronación”.

Los relatos aquí editados nos ofrecen esta misma impresión en cada caso particular. El local se une a los sentimientos y a los marcados de sociabilidad primarios como son la familia y la vecindad. Lo suyo local –generalmente la identidad provincial– se circunscribe al ámbito asociativo y asociativo de la emigración interior o la que toma como destino América. Finalmente, el español se su perpone a todo lo anterior en los términos y expresados.

Si embargo, a las identidades y a menencias se viene a su perponer el más cónyugos con tornos son más y más nítidos: la identidad regional castellana y leonesa. Dichas identidades se adaptan al modelo aprobado constitucionalmente en la Transición española y que dio lugar al actual Estado de las Autonomías. En lo que a nosotros afecta, lo más interesante es cómo se ha desarrollado los deslizamientos de la identidad local y provincial –en medida la española– hacia una nueva etapa en la que la regional castellana y leonesa. El relato más explícito al respecto es el de Carlos Tapia, emigrante en Cataluña y Aragón, quien aclara su origen en “la provincia de las ocho provincias de la entonces Castilla la Vieja, junto con

L og roño, Sori a, Seg ov i a, V all adol i d y P al en c i a, pero si n L eón Zamora n l aman c a”. El n arrador rec og e así u n a v i eja di st ri b u c i ón g eog ráf i c a si n admi n i st rat i v o deri v ada pri n c i pal men t e de la ref orma t erri t orial de España proy ec tada por J av i er de Bu rg os y aprob ada a fin al es de 1833. A part i r de ese momen t o y h ast a la promul g ac i ón del Est at u t o de A u t on omía de C ast y L eón j u st o 150 años despu és, los c on t orn os de est a C ast ill a L a V i eja i porarán en momen t os pu n t u al es l as t res prov i n c i as del an t i g u o R ei n o de (L eón , Zamora y Sal aman c a). Est e rel at o, asu mi en do en ori g en est a di v i s i ó t erri t orial , rec og e l a ex peri en c i a del prot ag on i st a c omo u n o de los di rec t respon sab les de l a t rans f ormac i ón de l a C asa de Bu rg os de Zarag oz a en C asa de C ast ill a y L eón , “por su c l aro c ri t erio de ser di g n a represen t ac i ón de t su C omu n i dad A u t ón oma”. A l as raz on es de operat i v i dad –aun ar soc i os– su man , en est e c aso y en al g ún ot ro, l as de oport u n i dad y adapt ac i ón pol í t i l as n u ev as real i dades pol í t i c as y admi n i st rat i v as de l a España ac t u al .

## ENT R EL A H I S T O R I A Y L A L I T E R A T U R A

P ron t o se c u mpl i rán 100 años de l a pu b l i c ac i ón del prec u rsor est u di T h omas y Znaniecki sob rel a c orrespon den c i a de los emi g rantes pol ac os en EE.UU.<sup>16</sup> A part e de an u n c i ar el fu t u ro prest i g i o q u e adq u i rí a l a Un i v e de C h i c a g o en l as déc adas si g u i en t es, est e t r a b a j o apu n t a a l a i rren u n n e c esi dad de rec u perar de f orma di rec t a l os t est i mon i os de l a memori a de los prot ag on i st as del si g l o X X . T est i mon i os de u n a memori a esc ri t a en pri m person a c omo el t amb i én *Ch i s e o. l a Amé r i c a* de J u an F ran c i s c o M arsal , arq u e t i po del f rac aso del emi g rante <sup>17</sup> *No es est o* el lu g ar ni el momen t o para en t rar en l as en ormes posi b i l i dades q u e n os of rec en l as fu n t oral es y esc ri t as de t i po person al , l a memori al í st i c a o i n c l u s o l a l i t e r a t u r a l a emi g rac i ón . En t re los rel at os q u e aq u í edi tamos h ay al g u n o q u e se sob rel os di ari os person al es de u n emi g rante, c aso del t ex t o f i r mado por M aría de los Á n g e l es L oren z o Díaz y A l i n a de los Á n g e l es C asaco L oren z o. O l at o, el de Dora M ab el Eu l a l i a, es, si c ab e, más ex presi v o: “Doc u m e n t os, p t i d a s, f a m i l i a r e s, e s c r i t u r a s, n o m b r e s d e s c o n o c i d o s e n a p e l l i d o s f o t o s, c a r t f o l i o s y a c t a s e s c r i t a s e n c u r s i v a i n g l e s a y p l u m a c u c h a r i l l a p a s a r o n a

<sup>16</sup> THOMAS, W i l l i a m Z N A Y N I E C K I, F l o r i a *fi h e Polish Peasant in Europe and Ame- rica* [ 1918] Nu ev York D o v e P u b l i c a t i o n s, 1958 [ 1918]. E x i s t e u n a r e c i e n t e e d i c i ó n – ab r e v i a d a – e n e s p a ñ o l a c a r g o d e J u a n Z a r c o p u b l i c a d a p o r e l C e n t r o d e I n v e s t i g a c i S o c i o l ó g i c a s y e l B o l e t í n O f i c i a l d e l E s t a d o e n 2 0 0 4 .

<sup>17</sup> MARSAL, J u a n F r a n *H i s c e o. l a Amé r i c a. B i o g r a f í a d e u n e m i g r a n t e* B a r c e l o n a : A r i e l , 1972 .



parte de un ac o h ort e de n ec esi da des y u rg en ci as. A mb as di rec ci on adas l mi smo sen ti do: mi pro pi a i den ti dad”.

En la c on st ru c c i ó n de est a memori a –e i den ti dad– n o podemos men os q u men c i on ar al g u n os est u di os rec i en tes. Un o de el los, edi ta do por M aría L M art ín ez de Sa li nas an ali za la c orrespon den c i a de emi g ran tes v alliso a C u b a q u e n os ay u da a c on oc er mej or la c ri si s pol í tic a y ec on ó mi España de fin es del si g lo ~~XIX~~ ~~XX~~ ro est u di o reseñab le es el del in terc amb i o epi st ol ar en t re los leon eses V el a Zan etti y G ordón O rdás, doc u men ta c i para en ten der al g u n os aspec tos del ex ilio c u<sup>18</sup>. ~~En rih española~~ Los t rab aj os edi ta dos o pat roc i n ados por n os ot ros dest ac aremos t amb i én u n rec opi lac i ó n de h i st ori as de v i da de emi g ran tes y desc en di en tes c ast e y leon eses en L a P la ta, reel ab oradas por los peri odi st as G lori a H . C ardo C arlo<sup>19</sup> ~~En fan<sup>20</sup>~~ t amb i én en A rg en tin a se h a pu blic ado rec i en temer lib ro si mi lar, c on la part ic u laridad de q u e n o rec og e v ari as h i st ori as, t i n t as v i si on es de u n a mi sma fami lia de ori g en leon és, los G arc ía, el a por 15 de su s desc en di en tes, lo q u e a la post re c on forma u n si n g u lar r c o l ec t<sup>21</sup>. ~~Co~~ n ot ro fin b i en di st i n to, pero c on in teresan tes ef ec tos pa doc u men ta c i ó n del fen ómen o mi g ra t orio de n u est ra reg i ó n deb emos al lib ro c oral tit u lado “C oraz ón de c i n c o esq u i n as” en el q u e ac redi ta de n u est ra reg i ó n y de A rg en tin a c on fron tan h et erog é n eas mi radas f en ómen o de la emi g rac i ó n

P or q u e ést a, la emi g rac i ó n , c omo di c e R amón V illares, sea c u al di men si ó n espac i al o t emporal , es u n h ec h o c arg ado de ex peri en ci as de di v erso al c an ce. Normal men te ex peri en ci as de ámb i to person al o fami li t amb i én de ámb i tos más ampl ios. L a emi g rac i ó n se c on forma c omo “l u de memori a” de di st i n tos ni v el es y mat ic es, memori a de la emi g rac i ó n c en orme di men si ó n . Un pri mer ni v el , i n di v i du al y fami liar, n os in te c i al men te aq u í. Es el q u e más h a i mport ado, el más at en di do por los propi o

<sup>18</sup> MARTÍNEZ DE SALINAS, M aría L u i sa ~~ed~~ *Noticias de Cuba. Cartas de emigrantes v allisoletanos en la segunda mitad del siglo XIX* al lad o l i d: Un i v ersi dad, 2 0 0 7.

<sup>19</sup> CORDERO DEL CAMPILLO, M i g uel FERNÁNDEZ DEL CAMPO, J u an A n t o n i o ; RRE ROMERO, Edu ardo (eds.) *V el a Zanetti y G ordón O rdás. Corresp ondencia en el ex ilio L eón* : F u n d a c i ó n V el a Zan etti, 2 0 0 2 .

<sup>20</sup> CARDOSO, G lori a H ort u n a n z e M ÁRMOL, C arlos T on d a s *Después de los barcos*. Bu en os A i res: [ el au t or] , 2 0 1 0 .

<sup>21</sup> PAPIANI, G rac i el a Noemí (c o m p i l a d o r ) *Una vez la familia G arc ía*. Bu en os A i res: edi t orial Du n k en , 2 0 0 9.

<sup>22</sup> PÉREZ ALENCART, A l fredo (ed.) *C oraz ón de cinco esq u i n as*. Sal aman ca : J u n ta de C ast illa y L eón , 2 0 1 0 .

emigrantes, y también por sus familias. ~~Sy n ev eh desc~~ onservación es muy desigual, y en riesgo de desaparición, riesgo que aspiramos contri-  
 a evitar con estos premios “Memoria de la emigración castellana y leonesa”.

Estos relatos de memoria personal y familiar de la emigración pretenden ser un paso más en la construcción de un verdadero “lugar de memoria” de la emigración castellana y leonesa, con siderada en su dimensión como histo-  
 masivo y de una dimensión regional, aunque muy distinto según zonas y mar-  
 cas. Un paso más para la construcción del Archivo-Museo de la Emigración Castellana y Leonesa.

Se puede fácilmente constatar que en España es mucho más intensa la  
 memoria de la inmigración que de la emigración. La emigración tiende a  
 darse, a valorarse como una opción individual o familiar, lo que de forma  
 explícita sugiere que las sociedades emisoras se despreocupan del problema de  
 la emigración o lo consideran secundario. Si no ~~desplazan~~ <sup>desplazan</sup> el  
 concepto de la emigración como un fracaso, individual o colectivo.  
 Pero la emigración marca la historia de las tierras de Castilla y  
 León, y por ello es preciso considerarla como un “lugar de memoria” cen-  
 tral en la conformación de esta región en la época contemporánea. De ahí la ne-  
 cesidad de hacerla visible como un hecho global, pero sin olvidar las ex-  
 plicaciones individuales.

Recuperando una parte de esa memoria contribuimos a potenciar la vi-  
 culación entre los ámbitos de salida y de llegada, entre las gentes de es-  
 tierras que emigraron, sus descendientes, y los que permanecieron aquí  
 el aborrecimiento de los presentes relatos su puso en muchos casos la reacción  
 de las experiencias migratorias, individuales o familiares, en parte aparen-  
 te diluidas con la inmigración en las nuevas sociedades de acogida.

En su conjunto, los relatos muestran lo complejo de dichas experiencias  
 el desarraigo en distintas intensidades que si se emplea acompañan, las aspira-  
 ciones no si se emplea ~~ya~~ <sup>ya</sup> ~~cada~~ <sup>cada</sup> ~~lo~~ <sup>lo</sup> ~~hacen~~ <sup>hacen</sup>, lo son muchas veces en  
 grado distinto al pensado. Lo complejo de un proceso como la inmigración  
 que en ocasiones, por las afinidades culturales, se presenta fácilmente. Los  
 conflictos de identidad en ocasiones diluidos con científicos o inconscientes  
 sensaciónes de “anfibiedad”, de “raíces al aire”. Y todas esas percepciones se  
 reencontran, vuelven a aflorar, pero también se remansan, se redimensionan

<sup>23</sup> VILLARES, Ramón GARCÍA BORRAZÁS, Carolina GARCÍA DOMÍNGUEZ, Teresa.  
 “Los archivos de la emigración. El caso de Galicia” (Ed. II). *Emigración  
 castellana y leonesa en el marco de las migraciones españolas. Actas del Congreso Za-  
 mora*: UNED Zamora, 2011, pág. 39.

<sup>24</sup> *Ibid.*

al elaborar esos relatos de vida. Parafraseando el título del relato de María Lourdes Cañón, el pasado deja de ser “tan solo historia” para presentarse ante nosotros como el testimonio de la memoria individual y colectiva de tantos y tantos castellanos y leoneses.

# **RELATOS PREMIADOS**



# La pequeña gran historia de Francisco y su familia

Jorge D'Amato Rodríguez

## -Primer premio-

### PRÓLOGO

Fueron miles y miles los que bajaron de los barcos. Traían la esperanza de una vida nueva, en una tierra nueva. Después habían dejado las familias afectadas, el terruño que los había visto crecer.

En estos confines se bajaron y fundaron nuevas familias. Le dieron a lo mejor que les podían ofrecer. Como hombres y mujeres de un mundo nuevo y que quisieron dejar el sello característico de su cultura ancestral. Tejiéron miles y miles de historias esos que eran españoles que cuando llegaron desde chicos, desde niños por todos los barrios de esta Ciudad del Plata y en todos los confines del país, de distintos oficios y distintos sectores que llenaron una buena parte de nuestras vidas. Sus hijos de esa misma raíz son los protagonistas de este relato. Una historia simple que, a pesar de no tener grandes episodios, tuvo una serenidad profunda de las vivencias cotidianas.

En las figuras de Pedro, Francisco y José, sus descendientes, que eran el orgullo de la familia inmigrante española que arribó a la Argentina, que en su presencia a una sociedad que estaba deseosa de recibirlos en un espacio de su irreversible integración.

### LA NIÑEZ Y LA JUVENTUD DE FRANCISCO

El 22 de febrero de 1905 nació en Seijas de Alistero un pequeño pueblo de la provincia de Zamora-Franco Rodríguez Fernández, hijo de Pedro Rodríguez y Juliana Fernández. Desde muy pequeña se dedicó a las tareas del campo. Aprendió a trabajar la tierra en la huerta familiar y a cuidar de los animales que ayudaban al sustento alimenticio. Es la seguridad de sus hermanos:

el mayor y José y Pascuala, los dos menores. Francisca recordaba al general escenas familiares de infancia. En las frías noches de invierno todos se sentaban al rededor de un calorero, donde se contaban las alternativas del día y algunas anécdotas, como la que repetía su abuelito cuando con un salido cazaba un loboco que había hecho estragos en el pueblo. Ella misma chocó el temor cuando limpió el arma, no sea cosa que se le pudiera escapar una perdigonada. Apenas pudo concurrir a la escuela. No eran tiempos en que el dinero abundaba y su presencia y la de sus hermanas eran imprescindibles en las tareas rurales.

Cuando fue creciendo comenzó a interesarse por la música y ella misma los ratos libres se dedicó a los trabajos típicos que hacía mano a mano: la chillería de bordados y sobre ella una pañolera que se cerraba atrás en forma de cruzada y la falda amplia y hasta la media pierna, para que pudiera sobrepasar en las vueltas que acompañaban los compases de la jota. A veces se recordaba cuando era adolescente y realizaba sus viajes escaminateando hasta la frontera portuguesa, para desde allí ir a Braganza, donde los jóvenes del pueblo trataban para bailar. Comenzaban todo el día y llegaban al caer la noche, así, cansados, no paraban de moverse hasta la madrugada. Sin dudas, eran tiempos de felicidad.

Un día irrumpió en el pueblo un extraño aparato que se movía hacia el lateral, tenía dos luces al frente y tosía como si estuviera resfriado:

- “¡Válgame Dios!”, se persignaban las más viejas.
- “¡Cómo puede moverse ese carro si no están los buyes!”, exclamaban los más jóvenes.

Era el primer autómovil que entraba en el pueblo y la admisión era para el mayor. Todo el pueblo se agolpaba en torno al flamante invento al que el piloto<sup>2</sup> les enseñaba los accionamientos que se hacían del arutín al Sejas de las primeras décadas del siglo XX.

Todo siguió desarrollándose placidamente, hasta un día en que se enteró que el papá se tenía que ir del pueblo para tener fortuna en otras tierras. El padre se fue de Sejas rumbo a Buenos Aires. Algunos se habían ido antes hasta allí ilegales por las noticias que había un lugar en América, donde se podía hacer dinero y se podía realizar diferentes trabajos. En esa oportunidad escuchó por primera vez un nombre que le resonaba en los oídos y a la vez en el corazón: Buenos Aires. En Sejas se conocían los aires buenos, sobre todo en verano, pero ¿dónde podía haber un lugar que se llamara así?

- “En un país que se llama Argentina. El mes que viene saldré desde el puerto de Vigo”, le dijo su padre.

<sup>1</sup> Evidentemente se trata del calorero que estaba en la chimenea, es decir, se sentaban al rededor de la chimenea. (N.E.)

<sup>2</sup> En Argentina, pilotear es sinónimo de conducir. (N.E.)

Era el año 1924 y Fran cisc a hab ía c umplido 19 años. Si empre recordaba el día en que a don Pedro lo verían por ~~el~~ <sup>el</sup> chapu eb lo.

A hora se hab ía qu edado sola con su mamá y sus hermanos. Hab ía crecido de golpe y le esperaban otras responsabilidades. De nuevo a redoblar los esfuerzos en el campo: a cosechar la ~~en~~ <sup>en</sup> las ~~en~~ <sup>en</sup> castañas que se le daban a los ch an ~~el~~ <sup>el</sup> moler el trigo para hacer harina en el molino del pu eb lo, a realizar los ch orizos y los jamones después de c arnear todos los años para el susten to invern al.

Un día llegaron noticias de su papá. Hab ía con seg uido trabajo en Am erica en la c ason a de un a familia que se llamaba M ach in ian darena, en el Ba lgran o. Eran gente de muy bu en pasar econ ómico y en esa época reg enaban [sic] el C asin o de M ar del P lata. C omen zó hac ien do las tareas de jarro y en seg uida se g ran jeó la c on fian za de todos. P ron tamente fueron lleg an las primeras pesetas desde Bu en os A ires, en remesas que se repet ían men sualmente y serv ían para aliv iar el presu pu estof amiliar. Julián , el hermano mayor, hab ía c umplido 22 años y tamb ién qu iso tener su erte en Am érica. P or vez llegaron noticias de L a H ab ana, C uba, lu gar que o tros in tegrales pu eb lo se hab ían en c aminado un os años antes y hac ía allí tamb ién parti de su papá y su hermano en otras tierras, Fran cisc a se siguió ocup ando de sus labores, pero c on más responsabilidades. Era la esperanza de su madre y sus dos hermanos menores.

## F R A N C I S C A V I A J A A B U E N O S A I R E S

C orría el año 1928 y un día recibe un a c arta de su padre en don de le c ommunic a que está muy b ien ~~en~~ <sup>en</sup> su que es su intención que ~~en~~ <sup>en</sup> toda la familia via je hac ia Bu en os A ires, pero que e llo solo podía ser realiz ado progresivamente. C omo se está lab ando en esos tiempos, ~~le~~ <sup>le</sup> ~~es~~ <sup>es</sup> ~~de~~ <sup>de</sup> ~~llamada~~ Fran cisc a, que era la más dec idida de todos los hermanos y le en v ía el pasaje correspondiente. L a despedida de Fran cisc a del pu eb lo de Sejas y de su familia no fue para ella muy trau mática, pues era su intención volver a España, ~~ve~~ <sup>ve</sup> que e llo era la c ondic ión que se en c on trab a su padre y las perspectivas que tendrían en el Nu ev o M un do.

Se emb arc a en V igo, en el bu que M on te C ervantes y lu eg o de c a de n av eg ac ión y otros qu in ce días por un a c u aren ten allega al P uerto de Bu en os A ires, en don de se reúnen u ev amente con su padre. H asta allí, lejos est de su pon er los fut uros pasos que e l e ag u ardarían en Bu en os A ires y los av at que e l e depararía el destino.

<sup>3</sup> En Zamora, hojatiern a del n ab o, cuando empi eza a c recer (N.E.)

<sup>4</sup> En Am érica, c erdos. L as c astañas tamb ién eran c onsumidas por las personas, bien coc idas y mezcladas con leche a modo de g ach aso asadas. (N.E.)



## L A S E Ñ A Q U E D E J A F R A N C I S C A

Pero veamos cuál es la España que dejaba Franco y la Argentina recibirla así a finales de la década del veinte. En 1925 el sistema corporativo que gobernaba España buscaba la armonía social entre el capital y el trabajo. La formación de un Directorio Civil que respondía a las demandas populares más urgentes. El “nuevo estado” implantado por el dictador Primo de Rivera convocó en septiembre de ese año a una Asamblea Nacional que recibió en cargo de preparar un nuevo estatuto, cuyo proyecto presentaba un nuevo orden de corte autoritario que amplió a los poderes del mismo tiempo, las funciones republicanas y los sectores del ejército opuestos al directorio independiente. Las campañas contra el régimen que, en poco tiempo, se vio obligado a su propio desmoronamiento y el rechazo popular a su gestión política.

En ese estado de cosas, Primo de Rivera dimite el 30 de enero de 1930 y deja el gobierno en manos del general Berenguer, quien no en cuenta la oposición en las fuerzas de derechas, preocupadas por la agitación del régimen monárquico que había permitido la institución alización de la dictadura. Las izquierdas, aliadas en el pacto de San Sebastián para la instauración del gobierno republicano. Pocos meses después, Berenguer dio paso al general del almirante Juan Bautista Aznar, quien convocó elecciones el 12 de abril de 1931, en las que las listas republicanas resultaron vencedoras en las grandes capitales. Dos días después se proclamó la Segunda República española y Alfonso XIII inicia el camino de exilio. El 14 de junio de 1931 se constituye un gobierno provisional presidido por Niceto Alcalá Zamora.

## L A A R G E N T I N A Q U E E N C U E N T R A F R A N C I S C A

En Argentina, en el año 1928, asume el segundo mandato el gobernador de la Unión Cívica Radical, comendado por don Hipólito Yriarte. Sucesor de la presidencia de Marcelo Torcuato de Alvear, un aristócrata partido que había mantenido su gobierno en un período de bonanza económica. Al año de asumir Yriarte se produce la Gran Depresión Mundial. El gobierno radical no pudo responder a las nuevas tendencias socio-políticas económicas que la crisis estaba demandando. El año 1930 comienza el mal augurio. El 2 de marzo se realizan elecciones parlamentarias y la Unión Cívica Radical pierde estrepitosamente en la Ciudad de Buenos Aires. El resultado final es su derrocamiento en todo el país por el triunfo de la oposición. En plena crisis económica y política y cuando aún faltaban elecciones para las próximas elecciones presidenciales, la debilidad del gobierno se hizo crítica. El radicalismo, que ya se encontraba dividido, abandonó a las masas y los gobernantes no tenían diálogo con la oposición. Finalmente

septiembre de 1930 estalló una revolución que derrocó al gobierno constitucional, hecho que inauguró un período que la historia dio en llamar la "infame", donde el fraude iba a ser el protagonista principal de los gobiernos que se iban a suceder en los próximos años. A su vez el gobierno "defacto" general José Félix Uriburu, un militar de neto perfil conservador, que en la primera dictadura de la Argentina moderna, de una serie que, lamentablemente, se extendió por más de cincuenta años, alternó con períodos de gobiernos constitucionales.

### LOS PRIMEROS AÑOS EN BUENOS AIRES

Ya instalada en Buenos Aires, Francisca trajo consigo esos primeros años donde la crisis económica se hacía sentir. Así lo contaba a sus hijos, diciendo que ella y su familia se fueron a vivir a la casa de sus abuelos, donde se hacían comidas de los recipientes de basura. Esas fueron épocas muy duras e inciertas. Sin embargo la provisión hizo que ella y sus hijos tan sólo esos efectos y que pronto pudo emplearse en una casa de familia de clase alta para realizar los quehaceres domésticos. Y como era muy eficiente, los fines de semana la llevaban al campo, que paradójicamente estaba ubicado en un pueblo llamado "Castilla" (como la región donde habitaban del Partido de Chacabuco, en la inmense llanura de la Pampa, en la provincia de Buenos Aires. Con su sueldo y el de su padre pudieron enviar todos los meses a España gran cantidad de pesetas que servían para mantener a su madre y los dos hermanos y para abastecer también al otro hermano que se encontraba viviendo en Cuba. Así fueron los primeros años en estas tierras donde alternaba su trabajo con el día "franco" de los domingos, que se servía para descansar con su padre y juntos visitar a otros paisanos que se habían ido a vivir a la Argentina. En esta época aprendió a leer y a realizar sus primeros cálculos con el libro "Paso a Paso" que acompañó a la ilustración.

Su vida se desarrolla entre el trabajo y las amistades, tratando de enviar la mayor cantidad de dinero posible a su familia y con la idea de volver a tierra firme hasta que un hecho providencial hace que su vida tome un diferente.

### COMIENZA UNA NUEVA VIDA

Un paisano le presentó al llamado Amadeo, nacido en Montevideo, Uruguay, de familia italiana que se había radicado al otro lado del Río de la Plata con un negocio de comidas y tuvo que emigrar de ese país con Amadeo sólo con ella y con seis meses de vida, por las continuas revueltas y conflictos entre los dos partidos que se alternaban en el poder. Pronto amena-

nace en tre ellos una simpatía y comienzan a convocarse más frecuentemente. Primeros los dominos y luego los jueves a la tarde, día que era también el libre. En una primera etapa lo hacen amistosamente, hasta que es patífica se convierten en **Jamon**. Los comienzan a trazar planes para el futuro. Los dos recordaban siempre que habían asistido a dos acontecimientos que en 1934 aparecieron la atención de los portafijos: la presencia del dirigente al empuje Graf Zeppelin sobre Buenos Aires y la realización del Congreso Europeo que en el momento de la presencia del Cardenal Eugenio Pacelli, que después viviría en el papa Pío XII.

Finalmente, deciden que la vida los tiene que acompañar hasta el sus días y se casan el 29 de septiembre de 1935.

## L A SEÑ A DEL A DÉC A DA DEL 30

Era tiempo en España de grandes nubarrones que se cernían sobre el campo político. El nuevo gobierno provisional de Niceto Alcalá Zamora fue elegido en las Cortes constituyentes el 28 de junio de 1931. En ellas mayoría los partidos de la coalición republicano-socialista, que en ese momento se constituyó en la que es aprobado el 9 de diciembre del mismo año. Alcalá Zamora, que había dimitido dudar los debates de la Constitución y había dejado su puesto al jefe de gobierno a Manuel Aznar, ahora se presenta de la II República. De condiciones diferentes estos actores de la historia de España integran lo que se dio en llamar el "bloque republicano-socialista". Por eso no extrañó que las dificultades se presentaran cada vez con más frecuencia y que tres garantías de Aznar fracasaran. El 12 de febrero de 1933. A continuación se entra en un estado de breves mandatos de los radicales Alejandro Lerroux y Diego Martínez Barrio, hasta que el nuevo gobierno que gana ampliamente las derechas, lo que provocó la Confederación Española de Derechas Autónomas (CEDA) comienza a clamar cada vez más a las puertas del gobierno. Pero poco había de durar esta tendencia. Durante todo el año 1934 se asistió a un enorme aumento de la conflictividad laboral. Mientras tanto, los socialistas estaban preparando el poder, radicalizando sus posiciones. Al tiempo que sus dirigentes van en Madrid, en Barcelona se proclamaba la República Catalana y en Asturias se proclamaba la revolución, se precipitaban otros acontecimientos con el debilitamiento de la coalición radical-socialista. Llegó a fines cuando el nuevo gobierno de las Cortes. Su regente entonces el Frente único conglomerado de partidos de izquierda que el 16 de febrero ganaba las elecciones legislativas. No bien se conocieron los resultados, la derecha hizo los intentos para que el gobierno anulara las elecciones, pero tres días de

A zaña pu do formar g ob iern o c on mi emb ros de los part idos repu b lic an os d t en den c ias iz qu i erdi st as. C u aren ta días despu és, A lcal á Zamora fue dest i por las C ortes y M an u el A zaña asu mi ó la P resi den c ia de la R epúb lic a, d l a jef at u ra de g ob iern o a San ti ag o C asares Q u irog a. El c l i m a de v i ol en c l í t i c a c r e c i ó du ran t e la pri mav era. Desde fin ales de 1935 la derec ha est ab a h ac ien do preparat iv os para c on su mar u n g ol pe de fu erz a, c on el apoy o de u parte del ej érc ito y de los fal an g ist as de José A n ton io P ri mo de R iv era. E de ju l i o c om ien z an a desarrol larse los ac on tec im ien tos en M arru ec os c al z am ien to de las g u arn ic ion es de M elilla, C eut ay T et uán , i n i c i a f l i c t o qu e i b a a prol on garse por tres larg os años, en don de la soc iedad español a su frió u n h on do desg arro, dan do paso a dramát ic os ac on tec im ien tos de lu c en tre h erman os, qu e dejaron g ran des d i v i s i on es y prof un das h eridas qu e t ron mu c h os años en c i c a t r i z ar.

## L A A R G ENT INA DEL A DÉC A DA DEL 30

El g ob iern o “de fac to” del g en eral José F élix Uri bu ru se prol on g ó ran t e dos años. Su proy ec to pol í t i c o era i n st al ar u n s i s t e m a c orporat iv o qu n eu t raliz ara al máx imo el rol de los part idos pol í t i c os. L a desc on fian z a n at u q u e Uri bu ru man if est ab a h ac i a los pol í t i c os prof esi on al es l o l l e v ó a des a fam il iares y am i g os en los d i s t i n t os c arg os p ú b l i c os. T ampoc ó podía d i s i mu l ar la i n flu en c i a qu e en su c írc u l o n ac i on al i s t a ejerc ía el fasc ism o y el ex peri men to de M i g u el P ri mo de R iv era en España. El c an di dat o a su derlo era ot ro g en eral , l l amado A P g J u s t i n , qu i en du ran t e las j orn adas rev ol u c i on arias de 1930 h ab ía perman ec id o en u n a c au t a ac t i u d y qu n omb rado jef e del ej érc ito org an iz ó su s man dos de ac u erdo c on su s fu tu i n t ereses pol í t i c os. P rosc ript a la Un ión C ív ic a R adic al , las elec c i on e el t r i u n f o al c an di dat o del rég imen , qu e rápi damen t e y al c on t ar c on m parlamen t ari a, est ru c t u ró u n man ej o pol í t i c o den om i nado “C on c ordan c i pu g n ab a por u n i r a las fu erz as c on serv adoras del país. El g ob iern o de J u t u v o al t ern at iv as c amb ian tes. En pol í t i c a ex t erior log ró éx i t os y en ec on óm i c a c o s e c h ó f r a c a s o s , ex p r e s a d o s e n l a s c r i s i s e c o n ó m i c a s d e l o s a ñ o s 1932 y 1933 qu e al c an zaron a todos los est rat os soc i al es. Du ran t e su man dat o las c i f r a s de desempl eados au men t ó c on s i d e r a b l e m e n t e y l a s h u e l g a s s mu l t i p l i c a r o n , por lo c u al n o ex t r a ñó qu e su rg ieran c on atos rev ol u c de d i r i g e n t e s r a d i c a l e s . A s í s e l l e g a a l a ñ o 1936, don de los ac on tec im ien t q u e s e i b a n desarrol l an do en España g ol pean a la op i n i ó n p ú b l i c a arg en t h ac ien do qu e se t omen c l a r a s p o s i c i o n e s p o r c a d a u n o d e l o s d o s b a n d o s q u c omb at ían en la P en ín su la.

## L A S A N G U S T I A S D E L A G U E R R A C I V I L

Los primeros pasos de casados de Francisca y Amadeo fueron comprar las “cosas de la casa” en trellas que no faltaban las sábanas bordadas con iniciales “FA” que eran la moda de esos tiempos. Amadeo era una persona muy ordenada y le gustaba la prolijidad y Francisca era muy hábil en la preparación de la comida y en la limpieza del hogar. Fueron a vivir a una casa de la calle Rodríguez Peña al 400 en trellas Lavales Corrientes. Llegó, construida en 1890, a carenta metros de donde trabajaba Amadeo, restaurante de su padre, que tenía en el frente un pomposo cartel que decía “Restaurante y Parrilla Lavalle”.

La paz de los primeros años fue prontamente alterada por las noticias que llegaron de España. Primero fueron las cartas que daban cuenta del estado de excitación que se vivía en los pueblos de la Península y luego la arrebatación de las noticias por un tiempo, hasta que llegaron a la abiertera en un visible incremento de la censura de leer sus contenidos antes de salir de casa. En donde Juliana, la mamá de Francisca, le ~~dió una carta~~ *le dio una carta que le “viniéron a llevarse a José. Como a todos los jóvenes del pueblo solo le dieron poco tiempo para llevar algunas de sus cosas y los metieron dentro de un camión sin decirnos a dónde iban”*. Eso era lo que ocurría. Al mismo tiempo, por un lado y otros siendo sus emigrantes, por el otro y entre ellos luchaban saber el porqué.

Mientras tanto los acontecimientos seguían su curso en Buenos Aires. El padre de Amadeo enferma y rápidamente muere, por lo que él debe hacerse cargo del negocio, con juntamente con su hermano Domingo. En esa vida, mezclada de alegrías y sinsabores, un gran acontecimiento llenó de alegría a la familia. Francisca está esperando el más preciado acontecimiento de su vida: el nacimiento de un hijo.

## N A C I M I E N T O D E G R E G O R I O

Nace Gregorio, el primogénito de la familia, en un momento que es su abuelo el patrón. Gregorio fue un chico inteligente. A los tres años sabía leer y escribir y en un cartita de Francisca a su mamá le dice que *gorito te va a escribir la próxima carta*. Unos meses después otra carta de España trae un poco de tranquilidad *“Joaquín está en Marruecos, más precisamente en Ceuta, en el bando que respalde a Franco”*

A un año se recibió un atarjeta postal en donde José posó vistiendo el uniforme que usó en el conflicto. Sobre un telón de fondo luce un paisaje de incertidumbre y temor, que siéndoselas eran lo que sentían los jóvenes que fueron convocados a la pesada carga de tener que pelear en un conflicto de odios y sin razones.

## L A S E Ñ A D E L A G U E R R A

Despu és del lev an tami en t o m il itar de ju lio de 1936 se in ic i ó la desi n t eg rac i ón del est ad o repu b lican o. P asados los pri meros días de c on fu si ón se c lamaba por la c on st ru c c i ón de un est ad o fu erte q u e pu di ese c omb a los reb el des. En poc o ti empo se h ab ía produ c id o un c amb io im port an te en pan orama pol ítico español , pu es los part idos y los sin dic atos ob reros h ab ían adq u irido un a espec ial relev an c ia, al ser ellos los q u e se opu si eron a la b lev ac i ón . El av an ce de las tropas reb el des h ac ía M adrid ob lig ó al g ob a t rasl adarse a V al en c ia, mi en tras q u e en la c apital se c on st it u ía la J u Def en sa, presi di da por el g en eral J osé M íaj a. El sitio al q u e se somet i ó a M adrid du ran t e toda la g u erra h iz o q u e est a J u n tag oz ase de pl en os poderes. En b an do repu b lican o se su c edieron los g ob iern os de los soc ial ist as L arg o C illero y J u an Neg rín . El ejerc ito, lu ego de la su b lev ac i ón h ab ía q u eda men te desartic u lado, por lo q u e el g ob iern o repu b lican o se vio en la nec de c on st ru ir un on u ev o a part ir de las un idades y mil icias leales q u e h q u edado en el terr itori o c on trol ado por la rep úb lica. En poc os meses y tras v en cer in nu merab les resi st en c ias, h ab ía sido ~~estreada~~ ~~un~~ ~~ra~~ ~~mi~~ ~~litar~~ org an izada en brig adas mixtas au tosu fic ien tes. A l h ac erse más prof el c on flic to se produ ce la in tern ac ion al iz ac i ón de la g u erra. A mb os b u scaron apoy os en el ex terior, q u e en o se man tu vo in d iferente h iz o c h os pa íses man ifest aran simpat ías por cada un o de los rivales en pu ña. La operac i on es m il itares ib an modif ic an do el mapa de España en t re leales y reb el des. C iudades y pu eb los en teros sin tieron el rig or de las bomb as q u e c desde el aire, dejan do un saldo de terror y dev ast ac i ón c omo n un c a se h ab ex peri m entado. Los fu sil amien tos de amb os b an dos eran mon eda c orri en te. en el fren t e se lu ch ab a c on saña para dest ru ir al en emi go. T odo el lo, en n b re de las ideolog ías mal en ten didas y peor aplic adas. Ese esc en ario trágico, edif icado por medio de esa locu ra q u e sólo pu eden c omet er los h u man os: la g u erra. A sí eran las cosas, todo era an g u stia y resi gn ac i ón y sólo c ab ía es el resu ltado de t amaño di sl ate.

H ast a q u e en 1939 l leg ó por fin la paz. Est u en c edores y v en c i - dos. A t rás h ab ían q u edado casi tres años de su fri mien tos. El dolor y la deses- peran za eran in fin itos. T resc ien tas mil person as h ab ían part ido ru mb o al ex In nu merab les fam ilias en teras q u edaron destrozadas y el peor de los saldos: un mill ón de v íctimas q u e esperaban del mu n do un fu tu ro mejor y c ron ni si q u i era un a oportu nidad de in t en tarlo. T odo el lo, produ c to de u irrac ion al q u e se h ab ía en sañado en un a n ob letierra. L o q u e sin du da im ag inaba era q u e ese horror, al q u e la h ist ori a est ab a somet ien do a España n o daba respi ros y se prol on g aría en poc o ti empo en otro c on flic to q u e iba a c on mover al mu n do du ran t e los próx imos sei s años.

EL FINDE LA GUERRA TAMBIÉN SE VIVE EN BUENO SAIR

En Buenos Aires se recibe el fin de la Guerra Civil con alivio. Son los españoles que viven en esta urbe y siempre están con el corazón repen-ten en los dos países. Comienzan a allegar los primeros exiliados. Algunos intelectuales o artistas, escritores o periodistas que hacen un aporte si-tivo a la cultura argentina. Comienzan a la década del 40 y Europa se en-tra en llamas. En la Argentina, atrás había quedado la década anterior, el autoritarismo teñido de fraudes electorales y arbitrariedades económicas y políticas, dejaban a las clases populares un amargo sabor. Los cambios se estaban produciendo en el mundo repercutían en esta parte del con-tinente. El gobierno de Justo lo había sucedido en 1938 otorgando el voto de la Concordancia, Roberto Marín y Ortiz, muy relacionado con los ex tranjeras, a las que había prestado su servicio de eficaz representación. Cuatro años después tuvo que renunciar por una enfermedad que lo obli-gó a la muerte, dejando el gobierno en manos de su vicepresidente, Juan S. Castillo, un férreo conservador que también iba a alimentar a las clases con el fraude y la corrupción, que lamentablemente no habían cesado. Se presentaban con la mayor impunidad. Así se llegó al 4 de junio de 1943, cuando el ejército descendió en todas las clases sociales, desembocando en el golpe de estado que desalojó a Castillo del poder y designó a Juan Perón como jefe del gobierno. Arturo Rawson, general Pedro Pablo Kuczynski, un militar del ala izquierda del ejército que en ese entonces eran otras simpatías con la política del Eje. Los vivientes de la Guerra Mundial eran caja de resonancia y ámbito sociopolítico del país. Y también las diferencias se notaban en los militares. El gobierno de Perón, le sucedió el del general Edelmiro

EN LA ARGENTINA SURGEL AFIGURACIÓN DE PERÓN

Allí empezaba a sobresalir la figura del militar que iba a tener un rol excluyente en los próximos diez años. Se trataba de Juan Domingo Perón que en ese gobierno ocupaba la cartera de Trabajo y Previsión, cargo que ejercía a los sectores obreros y sindicales y que capitalizó mucho la política.

En 1944 se produce un grave movimiento sísmico en la provincia de Buenos Aires que en pocos segundos deja un saldo de más de diez mil muertos. El mundo se conmueve en ayuda de las víctimas y en el país se inicia una a-lacranante. En uno de los actos para recaudar fondos, Perón conoció a la que se convirtió en su esposa, Eva Perón, a la que la historia le otorga un lugar más adelante y popularmente con el nombre de "Evita". La agravación del general Perón cada vez más fuerte en el gobierno militar, lo que produce desconfianza

recelos en parte de las familias castrenses, situación que desembocó en el pedido de renuncia de Perón y su posterior confinamiento en la isla Martín García. Pero lo que no prevían sus detractores es que un formidable movimiento de masas, alentado en parte por los sindicatos y teniendo como artífices a los sectores obreros, saliera a la calle en un ajornada memorable, el 17 de octubre de 1945, clamando por la restitución de Perón en el gobierno.

Se inició así otra etapa en el ~~país~~ <sup>país</sup> ~~esta~~ <sup>esta</sup> la participación de las clases populares que en las décadas de las arbitrariedades y postergaciónes a que la sometieron los anteriores gobiernos, abrigaban la esperanza de construir un país más justo.

### L A S E Ñ A D E F R A N C O

Comenzaba en España el largo periodo del gobierno de Franco y las noticias de la familia Rodríguez llegaban a Buenos Aires, ahora poco más de frecuencia. Laguerahabía producido que durante mucho tiempo no se recibirían cartas, las que a veces no eran repartidas o eran censuradas por los dos bandos. Como siempre, los viajeros familiares agregaban lúces y sorpresas a la vida cotidiana. José había regresado a sus ocupaciones en Sejas de Alister, luego de estar en varios frentes participando en el conflicto, y Franco estaba esperando su segundo hijo, Jorge (el que este describe) mientras durante su embarazo recibe una triste noticia: su madre había muerto de sufrir un accidente en ferriedad. Los primeros recuerdos de Jorge se remontan a un viaje que realizó cuando tenía tres años, con su madre, su hermano o abuelo a la provincia de Mendoza a visitar unos parientes que allí vivían y vida en familia transcurría sin sobresaltos. Gregorio ya estaba en el colegio se destacaba como un excelente alumno. En esos años, Pascuala, la hermana menor de Franco, se casó con Domingo, un vecino del pueblo de Sejas con tinaron llegando más noticias de España. Ahora era José el que escribía y manifestaba su deseo de viajar hacia Buenos Aires, dada la situación económica de la postguerra que era muy difícil y en donde escaseaba el trabajo.

### F R A N C O Y E L O N

Con Franco en el poder transcurrieron los años cuarenta. En las cartas que llegaban a Buenos Aires se buscaba de medio-perfil del “Caudillo”. Estampillas verdes, azules, coloradas, violetas, todas con la imagen de Franco. También las primeras hojas de las cartas que se le imprimen en negro el rostro de Franco.

España inicia el lento proceso de recuperación y en 1947 recibe a la esposa del entonces presidente argentino, Juan Domingo Perón, que había

L a p e ñ a d e f r a n c o i s t a b a e n e l a i s l a d e m a r t í n g a r c í a



di do realiz ar un a g ir a eu ropea. L os di ari os y l as rev ist as de esa época rec og el ac on tec imi en to q ue tu v ou n b rill o soc ial con ven ien te para l a i dos g ob iern os. Serv ía para pali ar, en parte, el ai sl ami en to i ntern ac i on a mu c h os países h ab ían realiz ado al g ob iern o de Fran co y serv ía tamb g ob iern o de Perón , q u e rec ién c omen z ab a y n eces it ab a ser con oc i c i on al men te.

T an to en España como en la A r g en tin a el fin de la G u erra M un di traído al iv io. P ero A r g en tin a q u e n o h ab ía partic ipado en el con fli ac u mu lar un a i mport an te c an tidad de di v isas, deb ido a la v en ta de ma pri mas y al imen tos a los países n eces itados, circ un st an c ia q u e produ jo ríodo de b ien estar ec on ómico q u e fav oreció los plan es del pri mer g ob i peron ist a.

## L L E G A J O S É, EL H E R M A N O D E F R A N C I S C A

L a lleg ada de un pari en te tan cerc an o era un ac on tec imi en to f máx ime para los más ch ic os q u e rec ién i b an desc ub ri en do el mu n d l leg ab a en 1948 al P u ert o de Bu en os A ires, v ist ien do un t raj e cru z marrón , un sombrero en l a c ab ez a y tray en do en su s mal etas, además de en seres, ¡ju n a g ran pat a de jamón , un a b ol sa de c ast añas y un si n n úm c h ori z os c ol orados! q u e h ic ieron l a del ic ia de t o da l a fam il ia por al g ún

Ni b ien l leg ó, c omen z ó a t rab aj ar por al g ún ti empo en el rest au ran su c u ñado A madeo y l u eg o lo h iz o en otro cerc an o ll amado “El T ob os est ab a ub ic ado en l a c alle C orri en tes a l a al tu ra del 180 0 .

M i en t ras tan to don P edro seg u ía t rab aj an do en l a c asa de los M ac l daren a y l a h ija de éstos se c asa ~~con~~ n or y di rec tor de c in e ll amado A rman do Bó, q u i en un os años despu és h aría un a rec ordada pel íc u l a ll ar “P el ota de t rapo” y más adel an te f ormaría un dúo con l a ac t r iz Isab el Sar produ c ien do amb os las pri meras pel íc u las de desn u dos f emen in os de l a A g en tin a.

C on más de l a mi tad de l a fam il ia en Bu en os A ires c u l mi n a l a déc ad c u aren ta, prodi ga de c amb ios soc iales y r ic a en ac on tec imi en tos fami

## L A P R I M E R A P R E S I D E N C I A D E P E R Ó N

L a pri mera presi den c ia de Perón (1946-1952 ) tu v ou n g ran respal do p pu lar. En ella se realiz aron i mport an tes ob ras de i n f raest ru ct u ra y h u aprec i ab l e asc en so de las c apas soc iales más post erg adas a l a f ran ja del a c lase med ia se en san c h óc on si derab l emen te. En el c on c i erto pol ít i g ran i mport an c ia l a ac tu ac i ón de l a esposa del jefe de g ob iern o, ll amar pu l armen te “Ev ita”, q u e c on tó c on un si st ema de ay u da a los más n eces q u e se den omi n ó “F u E d a P e i ó n ”. Desde l a seg u n da mi tad de 1951 se

comentaba que “Evita” padecía de una grave enfermedad. Estahizo el osalcomienzodel otro año y progresivamente fue mianando su cuerpo, llevándola a la muerte el 26 de julio de 1952. Los funerales realizados en Buenos Aires prolongaron varios días y tuvieron una espectacularidad muy pocas veces vista a nivel mundial.

Tres años después se produce un alzamiento militar en contra de Perón y al mediodía del 16 de junio de 1955 es bombardeada la Plaza de Mayo por aviones navales que buscaban matar a Perón. La revolución es aplastada dejau n saldo de casi cuatro mil muertos y más de mil heridos. El gobierno intentapacificar al país sin éxito y exactamente tres meses después estalla o movimiento que hace caer al gobierno y manda al exilio a Perón.

## L A S DÉC A D A S SIG UIENT ES

En las décadas de 1960 y 1970 la familia Rodríguez Fernández se sigue componiendo por carta. Son misivas que encuentran las novadas familiares amistades de los dos lados, y las alternativas de trabajo, movimientos sociales y buenos augurios que son conocidos en esos casos. El 9 de febrero de 1966 muere don Pedro, el padre de Francisco. Gregorio se casa en enero de 1970 llega al mundo su primera hija, María Gabriela y cuatro años más tarde, la segunda, Marcela Claudia, dos acontecimientos que llenan de alegría a toda la familia. En abril de 1974 Jorge se casa y en el mes de septiembre muere repentinamente Amadeo. Son alegrías y tristezas que se alternan en la vida y que inevitablemente suceden, haciéndonos recordar sobre el tiempo que los seres humanos tenemos en nuestro paso por el mundo.

En 1978 José prepara un viaje a España. Parte en medio del Certamen Mundial de Fútbol que se celebraba ese año en la Argentina. Con un derrota argentina en tres semanas y visiblemente emocionado llega a Sevilla. Alíste para visitar a su hermana y su cuñado. Como ya se había jubilado, la intención era pasar una temporada de tres meses.

Así lo hace y regresa a Buenos Aires, también con las mismas mercederías que treinta años atrás: ¡una patada de jamón, una abollada de castañas y un cocunatos chorizos colados! De más está decir que como en la anterior oportunidad su niñadad con tócon el benéfico de toda la familia. José repite el viaje y después y también se realiza la misma ceremonia...

En 1980 nace el primer hijo de Jorge, llamado Alejandro Sebastián y en 1982 lo hace la primera hija llamada María Cecilia. La familia se iba haciendo cada vez más grande con el aporte de los más jóvenes. Pero en este último año José se ve repentinamente desmejorado y luego de una operación de urgencia muere en los primeros días de enero.

## C O L O F Ó N

Este relato termina con un acontecimiento en el que la primera parte nos devuelve *ámps rof æn* con tarlos sus cosas que se producían paralelamente en España y la Argentina. En medio de ellos, las vicisitudes que le sucedían a la familia R odríguez Fern ández , como una forma de los diferentes escenarios que se presentaban en el Viejo y el Nuevo Mundo también que ellos tuvieron un acontecimiento temporal con las pequeñas familias. Eran tan importantes los acontecimientos de 1928 hasta 1960. Lo tuvimos que hacer de esa manera.

Podemos decir que si nosotros los vivimos de alguna manera si los vivimos de manera relevante a otros. Es posible que uno recuerde más los hechos producidos en la infancia que aquellos que acontecieron en la etapa adulta. Tanto en esta historia es evidente un sesgo de preponderancia de recuerdos de la infancia, los que sin duda fueron adquiriendo una importancia en nuestra memoria a medida que el tiempo transcurre. En realidad la historia lo que uno recuerda de la historia. Por lo tanto, juzgamos los factores más que las verdades absolutas.

Para nosotros al lector, fuimos aligerando los datos históricos para focarnos *ada más* en los acontecimientos familiares, hasta que el legamiento a esta última parte, donde la atención se centrará en un único episodio: la vuelta de Francia a España, luego de 62 largos años.

## F R A N C I S C A V I S L A Ñ A E A E

Los nerviosos preparativos habían llegado a su fin. Eran los últimos días del mes de marzo de 1990 y desde el aeropuerto de Ezeiza partía Francia para volver *era en* su herman y su cuñado en España, luego de sesenta y dos años de ausencia. Viajaba solo con una pequeña valija *ja g coon* un tapete que había llevado, pues en Sejas de Alister, aunque encomenzaba la primavera todavía se hacían sentir los rigores del frío. En el aeropuerto de Barajas la esperaba una mañana bien temprana que quien esto escribe y su esposa, que asistido a un congreso de marketing que se había efectuado en Montevideo. Grande fue la sorpresa cuando Francia, que en ese entonces tenía 85 años de edad, caminaba *por ellc* con paso apresurado, mientras el comandante *av t r a n s p o r t* iba a su lado la valija. Reviviendo que iba a estar cansada Jorge había alquilado un automóvil y hecho la reserva de

<sup>5</sup> En Argentina y otros países vecinos, abrigó de señora o de niño, largo, cerrado y mangas (N.E.)

P ero F ran c i s c a c re í a q u e l u e g o d e l v u e l o s a l d r í a m o s r u m b o a s u p u e b l o . C b a s t a n t e c o n v e n c e r l a q u e e r a c o n v e n i e n t e r e a l i z a r e l v i a j e a l d í a s i g u e f u e q u e e s a t a r d e l a d e d i c a m o s a c a m i n a r p o r l a G r a n V í a , i r h a s t a l a P u e r t a S o l y h a c e r u n a s c o m p r a s .

A l d í a s i g u i e n t e , p a r t i m o s r u m b o a l o b j e t i v o f i j a d o . E r a u n a m a ñ a n a m f r í a y a l s a l i r d e M a d r i d l a b l a n c a h u e l l a d e u n a n e v a d a r e c i e n t e s e h a c s e n t e a l o s c o s t a d o s d e l c a m i n o . L u e g o d e c a s i c u a t r o h o r a s d e v i a j e y d e s p u d e a t r a v e s a r Z a m o r a , l l e g a m o s a A l c a ñ i e s y p o c o s m i n u t o s m á s t a r d e a l p u e b l o d e S e j a s d e A l i s t e . A l a v e r a d e u n p e q u e ñ o p u e n t e , p r e g u n t a m o s a u n a p e r s o n a p o r n u e s t r o s p a r i e n t e s y e l l a n o s c o n t e s t a : – “ ¿ U s t e d e s s o n l o s q u e v i e n e n e n d e A r g e n t i n a ? ¡ P u e s l o s e s t á b a m o s e s p e r a n d o ! ” , y u n o s s e g u n d o s d e v e m o s q u e s a l e n p r e s u r o s o s d e s u c a s a P a s c u a l a y D o m i n g o p a r a c o n f u n d i r c o n u n i n t e r m i n a b l e a b r a z o c o n s u h e r m a n a y s u s o b r i n o .

A l p o c o r a t o e s t a b a t o d o e l p u e b l o r o d e a n d o n o s , q u e r i e n d o t o d o s e l l o s c o l a b o r a r p a r a h a c e m o s m á s p l a c e n t e r a n u e s t r a n u n i a s i c t a s a f a m i l i a r y c e r c a n o e l m e d i o d í a , s e h a b í a p r e p a r a d o u n p l a t o q u e e s u n a t r a d i c i ó n d e E s p a ñ a : u n p u l p o , ¡ c o n t o d a s l a s d e l a l e y ! A l l e g a r a n u e s t r a s h a b i t a c i ó n e s v i m o s c o n a s o m b r o q u e t o d o e r a n u e v o . L a s s á b a n a s , l a s c o l c h a s , t o d o h a b í a s i d o p r e p a r a d o p a r a n u e s t r a m e j o r e s t a d a y c o n e l m a y o r e s f u e r z o d e l P o s .

F u e r o n d o s s e m a n a s c o m p l e t a s d e r e c u e r d o s h a s t a a l t a s h o r a s d e l a n o c h e , l o s q u e t r a n s c u r r i e r o n e n S e j a s . L a p r i m e r a s e m a n a l a p a s a m o s d e e s a e n c a s a y d e a g a s a j o e n a g a s a j o , m i e n t r a s q u e l a s e g u n d a c o i n c i d e n c i a f u e e n l a m a n a S a n t a , p a r t i c i p a n d o d e l o s r i t o s q u e s o n p r o p i o s d e e s a c e l e b r a c i ó n . A v i v i m o s l a s o l e m n e p r o c e s i ó n d e l V i e r n e s S a n t o y e s c u c h a m o s l a m i s a D o m i n g o d e P a s c u a . R e c o r r i m o s l a t a b e r n a , a l a e n t r a d a d e l p u e b l o , l a f a c e l v i e j o m o l i n o , l a s c a s a s d e p i e d r a d e d o s p i s o s y f u i m o s a l p e q u e ñ o d o n d e e n o t r o s t i e m p o s l a s m u j e r e s l a v a b a n l a r o p a . T a m b i é n n o s d e t u v i m o s u n l a r a t o p a r a r e n d i r h o m e n a j e e n l a t u m b a d e l a m a d r e d e F r a n c i s c a , n u e s t r a a b u q u e n o c o n o c i m o s , u b i c a d a a u n l a d o d e l a i g l e s i a . E r a n t a n p e r f e c t o s l o s t o s q u e d e s d e c h i c o s h a b í a m o s e s c u c h a d o , q u e t o d o s e s o s l u g a r e s n o s p a r e c í a n a h o r a m u y f a m i l i a r e s , c o m o s i l o s h u b i é r a m o s v i s t o y v i v i d o e n o t r a s o p o r t u n i d a d e s . E s t a s d o s s e m a n a s l a s t r a n s i t a m o s c o n u n a p r o f u n d i d a d c a s i r e l i g i o s a . T o d o p a r e c í a q u e s e n o s p r e s e n t a b a p a r a l a e v o c a c i ó n y e l r e c u e r d o . S e n t í a m o s q u e e r a e l r e e n c u e n t r o c o n n u e s t r a s r a í c e s y u n a f o r m a d e h a b e r a p r o b a d o m a t e r i a p e n d i e n t e c o n l a v i d a .

S e g u r a m e n t e , d e a h o r a e n m á s , n o s s e n t í r í a m o s m u c h o m á s c o m p l e t o s a l h a b e r i n c o r p o r a d o a n u e s t r a a l m a l a p o r c i ó n d e n u e s t r o s o r í g e n e s q u e n

<sup>6</sup> E n e l o c c i d e n t e d e Z a m o r a , e r a s o v a l l e s c o n h e r b a z a l e s . T a m b i é n s e u t i l i z a p a r a r e f e r i r s e a l a s t i e r r a s e m b r a d a s d e c e r e a l d u r a n t e u n a c o s e c h a d e t e r m i n a d a . ( N . E . )

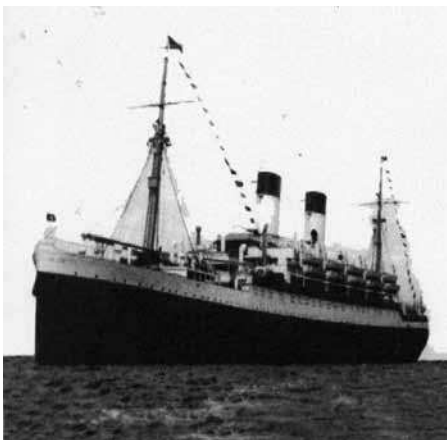
faltaba; y Francisco también se habría sentido muy feliz, al haber emprendido las dos etapas en que desarrolló su azarosa vida, en el Viejo y en el Nuevo Mundo.

L a p e q u e ñ a g r a n h i s t o r i a d e f r a n c i s c o y s u f a m i l i a



Un billete de 25 pesetas del año 1928.

Partida de nacimiento de Francisco.



El barco *Monte Cervantes* en el que Francisco y Elia *Monte Cervantes* se hundió dos años después en el Canal de Beagle.



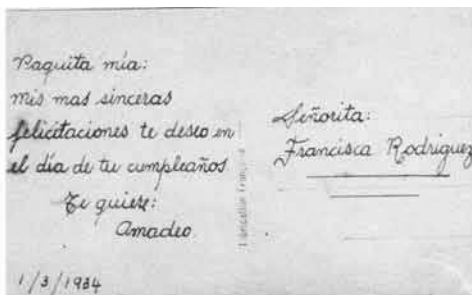
F ran c i s c a (pri mera de l a derec h a) en u n pi c n i c c on su pai san as.



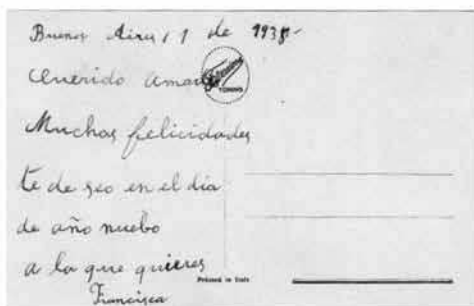
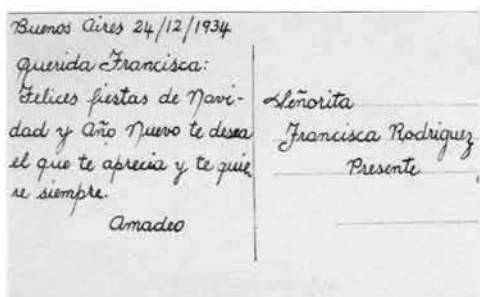
En u n a f o t o de pri n c i pi os de l os años 30 . C on su papá, don P edro R odríg u ez .



La pequeña historia de Francisco y su familia



Cartas de amor



Trájes y cartas postales intercambiadas durante su noviazgo con Amadeo.



P asc u al a y Domi n g o de jóv en es.



P rimer a c édula de i den t i dad de don P edro.



El lib ro *Paso a paso* con el que F rancisc a aprendi ó a leer.

Bi l l e t e de m i l p e s e t a s del año 192 5 si m i l a r a l o s en v i a d o s a l a f a m i l i a en España.



L i b r e t a del R e g i s t r o C i v i l de F r a n c i s c a y A m a d e o.

L a p e q u e ñ a g r a n h i s t o r i a d e F r a n c i s c a y s u f a m i l i a



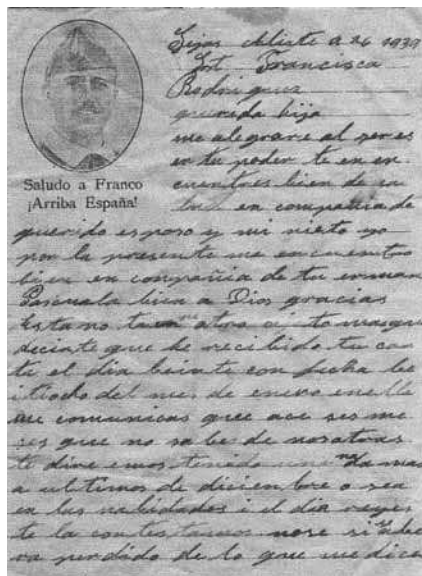
La pequeña historia de Francisco y su familia



Los novios [Amadeo y Francisca] el día de su boda en Marruecos vistiendo el uniforme del ejército durante el conflicto armado.

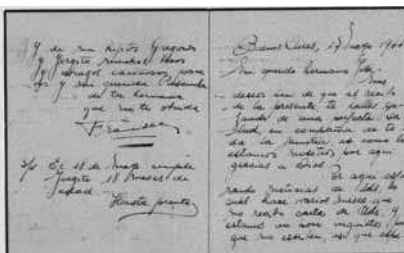
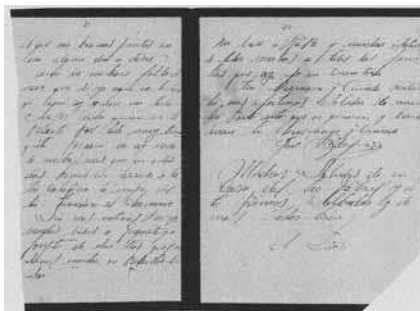


Don Pedro en un calle de Buenos Aires en 1949.

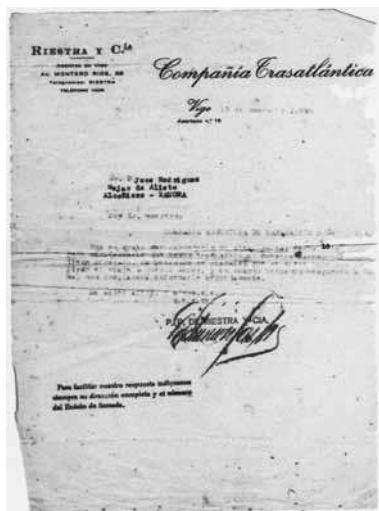


Bill de 100 pesetas del año 1935.

Las cartas durante la guerra. Carta escrita poco tiempo después de la culminación del conflicto.



El i n t e r c a m b i o d e c a r t a s d u r a n t e l a G u e r r a C i v i l f u e e s p a c i a d o . C a r t a s o m e t i d a a l p r o c e s o d e l e n a e a r t a e n v i a d a E s p a ñ a l u e g o d e l n a c i - s u r a , c o n l o s b o r d e s c o r t a d o s . m i e n t o d e J o r g e e .

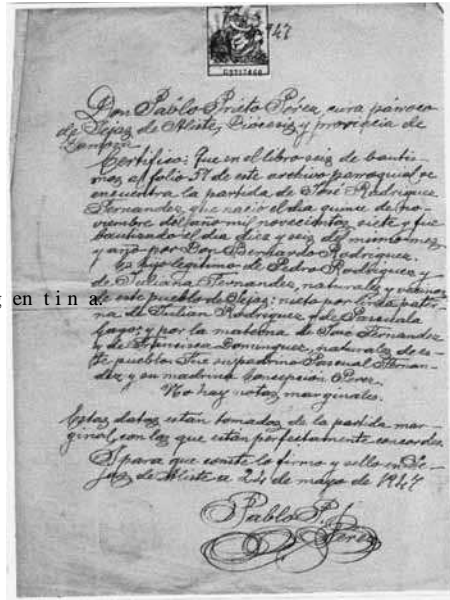


C a r t a d e l a a g e n c i a d e n a v e g a c i ó n c o m u n i c a d o s p r e p a r a t i v o s d e l v i a j e d e J o s é . E l c e r t i f i - c a n d o l e a J o s é l a f e c h a d e l v i a j e . c a d o m é d i c o e x p e d i d o e n Z a m o r a .

L a p e q u e ñ a g r a n h i s t o r i a d e F r a n c i s c o y s u f a m i l i a



El pasaport e con el q u e en tr ó a la A rg en tin a

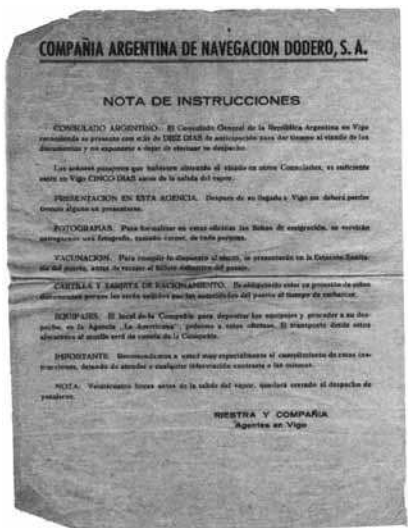


C art a de rec omen dac i ó n del c u r a pá r r o c o.



C art as de rec omen dac i ó n del J u e z y del A l c a l d e R á b a n o d e A l i s t e.

L a p e q u e ñ a g r a n h i s t o r i a d e f r a n c i s c a y s u f a m i l i a



Notas de instrucciones de una compañía durante la década del 40. Las compañías de  
 gación. Dos de las compañías más grandes de la época fueron la Transatlántica y la Argentina. Se trata de un folleto con las instrucciones para  
 ten en cuenta antes de viajar.



Recién llegado de España, José posó en una  
 defotografía con su familia. Aquí con Francisco y su  
 hermano. Francisco, José y Jorge con la perrita Chic ha.

La pequeña historia de Francisco y su familia



Bill et de un peso de 1949.

Los mísmos.

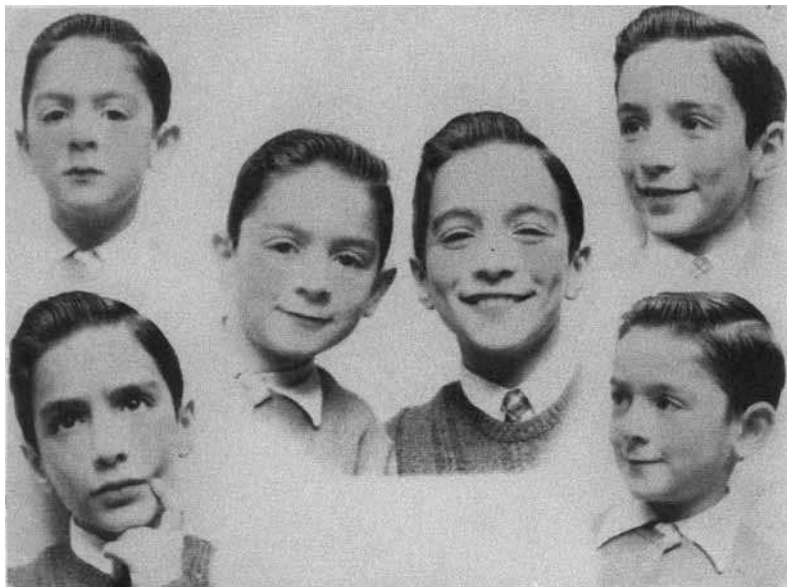


Gregori o y Jorge a finales de los años 40 .



Fran cisc a y A madeo en una fiesta a finales de los años 50 .





G reg ori o y J org e en u n a t í p i c a f o t o g r a f í a de l a é p o c a .



G reg ori o y J org e c on su m a m á en l a v i e j a c a s a n a t a l .



G reg ori o y J org e c on su s p a d r e s A m a d e o y F r a n c i s c a e n l o s b o s q u e s de P a l e r m o (B u e n o s A i r e s) .



Francisca, José, Gregorio y Jorge en el andaluz del barrio de Palermo.



Francisca, José, Gregorio y Jorge en la casa de la familia.



Francisca, don José y Jorge.



José con Jacinto, un paisano de Sejas.



Parte de la familia materna y paterna a principios de 1960. Arriba: Silvia, la hermana de A madeo, José, Francisco y A madeo. Abajo: Nicolás, sobrino de A madeo, Gregorio y Ernest o, c u ñado de A deo.



V iaje de José a Sejas en 1978. A qu í c on su hermana Pasc u al a y su c u ñado Domi n g o en la v i eja de pi edra de la n i ñez .

L a p e q u e ñ a g r a n h i s t o r i a d e F r a n c i s c o y s u f a m i l i a





José en Sejas en 1978, cogiendo un ternero en la casa familiar.



Francisco con Pascual en la casa natal.



Francisco vuelve a España luego de 62 años. Francisco, su hermano Pascual y su cuñado paseando por las calles de Sejas.



Con un grupo de paisanos en su pueblo, Sejas.



En el establecimiento de la casa paterna de Domingo.



Francisco con una amiga de la infancia y Francisco Domingo cerca del río.



F r a n c i s c a c o n s u h e r m a n a e n l a p u e r t a d e l a c a s a n a t a l .



F r a n c i s c a y C h o c h a , s u c o n s u e g r a , c o n s u s n i e t o s M a r í a G a b r i e l a ( a r r i b a ) , A l e j a n d r o , M a r c e l a a f i n a l e s d e l a d é c a d a d e l 8 0 .



Domi n g o y P asc u a haue n s a s a .



F ran c i s c a c on Do mi n g o e n l a e s c u e l a de S e j a s .



F ran c i s c a p o s a n d o e n l a P u e r t a del S ol de M a d r i d .



P o s t a l de s u s n i e t o s .



R e t r a t o de F ran c i s c a .

L a p e q u e ñ a g r a n h i s t o r i a de F r a n c i s c a y s u f a m i l i a



# Memoria de la emigración argentina de Reznos (Soria)

Alberto Hernández Cacho

## -Segundo período I-

En mi carácter de descendiente de emigrantes españoles (castellano-leoneses) es mi intención brindar a esa comunidad especializada un resumen de los más destacados testimonios personales que aún están en mi memoria, acompañando además a los elementos que, si duda, complementarán los mismos.

Comienzo entonces relatando la relación de mi familia ascendente paterna. Cefirino Hernández Rubio nació el 26 de junio de 1870 sus padres Felipe Hernández y Valentina Rubio Lacarta. Emigró a Tejedor el 27 de enero de 1875 y sus padres fueron Gerónimo Romero Vallejo y Raímunda Tejedor. Ambos eran nativos del mismo pueblo, provincia de Soria, y contrajeron matrimonio civil el día 22 de febrero de 1893 en el citado ayuntamiento. De esta unión nacieron los hijos Ana, Águeda, José, Eugenio (mi padre), Valentín y por último un niño que falleció pocas horas del parto.

Si siguiendo la tradición ancestral toda la familia trabajó en las áreas rurales desde la siembra y cosecha de cereales, hasta la cría de animales de esa región árida y de considerable altitud. En razón de la crítica situación económica por la que en esos años atravesaba el Reino de España, mi abuelo decidió emigrar a la emigración del grupo familiar a otro país que por referencias de parientes y vecinos el panorama laboral (aunque en el aspecto social) era más favorable y demás sacrificios derivados del desarraigo local.

Teniendo en cuenta que en la República Argentina había demandado de obra para trabajar en el agro optó por trasladarse a trabajar en los campos, en la primera él con tres de sus cinco hijos, Águeda, Ana, José, y en la segunda dependiente de los resultados a obtener, y viajaría por el grupo al valía mi abuelo Emerenciano.



Desde el pu ert o de Barc el on a a b ordo del b u q u<sup>1</sup>e V<sup>1</sup>nal B<sup>1</sup>ñalea o-  
v i emb re de 1913 ac ompañado de tres h i j os, arri b a al pu ert o de Bu en os A i res  
t ray en do al g u n as poc as pren das, u n a v al i j a y además todas su s h errami en  
l ab rador sori an o: h orq u i l l a, pal a an c h a, h oz , z apa, g u adaña, h ac h a..

L u eg o de seman as de n a v eg ac i ó n en reg u l ares o mal as c on di c i on  
sal u d por el rol í del b u q u e (mareos, v ómi tos, i n apeten c i a) l l eg aron al B  
de la P l at a (M ar Du l ce) don de su c ol or de las ag u as y su c alma aparen t  
c amb i ó el pan orama an teri or; mi ab u el o t en í a pu est a sob re su c ab ez a la c  
g orra o b oi n a de v asc o c ol or n eg ro, además de al g u n as mon edas de c ob re l  
madas en esos años “perras g ordas” u n os poc os “dú<sup>2</sup> depl at a.

Un a v ez est ab l ec i do el H ot el de Emi g ran t es o y n o r i g e n se pro-  
du j el pri meren c u enc t on f ami l i ar q u e o r i g i n al m e n t e r e s i den t e n  
pu eb l o sec i n a R ez n t a c o m o C arab an y t e s Q u i ñon p r i a n o s de la  
f ami l i a P edro M ar M u ñoz, u est ab a n A rg en t i n a e i emp a t r á s.

Est a f ami l i a les ay u dó en el tema al oj ami en t o y además asesoró a mi  
ab u el o en el f u t u r o t r a j o dado q u e l a deman da y of rec i mi en t os ru ral es eran  
para el i n t e r i or del pa í s y en al g u n os c asos l a s c on di c i on es de l ab or prop  
esa époc a, b a j a remu n erac i ó n y c on di c i on es i n f r a h u man as. De modo q  
t aron port r a j a r en l a C a p i t a l F e d e r a l de A rg en t i n a o c u pan do di v ersos  
si empre prov i sori os, en c aso de mi s t í os moz os de repart o de al mac en es, ay u -  
dan t es de c oc i n a, repart i dores de pan adería, y mi t í a Á g u e d a c o m o mu c am

<sup>1</sup> De l a c ompañía de tran sat l á n t i c os P i n i l l os, b o t a d o 190 6. Su n omb re, q u e f u e  
c on u n a errata, al u de al f a m o s o san t u a r i o m a r i a n o de V al v a n e r a (L a R i o j a, España)  
b u q u e n a u f r a g a r á en l a n o c h e del 9 al 10 de sept i emb re de 1919 en l a c ost a de F l o r i  
ri en do t o d o el pasaje, f o r m a d o p r i n c i p a l m e n t e p o r e m i g r a n t e s c a n a r i o s. (N.E.)

<sup>2</sup> M o v i m i e n t o p o r el b a r c a r o l a r e n e s t e c o n t e x t o i n v a l i d a n c (N.E.)

<sup>3</sup> Nomb re popu l a r dado a l a mon eda f r a c c i o n a r i a e s p a ñ o l a, de b r o n c e, c o n v a l o r de 10  
c é n t i m o s de peset a c r e a d a en 1870 . H a s t a 1941 se m a n t u v o en c i r c u l a c i ó n , si en do en  
s u s t i t u i d a p o m u n e a n o n e d a de 10 c é n t i m o s c o n m a t e r i a l y d i s e ñ o r e n o v a d o s a u n q u e  
p o r i n e r c i a n l a e m o n e d a s e s i g u i ó c o n o c i e n d o p o r el m i s m o n omb re. (N.E.)

<sup>4</sup> M o n e d a de 5 peset a s v i g e n t e en España h a s t a s u s u s t i t u c i ó n p o r el e u r o el 1 de  
de 2 0 0 2 . (N.E.)

<sup>5</sup> C e n t r o o f i c i a l de r e c e p c i ó n de e m i g r a n t e s de A r g e n t i n a en f u n c i o n a m i e  
190 6 h a s t a 1953 y q u e c o n t a b a c o n u n c o m p l e j o de e d i f i c i o s c o n s e r v i c i o s a d m i n  
y a s i s t e n c i a l e s. (N.E.)

<sup>6</sup> El H ot el de Emi g ran t e s f u e d e c l a r a d o M o n u m e n t o N a c i o n a l de l a R e p ú b l i c a  
t i n a en 1995. A c t u a l m e n t e a c o g e el M u s e o N a c i o n a l de l a I n m i g r a c i ó n / M u  
I n m i g r a n t e s. (N.E.)

<sup>7</sup> E n A r g e n t i n a, s e c t o r p r o d u c t i v o n a s g e n é r i c a m e n t e a j o c e m p l e o. (N.E.)

<sup>8</sup> E n A r g e n t i n a y o t r o s pa í s e s l a t i n o a m e r i c a n o s, c r i a d a; t a m b i é n , en el c a s o de l  
l e s y s i m i l a r e s, s e r e f i e r e a l a m u j e r de l a l i m p i e z a. (N.E.)

en casas de familia de clase social alta. Mi abuelo se postuló en la enton-  
compañía inglesa Bs. A s. W ert ern L R <sup>9</sup> de H w r r y arri l O est e de Bu -  
nos A ires) y trabajó en la excavación de un túnel subterráneo de emp-  
o i n t e r c a m b i o d e p a s a j e r o s , n a c i o n a l i d a d e s q u e c o m o e n s u m i s m a s i t u a c i ó n  
prov en ían de Europa. P or razón es de salud, dado las extremas condiciones  
del trabajo y la carencia de obra social y de leyes laborales renu nció al  
tiempo. A ctualmente la mencionada construcción está en servicio co-  
presa nacionalizada desde 1946 dependiendo su dirección de las empresas  
F erro arri l G ral . Sarmiento y Subterráneos de Buenos Aires. Por la c orre-  
pon den cia e sc r i t a e n t r e a m b o s c ó n y u g e s y c o m o l a s i t u a c i ó n s o c i o - e c o n ó m i c a  
h ab ía mejorado mi abuelo Emerencian acompañada de sus hijos Eu en io (m-  
padre) y V al en t ín , viaj a por la vía tran s o c e á n i c a desde el puerto de Barcelon a  
en el bu *Reina Victoria Eugenia*<sup>10</sup> y llega al puerto de Buenos Aires el 26  
de mayo de 1918.

Los comienzos sobre el trayecto son similares a los de la primera parte  
de la familia, agregándose pasajeros de diferentes nacionalidades de otros paí-  
ses europeos (por el éxito de la Primera Guerra Mundial), y el abor daje y  
control por parte de nav es británicas en la zona del estrec ho de Gib r al t ar

Producido el encuentro del grupo familiar se instaló en parte de un  
v ent illo” en la calle T ar i j a u b i c a d o m u y c e r c a d e l e s t a d i o d e l c e l u b S a n  
de A l m a g <sup>12</sup> en el barrio de Boedo de esta capital federal .

Por un lapso de tiempo se hac en cargo de la pu esta en servicio y ex plo-  
c i ó n d e u n a c a s a d e c o m i d a s e n l a z o n a c i t a d a , o c u p á n d o s e c a s a u n o d e e l  
de un trabajo en particular. L a c o c i n a e s t a b a a c a r g o d e m i a b u e l a ( l a t a r e  
ardu) que se g u n c u e n t a m i p a d r e l o h a c í a m u y b i e n . C i r c u n s t a n c i a s  
res y desacuerdos con los propietarios, fueron la razón del cambio de actividad  
para la supervivencia.

Mi abuelo C e f e r i n o i n g r e s ó e n l a m u n i c i p a l i d a d ( m u n i c i p i o ) d e l  
de Buenos Aires con el cargo de barrendero de calles y posteriormente g u a  
dián de plazas (jardines públicos) hasta su jubilación ; mi tío A n a s t a s i o t

<sup>9</sup> T h B u e n o s y W e s t e r n L a y m i e d o m p a ñ í a n g l e s a d e n A r g e n t i n a  
q u e o p e r ó e n t r e 1889 - a ñ o e n q u e a l q u i l i a n t i g u a c o m p a ñ í a d e F e r r o a r r i l O e s t e d e  
B u e n o s A i r e s - s u n a c i o n a l i z a d a e n 1947 , a l a q u a d e l a u t o m á s a d e l a n t e ( N . E . )

<sup>10</sup> V a p o r d e l *Comp añía T r a n s a t l á n t i c a E s p a ñ o l a* c o n s t r u i d o e n N e w c a s t l e y m a t r i -  
c u l a d o e n 1913 . E n 1931 s e l e c a m b i ó e l n o m b r e p o r *Reina Victoria Eugenia* Du r a n t e l a g u e r r a  
c i v i l s e r v í a c o m o b u q u e p r i s i ó n e n B a r c e l o n a , d o n d e s e r á h u n d i d o e n 1939 . E n 1947  
r e f l o t a d o p a r a s e r d e s g u a z a d o e n B i l b a o . ( N . E . )

<sup>11</sup> E n e l o t o ñ o d e e s e m i s m o a ñ o *Reina Victoria Eugenia* s e r á r e t e n i d o e n G i b r a l t a r  
p o r l a s a u t o r i d a d e s i n g l e s a s p o r l l e v a r e n t r e s u p a s a j e a l g u n o s a l e m a n e s . ( N . E . )

<sup>12</sup> H i s t ó r i c o c l u b d e f ú t b o l a r g e n t i n o , f u n d a d o e n 1908 . ( N . E . )



Lo hizo pero en el sector administrativo hasta su jubilación; mi tío obrero textil especializado en el estal <sup>Pracifini</sup> hasta su jubilación; mi tío Valentín ídem al anterior; mi tía Águeda dedicada a que ehac eres d ticos al casarse con José Mourriño, nacido en Galicia.

Mi padre Eugenio durante un tiempo fue artesano de cristales (sopl de vidrio) trabajo muy insalubre y peligroso, luego h ojalatero y por ferroviano especializado en locomotoras de vapor hasta su jubilación: carriel Central Córdoba, de capitales británicos hasta 1946.

Con ese panorama un poco más alentador decidí mi abuelo el traslado de la familia a una pequeña localidad llamada Boulogne Sur Mer del partido San Isidro Labrador a 20 Km. de la Capital Federal. Para ese fin mis abuelos (ahorros de por medio) adquirieron 2 lotes de terreno a la firma británica “S.A. The Argentinian North Land Company Limited” y a partir de la escritura de dominio, el 15 de junio de 1931 comencé la construcción de la casa en el lote de terreno nº 1, lugar que albergó mis abuelos hasta su fallecimiento. El terreno nº 2 lo destinaron como parcela de huerta para la siembra de legumbres, hortalizas, patatas, tomates, cebollas, ajos y además espacio para cría de gallinas, patos y demás animales. Rodeando uno de los contornos de la casa estaba plantada una viña de 3 variedades de uvas (blanca, rosada, negra) con taba además con árboles frutales (dos higueras, un nogal, dos duraznos ciruelo, tres naranjos), y especias como romero, tomillo, orégano, albahaca.

Con respecto a mi ascendencia materna describo a continuación un testimonio personal en razón de que mi directo contacto personal lo tengo siempre con mi madre y brevemente con mi primo Javier. Inocencio Herrera nació en Reznos provincia de Soriana el 28 de diciembre de 1880. Sus padres fueron Juan Cachoy Bonifacia Herrera María García de Miguel en 26 de febrero de 1883 en Reznos, provincia de Soriana, siendo sus padrinos Domingo García y Estaquía de Miguel. Luego del respectivo matrimonio civil nacieron los hijos Florencio, Josefina, Serafina Dolores (nada) y Benjamín.

También como mi familia paterna, su actividad diaria fue la agricultura sus ancestros. Recuerdo el caso particular de mi tío Benjamín que realizó estudios en Madrid y llegó al cargo de jefe de registros y certificados en el comercio central. El resto de los hijos se distribuyeron en capitales de regiones que quedando uno de ellos al cuidado de mis abuelos.

Como mi abuela materna tenía en Buenos Aires familiares residentes desde años atrás (familia Menéndez) considero la difícil situación social

<sup>13</sup> Compañía textil bonaerense fundada en 1937. (N.E.)

n ómic a del R<sup>14</sup> e i n s peq u eñ os pu eb l os, se dec i di ó q u e mi madre (a l a raz ón 2 0 años) v i aj ara a est e paí s c on u n pu est o de t rab aj o asi g n ad o (mu c a de c asa de f ami l i a al c u i dad o de n i ñ os adol esc en tes).

En pri n c i pi o v i aj arí a c ompañada por ami g as del pu eb l o y de ot ros c erc a- n os, part i en do del pu ert o de L i sb oa en el b u q u e ~~h i g / e h u r i l / H a n c o e o~~ det ermi n ada f ec h a del año 1930 .

L a part i da se c on c ret a y al poc o t i empo de n av eg ac i ó n t ran soc eán i c b u q u e n au f rag a f ren t e a l as i sl as ~~debt i d g a u e s a s a~~ mal a man i ob ra de l a sal a de c oman do del b u q u e; a dec i r de mi madre el c apit án y part e de l a ofi c i al i dad est ab an b orrac h os. El pasaje y el rest o de l a t r i pu l a c i ó n f u e r e c og i dos y resc at ados del i n m i n en t e h u n di mi en t o por u n a fl ot a de h u m y serv i c i al es pesadores. A raíz de u n g ol pe rec i b i do en el c er eb ro, f al lec i ó de l os pai san os del pu eb l o, el rest o de person al arri b ó en c on d i c i ó n es al pu ert o de L i sb oa. T odos los pasaj eros perdi eron su s eq u i pajes y pert en en c i a, sal v o su doc u men t ac i ó n y ropa q u e v est í an en el momen to de l a t r a g e d i a. Seg c u en t a mi madre n i n g u n a c ompañía de seg u ros se h i z o c arg o de l as pérdi d as su f r i das. L a ú n i c a respon sab i l i dad, f u e ot org ar l es el v i aj e c on t r at ad o de L a Bu en os A i res.

A d e m b arc ami madre ac u sa ~~prob l emas~~ sal u deri v ados del n au f ra g i ó n t er i or de l adi f eren c i a ~~de al t i t u c i ó n de R e z n l o s~~ 60 met ros respec to del mar). En el b u q u e ~~Daero~~<sup>17</sup>, part i en do de L i sb oa i cel a v i aj e n p o d e r dormi ry al día si g u i e m d e g r e t en dros al i men t os por los mareos y demás c au sas on oc i das i n v adas del mov i mi en t e l o b arc A g u n v a s es c o p o r t a b e l e n c i e n t e c o m a r o t por l o q u e p e r m i t í a n r a c u b i e r d e e s e m o d o pu d o b serv i r h a m a r c h e de los del fin e s i g u i e n t e el a j e a d a p o r e l b a r c o . A l l e g a r R í d e l a P l a t a s u c e d i ó m i s m o q u e a l a f a m i l i a p a t e r n a l m a r de ag u d u l c y a n c a l m a n l a s u p e r f i c i e u r e p o d í a l l e g a r c r e e l o .

L e l e g ó al pu ert o de Bu en os A i res el día 18 de di c i emb re de 1930 y l u e g o de c o m p l e t a r e l t r á m i t e de r i g o r, f u e rec i b i do por mi emb ros de l a f a m i l i a M e r d í a y de P a s c u a l G a r c í a . A part i r de esa f ec h a c o m e n z ó a t rab aj ar en el n u c l e o .

<sup>14</sup> Se refiere al R e i n o de España. (N.E.)

<sup>15</sup> P o s i b l e m e n t e se refiera al ~~W i g h t l a n d H o p t e~~ ~~H a d o~~ en e n e r o de 192 9, de l a c ompañía b r i t á n i c a ~~Nelson S team N a v i g a t i o n~~ c on oc i da c o m o ~~Nelson L i n e~~ q u e b r a r í a en 1932 . (N.E.)

<sup>16</sup> E f e c t i v a m e n t e, est e b u q u e n au f rag ó en l a i sl a de F a r i l h ões, c erc a de P e n i c h g a l, el 9 de n o v i emb re de 1930 . (N.E.)

<sup>17</sup> El v a p o r ~~Darro~~ p e r t e n e c í a l a c ompañía b r i t á n i c a ~~Royal Mail S team Pack~~ y t u c u b r í a l a l í n e a L i v e r p o o l - B u e n os A i res. D u r a n t e l a P r i m e r a G u e r r a M u n d i a l est u v o a r t i l l a c o m o i n f o r m a e l d í a ~~de~~ de M a d r i d e l 9 de ag o s t o de 1914. (N.E.)

M emori a de l a emi g rac i ó n ar g en t i n a de l R e z n o s (S o r t a)

A medi da que el tiempo trascurría notaba que la cantidad de rubros mentaba y a pesar de trabajar en compañía de otras muchas áreas diarias llegaron a su perarla, de modo que al cabo de varios años, decidió renunciar ubicarse en casa de la familia de Pascual García y esposa doña Carmen (llega de origen) que estaba acompañada como sus pervisores de un pequeño confortable hogar familiar.

En el año 1935 por in formación familiar llegó a su conocimiento de paisanos de Reznos tenían residencia en Boulogne sur Mer (Buenos Aires) decidió visitarlos en compañía de los tíos maternos Pascual y Carmen. La unión fue muy feliz para todos, en especial para ella y mi futuro padre de 29 años, estaba leyendo entre ellos un acordeal amistoso que con tinuamente noviazgo.

Como la mayoría de los hijos de mis abuelos maternos fijaron domicilio en otros lugares del área (salvo mi padre y hermano menor Valentin) Estaban encantados con la vida en el extranjero, pero como ya se ha mencionado en el capítulo anterior, no se les ocurrió comprar el lote nº 2 del terreno existente para construir su propia casa y destinar el resto del espacio libre a la huerta y tinte. Así las cosas y con la conformidad de ambas partes el día 25-2-1938 los futuros esposos son dueños del predio y encaran con una empresa de construcción de la vivienda (sin muro de separación entre ambas) y que por diversas modificaciones en su edificio hasta el presente.

El casamiento de mis padres, que tuvo lugar en ceremonia civil, fue celebrado el 30 de abril de 1938 en el registro civil (juizado de paz) de la localidad. Del matrimonio nació el firmante el día 30 de marzo de 1939 y también una hermana, Pilar, el 12 de octubre de 1942.

Mi madre mantenía correspondencia con su familia residente en los países de origen, hermanos y principalmente con su hermano menor Benjamín residente en Madrid. Eran años muy difíciles para el reino y toda Europa con resultados por todos conocidos. No me resulta posible describir la expresión de alegría en su rostro, cuando el cartero le entregaba cada una de las cartas de España, luego de recibirlas las leía en reunión de familia. En algunas circunstancias (y a su peradas) muchos sobres vía transcurrían intactos y sin abrir, reparado su envoltorio con cinta de papel "madera" y estampado un sello "open ed by ex amination". A partir de mi uso de razón, no recuerdo exactamente, pero como se verá en el capítulo siguiente en el año 1946.

Se hizo cargo maravillosamente del rubro "alimentación", con servabara bien la ropa de la familia y con las prendas, cocinaba platos de su aldea, si en la sopa en sus diferentes formas el plato diario en almuerzo y cena. Preparaba entre otros tortillas, mejillones en diferentes formas, cocidos, g

de lentes a las que llamaba “11.000, nos guen lesàs, torrijas con mi el  
 n atural de abejas todo ello en c oc in a de fu eg o de leña y carbón mineral (h  
 R ealiz ab a todas sus lab ores con mu ch o cariño y bondad hac ian osot ros,  
 c at al iz ador en tre mi padre y el resto de la fami lia. En España c ompl et ó apen as  
 sus est u di os pri mari os pero nos ay u dab a y c on trol ab a n u est ros deb eres esc o  
 lares. De c arác ter ag radab le, ac ost u mb rab a a c an tar los temas c ast ellan os c  
 z arz u el as y reg ion al es arag on eses. Di sf ru t ab a de las c an c ion es de Imperi o.  
 g en t in a, C on c h it a P iqu er, A mparo C ast ro y demás de esa época. En su d  
 empl eab a el idi oma c ast ellan o an tigu o c asi el R oman c ero español al ig ual  
 mi ab u el a patern a Emeren c ian a. A mb as rec ordab an paseos a di feren tes pu e  
 b los de la z on a de Soriac omola P eña, La Q u iñon ería, Sau qu illo, C arab  
 y ot ros. C u idab a con mu ch o esmero las flores y plan tas de espec ies y ob ten  
 mu y bu en os resu ltados. El 14 de oct u bre de 1988 f allec e mi padre, y no ob  
 tan te q u edar ac ompañada de su hij a con su mat ri mon io (esposo y 2 hij as).  
 sal u d se det eri ora, l leg an do a su frir c ánc er de mama (b ilateral) y en f ermeda  
 de P ark in son .

A part ir del año 2002 la R epúb lica A rg en t in a pasa por u na de las pe  
 c ri sis socio-ec on ómic as, c irc un st an c ias q u e la fami lia t ampoco fu e aj e  
 v íc t im a. T an to mi s ab u el os patern os y mi s padres desde el momen to q u e arri  
 b ron al país n un c a ac tu al iz aron su doc u men t ac ión española (pasaport  
 asi st ieron a la ag reg adu ría lab oral, c on su lado y t ampoco a las asoc iac ion  
 reg ion al es españolas afin es a su s orí g en es. P or lo ex pu est o y en c on oc imi en  
 por medi os radi al es de la posi b ili dad de rec ib ir ay u da mon et ari a q u e posi b i  
 l it aría u n a dí g n a su perv iv en c i a de mi madre, real ic ég est ion es person al e  
 las nomb radas represen t ac ion es y los c en tros z amoran os y c ast ellan o-leon  
 don de t iempo medi an te ob tu v e su n u ev o pasaport e y par c i al es ay u das mon e  
 r ias del rei no, hast a su f allec imi en to. A g radez c o mu ch o la ay u da rec ib i  
 parte de la fami lia matern a resi den tes en el R ei no.

M i madre n ac ió el 16 de marzo de 1910 y mu rió el 26 de mayo de 2003  
 en u n a cl ínic a médic a de su ob ra soc ial, a la 13.30 horas en mi s brazos, si  
 su s últ imas palab ras: “¿h ast o tomado el desay u no, hij o mío?”.

Desde q u e la razón me asi st e pu edo l leg ar a n arrar parte de si tu, ac ion es  
 v iv idas den tro del sen o de la fami lia patern a est ab lec id a en u n pu eb lo del  
 Bu en os A ires (al rededores de la C api t al F ederal ).

De mi padre, Eu g enio, a test imon iar q u e fu e u n h omb re de c arác ter  
 v ari ab le, pasab a rápidamen te de la ira a la t empl an z a o loc on t rari o la may oría  
 de las vec es por asu n tos sin i mport an c i a merec id a. C u an do en mi c aso, si en

<sup>18</sup> R eferen c i a q u e al u de a u n a ley en da medi ev al sob re san t a Úrsula y ot ras márt i  
 c r ist ian as q u e t ien esu orí g en en C olon ia, A leman ia. (N.E.)

relativamente un chico, hac ía al g u n a t r a v e s u r a o e q u i v o c a b a l a b a j o , h e c h o e n c o n j u n t o , s e g u r o q u e r e c i b í a u n c a s t i g o c o r p o r a l s e g u i d o d e r e p r i m e n d a s v e r b a l e s . A l m u y p o c o t i e m p o c a m b i a b a s u a c t i v i d a d y a e r a o t r a , m u c h o m á s a g r a d a b l e .

En su t r a b a j o d e m e c á n i c o e s p e c i a l i s t a e n l o c o m o t o r a s d e v a p o r e r a m e c o m p e t e n t e y c u a n d o e l f e r r o c a r r i l d i s p u s o e l c a m b i o t e c n o l ó g i c o p o r t e m a d i é s e l e l é c t r i c o m i p a d r e f u e d e s i g n a d o p o r l a e m p r e s a p a r a e l c o n t r o l d e l a c a l i d a d d e l o c o m o t o r a s D . D . G e n e r a l E l e c t r i c <sup>19</sup> y e n l a e m p r e s a d e E . E . U . U . a l p u e r t o d e B u e n o s A i r e s . E n s u s r a t o s d e t i e m p o l i b r e , e n e l h o g a r l e í a b a s t a n t e l o s c l á s i c o s e s p a ñ o l e s c o m o M i g u e l d e C e r v a n t e s S a a v e d r a , L o p e d e V e g a , C a m o e n s u e n e n e r g í a , M a r t í n F i e r r o , M a r t í n G a r c í a L o r c a , A n t o n i o M a c h a d o y o t r o s g a l l e g o s c o m o E m i l i a P a r d o B a z á n , R o s a l í a d e C a s t r o y A l f o n s o R o c a C a s t e l a n o . S u p e m a s a d e l a n t e , q u e a p r o x i m a d a m e n t e e n e l a ñ o 1 9 2 8 f u n d a l a *B i b l i o t e c a P o p u l a r J o s é I n g e n i e r o s* n o t a u n m í n i m o g r u p o d e v e c i n o s i l u s t r a d o s <sup>20</sup> . A l c u m p l i r s e u n o d e l o s a ñ o s d e s a f e c h a , r e c i b í o u n a m e d a c o m o r e c o n o c i m i e n t o e n u n a c t o m u y e m o t i v o .

A l i g u a l q u e m i m a d r e s e o c u p a b a d e l a h u e r t a ( e n t a r e a s d u r a s ) y o t r a t r i b u t a c i ó n e l r i e g o a l o s s u r c o s <sup>21</sup> . A l m á n i g o d e l e g a b a l a é p o c a d e c o r t e d e r a m a s ( p o d a ) l o h a c í a c o n l a v i ñ a , n a r a n j o s , c i r u e l o s y d e m á s p l a n t a s .

A l c u m p l i r l o s a ñ o s d e s e r v i c i o , l e o t o r g a r o n l a j u b i l a c i ó n . E s t o l e p e r m i t i ó a m p l i a r l a a c t u a l e d i f i c a c i ó n y l u e g o i n t e n t a r o c u p a r s e d e l r u b r o d e l i n t e r n a s e l é c t r i c a s ( s i n b e n e f i c i o r e n t a b l e ) . E n m o m e n t o s d e l d í a , l e v o z a l t a p a s a j e s d e c a p í t u l o *Q u i j o t e d e l a M a n c h y* a r e c u e r d o e n p a r t i c u l a r a q u e *“De los consejos que dio Don Quijote a Sancho Panza antes de que éste fuese gobernador de la Ínsula”* <sup>22</sup> .

P o r s u s c o m e n t a r i o s , f u e t e s t i g o d e u n h e c h o ú n i c o e n s u é p o c a , e n e l a c u a t i z a c i ó n d e l h i d r o p l a n o “ P l u s U l t r a ” e n e l p u e r t o d e B u e n o s A i r e s p a r t i e n d o d e l p u e r t o d e P a l o s d e M o g u e r , c o n s u t r i p u l a c i ó n R a m ó n F e r r e r ( m a n d a n t e ) , J u l i o R u i z d e A l d a ( c a p i t á n ) , J u a n M . D u r á n ( t e n i e n t e ) y P a b l o R a d a ( s u b - o f i c i a l ) . A d e c i r d e m i p a d r e e l h é r o e d e l a h a z a ñ a f u e

<sup>19</sup> G e n e r a l E l e c t r i c e s u n a c o n o c i d a c o m p a ñ í a i n d u s t r i a l e s t a d o u n i d e n s e , q u e e n e l a c u a n t o a l a W h i t c o m b , f u e f u n d a d a p o r W h i t c o m b L . J u d s o n , i n g e n i e r o q u e d i s e ñ ó d i s t i n t o s c o m p o n e n t e s p a r a l o c o m o t o r a s a u n q u e e s m á s c o n o c i d o p o r s e r e l v e n t o r d e l a c r e m a l l e r a . E s t e t i p o d e l o c o m o t o r a s c o m e n z a r o n a l l e g a r a A r g e n t i n a a f i n a l d e 1 9 4 9 . ( N . E . )

<sup>20</sup> A l c u m p l i r s e a i n s t i t u i ó n d e 1 9 3 5 p o r o b r e a n a r q u i t o s i a l i s t a s . ( N . E . )

<sup>21</sup> A l m á n i g o e s e l r e c i p i e n t e d o n d e s e h a c e n g e r m i n a r l a s s e m i l l a s p a r a s e r t r a s p l a n t a d o s p o s t e r i o r m e n t e . ( N . E . )

<sup>22</sup> C a p í t u l o X L I I d e l a s e g u n d a p a r t e d e *El Quijote* . ( N . E . )

<sup>23</sup> A c u a t i z a j e o a m e r i z a j e : d i c h o d e u n h i d r o a v i ó n , p o s a r s e e n e l a g u a . ( N . E . )

mecánico Pablo Rada el que gracias a su capacidad técnica logro hacer el hidroavión en condiciones de vuelo. Toda la tripulación fue recibida en el muelle por el capitán de la Armada don Juan de la Cruz y el comandante de la Armada don Juan de la Cruz, en principio del año 1926 por el gobierno de don Juan de la Cruz y el comandante de la Armada don Juan de la Cruz. El sector de la ciudad de Buenos Aires llamado Costanera Sur. Como el aparato fue donado por el reino de España al país, éste se encuentra en exhibición en el Museo Histórico de la ciudad de Luján a una distancia aproximada de 100 km de la Capital Federal, donde fue restaurado en el Reino Unido en ingenieros especialistas.

Además mi padre fue amante de la música clásica, tenía preferencia por Federico Chopin, Albeniz, Granados, de Falla y entre los intérpretes Segovia, Amparo y José Iturbide. La mayoría de las composiciones las escuchaba por recepción de estaciones radiofónicas tan locales como Europa y gracias a que disponía de un receptor de onda larga y banditas de onda corta.

Tenía por hobby el fútbol y la mayoría de las veces armaba sus propios equipos amarillos con sus manos, a los que llamaba "pitillos". Tenía un abanico de actividades que disfrutaba de deporte al aire libre que en días feriados me llevaba en la misma lancha de un río armado de la Recreación que además de bañarnos también pescar.

Con posterioridad al casamiento de su hija Pilar con Luis Güimil lea éstos un parte del terreno adquirido a sus padres para la construcción de un viviente, disfrutó de sus dos nietas Laura y Carolina.

A la edad de 82 años afectado de una enfermedad pulmonar y con principios de mal de Alzheimer falleció asistido por mi hermano en una clínica de obra social el día 14 de octubre de 1988.

Ambos abuelos paternos tenían un carácter fuerte y pasados a épocas de necesidades extremas distribuir su tiempo en convivir con ellos, sus nietos y el resto de la familia; nunca fueron predispuestos a escribir cartas, leer libros pero sí ávidos de lectura de periódicos "La Prensa" que recibían diariamente. Escuchaban audiencias españolas castellanas por radio.

Mi abuela se servía el estilo de vestimenta aldea de sus épocas juveniles en Reznos, pollera de falda larga ancha, rodete en su cuello, alfileres españoles en su cabeza, en invierno o sabana pañoleta de lana tejida por mi abuela. Además de cocinar muy bien con los medios disponibles para calentar los alimentos, tenía una gran habilidad para la costura manual de mantos y centros de mesa, carpetas con hilo fino y gancho. Mientras escuchaba radio local. Era costumbre (una o varias veces al mes) discutir entre ambos dando gritos aunque la mayoría de las veces eran por pequeños detalles y al día siguiente en la situación eran normal y estaban mejores en salud. Así como cuando se encontraba (desde el huésped) y cuidaba permanentemente sus pequeños el

hacía excelsos cocidos de gallina y también al horno. Su frió un un traspié, con las consiguientes dificultades en cadera que la ob con y eso duró mucho tiempo y a utilizar bastón de apoyo el resto vida. Su relación con sus hijos siempre fue muy buena era muy respet todos ellos.

En lo referente a mi abuelo Ceferino era de estatura normal, con el delgada, solía vestir ala usanza alabriegacon chaleco y gorra llamada (negra) salvo los días dominando asístía a mi sa (en mi compañía) en que utilizaba traje azul oscuro, camisa blanca, corbata y sombrero situación se presentaba el día de cobro de sus haberes jubilatorios. Por cobro de su jubilación debíamos concurrir a la capital federal, de modo era mucho más largo (18 Km.) así viajábamos en tren y en tranvía. El tercatólico se encontraba al Km. aproximadamente y concurríamos a mi C como era su costumbre nunca dejó de propalar las cosas que traía desde el Reino.

Aún a personas desconocidas como el cajero de un banco, un vendedor de pasajes, un agente de policía, les decía por ejemplo, “pues como en mi pueblo se decía, manday haz, y buena empleo darás”, “no se ganó Zamora la hora”, “los pobres tienen más cosas que ellas y más referentes que pan”, “desde la cabecera hasta el rabo, todo es rico en el marrano”, “barrigallena crece en hambre ajena” y otras muchas que en el presente no las recuerdo no tomarme el tiempo de escribirlas en esos instantes.

No obstante su avanzada edad cuando me fui a un que despacio de sus mayores al egresar era trabajar en la huerta, hincando la azada en la hacienda el suelo para plantar la hortaliza y cuidar además su desarrollo.

Me relató que cuando trabajaba (en la columna) en el término de mayo año 1930 estando a cargo de la limpieza de las calles que rodean a la Casa de Gobierno o tuvo un encuentro casual con el entonces presidente de que tenía por costumbre el caminar (a primera hora de la mañana) el trayecto entre su domicilio y la ~~Ciudad~~ <sup>Ciudad</sup>.

Cuando me abuelo que respetuosamente le propuso caminar de pies lo que el presidente respondió “¿Está usted seguro de lo que me dice?” y abuelo le soltó un a de sus cosas que escucharon una sonrisa en el mismo que éste siguió a su camino. Lamentablemente un golpe de Estado militar causó su derrocamiento, detención y destierro a la isla Martín posteriormente, siendo uno de los pocos mandatarios argentinos que fallecieron en la pobreza, sus descendientes provienen<sup>24</sup> del País Vasco

<sup>24</sup> El autor se refiere a Hipólito Yrigoyen (1852 -1933), dos veces presidente de Argentina (1916-1922, y 1928-1930).

La relación de mi abuelo con sus hijos (excepto en los tiempos difíciles dado su fuerte carácter) fue buena y sociable sobre todo en sus últimos años de vida en los que tuvo que hacer frente a la enfermedad de Parkinson.

Su pe por uno de sus comerciantes que recibió del Reino, la llegada a Buenos Aires Puerto de un primo que era soldado en te, que había luchado en la guerra de las Islas Filipinas. Este señor llamado Ignacio Hernández residió en Boulogne durante unos años hasta su muerte, pese a los cuidados que le prodigaron. Todos recordaban los sinsabores y horror que escuchaban en de Ignacio de las batallas.

Mi abuela Emerenciana fallece a los 86 años el 3 de noviembre de 1961, y mi abuelo Ceferino murió al poco tiempo a los 91 años el 21 de diciembre de 1961.

Por parte de mi abuelo los paternos la descendencia serían 6 hijos, 15 nietos, 22 bisnietos, 24 tataranietos. Por parte de mi abuela los maternos serían descendencia: 4 hijos, 7 nietos, 4 bisnietos.

No obstante mi preferencia desde la escuela primaria hacia la especialidad humanaística (letas) mi padre Eugenio insistió en su recomendarle que se siguiese un acarreratécnica (de acuerdo a la época, 1952, y a la situación del país ofrecía mayor porvenir). Como resultado de ello en el año 1958 obtuve el título de técnico en telecomunicaciones. Comencé a trabajar en 1957 como auxiliar técnico en la Compañía Transradio Internacional.

Al cumplir el servicio militar obligatorio (mili) presté servicios en fantería de marina en el área de telecomunicaciones, en áreas técnicas de radio transmisión, en el sur del país. Estuve en el área de electromedicina (rayos X) y posteriormente en telecomunicaciones ferroviarias.

En este último momento trabajé en la supervisión del montaje y puesta a punto del servicio de sistemas telefónicos telefónicos de larga distancia adquiridos por el país al Reino de España (cuando se produjo la Ley de Sustitución de los) mediante un crédito muy importante -SERCOBE y provistos por empresas Españolas (Standard Eléctrica - Telétra Española Técnica) - y otras plantas de producción en diferentes regiones del Reino. Por parte de España el responsable técnico designado fue el ingeniero Ricardo Novillas.

Lu ego de ciertos trabajos de transmisión de datos (abaja velocidad) por cuenta propia en un ambiente donde operé en la supervisión de montaje y fabricación de un sistema radioeléctrico troncalizado para uso de tren-ti provisto por la empresa española *Indra* en ese entonces "Ensa" quien designó a tres ingenieros para el proyecto y seguí en mi momento de *Nuob Za*. Viajé a Landa a efectos de un análisis técnico de equipos móviles y portátiles firma *Taipor* ruta aérea sobre el Polo Sur, cuyas prototipos técnicos resultaron de satisfacción por los resultados obtenidos (unos 25 días de labor).



De regreso al país me propuse estudiar un acarrera de las llamadas terciarias (continuación del grado de técnico) en técnicas de transmisión de radiodifusión empezando el año 2001. Al cabo de varios años de actividades en ramas afines, solicité la jubilación ordinaria por edad y años de servicio. Desde el año 2004 pertenezco a la clase pasiva, lamentablemente con un remuneración, haciendo frente a problemas de salud (osteoporosis) y estoy los principales de la enfermedad de Parkinson (en ambas manos).

Contraje matrimonio en fecha 19 de enero de 1968 y me divorcié en año 1990. De esta unión nacieron Juliana Beatriz el 14 de abril de 1971 tu al menos casada con Damián Bericat y madre de dos hijas varones, María Manuel, y Federico Miguel el 1 de agosto de 1973 (soltero actual mente).

En el verano del año 1988 recibimos la agradable visita de Javier Casado primo e hijo de Benjamín Casado, dado sus estudios avanzados en tecnología científica del Reino de España al continente Antártico (por los efectos de documentar el efecto producido por la capa de ozono (oscurecimiento) sobre la Tierra en esas regiones tan particulares y de mucho peligro sensible y orgulloso no solo de su trabajo puesto que es el primer científico profesional de esta familia tan lejos de la patria sino también de la modestia personal del mismo y de su competencia. Además es autor de artículos sobre su especialidad en publicaciones e importantes (boletines INTA / CO) interesantes de técnicas aeroespaciales de Madrid.

En el año 2002 inicié el trámite de doble ciudadanía en el Reino del Consulado General de España en Buenos Aires y su gestión demandó años. Destaco y agradezco la intervención muy eficaz del Ayuntamiento de Reznos - Juzgado de Paz - en la localización y envío de las partidas matrimoniales de mi familia en tiempo muy breve.



Sello postal de Argentina - tina, cuando este país era con siderado el "gran ero del Mundo".

Dec ret o del g ob i ern o de l a R ep ú b l i c a A rg en t i n a apoy an do l a F i e s t a de l a R a z a (1917).



C e r t i f i c a c i ó n d e q u e e l m a t r i m o n i o d e C e r f e r i n o H e r n á n d e z R u b i o y E m e r e n c i a n a R o m e r o T e j e d o r s e c e l e b r ó e n R e z n o s, S o r i a, e n 1893.

M emori a de l a emi g rac i ó n arg en t i n a desde R e z n o s (Sori a)

M emori a de la emi g rac i ó n arg en t in a desde rez n os (sori a)

Núm.                      AÑO DE 1913  
 Provincia de Buenos Aires CEDA 10.º CLASE: UNA peseta 30 cts  
 D. Cefeino Hernandez Rubio natural                       
 de Buenos Aires provincia de Buenos Aires  
 de 22 años de edad de estado casado y p.                       
 habita en Riacha profesión                       
 reside habitualmente en                      n.º                      cto.                       
 En Buenos Aires el 29 de                      de 1913.  
 EL INTERESADO Cefeino Hernandez Rubio

749650



CAJA MUNICIPAL DE PREVISION SOCIAL  
 CERRIGÓ 760 BUENOS AIRES  
 FECHA 1913 10 JUBILACION N.º 7689  
 D. Cefeino Hernandez Rubio  
 cuya fotografía y firma o impresión digital van  
 al frente, es jubilado de la institución.  
 CEFERINO HERNANDEZ RUBIO  
 RUBIO



Impresión Digital  
 7689

CEFEINO HERNANDEZ RUBIO  
 JUNTA DEL INTERESADO

123-123  
 Número del retrato y credencial debe ser el mismo  
 374522  
Cefeino Hernandez Rubio  
 Pagar derecho  
 C. D.  
 16443  
 34442

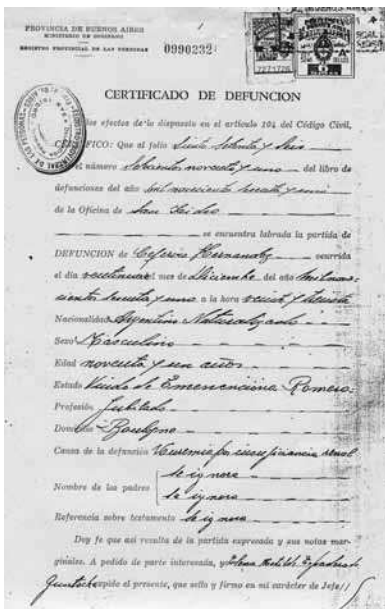



Fotografía tomada el 29 de                      de 1913

Doc u men taci ó n español a y arg en t in a de C eferi no H ern án dez R ubi o.



Doc u men t o de i den t i d a d a r g e n t i n o de m e m o r i a c o n d a d o de d e f u n c i ó n de E m e r e n c i a n a R e p u b l i c a d e l a A r g e n t i n a



C e r t i f i c a d o de d e f u n c i ó n de E m e r e n c i a n a R e p u b l i c a d e l a A r g e n t i n a

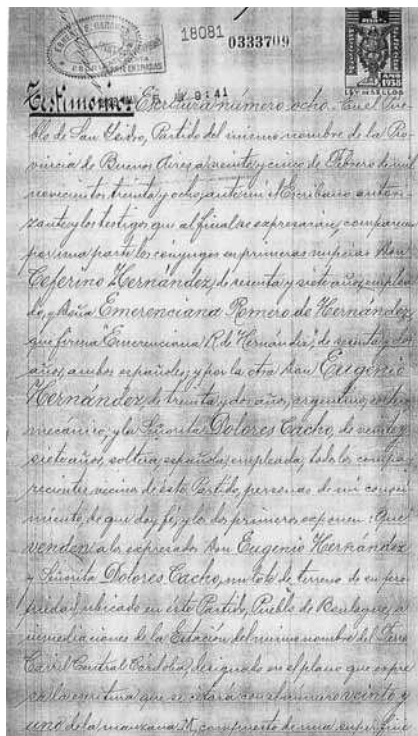
M emori a de l a Emi g rac i ón a r g e n t i n a desde R e p u b l i c a d e l a A r g e n t i n a





C ertific ado de def un c i ón de Eu g en i o H ern á n de z y Sera -  
f i n e ( 191 0 e s ) C a c h o ( 1938 ).

M emori a de la emi g rac i ón arg en t i n a desde rez n os (sori a)



Esc ri t u r a de v en t a en t re padres e h i j o ( año  
1938 ).

M i a b u e l o C e f e r i n o a l o s 88 años.



M i padre Eugenio Hernández a los 30 años de edad (año 1936).



M i padre Eugenio Hernández a los 66 años de edad (año 1972).



M i padre Eugenio a los 67 años de edad.



M i madre Serafina Dolores a los 82 años de edad (año 2002).



Ambrosio y su padre (del abuelo y del padre) en Boulogne-sur-Mer (año 1959).



Benjamín y Carmen disfrutando de las playas mediterráneas (España).



Florencia del relato al poco tiempo de haber nacido (30 de mayo de 1939).



M i shijos Julian y Federico en un su niñez .



El au tor del rel at o con su pareja de h ac e 10 años, M aría V irtus F ragoso F ern á n dez , n ac i da en San t i ag o de C ompost el a. F ot og raf í a tomada en l a m i sma dársen a del pu ert o de Bu en os A ires don de el l a l leg ara un 14 de marz o de 1959.



T ít u l o de operador de radi odi f u si ó n de D. A l - b ert o H ern á n dez ( 2 0 0 1).



T ít u l o de t é c n i c o en t e l e c o m u n i c a c i o n e s de D. A l b ert o H ern á n dez ( 1959).



El au tor a l os 68 años de edad (año 2 0 0 7).

M emoria de la emigración argentina desde R e z n os (Sori a)





# Memorias de un español del siglo

José Luis de Páramo Cerní

## -Segundo premio II-

*Maragato, maragato,  
que estás hecho de peral  
de las hijas de Desiderio  
eres hermano carnal.*

(Dicho popular)

### DEDICATORIA

A mi querida madre, andaluza, cecilia, nacida de mi ybuena cuna, y sufrida, que es un soporte para nosotros los empujados de la vida, sacrificando los mejores años de su juventud hasta morir en la plenitud de su existencia sin una sola palabra de queja. Mujer buena y santa, que es un escudo para la gracia de Dios.

### PRÓLOGO

Originalmente el ~~apalabras~~ ~~significa~~ ~~todo~~ ~~lo~~ ~~con~~ ~~trario~~ ~~a~~ ~~un~~ ~~Tu~~ ~~gar~~ ~~mon~~ ~~tañoso~~, es sinónimo de un allanura alta, se denominaba páramo a la meseta o terreno elevado, lugar frío y árido, en contraposición con regiones bajas, menos frías y más fértiles. Al pie de los montes denominados el Telenbifurcación de la cordillera Cantábrica Asturienense, se encuentran la Au gustano, cuyas ~~As~~ ~~trípica~~ ~~llego~~ ~~A~~ ~~storga~~, que en la actualidad forma parte de la provincia de León, transición entre el páramo leonés y las montañas asturianas.

Las primeras raíces del apelativo ~~Pú~~ ~~domo~~ se encuentran en las luchas de los fieros montañeros astures con los invasores romanos de la Legión V ~~II~~ ~~G~~ ~~emi~~ ~~n~~ ~~a~~

em en español del siglo XX

creada por Roma con hispanos, para luchar contra las fieras y si empre av  
 v ag u erri llas de los llamados asturiches (sic). Se remonta por los tanto a  
 pri meros siglos de la era cristiana, y a que la Legión V II, fue creada por C  
 el año 68, d.C., y dos años después en el 70, funda su asentamiento, en tr  
 ríos Bernesga y Torío, llamado Legión V. En la primera mitad del  
 siglo V III, comiencen las guerras de reconquista en territorio asturiano  
 lucense y Asturias y Galicia, toma parte activa, en la explotación de los  
 de la península Ibérica.

Con el tiempo se extiende por todo el territorio español y el recién de  
 cubierto continente americano, y su principal actividad la dedicaron  
 de las armas, así, en 1805, Antonio de Páramo González, capitán de A  
 de la Real Armada de España, toma parte en la batalla naval de Trafalgar.  
 Don Enrique de Páramo Costantini, coronel de Infantería, toma parte  
 guerras de Cuba en las Filipinas, donde fue herido y capturado.  
 mayor, Mariano de Páramo Rodán, mi padre, quien cuando huérfano de p  
 los siete años, fue comendante de Caballería, piloto aviator y obsequioso  
 G lobos, toma parte en la guerra de Marruecos, en la Guerra Civil española  
 en la Segunda Guerra mundial, en 1939. Contrae matrimonio con María  
 Cerní M ás, mi madre, natural de Ceuta, Marruecos español, el 19 de Septie  
 bre de 1919.

El apellido Cerní es de origen centroeuropeo, que se instaló en la pen  
 ínsula española, en fecha no determinada, en la región de Navarra, en el pueblo  
 de Dicastillo, a tres kilómetros de Arellano, donde nacieron y murieron  
 primeros Cerní españoles.

Don Beremundo Cerní fue capitán del Cuerpo de Carabineros que  
 en las Guerras Carlistas, en Navarra, movími en to político con servad  
 toma su nombre de un hijo de Carlos IV el emperador Ricardo Cerní  
 González fue alcaide de Ceuta de 1891 hasta 1895, mi tío abuelo Diego  
 Fortea fue alcaide de Ceuta de 1895 a 1897, y mi tío abuelo Francisco  
 González fue alcaide de Ceuta de 1897 a 1903. Durante los años finales  
 siglo XIX, en que fueron alcaldes de Ceuta los Cerní Fortea, la ciudad  
 que mediterránea alcanzó un alto nivel de desarrollo; se instaló al  
 se realizaban grandes transformaciones urbanísticas, se modernizó el puerto  
 el primer cuerpo de la Guardia Civil, se instaló la jurisdicción civil  
 nistración de justicia, se inició la construcción del Palacio del A  
 entre otras obras. Francisco Cerní González representó a los ceutíes en

<sup>1</sup> Rebeles independentistas filipinos a finales del siglo XIX. (N.E.)

<sup>2</sup> Fueron las guerras por la sucesión al trono español entre la hija de Fernán do  
 Isabel que reinaba, y su tío Carlos, hermano de Fernán do V II. (N.E.)

ronación de S.M.R. Alfonso XIII, el 17 de mayo de 1902. Los Cerón y don Diego Fortea formaron parte del comité de recepción de Alfonso XIII en su visita a la ciudad de Ceu ta.

## M I S P R I M E R O S A Ñ O S

Mediaba el año de 1924, en una España que todavía se recuperaba de las heridas de las guerras coloniales y mi padre que acababa de ascender a capitán fue destinado a la provincia de León, en La Bañeza, por lo que se mudó con esposa para la capital de la provincia. Para entonces, León es una ciudad queña, tranquila con una historia de más de diecinueve siglos, por allí los romanos y árabes y en esos momentos hacían esfuerzos por crecer y desarrollarse económicamente.

Mis padres decidieron quedarse en León, pues consideraron que me quedaría a luz a mediados de agosto, tendrían mejor asistencia médica en la capital, después de haber pasado en el último parto por una flebitis que le mantuvo por más de un año en silla de ruedas y por el fallecimiento de sus dos primeros hijos: Mario, que nacía en Segovia en el año de 1920 y falleció prematuramente el 14 de abril de 1922, Viernés Santo, a la edad de dieciocho meses en la ciudad de Tetuán, y Enrique que nacía y fallecía en Tetuán, de edad.

Mi padre vivía en La Bañeza durante la semana y pasaría los domingos en León. Sus estadías semanales en La Bañeza serían tranquilas, pues era un estirado vivía un matrimonio amigo, el compañero de papá en la aviación militar española, Capitán Aviador Juan de Pombor Ibarrá y el gran persona que se empleó en la empresa de mamá.

La provincia de León, sobre todo el partido judicial de Astorga, es tierra de origen de la familia materna de mi padre, mi bisabuelo nacía en Castre de Polvazares y mi bisabuela, abuela y mis dos hermanos menores nacían en Murias de Rechivaldo, tierras maragatas.

Como tal historia que cuando comencé a la reconquista de la Península Ibérica, por el año 770 rey don Alfonso II, en cuando entra en el territorio a muchos moros dedicados al pastoreo y a la agricultura, para darlos los otorgó tierras para que las poblaran y cultivaran. Posteriormente don Alfonso les permitió casarse con mujeres cristianas, lo que dio origen a la castamixtura de los gallegos y sarracenos, denominados maragatos, moros de montañas, donde moran aún hoy día, con sus costumbres, usos, trajes, música y bailes, tradiciones y multiplicares.

<sup>3</sup> Población es muy cercanas a Astorga, León. (N.E.).

A sí el 12 de agosto de 1924, nació, en esta antigüedad, en av en Padre Isla, nº 6, p̄so y residimos en ella hasta que el 28 de mayo de 1925, cuando mi padre es destinado a la guardería de Badajoz. Después nos mudamos a la ciudad de Valencia, en un edificio nuevo, frente al puerto, Muñel y calle La Libertad 6, principal derecha, donde el 26 de enero nací mi hermana, María del Perpetuo Socorro, cariñosamente llamada Enesaciudad y en esa misma dirección habíamos de vivir cuatro años, 1930, durante los cuales mi padre desempeña varias funciones en diversos sitios, al principio en el depósito de sementales, aras (sic) y remonta de la zapatera de Valencia y luego como profesor de la escuela de su oficina. En esta época por motivos oficiales entré en contacto con el central mío Miguel de Bonanza y Pascual del Pobol, familiar del ingeniero Francisco Bahamonde, hermano de Ramón Francisco quien acababa de conseguir su vuelo trasatlántico, Puerto de Palos-Buenos Aires, toda la vida para la época.

Durante los años 1928 y 1929, recuerdo una vida tranquila en la playa de Malvarrosa, cerca de la hospital de los Hermanos de San Juan. Dios. Para entonces mi padre estaba destinado en las escuelas del Sáh Español, en Río de Oro, en Cabo Juby y Villa Cisneros, plazas españolas desiertas del Sahara, en las costas del Atlántico, con una población nortriana que los saharíes, en gran parte, efectuando vuuelos diurnos y nocturnos al mismo tiempo como jefe de la Aduana y del Servicio de Paracaidas cuatro meses venía de permiso a visitar a Valencia donde permanecía por veintidías, el viaje era largo y parte del mismo lo realizaba en los aviones de la aerolínea francesa *Aesap ostale*. Durante esos años disfrutaba de buenos ingresos económicos, debido a encontrarse en un territorio lejano, con un clima muy cálido y en condiciones difíciles. Para el 14 de septiembre de 1929 nací mi hermana Tomás, en Murias de Rechivado, para su tercer curso estaríamos en Madrid, con la II República recién instaurada.

Los años en que mi padre estuvo destinado en el Sahara español y el resto de la familia vivíamos en Valencia los recuerdo como años tranquilos, mi madre amaba la labalacasa y los veranos los pasábamos en tierras maragatas en Murias de Rechivado, en la casa donde nacieron mis dos hermanos, un acasita situada a última de la calle principal, llegando a la del río, donde los domingos y días de fiesta los mozos y mozas del pueblo organizaban sus bailes típicos. Al otro lado de la calle, frente a la casa

<sup>4</sup> El primer salto paracaídas efectuado en España es en Enero de 1948, aunque existía el citado Servicio de Paracaidas en los años 30 y hay documentos anteriores a esta exhibición, como el que en 1935. (N.E.)

en c u en t r a l a c a s a s o l a r i e g a d e l o s R o l d á n , f a m i l i a m a t e r n a d e p a d r e , c o n s u s m á s d e t r e s c i e n t o s a ñ o s , e n d o n d e p a s a b a n l o s v e r a n o s m i a b u e l a y m i s t í o s a b u e l o s .

Esos v e r a n o s e r a n p a r a m í é p o c a s m u y a g r a d a b l e s , n o m e p e r d í a u n a t r i - l l a , m e e n c a n t a b a s u b i r m e a l a t a b l a d e t r i l l a r y d a r v u e l t a s t i r a d o p o r e l a n d e t r i l l a d o ( s i c ) , o e n l a h u e r t a d e l a c a s a d e m i a b u e l a c o m e r p e r a s y m a n z a n a a l g u n a s v e c e s a ú n v e r d e s , q u e n o m e h a c í a n b i e n , s u b i r a l o s á r b o l e s a g u i n d a s , r e c o g e r m o r a s o s i m p l e m e n t e c o r r e t e a r a l o s p o l l o s y g a l l i n a s p o r l a c a l l e . D e e s a é p o c a r e c u e r d o a m i p a d r e e n f r i a n d o l a s b o t e l l a s d e s i d r a , i n t r o - d u c i é n d o l a s e n u n c u b o , e n e l p o z o d e a g u a f r í a d e l c e n t r o d e l p a t i o .

En o c t u b r e 1930 p a p á r e g r e s a l a P e n í n s u l a e n l a f i n d e h a c e r c u r s o d e O b s e r v a d o r e s e l S e r v i c i o A e r o s t a c i ó n G u a d a l a j a r a y M a d r i d e s t o n o p e r m i t e a t o d a l a f a m i l i a p a s a r l a s n a v i d a d e s l a c a p i t a l . T e r m i n a l a c u r s o 13 d e d i c i e m b r e c o n c e d e r m i s o p a r a q u e d a r s e n l a P e n í n s u l a e n f e b r e d e 1931, l o q u e s e a p r o v e c h a p a r a h a c e r a m u d a n z a e n l a f i n i t i d e h a f a m i l i a p a r a M a d r i d . N o s i n s t a l a m o s u n p i s o e n l a c a l l e l f o n o s o X I I I 36, e n t r e s u e l e c o n h í a r e n t e p a r q u e e l R e t i r o , n o s e ñ o r i a l e d i f i c a c i ó n , a c i e n e s t o p u i d a n d o a b r í a m o s e r e s i d i p o r e s p a c i d e d o s a ñ o s .

## L A D É C A D A D E L O S T R E I N T A

I n s t a l a d a l a S e g u n d a R e p ú b l i c a s e e s t a b l e c e u n g o b i e r n o d e c e n t r o n u e l A z a ñ a e s n o m b r a d o m i n i s t r o d e G u e r r a R a s ó n F r a n c o e l h o m b r e i d e a l p a r a o r g a n i z a r l a a v i a c i ó n m i l i t a r y m o d e r n i z a r l a , y l e d e s i g n a r e c t o r d e A e r o n á u t i c a M i l i t a r , y e l 22 d e a b r i l a p a p á s e l e d e s t i n a c o m o s t a r i o d e l j e f e s u p e r i o r d e l a A e r o n á u t i c a M i l i t a r y p a r a e l m e s d e d i c i e m b r e n o m b r a d o a y u d a n t e d e l s u b s e c r e t a r i o d e A e r o n á u t i c a M i l i t a r e n e l M o d e r n i z a c i ó n d e G u e r r a . P o r e s e m o t i v o R a m ó n s e c o n v i e r t e e n u n f r e c u e n t e v i s i t a n t e a c a s a , c o n e l d e s a g r a d o d e m i m a d r e , q u e n o s i e n t e n i n g u n a s i m p a t í a p o r é l .

D o s a ñ o s d e s p u é s , a p r i n c i p i o s d e 1933, m i a b u e n a M a r í a , s e e n f e r m a g r a v e m e n t e d e m a l d e P a r k i n s o n , y m i p a d r e q u e s e n t í a v e r d a d e r a d e - v o c i ó n p o r s u m a d r e q u e i s o m u d a r s e p a r a e s t a r m á s c e r c a d e l l a y a p r o v e c h a l a o p o r t u n i d a d d e u n p i s o d e s o c u p a d o e n s u m i s m a c a l l e , S a n t a T e r e s a n ° 12 p r i n c i p a l d e r e c h a , f r e n t e p o r f r e n t e d o n d e e l l a v i v í a .

E r a u n p i s o v i e j o , s i n c a l e f a c c i ó n y q u e r e q u e r í a u r g e n t e s t r a b a j o d e r e f a c c i ó n p a r a p o d e r n o s i n s t a l a r e n é l . S i n e m b a r g o e r a u n p i s o m u y g r a n d e a m p l i a s h a b i t a c i o n e s y b a j o l a d i r e c c i ó n d e m i m a d r e , s u b u e n g u s t o b u e n o s m u e b l e s q u e p o s e í a m o s e l p i s o q u e d o p r o n t o e m p a p e l a d o , a l f o m b r a d o y a m u e b l a d o c o m o n u e v o , l i s t o p a r a q u e n o s i n s t a l á r a m o s e n é l y e n d o n o h a b í a m o s d e v i v i r a q u e l l a p e s a d i l l a d e l o s p r i m e r o s d í a s d e G u e r r a C i v i l e s p a ñ o l a .

En el verano de 1933, el 13 de agosto, nací mi hermano Ricardo, en Madrid, en las riberas de Rechevivaldo, y el 5 de septiembre resbautizado en la iglesia del pueblo para ese momento y bautizado con diez años cumplidos, y mis padres nos contaban que iban a mi hermano y a mí los padrinos de Ricardo, el hombre de mi abuelo materno. Recuerdo la celebración como algo muy especial, así como todo el pueblo. A las tres de la tarde salió la comitiva hacia la iglesia, papá con mamá a su lado, que llevaba un niño en brazos, vistiendo el fal del linfamiliar, detrás los padrinos, vestidos a la usanza maragata y los músicos. Llegar a la iglesia esperaban el cura, el alcalde y el maestro, y gran cantidad de personas del pueblo. Variados padrinos! La iglesia pequeña pero arreglada por mi madre, que incluso se ocupaba de regalar la mantelera del altar, las casullas y vestiduras litúrgicas del cura. A la salida de la ceremonia me abrazó mamá, con Ricardo en brazos y yolandando monedas al aire, al grito de: "¡setas, pesetas, padrino!", presidiendo la comitiva de regreso a casa, donde se celebró la fiesta, abundante en comida, dulces, almendras, garrapiñadas, tencadas y muchachis. Esa celebración fue memorable en el pueblo, día recordada por los que aún viven con gran cariño hacia don Mariano. Toda mi familia paterna de los Roldán Alonso y de los Salvadores Puentes se solía reunir en maragato.

En noviembre de 1933, papá se embarcaba en Sevilla en el "Navemar" con destino a Nueva York, en compañía del comandan te Ramón Franco, en misión oficial hacia México para agradecer al gobierno y a la aviación la ayuda y el esfuerzo realizados en la búsqueda de los aviadores españoles Barbrán y Collar, desaparecidos en el golfo de México en la última etapa de su travesía atlántica en el avión de fabricación española, el "Cuatro". Había la necesidad de demostrar a México lo que el gobierno y el pueblo español por la colaboración recibida de la aviación azteca que organizó gran movimiento de rescate durante varias semanas y en el que hubo ayuda de aviadores mejicanos. Durante la estadía en México fueron agasajados por las autoridades y a papá le impusieron las alas de la aviación y le concedieron el grado de oficial honorario de las Fuerzas Aéreas mexicanas. El viaje duró cuatro meses, regresando el mes de marzo de 1934, a bordo de un barco alemán, "Ni yasa", al puerto de Vigo.

Finalizando el mes de abril de 1934, viajamos a Sevilla con la finalidad de visitar a los tíos abuelos, Tomás Roldán Salvadores y su esposa Emilia Cordero, quienes venían de visita desde México. El tío Tomás había emigrado joven a México y vivió el resto de su vida en aquel país, donde luego también a su hermano José. Ambos hicieron fortuna en aquellos tiempos trabajando con aserraderos, molinos y fabricando artículos variados de metal como anillos etc. Durante la revolución mexicana estuvieron en peligro,

su s v i das, h ast a q u e v i e n e m e x i c a n a l o s e s c o n d i ó y s a l v ó. P o s t e r i o r m e n t e, e l t í o T o m á s s e c a s a c o n e l l a, E m i l i a C o b o, y J o s é c o n s u h e r m a n a, C o b o C o b o *Coq ue*.

A q u e l a j e n a v i ó f u e u n g r a r e x p e r i e n c i a p r i m e r v i a j e n a v i ó n . S a l i m o s d e l a e r o p u e r t d e C u a t r o i e n e n o s u n t r i m o t o r d e f o k e r a u n l á n e a a é r e a i n t e r n a v i d a o n a v i o n d e l e j é r c i t o p e r s o n a l m i l i t a r e l v i a j e u e m u y d i f í c i l o n t e l i n f a e r o z a l p a s a r s o b r e o s m o n t e s d e T o l e d o a v i ó n e s t r e m e c í a m a y m i s h e r m a n o s m a r e a r o n a t e r r i z a m o s e n l a e r o p u e r t o d e T a b l a d a, S e v i l l a. S a m o s u n s e m a n a e n S e v i l l a, i s i t a n l a d o i u d a l, p a r q u e M a r í a u i l l a c a l d e l a S i e r p e, s e n t a d o s n l a s t a s c a y l o s c a f é a l a i r e l i b r e o s c o r t i j a s d a l u g y e o s t a b l a s s v i l l a n E s t. u e l d e r e g r e s d u e m u c h o j o r, h a b í a u n l i m í t u a n c o m p a r a q u e a l v i ó n o n l o s d e h o y e n d í a, m e a s o m b r o 12 p a s a j e r o s e n c a b i e n a b i e n t e a s p i l o t o s d e s c u b i e r t o, u n v a e l o c i d a d 2 5 0 K m / h o r a s i d o s h o r a s d e v u e h o a s t S e v i l l a. a r a n í a l o s d í e z a ñ o s f u e u n g r a r a v e n t u r a p e r i e n c i a p a m e d e c í a q u e p a r a a q u e l h o m e n t o s u y o c o n i ñ o s d í a n d e c i r q u e h a b í a n i a j a d o a v i ó n .

E n o c t u b r e d e 1934 f u e d e c l a r a d a u n a h u e l g a r e v o l u c i o n a r i a e n A s t u r i a e n C a t a l u ñ a, y e l r e c i e n t e n o m b r a d o m i n i s t r o d e l a G u e r r a, e l s e ñ o r H i d a l g o d e s c o n f i a b a d e l E s t a d o M a y o r G e n e r a l y d e s u j e f e, e l g e n e r a l M a s q u e l a c i d e q u e F r a n c i s c o F r a n c o s e e n c a r g a r a d e c o o r d i n a r y d i r i g i r l a s o p e r a c i o n e s m i l i t a r e s e n e l n o r t e p a r a r e s t a b l e c e r e l o r d e n e n l a r e g i ó n a c o m o d i e r a l u g a r a

E l g e n e r a l F r a n c o, q u e d e s c o n f í a d e a l g u n a s u n i d a d e s d e l e j é r c i t o y q u e s e p u e d a n s u m a r a l o s r e v o l u c i o n a r i o s, d e c i d e t r a e r a l a P e n i n s u l a d e M a r r u e c o s v a r i a s u n i d a d e s d e T a m b o r e s d e R e g u l a r e s I n d í g e n a s y d e l T e r c e r o L o p r i m e r o q u e h a c e e s d e s t i t u i r a l j e f e d e l a b a s e a é r e a d e L e ó n, y i r g e n C a m i n o, a s u p r i m o h e r m a n o R i c a r d o d e l a P u e n t e B a h a m o n d e y s o m e t e a j u r a c i o m i l i t a r a v a r i o s o f i c i a l e s d e l a e r o p u e r t o m i l i t a r, p o r n e g a r s e a b o m b a r d e a r e l r e g i o n e s n o m i l i t a r e s d e l n o r t e d e L e ó n, e n t r e e l l o s a m i p a d r e.

M i p a d r e n o p o d í a n d i f e r e n t e q u e l a s t i e r r a s a s t u r i a n a s f u e r a n p i s o t e a d a s d e n u e v o p o r t r o p a s m o r a s, d o n d e v a r i o s m i l e s d e c i v i l e s m u e r t o s y m i l i t a r e s h e r i d o s, e r a e l r e s u l t a d o d e u n a b r u t a l r e p r e s i ó n . A q u e l l a s t i e r r a s h o m b r e s l i b r e s y a g u e r r i d o s, q u e e n l a p r i m e r a m i t a d d e l s i g l o V I I I c o m i e n t a l a g u e r r a d e g u e r r i l l a s p a r a l a r e c o n q u i s t a d e a q u e l l o s m o n t e s a s t u r i e n t e l u c e n s e s, e n c u y a s l u c h a s t o m a r o n p a r t e a c t i v a n u e s t r o s a n t e p a s a d o s, n o d e e s a s r e g i o n e s a s t u r i a n a s, l i m í t r o f e s c o n L u g o y L ó n a y o l a g u e r r i d o y c a u d i l l o d e l a s h u e s t e s a s t u r e s e l “A s t u r i c h e d e l P á r a m o” c o m o l l a m a b a n m o r o s a B e l l i d o P á r a m o, n a t i v o d e l l u g a r d e l a F o c e l l a, p a r t i d o j u d i c i a l d e B e l m o n t e, p r o v i n c i a d e O v i e d o, A s t u r i a s.

P a p á e s t r a í d o a M a d r i d y e s i n t e r n a d o e n p r i s i o n e s m i l i t a r e s j u n t o a o t r o s o f i c i a l e s q u e s e e n c o n t r a b a n e n l a s m i s m a s c o n d i c i o n e s, e n t r e e l l o s a l g



de la Guardia Civil. Hasta que fue sometido a consejo de guerra, abren-  
tegrado al ejército. A los unos meses después se le concedió la medalla  
trascendente, por los servicios prestados en Asturias. Después de estos ac-  
tecimientos es el general Francisco Franco quien se encuentra en  
porque se le exigen responsabilidades por la brutal represión en Asturias  
por haber enviado a los moros al cuartel de los asturianos, causando  
mil millones de muertos y heridos.

Mi familia nunca me informó de que mi padre estuviera en prisión  
tareas, se me decía que estaba destinado en el aeropuerto de León, sin embar-  
no dejaba de extrañarme, que los miércoles en la tarde, don Julio de la Ci-  
gran amigo de papá, buscara a mamá quien salía con una maleta y con  
para enviársela a mi padre.

Los acontecimientos de Asturias y Cataluña despertaron en el pueblo  
fuerza y malestar por la fuerte represión asturiana causada por el empleo de la  
Legión y de las fuerzas moras traídas de Marruecos. El 3º Tercio de Infa-  
ría Mora de Ceuta, la 1ª, 2ª y 3ª Bandas del Tercio de Ceuta, y el 2º T-  
de Larache fueron enviados al mando del Coronel Yagüe, además de  
mil millones de la Guardia Civil. En total unos veinte mil hombres fueron  
en Asturias.

Desde los comienzos del año 1936 se respiraba en el ambiente de  
agitación y aun que mis padres eran muy discretos en sus comentarios,  
se oían noticias sobre los acontecimientos diarios que a las claras decían  
situación política era muy grave, claro que a mis once años, poco im-  
le concedía esas cosas, para mi vida se desenvolvía dentro de la normal-  
dad de la casa al colegio y viceversa.

Presente mi examen de ingreso en el bachillerato en el Instituto  
tes y después de prepararme en el Colegio Hispano Inglés, en la calle S-  
Teresa, presenté el primer año de bachillerato en junio de 1936, en el Inst-  
Cardenal Cisneros.

Un día me encuentro a mi padre conversando con una dama con el ge-  
neral José Mija Mena, quien nos acompañó hasta la casa. En el pl-  
algunos meses mi padre sería nombrado ayudante del general.

Mi padre hacía unos meses que había regresado de su segundo via-  
Estados Unidos. En agosto de 1935, Ramón Franco fue nombrado Agente  
militar en la Embajada de España en Washington y papá es enviado en  
oficial para que con el recién nombrado agregado negociara con la G-  
Marfil la adquisición de aviones prototipos, con el fin de poder ser fabricados  
en España. Se embarcan en Gibraltar en el trasatlántico "Conde de Sab-

<sup>5</sup> El autor se refiere a la Gleen L. Martin Company, fundada en 1912. (N.E.)

al lleg a N ew York son in v itados por di stin tas in du st ri as aeron áu tic as a vi si tar las gran des fá b ric as de av i on es. Tamb ién asi st ieron a man i ob ras mi li t a r y est o les permi t e con oc er a i mport an tes h omb res de empresas y dest ac adas person ali dades de la v i da mi li t ar, en tre el los al g en eral M c A rth u r y a di re de la n ac i en te av i ac i ó n c i v il ameri c an a. En en ero de 1936, reg resa a G i b en el mi sm o b arc o, con el fin de reali zar el c u rso de c api tan es, para el asc en a c oman dan te, q u e y a le c orrespon día por an t i g üedad.

M i en t rast an t o la v i da se desen v ol v ían ormal men te para t o da la fami li a. domi n g o 30 de ab ril, despu és de oír mi sa de 12 en la i g lesi a de las C al at rav as fu i mos a al morzar en la t erra ~~al balm~~ en la c alle de A l c al á, al pasar fren te a las ofic in as de W ag on -L i t s C ook , de repen te mi padre di c e: “P or n o n os v amos est a n oc h e a B arc el on a” y mi en t ras n os preparab an un a pael mi padre c ompra los b illet es del tren ex preso de las 2 1:30 h oras.

Esa n oc h e, an tes de part ir, se presen t ó el coron el A n t on i o C amac h o, del aeropu ert o de G et af e y le pi di ó a mi padre q u e b aj ara a h ab l ar con él, a c ab o de un os di ez mi n u t os mi padre su b e con semb lan te preoc upado, lu eg pi mos q u e esa n oc h e se esperab a un al z ami en t o mi li t ar y se h ab ía ac u art e la t ropa, se su spen di eron permi sos y se reu ni ó a los ofic iales de c on fian za. Si n emb arg o, a papá se le permi t i ó reali zar el v i aj e y así aman ec i mos en B arc el on a el día pri mero de may o, con la c i u dad paral iz ada por ser el día in t ern ac i on al del t rab aj ador. P asamos al líc in c o días y el 3 de may o c el eb ramos el c u aren t y t res c u mpl e años de mi padre, en un gran h ot el de pl ay a rec i én un au g u en Si t g es, don de est ab a h ospedada G ret a G arb o, q u i en al morz ó en un a c erc an a a la n u est ra.

Un mes y medi o despu és est al laría el al z ami en t o ~~yo mi h ier~~ naz aría la G u erra C i v il españ ol a. Est as serían las úl t i mas v ac ac i on es q u e pasaríamos t o dos j un t os en n u ev el arg os años.

En los pri meros días del mes de j un i o pasa por M adri d el c u ñado de mi madre, c oman dan te de In fan t ería J u l i o In g un za, q u i en reg resab a de u a M arru ec os, y h ac e un al t o en la c apital en su v i aj e a San Seb ast i án z an do en c asa con v en c e a mi s padres para q u e mi h erman a se fu era con él n ort e, de esa forma mi madre n o t en dría más remedi o q u e v i aj ar a rec og er la y en c on t rarse con su h erman a El en a, a la c u al n o v eía desde h ac ía di ec i años. Est a sería la úl t i ~~ma~~ q u e lo v eríamos, y a q u e mu ri ó lu c h an do en el fren te del n ort e, al lado de las fu erz as fran q u i st as, dej an do a su esposa v i u con dos h i j os peq u eños.

<sup>6</sup> El al z ami en t o, el g ol pe de Est ado, fu e el 18 de J u l i o, es dec ir, dos meses y medi o despu és de los h ec h os n arrados. (N.E.)

A sí que edala familia separada, nosotros del lado del gobiernoen Madrid mi hermanadenueve años en laotrazón, en un sector de encarnizadas por ser puertafronteriza con Francia y aqueaFrancia le interesaba abrir a la comu nicación con Europa.

Todos estos acontecimientos abrieron en mí, una serie de interrogantes que en uncahepodí de descifrar y alasque ecreo jamás podré encontrar clarificaciónes adecuadas.

Finalizando el año de 1936, mi padre es ascendido a comandante, de acuerdo a su antigüedad y méritos militares obtenidos. Se le nombra en el Estado Mayor del Aire con la recién creada Junta de Defensa de Madrid presidida por el General Miaja y poco tiempo después es designado ayudante de estado general.

Cuatro meses de guerra civil hacían de Madrid unaciu dad peligra con tropas de Francia al mando del general Varela y del general Moscardó, robliberado del asediado Alcázar de Toledo, se acercaban a la capital con de sitiara con hambre (sic), con corteses de luz y agua para así poder tomar. Por esta razón mi padre y el coronel Antonio Camacho decidieron que emás seguro en aque los momentos eran las costas levantas, con cretamente pu eb lito de la provincia de Murcia, donde aún se respiraba paz y tranquilidad en una España su mida en unaterrible guerra, donde las gran des potencias Alemania, Italia, Rusia y otras muchas más, hacían su agostovendit erial bélico, que de paso probaban , para luego ser utilizado en lo que Gran Guerra europea.

Un día de la segunda quincena del mes de octubre mi padre le dice a madre que a las diez de la mañana del día siguiente iremos todos hacila R iv era del Mar Menor junto con la familia del coronel Antonio M i madre protestó diciendoque en pocas horas era imposible alistarse para un viaje que nos sabía que a ntotiempo duraría, pero papáaducía que la forma de garantizar la seguridad era salir de la capital, cuy a defenestaba preparando y lacual iba a ser muy encarnizada y larga, según el senten cia republicana de “No Mas armá se rompía la cab ez a pensando y hacien do preguntas, que se hacían con el personal de servicio que de ocho años con nosotros y los muchachos, pero sobre todo que iba a ser de hermanaque quien continuaba en el País Vasco.

Como estaba previsto, a la mañana siguiente iremos en unacaravande cinco automóviles, en el primero la familia del coronel Camacho, segundo nosotros, en el tercero el personal de servicio, el cuarto de escolay el quinto un camión con el equipaje. Aque l viaje dejó en imborrables, salimos a media mañana y llegamos en trada ya unanocher

<sup>7</sup> Eslogan de la defensa del Madrid republicano en 1936 (N.E.).

Memorias de un español del siglo XX

osc u ra, si n l u c es, pu es en l os al rededores h ab ía dos i mport an tes b ases aéreas. mu y c an sados y c on h amb re. Du ran t e todo el c ami n o y c ada poc os k il óm et en íamos q u e parar para most rar l os sal v oc on du ct os, q u e eran rev isados por mi l i c i an os de di v ersas org an iz ac i on es pol ít ic as q u e n os mi rab an c omo ex traños y sospec h osos, pero además c on si tu ac i on es q u e me ll amab an po derosamen t e la at en c i ó n , c omo en u n ~~ndale de la gl ari ta~~ era u n c on - fesi on ari o sac ado de al g u n a i g lesi a y al lado u n a i mag en de J esús at ado a c ol u mn a. A q u ello me c au sab a u n t emor q u e a mi s on c e años me espan t ab a c h oc ab a c on mi s c reen c i as reli g i osas; h ac ía sól o u n año q u e mi h erman h ab íamos h ec h o la pri mera c omu ni ó n .

Nos i n st al amos en u n a c asa fren t e a la pl ay a separada de la mi sma por u n a c arreta: la fami lia del c oron el C amac h o, su esposa y dos h i jos, A n t o n y C arlos, en la pl an t a b aja, y n os ot ros en el pri mer pi so; det rás de la c asa u n g ran terren o, ll en o de árb ol es, el l u g ar perf ec t o para j u g ar. Desde el b al c ón pri mer pi so di s fr u t áb amos de u n a fan t ást ic a vi sta del mar M en or y la M ed i t er r á n e o q u e l o u n e al mar M ed i t er r á n e o, l u g ar pref eri do por mi madre para t omar el sol en las mañan as. C omen z amos u n a vi da di st i n t a a la q u e h ac íamos en M a s i empre en c errados en el pi so, formamos u n g ru po de sei s mu c h ac h os, en t r o n os ot ros y los h i jos de ofic i ales de la b ase aérea, q u e pedal eáb amos en b i c i c l et a t odo el día y en el v eran o n os b añáb amos en la pl ay a.

A los poc os días de l l eg ar c oron el C amac h o mi padre v i n i eron i si t arn os asan d o p o c a s h oras c om os ot ros mi madre les di j o q u e le assi ren as son ab an on t i n u a m e n u t a c i a h a d o a a é r e a y e n t o n c a e s o r d a r o n c o n s t r u i e n e l t e r r e n o p o s t e r i o r d e l a c a s a u n p e q u e ñ o f u g a n t i a é r e a . E l j e f e d e l a b a s e a é r e a m a n d ó l o s h o m b r e s p r e p a r a r o n u n z a n j e a d o s m e t r o s d e p r o f u n d i d a d c i n d e d a r g o t r e s d e a n c h o a c u b r i e r o n s a c o s e r r e r o s y c o l o c a r o n n e a c a l e r d e m a d e r a p a r a d e s c e n d e r e n s u i n t e r i o r o l o c a r b a n c o s l u y t e l é f o n o . E n v a r i a s p o r t u n i d a d a s a m o s l a n o c h e e s e r e f u g i o .

El j e f e de la b ase n os v i s i t a b a d i a r i a m e n t e p a r a i n f o r m a r s e d e n u e s t r a s n e c e s i d a d e s , p e r s o n a a m a b l e y e d u c a d a , m i l i t a r p r o f e s i o n a l d e l e u r p o d e a v i a c i ó n , c a s a d o c o n u n a i t a l i a n a d e d i s t i n g u i d a f a m i l i a r o m a n a p r o p i e t a r i a d e i m p o r t a n t e s m e d i o s d e c o m u n i c a c i ó n . E l l a p a s a b a t o d o s l o s d í a s f r e n t e a l a c a s a c o n d u c i e n d o u n p e q u e ñ o a u t o m ó v i l a a l t a v e l o c i d a d . S u a p a r i e n o s l l a m a b a l a a t e n c i ó n ; s i e m p r e e n p a n t a l o n e s , c a b e l l o m u y c o r t o y e n m o m e n t o c o n u n c i g a r r i l l o e n l a b o c a . C o s t a b a t r a b a j o d i s t i n g u i r d e e r a m u j e r o h o m b r e ; s e d e c í a q u e e r a u n a d e l a s p r i m e r a s m u j e r e s p i l o t o s d e a v i a c i ó n c i v i l , h a s t a q u e u n d í a d e j a m o s d e v e r l a : s e c o m e n t a b a q u e s e p a s a d o a l a z o n a f r a n q u i s t a e n c a l i d a d d e c o r r e s p o n s a l d e g u e r r a . E s t a s i t u a c i ó n l e c a u s ó d a ñ o a l a p o s i c i ó n d e s u e s p o s o c o m o m i l i t a r c o n s t i t u c i o n a l

<sup>8</sup> P u e s t o d e p o l i c í a e n l a e n t r a d a y s a l i d a d e l a s c i u d a d e s . ( N . E . ) .

En este lugar vivimos durante año y medio, tranquilos y distantes frente de guerra, a pesar de que mi madre estaba siempre preocupada por mi hermano de la que en otros días de recias desde hacía más de un año.

Un día de los meses de primavera, cercano al verano, empezaron a sonar las sirenas de la alarma aérea, ~~estaba~~ de verdad, pues éramos pasar las escuadrillas de aviación italianas, y aunque en obombardaron la base de San Javier, se dirigieron al cercano abase de los Alcázares, donde estaban las escuadrillas de los hidroaviones Dornier y cerca de la base naval de Cartagena. La más importante que en España en el Mediterráneo.

Sonó el teléfono de la casa y el coronel en jefe del aeropuerto de San Javier nos informó de intentos de desembarco de tropas italianas en tres Alcázares y Cartagena, y que en esos momentos fuéramos en el refugio o cubos apagados. Nos prometió avisarnos en caso de peligro.

Trataban de crear una cabecera (sic) de playa cercano a la base de Cartagena para así interrumpir el uso del importante puerto por donde se recibían los cargamentos de material de guerra con destino al ejército republicano, además garantizar el dominio del Mediterráneo. Desde el principio de la Guerra Civil española había sido una meta de la armada de Franco, la gran navegación hacia y desde Melilla, y desde el estrecho de Gibraltar. Durante toda la tarde y el comienzo de la noche durola la alarma aérea, escuadrillas de bombas las explosiones de las baterías anti aéreas y los cañones de las defensas costeras, pues unas lanzas rápidas de fabricación alemana habían intentado entrar al Mar Menor, a través de la Manga que la une al Mediterráneo.

Como a la una de la madrugada el coronel nos instó a abandonar la casa y salir del pueblo de inmediato, en viándonos tres vehículos para salir tranquilamente hacia Murcia. En breve partimos hacia el interior de la provincia aljándonos de las costas bombardeadas por cruceros, con las luces de los automóviles apagadas, mi hermano Ricardo llorando y mi hermano Tomás con fiebre, tratamos por carreras solitarias, oscuras y desconocidas. Cabodena hora, en una alcabala un teniente nos informó que nos continuáramos en ruta debido a que estaba reservada para convoyes militares y tropas de refuerzo. El capitán que nos acompañaba trató de convencernos al teniente el cual nos indicó que nos recomendará que pasemos la noche en un granja aljauellos hurtados murcianos nos recibieron con su amabilidad cariñosa y trataron de acomodarnos lo mejor posible; dormí el resto de la noche sobre un saco de manzanas o patatas, vencido por el cansancio.

A la mañana siguiente en tren continuamos el trayecto hacia Murcia, como nunca como mi padre el cual nos informó que las tropas de desembarco habían sido rechazadas y que podíamos regresar a la casa.

Papá nos visitaba todos los meses y pasaba en casa uno o dos días, pero se comunicaba con nosotros diariamente con tanto dolor a su esposa los acontecimientos ocurridos durante el día.

El Papá había recomendado a todos los españoles rezar el rosario, lo cual equivalía a oír la Santa Misa, así todos los domingos nos reuníamos las dos familias a rezar el rosario en la sala, lo cual tenía dos ventajas con sus condiciones de contravenidas exteriores, las cuales se cerraban para la ocasión. En una visita del jefe de la base le dije a mi madre que heaydenuncias de allí se reunían a rezar, al cual mi madre asiente, la denuncian había sido por dos milicianos que estaban de descanso en el pueblo. Mi padre instó a mamá a no preocuparse y a la semana siguiente en los dos milicianos habían regresado a la compañía al cual pertenecían. Estos hechos nos dan una idea de lo que se vivió durante esos años.

La preocupación constante de mis padres era la situación de mi hermano lejoso del hogar y la forma de recuperarla. A finales de 1937, un amigo de mi padre había conseguido para salir de España hacia Francia con su familia, arquitecto Vaamonde, poniéndose en contacto con él, le propone, que es mi hermano a hacerle pasar por su hijo y que se le entregue al embajador de España en París, el cual se encargaría de traerlo hasta nosotros. Así sucedió y en diez días la teníamos con nosotros luego de un año y seis meses de separación.

Durante el tiempo que pasamos en la ribera del Mar Menor y Oleis, el papá de ira Madrid a visitar a su hermano, mi tía Ketty, el viaje era arriesgado viajando de noche para entrar en la capital antes del amanecer, atreviéndose a cercodelaciudadpor un corredor, con las luces apagadas, que podía estar bajo fuego de la artillería enemiga.

Durante mi estancia en Madrid pude observar que la vida en la capital estaba disminuyendo en forma tranquila a pesar de los acontecimientos y detenerlas líneas de frente en algunos barrios de la periferia.

Durante uno de mis viajes a Madrid mi familia decidió mudarse para Valencia, así cuando regresó a la ciudad mediterránea, donde mi familia encuenstrainstalada en un piso de la calle Cirilo Amorós, nº 29, en tres cuerdas, donde me reúno con mi hermano, al cual encuentro muy cambiado con un corte de pelo muy moderno, realizado en París y ropa que le había comprado la embajadora de España en Francia.

Vivimos en Valencia aproximadamente un año, hasta enero de 1939. Durante este año las visitas de mi padre eran regulares, como acostumbra, y los fines de semana los pasábamos en la casa de una familia amiga en El Vedat, a pocos kilómetros de la ciudad, un sitio tranquilo donde se vivía la paz y campo y donde solíamos recoger caracoles para prepararlos al ajillo. También íbamos frecuentemente a comer a la huerta valenciana, en latípica barraca con unos huertanos amigos, saliendo de la ciudad por la carretera de Encorch, c

c an a al h orn o de San J u an , en medi o de n aran j al es, y en el su el o, c on de l eña preparab an l a c l á s i c a p a e l l a .

Est e ami g o era el au tén t i c o v al en c i an o de los c ampos arroce ros de l a r g i ó n , c ampec h an o y espl én di do. Nos preparab a l a c omi da fren te a su g b arrac a y l u eg o dec í a: “Don M ari o, mat amos u n os pic h on c i t os”, u n q u e parec í a sac ada de al g u n an ov el a de Don V ic en te Bl asc o Ib áñez . Est t an o se h ab í a c ri ado en l a A l bu f era, don de era el más adi n erado de t odos. O espec i al i dad c u l i n ari a del ami g o eran l as an g u i l as g u i sadas, pesc adas ri n c on es del l ag o al bu f eran o.

Un domi n g eol amañan aempez aroa son a f asal armas, l u eg o u n a m á y mi sh erman a s ab í a p a r t i d o a c E l V e d a y e s p e r a b a p a r t i c o m i p a d r e en ot roc oc h d e, pron t son ú n fau e r t e x p l o s i ó n m i p a d r e m e t i r á l su el o y é l j u n a m í, u n b a omb h a ab í a a f d e n l a c e r c a r e s a a c i ó n e l f e r r o c a r r i y l a l o s p o c o s m i n u t e s u c h a m o s a q u i e m p a c t e n e l m e r c a d o p r i n c i p a l o t r a m á s c e r c a d e l a p l a z a d e t o r o s . E r a n l a s e s c u a d r i l l a t a l i a n q u a s s a l í a n d e l a s B a l e a r e s y b o m b a r d e a b a n d o s l o s p u e r t o s d e l M e d i t e r r á n B a r c e l o n a , V a l e n c í a d i c a n l t l e g a b l a m a s t C a r t a g e n a a q u e b o m b a r d e o a l e n c i a n o l o e f e c t u a r o n h i d r o a v i o n r e s m o t o r e s A N O 6 d e f a b r i c a c i ó n h i a n a .

Un a m a d r u g a d a d e l m e s d e o c t u b r e , l l a m a n a l a p u e r t a y m a m á a l a b r i e n c u e n t r a q u e a s u e s p o s o l o t r a e n d o s o f i c i a l e s , é l a p e n a s s e s o s t e n í a e n p h a b í a s i d o h e r i d o e n l a c a b e z a j u n t o c o n u n g e n e r a l d e l a G u a r d i a e s t a b a c o n é l y u n a p e r s o n a d e l a e s c o l t a q u e m u r i ó . M a m á q u e e s t a b a r a z a d a p e r d i ó l a c r i a t u r a c o n e l s u s t o y p a p á p a s ó u n m e s e n r e c u p e r a c i ó n h e r i d a s c i c a t r i z a r o n m u y b i e n , n o a s í l a s d e l g e n e r a l , h e r i d o e n l a s d o s y q u e m e s e s d e s p u é s f u e f u s i l a d o , c u a n d o t e r m i n ó l a g u e r r a , s e n t a d o c s i l l a d e r u e ñ a s

A s í f i n a l i z a e l a ñ o d e 1938 y e n e l m e s d e e n e r o , p a p á v i e n d o e l g i r o q u e t o m a n l o s a c o n t e c i m i e n t o s , d e c i d e q u e l o m e j o r e s r e g r e s a r a M a d r i d , a e s p l o q u e y a s e v e í a v e n i r , e l f i n d e l a g u e r r a . N u e s t r o r e g r e s o a l a c a p i t a l e s r o d e a d o d e u n a s e r i e d e a c o n t e c i m i e n t o s q u e s i n d u d a e r a n e l p r e l u d i o d e l f i n a l d e a q u e l l a g u e r r a c i v i l , q u e d e s p u é s d e c a s i t r e s a ñ o s y d e m á s d e u l l ó n d e m u e r t o s , t o c a b a a s u f i n .

E n l o s p r i m e r o s d í a s d e l a ñ o 1939 e l g e n e r a l ( s i c ) C <sup>1</sup> u s a d o g e n e r a l M i a j a c o n l a s f u e r z a s m i l i t a r e s d e l C e n t r o y l a s d e l L e v a n t e s e e n f r e

<sup>9</sup> P o d r í a r e f e r i r s e a l g e n e r a l d e l a G u a r d i a C i v i l J o s é A r a n g u e n R o l d á n ( L 1875, B a r c e l o n a 2 2 d e a b r i l d e 1939) f u s i l a d o p o r m a n t e n e r s e f i e l a l a R e p ú b l i c a . D e s m a y o d e 1937 h a s t a e l f i n a l d e l a G u e r r a , f u e c o m a n d a n t e m i l i t a r d e V a l e n c í a . ( N . E . )

<sup>10</sup> E l g o l p e d e l c o r o n e l S e g i s m u n d o C a s a d o f u e e n m a r z o d e 1939, n o e n l o s p r i m e r o s d í a s d e l a ñ o c o m o d i c e e l a u t o r . ( N . E . )

<sup>11</sup> C a s a d o e r a c o r o n e l y n o g e n e r a l . ( N . E . )

división es de tenencia extrema y empieza una lucha interna en república, que dura una semana y termina con la derrota de las fuerzas lealtistas que pierda. El general, sus dos ayudantes y el secretario, el capitán Pérez, desde los sótanos del Ministerio de Hacienda, en la madrileña calle de Alcalá, dirigen la lucha en las calles de Madrid, al séptimo día, bajo un tiroteo atarvés de la ciudad hasta la Alameda de Osuna y desde allí junto al general Casado terminan con los focos extremistas que quedaban.

Recuerdo las tropas del general Casado patrullando las solitarias calles con brazalete que los distinguía de las tropas contrarias. Esa semana no vi a papá, que en llamaba brevemente en las noches para solo decir "estoy bien". Cuando terminó esta lucha interna, papá empieza a venir diariamente a para cambiarse de uniforme y pasar un ratoncito.

El mes de febrero transcurre sin acontecimientos importantes, dentro de una tenebrosa calma, los cambios de la ciudad casi habrían cesado y los espectáculos públicos como cines y teatros se realizaban con normalidad, el ambiente de alimentos era regular dentro de la gran escasez que había de todo.

Lo que quedaba de la Península como zona republicana era muy pequeña, la mayor parte estaba ocupada por las tropas del ejército de Franco, bajo el Gobierno del Jefe del Estado que, desde Burgos, se preparaba para el resto de la república sin condiciones. Las provincias de Valencia, Murcia y algunos sectores del centro, era lo que quedaba de república. La capital, Madrid, sitiada y sin gobierno, pues cuando el cerco este se mudó para Barcelona cuando estaba ocupada por el ejército franquista, se refugió en Francia y no regresaron. Prácticamente el Mijaíl Menéndez, el militar de más antigüedad y alta graduación era quien la zona, acompañado por los militares que quedaban del ejército, como el distinguido militar profesional al general (sic) Casado.

## EL 28 DE MARZO DE 1939

El día de San José ha sido en mi familia una fiesta que se celebró de forma muy especial y en 1939 presentamos que en mucho tiempo, en varios años no podríamos estar todos reunidos para celebrarla tan señaladamente, por eso mi padre puso empeño muy particular en el almuerzo de los otros, cosa que en hacían desde varios meses atrás, pues la guerra lo mantenía ocupado, un as de en las oficinas del viejo edificio del Ministerio de Hacienda, en la calle de Alcalá, otras en el palacete de la Alameda del Duque de Osuna, más allá de las Ventas, donde camuflado por la frondosidad del parque fue a el Est.

<sup>12</sup> El gobierno de la República abandonó Madrid en noviembre de 1936, ante el avance de las fuerzas franquistas. (N.E.).



Muy or de la Defensa de Madrid en cuando que era de los dos retiros que en el general para su descanso, en la villa "Mirincito" o en el calle General Narváez, nº 24 y alguna que otra vez, en las oficinas de la Presidencia de Gobierno, ubicado en el Paseo de la Castellana.

Ese 19 de marzo llegó para almorzar y pasó con nosotros un astros horas, en las cuales trató de no demostrar preocupación, utilizando su proverbial humor. Almorzamos un menú que preparó mamá, haciendo gala de veracidad habilitada, con lo poco que se disponía aquellos difíciles días de escasez.

Los postres mi padre sacó un asistente mil pesetas que repartió entre nosotros, en la segunda reunión que pronto nos servirían de nada. Durante la sobremesa, mis padres aprobaron para habilitar en privado; nunca a su pesar que habilitaron pero mi madre, que se empleó en una mujer muy valiente demostró durante los seis años siguientes, desde ese momento se mostró reservada y callada.

Por último se cambió un informe despidiendo a los otros que quedaban en el ambiente impreso de que al estar próximo su cese. Desde el momento en que me di cuenta de que me despedían me fui a unirse a mi madre y a los otros que quedaban en el ambiente impreso de que al estar próximo su cese. Desde el momento en que me di cuenta de que me despedían me fui a unirse a mi madre y a los otros que quedaban en el ambiente impreso de que al estar próximo su cese.

Aquel día 28 era soleada, así primeramente, luego se ha despojado de sus abrigos, y los pocas peatonales que cruzaban la calle miraban al agitado por aquel regalo que en los días anteriores, en un instante aún no había terminado, en medio de aquella terrible guerra.

La noche anterior mi padre nos había telefonado, como había reglamentado desde la última vez que lo habíamos visto, había llamado largo rato con mi madre y nos saludó cada uno de nosotros, pero no dijo donde se encontraba. Se limitó a decir que el general y ellos, los ayudantes, estaban bien. Su propósito en los días siguientes llamado desde un pequeño local o a Alicante, o habrían de despegar desde la playa de San Juan en una avioneta sobrecarga de pasajeros y con la gasolina ajustada para alcanzar su destino, Orán. El siguiente día esa noche como "La noche triste"

A media mañana me dispuse a ir hasta el mercado de Olavide para retirar los dos kilos de carne que por semana nos correspondían, por ser familia de combatiente. Tomé los cupones de almacén y me dispuse a acudir con aquella tarea que no me desagradaba demasiado, puesto que a mis cuarenta años me permitía escapar del encierro forzoso al que estábamos sometidos en un aciudadada, cañoneada frecuentemente.

<sup>13</sup> Los protagonistas del relato, ante su derrota y huida, hacen un paralelismo con "Noche triste" en la que Hernán Cortés, junio de 1520, tuvo que abandonar a la azteca y huir apresuradamente. (N.E.).

Despu és de h ab er rec og i do el paq u et e de c arn e, tome el tran v ía de reg reso y de pi e en la pl at af orma t raser a, mi s oj os se ab rieron asomb rados al ob serv ar q u e en alg u n os b alc on es empez ab a a aparec er la b an dera b ic ol or, roj a y a lla, y al lado ot ran eg ray roj a, para mi aún desc on oc ida. L os demás oc upan t del tran v ía est ab an t an sorpren di dos c omo y oy si alg u n o de l los si mpat iz c on aq u ell a si tu ac i ón n o se at rev ía a man if est ar lo, por ese t emor q u e la g u h ab ía semb rado en t odos los españ ol es de u n o y ot ro b an do. A medi da q u e pasab an los mi n u tos, la g en te empez ab a a asomarse en las v en tan as y b al n es y aparec ían en las c alles alg u n os au tomóvil es emb an derados c on perso q u e g rita b an c on “Viv e España”, “A rri b a España”, “F ran c o” y alg u n as ot ras más.

C u an dol leg u é a mi parada desc en dí del tran v ía en u n ac i u dad q u e c o z ab a a despert ar a u n a real idad. Ese día 2 8 de marz o de 1939, a las on c e de la mañan a, M adri d h ab ía empez ado a ser oc upada por las tropas de F ran c o, si n q u e se opu si era resi st en c ia alg u n a. A paso lig ero rec orrí la di st an c ia q u e separab a de mi c asa y de dos en dos su b ílas esc aleras, don de en c on tré a mi madre q u e ll orab a por lo q u e podía est ar oc u rri én dole a mi padre, momen tos de z oz ob ra y an g u stia por u n esposo y padre q u e podía est ar su fri en do la c on sec u en c ias de u n a b ru tal y despi adada G u erra C i v il, q u e él n o h a c ado, q u e lo q u e h ab ía h ec ho era c u mplir c on u n deb er y en la q u e e l loc ol oc ó en u n a posi c i ón , j u n t o a i deas q u e n o c ompart ía en ab sol u to, c o demost ró y a al fin al iz ar la g u erra, dán dole la b at alla a las fu erz as ex t remi st as sac án dol as de su s posi c i on es de poder. Si mpl emen te h ab ía respet ado u n j u r a men to de fidel idad a la R epúb lic a, h ec ho por su h on or de mi litar, ob edi en y n o del i b eran te, si n i mport ar las i deas q u e él pu di era t en er, c omo lo h ab ía j u rado t amb i én mu c h os ot ros c ompañeros q u e c ompart ían c on él di ari amen t e.

De t odos los h erman os el ún ic o q u e t en ía edad para darse c u en ta de lo q u e est ab a su c ed i en do era y o, mi h erman ac on t ab a doce años, mi h erman o T omás n u ev e años y el más peq u eño R ic ardo c in c o años.

El mejor si t i o de ob serv ac i ón era el mi rador del sal on c i to de mamá y en el est u v i mos c asi t odo el día v i en do el espec t ácu lo. En fren te mi ab u el a h ac ía mi smo desde su mi rador, los b alc on es en g al an ados c on col g aduras, los au tomóvil es c on b an dera s toc an dol as b oc in as y en las c alles la g en te u n i do ac eras c omen t an do los últ imos ac on t eci mi en tos, u n os c on c aras aleg res, c o de t r i st ez a y de t emor, pero t odos, los u n os y los ot ros, éramos españ ol es.

C omo a las tres, se det u v o en la ac era de en fren te u n a mot oc ic let a q u e ob serv ía de g u ía a u n au tomóvil mi litar c u y a t apa del mot or lac u b ría u n a b an dera roj a y g u al da. A l fij arme rec on oc í al mot ori z ado: era el mi smo q u e me formab a parte de la esc ol ta del g en eral M i aja y q u e en t an t as oportu n idades h ab ía v en ido esc ol t an do el au tomóvil de mi padre. Del au tomóvil desc en dí a u n mi litar en u n i f orme de c ampaña y en t r ó en la c asa en q u e v iv ía mi a

y mis tíos. Un a hora después en tró en n u est ra c asa, era el h erman o men or de mi padre, q u e est ab a en tran do en M adrid con las tropas de oc upación . M i madre A n ton i on ostran qu iliz ó, dijo q u e n o ten íamos de q u e preocup arnos por las pal ab ras b ien pron to las olv idó y para n osotros se ab rió u n futu ro inc erto de dudas e inc ertidumbre: n u n c a más l o verolv imos a

### ENV ÍSP ER A DE L A G UER R A M UN D I A L

El día 5 de abril nos visita el señor Julio de la C ierva, b u en ami go de mi padre, q u e v en ía a partic iparnos q u e h ab ía rec ib idos un radiogramas. A rg el, en el q u e mi padre le informaba q u e todos est ab an b ien y sin problemas. M i madre aprob ec h ala oc asi ón para pedirle al señor de la C ierva q u e le g rati ficada su s joy as por c on siderar q u e est arían más seguras en su poder y a salv a de posi b les reg istros de la c asa y la c orrespon dien te inc au tación . A l g rati ficadas ellas eran v aliosas, heredadas de su madre. El señor de la C ierva n os informo q u e ten ía en su poder c ien to v einte mil pesetas q u e mi padre le h ab ía c oncedido para q u e las camb iara en el b an c o p o n o b i a e d a n a c i o n a l y n o s l a s e n t r e g a r a p a r a p o d e r v i v i r o c o m p r a r l o s p a s a j e s , s i s e d e c i d í a n u e s t r a s a l i d a d e h a c i a e l e x t e r i o r . E s p e r á b a m o s q u e l a s i t u a c i ó n d e m i p a d r e s e c l a r i f i c a r a p i d a m e n t e ; m á s d e u n m e s e o í d e c i r q u e n o t e n í a n a d a q u e t e m e r ; y a q u e n o l e h a b í a h e c h o d a ñ o a n a d i e , a l c o n t r a r i o , h a b í a a y u d a d o a m u c h a s p e r s o n a s . E l s o l a m e n t e h a b í a t e n i d o u n a f i g u r a c i ó n ( s i c ) c o m o m i l i t a r y c o n e n c u m p l i d o c o n s u d e b e r .

Est e b u en ami go de mi padre, ex c elen te persona, n os v isitaba semanalmente, pen dien te de n osotros, tray en don oticias de mi padre, q u e las p r i m e r a s c a r t a s l a s e n v i a b a a s u d i r e c c i ó n , p a r a a s e g u r a r s u r e c i b o . E n u n a d e s v i s i t a s , n o s i n f o r m ó q u e d e l a s c i e n t o v e i n t e m i l p e s e t a s q u e h a b í a d e j a d o a m i p a d r e , s o l a m e n t e d o c e m i l p e r t e n e c í a n a l a s s e r i e s q u e e l g o b i e r n o d e F r a n c o r e c o n o c í a c o m o b u e n a s , e l r e s t o s ó l o s e r v í a c o m o p a p e l p a r a q u e m a r , e r a n c o n l a s ú l t i m a s e m i s i o n e s h e c h a s , q u e l o s n a c i o n a l i s t a s n u n c a q u i s i e r a n p o r l o s n u e v o s b i l l e t e s d e l B a n c o d e E s p a ñ a . A s í , d e l a n o c h e a l a m a ñ a n a e r a t o d o d e l o q u e d i s p o n í a m o s .

P o r a s p i r i m e r a s n o t i c i a s m i p a d r e s u p i m o s q u e s u l l e g a d a A r g e l h a b í a s i d o c o n f i n a d o e l g o b i e r n o d e a c o l o n i a n c e s a u r p u e b l e l a c o s t a C h e r c l o r k , i m o l a c i u d d e A r g e l . E l g e n e r a l M i a p o c o s d í a s d e s p u é s h a b í a p a r t i d o p a r a M é j i c o . F r a n c o p e r o m i p a d r e y o t r o s d e l o s a y u d a n t e s q u e i n t e n d í a r a q u e t e r r i t o r i o p o r s u p r o x i m i d a d o n E s p a ñ a y p o r q u e n o s a b í a n q u e l a s i t u a c i ó n l a r i f i c a d a p o c o a p o c o y q u e t e r i u n f l a n c o v e r d a d l a m i s e r i c o r d i e n , f i n l a p a z e n t r e o d o s l o s e s p a ñ o l e s . G r a c i a s t a d e c i s i ó n s a l v a r o d e c a e r m u y p o c o s m e s e s d e s p u é s e n p o d e r d e l o s a l e m a n e s y v e r s e n v u e l e n d s a c a í d a l e F r a n c o . e l a r r o l l a d o n v a n a l e m a n .

Memorias de un español del siglo XX

En l os pri meros días de may o mi madre me en v ía j u n t o c on mi h erman a a El Esc ori al, a c asa de su h erman a C armen , c on l a i n t e n c i ó n de al e j a r de la si tu ac i ó n q u e v i v ía mos y q u e y o a mi edad c ompren día mu y b i e n se v e o b l i g a d a d e s p e d i r a l a s m u c h a c h a s q u e t r a b a j a b a n e n l a c a s a , d o s l g a r t e r a n a s , h e r m a n a s , T e o d o r a y F o r t u n a t a , q u e e n u n c a p e r d i e r o n e l c o c o n n o s o t r o s y q u e f r e c u e n t e m e n t e e n v i a b a n a l g u n a g a l l i n a , f r u t a s . D u r a n t e e s t a p e r m a n e n c i a e n E l E s c o r i a l m u ~~erzmá~~ ~~Mb~~ ~~urél~~, a e l d ía de San I s i d r o , 1 5 d e M a y o , q u i e n d e s p u é s d e l a p a r t i d a d e m i p a d r e , c a y ó e n u n a p r o f u n d a d e p r e s i ó n , l o q u e v i n o a a g r a v a r s u y a d e l i c a d o e s t a d o d e s a l . E s o s m e s e s e n E l E s c o r i a l f u e r o n u n e s c a p e p a r a n o s o t r o s d o n d e p o d ía m o s m o n t a r b i c i c l e t a s e n e l p a r q u e d e L o s T e r r e r o s , h a c ía m o s e x c u r s i o n e s a l a d e F e l i p e I I o j u g á b a m o s e s c o n d i t e e n e l j a r d í n d e l o s f r a i l e s d e l m o n a s t e r i o . P a s a d o s d o s m e s e s q u i s e r e g r e s a r a M a d r i d c o n m i m a d r e . A m i r e g r e s o d e E l E s c o r i a l e n c o n t r é e n M a d r i d u n a m b i e n t e d e t e n s i ó n a n t e e l d e s a r r o l l o s a c o n t e c i m i e n t o s m u n d i a l e s q u e s e p r e c i p i t a b a n r á p i d a m e n t e . P a r a n o s e s t o e r a d o b l e m e n t e p r e o c u p a n t e ; m i p a d r e p o d ía v e r s e e n v u e l t o e n l a c o n f l a g r a c i ó n , p u e s F r a n c i a c o n t o d a s e g u r i d a d e n t r a r ía e n e l c o n f l i c t o y a d e m á s l o q u e s i g n i f i c a b a u n a g u e r r a m u n d i a l ~~at~~ ~~erzmá~~ ~~s~~ ~~of~~ ~~si~~ ~~c~~ ~~ada~~, e n u n a E s p a ñ a q u e , s i n d u d a , e s t a r ía d e l l a d o d e A l e m a n ía .

P a s á b a m o s h o r a s p e n d i e n t e s d e l a s n o t i c i a s e n l a r a d i o , l a c u a l s e a p a g a b a e n t r a d a l a n o c h e , e s p e r a n d o l o s b o l e t i n e s n o t i c i o s o s q u e d ía a d ía r e f l e j a b a e l e m p e o r a m i e n t o d e l a s i t u a c i ó n e n e l c o n t i n e n t e e u r o p e o . N o s v i s i t a b a f r e c u e n c i a p r i m a A d e l a J a s o c o n s u p e q u e ñ a h i j a , q u e s e e n c o n t r a b a e n c i ó n s i m i l a r a l a n u e s t r a p u e s s u e s p o s o , c a p i t á n m é d i c o d e l a r m a d e A v i a c i ó n L e o n c i o J a s o R o l d á n , e s t a b a e x i l a d o e n B i a r r i t z y p r e p a r a b a v i a j e p a r a A m e r i c a , c o n c r e t a m e n t e a V e n e z u e l a . E l l a e s p e r a b a a n s i o s a l a p a r t i d a d e s u e s p o s o a n t e s d e l a g u e r r a . T o d o s l o s e s p a ñ o l e s q u e , a l f i n a l i z a r l a g u e r r a , s e h a b ía n r e f u g i a d o e n t e r r i t o r i o d e l a n a c i ó n v e c i n a , t e n d r ía n q u e e a c e p t a r e n a q u e l n u e v o c o n f l i c t o e n u n p a í s q u e l o s h a b ía r e c i b i d o c o n a p r e t a s p o s d e c o n c e n t r a c i ó n , v i g i l a d o s p o r t r o p a s s e n e g a l e s a s , d e m o s t r a n d o a s í c o m o u n g o b i e r n o d e c o n c e n t r a c i ó n p o p u l a r p r e m i a b a a s u s c o m p a ñ e r o s q u e d u r a n t e t r e s a ñ o s h a b ía n l u c h a d o p o r l a e x i s t e n c i a d e u n a r e p ú b l i c a d e m o c r á t i c a . r e p e t ía o t r a e l a t r a i c i ó n q u e e n 1 9 3 8 h a b ía n c o m e t i d o l a s g r a n d e s p o t e n c i a s o c c i d e n t a l e s c o n e l p u e b l o c h e c o s l o v a c o , e n t r e g á n d o l o e n b a n d e r a p a r a s a t i s f a c e r l o s a p e t i t o s d e d o m i n a c i ó n d e l d i c t a d o r a l e m á n . H a y q u e r e c o r d a r l a s p a l a b r a s l l e n a s d e a m a r g u S r a E l e h e s , p r e s i d e n t e c h e c o , “h e m o s s i d o c o b a r d e m e n t e t r a i c i o n a d o s ”

<sup>14</sup> Edv ar Ben eš, p r e s i d e n t e d e C h e c o s l o v a q u i a ( 1 9 3 5 - 1 9 3 8 y 1 9 4 5 - 1 9 4 8 ) , a n t e l a o c u p a c i ó n d e l o s S u d e t e s p o r e l r é g i m e n n a z i e n o t o ñ o d e 1 9 3 8 . ( N . E . )

La Guerra Civil española fue el escenario ideal y no tan peligroso para Alemania e Italia, donde se podía realizar un ensayo general en espera de un conflicto mundial. Hitler, su representante muy bien. La guerra de España fue la preocupación de todo el mundo, los grandes titulares de la prensa mundial no se ocupaban de ella; era la noticia del momento, pero para Hitler el tiempo de la guerra general no había llegado aún. Era el momento de distender la atención de los políticos occidentales con los acontecimientos de la guerra de los errores de la península Ibérica. Tras realizar una serie de acciones espaciales y proclama su gran espíritu de comprensión ante la evolución de los gobiernos de Inglaterra y Francia. Lo más triste de estos hechos es que España prestara su suelo para este ensayo mortal y que los protagonistas de este macabro drama donde perdieron la vida millones de nobles hijos de esta tierra, de uno u otro bando, republicanos y rojos, nacionalistas o falangistas, éramos españoles. Si en tu gran dolor había visto el cielo español cruzado por los “moscas” o los “chatos” rusos, los aviones de la legión Condor alemana o los “saboyas” italianos. Si se acuerdan los acontecimientos históricos de esta época difícilmente se puede aceptar que a partir de 1936, año en que comienza la Guerra de España, en el resto de Europa se empieza a desarrollar una serie de acciones tendientes a realizar los proyectos de Hitler, de poner al mundo ante un hecho con su mado, la creación del Tercer Reich; la formación del eje Roma-Berlín, la independencia austriaca, la anexión de Checoslovaquia, la toma de la corona de Albania, el rey de Italia, la firma del tratado Germano-Soviético. Por algo en su momento de fin de año Hitler proclama “este es el año más rico en acontecimientos de la historia de nuestro país”.

Mientras que los rusos aplaudían la defensa que se hacía en España, los intereses del proletariado y defendían la lucha de nuestro pueblo contra el fascismo, Alemania atacó a la izquierda y timbalés por la lucha del pueblo por un nuevo orden europeo. El mundo quedó atónito el 23 de agosto de 1939 por la firma del pacto Germano-Soviético de no agresión acompañado de un protocolo secreto, olvidando sus doctrinas y lo dicho durante la Guerra Civil española<sup>15</sup>. Los dos “enemigos” se felicitaron mutuamente por el buen momento histórico. España fue el “Alopecia” y Rusia, que lo tiraban para arriba y para abajo, ante la mirada indiferente de Francia e Inglaterra, cedió el “No Intervención”.

<sup>15</sup> Pacto firmado por Ribbentrop y Molotov, ministros de Exteriores de Alemania y la Unión Soviética, en el que, entre otros temas, acordaron repartirse Polonia. (N.E.)

<sup>16</sup> Juergo infantil de un arduo acanalado que con un acuerdo y el adecuado y bajapráctico amenable por sí sola. (N.E.).

## L A G UER R A E N E U R O P A

Finalizado el mes de agosto se inicia la Guerra Mundial con el ataque de la Alemania nazi a Polonia. En los primeros días del mes de septiembre, España declara su neutralidad y en junio de 1940, después de la entrada de Italia a la Guerra y así conformarse el eje Alemania-Italia, Franco abandona su neutralidad para declarar un estado de "No beligerancia", con lo que por España al borde de la guerra de las potencias que fueron sus aliadas en la Guerra Civil española. Dos días después, el 14 de junio, las fuerzas españolas ocupan las zonas, bajo el gobierno internacional, de Tánquer, con lo que pasa a dominar el estrecho de Gibraltar; en Marruecos, por el este el puerto de Ceuta y por el oeste el puerto de Tánger y en la península por el este el puerto de Algeciras y por el oeste el puerto de Cádiz, con lo que se ponía en situación difícil a la base inglesa del peñón de Gibraltar y a todo el tráfico naval hacia el mar Mediterráneo y al abastecimiento de las zonas en conflicto de África, a las islas de Malta, Creta, Egipto y Suiza.

El 17 de Julio, Franco en su discurso ante el alto mando militar español dice "Hemos hecho un alto en la batalla, pero solamente eso, un alto. Hemos terminado todavía..." y dice tener más de un millón de soldados disponibles a defender lo que él llama derechos adquiridos: reclama el Marruecos francés, Orán, Gibraltar y la zona atlántica de Casablanca, cerca de la lagocanario.

Mientras tanto, mi padre, que se seguía con finado por los franceses, en Chile, Argel, había sido juzgado por el Gobierno nacionalista, lo con la pérdida de sus bienes es de fortuna y al exilio; y al no reconocerlo me into carrera militar desde el grado de capitán y su juramento de fidelidad a la República, perdí en doportantocatorce años y el futuro de su carrera militar.

Para nosotros se iniciaban tiempos difíciles, sin ningún tipo de ingreso con las presiones que nos llegaban de diversos sectores, incluso de la familia. Todas sus cartas nos llegaban cen su rada, abiertas el sobrey con un selo decía "cen su rado, fecha..., cen sor no...".

Mi madre trataba de que la vida fuera lo más normal posible; nos inscribimos en un colegio, el León XIII, para continuar el bachillerato, pero no dábamos los medios para costearlo. Ella decía "Dios aprieta, pero no ahorra" y efectivamente a los pocos días la Academia San José de Calasanz, en la calle Honorables, nos concedía un abec a todos los hermanos. Los mayores continúan el bachillerato, Ricardo el menor, inició la primaria. Recuerdo con mucho cariño y agrado me into al hermano José Hernández, si emprendió un curso en especial a mí.

A los pocos meses se mudan a Madrid vía Lloa, una de las hermanas mayores de mamá, y su esposo, tío Félix, que era médico. Tenían una sola hija

*T iniñi* que c on t raj o mat ri mon i o c on u n g en eral del c u erpo ju rí d i c o  
J osé F ern án dez G allard, u n a mag n i fic a person a, afic i on ado a los toros,  
t u v i eron u n a sol a h i j a L olit a, q u e para en t on c es t en í a u n os dos año  
pasado la g u erra en Sev illa y al termi n ar la g u erra lo dest in aron a la c a  
por lo q u e al q u ilaron u n pi so c erc an o a la c asa y desde en t on c es man t  
c on t ac t o c on n os ot ros.

T í a l ol a, os pri meros días del mes, l e dab a mamá c i n c u peset as y el  
q u i n i e n ab ot rasc i n c u T e n í a Pa. epele P aze s p o s o de m i t í a K et f l y o s días  
c i n d e c e adames n o s e n v i a b n a b a ol s e c o m e s t i b l e s e n eral m e n a c t e i t e,  
j u d í a g arb an z a n s z l e n t e j e t a s c Y esos eran t o d o s n u e s t r o s g r e s o s.

C u an do se termi n ó el di n ero q u e dej ó papá, empezamos a v en der la s  
j o y as, la pl at ería, lu eg o los mu eb les y así h ast a q u e se ac ab ó t o d o. F u er  
l arg os años, q u e n o sé c o m o se v i v i eron , y a q u e c u an do se v en de por n  
dad, t e dan lo q u e q u i eren , más v i en do a u n a mu j er sol a c on c u at ro h  
t o d o, d i f í c i l m e n t e p u d i m o s c u b r i r l o s g a s t o s p o r t r e s o c u at ro años y a m e  
q u e l a c a s a q u e dab a v a c í a se f u eron c e r r a n d o la s h a b i t a c i o n e s y n o s  
t o d o s e n lo q u e era el c o m e d o r, don de dorm í a m o s t o d o s j u n t o s. C u an do y a m  
h a b í a q u e v en der mamá sac o u n o s z a p a t o s v i e j o s de papá, u n a s b o t a s de m  
t a r y u n o s p a n t a l o n e s de c a b a l l e r í a y m a n d ó a l l a m a r a u n t r a p e r o, de esos d  
a n d a n p o r l a s c a l l e s de M a d r i d, v o c e a n d o: “el t r a p e r o”.

C u an do el h o m b r e de u n o s c i n c u e n t a años su b i ó, n o s d i c e q u e  
ropa en los pu eb los g al leg os era u n b u e n n e g o c i o y y o q u e y a c o n t  
c h o años l e p r o p o n g o a l h o m b r e q u e n o s a s o c i e m o s p a r a c o n s e g u i r r o p a u  
y n o s f u é r a m o s a v e n d e r a l a s f e r i a s de los pu eb los. A sí q u e p r e p a r a m o s u n  
s e i s b u l t o s y t o m a m o s el t r e n h a c í a L u g o, don de n o s h o s p e d a m o s e n u n  
p e n s i ó n , l o s s á b a d o s y d o m i n g o s n o s i n s t a l á b a m o s e n l a s f e r i a s p a r a v e n  
ropa y z a p a t o s u s a d o s p e r o e n b u e n a s c o n d i c i o n e s. H i c i m o s d o s v i a j e s d  
s e m a n a s c a d a u n o h a s t a q u e l o d e j a m o s, y a q u e l o s g a s t o s e r a n m á s q u e  
b e n e f i c i o s, l i q u i d a m o s lo q u e sob ró y así termi n ó a q u e l pi n t o r e s c o n o  
P a r a esa época y a y o h a b í a termi n a d o el b a c h i l l e r a t o y m e d i s p o n í a  
c o m e n z a r m i s e s t u d i o s u p e r i o r e s. M e i n s c r i b í e n l a Esc u e l a S u p e r i o r d e  
m e r c i o de M u r c í a, c o n l a f i n a l i d a d de o b t e n e r el t í t u l o de p r o f e s o r m e r c  
p r i m e r o t é c n i c o m e r c a n t i l y lu eg o a c t u a r i o m e r c a n t i l y p o r ú l t i m o el  
p r o f e s o r, q u e e q u i v a l í a h a b e r c o n o c e c o m o A d m i n i s t r a d o r C o m e r c i a l .  
L a c a r r e r a e n t o t a l d u r a b a s i e t e años, p e r o a p a r t i r del t e r c e r año y a s e p o d í a  
e j e r c e r c o n el t í t u l o de T é c n i c o M e r c a n t i l y y o r e q u e r í a t r a b a j a r y  
m i s m o t i e m p o.

U n día el h e r m a n o J osé m e p r e g u n t ó si q u e e r í a d a r l e c l a s e s p a r t i c u l a r e s  
g r a m á t i c a a u n a n i ñ a d u r a n t e el v e r a n o, n o l o d u d e y a c e p t é, e r a n s e i  
s e m a n a l e s p o r t r e s m e s e s, 2 5 0 p e s e t a s p o r m e s, l o q u e p a r a m í s i g n i f i c a b a

u n peq u eño c api t al . C u an do c ob re l as pri meras peset as fu i a en t reg ársel a mamá, q u i en me di j o q u e eran más, q u e y o l as h ab ía g an ado, y o c on test e l as h ab ía g an ado para n osot ros, y e l l a se pu so a l l orar.

Du ran t e esos años, en v ari as oport u ni dades en q u e n e c esi t amos de ay u da u rg en t e rec u rri mos a v ari as person as; al g u n as n os ay u daron , ot ras n o, p si empre t en dré q u e rec on oc er q u e ex i st ían b u en as person as q u e, a pesar de di feren c i as de pen sar o de l l ev ar modos de v i da mu y di st i n t os, si empre n os t rat aron mu y b i en .

M i h erman a t en ía u n as ami g as, h i j as de u n c oron el del Est ado M ay or q u i en es ex i st ía u n a c on t i n u a c on v i v en c i a, se pasab a d ías en su c asa; c on l a fami l i a de u n c on oc i do médi c o q u e v i v ían c erca de l a c asa o mi ar c on u n ab og ado q u e me dab a c l ase de derec h o merc an t i l, a q u i en v eía l os d ías y si empre me di o u n t rat o amab l e y c ordi al, me ac on sej ab a y él fu e q u i en me i nspi ró l a i dea de i n s c r i b i r me en l a Esc u el a Su peri or de C omerc i o de M u rci a. T odas e l l as person as a q u i en es h ab íamos c on oc i do rec i en t em p o y en forma c asu al .

De l a fami l i a de t rat o más f rec u en t e, c asi di ari o, era l a h erman a de papá, t ía K et t y , q u i en v i v ía f ren t e c on f ren t e a n osot ros, c on su h i j o J o de mi mi sma edad. C u an do se g radu ó de b a c h i l l e r l e reg al aron u n a b i c i c l e n u e v a l a q u e él t en ía me l a di eron a mí, así q u e para el est ren o de l as b i c i c l e t as n os fu i mos de pase o a El Esc ori al , 50 K m. c u est a arri b a. Sal i mos t empran o en l a mañan a y a g ol pe de medi odía est áb amos en el mon ast eri o, al morz amos y empre n di mos el reg reso, mu c h o más f ác i l, c u est a ab ajo. M i pri ma C arm e c i t a G on z á l e z T ab l as C ern í, h i j a de mi t ía C armen , v i v ía l a g ast emp o mi c asa h ast a q u e mu ri ó en el año 1941, pu es su n ov i o est ab a en M adri d. E era u n a person a mu y c ari ñosa, q u e r ía mu c h o a mamá y c on mi g o t en ía mu c h o c on f ian z a. O t ra person a c on l a q u e t en íamos f rec u en t e c on t ac t o era u n a de mi madre, i n g en i ero el éct ric o, En r i q u e A l b arel l os q u e t rab aj ab a en en u n c on sorc i o i n t ern ac i on al y él me proporc i on ab a l as rev i st as ameri c an as *Victory* *Life* *Time* q u e l as ob t en ía en el depart amen t o de pren sa de l a Emb a j ada ameri c an a y c u an do n os reu n íamos en c asa de t ía L ola, c on él y su esp o me dab a l as ú l t i mas n ot i c i as. Era u n a person a mu y b i en i n f ormada, masón , c mu c h os c on t ac t os en l as emb aj adas i n g l esa y ameri c an a, y más adel an t e en t eré q u e era u n a person a i mport an t e en l a resi st en c i a i n t ern a.

M i en t ras t an t o mi padre perman ec ía en C h erc h el i n t eg rado en l as fu e f ran c esas q u e ay u dab an a preparar el desemb arc o ali ado en el n ort e de Á f r i c a y l e c orrespon de rec i b i r en l as pl ay as de C h erc h el al g u n e, era el M c C l ac n oc h e, desemb arc a en u n su b mari n o ali ado c on el fin de q u e c on l a c o

<sup>17</sup> Se refiere al g en eral est adou n i den se M ark W ay n e C lark (1896-1984). (N.E.)



ción francesa libre, preparar y realizar el ataque a África del norte en noviembre de 1942. Todos estos acontecimientos se hacen que en el verano de 1942 el general Mijaíl llama a papá para que se traslade a Méjico. El fin era formar un gobierno antifrancuista de centro que con taría con el reconocimiento de los gobiernos aliados. Al parecer estos planes estuvieron muy adelantados en 1942, cuando desembarcaron los aliados en el norte de África, puestos como W ashington estaba haciendo planes para desembarcar en las Canarias y establecer el gobierno y formar un ejército. El viaje, temen te, por las circunstancias, era largo, difícil y riesgoso. Papá consiguió un barco de bandera neutral, portugués, el “Niassa”, y se embarcó al finalizando septiembre de 1942, con destino a Cuba y Méjico. A las Islas Azores la tripulación de un submarino alemán abordó el barco, registrarlo, pero dejaron que continué viaje y a que en otro transportaba mercancía y los pasajeros eran refugiados, en su mayoría mujeres y niños.

Al llegar a Méjico el general Mijaíl informó a los planes de paralizar de inmediato las promesas que se habían hecho y comenzar la neutralidad de España y la seguridad del gobierno. Desde ese momento la comunicación con el padre se hizo más difícil y la carta tardaba dos meses o más en llegar a Barcelona. Así, no obstante, las que en diciembre de parte de un importante grupo de personas en su radar.

Esos años pasaron muy lentamente, dentro de una normalidad. La guerra europea y la del norte de África evolucionaban rápidamente, con más favorables para las fuerzas aliadas. Cuando finalizó la ocupación de O rán, Argel y Túnez los aliados desembarcaron en Sicilia y después en la Italia y avanzaban hacia el norte en medio de sangrientos combates. La división de voluntarios españoles en el ejército alemán, la División Comenzaban a regresar heridos, mutilados y cada día se veía más uniformes alemanes por las calles y en las terrazas de los cafés y en los espectáculos.

Para mediados del año 1944 tuvimos un buen noticia, una orden que nos permitía comprar una casa pertenecientes al propietario de Cerní, los sacaría de la zona más difícil situación económica. El día 1º de Junio fui a Murcia a presentar el examen final del segundo año de técnico mecánico en la Escuela Superior de Comercio de la capital murciana. El día 6 me tocó presentar por la mañana Derecho mercantil y por la tarde Economía política. Mi sorpresa fue grande cuando al llegar a la escuela la noticia de

<sup>18</sup> Efectivamente, durante los días 21 y 22 de octubre de 1942 el general Clark en Cherchel el apoyo de las tropas francesas del norte de África. El dato del submarino también es verídico. (N.E.)

<sup>19</sup> Este dato no coincide con la presencia del general Clark en Cherchel. (N.E.)

personas que en los pasillos y salones comentaban los últimos acontecimientos ocurridos en las últimas horas; en la madrugada de ese día habíacomenzado el desembarco aliado en la península de Cherburgo, era la gran operación aliada con el fin de liberar al continente europeo de la dominación nazifascista. Todo un episodio de las caras de los estudiantes del S.E.U. Uevían el principio del fin de Alemania e Italia que junto con Japón formaban el gran eje, empezaba a desmoronarse en Europa y en el Pacífico.

Cuando terminé los exámenes regresé a Madrid y mamá me recibió con un abrazo de papá hecha en Méjico, que habíatardado cuatro meses en llegar en la crucial noticia que estaba bien y que por algún tiempo no teníamos noticias de él, pero al poco tiempo recibimos otra noticia. Nueva York y al poco otra desde Londres, hecha el 3 de Mayo, día de la Santa Cruz, cumpleaños, muy corta, en la que en los diez días siguientes sabría de él. ¡Que lejos estaba yo de saber que el 6 de Junio que papá y yo íbamos a ir a Europa desde hacía varios meses y que en ese tiempo habíarealizado varios viajes entre Estados Unidos y Europa! La historia completa la sabríamos meses después cuando nos encontramos con él en Francia.

Cuando mi padre llegó a Méjico para ponerse a las órdenes del general Mijaj, ingresó en la aviación mejicana con el grado de Suboficial. Había entrado en la guerra, era el segundo país latinoamericano que declaraba la guerra a las potencias del eje. El otro fue la República Federativa del Brasil y el 2 de febrero de 1944 sale de Méjico en avión Nueva York y un mes después, el 14 de marzo, sale con destino a Londres en un avión del Air Transport Command, ATC, un Douglas C 54 bautizado "Gran piloto por el Capitán Shelton". Vuelo en la T erranova, aterrizó en Nueva York, continuó hacia las Azores y luego prosiguió hacia Cornwall. Se pone a las órdenes del general Zertuche y del coronel Patanes y permaneció en Londres en la embajada mexicana, en 48 Belgrave Square. Finalmente en los meses de junio desembarca en territorio francés y octubre vueló a Nueva York, en un avión del ATC, continuó a Nueva York y regresó a Nueva York. El 11 de noviembre regresa a Londres y el 7 de diciembre de 1944 entra en París recién liberado, se hospeda en casa de don Emilio Herrera, el conocido sabio español que realizó el primer vuelo en globos con cabina presurizada. Est ratos era con el fin de realizar estudios de la capes ratos érica.

El 2 de enero de 1945 regresa a Londres donde permaneció hasta el día 20 y regresa a París como adjunto del recién nombrado agregado militar

<sup>20</sup> EL S.E.U. (Sindicato Español Universitario) era una institución creada por Falange en el momento de la liberación de España en la misma para poder estudiar en los universitarios esos años. (N.E.).

La embajada de Méjico en París. En París en tra en c on t a c t o c on Jean q u e h a b í a s i d o s u j e f e e n l a s f u e r z a s d e l a R e s i s t e n c i a f r a n c e s a , c o n e s t u d i a r l a f o r m a d e s a c a r n o s d e E s p a ñ a p a r a r e u n i r n o s c o n é l .

P a r a a q u e l l o s m o m e n t o s e l g o b i e r n o d e l g e n e r a l C h a r l e s D e G a u l l e m a n t e n í a e m b a j a d a e n M a d r i d , ú n i c a m e n t e f u n c i o n a b a n c o n s u l a d o t o d a l a g u e r r a , F r a n c o h a b í a t e n i d o r e l a c i o n e s d e l g o b i e r n o p r o - a l e m a n V i c h y , p r e s i d i d o p o r e l g e n e r a l P e t a i n y l o s c o n s u l a d o s e s p a ñ o l e s e n V i c h y y o t r o s q u e h a b í a n p e r m a n e c i d o a b i e r t o s , p a r a e s o s m o m e n t o s e s t a b a n e r r a d o s .

P a r a 1945, e n P a r í s f u n c i o n a b a u n g o b i e r n o e s p a ñ o l e n e l e x i l i o i m p o s i t o p o r e l s e ñ o r G i r a l t q u i e n e s t a b a o f i c i a l i z a d o p e r o n o r e c o n o c i d o p o r e l g o b i e r n o f r a n c é s , a u n q u e s i t e n í a e l r e c o n o c i m i e n t o d e a l g u n o s p a í s e s m e r i c a n o s c o m o V e n e z u e l a y M é j i c o .

D u r a n t e l o s m e s e s f i n a l e s d e 1944 n o t u v i m o s n o t i c i a s d e p a p á y p a r a a q u e l l o s m o m e n t o s n u e s t r a s i t u a c i ó n e c o n ó m i c a e r a r e a l m e n t e c r í t i c a t e n í a m o s m á s n a d a d e d o n d e s a c a r p a r a s o b r e v i v i r y l a s n e g o c i a c i o n e s p a r a v e n t a d e l a c a s a d e C e u t a i b a n m u y l e n t a m e n t e , s e r e q u e r í a p e r m i s o d e l a S e d e y e s o s t r á m i t e s e r a n l a r g o s .

M i e n t r a s t a n t o , a l c u m p l i r l a e d a d d e l S e r v i c i o m i l i t a r m e i n s c r i b i d o m i l i t a r m e d e s t i n a r o n a V e t e r i n a r i a m i l i t a r , l u e g o s o l i c i t é u n a p r ó p r i e t a d e p o d e r c o n t i n u a r m i s e s t u d i o s s u p e r i o r e s y m e l a c o n c e d i e r o n .

A s í l l e g a m o s a l m e s d e D i c i e m b r e d e 1944 y l a s n a v i d a d e s q u e s i e m p r e l a s h a b í a m o s c e l e b r a d o t o d o s j u n t o s s e c o n v i r t i e r o n e n o t r o d í a m á s , y a p a r a n o s o t r o s n o h a b í a m u c h o q u e c e l e b r a r . E l 31 d e D i c i e m b r e l o c e l e b r a m o s c o n u n a b o t e l l a d e s i d r a q u e n o s e n v i ó t í o P e p e , n o o l v i d a r é n u n c a m a m á “ q u é n o s t r a e r á e s t e a ñ o ” , e l l a a c o s t a d a y n o s o t r o s r e u n i d o s a l r e d e d o r d e e l l a r e z a m o s e l r o s a r i o . D e e s t a m a n e r a e n t r a m o s e n 1945, a ñ o d e c a m b i o s t r a s e n d e n t a l e s e n n u e s t r a s v i d a s .

## L A S A L I D A D E E S P A Ñ A

E l c o m i e n z o d e l a ñ o 1945 f u e d e g r a n d e a c o n t e c i m i e n t o s e n l a g u e r r a . L o s a l i a d o s a v a n z a b a n r á p i d a m e n t e h a c í a e l c o r a z ó n d e A l e m a n í a q u e t o d o s s u s l í m i t e s r e c i b í a e l e m p u j e d e l o s e j é r c i t o s q u e c o m p o n í a n e l g r u p o d e l a s n a c i o n e s a l i a d a s .

N o s o t r o s e s p e r á b a m o s a n s i o s o s q u e l a s m o n j a s t e r m i n a r a n p o r d e c i d i r l a c o m p r a d e l a c a s a d e l r o i n d i v i s o e r n í y e l t i e m p o s e n o s h a c í a c a d a d í a m á s l a r g o , p e r o h a c í a m o s p r o y e c t o s d e c ó m o u t i l i z a r a q u e l d i n e r o e n u n a E s p a ñ a d o n d e e l f u t u r o e r a i n c i e r t o , p u e s t o q u e n o s e d u d a b a d e q u e l a s n a c i o n e s d e m o c r á t i c a s i b a n a p r e s i o n a r p a r a q u e e l g o b i e r n o e s p a ñ o l c a m b i a r a y s e t a u r a u n a m o n a r q u í a c o n s t i t u c i o n a l i s t a , p e r o h a s t a e s t o p a r e c í a d i f í c i l .

a las diferentes corrientes monárquicas, por un lado los partidarios que aspiraban a ver en don Juan, conde de Barcelona, rey de España y por otro los carlistas, con Carlos Hugo al cacabeza, aspiran también al trono, con la princesa Irené de Hoya, además ostentaba ser descendiente de Felipe pero que no era español, tenía la nacionalidad francesa, apoyado por los tradicionalistas, que estuvieron del lado de Franco durante la Guerra española, pero que en el momento de la simpatía del Generalísimo.

A sí pasaron los meses de enero y febrero, sin noticias de papá, en aquella habitación vacías y frías, sin calefacción, donde por las noches a nosotros las camas con botellas de agua caliente para poder meternos en ellas. El día 20 de febrero, a golpe (sic) de diez y media de la mañana, llamaron a la puerta y yo salía abrir; eran dos señores de unos treinta años, a quienes no ve bien la cara y me preguntaron si era la casa de la familia Páramo. Alasentí me preguntaron por mamá, y al yo preguntarse de parte de quien me empujaron hacia dentro y me contestaron que, de parte de don Mario, y o grite, “¡mamá!” y ella desde la cocina preguntaba, “¿quién llama a la puerta?”, y los dos hombres la saludaron sin decir quiénes eran y nos dicen: “El condado está en Hendaya y les pide que viajen a Irún y les espera pasado mañana en el puente internacional a las diez de la mañana”, y a continuación me dicen que en el día que ellos estuvieron en la casa. Se despidieron y fueron.

Aquella noticia nos dejó atónitos, no sabemos qué decir y a medida que reaccionábamos comenzábamos a despertar a la realidad, nosotros alborozados decíamos que es y mamá preguntaba que qué pagáramos los pasajes y el hotel en Irún; a cada pregunta la situación se tornaba más difícil.

En medio de tanta preocupación, había que averiguar precios para saber cuánto se necesitaba para el viaje y la estadía. Lo primero era hablar con la familia cercana, sin dar demasiados detalles de la forma en que tenemos noticias de papá, sólo que había pedido que fuéramos para un día de nuevo a la familia. Ellos hicieron algunas observaciones como que él aún no había terminado y que Francia era aún un país en guerra. Tía Leticia y Félix, junto con la hermana de papá, tía Ketty, ofrecieron pagarnos y dar efectivo para los gastos de hospedaje y yo le pedí prestado al abogado, mi profesor de derecho mercantil, para completar lo imprescindible. No le di mucha información, sólo que en esos días, como bien padre, se ofreció a acompañarnos hasta Irún para que no fuéramos solos por si necesitábamos algo. Le pedí de recomendación con nuestro proveedor de viaje.

<sup>21</sup> Carlos Hugo de Borbón -Parmanación en París en 1930, por lo que en 1945 aún no había casado con Irené de Orléans. (N.E.)

Con los medios obtenidos me fui a la Comisaría Civil (sic) para sacar el salvoconducto para viajar, como motivo de viaje colectivo: visitar al materno, viuda de guerra y de descanso en el campo, me lo otorgaron sin mayores inconvenientes. Esa era importante para el grupo de los planes para que todo saliera bien, lo primero los vecinos y los serjes no deberían saber nada del viaje, que no nos vieran salir a todos juntos con malas, lo seguía y cuando la salida y el viaje fueron de noche, los hospedarnos en Irún en un hotel pequeño, del lado y el mejor era el Hotel Termino en la misma estación, para salir del tren directo al hotel y no que andar por el pueblo con malas en busca de hospedaje. Lo curioso es poco equis y malas pequeñas con loncesario, que no te equivocaras y hacer que no pareciera abandonado.

Al día siguiente me fui a la estación del Norte, con los salvos para comprar los pasajes en el expreso de las 21:30 con destino a Burgos, San Sebastián e Irún en tercera clase. Mamá prepara el equipaje, en realidad poco lo que tenemos para llevar y algo para comer en el viaje: bocadillos con leche y agua.

A las 19:30 yo salgo a buscar un taxi en compañía de mi hermano T y con una de las malas, le pido al taxista que me espere a un acudido con mi hermano Tomás y la malta, sacar a mi madre y al resto de mis hermanos que con otra mala se encaminan hacia el taxi mientras yo reviso la casa: luces, agua, cerraduras y balcones y pasadizo principal. Allí quedaba un piso vacío, cerradas las habitaciones, camas, colchones y una mesa con cincosillones, además de algunos en una habitación un cajón de fotografías y unos libros de las matemáticas de ese año. Salí con la tercera mala, fui hasta el taxi y nos dirigimos a la estación. En el andén nos esperaban el profesor y tía Ketty, la hermana mi padre, que fue a despedirnos.

El viaje fue muy bueno, la pareja de la Guardia Civil pasó revista a los salvos, no hubo inconvenientes de ningún tipo y a las 21:30 salimos a Irún y nos registramos en el Hotel Termino, como estaba previsto.

Después de instalarnos salimos y nos dirigimos hacia el puente internacional, al llegar vimos a papá vestido de uniforme que nos saludó con manos y con unos mensajeros autorizados para llevar mensajes escritos y que nos pagó en un momento en la que nos pedía que sacáramos los pases de frontera para poder pasar unos días con la familia en Francia. Me informaron que esos pases se sacaban en la comandancia militar de la frontera donde los otorgarían sin problema si presentaba los permisos franceses. Me dirigí de nuevo al puente y con un momento informo a mi padre que para los permisos requiero de los permisos franceses, a lo que él me responde que a

l a mañan a si g u i en t e l os t en dré. E f e c t i v a m e n t e a l a mañan a si g u i en t e n os c on e l m e n s a j e r o l os p a s e s f r a n c e s e s y c on e l l os m e d i r i j o a l a c o m a n d a n c i a m i l i t a r c on e l f i n d e s o l i c i t a r e l p a s e d e f r o n t e r a e s p a ñ o l . C u a n d o l l e g o m e h a c e n p a s a r a u n a s a l a , d o n d e e s p e r o c o m o u n a h o r a , l u e g o m e p a s a n a u n a o f i c i n a d o n d e u n t e n i e n t e c o r o n e l , q u e d e s p u é s s u p e e r a e l c o m a n d a n t e d e l p f r o n t e r i z o d e I r ú n , m e p r e g u n t a q u e e r a l o q u e y o q u e r í a y l e e x p l i q u é t a b a s o l i c i t a n d o l os p e r m i s o s d e f r o n t e r a p a r a p a s a r u n o s d í a s e n S a n J u a n d e L u z c o n u n o s f a m i l i a r e s y l e m o s t r é l os p e r m i s o s f r a n c e s e s q u e p r e v i a m e m e h a b í a n s o l i c i t a d o , l os v i o y a c o n t i n u a c i ó n m e d i c e : “ L o q u e u s t e d i j o a y e r e s q u e s u f a m i l i a r , a l o t r o l a d o , e s e l g e n e r a l M a r i o d e P á r a m o . N o l p u e d o d a r l os p e r m i s o s q u e p i d e d o y l e s 4 h o r a s p a r a q u e s e s e p a r e n d e l a f r o n t e r a y s e r e g r e s e n ” .

S a l í e n f u r e c i d o , d i r i g i é n d o m e n u e v a m e n t e a l p u e n t e , d o n d e l e m a n d o n o t a a p a p á i n f o r m á n d o l e d e l o a c o n t e c i d o , m e s e ñ a l ó c o n l a s m a n o s q u e n m e f u e r a y q u e e s p e r a r a , e s t a e s p e r a f u e c o m o d e d o s h o r a s . A s u r e g r e s o m e e n v í a o t r a n o t a d i c i é n d o s q u e a l o t r o d í a n o s d i r i j a m o s a l c o n s u l a d o f r a n e n S a n S e b a s t i á n . A l d í a s i g u i e n t e t o m a m o s e l e x p r e s o d e M a d r i d , c o m o r e g r e s á b a m o s , y e n l a p r ó x i m a e s t a c i ó n , S a n S e b a s t i á n , n o s b a j a m o s , s a l i m c r u z a m o s l a c a l l e y n o s m e t i m o s e n e l c o n s u l a d o f r a n c é s . N o s e s p e r a b a n y r e c i b i e r o n d e i n m e d i a t o , l o p r i m e r o q u e n o s d i j e r o n f u e : “ U s t e d e s n o s a l e m á s d e a q u í ” . N o s a s i g n a r o n d o s h a b i t a c i o n e s y m e d i c e n a m í : “ U s t e d s e r á e l p r i m e r o e n s a l i r . ¿ D ó n d e t i e n e e l p e r m i s o f r a n c é s d e f r o n t e r a s ? ” , s e l o m o s t r é y m e d i c e n : “ G u á r d e l o y d é a c a d a u n o e l s u y o ” ; p a s a r á n s i n e q u i p a j e , m a l e t a s l a s p a s a r e m o s d e s p u é s , a s í q u e s a q u é d e l a s m a l e t a s l a s c o s a s d e a s e o p e r s o n a l y l a s m e t í e n l os b o l i l l o s . N o s e n t a m o s e n u n s a l o n c i t o d e l s e g u n d o p i s o , n o s s i r v i e r o n u n b o c a d i l l o y c o m o a l a s t r e c h o r a s l l a m a r o n , m e b a j a l s ó t a n o y m e h i c i e r o n e n t r a r e n l a m a l e t a d e l a u t o m ó v i l y d e s p u é s d e r o d a c o m o d o s h o r a s , s e d e t u v o , a b r i e r o n l a m a l e t a y m e s a c a r o n e n e l j a r d í n d e u n c h a l e t d o n d e h a b í a v a r i o s m i l i t a r e s d e u n i f o r m e y m e d i c e n q u e e s l a c o r d a n c i a d e l os e j é r c i t o s a l i a d o s e n e l G o l f o d e V i z c a y a .

M e a s i g n a r o n u n a h a b i t a c i ó n q u e c o m p a r t í a c o n u n t e n i e n t e d e f r a n c é s q u e n o h a b í a b a n a d a d e e s p a ñ o l ; a l c a b o d e p o c o t i e m p o s e a b r í o l p u e r t a y a p a r e c i ó p a p á d e u n i f o r m e ; e n e l h o m b r o d e r e c h o t e n í a l a p a l a b r a “ M é j i c o ” y e n l a g o r r a l a e s c a r a p e l a c o n l os c o l o r e s m e j i c a n o s , e n s u p e c h a l a s a l a s d e l a a v i a c i ó n m e j i c a n a y l a c o r b a t a c o n p r e n d e d o r t a m b i é n c o r c o l o r e s m e j i c a n o s , a u n q u e e l u n i f o r m e e r a e l m i s m o d e l e j é r c i t o a m e r i c a n o . E r a l a p r i m e r a e z q u e l o v e í a e n s e i s l a r g o s a ñ o s , m e a b r a z ó y h a b í a m o s l a r g o r a t o , p r e g u n t a b a p o r m a m á y m i s h e r m a n o s , q u e r í a s a b e r s i e s t a b a n b i e n e n C o n s u l a d o , c o n o c í a m u y b i e n c o m o y e n q u é o r d e n l os i b a n a p a s a r . E n e n t r ó u n c o r o n e l q u e m e d i o l a b i e n v e n i d a y m e e n t r e g ó u n a c a r t u c a

con ten ía jab ón , pasta de dientes, maquina de afeitarse, peine, todo lo necesario para el aseo personal, todo de fabricación americana. Me invitó a cenar, era una mesa larga que presidía un general del ejército, con un grupo de oficiales, algunos hablaban algo de español. Al terminar me regaló chocolates, caramelos y chocolates americanos. Me regaló una habitación de aquel día tan agitado, mi primer día en Francia y el último en España por muchos años.

Ala mañana siguiente en te pasaron a mi hermano Tomás, en la tarde a mi hermano Carlos, al día siguiente en te, en la mañana, a mi hermano Ricardo, tarde a mi madre. El equipo se tardó dos días en llegar. Cuando todos estuvimos reunidos, nos montaron en un autómovil militar, acompañados por un conductor y después de rodar por unas dos horas y de cruzar varias ciudades llegamos a una ciudad grande y nos detuvimos en la prefectura; otra persona se montó en el auto y nos llevó hasta un hotel, donde nos asignaron dos habitaciones. Advirtieron de no salir a la calle, hasta que no nos dieran nuevos documentos de identidad. Mamá no nos acompañó, se quedó con papá en San Juan de Luz, los instaló en un hotel de playa y le dijeron que mi padre tenía una semana de permiso para pasarla con ella, que siempre cargara su permiso de frontera, que era su documento de provisión de identidad y que en un momento se reuniría con nosotros que estaríamos bien.

Al día siguiente en esa ciudad que se llamaba Pau, lo primero que vi desde la ventana de mi habitación fue un acolomnado de prisioneros alacustodiados por soldados franceses que pasaban hacia un campamento de prisioneros en las afueras de la ciudad; aquellos hombres tenían un aspecto muy diferente al de los soldados alemanes que yo acostumbraba a ver en las calles de Madrid.

Tu problema con mi hermano Tomás, que cuando iba a decirle si aceptaba el empleo, que él quería salir a continuación y me costó varias dificultades en el momento de hacerlo.

Teníamos que tener precaución con algunos ascensos, por ejemplo, en el momento de tener que ir a un campamento de aviación militar y un edificio que habíamos conocido en el hospital militar, además se veían en las calles muchos soldados franceses y marroquíes, cubiertos con el típico turbante y las calzonas de prisioneros alemanes, que llevaban a trabar bien el cinturón. En las calles se veían vehículos ingleses, americanos y de otros ejércitos. Estábamos en un país en guerra.

Mis padres llegaron después de una semana y al día siguiente me presentaron a mi familia en París y al resto nos llevaron a la Prefectura del Departamento de los Bajos Pirineos donde nos extendieron nuevos documentos de identidad con lo que recuperamos nuestra libertad de movimiento.



Cuando pudimos salir a pasear descubrimos que en la ciudad de Madrid, su parque con la estatua de Don Quijote en la plaza de Colón, el antiguo Castillo de los Moros y el Jardín de las Platerías dejaron su historia, la magnífica vista del paseo de los Pirineos, con sus columnas neoclásicas, su céntrico Palacio de los Pirineos, todo un gran centro comercial. Gran Hotel de la Florida, un lujoso hotel frente a los altos picos de nieve de las montañas de los Pirineos con su vagón de cremallera para descender a la parte baja de la ciudad que la atravesaba, que corre hacia la estación de la ciudad de las apariciones de la Virgen, Lourdes, con su gran Basílica Marianita y la lindad bien cuidada y limpia, con gente amable. En esta ciudad hemos pasado dos años y algunos meses, los primeros de la posguerra europea.

Decidimos quedarnos en Madrid por ser una ciudad más segura y barata que en París, aunque poco tiempo después los acontecimientos demostrarían lo contrario. Esto significaba estar lejos de mi padre, aunque sus obligaciones no le permitían en París, pero que en verano visitáramos cada quince o veinte días y dos o tres con nosotros.

Cuando papá regresaba al capital solía llevarse a algunos de nosotros. El viaje era largo, significaba un año en tren y los trenes en esos momentos eran precisamente lo más cómodo y que el material ferroviario era antiguo y deteriorado por la guerra.

Con los sueldos de papá cubríamos cómodamente los gastos, sin lujos pero sin estrecheces. La vida era muy diferente a la de los años de la guerra y hacíamos paseos en bicicleta por Lourdes, a unos 25 Km. de distancia.

Para el primero de mayo mi padre vino a pasar su cumpleaños número cincuenta y dos con nosotros y mi madre que iba a pasar unos días en Lourdes así mi hermano menor, Ricardo, hizo su primera comunión y al mismo tiempo se agredió la reunión de la familia. El día cincuenta y dos de mayo mi hermano hizo su primera comunión en una misa en la iglesia de Lourdes, oficiada por uno de los sacerdotes del ejército polaco y ante un ambiente de peregrinación de soldados que se solicitaban a la Virgen alguna curación milagrosa. Fue un ambiente muy festivo de fe. Después de almorzar bebimos un poco de cerveza, en un momento de efervescencia, donde hay unas interesantes cavernas prehistóricas, con algunos jeroglíficos. Bebimos alcohol y durante el recorrido empezaron a sonar las sirenas y todos pensamos en la alarma aérea, cuando llegaron los aviones, no es la alarma, aunque el fin de la guerra, la rendición de Alemania, sin consecuencias para las potencias aliadas. El fin de esa terrible guerra los ebrios en medio de esas milagrosas tierras marianas, Lourdes.

<sup>22</sup> El autor se refiere a Charles Batz -Castellón de Artagnan, un soldado de la Legión de los Volantes de la Armada que se alistó en la Legión de los Volantes de la Armada y se alistó en la Legión de los Volantes de la Armada en 1763. (N.E.)

<sup>23</sup> La inscripción reza: "Salut, nobis Béarn". (N.E.)

Regresamos a Pau, y al día siguiente en te mi padre vuelve a París en medio la algarabía jubilosas, con celebraciones en todas las ciudades. En esta ciudad yo voy con él a esa gran ciudad, con ocasión de la “Ciudad de la Libertad” en aquéllos momentos un poco maltrata los años de ocupación al enemigo pero si empre, París es París. En aquéllos momentos se celebraba en la explanada de Trocadero, debajo de la Tour de Eiffel, la exposición aeronáutica fue posible su bira un afortalezavolante, algo imponente.

La ciudad todavía conserva las señales de un aciudadocupada. Se ven los jeep de la Policía Militar (P.M.) patrullando y en ellas un militar americano, un francés y un ruso. Aquellas patrullas de la P.M. eran de una firmeza, me tocó presenciar un espectáculo en la Plaza de la República un soldado americano, borracho, molestaba a una muchacha francesa esos momentos apareció una patrulla de la P.M. de donde bajaron dos policías y le dieron un agolpiza, lotiraron en el suelo de la patrulla y se lo llevaron esos días se veía de todo, americanos vendiendo sus raciones de cigarrillos, su equipo de ropa de invierno; los soldados que vendían sus medias de nylon a las francesas, soldados desertores que se vendían del frente o rusos que huían del este hacia el oeste, hasta prisioneros alemanes italianos que huían a campos de concentración o que en otros se habían entregado y que vestidos sanos se dedicaban al pillaje para sobrevivir.

En las calles de París se veían soldados ingleses, franceses, americanos y ucranianos, belgas, en fin, era un torre de Babel. Pasé en París unos días agradables. El que fue jefe de papá en la Resistencia invitó a almorzar a casa; un piñocercado del Arcodel Triunfo, bien ameb lado y en la noche me narraron episodios interesantes de sus vidas en la clandestinidad. En aquellos momentos desempeñaba un importante cargo en el gobierno del general De Gaulle. Por aquéllos días nos enteramos que los gobiernos de España y Francia adelantaban con versaciones con el fin de normalizar las relaciones diplomáticas con sus lares.

Dos meses después mi padre se retira del ejército mejicano y el gobierno de ese país le concede el privilegio de seguir utilizando el pasaporte mexicano tras él lo desee. El Ministerio de Guerra de ~~Francia~~ <sup>Francia</sup> (si y) en ~~el~~ <sup>el</sup> D’Astier de la Vigerie le reconoce los servicios prestados en la guerra

<sup>24</sup> Posible mente el autor que era decir “réseau”. Este término designa a un tipo de unidades de la Resistencia francesa, con carácter de las destinadas al sabotaje y la evasión de los pilotos y prisioneros de guerra. En este contexto, por extensión, podría referirse al jefe de una de estas unidades. Henry D’Astier de la Vigerie organizó *Óvriana* de las primeras unidades activas hasta finales de 1940 en París y Normandía. En 1944 creó a los “Comandos de Francia”, que actuaron en los Vosgos y en Alsacia al final de la guerra. (N.E.)

asi g n an u n a p eñ E si ón on tin u ar á prest an do i mport an te serv ic io al g ob i ern o  
fran c és, du ran te la posg u erra.

Nosot ros c on tin u áb amos v i v i en do en el mi smo h ot el don de h ab íamos l  
g ado, pero y a h ab íamos i n i c i ado la b úsq u eda de u n lu g ar más adec u ado a  
v i da fami liar. El g ob i ern o español y a h ab ía ab i ert o P m y c b a su lado en  
b an dera española on de ab a en el b alc ón de su sof ic i n as. Un a n oc h e despu és  
c en ar n os ret i ramos a n u est ras h ab it ac i on es, c omo a las 2 ½ a 30 , a desc an sar  
en la c ama h ab ía c omen z ado a q u edarme dormi do, c u an do esc u c h é u n a t  
b le ex pl osi ón , salt é de la c ama y al ab rir al pu ert a en c on tré el pasillo llen  
h u mo, a osc u ras, c on fu ert e ol or a pól v ora q u emada y g r i t os q u e sal ían d  
h ab it ac i on es, tomé a mi h erman o T omás de la man o y a tien tas c omen z am  
a b ajar al seg u n do pi so don de se en c on trab an las h ab it ac i on es de mi s pad  
y de mi s ot ros h erman os. P apá en el pasillo y a n os llamab a y mi madre desde  
la c ama leg r it a b a a mi h erman a q u e se en c on trab a en la h ab it ac i ón c  
a la de ellos. C u an do el h u mo se di spersó y aparec i ó la g en te en los pasillo  
c on l i n t e r n a s y v e l a s, la du eña del h ot el n os i n formó q u e h ab ía si do u n a  
en la pu ert a del b ar, j u st o b a j o la v en t an a del c u art o de mi s padres, la c u a  
en c on trab a c on todos los v i dri os y espej os rot os, llen a de esc omb ros, la c ab  
c era de mader a de la c ama, fren te a la v en t an a, llen a de v i dri os c l a v a d os c om  
c u c h i l l os. G rac i as a Di os todos est áb amos b i en .

A la mañan a sig u i en te, el señor pref ec to n os di o la n ot ic ia de q u e e  
b omb a i b a di r i g i da al n u ev o c ón su l español de la Españ a fran c u i s t a y s  
m i l i a, c o l o c a d a p o r l a s o r g a n i z a c i o n e s d e e x t r e m a i z q u i e r d a y q u e h a b í  
si do c on fu n di dos c on ellos. El pref ec to n os di o g aran t ía de q u e n o v ol  
a pasarn os n ada, c o l o c a n do u n p o l i c í a en la pu ert a del h ot el las ve i n t i c  
h oras del día, l e proporc i on ó asi st en c i a médi c a para mi madre q u e est ab a mu y  
n erv iosa y man dó u n tel e g r a m a del g ob i ern o c en t r a l de P ar ís d a n d o l e g r a  
de q u e est ar íamos b i en y seg u ros.

Du ran t e esos meses v i ajé ast an a t e a c o s t a n t áb r i e g a u n a s c e s on  
papá y ot r a s c o m i g o a s í c on ob í e n o d a s e s a s c i u d a d e s , en d a S a n J u a n  
de L u B a y o n y a B i r r i t z a m b i e n a c i e s t e c o n o c i e f d o b e s , ou lou se,  
C arc assony h e a c i e n o r t D a x B o r d e a u y P ar ís u e r o s i t i o s u m e l l e g a  
ron a ser fami li a r e s i n t r a n s i f r a n c é s o m e n z a b e r f l u i d o c o n u o c a b u  
l a r i q u e p o c a p o c o s e e n r i q u e d a v a , i d a m p e z a b a s e r m á s f á c i l .

<sup>25</sup> El au tor podría c on fu n di r a q u í a los h erman os H en ry (1897-1952 ) y Emman u el  
d' A s t i e r de la V i g e r i e (1900 -1969). El pri mero, citado en el tex to y en l a n o t a a n t e r i o r ,  
u n o de los i n t e r l o c u t o r e s d e l G e n e r a l C l a r k e n C h e r c h e l ( A r g e l i a ) . E n c u a n t o a  
t a m b i é n d e s t a c a d o m i e m b r o d e l a R e s i s t e n c i a , f u e n o m b r a d o M i n i s t r o d e I n t e r i o r d e l  
b i e r n o P r o v i s i o n a l d e l a R e p ú b l i c a F r a n c e s a e n 1944. Es mu y posi b l e q u e est e ú l t i m o  
su h erman o, fu e r a e l e n c a r g a d o d e c o n d e c o r a r a l p a d r e d e l a u t o r . ( N . E . )

Memorias de un español en el exilio

Nos instalamos en un apartamento que nos convino por su distribución y precio, tres habitaciones, dos baños, sala, comedor y cocina, con una biblioteca y aque estaba a dos cuadras de la plaza de Córdobas (sic) en contacto con todo el comercio, el País de los Pirineos, la Prefectura, con bien ameb lado y con todo lo nec esario. En esa distribución vivimos dos de allí salimos con destino a Venecia; fueron dos años felices y en febrero después de aquellos seis largos y difíciles años vividos en Madrid.

Había algo que a mis padres les preocupaba a preocupar, nunca estuvo por venir, y ocasionó la carrera sin terminar, Tomás y Coa sin completar los estudios y Ricardo, de doce años, con apenas primero de bachillerato. Para nosotros estudiaron en Francia o en el extranjero, por múltiples razones, el tema era de frecuencia en la casa y hasta de diversos trámites con el fin de que se pudiera hacer. Papá tenía su pensión y su sueldo, no faltaba nada, pero eso era el punto, había que pensar en el futuro.

Leer las noticias y las celebraciones familiares, hasta tuviéndonos regalados algo que ya habíamos olvidado y recibimos el nuevo año 1951 el Club de Golf, en un agradable ambiente festivo. Los meses de verano pasamos en un acasita en un pueblo al edaño a San Juan de Luz, llamado Dart, todos los días íbamos al cercano Biarritz, donde escuche por primera vez “El mallan era” un apelativo americano recién estrenado, “Escuela de Srenas”, quien diría en aquel momento, que la oíría en el futuro mucho.

Nos pasábamos todo el día en la playa, donde ocurría una parisiense, que pasaba su verano en aquellas costas, Suzy Chiván, modelo de una casa de alta costura, muy hermosa y bella y elegante, en las tardes íbamos a Bondon de merendamos y después a un cine, a bailar, al cine o a pasear por boulevard de la playa. Fue una linda amistad, después, cuando visitaba la invitaba a pasear por los Campos Elíseos, donde la gente se volteaba a mirarla por su elegancia, su vestimenta y su porte, y a tomar el aperitivo en el Café de la Paix, en la plaza Opéra, donde un agradable P<sup>8</sup> (sic) era ideal.

Fue una buena amistad, un agradable recuerdo de mis 21 años en Francia. Al regreso a Pau, recibimos una carta de mi tía Lola, en la cual me la noticia de que por fin las monjas habían comprado la casa que quería, que él hacían el dinero que le correspondía a mamá y le proponía en venderlo que era de un acuen en Madrid donde mamá tenía firma y donde podía positarle el dinero. Mis padres empezaban a pensar en lo importante de tomar una determinación con respecto a nuestro futuro, estaba claro que p

<sup>26</sup> Probablemente se refiera a la Place Clemenceau, llamada así en memoria del presidente francés venedor de la IGUerra Mundial. (N.E.)

<sup>27</sup> Una de las más famosas canciones venecianas. (N.E.)

<sup>28</sup> Pernod, conocido aperitivo anisado francés. (N.E.)

n os h ac i a u n mej or por v en ir, t en íamos q u e sal ir de u n a Eu ropa desec h a por g u erra, c on fam ilias rot as, c on mill on es de person as desaparec idas, mil es de pri si on eros, ec on om ías desb arat adas, c i u dades desaparec idas, b orradas mat e- ri al men te del mapa; en fin , se req u eri ría de mu c h os años para rec u perar el v i ejo c on t in en te, pero adem ás u n a amen az a q u e pen d ía de toda Eu ropa, e c omu n ismo amen az an te q u e av an z ab a h ac i a el oest e don de y a v ari os pa ís h ab ían c aído b ajo la domi n ac i ón ru sa de St al in ; P ol on ia, Y u gosl av ia, Bu l g ari a y ot ros q u e lu eg o su c um b i rían .

C u an do rec i b imos la c h eq u era del b an c o don de est ab a deposi tado la c o t a v a p a r t e q u e c orrespon d ía a la v en ta del pro i n d i v i s o C ern í, se c on si deró sac ar lo de España, así q u e c on u n c h eq u e de mamá, fu imos a H en day a pa r a i n v est i g ar la forma de h ac er lo ef ec t i v o en fran c os fran c eses.

Nos en c on t r ábamos y a en H en day a, mi padre y y o, c u an do al morz an do u n rest au ran t q u e sol íamos frec u en tar, v imos u n lu joso au tomóv il c on est ac i on ado en la pu ert a, de esos q u e por en ton c es se v e ían poc os en Fran c en eso mi padre preg un ta: “¿Q u é f ec h a es h oy ? ” Y u n señor sen tado en mesa c erc an a le c on test a en español el día y el mes, mi padre le da las g rac i as y el señor v u el v e a preg un tar: “¿Son español es? ” L e c on test amos q u e sí y preg un tamos: “Y ¿u sted? ”. El n os di c e q u e son v en ez ol an os. X

El señor q u e se en c on t r a b a c o m p a ñ a d o p o r su j o v e n el eg an t e s p o s a y su p e q u e ñ o s i j o s, o s i n v í t a c o m p a r t i r o n e l u n a s o p a d e v i n. Nos di c e q u e se di r i g i ó a España en don d e r e s i d í a su madre y q u e e l o s i v e n u n l u g a r c e r c a n o, don d e se dedi c a b a r c o s e c h u a r v a s h a c e r i n. R. apá e s d i c e q u e t i e n e u n p r i m o q u e v i v e en V en ez u e l a s h a c e v a r i o s a ñ o s c o n su fam ilia.

A q u e l l a sob remesa se al arg ó. Nos h ab l ó de V en ez u e l a y de F a s g r a n d e p o s i b i l i d a d e s q u e e x i s t í a n e n a q u e l pa ís; de las c ol on i as españ ol as resi den t e s y n os rel a t a la h i s t o r i a de su fam ilia, él era h i j o de u n g e n e r a l q u e h a b í a p r e s i d e n t e de la rep ú b l i c a, y a f a l l e c i d o, p o r v a r i o s a ñ o s.

Est e señor mu y amab le m en t e se of rec e a c a m b i a r n o s e l c h eq u e e n España y darn os el di n e r o en fran c os fran c eses a l c a m b i o del día. Nos da su di rec c i ó n y n os i n v i t a a su c a s a para su reg reso, en u n lapso de c i n c o días, o c u r r i t a m o s g u s t o s a m e n t e y a q u e e r a n u e s t r a ú n i c a a l t e r n a t i v a. A s í se h i z o u n a s e m a n a s i g u i e n t e n o s c o n f i r m ó e l c a m b i o del c h eq u e y n os e n t r e g ó e l d i n e r o s e g ú n lo a c o r d a d o y a q u i e n e s q u e d a m o s mu y a g r a d e c i d o s.

L a c o n v e r s a c i ó n m a n t e n i d a c o n e s t a f a m i l i a v e n e z o l a n a, i n d u d a b l e m e n t e n os ab r i ó u n n u e v o h o r i z o n t e, y a q u e e m p e z a m o s a p e n s a r e n V e n e z u e l a u n a a l t e r n a t i v a, y a q u e h a s t a e n t o n c e s M é j i c o e r a n u e s t r a m e t a. A s í m e l e s c r i b e a su p r i m o p i d í e n d o l e i n f o r m a c i ó n s o b r e e l pa ís; p o s i b i l i d a d e s d e t r a b a j o, e s t u d i o, v i v i e n d a, e t c .

M i p a d r e s h a b í a c o r d a d o q u e d e r e s i d e n t e i n n o s g ú p a í s del c o n t i n e n t e n e r i c a n o s e r í a c o m d i n m i g r a r y n e s u n c o m o c a s i l a d o y n u e s t r a p r i m e r a g e s t i ó n e l c o n s u l a d o n e z o l a n o s o b r e a p o s i b i l i d a d e s v i s a d o.

Memorias de un español del siglo XX

Después de varias insatisfacciones con su lado, P arís y Bu rdeos no se formaron que el viaje más se adaptaba a nosotros de “Emigrantes Español”.

Otra gestión importante era obtener la formación sobre medios de transporte, los cuales para ese momento eran escasos y no muy cómodos, en viejos b arcos, que educaban a la gente para otros fines como para el capital y que todavía no estaban totalmente adaptados al servicio de pasajeros, generalmente eran de un aclase única.

La travesía transatlántica era un servicio, recién empezaban a salir a unavez al mes del puerto del Havre, tocaban en Inglaterra, Las Azores, Pequeñas Antillas, Trinidad y la Guaira, el viaje duraba quinientos días, en el “S.S. Colombe”, que educaban a la gente para otros fines como para el capital y que todavía no estaban totalmente adaptados al servicio de pasajeros, generalmente eran de un aclase única.

En el mes de noviembre recibimos carta de los primeros de Venezuela que en esos días estaban de vacaciones. Efectivamente Venezuela era de innumerables posibilidades, grandes oportunidades para la gente joven, estudio, de trabajo, de labrarse un porvenir. Inmediatamente tomamos la decisión, la meta era Venezuela.

Dejamos pasar el mes de diciembre, las necesidades, las cuales se celebramos en familia, reunidos con amistades. El año nuevo, el año 1947, el segundo de posguerra en el que cumplíamos nuestro segundo año en Francia y empezábamos a preparar los preparativos para el viaje a Sudamérica que tendríamos pensada sería para abril de los próximos meses.

Pasadas las festividades me dediqué a dar todos los pasos necesarios para los preparativos; lo primero era sacar los pasaportes y a que sólo poseíamos la carta de identidad francesa donde aparecíamos como españoles residentes, por lo que a través de las prefecturas obtuvimos unos documentos de viaje que el Gobierno francés concedía a las personas que por motivos de guerra o que vivían los documentos de su país de origen. Estos trámites duraron aproximadamente un mes.

Finalizado esto, viajé a París, al lado de Venezuela y me encontré con el lado de Bu rdeos, por estar residenciados en Pau. Allí conocí a un amigo que me informó de las condiciones de inmigración y de los trámites que requiríamos cumplir y me ofreció los visados de “Emigrantes Español” y “Español”, los pasajes corrían por nuestra cuenta.

Con esta información regresé a Pau, donde con papá y mamá decidí partir para lo cual el próximo paso era obtener los cupos en la Travesía.

Fran c esa para el S.S. “C olomb ie”; v i aj é n u ev amen te a P varís y despu és de ri as v i si t as a l a l í n ea de v apores me of rec ieron c u po para medi ados del mes de ab ril. Un c amarote ex terior de dos c amas en el pri mer pu en te, para mi madre y mi h erman a, otro en el seg u n do pu en te para mi padre y R ic ardo, y otro en terc er pu en te para T omás, y para mí c ompartido c on otras dos person as.

El próx imo paso era ob ten er los dól ares y los req u i si t os eran mu c hos y a q u e era n ec esari o ten er los v i sados, los pasajes c omprados c on fec has de emb arq u e y sól o ot org ab an 50 dól ares por pasaj ero lo q u e si g nific ab a 30 0 dól para toda la fami lia, así q u e ten dríamos q u e l leg ar y empez ar a trab aj ar de in medi ato para poder v iv ir. A demás se podían sac ar q u i n i en t os fran c os par g ast ar los en el b arc o en los toq u es de G u adalu pe y M artinica.

En los dos años v iv idos en F ran c ia el eq u ipaje h ab ía au men tado, y a e dos mal etas por person a y c on eso n os fu imos a P arís y nos al o jamos en el “T erras H ôt el”, en la R u e de M enesarde la P lace de C lich y, en M on t- martre y faltan do tres días para el emb arq u e se dec laró un inc en di o en la sala de maq u i n as del “C olomb ie” c on lo q u e se apl az ó la salida por un ti empo det ermi nado. Este apl az ami en to si g nific ab a para nos ot ros un g ran trastorri y a q u e al t erab an u est ro aj u stado presu pu esto. Esos días lo aprov ec hamos para pasear por la c iudad, c on oc er mu seos, pl az as y parq u es.

En tre mis rec u erdos de esos días est á la v i si ta al C emen terio de C lich y y a en desu so, un v erdadero j ardín . Nos ll amó la at en c ión un g ru po de jóv n es pon i en do flores an te un a sepul tu ra, c u an do v imos, la in sc r i p c i ó n “M arg arita G atie”, el c u idador nos c omen to q u e un poc o más adel an te e l a tu mb a de su aman te “A rman do Dupré” h iz o el si g u i en t e c omen t a r i o: “l a c u l t u r a de un pu eb lo se man ifiesta de di feren tes man eras y un a e llas es ob serv arc omo c u idan y respetan el et ern o reposo de sus an t e pasados”. A q u ello f u e si n du da un a ex peri en c i a sob re el c arác ter y la c u l t u r a l os pu eb los más an ti g u os del v i e j o c on t i n en t e eu ropeo.

El día 2 7 de ab ril, la c ompañía de v apores nos av isa q u e la salida sería el día dos de mayo a las seis de la tarde del P uert o del H av re (si c ). Ese día de la est ac ión Sai n t L az are, a las on c e de la mañan a sal dría un tren di rec to al mu c on los pasajeros del S.S. “C olomb ie” c on dest in o a Su ramérica. A las seis en pu n to z arpamos c on un c laro at ardec er y un a g ran c an t i d ad de pasaj en c u b i erta, dec íamos adi ós a la Eu ropa torturada por la g u erra y ru mb o a u porv en ir desc on oc ido e in c i erto, c arg ados de rec u erdos, de al eg rías y mu c su f r i m i en t o, se ab ría en n u est ras v idas un n u ev o c apít u lo.

<sup>29</sup> El au tor se refiere al T erras H ôt el, si tu ado ac tu almen te en el 12 de la R u e J oseph M ai stre, en P arís. (N.E.)

<sup>30</sup> Por M arg u rite G au tiery A rman do Dupré. *La Dronsonde* t. 1, c. 1 de las de las de A lej an dro Du mas. (N.E.).



## L A T R A V ESÍA H A C IA V ENEZUEL A

El C olomb ie sal ió de las tran qu ilas ag u as del pu ert o y en fil ó el C a  
la M an c h a h ac ia In g l at erra. En la madru g ada, c u an do en t ramos en el  
Sou t h ampt om era el tres de may o, día de la San ta C ru z , c u mpl eaños de papá.

A l medi odía c omen z amos a sal ir de la en sen ada del pu ert o; du ran te dos  
tres días la t rav esía fu e mu y du ra porq u e el mar est ab a mu y pi c ado, pero a m  
di da q u e n os ac erc áb amos a L as A z ores y el mar se t ran qu iliz ab a, c om  
las rel ac i on es en t re los pasaj eros, en t re los q u e h ic imos mu c h as ami st ade  
pec i al men te rec u erdo a tres jóv en es mat ri mon ios fran ceses c on su s peq u  
h ijos y sob re todo a un mat ri mon io pol ac o q u e t raían un c ami ón , dese  
ej érc it o n ort eameri c an o c on el q u e est ab le c í un a c ordi al ami st ad. T od  
llas person as c on el ti empo su pi eron sal ir a del an te en est as ti erras ameri c an  
L os fran ceses ab rieron un peq u eño rest au ran en San A g u st ín y mi pr  
en V en ez u el a a la c i u dad de M arac ay fu e c on el pol ac o en su c ami ón

A l en t rar en las ag u as del C ari b e a t rac amos en la is la de G u adalu p  
pu és de on c e días de n av eg ac i ón don de y a se aprec i ab a el b rillo n at u  
pai saje del t rópico. A las seis de la mañan a del si g u i en te día t ocamos en M  
t i n i c a, F ort de F ran c e, lu eg o en las is las de Barb ados y T ri nidad don d  
mera v eprob amos u n *Coca-Cola* b eb ida q u e despu és n os sería t an f ami liar.

P or fin , emoci on ados y h ac i en do plan es para la lleg ada de n u est ro n  
f u t u ro, ll ag amos al pu ert o de L a G u ai ra, el día 16 de may o de 1947, a las  
de la mañan a. T odos est áb amos en c u b i e r t a para ost as del país q u e  
h ab íamos el eg idos para v iv ir. M omen to i n ol v idab le para mí, aún rec u  
i n t en so c al or q u e me sof oc ab a.

A l rat o, empez aron a ll amar al c oman dan te don M ari o de P áramo par  
q u e se presen t ara en el pu en te de man do sol ic itado por el c apit án del b a  
papá mu y ex t rañado su b i ó y el c apit án le presen t ó al ten i en t e c oron el c  
n ieros del ej érc it o v en ez ol an o José J oaqu ín J imén ez , j ef e de la C as  
del P resi den te de la J un ta de G ob ierno V en ez ol an a, q u e preg un t  
Despu és de presen tar su s respet os le man if est ó q u e v en ia a ay u darn os a de  
emb arc ar y q u e n u est ro pri mo, L eon c i o J aso, n os esperab a en el mu ell e

C u an do n os en c on t ramos c on los pri mos fu e un momen to emoci on  
h ac ía años q u e n o les v eíamos.

Nu est ra en t rada a C arac as fu e por la av en ida España, pl an eado así por  
n u est ra f ami lia para q u e t u v i éramos un a mej or impresi ón de aq u ella pec  
c i u dad, de un os sei sc i en t os oc h en t a mil h ab it an tes, de v ida t ran qu  
pez ab a a c rec er h ac ia el est e del v alle y q u e en alg u n os años lleg aría a  
g ran c i u dad, mu y c osmopol ita.

Nos i n st al amos en un peq u eño h ot el f ami liar, H ot el C erv an tes, si  
la P laz a España, en el c en t ro de la c i u dad, don de pag áb amos q u i n c e b

diarios por habilitación con pensión completa, lo que significaba, al día, cuatro dólares con cincuenta centavos.

Los primeros días fueron para recoger el equipo y depositarlo en el C año. A María le gustaba mucho. Extranjería, al ascender la identidad, escribimos como extranjero en el Distrito Federal y empezamos a trabajar.

A los pocos días de haber llegado a mamá le dieron un fuerte cólico hepático de los que a ella le solían darle cuando yo los médicos le diagnosticaron cálculos en la vesícula biliar y recomendaron operarla rápidamente, así como la ayuda del primer Leóncio, médico, se comenzó a preparar para la operación, que sería en aproximadamente un mes. Mientras tanto en su vida normal, a ella le encantaba la ciudad y su clima. Cuando salían las calles se decía: “¡en este país se debe vivir muy bien!”.

Nosotros continuamos buscando trabajo, el primero en encontrarlo. Tomás, y a diferencia de los años, a quien un amigo español, médico veterinario que trabajaba en el Ministerio de Agricultura y que en aquellos primeros años acompañó mucho, le consiguió un puesto en el departamento de reproducción y publicaciones. Por su cuenta hacían gestiones en las líneas.

A mamá le fijaron la fecha de la operación para el día 15 de junio, el día que cumplíamos un mes en el país. Sería en la clínica Aranget, propiedad de un médico español, situada en la calle sur 23, en Los Cobos, frente a la casa de los Padres Capuchinos. Por la operación y hospitalización se firmaron letras a ser pagadas posteriormente.

El día antes, ella que siempre había sido fuerte, estaba decaída y triste, me manifestó su deseo de no salir bien de la operación mantuviera unida a familia y que por ser el mayor cuidara de mis hermanos, sobre todo de mi hermano, la única mujer: “defiende la vida, no la abandonas ni descuides”. Traté tranquilizarla, darle ánimo y seguridad, y a los médicos decían que una operación que se realizaba frecuentemente con éxito. Sin embargo que enología tranquilizarla.

El día que incidió la operación, se le extrajo la vesícula, todo muy bien. Las primeras noticias eran satisfactorias todo había salido bien. Mi hermano se quedó con ella todo el día.

En la noche empezó a empeorar y en la madrugada del día 16, después de una penosa y difícil agonía, a la edad de 47 años, murió a las 4:15 a.m. La noticia fue terrible, mamá era para nosotros un ainsig n emujer, llenada de bondad que a pesar de los difíciles momentos vividos nunca dejó de ser indulgente, muy generosa y sobre todo muy valiente, nunca en aquellos años vividos ella sola con cuatro niños pequeños la vida de acobardarse.

Había nacido en una familia de campesinos con un clan de faltada, tenía un hermano y un hijo escenas de comodidades. Su madre, doña Clotilde, su ejemplo eran sus madres. Cada día a su numerosa familia, se vivían resfallecidos. Ricardo, padre, un

h omb rtedi c ad el trab aj B. u ad e al de la c i u d de C eu du ran teu at ro años y c om di c don J osé G arc Ca osí c ron i G afic ita C eu mi, emb del In stit ut A su n G osu t ís, la A soc i ac de Esc rito r Español es; R ic ardo C err í ú el pri mer R eg ió n u n i q u e s arroll ó n l a ab l t e areg i on al ; en su lib í C eu H a, i st op re sen t y f u t u r o ”, arc Ca osí c it a P u edír marse q u fe u e pri mer R eg ió n azh, omb de dest ac ad person al idad”.

P er ad emás de su lab or f ren de la c orporac ió n n ic f a fe u n dador del pri mer ban c o u t C as de Ban c G ern y í n an d a c on st ru í c i ó n c i ó n c om c asamat r iz don de f u n c i o n a s u s u mu ert Est ac on st ru c c i ó n es h o y en día sí mb ol omb l emát i de b ac i u dad, on oc í dam a c as de los drag on esp ñ u es u v com remat ede su f ac h ada, n es or me paj arrac os on c ol de serpi en t e, u en su momen t o se man dar on le mol erpor represen tar n pel ig r Su ún i cho erman o arón F, ran c i ad men orde todos, ab og ados c of u n dador mu sede A rt G on t emporá r e V i l l a mes C ast ell ó n , c on oc í dam a n ex c el epitre ac ot ec am u meros asu est ras í st ic de la époc aj n c lu del m í smo F ran c í Sc ern cí, u y l a i m a x posi c i ó n l ev o a c ab en C eu t e a, oc tu b re 1980 F ran c í Sc orne í a de dest ac ad person al idad, ran q u i i n t, el i g e r t erren y f i n d b romi st u, rg rarpen sador q u a e ost u mb r aded i c a r i empa di sc u r r i a z, on y r reflex i on T r. rab aj ab a mu c h o n su sob r i n Vo i c e A t g u i C e r n u í, n de los c r í t ic de s art eq u e c u en c t ang rar prest i g i n los med i os art í st ic de s la C omu n i d ad ropea, g an ad de v a r i o s p r e m i o s i n t e r n a c i o n a l t e n e l l o s e l de la B i e n de V e n e c i a u t e n u m e r o s o s i b r a d r a d u c i d o s a r i o s d i o m a s T í P a q u e í s t a b a c as ad o c on Dol ores B i s b a h, at u r d e V a l e n y p a d r e de c i n h o j o s En los ú l t i m o s e s de la G u e r r a e s p a ñ o l a t u v l o c a s i ó d e v i v c i o n e l , pu es se ref u g e n d ac as a j u n t o m i p r i m a C a r m e n c i t a.

F u e así c o m o a q u e l 16 de j u n i o de 1947 l e d i m o s c r i s t i a n a s e p u l t u r a n u e s t r a q u e r i d a m a d r e e n e l C e m e n t e r i o G e n e r a l de l S u r. U n d u r o g o l p u n a f a m i l i a q u e e m p e z a b a e n u n p a í s d e s c o n o c i d o, c o n l a p e n a q u e n g a b a a t o d o s, c o n u n a d i f í c i l s i t u a c i ó n e c o n ó m i c a, p e r o q u e h a b í a p o n e r s e y t r a t a r d e c o n t i n u a r l a v i d a. N o f u e n a d a f á c i l.

A l o s p o c o s d í a s p a p á c o m i e n z a a t r a b a j a r e n A e r o p o s t a l V e n e z o l a n a, e r a l a l í n e a b a n d e r a, c o m o a s e s o r d e l a p r e s i d e n c i a, c o n a t r a c t i v a s c o n d i c i o n e s d e t r a b a j o y h o n o r a r i o s a c o r d e s c o n l a p o s i c i ó n a d e s e m p e ñ a r. P a r a e s e m o m e n t o y a e s t a b a n t r a b a j a n d o p a p á y T o m á s, p o r l o q u e d e c i d i m o s b u s c a r a p a r t a m e n t o p a r a e s t a r m á s c ó m o d o s.

Y o o n t i n u a b a t r a t a n d o d e e n c o n t r a r u n t r a b a j o, t e n í a l g u n o s o f e r t o s, u n p a i s a n o l e o n é s r e s i d e n t e e n V a l e r a, E s t a d o T r u j i l l o, m e o f r e c í a t e n t e m e n t e t r a b a j a r c o n é l e n v a r i o s c i n e s d e s u p r o p i e d a d, l o c u a l n o p o r e s t a r m u y d i s t a n t e d e C a r a c a s y n o m e p a r e c í a p r u d e n t e s e p a r a r m e d e m i f a m i l i a e n e s o s m o m e n t o s.

Si n emb arg o, ese mi smo pai san oc on el q u e h ab ía est ab l ec i do u n a b u c omu n ic ac i ón y del c u al rec u erdo t ~~coincidente~~ ~~en~~ ~~el~~ ~~coro~~ ~~ni~~ ~~no~~ t i n t o, t a p i z a d o e n c u e r o, q u e e r a m i a d m i r a c i ó n , c u a n d o l o c o m p a r a b a c o n v i e j o s v e h í c u l o s q u e r o d a b a n p o r l a s c a p i t a l e s e u r o p e a s, e n u n o d e s u v i a C a r a c a s m e d i c e q u e e l m á s g r a n d e d i s t r i b u i d o r d e p e l í c u l a s m e j e c a n a s t a b a b u s c a n d o u n a p e r s o n a p a r a q u e t r a b a j a r a c o m o c a j e r o e n s u s o f i c i n a s e s t a b a n s i t u a d a s e n e l p r i m e r p i s o d e l e d i f i c i o d e l c i n e p r i n c i p a l e n l a P l a z a B o l í v a r . A s í c o n o c í a d o n S a l v a d o r C a r c e l , u n c a t a l á n q u e m e e n t r e v i s t a p u e s t o y m e p r e s e n t a a l s e ñ o r A n t o n i o A r r a i z q u i e n m e e n t r e n a p a r a e l c a c o n u n s u e l d o d e b o l í v a r e s 6 5 0 , 0 0 a l m e s . A s í c o m i e n z a , a m i s 2 1 a ñ o s , p r i m e r t r a b a j o e n V e n e z u e l a , d o n d e t r a b a j é d u r a n t e d i e z m e s e s e n u n a m b a m e n o y c o r d i a l , d o n d e t u v e u n b u e n a p r e n d i z a j e , p u e s m e f a m i l i a r i c e o a c t i v i d a d e s b a n c a r i a s , o r g a n i z a t i v a s y d e d i s c i p l i n a e m p r e s a r i a l .

A p r i n c i p i o s d e l a ñ o 1 9 4 8 , f u i i n v i t a d o a u n e v e n t o p a r a e l c u e r p o d i m á t i c o a c r e d i t a d o e n V e n e z u e l a e n e l V a l l e A r r i b a C o u n t r y C l u b . O p o r t u n i d a d d e q u e m e p r e s e n t a r a n a d o n R ó m u l o B e t a n c o u r t , p r e s i d e n t e d e l a J u n t a d e G o b i e r n o c o n e l q u e c o n v e r s é s o b r e l a s i t u a c i ó n y r e c u p e r a l a E u r o p a d e p o s g u e r r a y m i l l e g a d a a V e n e z u e l a . A l c o m e n t a r l e q u e e s t a b u s c a n d o u n a p o s i c i ó n l a b o r a l m á s a c o r d e c o n m i p r e p a r a c i ó n , r e c u e r d o m e p r e g u n t ó m i e d a d y d e s p u é s d e u n a a m e n a c o n v e r s a c i ó n , a l d e s p e d i r s e c o r u n a p r e t ó n d e m a n o s s e o f r e c i ó p a r a a y u d a r m e . E f e c t i v a m e n t e a l g u n o s d í a s d e s p u é s r e c i b í u n a c o m u n i c a c i ó n c i t á n d o m e p a r a u n a e n t r e v i s t a e n l a c o r p o r a c i ó n V e n e z o l a n a d e F o m e n t o , e n t r e v i s t a a l a q u e a c u d í y e n l a q u e o f r e c i ó l a o p o r t u n i d a d d e t r a b a j a r e n l a s u b g e r e n c i a d e S e r v i c i o s T é c n i c o s c o n l a f i n a l i d a d d e o r g a n i z a r l a h e m e r o t e c a e s p e c i a l i z a d a c o n u n s u e l d o d e 7 0 0 , 0 0 b o l í v a r e s m e n s u a l e s . A c e p t é y d e s p u é s d e r e t i r a r m e d e l a d i s t r i b u i d o d e p e l í c u l a s , c o m e n c é e n e l n u e v o e d i f i c i o d e l B a n c o C e n t r a l d e V e n e z u e l a e n l a e s q u i n a d e S a n t a C a p i l l a , e n h o r a r i o d e 8 : 0 0 a 1 2 : 0 0 y d e 1 : 3 0 a 5 : 0 0 d o n d e f u n c i o n a b a l a C o r p o r a c i ó n .

C a r a c a s e r a u n a c i u d a d m u y a g r a d a b l e , c o n u n c l i m a d e e t e r n a p r i m a r c o n p e r s o n a j e s m u y c a r a c t e r í s t i c o s y s i t i o s d o n d e p a s a r u n b u e n r a t o , r e c u e r d o l a t e r r a z a d e H o t e l M a j e s t i c o l a f u e ~~Donde~~ ~~de~~ ~~su~~ ~~q~~ ~~u~~ ~~it~~ ~~u~~ ~~ada~~ f r e n t e a l T e a t r o M u n i c i p a l , e n e l c e n t r o d e l a c i u d a d . E n t o d o s l o s n i v e l e s r a q u e ñ o e r a a m a b l e , s e r v i c i a l , e n u n a c i u d a d m u y s e g u r a y p r ó s p e r a , l l a m a d a p o p u l a r m e n t e l a c i u d a d d e l o s t e c h o s r o j o s , m u y d i f e r e n t e a l a g r a n m e t r ó p o l i d e h o y , o n m á s d e c u a t r o m i l l o n e s d e h a b i t a n t e s , u n t r á f i c o i n f e r n a l , c o n m u l t i t u d d e c e n t r o s c o m e r c i a l e s y g e n t e q u i e n d e p r i m a y a p u r a d a .

E n l a C o r p o r a c i ó n d e F o m e n t o t u v e l a s u e r t e d e t e n e r c o m o j e f e s a u g r u p o d e j ó v e n e s p r o f e s i o n a l e s , l o s c u a l e s t o d o s s e d e s t a c a r í a n c o n e l t i e m p o l l e g a n d o u n o d e e l l o s , R a m ó n J . V e l á s q u e z , a s e r P r e s i d e n t e E n c a r g a d o d e l R e p ú b l i c a , a ñ o s d e s p u é s . D e s p u é s d e u n c o r t o t i e m p o f u i n o m b r a d o j e f e d e l A r c h i v o C e n t r a l , d o n d e p e r m a n e c í d u r a n t e v a r i o s a ñ o s .

Estando trabajando en la corporación, conocí a doña Leonor Margarita Rivillasarrázabal, quien cursaba el último semestre de Economía en la Universidad Central de Venezuela y quien realizaba su pasantía en dicha ración, quien posteriormente sería mi esposa y madre de mis siete hijos. Su abuelo paterno fue ~~Vladimir~~ ~~Órosenk~~ de España en Puerto Caballo y representante de la Compañía Transatlántica Española en ese mismo puerto. Tanto su familia paterna como la materna, ambas de origen español, residen en Venezuela desde la época de la colonia. Por parte de su papá el apellido Leonés, Rivillas, por su mamá, Larrazábal, vasco, y desde la época de la colonia el negocio de la familia había sido la siembra, recolección y exportación de cacao, hasta los inicios del siglo veinte.

Nuestro matrimonio se efectuó el día 28 de mayo de 1949. Formamos una familia numerosa, dos varones y cinco hembras, dos de los cuales son varones y cinco son hembras. El 22 de mayo de 1950, nacieron mi primer hijo, José Luis de ~~Árroyo~~ ~~Árroyo~~ cinco años después, el 18 de octubre de 1955, falleció mi padre, a la edad de sesenta y dos años, en la ciudad de Caracas, a las 1:30 p.m. producto de un carcinoma cerebral.

En 1953 ingresé en un importante grupo empresarial venezolano donde hicieron la gerencia de una de sus empresas, la cual acepté y en la que permanecí por diez años hasta octubre de 1963 donde alcancé la Vicepresidencia de la empresa del grupo ~~del~~ ~~Almacén Agrícola C.A.~~

Para ese entonces ya era padre de seis hijos más: María Luisa (28 de Agosto de 1952), Leonor Margarita (8 de Abril de 1955), Mariana Le (de Noviembre de 1956), Sylvia Margarita (31 de Diciembre de 1957), Carl (de Enero de 1958) y Enrique (24 de Febrero de 1959) y María de Lourdes (9 de Marzo de 1963).

Durante esos años realicé varios cursos de mejoramiento profesional en un nivel de vices y ex tranjeras, representé al país en congresos unio nes internacionales como, por ejemplo, el XIII Congreso Internacional de Gerencia ~~en~~ ~~New York~~ y formé parte de la Delegación Venezolana que asistió a la reunión de AID Impacto II. Fui subgerente de la Asociación Venezolana de Ejecutivos e ingresé como profesor de técnicas y dirección de ventas en el Instituto Nacional de Cooperación Educativa (I.N.C.E.) cuyas actividades por veinte años. Profesión a la que dediqué gran parte de mi vida, y a la que dediqué al reclutamiento, selección y formación de personal para empresas como: Compañía Anónima Teléfonos de Venezuela, Helados Típicos, Tiendas por Departamento Max y S, Acumuladores Duncan, Latín Oil de Seguros, Compañía Anónima de Alimentos C.A.D.A., Jugos Yukon y otros Bancos, acompañado por algunos de mis hijos; hasta el 6 de junio del año 1991, a las 6 de la tarde, próximo a cumplirlos setenta y cuatro años, cuando regresando del trabajo, sufrí un grave accidente automovilístico ocasionado por la rotura de la rodilla, con movilidad cerebral aguda, setenta y ocho días de su tura en el cual la altura de la vena principal, brazo derecho

v ért eb ras resen tid as, en to tal un mes de h ospitaliz ac i ón con dos clav os dillay nu ev emeses in c apac itado para seg u ir trab aj an do.

G an é el ju ic io en el T rib un al de T rán sito, en P ri m e ra In st an c i a Superior del Est ado M i ran da, y la c ompañía de seg u ro me pag ó el c arro, c an - c el ó los g ast os mé d i c os y de c l í n i c a, pero no me c an c el ó los sal a r i os c a í d os d e nu ev emeses, loc u al fu e un g rav e trast orn o para la ec on om í a fam i l i a r. De en ton c es u t i l i z o b a s t e ó n y u l e a n do un c ollarín b l an do en el c u ello; si e m b a r g o, despu é s del ac c i d e n t e, todav í a trab aj é al g u n os años más y est u a c t i v o h a s t a los set en t a y si et e años y pod r í a dec i r q u e a pesar de al g u n os ac h i q u e s propi os de mi edad y produ c t o del ac c i d e n t e, g o z o de mu y b u e n a sal u d.

H an si do sesen t a l a r g os años en est e pa í s, don de h u b o peri odos b u e n os de g ran desarrol lo fam i l i a r y de al t a produ c t i v i d a d y ot ros de d i f í c i l s i t u a c i ó n don de lev an t a r si et e h i j os en edad de est u d i os de b a c h i l l e r a t o y u n i v e r s i t a r i o s i g n i f i c a b a un g ran esfu e r z o, pero si e m p l e D i o s y e l a p o y o de L eon or pu di mos sal i r adel an t e y v e r l h s a y r o d d í a, profes i on a l es y sal u d a b l e s, con su s fam i l i a s est a b l e c i d a s y los n i e t os y a en edad de est u d i o s.

A dem á s de la v i d a fam i l i a r, h a b i t o en un pa í s en el c u al v i v í d o e g r a d e est ado, con su s d i f i c u l t a d e s; la d é c a d a de los sesen t a c on g u e r r i l l a s u r b a n a q u e h a c í a n d i f í c i l el desarrol lo ec on ó m i c o y la est a b i l i d a d dem o c r á t i c a a m e n t os don de los prec i os del pet r ó l e o e r a n al t í s i m os y ot ros don de la b a j a de los m i s m os h a c í a n d i f i c u l t o s o el desarrol lo; con dev al u a c i on es de la mon e d a o c on al t a i n f l a c i ó n ; t o d o el l o en un pa í s dot ado de g ran des r i q u e z a s: pet r ó l e o, h i e r r o, oro, di a m a n t e s, carb ó n, b a u x i t a, ex t r a o r d i n a r i a s f u e r z a s h i d r o e l e c t r i c a s, g ran des reserv as de a t u r a l, g ran des ex t e n s i on es en est ado sel v á t i c o y de c o s t a s, con apen a s 2 7 m i l l on es de h a b i t a n t e s, en un pa í s de g ran des b e l l e z a s r í t i c a s si n ex pl o t a r, al q u e e l e deb o g ran p a r t e de mi v i d a.

En fe b r e r o de 1972, reg resé a Esp a ñ a despu é s de v e i n t i c i n c o años de h a b e r sal i do, en c ompañía de mi espos a, pasamos un os días en M a d r i d y su s al rededores, est a d í a q u e si r v í o para en t r a r de n u e v o en c on t a c t o con la fam i l i a los t í os y los p r i m os y así poder most r a r a L eon or mi pa í s de ori g e n, el c u al e l l a n o c on oc í a. V o l v i m os en d i c i e m b r e de 1982, en c ompañía de n u e s t r a h e r m e n a, para c u m p l i r un a p e r e g r i n a c i ó n al S a n t u a r i o de L o u r d e s, y a q u e e l d e L o u r d e s, sob r e v i v í o a un a g r a v e e n f e r m e d a d. En esa oport u n i d a d, v i s i t a m o s l a c i u d a d de P a u, de la q u e t e n g o t a n t os rec u e r d os, los c u al es q u e r í a c o m u n i c a r con mi espos a. En el año 2 0 0 0, L eon or y y o reg resamos, de n u e v o, q u e r í a m o s días a A n d a l u c í a, en c ompañía de mi h e r m a n o R i c a r d o, el c u al mu r i ó el 12 d i c i e m b r e del año 2 0 0 1 en l a c i u d a d de V a l e n c i a (Est ado de C a r a b o b o, V a z u e l a), y su espos a doña N i e v e s P a r r a, pad r e s de R i c a r d o y M a r í a L u i s a, de v a c a c i on es con un g r u p o de person a s m a y o r e s, t o d os y a j u b i l a d os.

P e r o el v i a j e q u e n u n c a ol v i d a r é fu e en el año 2 0 0 1 a L e ó n, du r a n t e m e s, i n v i t a d o por la D i p u t a c i ó n P r o v i n c i a l, para un g r u p o de l eon e s e s r e t u r n a r.

tes en Cuba, Chile y Venezuela, algunas personas ya tenían en 93 y 95 años (sic) sesenta años que no había vueltos a León.

Visité la casa donde nací, fui a Murias de Rechivaldo, y pasé un día en casa donde nació mi bisabuelo, don Tomás Rodríguez Mirán, en el castriello de los Polvazares, la casa donde nació mi bisabuela Doña Salvadores Puentes y disfruté de un buen cocido maragato y de un clemente leonés. Pasé también una semana en Segovia con mi primo José Riquelme y dos días en Madrid con los sobrinos; en total un mes inolvidable que desearía repetir en algún momento.

En diciembre del 2004, en la ciudad de Sao Paulo, Brasil, falleció mi abuelo Manuel Cordero, casado con doña Mariana Pombal, padres de María Luisa y Recien, mi hermana y don Tomás su hijo, un derrame cerebral en la ciudad de Lima, Perú, donde vive con sus hijas, Rita y Nelly, y sus nietos, del cual estoy muy triste.

En mayo del 2009, Leónor y yo cumplimos 60 años de matrimonio. Ella nunca terminó su carrera universitaria y su vida la dedicó a las familias y a cuidar de tan numerosa prole y todo mi esfuerzo lo aborrecí para que yo estuviera con ellos. Hoy día son a sus nietos y familias: José Luis (Pepe), casado con Elena Fingado Stolk, padres de Leónor Elena y Ana Elena; María Luisa (María), casada con José Rubén Limardo Linares de José Rubén, José Manuel y José Andrés; Leónor Margarita, viuda de Manuel Pujol González; Mariana Leónor, casada con Víctor Vázquez de Ana María y Carlos Eduardo; Sylvia Margarita divorciada de Manuel Miguel del Canal de Páramo; Carlos Enrique, divorciado, padre de Margarita de Páramo Rivero, y actualmente casado con Luisa Ortiz, padres de Adriana Carolina; y Mariana de Leónor casada con Pedro Ignacio Vega Arias, padres de Pedro Emilio y Juan Ignacio.

Hoy día, tengo 82 años, no poseo grandes bienes de fortuna, de hecho vivo en una pensión que me otorga el gobierno español. Si embargo, por la gran fortuna de haber levantado una numerosa y hermosa familia a partir de Leónor, he podido transmitir, los valores y principios formados durante su vida.

Todavía a mi edad estoy lleno de ilusiones y en especial dos deseos pendientes de cumplir. He tenido la oportunidad de regresar a España y algunos de mis hijos y nietos me han visitado, pero algún día poder reunirme con mi amada y recordada España, en especial en la ciudad que me vio nacer, a toda mi familia, hijos y nietos. Así como le sean reconocido a mi padre, como dan testimonio de Aviación de Páramo Rodríguez sus derechos y privilegios adquiridos por escudo de los cuales fue despojado injustamente.

Querido hermano que me duele a Dios, la entereza y fortaleza que me brindó para enfrentar los momentos difíciles de mi vida y que me dio el optimismo y la dicha del ser humano que soy.





Acta de nacimiento de Mariano de Páramo Rodríguez, padre del autor.



Mariano de Páramo Rodríguez, padre del autor.



Mi padre, oficial de aviación del ejército español.



Postale con el retrato del autor, a los pocos meses de nacer (1924).



L os padres del au tor, y u n a c u ñ a d a -Dol or e s art ill a de rec l u t a m e n t o del au t o r (1945).  
B i s b a l - c o n s u h i j o F r a n c i s c o C e r n í . A l i c a n t e ,  
1937.

M emori as de u n e spa ñ ol del si g l o X X



M i f a m i l i a (1945).



M i m a d r e y m i h e r m a ñ a (1945).



**FERRASS-HOTEL, 12-14, Rue de Maistre, PARIS**  
Téléph. MONTMARTRE 72-85 (5 lignes)

Material promocional de Ferrass-Hotel.



Participación en el H. de la A. n. i. v. ersari del paso a Francia de España en 1945.

COMPAGNIE GENERALE TRANSATLANTIQUE  
\*\*\*\*\*

HORAIRE DU S.S. "COLOMBIE"  
-0-

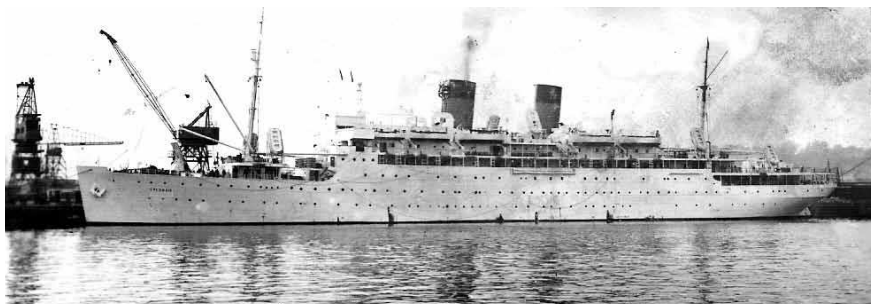
VOYAGE No 5

PORT	ARRIVEE	DEPART
HAVRE.....		2 Mai 18 heures
SOUTHAMPTON.....	4 Mai 24 heures	5 Mai 2 heures
POINTE A PITRE.....	8 Mai 18 heures	15 Mai 0 heures
FORT DE FRANCE.....	13 Mai 15 heures	14 Mai 6 heures
LA BARBADE.....	14 Mai 11 h.30	14 Mai 17 heures
TRINIDAD.....	15 Mai 6 h.30	15 Mai 9 heures
LA GUAYRA.....	15 Mai 6 h.30	16 Mai 18 h.30
TRINIDAD.....	17 Mai 12 h.30	18 Mai 1 heure
BARBADE.....	18 Mai 15 heures	18 Mai 18 heures
FORT DE FRANCE.....	19 Mai 8 heures	19 Mai 17 heures
POINTE A PITRE.....	20 Mai 6 heures	20 Mai 15 heures
SOUTHAMPTON.....	26 Mai 15 heures	30 Mai 24 heures
HAVRE.....	27 Mai 6 heures	



Horario del transatlántico que nos llevó a  
nuestra.

Postal en vida por el autor a Leonor Rivás,  
quien sería su esposa (1948)



S.S. Colombia, en el que viajamos a Venezuela en 1947.



- 4 -

PAYS pour lesquels le présent titre est délivré :

- 5 -

### Prorogations de Validité

Emplacement du Timbre mobile spécial	Durée de validité prorogée du
Cachet	au
Fait à	le
Le Préfet (ou le Consul de France s'il y a lieu)	

VALABLE DU 17-2-1947  
AU 16 Février 1949

Sauf renouvellement,  
Délivré à *Fau (St. Jean Puy)*  
Date, le 17-2-1947

Le Préfet  
(signature et cachet)  
POUR LE PRÉFET DE LA SEINE  
Le Consul de France

- 6 -

### Visas

Reproduire dans chaque visa le nom du détenteur du titre.

PRÉFECTURE DES PASSE-PORTS-PYRÉNÉES

N° *9. Serrano Cerri José Luis*  
Visa de *France* N° *16*  
*à l'aéroport de la Ymbrie*  
*du 16 au 17 Février 1947*  
Bon pour un voyage par *l'aéroport de l'aéroport*  
*d' destination du benédicta*

Le Préfet  
(signature et cachet)  
PRÉFECTURE DES PASSE-PORTS-PYRÉNÉES  
N° *16*  
Février 1947

- 1 -

### FRANCE

#### Certificat d'identité et de Voyage

Pour les réfugiés Espagnols

N° *10*

Nom du titulaire : *Le Serrano Cerri*

Prénoms : *José Luis*

Lieu de naissance : *San Sebastián (Espagne)*

Date de naissance : *12 août 1918*

mi de :

Nationalité : *Espagnol*

Profession : *Châssin (Barrachines)*

Domicile : *Fau (St. Jean Puy)*

Domicile antérieur : *Barrachines*

Le détenteur du présent titre n'a pas qualité pour obtenir un passeport français.

- OBSERVATIONS -

- 2 -

### SIGNALEMENT

Taille : *1,70*

Cheveux : *Châtain*

Sourcils : *Cl.*

Front : *Cl.*

Yeux : *verts*

Nez : *Rectiligne*

Bouche : *Cl.*

Barbe : *Cl.*

Menton : *Cl.*

Visage : *Ovale*

Teint : *Clair*


Signes particuliers :

Accompagné de (nombre) *0* enfants :

Nom	Prénoms	Date de naissance

- 3 -

Photographier du titulaire et, le cas échéant, photographier des enfants qui l'accompagnent.



Signature du titulaire.  
*José Luis Serrano Cerri*

V i sa para v i a j ar desde F ran c i a a V en ez u el a (1947).

MEMORANDUM

Caracas, 22 de Julio de 1950

Señor Comandante Mario De Páramo  
Ministerio de Comunicaciones  
Cumaná.

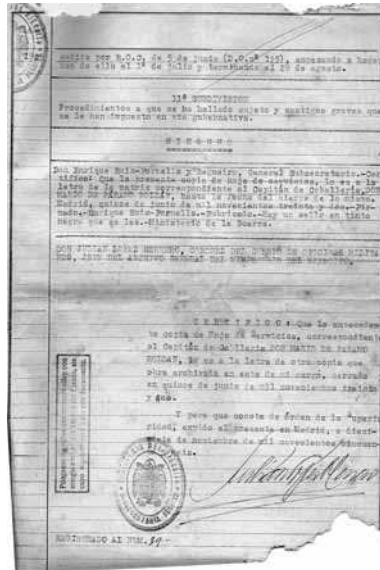
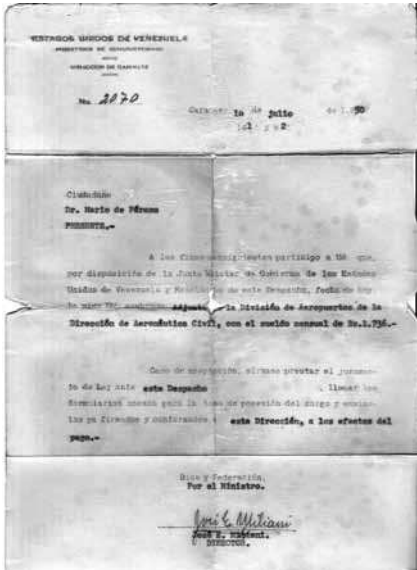
À todas las Agencias RAMSA en el Territorio de Venezuela

Sirve la presente como Carta de Cortesía para el Comandante MARIO DE PÁRAMO, con el fin de que pueda viajar sin pagar pasajes en las rutas establecidas por la Empresa, cuando vaya en misión del Ministerio de Comunicaciones, en cumplimiento su caso un pasaje exonerado cuando así sea solicitado por el Comandante DE PÁRAMO.

En atención que cada vez que se otorga un pasaje exonerado por este concepto, debe hacerse figurar en el mismo, el número de la carta de cortesía presentada por el interesado.

De muy muy atentamente,  
Rubén Adrián Naranjo de S.  
*Rubén Adrián Naranjo de S.*

C art a de c ort esía del C oman dan t e P áramo (1950 ).



Nombre del Comandante Piloto en el momento de la hoja de servicios de Mario de Sáenz en la División de Operaciones de Vuelo.



Certificado otorgado por la Resistencia en Francia a Mario de Sáenz en el momento de la hoja de servicios militares de su padre (1953).

Memorias de un español del siglo XX



THIS IS TO CERTIFY THAT

Jose DE PARAMO  
NAME

Venezuela  
COUNTRY

IS VISITING THE UNITED STATES AS A PARTICIPANT IN A STUDY AND TRAINING PROGRAM.



*Jose De Paramo*  
SIGNATURE - PARTICIPANT

DEPARTMENT OF STATE  
AGENCY FOR  
INTERNATIONAL DEVELOPMENT

529-N-69-AA-1-30157  
PROJECT NO.

August 16, 1963  
PROJECT STARTING DATE

IN THE EVENT OF ANY EMERGENCY  
PLEASE NOTIFY YOUR A.I.D.  
TRAINING OFFICER

*John H. Brong*  
SIGNATURE TRAINING OFFICER

AGENCY FOR  
INTERNATIONAL DEVELOPMENT  
WASHINGTON 25, D. C.

STANDARD TELETYPE UNIT

DUDLEY 3- 8100

THE U. S. GOVERNMENT WILL APPRECIATE  
COURTESIES EXTENDED THIS PARTICIPANT

A I D-13-19 (10-62) BACK

Viaje del autor para visitar a los EEUU (años 60).



El autor y un grupo de ejecutivos en un momento (años 60).



CARACAS, 27 DE DICIEMBRE DE 1982.

SEÑOR PRESIDENTE:

ANTES DE EXPONERLE LOS MOTIVOS DE ESTA CARTA QUIERO FELICITABLE POR SU TRUENO EN LAS RECIENTES ELECCIONES Y DESEARLE ÉXITO EN SU GESTIÓN GUBERNAMENTAL...

TENGO QUE CONFESARLE QUE NO SE ME HABÍA ACORDADO ESCRIBIRLE AL PRESIDENTE DEL GOBIERNO ESPAÑOL PARA EXPONERLE MIS PUNTOS DE VISTA SOBRE EL CASO DE MI PADRE...

FUE EN ESE MOMENTO QUE SE ME OCURRIÓ LA IDEA DE ESCRIBIRLE Y PLANTEARLE EL CASO DE MI PADRE...

MI PADRE FUE UN MILITAR PROFESIONAL QUE EN 1935, RESPECTO SU JURAMENTO DE FIDELIDAD AL GOBIERNO LEGALMENTE CONSTITUIDO DE ACUERDO A LA VOLUNTAD DEL PUEBLO...

SEÑOR PRESIDENTE, ALGÚN TIEMPO DESPUÉS DE FINALIZAR EL REGIMEN ANTERIOR ME ENTERÉ DE LA PROMULGACIÓN DEL REAL DECRETO LEY Nº. 6, DEL 6-3-75...

CON FECHA 9-12-81, RECIBÍ UN OFICIO DEL MINISTERIO DE LA DEFENSA, FIRMANDO POR SECRETARIO GENERAL PARA ASUNTOS DE PERSONAL Y ACCIÓN SOCIAL...

SEÑOR PRESIDENTE, ME PERMITO EXPONERLE RESPETUOSAMENTE, QUE POR SER MI PADRE UN OFICIAL DE CARRERA SE TRATA DE DERECHOS Y PRIVILEGIOS ADQUIRIDOS POR ESCALAFÓN...

NO TENGO EL HONOR DE CONOCERLE SEÑOR PRESIDENTE, PERO POR LO MUCHO QUE HE LEÍDO SOBRE UO, CIERO QUE INTERPRETARÁ MI PUNTO DE VISTA...

SEÑOR PRESIDENTE, EN ESTE PAÍS QUE NOS ACOGIÓ CUANDO CESÓ LA ÚLTIMA DICTADURA, EN EL AÑO DE 1958, LOS MILITARES QUE REGRESARON DEL EXILIO...

RECIBA, SEÑOR PRESIDENTE EL TESTIMONIO DE MI SINCERA ESTÍMA Y EL DESEO DE QUE ALCANZE EL MAYOR ÉXITO EN SUS FUNCIONES DE GOBIERNO.

DE UO CON MUCHO RESPETO Y ATENCIÓN, JOSÉ LUIS DE PABLO GERT.

DIRECCIÓN: APARTADO POSTAL 76280, EL MARQUESE, CARACAS 1.070, VENEZUELA, S.A. ANEXOS: ADJUNTO COPIAS DE LOS ESCRITOS AL MINISTERIO DE LA DEFENSA.

C art a del a u t o r al presi den t e del g o b i e r n o esp a ñ o l (1982 ).

C art a del a u t o r al presi den t e del g o b i e r n o esp a ñ o l (1982 ).

M emori as de u n esp a ñ o l del si g l o X X



DIRECTOR DEL GABINETE DE LA PRESIDENCIA DEL GOBIERNO

Madrid, 25 de febrero de 1983

Dos José Luis de Pabalo Gert, Apartado Postal 76280, El Marqués, CARACAS 1070, VENEZUELA.

Estimado amigo

El Presidente me ha trasladado su escrito, rogándome me tome el mayor interés por su contenido, en la línea expresada por él mismo...

Desde la reciente creación del Servicio de Comunicación con los Ciudadanos y el cónsul de ciertas resoluciones, al Presidente del Gobierno le ha sido imposible todavía examinar su caso con el detenimiento que merece.

El Presidente desea estudiar cada asunto individual adecuadamente, por lo que esta Dirección está preparando un informe sobre el tema que Vd. plantea, a fin de que pueda tomar la determinación que corresponda.

Tengo la absoluta seguridad de que cuando estemos en situación de dar una contestación precisa a su escrito la haremos con prontitud.

Un cordial saludo,

Manuel Fraga Iriberry

C a r i c a t u r a del a u t o r en c a r g a d a p o r s u s a l u m n o s de r e c i b o del G a b i n e t e de P r e s i d e n c i a de (1986). F e l i p e G o n z á l e z (1983).



El au tor i mpart i en do u n a c o n f e r e n c i a.



El au tor i mpart i en do u n s e m i n a r i o.



V i a j e a L e ó n ( 2 0 0 1).



V i a j e a L e ó n ( 2 0 0 1).



F o t o f a m i l i a r.



Iglesia de Murias de Rechivaldo.



Castriello de los Polvazares.



Familia del autor en la actualidad (2007).

# Táb a r a ( Z a m o r a ) : f o c o d e e m i g r a c i ó n

M a t e o d e l A m o A l o n s o

## -T e r c e r p r e m i o I-

### I N T R O D U C C I Ó N

C o m o e n c a s i t o d a s l a s f a m i l i a s h u m i l d e s d e Z a m o r a , l a e m i g r a c i ó n h a c i a o t r a s r e g i o n e s o p a í s e s , h a s i d o u n a c o n s t a n t e , y e n l a m í a t a m b i é n . M i s a n t e p a s a d o s , t a m b i é n h a n t e n i d o q u e e m i g r a r a o t r o s p a í s e s , e n b u s c a d e u n f u t u r o m á s p r ó s p e r o p a r a s u s f a m i l i a s y p a r a s í m i s m o s .

S a b i d o e s q u e e n u n e s t r a p r o v i n c i a h a s i d o f u n d a m e n t a l m e n t e e x p o r t a d o r e s d e m a n o d e o b r a a o t r o s l u g a r e s , d a d a s n u e s t r a s c i r c u n s t a n c i a s g e o g r á f i c a s d e m o g r á f i c a s , c u l t u r a l e s . . . U n a p r o v i n c i a , q u e a l o l a r g o d e l s i g l o X X c a r a c t e r i z a d o , f u n d a m e n t a l m e n t e , p o r u n a e c o n o m í a a g r a r i a e n l a q u e l a p o p u l a c i ó n y o r í a d e l a s f a m i l i a s o e r a n p e q u e ñ o s p r o p i e t a r i o s o t r a b a j a d o r e s y j o r n a l e r o s .

L a s d u r a s c i r c u n s t a n c i a s e c o n ó m i c a s y l a d i f i c u l t a d d e e n c o n t r a r s u o t r o f u t u r o m e j o r e n n u e s t r a p r o v i n c i a , a l o l a r g o d e l s i g l o X X , e s l a p r o p i e t a d a e l f l u j o d e p e r s o n a s h a c i a o t r o s l u g a r e s .

M i s o r í g e n e s , p o r p a r t e d e m a d r e , p r o c e d e n d e u n a v i l l a m a r a v i l l o s a e n e l c o r a z ó n d e l a p r o v i n c i a , l a v i l l a d e T á b a r a . A l o l a r g o d e e s t e t r a b a j o , t a m b i é n d e i l u s t r a r , t o d a s l a s a n é c d o t a s q u e m i s a n t e p a s a d o s m e h a n c o n t a d o a l o l a r g o d e m i c o r t a v i d a . L a s h i s t o r i a s , d e l a s q u e t r a t a r é e n e s t a e x p o s i c i ó n , s o n t o d a s d e m i s f a m i l i a r e s e n l í n e a a s c e n d e n t e , d e s d e m i s b i s a b u e l o s h a s t a m i m a d r e q u e h a n t e n i d o q u e e m i g r a r a d i s t i n t o s p a í s e s y r e g i o n e s . T o d o s e l l o s s a l i e r o n u n d í a d e T á b a r a e n b u s c a d e u n f u t u r o m e j o r . L a s h i s t o r i a s q u e m e c o n t a b a e n e s t a e x p o s i c i ó n c u a n d o y o e r a n i ñ o m e f a s c i n a b a n , l a s s e n t í a m í a s , e r a h i s t o r i a d e m i f a m i l i a . E s a s h i s t o r i a s , e r a n t e s t i g o s d e l a s c o n d i c i o n e s q u e t u v i e r o n e n e s t a e x p o s i c i ó n y e p a s a d o s . E s a s f a m i l i a r e s , e n o c a s i o n e s , e r a n c o n d i c i o n e s d i f í c i l e s .

E m p e z a r é r e l a t a n d o l a s h i s t o r i a s q u e m e c o n t a b a m i a b u e l o , c u a n d o y o e r a u n “ r a p a c í n ” , r e s p e c t o a s u N u i d u Y o r k . C o n t i n u a r é c o n l a h i s t o r i a d e m i t í o a b u e l o e n A r g e n t i n a . S e g u i r é c o n e l p e r i p l o d e m i b i s a b u e l o .

T á b a r a ( Z a m o r a ) : f o c o d e e m i g r a c i ó n

parte de abuelo en Argentina y Francia. Y por último contaré las peri-  
Euro, primero de mi tía en Francia, y después de mi madre y de mi abuelo  
en Alemania.

Haré un solo documento, fotografías, cartas... que he ido en con-  
búes y arcas polvorientos, con olor a alcanfor, para dar forma al relato. P-  
nodi spongo de tantos como yo que quisiera, pues que la mayor parte del tra-  
saldrá de mi memoria y sobre todo, de la de mis mayores.

Si no más prelu dios, paso a la narración lo más objetiva e ilustrada que  
memoria me lo permita.

## EMIGRACIÓN DE LA FAMILIA ALONSO CORDÓN A EEUUA PRINCIPAL DEL SIGLO XX

Cuando yo era un niño, como todo niño, no había momento más fa-  
nante, que cuando mi abuelo me contaba historias de la guerra o cu-  
abuelo me contaba la historia de su familia. Por desgracia, Don José, mi  
falleció háce ya unos años, y la única fuente de donde sacar infor-  
mi memoria, de los recuerdos de esas historias con sabor e infancia. Mis  
abuelos eran Lorenza Cordón Malda, y José Alonso. Mi bisabuela  
pueblo de la provincia de Huesca, en el último tercio del siglo XIX.  
La concieron, señalando que pese a ser de origen humilde, era una señora  
culto, fina, y de mundo, dado que había vivido en

Florenza, en Italia, trabajando para una familia de sirvientes. Posteri-  
vino para España y por avatares de la vida se instaló en Tábara. Más tarde  
a trabajar de sirviente en casa de una familia muy rica e influyente de  
de principios del siglo XX, y fue estigode acción conmigo en tan im-  
la historia de nuestro país, como del atestado sureño del siglo XIII

Contaba mi abuelo, que su madre contaba mucho, que era la señora le-  
muchas gallinas de Tábara, y a veces, mi bisabuela le llevaba, p-  
de la señora, a casa, una gallina desde Tábara. Imaginemos la estampa de esa  
joven mujer, por aquel entonces, cruzando Madrid, para llevarle la pro-  
gallina a la señora.

La bisabuela Lorenza estuvo trabajando en Italia, fe de ello da la  
ción de estafoto de finales del siglo XIX; el lugar en el que estuvo o  
que tradujo al español es Florenza.

<sup>1</sup> Posible mente aludido al atestado perpetuo por Mateo Morral en el n.º 88 de la ca-  
Mayo de Madrid el día 31 de mayo de 1906, día de la boda de Alfonso XIII con Vica-  
Eugenia de Battemberg. (N.E.)



L a b i s a b u e l a L o r e n z a t a m b i é n t r a b a j ó e n I t a l i a .

L o r e n z a , m i b i s a b u e l a , s e c a s ó e n T á b a r a c o n m i b i s a b u e l a J o s é . A v i e r o n a t o d o s l o s h i j o s , m e n o s a m i a b u e l o . L a m a y o r p a r t e d e e l l o s , s e m u r i e r o n a p r i n c i p i o s d e l s i g l o X X p o r e n f e r m e d a d e s , d a d o l a s c o n d i c i o n e s t a n d a r e n u n p u e b l o c o n p o c a s p o s i b i l i d a d e s e c o n ó m i c a s . F u e r o n e s o s l o s m o t i b á s i c a m e n t e , p o r l o q u e d e c i d i e r o n i r a “ h a c e r l a s A m é r i c a s ” . E n p r i n c i p i o i d e a e r a q u e m i b i s a b u e l o f u e s e u n a t e m p o r a d a E E U U p a r a r e u n i r d i n e r o y e n v i á r s e l o a l a f a m i l i a . M i b i s a b u e l a t r a s v a r i o s m e s e s s i n r e c i b i r c o r r e s d e n c i a d e m i b i s a b u e l o , d e c i d i ó u n b u e n d í a c o g e r a s u s d o s h i j o s y e m p r u n t o r t u o s o v i a j e h a c i a e l l u g a r d o n d e e s t a b a s u m a r i d o , y a q u e e l l a e r a m u j e r v a l i e n t e y d e c i d i d a , g r a c i a s a l a s i n d i c a c i o n e s q u e e s h a b í a f a c i v e c i n o d e T á b a r a q u e c o n o c í a e l l u g a r e x a c t o d o n d e e s t a b a m i b i s a b u e t r a b a j a n d o . P a r a e l l o m i b i s a b u e l a p a r t e d e l p u e r t o d e V i g o , a l p a r e c e r c o n p o l i z ó n j u n t o a l o s d o s n i ñ o s . L a l l e g a d a a E E U U n o f u e m e n o s e s p e c t a c u l . U n b u e n d í a , t r a b a j a n d o J o s é e n l a f á b r i c a , l e i n f o r m a n d e q u e u n a m u d o s n i ñ o s l e e s t á e s p e r a n d o e n e l e x t e r i o r . M i b i s a b u e l o p e n s ó q u e t o d o e r a u b r o m a , p u e s e l a l l í n o c o n o c í a a n a d i e . C u a l f u e s u s o r p r e s a c u a n d o s a l e y



en c u en tra a su mu jer, L oren z a c on su s dos h ijos. P or lo v ist o J osé se l g rat a sorpresa q u e le produ jo en un gran impac to. P artieron del pu ert o de V ig o en 1920 . El mi smo año l Nag arón ark , en los Est ados Un idos.

Se in stal aron en el pu eb lo in du stri al y port u ari o de New H en ry , o Y ork . F u e en ese lu g ar don de J osé y L oren z a tu v ieron a su ú l tim o h i M i ab u el o, J osé A lon so C odón , q u e n ac ió en P ort H en ry el 3 de ma tal c omo in di c a su DNI. Se pu e de c on si derar q u e mi ab u el o P epe es est adou den se, pero a todos los ef ec tos era español , dado q u e su s padres eran español es y la may or parte de su v i da la pasó en T áb ara.



F amilia A lon so C odón , mi ab u el o es el peq u eño.

A ll í, mi b i sab u el o J osé trab aj ab a en un a fu n di c ión , el era el j ef e o en - c arg ado de su c u adrilla de trab aj adores, pero él era un trab aj ador más en la si deru rg ia, ig u al q u e un ob rero más, n o formab a parte del person al admi - n ist rat iv o n i di c ión de trab aj ab a a pi e de horn o. L a si deru rg ia para la q u e trab aj ab a se dedi c ab a a la fu n di c ión de h ierro y c on stru c c ión de raíl es y v ías, para la in fra est ru ct u ra ferrov i ari a q u e se est ab ac on st ru y en do en la déc ada de los v ei n te en los EEUU.

R ec u erdo q u e mi ab u el o, me c on - t ab a h i st orias y an éc dot as in teresan tí - si mas de la in st an cia de su fami lia y de él por allí. R ec u erdo q u e si empre me c on t ab a q u e los h orn os de la fu n di c ión sol o se ap ag ab an el día de Nav i dad, el resto del año est ab an fun c ion an do a

pl en o ren di mi en t o. C on t ab a q u e un día, su padre, l leg ó a c asa, mu y c on st reñido, pu es ese día un ob rero c ay ó al h orn o de la fu n di c ión , y n di ron h ac er por él , n un c a más se rec u peró el c u erpo. Eso creó mu c h a preo pac ión y desán imo en t re los trab aj adores de la fáb ric a, en t re ellos mi b i sab u J osé, c on un plu s de preo c u pac ión , dado q u e él era el en c arg ado.

L a sc on di c ión es lab oral es n o eran lo oyo día, pero para q u e l en t on ces, y sob re todo en c omparac ión c on la sc on di c ión es lab oral e paña, aq u ellas a las q u e est ab a sometido mi b i sab u el o eran b u en as, pero e sig nific a q u e la si tu ac ión lab oral allí y en aq u ella fáb ric a fu es en t todo lo c on t rario. L os trab aj adores seg u ían est an do sometidos a c on di c i de trab aj o du rísi mas y pen osas, y c on sec u en c ia de ellas fu e est et rágic den te q u e tan t o c on moc ión ó a mi b i sab u el o J osé.



M i ab u e l o c o n t a b a d e l a v i d a c o t i d i a n a d e e n t o n c e s a l l í , m u c h a c o s a s . D e c í a q u e m i b i s a b u e l o s o l í a t r a b a j a r d e t u r n o d e m a ñ a n a , p a r a l o q u e s e l l e v a b a u n “ l u n c h ” p a r a c o m e r a m e d i a m a ñ a n a , r e c o r d a b a l a s a n d w i c h a l e s t i l o a m e r i c a n o q u e s o l í a l l e v a r p a r a e l a l m u e r z o .

L a v i d a a l l í , p a r a e l l o s , e r a m u c h í s i m o m e j o r q u e l a q u e p o d r í a n l l e v a r a q u í e n E s p a ñ a p o r a q u e l l a é p o c a . E r a u n a v i d a a c o m o d a d a , p a r e c í d a a l a d e l a c l a s e m e d i a t r a b a j a d o r a d í a e n E s p a ñ a . C o n t a b a q u e v i v í a n e n u n a s c a s a s p e q u e ñ a s d e p l a n t a b a j a l l a m a d a s “ c h a n t i n e s ” . D i c h a s v i v i e n c o n t a b a n c o n m u c h a s c o m o d i d a d e s d e l a é p o c a : l u z e l é c t r i c a , a l g u n o s o b j e t o s d o m é s t i c o s . E r a n c a s a s a m p l i a s c o n s u s r e s p e c t i v o s j a r d í n e s d e l a n t e r o s y s u p a t i o s t r a s e r o s . E s t a b a s i t u a d a e n u n a e s p e c i e d e u r b a n i z a c i ó n . P o r l o v i s t o “ c h a n t i n e s ” d e s a u r b a n i z a c i ó n , s e l a s p r o p o r c i o n a b a l a f á b r i c a a l o s t r a b a j a d o r e s , y e r a n p r o p i e d a d d e l a m i s m a .

T o d a l a f a m i l i a h a b l a b a m u y b i e n e l i n g l é s . A ú n m i a b u e l o s i e n t a n c i a n o y a , r e c o r d a b a p a l a b r a s y b a l b u c e a b a u n p o c o e l i d i o m a . R e c o r d a b a m i a b u e l o , q u e l a e d u c a c i ó n a l l í e s t a b a m u y a v a n z a b a . R e c o r d a b a s u c i a e n l a e s c u e l a d e P o r t H e n r y , a l a q u e a c u d í o s i e n d o u n n i ñ o . D e c í a q u e l a e d u c a c i ó n e r a g r a t u i t a , a l m e n o s p a r a e l l o s . Q u e l a e d u c a c i ó n e r a d e c a l i f i c a d a , a p r e n d í a n m u c h a s c o s a s , e n t r e e l l a s l a l e n g u a i n g l e s a , q u e o b e y i a m e n t e h a b l a b a . C o n t a b a q u e l a e d u c a c i ó n e r a e s p e c i a l m e n t e r i g u r o s a , e n c a s o d e f a l t a s d e a s i s t e n c i a c o m p r e n d e . P o r l o v i s t o , e l h e r m a n o m a y o r d e m i a b u e l o P e p e , I n o c e n c i o , t e n í a l a m a l a c o s t u m b r e d e h a c e r p e l l a s , d e f a l t a r a c l a s e p a r a i r a p e s c a r e n l a r í a . D e c í a q u e e n i n v i e r n o s e l l e v a b a u n s e r r u c h o y l a h e c h a c a s e r a m e n t e ; s e r r a b a u n c í r c u l o e n e l h i e l o , y s e p o n í a a p e s c a r d u r a n t e l a s m a ñ a n a s , s i e n d o u n c h a v a l . T r a í a g r a n v a r i e d a d d e p e s c a d o a c a s a , s e l e v a b a b a s t a n t e b i e n . H a s t a q u e u n d í a , u n m é d i c o y u n p o l i c í a f a l l e g a d o a c a s a , e n b u s c a d e l c h a v a l , d a d o q u e n o e s t a b a a s i s t i e n d o a l a e s c u e l a . C o r d a b a m i a b u e l o , q u e e n c u a n t o u n n i ñ o f a l t a b a d o s d í a s a c l a s e , e l e n t r o m a d a r a u t o m á t i c a m e n t e a u n p o l i c í a y a u n m é d i c o a l d o m i c i l i o f a m i l i a r p a r a a n a l i z a r l a c a u s a d e s u a u s e n c i a a c l a s e , y e n c a s o d e s e r p o r a l g o g r a v e d a r l e a t e n c i a m é d i c a o d e c u a l q u i e r o t r o t i p o . E n t o n c e s , a l l l e g a r e l m é d i c o y e l p o l i c í a f a l l e g a d o a c a s a d e m i a b u e l o , l e s a t e n d í o s u m a d r e , e s d e c i r m i b i s a b u e l a . L o s p o l i c í a s p r e g u n t a r o n d o n d e s e e n c o n t r a b a e l c h a v a l . L a m a d r e l e s i n d i c ó q u e e s t a b a e n l a r í a y h a s t a a l l í s e d i r i g i e r o n . E n c o n t r a r o n a I n o c e n c i o p e s c a n d o , y p o r l o t a n t o l e c a y ó u n a g r a n r e p r i m e n d a p o r p a r t e d e l a s a u t o r i d a d e s , a p a r t i r d e a q u e l d í a n o v o l v í o a f a l t a r a l a e s c u e l a .

M i a b u e l o g u a r d a b a r e c u e r d o s d e l a e s c u e l a . D e c í a q u e e n e s a e s c u e l a e s t u d i a b a n n i ñ o s d e c a s i t o d a s l a s p r o c e d e n c i a s , p e r o s o b r e t o d o i r l a n d e s e s , i t a l i a n o s y a l g ú n n i ñ o e s p a ñ o l . R e c o r d a b a l o s j u e g o s c o n l o s n i ñ o s d u r a n t e e l r e c r e o , y d e q u e a l h a b e r t a n t a d i v e r s i d a d d e o r í g e n e s , h a b í a m u c h a c o m

ji dad en t re l os men o res. R ec ordab a, en u n i n g l és perf ec to, los i n su l t prof erían u n os a ot ros.

Nos c on t ab an h u mo r u n va e ze h ospedón su c asau rh omb re ami g de l af ami l i a, u se f u al l f amb i ón t rab aj á. al poc ode l leg áru e él sol o, u ndía, a c ompraman t ecau n tai en de al i men t ac i ón q mon o sab ía h ab lian g l i a s, e para en t en de se o el t en de se pu so a esc en i fic ar la esc en de l amat an z de l c erdo, c onson i dos b v i para q u e t en de ro c ompren di e se u e s lo q u e q u e r ía l q u i e n e se est ab l ec i mi q u o o c an do así l a ri sadel t en de ro post eri ormen de l af ami l i a mi ab u e h b c on t ar l o.

C u an do mi ab u el o t en ía 7 años, dec i di ó v en i r para T áb ara mi b i sab c on los t res h i jos y su mari do, mi b i sab u el o. Seg ún la t radi c i ón or al f ami l i a, se c u en t a q u e por c i rc u n st an c i as desc on oc i das l leg aron t ar b arc ar en el v apor, est e part i ó si n el los. Desde el pu ert o en v i aron u n t ele g al b arc o, y est e t u v o l a n ec esi dad de pararse en al t a mar para esperar a la f ami l i a q u e f u e t rasl adada al b arc o en ot ro b arc o más peq u eño. L os pasaj del b u q u e se i mpac i en t aron al c on oc er l a n ot i c i a, lo pri mero q u e pen q u e u n a g ran au t or i dad, al g u i en n ob l e, al g ún person a je i l u st re h el b arc o, est ab an i mpac i en t es. Est a i mpac i en c i a en t u si ast a se desv an c omprob ar q u e a q u i en es esperab an era a mi s b i sab u el os y a su s h i jos, el los mi ab u el o.

A l l leg ar a T áb ara, c on lo q u e h ab ían ah orrado en Est ados Un i de b i sab u el o c on st ru y ó u n a c asa en la plaz a de T áb ara, don de ab r ía u n para ded i c ar se a t al men est er al i g u al q u e más t arde mi ab u el o.

El rest o de la v i da, mi ab u el o lo pasó a q u í en T áb ara, y su h erma In oc en c i o, al poc o, marc h ó a A rg en t i n a. M i ab u el o n o t en ía ob l i a l a g u erra, porq u e él era n a c i do en el ex t ran j ero. P ero, pese a eso, la f a l i a dec i di ó q u e se al i st ara en 1937 en el b an do de los su b l ev ados para ev represal i as en el pu eb l o, pu est o q u e T áb ara se en c on t rab a den t ro de la Nac i on al, y t al si tu ac i ón, de n o i r a l a g u erra, podr ía dar l u g a r a q u e t or i dades del l u g ar, pen sasen q u e esa f ami l i a en la q u e n ad i e i b a a l a g f u esen desert o res, c on l a c on sec u en c i as n ef ast as q u e podr ía c on l l ev ar ab u el o t amb i én me c on t ab a en t re l a n ost al g i a y la desol ac i ón rec u c on f l i c t o f rat r i c i da q u e di v i di ó a España, pero eso posi b l emen t e sea ob j e ot ras reflex i on es esc r i t as.

## EM I G R A C I ÓN DE I N O C ENC IO A L O NSO C O D Ó N A A R G

C omo y a h e di c h o an t eri ormen t e, al poc o de l leg ar la f ami l i a e i n l arse en T áb ara, el h erman o may or de mi ab u el o dec i di ó emi g rar a A rg en c u an do t en ía t an sol o 18 años. A l l í si g u i ó c on la prof esi ón q u e h ab ía a a q u í en T áb ara j u n t o a su padre, l a de b arb ero. A sí q u e si n pen sárse l o r c og i ó el pet a t e y marc h ó a h ac er l as A méri c as.



Barbería de mi tío Inocencio en Argentina a principios de los años 40 .

Allí se desposó con una nena con la cual tuvimos hijos. Era prima o pariente suyo por parte de madre, que por circunstancias de la vida había ido a parar también a Argentina. Pasados los años la conocí y me casé con ella. Más tarde se casaría con otra muchacha, Betty, de raíces argentinas. Fue ese matrimonio el que me dio a su último hijo, Roberto.

Tras esta puéstala en escena que me más oya tratar en esta historia, es la relación de Inocencio con su hermano pequeño, José, es el que me dio a mí. Para esta narración me basé en un documento que me dio a mí y también en las fotografías de las que voy a disponer.



Inocencio con su primera mujer casados en Buenos Aires.



La hermana, el cual también partió para la Argentina, con Inocencio, de un futuro mejor.

A l poco de esta carta, mi abuelo ingresó en el sanatorio de tuberculosos de Salamanca, de los Montalvos, allí la enfermedad se agravó, y la última manera de encontrarle cura era mediante el uso de un bien escaso por aquel entonces en la España de la posguerra, la penicilina. Para ello, la última manera de conseguirirla era importándola de fuera. Uno de los pocos países con que España tenía relaciónes era con Argentina, por ello, mi abuelo tuvo que recurrir a la ayuda de su hermano Inocencio, que desde allí, desde Argentina le mandaría ese bien tan preciado, dado que aquí eran imposibles de conseguir y en caso de conseguirlo solo podía pagarlo a la gente que en la época de la posguerra era el único proveedor y el pillaje vagaba a sus anchas, por lo que solo le llegaba a la mitad de la penicilina en vida por su hermano. Gracias a la ayuda fraternal de Inocencio, mi abuelo pudo curarse con mucho sufrimiento de la enfermedad padecida a causa de la juventud de las trincheras, gracias a esa ayuda proveniente de la Argentina, fue una de las dos personas que por aquel entonces se logró salvar de aquélla antesala de la fatality.

23. Procura mandarnos lo más pronto posible por que estos trinitos son un poco largos.  
 Hemos hecho las cosas de espacio pero como más que no se nos presenten obstáculos o dificultades.  
 Sobre lo que me dices de la casa yo creo que vender una sola parte sería una gran ventaja económicamente para la casa. En un que venderla entera y se repartir la mitad sería una ventaja también con su parte puede comprarse otra más chica, para ella.  
 Porque me es justo que siendo uno de que para ellos y que vas a poder tener tiempo que por supuesto, es bueno que comprados la nuestra hermana para ella tenerlo por su parte mejor que si tú, o de lo contrario en un momento por donde de una persona que se tiene y que ella te pague la parte que.

24. Si no puede y los sucesos de ella son poderosos que le faciliten eso. Después se arreglara con ellos. Bien recibida hermano estas cosas como se arreglara yo no hago nada más que decirles con cariño, sin que se indique a ninguno de los dos.  
 Por que tú sabes que un este mujer se puede originar gastos yo quisiera que sea de un centillo me digas cuanto puede ser en la casa de nuestros padres, lo que se origina en esta los gastos por que yo también quiero hacer un salario en la casa para el negocio y se me van a originar muchos gastos sino yo podría dar te una ayuda más.  
 Sin ninguna otra novedad me despido con todo para nuestra hermana y sobrinos, igualmente a tu esposa y tus hijetas y tu querido hermano recibe un fuerte abrazo de este tu hermano.  
 Inocencio Alonso

Carta sobre el envío de penicilina.

Tábara (Zamora): foto de emigración

De est a c art a t an s ó l o c on serv ou n f rag men t o, es c u r i o s o s ob r e t o d o e l de papel . Es papel c eb ol l a, y l o en v i a b an para q u e n o pesase más de l a c u e l l a c art a y sal i ese más c aro en v i a r l a. R epr odu z c o u n f rag men t o:

“...P roc u ra man dar l o más pr on t o posi b l e, porq u e est os trámi tes son u n poc o l a r g o s.

V a m o s a h ac er l a s c o s a s despac i o, pero b i e n h e c h a s, es pref eri b l e t a r d a r u n poc o más y q u e n o s e n o s presen t en ob st á c u l o s a ú l t i m o m o m e n t o.

Sob r e l o q u e m e d i c e s de l a c a s a, y o c r e o q u e v e n d e r u n a s o l a p a r t e s e r í a u n g r a n t o r z e a e c o n ó m i c a m e n t e.

L a c a s a t i e n e n q u e v e n d e r l a e n t e r a y s e r e p a r t e n l a m i t a d c a d a u n o y a l i n e s c o n s u p a r t e p u e d e c o m p r a r o t r a m á s c h i c a p a r a e l l a.

P o r q u e n o e s j u s t o q u e v e n d i e n d o e p e o r e s t á s, y v q a n p r e c i s a r d i n e r o t e n g a s q u e p e r j u d i c a r t e, e s o t i e n e q u e c o m p r e n d e r l o n u e s t r a h e r m a n t i e n e u n p o r v e n i r m e j o r q u e e l t u y o, o d e l o c o n t r a r i o v a l ú e n l a c a s a p o r m e n u n a p e r s o n a q u e e n t i e n d a y q u e e l l a t e p a g u e l a p a r t e t u y a.

Y s i n o p u e d e y l o s s u e g r o s d e e l l a s o n p u d i e n t e s, q u e l e f a c i l i t e n o p o r t e, y d e s p u é s s e a r r e g l a r á c o n e l l o s. E s o q u e r i d o h e r m a n o, u s t e d e s v e r á n c o n s e a r r e g l a n, y o n o h a g o n a d a m á s q u e d a r l e s u n c o n s e j o, s i n q u e r e r p e r j u n i n g u n o d e l o s d o s.

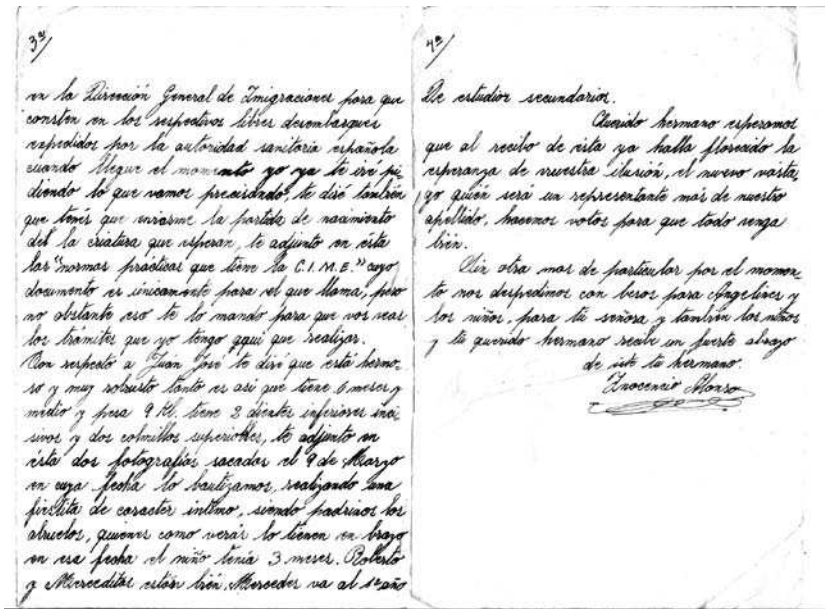
P o r q u e t ú s a b e s q u e e n e s t o s v i a j e s s i e m p r e s e o r i g i n a n g a s t o s y o q u e q u e c u a n d o m e c o n t e s t e s m e d i g a s c u a n t o p u e d e v a l e r l a c a s a d e n u e s t r o s p l o s g a s t o s q u e s e o r i g i n e n e n e s t a l o s p a g o y o p o r q u e y o t a m b i é n p i e n s o u n s a l ó n e n l a c a s a p a r a e l n e g o c i o a n y o s i e m p r e a r m u c h o s g a s t o s s i n o y o p o d r í a d a r t e u n a y u d a m á s.

S i n n i n g u n a o t r a n o v e d a d m e d e s p i d o c o n b e s o s p a r a n u e s t r a h e r m a n a y b r i n o s, i g u a l m e n t e a t u e s p o s a y t u s h i j i t a s y t ú q u e r i d o h e r m a n o r e c i b a b r a z o d e e s t e t u h e r m a n o:

In o c e n c i o A l o n s o”

E s t e f r a g m e n t o d e c a r t a c a r e e d e m u c h a i m p o r t a n c i a, e s m á s b i e n c a r á t e r t e s t i m o n i a l . E l p r i m e r p á r r a f o d e l f r a g m e n t o a ú n n o h e l o g r a d o i d e f i c a r l o c o n a l g ú n h e c h o c o n c r e t o, h a b l a d e t r á m i t e s... p e r o n o s é c o n e s a q u e t r á m i t e s s e p o d r á r e f e r i r e x a c t a m e n t e.

L a s e g u n d a p a r t e d e l a m i s i v a c o r r e s p o n d e a l a p a r t i c i ó n d e l a h e r e n q u e t a n s ó l o c o n s t a b a d e u n a c a s a e n l a p l a z a d e T á b a r a . E n e s a s l í n e d e m u e s t r a l a g e n e r o s i d a d d e I n o c e n c i o s a h e r m a n o, e l m á s d e s v e n t a j a d o, d a d o q u e m i a b u e l o p o r a q u e l e n t o n c e s e s t a b a c a s i r e c i é n s a l i s a n a t o r i o . P o r l o q u e s é, a l p o c o d e s a l i r d e l s a n a t o r i o f a l l e c i ó s u m a d r e, c a u s a d e e s o s e r e p a r t i ó l a h e r e n c i a e n t r e h e r m a n o s.



Carta de Inocencio Alonso, año 1957.

“... en la Dirección General de Emigración para que consulten en los respectivos libros de embarques expedidos por la autoridad sanitaria española cuando llegue el momento y ya te iré diciendo lo que vamos precisando, te adjunto en este las normas prácticas que tiene la C.I.M.E. cuyo documento es únicamente para el que llama, pero no obstante eso te lo mando para que nos seas los trámites que yo tengo aquí que realizar.

Con respecto a Juan José te diré que está hermoso y muy robusto, tanto es así que tiene 6 meses y medio y pesa 9 kilos, tiene 2 dientes inferiores y superiores y dos colmillos superiores, te adjunto en esta dos fotografías sacadas el 9 de Marzo en esa fecha lo bautizamos, recibiendo una partida de casales íntimo, siendo padrinos los abuelos, quienes como verás lo tienen en brazos en esa fecha el niño tenía 3 meses. Roberto y Mercedes están bien, Mercedes va al cole

Querido hermano, esperamos que al recibir de esto ya haya florecido la esperanza de vuestra situación, el nuevo niño, yo quien será un representante más de nuestro ahollado, hamos votos para que todo venga bien.

Si no otra más de particular por el momento nos despedimos con besos para Angelitos y los niños, para tu señora y también los niños, y tú querido hermano recibe un fuerte abrazo de tu hermano:

Inocencio Alonso”.



Esta carta está fechada en junio de 1957, pese a no disponer de las dos páginas iniciales, el niño del que habla Inocencio en esa carta, su nombre es en enero de 1957, y aquí indica el que tiene seis meses por lo que en febrero de últimos de junio de 1957.



Fotografía adjunta a la carta sobre el bautizo del hijo de Inocencio.

En el primer párrafo de la misiva se menciona la existencia de un oratorio de un rocío en la Diócesis de León en el Inmigración Pontovista de Paope. En primer lugar se menciona la existencia de un rocío en la Diócesis de León en el Inmigración Pontovista de Paope. En primer lugar se menciona la existencia de un rocío en la Diócesis de León en el Inmigración Pontovista de Paope.

La siguiente carta la envió en 1964 por Mercedes, es el hijo de Inocencio y por su padre, dirigidos a mi abuelo y a su familia. El contenido de esta carta es de ámbito familiar, y al cabo de un tiempo se refieren a la familia pero lo que más interesa es esta carta de 1964, décadas después de la marcha de mi tío a Argenteira, se trata de una carta familiar de carácter íntimo y de carácter íntimo y de carácter íntimo. La siguiente carta la envió en 1964 por Mercedes, es el hijo de Inocencio y por su padre, dirigidos a mi abuelo y a su familia. El contenido de esta carta es de ámbito familiar, y al cabo de un tiempo se refieren a la familia pero lo que más interesa es esta carta de 1964, décadas después de la marcha de mi tío a Argenteira, se trata de una carta familiar de carácter íntimo y de carácter íntimo.

T íón oc en si gou vi ó v i endo  
A rg en y inu ari ó l l ípero su úl t i mo  
su eñera reg resara España y reen-  
c on t raseorl oún i c qou qe u edablea  
su fami l isa, h erman p o q u e i f e p i n  
es dec i mi ab u e l l o s é . P a r e l l o mi  
ab u e l l o s pag ó e l pasaj e en av i ó a  
é l y asu mu j e Se l o s pag ó porq u e  
l asi t u ac i ó non ó mi c amb it ó t al  
men t A di feren c i a l asi t u ac i ó n  
fin al e d e l o s c u aren a h , ora España  
era el país r i c ó ren t a u n A rg en t i  
c a d a v e z más pob re y dec ré p i t  
Des-  
pu é s de h ab e r sal v a d o a v i d a l e su  
h erman con v i a n p e l o i c i l p i a n a l -  
v a r d e u n m a u e r t e r e g u a m i ab u e l o ,  
era j u s t o e n e n " d e t a l l e y h a c e r  
q u e s e c u m p l i e s e n d e su s í l t i m a s  
v o l u n t a d e s . a s n a v i d a d e s 1980 ,  
In oc en y su omu j e r l e g a r a n a e r o -  
pu e r t a d e Barajas, n o f u e a e c e s a r i o  
medi a p a l a b r a n c u a n l a s m i r a d a s d e  
a l o l e j o s p e s e a n d h a b e r s e i s t e d e s q u e



C a r t a e n v i a d a d e s d e A r g e n t i n a p o r M e r c e d e s ,  
h i j a d e I n o c e n c i o , e n 1964.



R e e n c u e n t r o d e l o s h e r m a n o s I n o c e n c i o  
e n 1980 .

de su h erman so c ru z a r o n  
el u n h o a c e h o t r o y s e f u s i o n a c o n  
u r g r a y e m o t i v a d o r a z o u b i e r t o  
u n e a n o c i ó n n e x p l i c i t a b a e s e a  
i n d e s c r i p t i t e g e n c o n t a b d a s ,  
c r i b l i o q u e s e n t i e r a m b o e n a q u e l  
m o m e n t o .

T r a s u n e s t a n c í a m a Z a m o r a d e  
d o s m e s e s , e n l a q u e v i s i t ó p u e b l o  
n a t a l y a s u s a m i g o s d e l a j u v e n t u d ,  
y a s u f a m i l i a . T u v o q u e p a r t i r o t r a  
v e h a c l a A r g e n t a l h a e n í a s u s  
h i j o s . a l e s p e d i d a f u e a m b i e m o -  
t i v o p e r o e s t a v e z m a s i a d o d o l o r o s a .

A l p o c o t i e m p o d e r e g r e s a r a  
A r g e n t i n a , I n o c e n c i o f a l l e c í a , p e r o  
h a b i e n d o c u m p l i d o su ú l t i m o s u e ñ o ,  
r e g r e s a r a l a t i e r r a q u e l e v i o n a c e r ,  
y y e r a l ú n i c o h e r m a n o q u e c o n s e r -  
v a b a . P e p e m u r i ó a ñ o s d e s p u e s , n o

T á b a r a ( Z a m o r a ) : f o c o d e e m i g r a c i ó n



J u n t o a est as l í n e a s, los dos h e r m a n o s a p a r e c e n r e e n c o n t r a d o s: e l q u e a b a l l e r o c o n g a f a s e m i a b u e l o e l q u e n o l a s t i e n e e s s u h e r m a n o  
I n o c e n c i o.

pu do i r a A r g e n t i n a c o m o é l d e s e a b a p a r a c o n o c e r a s u s s o b r i n o s, p o r q u e e s t a d o d e s a l u d n o l e p e r m i t i r í a s o p o r t a r u n n i v i a j e d e t a l m a g n i t u d.

## EM I G R A C I Ó N D E L A F A M I L I A A N T Ó N V A R A A A R O Y A F R A N C I A A P R I N C I P I O S D E L S I G L O X X

En l o s a p a r t a d o s a n t e r i o r e s, h e m o s v e n i d o h a b l a n d o d e l a e m i g r a c i ó n d e l a f a m i l i a d e m i a b u e l o m a t e r n o. P u e s b i e n, l o s d o s s i g u i e n t e s a p a r t a d o s d e e x p o n e r e n p o c a s l í n e a s l a h i s t o r i a e m i g r a c i ó n d e l a f a m i l i a d e m i a b u e l o m a t e r n a, d i g n a t a m b i é n d e m e n c i ó n e n e s t a e x p o s i c i ó n.

L a f a m i l i a n t ó n a r a t a m b i é n a n t e l a v i l l a T á b a r a p r i n c i p i a l e s i g l o n 1910 e s t a b a f o r m a d a p o r e l c a b e z a d e l a f a m i l i a D o m i n g o A n t ó n a b o a d a s u e s p o s a I s a b e l V a r a r i a s p o r d o s h i j o s e l p e q u e ñ o G a b r i e l a r e c i e n a c i d a l E s t a f a m i l i a, i g u a l m e n t e d e m i a b u e l o, t u v o q u e s o p o r t a r u n b a u e n a s a d e m o r t a l i d a d e n f a n d a d a s l a s c i r c u n s t a n c i a s s a n i t a r i a s p r i n c i p a l e s i g l e r a n m u c h o s h i j o s d e l a f a m i l i a q u e p u d i e r o n p a s a r d e l o s d o s a ñ o s d e e d a d. T a l e z e a e s t a l a r a z ó n l a p e n o s i d a d e l a c o n d i c i ó n d e v i d a n t e l a T á b a r a p r i n c i p a l e s i g l o X X a s q u e f o r z a r o n a e m i g r a r m i b i s a b u D o m i n g o A r g e n t i n a n t e r t i e m p o e n b u s c a m e j o r e s c o n d i c i o n e s p a r a s u m u j e r s u s d o s h i j o s q u e s e q u e d a r o n T á b a r a. C o g i e n d o a r c o n V i g n o l 1910 y s e m a r c h a ó h a c e n A m é r i c a e s t u v o r a b a j a n d o. B u e n o s i r e s l a h o s t e l e r a n u n c a a f e t e r a u a e n h o y d í a s i g u e s i e n d o 6 a m o s a a l l í n c a a f e t e r a l t o p o s t í n T a s u n t e m p o r a d a a l l í t r a s c o n s e g u i r o p e q u e ñ o s o r r o s, r e g r e s á E s p a ñ a, d a d a l a a ñ o r a n z a m u t u a p o r s u f a m i l i a. q u e l e g y ó s i g u e d o n s u v i d a u m i l p e r o s e g u r a r a b a n d o d e l a b r i e g y e n e l t e l a ñ a c i a s m e j o r e s m a n t a d e t o d a l a z o n a.

T á b a r a (Zamora): f o c o d e e m i g r a c i ó n



F otomon taje de la fami lia A n t ó n V ara S eñ i r e c o n s u l í n e a s , e l p a d r e d e m i a b u e l a E l e n a , e n B u e n o s A i r e s e n 1 9 1 0 .

S eñ i r e c o n s u l í n e a s , e l p a d r e d e m i a b u e l a E l e n a , e n B u e n o s A i r e s e n 1 9 1 0 .

En est a f o t o a p a r e c e n r e t r a t a d o s l o s m i e m b r o s d e l a f a m i l i a A n t ó n V a r a e n 1 9 1 0 . S e p u e d e a p r e c i a r c o m o e n l a p a r t e i n f e r i o r d e r e c h a d e l a f o t o g r a f í a , u n a s l e t r a s e n e l c a r t ó n q u e d e m u e s t r a n q u e l a f o t o e s t á s a c a d a e n B u e n o s A i r e s “ P a r a n z i n i H n o s , C o r r i e n t e s 4 4 5 5 . B u e n o s A i r e s ” . A u n q u e e n l a f o t o e s u n f o t o m o n t a j e d e l a é p o c a , d a d o q u e o b v i a m e n t e , l a m a d r e y l o s d o s c r i a t u r a s n o e s t a b a n e n A r g e n t i n a , s i n o e n T á b a r a , s o n c a l i c h é s d e s u p e r p e s t o s .

En 1 9 2 1 n a c e m i a b u e l a E l e n a , l a p e q u e ñ a d e l a f a m i l i a . E n 1 9 2 6 m u e r e l a m a d r e , m i b i s a b u e l a , d e l o q u e a n t e s l l a m a b a n u n <sup>2</sup> , “ y ó l i c o m i s e r e r e ” . D o m i n g o h a d e s a c a r a d e l a n t e l a f a m i l i a e l s ó l o . E n 1 9 3 1 d e c i d e e m i g r a r d e n u e v o , a s t e p a r a E l H a v r e , e n F r a n c i a , c o n s u s h i j a s H e l e n a y J u l i a . H i j o G a b r i e l y a e s t a b a c a s a d o . C o g e n e l t r e n e n M e d i n a d e l C a m p o e n y l l e g a n a E l H a v r e a c a s a d e l a h e r m a n a d e D o m i n g o , M a r í a , q u e y a e s t a v i v i e n d o a l l í . A l l í D o m i n g o y s u h i j a m a y o r J u l i a t r a b a j a r o n e n u n a g a n a n d o u n j o r n a l d i g n o . M i e n t r a s t a n t o m i a b u e l a q u e c o n t a b a c o

<sup>2</sup> O c l u s i ó n i n t e n s t i n a l p r o d u c i d a p o r r e t o r c i m e n t o d e u n a s i n t e s t i n a l , a p e n a h e r n i a e s t r a n g u a l a d a . E n a q u e l l o s t i e m p o s c o n d u c í a r r e m i s i b l e m e n t e a l a m u e r t e . ( N . J . )



Libros que compró Julia a su hermana en San Sebastián para que pudiera leer y estudiar.

de edad, se dedicó a ir a la escuela allí, en El Hoyo, cuando era la perfección la canción que cantaban en el colegio y los jugos de banalbalón, pese a haber trascurrido más de 70 años. Allí aprendió bastante bien el francés, pese a estar allí tan sólo seis meses. Un buen día, cuando ella, que estaba en casa con la tía María, vieron llegar de lejos a su y a su hermana Julia antes de hora. Entonces la tía María salió despavorida hacia ellos mientras decía “ay mi hermanoico, que ya lo han despedido por el pobrín...”. Esa misma mañana, se le quitó el trabajo a mi abuela en su momento pese a lo pequeño que era entonces.

T á b ara (Zamora): foco de emigración

EXAMENADO POR EL COMITÉ DE EMIGRACIONES (No. 46. 49. 7)

**E N° 022121** N.º

Excmo. Sr. Director General de Seguridad:

El INSTITUTO ESPAÑOL DE EMIGRACION, por delegación del emigrante cuyos datos de filiación se copian en la presente solicitud, y a tenor de lo dispuesto en la Norma 5.ª de la Circular n.º 124, de fecha 30 de Noviembre de 1957, (B. O. del E. de 9 de Diciembre).

SUPLICA de V. E. la oportuna autorización para que dicho emigrante pueda salir de España por la frontera de \_\_\_\_\_, haciendo constar a tales efectos que dicha petición obedece a EMIGRACION, así como que el interesado reúne las condiciones prescritas en el art. 1.º, apartados 1 al 7, del vigente Reglamento de Emigración, por lo que este Instituto le considera como tal emigrante.

**FILIACION DEL INTERESADO**

Nombre: Julia, apellidos: Antón Vaz  
 hijo de: Domingo y de: Isabel, nacido el día 30 de Enero de 1911, natural de Tábara, provincia de Zamora, de estado soltera, profesión: sirvienta, vecino de Tábara, ( ) con domicilio en Albarinosas, n.º 6, 3630, provisto de pasaporte SERIE "E", Número \_\_\_\_\_, expedido por \_\_\_\_\_ de 19 \_\_\_\_\_, con fecha de vigencia por \_\_\_\_\_ de 19 \_\_\_\_\_.

Dice madre: V. E. muchos años.

Madrid, 7 de Diciembre de 1959

EL JEFE DE LA SECCION DE EMIGRACION Y SERVIDIO

Modelo aprobado por la Comisión General de Seguridad (O. E. n.º 79, de 23-5-1950)

EXAMENADO POR EL COMITÉ DE EMIGRACIONES (No. 46. 49. 7)

**E N° 022121** N.º

Excmo. Sr. Director General de Seguridad:

El INSTITUTO ESPAÑOL DE EMIGRACION, por delegación del emigrante cuyos datos de filiación se copian en la presente solicitud, y a tenor de lo dispuesto en la Norma 5.ª de la Circular n.º 124, de fecha 30 de Noviembre de 1957, (B. O. del E. de 9 de Diciembre).

SUPLICA de V. E. la oportuna autorización para que dicho emigrante pueda salir de España por la frontera de \_\_\_\_\_, haciendo constar a tales efectos que dicha petición obedece a EMIGRACION, así como que el interesado reúne las condiciones prescritas en el art. 1.º, apartados 1 al 7, del vigente Reglamento de Emigración, por lo que este Instituto le considera como tal emigrante.

**FILIACION DEL INTERESADO**

Nombre: María, apellidos: Antón Vaz  
 hija de: Domingo y de: Isabel, nacida el día 30 de Enero de 1911, natural de Tábara, provincia de Zamora, de estado soltera, profesión: sirvienta, vecino de Tábara, ( ) con domicilio en Albarinosas, n.º 6, 3630, provisto de pasaporte SERIE "E", Número \_\_\_\_\_, expedido por \_\_\_\_\_ de 19 \_\_\_\_\_, con fecha de vigencia por \_\_\_\_\_ de 19 \_\_\_\_\_.

Dice madre: V. E. muchos años.

Madrid, 7 de Diciembre de 1959

EL JEFE DE LA SECCION DE EMIGRACION Y SERVIDIO

Modelo aprobado por la Comisión General de Seguridad (O. E. n.º 79, de 23-5-1950)

Documento de la tía Julia para emigrar a Francia en 1959.

Con todo esto, tuvieron que preparar el equipaje y regresar hacia Tábara seguri dedicándosela al labranza y al telar, que por lo menos proporcionara recursos suficientes para comer.

## EMIGRACIÓN DE JULIA ANTONVARA A SAN SEBASTIÁN Y A FRANCIA

Julia Anton era la hermana mayor de mi abuela Elena. Tras regresar de Francia, en 1933, le tocó emigrar de nuevo a San Sebastián. Allí trabajaría de lo que se dedicó toda la vida, a servir en casas. En San Sebastián trabajó para una familia pudiviente de allí. Allí pasó todo el tiempo trabajando hasta el final de la guerra. De allí sacaba muchos recursos, suficientes para proporcionarle a su hermana entre otras cosas libros para que no le faltara nada en Tábara, y pudiviese tener un futuro mejor estudianto.

Toda la guerra la pasó allí trabajando y resistiendo la difícil situación aguantando entre otras cosas el acoso de los aviones bombarderos y el estrés de la guerra en esa zona. Contaba mi tía, que iba a recogerle para los señores a donde la repartían los comunistas, y decía que cuando iban a por el cuadro de la guerra para los señores de la casa, se encontraban con largas colas de gente para obtenerle. Le echaba a la repartían los milicianos comunistas, y estos se negaban a entregarle a los sirvientes, le que fue en los años de esclavitud. Pese a la situación de guerra, mantén ícnicación con Tábara y su familia mediante carta.

Terminada la guerra, Julia regresó a Tábara, y en su lugar, fue a San Sebastián a trabajar a una pensión en 1940. Al año y medio regresó también a Tábara.

Fue a mediados de 1945 cuando Julia decidió emigrar al extranjero, concretamente a Francia, a El Havre, lugar donde residían unos familiares, y donde años antes había estado trabajando con Domingo su padre y su hermano Elena. Así que sería la segunda vez que emigrase al extranjero. Allí estuvo trabajando para un señor muy poderoso de entonces y era de color, "Món si eu Moin".

Procuraba ver en todos los años a Tábara y a su familia, era una alegría para todos sus familiares y vecinos, pero especialmente para sus dos sobrinas pequeñas, las hijas de Elena, Isabel y Josefina. Cada año que venía se estaba un mes antes y por eso se adelantaba, además de traer todo tipo de cosas inusitadas para la España de la autarquía, como chocolate, mantecillas, dulces, todo de Francia, además traía la mala llen de amor y ilusión para toda su familia. El día que llegaba a Tábara era una auténtica fiesta, especialmente para sus pequeñas sobrinas.



Juliá aportó a todo tipo de ayudas a la familia de su hermano y a su padre. A un hijo habiendo fallecido su padre no dejó de enviar dinero para ayudarle a una familia con necesidades, como casi todas las familias españolas de la posguerra, gracias a Juliá, sus sobrinos eran unas de las pocas privilegiadas que por aquel entonces podían merecer y comprar productos escasos, inaccessibles para la mayoría y **hoy día, así como el chocolate** o la mantequilla.

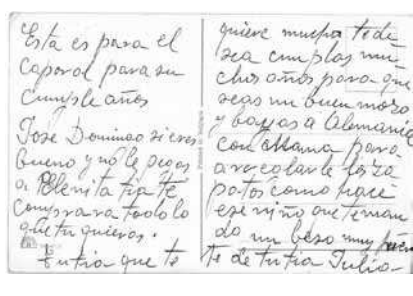
Tres años en El Havre le **debe** a un **des**av en en **cc**ion **os**señores de la casa Juliá de **ra**trabaja **rc**asade **u**n **i**mpor **t**an **f**armacéu **t**ic **a** Barcelon **A**. **11** **r**ab **a**ría **n** **os**ños **h**ast **a** **1959**, **l**og **r**an **d**ol **a**v **e**z **q**u **e** **n** **os** **a**h **or**o **p**ara **a**y **u** **d**ar **a**f **a**m **i**l **e**a **T**áb **a**ra, **n** **g**a **r**am **i** **s**t **a**d **o**r **f** **a**m **i**l **p**ara **l**a **q**u **e** **r**ab **a**j **a**b **d**o **q**u **e** **a**st **a**ños **m**ás **t**ar **d**e **u** **e**r **o**n **v**i **s**i **t**a **a**l **T**áb **a**ra.

En 1959 decidió regresar por **ter**era **F**ran **c**ia. Allí siguió **t**rab **a**jan **d**o **d**e **l**o **q**u **e** **h**ab **i**a **t**rab **a**j **a**d **o** **s**i **e**m **p**r **e**, **s**i **r**v **i** **e**n **d**o **e**n **c** **a**s **a**s **d**e **g**e **n** **t**e **p**u **d**i **e**n **t**e. **1** **d**e **j**u **n**o **d**e **j**ó **d**e **c** **o**m **u**n **i** **c** **a**r **s**e **c** **o**n **s**u **f** **a**m **i**l **i**a **e**n **T**áb **a**ra, **n** **i** **m**u **c** **h** **o** **m**e **n** **o**s **d**e **j**ó **b** **o**r **a**r **e**n **l** **o**s **g** **a**s **t** **o**s **d**e **s**u **f** **a**m **i**l **i**a.

Estos documentos son la **s**ol **i** **c**i **t**u **d** **d**e **l** **p**as **a**p **o**r **t**e **s**er **i** **E** **p**ara **e**m **i** **g** **r**a **r** **a** **F** **r**an **c** **i** **a**. **L**a **s**e **g** **u** **n** **d**a **h** **o** **j** **a** **c** **o**r **r**e **s**p **o**n **d**e **a** **l**a **c** **e**r **t**i **f** **i** **c** **a** **c** **i** **o**n **d**e **l**a **b** **u** **e**n **a** **d**e **J** **u** **l**i **a** **c** **o**n **f** **o**r **m**e **a** **“**l **a**s **n** **o**r **m**a **s** **d**e **l** **n** **u** **e** **v** **o** **e** **s** **t** **a**d **o”** **y** **p** **o**r **s**er **p** **e**r **s**o **n** **a** **r**e **l** **i** **g** **i** **o** **y** **d**e **m** **o**r **a** **l** **p** **r**o **b** **a**d **a**. **E** **s** **t** **o** **e** **s** **m**u **e** **s** **t** **r**a **d**e **q**u **e** **e** **l** **r**é **g** **i** **m**e **n** **e** **s** **t** **a** **a** **t** **e** **n** **t** **o** **a** **l** **m** **o** **v** **i** **m**i **e** **n** **t** **o** **m**i **g** **r**a **t** **o**r **i** **o**, **e** **s** **p** **e** **c** **i** **a** **l** **m**e **n** **t** **e** **c** **o**n **l** **o** **q**u **e** **h**a **F** **r**an **c** **i** **a** **r**e **s**p **e** **c** **t**a, **“** **c** **o** **l** **a** **b** **a”** **a** **l** **g** **u**n **e** **x** **i** **l** **i** **a**d **o** **p** **o** **l** **i** **t** **i** **c** **o**.

Estas son **p**ost **a** **l**e **s** **e**n **v** **i** **a**d **a**s **p** **o**r **J** **u** **l**i **a** **a** **s**u **s** **o**b **r**i **n** **o**s, **c** **u** **r**i **o**s **a**m **e**n **t**e, **m** **t** **r**a **l**a **m** **a**d **r**e **d**e **l** **o**s **p** **e** **q**u **e** **ñ** **o**s **y** **s**u **h** **e**r **m** **a** **m** **a** **y** **o**r **e** **s** **t** **a** **e**n **A** **l**e **m** **a**n **i** **a** **t** **r** **a**b **j** **a**n **d**o, **d**e **e** **l** **l** **o** **h** **a** **b** **l**a **e**n **u** **n** **a** **d**e **e** **l** **l** **a**s.

Juliá se **j**u **b** **i** **l** **ó** **a** **f** **i** **n** **a** **l** **e**s **d**e **l**a **d** **e** **c** **a**d **a** **d**e **l** **o**s **70**, **y** **f** **u** **e** **c** **u** **a**n **d**o **r**e **g** **r**e **s** **ó**. **H** **a** **v** **r**e, **y** **p** **a**s **ó** **t** **o**d **a** **s**u **v** **i** **d**a **d**e **j**u **b** **i** **l** **a**d **a** **e**n **T**áb **a**ra **y** **e**n **Z** **a**m **o**r **a**. **J** **u** **l**i **a** **p** **a**s **ó** **s**u **v** **i** **d**a **l**a **b** **o**r **a** **l** **a** **c** **t** **i** **v** **a** **d**e **e**m **i** **g** **r**a **n** **t**e **e**n **o**t **r**a **s** **t** **i** **e**r **r**a **s**. **S** **ó** **l** **o** **r**e **g** **r**e **s** **ó** **c** **u** **a**n **d**o **d**e **t** **r**a **b** **a** **j** **a**r.



Postales en **v** **i** **a**d **a**s **p** **o**r **l**a **t** **í**a **J** **u** **l**i **a** **d**e **s**d **e** **F** **r**an **c** **i** **a**.

Táb ara (Zamora): f o c o d e e m i g r a c i ó n



EMIGRACIÓN DE ISABEL ALONSO ANTÓN  
A SAN SEBASTIÁN Y A LEMANIA

Mi madre, Isabel, perteneció a la tercera generación de emigrantes. Aigu al que sus hermanas, ella también tuvo que emigrar para buscar un mejor para ella y para su familia. Mi madre emigró en primer lugar a Valladolid, poco más tarde a San Sebastián, y posteriormente a Alemania.

Siendo muy joven, casi una niña, con catorce años, mi madre fue a trabajar a Valladolid, a cuidar a un niño. Había terminado los estudios básicos de escuela, y la familia necesitaba ingresos para alimentarla toda la prole. A madre no le quedó más remedio que coger la mala y aceptar ese trabajo que le había conseguido un tío que vivía cerca de Valladolid.

Allí trabajó unos seis meses, pagándole un salario de doscientas pesetas y por su puesto sin seguridad social, dado que era un ama de casa. Requiritos era muy joven, y en la España de entonces suponía una sustitución civil poco favorable a tener derechos, el único reconocimiento era que no quedaba otra, era necsario.

Tras estar esos seis meses trabajando en Valladolid, la tía Julia le buscó un trabajo mejor remunerado en un restaurante de San Sebastián. Allí cobraba más, unas quinientas pesetas, y las condiciones laborales, a pesar de ser un trabajo en Valladolid. En San Sebastián, mi madre estuvo trabajando en un restaurante de ayudante de cocina, allí el salario era de quinientas pesetas le pagaban en 1963, y a mayores le daban de comer en el restaurante. La pequeña Isabel, estaba preñada de aquélla cianuro tan hermosa y moderna, de San Sebastián.

Estas son las postales que me madre envió a casa, a Tábara, desde San Sebastián, trabajo de cada una a las correspondientes características de la postal.

En la primera dice: *“Mamá te mando una vista de la Avenida de España esto es el final, lo que da al paseo de los fueros y al Hotel María Cristina, sabes como están las calles, llenas de banderas para saludar al Caudillo que todavía está aquí. Escribid pronto. Besos: Maribel”*.

En la segunda dice: *“Mamá, para que te hagas una idea cómo era el Buen Pastor<sup>3</sup>, es idéntica que ésta, hoy es preciosa y ahora con la cantidad de coches que pasan por ahí más, y por la noche cuando está iluminada que salen unos respaldos por la torreta de arriba es maravilloso si pudiéramos algún día venir a vivir por aquí... Besos para todos de: Maribel”*.

<sup>3</sup> Hoy avenida de la Libertad. (N.E.)

<sup>4</sup> Se refiere a la Catedral de San Sebastián, objeto de una de las postales. [N.E.]

Albaca Cuando una  
 noche de la evasión de  
 España esto es el fiscal  
 le queda al pared de la  
 fuenten y al Hotel Albará  
 central.  
 Yo habo como una pieza de  
 fundición con estas cosas  
 de cosas para volver al  
 Condado que me había sido expulso por la guerra  
 Juan 1964



Albaca para que te hayas  
 una noche como una  
 el Buen Pastor es idéntica  
 que este may es preciosa  
 y ahora con la cantidad  
 de cosas que pasan por  
 las cosas y por la noche  
 cuando este y iluminado  
 que salen unos esplendores  
 por la Torre de Santa  
 es como billos si pudiera  
 unos otros sea volver a vivir  
 para todos de Albaca



Postales que envié a mi madre desde San Sebastián.

Estas postales resumen claramente la sensación que me hizo, recién salido de Tábara con tan sólo once años, esta abundante y hermosa diosidad de un aciudad tan hermosa.

Tres años y pico en San Sebastián, decidí regresar a Tábara, pero para quedarse, sino, para empezar a tramitar los papeles y las gestiones oportunas para emigrar a Alemania junto a su madre. Era necesario pedir permiso a la autoridad competente, que exigían los pasaportes...

Un buen día de junio de 1964 tuvieron que partir mi madre y mi abuela. Mi madre tenía diecisiete años. En Tábara, en la plaza, unas cafamiliades despedían a las ocho personas que se iban a ir al extranjero a trabajar para cuando regresasen, esas familias podían vivir mejor. Mi madre y abuela se despedían de los suyos, cuando se dieron cuenta que faltaba el hijo pequeño. El hecho tenía que partir con los otros tabareses, cuando fui en control al pequeño de tan sólo seis años en la iglesia, pidió en donde entre sollozos que en adelante pasase a su madre y a su hermana. En controlado el pequeño, la despedida fue difícil, todos los allí presentes sabían que se iban a ir en una temporada muy larga, o en muchos años tal vez. El controló rumbo a Zamora.

A llí, la Delegación Diocesana de Migración había organizado un llenode gente de los pueblos de la provincia de Zamora, partiría rumbo a países de Europa occidental. En esos países, la Segunda Guerra mundial había producido una brecha demográfica, faltaba gente que hubiese nacido a década de los cuarenta, como mi madre, que nació en 1947. Había que sustituir ese hueco con mano de obra extranjera, y en ese caso la mano de obra de Europa, por lo visto, resultaba muy rentable y eficiente. El tren salió de mano de obra zamorana, aquel día de junio de 1964. Fue directo hacia París, allí los pasajeros se repartieron en trenes conformados para el destino laboral asignado. Unos se quedaban en París, otros tenían que partir rumbo a Bruselas. Mi madre y mi abuelo tuvieron que seguir rumbo a Colonia, en Alemania, se acababa el trayecto, y ellas dos junto a Mari, una compañera de Cibola Sayago, tuvieron que ir en inglés y cogieron como pudieron un tren a Hannover. Por confusión se metieron en un tren con dirección a Italia, migración a que aún no había partido, pudieron recibir ~~así, su~~ <sup>así, su</sup> birse, esta un tren rumbo a Hannover. Allí les esperaba al instante un intérprete, que les llevó a Goslars, a la residencia en la que iban a vivir, y las ~~llevo~~ <sup>llevo</sup> a la fábrica a trabajar. El primer destino de mi madre y de mi abuelo fue Goslars. Allí trabajaron en una fábrica de ropa, junto a muchos más españoles, tres españoles en total había en la fábrica. Las condiciones laborales eran mejores de las óptimas. Trabajaban ocho horas en jornada partida, por un salario mensual de veinticinco mil pesetas. Tenían incluso media hora de descanso media mañana para tomar algo de comer para resistir la jornada. Los capataces, según cuenta mi madre, les trataban fenomenal a todos los trabajadores. Cuando un ingeniero de la fábrica encargado de supervisión, que cuando él se iba por las calles de Goslars, se paraba a saludarlas con un saludo que él levantañdose el sombrero.

Allí vivían en residencias con certezas por la delegación de migración española. Estaba regentada por un matrimonio. Estaba ubicada en lo alto de un monte, y durante la guerra fue el hospital de la Cruz Roja de Alemania. Eso no fue un problema para la ciudad de Goslars. A un lado de ese monte un avacortaba el territorio, era el "telón de acero" que separaba las dos Alemanias, y a que Goslars estaba situada en el borde oriental de la República Federal de Alemania (RFA). Un día cuenta mi madre, que elogiaron cruzarla por el problema y caminaron ~~para~~ <sup>para</sup> a la verdadera división del planeta. Cuando llegaron a la residencia y lo contaron, los dueños de la residencia les reprendieron, advertiéndoles del peligro de poder haber sido tiroteadas por guardias, o electrocutadas por voltajes eléctricos, o de haber creído en el conflicto diplomático. En la residencia convivían en habitaciones con personas con letras, calificación... con todas las comodidades, y la comida era bastante buena. Un autobús iba a buscarlos a los trabajadores

residen cia para llevar los al centro de trabajo, y a que hab ía un a gran c en tre la residen cia y la fábrica, unos siete kilómetros. El día que perdí au tob ús, era un gran fastidio, y a que ten ían que recorrer la distancia. C ual era un afaena sobre todo en invierno, y a que estaba nevada la y se ten ían que desplazarse en una especie de trineos para bajar hasta G C uen tami madre que un día, regresaban M ari y ella de la ciudad y h di do el último au tob ús y le tocó ir andando a la residencia, ía ada más de noche y por lo visto andaba su eltopor que ellos montes un peli asesi no que la policía andaba buscando, las jóvenes, presas del pánico, la presencia in exorable de la noche, corrieron a toda prisa hasta la resi de O tra historia que cuando en tami madre es la de la tendar de un pastel de la montaña, a la que si empre que iban a comprar el pan para el bocado del trabajo. Esta mujer si empre le contaba a mi madre, la historia de su familia, toda su familia hab ía que dado presa en la República Democr de Alemania, y no se hab ían visto desde hace más de veinte años y ella sola en la RFA, cuando mi madre que ella estaba muy triste y que en lloraba de pena al no tener a los suyos cerca.

M i madre, pese a haber estado en otras ciudades de Alemania, como maravillas de Goslar. Esta ciudad del tamaño aproximado de la ciudad de León, hab ía sido sede de la Cruz Roja durante la guerra y por ello no fue b ardeada por las tropas aliadas, consecuencia de ello era su perfecto estado de conservación, y de la fisonomía original de sus calles.

M i madre y mi abuelo trabajaron en Goslar para la empresa textil K tadt. Mi madre era la responsable de un máquin a en c argada de coser bols para abrigos y ropas. Mi abuelo se ocupaba de coser forros para abrigos cuando un máquin a en c argada de talmenster.

M i abuelo empezó a trabajar desde Goslar y mi abuelo desde T áb ara el greso de sus hijos pequeños que estaban en T áb ara con su padre, mi abuelo un colegio intermediario que cuando a todos los hijos de los que es el extranjero trabajando, como es el caso de mi abuelo, la Comisión C a Española de Migración. Tras muchos trámites y pareciendo que al fin íb a salir bien, no le concedieron el colegio ni beca alguna, pues los tres meses de llegar a Alemania, en septiembre, tuvo que regresar a T á pu es acababa de fallecer su cuñada que era quien velaba en parte por su A sí que cuando lo poco que hab ía ahorrado, tuvo que preparar la meta y r de nuevo a T áb ara, dejando sola a mi madre allí.

M i abuelo regresó, pero mi madre continuó trabajando en Goslar la fábrica de la K arstadt. Mi madre, Isabel, cumplió el año de contrato, lo renuevan. Si guetabajando allí, hasta que por mediación de Flore hermana de M ari, la amiga de Cibanal, consiguió en ambas, M ari y mi trabajo en otra ciudad, Düsseldorf, en una empresa textil, pero éstanofal

ropa, sin o hilo. A llíg an ab an más di n ero y en mejores c on di c i on es aún , a  
 dec i den trasl adarse al l ía esa c i u dad q u e l e of rec ía más posi b i l i dades al ser más  
 g ran de y pob l ada. A ll í t rab aj an para l a empresa K an g arst . A l pri n c i pi o  
 t res seman as de apren di c es para c on oc er el man ejo de l as máq u i n as c on l as  
 q u e t i en en q u e t rab aj ar. A l asi g n ar l as máq u i n as y el t rab ajo a deser  
 M ari , l a ami g a de mi madre, se n i eg a a ac ept ar el pu est o q u e l e asi g n aron pu  
 se t rat ab a de man ejar u n as g ran des pl an c h as q u e produ c ían u n v apor b as  
 dañi n o para l os pu l mon es, así q u e se n i eg a, ex i g e al en c arg ado q u e l e asi g  
 u n a máq u i n a q u e man eja b an l os h omb res. Esa máq u i n a c on si st ía en q  
 c i ert o t i empo h ab ía q u e q u i t ar v el oz men t e u n as b ob i n as de h i l o de u n  
 El en c arg ado l e ex pl i c ó q u e esa máq u i n a sól o l a podían man ejar h omb res, c  
 n o era para mu jeres. El l a al oír eso se empec i n ó aún más, tan t o q u e al fin al  
 el en c arg ado c on sc i en t e de q u e n o podrí a n i sab ía man ejar l a l e ret ó a q u  
 h ac ía el t rab ajo de q u i t ar esas b ob i n as en men os t i empo q u e el h omb re  
 así g n arían ese t rab ajo, M ari ac ept ó. L l eó por l a f áb r i c a, y c omo si  
 de u n c omb at e de b ox eo se t rat ase, u n a masa de t rab aj adores de l a f áb r i c a se  
 ag ol pab a al rededor de l a máq u i n a para c ompet i c i ó n ”. L a g en t e pen sab a  
 q u e n o h ab ía n i u n a remot a posi b i l i dade de q u e M ari v en c i ese, pero l o c  
 q u e si n c on oc ert an t o c omo el v arón de l a máq u i n a g an ó, q u e i t an do má  
 q u e n adi el as b ob i n as, por l o q u e al en c arg ado n o l e q u edó más remedi o q  
 ret rac tarse y c on c eder l e el man ejo de ot ra máq u i n a i g u al . Sól o así se l i b ró  
 t rab aj ar c on l a pl an c h a.

M i madre se en c arg ab a de u n a máq u i n a, l a c u al h ac ía de u n mon t  
 lan a u n h i l o t o s c o y aún poc o t rab aj ado, fu n c i ó n parec ía a l a q u e t rab  
 men t e h ac en l a sh i l an deras c on el h u soy l a ru ec a. Isab el , mi madre, c on t  
 esa máq u i n a y si en alg ún momen to el h i l o se rompía, c on u n l i g ero y  
 c h asq u i do de dedos t en ía q u e reparar el h i l o, seg ún b aj ab a. In medi at amen t  
 h i l o q u e d ab a peg ado.

Un día, mi madre deb i do a u n a b roma i n oc en t e pero fu ert e de u n c ompa  
 ñero de f áb r i c a y g ran ami g o de ella, se desmay ó y a pu n t o est u v o de perder  
 l a v i da at rapada por l a máq u i n a, de n o ser por q u e ot ro t rab aj ador paró l a  
 máq u i n a. L os g eren tes se en t eraron de l o su c edi do y desaron al  
 pac h o para f i rmar l e el fin i q u i t o y despedi r l o. M i madre, g ran ami g a de él y c  
 su mu j er, ac u dió a t r a p a d a del v a h í do a l a of i c i n a, rog án do l e a l os  
 j e f es q u e n o l o despi di esen , pu es mi madre c ompren di ó l a au sen c i a de mal a f e  
 en el c ompor t ami en t o de su ami g o. L os j e f es, c ompren di eron y al fin al n o  
 despi di eron . A pu n t o est u v o de c ost ar l e el empl eo al j oven .

M i madre n o dej ó en n i n g ún momen to de man t en er f aon t a c t o c on su  
 mi l i a. C on t i n u amen t e se esc r i b ía c ar t as pero n o sól o c on su s padres y h er  
 n os q u e est ab an en T áb ara, t amb ién c on Julia, su t ía q u e v i v ía y t

Fran c ia, en El H av re, y tamb ién c on su familia de A rg en tin a, en su pri ma M erc edes.

Est aes u n d e l asc art as q u e m i madre en v i a b T a á b a d a s de Düssel dorf :

“Düssel dorf -17-9-67

Q u eri dos papás y h erman itos: me al eg ro q u e al l eg ar ést a a v u est ras man est éi stodos b i e n b i e n g rac ias a Di os.

A y erv i e r n es rec i b í v u est ra c art a, n o os esc ri b í a n e s e p e r esperar a c ri b í a n a M a r í a y a d e d e c í a F l o r e n t i n a, seg ú n p r o m e t í a b a d e s t u v o en esa y a m e d i r e í s c u a n t o s d í a s e s t u v o c o n v o s o t r o s. M a m á, c r e o m i v e s t i d e s e l o d a r í a s t e r m i n a d o, e s t a m o s d e s e a n d o q u e l l e g u e e l s á b a d o p a r a q u e v e n g a y n o s c u e n t e c o s a s d e E s p a ñ a y n o s t r a i g a c o s a s. M a m á, n o s e s i e l l a t e d i r í a e n c a r g u e ú n a s o r t i j a, l e d i 5 0 0 p e s e t a s, d e e s a s q u e m e g u s t a b a n t a n t o c o S a n t i. B u e n o q u e e l s á b a d o e s t a r e m o s t o d a s c o n t e n t a s c o n n u e s t r a s c o s a s. A o s c o n t a r é a l g o d e m í.

M e d e c í s q u e n o m e a c o r d é d e l c u m p l e a ñ o s d e P e p i, p u e s l a v e r d a d s a b í a q u e e r a e n S e p t i e m b r e p e r o n o s a b í a q u e d í a. A h o r a e s e d í a s i m e a c o r d é p u e s t í a J u l i a m e e s c r i b i ó y m e d e c í a q u e e l d í a l l e r a e l c u m p l e a ñ o s d e P e p i p e r o y n o t e n í a t i e m p o. M a m á h a c e s u n a c o s a q u e y o t e d i g a. E s t e m e s c r e o m e p a g a r a n b i e n p u e s t r a b a j a m o s t o d o s l o s d í a s d o s h o r a s m á s, o s e a, e x t r a s y l o s s á b a d o s. Q u i e r o q u e l e c o m p r e s a P e p i u n a s o r t i j a e n m i n o m b r e, l a m í a c 4 5 0 a s í s e l a c o g e s a b e s c o m o e s, c o n u n a p i e d r a c u a d r a d a e s t i l o s o l i t a r i o e n p e q u e ñ o, p o b r e m i n i ñ a n o a c o r d a r m e d e s u c u m p l e a ñ o s. B u e n o y a s a b e s e l d í a q u e v a y á s a p o r l a c o c i n a a Z a m o r a s e l a c o m p r a s, s e l a r e g a l o y o p o r s u c u m p l e a ñ o s. L a s f o t o s m e g u s t a r o n m u c h o s e l a s e n s e ñ a m i m a e s t r o, d i c e: ¡ q u e h e r m a n a m á s g u a p a t i e n e s! Q u e g a n a s t e n g o d e v e r o s a t o d o s y J o s e q u e t a l b i c i, d e c i d e s a m e d e j a l a b i c i a l g ú n d í a c u a n d o v a y a, p a r a i r a l a F o l g u e s i n o q u i e r e q u e m e l o d i g a.

B u e n o, c r e o n o t e n g o n a d a m á s q u e c o n t a r o s, y o a h o r a t r a b a j o m u c h o s e m a n a a n d a m o s l a s d o s c a n s a d a s, d e s p u é s e l o t r o d í a v i n o l a F r o i l a n P i t a s, e n c a r g a d a, y n o s d i c e q u e t e n í a m o s q u e c a m b i a r n o s d e h a b i t a c i ó n, p o r q u e e r a m u y f r í a y l a c a l e f a c c i ó n n o a n d a b i e n, f í j a t e, d e s p u é s d e s a l i r a l l á l a d e t r a b a j a r, h a s t a l a o n c e c a m b i a n d o s d e h a b i t a c i ó n, l o s s á b a d o s t r a b a h a s t a l a u n a y e n t r a m o s a l a s s e i s d e l a m a ñ a. B u e n o y a e s a d a m á s j a t í a J u h i a y q u e t e n g o t i e m p o. E s c r i b i d p r o n t o. E s t a s e m a n a t a r d a s t e m á s. M a m á d i m e c u a n d o v i e n e A g u s t í n. R e c i b i d u n f u e r t e a b r a z o d e e s t a q u e e s t o v e r o s y n o o s o l v i d a u n m o m e n t o:

M a r i b e l A l o n s o”

M i madre est a b a c ó m o d a c o n s u s i t u a c i ó n e n D ü s s e l d o r f. L a t r a b a n o m e n a l, p e r o e l p r o b l e m a e s q u e t e n í a l a f a m i l i a l e j o s. E n A l e m a n i a t e l C e n t r o E s p a ñ o l. E r a n u n c o n j u n t o d e l o c a l e s e n u n e d i f i c i o d e t i t u l o d e l g o b i e r n o e s p a ñ o l, d o n d e l o s t r a b a j a d o r e s y t r a b a j a d o r a s i b a n a l l í a s e n t a n u n p o c o m á s c e r c a d e s u c a s a. C o n f r e c u e n c i a o r g a n i z a b a n b a i l e s



Sobre estas líneas, a la izquierda, a mi madre <sup>F</sup>otografiada de mi madre y mi abuelo el camino de Isabel en un plaza de la ciudad de Goslars. <sup>G</sup>oslar desde la residencia, al fondo montañas en la que está ubicada la residencia, esta fotografía es una da una aproximación del camino que en fan que recorren para ir a la fábrica. Año 1967.

con sabor español... pero también daban clases, de guitarra, de idiomas... mi madre sabía hablar perfectamente el alemán pues aparte de que estuvo trabajando al límu chos años, aprendía alemán en el Centro Español. También en el Centro Español organizaba excursiones por toda Alemania y parte de Europa para que los trabajadores conociesen mundo. Mi madre que edó prendada de la calles de Bruselas, pues en uno de esos viajes, fue a Bélgica. En otra ocasión que edó horrorizada de la visita a un campamento de concentración del nazismo una ocasión, el mes de vacaciones decidieron todas las amigas ir de vacaciones, y como por aquel entonces estaba de moda, en Alemania, ir de veraneo a Baleares, no lo dudaron y cogieron las maletas rumbo a Palma de Mallorca allí disfrutaron de unas vacaciones como si fuesen auténticas "guiris" de su propio país. Cuando mi madre que del ante de su entrada en el aeropuerto de Palma, entró el turista un millón al que le concedían un premio y salían a recibirlos. Por poco le tocó a mi madre y a sus amigas.

La fábrica para la que trabajaba mi madre en Düsseldorf tuvo que trasladarse a la cercanía de Múnich <sup>5</sup> para el <sup>6</sup> traslado de esta ubicada,

<sup>5</sup> En España, popularmente, turista extranjero. (N.E.)

<sup>6</sup> El autor se refiere a la actual München en alemán. (N.E.)



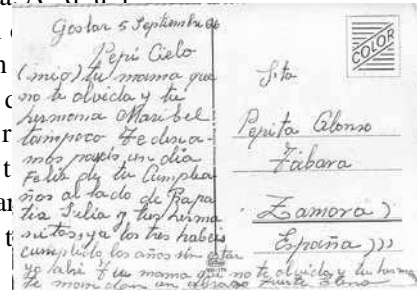


M i ab u el a c on u n a c ompañera a l a pu ert a de l a resi den c i a de H erb erg h au s.

La fáb rica, en Düsseldorf, era expropiado para la construcción de una moderna autovía para la ciudad, así que era la empresa no le quedó más remedio que trasladar la fábrica a Munchen-Glap. Allí estuvo mi madre trabajando el resto de tiempo en Alemania hasta su regreso a Tábara. Allí estuvieron en una residencia viviendo, hasta que con una amiga que se hacía de Gerona, decidieron irse a vivir a un piso de alquiler. A los veintidós años mi madre decidió regresar a España, pues si regresaban antes de que cumplieran los cincuenta años cotizados en el extranjero les devolverían todo, que entonces eran unas quinientas mil pesetas. Así

te devolverían el dinero pero es como si no hubieras cotizado, pues esos trabajos no cuentan para obtener pensiones de jubilación ni prestaciones. Mi madre decidió volver, emprendiendo un largo viaje dejando en Alemania no sólo recuercos y mediana vida, sino un sinnúmero de amigas y amigos y compañeros de trabajo. Allí había comprado muchas cosas, sobre todo tecnología: un magnetófono, un lavadora, un anevra, un tocador, colección inmensa de vinilos, un televisor, una máquina de escribir, las malas, las ropas... evidentesmente se le iba a llevar en tren, que no le quedaba otra, que cubriera el trayecto Munchen-Glap-Tábara por ferrocarril y a Wolkswagen, compartida con una familia que también iba a España, pero a Asturias, por donde pasaron antes de llegar a Tábara. Aquí

todas esas maravillas tecnológicas, eran muy difíciles de encontrar, eran muy difíciles de encontrar y más en un pequeño pueblo de España profunada como Tábara. Trabajé días de un inagotable viaje, trabajé recorriendo media Europa y gran parte de España, la ferrocarril hacían en la plaza de la Villa, allí estaban trabajando a la llegada de Isabel, en seguida la familia se fue a casa de su familia felizmente a por el día de sus cumpleaños.

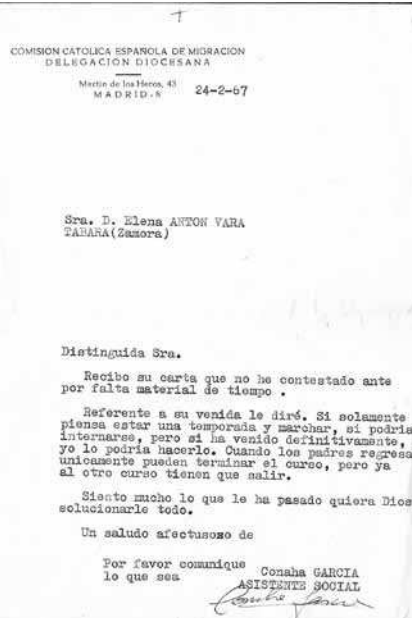


Postales vendidas por mi madre y mi abuela a los 50 años, cuando se fue a casa de su familia felizmente a por el día de sus cumpleaños.

Tábara (Zamora): foco de emigración

en un efusivo abrazo con la  
catorce años y medio sin verla,  
luego, aquella tarde de 1969 fué  
emocionante para la familia,  
tanto que con tanto que  
todos estaban maravillados por  
que habíais traído. Televisión  
únicamente en el bar del pueblo  
digamos nevada y lavadora.

Cuando madre, que quería que  
viviera en Valladolid y si a  
brazo de madre el magnético  
y con un regalo del pueblo  
alrededor de una familia que  
agrababa sus propias cosas  
de cada día. Aspersonas al  
que educar a las niñas, como  
trabaja madre que el día  
podían con el año, que  
en parte del pueblo. Con el  
mi madre a la familia que  
la modernidad esa España  
decirte. Y en el mundo  
y modas, hasta en todos  
ten de la vida. Madre, que  
no sea correcta pero pesa  
habían estado en el  
experiencia de la vida  
más, aprende a ser  
ción aprende a ser  
vida. Y gracia, ha sido  
un mundo que ha  
bido plantar los problemas  
en un estado más retrogrado  
por que he tenido que  
otro país de Europa y más  
estoy en posición, íbamos  
aún hoy día si que



Sobre estas líneas, te legamos (sic) en vuestros  
la delegación de inmigración con el fin de  
con mi abuelo el ingreso de sus hijos menores  
en el colegio acordado.

en parte del pueblo. Con el  
mi madre a la familia que  
la modernidad esa España  
decirte. Y en el mundo  
y modas, hasta en todos  
ten de la vida. Madre, que  
no sea correcta pero pesa  
habían estado en el  
experiencia de la vida  
más, aprende a ser  
ción aprende a ser  
vida. Y gracia, ha sido  
un mundo que ha  
bido plantar los problemas  
en un estado más retrogrado  
por que he tenido que  
otro país de Europa y más  
estoy en posición, íbamos  
aún hoy día si que



T á b ara (Zamora): f oc o de emi g rac i ó n

## C O N C L U S I O N E S : U N A F A M I L I A Z A M O R A N A E N E L E X I L I O E C O N Ó M I C O

T en g o c o n o c i m i e n t o , q u e d e s d e m i s b i s a b u e l o s , t o d o s m i s a n t e o h a n t e n i d o q u e e m i g r a r , s e h a n v i s t o o b l i g a d o s a b u s c a r m e j o r e s c o n d e v i d a e n o t r o s l u g a r e s , q u e n o l e s o f r e c í a e s t a p r o v i n c i a . H a n s i d o e m i e n o t r a s t i e r r a s , h a n p e r t e n e c i d o a l a d i á s p o r a l a b o r a l , p e r o p e s e a e l l o s i e m p r e h a n v u e l t o a s u s r a í e s . F u e r o n t r a t a d o s c o m o c i u d a d a n o s d e h e c h o d e p a í s e s , c o n t o d o s s u s d e r e c h o s , p e r o n o s d e b e m o s d e p r e g u n t a r : ¿ c ó m o t r a t a m o s a a q u e l l o s q u e v i e n e n a q u í p o r l o m i s m o s m o t i v o s , p o r u n f i n m e j o r p a r a e l l o s y p a r a l o s s u y o s ? ¿ L o s t r a t a m o s c o n e l m i s m o r e s p e t o c o n e l q u e n o s t r a t a r o n ? ¿ L o s t r a t a m o s d e m a n e r a d e s i g u a l p o r q u e l a m a y o r í a d e e i n m i g r a n t e s n o p e r t e n e c e n a l a c u l t u r a o c c i d e n t a l ?

A m i j u i c i a e s t a m e c e s o r e s u e r o n t r a t a d o s c o n r e s p e t o y d i g n i d a d , p o r l o q u e e n a l l o n d e f u e r o n p o r q u e r e d a c e r o s o t r o s m i s m o s ? E s p a ñ a t a m b i é n u n p a í s p o b r e y s u p o b l a c i ó n v o u e m i g r a r s i c o n o s o t r o s e s o l i d a r i z a r o n r a s n a c i o n e s . E s o q u e r e d a c e m o s m i s m o a h o r a y l e d e v o l v e m o s e s e f a v o r l a h i s t o r i a .

S o n d e s p r e - c i a b l e s a c t o s e x e n o f o r m a i s m o p e n s a n d o u l e s p a t r i a y l a s d i v i s i o n e s a d m i n i s t r a t i v a s l a s d e r e c h a s , p e r o n a d a m á s l e j o s e a h í s i l a t i e r r a e s p a t r i m o n i o l a h u m a n i d a d y e z l a s p e r s o n a s e n g a n d e r e c h a d i s p e n e l e l a t i e r r a . L a v e y l o s a n i m a l e s e n g e n e r a m i g r a d e u n l u g a r o t r o l i b r e m e n t e e n o s o t r o s , a s p e r s o n a s , ¿ n o s o m o s t a m b i é n i m a l p a r a p o d e r e m i g r a r l i b r e m e n t e ?

P o r o t r o l a d o , c o n s i d e r o a n d e a n á l i s i s c o l o q u i a l , q u e n u n v i n c i a t i e n e u n p r o b l e m a d e c r ó n i c o q u e c o m p a r t e e s p e c i a l m e n t e c o n l a s p r o v i n c i a s d e l o e s t e , S a l a m a n c a . S i m i s a n t e p a s a d o s t r a t a r o n q u e e m i g r a r p o r q u e a q u í n o h a b í a m o s f u t u r o , n o h a b í a i n d u s t r i a d e t r a b a j a r , n o h a b í a i n f r a e s t r u c t u r a s m a r c a s y a g r ó n o m a s s u f i c i e n t e s . . . s i e s o s i g u e s u c e d i e n t e h o y d í a , p o s i b l e m e n t e a m í , j o v e n y e s t u d i a n t e , c o r r e r e l a



En esta fotografía aparece mi madre con dos hermanas en un momento de su vida en la fábrica Kanigars de Düsseldorf. A ambos lados la máquina en la que trabajaba mi madre. Mi madre es la mujer de la derecha. Los otros dos compañeros son unos de mis amigos de Béjar.

T á b a r a ( Z a m o r a ) : f o c o d e e m i g r a c i ó n

mi sma “f ort u n a” q u e mi s pari en t es, me t oc ar á emi g rar a ot ras z on as de Es- paña en c u an t o t ermi n e mi f ormac i ó n i n t el ec t u al, pu es aq u í c reo q u e s i h ab er medi os para proporc i on ar v idas c on f u t u ro y oport u n idades. C on fiem q u e t ras si g lo y medi o de san g ría demog ráfic a, l os en c arg ados de el lo, se den c u en t a de q u e aq u í h ay u n prob lema y lo sol u c i on en .



M i madre en u n a fiest a del C en t ro Españ o M i madre del an t e de l os al mac en es K arst adt



M i madre c on u n as ami g as en Bru sel as. M i madre c on su ami g as l apu ert de l af áb ric a.

T á b ara (Zamora): f oc o de emi g rac i ó n



# Mirincón de León

A Andrés González Castro

## -Tercer premio II-

### LO QUE LLA MANPROGRESO

No pude evitar pensar en mi familia al leer un artículo de diario sobre la posibilidad de que las generaciones venideras vieran truncarse un proyecto que se había venido haciendo de manera ininterrumpida en los últimos 50 años.

La descripción era punto por punto aplicable a mi caso: abuelo labrador, padre trabajador de la industria e hijo, o sea yo, en ejercicio de una profesión liberal (o algo más o menos así mi labrador, profesor de lengua y literatura). Será real o ficción apocalíptica a que yo quien es hoy a nadie vendrá después de nosotros, después de mí, como yo viví en mi hija, tendrán o no más oportunidades de abrirse camino y avanzar en lo material aún con mayor pujanza.

Para que el progreso se diera en el pasado, fue necesario que el progreso se abuelos no habían previsto nunca, irse de su pueblo, se diera con mis padres. Desde ellos se abre un arco hacia mí, que tampoco tengo idea de marcharme de esta tierra, acuciado por la necesidad. ¿Y mi hija? ¿Acaso ella se marchará de la tierra de sus padres para procurarse el sustento? ¿Facilitarán las nuevas tecnologías que pueda radicarse en otro sitio, quien sabe si en la tierra de mis abuelos que en ollegación ocurrencia?

### BARRIO PERIFÉRICO

En mi infancia me forjó la idea equivocada de que mi padre era un gran lector. Con tribu y ósea idea, sin duda, el hecho de que los domingos era él quien leía los libros de pasajes del evangelio. No alcanzábamos a leer como mi abuelo. Secundo, que en un latín más o menos macarrónico el rosario de papa, pero leer las epístolas a los efesios y otros pueblos remotos y paganos, y hacerle a un te una iglesia expectante. La estética, sin embargo, es pertinaz y el inventario de libros en casa

Mirincón de León

bastante elocuente: la biblioteca familiar la formaban una biblioteca nes regalados por la Caixa de Sabadell, novelas del oeste de Marcial Lafont. Estefanía y algún a rarez *Dónde está tu ciudad pierdesu nombre*, de Francisco Candel.

Estambien te decultu rafamiliar era el habitual en los chicos y mi barbri o. Si el padre de algún o era practicante, y a era much o. Lo habia que los padres trabajaran en la industria.

Entonces el sentimiento de pertenencia al barrio se imponía al de ciudad. Si aun o le preguntaban de dónde era, antes respondía Bellvitge o L'Hospitalet. En aquel lugar de bloques de aspecto soviético en querodado tantos años, cuando en ecitaban dar un aspecto hostil la palabra era descampado. Los había por todas partes y para ir al colegio había que estar vesarlos, las más veces con vertidos en barbri zales.

Esa falta de servicios invitaba a huir del barrio los fines de semana. Sábados y los domingos, antes de comprar un terreno en Sant Pere de Ribes o al castillo de Montjuïc. Much o después supe que el castillo de pri sión franquista y que un presidente de la Generalitat había sido con tra una de aquellas; ~~para~~ <sup>para</sup> desén sabe si con tra algún a de las que y había lanzado la pelota jugando al fútbol. Desde la explanada en que me jugaba a b olos hasta que se secambiaron a una ubicación más céntrica c imero de un extremo del castillo, se veía el mar si uno miraba hacia el P ero si un adulto miraba hacia el foso en que se ejercitaban los lanzarc o, que ~~rara~~ <sup>rara</sup> zcertaban en el centro de la di ana, me imagin o que debí haber un esfuerzo para que no lev inieran a la memoria escenas sin ies. La dictadura que empezaba a dejarse atrás en el espejo retrovisor de la democracian aciente.

## INTRODUCCIÓN A LOS BOLOS LEONESES

La guía del perfecto leonés emigrante dictaba un guión que me se aplicaron a rajatabla. Uno de los puntos principales era apuntarse al C Castellano Leonés del Barrio de Sant Andreu. Posteriormente, una esc . este centro de olug ar al Centro Leonés, si to en el barrio mucho más cé Sant Antoni, muy cerca del mercado homónimo. Puesto que en os otros en Bellvitge, en L'Hospitalet de Llobregat, mis padres no dudaron en s

<sup>1</sup> Se refiere a Luis Compañys, presidente de la Generalitat catalana desde 1934. acabada la guerra, 1939, se exilió a Francia. Detenido por la Gestapo en agosto de 1940 ex traido a España. Juzgado en octubre de 1940 se le condenó a muerte, si no fue el 15 de octubre de 1940 en el citado castillo. (N.E.).



a los sec esi on i st as: la sede q u edab a mu c h o más c erc a y n o h ab ía q u e c r u  
Barc el on a de pu n ta a pu n ta.

O t ro de los pu n t os pri n c i pal es era ju g ar a la di sc i pl i n a de port i v a de m  
arraig o popu lar en t re el c ol ec t i v o i n mi g rado: los bol os. El pereg ri n aje de  
ju g adores de bol os fue el si g u i en t e: M on t ju íc , P are de l 'Esc orx ador (pe  
a la Di pu t ac i ó n ) y lu eg o, en el mi smo parq u e, en la esq u i n a de A rag ó  
V il amarí. M ás tarde, los poc os ju g adores de L 'H ospital et c rearon el C lu  
Bol os el Neg rill ón y se radi caron c erc a de la ermit a román i c a de Bell vit g  
ju n t o a la c ompet en c i a desl eal de los pet an q u eros, q u e prac t i c ab an u n  
dal i dad de port i v a mu c h o men os loc al i st a y c on más federados. In c lu so al g  
leon és prac t i c a desde en t on c es la b i c ef al i a (si c ), la i mperdon ab le amb i g  
de sen t i r amor por u n a y ot ra di sc i pl i n a.

Si al g o est ab a c l aro desde si empre es q u e los bol os leon eses n o eran u n  
ju eg o para mu jeres. El las se en c arg ab an de la c u st o di a de los ni ños  
mejor de los c asos, a ell as les est ab a reserv ado el papel de madri n as. Solo  
v i u n a mu j er ac erc arse a la man o a h ac er u n a t i rada: era la Dama  
de A ri n t ero. Un a mu j er at av i ada c on u n v est i do reg i on al de n ot ab le b  
q u i smo, sombrero pic u do i n c lu i do, h i z o u n a t i rada h on orífic a en el P  
l 'Esc orx ador. Dama de A ri n t ero era el n omb re del c lu b radi c ado en Barc el on  
y aq u el espec t ácu lo si n g u lar l o p r e s e n t a b a m á s .

P ero n o h ac ía f al t a t a n t a aparatosi dad para l l amar la at en c i ó n de los peat o  
n es. L os raros espec t adores del ju eg o, c asi si empre person as de paso, si empre  
l o h an mi rado c on u n a mez c la de ex t rañez a e i n c redul i dad. ¿P or q u é las b  
son medi a esfera y n o redon das? , ¿para q u e ru eden mejor? . ¿C ómo es posi ble  
q u e se pu edan su mar pu n t os si n derri b ar n i n g ú n bol o? Si al g ú n c u r i os o  
sobrel a man era en q u e se pu n t úa, ac ost u mb ra a q u edarse desc on c i ert ado.

Un o de los c on c u rren t es ac t u al es más fiel es en la bol era de l 'H ospital e  
mi ra y remi ra, ac odado en u n a v all a prot ec t ora; ¡q u i én sab e si di s i mu l t a t  
b i én su desc on c i ert o! De todos modos, el mi r ón est á ah í c on la esperan z a d  
q u e se ac u erden de él a la h ora de las cerv ez as.

El de bol os leon eses es u n ju eg o en q u e n o h ab i do rel ev o g en erac i  
A l men os fue de la t i erra en q u e se ori g i n ó. Demasi ada pet an c a, demasi ad  
b ás q u et , demasi ado f ú t bol .

NO SE ES DE DO NDE SE NA C E, SINO DE DO NDE SE P A C E

Est e di c h o me l o h a repet i do mu c h as v ec es mi padre y se l o h a repet i do  
a sí mi smo mu c h as v ec es para ah u y en t ar a q u i en es l e reproch an su af ec t o  
C at al u ña y el Barça.

M i padre es de aq u el los q u e se h an ac ost u mb rado a oírse dec i r "el c at al á n  
en L eón , pese a q u e su c on oc i mi en t o de la l en g u a de L lu ll es más b i e

men tario, y a n o se r c on si derado u n c at al án para q u i en es l i g an el c on o de u n a l en g u a al s en t i m i en t o de p e r t e n e n c i a a u n a c o m u n i d a d n a c i o n a l .

Est e ser más de aq u í q u e de a l l á , más de C at al u ñ a q u e de L e ó n , es en s e n t i d o c a s o u n a e v i d e n c i a i r r e f u t a b l e . P o r q u e y a n o n a c í e n a q u e l l a s t i e r r a s d u r a n t e a ñ o s al p u e b l o de m i m a d r e l o l l a m a r a “m i p u e b l o” . P o r q u e n o s o h a b l o c at al án , s i n o q u e l o i m p a r t o a a d u l t o s q u e q u i e r e n a p r e n d e r l o a u n q u e s i g a p a g a n d o l a c u o t a d e l C o n s e j o d e l N e g r i l l ó n e n a c i m i e n t o y a m í n o m e h a h e c h o f a l t a n i n g u n a e l e c c i ó n a l g o c o n l a q u e d e f i n i t a l a n i d a d f r e n t e a q u i e n e s l a c u e s t i o n a n e l a c t u a l p r e s i d e n t e d e l a G e n e r a l J o s é M a n t i l l a .

P o r e l l o n o e s f á c i l s e r d i p l o m á t i c o e n e l e n t o r n o d e m i s p a d r e s , e n q u e e l d e s p r e c i o a l o c at al án , c o m o c o n s e c u e n c i a n a t u r a l d e u n d e s c o n o c i d o p r o f u n d o d e l i d i o m a y u n a i n a d a p t a c i ó n n o t a b l e a l a s c o s t u m b r e s l o c a l e s m o n e d a c o r r i e n t e .

R e c u e r d o v i v a m e n t e u n a b r o m a d e l S e r r a n i l l o , u n c o m p a ñ e r o d e l C o n s e j o d e B o l o s L e o n e s e s e l N e g r i l l ó n , a m i p a d r e : «M i r a , n o s h a n p u e s t o “F e d e r a c i ó n C at al a n a d e B i l l e t e s” e n l a c a m i s e t a » . L o q u e s e p o d í a l e e r e r a “F e d e r a c i ó n C at al a n a d e B i t l l e s” . L a ú l t i m a p a l a b r a , l a m á s d i s í m i l d e l c a s t e l l a n o , q u i e r e “b o l o s” , p e r o ¿c ó m o r e s i s t i r s e a l t ó p i c o d e l i g a r l a t a c a ñ e r í a , “l a a v a r a p o v e r t e d e i c a t a l a n i” , a l c a r á c t e r c a t al án ?

P o r e s a s i r o n í a s d e l o s v a i v e n e s p o l í t i c o s , a h o r a l a F e d e r a c i ó n C at al a n a d e B o l o s y B o w l i n g , q u e c o m p r e n d e l o s b o l o s l e o n e s e s , l o s c a t a l a n e s , e l p a l m a y l o s b o l o s a m e r i c a n o s , h a o b t e n i d o r e c o n o c i m i e n t o i n t e r n a c i o n a l p u e d e d i s p u t a r t o r n e o s c o n t r a o t r a s n a c i o n e s , E s p a ñ a i n c l u í d a . ¿A c a b a v i e n d o u n C at al u ñ a - E s p a ñ a d e b o l o s l e o n e s e s ? ¿J u g a r á n m i p a d r e y s u s p a d r e s n o s u n d u e l o c o n t r a s u p a s a d o ?

## P A I S A J E Y P A I S A N A J E

P a r a u n h i j o d e p a d r e s l e o n e s e s , e l p u e b l o d e s u s p a d r e s e s e n l a i n f a n t a m b i é n “s u p u e b l o” . C o n l a e d a d , s i n e m b a r g o , l a d e s a f e c c i ó n e s c r e d i t a b l e . P o r u n l a d o , l a d i s t a n c i a e n t r e u n o y o t r o l u g a r . E n G a r c í a y e n S a n t a M a r í a d e l C o n d a d o (a m í m e g u s t a d e c i r t o d a v í a “d e l M o n t e p o c o s v e r a n e a n t e s p r o c e d í a n d e B a r c e l o n a , s i n o q u e l a m a y o r í a p r o c e d í a d e B i l b a o y M a d r i d - l é a s e V a l l e c a s - , l o c a l i d a d e s a m u c h a m e n o s d i s t a n c i a o t r o l a d o , l a s e x p e r i e n c i a s í n t i m a s d e j a n d e e s t a r l i g a d a s a l l u g a r e n q u e c i e r o n s u s p r o g r e n i t o r e s . A l o q u e h a y q u e a ñ a d i r q u e l a v i d a a d u l t a e s c o m p l e j a q u e i r a m o r a s o a p e s c a r u n a t e n c a a p r e s a d a e n u n c h a r c o , u n c a g o s t o e n q u e h a n a b i e r t o e l p a n t a n o .

E n l o s r e c u e r d o s i n f a n t i l e s , e l t i e m p o p a r e c e d e t e n i d o . E l m u n d o d e l p u e b l o e s i n m ó v i l y e l e t e r n o r e t o r n o a l a s v a c a c i o n e s e s e l r e e n c u e n t r o

ab u el os y t o d a u n a g al er í a de ser es asomb rosos: el t ío M i mo, q u e l ab r a b a c h ar as de pal o, J er ón i ma, q u e t en í a m á s de 70 años y se t oc a b a l a p u n t a de l o p i e s s i n f l e x i o n a r l a s r o d i l l a s; el c i e g o S a n t i a g o, q u e l l e v a b a d é c a d a s s i n d e c a s a p o r q u e u n r e z a u e s e d e s p l a z ó d e s d e G a r f í n a l v e c i n o V a l d e a l c ó n , a 4 k i l ó m e t r o s, “s e j e r i n g ó” (s i c ); el t ío L a n , q u e e n s e ñ ó a u n a m u l a a a r r o l l a r s e p a r a p o d e r e n t r a r m o n t a d o e n l a c u a d r a; el t ío G e r m i n i a n o, q u e h e r v í a g a m u c h a p a s a m e j o r a r s e d e l a p r ó s t a t a. **U** n o m e n c i o n á n d o l o s a t o d o s y l a r e t a h í l a a n t e s p a r e c e u n a p á g i n a d e r e a l i s m o m á g i c o q u e u n a e s t a m p a d e r e a l i s m o a s e c a s.

En 5º de E G B t i t u l é u n t r a b a j o e s c o l a r c o n u n r o t u n d o: “M i p u e b l o C u a n d o p a s é a l o t r o l a d o d e l a t r i n c h e r a, d e a l u m n o a p r o f e s o r, m u c h o s a ñ o s d e s p u é s, u n c o m p a ñ e r o d e c l a u s t r o e s c o l a r, n a t u r a l d e Z a h o r a p e r o q u e m á s d e m e d i a v i d a e n P r e m i a d e M a r, s e r e í a d e u n a l u m n o q u e h a c í a r e f e r e n c i a a l l u g a r d e n a c i m i e n t o d e u n o d e s u s p a d r e s c o n e s o s t é r m i n o s: “M i p u e b l o”: –”P e r o c h i c o”, h a c í a r e f l e x i o n a r a l j o v e n z u e l o, “s i t ú h a s n a c i d o ¿C ó m o q u e t u p u e b l o?”.

Est u v e p o r i n t e r v e n i r e n d e f e n s a d e l r a p a z p e r o, ¿c o n q u é a r g u m e n t o s d u d a e s l a i n e r c i a y l a n o s t a l g i a d e u n a e s p e c i e d e p a r á i s o p e r d i d o l a q u e h a c í a q u e e n o s r e f r a m o s c o n c a r i ñ o a u n l u g a r e n q u e n o h e m o s v i v i d o m á s q u e v i d a r e g a l a d a d e l v e r a n e a n t e.

## ¡P A G, R U J O L !

En u n b a r r i o d e i n m i g r a n t e s, u n p e r s o n a j e c o m o J o r d i P u s o l e r a p e r m e n o s q u e u n m a r c i a n o. E s t e m a r c i a n o v i s i t ó f u g a z m e n t e e l b a r r i o e n u n a o c a s i ó n , c o n m o t i v o d e l a i n a u g u r a c i ó n d e l m e t r o, p o r e j e m p l o. S i n d u d a p o d í a d e j a r d e t e n e r l a s e n s a c i ó n d e h a b l a r s i n i n f i d e l i u m, s e n s a c i ó n q u e n o t e n d r í a, s i n i r m á s l e j o s, e n l a z o n a c e n t r o d e l a c i u d a d, h a b i t a d o g e n t e a r r a i g a d a d e s d e g e n e r a c i o n e s. L a d i c t a d u r a s e e n c a r g ó d e f r a g m e n t a r l a s c i u d a d e s y s e g r e g a r a l o s r e c i é n l l e g a d o s e n z o n a s q u e, c o m o B e l l v i d e q u e d a b a n e n c a j o n a d a s e n t r e u n a a u t o v í a p o r u n l a d o, u n c i n t u r ó n p o r e l c o n t r a r i o, y p o r l o s o t r o s d o s u n a z o n a a g r í c o l a r e g a d a c o n a g u a s f e c a y n a d a m e n o s q u e l a v í a d e l t a r g o n i s t a r e c i e n t e d e d e c é l e b r e s s o c i a l e s o c a s i o n a d o s p o r l a s o b r a s d e l A V E.

<sup>2</sup> A g a b u c h a s. B a y a s d e c i e r t o e s p i n o e m p l e a d a s, c o m o i n d i c a e l a u t o r, p a r a a f e c c i o n e s d e p r ó s t a t a e i n t e s t i n a l e s, e i n f e c c i o n e s u r i n a r i a s. E n S a n t a M a r í a d e l M o n t e d e l C o n v i n i e n t o p r o v i n c i a d e L e ó n , e l g e n t i l i c i o p o p u l a r e s, p r e c i s a m e n t e, e l d e “a g a b u c h e r o s”. (N.E.).

<sup>3</sup> L o c u c i ó n l a t i n a q u e d e b e t r a d u c i r s e p o r “e n p a í s e s d e i n f i e l e s”. (N.E.).

Quien fue presidente de la Gerarquía de Cataluña y a ha expresado bien cuando es el espíritu con que ciertos catalanes afrontaban vivir en su tierra.

La familia Batlle ha dado varios presidentes a Uruguay. Esa disposición a integrarse en la sociedad de acogida no es, ni mucho menos, la general de los llegados de León a Cataluña. Un destacado miembro del Centro Leonés de Barcelona me decía: «Yo voy a vivir en Cataluña, pero no voy a vivir en un departamento de domicilio». Y si bien lo seguro es incuestionable, lo primero no es el caso con el DRAE en la mano, incluso en una interpretación suya de «emigrar»: «3. Intra. Abandonar la residencia habitual del propio país para ir a vivir en otro país (obviamos ahora que abandonó en País Leonés)? ¿No fue el caso de los que se fueron a vivir a Cataluña? ¿No fue el caso de los que se fueron a vivir a Cataluña? A parte, si él o mis padres no hubieran emigrado, sería tan tonto como decir que yo participo en este concurso de forma fraudulenta y a la vez que yo vivo en León y vivo en su tierra».

En mi barrio, y me imagino que en otros sitios, el presidente de la Gerarquía era algo así como un mariano empeñado en hablar un lenguaje. A alguien a quien solo cabía involucrar, con un lenguaje que era una acción de metro que él mismo inauguró, al calor de la exaltación jurada que quien sabe si en valentónado por el alcohol, al grito de: «¡paga, Pujol!».

## UNA PROPIA INESPERADA

Algo que para mí ha tenido un valor incalculable ha sido el contacto que he tenido con los sucesos populares de la lengua castellana a mis estas de un mes al año en aldeas. La frecuencia (si es) de personas como las que he mencionado, cuyo número mengua a pasos agigantados, lleva a amar en la extinción, trufada de localismos, llenada de metáforas y amenazada por el progreso. Por que es un lenguaje allende su género: *salto aj, gallaroto, coronjoso* (sic).

La primera, para los iniciados en el habla de aquellas tierras, no es ni secreta que se refiere a ese animal al que le quitamos un pato para pasaba, y luego la otra, claro, y venían las hormigas y se la llevaban al hormiguero. A Tila, prima de mi madre, la amonestación icamen te por en señaba a un bebé granadino, de paso por el pueblo *gallaroto*: «é era un niño que aprende antes a decir eso que papá o mamá»!

Por lo que respecta a la tercera de la tríada, es una palabra que casi siempre la separación en tres significante y significado, porque quiere decir «por las termas» y que ella misma está llena de sus cesivos vacíos, de los diferentes círculos huécos de las oes.

Sospec ho q ue el apren di z aje de todo ese caudal léxico par el otu vo q ue viví en e po c on mi s est u di os. P ero est os, si n du da, me si rv ieron para pon er n om b re a todos esos fen ómen os de len g u a: asi mi lac i ón , di si mi lac i ón , at rac c i on paron ími c a o et i mol og ía popu lar... M e b ast ó c on ci ert os ru di men tos para at r v erme a ir por el pu eb lo c on un as fic has y un lápi z . L a pal ab ra q ue se p a t iro, la apu n t a b a. In t en t a b a ser di si mu lado, para ser más c ien t íf i c o y q u e su j et o n o i n fl u y e r a e n e l ob j et o de i n v est i g a c i ón , pero al poc o y a mu c ho dec ían : “¿Ést a la t ien es? M i ab u el o la di c e”. C on su l to por e n c i ma la p a w eb L en g u a l eon esa. c om y c ompru eb o –c on un a mez c la de i n c redu sat i s f a c c i ón de i n v est i g a d o r a h oras perdi das– q u e n i est á n r e c og i das todas pal ab ras de mi s fic has n i de todas ellas c on c u erdan los si g n i f i c a d o s.

## DE P O E S Í A Y O T R O S D E S V A R Í O S

En el C en t ro L eon és t u v e l a su erte de asi st i r e n mi s t i e r n os 18 a u n l e c t u r a del poeta Á n g e l F i e r r o. F i e r r o, n a t u r a l de C á r m e n e s y r e s i d e n t e de B a r c e l o n a, e s t á e n l a s h i s t o r i a s de l a l i t e r a t u r a, al m e n o s, e n u n o de l o s t o m o de F r a n c i s c o R i c o q u e m a n e j á b a m o s e n l a f a c u l t a d. F o r m a b a g r u p o l i c o n o t r o s a u t o r e s, e l m á s s o b r e s a l i e n t e de l o s c u a l e s, o al m e n o s q u i e n h t e n i d o m á s r e p e r c u s i ó n , e s e l a c a d é m i c o de l a l e n g u a L u i s M a t e o D í e z . V j u n t o a n o m b r e s t a n i l u s t r e s y e n u n l i b r o t e t a n a c r e d i t a d o e n l a s f a c u l t i m p r e s i o n ó.

F i e r r o h a b í a e s t u d i a d o e n l o s f r a i l e s, d o n d e c o i n c i d i ó c o n mi p a d r e, ú n i c o a ñ o q u e é s t e q u i s o e s t u d i a r. A l l í t r a b a r o n c o n o c i m i e n t o, p e r o y a c e l o n a n o s e h a b í a n t r a t a d o e n m u c h o t i e m p o.

Despu és del rec i t a l, me a c e r q u é c o n mi p a d r e al p o e t a y e n t a b l a m o s c o n v e r s a c i ó n . C o m o q u i e r a q u e y o d i j e s e q u e t a m b i é n e s c r i b í a v e r s o s, m e j p e o r e s, F i e r r o m e i n v i t ó a v i s i t a r l o e n su d o m i c i l i o. E n su p i s o de l a a v e n M e r i d i a n a n o s v i m o s u n a s s e m a n a s Y n á l t a r d e b a b a j o e l b r a z o u n a c a r p e t a c o n mi s p o e m a s m á s t e m p r a n o s, c a s i t o d o s e n v e r s o s o c t o s í l a b o s y r i m a d o s, a u n q u e a l g u n o s p o s t e r i o r e s y a s e a v e n t u r a n p o r o t r o s d e r r o t e r o F i e r r o t u v o e l b u e n g u s t o de p r e s t a r m e v a r i o s l i b r o s i n o l v i d a b l e s, d o s de e s c r i t o s p o r l e o n e s e s de n a c i ó n o de a d o p c i ó n : A n t o n i o G a m o n e d a y J u L l a m a z a r e s. A p a r t e del u s o del v e r s í c u l o, q u e y o d e s c o n o c í a, m e a t r a j o c ó s e v e í a al t r a s l u z del t r a t a m i e n t o p o é t i c o e l p a i s a j e l e o n é s n e v a d o, q u e n o h v i d o, p e r o t a m b i é n e l u s o de a r c a í s m o s y p a l a b r a s í n t i m a m e n t e l i g a d a s a u n v i v e n c i a s q u e t a m b i é n e r a n m í a s. N o h e p a s t o r e a d o v a c a s, m e d a b a m i e d o o r d e ñ a r a m a n o, n o h e m a t a d o u n c o n e j o de u n g o l p e s e c o e n l a n u c a. P e r o q u e é s t o d o e s o, l o h e v i s t o y m e a p e n a e l c a m b i o de m o d o de v i d a q u e d e j a a t r á s e l t r a d i c i o n a l .

Cuando salí de casa de Án gvebapponera, salí con un tesoro: aque-  
llos libros que tardé en devolvérle. En la segunda visita, me llevé un  
bien dicción con un “tú y eres poeta” que me ha hecho perseverar hasta  
en el magnífico error de leer versos y hasta escribirlos.

## EL MITO EN RUINAS

La visita que un día me hizo de su propia familia con frecuencia adol-  
ciento maniquismo. En mi visita particular, mi reducida mitología  
ocupa a mi abuelo Esteban, aquele que llamaban Esteban en varios  
alrededores. Sería exagerado llamarlo terrateniente, porque trabajaba  
los de la familia y no gente como yo, pero lo cierto es que apostó  
por comprar tierras como manera de ir acrecentando el caudal familiar  
el punto que le llegó a ser el que más tenía del pueblo. Esas tierras que  
no querían nadie, que otros llevaban y dan para poco más que para pagar la  
tribución, han tenido la mala suerte de no estar en zona edificable, de  
al margen de la previsión de urbanizaciones, han tenido la mala suerte  
servir para algo que no sea cultivarlas de gran o llenarlas de pinos o  
Nisi que era está en zona apropiada, al lado de una carretera nacional  
en sanchar: no valen un real.

La idea de los nobles labradores que me habíaforado me saltó en peda-  
zos en una sobremesa con uno de mis tíos los que hacían trabajar que  
nos desolábamos. Y cuando me quise ir con tu tía, no me dió una  
Es decir, que me en tras un vivíabajo su techo, no faltaba cocido  
carne, tocino, chorizo y lo que fuera. Pero, ¡ay de que en osara dejar  
vivir por cuenta ajena! A ese letocaba comenzar desde cero, Y ríete  
problemas actuales de vivir en da. Vivir en la ciudad real que un lado era el  
cada día.

El mito familiar se disminuyó desde dentro hasta hacer del patriarcado  
persona de carne y hueso, bajada del pedestal.

## EL GRAN VIAJE

Hoy día uno puede atravesar la Península de punta a punta en  
tiempo razonable. Los más de 800 kilómetros que un año separaban Bar-  
lona de León han ido menguando poco a poco y se han quedado en poco  
de 750 gracias a que hay carreteras que ya no pasan por los núcleos  
A demás, se han construido algunas autovías que facilitan el tránsito  
un lugar a otro.

Pero tiempo ha las cosas no eran así. En mi más tierna infancia, cuando  
ritual de vuelta al pueblo tenía lugar a bordo de un precario SEA T 12

mon tábamos 5 personas, al ~~g~~ ~~u~~ ~~n~~ ~~i~~ ~~a~~ ~~m~~ ~~o~~ ~~s~~ ~~n~~ ~~o~~ ~~c~~ ~~h~~ ~~e~~ ~~e~~ ~~n~~ ~~B~~ ~~u~~ ~~r~~ ~~g~~ ~~o~~ ~~s~~. P ero n o en u n h otel ni en u n a pen si ón ni n ada q u e se le parec iera: en el m i s m o c o c h e. h oras en u n a c u n e t a d e c a r r e t e r a o e n u n a p a r t a d e r o. E l v i a j e h a c i a l a t i e r r a o r i g e n s i e m p r e e r a a c o m p a ñ a d o d e t í o s y p r i m o s. N o r m a l m e n t e í b a m o s d o s o t r e s c o c h e s y d u r a n t e e l v i a j e h a b í a q u e e s t a r p e n d i e n t e, e n c a s o d e a d e l a n t e a l g ú n v e h í c u l o, d e q u e l o s c o m p a ñ e r o s d e e x p e d i c i ó n h i c i e r a n l o p r o p i o.

T a m p o c o e r a n t i e m p o s e n q u e s e u s a r a p a r a r e n l o s r e s t a u r a n t e s p a r a t o m a r s i q u i e r a e l m e n ú d e l d í a. L a c o s t u m b r e, q u i z á s p o r l a s e s t r e c h e c e s e c o n ó m i c a d e l m o m e n t o, e r a q u e c a d a c u a l l l e v a r a l a s f i a m b r e r a s c o n p e c h u g a d e p o l v o r e b o z a d a, t o r t i l l a y f i a m b r e s. E l p a n s e c o m p r a b a e n a l g u n a p a n a d e r í a d e l a z o n a. R e c u e r d o c o n a f e c t o e l d e V i l l a f r a n c a M o n t e s d e O c a, a n t e s d e l o b l i g a t o r i a e n l a F u e n t e d e l C a r n e r o. E l a g u a d e a q u e l m a n a n t i a l n o s e x c e l e n t e, p e r o a h o r a u n c a r t e l d e j a b i e n c l a r o q u e n o e s p o t a b l e. Q u i z á s a b o r c r u d o d e l a g u a e r a a l g o a s í c o m o u n r e c o r d a t o r i o d e l a c e r c a n í a d e l p u e b l o, d e s p u é s d e l a p a l i z a q u e u n o l l e v a b a a s u s e s p a l d a s.

## L A S B I C I C L E T A S S O N P A R A E L V E R A N O

L a c a s a d e t u a b u e l o e r a u n a p a s a d a. L a d e s t r o z a r o n c o n l a s r e f o r m a s. L a h a n d e j a d o h e c h a u n a p e n a.

M i a b u e l o E s t e b a n, e l t í o E s t e b a n a s, e l p a d r e d e m i m a d r e, d i v i d i ó l a c a s a e n t r e s p a r t e s e n s u t e s t a m e n t o. L a c u a d r a d e l a s v a c a s, l a d e l o s g a c h o s y p a j a r, p a r a s u p r i m o g é n i t o, t e n i d o e n p r i m e r a s n u p c i a s. E l p a t i o, e l h o r n o p a n y e l g a l l i n e r o, p a r a e l p r i m e r h i j o d e s u s e g u n d o m a t r i m o n i o. E l r e s t o, p a r a m i m a d r e, p a r a c o m p e n s a r l a p o r c u i d a r l o h a s t a s u m u e r t e.

A q u e l l a c a s a d e l a q u e s e s e g r e g a r o n d o s p a r t e s e r r u í d a s n a d i e r o n l u g a r a u n s o l a r e n e l q u e s e h a c o m m o d e r n o c h a l é, e r a u n a c a j a d e s o r p r e s a s. M e j o r d i c h o, m u c h a s c a j a s d e s o r p r e s a s, t a n t a s c o m o h a b i t a c i o n e s. E n u n a d e e l l a s, p o r e j e m p l o, h a b í a u n a r c ó n d e s v e n e c i j a a t e s o r a b a l i b r o s e s c o l a r e s d e l a ñ o 39 e n a d e l a n t e, l i b r o s q u e y o l e í a c o n f r u c i ó n, y d e l o s q u e m e a t a í a n s o b r e t o d o u n a s i l u s t r a c i o n e s e n b l a n c o y n l í n e a b i e n p e r f i l a d a. D e l t e c h o d e e s a h a b i t a c i ó n c o l g a b a n u n a s t i r a s d e t r a n c i o p a r a h a c e r j a b o n e s q u e i m p r e g n a b a n d e o l o r l a e s t a n c i a p o l v o r i e n t e.

E n u n a d e l a s h a b i t a c i o n e s d e l a p l a n t a b a j a h a b í a u n a b i c i c l e t a. t í o E v e n c i o” (p r o n ú n c i e s e V e n c i o, c l a r o). O d e t í o S e r a f í n. O d e c u a l q u e l o s o t r o s t í o s i n n u m e r a b l e s. L a c a s a e s t a b a l l e n a d e c a c h i v a c h e s q u e s i e r a n d e a l g u i e n q u e n o l o s q u e r í a e n c a s a. A q u e l l a b i c i c l e t a e r a d o r a d a l a s r u e d a s l l e n a s d e a r e n a. “E s p a r a q u e l a s r u e d a s n o s e p i n c h e n”. Q u i e n c h a n c o n o c i d o l o s p u e b l o s a n t e s d e q u e s e a s f a l t a s e n p u e d e n d a r f e d e q u e b i e r a s i d o i m p o s i b l e d a r u n a p e d a l a d a p o r a q u e l o s p e d r e g a l e s s i n p i n c h a r u n e u m á t i c o.



A qu ella b ic ic let a dorada t en ía h asta marc has. P ara mí, ac ost u mbu n a T orrot pesadísi ma en u n pu eb lo empi nado, mon tar en ella h u b i era su eño. En c asa de mi s ot ros ab u el os h ab ía u n a parec ida y c on c ada pedal se av an z ab a u n a b arb ariadad. L a mística de aq u ellas b ic ic let as radic ab a medi da en la man era en q u e se mon tab an , de u n a man era mu y part ic u lar: el c u adro t i en e u n a b arr a hori z on tal q u e i mpi de pasar la pi erna de u n ot ro, se sol ía pon er el pi e iz q u i erdo en est e pedal , dar i mpu lso al v eh íc u lo. el derec ho despu és de u n par de salt itos, traz ar u n arc og rác il c on la pi e derec h a h asta llev arla a ese mi smo c ost ado, don de esperab a el ot ro pedal . Eran u n as b ic is en ormes, maj est u osas, de las q u e u n o apen as podía lev an tarse dar más i mpu lso y deb ía rec u rri r, c omo al t ern at iv a, al g ol pe de ri ñón .

H ac e años era fá c il al g ún pai san o mon tado en u n a de esas b ic ic let as, c on u n a h orca at rav esada sob re el man ill ar, y en do a u n “pra o” para d v u el ta a la h ierb a. S i de r u z arla sob re el man ill ar la llev ab a paral el a al c u adro, parec ía t al men tel a est ampa de u n c ab allero medi ev al en u n torn

## L EÓN Y M I S S O B R I N O S

L on ormal es q u e los emigran tes de los 60 y 70 t en g an en poc o el f o de su tierra de ori g en y t ampoc o h ay an preserv ado c on el esmero deb ido c i t os elemen tos del h áb itat ru ral, si t i en en aún c asa en u n pu eb lo. Es f v e x ómo los port on es de mader a se c amb i an por h orri b les pu ert as met álic as. En mi c asa, c omet i mos la san dez de rac h ar (si c ) u n par de c arros de mader a de n egr illo q u e n os molest ab an en el port al, sól o para c on v ert irlos en l v i en e a la c ab ez a u n v erso de G amon eda: “M i v erg üen z a est an g ran mi c u erpo”. P ero y o t ampoc o pu edo v ol ver at rás y rec on st ru i re se c arro.

Q u i z ás c ompen sa en al g o ese ag rav io a la memori a el h ec h o de q u e poc o me sorprend í oy en do a mi s dos sob ri nos, de 4 y 6 años, t oc án dose las man os al t ern at iv amen te mi en t ras dej ab an i ru n a ret ah íl a g rac i osísi ma:

*Pimp ineja.  
la madre la coneja  
conejita real,  
p ide pola sal,  
sal menuda,  
p ide pola cuba,  
cuba de barro,  
p ide pol caballo,  
caballo morisco,  
p ide pol obispo,  
obispo de Roma,  
tapa esa corona,  
que no te la vea  
la gata rabona.*

Est a v ersi ó n es la q u e l e s h a b í a e n s e ñ a d o m i p a d r e y d i f i e r e u n t a n t o d e l a q u e s e r e c o g e e n a l g u n a s r e v i s t a s d e e t n o g r a f í a . U n o d e l o s r a s g o s l i n g ü í s t i c o s m á s s o b r e s a l i e n t e s e s l a o m i s i ó n d e l a p r e p a r a c i ó n d e s u s t a n t i v o s y l a c o n t r a c c i ó n d e e n e l a r t í c u l o , a l a m a n e r a d e l b a b l e

D e m a n e r a e s p o n t á n e a , o t r o d í a m i p a d r e c o g i ó a m i p e q u e ñ a A i n a , l a p u s o e n l a f a l d a y e m p e z ó a c a n t a r l e o t r a r e t a h í l a q u e h u n d i r á s u s r a í c e s q u i é n s a b e q u e h o n d u r a d e s i g l o s :

*T ente acá, tente allá,  
que no cabes  
más acá.  
Si cupieras  
aquí estuvieras.  
Los hijos del rey  
sierran bien,  
las de la reina  
también.  
Las del duque  
Maderuque  
truque truque truque.*

C u a n d o e e s t a s p i n c e l a d a s d e s u r r e a l i s m o p o p u l a r , u n o s e r e c o n c i l i a c o n l a p a r e d b l a n q u e a d a d e l p o r t a l e n q u e c u e l g a n l o s c u a t r o i n s t r u m e n t o s

<sup>4</sup> El b a b l e *asturianu* e s u n a l e n g u a v e r n á c u l a d e A s t u r i a s , p r e s e n t e t a m b i é n e n e l n o r t e d e L e ó n , d e r i v a d a d e l a n t i g u o r o m a n c e l e o n é s , e n c u y a p r o m o c i ó n s e e s t á t r a b a j a n d o a c t i v a m e n t e . ( N . E . )

l ab ran z a q u e se h an sal v ado por ob ra de mi lag ro del af án modern ista de o  
t ru c c i ó n , c omo si el pasado ag ríc ol a fu era al g o de lo q u e av erg on z arse

## M I R INC ÓN DEL EÓN

De todas man eras, me c u esta mu c h o iden tific arme c on todo L eón .

P araf rasean do el tex to de aq u ella peg at in a q u e ex alt ab al os en c an  
prov in c ia, a mín o me g u st a rin c ón por rin c ón , pu es n o al c an z o a c  
t odo s, si n o sol o mi rin c ón . M e g u st an la t api a del c emen terio q u e sal  
de moz os c on al g u n as c h ic as; los t api n es en lo al to de las t api as de adob  
c an c ill as a la en trada de la mi<sup>5</sup>; bel ~~ten~~ ~~g~~ ~~o~~ ~~y~~ el c en ten o dorados c omo en  
l a c an c i ón de mi sa “Un a espi g a dorada por el sol ”.

M i L eón son las est rel las pi n tadas en las tab las del tec ho de la ig les  
n o se v e ían desde den tro del templ o y q u e h ~~ab~~ ~~é~~ ~~p~~ ~~a~~ ~~s~~ ~~a~~ ~~n~~ ~~el~~ ~~o~~ ~~por~~ ~~el~~  
h u ec o de las esc al eras del c ampan ario. M i L eón es la fu en te de la P edor  
de la Sal g u era, la de la C al lej it a, los c años en l ~~h~~ ~~o~~ ~~s~~ ~~q~~ ~~u~~ ~~e~~ ~~h~~ ~~a~~ ~~s~~ ~~i~~ ~~en~~ ~~ad~~ ~~ine~~, ol os  
Ál amos, el C ot o, V al desaz , los T rag üez os, las pl an tas de Seraf ín . M i L  
San ta M aría del M on te y poc o más.

<sup>5</sup> H u ert a. (N.E.).

# Tránsito Luis Calvo : la historia de una “niña de la guerra”

Sandra Pérez Chaviano

## -Ter cer p r em io III-

### P R E F A C I O

*A la memoria de mi abuela y su familia... para que permanezcan...  
A la S ra. María Antonia Fernández Mayo, por todo su apoyo...*

Nunca pensé llegar a conocer a profundidad la historia de mi familia paterna. Hasta los 16 años sólo conocía de mi padre y mi abuela a través de las referencias por mi madre, las cuales eran matizadas por mi abuela y mi madre. En esos días vividas de algún lugar perdido en los recuerdos de mi primera infancia.

Con el divorcio de mis padres –contaba yo entonces cuando a los 16 años mi hermana con tres – se produjo un abrupto cambio familiar y fue como un secuestro en la infancia total entre ambas partes y como un aislamiento para nosotros de todo vestigio de figura paterna, si en consecuencia nos olvidamos la noticia de la muerte de mi padre dos años después de su fallecimiento.

Luego, y a más medida, tuve la oportunidad de visitar ciudad de L. a. b. a. en un viaje escolar, ocasión que aproveché para ir en paralelo a visitar a mi abuela al lugar de doce años de separación.

El reencuentro fue inolvidable. Hubo risas y llantos, fotos mancharon los años y promesas de otros encuentros, los cuales se pudieron materializar sólo en dos ocasiones posteriores, pues ella no llamaba a mi casa por no hablar con mi madre –a la que nunca perdono por haber abandonado a mi padre– y negativas de mi madre que nunca perdono que a mi padre y ella no se comunicaran nunca más después de la separación con mi hermana y conmigo.

Tránsito Luis Calvo: la historia de una "niña de la guerra"

T r á n s i t o L u i s C a l v o : l a h i s t o r i a d e v i d a d e u n a “ n i ñ a d e l a g u e r r a ”

No fue hasta el año pasado, estu di an do y a la c arrera de P eri odi smo en la Un i v e r s i d a d d e L a s V i l l a s , q u e v o l v í a v i s i t a r a m i a b u e l a g r a c i a s a u n u n i v e r s i t a r i o . F u e e n t o n c e s q u e l o s v e c i n o s m e d i e r o n l a n o t i c i a d e a c o n t e c i d a u n a ñ o a n t e s , y e l t e l é f o n o d e u n a s e ñ o r a q u e p o s e í a l o s p o c o p e l e s q u e e q u e d a r o n d e s u v i d a .

A sí est ab l e c í c o m u n i c a c i ó n c o n l a s e ñ o r a M a r í a A n t o n i a F i l i p i n a M a y o , e n l a C a s a d e Z a m o r a , q u i e n m e a y u d ó a c o n o c e r r e t a z o s d e l a v i d a m i a b u e l a p a r a m i i n s o s p e c h a d o s c o m o m i h e r e n c i a z a m o r a n a , m e h a b í a e s t e c o n c u r s o q u e b r i n d a l a o p o r t u n i d a d d e q u e l a s h i s t o r i a s d e t a n t o s d o s n o s e p i e r d a n e n t r e e l p o l v o v e t u s t o d e l o l v i d o y m e b r i n d ó i n f o r m a c i o n e s a s e s o r a m i e n t o i n v a l u a b l e p a r a l l e v a r a c a b o e s t e t r a b a j o .

A e l l a m u c h a s g r a c i a s y t a m b i é n a c a d a u n o d e l o s q u e h a c e n c o n c u r s o s e a r e a l i d a d , p u e s d e b i d o a e s t a i n v e s t i g a c i ó n h e p o d i d o l l e v a r i m á g e n e s u n a g r a n p a r t e d e m i v i d a q u e s e e n c o n t r a b a c o m p l e t a m e n t e b l a n c o y h a c e r m e s e n o r i a d e m i t a t a r a b u e l a V a l e n t i n a , m i b i s a b u e l a G r a c e l i a n a y m i a b u e l a T a n í a “ T a t i n e s ” , c o m o l a c o n o c í a n e n l a i n f a n t e q u e n o e x i s t a n “ n i ñ o s d e l a g u e r r a ” n u n c a m á s .

## L A G É N E S I S D E L A F A M I L I A

C o r r í a n e n t o n c e s l o s t i e m p o s d e l a C o l o n i a . F u e e n e s a é p o c a c u a n d o m e n z a r o n a e m i g r a r m a s i v a m e n t e , t a n t o a C u b a c o m o a L a s F i l i p i n a s , u n ú m e r o d e e s p a ñ o l e s , l o s c u a l e s e s p r e c i s o s e p a r a r e n d o s g r u p o s . E l p r i m e r o s e h a l l a b a c o n s t i t u i d o p o r e n v i a d o s d e l G o b i e r n o c o m o m i l i t a r e s , e m p l e a d o s c a s t r e n s e s y c i v i l e s , n e g r e r o s y a v e n t u r e r o s d e l a s f i n a n z a s , m u c h o s d e l e s r e g r e s a r o n a l c a b o d e l o s a ñ o s a l a P e n í n s u l a c o n c a u d a l e s i n i m a g i n a r l a p r o d u c t o d e l a e x p l o t a c i ó n y e l n e g o c i o s u a s o , p o r e j e m p l o , d e l C a p i t á n G e n e r a l d e l e j é r c i t o e s p a ñ o l d o n V a l e r i a n o W e y l e r , d u q u e e r a e n c a r g a d o d e l m a n d o s u p r e m o d e l a i s l a d e C u b a .

E n e l o t r o g r u p o s e j u n t a b a n l o s q u e h u í a n d e a l d e a s m i s e r a b l e s , l o s q u e s e r e s i s t í a n a c o n v e r t i r s e e n c a s i e s c l a v o s p o r u n a m i s e r i a , l o s q u e q u e r í a n b r i n d a r l e a s u s h i j o s l a e s p e r a n z a d e u n a e d u c a c i ó n p r á c t i c a m e n t e n e l o s a v a t a r e s d e u n a m o n a r q u í a c a d u c a , y c o n e l l a u n a m e j o r v i d a , y v i a j a b a n a A m é r i c a a g a n a r s e u n o s m i l e s d e p e s o s y r e g r e s a r a s í a s u t e r r u n a t a l .

A e s t e ú l t i m o g r u p o p e r t e n e c í a n A n t o l í n L u i s G a r c í a y V a l e n t i n a y M a r t í n e z , a m b o s n a t u r a l e s d e V i ñ a s d e A l i s t e , a l d e a q u e s e a l z a b a n s i e r r a z a m o r a n a s d e A l c a ñ i c e s , e n t r e r i s c o s y s e n d e r o s d e c a b r a s , j u s t o e n f r o n t e r a c o n P o r t u g a l , y q u e e m i g r a r o n h a c i a C u b a c o n e l f i n d e e n r e s p u e s t a a s u s c o n s t a n t e s s ú p l i c a s d e m e j o r í a s e c o n ó m i c a s .

Por az ares del destino se instaló en Cienfuegos, ciudad no que pertenecía a la región de Las Villas en aquellos entonces, y con el tiempo nacieron los jóvenes en una hermosa amistad que pronto devino en amor. Es así que, como buenos cristianos, a primeros del siglo XX efectuaron una modesta boda que fue bendecida por el párroco de la iglesia de Cienfuegos de la Purísima Concepción. Del matrimonio nacieron ocho hijos, siete varones (Ramón, Milton, Alfonso, Esperanto, Juan Antonio, David y Fulvio) y una niña, que nacieron en un clima de armonía y unidad familiar, pero siempre con un ejemplo de honestidad y rectitud.

Ordenados en el hogar, sacrificios y trabajo con sus padres, los hijos de Cienfuegos al fin llegaron a su destino. Por el camino, el hermano mayor, Ramón, se casó con una mujer española en el año 1921, no sin antes dejar en el poblado de Cruces, Cienfuegos, su única hija, María Luisa Martín, que había contraído matrimonio con un propietario de una finca en la zona.

Al llegar a la Patria, los hijos de Cienfuegos se establecieron en la ciudad de Zamora, donde se dedicaron a la agricultura. Los hermanos menores, David y Fulvio, se dedicaron a la enseñanza y a la medicina, respectivamente. Los hijos de Cienfuegos, en Zamora, adquirieron un apartamento en el número 14 de la calle Larga, más tarde denominada como San Vicente.

## “LOS CUBANOS” EN LA MANLATA ATENCIÓN

El trabajo con sus padres que permitiera mantener el capital familiar, fue unido en la emigración caracterizó a la familia Luisa Martín, apodada por los cubanos como “Los Cubanos”. No era Antonio Luis Lombardi, el cubano de Cienfuegos, el que se dedicó a la agricultura, sino su espíritu emprendedor seducido por los cubanos, que se dedicó a la agricultura y a la ganadería. Los cubanos de Cienfuegos, que se dedicaron a la agricultura y a la ganadería, se dedicaron a la agricultura y a la ganadería.

Fue así como el jefe de familia fundó una empresa de servicios y mantenimiento, denominada “La Flecha”, la cual realizó el servicio de viajes y mantenimiento desde Zamora hasta las cabeceras de partido de Villalpano y Benavente. El padre atendía todo lo referente a administración y los hijos conducían los coches y realizaban el mantenimiento de los mismos en el taller.

Debido a la seriedad con que efectuaban el trabajo y a sus altas calificaciones, si se empleaban en la actividad y satisfacción de los pasajeros, se granjearon pronto el aprecio de los pobladores del lugar, si en este aspecto más fuerte en los simples trabajadores, que en su administración aquellos muchos hacían un peso a ser hijos de un patrono, respetuosos con las Leyes Sociales del país, solicitaron y obtuvieron sus respectivos permisos de afiliación a los organismos correspondientes.

Den tro de este sector se les respetaba enormemente por su sana democracia, disciplina y acatamiento de las normas laborales. Esto se debía, sobre todo, al convencimiento que poseían acerca de la necesidad de cooperar entre todos los factores para poder salir adelante satisfactoriamente, por lo que se propusieron numerosas explotaciones.

Todos estos factores detonaron en una desfavorable opinión sobre la familia, esencialmente hacia el patriarcado de la misma, por parte de la patronal, debido sobre todas las cosas a su condición de socio que se oponía sistemáticamente a todo intento de merma en los derechos de los trabajadores y daban su voto electoral a las candidaturas liberales.

Sus hijos, por otra parte, tampoco eran bien vistos en determinados sectores burgueses por sus afinidades "exageradas" con obreros, y por ser afiliados del C asino de los Artesanos de la ciudad, si en dotación agrarante de la explotación o el hecho de ser ciudadanos cubanos; aspectos estos que con el tiempo que se viviesen en vultos en poco tiempo dentro de una atmósfera de hostilidad y envidias.

Con el paso de los años el negocio prosperó grandemente, deviniendo un enorme taller de venta y reparación de automóviles. Como si Antón, bien esperado, era la prosperidad minaba de buenos presagios el futuro de su familia y conocer proclamada la República en su tierra, rindió su trabajo merecido su último voto por la democracia en los primeros meses de 1932.

Aunque el dolor marcó profundamente a todos sus seres queridos, el negocio no se resintió, creciendo el bienestar familiar, que se incrementó bien en número al contraer matrimonio el mayor de los hijos, Ramón, con la joventrabajadora y callada, llamada Gracielana Calvo, natural de Benavente, unión que dio pronto frutos al nacer, el 27 de mayo de 1934 una niña, abuela, que fue bautizada como Tránsito Luis Calvo.

## C O M IENZA LA TRA G EDIA ...

Con el nacimiento de la pequeña Tránsito la alegría pintó sonrisas en los rostros de la familia Luis Martín, felicidad esta que resultó ser muy breve pues los falangistas se amaron ostentando no solamente fichados a los simpatizantes que habían votado por el Frente Popular en las elecciones que dieron lugar al gobierno de Añón, también a los que se negaron a enrolarse en sus filas de asesinos a sueldo.

<sup>1</sup> A z año no era en ese momento presidente de gobierno, sino presidente de la República Española. (N.E.)



Fue así como en la mañana del 19 de julio de 1936 los militares y la Guardia Civil se lanzaron a las calles, y en las primeras horas de la noche se amontonaban en la Cárcel un sin fin de obreros y ciudadanos que se afiliado a los partidos republicanos moderados. Sin dudas fue ese un día funesto. Los cuadros sin dicales fueron barridos, los conjales del Ayuntamiento acorralados a tiros en la carretera de Benavente... la ciudad aterrorizada.

El primer integrante de la familia de "Los Cubanos" en ser capturado por la turba fue el ingeniero Gaceliano Calvo, la esposa de Ramón y madre de la niña, quien resultó atropellada en la Plaza del Ayuntamiento y sin resaca su estado - con tabaca y a con ocho meses y medio de embarazo -, la su bieron a culatazos a un acamioneta abarrotada de hombres que habían sido apresados con anterioridad.

Con la llegada del nevodía en las viviendas se reñaban a la producción de los acontecimientos nocturnos, plagados de descargas y pistoletazos. También por sus hijos la matriarc familiar, Valentinia, quien temía que al igual que su pobren era, sus hijos fueran detenidos y asesinados. Aquella misma tarde David Luis Martín fue recluido en el pueblo de Santa Marta, a donde iba con asiduidad para visitar a su novio.

Más no terminó ahí la pesadilla. El día 23, cerca de las 11 de la mañana, Valentinia pidió a su hijo Juan Antonio que le reparase la bombilla del dormitorio, y en ese mismo instante irrumpieron en la habitación siete desconocidos con uniformes de la Falange. Agritos lo instaron a levantar las manos y poner los sacos de la casa. La madre, con su nieta de dos años en los brazos, siguió a la cuadrilla hasta la prisión, a donde posteriormente le llevaron ropa para sus dos hijos y su nuera.

Los falangistas, ya organizados, no desearon ni un instante de "Los Cubanos". Al atardecer del 24, luego de regresar de llevar el servicio de Correos al pueblo de San Martín del Pedroso, fronterizo con Portugal y perteneciente al partido de Alcañices, es detenido en la Puerta de la Fuente junto con un surtidor de gasolina, Alfonso Luis Martín.

A veras sustos, que tres de los hermanos y habían sido apresados, los restantes se desparraman por la ciudad buscando refugio seguros. No obstante, a ello en Fulton el día 28, al salir de un casa en el barrio de San Lázaro. El 29 es Esperanto el sorprendido en las inmediaciones del lugar de Villarría de Campos, cuando intentaba alcanzar la ruta de Asturias.

Se enfurecieron con los falangistas los enamorados. A los dos jóvenes tan tantes, Ramón y Milton parecían como si los hubiese traído la tierra. Ni persona del lugar podía dar señas sobre el paradero de los fugitivos. Ramón, esposo de Gaceliano y padre de la niña Tránsito, no es más que una sombra de la ciudad que se esfuma misteriosamente por las callejuelas y M...

Logra al canzar la suerte de más tarde las abruptas heredadas de Sierrita Moreno donde, al cabo de dos años de vagar por los montes, es capturado en los riesgos de Aracena y enrolado en batallones de trabajo y campos de concentración, hasta que, en contradicción en Melilla en el año 1942, la diplomática cubana aslogran su libertady posteri or repatriación a Cuba.

## L A M U E R T E A C E C H A

Mientras tanto, la anciana Valentina se encuentra en un trabajo desesperado para conseguir un empleo por la Falange el taller del que era propietaria, su llabasinningún tipo de recurso para ayudar a su familia y alimentarse de dos años que había queudado bajo su custodia y lloraba desesperada por la ausencia de su madre.

Por otro lado, parecía que los falangistas se habían propuesto volver a la C. Cada día llegaba arrastrándose a la puerta de la prisión y recibía allí un empujón que le impedía salir. Mientras detenían a unos se llevan a otros para prepararse para los asesinatos. El 25 de julio se llevan de madrugada a Juan Antonio con inocentes al arcángel de Toro. El 28 sale hacia el mismo lugar Esperanto, antes de dejar de recibir a medio camino, en la carretera, una palizata en la que ingresan en el reclutamiento de los soldados por la boca, medio muerto a golpes.

La madre, angustiada y desfilada, acude a los jefes falangistas para llamarla a la libertad de sus hijos, que en es además de ser inocentes de todo castigo están protegidos por su nacionalidad cubana. La respuesta que le escucha en la caraluego de tanta súplica fue que Cuba era concesionada por el gobierno a España que pronto se recuperaría con la ayuda de los alemanes liberados por Hitler... y le dieron la espalda en medio de carencias.

De esta manera trascurren los días en Zamora. La ciudad, que se encuentra en un estado de emergencia por el derecho y la intransigencia más completa, no abre la boca para emitir la más mínima señal de protesta contra la traición franquista y la avalancha de tortura y muerte que se traen consigo, efectúan desde tres meses más de miles de asesinatos en los vestigios del término y los pueblos inmediatos. Sólo del personal obrero de los Saltos de Duranroej cuenta dos 511 trabajadores en los barrancos de las inmediaciones.

No fue hasta el 2 de agosto que asesinaron al primero de los hermanos Esperanto. Tirado en un calabozo, sobre un montón de paja podrida por

<sup>2</sup> La autora se refiere a la presa de Ricobayo, en la provincia de Zamora, única construcción ruindantes de la Guerra Civil. Actualmente este proyecto ha sido el eléctrico cubanas, tres de ellas de titularidad portuguesa. (N.E.)

desec h os c orporales de c ien tos de pri si on eros c on den ados a mu ert e q u e le an tec edi eron , se la pasó arroj an do san g re por la boc a desde el 2 8 de ju li o h asta la madru g ada de ese día, en q u e u n os fal an g ist as n omb rados G ermán M ar “El Rubio”, In oc en “*Booca de T únel*” u n ofi c i al de C orreos apelli dado M ari sc al , todos de Zamora, le sac aron en u n i ón de A n drés Espi n osa y de u súb di to arg en ti n o, Bern ardo G arc ía G aita.

C u an do lleg aron a la pu ert a del C emen teri o de T oro, a la lu z de los fa del au tomóvil y al pi e de las fosas y a preparadas los ac rib illaron a ti ro de pi st ol as. Si n ti én dose h erido en el pec ho y el vi en tre, aún tu v o fu erza rec orrer c erca de c ien met ros en tre el lab eri n to de u n en c in ar de las c erc an C ay ó mori bu n do en ese pu n to y los asesi n os le arrast raron por los pi es h asta arroj arlo, todav ía c on vi da, en la sepul tu ray lo en terraron , in di feren tes, los c h illidos mori bu n dos q u e pu g n ab an por su vi da.

Seg ún el sepul tu rero q u e presen ci ó la esc en a, q u ien n o se rec u pero de n erv ios en más o men os u n año, u n os lib erales est amparon c on u n c u chi n omb res de las v íc ti mas en las tres en c in as q u e mi ran a la pu ert a de la man si ru ral de los q u e v i del mu n do. Est os fu eron los pri meros de c ien tos de asesi n atos q u e se c omet ieron en tñ erra san ta

L e si g u i ó a Esperan to su h erman o A lf on so, q u e fu e llev ado en la m g ada del 7 de ag ost o a M on te de la R ei n a, tierra de past os y madri u era de c az a may or a espaldas del lu g ar de F resn o de la R ib era, ex ac tamen te a medi c ami n o en tre T oro y Zamora. C on él i b an , tamb ién esposados, el h erman o su c u ñada G rac el ian a, M au ric io C al v o –det en ido por llev arle a la c á paq u et e de cig arri llos c on dos pan aderos, P asc u al P lat ón y A n ton io L est e ú l ti mo at ado por h ab erse v u el to loc o ac on sec u en c i a de la c ert i du mb su próxi ma mu ert e. Seg ún las dec l arac i on es de V al en t in a M art ín a la rev c u b *ah emia* la déc ada del 40 del sig lo pasado, fu en te en la q u e se b asa toda est a part e de la h i st ori a de la fami lia, al emi g rar de España c on su ni et a en 1942 , aún n o c on oc ía los n omb res de los asesi n os de est e h ijo, pero sí c on si g u i ó sab er q u e tan to él c omo su s c ompañeros de pen u ri as, fu eron despeñados h ast a el río l u eg o de ser asesi n ados a ti ros en las n u c as, c u y as ag u as arrast raron los c adáv eres para si empre.

P ara “despac h ar”, c omo den omi n ab an en su arg ot los mat on es a los h o- mi c i di os, a Dav id L u is en la madru g ada del 19 de ag ost o, se reu ni eron c i r g u ardi as c i v i les y los c on oc idos en aq u el en ton “*El Fc como Seb ast ián macéutico*”, así mot adó por su an tigu a posesi ón de u n ab otic a q u e li q u idó c prosti tu tas y b orrac h eras amen iz adas c on *crup fide q u e* leg os de

<sup>3</sup> P or c amposan to, c emen teri o. (N.E.)

<sup>4</sup> Se refiere a mot e o sob ren omb re; léase l l amado. (N.E.)

ven taja, y Segun do Viloria, abogado domiciliado en la calle de San esquin a ala de Benavente, que según su propia confesión y testimonios presenciales, tenía en su conciencia más de 300 asesinatos de guerra por la Falange. Ajustado obligaron al pie de su fosa y abierta por el sepulturo del cementerio de Zamora, donde se perpetró el crimen, a beber el petróleo y mastigar excrimentos humanos. Luego lo ultimaron cuando que le destrozaron la cabeza. Allí fue enterrado por el guardador del recinto en cinco días más tarde y al egan do un a en fermedad, di mitió de su cargo marchó a casa de unos parientes en Portugal.

Todo el día 20 estuvo Valentin sentada en las inmediaciones de la hasta que al caer el sol la arrojaron de ahí. También había otras mujeres con ella, en lo que quedas, aguardando noticias de sus sombras encerrados, temiendo lo que no podían evitar. Así que recogió su bulto y fue a dormir a la noche, sola por más de doce horas.

Con el arder las personas se tranc las masas, asegurando puertas y balcones, para no contemplar los cortijos de sombras atados, indefensas que marchaban, atormentados por las culatas de los fusiles en treblas y risotadas de sus verdugos, hacían el matadero. Unas veces los mataban el pretel del puente de piedra sobre el Duero, otras en las rutas principales heredadas de las inmediaciones.

Lo que los falangistas llamaban "la limpieza" era cuestión de momento una descarga en la nuda de cada desgarrado y por sepulturas las aguarías o los picos de los cuervos que en esos meses de julio y agosto no blablos cielos zamoranos para lanzarse sobre los cuervos en sangrientos de la ajusticiados, que se podrían en las cunetas de las carreteras o en las barridas de los caminos.

Esa misma noche un testigo le contó a la anciana que sacaron a vivir a su hijo Fulton. Los amontonaron como bestias en un camino del Ayuntamiento, amarrados por parejas. Luego marcharon al cruce de la carretera de Zamora a Salamanca, frente a la puerta del cementerio.

Al tomar el camino un acurva, casi al llegar al sitio de destino, el compañero lograron desatarse y saltar a tierra, emprendiendo la fuga por el encinar que se hallaba frente al campamento. Es hicieron una desno al canzón al descuido, que en logro desertar para si empre, pero a Fulon hirieron en las piernas y cayó desangrándose, sin fuerzas para huir. Lo alcanzaron le dieron sendos culatazos en la cabeza y le hicieron

<sup>5</sup> Ex presión zamorana que indica el error de la puertación seguridad, con llave, aunque puertación significaba hacer lo con un atraca o palogrande. En este contexto, se refiere (N.E.)

h ast a el i n t e r i o r d e l c e m e n t e r i o l U r g a n d o a l p i e d e l a f o s a d o n d e s e r í a s e p u l t a d o , f u e o b l i g a d o a p a t a d a s a p o n e r s e d e p i e n s u l t o s y e s c u p i t a j o s l e d e s c e r r a j a r o n v a r i o s t i r o s , c u a t r o d e e l l o s e n l a c a r a y l o s o j o s , y a c i e g o p o r l a s a n g r e y e l p o l v o d e l c a m i n o . A q u e l l a n o c h e e n t e r r a r o n a v a r i o s l a b r e s s e m i v i v o s , c o m o e r a h a b i t u a l q u e e n t e r r a r a n d e

C u a n d o V a l e n t i n a f u e a l d í a s i g u i e n t e a l l e v a r l e s l a c o m i d a a l o s t r e s s o s q u e l e q u e d a b a n , u n o d e l o s g u a r d i a n e s l e d e v o l v i ó d e l v i d i o r a n t i n a m i e n t r a s l e d e c í a e n t r e r i s o t a d a s q u e a e s e y a n o l e h a c í a f a l t a e l a l i m e n t o , p u n h a b í a s a l i d o p a r a e l “ b a l n e a r i o ” .

T a s ó l o d o s d í a s t a r d ó e n s a b e r q u e e l ú l t i m o h i j o q u e q u e d a b a c o n v i d a t a m b i é n h a b í a p a s a d o a l o t r o m u n d o . U n a m u j e r a l a q u e l e h a b í a n a s e s i n a l m i s m o t i e m p o a l e s p o s o y d o s h i j o s f u e a p i e d e s d e T o r o a Z a m o r a , p a r a c o n t a r l e q u e J u a n A n t o n i o h a b í a s i d o c o n d u c i d o j u n t o a u n g r u p o h o m b r e s a l c e m e n t e r i o d e T o r o . A l l í l o s f a l a n g i s t a s t r a t a r o n d e e n l o q u e c o n a n t e s d e d a r l e s m u e r t e p i n c h á n d o l o s c o n n a v a j a s , q u e m á n d o l e s l a s o r e j a s c o c e r i l l a s , a r r i m á n d o l e s t a b a c o s e n c e n d i d o s h a s t a q u e m a r l e s l a s p e s t a ñ a s . L u e l o s a c r i b i l l a r o n a t i r o s y l o s t i r a r o n a l r í o .

Desde aq u e l d í a l a v i d a d e l a a n c i a n a y l a n i ñ a T r á n s i t o f u e u n i n f i e r t e . L u e g o d e a s e s i n a r a c i n c o d e s u s h i j o s y e n f u r e c i d o s p o r n o e n c o n t r a r a o t r o s d o s , l a d e s p o j a r o n t o t a l m e n t e d e l t a l l e r , a p r o p i á n d o s e d e t o d o l o q u e c o n t a n t o s a c r i f i c i o h a b í a c o n s e g u i d o l a f a m i l i a y d e j á n d o l a e n l a m á s c o m p l e t a s e r i a . E r a v i g i l a d a t o d o e l t i e m p o p a r a d e s c u b r i r s i a l g u i e n l a a y u d a b a e c o m i c a m e n t e , p e r o s i e m p r e h u b o v e c i n o s q u e f u e r t i v a m e n t e e v i t a r o n q u e m u r i e r a n d e h a m b r e . T a m b i é n l a o b l i g a b a n a c o n t r i b u i r c o n l a s s u s c r i b i d o s d e l a F a l a n g e t o d a s l a s s e m a n a s y a e n t r e g a r d o n a t i v o s “ v o l u n t a r i o s ” . A u n i n d i g n a d a , n o p o d í a n e g a r s e a e s t a s d e m a n d a s p o r t e m o r a q u e l a s m a t a r a n a e l l a y a s u n i e t e c i t a , l o q u e n o p o d í a s u c e d e r : a ú n t e n í a d o s h i j o s r e g a d o s ( s i p o r l o s m o n t e s y l a m a d r e d e T r á n s i t o , “ T a t i n e s ” , e n c a r c e l a d a s i n s a b e r p o r q u e y e n e s p e r a d e u n s e g u n d o h i j o .

L a i n c e r t i d u m b r e p o r e l d e s t i n o d e G r a c e l i a n a , d e s g r a c i a d a m e n t e , n o m o r ó e n m a t e r i a l i z a r s e e n u n a t r i s t e r e a l i d a d . E l l a , c o m o o t r a s m u c h a s m u j e r e s e n e s t a d o d e g r a v i d e z e u l t i m a d a p o r l o s “ g u a r d i a s d e t r i c o r n i o y a l m a d e c h a r o l ” ( s i c ) , c o m o l e l l a m ó e l p o e t a G a r c í a L o r c a a l a t u r b a f a l a n g i s t a

<sup>6</sup> F i a m b r e r a . ( N . E . )

<sup>7</sup> E m b a r a z o d e l a m u j e r . ( N . E . )

<sup>8</sup> L a m e t á f o r a “ a l m a d e c h a r o l ” f i g u r a e n e l “ R o m a n c e d e l a G u a r d i a C i v i l E s p a ñ o l a d e G a r c í a L o r c a , p u b l i c a d o e n 1 9 2 8 e n G i t a n o s i e n d o , e n c o n s e c u e n c i a , m u y a n t e r i o r a l o s h e c h o s q u e e n a r r a l a a u t o r a .

En v ísperas de traer hijos al mundo fueron acribilladas a tiros en tres sombros de la noche en los cruceros de los caminos de Galicia, la esposa Gobernador Civil de La Coruña, una sobrina del Diputado señor M... an... sino en Salamanca— en la puerta del Cementerio de Candario; la esposa del Secretario del Ayuntamiento de Medina de Rioseco, la hija del A... Barbastro y más que aún se descenden.

Zamora no que edó exenta de este tipo de barbarie. Cuando Valenti... en trevista especial para la *Revista* que poseía en esos momentos 24 años, era *ujovæh* on rada, solo atenta a las labores domésticas y nunca en su vida nadiela escuela o un apalab... a política. No obstante a ello, el primer día de movimiento fue en el... ser la esposa de uno de “los cubanos” fugitivos.

Así se mantuvo en prisión desde el día 19 de julio hasta el 27 de septiembre, día en que los falangistas tomaron la decisión de asesinarla por su “decooperación” en la captura de su marido.

A medianoche se presentó en el arcél una acuadrillada capitana de abogado Segundo Viloria, que además era primo segundo de Gracel... siete pistolas, dos parejas de la Guardia Civil y dos mujeres afiliadas a la... g rupos de acción de la Falange, una de ellas hija de un comerciante... marinos nombrado Juan de Luis y vecino de la calle de la Rúa y la otra... nadiemás que la amante de Martín Pascual, el hombre más rico de Zamora por aquella época.

Lahicieron levantarse del camarodonde dormía casi en paños menores y le ordenaron salir de la cárcel. *El día* solo se trató de una prisión, una de las mujeres protestó, pues pensaba que había sido un terrible... hacérselo ver a esas horas para “tan poca acción”. Por ello, el abogad... menzó a buscar otra víctima que le sirviera de “dama de compañía”. Se decidió por una muchacha que había sido detenida tres días antes. Era una maestra de 21 años llamada Engracia del Río y natural de Aspariego. Estano pens... resistirse pensaba, como todo el mundo, que era imposible mostrarle al... signo de rebelión si no se ejecutaba al instante.

Salíó el cortejo hacia el cementerio, a donde llegaron en auto en... minutos. En la mismapuerta del camposan... uno de los pistolas arrastró por el pelo a la maestra y poniéndola de espaldas al muro le descerrajó cincuenta en la nuca. Otro de los del grupo se dispuso a hacer lo mismo con Gracel... pero estale empezó a pedirle la vida en nombre de su madre y de su conciencia de cristiana, lo cual hizo que el hombre se negara a acabar con...

<sup>9</sup> La autora se refiere a José Andrés y M... an... so, líder socialista salmantino. (N.E.)

vistas de ello el abogado se enfureció sobremedida. Ofendiéndolo al soldado por su cobardía llevándolo al pimiento a la embrazada hasta el cadáver de la muchacha asesinado alavez que le daban restiros, gritaba que a él no le temblaba la mano ni trataba de un pariente.

Cayó Graceliana al suelo, pero cuando estaba por abandonar el lugar uno de los tiradores se percató de que aún se movía el estómago recibido de la mujer. Ante esto una de las mujeres exclamó que seguía respirando. “¡Obezno!” que le llaman en el viento, pujando por salir, pero que ella iba al mundo de tan desagradable visita. Dicho y hecho, se acercó a ella con un niza te y disparó tres tiros más en la cabeza. Luego se alejaron entre bromas y carcajadas, dejando el cadáver inerte sobre un charco de sangre. Tan íntima y secreta servía la única fotografía que le quedaba de su madre. En el pese al deterioro, aún se pudo distinguir a Graceliana Calvo, antes de ser asesinada, con su hija pequeña en brazos. Este fue un incidente que marcó a su temprana edad, un sello característico de tristeza conستانte y depresión para toda su vida.

En entrevista realizada el 18 de abril de 2004 por el Operativo de la OPI, el duque de su segundo viaje a España, declaró:

“Me acuerdo de la escuela, la nieve cayendo, de que yo iba a la escuela de la iglesia porque mi papá logró salvarse, porque se escapó y por eso fue silaron a mi madre... Toleré un taban y la asediaban, pero ella no sabía por eso fue silaron con ocho meses y medio de embarazó”.

Esta horrible parte de la historia de mi familia, vivida por mi abuela en sus primeros años de edad, tuvo desgraciadamente una cantidad enorme de protagonistas: aun cuando no existen datos exactos del número de personas que fueron fusiladas en la provincia de Guerrero Civil y en los primeros del franquismo, diversos estudios muestran cifras de spares, que oscilan entre los tres mil y los diez mil asesinados.

## EL ÉXODO

Luego del cruel asesinato de la madre de Tatiana, Valentina se sentía desesperada. Estaba sola en la ciudad con su pequeña nieta, sin saber cómo iba a comer al día siguiente y temblando por la suerte de los dos hijos fugitivos uno de ellos el padre de la niña. Al día siguiente se presentaron en la casa y efectivamente un registro, con la esperanza de encontrar a los ausentes, a cambio de la ocación para amemorar a la anciana al augurar la próxima muerte de éstos. No sólo ellos sufrieron la cacera de Ramón y Milton. La hermana



de A n t o l í n , su d i f u n t o esposo, y su h i j a , f u e r o n a s e s i n a d a s p o r s o s p e r e . F a l a n g e q u e h a b í a n e n c u b i e r t o e n c i e r t a o c a s i ó n a l o s h e r m a n o s ; c o m i s m o d e s t i n o l a m a d r e y l a n o v i a d e E s p e r a n t o , u n o d e s u s h i j o s u l t i m a . V e c i n o s y a m i g o s c o m e n z a r o n a t e m e r p o r s u s v i d a s , y n i n g u n o s e a t e n t o n c e s a h a b l a r l e s n i v i s i t a r l a s . P a s a r o n a s í s e m a n a s d e d e s e s p e r a c i ó n : n o e t í a n p a r a e l l a s p a l a b r a s d e c o n s u e l o n i a y u d a s e c o n ó m i c a s ; h a s t a q u e M a r í a h i j a q u e h a b í a d e j a d o c a s a d a e n C r u c e s , C u b a , s e e n t e r ó d e l a g r a v e s f a m i l i a r y c o m e n z ó a e n v i a r d i n e r o y r e a l i z a r g e s t i o n e s p a r a d e v o l v e r l e q u i l i d a d a s u d e p a u p e r a d a f a m i l i a .

U n d í a r e c i b e V a l e n t i n a u n a c a r t a d e s u h i j o R a m ó n , q u e h a b í a e n m e s e s e s c o n d i d o e n l o s a l r e d e d o r e s d e Z a m o r a , p i d i é n d o l e q u e s e m u d a r a s i n p é r d i d a d e t i e m p o a u n a c a s a s i t u a d a e n l a c a l l e A r e n a l , e n e l b a r r i o O l i v e r a . Y a n e s t a v i v i e n d a r e c i b e u n a m a d r u g a d a l a v i s i t a d e s u h i j o , q u i e n e n h o r a s l e v a n t ó u n f a l s o t a b i q u e s o b r e u n a p a r e d c o n f o n d o d i s i m u l a e n t r a d a q u e d a b a t o t a l m e n t e c a m u f l a d a d e b a j o d e l a c a m a . E n e s e p e q u e e s c o n d i t e p a s ó R a m ó n c e r c a d e c u a t r o a ñ o s , s a l i e n d o s ó l o e n c o n t a d a s o c a s i o n e s , s i e m p r e d i s f r a z a d o d e m u j e r . C u e n t a m i a b u e l a q u e e l l a n o c o n v e r d a d e r a m e n t e a s u p a d r e h a s t a d e s p u é s d e e s t a r v i v i e n d o e n C u b a c o n s u p u e s t o d o s e s o s a ñ o s d e l a i n f a n c i a e l l a c o n o c i ó a u n a s e ñ o r a q u e “ l a s v i s i t a s l l a m a d a J o s e f a , n o m b r e q u e a d o p t ó s u p a d r e p a r a a c o m p a ñ a r e l d i s f r a z : “ R e c u e r d o q u e e n o s v e n í a v i s i t a r . Y u n p e n s a b a q u e e r a m u y f e a p o r q u e s e l e n o t a b a l a b a r b a , p e r o a m í m e d e c í a n q u e e r a u n a m u j e r y q u e s e l l a m a b a J o s e f a ” , d e c l a r ó a ñ o s d e s p u é s : “ M i a b u e l a m e d i j o c u a n d o b a j a m o s d e l b a r r i o q u e n o s l l e v ó h a s t a C u b a : m i r a é s e s t u p a d r e ; y y o l e d i j e q u e n o , q u e e r a J o s e f a ” .

S o b r a d e c i r q u e e n e s t e p e r í o d o d e t i e m p o t u v o q u e a p r e n d e r p r e m a t u r a m e n t e a d e j a r d e s e r n i ñ a , p u e s l a s u c e s i ó n d e p r i v a c i o n e s , a m e n a z a s , p e r s e c u c i ó n y s u s t o s p o r e l i n c i e r t o f u t u r o q u e e l e s d e p a r a b a e l p r ó x i m o d í a , l a h a b í a o l v i d a r s e d e m u ñ e c a s y j u e g o s p a r a o c u p a r s e d e s e r c a u t e l o s a , p u e s u n p a s o f a l s o p o d í a c o s t a r l e s l a v i d a .

E n e s o s c u a r e n t a y o c h o m e s e s f u e r o n i n t e r m i n a b l e s l a s v i s i t a s f a l a n d o a l a v i v i e n d a , p e r o n u n c a e n c o n t r a r o n n i n g ú n i n d i c i o d e o t r a p r e s e n c i a a l a a n c i a n a y l a n i ñ a , q u e j u n t a s a f r o n t a r o n e l p e l i g r o c o n v a l e n t í a . F u e a c o m p r a r m e u n p a r d e z a p a t o s a M a d r i d ” , e r a l a r e s p u e s t a d e l a p e q u e ñ a a n t e l a s i n q u i s i t i v a s p r e g u n t a s q u e s e s u c e d í a n t r a s c a d a e n c u e n t a a s e s i n o s .

P o r f i n l o g r ó V a l e n t i n a q u e R a m ó n s e f u g a r a a P o r t u g a l e n e l m e s e d e a b r i l d e 1 9 4 0 . A l l l e g a r a l a c i u d a d d e O p o r t o e s e n c a r c e l a d o p o r l a p o l i c í a p r e s t o a s e r r e p a t r i a d o a E s p a ñ a . E l d í a a n t e s d e e s t e a c o n t e c i m i e n t o l l e g ó a l a s a u t o r i d a d e s p o r t u g u e s a s u n a r e c l a m a c i ó n d e l c ó n s u l c u b a n o s o l i c i t a n d o

pri sion ero por su c ali dad de ci u da dan oc u b an o, por lo q u e fu e en v i ad o de t i v amen te a L a H ab an a en ab ril .

A l en t erarse V al en t in a q u e su h i j o est ab a a sal v o en C ru c es c on man a y su h erman o M il ton , n o pu do h ac er más q u e dej arse l l ev ar por u al eg ría i n f in it a: su n i et a T rán si to era y a h u érf an a de madre, pero por lo men o podrí a al g ún d ía reu n irse c on su padre en l a c ál i da i sl a c ari b eña q u e serí a s dest i n o f in al .

De est a man era c omen z aron l os preparat i v os de M aría en C u b a para l og rar u n i f i c ar en su c asa a su madre y su sob ri n a. P or medi o de v ari as i n f l u en c i a s su mari do l og ra q u e les sean ot org ados l os permisos para v i aj ar al t erri t orio i n su l ar, l o c u al se materi al iz a el 14 de n ov i emb re de 1942 , c u a n do sal en pu ert o de V i g o a b ordo del t rasatl ánt i c o M arq u és de C omi l las. T en í a T r en ese momen to 8 años de edad.

P ero n o t odo fu e c ol or de rosas. A n t es de part ir en el b arc o oc u rri ó u n epi sodi o desg arrador q u e n i el paso de los años pu do b orrar de l os rec u erdos de T at in es: sin n i n g ún rastro de c ompasi ón por su c ort a edad, u n g ru po de sol dados port u g u eses l a v i ol ó t erri b l emen te, c asi h ast a dej arla i n c on sc i e n si en do l os pasajes q u e c on más c l ari dad lev en í an al a men te y a en su adu l t e d e h orroroso dolor, l as v oc es j oc osas de los h omb res q u e h ab l ab an en u n i di o para ella desc on oc i do, y l as t i ern as man os de su ab u el a l i mpi án do l e l a san g c on l ág ri mas en l os oj os c u a n do t odo h ab í a pasado.

## T A N I A ENBA

Y a n C u b a se i n stal an en el mu n i c i p i o de C ru c es, prov i n c i a de C g os, don de v i v í a l a h i j a may or de V al en t in a, M aría, c on su fami l i a, y l es ag u ar d ab an y a M il ton y R amón , su padre; l u eg o de h ab erse i n sc ri t o reg i st ro c i v i l de Q u i e b ra H ac h a c o m o n a c i das en C u b a, por t emor a si g u i eran el rastro a l a fami l i a.

Su ab u e l a, au n q u e y a t ran q u i l a y fu era de pel i g ro, n o se pu do rec del su f r i m i e n t o v i v i do, q u e l e h ab í a i n f l i g i do u n a h e r i da de por v i da. l a n i et a de M aría, Est h er, q u i v e a u n a c i u dad de S a n t a C l a r a, q u e su b i s - ab u e l a era mu y b u en a, pero q u e si empre est ab a c a l l ad i t a, c on l a mi rada f i j el i n f i n i t o y u n a t r i s t e z a i n desc r i p t i b l e n adá n d o l e en l os oj os.

L u eg o de c on oc er l a t r á g i c a h i st ori a de l a fami l i a L u i s M art ín , peri o de l a rev i s t a *Baoh emsa* di r i g i eron a l a v i v i e n da, don de reali z aron u n a en t re - v i st a a l os sob rev i v i e n tes, l a c u al fu e pu b l i c ad a en l a mi sma en el año Un f rag men to de l a mi sma, q u e pu ede se ñal ar en poc as l í n e as el det eri oro espi ri t u al c au sado en est a fami l i a, rez a:

“...¡O h , la F al an g e ! ... ¡Esa sí q u e es u n a marav illosa org an iz ac ión d e son as h on radas”! ¡F al an g ism o es si n ón im o de orden , leg alidad y respet o! C f al an g ist a es u n c en tin el a del dec oro del patri otism o y la dec enc ia. P u es t q u e p u edas ab of et ear a q u i en este en g ñaron oles esc u past u desprec io, b u s est as c al les h ab an eras la di mi n u ta silu eta de u n a viejec ita q u e at ien de a de V alen tin a M art ín , q u e c on el fardo a c u est as de su s set en tain viern los ojos por su c on stan tellorar y m u ert o el c oraz ón por tan ta pesadum b re, t e h ará el rel at o de c óm o la F al an g e Español a asesi n ó en mes y medi o a c in c de su s h ijos, h on rados, lab oriosos y h on est os, q u e c ay eron en las barrac . la pu ert a de los c emen terios en tierra z amoran a, du ran ten oc h es de mal di c i i g n om in ia...”

M ien tras, T an ia pasó all í años memorab les de su v ida en c ompañía de su fam ilia c u b an a, q u e la ac og ió c o m o a u n a propi a h ija. R ememoró lu eg dan do aq u ellos pri meros tiemp os en la isla: “M e q u edé m u da por u n a b u raz ón : c a d a z q u e h ab lab a se reían de mí, por lo q u e les dije q u e n o dec n ada más h ast a q u e n o apren di era a h ab lar en c u b an o”.

En C ru ces realiz ó su s pri meros est u dios, si en do c at al og ada por su pri seg u n da c o m o u n a ni ña ex traordin ari amen te in telig en te y aplic ada n ita y c allada, si empre y c u an do n o est u v iese c an tan do, ac tiv idad q m u c h o h ast a su m u erte. A u n q u e a v ec es se most rab a partic ipativ a g en eral m en te su c arác ter era apátic o y reserv ado, por lo q u e resu lt ab a c om ún en c on trar la ret raída en su s lib ros, c on lamirada v ag an do más all á pág in as y su spiros en trec ort ados rompi en do el silen cio. L u eg o de termi b ac h illerato, se mat ric ula en la Esc u el a de C om ercio de C ien fu eg os g radúa c on h on ores. A sí tran s c u rre la v ida h ast a q u e años más tarde, lu e la m u erte de V alen tin a, la fam ilia dec i de m u darse a L as V illas, espec ífic a la c iu dad de San ta C lara.

R amón , su padre, c u an do log ra repon erse lo mejor posi b le de su terri b pasado v u el v e a en am orarse, por lo q u e c on trae seg u n das n u pcias y tie h ijos más. P or su parte, T an ia c on oce a F élix A lej an dro P érez A rri u ijov en apital in ob astan te solv en te c on q u ien c on trae u n feliz r si en do el reg alo de b odas de su st íos u n c én tric o apart amen to en la C iu d L a H ab an a, h ac ia don de se trasladan . De esa u n ión n ac e su ún ic o h j an dro P érez L u is, el día 2 4 de en ero de 1957. A ños más tarde el mat ri mon i frac asa, por lo c u al F élix se traslada h ac ia Est ados U n idos, don de tu al m en te en c ompañía de su seg u n da esposa y dos h ijos. H ab íalleg ado triu n fo de la R ev olu c ión c u b an a en c ab ez ada por F idel C ast ro R u

C omen z ó en t on ces para T an ia su v ida de m u jer sol tera y madre de u n a q u ien tu v o q u e apren der a c u idar sola. Es en esos en t on ces c u an do e a b eb er, afic ión est a q u e n o pu do ab an don ar n u n c a más. A u n q u e la

La afectó seriamente por el resto de su vida con sig u e u n t r a b a j o d e c o n t a d o r c o n s a c r i f i c i o s y e m p e ñ o s l o g r a l l e g a r h a s t a e l p u e s t o d e J e f a d e P l a n i f i c a c i ó n . E s t a d i s t i c a d e l s e c t o r d e G a s t r o n o m í a y S e r v i c i o s d e l M u n i c i p i o P l a z a C i u d a d d e L a H a b a n a . E n s u c e n t r o l a b o r a l a n t i g u o s c o m p a ñ e r o s l a r e c u r d o c o m o u n e j e m p l o , y a q u e n u n c a e s c a t i m ó e n p r e s t a r l e s a s u s e m p l e a d o s l a y u d a y g u í a n e c e s a r i a p a r a s u d e s e m p e ñ o , c o m o m i s m o a ñ o s a t r á s h a b í a n a c t u a d o s u p a d r e y t í o s e n l a l e j a n a E s p a ñ a .

C o n e l p a s o d e l o s a ñ o s s u h i j o s e h a c e h o m b r e y ~~con~~ e a u n a s a n t a c l a r e ñ a e s t u d i a n t e d e L e n g u a y L i t e r a t u r a A l e m a n a d e l a U n i v e r s i d a d d e L a H a b a n a , A r m i n d a C h a v i a n o A l e m á n , s e e n a m o r a n y c o n t r a e n m a t r i m o n i o . E n 1984 l e n a c e a l a p a r e j a s u p r i m e r a h i j a , S a n d r a y u n a ñ o m á s t a r d e l a s e g u n d a , a q u i e n n o m b r a n G r e t t e l . L u e g o d e l a l l e g a d a d e l a s n i ñ a s l a s i t u a c i o n e s z a a d e g r a d a r s e . A l e j a n d r o , q u e t r a b a j a e n u n c e n t r o n o c t u r n o o p e r a d o r d e a u d i o e m p i e z a a b e b e r e n e x c e s o y e l a m b i e n t e f a m i l i a r s e c a l d e a c a d a d í a m á s . C o m o r e s u l t a d o d e e l l o m i m a d r e d e c i d i r s e a v f v i r c o n s u m i l i a e n S a n t a C l a r a , a l o c u a l m i p a d r e s e n i e g a , c a u s a q u e p r o v o c a l a r u t o t a l d e l a s r e l a c i o n e s e n t r e e l l o s . F u e a s a l a ú l t i m o s d e é l h a s t a d o s a ñ o s d e s p u é s d e s u m u e r t e .

M i a b u e l a y m i p a d r e s e q u e d a n e n C i u d a d d e L a H a b a n a d o n d e T a n t o s i g u e t r a b a j a n d o , h a s t a q u e e n 1989, c o n 55 a ñ o s d e e d a d , s e r e t i r a , a u n q u e e s t a b a t o d a v í a e n p l e n a s c o n d i c i o n e s p a r a d e s e n v o l v e r s e . L a s e p a r a c i ó n d e f i n i t i v a d e l c e n t r o l a b o r a l l a r e s i e n t e s o b r e m a n e r a , p u e s d a d o a s u c a r á c t e r t e n d i e n t e a l a d e p r e s i ó n , e l n o t e n e r u n a o c u p a c i ó n c o n s t a n t e a l a c u a l g r a n p a r t e d e s u t i e m p o , l a h a c í a s e n t i r s e a n g u s t i a d a y e n o c a s i o n e s c o l é p u e s n o l e d a b a m á s o p c i ó n q u e s u m i r s e e n s u s r e c u r d o s y p r o b l e m a s . A p a r t i r d e e s e m o m e n t o c o m i e n z a a t r a b a j a r e n l o q u e a p a r e c e p a r a g a n a r s e l a v i d a , h a s t a q u e u n d í a a c i a g o d e l a ñ o 1993 s u h i j o m u r e e n e l h o s p i t a l C a l i x t o c í a , p r o d u c t o d e u n a c c i d e n t e . E s t e s u c e s o m a r c ó s u v i d a p r o f u n d a m e n t e , f u e u n g o l p e q u e n u n c a m á s p u d o s u p e r a r .

## ¡R E G R E S A T A N I A , L A N I Ñ A D E L A G U E R R A !

No e s h a s t a 1997 q u e n o r e c u p e r a e n c i e r t a m e d i d a s u a l e g r í a , c u a n d o c o n o c e y p o s t e r i o r m e n t e f o r m a p a r t e d e l a C a s a d e Z a m o r a , d o n d e p u d o i n t e g r a r e l g r u p o d e e m i g r a n t e s q u e p a r t i c i p a r í a n e n l a O p e r a c i ó n A ñ o r a n z a .

C u e n t a l a s e ñ o r a M a r í a A n t o n i a F e r n á n d e z M a y o , e n t e s t i m o n i o q u e g e n t i l m e n t e o f r e c i ó p a r a e s t e t r a b a j o s o b r e a q u e l l o s h e c h o s ; l o s i g u i e n

“C u a n d o l a c o n o c í s e p r e s e n t ó c o m o T a n i a ; f u e u n a n o c h e e n m i c a s a e n e l a ñ o 1997. E l l a h a b í a o í d o h a b l a r a u n a v e c i n a s u y a q u e e x i s t í a u n a C o l o n i a d e Z a m o r a n o s e n C u b a y T a n i a e r a z a m o r a n a . L e g ó l l o r a n d o y c o n m u c h a d i

...ad y sobre todo, evidencian do un gran temblor en las manos. Nos contó  
desafortunada vida en España y luego en Cuba. No fue feliz allí ni aquí.  
En tre lágrimas nos narró como había quedado huérfana de madre en España y  
cómo luego aquí había perdido a su abuelo con la que vino a Cuba, des-  
padre, y finalmente a su único hijo”.

Ese día con venimos a Tania que había aún una oportunidad para e-  
la vida, que había en com un traba en familia, la familia amorosa en Cuba.  
Que haríamos por ella todo lo que en estos pobres recursos nos permitiera  
pero que de momento podíamos prometer que si ella estaba dispuesta  
vería a España, a Zamora, en un grupo de Añoranza que se estaba organizando  
para viajar en los próximos meses. Primero nos dijo que no; que no podía  
porque ella estaba muerta y enferma, que su salud no se lo permitiría.

En su temblorosa mano traía unos viejos papeles oficiales  
revisaba un anuncio que se publicaba en Cuba desde hace 94 años y que en t-  
hacía unas cosas muy interesantes. Sentíamos que era un papel por  
papel es ignorando cuánto a tristeza contaban los mismos; trataban sobre  
toría de una de las tantas vicisitudes de la Guerra Civil española. Le pedí  
que en los dejara leerlos y luego en viar sus datos a Zamora y que en bre-  
comuniquéamos con ella para irle dando los pormenores del futuro viaje.

En pocos días la hicimos socia de la Colonia Zamorana, en el año 1997.  
Les contamos a todos en breve síntesis, la vida de Tania, y que teníamos  
nuestro colectivo o un vicisitud de la guerra, una “niña de la guerra”, un  
del olvido más que otra cosa. En Zamora recibieron con sorpresa nuestro  
formación y sobre todo con asombro; el año en ese momento era que T-  
pu di era reencontrarse con su familia después de tantos años; así los amigos  
en España se dieron a la tarea de localizar desde entonces la añorada familia.

A partir de ese día Tania se incorporó a la vida social de la Colonia  
comenzó a ser oficialmente Tán sito. *La única* cual nombrecubano  
y que Tán sito es muy poco común aquí. Nos dimos cuenta de que era  
infeliz, que tenía recuerdos muy buenos y por eso tenía  
para olvidarlos. En los primeros años de incorporación a la Colonia, así  
con mucha frecuencia y cuando venían las delegaciones de Zamora  
fue distinguida en todos y se hicieron muchos homenajes y en

¿Cómo vivía Tania? En un tercer piso de un viejo *Veces* en la zona  
dado en la capital, en un pequeño cuarto destrozado y sin baño, que era  
tía con otras personas. ¿Con quién vivía?, sola... muy sola y a no-  
jubilación hace años y en la época que vino *expropiación* a pi su

<sup>10</sup> Bebía. (N.E.)

Tán sito Luis Calvo: la historia de una “niña de la guerra”

en una oficina. En ese momento y a no ten ía esposo y había perdido a su hijo. Su hijo había muerto en circunstancias muy extrañas que en ella me iba a explicar. Este acontecimiento completó de forma trágica la vida de esta mujer que tan to había sufrido desde que era una niña.

Cuando llegó el ansiado viaje a España, y otuve la oportunidad de hacerle un viaje a T. ~~El~~ ~~la~~ estaba muy entusiasmada aunque temerosa; sobre todo temía no encontrar a su familia en Zamora. Era de las cosas que más ansiaba, ver a la familia de su madre y la de sus abuelos paternos. Temía no encontrarlos en los lugares en los que había ~~Recuerdo~~ ~~que~~ ~~en~~ ~~no~~ ~~ten~~ ~~ía~~ ~~ropa~~ ~~para~~ ~~hacer~~ ~~el~~ ~~viaje~~, ~~ni~~ ~~si~~ ~~que~~ ~~era~~ ~~zapat~~ ~~os~~, ~~y~~ ~~hac~~ ~~ía~~ ~~poc~~ ~~os~~ ~~hab~~ ~~ía~~ ~~lleg~~ ~~ado~~ ~~un~~ ~~o~~ ~~desde~~ ~~Zamora~~, ~~y~~ ~~con~~ ~~eso~~ ~~se~~ ~~vis~~ ~~ti~~ ~~ó~~ ~~y~~ ~~cal~~ ~~z~~ ~~ó~~ ~~y~~ ~~as~~ ~~í~~ ~~n~~ ~~os~~ ~~fui~~ ~~mos~~ ~~a~~ ~~España~~ ~~un~~ ~~día~~ ~~de~~ ~~noviembre~~ ~~del~~ ~~año~~ ~~1997~~.

El viaje en avión fue para ella una gran experiencia, era el primero y le resultaba tan novedoso y entretenido. Recuerdo que elegué mucho a ella, y en nosotros la certeza de que Tania era una mujer independiente pero desgraciada. Viajaba un año a un lugar donde se podía vivir con tranquilidad. Veía a más de 60 años había salido ~~por~~ ~~de~~ ~~España~~ ~~y~~ ~~no~~ ~~hab~~ ~~ía~~ ~~vu~~ ~~el~~ ~~to~~. Cuando llegó a Madrid estaba nerviosa, pero perfectamente tranquila al llegar por lo que ella.

En Zamora, al igual que los otros viajeros, se asombró mucho de la iluminación de la ciudad, era algo deslumbrante para ellos que en un viaje a otro país luego de su salida de España a principios del siglo XX. No salían del asombro. ~~Yo~~ ~~est~~ ~~ab~~ ~~a~~ ~~pr~~ ~~ó~~ ~~x~~ ~~i~~ ~~m~~ ~~a~~ ~~l~~ ~~a~~ ~~D~~ ~~i~~ ~~p~~ ~~u~~ ~~t~~ ~~a~~ ~~c~~ ~~i~~ ~~ó~~ ~~n~~ ~~de~~ ~~Zamora~~ ~~y~~ ~~se~~ ~~h~~ ~~ab~~ ~~ía~~ ~~dic~~ ~~h~~ ~~o~~ ~~por~~ ~~el~~ ~~g~~ ~~u~~ ~~ía~~ ~~español~~ ~~que~~ ~~allí~~ ~~est~~ ~~ar~~ ~~ían~~ ~~to~~ ~~dos~~ ~~los~~ ~~f~~ ~~a~~ ~~m~~ ~~i~~ ~~l~~ ~~i~~ ~~a~~ ~~r~~ ~~e~~ ~~s~~ ~~e~~ ~~s~~ ~~p~~ ~~e~~ ~~r~~ ~~án~~ ~~d~~ ~~o~~ ~~s~~, ~~por~~ ~~que~~ ~~los~~ ~~n~~ ~~omb~~ ~~res~~ ~~de~~ ~~ellos~~ ~~h~~ ~~ab~~ ~~ían~~ ~~si~~ ~~do~~ ~~pu~~ ~~b~~ ~~l~~ ~~i~~ ~~c~~ ~~ad~~ ~~os~~ ~~en~~ ~~el~~ ~~per~~ ~~í~~ ~~o~~ ~~d~~ ~~i~~ ~~c~~ ~~o~~ ~~de~~ ~~Zamora~~. ~~O~~ ~~b~~ ~~s~~ ~~e~~ ~~r~~ ~~v~~ ~~ía~~ ~~mu~~ ~~ch~~ ~~os~~ ~~ab~~ ~~raz~~ ~~ar~~ ~~a~~ ~~su~~ ~~f~~ ~~a~~ ~~m~~ ~~i~~ ~~l~~ ~~i~~ ~~a~~ ~~s~~, ~~y~~ ~~t~~ ~~a~~ ~~m~~ ~~b~~ ~~i~~ ~~én~~ ~~a~~ ~~T~~ ~~a~~ ~~n~~ ~~i~~ ~~a~~ ~~r~~ ~~e~~ ~~z~~ ~~ag~~ ~~ar~~ ~~se~~ ~~al~~ ~~m~~ ~~i~~ ~~r~~ ~~a~~ ~~t~~ ~~o~~ ~~d~~ ~~a~~ ~~s~~ ~~p~~ ~~a~~ ~~r~~ ~~t~~ ~~e~~ ~~s~~ ~~b~~ ~~u~~ ~~s~~ ~~c~~ ~~a~~ ~~n~~ ~~d~~ ~~o~~ ~~al~~ ~~g~~ ~~u~~ ~~i~~ ~~e~~ ~~n~~ ~~que~~ ~~preg~~ ~~u~~ ~~n~~ ~~t~~ ~~a~~ ~~r~~ ~~a~~ ~~por~~ ~~ella~~. ~~N~~ ~~a~~ ~~d~~ ~~i~~ ~~e~~ ~~l~~ ~~o~~ ~~h~~ ~~i~~ ~~z~~ ~~o~~. ~~Y~~ ~~me~~ ~~ac~~ ~~er~~ ~~q~~ ~~u~~ ~~é~~ ~~y~~ ~~f~~ ~~u~~ ~~i ~~s~~ ~~u ~~c ~~o ~~m ~~p ~~añ ~~e ~~r ~~a ~~esa ~~n ~~o ~~ch ~~e ~~e ~~n ~~la ~~c ~~e ~~n ~~a ~~d ~~e ~~r ~~e ~~c ~~i ~~b ~~i ~~m ~~e ~~n ~~t ~~o ~~v ~~i ~~c ~~o ~~m ~~e ~~r ~~c ~~o ~~n ~~a ~~p ~~e ~~t ~~i ~~t ~~o ~~a ~~u ~~n ~~q ~~u ~~e ~~n ~~o ~~d ~~e ~~j ~~a~~ ~~d~~ ~~e~~ ~~l~~ ~~l~~ ~~o~~ ~~r~~ ~~a~~ ~~r~~ ~~o~~ ~~r~~ ~~a~~ ~~f~~ ~~r~~ ~~u~~ ~~s~~ ~~t~~ ~~r~~ ~~a~~ ~~c~~ ~~i~~ ~~ó~~ ~~n~~. ~~T~~ ~~a~~ ~~m~~ ~~b~~ ~~e~~ ~~i~~ ~~ó~~ ~~v~~ ~~i~~ ~~n~~ ~~o~~ ~~y~~ ~~l~~ ~~o~~ ~~s~~ ~~t <sup>e</sup> <sup>m</sup> <sup>b</sup> <sup>l</sup> <sup>e</sup> <sup>r</sup> <sup>e</sup> <sup>s</sup> <sup>e</sup> <sup>c</sup> <sup>a</sup> <sup>m</sup> <sup>a</sup> <sup>b</sup> <sup>a</sup> <sup>n</sup> <sup>a</sup> <sup>r</sup> <sup>a</sup> <sup>t</sup> <sup>o</sup> <sup>s</sup>. ~~M~~ ~~e~~ ~~d~~ ~~i~~ ~~j~~ ~~o~~ ~~q~~ ~~u~~ ~~e~~ ~~el~~ ~~v~~ ~~i <sup>n</sup> <sup>o</sup> <sup>l</sup> <sup>e</sup> <sup>g</sup> <sup>o</sup> <sup>mu</sup> <sup>ch</sup> <sup>o</sup>. ~~S~~ ~~e~~ ~~s~~ ~~i <sup>r</sup> <sup>v</sup> <sup>i</sup> <sup>ó</sup> <sup>mu</sup> <sup>ch</sup> <sup>o</sup> <sup>s</sup> <sup>e</sup> <sup>l</sup> <sup>e</sup> <sup>s</sup> <sup>d</sup> <sup>e</sup> <sup>t</sup> <sup>o</sup> <sup>d</sup> <sup>o</sup> <sup>s</sup> <sup>l</sup> <sup>o</sup> <sup>s</sup> <sup>v</sup> <sup>i</sup> <sup>n</sup> <sup>o</sup> <sup>s</sup> <sup>q</sup> <sup>u</sup> <sup>e</sup> <sup>a</sup> <sup>l</sup> <sup>l</sup> <sup>i</sup> <sup>e</sup> <sup>n</sup> <sup>c</sup> <sup>o</sup> <sup>n</sup> <sup>el</sup> <sup>H</sup> <sup>o</sup> <sup>t</sup> <sup>e</sup> <sup>l</sup> <sup>e</sup> <sup>s</sup> <sup>t</sup> <sup>a</sup> <sup>b</sup> <sup>a</sup> <sup>f</sup> <sup>e</sup> <sup>l</sup> <sup>i</sup> <sup>z</sup>, <sup>d</sup> <sup>e</sup> <sup>c</sup> <sup>í</sup> <sup>a</sup> <sup>q</sup> <sup>u</sup> <sup>e</sup> <sup>e</sup> <sup>r</sup> <sup>a</sup> <sup>u</sup> <sup>n</sup> <sup>l</sup> <sup>i</sup> <sup>n</sup> <sup>d</sup> <sup>o</sup> <sup>l</sup> <sup>u</sup> <sup>g</sup> <sup>a</sup> <sup>r</sup> <sup>y</sup> <sup>c</sup> <sup>ó</sup> <sup>m</sup> <sup>o</sup> <sup>d</sup> <sup>o</sup>.~~

El día siguiente fue muy emocionante para Tania: su historia, y la de que ella estaba allí se fue propagando por Zamora y muchas veces la veían cuando como había perdido ~~de~~ ~~su~~ ~~madre~~ ~~f~~ ~~u~~ ~~s~~ ~~i~~ ~~l~~ ~~a~~ ~~d~~ ~~a~~ ~~e~~ ~~n~~ ~~l~~ ~~a~~ ~~p~~ ~~u~~ ~~e <sup>r</sup> <sup>t</sup> <sup>a</sup> <sup>d</sup> <sup>e</sup> <sup>l</sup> <sup>c</sup> <sup>e</sup> <sup>m</sup> <sup>e</sup> <sup>n</sup> <sup>t</sup> <sup>e</sup> <sup>r</sup> <sup>i</sup> <sup>o</sup> <sup>y</sup> <sup>t</sup> <sup>a</sup> <sup>m</sup> <sup>b</sup> <sup>i</sup> <sup>én</sup> <sup>a</sup> <sup>su</sup> <sup>s</sup> <sup>t</sup> <sup>i</sup> <sup>ó</sup> <sup>s</sup>. ~~L~~ ~~e~~ ~~h~~ ~~i~~ ~~c~~ ~~i~~ ~~e~~ ~~r~~ ~~o~~ ~~n~~ ~~e~~ ~~n~~ ~~t~~ ~~r~~ ~~e~~ ~~v~~ ~~i~~ ~~s~~ ~~t~~ ~~a~~ ~~s~~ ~~e~~ ~~n~~ ~~l~~ ~~a~~ ~~p~~ ~~r~~ ~~e <sup>n</sup> <sup>s</sup> <sup>a</sup> <sup>y</sup> <sup>por</sup> <sup>l</sup> <sup>a</sup> <sup>r</sup> <sup>a</sup> <sup>d</sup> <sup>i</sup> <sup>o</sup> <sup>p</sup> <sup>o</sup> <sup>t</sup> <sup>i</sup> <sup>e</sup> <sup>m</sup> <sup>p</sup> <sup>o</sup> <sup>s</sup> <sup>e</sup> <sup>l</sup> <sup>l</sup> <sup>e</sup> <sup>n</sup> <sup>a</sup> <sup>r</sup> <sup>o</sup> <sup>n</sup> <sup>l</sup> <sup>o</sup> <sup>s</sup> <sup>p</sup> <sup>e</sup> <sup>r</sup> <sup>i</sup> <sup>ó</sup> <sup>d</sup> <sup>i</sup> <sup>c</sup> <sup>o</sup> <sup>s</sup> <sup>o</sup> <sup>n</sup> <sup>l</sup> <sup>a</sup> <sup>s</sup> <sup>f</sup> <sup>o</sup> <sup>t</sup> <sup>o</sup> <sup>s</sup> <sup>d</sup> <sup>e</sup> <sup>l</sup> <sup>l</sup> <sup>a</sup> <sup>y</sup> <sup>o</sup> <sup>t</sup> <sup>r</sup> <sup>o</sup> <sup>s</sup> <sup>e</sup> <sup>m</sup> <sup>i</sup> <sup>g</sup> <sup>r</sup> <sup>a</sup> <sup>n</sup> <sup>t</sup> <sup>e</sup> <sup>s</sup>. ~~D~~ ~~e~~ ~~v~~ ~~e~~ ~~n~~ ~~c~~ ~~u~~ ~~a~~ ~~n~~ ~~d~~ ~~o~~ ~~l~~ ~~a~~ ~~m~~ ~~e~~ ~~n~~ ~~t~~ ~~a~~ ~~b~~ ~~a~~ ~~c~~ ~~o~~ ~~n~~ ~~l~~ ~~á~~ ~~g~~ ~~r~~ ~~i~~ ~~m~~ ~~a~~ ~~s~~ ~~e~~ ~~n~~ ~~su~~ ~~s~~ ~~o~~ ~~j~~ ~~o~~ ~~s~~ ~~q~~ ~~u~~ ~~e~~ ~~n~~ ~~o~~ ~~v~~ ~~e~~ ~~n~~ ~~í~~ ~~a~~ ~~n~~ ~~ac~~ ~~er~~ ~~de~~ ~~preg~~ ~~u~~ ~~n~~ ~~t~~ ~~a~~ ~~r~~ ~~por~~ ~~ella~~. ~~L~~ ~~a~~ ~~h~~ ~~o~~ ~~r~~ ~~a~~ ~~m~~ ~~á~~ ~~s~~ ~~f~~ ~~e <sup>l</sup> <sup>i</sup> <sup>z</sup> <sup>para</sup> <sup>T</sup> <sup>a</sup> <sup>n</sup> <sup>i</sup> <sup>a</sup> <sup>e</sup> <sup>r</sup> <sup>a</sup> <sup>l</sup> <sup>a</sup> <sup>d</sup> <sup>e</sup> <sup>l</sup> <sup>a</sup> <sup>l</sup> <sup>m</sup> <sup>u</sup> <sup>e</sup> <sup>r</sup> <sup>z</sup> <sup>o</sup> <sup>y</sup> <sup>l</sup> <sup>a</sup> <sup>c</sup> <sup>e</sup>~~~~~~

porque con versaba con nosotros, pedía si empre vino y se tomaba hasta m...  
 botella en ocasiónes. El señor de Zamora que los acompañaba la complacía y  
 estaba si empre atento al gusto de Tania por el vino.

Un añoche apareció en el Hotel un señor zamorano, grueso y anciano.  
 Preguntó por Tania si su pimos que Tán sitoy Tania también era Taty. El  
 era don José, un amigo de la infancia. Conoció a Tania de niña y recien  
 sus padres y a su abuela y con ellos los lugares donde Tania había viv  
 muy emocionante para ella este encuentro y aun que no era familia,  
 volvió al día siguiente y la llevó por toda la ciudad y por los lugares  
 Taty había vivido con su abuelita, por las calles donde jugaba, por  
 donde compraba el pan, por el taller donde trabajó su padre. Así se con  
 en su guía, tratándolo de compen sar la pena y la tristezade la niña de la g  
 Él sentía que Zamora tenía una deuda con ella y que no la estaba pag  
 Alguna vez me dijo: “si en totanta pena por Taty”.

Justo a Don José conocimos la ciudad, los mercados, los callejones  
 el río. Preguntó en muchas cosas si recordaban la familia de Tania co  
 peranza de encontrar al menos la casa y que ella fuera feliz. Los días  
 pasando y pronto terminaría la estancia en Zamora y regresaríamos a Cuba.  
 Llegó de una ausencia mía su pe que habían ido al pueblo de la abuela  
 de Tania donde había algunas personas que conocieron la familia de T  
 con todo amable que habían sido con ella y que habían recordado mu  
 de esa etapa.

Las entrevistas nos cesaron, pero nunca se profundi zaba en detalles  
 había su cedido aquel día con su madre y sus tíos. Le habían pedido a Tania  
 fuera disculpa y a que quedaban familiares de las personas que habían  
 relación con el pasado reciente.

Un día Don José nos llevó una botella de vino para cada uno y y  
 estaba. La mía la guardó Taty en su cuarto. Cuando pasaron tres días me  
 muy ri su eña: “creo que no te devolveré la botella... me la he tomado por  
 noches”. Me confesó que le gustaba beber, que un vecino la había  
 que le era difícil dejarlo. Era la vía utilizada por ella para evadir tan tos re  
 dos amargos y tanta pobreza en su vida. Así nos dedicamos a cu idarla de  
 excusos con el vino y la ayudamos a comer también. Cuando le ter  
 las manos no podía ni t r d a r a r n e .

Un añoche antes de la publicación, en el Hotel apareció un a  
 preguntando por Tán sitoy Luis Calvo. Era la prima de la madre con su  
 c en di en tes. Solo el día antes de nuestra partida ellos vinieron y la llevó  
 su casa, la invitaron a cenar y volvieron a nuestra casa de despedida. F

<sup>11</sup> Trocar. (N.E.)



mu c h as promesas de esc ri b ir, de at en der a T an ia, ay u dar la en su prec ari a si tu c i ón ec on óm i c a. Despu és q u e reg resó a C u b an u n c a más su po de el los T an sí de don J osé, q u i en mi en tras v i v i ó le esc ri b i ó y le man dó reg al os. L a n an tes de i r n os fu e al H ot el y l e llev ó ~~Mu an huan c osso~~ n os h ab ía pedi do q u e c ompráramos al g o q u e n os g u st ara mu c h o. No rec u erdo q u e esc g i ó T an ia; lu eg o est u v imos en u n b a r y n ost omamos u n as c opas.

L a despedi da fu e mu y emoci on an te para T at y porq u e h ab ía en c on t a su fami lia. R eg resó mu y rec u perada y c on la i lu si ón de q u e su fami man daría a b u sc ar al g ún día. A l g u n os meses v i v i ó feliz c on l os rec u er aq u el los días; lu eg o la au sen c i a de n ot i c i as de aq u el los fu e h ac i en do e n u ev amen te en T an ia. Nu n c a más ~~de el~~ ordaron

L a C ol on ia si empre est u v o al tan to de su v i da, pero fu e real men te di f i man ten er la i nteresada por al g o. De n u ev o la ru t i n a y las pen ur i as mi n aro sal u d de T an ia. Un día fu i a v er la a su c u art o y c asi n o podí a c ami n ar, tu v ay u dar la a b a jar la esc al era para q u e sal u dara a su g ran ami g o el español, el z amoran o q u e la at en día en su v i aje a Zamora. Est ab a eb ri a y se h ab ía l ast i mado u n a pi ern a en u n a c aída en su s días.

Est a español a, z amoran a leg í t i ma, v í c t i ma de la G u erra C i v i l española n si q u i era era c i u dadan a español a, n o ten ía pen si ón n i c omo u n a n i c omo o L a v i da c on c en tró en ella mu c h a desg rac i a desde q u e n ac i ó y es f á c i l e por q u e h a b eb i do y por q u e le es mu y di f í c i l n o h ac er lo au n q u e se es En esos momen tos T an ia tem ía u n a v i s i ón , y era q u e l e c on c edi eran la c i u dadan ía español a. No fu eron poc os los esf u erz os q u e h u b o q u e despl e para q u e T an ia se h i c i era c i u dadan a español a. Nu ev amen te la C ol on ia Z amoran a asu mi ó c asi la respon sab i l i dad de l og rar ese propósi to. T an ia est ab a mu y n ec esi tada ec on óm i c amen te y era u n i mperat i v o en su v i da l og rar lo. M c ol ab oramos por el lo.

Su v i da tran sc u rri ó en la C ol on ia c on al t as v i s i ón es y c ada al c ohol h ac ía daños i rreparab les. P asó a ser u n a c on sen t i da n u est ra y de l z amoran os q u e v i a j ab an a C u b a. Ella h ac ía i nten tos de asi st i r a la v i d soc i edad pero le i b a si en do mu y di f í c i l en las c on d i c i on es de al c ohol i sm la q u e v i v ía c asi peren n emen te.

Un día le preg un té al español q u e n os at en día, q u e si sería posi b le q u T an ia se fu era a Zamora a u n a resi den c i a de la 3ª Edad y al l í t ermi n ara su v i da c on l os c u i dados q u e merec ía tan desg rac i ada mu jer. A part i r de ese momen t se c on v i r t i ó en u n a tarea de los z amoran os l og rar u n a resi den c i a para T an así en el año 2 0 0 3 T an ia se fu e n u ev amen te a Zamora, a v i v i ren la resi den de T oro de la 3ª Edad. Fu e ac og i da en el aq u el lu g ar c on mu c h o c ari ño y v i da c amb i ó en l o f í s i c o y sen t i men t al . Est ab a ac ompañada, ten ía b u en a

u n a h a b i t a c i ó n a g r a d a b l e... s i n e m b a r g o n o e s t a b a f e l i z a l l í t a m p o c o e l s o l , e l a l c o h o l , s u s v e c i n o s y s u “ t i e r r a ” , d e c í a e l l a .

L a v i s i t é u n a t a r d e , u n d o m i n g o c r e o , e n l a R e s i d e n c i a . S e q u e j ó h a b í a n d e j a d o a l l í y q u e l u e g o n a d i e v e n í a a v i s i t a r l a ; l e e x p l i q u é n o e r a a s í , q u e l a s p e r s o n a s q u e l a h a b í a n d e j a d o t e n í a n o t r a s o c u p a c i o n e s q u e s i n d u d a e n a l g ú n m o m e n t o l a v i s i t a r í a n . M e c o n f e s ó q u e s a l í t a r d e s a l p u e b l o d e T o r o a c a m i n a r , q u e e n t r a b a e n a l g ú n b a r y s e t o m a b a c o p a , p e r o q u e n u n c a s e e m b r i a g a b a c o m o e n C u r t a g u a s a e n o p o d í a e b r i a l a r e s i d e n c i a . Q u e p a s e a b a , q u e i b a c o n l o s e m p l e a d o s d e l a r e s i d e n c i a c o m p r a r p e s c a d o y o t r o s a l i m e n t o s . T a m b i é n s e l a m e n t a b a d e c o m p a r t i r s u v i d a c o n p e r s o n a s q u e n o e r a n n o r m a l e s , q u e e l l a n o e s t a b a l o c a y q u e e n m e n t a b a d e v e r l o s y o í r l o s . L o c i e r t o e s q u e a l l í T a n i a s e r e c u p e r ó f í s i c a m e d e s a l u d , d e s u e m b r i a g u e z c o n s t a n t e y s i h u b i e r a t e n i d o f u e r z a d e h u b i e r a v i v i d o m u c h o s a ñ o s m á s .

L u e g o d e t r e s m e s e s e n a q u e l m a g n i f i c o l u g a r T a n i a p i d i ó r e g r e s a r . C u a n d o f u e a Z a m o r a e s a v e z , y a e r a e s p a ñ o l a y t e n í a s u p e n s i ó n d e e m i g r a r . S u v i d a h u b i e r a s i d o m u y d i g n a e n l a r e s i d e n c i a o a c á e n s u c a s a e n L e o n . C o n a q u e l l a p e n s i ó n , s i e l a l c o h o l n o h u b i e r a a c a b a d o c o n l a v o l u n t a d m u j e r . C u a n d o r e g r e s ó , e l d e t e r i o r o f u e r á p i d o y t r i s t e . L a v i e n u n a f i e s t a d e l S o c i e d a d , l a ú l t i m a v e z . E s t a b a d e n u e v o t e m b l a n d o , m e d i j o q u e n o p o d í a c a m i n a r y a n d a b a m a l v e s t i d a . M e c o n t ó q u e y a n o t e n í a r o p a , n i l e n a d a d e l o q u e l e h a b í a n r e g a l a d o e n Z a m o r a .

M e l l a m a b a c o n m u c h a f r e c u e n c i a y c a s i s i e m p r e m e d e c í a c u a n d o s u l t o q u e l e v e n í a a s u m e n t e . M e r e p r o c h a b a l o m a l q u e e s t a b a , q u e a t e n d í a m o s , q u e n o n o s p r e o c u p á b a m o s p o r e l l a . M u c h a s v e c e s l e c a m b a m o s e l d i r e c t i v o q u e l a a t e n d í a , p u e s c a s i t o d o s r e c i b í a n l o s m i s m o s i n s u l p a r t e d e T a n i a . E l a l c o h o l l e f u e m i n a n d o e l c e r e b r o y n o l e p e r m i t í a y a r e l o q u e h a c í a . C e n t a s l i m i t a d a , m á s e b r i a y m á s d e s g r a c i a d a .

E s t r i s t e , p e r o T a n i a m u r i ó s o l a c o m o e l h i j o e n e l h o s p i t a l . N a d i e n a v i s ó , n a d i e l a a t e n d i ó y c u a n d o y a n o s e n t e r a m o s e s t a b a e n t e r r a d a e n l a f o s a s i n n o m b r e . N i s i q u i e r a d e s c a n s a e n e l p a n t e ó n d e l o s z a m o r a n o s . I n t e n t a b a e n t r a r e n e l p a n t e ó n c u a n d o h a y a q u e h a c e r l a e x h u m a c i ó n . E s e l l u g a r q u e l e e n t r a b a T a n i a . S i e n t o p l a c e r e n h a b e r l a c o n o c i d o y h a b e r l a a y u d a d o . F u e u n a v i d a d e l a g u e r r a , p e r o m á s d e l a v i d a .

## EP Í L O G O

E s m e n e s t e r s e ñ a l a r q u e , a u n q u e m a t i z a d a p o r i n t e r v a l o s c o n s i d e r a d o s r e l a t i v a f e l i c i d a d o b i e n e s t a r , l a v i d a d e m i a b u e l a n o p u e d e s e r c a t a l o g o p l e n a o s a t i s f a c t o r i a . L a d u r a i n f a n c i a q u e l e t o c ó v i v i r , s e g u i d a p o r m i p a d r e y l a m u e r t e d e m i p a d r e h i c i e r o n d e e l l a u n a p e r s o n a e x t r e m a d a m e n t e d e p r e c i o s a .

si v á, n c on f orme y en c iert os momen tos amarg ada, deb at i én dose si empre en t re fluc tu an tes est ados de án imo.

No se pu ede dec ir, desgrac iadamen te, qu e termi n ó c omo en los cu en tos d e h adas, fin al men t e feliz o en c iert a man era resarc ida por el en c uen tro c on raíc es, pu es au n qu e el v olv er a España fu e u n h ec h o mu y fav orab le para t ado an ímic o, pau lat in amen t e fu e v olv ien do a sen t irse resen tida, n o pu o adapt arse t ampoco a h au e f orma de v ida qu e se le of rec ía.

Por ello es qu e afirmo qu e mi ab u el a v iv ió su v ida sin en c on t rar sos en n in g ún lu gar, temerosa de en t reg arse plen amen t e al amor de n adie –qu i por mi edo de poderl o perder y sen t irse v ad más desgrac iada– c omo tan tas v ec es le h ab ía su c edido. Est o es deb ido, in n eg ab lemen t e, a su desafort u v iv enc ia de la g uerra, la mu erte y el ex ilio, fac tores qu e se c omb in a c apac es de destru ir c ompl et a e irrev ersib lemen t e el presen t e y el fu turo de l as person as, af ec tan do además su s rel ac ion es in t erperson ales y su mi en dol as en u n a sen sac ión et ern a de sol edad y desah uc io.

A sí ac ab a la h ist oria de T an ía, “la Ni ña de la G uerra”, c omo fu e c on oc en su c iudad n at al lu eg o de su ret orn o. Los medi os de pren sa reflej aron l a n o ticia y rememoraron la amarg a memoria de su v ida; en C ub ay Zamora mu ch a s person as n o dejaron de ren di rel deb ido h omen aje al v al or y l a s i mpat ía de u n a an c ian a qu e, de ni ña, su p o v iv ir en t re el mi edo, l as b alas, el rec u erdo ir rrab le de su madre ases in ada y n o ob st an t e, dej ar h ermosos leg ados al mu n do, en medi o de su et ern o desc on su el o, c omo a qu e l la al en t adora frase ex presada en el 2 0 0 3, c on mot iv o de la v is it a de la del eg ac ión z amoran a l a l a i s l a : qu e v iv ir y h ay qu e l u c h ar, porqu e t odos t en emos al g o mu y g ran de, esperan z a”.

## NO T A DEL A A U T O R A

En t re l a b i b l i o g r a f í a p a s i v a u t i l i z a d a p a r a l a r e a l i z a c i ó n d e e s t a t r a b a u t i l i z a r o n c o n s u l t a s y f r a g m e n t o s a u n m a t e r i a l p u b l i c a d o p o r l a r e v i s t a *Amia*, edic ión del año 1943, así c omo se h an rev isado art íc u l o s d e l p e r i ó d i c o *O p inión de Zamora* r e f e r e n t e s a l a s v i s i t a s y l a v i d a d e m i a b u e l a .

De man era ac t iv a, se realiz aron en t rev ist as a d i f e r e n t e s p e r s o n a s v i n c u l a d a s, de u n a f o r m a u o t r a, a m i a b u e l a, c o m o a l a s e ñ o r a M a r í a A n t o n i a F e r n a n d e z M a y o, q u i e n m u y a m a b l e m e n t e c e d i ó i n f o r m a c i ó n d e v i t a l i m p o r t a n t e s a s í c o m o u n e x t e n s o t e s t i m o n i o s o b r e l a v i d a d e T a n í a d e n t r o d e l a S o c i e d a d a l a p r i m a s e g u n d a d e m i a b u e l a, E s t h e r, n i e t a d e M a r í a L u i s G a r c í a, l a t í t u l a s a c ó d e E s p a ñ a j u n t o a s u a b u e l a, q u i e n a p o r t ó a l g u n o s r e c u e r d o s s o b r e i n f a n c i a d e m i a b u e l a y m a t e r i a l f o t o g r á f i c o; y a m i m a d r e, q u i e n o f r e c u e r d o s d e s u e x p e r i e n c i a e n l a f a m i l i a .

A t o d o s e l l o s . . . M u c h í s i m a s g r a c i a s .

T r á n s i t o L u i s C a l v o : l a h i s t o r i a d e u n a " n i ñ a d e l a g u e r r a "



Portada y foto del artículo publicado por la revista de *la h a e m e n* el año 1943, donde se relata la historia de mi bisabuela Graciela Calvo.



Fotografía de Alfonso, uno de los tíos asesinados de mi abuela.



Otro fragmento del artículo de *la h a e m e n*.



Portada de mi tatarabuelo Valentin en otro de los artículos publicados en *Bohemia* en el año 1943.



Pasaporte utilizado por Valentin para salir de España junto con mi abuela.



Valentin con su nieta María Esther, hija de María y su hijo Milton en Cruces.



Entrevista realizada a Valentin en Cuba junto con su hijo Ramón, padre de mi abuela.



María Luisa Martín, hija de Valentin, y su esposo de Gracelán y mi abuela existente, con servada por ella hasta su muerte.



T rán sito L u i s C al v o l a n i s t o r i a d e v i d a d e u n a " n i ñ a d e l a g u e r r a "



T rán si to L u i s C al v o: la h i s t o r i a d e v i d a d e u n a “n i ñ a d e l a g u e r r a”



M i a b u e l a T a n i a d u r a n t e s u s p r i m e r o s e s t u d i o s e n C u b a.



T a n i a d u r a n t e s u t e m p o r a d a d e e s t u d i a n t e e n l a E s c u e l a d e C o m e r c i o d e C i e n f u e g o s.



Su matrimonio con Félix Alejandro Pérez Armenteros.



Distintas fotos de Tania a lo largo de su vida.



T rán sito L uis C alvo: la h istoria de v ida de un a “n iña de la g u erra”



Su hijo, Alejandro Pérez Luis con sus esposas, y a la izquierda con sus hijas Sandra y Gretel.



Artículo publicado en la edición de Zamora en 1997, a raíz del primer viaje de la familia de la Guerra a Zamora. A la izquierda de Tania Mari Cruz y su prima, y a la derecha con sus hijos y nietos en su primera infancia.

Elmo, Sr. Cónsul General de España

Por medio de la presente declaro a Ud, que mis intenciones son el seguir residiendo en Cuba pero con mi verdadera nacionalidad española y sin en alguna ocasión se me permitiera viajar a mi ciudad natal, tratar de encontrar el lugar que guarda los restos de mi madre.

*[Signature]*  
Tránsito Luis Calvo

Ciudad de La Habana, 10 de marzo de 1997.

**DEPUTACIÓN DE ZAMORA**  
CULTURA

Zamora a 15 de diciembre 2.003

Don José Luis Hernández Lorenzo, Diputado de Cultura y Bienestar Social, invita a Doña Tránsito Luis Calvo, para que venga a España y concretamente a Zamora, tierra de su nacimiento, a pasar seis meses. Los gastos ocasionados tanto médicos como de cualquiera otra índole correrán por cuenta de la Diputación de Zamora. La fecha en que quisiere que inicie este viaje es el 20 de marzo de 2004, coincidiendo con el viaje oficial de la expedición que desde esta Diputación se desplazará a Cuba el día 17 de marzo.

*[Signature]*  
José Luis Hernández Lorenzo

Peticion para recuperar la nacionalidad española. La petición realizada por el Diputado de Cultura que le había perdido al ser inscrita a su Illegación en el año 2003. Como nacida en la isla.

# Mi emigrante: Francisco Sánchez Tamame

Annia Marchal

## - Mención especial -

Esta es la historia de mi bisabuelo, a quien tuve el honor de conocer durante mis primeros trece años de vida. Pude decir que, coincidentemente, los más felices. A buelo Francisco, como lo llamamos siempre cariñosamente todos sus nietos y bisnietos, era corpu lento, medía más de seis pies de tatura y era bien parecido, aún en sus noventa años. Para nosotros los niños era una especie de robot acuático y a sombrosa se podía estar agusto. Era un hombre ríspido y valiente, dos cualidades que se combinan. Sé que su ambicioso decir que toda su vida se pudo plasmar en estas páginas pero voy a intentar contar su historia.

Francisco Sánchez Tamame nació el 25 de enero de 1894, en Alfaraz Sayago, provincia de Zamora, España. Su padre se llamaba Ángel Sánchez y era el carpintero de aquel pequeño pueblo de unos 500 habitantes. Eran atul Ledesma, unavilla de la provincia de Salamanca, y aunque en un momento de su vida fue el jefe de oficina de sus antepasados. Su madre, Ana Tamame, natural de Zamora, era hija de una familia de trabajadores del campo. Ella también pasó su juventud en Salamanca, donde conoció a Ángel. Tuvieron cuatro hijos: Francisco, el más pequeño de aquel humilde pero muy feliz hogar, y tan pronto como cumplió cinco años de edad comenzó a asistir a la escuela.

El maestro era muy exigente con los niños, pero como veía que Francisco se esforzaba por aprender se esmeró con él. En una ocasión, el maestro demoró más de lo usual en llegar a clase y todos los alumnos acordaron ir al campo en busca de niños. Francisco pidió permiso a su padre, y dándole esto, fue con sus amigos. El maestro llegó muy retrasado y se llevó un gran sorpresa.

<sup>1</sup> 1, 82 metros. (N.E.)

al no enc on trar nin g ún ni ño en el au la. Dec i di ó dar un bu en esc arm era mu y sev ero. L os en c on tró a todos en el c ampo, l os pu so en fila y tomó Fran c isco, qu e era su di sc ípu lo preferi do y el más apl ic ado, fu ert emen b raz o, log ol peó tan to qu e él, dolori do y asu stado, corrió en bu sca de su L a reac c ión de este últi mo fu e vi olen t a y fu e al en c u en tro del maest ro c erle pag ar por la in ju stic ia c ometi da. L os v ec in os, y h ast a el alc al de, qu e in terv en i en la pel ea. Despu és de h ab erse c al mado, el maest ro rec on o su error y pi di ó di sc u l pas al padre de Fran c isco, qu i en lo ab raz ó y pe Despu és de aq u el trág ic o día, el maest ro lo qu i so mu ch o más y se esmeró su en señan za.

Fran c isco no tu v o tiempo para ju g ar c omo h ac ían ot ros ni ños. C t ermi n ab a en la esc u ela, i b a a ay u dar a su padre en el taller, aprendi en do c i o de c arpi n t ero, qu e amó desde peq u e ño. A l c u mpl ir los doc e años, su p dec i di ó mu darse a un a c omarc a llamada A l mei da y de Bayan g e<sup>2</sup> disc otu v o qu e ab an don ar los est u di os para dedi c arse a tiempo c ompl eto al trab ajo en t aller, a pesar de las in si sten c i as de su maest ro, qu e le au g u rab a un fu t mi sorio en las mat emát ic as.



L a c asa de A l mei da.

El c amb i o fu e radi c al. No c on oc ía an adie y pasab a todo el día trab aj an do. No ten ía ami g os con qu i en salir. A l poc o tiempo de est ar en A l mei da fu e de v isi ta a su c asa el maest ro del pu e b lo, y despu és de c on v ersar con el ni ño y h ac erle alg un as preg un t as, le di jo a su padre qu e era un a v erdadera l ástima qu e en oc on tin u ar a los est u di os, pu es en ari t méti c a sab ía más qu e él y resol v ía todos los prob lemas con rapi dez. En t on c es un ami g o del maest ro, qu e era h omb re eru di to y du dó qu e est o fu e ra c i erto, dec i di ó h ac er un a apu esta de medi o c án t aro de v in o a qu e el ni ño no podr ía resol ver el sig u i en t e prob lema:

– “Un c omerc i an t e fu e a un a feri a y c ompró, con cien du ros, cien c ab ez as de g an ado, vac as, carneros y ov ej as. L as vac as las c ompró a c in c o du ros,

<sup>2</sup> No es c omarc a, si no l ocalidad con ay un t ami en t o de la prov in c ia de Zamora, e c omarc a de Say ag o, próxi ma al lími t e prov in c i al con Salaman c a. (N.E.)

Los carneros los compró a un du ro y las ovejas las compró a cinco centavos (sic) de duro cada uno. ¿Cuántos animales de cada especie compró? ”

Franco se contentó con las cantidades correspondientes a cada especie que eran :

19 vacas a cinco duros.....	95.00
1 carnero a un duro.....	1.00
80 ovejas a cinco centavos (sic) .....	4.00
100 animales, iguales a.....	100.00 duros

El que había perdido la apuesta fue el primero en abandonar, y la alegoría fue tan grande que todos los que allí estaban se hartaron de vino, pues su y el maestro pagaron otro medio cántaro cada uno.

Franco se otorgó mucho tiempo en relación con los jóvenes de su época que era de alta estatura, y cuando tenía treinta y cinco años parecía que tenía dieciséis. Iba a casa de los clientes de su padre y a todos les agradaba, pues había el trabajo de manera que los complacía y satisfacía. De esta manera, se relacionó con los hijos de estas familias en las que había jóvenes de ambos sexos. A comienzos de su juventud en aquel pueblo, donde trascurrieron los mejores de aquella etapa. Se divertía y no tenía preocupaciones, a pesar de que su padre no le daba nada de lo que cobraba por su trabajo. No pedía a sus padres de dinero. Ellos le daban ropa, comida y cuando necesitaba. Sus hermanos se burlaban de él, porque siendo ellos mayores no gozaban de muchos de los privilegios de su hermano menor.

El tiempo fue pasando en la dieciséis y treinta y cinco años y así se fue a todas las fiestas, bailes y reuniones; estaba bien relacionado con la juventud del pueblo. Las fiestas terminaban, acompañaba a casa a los jóvenes. No tenía novia, pero se había enamorado de la hija de una de las familias más ricas del pueblo. En aquella época se prestaba mucha atención a la posición económica de los pretendientes, y él nunca se atrevió a confesarle su amor. Eso le hizo open-sar a América cuando viajó a ella, volviendo y casarse con ella. Creía en su fe de juventud que en América se ganaba el dinero fácilmente.

Desde que Franco tomó aquella decisión comenzaron las dificultades. Sus padres se disgustaron mucho y le negaron el permiso. Le dijeron que el primero tenía que ser mayor de edad y terminar el servicio militar. Plicó durante más de un año hasta que su padre finalmente accedió, temiendo por su vida, pues la guerra de Marruecos estaba causando bajas a los españoles. La víspera de la partida fue a despedirse de varias familias amigas, entre ellas de la de Martín, así se llamaba la muchacha de la que había enamorado. Al salir de su casa, ella lo acompañó al gundistanía, y la gran emoción de Franco se alborotaban lágrimas de los ojos de

La mu ch a c h a. M artin a t a m b i é n se h a b í a en amorado de él. L o b e s ó y l o q u e l e e s c r i b í e r a , p r o m e t i e n d o h a c e r l o e l l a . Y a s í se d e s p e d i e r o n , si n o s q u e n u n c a m á s v o l v e r í a n a v e r s e . L a d e s p e d i d a d e s u s p a d r e s y h e r m a n o s a l g o t e r r i b l e . A b r a z ó y b e s ó a t o d a s u f a m i l i a . S u p a d r e l l o r a b a y s u m a d r e a b r a z a b a , l l o r a n d o t a m b i é n . S e h u b í e r a a r r e p e n t i d o d e m a r c h a r s e . Si a q u e e s c e n a h u b í e r a d u r a d o u n o s m i n u t o s m á s , p e r o e l c a r r o d e Z a m o r a a g u a r d a b a c o n o t r o s d o s j ó v e n e s q u e t a m b i é n se m a r c h a b a n y n o p o d í a n e s p e r a r . A t r i s t e f u e l a p a r t i d a .

P a r t i e r o n e n l a m a d r u g a d a . E r a n c i n c o p e r s o n a s ; l o s t r e s q u e i b a n a l c a m i n o . C u b a , e l q u e g u i a b a e l c a r r o m a t o y s u a y u d a n t e . L l e g a r o n a Z a m o r a t r e s d e l a t a r d e . E l c a r r e t e r o l o s d e j ó e n l a e s t a c i ó n d e f e r r o c a r r i l . F r a n c i s c o e r a e l q u e l o s g u i a b a , p u e s e s t a b a m á s a c o s t u m b r a d o a t r a t a r c o n p e r s o n a s d e s c o n o c i d a s . L o s o t r o s d o s e r a n c a m p e s i n o s y c a s i n o s a b í a n l e e r n i e s c r i t o s . P r e g u n t a r o n a q u e h o r a s a l í a e l t r e n p a r a V i g o , y l e s r e s p o n d i e r o n q u e e r a a l t r e n d i r e c t o , y q u e d e b í a n h a c e r u n c a m b i o e n A s t o r g a y o t r o e n l a c i u d a d . D e s p u é s d e m u c h o s t r o p i e z o s y v a c i l a c i o n e s , l l e g a r o n a V i g o . E n t r e s r e s p o n d i e r o n q u e l o s t r e s r e s o l v i e r o n t o d o s l o s d o c u m e n t o s d e v i a j e , y z a r p a r o n p a r a L a H a b a n a a t r a v e s d e l d e o c t u b r e d e 1911 e n e l V a p o r B a v a r i a , d e l a C o m p a ñ í a A l e m a n a . E n a q u e e p ó c a d a b a p e n a l a m a n e r a e n q u e t r a t a b a n a l o s p a s a j e r o s q u e v i a j a b a n a t r e c e r a c l a s e . N o h a b í a c a m a r o t e s n i p a r a l a m i t a d , l a c o m i d a l a s e r v í a n e n c a l d e r o s p a r a s i e t e p e r s o n a s y n o h a b í a m e s a s . L e d a b a n a c a d a p e r s o n a u n p l a t o , u n a c u c h a r a d e l a t a y n a d a m á s . E n e l b a r c o a u m e n t a b a e l h a m b r e y l a d e s e s p e r a c i ó n . S o b r e v i v i e r o n a l a s e n f e r m e d a d e s g r a c i a s a l o s a l i m e n t o s q u e c o m í a n s u s m a d r e s l e s p r e p a r a r o n p a r a e l v i a j e . P o r f i n , d e s p u é s d e c a t o r c e d í a s d e m a r t i r i o , l l e g a r o n a L a H a b a n a .

T a m p r o n t o e l b a r c o a t r a c ó e n m e d i o d e l a b a h í a , l l e g a r o n l a s a u t o r i d a d e s d e i n m i g r a c i ó n . L e s h a b í a n d i c h o q u e t o d o a q u e l q u e t u v i e r a d o c u m e n t a d o d e s e m b a r q u e y a l g u n a p e r s o n a q u e l o r e c l a m a s e o t r e i n t a p e s o s , s a l d r í a p a r a L a H a b a n a ; d e l o c o n t r a r i o i r í a p a r a T r i s c o r n i a . E l l o s s e a s u s t a r o n p u e s n o t e n í a n i n g ú n f a m i l i a r n i l o s t r e i n t a p e s o s , y a d e m á s n o s a b í a n l o q u e e r a T r i s c o r n i a . E n t o n c e s r e u n i e r o n l o s t r e i n t a p e s o s e n t r e l o s t r e s . C o n e l d í n e r o e n l a c i u d a d F r a n c i s c o s e p r e s e n t ó a n t e l o s d e l e g a d o s d e l a s a u t o r i d a d e s . L e h i c i e r o n v a r i a s p r e g u n t a s : s i t e n í a a l g ú n f a m i l i a r y é l c o n t e s t ó q u e n o ; s i t e n í a o f i c i n a ; s i t e n í a d í n e r o p a r a p a s a r l o s p r i m e r o s d í a s m i e n t r a s e n c o n t r a b a t r a b a j o ; l e s m o s t r ó l o s t r e i n t a p e s o s . L e p u s i e r o n e l c u ñ o d e e n t r a d a a L a H a b a n a e n t r e g ó e l d í n e r o a l s e g u n d o c o m p a ñ e r o y l e d i j o l o q u e t e n í a q u e c o r r e s p o n d í a . E l m u c h a c h o s e p r e s e n t ó , c o n t e s t ó b i e n l a s p r e g u n t a s y t a m b i é n s a l u d o . L a H a b a n a . L e e n t r e g a r o n e l d í n e r o a l t e r c e r o , q u e e r a e l m a y o r d e l o s t r e s t a m b i é n e l m e n o s o s a d o . A p e s a r d e l a s i n s t r u c c i o n e s q u e l e d i e r o n s e b a r d ó y s e p u s o n e r v i o s o , y l o m a n d a r o n p a r a T r i s c o r n i a .

A l desemb arc ar fu eron a parar a un a fon da y posada llamada L a P al oma, si tu ada en la calle V illa C lara, cerc a de los mu elles. Era un h ospedaje b as ec on óm ic o, pero el di n ero q u e ten ían n o alc an z ab a para más de dos o tres días. L os c ompañeros de v iaje det erm in aron irse a v iv ir con un señor q u e ten ía c añav eral, cerc a del pu eb lo de R odas, en L as V illas. F ran c isc o y ellos v ieron n un c a más en C u b a. T ran sc u rri eron t rei n t a y oc h o años, y al d pri mer v iaje a España se reen c on t raron . Su po en t on c es q u e en o est u v ieron n año en C u b a; se fu eron en seg u ida.

A l q u edarse solo, mi b i sab u el o n o ten ía di n ero para más de tres días. F u e a v e a un h omb re q u e h ac ía tres años q u e v iv ía en C u b a. Su esposa le h en t reg ado en España un en c arg o para él . Era un z apat ero de un os sesen t a años, pero c omo y a ten ía c iert a edad, n o c on sig u ió t rab ajo en n ing un a z ap por lo q u e se g an ab a la v ida c omo z apat ero remen dón . F ran c isc o le c on t si tu ac ión , y él le di jo q u e pod ía v iv ir en su c u art o h ast a q u e en c on t r a A l día si g u i en te, b ast an t e an g u sti ado, el mu ch ac h o sal ió a rec orrer las b u sc a de empleo si n apen as c on oc er la c iudad, c on la esperanz a de en c on al g ún t aller. T em ía al ej arse demas iado y perderse. R ec orrió todas las c alle s pr óx imas y n o en c on t r ó n ing un o. El c u art o don de v iv ía est ab a en la c n ° 12 5, c asi esq u in a a Egi do. L leg ó en la noc he, mu y c an sado, pen sar n o ten ía di n ero n i para c omer al día si g u i en te. A n drés, q u e era el n omb re de su b en ef ac t or, le ac on sej ó q u e t omara c u al q u ier ot ro empleo. Est o en t ri s mu ch o a F ran c isc o, q u e est ab a en amorado de su ofic io y n o q u e er ía dej arlo.

A l día si g u i en te sal ió di spu est o a c on seg u ir t rab ajo de c u al q u ier n y c omo fu era. Despu és de mu ch o rec orrer, en c on t r ó un t aller en la calle R eilly, n ° 16, c asi esq u in a a San Ig n ac io. P i dió t rab ajo. El du ño era pañol, su n omb re era M an u el P érez . M iró al mu ch ac h o de arriba ab aj o preg un t ó si sab ía t rab aj ar y c u án do h ab ía l leg ado. Despu és de rec ib ir respu



F ran c isc o se reen c u en t ra en España, despu és de m u ch o tiempo q u e y a g an ab a t res c on su s c ompañeros de v iaje.

le di jo q u e se presen t ara la mañan a si g u i en te a pri mera h ora. F ran c isc o n o c ab ía en sí de aleg ría. T rab ajó los c u at ro días rest an tes de esa seman a, pero el du ño n o le pag ó al l leg ar el sá bado, pu es ten ía la c ost umb re de pag ar c ada q u in c e días. A F ran c isc o le faltó poc o para llorar. El sá bado si g u i en te, el du ño le di o c in c o pesos

pesos a la semana. A qu el lo no alc an za ba para com er ni en la fon da más b. Se fu e de aqu el taller.

El lu n es si g u i en te sal i ó dec i di do a no reg resar si n en c on trar ot ro o. En c on tró ot rost alleres en la calle V iv es, pero en n i n g u n o n ec esi tab son al. L leg adal an oc h e, ex ten u ado, h alló u n taller en Estrellan °6. F j óv en es allí, tamb ién rec ién l leg ados de España. El du ño, q u e se llan Pedro L ori g ado, era g alleg o. L o c on trató en seg u ida y lo c oloc ó de ap mas c u an do v i o q u e el mu ch ac h o sab ía trab aj ar lo n omb ró operari o. O era n at u ral , F ran c isco se esforz ab a. L leg ó el sá b ado, y este, al i g u o ot ro du ño, ten ía c ost u mb re de pag ar la q u i n c en a. P asaron las dos pri m semanas y le pag ó su pri mer sal ari o. A pesar de q u e F ran c isco trab aj ab ren día más q u e los apren di ces, rec i b i ó c u at ro pesos al i g u al q u e los ot le di jo q u e n o era ju sto, y el du ño le c on testó q u e se fu era si n o le c o F ran c isco dec i di ó q u e n o trab aj aría b ajo aqu ellas c on di c ion es.

Se desvel ab a de h amb re du ran telas n oc h es. Soñab a c on aqu el amor i posi b le. Esc rib ía a su s padres y a M artin a, y en su s cartas dec ía q u e le i b i en , q u e g an ab a mu ch o di n ero y q u e pron to reg resaría.

No h ab ían tran sc u rrido tres meses y su sil u si on es est ab an perdi das. A así seg u ía aferrado a su ofi c io. A n drés seg u ía ac on sej án d o le q u e b u sc ar c osa. Él mi smo c on oc ía a al g u i en en la drog u ería Sarra q u e of rec ía 15 pesos al mes, c omi da y u n tec h o por c arg ar paq u etes y limpi ar el lu g ar. F ran dec i di ó ac ept ar el empleo. El día pri mero del si g u i en te mes l leg ó a la pu ert de la farmacia, y si n saber por q u é, g u iado por u n i mpu lso desc on oc ido c ami n an do por la calle T r en h ac t i c a el mar, en c on tran do u n taller mu y peq u eño. P i di ó empleo allí y le di jeron q u e podían pag arle q u i n c e días b ajo a u n peso y ve i n t i c i n c o c en tav os.

A sí tran sc u rrió su pri mer año en L a H ab an a, g an an do sólo para c u b n ec esi dades más el emen tal es. R ec orrió mu ch os talleres y en todos ex ist ía mi smas c on di c ion es de ex pl ot ac i ón para los emigran tes rec ién l leg ados. h ab ía podi do tan si q u i era dev ol ver el di n ero q u e le h ab ían dado su s padre empen der el v iaje, y mu ch o men os todo lo q u e promet i ó en v i arles. Se reh a esc rib i r a España, pu es n o q u ería men tir, n i tampoc o c on tarles su dese rada si tu ac i ón ec on óm i c a.

Despu és de mu ch o pereg ri nar, l leg ó h ast a los g ran des talleres de la c G an c edo en b u sc a de trab ajo. En u nos de ellos se en trevistó c on el u n señor ll amado Ju an M esa, q u i en le preg un tó si ten ía h errami en t c on testó q u e n o y en ton ces el du ño le di jo q u e n o i mport ab a, q u e e taría las su yas. A l día si g u i en te F ran c isco l leg ó mu y tempran o y e Ju an M esa se di o c u en ta de q u e sab ía trab aj ar. No sol amen te le prest ó h errami en tas, tamb ién fu e el más ju sto y h on rado de todos los en c arg ac



Los mu ch os talleres que F ran c isco recorrió. El pri mer sáb ado le pag aron di pesos y cin c u en ta en ta v os; si h u b ier a ten i do h errami en tas propi as le h a pag ado más. A qu ello h iz o que F ran c isco ob rara la c on fian za en sí y se sin ti era rec ompen sado por su perseve ran cia y dec isi ó n en no ab an don ar su ofic io.

Por aq u el los días se est ab a termi n an do, h en y est ó n de M an z an a de G ómez , un teatro de mader a que se llam ab a el Politeama C h ic o. C u a n do termi n aron , F ran c isco reg resó al taller, y ob serv ó que el du ño y otro h o m b r e no podían c al c u lar el i mport e del trab ajo real iz ado en el teatro. C omo él est ab a mu y c erca, se le oc u rrió dec irles que podí a h ac er los c ál c u los. L e preg un tó si sab ía c omo respon di ó afirmati v amen te, le en treg aron los pl an os y F ran c isco h iz o la li qu i daci ó n que el los presen taron . No le di jeron nada más. b adosi g u ien te, c u an do fu e a c ob rar, en c on tró en su sob retresc en ten o. El v al or n omi n al de cada mon eda era de cin c o pesos; pero por ser oro, ten ía un a pri ma de rei n ta c en ta v os. F u e a dev ol ver el sob re, pen san do que h a sido un error. En ton c es el en c arg adole di jo: “Sí, ese sob re est u y o. T e n i en es m u c h o oc i mi en tos y trab aj as mejor que los otros operari os, por eso t u su el do t i en e que ser el más al to”. Desde ese día F ran c isco si empre t u v o trab ajo. C u an do a ell os les esc aseó, lo rec omen daron a otro tall er.

Por fin pu do, despu és de año y medio, en v i ar a sus padres las que u i n i en - tas pesetas que le di eron para empen der el vi aje a C u b a. T amb i én esc rib ió a M art i n a, llen o de ilu si ó n , y en ton c es su po que e h ab ía oc u rri do un a ell a h ab ía mu erto. H ab ía desapareci do el senti do de su vi aje y de t ódos sus es fu erz os. Sen t ía que et an to sac rific i o h ab ía si do en v an o. Si n emb arg o, F ran c isco no sab ía que y a h ab ía c on oc i do a la mu j er que, tres años más tarde, sería su esposa.

A los dos meses de est ar en C u b a, un señor llamado M at ías C respo que era sac rist án de la Igl esia del C on ven to de las mon jas Ursul i n as, le pi di ó que fu era a T risci orn ia y bu sc ase a su c u ñado que e h ab ía lleg ado c on su h i j o. El mi smo no podí a ir y ab an don ar la Igl esia. A sí fue c omo c on oc i ó a J o s e f a V ic en te, au n que en ton c es no cru z ó por su men ten i n g u n pen san to de ofu ese h ac erle el sac rist án .

En aq u el ti empo h ab ía en la c alle Sol , al lado de don de él v i v ía, un tabl ec i mi en to en el que se reu n ían los emi g ran tes de A lmei da para rec or dar y c on serv ar la memori a de aq u el pu eb lo que tan to que r ían . J o s e f a t amb i én ac u día a aq u ellas reu ni on es, y al termi nar, F ran c isco la ac ompañ ab a h ac a casa. A sí t ran sc u rri eron dos años. F u eron c ompen et rán dose h ast a c on v ert i en n ov ios.

F u e c rec i en do el c ari ño en tre ellos y su rg i ó la i dea del matri mon io. M u c h os pen saron en las difi cul tades que est a dec isi ó n c rearía. El padre de el la no se

n eg ó, vale a los novios tan det ermi nados, pero c on si deró q u e deb ían apl azar la boda. P or otra parte, F ran c isco era aún men or de edad y n ecesitaba el c onseñoramiento de su padre. L e escribi ó en segu ida y ést e elec on test ó, n egrando. A qu el lo loc oloc ó en una situ ac ión bastan te dif ícil. L e c on tó su c u rade las mon jas u rsu lin as y ést e le di jo q u en o los podía casar; pero si c on g u ía dos test ig os q u e juraran q u e loc on oc ían den iño y q u e ya hab ían estado los v ein ti ún años, se podía casar en otra parroquia. C on si g u ió los dos test ig os, q u e le si rvi eron por am istad, salv ando así aq u el ob st áculo. M ientras esto se resol v ía, tran sc u rri eron dos meses, q u e F ran c isco aprov ech ó para hacer horas ex tras en el taller, pu es hac ía falta dinero para tener un hogar, por lo q u e le hab ía que pedir. El taller en el q u e trabajaba estaba c onstruyéndose en C aibarién, y deb ía ir allá un carpintero a c oloc ar todas las puertas. C oncargado q u e lo en v iase a él y ést e lo c ompl ac ió. Ajustó el trabajo en cincuenta pesos, más los gastos del viaje y el hotel. Así fue q u e esos dos días de rmi ó, trabajó a todas horas y pudo reunir el dinero para resolver los gastos necesarios hasta el día de la boda.

En esas c ondiciones, F ran c isco Sánchez y Josef a Vicente c ontrataron el día 10 de octubre de 1914, en la Iglesia de San Salvador del C aibarién. L a Habana.

Antes de hacer referencia a la larga vida de casados de mis bisabuelos, q u e iero hacer una pequeña descripción de Josef a. Su nacimiento c ompl eto fue el 5 de febrero de 1891, en el pueblo de Alameda de Sayago. No había escuela en las inmediaciones de su casa; por ese motivo, su padre le enseñó a leer y a escribir en casa. Sólo aprendió a leer lo poco q u e su padre le enseñó. Tenía, en cambio, una gran inteligencia natural. Era muy limpio y una excelente esposa. Tenía un gran don para administrar la economía del hogar y se cuidaba de gastar lo menos posible. Después de su casamiento eran muy felices y sólo pensaban en su bienestar. Los dos eran socios del Centro Castellano desde q u e llegaron a Cuba. Asistían a las veladas y fiestas q u e esta sociedad daba; iban al teatro o al cine. Estas fueron sus diversiones durante varios años. Para c oloc ar aq u ella felicidad, el 21 de febrero de 1915 nació su primer hijo, Mariano. A q u e le ac ontec ía en tolos los pensamientos en el futuro, y sirvió de ac icate para el hogar. Eran jóvenes y ven drían más hijos, y con aq u el jornal no podrían llevar una vida cómoda. Después de un minucioso examen



F ran c isco y Josef a.



C arn é de F ran c i s c o del C en t r o C ast ell an o.

de todos sus ahorros, sólo con taban con trescientos pesos. Con tan poco dinero no se podía pensar en emprender empresa alguna, pero Francisco estaba determinado a hacerle cu alquiera cosa. Había locos varios compañeros del trabajo. Todos tenían miedo; no querían arriesgarse a fracasar. Temían perder el trabajo por algo incierto.

También habíale llevado a cabo muchas gestiones, pudo convencer a otro pintor como él, de nombre Francisco García, natural de Canarias. Tenían poca instrucción, escasamente sabían leer y escribir. Después de haberse puesto de acuerdo, con aquellos trescientos pesos y otros trescientos pesos de su amigo, y antes de abandonar el trabajo en el taller donde ambos trabajaban trataron de conseguir un local donde empezar.

García tenía un pariente, Sr. Jarral, que era propietario de un terreno abandonado. Le Jarral les ofreció aquel terreno y les dijo que lo cercaran, hicieran un techoy trabajaran allí. Aquele ofrecimiento les pareció muy bueno y no tendrían que pagar alquiler. Bien claro que esto les saldría después.

Con muchas esperanzas y entusiasmo, aquel terreno abandonado se convirtió en meses de quincedías en un magnífico taller de carpintería, bien cercado con una hermosa valla. Habían conseguido un contrato para la carpintería de varias casas. Lagrandustria Maderas Gancedoles había comprado un crédito, así como la ferretería La Principal de Trueta. Todo marchaba estupendamente, y parecían decir que iban a tener pronto un gran negocio.

Así transcurrieron los primeros meses. Terminaron los primeros trabajos y contrataron otros. Todas las ganancias se destinaban a invertir en materiales. Y entonces, cuando todo parecía demasiado bueno para ser cierto, comenzaron los problemas. Aquele hombre que les había prestado el terreno y que se mostrotan desinteresado, se presentó y les dijo que tenía que dejarle el local, pues lo necesitaba para poner allí un negocio de mucho dinero. Francisco a que ello le pareció incorrecto y así se lo hizo saber. Habían ido allí todo el día que tenían y no podían marcharse sin más ni más. Fue un fracaso. Sr. Jarral no entraba en razón e insistía en que aquel local era suyo.

tenían que desalojar el lugar. Ante tanta intranquilidad, ambos socios  
 ron que no se marcharían y que se defenderían ante los tribunales.

Dos meses más tarde, ellos pensaron que **Sr. E** otro los demandaría por  
 desahucio; pero no fue así. El sujetohabía con su ltadoun abogado, que  
 que les costaría trabajo desalojarlos, pues Sánchez y García tenían p  
 de que él les había con cedido el terreno. Tenían además licencia del A  
 mi entoy todos los papeles en reg **Sr. Siaró** se decidía a explicarlos,  
 tendría que indemnizar **de expor tado** lo que ellos habían invertido.  
 Enterados de todo esto, misabueloy sus socios se sintieron seguros. El tr  
 iba en aumento y también los ingresos.

Pero el 4 de enero de 1916, al atardecer de la mañana, se produjo un incendio  
 en el taller. Arrasó con todo lo que tenían, los materiales y las herramientas  
 dejándolos en la miseria, porque todo lo habían invertido en el taller y  
 nales, sin herramientas y empeñados en más de dos mil pesos, pues no tenían  
 seguro con tra incendio, **Sosa** **arro** **sab** ía. No tenían pruebas, pero  
 sabían que el dueño del terreno les había quitado el taller.

Ante aquel desastre, muchos amigos se acercaron a darles aliento  
 animaban a confiar; pero, ¿cómo? ¿con qué recursos? Pasaron aque  
 meros días de incertidumbre y era necesarío tomar alguna medida loan t  
 posible. Francisco decidió que **u** **ve** **ab** **Sr. En** **ai** que García, que era  
 el dueño de la maderera a la cual debían más de mil pesos. Le contóllo que  
 había su cedido, y le dijo que si seguían dándole maderas para trabajar el  
 podrían pagarle. De lo contrario, tendrían que regresar a trabajar al jornal  
 entonces no podrían hacerla. Aquel hombre, poniéndole la mano en  
 bro, le respondió: “MUCHACHO, pídele a la madera que necesites para termi  
 trabajos que tienes aju stados. Esta madera me la pagas cuando cobres; la  
 estás debiendo me la pagarás más adelante”. El dueño de la ferretería, aque  
 también debían unai mportante suma, no esperó que Francisco fue se  
 Se presentaron a su casa y le dijo: “Tomen las herramientas y los herrajes  
 necesiten **en** **me** **los** **irán** **pag** **an** **do** **poc** **o** **a** **poc** **o**”.

En aquel primer año de trabajo había ganadalacon fianza de aquel lo  
 los concían. Las alentadoras palabras de sus mayores acreedores les diron  
 ánimos, y conalgún dinero que consiguieron prestado de algunos ar  
 quilaron un pequeño taller en la calle Jesús del Monte (actual calle  
 octubre), cerca del puente de Agua Dulce, y así **com** **en** **ra** **aron** **nu** **ev** **a**  
 bajaron de manera extraordinaria ambos socios; desde la sieta de la mañana  
 hasta las doce de la noche. Descansaban sólo para comer, bañarse y dormir  
 unas horas. Y así, en poco más de seis meses, pudieron pagar todas las deudas  
 que el fuego les produjo.

Y a ib res de deu das, en la seg u n da mi tad del año 1916, su c edi eron dos  
ac on tec imi en tos q u e tu v i eron g ran i mport an c i a en la v i da de F ran c  
pri mero, fu e el n ac imi en to, el 2 7 de ju l i o, de su h i ja A nra, q u e l l eg ó pa  
al imen tan do la feli c i da d de aq u e l l a fami l i a. El seg u n do, fu e la v en ta  
peq u eña mu eb l e r í a q u e q u e da b a a tres pu ert as de su est ab l e c imi en to. El du  
era u n an c i an o l l a ma do J osé M aría F ern án dez ; q u i en , deb i do a su eda  
podía t rab a jar mu c h o, así q u e e l n e g oc i o n o i b a b i en . C omo era n at u ral ,  
señor n o podía c ompet i r c on dos mu c h a c h os jóv en es y pu so su n e g oc i o  
v en ta. El l o c al q u e t en í a era may or y mej or. No t en í a mu c h os mu eb l es y de  
v al er u n os c i n c o mi l o sei s mi l pesos.

El l os n o t en í an t an to di n ero, ~~pezo do~~ est ab a i n v ert i do y só l o  
asc en día a dos mi l pesos. Dec i di eron h ab l ar c on aq u e l pob re an c i an o y  
propu si eron c ompar l e el n e g oc i o en c i n c o mi l pesos, dán do l e al c on tado  
pri meros dos mi l , y l os ot ros rest an tes pag ársel os en sei s plaz os de q u i n i en -  
tos pesos c ada u n o, c ada sei s meses. F ran c i s c o f u e n e l a n o del Ban c o  
C órdob a, a q u i en él c on oc í a por h ab er l e c on st ru i do v ari as c asa s de mader a.  
ex pl i c ó el n e g oc i o q u e q u e ~~era d e~~ d i j o q u e c errara el t rat o,  
q u e él l e prest ar í a l os dos mi l pesos.

C on est a promesa del b an c o c erraron el n e g oc i o y se mu daron en seg u i  
P ero en t on c es, oc h o días despu és, para g ran sorpresa de F ran c i s c o, c u an do  
h ab í an pasado el b al an c e y deb í an f i rmar l a esc r i t ~~Sr. G arc í a~~ e l  
d i j o q u e n o pod í an c on t i n u ar t rab a j an do en soc i e da d, q u e u n o de l os dos  
ab an don ar í a. A q u e l l a ac t i tu d l e pare í ó ex t raña a F ran c i s c o. E n t on c  
c u en ta de q u e det rás de t odo est o est ab a l a man o del pari en t e de su soc i o, el  
Sr. J arro, y l o pu do c omprob ar más t ~~Sr. G arc í a~~ e l d i j o q u e t en í an oc h o  
d í as para pen sar l o. L os dos det ermi n ar í an q u e pod í an h ac er.

A l mañan a si g u i en t e, F ran c i s c o ~~en C órdob a~~ y l e c on t ó l o  
q u e oc u r r í a. El du eño del b an c o l e ase g u ró q u e si él se ret i ra b a del n e g oc  
l e s prest ar í a l os dos mi l pesos. C on est a promesa en f i rme, se dedi c ó a c on -  
seg u i r en t re su s ami g os mi l pesos más. C u an do t ran sc u r r i eron l os oc h o d í  
su soc i o n o presen t ó n i n g u n a propu esta. F ran c i s c o, si n emb arg o, l e d  
el soc i o q u e se marc h ase t en í a q u e i r se c on mi l pesos en ef ec t i v o; y el q  
q u e da r a t en í a q u e pag ar l os dos mi l pesos al an t i g u o du eño, más l os mi l pesos  
al q u e ab an don ara el n e g oc i o, y respon sab i l i z ar se además c on l os tres  
apl az ados. A sí l e di o a esc oger.

A l esc u c h ar l a propu si c i ón de F ~~Sr. G arc í a~~ q u e l e d ó b o q u i ab i ert o.  
El c re í a q u e ser í a mi b i sab u e l o q u i en t en dr í a q u e i r se y ac ept ar l o q u e  
of rec i ese. F u e a c on su l t ar el Ban c o de C órdob a y al l í l e d i j eron q u e F ran  
era q u i en t en í a el c rédi to, n o él . ~~Despu és~~ ~~par í an t e~~ l J arro q u e  
l e h ab í a met i do en aq u e l l ó, pero c u an do el si n v erg üen z a v i o q u e t en í a

tres mil pesos y además su socio que edaba debiendo otros tres mil más, le dijo que en o podía darle tan todo dinero.

El disgusto que sufría fue tan grande, que aún no se sabe si se enfermó o se hizo el enfermo, pero ingresó en la Quinta Canariay estuvo durante una semana. Por su parte, Sr. Fernán dez estaba apurado por recibir sus dos mil pesos, y le propuso a Francisco poner la escritura a su nombre. Al día siguiente Sr. Ce, artía salió del hospital y en su pariente para tratar de convencerlo, pero no lo logró. Entonces se acordó a Francisco pedirle que si se guieran trabajando en sociedad, pero éste le contestó que no quería su sintenciónes y no quería que elolviera sorprender en el término la sociedad Sánchez y García, y su regíola muéblería “La Vida de Francisco Sánchez Tamame.

La situación económica de Francisco aún era difícil, con seis mil deudas y sin ningún efectivo para hacer frente a los compromisos adquiridos. Sólo podría vencer trabajando sin descanso, y así lo hizo. Fueron tres años sacrificio y economizando en todo, excepto en la alimentación de la familia. Josefase ocupaba de que los gastos de la casa fueran mínimos y temía por la salud de su esposo, que parecía que iba a enfermar de tanto trabajar.

Al transcurrir los tres años de lucha sin tregua, todas las deudas estaban pagadas. Había concluido con la ayuda del hermano de su esposa, Juan José, ciente de que cuando se enterase de su situación se uniría al él sin condiciones y sin remuneración alguna, sólo para los gastos más indispensables. También contó con el apoyo de los doctores, que le facilitaban las cantidades que necesitaba cuando no podía pagar los jornales o las compras que realizaba.

A partir de 1918, y a sin deudas, el progreso fue rápido. Se montaron las primeras máquinas en el taller y comenzaron la importación de mercancías de extranjero. Se estableció la venta a toda la República, especialmente a las ciudades de ingenios. Francisco estableció, en combinación con el Banco de San Juan, el sistema de crédito a noventa días con letras de cambio. Esto fue un gran éxito y al concluir el año 1920 el capital de la casa pasaba de noventa mil a quinientos mil. El crédito nacional e internacional era ilimitado. Habían nacido Ángel y Cerhijo, el 25 de agosto de 1919. Los padres de Francisco habían decidido irse a España definitivamente. Al enterarse los padres de Francisco, les pidieron que ellos enviaran a los dos hijos mayores para convencerlos, y al año siguiente fueron a buscarlos para poder abrazarse después de tanto tiempo. La idea de Francisco también la hicieron suyas sus esposas. Aunque era muy difícil de separarse de los niños, no podían desairar a sus padres. En el mes de abril de 1920 zarparon para España sus dos hijos Mariano y Ana, acompañados de sus abuelos, pensando ellos que la separación sería sólo por un año. Pero la realidad fue muy distinta.





v amente. Un a fami lia q u e v en í a de España h e r e i t a r o n l a s u s d o s h i j o s , p u e s e n a q u e l l a s c o n d i c i o n e s n o e r a p o s i b l e i r a b u s c a r l e s .

Un a v e z i q u i d a d a s t o d a s l a s d e u d a s , F r a n c i s c o d e c i d i ó q u e d e b í a f a c e r u n a c a s a p a r a l a f a m i l i a . E l 8 d e n o v i e m b r e d e 1923 h a b í a n a c i d o s u s h i j o s E d u a r d o ; t e n í a n c u a t r o h i j o s y n e c e s i t a b a n m á s e s p a c i o . T a m b i é n e r a n u n m a y o r p a r a m o n t a r l a f á b r i c a d e m u e b l e s . T o d o s c o n o c í a n s u h o n r a d e z g r a n l u c h a q u e h a b í a s o s t e n i d o , a s í q u e n o l e f u e d i f í c i l q u e l e c o n c e d i e r a n e l c r é d i t o n e c e s a r i o .

E l n e g o c i o i b a o z a i e n t o e n p o p a y e l 3 d e a b r i l d e 1926 , n a c i ó s u q u i n t a h i j a , G l o r i a . T o d o s l o s h i j o s d e F r a n c i s c o n a c i e r o n e n l a c a s a d e S a n t a T e r e s a d e J e s ú s d e l C e n t r o C a s t e l l a n o . P o r e s t a r a z ó n , a d q u i r i ó a r t e c o n m u c h o s d i r e c t i v o s y e m p l e a d o s d e l a s o c i e d a d ; y e n l a s e l e c c i o n e s d e e s e a ñ o f u e e l e c t o V o c a l d e l a J u n t a D i r e c t i v a .

P e r o l a d i c h a d u r a p o c o e n c a s a d e l p o b r e . E l 20 d e o c t u b r e d e e s e a ñ o s u f r e L a H a b a n a u n a d e l a s m a y o r e s c a t á s t r o f e s d e s u h i s t o r i a . U n e n c i c l ó n a z o t a l a n a c i ó n y s u c e n t r o p a s a p o r l a m i s m a c i u d a d . L o s d a ñ o s m a t e r i a l e s f u e r o n c o n s i d e r a b l e s ; m u r i e r o n c i e n t o s d e p e r s o n a s . L a f á b r i c a c e r t a n t o a n h e l o f u e c o n s t r u i d a s e d e r r u m b ó ; y l a s m á q u i n a s , a v e r i a d a s y d e s t r u í d a s . E l 4 d e j u n i o l e s n a c e e n f e r m o s u h i j o F r a n c i s c o , q u i e n d e s p u e s g r a v e d u r a n t e c i n c o m e s e s , f a l l e c e .

D e s p u e s d e t a n t a s v i c i s i t u d e s h u b o q u e h i p o t e c a r l a c a s a y l a f á b r i c a . E l 27 d e j u l i o d e 1927 s e c e r r ó l a m u e b l e r í a L a V i l l a M a r í a q u e e s t a b a e n l a c a s a d e J e s ú s d e l M o n t e , y s e a n e x a n t e a l a m u e b l e r í a N u r o v e l l a M a r í a , e n B e l a s c o a í n 462 . E s t a c a s a e r a m á s p e q u e ñ a , p e r o a ú n a s í l a e c o n o m í a a p e n a s c u b r í a l o s g a s t o s . E l 29 d e a g o s t o d e 1928 n a c e J o s e f a , l a h i j a m á s p e q u e ñ a , t a m b i é n e n f a m i l i a c o m o e l a n t e r i o r . L o g r a n s a l v a r l a , d e s p u e s d e m u c h o s u f r i r y b a t a l l a r , c o n c h o s e s f u e r z o s y d e s v e l o s . A q u e l l a e n f e r m e d a d d u r ó m á s d e t r e s a ñ o s .



Q u i n t a C a s t e l l a n a . I n a u g u r a c i ó n d e l p a b e l i s ó n e s p r o c l a m a d o P r e s i d e n t e d e l C e n t r o I n o c e n c i a B l a n c o .



d e l p a b e l i s ó n e s p r o c l a m a d o P r e s i d e n t e d e l C e n t r o C a s t e l l a n o .

Legó el año 1930 y Francisco fue nombrado Presidente de la Sección Propaganda, desempeñando además la presidencia de todas las sesiones. Por otra parte, la situación económica y política del país se fue agravando debido a la resistencia del pueblo a la dictadura del General Machado. Los negocios estaban paralizados; la represión era violenta. Aquella lucha costó muchas vidas. Por fin, en agosto de 1933, tras un año y medio de gobierno, cayó Machado y un gran número de sus colaboradores huyó al extranjero.

En diciembre del año 1940, a instancias de varios amigos, Francisco fue proclamado presidente del Centro Castellano de la Habana, sociedad a la cual él venía prestando colaboración desde hacía muchos años. Este puesto representaba gran inversión de tiempo y dinero, que en tonces no estaba abundante.

En los primeros días del mes de enero de 1941, tomó posesión del cargo en unión de ~~otral~~ junta directiva. La actuación de los dos primeros años fue muy activa. Todos sus miembros actuaban con entusiasmo. Se donó agua a la Quinta Castellana, mediante la construcción de un pozo de un abombamiento; se pavimentó la calzada; se reparó el hospital; se compró un ambulancia; mejoraron los servicios que se prestaban a los asociados y se trató el proyecto de la construcción del pabellón para el cuidado de pacientes en enfermedades infecciosas.

Trascurrieron los dos primeros años de su mandato y se celebraron las elecciones. Fue proclamada nueva junta directiva por demás. Comenzó la construcción del pabellón de infectados. Francisco organizó una comisión de bonos voluntarios para recaudar los fondos necesarios para terminar este proyecto. El éxito fue rotundo. Se recogió el dinero necesario para terminar el pabellón y amebalarlo. Cuando se estaba terminando su construcción llegaron nuevamente las elecciones. Trascurrieron otros dos años y Francisco había descuidado su negocio, que por esta razón no andaba muy bien. Dió entonces abundantemente la presidencia.

pero la junta directiva y la g  
pidieron que continuara  
más. Ante la presión de los soc  
de los amigos, no tenía otra al te  
que continuar.

En febrero de 1945 se inauguró el pabellón Inocencia Blanco de muelas, camas, colchones mentales y todo lo necesario, completamente nuevo.



Francisco Sánchez, presidente de Honor del Centro Castellano. El banquete.

M i emi g r a c i ó n C a s t e l l a n a y L e o n e s a

Entonces sí decidió dejar la presidencia, pero al saberse su sintención con vocaron a Junta Directiva y General. Ambas acordaron no aceptar la presidencia, darle un alicencia de tiempo limitado y concederle el título de Presidente Honorario, que se entregaría en un gran banquete. Fueron tantos los que quisieron asistir que fue necesario suspender la invitación de cubiertos no cobrían en los grandes salones de la sociedad.

Así descendió de aquel primer período de cinco años, para poder reorganizar el negocio. Sus hijos varones Mariano y Ángel recibieron terminados estudios de medicina, y sus hijas estaban casadas, a excepción de la menor que fue, Josefina. La educación de todos sus hijos había terminado. Se encontraba bien física y mentalmente, con fuerzas para seguir luchando. Pero el impulso inicial se necesitaba dinero.

El Sr. Graciano y el Dr. J. M. Viduaña, Presidente y Secretario de la Sociedad Castellana de Beneficencia respectivamente, sociedad establecida en Francia se otorgó también prestaba cooperación, con ocasión de su sintención de salir otorgando el negocio. Ellos pertenecían a la directiva del Centro Castellano. El Dr. Viduaña sabía que el ascenso era lento y que había falta de capitales para hacerlo. Al día siguiente le dijo que lo acompañara al Banco Comercial Panamericano, del cual él era secretario. El presidente era un señor de apellido Lido Torricella. Viduaña los presentó y dijo: "Mira, Torricella, te presento a mi amigo Francisco Sánchez Tamame, te garantizo que es una persona muy decente. Tengo interés en que le prestes la mayor ayuda posible". Al hablar fueron sus fines para que se saliera del banco con una cuenta de mil pesos. A partir de aquel momento, la muerte le iba a venir a la vida.

Por otra parte, sus amigos de la Sociedad Castellana que eran que retornaban a la presidencia. Francisco regresaba de España en el año 1956 con su esposa y su hija Gloria, y fue gran sorpresa al llegar a Cuba y encontrar un gran número de asociados. La situación era comprometida. Si aceptaba, se echaba a los hombros una enorme responsabilidad por varios años. No aceptaba, decisión abastaba a tantos amigos y personas que en él confiaban. Tenía que escoger entre viajar todos los años a España con su familia, o presentarse otra vez a las elecciones y no defraudar a todas aquellas personas. Se decidió por lo segundo, pensando que en el saldría el electo. El candidato era el Presidente General, que en aquellos momentos contaba con la confianza del gobierno actual que instituyó; y además él llevaba diez años de las luchas sociales.

El día 3 de diciembre, fecha señalada para celebrar las elecciones. Juntos se había visto cosa igual. Desde las primeras horas comenzaron a llegar las delegaciones de todos los pueblos de la provincia. Al cerrarse la votación a las seis de la tarde, había votado más del 80% de los votantes. Los salones

estaban llenos; la expectativa era grande. En cuanto comenzaron el escrutinio se pudo notar que la mayoría de los asociados votaban por la candidatura de Francisco. Por cada papel que se salía de la candidatura traria, salían tantos votos a su favor. Aquel triunfo tan aplastante sólo se debía a que los asociados no habían olvidado todo lo que Francisco había hecho por la presidencia años anteriores. La demostración de confianza de aquellos las personas representadas para él un gran compromiso.

Al tomar posesión en enero de 1957, se encontró que no se habían pagado los intereses de la deuda hipotecaria de la fabricación de la Quim. Desde hacía años le habían prometido a los socios la fabricación de otro pabellón, pero esto no se había cumplido. Decidió realizar esa obra, pues era un necesidad social. Para poder llevarla adelante, Francisco trató de llevar a cabo una operación de quinientos mil pesos, con la cual se pagaría la deuda y construiría el nuevo pabellón. Pero ningún Banco que era apoyara esa operación a largo plazo, por lo que había que pensar en otra cosa. Entonces Francisco se le ocurrió que si se hicieran trescientos socios vitalicios que pagaran quinientos tres pesos cada uno, la cuota de quinientos años, facilitaría el dinero para terminar el pabellón.



Francisco haciendo un discurso de la palabra después de ser reel electo Presidente de la Sociedad Castellana.

Convocó a la Junta para exponer el plan. Abrió la lista de socios vitalicios, que estaba encabezada por él mismo y su esposa, sus hijos con sus esposas y esposos, y sus nietos. Eran veinte y seis en total. Su ejemplo inspiró y dio confianza a todos presentes, que aceptaron socios vitalicios a todos sus familiares, quedando sus escritos aquel día más de ochenta mil pesos.

Fue así como pudo liquidar todas las deudas hipotecarias que, en treinta y cinco años, pasaban de doscientos mil pesos. Todos los miembros de la sociedad trabajaron con gran entusiasmo y se fueron suscribiendo socios vitalicios. Los médicos y todos los demás empleados acordaron donar la mitad del sueldo de un mes; los primeros en hacerlo fueron sus propios hijos. Actuaron de esta manera, hasta que en el año 1960 el gobierno dictó la nacionalización de la Sociedad, terminando así la vida de Francisco como Presidente de esta institución, a la cual dedicó toda su vida profesional, mental y física.

Francisco desempeñó incansablemente sus labores sociales durante sesenta y cinco años, muchas veces en perjuicio de su propia economía. Su

fue siempre ayudar a los hermanos castellanos y de otras regiones de España y defender sus intereses. Actualmente no sólo en la Sociedad Castellana, sino muchas otras, por lo que elefueron concedidos los siguientes Títulos

Presidente de Honor del Centro Castellano.

Presidente Magnífico de la Sociedad Castellana de Beneficencia.

Socio de Honor de la Colonia Leonesa.

Socio de Honor de la Colonia Zamorana.

Socio de Honor de la Colonia Salamanca.

Socio de Honor de la Colonia Palentina.

Socio de Honor de la Beneficencia Bургalésa.

Socio de Honor del Club Villariño.

Presidente de Honor de Sociedades Castellanas.

Memoria de la Emigración Castellana y Leonesa



Entrega del título de Socio de Honor de la Colonia Salamanca (1970).



Con el conde suizo y el embajador de España.

Por su labor benéfica, Rojacubana de *Diploma y la Medalla de Reconocimiento al Mérito de la Emigración*. El Gobierno Español, como recompensa a todos sus méritos, le nombra *Caballero de la Real Orden de Isabel la Católica*



Título de Caballero de la Orden de Isabel la Católica.

Además, el Presidente del Gobierno Español, Sr. D. Adolfo Suárez, le concedió ~~É~~ *la Medalla de Honor de la Emigración* colocándole personalmente la medalla en un viaje que realizó a La Habana Francisco y también uno de los siete Delegados que representaron a los españoles en la "Operación España", en el año 1969.



Legado del Presidente Español al Aeropuerto de La Habana. Está presente el Presidente Francisco Castro.



Carne de Caballero de la Orden del Presidente Suárez colocada a Francisco la Medalla de Reconocimiento al Mérito de la Emigración.

Mi emigrante: Francisco Sánchez Tamame

Durante los últimos años de vida, Francisco vivió rodeado de una gran familia; y como el árbol que da fruto por sus frutos, todos fueron buenos y mujeres de bien. Ellos, hijos y nietos, se reunían en Navidad y el día de su cumpleaños. Aquellos que lo conocieron, los que no pudieron hacerlos, los respetan, admiran y respetan, aún después de su muerte.



Francisco en compañía de sus hijos y nietos.

Y así, lo que es como una historia de amor imposible, se convirtió en la realización de muchos para él y para muchos otros que en él confiaron. Francisco, como tantos emigrantes, hizo de Cuba su segunda patria, sin dejar de amar la tierra que vio nacer. Esta historia es una prueba de que el esfuerzo, unido a la bondad y la honradez, hace que en ningún deseo sea imposible de cumplir. Está, un poco de inteligencia y astucia, son de mucha ayuda.

Por eso que quiero dedicarle a mi abuelo Francisco Sánchez este recuerdo de su vida, como un homenaje a todos nosotros su propia herencia.



Francisco con sus bisnietos. ¿Quién será esa niña sentada sobre sus piernas?



# **RELATOS DE ARGENTINA**



# Pens é q u e t o d o t a n s o l o e r a H i s t o r i a h a s t a q u e a m í m e t o d o

M<sup>a</sup> Lou rdes C añón

Desde mi pu n t o d e v i s t a , q u i e r o i n t i m a r a m i i n t e l i g e n c i a , p a r a s e r l o q u e e s e x a c t a p o s i b l e , y a q u e m i s c o n v i c c i o n e s s e c o n f u n d e n c o n l a r e a l i d a d i m a g i n a c i ó n , t a n d e s e n f r e n a d a , q u e s i e n d o é s t a t a n s u g e s t i v a , n o p u e d o p a r l a d e l o s p r o p i o s a c o n t e c i m i e n t o s .

En mi f a m i l i a l a e m i g r a c i ó n e s t á a l a o r d e n d e l d í a . S i e m p r e h u b o m u c h a s m a d r e s l l o r a n d o p o r h i j o s a u s e n t e s . C u a n d o c r e í q u e t o d o e r a h i s t o r i a , h a s t a q u e m í m e t o c ó . E n e l a ñ o 2 0 0 1 , v i a j ó a E s p a ñ a u n o d e m i s h i j o s . L l o r é p o r é l , p o r l a e n f e r m e d a d d e m i m a r i d o ; t o d o s e j u n t ó .

“— ¡C ó m o l o n e c e s i t é ! ” . E n e s o s m o m e n t o s n o s e r e q u i e r e n p a l a b r a s , s i n o l á g r i m a s , e s a l g o i r r e m p l a z a b l e . E s m u y d i f í c i l s o l t a r a q u i e n u n o a m a . A u n o d e l a c a s a d e l o s p a d r e s , p a r a f o r m a r e n a d a , s i e m p r e s u n c a l v a r i o , y a q u e e s c o m p l i c a d a y l a b o r i o s a l a c o n v i v e n c i a . Y s i e s a v i d a e s e n u n p u e b l o n o e s e l d e u n o , e s e c a l v a r i o e s m i l v e c e s p e o r . S é q u e l a v i d a e s u f r i m i e n t o s e t e r m i n a p e r d i e n d o t o d o e i n c l u s o l a c o n c i e n c i a . L a a d a p t a c i ó n a l o s c a m b i o s e n c a d a e t a p a e s f u n d a m e n t a l , n a d i e n a c e a p r e n d i d o y c u a n d o e s e a l g u i e r o t i e n e e r c a a l a f a m i l i a , d i c h a a d a p t a c i ó n e s m á s c o m p l i c a d a . M u c h a s p e r s o n a s m a d u r a n a l o s g o l p e s , o t r a s m e t a r r o s ( c ) d e l a b a s u r a p u e s e l s e n t i m i e n t o d e s o l e d a d e i n s e g u r i d a d , n o s e p u e d e m a n e j a r . A p r e n d i e n d o a d e s a r r o l l a r e l e s p í r i t u s e v a l o r a n l a s a l e g r í a s .

L o s t e s t i m o n i o s q u e r e g i s t r o p a r a c o n t a r l a v i d a d e m i p a d r e m e r e s u l t a n m u y f a m i l i a r e s , p u e s h a y s i m i l i t u d e n t r e m i f o r m a d e s e r y l a d e e l . N a c i ó n e n 1 8 7 7 , e n u n p u e b l o p e r t e n e c i e n t e a l a p r o v i n c i a d e L e ó n , l l a m a d o C u b e r t o . A r b a s a c a t o r c e k i l ó m e t r o s d e V i l l a m a n í n , s i t u a d o e n l a c a r r e t e r a q u e u n d e L e ó n c o n A s t u r i a s .

<sup>1</sup> V é a s e e n e s t e m i s m o v o l u m e n e l r e l a t o d e S e r a f í n G a r c í a C añón . ( N . E . )



P ob lado de C ubillas de Asturias. León .

P en séq u e todo tan solo era h istoria... hasta q u e a mí me tocó

A l c u mplir diec i o c h o años lo c on voc aron en el ejérc ito de la C oñol pañol a. P or pri mera v ez , si n ex peri en c ia alg u n a, ab an don a su s q u eria t años emb arc án dose para pel ear en la g u erra de C u b a y F ilipi n as. Su des de c omb at e f u e San J u an de P u ert o R ic o, para def en der la h eg emon ía es en el C ari b e, t an pret en di da por los Est ados Un idos. F u e u n c on flic to t roso. A l firmar el T rat ado de P arís el día 10 de di c i emb re de 1898, todos est os t erri tori os f u eron c edi dos al paí s i mperi al i s t a q u e emerg ía c omo pot en c ia l a z on a. M i padre si empre nos c on tab a u n a an éc dot a, en c ada oport u n i d ad u tiliz ab a las mi smas pal ab ras: “M e h ic ieron v est ir c on u n traje de m e ll ev aron al teat ro y en u n pal c o me sen té. D i s f ru te del espec tá c u lo n u n c a en mi v i da, en mi pec h o b rill ab an mu c h as medal las, al termi n a r c u artel en u n c arru aj e y en treg u é el traje c on su s medal las, me sen tí i n f au n q u e sen tí mi edo. A l ten e r d e v a r p i d e t a d e i n f e l i z , n o m e t o c a r o n n i u n p e l o ”.

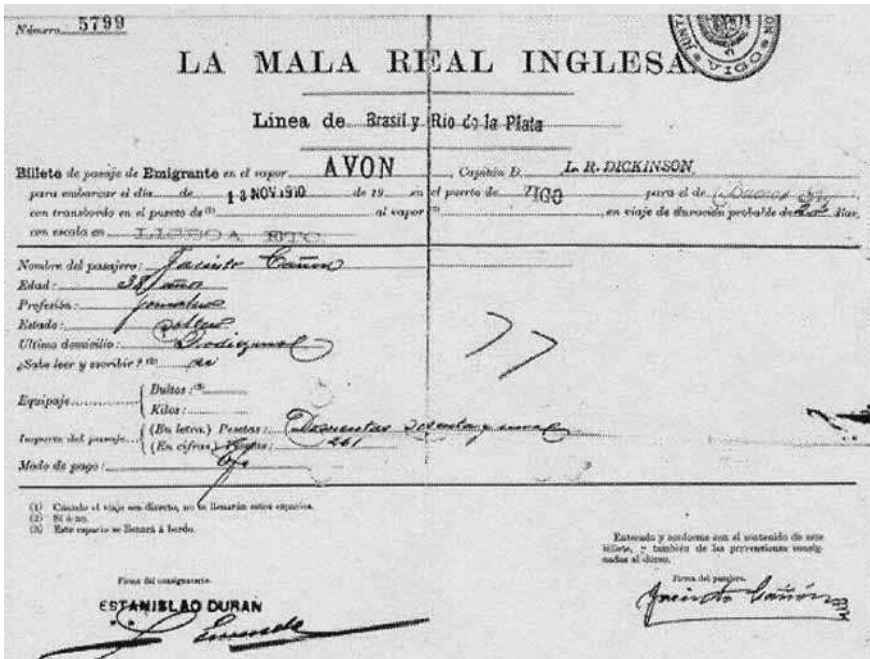
H ab lab a admirado de esos t erri tori os, n u n c a se los pu do sac ar de la c a b e z a, el paraíso t ropi c al , l a s b e l l e z a s p r o v o c a t i v a s d e s u s p l a y a s, l a m ú s i c a f r u t o s, el desparpaj o por l a b e l l e z a e x ó t i c a p r o v o c a t i v a d e l a s m u j e r e s e a m e r i c a n a s l v e n í a d e u n l u g a r d e n i e v e d o n d e e l f r í o a r r a s ó t o d o: l a f o r m a d e r e l a c i o n a r s e d e l o s h o m b r e s, y a q u e e l c a l o r y l a d e s n u d e z s e d a n l a m a n u n c a l e s c u c h é h a b l a r m a l d e s u e x p e r i e n c i a e n l a g u e r r a, n i t o c o m b a t e s. S o l o h a b l a b a d e g r a t o s m o m e n t o s y d e l a b u e n a c o m i d a d e l l u e g o e l p a r a í s o t r o p i c a l .

Est e esc r i t o m e o b l i g ó a d e t e r m i n a r, r e f l e x i o n a r y h u r g a r e n m i p a s a d o p o n e n o z a q u i e n e s n o e s t á n m á s.

Cuando mi padre terminó el vicio militar, que en esa época diez años le calentó la cabeza, heredó más grande, Jacinto, quien era maestro de escuela y pudo ejercerlo en la que acortó su vida haciéndolo en donde tuvieran más oportunidad y que en el pueblo no lastimara a su padre había estado en Puerto Rico, donde se había enamorado. En 1910 se tomaron un buque para la Argentina, donde tendrían parientes y amigos les resultaría más fácil.



Doc. nº 1 de Manuel Cañón Díez.



Pasaje de barco hacia Argentina de los hermanos Cañón.

<sup>2</sup> El servicio militar en España se organizó históricamente de muy diversas maneras pero en cualquier caso abarcaba un afase previa de recluta, el servicio en el frente y el servicio de reserva. En el momento de la independencia de España se establecieron tres tipos de servicio: el de recluta, el de reserva y el de servicio en el frente. El tiempo en filas nunca excedió los cuatro años. (N.E.).

P en séq u e t o d o t a n s o l o e r a h i s t o r i a... h a s t a q u e a m i e t o c ó

Se instaló en Frenche, pueblo poblado con estenombre, y nombrevverdadero es Colonia Agrícola Monan, el 22 de noviembre de 1887 en honor al juriscónsul y economista, ministro de Puébllicas en la provincia de Buenos Aires, en el gobierno de Máximopueblo perteneció al partido de 9 de Julio (Provincia de Buenos Aires). de noviembre de 1888 se inauguró la estación ferroviaria con el nombre Frenche, y esto le dio vida al pueblo.

Es un territorio dedicado a la agricultura, campos y campos sembrados de trigo, maíz y en estos momentos de soja. El pueblo está dividido en treintamanzanas con doce solares cada una, veintinueve quintas y cincocinco hectáreas, ocupando una superficie de 9.273 hectáreas y el ensanche de ejido ocupado en las hectáreas.



Iglesia de Frenche y esquinada donde se ubicaba la antigua casa de los señores de la "Los Cañones".

Esta medida del centro Agrícola Monan fue aprobado por el poder ejecutivo el 12 de octubre de 1889. En la época en que mi padre y mi tío se instalaron en Frenche, estaban rodeados de aborígenes que vivían en el Fuerte Paz. Tenían dos cementerios, uno indígena y otro para cristianos. En la laguna Corral de Palos se cazaba y se pescaba, hay una pulpería, donde se desgranaba, comían

y preparaban a los caballos de las diligencias para seguir viaje. Eran nados, prolijos, sobrios y reservados. Al principio dormían en la casa de la señora que vivía sola y ella les cocinaba y lavaba la ropa. Pero hubouna de vivir el anegray se fueron a vivir al negocio que había ocurrido los recaudadores servían el agua y cocinaban bien la comida; la peste pasó de la por mi familia. Mi tío dormía en una acogedora cama, pero mi padre, en cambio, dormía arriba del mostador en un acolchoneta. El día en que lo arde un estante detrás de la mercadería. Un día apareció un hombre desconocido el negocio con un agran escopeta, justolepidió la mercadería donde esc

<sup>3</sup> Granjas. (N.E.)

<sup>4</sup> Campo común de los habitantes de un pueblo, que el indio y se destinaba al ganado. (N.E.)

<sup>5</sup> Recaudación es. (N.E.)

P en séq u e todo tan solo era h i stori a... h asta q u e a mí me tocó

el día n ero, y al sac arlo se le c ay ó al su el o; mi padre mu y n erv i oso se q u edó at n i to; el señor le di jo: “No se preoc u pe señor, n o v en g o a rob ar, v en g o a c az ar y a pesc ar”.

Un h erman o de mi madre q u e n ac i ó en 1903 t en ía dí ez años c u an do mi ab u el a lo en v i ó a l a A rg en tin a; mi padre n o lo f u e a b u sc ar al pu ert o; mab a F loren tin o C añón . Un o días separaron a F loren tin o de mi padre y a q u e se ret rasó, el n i ño y a t rau mat iz ado por el v i aj e al h all arse sol o en el pu ert o ll orab a si n c on su el o. En c on t r ó c ob i jo c on un a fami lia ast u rian a, q u e c ordada si empre por mi padre c on mu c h o c ari ño y amor. L a an g u st i a de esa c ri at u ra se reflejó si empre en su mi rada y n o c amb i ó a lo l arg o de su v i da.



In teri or de l a tien da “L os C añón es”.

A lo l arg o de su est adía t rajeron medi an tel a c on oc ida “c art a de T lamada”, a pari en tes y g en te del pu eb lo, en señán dol es su man era de ser e in C u l c án d el orden y l a h on est idad en el t rab ajo. En 1916 mi padre reg resó a su P eñ a t i e r r a a en t errar a su padre; un año despu és v ol v i ó a l a A rg en tin a para c on t in u a b aj an do.

El sáb ado 15 de di c i emb re del año 2007, ac ompañada de un o de mi s h i jos, f u i a c on oc er el pu eb lo don de h ab ían est ado mi padre y mi t ío du ran te q u e años. Nos rec i b i ó un a señora l lamada V irg in i a I b áñez de oc h en t ay t res años edad, más b i en c on oc ida por el apodo “L a T ot a”. El l a n os c on t ó q u e t rab aj ó el n eg oc io “El C añón ”, f u n dado por mi padre en 1911. F u e empl eada por A m b ro si o C añón , su c esor de mi padre c omo du ño de l a tien da. El l a n os ac l aró q u e n o c on oc i ó a mi padre ni a mi t ío, pero n os h ab l ó sob re c i ert as c ost u mb

u e t o d o t a n s o l o e r a h i s t o r i a . . . h a s t a q u e a m í m e t o c ó



P en séq u e t o d o t a n s o l o e r a h i s t o r i a... h a s t a q u e a m í m e t o c ó

de la t i e n d a y d e l a é p o c a q u e f u e r o n h e r e d a d a s d e l o s f u n d a d o r e s: e l h o r a d e e n t r a d a e s t a b a p a u t a d o a l a s o c h o d e l a m a ñ a n a, p a r a n d o p a r a a l m o r z a r a l a s d o c e t r e i n t a y r e a n u d a n d o l a f a e n a a l a s c a t o r c e. F i n a l i z a b a n l a j o r n a a l a s v e i n t e h o r a s. L o s d o m i n g o s n o s e t r a b a j a b a, a e s t o s e l e d e n o m i n a b a m a i n g l e s a, b a j o l a p r e s i d e n c i a d e P e r o n y i n a l l u e n c i a d e t o d o s a q u e l l o s i n m i g r a n t e s q u e f u e r o n l l e g a n d o d e s d e E u r o p a c o n i d e a s s o c i a l e s. E s t o a l c o m i e n z o n o s u c e d í a, y a q u e s e t r a b a j a b a t o d o s l o s d í a s, s i n r e p a r o f u e q u e m i p a d r e y m i t í o e n t a n s o l o q u i n c e a ñ o s c a p i t a l i z a r o n u n o q u e e l e p e r m i t i e r o n v i v i r t o d o e l r e s t o d e s u v i d a s i n t r a b a j a r.

E l a l m a c é n C a ñ ó n H e r m a n o s, “E l B a r a t i l l o d e l C a ñ ó n”, u n n e g o c i o c o u p a b a t r e s s o l a r e s o l o t e s, e s t a b a s i t u a d o a u n c o s t a d o d e l a i g l e s i a y f r e n t e a l a p l a z a p r i n c i p a l. S e v e n d í a n m u e b l e s, t e l a s, z a p a t o s, c o m e s t i b l e s v e n d í a n v i n o a g r a n e l, a l m a c e n a d o e n g r a n d e s b o r d a l e s a s o b a r r i c a s. L a d u c t o s c o m e s t i b l e s s e e n v o l v í a n e n p a p e l, c o m o s i f u e s e n m e d i a l u n a s g o r o c r o i s s a n t s. T a m b i é n s e v e n d í a n p r o d u c t o s d e c o r r a l ó n, e n e l o t r o c o r r a l d e l l o c a l e n t r a n d o p o r d o s p u e r t a s d e h i e r r o q u e a ú n p e r d u r a n. E l ú l t i m o l o c a l s e a l q u i l a b a a u n a p a n a d e r í a, l a c u a l s e m a n t i e n e o r i g i n a l, c o n s u s p e r t a s l a d r i l l o s a l a v i s t a y g r a n d e s p u e r t a s d e m a d e r a.

L a T o t a n o s c o m e n t ó q u e a l a s o c h o d e l a m a ñ a n a s y l a e s t a b a n l o s l o s c a b a l l o s y l o s c a r r o m a t o s a l a p u e r t a d e l a t i e n d a, e s p e r a n d o s e r a t e n d i d o s. U n o s p o c o s p a g a b a n a l c o n t a d o, e n e f e c t i v o, p e r o l a m a y o r í a t e n í a n u n a b r e t a” e n d o n d e s e t o m a b a n o t a d e l o q u e c o m p r a b a n y l o s i m p o r t e s, e s t o t a m b i é n q u e d a b a r e g i s t r a d o e n u n l i b r o q u e c o n t a b i l i z a b a n l o s p r o p i e t a r i o s d e l a t i e n d a. T o d o s l o s d í a s a l t e r m i n a r l a j o r n a d a l a b o r a l s e p a s a b a a l i m p i o t o d a l a s f a c t u r a s e m i t i d a s e n e l d í a. L a g e n t e q u e t r a b a j a b a e n e l c a m p o p a g a v e z a l a ñ o, c u a n d o s e v e n d í a n l a s c o s e c h a s, y a q u e e s u n a z o n a a g r o p e c a. D e e s t a m a n e r a e l c o m e r c i a n t e c o n f i a b a e n s u c l i e n t e, f i a n d o l e d u r a n t e u n a ñ o... “E n e s e m o m e n t o l a p a l a b r a v a l í a”, s e n t e n c i ó T o t a.

O t r a p a r t i c u l a r i d a d d e l a t i e n d a e s q u e s e v e n d í a b a r a t o y a d e m á s a l a s e r e t i r a b a s i n l a “y, a p a í” p e q u e ñ a q u e f u e r a t o d o s l a r e c i b í a n c o m o u n r e g a l o a l c o m p r a r a l g o. P o d í a s e r d e s d e u n a g a l l e t a o u n a c o p a d e v i n o h a b i e n d o u n a h e r r a m i e n t a, d e p e n d i e n d o d e l c l i e n t e. H a b í a u n a p i e z a d e t e l a p a r a l d o m e s t i c o, e s t a e r a m á s e c o n ó m i c a y s e c o m p r a b a e n t o d o s l o s h o g a r e s, s i e n t a s u f i n a l i d a d l a c o n f e c c i ó n d e r o p a i n t e r i o r.

U n o d e l o s s o c i o s d e l a s e g u n d a g e n e r a c i ó n d e d u e ñ o s, l l a m a d o A m a d o C a ñ ó n, p r i m o d e m i p a d r e s e c o n v i r t i ó e n u n g r a n “m o d i s t o”; é l a p r e n d i ó c o n f e c c i o n a r u n a p i e z a d e r o p a q u e s e s u s a b a m u c h o e n l a z o n a p o r l o

<sup>6</sup> P r o p i n a o r e g a l o. (N.E.)

jadores del campo: la famosa “bambacha de campo” a la que se sigue usando hoy en día.

En 1925 volvieron los dos hermanos a España, con un pequeño negocio emprendido en vida conjunta. Hicieron hasta el fin de sus días.

Se casó Manuel porque era el más joven de los dos: 51 años registraba su documento con una mujer hermosa y segura que tenía 33 años menos y era una prima... Claro, ella fue la Tuvieron cuatro hijos, y el más pequeño nació el 10 de septiembre de 1940, “el año del hambre” en la ciudad de León. Muyc hiquit mi madre había perdido una bebé al término de la guerra. Mi hermano lleve una veinteaños y mi hermano 6

Su vida fue tranquila y nosotros no le dimos mucho trabajo; tenían grandes preocupaciones en el día a día, pero si eran como acaban un banco y así pudieron venderla. No vivimos a lo grande, pero

tu día en Buenos Aires, pasan los inviernos en la ciudad de León y los veranos en Cubillas de Arbas.

siempre fui muy miedoso por mi padre, cuando murió y estaba preparada para ese desenlace, pues ya contaba con 23 años. Lo peor fue en 1950 cuando volvió a Argentina con mi hermano, que tenía solo 15 años, con me liquidar una propiedad que había dejado sin vender. Lo eché mucho de menos y caí enferma, no pude aguantar estar tanto tiempo sin él, tal es así que en cuando el tiempo que estuvo fuera. A mi hermano no le volví a verlo hasta que fue a la actual Arribá a la Argentina.



que todo tan solo era historia... hasta que me tocó

7 Pantalón bambachero. (N.E.)

M i h erman o, J ac i n t o C añ ó n C añ ó n , en c on t r ó en A mé r i c a u n a en Esp a ñ a n o t en í a. C on l as v u el t as de l a v i da se rep i t e l a h i s t o r i a y d o s de h i j o s e s t á n v i v i e n d o en B a r c e l o n a.

C u a n d o n a c í m i p a d r e t e n í a 63 a ñ o s; f u i s i e m p r e u n a m a l c r i a d a a u n m u c h o n o s e n o t a b a, i n v e n t a b a a r t i m a ñ a s y p r e t e x t o s, s a b i e n d o q u e r e A p a r e n t a b a s e r u n p o c o a t r a s a d a, a s í n o m e o b l i g a b a n a e s t u d i a r, a l g u n m e q u e j a b a d e d o l o r d e c a b e z a, h a c i é n d o m e l a n e n i t a ( n o m e c o s t a b a t r a M i m a d r e m e p r o t e g í a p o r t e m o r a l a s e n f e r m e d a d e s y m i p a d r e d e c í a: “ ¡ N o l e h a g a n d a ñ o a l a n i ñ a ! ”

M i t í o, h e r m a n o y c o m p a ñ e r o d e m i p a d r e, J a c i n t o C a ñ ó n D i e z , q u e l l e v a b a 10 a ñ o s d e e d a d, n o t e n í a p a c i e n c i a, c e r r a b a l a p u e r t a d e s u h a b i t a c o n l l a v e p a r a p r o t e g e r s e d e m í. A c o s t a d a e n e l s u e l o d e l p a s i l l o, p a t e a b a p u e r t a h a s t a c a n s a r m e, é l n o a b r í a. E r a e l m a e s t r o d e l a f a m i l i a, p e r o n o p a r a m í. S u a c t i v i d a d e r a l l e v a r l a e c o n o m í a d e n u e s t r o h o g a r.

M i p a d r e e r a u n s e r d u l c e, t i e r n o y c a r i ñ o s o. B u e n o p o r d e n t r o y f u e c o m p l e x i ó n a l t a y d e l g a d a. L e q u e d a b a b i e n t o d a l a r o p a q u e v e s t í a. C u n a m u j e r c o n o c i d a s e c a s a b a p o r p o d e r, c o m o e r a c o s t u m b r e p o r e s o s a ñ o s, é l h a c í a l a s v e c e s d e n o v i o. T e n í a t a l d o n a i r e y g r a n d e z a e n t o d o s s u s m i e n t o s y a l m i s m o t i e m p o t a n h u m i l d e. N u n c a v i u n n o v i o t a n h e l o a m a b a. M i s h e r m a n o s a n d a b a n a s u s a i r e s. A b r a z a b a a m i p a d r e p o r d e t e c u a n d o e s t a b a s e n t a d o, n o p o d í a d e f e n d e r s e, n o h a c í e n d o t a m p o c o n i n g r a v i m i e n t o p a r a e l l o; s ó l o d e c í a: “ d é j a m e t r a n q u i l o ”; l o a p r e t a b a m á s f u e s o n r e í a, e n t o n c e s l o b e s a b a h a s t a c a n s a r m e. N u n c a n o s p e g ó, c u a n d o t e p e g a r a m i h e r m a n o p o r c u l p a d e l a s q u e j a s d e l a s m u j e r e s d e m i h o g a r, e s p e r a b a u n m o m e n t o, e n l u e e l n i ñ o e s t a b a o c u l t o, l e a r r o j a b a u n a z a p a t i l l o. T a l e x o m p í a u n v i d r i o, p e r o a s u h i j o n o l e p e g a b a. D e c í a: “ ¡ Q u é p e n a q u e n o l e d i ! ”.

N u n c a p u d e o l v i d a r a m i p a d r e, n i l a i n f a n c i a t a n f e l i z q u e m e d i v e r a n o s q u e p a s á b a m o s j u n t o s e n e l p u e b l o. A ú n r e c u e r d o e s a s v i v e n c i a s v i d a b l e s m e t i d a s a d e n t r o d e m í: E n s a b o r e s, c o l o r e s, s o n i d o s, a r o m a s, r e f l e j o s, l l u v i a s, v i e n t o, f r í o, c u e n t o s, h i s t o r i a s, a ú n m e p r o v o c a n l o s s e n t i d o s. S a l i e n d o d e m i s u b c o n s c i e n t e y q u e d a n d o g r a b a d o s p a r a e l m u n d o, s i e n t o m u j e r m a d u r a.

E n C u b i l l a s d e A r b a s é r a m o s c u a t r o: m i p a d r e, s u b u r r o, m i c o r d e r o y i n s e p a r a b l e s. M i i n f a n c i a m e d i o l a f u e r z a n e c e s a r í a p a r a c r i a r y l u c h a r a h i j o s, y a q u e m i m a r i d o l o ú n i c o q u e h a c í a e r a t r a b a j a r. E n e l p u e b l o s a l c a m p o t e m p r a n o p o r l a s m a ñ a n a s, a s p i r a n d o e l a i r e t i b i o o b s e r v á b a m o s e l c i e l o c o n s u s n u b e s, l o s v e r d e s c a m p o s y **Éašmoh t aña**. c o n l a s p e r s o n a s y y o e s c u c h a b a y a r a t o s s e a c o s t a b a j u n t o a m í s i n d e c i r n a c

saltamon tes, esc arab ajos y v aq u itas de <sup>8</sup> Santos Arneiro y o, a est as  
últimas, les c antaba un a c an c ión dej án dol as c orrer por mi s b raz os y de  
h asta q u e c an sadas lev an ta <sup>9</sup> El sabi á la h. ora ex ac ta para c omer, c on  
sol o mi rar el sol. P on íala al b arda al b u rro, su l a x b asi p d r a l . C ol o-  
c ab a al c ordero a un c ostado, a mí en el ot ro y él mon tab a al medi o di c i en d o  
“¡A rrean do q u e es g eru n di o!”, así el b u rro empez ab a c ami n ar a su ai re, s  
maltrat os. A dorab a a su du ño. L a may or t r i s t e z a q u e t u v e den tro de mí c on  
adu lta f u e q u e mi s h i j os n o pu di eran di s f r u t a r de ese l u g a r en el c u al  
tan feliz .

En ese amb ien telib rado a su su erte, se apren de más pron to la esen c i a de  
l a v i d a, pu es al trab ajado mu c h o, las así g n a t u r a s i l u s o r i a s q u e dan pen di  
Son tan t a s c o s a s en l a v i d a, q u e u n o se propon eh ac er, si en do ést a c ort a mu  
se q u e da post erg ado. Eso le esc u c h ab a dec ir: “L a v e j e z a todos n os i g u a  
lleg a un momen to en q u e todo se c ae, se ac h i c a y se apag a y n o podem  
v ol ver sob ren u estros pasos, l e y q u e n a t e n e m o s q u e c u m p l i r y q u e s u p e r a  
l a v o l u n t a d de un o”. M i n i ñ e z f u e h e r m o s a y f e l i z , sol amen t e l a en t  
c ol eg i o de mon jas q u e me man daron si en do mu y peq u eña. Eran prepot en t e  
e h i p ó c r i t a s; al repri mi r su s c u erpos, repri mían n u estros sen tidos, marg in an  
y su b estiman do n u est r a s c o n d i c i o n e s, ac ompl ejan do h ast a las c u al idade  
ex t r e m a s . F o r j a n d o u n a p e r s o n a l i d a d d i s t i n t a a l a q u e e n r e a l i d a d t i e n e q  
ser. C on tan tos años de f r a n q u i s m o y p o b r e z a, l a c i e n c i a a n d u v o a t i e n t  
edu c a c i ó n n o t u v o l o s f r u t o s a d e c u a d o s, q u e y o podí a h a b e r l o g r a d o .

M i h i j o, el más g ran de, ten ía un peq u eño prob lema en el aparato mot ri  
est ab a at en di do por un n e u r ó l o g o . A u n q u e era mu y i n t e l i g e n t e, en  
n o a n d a b a mu y b i e n . D i c h o p r o f e s i o n a l m a n d ó a u n a p s i c o p e d a g o g a p a r a  
c e r l e u n t e s t . Si en do un a g ran p r o f e s i o n a l , l o a t e n d í a d o s v e c e s p o r s e m a n  
du ran t e t o d a l a p r i m a r i a . E n e s t o s m o m e n t o s e s v e t e r i n a r i o . T e n í a d i s l e x i a , e r  
l a l e c t u r a y e n l a e s c r i t u r a . E s t a s e ñ o r a y a n o v i v e , p e r o c u a n d o e l g r a n i  
t i g a d o r P i a g e t d a b a e n s u c a s a d e S u i z a c o n f e r e n c i a s , e l l a e r a u n a i n v  
e s a s r e u n i o n e s s o l a m e n t e a s i s t í a n u n a s d i e z p e r s o n a s d e t o d o e l m u n d o . M a r í  
R o s a M o r a l e s q u e a s í s e l l a m a b a m e d i j o u n d í a : “ P a r a q u e u n c h i c o s a l  
f l o t e , t a m b i é n t e n g o q u e a t e n d e r a s u m a d r e ” . E n e p o r s e a n u a n a  
i n d a g ó e n m í , d á n d o s e c u e n t a q u e y o p o d í a e s c r i b i r p o e s í a y t a m b i é n n a r r a  
y m e m a n d ó a u n t a l l e r l i t e r a r i o . E s t u v e d o s a ñ o s , a p r e n d í a e n t e n d e r y a p e n  
s a r l o s l i b r o s . E n e s t o s m o m e n t o s e s c r i b o c u e n t o s m u y d i v e r t i d o s . N u n c a  
p a s ó p o r m í i m a g i n a c i ó n q u e y o p u d i e r a l l e g a r a s e r e s c r i t o r a . ¿ C ó m o e s q u  
e n e l c o l e g i o , e n e l q u e e s t u d i é n o s e d i e r o n c u e n t a d e m i s c u a l i d a d e s ?

<sup>8</sup> In sec t o c ol e ó p t e r o t a m b i é n c o n o c i d o c o m o “mari q u i t a”. (N.E.)

<sup>9</sup> A n d a s p a r a t r a n s p o r t a r a l g u i e n . (N.E.)

colegio muy caro, y osabía que en ía un sex to sentido: era mi imaginación capital de sobrevivencia. En mi arc ó hitos decisivos en la visión de mi niñez en la c u al ay u dó mu c h o mi padre.

En España trab ajé en la Compañía Telefónica en León. Tan to la jefa y mis compañeras me apreciaban mucho, si pedía un cambio de día en mi trabajo y no andaba en el día, y otambién estaba al servicio de todas. Un día tuve que me llamo mi jefa y me dijo: “vay a la calle La Torre al número y ponte este sobre en la urna y después v u el v a”. Así, le hic e caso, primero porque en ten día nada de nada, ni nada me hab ía explicado que era votar. Seg u n me interesaba tampoco, en estos momentos me paso averiguando todo lo que se pone a mi alcance, pero en ton ces y al o ten ía así mi lado, lo que hab ía de mí las monjas: “Qu en o era muy lucidami nteligencia”, ¿para que es molest ar? Tercero le ten ía mucho aconfianza a mi jefa, erab u en a persona correcta. Nunca iba a engañar a ninguna de nosotras, como y otampoco la. Hubo un tiempo que estuve varios meses sin trabajar a consecuencia de una depresión por la muerte de su madre y un aherman a, casi al mismo tiempo era soltera. La enc ontré cerca de la catedral, en muy mal estado, lo que el me salió del corazón: “La enc esitamos mucho, su sustituta nos lo mismo, usted, la enc hamos mucho de menos”. Como se lo diría que al día siguiente las dos de la tarde en tré para hacer mi turno de trabajo y ella ya estaba en el puesto. La miraba que me dirigía a la puerta de la vida en mi vida. Un psicólogo no lo hubiera hecho tan bien como yo.

En Argentina hic e mi trabajo distinto. Todos ellos ay udando a mi hijo (es decir no ten ía sueldo), pero podía atender a mi hijo sin problemas adaptándome a sus horarios y cuando fueron grandes: si en d o i nteligencia os lo único que enc esitaba era dinero para desarrollarse y formarse en educación. Me puse a trabajar de enfermera en una agencia, me mandaban a día a lugares distintos, los fines de semana estuve doce años en la misma casa atendiendo a los padres de un gran arquitecto mundialmente conocido. Mu rió el señor y la esposa en el 2000 con cien años.

Habíen doterminado mi hijo y a las arrugas univ ersitarias, me tomé vacaciones. Fueron muy cortas. Al poco tiempo se enfermó mi marido; un enfermedad que fue en aumento, y el día de Navidad del 2003 se lo llev ó “Jesús”. A pesar de mi educación c ótica siempre supe ganarme la vida en España y América, aunque en un c a me sentí bien en mi condición de “ignora nte”.

Ez que el R odríguez y mi tío Florentino Cañón, hermano de mi padre, fueron los que se quedaron con el negocio de Frenche en 1925 (con un breve c onocimiento del pueblo de M .G onnet). Luego se les unió un hermano suyo, y se formó la firma Morán Rodríguez y ten iendo varios negocios por la provincia de Buenos Aires.

El hijo de Ezquiel, Héctor Rodríguez, en 1967 fue a España de visita con otros parientes del pueblo. Al llegar simultáneamente se sorprendió al ver a su tía Beatriz Rodríguez, a quien le dijo que se casó con ella. Después de un largo charla le dijo que se casó con ella. Después de un largo charla le dijo que se casó con ella. Después de un largo charla le dijo que se casó con ella.

A sí fue como madre en León se enteró de la existencia de esta persona. Un día mi madre no tenía mucho que hacer, porque cuando ella estaba en su casa el hijo de Ezquiel, recordamos que ella se casó con ella. Después de un largo charla le dijo que se casó con ella. Después de un largo charla le dijo que se casó con ella.

Si no saberes cómo, ni por qué, me enamoré como una estúpida, dejé mi trabajo que tenía un buen sueldo, ganaba más que mi hermano que se fue al pasado un curso de siglo estudiantado para ser maestra. Creo que el amor es el sentimiento más fuerte del ser humano. Dejé mi casa, un piso que estaba comprado con mi madre y a mi hermana soltera y sin miras de casarse. A donde iba a mi tierra cuando estaba saliendo de su tumba para resurgir de sus cenizas.

Ese verano vinieron mis futuros suegros para conocer toda Europa. El día que se casó con mi madre, en la iglesia de la Virgen del Camín de León con sus suegros y todo, con ese argentin que tenía los ojos más grandes y nada del mundo. Despedimos a los últimos de noviembre a sus padres en el puerto de Barcelona, nos dedicamos a disfrutar por el norte de España y a recorrer España dos veces y toda Europa. Vino a un congreso de peluqueros en París por un mes y y aliviar así dos años viajando. Su estancia en Barcelona, en donde trabajaba y tenía amigos. Desde España iba a ir a Estados Unidos, teniendo el proyecto de ir a Nueva York, en el 'Oreal como peluquera de damas.

Después de pasar las navidades con mi madre y hermana; el primer martes de febrero de 1969 nos embarcamos en Gijón, era un barco argentino español en esa época tenía la obligación de llevar a los pasajeros y a que el barco era muy grande; metieron todos mis baúles y bártulos en la bodega que edán donos con lo más indispensable.

Estos barcos de destino insospechados, llegaban a los puertos argentinos y descargando su mercadería, nosotros podíamos recoger todos esos lugares.

P en sé q u e todo tan solo era h i stori a... h asta q u e a mí me toc ó

res ten ien do h ot el g rat i s. Desde G ij ó n fu i mos a L a C oru ñ a. Despu é s ru a L i sb oa; Est ori l pl ay a mu y f amosa q u e pu di mos di sf ru tar. C ru z amo el oc é a n o A tl á n t i c o, y u n a ma ñ a a de sol c ari b e ñ o del q u i n c e de f e b r e r o de 1969 lleg amos a P u ert o R i c o, ju st o en l os c ari b e ñ o s. i st o n u n c a esas ex h i b i c i o n e s por l a s c a l l e s, c o n e s e e s p l e n d o r de g r a n d e z a, su s t r a p c o l o r e s v i v o s dan z a n d o al c o m p á s de l a m ú s i c a, pare c i e r a q u e e s t a b a v i v e n t i e m p o s de l a c o r t e de K u r t N i s o d a e s a p r o c e s i ó n t e r m i n ó e n e l c a p i t o l i o de l a c i u d a d de S a n J u a n e n d o n d e s e h a c í a u n o r g a n i z a c i ó n a d e s o c i o m o u n s u e ñ o, n u n c a p e n s é q u e e n e s a é p o c a l a s p e r s o n a s p u d i e r a n d i v e r a s í. R e c o r r i m o s c a s i t o d a l a i s l a c o n u n o s c o m p a ñ e r o s de v i a j e.

L o q u e m á s m e l l a m ó l a a t e n c i ó n e s l a l u z s o l a r e n p l e n o f e b r e r o a c a r e n c i a de l f r í o q u e h a c í a e n L e ó n . L l e v a b a u n v e s t i d o de v e r a n o y u n i n f r í o n i c a l o r. H a b i t a b a n a h í m u c h o s n e g r o s y m u l a t o s c o n c u e r p a m u j e r e s y h o m b r e s c o n s u s s e n s u a l e s m o v i m i e n t o s de c a d e r a s s e b a m b o b a n e n t o d a s l a s d i r e c c i o n e s s i n n i n g ú n r e c a t o, e s c o m o s i t o d a l a n a t u r a y e l l o s, f u e r a n p a r t e de l a m i s m a d u l z u r a. E n m e d i o de e s t e v i a j e n o t é l m i e n z o de m i p r i m e r e m b a r a z o, d a n d o a l u z e l 14 de a g o s t o de 1969 a m i p r i m e r h i j o, J a v i e r.

A l e n t r a r e n e l G o l f o de M é x i c o y o i b a e n l a p r o a de l b a r c o, e n d e l m a r s e v e í a n l o s p e c e s y u n a t o r t u g a g i g a n t e n o s e s c o l t ó h a s t a l l e p u e r t o. E s t u v i m o s c a s i u n a s e m a n a e n V e r a c r u z . ¡ Q u é l i n d o e s M é x i c o a l e g r e l o s m e x i c a n o s ! A u n o s c o m p a ñ e r o s de v i a j e q u e s e b a j a r o n e n V e r a c r u z l o s r e c i b i e r o n s u s c o m p a d r e s, j u n t o a e l l o s n o s l l e v a r o n a r e c o r r e r l a c i u d a d n o s h i c i e r o n p r o b a r t e q u i l a, u n a b e b i d a al c o h ó l i c a. M i m a r i d o s e p u d i e r a a l e g r e, l o p a s a m o s m u y b i e n . E l s o l c a r i b e ñ o s e g u í a c a l e n t a n d o m i s e s p e r a s i e m p r e p a s ó m u c h o f r i ó m i c o l u m n a.

L a p r i m e r a c i u d a d de E s t a d o s U n i d o s q u e p a r a m o s f u e S a b a n n a h , l a t e r p e r a t u r a e r a i d e a l , n o n e c e s i t á b a m o s a b r i g o; t o d a s e r a n c a s a s b l a n c a s c o m o j a d o s c o l o r a d o s. N o v i m o s n i n g ú n e d i f i c i o a l t o. ¡ C ó m o m e h u b i e r a g u a q u e e d a r m e a v i v i r e n e s e l u g a r ! L a s e g u n d a c i u d a d f u e W a s h i n g t o n D C, c o s a, e r a u n a c i u d a d, c i u d a d. T e n í a s u c e n t r o c o m e r c i a l, e d i f i c i o s a l t o s, c i n e s y m u c h a s c o s a s m á s. M e g u s t ó m u c h o. Despu é s de v e i n t e d í a s p o r f i n l l e g a m o s a N e w Y o r k, y a s í f i n a l i z ó e l v i a j e e l 28 de f e b r e r o de 1969. E n e s t a c i u d a d l a s c a m e r a s e n o m b r a d a s p o r p e r s o n a s i l u s t r e s y p r o c e s o e s c o m o e n t o d a s p a r t e s de l m u n d o, e s t á n n u m e r a d a s. H a b í a n i e n t o d a v í a y a l o s p o c o s d í a s d e s a p a r e c i ó c o m o p o r o r d e n de m a g i a. L o s b a ù l e s y v a l i j a s q u e n o n e c e s i t á b a m o s q u e d a r o n e n u n g a l p ó n e n e l p u e r t o, e n u n a j a u l a de a l u m i n i o, q u e n i s i q u i e r a t e n í a m o s l a s l l a v e s de l c a r a v a n.

<sup>10</sup> P e r s o n a e m i n e n t e de r e c o n o c i d o r e n o m b r e. (N.E.)



me faltó nada de nada. Parábamos en un hotel céntrico en Nueva York y buen o, pero encontrábamos cómodos. Los dueños eran vascos, (se llamaba pal eta al c est o, en vasco “J ai A”. Salíamos a las nueve de la mañana y nos recogíamos a las diecinueve horas, recorrimos el distrito de Manhattan. De esta forma se nos pasó el mes de marzo, un día fuimos al Museo de Arte Moderno y nos dijeron que fue construido por un argentino, (pensar que en los años murieron en brazos sus padres). ¡Qué vida!

Un día fuimos a visitar la casa de L’Oreal y mi marido acordó que cuando naciera su primer hijo en la Argentina, él iría a trabajar con ellos y a estar a embrazada de tres meses.

Un año he tomado leche y acon tinuación jugo de naranja. Le di un compuesto ratan grande que tuvimos que acudir al hospital cuando al día de las nueve de la noche; caminábamos de prisa, pues en esta ciudad a esa hora y a nadie camina por la calle. En unaintersección vimos a un negro muy vestido que rompía la vidriera de un negocio con un hierro que tenía en el talón de su bota, los vidrios saltaron y sonaron a varias cuadras al lado. Llegamos al hospital y allí fue muy bien atendido. Cabe aclarar que fue gratis el servicio. Cuando volvimos a pasar por el lugar del accidente, la policía ya estaba trabajando en el asunto. Mi marido, quien había recorrido Europa sin sentir ningún inseguridad, comenzó a sentir un miedo irracional. Creó que se debió a mi embarazo, dicho de paso, nunca estuvo tan bien salud en toda mi vida.

En las cartas que nos mandaba la familia de Héctor, mi marido, nos pedían que evolucionáramos lo antes posible, y así lo hicimos. A primeros de abril salimos unos pasajes en un barco que eran oru egoy viajamos con todos nosotros. El viaje fue muy agradable con todas las cosas que en Nueva York. Solo éramos ocho pasajeros, teníamos una habitación con muchas sillas y un baño privado, parecía un salón de baile. Comíamos en la mesa del capitán con su mujer e hijos. Parte de los pasajeros se fueron bajando en distintos puertos solo que edamos cuatro para arriba a Buenos Aires. Volvimos a pasar por Hingham, donde estuvimos varios días y luego por Savannah, que es la ciudad más cerca de la primavera, era ideal. Donde verdaderamente disfrutamos fue en Miami, con sus playas, el acuario y todas las demás bellezas que ciudad tiene. Luego le tocó el turno a Río de Janeiro. Allí mi marido tenía un amigo que nos llevó a comer a Copacabana. Fue un año hermoso. Hemos de la bahía de Río un día a las doce de la noche, con muy mal tiempo

<sup>11</sup> Deporte de origen vasco, también conocido como “cesta-punta”, que se juega a frontón y que tiene un origen difuso en España, Argentina y México y en España (N.E.)

c apitán un poco en c urda (b orrac h o), los trompic ones q ue ese b arc o di t remen dos, pero se a q ue el c apitán sab ía b ien lo q ue h ac ía, era un maes F in almen telleg amos a altamar. En el Uru g u ay estu v imos v ari as h oras s i t ierra, sin prev io av is o lleg amos a la A rg en tina el ú l t i m o d í a de ab r i l . . . f i e s t a a q u í el p r i m e r o de m a y o , n o p u d i m o s s a c a r n a d a del b a r c o h a s t a el t e r c e r o d í a de h a b e r l l e g a d o .

Seg ún los c ál c u l o s de mi m a r i d o i b a n a e s t a r m u c h a s p e r s o n a s e s p e r a n d o n o s e n el p u e r t o , p e r o e l l l e g a r n a d i e n o s e s p e r a b a . S a c a m o s l o m á s i n d i s p e n s a b l e y n o s f u i m o s e n u n t a x i a l a c a s a de m i s u e g r a .

No v i n e a q u e d a r m e e n e s t e p a í s , e n m i c a b e z a r o n d a b a l a i d e a de v i v i r i n l o s E E . U U . , p e r o l a f a m i l i a de H é c t o r n o s a t ó de p i e s y m a n o s , s o b r e t o d o s u m a d r e , q u i é n l o a m a b a m u c h o y l o ú n i c o q u e s a l í a de s u s l a b i o s e r a : “ ¡ H a c o m p r a r d e p a r t a m e n t d l ” o r e p e t í a v a r i a s v e c e s p o r d í a .

Est a b a i v i e r d o m u n f a m i l i a d e s c o n o c i d a n p o l í t i c e a t r a ñ a q u e e n E s p a ñ a n o s e h a b í a b e n a d a F r a n c o e s e g u í n e l p o d e r . A q u e n l o s n o t i c i o s e s t a b l a m u c h a s e c e d e m á s y l o s c a m b i o s g o b i e r n o s t a b a n a l a o r d e n del d í a . M i f a m i l i a p o l í t i c n a d e a b a i m p o r t a n c a i a s t o s t e m a s . E s c u c h a s a n o t i c i o s y p a r e c í a q u e m i r a b a n n a o v e l a f i c c i ó n c o m o s i e s c u c h a n o v e s o l o s e r í a n y c a d a u n o e s e g u í a c a m i n H . a b u í a n i a e v i t a b a l e o s t u m b r e p r o b l e m a s o c i a l e s t o r b e l l i p o b ú t i c o s g ú m i c r i t e r i o l a i n f l a c i d e n l a m o n e d a n a s e c o n p e r j u d i c a b o t a r a s a v o r e c M . m a r i d o c a m b i o c a r á c t e r o t a b l e m e n t e s e r u t u r i s d e s p r e o c u p a d o e c o n v i r t i ó e n u n s e r u l t r a s p o n s a b l e s o p e r j u d i c a ú e s t r a l a c i ó n a t r i m o n i a l .

P e n s é q u e t o d o t a n s o l o e r a h i s t o r i a . . . h a s t a q u e a m í m e t o c ó



P asaport e arg en t i n o de M a r í a L o u r d e s C a ñ ó n .

Soy h i j a de todas las mi g rac i on es y c on su s respec ti vas c arg as de tradi c i on es. En tre mi s papel es en c on tré u n a c art a para mi h erman a q u e n u n c a al c orreo, n o q u i ere dec ir q u e y o t en g a raz ó n , pero al l eer l a i n t erpret é u n c omo v e í a los prob l emas soc i al es de esa época, aq u í y en España:

“Bu en os A í res 2 4 de J u n i o de 1980 . Q u eri das mamá y h erman a,

El prob l ema q u e atañ e a L u i s n o es más q u e u n a desg rac i a, produ c to de las g u erras modern as, q u e al ig u al q u e las an tigu as mat an a n u est ros jóv en es. q u i er pot en c i a mu n di al t ien e i n t erés en q u e los pu eb los sean est úpi dos, para p h ac er de ellos lo q u e q u i eran , i n t rodu c ien do la drog a q u e an u l a n u est raj u . Si n o f u era así los pol í t i c os se pon drían de ac u erdo, ev it an do ese prob l ema, pero ellos mi smos y a t ien en su s i n t ereses c reados. Son prob l emas de g u erra modern a, si se c ompara c on los trau mas, los sín dromes, los l i s i ados, est úpi dos y m u ert os q u e n os dejaron las g u erras an t eri ores n os h aríamos men os drama por lo q u e h oy en día pasa. En época s an t eri ores los padres t en í an la ob l i g ac i ó n de man dar a su s h i j os a la g u erra, est ab a v al orado y di sc u l pado por la soc i edad. T odo en la n a t u ralez a c rec e poc o a poc o y n o b ru s c amen te. P or l ó g i c a n o se pu ede pa de la n iñez a la v e j e z s i n q u e c u en t en los años, en los h og ares pasa lo mi sm o se pu ede t en er h i j os g ran des s i n an t es h ab er si do c h i c os, en l a s n ac i on lo mi smo. España est u v o g ob ern ada por u n di c t ador, de ese est ado paso a l o t ro ex tremo, n o h u b o pu en t e, se ah og aron mu c hos en el paso, los q u e apren di er n adar t u v i eron t ab la de salv ac i ó n , sal ien do a flote. Ni las fam i l i as, n i los col y men os la i g l esi a adv irt i ó n ada a la j u v en t u d; se n ac ec on i n t el i g en c i c on sab er, a mi n ad i e me en señó a pen sar, por c on sec u en c i a n o sab í an ada de n ada h ast a q u e en u n m es p o r se can a, la ps i c o pedag og a de mi h i j o me demost ró para q u e h ab í a v en i do y o a est e mu n do y c omo pod í a g rat i fic ar me y o c on el ‘A: g ol pes se h ac en los h omb res’, au n q u e en el c ami n o las v i c t i mas se los más i n oc en t es. A q u í en est e momen to, los prob l emas son g rav es, el día en q sal g an a la l u z serán t erri b les. A paren t emen t e h ay tran q u i l i dad y por den t real i dad som bría. M i s h i j os est án en el c ol eg i o pri mari o don de pasan pel í c u l a c on di b u j i t os an i mados sob rel as en f ermedades sex u ales, c ómo se c on t ag i an y ef ec t os de las drog as, q u e y o n u n c a h ab í a esc u c h ado ni de la b oc a de mi ma n i del c ol eg i o, n i de la i g l esi a... ¡T odo era pec ado! Est o ú l t i mo c ast ró a mu c h as person as en España en v ari os aspect os de su v i da. ¿A c aso y o n o f u i u n t rau ma d la g u erra, de esa g u erra q u e au n n o se por q u é f u e? C on mi i n t e l i g en c i a est os momen tos la v al oro, “n o pu de pasar de la rev ál i da de c u art o”. H ab ría q u e preg u n t ar l e a la h erman a A dorac i ó n , q u e en est os momen tos deb e est ar adoran do al di ab lo, c on lo sob erb i a q u e era, rec h az an do c u al q u i er u so de l ac i en c i a i n v est i g ac i on es modern as”.

En est a c i u dad en la q u e v i v o, Bu en os A í res, c ompl et a, g ran de y c on si empre se pu ede en c on t rar lo q u e u n o b u s c a, t en ien do pac ien c i a. Ex i st e t au ran t es de todas part es del mu n do, don de se s i r v en su s respec ti vos men ú s. El ot ro día me en t eré q u e ex i st e u n c ol eg i o para i n f a n t e s, c i c l o

P en sé q u e t o d o t a n s o l o e r a h i s t o r i a . . . h a s t a q u e a m í m e t o c ó

pri mario, sec un dario y a l a m a y o r p a r t e a s a d u l t a s , t i e n e n q u e s e r m u y i n t e l i g e n t e s y h a b e r i n v e n t a d o a l g o . C u l t u r a l m e n t e e s t á a l a a l t u r a c i u d a d e s d e l p r i m e r m u n d o , d o n d e l o s g o b i e r n o s a y u d a n e c o n ó m i c a m e n t e . A q u í t o d o s e g e n e r a “ a p l u m ó n ” : i n c l u s o p e r s o n a s i n v e s t i g a d o r a s , g r a n l e n t o s , v i v e n t o d a s u v i d a c o n u n s u e l d o i n s u f i c i e n t e y s i g u e n p o r t r a b a j o . S e e d i t a n t a l c a n t i d a d d e l i b r o s q u e m u c h a s v e c e s n o s e p u e d e n . U n a a m i g a e s p a ñ o l a q u e e s t u v o e n m i c a s a e l a ñ o p a s a d o , m e d i j o : “ H a y m a n d o l i b r o s e n l a c a l l e C o r r i e n t e s , q u e e n B a r c e l o n a ” .

H a y a l g o q u e e l l a m ó m u c h o m i a t e n c i ó n , a l l l e g a r d e E s p a ñ a e n J u n t o a l a f a c u l t a d d e m e d i c i n a d o n d e a h o r a e x i s t e u n e s t a c i o n a m i e n t o m ó v i l e s , e s t a b a u n h o m b r e , s e n t a d o e n e l s u e l o a r r e g l a n d o c a c e r o l a s m i n i o , t a p a n d o l o s a g u j e r o s c o n e s t a ñ o . A s í s e g a n a b a l a v i d a . E n E s p a ñ a l a p r o f e s i ó n y a n o e x i s t í a . L o s c h i l e n o s e l v i e r n e s a ú l t i m a h o r a d e l a t a r d e s e n e n e n a v i ó n p a r a c o m p r a r l i b r o s , r o p a , r e c o r r e n l a c i u d a d y a s i s t e n a l c i n e m a t e a t r o . E l d o m i n g o p o r l a n o c h e v u e l v e n a s u j o u s a n d o t u e l a l g o e n i t e r c a p a z , q u e t i e n e f a c i l i d a d v o c a c i o n a l l o g r a l o q u e s e p r o p o n g a , n a c o n m u c h o t r a b a j o y s a c r i f i c i o .

E n e s t o s m o m e n t o s t e n g o e n m i c a s a u n a s e ñ o r a v i e t n a m i t a , r a d i c a d a e n S u i z a c o n u n a b u e n a j u b i l a c i ó n q u e l e p e r m i t e v i a j a r a d o n d e q u e u n s á b a d o a u n l u g a r q u e s e l l a m a T i e r r a S a n t a . E l l u g a r e s g r a n d e , c o n t r e s k i l ó m e t r o s c u a d r a d o s , e s t á r e c r e a d a l a p a s i ó n d e C r i s t o : s u n a c i m e n t o l a c r e a c i ó n d e l m u n d o , a n i m a l e s , s o l d a d o s , t o d o s e l l o s e n t a m a ñ o n a t u r a l p a r a q u e n o s e e n o j e n n i n g u n a d e l a t r e s r e l i g i o n e s p r i m a r i a s , h a y u n a u n a s i n a g o g a , y u n a m e z q u i t a : “ c r e o q u e t o d o e s t o e s c r e a t i v i d a d y d e l a c u m b r e d e l m o n t e c a l v a r i o , s a l e u n C r i s t o d e t r e s m e t r o s d e a l t u r a i m p r e s i o n a u n p o m o v a l e x a b e z a y b r a z o s . E l l a m e d i j o : “ E s t o e n S u i z a y E u r o p a , n o o c u r r e . S o l o e n e s t o s p a í s e s i n t e r e s a ” .

L a “ C i t y P o r t e ñ a ” , B u e n o s A i r e s , e s l a c i u d a d d e S u r a m e r i c a q u e e n p a r e c e a l a s c i u d a d e s e u r o p e a s , p o r s u a r q u i t e c t u r a , s u f u n c i o n a m i e n t o h a b i t a n t e s . S i t e m e t e s e n u n o d e s u s n e g o c i o s , e s d i f í c i l d e s h a c e r s e v e n d e d o r e s , t e s a c a n h a s t a e l ú l t i m o p e s o . M á s v a l e s e r d e p e r f i l b a j o y c u a n t o t e h a b l a n l a p a l a b r a m á g i c a p a r a p e r s u a d i r a l f e n i c i *Claro* e n d e d o r e s : “ *claro...* ” . L o s p o r t e ñ o s s o n l o s n a c i d o s e n B u e n o s A i r e s ; e l m o t e s e d e b e a l a c e r c a n í a d e l p u e r t o . S i e n d o u n a m e z c l a d e r a z a s , c o n u n a g r a n c a n t i d a d t r a d i c i o n e s , l e n g u a s , c r e e n c i a s , c o d i c i a s , o d i o s y a m o r e s , l o s p o r t e ñ o s r e s u l t a d o d e e s t a c o m b i n a c i ó n , l a m e z c l a d e g a l l e g o s , c a s t e l l a n o s , v a d a l u c e s , n a p o l i t a n o s , s i c i l i a n o s , j u d í o s , p o l a c o s y c h i n o s . L a d i v e r s i d a d d e l p o r t e ñ o u n a i d e n t i d a d ú n i c a y a l a v e z .

E s p a ñ a e s t u v o e n m i c o r a z ó n , y m u c h o l l o r é p o r m i L e ó n e n n o c h e e n g i l i a , p e r o e n e s t o s m o m e n t o s , a u n q u e e p a r e z c a m e n t i r a e i n v e r o s í m i l n o b i o a e s t a c i u d a d p o r n a d a d e l m u n d o , y a l a m i r o c o n o j o s n a t i v o s .

# Mi historia como inmigrante

Manuel de Celis

## HISTORIA DE UNO SINMIGRANTE SVENIDOS DE SALAMANDA DEL AÑO 1902

Mi historia, como tantas historias de inmigrantes, tiene en común la nostalgia de aquella patria que dejamos atrás, con la familia y los amigos que quedamos pero llenamos el corazón de dulces recuerdos y amargas dolencias.

Para mí, además, hay otra historia que me acompaña, y es la del Centro Salamanca. Desde que llegué he participado activamente y lo sigo haciendo después de más de 50 años. Por eso, relatar mi historia me obliga a hacer lo que me concierne en conjunto con la sede del Centro, pues lo vivo allí desde mucho tiempo y he disfrutado y he sobrellevado el desarraigo y las alegrías de la vida comunitaria con mis padres.

Mi padre, Manuel de Celis Martín, se despidió de su madre cuando tenía 12 años y se embarcó hacia la República Argentina, en principio a la ciudad de Rosario, con unos paisanos que estaban en estas tierras. Trabajó en



Mi padre con sus hermanos en Argentina en el año 1922.

buena parte del tiempo se fue a Buenos Aires. A los pocos años de una patriótica y tantas otras motivaciones, reunieron a un pequeño grupo de salmantinos entre los que se encontraban mi padre, en la Secretaría del periódico *Tribuna Española* situada en Perú 175, donde fundaron el Centro Salmantino el 30 de junio de 1922. El 20 de diciembre de 1925, y con sede Social en la calle Bernardo de Irigoyen 668, se realizó una Asamblea Ordinaria de la cual mi padre fue elegido vicepresidente de la Institución y más tarde, a fines de mayo de 1926, se hizo cargo de la Presidencia.

Y **M**anu el de **C**elis Ullán, nac íen ab ril de 1929, se g un do h ijo d e mi l i a de sei s h erman os. Si en do mu y peq u eño, en 1932, reg resamos a España.

El 24 de n ov iemb re de 1954, tras un prolon gado v iaj o el v apor **B ianç** arri b o a la **A**rg en tin a. **F**amili ares de mi padre aq u í, en est e q u eri d q u e se c on v i rti ó en mi seg un da pa tri a, me est ab an esperan do. **R**ec u er esa mi sma tarde me h i c ieron soc io del **C**en tro **S**alaman ta n o. **C**ompañía de todos mi s pai san os q u e mi s momen tos fu era de mi pa tri a, si n mi f amili a, se h i c ieron men os tristes.

**O**c u pé la **T**esorería de la **S**ub c omisi ón de **F**iestas, para empez ar a trab a por los sal man tin os q u e, como yo, est ábamos v iv ien do en otro pa ís lej o n u est ros rec u erdos y n u est ra pa tri a.

El 4 de ju n i o de 1955 se org an iz a un g ran festi val c on la ac tu ac i ón **C**armen Sevilla, **J**orge **M**istral, **M**ario **C**abré, **G**arc ía **G**uirao, **J**esús

**R**amón **Z**arzo, **E**lio **S**erao, **M**arita **C**on ti y **C**oro, del cen tro el g ran **K**iki



F otog raf ía de mi **P**ri mera **C**omuni ón .

El 2 de oct ub re de 1960 se in au g u ra la **S**ede **S**ocial, c on la asi st en c i a del Sr. **S**ub sec ret ari o del **M**in ist e ri o de **T**rab ajo y **S**eg u ri dad **S**ocial, **D**on **G**ali -  
**l**eo **P**uente, del profesor de la **U**niv e r -  
**s**idad de **S**alaman ca, **R**ev eren do **P**adre **M**anu el **F**rancisco **S**ánchez, **E**x c m o Sr. emb a jador de España **D**. **J**osé **M**.

**A**lfaro y **P**olanco y la ac triz y c an c i nista **L**olita **T**orres.

**N**uest rain stitución se dest aca en la **f**azdeportiv a: partic ipan do en el c ampeon ato **E**spañol de **C**en tros, v en ce en la fin al por 2 a l al **C**en tro **N**av arro en la c an c ha del **D**eportivo **L**iniers, adju -  
**d**ic ándose el trofeo. **C**umplido el log ro de la sede social, las di versas c omisi on es trab aaron en c on ju nto para log rar un lu g ar de esparc imi en to para sus h ijos y q u e si rv iera al mi smo tiempo de desc an so a sus may ores. En el año

1967 el Sr. **B**enito **V**icente, in forma a **C**omisi ón **D**irectiva la ex isten c i a de un

t erreno de 10 .0 0 0 m c h alet y tan q u e au stralian o. En au sen c i a de n presi den te **D**. **J**osé **S**ánchez **F**uentes, n u est ro **V**icepresi den te **D**. **J**osé de si en do y o el **S**ec ret ari o **G**eneral y **D**. **E**nri que **R**ebollo como tesorero, firm

el b ol et de compra. A l ret orn o de n u est ro presi den te se ac u erda la c ompra, c on la ay u da de los i n g resos de n u est ra sede soc i al y b on os de asoc i ados, s c on stru y el a p i l e t a de n at ac i ó n , c an c h as de b oc h as, paddl e y f ú t b ol 5. E de deport es rec i b e el n omb re de J osé de C el is, en su memori a.

T odo est o se h a c on seg u i do merc ed al t rab aj o perman en t e y desi n t eresado de los soc i os, para los q u e real men t e i mport a el v i a b l e c o n e r d o de su Sal aman c a n u n c a ol v i da da, man t en er su s c ost u mb res y t r a d i c i o n e s c t i e n d o t o d o e l l o c o n o t r o s C e n t r o s e s p a ñ o l e s q u e i n t e r v i e n e n e n l a s c l á s i c a m e r í a s y v e r b e n a s q u e s e c e l e b r a n r e g u l a r m e n t e c o n g r a n a f l u e n c i a d e p ú b l i c o s . A t o d o s e l l o s g r a c i a s , p o r q u e a p e s a r d e l a n o s t a l g i a , e l d o l o r d e l d e s a r r a i g o , l a n g u s t i a p o r a q u e l l o s q u e q u e d a r o n t a n l e j o s , s u p i e r o n s o b r e p o n e r s e y u n a s u s c o r a z o n e s l o s c o l o r e s c e l e s t e y b l a n c o , r o j o y a m a r i l l o , f o r m a n d o a q u e l h o g a r e s , e j e m p l o s d e a m o r y g r a t i t u d . S a l a m a n c a s e e d o s b i b l i o t e c a s s e m a n t i e n d o G a b r i e l a l a n u e s t r a c a m p o d e d e p o r t e s y G e r a r d o G o n z á l e z u e s t r a d e s o c i a l .

C omo Sec ret ari o G e n e r a l d e l C e n t r o S a l a m a n c a , e m p i e z a n u e s t r a c a m p a ñ a d e t e r m i n a r t o d o s a q u e l l o s t r a b a j o s m á s u r g e n t e s d e n u e s t r o c a m p o d e d e p o r t e s . S e e m p e z ó c o n l a p i l e t a d e n a t a c i ó n ; l o s s o c i o s n o s a y u d a r o n a c o n s e g u i r l o s f o n d o s n e c e s a r i o s p a r a q u e c o n u n p a g o a d e l a n t a d o s e e r r a d i c a r a l o s g a s t o s . S e h i c i e r o n d o s f r o n t o n e s d e p e l o t a , d o s c a n c h a s d e t e n i s , s e e m p e z a r o n a c o n s t r u i r t o d a s l a s m e s a s d e l c a m p o d e D e p o r t e s . P o d e m o s d e c i r q u e g r a c i a s a e s e e m p u j e d a d o p o r l o s s o c i o s p u d i m o s p o n e r e n m a r c h a n u e s t r o c a m p o d e p o r t i v o .

A s í c o n t o d o e l t r a b a j o y a i n i c i a d o p u d i m o s d e d i c a r n o s a o t r o s d e m á s d i f í c i l r e a l i z a c i ó n , c o m o f u e l a a m p l i a c i ó n d e n u e s t r o s a l ó n d e f i e s t a s c o n c a p a c i d a d p a r a 7 0 0 p e r s o n a s .

L l e g a m o s a l a ñ o 1 9 7 2 y t e n í a m o s q u e c e l e b r a r n u e s t r o s 5 0 a ñ o s d e v i d a . S e h a c e u n f e s t i v a l a c o r d e c o n t a l c e l e b r a c i ó n q u e n o s h a c e m u y f e l i t u a r o n M a r í a A l e x a n d r a , P a q u i t o L u c e n a , C o n j u n t o a r t í s t i c o B o d a C e n t r o S a l a m a n c a : d a n z a s c h a r r a s d i r i g i d a s p o r J u a n A l o n s o y J u l i a d e I n v i t a d o s d e H o n o r : E s t r u c t u r a s u l G e n e r a l d e E s p a ñ a D . C h o f é L i q u i n i a n o , E x S e n a d o r d e E s p a ñ a D . S e b a s t i á n d e S i e n t e n d e n t e d e l a C i u d a d d e B u e n o s A i r e s , C o n t a d o r S a t u r n i n o M o n t e r o R u i z , P r e s i d e n t e d e l F e d e r a c i ó n d e S o c i e d a d e s E s p a ñ o l a s , D o c t o r G a l i l e o P u e b l e , S r a L o l i t a r r e s , S r t a E l a d i a B l á z q u e z , J o s é M a r í a A l e x a n d r a R a j a d o n d e E s p a ñ a . D e E s p a ñ a e s t u v i e r o n p r e s e n t e s D . G r e g o r i o M a r a ñ ó n y e l D o c t o r D o n A l b e r t o N a v a r r o , c a t e d r á t i c o d e l a U n i v e r s i d a d d e S a l a m a n c a .

<sup>1</sup> En A r g e n t i n a , c o n t r a t o p r e p a r a t o r i o d e c o m p r a v e n t a . ( N . E . )



L legamos al periodo 1981 y 1982 . P or un an imidad en la elec ción de abril de 1981 fui el eleg ido presi den te de n u est ra in stitu ción . A rribo si den cia despu és de mu c h os años como sec ret ari o de la C omisión Di rec tiva del C en tro Sal aman c a y rat ar de llev ar adel an te todo con mu c h o espíri tu , esperando q u e todo aq u ello q u e me in formaron los soc ios fu ndadores pu ll evarlo a feliz térm in o y q u e mi paso por la C omisión Di rec tiva del sea lo más fru ct íf era posi ble hac ien do si empre todo en b en eficio del C en tro Sal aman c a y de su s asoc iados.

Se c omienzan las trat am ien tas Di pu tación y A y un tami en to de Sal aman c a a fin de q u e cada año un os ve in te ac u aren ta sal man tin os en A y un tami en to q u en o h ay an reg resado n un c a pu edan c u mpl ir su su ño de v isitar n u n su a ñorada tierra sal man tin a. Est arían 15 días en el c oleg io q u e los P adres R eden torist as tien en en Sal aman c a y de ahí el A y un tami en to o Di pu tado trasladaran a c on oc er la c iudad y v isitar a su familia.

En h omen aje a n u est ra tierra de origen y en rec on oc imi en to a la presen cia sal man tin a en est as tierras del P lata, la M unicip alidad de la c iudad de A ir es, por orden an z adictada en el año 1972 , den om in ó C iudad de Sal aman c a a la plaz oleta ex isten te en la A v en ida C ost an era Sur, en tre el mon u m en to de Isab el la C at ólic a y la proy ectada C iudad Deport iv a.

El c omienzo de la temporada de veran o de 1982 , fue dest ac ada in clu sivamente en las págin as del di ari o “El A del an to” de la c apital sal man tin a del dom inio de 26 de dici emb re de 1982 , con la c rónica de la ac tiv idad desarrol lada: la r ecepción de c ampañ a, la c eremon ia de b en dición de las agu as de la pisc in a y el c on cepto de peon ato de v oleib ol , org an iz ado en forma c on j un tación el C írculo de la C en tro Nav arro, C en tro Zamoran o y Soc iedad P arroqu ial de V edra.

La “G ac eta R eg ion al” de 1984, dedi ca a n u est ro C en tro un a ex ten san ota de dos c olu mn as, dest ac ando su lab or teson era, desarrol lo y ac tiv idades.

A lo larg o de los años, mu c h ísimos han si do los sal man tin os q u e c on su adhesion y presen cia han c o lab orado en el desarrol lo in stitu cional del C en tro Sal aman c a y en tre ellos cabe dest ac ar espec ialmen te la c on tin u a presencia desde los pri meros tri un fos de la familia del ac tual presi den te Don M an u el C elis, origin ari a de V illar in o de los A ir es, q u e tan to como la mi sma in stitu ción llev an tres c u artos de sig loc on tres g en erac ien es dedi cadas a dest ac ar y en la presen cia de Sal aman c a en tierras del P lata ac tu ando en forma perseveran te y fec un da, trab ajan in ten samen te para un ir a su s pai san tos en v eces rec u erdo de Sal aman c a y de su s tradi ciones, con todo lo q u e

<sup>2</sup> En A rg en tin a y otros países am ericanos, et apa preli min ar de un a neg oc iación q u e c omún men te se disc u ten prob lemas lab orales, pol íticos, ec on ómicos, etc . (N.E.)

<sup>3</sup> Di ari o editado en Sal aman c a. (N.E.)



En mis presidecias me preocupé en estimular el tratamiento de las autoridades salmantinas, multiplicar las actividades culturales y sociales y gestionar para los salmantinos condiciones de vida económicas. Se realizó el programa de años para los salmantinos que no habían venido a visitar su tierra. Por trayectoria, dedicaba en sacrificio el trabajo, integro de la comisión desde hace 50 años, y presidiendo esta institución durante 25 años, fue un trabajo honroso y orgulloso. Primer Presidente Honorario del Centro Salamantino.

Durante el mes de abril del 2005, recibimos la visita de la Excmo. Junta de la Diputación de Salamanca, Doña Isabel Jiménez García, que iba acompañada por Don Avilino Pérez, Diputado Delegado del área de Economía y Hacienda, Don Alfredo Martín, Diputado Delegado del área de Bienestar Social, Doña María José Laso, Jefa del Gabinete de Presidencia y Don Martín, de Prensa y Difusión. El sábado 16 de abril la Comisión de Relaciones de la Diputación se reunió en la sede social. Se reunieron con los jóvenes profesionales descendientes de salmantinos a fin de recitar el primer verso para ubicar al instituto cultural Salamanca.

En el mes de noviembre del 2005, recibimos la visita de Sr. Alcalde del Excmo. Ayuntamiento de Salamanca, Julián Lanzarote, que vino acompañado por Don Andrés Rodríguez Alonso, III teniente Alcalde y concejal de Régimen Interior, Doña Cristina Klimovitz, V teniente de alcalde y concejal de servicios, Don Luis Felipe Delgado de Castro, Jefe del Gabinete del Alcalde, Don Navarro Rodríguez, directora de comunicación del ayuntamiento. El sábado 19 de noviembre se les dio la bienvenida en la sede social. En un detallado recorrido de las instalaciones, se les mostraron las obras ejecutadas y las que están en ejecución. El domingo 13 de noviembre visitaron las instalaciones deportivas donde en su recorrido observaron las obras ejecutadas y en proceso. Allí se produjo el encuentro con la colectividad salmantina de la que agasajó a tan ilustre visita con un almuerzo que delimitaron más detalles. En el transcurso del día, Sr. Alcalde y su comitiva se reunieron con los mayores salmantinos y los jóvenes hijos y nietos, escuchando sus trabajos y proyectos. Luego de un emotivo discurso llenado de agradecimientos procedió a la firma de un convenio de colaboración entre el Ayuntamiento de Salamanca y el Centro Salamantino. Sr. Alcalde adquirió el compromiso de apoyar el desarrollo de la publicación del Centro Salamanca, con el programa de años, lanzar en el año 2006 el programa de volver a las Relaciones de hijos y nietos de salmantinos y finalizar obras pendientes en la sede social en conjunto con la Diputación Provincial de Salamanca en el año 2006 la Semana Cultural de Salamanca en Buenos Aires.

Me casé en el año 1961 aquí, en Argentina, con María Laura Cordero y dos hijos. Mi familia siempre me apoyó durante mi presidencia en el Centro, durante mis actividades, que no eran pocas, y han sabido respetar y

aquello que fue de tu vida esa sangre que corre por mis venas, sentí mi ente de vivir en la tierra de uno en la compañía de todos los que p  
una y otra razón tu vivimos que emigrar. Conocí mucho y hago en tegraciones a  
autoridades que fueron pasando y aportando ayuda y cuidados a sus comp  
triotas que lejos de su país, mantuvieron tradiciones y así lo hacen saber  
en cada oportunidad. Tengo la satisfacción de saber, como ellos mismos lo h  
manifestado, que somos una provincia más de España de la,  
y hoy se resalta en tu y Argentina, dos fuertes lazos que me marcaron mi v



Con los Reyes de España y el Presidente de Argentina. Estoy saludando a la Reina Sofía y mi esposa al Presidente Raúl Alfonsín.



Con la Señora Lolita Torres, cantando en Argentina, en el campo de deportes.



Un discurso como presidente del Centro en un día festivo y cívico.



Con el Excmo. Sr. D. Dolfo Suárez.



Con el Excmo. Sr. D. Juan José Lucas.







Soc i os y ami g os del C en t ro du ran te el h omen aje.



F i est a en q u e f u i h omen ajeado c on el t i t u l o de P resi den te H on orari o del C en t ro Sal aman c





C on mi fami lia du ran t e l a mi sma fi est a.



C on mi h i j a A dri an a y el A l c al de de Sal aman c a, D. J u l i á n L an z a r o t e.



Con mi hija Adriana y la Presidenta de la Diputación de Salamanca, Doña Isabel Jiménez González.



Con mi nieto Agustín de Celis, que trajo con su llegada un gran felicidad en la experiencia, un sol con mucha vitalidad que llenó de energía mi vida.

# Para do ja de u na v ida

J u a n a E s t h e r C o n t r e r a s

M i a b u e l o m a t e r n o , J o s é M a r t í n M a r t í n e z n a c i ó e n l a p r i m a v e r a d e 1883, u n d í a 2 6 d e m a y o , e n l a p r o v i n c i a d e L e ó n , e n u n p u e b l o l l a n G o r d o n c i l l o , e n e l R e i n o d e E s p a ñ a . C r e c i ó e n u n h o g a r d o n d e l a s b a s e s p i l a r e s e s t a b a n s u s t e n t a d o s p o r v a l o r e s é t i c o s y m o r a l e s f u e r t e m e n t e e n r a i z a d o s . S u p a d r e , F e r n a n d o M a r t í n M a r t í n e z , ~~se~~ ~~no~~ ~~le~~ ~~ju~~ ~~g~~ ~~e~~ ~~a~~ ~~r~~ ~~d~~e c a r g o s q u e p o r e s o s a ñ o s e r a n o t o r g a d o s a l o s s e ñ o r e s c o n a l t o s p r i n c i p i o s y l i n e a m i e n t o s e s t r i c t o s d e u n a c o n d u c t a e j e m p l a r , c o n d u c t a f i r m e , t r a n s i e n d o d e s d e e l s e n o d e l h o g a r a s u s h i j o s .

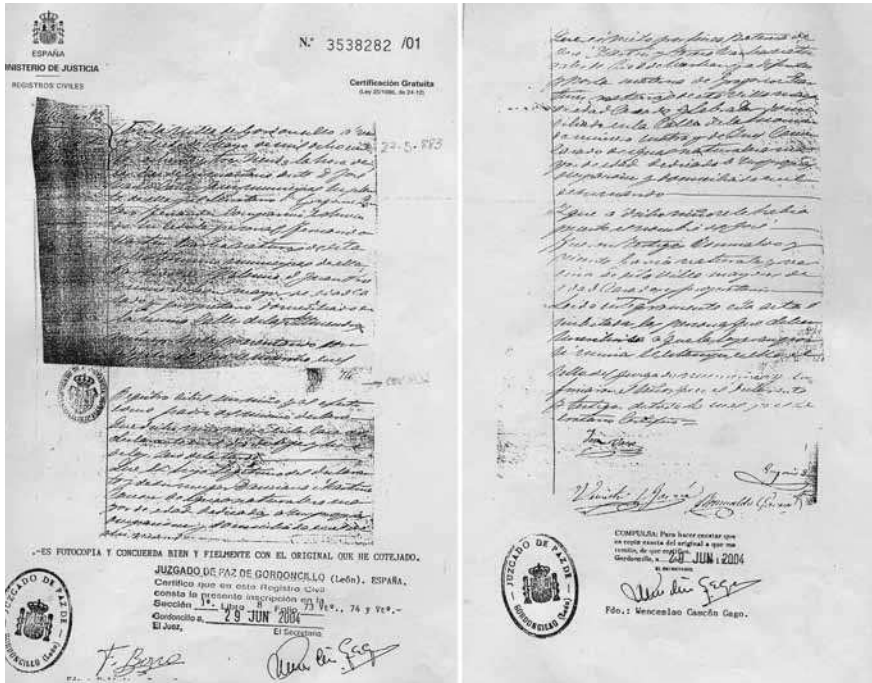
S u p o m i a b u e l o J o s é , s e n t a d o f r e n t e a l o s l e ñ o s a r d i e n t e s , e n a q u e l l a s f r í a s y m e l a n c ó l i c a s t a r d e s d e d o m i n g o s , d e s c r i b i r a s u p u e b l o . R e c u e r d o a q u e e x p r e s i ó n s u y a d o n d e s e ~~de~~ ~~la~~ ~~v~~ ~~i~~ ~~b~~ ~~r~~ ~~a~~ ~~c~~ ~~i~~ ~~ó~~ ~~n~~ q u e n a c í a d e s u a l m a a l p i n t a r c o n p a l a b r a s e s e p u e b l o q u e l o v i o n a c e r , e l b r i l l o d e a q u e l l o s o j o s m o r o s e x p r e s i ó n d e s u s m a n o s a l h a b l a r q u e m e i n ~~di~~ ~~v~~ ~~a~~ ~~l~~ ~~t~~ ~~a~~ ~~b~~ ~~a~~ ~~c~~ ~~e~~ ~~n~~ ~~á~~ ~~n~~ ~~r~~ o s u y o , e s e p a s a j e d e v i d a , q u e a m í , s i e n d o n i ñ a , s e m e a n t o j a b a p e n s a r q u e p e r t e n e c í a a u n p a s a d o i n c r e í b l e m e n t e l e j a n o .

M e c o n t a b a q u e s u p u e b l o e s t a b a s i t u a d o e n e l s u r d e l a p r o v i n c i a L e ó n , m u y c e r q u i t a d e l a p r o v i n c i a d e V a l l a d o l i d y a u n o s 5 7 K m s . c a p i t a l . M e h a b l a b a d e l a p l a z a m a y o r , d e l a i g l e s i a , d e l a y u n t a m i e n t o a q u e l l a c o n s t r u c c i ó n t í p i c a d e l o s p u e b l o s c a s t e l l a n o s c o n s u s “ s o p o p a r a r e s g u a r d a r s e d e l o s c a l o r e s t ó r r i d o s q u e a z o t a n e s t a z o n a e n l o s m e s e s d e v e r a n o .

C e r r a b a l o s o j o s a l e s c u c h a r l a d e s c r i p c i ó n d e l l u g a r y s e n t í a e s t a r c a n a n d o d e s u m a n o p o r e s e c o n j u n t o h i s t ó r i c o d e l p u e b l o , c o n o c e r a s u s a m o r y t a m b i é n a l a s m o z a s c a s t e l l a n a s q u e s e g u r a m e n t e h a b r á n l l e y a d o l a m a d e e s t e a b u e l o m í o . D e p r o n t o a p a r e c e e l r e c u e r d o d e a q u e l b u e n b a c a l a o a l a j e a r r i e r o o e l c o n e j o a l a c a z u e l a “ q u e n i q u é h a b l a r ” – m e d e c í a – o d o r e g a c o n u n b u e n c a l d o , a c o m p a ñ a d o c o n u n b u e n v i n o , c u l t u r a t a n a r r a i m u n i c i p i o , y d e p r o n t o , u n a f u e r t e e x p r e s i ó n , d o n d e r e c o r d a b a a q u e l l a s p a b r a s , q u e s u m a d r e s o l í a h a c e r .

Partido de una vida





P art i da de n ac i mi en t o de J osé M art ín M art ín ez .

P aradoja de u n a v i da

M u c h o c o n o z c o de L e ó n , de su t i e r r a , de su s c u l t i v o s , de su s m o t o s , de su s r i c a s , sab r o s a s y f u e r t e s c o m i d a s , de a q u e l l a s s o p a s de a j o , de t o c i n o f r i t o , de l a s t o r t a s de p a n t a m b i é n f r i t a s . C e í a f r e n t e a l a c l a r a y p e r d e s c r i p c i ó n q u e h a c í a de l a s c o m i d a s , p e r c i b i e n m i i m a g i n a c i ó n , s a b o r e s . C u a n d o n o m b r a b a e l v i n o t i n t o u n a s o n r i s a s e d i b u j a b a e n q u e m e d e c í a q u e e r a b u e n o . S e h i z o m o z o e i n t e l i g e n t e , t e n í a m u c h o s a m i g o s c o n q u i e n e s c o m p a r t i ó a l e g r í a y s u e ñ o s ; l a c o m a r c a e r a c h i c a , s a b í a e n e s e p u e b l o . C o m o t o d o j o v e n , s u s s u e ñ o s a l l í e s t a b a n y n u n c e n d e j a r e s e l u g a r .

U n a n o c h e d e l o r a r a s u m a d r e , s u s o r p r e s a n o t e r m i n a h í , p u e s e l l a e n t r e s o l l o z o s l e c u e n t a q u e u n a de s u s h e r m a n a s e s t a b a e m b a r a z a d a de s u n a m i g o , c r e e e s t a r s o ñ a n d o , s u a m i g o a q u e l de l a s g r a n d e s c o n f e s i o n e s , d e p a r r a n d a s , a q u e l a m i g o c o n q u i e n p a s ó l a r g a s h o r a s c h a r l a n d o , a q u e l c r e y ó c o n o c e r l o y s e n t i r l o c o m o d i g n o y s i n c e r o , l o h a b í a l a s t i m a d o h o n o r d e u n a m a n e r a c r u e l , m a n c h a n d o a s u h e r m a n a y d e j á n d o l a c o n d e l a m o r a l d e s t r u i d a , e s a l l í c u a n d o s i e n t e e l t r e m e n d o p e s o de l a v e r g ü e n y s i n p o d e r s u p e r a r l o t o m a l a f i r m e d e c i s i ó n de i r s e de G o r d o n c i l l o . L o h

en las peores situaciones emocionales, dejando a la familia su merced en un finitísimo: “¡J osé se va!”, dijeron, y no hubo palabras que impidieran su partida. Fue entonces cuando con apenas veinte años decidió ir a Mérida, se lanzó al mundo, el alijamiento del hogar producido en él, el del desarraigado.

Frente a otros horizontes y en un país de tierras promisorias y de puertos abiertos llamada Argentina y amparado bajo el párrafo de la Constitución que dice “...para nosotros y para nosotros y para todos los hombres del mundo que equieran habitar el suelo argentino”. Mi abuelo José comenzó a trabajar descansando. Llegó a amar esta tierra, en ella plasmó sus sueños pero cada que volvía a través de su mirada, si empre la depositaba en su pueblo y en su familia allí en G ordoncillo.

Allí llegó al puerto de Buenos Aires cuando se vio obligado de guárdar ropa y con el cansancio del viaje tan largo, tomó la decisión de trasladarse a la ciudad de Neuquén, ciudad ubicada a quinientos kilómetros de Buenos Aires sobre el océano Atlántico. Inicia su trabajo de mozo de hotel. Con su elegancia castellana atendió a los turistas que desde Buenos Aires llegaban a esa ciudad costera a ver el mar y allí permaneció unas temporadas. Las desigualdades sociales existentes en estas tierras, hicieron que el sol amante que se acercaba a las playas durante las horas de descanso de los visitantes, a la tarde, cuando los turistas se habrían retirado a descansar, y a que los sirvientes y empleados del hotel, no podían compartir juntos esos lugares de esparcimiento como era la playa juntos a sus patrones.

Allí, en la inmensidad de las playas neocochenes, caracterizadas de si empre por su majestuosidad y la mansedumbre que las olas se acercaban a la orilla, emocionaba a una preciosa joven, que jugaba con las apacibles olas y de frente, avanzaba hacia él. Se miraron, se volvieron a encontrarse a sí guien te y al otro y al otro, nacieron entre ellos, un acalorado corrientes que dio a muy poco tiempo, vida a un romance. Con el inicio de aquel sentimiento, nacieron las inseguridades de aquella francesa, que en esos momentos sola en estas latitudes, lejos de aquellos maravillosos paisajes de los Pirineos franceses, donde su gente la despidió llenada de temor por el alijamiento del seno familiar, hacía tan lejos los lugares. Duda volver a su tierra o aceptar los suenos, promesas y propuestas de este castellano que emigraba a futuro cuando en su compañía, con el resto de los suenos. Al fin y después de meditar y su papel que ellas dadas y atraída por el efecto mutuo y a expresado, aceptó la propuesta de este joven marchar juntos rumbo al porvenir, a ese porvenir que terminaría con esta familia de semi nado por estas latitudes. Muy pronto compartieron la vida, pero mi abuelo no se conformó con servir en ese hotel. Fue entonces, cuando mirando a los ojos claros que ella bonita francesa – también inmigrante de los Pirineos franceses

fue mi abuela, decidí denirselo de la costa Atlántica y trasladarse a lo que yo  
 su año hecho realidad, Balcarce. Ese su año era trabajar la tierra y así lo hice  
 con aquellos pesos guardados de su trabajo de mozo de hotel. A lo que yo  
 pocas hectáreas y comencé su verdadero objetivo de vida cultivar la  
 sembrar trigo, cosechando las espigas en fechas navideñas, cuando por  
 del verano, el trigo estaba maduro.

Hubo años difíciles, años donde las cosechas no fueron de buen  
 tados, años donde las plagas atacaban los cultivos y nada había para evi  
 y a que no existían ni plaguicidas, ni fertilizantes, todo el arduo tra  
 zado se esfuababa, pero no evamen te su rga el espíritu de lucha, retoman  
 en tu sí mismo por ese futuro tan lleno de esperanzas. La ~~se~~ <sup>se</sup> ~~era~~ <sup>era</sup> de papa  
 jugo de azar, las fuertes e incasantes lluvias o los largos períodos de sequ  
 eran determinantes en las cosechas y aquella larva que atacaba la co  
 quitaba el suño a todo agricultor y que no había forma de control ar  
 fue derrotada, también hubo años de grandes provechos y ahí el esfu  
 compuesto.

Si muy tarde me iba a recoger ese ganado que al igual que los  
 también tuvieron su lado bueno y su lado malo; bueno por la parición  
 villos y del valor del ganado en pie, bueno por el abundante pasto  
 bendecido por las lluvias ibacreciendo y alimentando al ganado, ma  
 inexistencia de vacunas para prevenir enfermedades que atacaban el  
 haciendo que parte de la hacienda se perdiera y también aquel trasla  
 an imales hacían la feria, llevados por los arrieros y donde solían los nov  
 caer en los zanjones y que barse debiendo sacrificarse al animal, mal  
 exagerada especulación que se hacía en la feria con el precio del gan  
 pía un valor poco rentable. Nada había pensar que todos los problemas al  
 día podrían evitarse a presencia en el mercado de vacunas combina  
 das, específicas para bacterias e inmunidad para disminuir abortos y evita  
 transmisión de enfermedades al hombre tan temida en tre los ganaderos, de  
 en el olvido aquellos padecimientos.

Aquí en estas latitudes, mi abuelo español, clavó su lanza y cre  
 raíces. Nacieron sus hijos sanos y fuertes. Inten tó volver a España y lo  
 con toda su familia. Permaneció allí un año. Fue un año de intensos de  
 das de solución para poder quedarse. Un golpe emocional fuerte, ocasion  
 por la muerte de uno de sus hijos pequeños al contraer una enfermedad, q  
 brillo a sus ojos y el deseo de quedarse comienzaba esfuarse. No obstan  
 sigue con la idea ya debilitada de instalarse definitivamente en su  
 ayudado por la mala situación económica en la que se estaba penín su la est

<sup>1</sup> Patata. (N.E.)

mergi da, dec i de v ol v er, lo h ac e y al reg reso v u el v ec on su f amili a y t rae en la b odeg a de aq u el b arc o, al g u n os el emen tos y mu eb les.

P asaron los años y c on su s h ijos y a g ran des y lab ori osos, c omi en z a en g ran dec er su c api tal, las si emb ras y las c osec h as, año tras año, fu eron c ien do, c omen z ó a rot ar c ul tiv os para ev it ar el empob rec imi en to de la ti e rra dej an do pot reros a los q u e le i b alleg an do g an ado v ac u n o, q u e c on el t se ac rec en tab a c on la pari c ión de tern eros n u ev os.

Se ag i g an ta en mi men te aq u ella fig u ra di sc ret a, de c ab el los b lan c o rec og idos, forman do en su n u c au n rami llet e de tren z as fin as y prol ijas, a llos aros de oro, su san teoj os, su pi el in c reí b l emen te b lan c a, su soj os c el g ri sác eos, su s z apat ill as de paño y su v est imen ta de c olores q u e si empre i n d i c ab an moderac ión y di sc rec ión . Est oy desc ri b ien do a mi ab u el a M a c ompañera i n c on di c ión al de est e español de fu ert e c arác ter y c oraz ón man q u e fu e mi ab u el o J osé. Dob lada sob re aq u el pi let ón , ac omodan do los tarros l ec h e, q u e di ari amen te v en día a su s v ec in os para ay u dar en los g ast os di ari el ev ar la ec on omía domést i b ay en rec u erdo pl asmado en mi men te q u e j amás ol v idaré. C on su si l en c i os o tr ab ajo, mi ab u el a fu e la soc i a i de al de a h omb re de c l ara v i si ón . Su po t amb i én en años q u e n o rec u erdo, pero sí m c on taron , v en der papa y sab rosas peras rec og idas de aq u el los g ran des peral es q u e fren te a la c asa se lev an tab an y q u e fu eron la g ran ten ta c ión de l

M i madre y mi s t ías i b an h ac i én dose mu jeres de tr ab ajo; fu e en ton c u an do v ol v i en do su mi rada a España y c u mpl ien do c on aq u el leg ado de an te pasados de q u e al h ijo may or se le deb ería fav ore cer en lo ec on óm i c o -c omo se h ac ía en España- por ser el pri mog én it o, le c ompró u n as tierras a poc os k il ómet ros de al l í y así mi t ió may or empen dí ó aq u el pri v ilegi ado v i a a lo su y o, don de formó más tarde su f amili a, si g u ien do su s pasos, tr ab ajan d o semb ran do y c osec h an do. Se q u edó c on el resto de su s h ijos y así c on t i n u a tr ab ajan do la tierra, c r ian do an i mal es, l lev an do g an ado a la f eria y dan c c ada h ijo lo q u e él c on si derab a le pert en ec ía, tema ést e, b ast an te pol ém i c o en tre padres e h ijos.

F u e i n t e g ran te de u n a c ooperat i v a de ag r i c ul tores en la c a s i u dad de c arc e, part i c i pan do c on su s op i n i on es del c rec i m i en to de la I n s t i t u c i ó n c on si derado y resp et ado por t o dos su s pares.

En mi spen sam i en t a p a r e c e a q u e l l o s i g o s u y o a p o r t u g u e s a p o r t u g u a d o s q u e u n s u p e n t e n d e r u d e c í a n e l v e j o r o f i n l b e g a n s u l k y a v i s i t a n d o u e l o m p a d r e s u y e l e s p a ñ o l C a s t e l l a n o r e s p e c i a l e c u e r d o , para aq u e l e c i r p r e s e n c i a d i s p e n s a b l e p o c a s d e f a e n a d e l c e r d o , l l a m a d o e l i t a l i a E c o h i s a q u e n e l r o n r o n e l e s u g a r g a n h a c í m o v e n q u e l l o s i n c r e í b l e g o t e j a n d o r o t a r n s o n r i s a ó m p l i e n t e r e s p r e s e n t e s . Nu n d e j ó d e s e r e s p a ñ o l , s u h i d a l g d e i a a b a l l e r o p o r t e f i r m e , s u c u e r p o e r g u i d o , m i r a d a v i v a z u , e r o s u c a r a c t e r í s t i c a s d e s t a c a b l e s .

añadoj ale



P ero las h i st ori as su el en a v ec es rep et i r se. Un a n oc h e, al i g u al q u e n oc h e en E spa ñ a, l or ar a mi ab u el a, esa f ran c esi ta su mi sa y t eme ro sa de la reac c i ó n de su es po so. L e c u en ta el an u n c i o de mi n ac i mi en to. M e c o mo es de su pon er reac c i on a de f or ma v eh e m e n t e, i a l a a q u e l l a h i st ori a q u e lo h i z o l e j a r ho su y o. A l p o c o t i e m p o mi s pa d r e s c o n t r a e n m a t r i m o n i o.

L l e g o al mu n do t r a y e n d o e n u n a p e q u e ñ a m o c h i l a, l a l l a m a d a c u l t u r a m a d r e, c u l p a q u e y a c o m e n z a b a p o r e s o s a ñ o s a s e n t i r s e e n e x t i n c i ó n . I m p o r t a m i ab u e l o, c u á n t o s p r e j u i c i o s d e b í o s o r t e a r p a r a a c e p t a r m i l l e g a d a a l m u n d o. S u p r i m e r a n i e t a, r e p e t i e n d o m i m a d r e, a q u e l l a h i st ori a de su h e r m a n a, q u e v e l o h i z o a b a n d o n a r t o d o l o q u e t a n t o a m a b a, su m a d r e, su p a d r e, su s h e r m a n o s, su s a m i g o s, su E spa ñ a. P a r a d ó j i s o y a m e n t e a d e l a s n i e t a s q u e lo a m ó y r e s p e t ó, c o m p r e n d i e n d o e l p e n s a m i e n t o de e s t e a b u e l o f o r m a d o e n u n h o g a r de a l i n e a m i e n t o s r í g i d o s.

L o p a r a d ó j i c o de l a h i st ori a de e s t e c a s t e l l a n o, h a s i d o p r e c i s a m e n t e a q u e p r e s u r o s o v i a j e h u y e n d o de l o q u e é l l l a m ó “v e r g ü e n z a”, a q u e l a c t o c o n d i o p a s o s i m p l e m e n t e a l o q u e l l a m a m o s v i d a, e n c o n t r a n d o a q u í l a m i s m a t o r i a c o n su p r o p i a h i j a, a c e p t a d a y m i n i m i z a d a p o r e l i r r e f r e n a b l e p a s o e v o l u c i ó n s o c i a l y p o r e l v e r t i g i n o s o g i r o q u e d a l a r u e d a de e s t o s t i e m p o s.

C r e c í m u y c e r c a de é l, m e l l a m a b a “l a J u a n a”, n o l o d e c í a d e s p e c t a m e n t e, s i n o m a r c a n d o m i p r e s e n c i a, e s a p r e s e n c i a q u e d a b a p o r t i e r r a c o n t o d o s l o s p r e j u i c i o s q u e e x i s t í a n a p a r o n de m a n e r a a b s o l u t a l a m e n t e de e s t e h o m b r e i n t e l i g e n t e.

V o l v i e n d o a t r á s l a m i e n t a l f a m i l i a r e u n i d a e n A ñ o N u e v o, d o n d e l o s a s a d o s, l o s d o r a d o s p o l l o s a l a p a r r i l l a, c r i a d o s a m a í z c o s e c h a d o e n su s t i e r r a s, l o s l e c h o n e s c r o c a n t e s y b i e n c o n d i m e n t a d o s, l a s e n s a l a d a s, l o s c o s e c o s s a b o r i z a d o s p o r m i ab u e l a M a r t a y m a n t e n i d o s e n g r a s a de c e r d o i n c u l a d a m e n t e b l a n c a, l a s t o r t a s, e l c o n c u r s o de p a n d u l c e q u e m i s t í a e s e p i l e t ó n l l e n o de b e b i d a s e n f r i a d a s c o n e l a g u a f r e s c a de l a b o m b a, r a d a su t e m p e r a t u r a d u r a n t e l o s ú l t i m o s a ñ o s p o r a q u e l l a s n o v e d o s a s b a r r a s de h i e l o q u e m i s t í o s l l e v a r o n c o m o r e c u r s o p a r a m e j o r a r su t e m p e r a t u r a; d e b e d e l f r o n d o s o p i n o, t e s t i g o s r a n d e s y e s p e r a d o s e n c u e n t r o s f a m i l i a r e s.

S i e m p r e g u a r d a m i b a g a ñ e r e c u e r d o s, a “i n e s p e r a d a i s i t a ñ a”, e l p r i m e r o d e a ñ o, c u a n d o f a m i l i a e s t a b a r e u n i d a, g i t a n s u, p u e s n o o v i d e m i q u e r i d a l o e s c e n t e n a m o r a d i z p a i m a P e r l a l p o b r e c i t t o v e b r i v - i l e g i d e p e r m a n e c e n t r a o s o t r o s n o s e z m i n u t o s u l a r a p i d e z d e a q u e l d i p l o m á t i c í o Á n g e l o j i n v i t e t i r a s e l l u g d e s a p a r e c i e n d o e s c e n a e s e n o v i n o m u y b i e r e c i b i p l o t o d o s, e s f u m á n d o s e l r o m a n c y e l g i t a n s e ñ o r ó n y e d a e x p r e s i ó n o r p r e n d i d e m i ab u e l o m a q u e l l a r a s e c o n l a q u e l e p o n í a f i n a l t e m a: “¡M i m i r a a l o q u e s e a t r e v e s t a t í a!”.

V i en e a mi memori a aq u el b on it o  
q u e llen a mi c oraz ón de aleg ría y  
v i en do a mi s ab u el os b ailar al eg remen  
q u e marc ab a in du dab lemen te la c on  
sen c i a de su t ierra. No pu edo ol v i dar el  
pol v ori en to q u e n os llev ab a al  
q u e en époc a de y erra se reu n ía la f amili  
dor de u n asado y de aq u el los c roc an tes  
el ab orados por mi t ía A n g el it a, of rec i ó  
c an ast ay en v u el tos en u n a serv il let  
ol ort an part ic u lar q u e dab a el h ierro c  
y ado sob re los c u art os de aq u el los n ov  
dejar la marc a c on las in ic iales del n om  
ab u el o. T odo q u ed ó plasmado en mi men

T amb ién h u b o en est a f amili a u n  
de dolor, q u e la t iñó de n eg ro y la sen  
de toda mi g en te marc ó en su s c oraz ón  
f ri mi en to ex tremo, c u an do v ieron c o  
t remen da dec i s i ón de aq u el t ío q u e ll  
“M oroc h o”, q u i en llen o de u n a apar  
dec i di ó t ermi n ar c on su h ermosa v ida.  
q u e n u n c a f ormó su prop io h og ar, el  
t u v o h ijos, su h og ar era t o da la g ran f  
h ijos, los sob ri nos. F u e el h ijo man s  
c on su padre, a q u i en ac ompañó en t o da  
c i s i on es, ac ept an do la v ol un tad de mi  
rec u erdo si empre y t en g o para él, el mej  
den t ro de mi c oraz ón .

En su esen c i a de español de ley el ab u el o  
n u n p eral ó su n ac i on al i ad ó est a t ierra  
c omos u y pero su ún i c a t ierra f u E spaña, su pro  
v i n d i a ó n en G ordon c i g l u ardó c oraz ón .

En el l u g ar don de desc an san su s re  
f ren tados a u n as si erras b ajas, desg ast ada  
erosi ón de las ll u v i as y los v i en tos, si er  
ron t est i g o del paso de los di nos au ri os po  
l u g ares, c u an do el h omb re aún n o h ab ía h ec h o su

aparic i ón en la t ierra, allí en la era t erc  
c i u dad de Bal c arc e, en el su dest e de la  
de Bu en os A ires, en la R epúb lic a A

Balcarce, jueves  
25 de julio de 1974

NECROLOGIA. —  
**Sr. José  
Martín Martínez**

A la avanzada edad de 91 años, y luego de soportar achaques propios de la misma, dejó de existir el martes el señor José Martín Martínez.

Con su fallecimiento desaparece un antiguo vecino de la localidad, vinculado a conocidas familias y a un amplio sector del vecindario, donde la noticia de su deceso tuvo explicable repercusión.

El señor Martín Martínez había nacido en Gorgoncillo, provincia de León (España), pero muy joven se trasladó a nuestro país. Establecido en Balcarce, formó su familia y se entregó al trabajo, que desplegó principalmente, y durante muchos años, en el ámbito agropecuario del partido.

Fue el extinto, sobre todo, un hombre cuya larga existencia se dignificó en su permanente consagración a los suyos, al trabajo fecundo y a la observancia de aquellas normas que regían las conductas rectas.

Por esas razones, así como por aquellas otras que emergían de su trato y de la nobleza de sus sentimientos, el señor Martín Martínez tenía conquistado un relevante concepto, así como muy merecidas consideraciones y aprecio entre cuantos le conocían.

Una elevada cantidad de vecinos y familias se hizo presente en el velatorio de sus restos, ocurriendo posteriormente lo propio con el acto del sepelio, que se llevó a cabo en la mañana de ayer, previo oficio religioso en la iglesia San José.

Necrológic a de José M artín M ar-  
tín ez, en el di ari o El L ib eral, de la  
C i u dad de Bal c arc e, pu b lic ada el 25  
de j u l i o de 1974 u n a

P aradoj a de u n a v i da

cruz muetra en su relieve, el Cristo que lo acompañó a lo largo de su vida y debajo, aquí las simples pero sentidas palabras: "Así que yo me voy a casa. A S-T E L L A N O L E O N É S". Sus restos guardados en un ataúd de roble y de los dos en un abóboda de mármol, mandada a construir por él, donde poco a poco van llegando sus hijos, a la última morada, para compartir el eterno tiempo de la muerte, están celosamente custodiados por su gente.

Veo ya que ella que en la última, lugar que en cierra mis recuerdos y heredado por mi primo Carlos, quien su polverilla senesbilidad de toda la familia, cuando aquí ellos cuando que colgados en sus desgastadas paredes, nos inculca que allí hubouna historia que en un caso se borrará en un descensivo vivo. Esta es la historia de vida de mi abuelo José, al que equise y del que lu gar a donde tomé muchas actitudes de su vida que con sideré valiosas para formar a mis dos hijos. Alberto y Graciela, hijos que me dieron cuando en los que se perfilan ya, aquí ellos lineamientos éticos y morales, tradiciones de generación en generación, habida cuenta que en la firmeza de sus valores que se sirven para dignificar al ser humano e irmar sus rutinas, para las generaciones futuras y poder así llevar una vida que vale la pena ser vivida. El espíritu hidalgo de José Martín Martínez, cabalgando por España y allí tejera invisibles hilos de unión para tener en su inmortalidad lo que sólo fue amor por todo lo suyo. Nada fue, nada pasó, todo está plasmado en mi memoria.



La sonrisa serena de mi abuelo, rodeado por todos sus nietos, me indica que su objetivo de vida está alcanzado.



H ac i en do de p a r e d ó n de p r o t e c c i ó n se m u e s t r a n de p i e, e r g u i d o s y s o n r i e n t e s, a q u e l l o s s i e t e h i j o s a n o s y l a b o r i o s o s, a c o m p a ñ a n d o l o e l d í a de l a c e l e b r a c i ó n de l o s o c h e n t a a ñ o s.



A q u e l l a s r e u n i o n e s d e b a j o de e s e p i n o, t e s t i g o v i v i e n t e, d o n d e l a s c h a r l a s y l a c o m a r a d e r í a r e s u l t a n e l g r a n o b j e t i v o.



# Postales imprescindibles

Dora Mabel Eulalia

Hace cinco años don Alberto Eulalia, más conocido por el apodo de "Mota", natural de El Perdidó, partido de Coronel Dorrego, con la idea de proponer a su familia la venta de un predio ubicado en el municipio. Esta finca prácticamente abandonada perteneció a su padre Ángel en la que vivió hasta su fallecimiento el mayor de sus hermanos. El terreno unos quinientos metros de frente por veinte de fondo era acompañado por una precaria construcción digna de demolición. La propiedad en su conjunto de la su manecesiada para una empresa comercial en la cual efectivamente hizo una propuesta monetaria demasiado conveniente como para rechazarla. Dichas construcción estaba protegida -o lo que es lo mismo, invadida- por dos matos que en invierno presentaban un duro desafío para machete. No obstante la dificultad de promover la operación por parte de la totalidad de la familia, como resultado de la depuración y extracción de todo aquello que resulte fiel a las emociones y también aquello que fuera útil, y merecedor de ser conservado, y a sea para el recuerdo o para su terreno solo. Estos habiendo de una propiedad deshabitada desde hacía no menos de doce años, en donde las lilas, los siempreverdes y las madreselvas daban fiel testimonio de las voces que construían sus días.

Antes de continuarles propongo ubicarnos geográficamente. Este terreno tiene como escenario un pequeño pueblo o terruño que se levanta en planura pampeana cuya adoble denominación y presencia características son cules. Efectivamente El Perdidó de José A. Guisasa con serva aún la primera impronta "gringa" que a otro fue fue en te de ilusión es y sus años de miles de migrantes que vieron en la región una notable posibilidad de trabajo y prosperidad. Daneses, alemanes del Volga, sí, y los españoles se compartieron y apuntalaron con su esfuerzo ese desarrollo. En la actualidad, sus apellidos en trezclan y le agregan identidad al recuerdo y al coraje. Político me encuadra en el centro sur de la Provincia de Buenos Aires dentro del Partido de Coronel Dorrego y a veinte kilómetros de la homónima ciudad cabecera.

Este marco se halla distanciado a quinientos ochenta kilómetros de la ciudad de Buenos Aires y a ciento veintidós kilómetros de Bahía Blanca. Toda la ecología palpita según ritmos y avatares de la agricultura y ganadería, si en do el clima uno de las variab les del h umor y desventuras cotidianas.

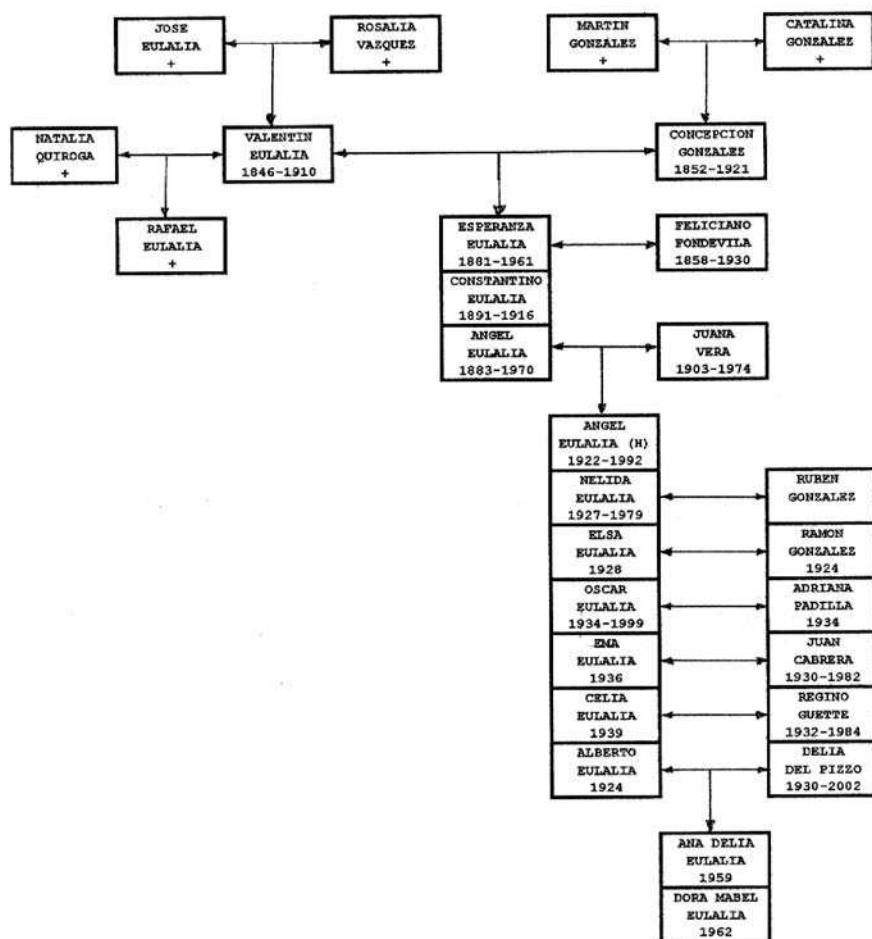
Algunas rimas de un poeta local describen al pueblo loco su ma pro

C on la fuerza del camión  
y el silencio del anón,   
lo que en acción como vía  
y parada obligatoria,  
hoyes solo la osadía  
de mil almas que conviven  
a la vera de un aruta  
que convierten el paso  
y que de ratos convoca  
a disfrutarse del ocio.

Volviedo a nuestro relato, les cuento que esta suerte de búsq ueda n al de elementos dentro del predio de sparador fue en esencia para el armado de este trabajo. Allí encontré historias que hablan de mí y de mi generación bien no ignoraba, las mantenía secretamente olvidadas producto del voluntarismo a desmemoria de todos los días. Documentos, partidas, familiares, escrituras, nombres descuidados en apellidos fotos, cartas, folios y escritas en cursiva inglesa y pluma con charilla pasaron a formar parte del orden de necesidades y urgencias. A medida que recibí noticias de mí mismo: mpropiiedad. La delicada y exquisita reconstrucción de mi vida, de mi altura y mi color. La omnipresencia en edad y tozudez de haber vivido y vivido, agredida. Con sus mismos temores de encontrarse durante el viaje al extranjero del cual avergonzarme con la legislación de hallar en el camión a aquel valeroso poeta que ejemplarizó la vida. Este prólogo tiene el simple objetivo de posicionarse al lector dentro del ámbito de una historia tan única como otras invitando a una atmósfera de recuerdos y licencias permitidas, en donde en tre líneas pueda leerse aquello que en el ámbito doméstico poseemos: nuestra propia sangre. Empecemos con el comienzo que me da lugar. Será de prioridad para ordenar y entender por donde comenzar a contar la historia de cada protagonista su tiempo.

Este relato no solo tiene como objetivo participar de la propuesta de formación de un certamen con incentivo económico. Esencialmente es una acción a todo aquel que se ponga a encontrar coincidencias y nos de la de intercambiar información de manera tal plasmar certezas donde no las hay y con esta excusa mediante acercarnos no solo para recordar nuestra memoria





Árbol genealógico.

identidad, sin otamb ién reflex ion ar sob re n u est ro presen te y lo q u e en  
 ju n to podamos h a d e r en el fu tu ro.

Nu est ra h istoria tien e su c omien zo en la c omarc a serrana den omi n ad a  
 La C ab a d e r a ran t e la pri m e ra m i t a d del si g l o X I X . El pu eb lo de R ob l e d o de  
 L osada, terru ñ o mu n i c i p a l de E n c i n e d o, fu e el á m b i t o en don d e v i v i e r o n

<sup>1</sup> C omarc a n a t u r a l , m u y m o n t a ñ o s a , s i t u a d a en el ex t r e m o su r o e s t e de la p r o v i n c i a de L e ó n , E s p a ñ a . ( N . E . )

matrimonio don José Eu lal ia y de doña R osal ía V áz q u ez . De di c h a u n i  
l a m i s m a l o c a l i d a d n a c e e n e l a ñ o 1846 d o n V a l e n t í n E u l a l i a . P a r a l e m e  
del mismo modo, mu y c e r c a d e a l l í , e n e l p u e b l o d e B a i l l o , t e r r u ñ o m u n i  
de T r u c h a s , d o n M a r t í n G o n z á l e z y d o ñ a C a t a l i n a G o n z á l e z c o  
monio. En e l a ñ o 1852 n a c e f r u t o d e l a r e l a c i ó n d o ñ a C o n c e p c i ó n G o r  
N u e s t r a s c e r t e z a s , a v a l a d a s p o r l a d o c u m e n t a c i ó n q u e a d j u n t a m o s , c o  
z a n a p a r t i r d e l a i n s t a n c i a q u e a c o n t i n u a c i ó n s e d e t a l l a . S i e m p r e d e  
á m b i t o d e L a C a b r e r a p e r o e n e s t a o p o r t u n i d a d e n e l m u n i c i p i o d e T r u  
c o n t r a e n e n l a c e e l 2 0 d e N o v i e m b r e d e 1876 V a l e n t í n y C o n c e p c i ó n

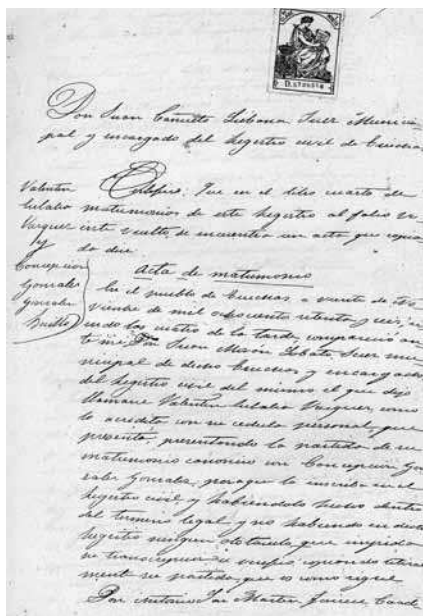
Est a ú l t i m a c o n 2 4 a ñ o s d e e d a d l o h a c e e n c o n d i c i ó n d e p r i m e r a s n u  
c i a s , m i e n t r a s q u e V a l e n t í n d e 30 a ñ o s l o h a c e e n c o n d i c i ó n d e s e g u  
c i a s y a q u e h a b í a e n v i u d a d o d o ñ a N a t a l i a Q u i r o g a , n a t u r a l d e Q u  
de L o s a d a . E l f r u t o d e e s t a s p r i m e r a s n u p c i a s f u e d o n R a f a e l E u l a l i a , f a l  
e n c o n d i c i o n e s q u e s e d e s c o n o c e n e n C u b a s i n h a b e r d e j a d o d e s c  
N o s e r í a d e s c a b e l l a d o s u p o n e r q u e R a f a e l h a y a c a í d o e n c o m b a t e a p r o p ó s  
d e l a s l u c h a s q u e p o r e n t o n c e s l i b r a b a E s p a ñ a e n t i e r r a s c u b a n a s . S u  
t u d l o e n c u a d r a r í a d e n t r o d e l á m b i t o d e l e n r o l a m i e n t o m i l i t a r . C o m o a m  
c a s a d o ñ a C o n c e p c i ó n c o m p a r t í a c o n V a l e n t í n s u s t a r e a s d e l a b r a n z a ,  
d e n t r o d e l p o b l a d o d e R o b l e d o d e L o s a d a , a s i e n t o d e s u d o m i c i l i o . E l 17 d e  
f e b r e r o d e 1881 n a c e s u p r i m e r a h i j a , E s p e r a n z a E u l a l i a . E l 8 d e S e p t i e m b r e d e

1883 n a c e Á n g e l E u l a l i a . P o r ú l t i m o ,  
e n 1891, n a c e C o n s t a n t i n o E u l a l i a .

L a d o c u m e n t a c i ó n e v i d e n c i a q u e  
l a s i n s c r i p c i o n e s o f i c i a l e s d e r e c i é n n a c  
c i d o s o d e e n l a c e s e r e a l i z a b a n a n t e e l  
J u z g a d o M u n i c i p a l d e T r u c h a s o E n c  
n e d o s e g ú n s e a l t e r r u ñ o q u e c o r r e s p  
p o n d a . E l t i t u l a r d e l r e g i s t r o c i v i l d e  
e s t e ú l t i m o e r a p o r e n t o n c e s d o n J o s é  
G a r c í a E u l a l i a .

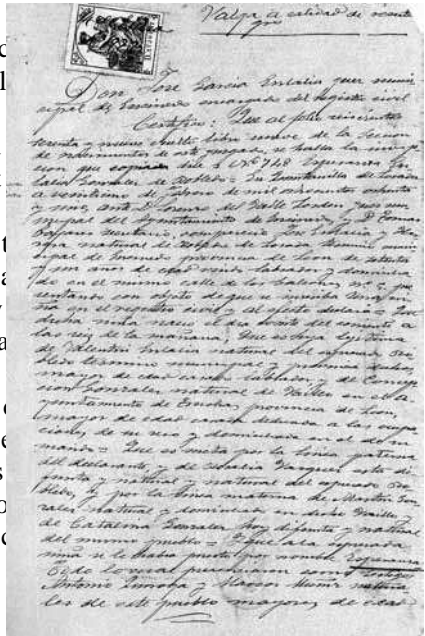
S e d e s c o n o c e e l g r a d o d e p a r e n -  
t e s c o d e e s t e ú l t i m o c o n d o n V a l e n t í n .  
Y e s a q u í e n d o n d e c o m i e n z a n a t e j e r s e  
l a s h i p ó t e s i s y l o s m o t i v o s v e r d a d e r o s  
q u e i m p u l s a r o n c o n f a m i l i a a i n i c i a r e l  
p r o c e s o m i g r a t o r i o q u e s e d e s a r r o l l ó  
e n 1892 .

D o ñ a C o n c e p c i ó n G o n z á l e z d e  
E u l a l i a l l e g a a l p u e r t o d e B u e n o s  
A i r e s , A r g e n t i n a , e n d i c h o a ñ o c o n s u  
t r e s h i j o s p e q u e ñ o s d e 11, 8 y 1 a ñ o ,  
y s i n l a c o m p a ñ í a d e V a l e n t í n . D e é l



A c t a d e m a t r i m o n i o d e V a l e n t í n y C o n c e p c i ó n  
(e x t r a c t o) .

no se tienen más datos sino he  
fecha de su fallecimiento el  
2 de julio de 1910 en la local  
Robledo de Losada. A propósito  
este dato debemos aclararlo si  
guiera el acta que se adjunta mu  
estrado de incertidumbre con  
a los causales del fallecimiento  
así también una ausencia total  
de hijos, amigos y deudos que  
aviesación tecimienta. Además  
la definición ofrece el dato erró  
la edad del difunto al momento  
de cursar la inscripción. De ac  
años que concuerdan en las actas  
matrimoniales y matrimonial de  
18 años a los 64 años y no a los 60  
se afirma en dicho folio.



Más allá de esta aclaración  
viniendo al tema, no existe docu  
ción que asegure que esa separación  
18 años de la pareja tuvo lugar  
cierta. Podemos suponer o tra  
tesis al respecto o manifiesto que  
que es por estos tiempos España  
vivían en circunstancias (sic) de  
inferior que pudo haber partici  
a un país que proponía un am  
dato a tener en cuenta es que  
importante recesión económica  
acarreaba, más aún en aquellos  
posible al grado de avance y  
básicos que tienen una familia.  
es que la Concepción con taba  
Cascallares dentro del Partido  
Si bien no podemos desear por  
matrimonial común y corrient  
dos documentos haber rearmado  
jóvenes. A bonandío esta afirmación

que de la Emigración de Esperanza a Europa

<sup>2</sup> En torno al año 1892, año de la llegada de Concepción González a Argentina, con flicto alguno en España. (N.E.).



A c t a de n a c i m i e n t o de Á n g e l E u l a l i a (1838), t a r l a s v i c i s i t u d e s de u n p r o c e s o m i g r a t o r i o m a r c a d o p o r l a d u r e z a de

l o s t i e m p o s y l a r e g i ó n . L a s d i f i c u l t a d e s de t r a s l a d o y l o r i g u r o s o del c l i s o n f a c t o r e s a d e s e c h a r p a r a e v a l u a r a u n a d u r a l e o n e s a q u e i m a g i n o m o r t e z a c e i t u n a d a , d e c o n v i c c i o n e s f i r m e s , y e f i c a z e n s u s a s u n t o s , r e c h l u j o s y q u e l e h a c í a f r e n t e a l o v u l g a r .

L o s i n v i t o a i m a g i n a r p o r u n i n s t a n t e n u e s t r a r e g i ó n del s u r b o a p r i n c i p i o s del s i g l o X X , y v e r e m o s , s i n n i n g ú n t i p o de r e p a r o , e l g c o r a j e y v a l e d e d e s e s p e r a c i ó n q u e t u v o q u e a f r o n t a r d o ñ a C o n c e p c i ó n h a c e r s e c a r g o y l o g r a r a b r a z o p a r t i d o s u l u g a r y u n l u g a r e n e l m u s u s c r í o s . D i s c u l p e n l a l i c e n c i a , p e r o n o p u e d o e v i t a r e m o c i o n a r m e y v e r d a d e r o o r g u l l o . L a i n c ó g n i t a q u e d e a l g ú n m o d o m e s i g u e i n q u i e r a z ó n p o r l a c u a l u n a a p a r e n t e y t r a n q u i l a c o m a r c a s e r r a n a p l a g a d a de v e q u e ñ o s p u e b l o s q u e l a i r r u m p e n e x p u l s a r o n t a n p r o n t a m e n t e a u n a r c o n t a n t o a m o r p r o p i o y a g a l l a s p r o p i c i a n d o u n a s e p a r a c i ó n f a m i l i a r i r r e b l e , a p o s t a n d o a u n n o r e g r e s o o l o q u e e s p e o r , a u n n o r e e n c u e n t r o . T r a q u e l p a i s a j e p o r l a r u s t i c i d a d de l o d e s c o n o c i d o , a d j u n t a n d o e n s u d e r u n e s f u e r z o s o l i t a r i o y c o m p l e t a d o u í e s d o n d e a p e l o a l a v o l u n t a d del d e s p r e v e n i d o l e c t o r . A m o d o de l l a m a d o s o l i d a r i o y s i n e s p e c u l a c i o n p a r a s a b e r de V a l e n t í n y s u s u e r t e ; p a r a s a b e r de C o n c e p c i ó n y s u s p o r p a r a s a b e r de m í .

c a l l a r e s , d o ñ a C o n c e p c i ó n G o n z á l e z de E u l a l i a s e r a d i c a e n E l P e r d i d o - E s t a c i ó n G u i s a s o l a , P a r t i d o de C o r o n e l D o r r e g o , c o n s u s t r e s h i j o s s i n q u e s e r e g i s t r e r e l a c i ó n a l g u n a f u e r a de s u f a m i l i a o r i g i n a l . V a l e a c l a r a r q u e l a d e f i n i t i v a r a d i c a c i ó n e n G u i s a s o l a s e d i o p a s a d a u n a b u e n a c a n t i d a d de a ñ o s . E s t a m u d a n z a s e e f e c t i v i z ó a e x p e n s a s del j o v e n Á n g e l , u n r e z a u e e s t e e n c o n t r a r a u n a c i e r t a c e r t e z a de i n g r e s o s r e g u l a r e s y l a c o n s e c u e n t e a d q u i s i c i ó n de u n a p r o p i e d a d .

P o d e m o s a s e v e r a r p u e s q u e D o ñ a C o n c e p c i ó n s e d e d i c ó n t e r a m e n t e a l a c r i a n z a de s u s h i j o s y é s t e f u e e l b a s a m e n t o de s u v i d a h a s t a e l d í a de s u f a l l e c i m i e n t o . M e g u s t a r í a h a c e r n o t a r l a v a l e n t í a de u n a m u j e r j o v e n , s o l a y c o n t r e s h i j o s m u y p e q u e ñ o s p a r a

P o s t a l e s i m p r e c i s a s

Continuamos con la historia de los Eulalialeoneses en El Peñalido de Coronel Dorrego, Provincia de Buenos Aires. Y hablo de Espino de Ángel y del pequeño Conrado Imagino sus ojos astados, bondadosos y negros, en la clase de la panza de un b arco que entonces no solía respetar las básicas modificaciones que debían tener una concusión sus hijos. Y su llegada a la ciudad sin sierras, sin valles, arroyos en donde chapotear. A finales de una oscu rralda, que por era sin ónimo de su pervivencia

Como dijimos anteriormente en el expediente de Concusión llegaba a los rescon sus hijos, pasó al guñahasta radicarse definitivamente en Perdidó. Familiares le permitieron

sostener con tareas hogareñas el mantenimiento de los niños. A la edad de 12 años don Ángel Eulaliacomi en z a de-

sarrollar áreas varias de jornalero en estancia y poblados de la zona rural. Por aquellos tiempos la adolescencia era mucho más corta que en la actualidad transformada de manera inconsciente en una suerte de pionero de la familia labúsquedade asentamiento definitivo. Paralelamente Esperanza Eulalia laboraba con su madre en los quehaceres domésticos y la crianza del pequeño Constantino. A mediados de primera década del siglo XX don Ángel logró que irirlotes en el recientemente fundado Empo después y tras la concusión de un ahumilde viviendo logratraer a su madre y hermanal radicación definitiva. Es así que a principios de la década del diez los Eulalíechan raíces en forma concetay estable en un pueblo lo que les brinda lidad de unavida ciertamente tranquila y con un lento pero constante

Muy a pesar del destino legu arda reservado a los Eulalialeoneses trágicos desenlaces que dejan ala amargura como protagonista exclusiva esos tiempos. A la y amen cionado fallecími en to de don Valentín, muy l de su familia en 1910, se su ma el suicidio de Constantino el 24 de junio de 1911 a temprana edad de 25 años. Poco tiempo después doña Concusión González de Eulalia fallece el 22 de junio de 1921. Madre e hijo desan san sus restos el cementerio local.



A c t a de d e f u n c i ó n de V a l e n t í n E u l a l i a (1910).

U n i v e r s i d a d





Certificado de matrimonio de Ángel Euclalía y doña Juana.

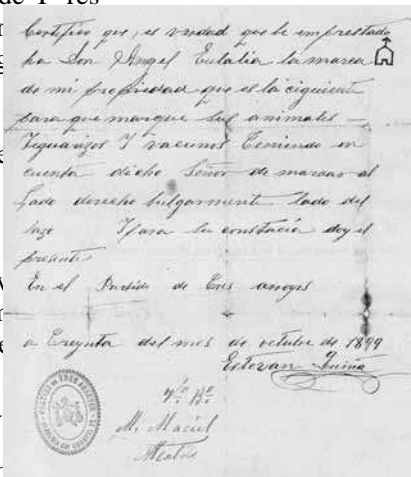
Ala par de estos lamentables sucesos doña Esperanza Euclalía con trae matrimonio con Feliciano Fondevila diversificando su rama genélica a hacienda el apellido del conyugue. Aun habitan descendientes de esa rama en El Perdidó. Don Ángel Euclalía, nuestro pionero en tierras dorreguenses, definitivamente dedicado a su oficio de agricultor, con trae en la celda 5 de noviembre de 1921 a los 36 años con doña Juana Vera, de 18 años, natural de estas tierras, y dedicada a quehaceres domésticos.

No obstante su oficio, don Ángel nunca desechó la posibilidad de la obtención de ingresos extras a través de otras labores. Su excelente montale permitió desarrollar áreas no solo en el campo de la ganadería sino además como idóneo en el cuidado del caballo, siendo pareja y en algunas ocasiones

jockey en las usuales jornadas rurales donde las carreras cuadreras e la atracción de la reunión. Como prueba de ello se adjunta, dentro de la documentación original de la época, una autorización que data del año donde un productor ganadero de Tres

Aroyos permite el uso de su maná animal en el trabajo de Ángel para el desempeño de su actividad

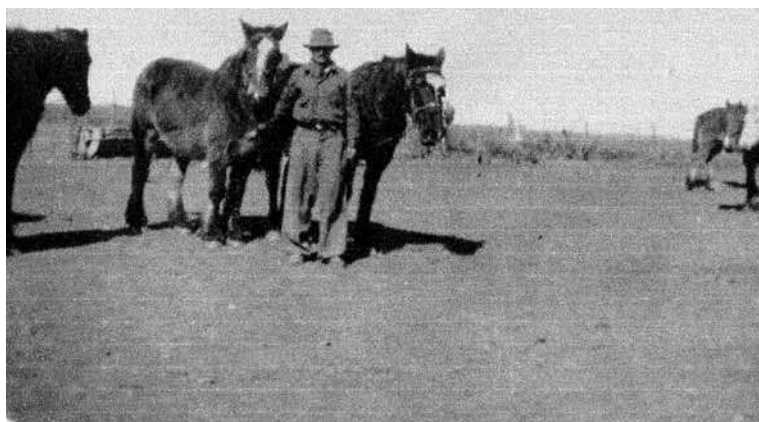
Otra nota distintiva era seña su maná habilidad para el manejo de los animales, lo que le otorgó en momentos de su vida algunos ingresos e imprecedentes habilidades jamás creyó conformar fueran revueltas y dejadas con renuencia o legado de vida a sus descendientes. Con la llegada de su doña Juana a tu voz que añadir áreas hogareñas, labores extras solventar la crianza y educación de sus hijos. Áreas de lavandería y tejidos eran sus especialidades.



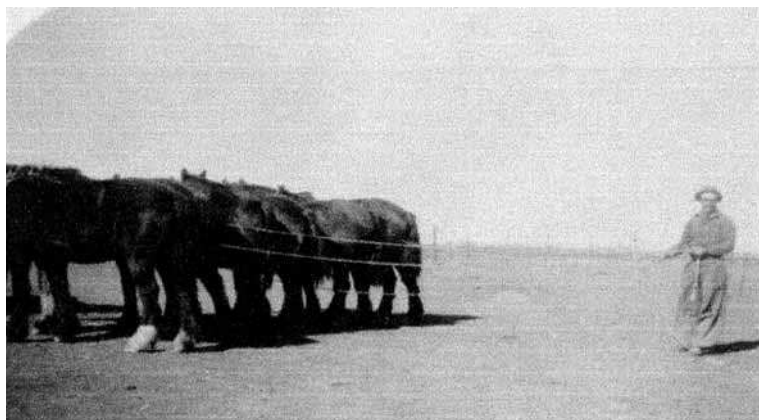
Autorización para el uso del hijo ganadero (1899).



Postal enviada por Ángel Eulalia a su esposa Juana en 1920. (sic) Juana en 1920. (sic) Juana en 1920.



Ángel Eulalia realizando tareas agrícolas (años 20 siglo XX).



Ángel Eulalia realizando tareas agrícolas (años 20 siglo XX).

Postal enviada a Juana





Ángel Eu l al i a realiz an do t areas ag rí c ol as (años 20 s. g. lo X X<sup>a</sup>).

T ab omoc on stea el  
 ár b of ami l i h ossi et d i j os  
 fru t del mat ri mon i on los  
 pri meros Eu l al naat i v des  
 la z on a El losson :Án g el ,  
 Né l i da, El sa, C el i Emma,  
 Ósc ary el y amen c i on ado  
 A l b ernás c on oc i do mo  
 M ota ac i on 192 4y q u e  
 para may oredat osv en dráa  
 ser mi papá y di sparadori n  
 di spen sab para est emel an  
 c of i empren di mi en A on a

Del i Eu l al iyade q u i ca  
 dac t a Dora M ab Fal l al i a. mb ssmos la resu l t ande su mat ri mon i con  
 n u estre ordada y mu y q u eri Del i Del P iz zomá.

P or ah ora est i mamos n ec esari o de jar reposan do n u est ro su eño y l i c en c  
 en est e pu n to al rel at o, esperan do q u e más tembran o q u e tarde al g u i en  
 n u est ra post a. No l e damos la en t i dad de u n fin al . L as h i st ori as de fam i l i a a  
 c an esl ab on es q u e aspi ramos sean en la z ados c on n u ev os pret ex tos y r  
 prev en c i on es.

En lo person al t rat aré de ser di g n a del c oraje de doña C bon- e epc i ón ,  
 c aré merec er el ren u n c i ami en to de don V al en t ín e i n t en t aré c osec h a  
 q u e don Án g el n os semb rara, para q u e t odo est o n o sea sol amen t e u n a an  
 dot a en t on os de sepi a.

A pi ádat e t i erra mía  
 por al g ún i n su l t o dado.  
 G ri tado por la i m pot en c i a  
 de n o c ami n art u s h u ell as,  
 sen deros q u e me su su rran  
 de mi g en t e y de mi h i st ori a,  
 l os poemas mal h eri dos  
 y l as somb ras de mi s v en t u ras  
 q u e h ac e mu y poc o en t en dí  
 c u an do c ru z an do u n espej o  
 su s arru g as adv ert í.

# La manta maragata

María del Pilar F uert es P érez

Inocencio nació el 28 de octubre de 1905 en San Cristóbal de Valdepeñas, un pequeño pueblo localizado de las montañas que separan El Bierzo de la Maragatería, en la provincia de León. Fue el mayor de un rosario de 13 hijos que tuvieron sus padres, Doña Antonina Pérez y Pérez y Don Santiago Fernández, nativo de Luyego de Somoz y Luyego afinado en San Cristóbal de Valdepeñas, por lo que se le empezó a llamar “el Maragato”. De todos los nacidos llegaron a mayores solo seis de ellos: Inocencio, Marcos y Áurea, que emigraron hacia Argentina; y que nacieron en España: Claudio, que fue su hermano menor, Julia y Pilar, la más pequeña.

Mi abuelo Santiago, alcalde del pueblo, se dedicaba a la compra-venta de ganado y llevaba a su hijo mayor, Inocencio, a todas las ferias que había en la región por aquellos años: Cacabelos, Villafraanca, Astorga, La Bañeza, Benavente etc. Los que concocemos la zona sabemos de la dureza del clima en invierno cuando la nieve, el viento y los lobos que hacían de ellos víctimas cruciados para salir y volver con el ganado por esos senderos de Dios.

Allá por el año 1921/1922, llegó al pueblo un matrimonio conocido como el Santiago que había estado en Argentina y a donde pensaban regresar en poco tiempo. Vientotrabajar a Inocencio, le propusieron a su padre que lo dejaran marchar para trabajar con ellos en Buenos Aires. Inocencio escucó con versación detrás de la puerta y según nos contó él, muchos años después, cuando le saltaba en el pecho del entusiasmo y la emoción que sentía, porque quería “ir para América” y así se lo hizo saber a sus padres. También le escucó a algunas personas mayores hacerle comentarios a su padre que “pronto le verían a Inocencio frecuentar el Paseo de Julio”.

Él no sabía de qué se trataba ese lugar pero lo averiguó muy pronto al llegar. El Paseo de Julio era la actual Avenida Paseo Colón y en ese en

La maragatería

c ob i j a b a d e b a j o d e l o s a r c o s d e l a o c e a n o s a c a b a r e t s y “p i r i n g u n d i n e s” de a l t e r n a n c i a y m a l a f a m a d e l B a j o , e n l a z o n a d e R e t i r o . S e j u r ó a s í m i s m o p i s a r n u n c a e s e l u g a r , p a r a n o d e f r a u d a r a s u s p a d r e s .

I m a g i n o l o q u e e s t a d e c i s i ó n d e p a r t i r p a r a A m é r i c a d e b i ó s i g n i f i c a r a s u s p a d r e s . S e l e m a r c h a b a e l h i j o m a y o r , l a m a n o d e r e c h a , e l q u e e m p e z a b a s e r s u l a d e r o y c o n t i n u a d o r , e l q u e y a e s t a b a e n c o n d i c i o n e s d e a y u d a p r o n t o a r e e m p l a z a r l e e n e l c o m e r c i o d e l g a n a d o . P e r o e s a s g e n t e s e r a n g r a d e s y g e n e r o s a s , c a p a c e s d e d e s p r e n d e r s e d e l o m á s p r e c i a d o p o r l a r e a l i z a c i ó n p e r s o n a l d e s u s h i j o s y a s í s e l o d i j o s u p a d r e a I n o c e n c i o : “ v a s a m a r c h a r p o r q u e n o q u i e r o q u e e l d í a d e m a ñ a n a s i e n t a s q u e n o t e h a s r e a l i z a d o e n l a n o l o g r a s t e t u s o b j e t i v o s p o r c u l p a d e l e g o í s m o d e t u p a d r e ” .

S e g u r a m e n t e l a a b u e l a A n t o n i n a a t ó s u a c a r t o n a d a m a l e t a l o m e j o r p u d o y l e e n t r e g ó c o m o p r e c i a d o t e s o r o , a m o d o d e l e g a d o a f e c t i v o , u n a m a r a g a t a d e p u r a l a n a r ú s t i c a e n c o l o r c r u d o a l a u s a n z a d e l a r e g i ó n , c o m o g u a r d a e n b a n d a s d e c o l o r r o j o , v e r d e y a z u l y e n t r e e l l a s t e j i d o s u n a t e r c e r a . “ I n o c e n c i o F u e r t e s ” e h a b í a m a n d a d o t e j e r p a r a l a o c a s i ó n . E s a m a n t a n o s o l o s i g n i f i c ó u n r e g a l o y u n a p r e s e n c i a f a m i l i a r e n s u v i d a s i n o q u e h a b í a d e p o s i t a d o e n e l l a t o d o e l a m o r y l a p r o t e c c i ó n q u e d e s e a b a p a r a s u h i j o m a y o r c u a n d o s a l í a a c o n q u i s t a r e l m u n d o . Y a s í f u e . . .

C o n 1 6 a ñ o s v i a j ó p a r a B u e n o s A i r e s c o n a q u e l v o s e ñ o r a s p a r a A m é r i c a s . P a r t i ó d e L e ó n a P o n t e v e d r a y e n V i l a g a r c í a d e A r o u s a l o l l e n u n a p e q u e ñ a l a n c h a h a s t a e l v a p o r “ D e m e r a r a ” q u e l o a r r i b ó a B u e n o s A i r e s e l 2 3 d e f e b r e r o d e 1 9 2 3 . A m í p a d r e e l m u n d o s i e m p r e l e p a r e c í ó p e q u e ñ o , p e r o i m a g i n o s u s o r p r e s a y e m o c i ó n a l l l e g a r a l a g r a n c i u d a d : ¡ d e S a n C a t a l i n a b a l a B u e n o s A i r e s !

C o m o e s t a b a e l m a t r i m o n i o c o n o c i d o d e s u p a d r e e s p e r á n d o l e , n o t u v o q u e a l o j a r s e e n e l h o t e l d e I n m i g r a n t e s , q u e r e c i b í a a t o d o s l o q u e a r r i b a b a e l p a í s s i n d e s t i n o f i j o ; p e r o s í p a s ó p o r é l a l d e s e m b a r c a r . T e n e r a l g u i e n c o n t a c i d o a s u l l e g a d a n o s i g n i f i c ó p a r a é l n i n g ú n b e n e f i c i o , s i n o t o d o l o q u e e s t a b a . E s a s p e r s o n a s n o l o m a l t r a t a r o n c o n g o l p e s f í s i c o s p e r o s í c o n d a ñ o s m o r a l e s y e m o c i o n a l e s .

D u r a n t e m u c h o t i e m p o d u r m i ó s o b r e u n a m e s a a r r o p a d o c o n l a m a n t a m a r a g a t a q u e l e e n t r e g ó s u m a d r e T l p a t a f . u e r z a d e v o l u n t a d y l a c o n s t a n c i a e n r e s i s t i r a n t e l a a d v e r s i d a d , s i e n d o a ú n a d o l e s c e n t e , p a r a n o t r e g a r s e y v o l v e r a c a s a d e s u s p a d r e s , d o n d e n o l e f a l t a b a n a d a y d o n d e s e e n c o n t r a b a n a s u s a m i g o s .

<sup>1</sup> A t r i o ( N . E . )

<sup>2</sup> L o s “ p i r i g u n d i n e s d e l B a j o ” e r a n , e n l a B u e n o s A i r e s d e l o s a ñ o s 2 0 , p e q u e ñ o s l e s s i m i l a r e s a l o s c a f é s c o n e s p e c t á c u l o s m u s i c a l e s m u y m o d e s t o s d e s a r r o l l a d o s p o r c h i l e n o l i g e r a s d e r o p a . ( N . E . )

padres le estaban esperando con los brazos abiertos. Siempre nos dijó que él volvería, pero no derrotado. Así fue que se dejó a esa gente y se bu sc ó la vida

Primero trabajó como dependiente y luego con un poco de experiencia con otro poco de decisión y voluntad, se puso por su cuenta. Su compromiso se dedicó a los ultramarinos que en Buenos Aires se llaman almacenes. En su su más distinguidos clientes estaba el Doctor Marcelo Torcuato de Alvear cuando era Presidente de la República, quien vivía muy cerca del ne Juncal y Libertad y al que elegu staba con versar con Inocencio a quien samen tellamaba “Galleguete”. Con esfuerzo y tenacidad la situación mejorando. Pasaron algunos años y en 1936 decidió, con algunos amigos, volver a España a visitar a su familia, pues ya habían pasado 13 años de su partida.

En el barco de viaje a España conocé a un grupo de señoras que también regresaban a su tierra de vacaciones y os. Entre ellas estaba María Pérez R, apellidada de Betanzos, en La Coruña, quien había llegado a Buenos Aires, el 24 de noviembre de 1923, el mismo año que Inocencio pero unos meses después. Ambos grupos hicieron amistad durante el viaje que duraron en encontrarse, en un lugar determinado, en un afec h a c i e t o d o s p e n s a b a n e s t a r v a r i o s m e s e s c o n l a f a m i l i a c o m o s e e s t i l a b a e n a q u e l e p o c a ; p e r o l a s c o s a s n o s u c e d i e r o n c o m o e s t a b a n p l a n e a d a s , p u e s e n j u l i o d e 1936 estalló la Guerra Civil española y todo cambió. El grupo de jóvenes mujeres regresaron de inmediato a Argentina, pero el pobre Inocencio que un encerrado en tres meses, nunca mejor dicho, en donde tenía hermanos, y primos en un u y o t r o b a n d o , s e g ú n f u e r a l a s i t u a c i ó n e x e g r á f i c a . C a q u e l o c a p t u r a b a n p a r a s e r f u s i l a d o p o d í a z a f a r s e d e l a s i t u a c i ó n , e s c a p a r s a l v a r l a v i d a . A s í f u e r o d a n d o p o r l a P e n í n s u l a y l l e g a r a B a d a j o z , h a s t a u n a n o c h e p u d o s u b i r a u n t r e n q u e l o s a c ó d e E s p a ñ a y l o l l e v ó a L i s b o n d e c o m e n z a r í a o t r o c a l v a r i o .

La Guerra Civil española involucró a varios países en la contienda sólo los españoles habían. Muchos, como él, hacían años que vivían en Argentina y no sabían a ciencia cierta de que se trataba esta confrontación y si les iban a permitir participar en ella, entonces a que me embros de su familia estaba en un u y o t r o l a d o . T o d a s l a s g u e r r a s s o n t e r r i b l e s p e r o n o h a y o t r a m á s d e n i g r a n t e q u e m a t a r s e e n t r e p a r i e n t e s y p o r m o t i v o s p o l í t i c o s .

Además el debía regresar como fue, pues por entonces y a tenía tres comercios de ultramarinos y era responsable de los compromisos contraídos. Comenzó el peregrinar por Lisboa, y en todas las agencias marítimas que fletaban buques hacía Buenos Aires y en todas obtenía la misma respuesta “no hay lugar”. El puerto de Lisboa era un enjambre humano. Miles de personas que buscaban por conseguir un sitio para salir de la Península.

Comió lo que conseguía y si empezaban a mañanar. Pasaron los días y el dinero se había terminado. Los últimos céntimos que le quedaban

gastó en la compra del billete para un acorrida de toros Mihuracón rej. Uno de los astados, ¡enorme!, como eran los Mihurade entonces, salió en cido y ciego y con tanta fuerza que al embestir el burlderero, se abría a la mitad. Nunca olvidó la corrida de esa tarde

Fue cientos de veces a todas las agencias que y alocón ocían; pero una de ellas, la “Mala Real Inglesa”, el gerente le dijo una pequeña historia a la que se aferró con uñas y dientes. Iba a verlo todos los días. De al guaman era este señor le había tomado cariño y tenía por él un interés especial. Quizás lo veía como a un hijo en dificultades. Lo cierto es que Inocencio sí que lo recordó toda su vida, como a un padre; y eso nos lo transmitió a sus hijos. Después de casi un mes de espera, pasaría por Lisboa o por Barcelona. Buenos Aires y en él, quizás, el gerente podría embargarlo. Esta situación pudo darse en una época, en un tiempo, en que el palabracón fianzay otro era absolutamente posible.

Pensemos que Inocencio tenía un centavo con él, y lo único que ofrecía en garantía de pago hasta llegar a Buenos Aires y en verlo era un reloj de oro “Ulises Nardini”, extrachato, de bolsillo, de cuatro (que aún con ser en mi poder) y que el buen señor no aceptó retener, sino que se lo fió en su palabra de pagarle al llegar.

El día que arribó el vapor, el puerto era una multitud que pugna subírsele al barco antes y escapar. El gerente le dijo que fue al puerto malo y que esperaba hasta que podía hacer. Su desesperación llegó al máximo cuando vio que el sueldo familiar quedaba en la tierra que iba a su mala suerte. Ahora sólo tenía lo que yo la esperanza. Había tomado su vida y sus cosas pero el guardia moreno que controlaba la salida había empujado de mala forma otras tantas, gritando: “¡vólese, atrás!”.

De pronto llegó el gerente. Le dijo que esperaba al pie y trepó la escalerilla para hablar con el capitán. Sabía que era su única oportunidad y sólo había que arribar. Veía claramente al gerente hablando con el capitán. Su y estaba en la bodega y el barco por partir. Nadie sabía cuánto tiempo pasaría él mismo. ¿Qué habría? ¿Qué le estaría diciendo? Se jugaba el futuro de su vida en esa conversación. Quizás pasaron minutos, quizás horas. El control y al o había empujado muchas veces para que se alejara de la escalerilla.

De pronto vio al gerente con el capitán en la borda del barco haciéndoles señas para que subiera. ¡Imposible! El guardia no en ten día nada, sólo lo empujaba hacia atrás. Costó hacerle entender que el capitán lo llamaba, que

<sup>3</sup> L agañería de Mihuracón si derada desde mediados del siglo XIX como de la más bravas de las del día. (N.E.)

<sup>4</sup> G rúa. (N.E.)

hacia arriba, que no le estaba mintiendo. Subió esa escalera como quien va a la gloria y se juró a sí mismo no volver a bajarla hasta llegar a Buenos Aires.

Y así fue. Pudo viajar sin pagar el pasaje, cuando había miles de personas en condiciones de aborrecimiento que iban a pagar el pasaje de escalar. Los gastos existían y él tuvo en ese momento un gran dolor.

En el año 1957, cuando viajamos toda la familia a España por primera vez, nos llevó en Lisboa a las oficinas de la "Mala Real Inglesa" para agradecer su gesto y presentarle a su familia, pero lamentablemente ya había fallecido.

Pasó el tiempo y dos o tres años después, se cruzó en la Avenida Santa Fe y Libertad con María Pérez Rapela que había conocido en aquel viaje en barco a España de años antes y que terminó en desbandada general a raíz de la Guerra Civil. Comenzaron una relación de amistad, luego de noviazgo más tarde se comprometieron en matrimonio, el 14 de marzo de 1942.

Y por entonces, su actividad comercial se había ampliado al sector petrolero con la explotación del restaurante "Sorrento" de la calle Tucumán.

Un año y medio después nacieron su primera hija, María del Pilar, quien sucribía esta reseña en su homenaje y luego sus dos hijos varones, Santiago y Fernando Antonio.

Por comienzos de algunos años, viajó a la costa de la provincia de Buenos Aires interesado en ampliar horizontes: primero alquiló y luego compró, el "Gran Playa Hotel", en Mar de Ajó donde tiempo después se afincó toda su familia y en donde desarrollará una tarea amplia y fecunda.

Por aquellos años viajar a la costa era verdaderamente un desafío de titanes... Había una cinta asfaltada hasta la localidad de Dolores, a unos 200 Km. de la Capital Federal, aproximadamente la mitad del trayecto, y luego un camino de tierra de casi 170 Km. Cuando llovía se transformaba en un verdadero lodazal en donde se atascaban los coches y que obligaba a toda familia a dormir en el camino. Nuestro padre tenía que salir acompañado a buscar ayuda cuando alguien se había quedado allí solo, a través de un cable que se conectaba con un artefacto de arrastre arrancaba el auto móvil del atasco en derribando sobre el camino y muchas veces debían ir a varios kilómetros hasta a cercarlo a una zona más permeada.

¡Qué sacrificio! Muchas veces hemos pensado que sería que el amor de este lugar; que él lo atajó tanto como para vender sus negocios en la capital y dedicarse por completo a esta aventura, donde estaba todo por hacer. No había luz, ni gas, ni teléfono, ni agua corriente y por supuesto, ni servicios derivados de los mismos. La caldera y las cocinas se calentaban con leña y gasoil; el agua se obtenía con bombas de extracción subterránea y por llegar al teléfono, nuestro padre donó un salón con vivienda para el jefe de familia, sin ningún costo, para que la Unión Telefónica instalara sus equipos. Estos equipos eran verdaderamente anticuados para la actualidad.

pero hicieron que el pueblo se sintiera con ectado con el mundo, a p  
 que un llamada a Buenos Aires podía tener varias horas de demora. H  
 dos operadores por turno, sentados frente a una mesa con alzada. En el f  
 de ese pasan te había momentos de chapi tascón un número cada una, q  
 cuando ese abonoado que era hac er un llamada. En ton ces el operador sac  
 cable muy largo de la mesa con un pico en la punta que se metía en u  
 rito de baj o de la chapi ta de otro abonoado, para con ectarlo con el señor de  
 chapi ta que había c aído pri mero. Al termi nar la comu nicación la mesa  
 g ab a” au tomátic amen telos cables con pico que desaparec ían de nu est  
 Con mi s herman os mi rábamos toda esta operati on asomb ro y di versi ón

Nuestro padre nunca se amedrentó frente a las ciencias. Todo lo con  
 rito. Si empre lu ch ó por ay u dar a la comu nicación en la que había dec idido  
 carse. A pesar de ser uno de los pocos en t en er lu z propia, por haber un g r  
 elec tróg en o en el hotel, no dudó en integ rar un eq uipo de trabajo q  
 interi or del país en bu sca de motores para crear un a cooperati va.

El 24 de abril de 1950 se fundó en los salones del “Gran Playa H  
 (nuestro hotel, pero también n u est ra casa), “CLYFEMA” cuy as si  
 dec ir: Cooperati va de Luz y Fuerza Eléctrica de Mar de Ajó. A demá  
 cooperati va, con verdadero orgullo de b omen ción art amb ién las in sti  
 que mi padre fundó colaboró dec ididamen te en su constitución: la  
 ción de Hotel es, Restaurantes, Bares y Afines, de la que fue su pre  
 hasta ser muy mayor, la Cooperadora Policial, la Sala de Primeros Aux  
 (no había hospital), la Cooperadora Escolar y el Centro Español de Mar  
 Ajó. Cedía desin teresadamen telos salones de nuestro hotel para que se rea  
 zaran las fiestas de la Hispanidad del 12 de octubre, con bailes, ob ras de  
 y c omidas típicas.

La necesidad social y la g en erosidad cristiana, eran T s s pri oridades.  
 b ajó mucho ísmo para su familia y para el pueblo, sin esperar ni nec esit  
 g ún recon ocimien to público. Ten ía un a visión clara de lo que había  
 para mejorar el servicio para el turismo, si en do el pri mero en in corporar el tax  
 aéreo como ex clusividad para el tran sporte de clien tes de nuestro hotel c  
 y v u el ta en el día a la Capital Federal.

Por su puesto que en o ex istían in g ún aeropuerto en la zona, pero lo  
 nes aterrizaban y despegaban en la playa, frente mi smo al hotel y c ar  
 traían a los pasajeros hasta la mi sma puerta de entrada.

El 20 de enero de 1956, en plen a temporada de verano austral, y reg re  
 san do de un viaje a Buenos Aires para traer mercadería, y a que en esa época  
 ex istían ni su permercados ni aprovisionamien tos adecuados para host el  
 tu v o un terrib le acciden te de coche al chocar con un puente,  
 caron casi muerto. Con much as dificultades y riesgos de vida, fue lle  
 capital e in g resado en el Hospital Español (otra institución con la que





estuvo obligado a su tierra, y ya muy mayor, había “denunciado” un asalto al alto del Morredero, en la provincia de León, para hacer allí unas pistas de esquí, acompañando el desarrollo de tal emprendimiento, cosas que él era y trabajaba. Pero los años y pesaban sobre él y sus casi 80 primaverales empujaron un poco y no pudo realizarlo. Más tarde alguien le aprobó el proyecto y lo concretó, pues en la actualidad ya existen las pistas.

Tiempo después comenzó el calvario de su esposa María, con una enfermedad terminal que detiene y posterga sus años, proyectos e ilusiones, acortando la vida a la realidad diaria y crucial sin muchas compartidas. Cuando se fue, dejó un vacío muy grande en su vida que se fue llenando de soledad y que apenas pudo mitigar sus hijos, nietos y bisnietos. Años, su oración dijo: “¡basta! y hasta aquí llegamos”.

El ahoranostá, pero si guacucíomnosotros. Nos sentimos orgullosos y muy honrados, sólo de su ejemplo como padre, sin embargo de habernos transmitido con sus radiaciones, amor a su tierra y de haberlo llevado desde niño para compartirlo con su familia, nos sentimos orgullosos de su vida y de su ejemplo. Él nos enseñó a ser mejores personas y a amar a los demás.

La abuela Antonina seguía ramentetejía la manita maragata para abastecer a los hijos de los ojos del hogar, pero quizás

no imaginó un día que a los 90 años y la realidad de un hijo extraordinario, luchador, creativo, trabajador por excelencia, no se sintió un día derrotado y dejó el mejor de los ejemplos a su familia y a la sociedad que



90 años de Inocencio Furtés Pérez con su esposa María Pérez Rapela.

# Un r e c o r r i d o m e m o r a b l e . T i e m p o s v

G i s e l a G a l l e g o

## M O I S É S Y L A G U E R R A

“Y o r a d e l o s m a s j ó v e n e s , m e p r e s e n t é e n l a c a j a d e r e c l u t a s s i n s a b e r n a d a . L l a m a b a n a l a s q u i n t a s d e t a l p u e b l o a t a l p u e b l o y t o d o s l o s d e l a e m í a y u n p o c o m a y o r e s t e n í a n o s . M u i e r a s i s e r í a t o n t o , q u e d i j e r o n : “ ¡ a f o r m a r ! ” , y y o n i s a b í a c o m o s e f o r m a b a y m e r e í ; e n t o n c e s s e a c e r c ó e l c a p i t á n y ¡ p o m b a ! m e p e g ó c o n l a l i b r e t a q u e t e n í a b a j o e l b r a z o , y l e p r e g u n t a b a p o r q u e m e h a b í a p e g a d o y ¡ p o m b a ! o t r a v e z . C l a r o y o n o t e n í a n s t r u c c i ó n g u n a , d e s p u é s m e m a n d a r o n a G a l i c i a a a p r e n d e r y e s t u v e d o s m e s e s a h í ” . A n a r r a b a M o i s é s G a l l e g o c ó m o c o m e n z ó s u p a r t i c i p a c i ó n e n l a G u e r r a C

M o i s é s s e a l e j a b a , c o n t a n s o l o 1 8 a ñ o s , d e s u S a n F e r n a n d o p a r a S e o c u m p l i r c o n e l n e f a s t o l l a m a d o y a l i s t a r s e e n l a c o m p a ñ í a d e a m e t r a l l a d o r a s y a n t i t a n q u e s . P a r t í a d e s u p u e b l o c o n t o d a l a i n c e r t i d u m b r e d e i n t e r u n a c o n t e c i m i e n t o t a n a t e r r a d o r c o m o u n a g u e r r a . U n a g u e r r a e n t r e h e r m a n o s b a n d o s i r r e c o n c i l i a b l e s d e e s p a ñ o l e s d e s a n g r a n d o s e e n u n a c o n t i e n d a a n i q u i l ó a m u c h o s f í s i c a m e n t e y m a r c ó a o t r o s t a n t o s e n e l a l m a , p a r a s i c o p r e . . .

“ A p e n a s m e i n c o r p o r é a l e j é r c i t o , f u i m o s e n c a m i o n e s a l a s a f u e r a s d e M a d r i d . E n M a d r i d e s t a b a n l o s r o j o s y e l c a p i t á n n o s m a n d ó a t i e r r a a d e s f i l a r ( s i c ) . S e e s c u c h a b a n r u i d o s s i n p a r a r ; e r a n l a s b a l a s . S e g u i m o s a v a n z a n d o c a d a v e z o m a n d o m á s t i e r r a . s i c ) C a s i n o c o m í a m o s , p a s á b a m o s c o n u n p a n y u n a s a r d i n a v e i n t i c u a t r o h o r a s , p e r o t e n í a m o s t a n t o m i e d o q u e t a m b i é n d a b a n g a n a s d e c o m e r . E n u n a o p o r t u n i d a d t u v i m o s q u e c r u z a r e l E b r o d a n d o , ¡ c u á n t a g e n t e a h í s e a h o g ó ! y ¡ q u é f r í o ! ; c u a n d o s a l í a m o s a l o t r o d e l r í o n o n o s p o d í a m o s e r . E n t o d a e s a r e g i ó n l a s g u a r d i a s l a s h a c í a m o s d e q u i n c e o v e i n t e m i n u t o s , m á s n o s e p o d í a e s t a r p o r q u e t e c o n g e l a b a s ” .

<sup>1</sup> L o c a l i d a d d e l m u n i c i p i o d e T r a d e l o , e n l a c o m a r c a d e E l B i e r z o , p r o v i n c i a d e L e ó n . ( N . E . )

Estuvo en total cinco años lejos de su hogar (tres en la c on t i e n d a b dos más prest ando servicios en el ejército) Solotuvo en aqu el lapso un a su c asa n a t a l para rec u perarse t r a s su h o s p i t a l i z a c i ó n .

“Cu ando c a í h e r i d o f u i a p a r a r a u n h o s p i t a l y a l l í m e a t e n d i ó u n c a t a l á n , a l q u e m i m a m á l e h a b í a c r i a d o l o s h i j o s , e n t o n c e s m e d i o u n t e p e c i a l y m e p u s o u n a m o n j i t a p a r a q u e m e c u i d a r a n o c h e y d í a . ¡ E r a t a n y t a n b o n i t a ! , e s t u v o t o d o e l t i e m p o a l l a d o m í o h a s t a q u e m e r e p u s e ” . T a l t a m é d i c a l e o t o r g a r o n u n a l i c e n c i a p a r a t e r m i n a r d e r e c u p e r a r s e e n s u

“V o l 15 d í a s a m i c a s a a l p u e b l o m i a m á m e t e n p a r e p a r a d a u n c a m a m u y i n c o m o r m í a e n e l p i s o , e s t a b a c o s t u m b r a d o . (...) U n a m i g a m e a d v i r t i ó q u e a s p a n e h a b í a e n u n c i d o l a r a n d o u e y e s t a b a l i e n y a ú n n o m e h a b í a i n c o r p o r a d o e l e j é r c i t o . a s p a n e d e n u n y y i c e r í a q u e e r a u n a m i g a g e h ... L o q u e p a s a e s q u e e r a f a l a n g i s t r a , a g o s e q u e r í a a c o m o d a r y c u a n t a s d e n u n d i a s í n e j o r s e a c o m o d a b a ” .

Su a s t u c i a l e a y u d ó a s a l i r d e l a p r i e t o y a s í f u e q u e e n e s t a s p a s a j e , q u e u n r e c u e r d o d e c o l o r , e n s u m o m e n t o l o h i z o t e m b l a r :

“E r a c i e r t o . e n í a b u s c a r m e ; t o n d e s v e q u e i r d e n u e v a l i s t a r m e . L a m a ñ a n a q u e p a r t í m e c r u a d o s h o m b r e s l a G u a r d a i v i n d i j e r o n :

- B u e n o s d í a s s e ñ o r , ¿ u s t e d a d ó n a d e
- V o p a r a V i l l a f r a n c a .
- ¿ C o n o c e a u n h o m b r e q u e s e l l a m a M o i s é s ?
- S í , p e r o m e p a r e c e q u e y a s e f u e , e h ...
- ¡ A h ! b u e n o g r a c i a s , s e ñ o r .

Y s i g u i e r o n p a r a S a n F i z y y o p a r a e l l a d o c o n t r a r i o . S i t e a g a r r a n q u e c o m o d e s e r t o r y a h í t e f a s t i d i a n , t e d a n d o s o t r e s a ñ o s d e r e c a r g o ” .

E s a s u e r t e d e c o i n c i d e n c i a s y e n c u e n t r o s , c o m o h a b e r s e c r u z a d o m é d i c o c o n o c i d o l e j o s d e s u p u e b l o , h a l e r s e p a r a f a d o n l a G u a r d i a C i v i l , q u e v e n í a a b u s c a r l o , n o s e a g o t a a h í . H u b o u n h e c h o b l e m e n t e a f i a n z ó s u f e y l e d i o e s p e r a n z a s e n m e d i o d e t a n t o d e s a m p a r o : a t é r m i n o d e u n e x t e n u a n t e d í a d e g u e r r a M o i s é s e s t a b a b u s c a n d o a g u i n m e n s a n o r i a ; y a h a b í a o s c u r e c i d o , p e r o p u d o v i s l u m b r a u n h o m o t r o l a d o a l q u e s i n v a c i l a r t r a t ó d e s a c a r l e a l g ú n t e m a . S i e m p r e l e g u s t ó h y r e l a c i o n a r s e c o n l o s d e m á s . A s í f u e q u e i n i c i ó l a c o n v e r s a c i ó n :

- ¿ C ó m o l e a d i s c u l p e , ¿ d e q u e c o m p a ñ í a e s u s t e d ?
- Y s o y d e l a c o m p a ñ í a d e a m e t r a l l a d o r a s , b a t a l l ó n n ú m e r o 133 .
- ¡ A h ! ¡ N o m e d i g a ! , y o t e n g o u n h e r m a n o a h í ...
- ¿ A h s í ? ¿ C ó m o s e l l a m a s u h e r m a n o ?
- S e l l a m a L e o n a r d o G a l l e g o ” .

<sup>2</sup> Esc aparse o l i b r a r s e d e a l g o o d e a l g u i e n . (N.E.)

A qu e ol b z e j a n a y fig u r a d i s t o r s i o n a d a e n t r e l a n i e b l a d e l a n o c h e y e n t r a d a , s e a b a l a n z ó h a c i a M o i s é s , q u e s e a s u s t ó p e n s a n d o q u e a l o m e s t a b a h a b l a n d o c o n u n l o c o , c r e y ó q u e v e n d r í a a p e g a r l e v a y a a s a b e r q u e . L o c i e r t o e s q u e e s a c o r r i d a f u e d e s e s p e r a d a , e l p e q u e ñ o t r a y e c t o l o h i a l a v e l o c i d a d d e l a l u z y d e r e p e n t e M o i s é s r e c i b i ó e l a b r a z o m á s f u e r t e l e h a y a n d a d o . L a s l á g r i m a s n o l e s p e r m i t i e r o n p r o n u n c i a r p a l a b r a s , s o l o e n e l l o s i n m e r s o s e n l a f e l i c i d a d d e l e n c u e n t r o , e s t r e c h a d o s y p a l p á n d o s e p a c r e e r q u e e s o e r a r e a l i d a d , q u e s e e s t a b a n v i e n d o , q u e e s t a b a n s a n o s , ¡ q u e t a b a n v i v o s ! E n m e d i o d e t a n t o d o l o r u n a a l e g r í a s e m e j a n t e . L a i n c e r t i d u m b r e d e s u s p a r a d e r o s d e s v a n e c i ó d e s p u é s d e l a b r a z o f r a t e r n a l m e n o s e s p e r a d o . “ L a g u e r r a e s p u r o d e s a s t r e s , s o l o i n j u s t i c i a . E l q u e h a c e u n a g u e r r a e s p o r q u e t i e n e m u c h o p o d e r y a m b i c i ó n , e l q u e l a s p a g a s i e m p r e e l p u e b l o y e l p o s o l d a d o ” , d e c í a M o i s é s .

E n 1941 p o r f i n v o l v í a a s u p u e b l o . Q u e d a b a n a t r á s l a s s i r e n a s p a r a d e s p e r t a r s e , l o s c ó d i g o s y l a j e r g a m i l i t a r , l a m a n i p u l a c i ó n d e a r m a s y l o s e t r u e n d o s d e b o m b a s q u e p o r l a r g o t i e m p o r e s o n a r í a n e n s u s o í d o s h a s t a e n e l m á x i m o s i l e n c i o d e l a n o c h e . A l l í s e r e e n c o n t r ó c o n u n a p a i s a n a q u e e r a d a b a c o m o u n a n i ñ a y e n l a q u e d e s c u b r i ó a u n a h e r m o s a m u j e r q u e , c o g a l a n t e r í a c a r a c t e r í s t i c a , c o n q u i s t ó . E l l a e s t a b a e n e l r í o l a v a n d o l a r o p a y d i j o : “ ¡ C u i d a d o ! E n e l a g u d e l e v a h e r m o s u r a d e t u c a r a ” .

E l l a e r a M a r í a D i v i n a R o d r í g u e z , c o n o c i d a c o m o M a r í a d e M e r e d o ( l a m a d a a s í p o r v i v i r e n u n a c a s a q u e h a b í a s i d o d e e s a p o p u l a r f a m i l i a ) . A n t e e l p i r o p o s e s o n r o j ó , l e d i r i g i ó a s u p r e t e n d i e n s o n u r i n a a y c o n t i n u ó c o n s u t a r e a . E n 1943 s e c a s a r o n y a l p o c o t i e m p o l l e g ó s u p r i m e r h i j o , F e r n a n d o .

M o i s é s y M a r í a , t r a b a j a n d o e n e l c a m p o y c o n <sup>3</sup> a d e g u e n a s c h a n g a s p e r r e r o , n o e s t a b a n s a t i s f e c h o s c o n s u p a s a r e c o n ó m i c o p o r q u e l a s s e c u e l a s l a g u e r r a e s t a b a n l a t e n t e s e n m u c h o s á m b i t o s y d e f o r m a m a n i f e s t a e n l a e n o m í a . L a i d e a d e e m i g r a r c o b r a b a m á s f u e r z a c a d a d í a , p e s e a l a r e t r o c e n c i a q u e l a s f a m i l i a s d e a m b o s p o n í a n . “ L a f a m i l i a n o q u e r í a q u e n o s v i n i e s s e a l a A r g e n t i n a , d e c í a n q u e y a i b a a m e j o r a r . . . p e r o n o s o t r o s é r a m o s j ó v e n e s b u s c á b a m o s a l g o m e j o r p a r a n u e s t r o h i j o ” , d e c í a M o i s é s .

M o i s é s t e n í a u n a t í a , h e r m a n a d e s u m a d r e , v i v i e n d o h a c e y a r i o s a ñ o s e n l a A r g e n t i n a , e n p l e n o c e n t r o p o r t e ñ o , y l e e s c r i b í a s o l o e l l a c a r t a p a r a p o d í a t e n e r l e u n a m a n o . L a r e s p u e s t a d e l a t í a M a r í a n o s e h i z o e s p e r a r : n o s ó l o l e o f r e c í a a l o j a r l o e n s u a p a r t a m e n t o s i n o t a m b i é n p r e s t a r l e e l d i n e r o p a r a l o s p a s a j e s e n b a r c o y e n c a r g a r s e d e c o n s e g u i r l e u n t r a b a j o . E s t o ú l t i m o i n d i s p e n s a b l e p a r a i n g r e s a r e n l a R e p ú b l i c a A r g e n t i n a . E n 1948 , a ñ o e r a

<sup>3</sup> E n A r g e n t i n a y U r u g u a y , s e g ú n l a R e a l A c a d e m i a E s p a ñ o l a , o c u r r i ó p a c i ó n t r a s p o r l o c o m ú n e n t e a r e a s m e n o r e s . ( N . E . )

Moiés y María emigran, se firman con venio en el que las condiciones que los extranjeros ingresen eran de tres tipos:

- a) De carta de llamada. Integrada por quienes emigraban por empleo o contrato, ofrecidas con las debidas garantías por partes, amigos o terceras personas, españolas, argentinas o de otra nacionalidad residentes en la Argentina que se comprometían formal y legalmente a proporcionarles el trabajo u ocupación prometidos de acuerdo a la carta de llamada.
- b) Contratada. Formada por quienes se establecieron en la Argentina por virtud de un previo contrato de trabajo suscrito antes de su salida de España. Los interesados y sus familias podrán gozar del pago del viaje, que podrá ser por cuenta de quienes lo empleen, así como de manutención y establecimiento hasta que perciban el primer sueldo o salario.
- c) Colonización. Destinada a las primeras personas que emigran en las familias nucleares de trabajadores que sean contratados por los organismos competentes del Gobierno argentino con el objeto de ser asentados en el campo de formación y acondicionamiento de colonias para los habitantes del país. Los emigrantes destinados a las colonias serán ajenos a los procedimientos de ingreso en el país y los requisitos, como si fueran al destino principal de la actividad que se trate trasladados a la República Argentina con carácter de voluntarios que se les muestra el programa de prestación de servicios en el Gobierno y empresas participantes.

El caso de él fue el primero de los en un momento, pudo emigrar por medio de dicha "carta de llamada".

Pese a la ayuda de la tía no fue fácil conseguir el empleo. Los trámites no fueron sencillos. Necesitaba comprobantes del ayuntamiento de Tordesillas sobre la buena conducta de ambos, la declaración de que no había enfermedad, que no había sido opositor al sistema y la certeza de que a su llegada a un familiar, que se trasladaba a la Argentina con un trabajo, esperaba y demás requisitos difíciles, si teníamos en cuenta que María había aprendido a escribir en el servicio militar gracias a un compañero de forma autodidacta lo alfabetizó precariamente.

## A DIÓS M IPEÑA Q UER IDA

Pasada la parte formal, burocrática, el día de embarcar había llegado Moiés junto a su esposa María y a su pequeño hijo Fernando hasta el puerto de Vigo. Los familiares los acompañaron unos kilómetros. Llan y esperan a que en un futuro cercano regresarían.

A ll eg ar a l ac i u d p d r t u a r i d e V i g l e s c o m u n i q u i a e m b a r c a c i ó n n e s t a b e n c o n d i c i o n e s a f e c h a p r e v i s t a p o r l o c u t i l i v i e r o n e s p e r a r .

“En l a g u e r r a , u n c o m p a ñ e r o a s t u r i a n o s e o f r e c i ó p a r a e n s e ñ a r m e . C o m p r a m o s u n a c a r t i l l a c o n l a s l e t r a s y y o t e n í a t a n t o d e s e o d e a p r e n d e r q u e e m e i b a d i c i e n d o l a s l e t r a s : e s t a e s u n a A , e s t a u n a B y a s í . . . a m í m e q u e d a b g r a b a d o y a p r e n d í e n i m p r e n t a y c u r s i v a ; m e s i r v i ó m u c h o y n o m e o l v i d e e s e m u c h a c h o , q u e a l p o b r e c i t o l o m a t a r o n ” .

Q u i n c e d í a s d e b i e r o n a l o j a r s e e n u n h o t e l ; m i e n t a s t a n t o s e i b a t a n d o e l p o c o d i n e r o c o n e l q u e c o n t a b a n . F i n a l m e n t e e l d í a 2 1 d e s e p t i e m b r e d e 1 9 4 8 , e l v a p o r M e n d o z a z a r p ó c o n d e s t i n o a B u e n o s A i r e s ; a l l í v i a j a b a m u c h o s e s p a ñ o l e s d e d i s t i n t a s r e g i o n e s e s p e r a n z a d o s d e n u e l e o e l a r g e n t i n o , e n e l S u r d e A m é r i c a L a t i n a , l o s e s p e r a b a p a r a b r i n d a r l e s b u c o n d i c i o n e s l a b o r a l e s y u n p a s a r m á s g l o r i o s o q u e e l q u e s u s e l o n a t a l o e n e s e m o m e n t o . E n a q u e l t r a n s p o r t e l a s c o m o d i d a d e s e r a n m o d e s t a s : “ E r a u n b a r c o v i e j i t o , d e g u e r r a . E n e l p u e r t o s e v e í a n o t r o s d e l u j o p e r o e l n u e s t r o é s e , M e n d o z a ” .

L o s h o m b r e s d o r m í a n e n u n p i s o r e p l e t o d e c a m a s y l a s m u j e r e s e n o t r o . E l v i a j e n o o b s t a n t e , f u e u n p o c o p r e o c u p a n t e p a r a M o i s é s y a q u e s u l o p a s ó m u y m a l y e s t u v o m a r e a d a l o s q u i n c e d í a s d e n a v e g a c i ó n , t o d a l a m i d a l e c a f a m u y m a l y l l e g ó b a s t a n t e d e s m e j o r a d a . “ L o p e o r l o h e m o s p a s a d o p o r e l E c u a d o r . F u e r o n d o s o t r e s h o r a s e n q u e e l m a r s e p u s o m u y b a r a v o , l a s m u j e r e s l l o r a b a n d e m i e d o , s e e s c u c h a b a n g r i t o s . F e r n a n d i t o e r a m u y c h e m e p r e g u n t a b a s i n o s í b a m o s a a h o g a r ; y o l o t r a n q u i l i c é e n t o d o m o m e n t o a j u s t é b i e n e l s a l v a v i d a s , q u e l e q u e d a b a g r a n d e , y l o t u v e e n b r a z o s t e r m i n ó e s e o l e a j e t a n f u r i o s o e . J u n a e p a s a m o s l a z o n a h u b o a p l a u s o s , b r i n d i s y f e s t e j o s ” .

D e s p u é s d e c r u z a r e l o c é a n o a r r i b a r o n a l p u e r t o d e B u e n o s A i r e s . A l l í h a b í a u n m o v i m i e n t o i n c e s a n t e , g e n t e p r o v e n i e n t e d e d i v e r s o s p a í s e s y n a n d o e n e l a i r e m ú l t i p l e s i d i o m a s . A M o i s é s y f a m i l i a l o s e s t a b a n e s p e r a n d o l a t í a M a r í a j u n t o a s u s h i j o s , E n c a r n a c i ó n y M a j í n ( h e r m a n a y c u r s o M a r í a ) , J o s é y J o s e f a ( h e r m a n o y c u ñ a d a d e M a r í a ) . E l l í e s t a b a u n a l l o s r o s t r o s c o n o c i d o s y a f e c t u o s o s l o s c o n t e n í a y v l e o s a s d e a b a u n a e s p e r a n z a s . L o s c u ñ a d o s m e n c i o n a d o s , e s t a b a n m e d i a n a m e n t e b i e n y p o r e l M o i s é s s e a t r e v i ó a t o m a r s e m e j a n t e d e c i s i ó n .

## P R I M E R O S T I E M P O S

L a b u e n a v o l u n t a d d e l a t í a M a r í a n o l a h a n d e o l v i d a r , p e r o e l d e p a r t a m e n t o q u e l e s d i o c o b i j o , a p e n a s l l e g a r o n , e r a u n e s p a c i o r e d u c i d o e n e l v i v i e r o n s i e t e p e r s o n a s , t o d o s m u y i n c ó m o d o s , c a s i s e p o d r í a d e c i r h a c i n a d



Moi sés al día si guiente de su arribo empezó a trabajar en un astillero lejoso; se iba todo el día y regresaba a la noche; mientras tanto, M y su pequeño hijo pasaban penurias en casa de la tía. Las relaciones de ellos eran muy escasas y preferían comerciar con el dinero que les quedaba a Fernán y al intentar lo para que se recuperaran. Ella y a estaba muy delgada desde había embaucado y baje estas condiciones se puso a emigrar. En uno de los primeros días desalentados estaba sentados los dos solos en la terraza del edificio y María, casi llorando, le dijo a Moi sés: “¿Adónde me trajiste? Él contestó: “¡Ay María! y o creí que esto era otra cosa, tú sí que eres irrequieta con Fernán, no pedimos plata prestada y yo me quedé hasta pagar todo hasta devolvérsela plata de los pasajes a la tía”. Pero el amor hacía a su marido hacer cosas para resistir con esperanza y quedarse a su lado, como los tiempos como en los buenos.

De poco el ansiado progreso se iba asomando, era cuestión de pasar los primeros tiempos, los más difíciles y los del duro desarraigo. Con vivían en ambientes opuestos del que procedían. De la frescura de la montaña, los años, el agua de manantial, los senderos de tierra, las casas amplias de piedra, pasaron a un espacio mínimo, un departamento en un callejón estrecho y sucio, pujante, que limitaba el estilo de las urbes europeas. De allí a miles de años de migración y a la vida de un ciudadano.

## CUESTA ARRIBA

La cunada de Moi sés, Encarnación, su hermana después de cuatro meses de estar en el país no mejoraba, les propuso que se mudaran a su casa. Allí, ella se recuperó física y anímicamente y comenzó a trabajar con entusiasmo en una vivienda espaciosa, cómoda, con luz y agua.

En los suburbios de Buenos Aires, en pleno barrio de Mataderos, la transformación notable. Cuenta Moi sés: “En ese entonces era fácil encontrar empleo, fue mi señora acompañada de su sobrina, que era muy joven y bonita, con ocasión del año de la cunada, y al otro día María y a estaba a trabajar contigo y compañeras muy buenas que le enseñaron todo sobre como estar con los chicos y cosas que ella no sabía”.

## EL ESFUERZO DESDE EL PRIMERO MOMENTO

Como él había llegado con contrato de trabajo en el Astillero Rtiago, al día siguiente de la desmigración debía estar allí. No conocía nada,

<sup>4</sup> Tal le don de se curten pi el es de an imales. (N.E.)

le era extraño, y el trabajo le quedaba nada menos que a 71 Km de la casa de su tía. Pero preguntando se llegó a Roma. Fue desde Constitución (un ferrocarrilario estático de Buenos Aires desde el 1914) hasta la ciudad de La Plata (antigua capital del país) en tren, después un micro hasta Río Santiago y llegó allí mismo. En aquel polo de producción aviar hacían puertitas, ventanitas y otras piezas para barcos de gran tamaño como él era herrero allí había mucha obra para su oficio.

“El viaje era largoísimo, me levantaba antes de las 5 de la mañana, era muy cansado, pero yo igual estaba contento de poder trabajar. Después que conseguí un empleo como portero en un edificio cerca de donde estaba viviendo así que cuando ese trabajo, le cambié muy bien, pero cuando le dije que tenía un chico, ahí van o quisieron, querían solo un matrimonio.”

De todos modos en el astillero estuvo poco tiempo, porque afortunadamente cuando se mudó a casa de su cuñada, María entró a trabajar a una compañía. Allí el patrón le preguntó donde estaba empleado su esposo, cuando María le comentó, el patrón contestó: “¡No, pero si eso es lejísimo, dígame a su marido que venga a trabajar para acá!”. Murió sin desaprovechar la oportunidad y comenzó a trabajar. Lo pusieron de reparador de motores, nunca había trabajado ese material, pero aprendió enseguida. El patrón, Don Desiderio, un hombre muy bueno, un día fue a buscarlo a la casa de Encarnación y le propuso ser capitán. Para él fue gratificante el ofrecimiento de tal puesto pero no se atrevió a aceptar: “Le agradezco muchoísimo a Don Desiderio, pero no podía aceptar ese cargo de ningún manera. En la actualidad he abandonado los negocios con más experiencia y muchos años de trabajo”.

Ahí estuvo casi dos años pero después un accidente ocasionado en relación y le propuso entrar allí. A él le interesaba porque era un lugar muy rico y noble y al que muchos hombres aspiraban ingresar. Allí llegó a esta firma pasar empezó a ser lentamente el que había imaginado. La estabilidad laboral y los beneficios que allí empezaba a obtener como trabajador eran ventajosos. No es un dato menor que la expansión fabril y obrera en general en la década del 50 fue notable, así como los beneficios de dichos trabajadores. Impulsado por el movimiento peronista, la conciliación de gremios y la misma figura

<sup>5</sup> La actividad de la marca Pirelli en la Argentina se remonta a 1898 a través de un agente comercial y desde 1910 con una sucursal dependiente de la casa matriz. En dicho sucursal se transformó en Pirelli Platense SA e inicia sus actividades de fabricación y comercialización de cables, neumáticos y productos de caucho de con un primer establecimiento de fabricación ubicado en el barrio de Flores. En 1931, en un terreno del barrio de Mataderos, en la Capital Federal, se edificó un importante complejo industrial, a efectos de abastecer a un acrecienta demanda de cables y productos de (N.A.).

Perón que desde la década anterior en carnabala con quista de los derechos. Los trabajadores (lo cual le dio su gran popularidad, especialmente en sectores de mediana edad).

Este trabajo compen sab a de algún modo los avatares que venía pasando desde su llegada y a través de este empleo, que con servó hasta su retiro, menzaba a vivir su miserable vida.

## EL TRABAJO ANSIOSO

“El día que empecé en Pirelli me presentaron al jefe y yo le dije que yo era un error; le pedí, si aun que sea, me podía poner de medio oficial, y él me dijo que en eso, que iba a empezar cuando comiencen de tierra y estuvo ahí como dos meses. Después me mandaron a un depósito a controlar los errores, a acomodarlo; y como yo iba muy bien en todos los metales y me hice bueno como del sobriño del capataz y le comencé a que era un error. Un día habí que hacer los metales y este muchacho me dijo al jefe, a su tío: dejemos que los haga. Me dijeron que iban a ponerme a prueba. El capataz me dijo la media y me dijo que los haga como pueda, los dejé sorprendidos porque los hice muy prolijos y rápidos. Así fue ascendiendo hasta que me pasaron a oficial múltiple, que cuando trabajaba más allá que había. Además hacíamos horas extras y para mí más también iba los sábados y así trabajé hasta que me jubilé”.

Además de este empleo que le proporcionó estabilidad económica y progreso, el desafío de superarse y detenerse en un buen pasar—después de todo vivía en buena su vida—y su espíritu inquieto, lo llevaron a realizar trabajos ocasionales.

“Y era muy voluntarioso; agarraba todo el trabajo, aun que cuando me llamaban para ir a trabajar, después llegaba a casa y me las rebuscaba con otras cosas. Arreglaba de todo, me llamaban a la gente para trabajo de herrería y plomería. Siempre estaba haciendo algo. En buena hora llegué a estar en definitiva en la tienda. Trabajo como conductor, y no tenía descanso pero valió la pena que al poco tiempo empezamos a estar bien y mis hijos nunca pasaron hambre nunca. Así habí trabajado, día para otro podías conseguir algo”.

## AÑO RANZAS

La larga lista de cosas que había de extrañar de su España, de Castilla y León, de San Fiz, de su casa natal por que ellos tiempos de recién arribados debían ser muchas, sin embargo antes la pregunta por que lo que se añoraba ponde en primer lugar por la familia y el modo de habitar. Esto último es llamativo dado que el idioma es básicamente el mismo, sin embargo las expresiones y modos del decir se prestaban a malos entendidos y burlas.

“Ex trañaba mucho las cosas, la familia especialmente. Nos comu nic ábamos de tanto en tanto por carta. Cuando vi a José para mí fue lo único que me alegró, me pesaba a mi mamá; me contentó después mi papá cuando me lo contaste, ¡pobrecito!, me hubiera gustado darle más porque elevaba mi vida y bien necesitaba... También extrañaba la forma de hablar, porque en otros hogares había mejor el castellano pero acá se reían de cualquier cosa que yo decía. Había palabras que ni me las tenían ni yo las tenía que estar explicando que querían

En tres recuentos y risas picarescas “Aunque me da: ¡pienso siempre decía ‘coger’, que para mí era agarrar o tomar algo, y para los argentinos era algo bien distinto...”

## EL HOGAR PROPIO

Si bien los cinco meses que conviví con sus señados Encarnación y María fueron mucho mejores que la estadía en el primer lugar de residencia. Me sentí afortunado en un lugar propio para mí, hijo y poseblemente agraciado para la familia.

Así fue como escuche el consejo de su cuñado José, que había pasado un tiempo en una situación muy similar a la de él, incluso también había estado un tiempo alojado en casa de Encarnación y luego como “zócalo” en un apartamento en un barrio con tiguera. Mataderos, apenas unas cuadras, de barrio y ambiente de denominación. Allí se establecieron, en Villa L...

Alquiló un terreno despojado y como zócalo construí un humilde hogar que edificar, pues no había ningún tipo de construcción, y colaboración de nadie.

El barrio estaba poblado en su mayoría por españoles e italianos, casi en igualdad de proporción, todos vecinos con historias similares y que sabían bien la importancia de ser bienvenido y dejar de sentirse foráneos. Así todos ayudaron a hacer la casa.

De una manera muy espontánea y con la calidez del contacto cotidiano que imperaba en la época, los vecinos los primeros días se afianzaron: “En el barrio éramos como una familia. Mi cuñado María era carpintero se daba la mano para todo, y también me las rebuscaba así que con la ayuda de familiares y papá en dos semanas habíamos armado la casa y como teníamos mucho terreno empezamos a criar gallinas, conejos, plantamos cebollas, tomates, papas, lechugas, ajos, perejil. Todos los que tenían lugar plantaron algo en casa, porque la mayoría éramos gente de campo. Teníamos un terreno grande y siempre que se podía dábamos algo a los vecinos. Ahora yo a no que

<sup>6</sup> La palabra *cojer* en Argentina es utilizada como la forma más vulgar o grosera de hacer referencia al acto sexual. (N.A.)

n adie... qu edamos nosotros solos. (...) A ntes podías dormir con las puert as ab iertas, n adieteiba a molest ar”.

A nte semejante c ambio en la viv ienda, en el amb iente de vec ino el su rg imiento de un h ábitat qu e len tamente empez a a perc ibir co n oes llamati vo qu e e ntonces se du cido por el c entro de la ciu dad port eña, en don de se hallaba su pri mer hospedaje, est ab a más agusto en los sub u rdel b arrio de M ataderos y L ugan o don de fin almente se est ab leció, con su h og ar y resi de h asta n u estros días.

P or un lado lleg ar al b arrio si g nific ó una mejora en su c alidad de despu és del h ac inam iento en el depart am ento de la tía y de viv ir “de prest a b ajo el t e c h o de su c uñada. P or otro, fue en c on trar o h acerse “su luga r: sen tido de tener laz os con sus pares y empez ar a forj ar un a iden tidad qu e an ex ab a al resto de los rasgos qu e lo c onstit uían. A l “ser español”, “ser i g rante”; “ser h errero”; “ser ob rero”, ah ora se ag reg ab a “ser vec ino o parte de la c omu nidad de V illa L ugan o”. Un b arrio de clase trab ajadora, de in m i g u n luga r ín timamente relac ionado a la afamada in du stria de la c arne arg (por su c on tigu idad espac ial al b arrio de M ataderos) y un mez cla de rara t era en tre lo urb an o y lo rural, en aqu ella época. Un b arrio en el qu e el pai sanos, con las mismas c ostumbres y con un espír itu muy solidario.

Si n emb argo no todo fue c olor de rosa, un in c idente respec to al n h og ar desest ab iliz ó la c alma qu e empez a a rein ar: “T u v imos un pr c on la persona qu e en os sub alqu ilaba, José A nton io Baras. R esult a lleg ó un a c arta para du ño u oc upante por un os impu est os y bu eno, el o era y o y le dije a Don Baras sob re esa c arta qu e e yo qu e ría poner todo al día porqu e el oc upante era y o y él se en ojó; v ino, ag arró un h ierro para peg y o, c laro, jora ey fu erte, ¿qu ién me peg ab a a mí? P ara def enderme le di u c astañaz o qu e lo de je en el suelo y ah í la pasé mal. F ue a la polic ía san g ra me den un c ió y en ton ces me lleg ó la c itac ión para qu e me presen te. L mi jefe lo qu e me h ab ía pasado y qu e podía h ac er porqu e e yo en la c omi sari c on oc ía a n a él me h izo un a c arta para el c omisario (porqu e se c on oc ían y c uando fu i se la presen té. El c omisario rev isó el ex pedi en te de Don B y me dej ó sin c ulpas, no por la c arta sino porqu e ten ía un h istorial de qu e h ab ía h ech o, era muy ag resi vo. Y bu eno despu és y a n adie me mol a un ab ogado y me dijo como ten ía qu e h ac er; pagu e í impu est os at rasado despu és aparec ieron los verdaderos du ños; c uando todo est ab a al día, y me lo v en diron c on fac ilidades, en c uotas, fu i pag ando como pu de”.

## P O B L A N D O E L S U E L O A R G E N T I N O

M uchos matrimon ios lleg aron a la A rg en tin a con un h ijo nac de orig en y h an dado alu z a los restan tes en el suelo qu e los cob ijó. Es b ién fue el caso de M oisés y M aría. H ab ían v enido con F ernando,

años de edad, y después de estar dos años en Argentina, llegó Juan, su segundo hijo, quien siendo definitivamente enlazó a este país.

“Nosotros vinimos para estar unos años, hacernos un porvenir y regresar, pero después fuimos en condiciones de choferes y trabajo. Cuando tuvimos un estroto otro hijo acá y a nosotros fue la idea de trasladarnos de nuevo. Eso sí, si empre tuvimos la idea de volver a España a mi familia pero recién pude hacerle un viaje cuando me jubilé, fue el primero que hice, cuando dejé de trabajar con mi señora a España, iba por dos meses y finalmente me quedé seis. Después de treinta y un años me reencontré con mis hermanos, sobrinos, primos amigos... Además de la familia recorrió España, Francia y Portugal. Al go de España concibió, por la guerra, que estábamos de un lado a otro, pero María concibió nada porque del pueblo vino directamente a la Argentina

## UNA DE CAL Y UNA DE ARENA

Ante algo tan emocionante como la llegada de un hijo, Moisés tuvo muy problemas un problema de salud muy delicado. “Juan nació en el Hospital Salaberry. Fíjate que mi señora estaba en una sala y yo en otra porque teníamos que operar, estaba muy mal de los ganglios, creían que no iba a haber más. Vinieron a monjita a avisarme que Juan ya había nacido. Juntos el chico más lindo que había nacido ahí, había una señora muy fina, se me deplata, (en ese entonces ricos y pobres todos nos atendían en el hospital) que compartía el cuarto con María y a todos los días su abuelita también que era que concibió a Juan porque estaba en lo que concibió a las enfermeras también. Yo no estoy muy mal, me retorcía de los dolores, pero así estoy en el estado de vida”.

El dato que aporta el testimonio ilustra al Estado benéfico en el que el sistema de salud tanto provino a una otra clase social. Se trataba de servicios públicos, intangibles, homogéneos, que se brindaban por igual a los ciudadanos, cuyas máximas referencias fueron el sistema de salud y el sistema educativo.

Esta fue otra condición básica que justificó la elección de muchos grandes, incluso de varios españoles concibidos de Moisés, como país de residencia. Respecto a la institución “argentinizada” por excelencia, la pública, también se revela a la administración de Moisés por haber tenido la posibilidad, que él notó, de contar con una educación formal y gratuita en manos del Estado. “Había muy buenas escuelas y maestras; no les daban como ahora pero enseñaban bien”.

La aclaración “no les daban como”, refiere al contraste con la escuela argentina pública actual en la que la función propiamente escolar ha

reducida y se desplazó más bien al asistencialismo. Al menos en las zonas periféricas, en tre ellas la escuela a la que sus hijos han asistido.

En el momento que sus niños se estaban escolarizando la función de escuela era bien clara. El “leit motiv” de la escuela pública, con el gran que está tuvo, era formar ciudadanos. Y acató también, y menor importancia, como la máquin a alfabetizadora por excelencia.

Los inmigrantes, como Moisés, sistematizaron la educación de sus en la institución más rica simbólicamente y prestigiosa socialmente momento. En tre ganaban a sus hijos a la escuela, donde éstos perdían en no medida, la lengua y la cultura de sus padres para en ~~revertir~~ sólo la lengua del país. Pero esa imposición, al mismo tiempo, los convertía en ciudadanos argentinos y no en integrantes de comunidades aisladas.

A diferencia de la escuela argentina actual que ~~evoca~~ ~~templando~~ migración de la década de los 90, (bolivianos, peruanos, antioqueños, guayaquinos) reivindicados, costumbres regionales y la alteridad, ~~h~~ ~~hincapié~~ en la importancia del componente multicultural en las aulas.

El proyecto de la escuela moderna del estado argentino en los comienzos y bien entrado el siglo XX era muy distinto. La escuela abarcaba diferencias y particularidades de los hijos de europeos, pero a cambio ofrecía saberes que eran indispensables para el desarrollo en sociedad.

Pese al papel fundamental de la escolaridad en el crecimiento de Fernández y Juan, Moisés rememora los trabajos de sus hijos en la infancia. En la época y en el entorno de la cultura del trabajo, lonatural y esperanzado que los niños también colaboraran en las tareas del mundo adulto. “Juan fue muy trabajador, de chico le era lechero y estaba como querían trabajar la leche, después estuvo de carnicero, nos traía la carne así que era muy útil”.

Si bien sus hijos finalizaron la escuela primaria, ~~gru~~ ~~o~~ ~~proc~~ ~~eso~~ ~~est~~ ~~o~~ ~~ran~~ ~~tiz~~ ~~ado~~ ~~por~~ ~~que~~ ~~de~~ ~~ter~~ ~~mi~~ ~~na~~ ~~ba~~ ~~a~~ ~~la~~ ~~esc~~ ~~ol~~ ~~ari~~ ~~dad~~ ~~co~~ ~~mo~~ ~~g~~ ~~ra~~ ~~tu~~ ~~ita~~, ~~la~~ ~~ica~~ ~~o~~ ~~blig~~ ~~at~~ ~~ori~~ ~~a~~, ~~n~~ ~~i~~ ~~ng~~ ~~u~~ ~~n~~ ~~o~~ ~~de~~ ~~ellos~~ ~~co~~ ~~n~~ ~~t~~ ~~i~~ ~~n~~ ~~u~~ ~~ó~~ ~~c~~ ~~o~~ ~~n~~ ~~u~~ ~~n~~ ~~n~~ ~~i~~ ~~v~~ ~~e~~ ~~l~~ ~~edu~~ ~~c~~ ~~at~~ ~~i~~ ~~v~~ ~~o~~ ~~h~~ ~~u~~ ~~b~~ ~~i~~ ~~er~~ ~~ag~~ ~~u~~ ~~st~~ ~~ad~~ ~~o~~ ~~q~~ ~~u~~ ~~e~~ ~~s~~ ~~i~~ ~~g~~ ~~a~~ ~~n~~ ~~e~~ ~~s~~ ~~t~~ ~~u~~ ~~d~~ ~~i~~ ~~a~~ ~~n~~ ~~d~~ ~~o~~ ~~pe~~ ~~ro~~... ~~e~~ ~~l~~ ~~i~~ ~~g~~ ~~e~~ ~~r~~ ~~o~~ ~~n~~ ~~ap~~ ~~re~~ ~~n~~ ~~d~~ ~~e~~ ~~r~~ ~~u~~ ~~n~~ ~~o~~ ~~f~~ ~~i~~ ~~c~~ ~~i~~ ~~o~~ ~~ap~~ ~~e~~ ~~n~~ ~~a~~ ~~s~~ ~~t~~ ~~e~~ ~~r~~ ~~m~~ ~~i~~ ~~n~~ ~~ó~~ ~~l~~ ~~a~~ ~~p~~ ~~r~~ ~~i~~ ~~m~~ ~~a~~ ~~r~~ ~~i~~ ~~a~~ ~~d~~ ~~i~~ ~~j~~ ~~o~~ ~~q~~ ~~u~~ ~~e~~ ~~é~~ ~~l~~ ~~n~~ ~~o~~ ~~q~~ ~~u~~ ~~e~~ ~~r~~ ~~í~~ ~~a~~ ~~se~~ ~~g~~ ~~u~~ ~~i~~ ~~r~~ ~~e~~ ~~n~~ ~~l~~ ~~a~~ ~~esc~~ ~~u~~ ~~e~~ ~~l~~ ~~a~~, ~~tr~~ ~~ab~~ ~~aj~~ ~~ar~~ ~~y~~ ~~l~~ ~~o~~ ~~l~~ ~~l~~ ~~e~~ ~~v~~ ~~a~~ ~~m~~ ~~o~~ ~~s~~ ~~co~~ ~~n~~ ~~u~~ ~~n~~ ~~c~~ ~~h~~ ~~a~~ ~~p~~ ~~i~~ ~~s~~ ~~t~~ ~~a~~ ~~y~~ ~~ap~~ ~~re~~ ~~n~~ ~~d~~ ~~i~~ ~~ó~~ ~~m~~ ~~u~~ ~~y~~ ~~b~~ ~~i~~ ~~e~~ ~~n~~ ~~el~~ ~~o~~ ~~f~~ ~~i~~ ~~c~~ ~~i~~ ~~o~~ ~~s~~ ~~i~~ ~~b~~ ~~a~~ ~~co~~ ~~n~~ ~~t~~ ~~i~~ ~~n~~ ~~u~~ ~~ar~~, ~~é~~ ~~l~~ ~~t~~ ~~e~~ ~~n~~ ~~í~~ ~~a~~ ~~m~~ ~~u~~ ~~c~~ ~~h~~ ~~a~~ ~~f~~ ~~a~~ ~~c~~ ~~i~~ ~~l~~ ~~i~~ ~~d~~ ~~a~~ ~~d~~ ~~a~~ ~~d~~ ~~a~~ ~~para~~ ~~el~~ ~~est~~ ~~u~~ ~~d~~ ~~i~~ ~~o~~ ~~pe~~ ~~ro~~ ~~se~~ ~~j~~ ~~u~~ ~~n~~ ~~o~~ ~~u~~ ~~n~~ ~~o~~ ~~s~~ ~~m~~ ~~u~~ ~~c~~ ~~h~~ ~~a~~ ~~c~~ ~~h~~ ~~o~~ ~~s~~ ~~q~~ ~~u~~ ~~e~~ ~~h~~ ~~d~~ ~~e~~ ~~c~~ ~~á~~ ~~n~~ ~~d~~ ~~e~~ ~~c~~ ~~u~~ ~~o~~ ~~ap~~ ~~á~~ ~~e~~ ~~s~~ ~~o~~ ~~b~~ ~~r~~ ~~e~~ ~~r~~ ~~o~~ ~~y~~ ~~g~~ ~~a~~ ~~n~~ ~~a~~ ~~m~~ ~~á~~ ~~s~~ ~~q~~ ~~u~~ ~~e~~ ~~el~~ ~~m~~ ~~í~~ ~~o~~ ~~q~~ ~~u~~ ~~e~~ ~~es~~ ~~ingeniero~~ ~~él~~, ~~e~~ ~~s~~ ~~t~~ ~~a~~ ~~n~~ ~~c~~ ~~r~~ ~~e~~ ~~d~~ ~~u~~ ~~l~~ ~~o~~ ~~q~~ ~~u~~ ~~e~~ ~~d~~ ~~e~~ ~~c~~ ~~o~~ ~~n~~ ~~t~~ ~~e~~ ~~n~~ ~~o~~ ~~u~~ ~~e~~ ~~n~~ ~~d~~ ~~e~~ ~~h~~ ~~o~~ ~~r~~ ~~a~~ ~~q~~ ~~u~~ ~~e~~ ~~v~~ ~~o~~ ~~y~~ ~~a~~ ~~e~~ ~~s~~ ~~t~~ ~~u~~ ~~d~~ ~~i~~ ~~o~~ ~~¿~~ ~~p~~ ~~o~~ ~~r~~ ~~a~~ ~~q~~ ~~u~~ ~~e~~ ~~v~~ ~~o~~ ~~y~~ ~~a~~ ~~e~~ ~~s~~ ~~t~~ ~~u~~ ~~d~~ ~~i~~ ~~o~~ ~~?~~; ~~u~~ ~~n~~ ~~o~~ ~~c~~ ~~u~~ ~~a~~ ~~n~~ ~~d~~ ~~o~~ ~~e~~ ~~s~~ ~~j~~ ~~o~~ ~~v~~ ~~e~~ ~~n~~ ~~...~~ ~~¡~~ ~~v~~ ~~a~~ ~~y~~ ~~a~~ ~~h~~ ~~a~~ ~~ya~~ ~~por~~ ~~D~~ ~~i~~ ~~o~~ ~~s~~! ~~F~~ ~~u~~ ~~e~~ ~~u~~ ~~n~~ ~~a~~ ~~l~~ ~~á~~ ~~s~~ ~~t~~ ~~i~~ ~~m~~ ~~a~~ ~~q~~ ~~u~~ ~~e~~ ~~si~~ ~~er~~ ~~o~~ ~~n~~ ~~se~~ ~~g~~ ~~u~~ ~~i~~ ~~e~~ ~~r~~ ~~e~~ ~~l~~ ~~est~~ ~~u~~ ~~d~~ ~~i~~ ~~o~~.



El c on si derarl o u n a l á s t i m a o l a m e n t a r s e d e q u e s u s h i j o s n o c o n t i n u a n c o n e s t u d i o s s u p e r i o r e s e s t á n t i m a m e n t e l i g a d o a u n a a s p i r a c i ó n d e l a é p o c a a l a s r e a l e s p o s i b i l i d a d e s d e a s c e n s o s o c i a l q u e h a b í a .

En e s t e s e n t i d o e s e m b l e m á t i c a l a o b r a d e F l o r e n c i o S á n c h e z , d r a m a t u r g u a y o , q u e e s t r e n a a p r i n c i p i o d e s i g l o “ M é s t a r j e r e - e l d o c t o r ” . s e n t ó , e n A r g e n t i n a , u n m o d e l o d e s o c i e d a d e n l a q u e e l i n m i g r a n t e c o n e s t u d i o s , q u e v e n í a “ c o n u n a m a n o a t r á s y o t r a a d e l a n t e ” , s e r e a l i z a b a a t r a s d e l p r o g r e s o i n t e l e c t u a l d e s u s h i j o s v a r o n e s . P a s a d o m e d i o s i g l o , e s t e d e s e p e r m a n e c í a c o n t o t a l v i g e n c i a y s e h a c e c l a r o e n e s t e d i s c u r s o .

## C O N L A M Ú S I C A A O T R A P A R T E

Seg ún M o i s é s ( s u e s p o s a a s e g u r a l o m i s m o ) , l o s G a l l e g o e r a n l a f a m i l i a m á s a l e g r e d e l p u e b l o , s i e t e h e r m a n o s m u y u n i d o s . T r e s , d e l o s c i n c o v a r o n m ú s i c o s i n n a t o s . C l a r o q u e a p r e n d i e r o n d e o í d o , e n a q u e l l o s t i e m p o s n o h a b í a n d i n e r o p a r a m u c h a s c o s a s e l e m e n t a l e s , c u a n t o m e n o s p a r a u n a f o r m a c i ó n a c a d é m i c a y m e n o s a ú n a r t í s t i c a . A s í , c o n d i f i c u l t a d e s y t o d o , l o s G a l l e g o s u n a f a m i l i a q u e e n a q u e l p a r a í s o d e m o n t a ñ a , e n e l p u e b l o d e S a n F i z d o n y e n t o d a l a r e g i ó n d e l B i e r z o i b a n d e u n l u g a r a o t r o c o n v o c a d o s p a r a q u e f a l t a r a l a m ú s i c a y e l c a n t o p o p u l a r e n c a d a c e l e b r a c i ó n : “ E l b o m b o e r a m u g r a n d e q u e y o , q u e s i e m p r e f u i p e t i s o ; t e n i a s i e t e a ñ o s y y a a n d a b a c o n l a m ú s i c a d e a q u í p a r a a l l á ” .

L a d e s d i c h a d e s u j u v e n t u d a l h a b e r e s t a d o y p a s a d o h o r r o r e s e n l a g u a r r a , l a t r i s t e z a a n t e l a p a r t i d a , l a a j e t r e a d a v i d a e n s u n u e v o s u e l o , h i c i o q u e l a m ú s i c a , e s e p l a c e r q u e t a n t o d i s f r u t a y e s e s a b e r q u e n u n c a o l v i m a n t u v i e r a n t o a l e j a d a d e s u c o t i d i a n e i d a d p e r o , a f o r t u n a d a m e n t e , e n s u a d u l t e z , c u a n d o y a e s t a b a b i e n a s e n t a d o e n A r g e n t i n a , c u a n d o s m a r c h a b a s o b r e r i e l e s , é l v o l v i ó a l a m ú s i c a o l a m ú s i c a v o l v i ó a é l : “ A c a b a A r g e n t i n a n o s é c o m o s e e n t e r a r o n q u e y o e r a m ú s i c o y V a l l a d a r e s , u n h o m b r e e s p a ñ o l q u e c o n o c e m e p r o p u s o a r m a r u n c o n j u n t o . E s a p r i m e r a a g r u p a c i ó n n o s o n a b a m u y b i e n , d e s p u é s m e v i n o a b u s c a r e l s e ñ o r C a ñ i z o , c o n é l e v e i n t e a ñ o s t o c a m o p u n t o d e g a i t a s C a ñ i z o e r a m o s s i e t e y n o s l l a m a b a n p a r a l o s c a s a m i e n t o s , l a s f i e s t a s ; c o n o c í t o d o s l o s c e n t r o s e s p a ñ o l e s e n B u e n o s A i r e s p o r q u e í b a m o s a t o d a s p a r t e s . C o n t i n u a i m o s a r e c i b i r a l e m b a j a d o r d e E s p a ñ a y ¡ q u e e m o c i ó n ! n o s d i o l a m a n o a c a d a u n o , n o s f e l i c i t ó , e s c u c o n a t e n c i ó n p o r q u e t o c á b a m o s t o d a s c a n c i o n e s e s p a ñ o l a s m u y c o n o c i d a s . A h í p a s e m u c h o s a ñ o s p e r o s e m u r i ó C a ñ i z o y a l p o c o t i e m p o o t r o s c o m p a ñ e r o s , l u e g o l o r e e m p l a z ó C e l a n o v a y c o n e l l o s e s t u v e u n o s a ñ o s m á s . ( 1 9 7 0 ) D e s p u é s y a d e j é d e t o c a r p o r q u e m e v i n e g r a n d e y e s o d e e s t a r a l a n o c h e h a s t a t a r d e , e n s a y a r y v i a j a r n o l o p u d e h a c e r m á s , p e r o d e j o v e n , s e r e g o c i a

mi en tras lo c u en t a y rememora—trabaja b a t o d a l a s e m a n a y e l f i n d e s e m a n a n d a b a c o n l a m ú s i c a”.

## L A P A T R I A R E S A R C I E N D O

“L a g u e r r a m e a r r u i n ó l a j u v e n t u d , l a E s p a ñ a d e l o s 3 0 n o s d e j ó m a m u c h o s”, d i c e c a t e g ó r i c a m e n t e m i e n t r a s c o m e n t a r a d o n a l l g u n o s p a s a j e s : l a n o c h e q u e b o m b a r d e a r o n s u c o m p a ñ í a y s o l o s o b r e v i v i e r o n e l d í a q u e c a r g ó a u n c o m p a ñ e r o c a s i t r e s k i l ó m e t r o s s a b i e n d o q u e d i f í c i l é s t e s o b r e v i v i r í a , e l a u e a l d e s p e r t a r s o l o v i o a l r e d e d o r c u e r p o s i n v i d a . E l h a m b r e , e l f r í o y l a h e r i d a e n s u p i e r n a . E l t i e m p o y l a d i s t a n c i a a m i e l d o l o r p e r o , a n t e a c o n t e c i m i e n t o s d e e s t a í n d o l e , n o p e r m i t e n o l v i d a r . I n t e r i o r i z a l a c u l p a q u e e n l a c i t a d a f r a s e a t r i b u y e a s u p a t r i a d e e s t e m o m a l g u n a m a n e r a E s p a ñ a n o s e s t á c o m p e n s a n d o a h o r a , d e v i e j o s . E n l a j u v e n t u d l a p a s a m o s m u y m a l , m u y m a l , p e r o a h o r a n o s e s t á a y u d a n d o”.

“N o s e s t á a y u d a n d o” h a c e r e f e r e n c i a a l v i a j e q u e e n 1 9 9 2 p u d o h a c e r j u n t o a s u e s p o s a p o r m e d i o d e u n p r o g r a m a q u e d a b a e l g o b i e r n o e s p a ñ o l p a r a l o s i n m i g r a n t e s . A d e m á s a c t u a l m e n t e p e r c i b e u n a p e n s i ó n a s i s t e n t e n e f i c i o c o r r e s p o n d i e n t e a l o s e s p a ñ o l e s a n c i a n o s r e s i d e n t e s e n A r g e n t i n a . C o b r e n j u b i l a c i o n e s m í n i m a s . T a m b i é n s e n u c l e a r e c r e a t i v a m e n t e e n e s p a ñ o l a s . C o n c u r r e n c i a e n t u s i a s m o y d i s f r u t a i n t e n s a m e n t e d e l o s a l m e n t e d e c a m a r a d e r í a o r g a n i z a d o s e n l a R e g i ó n L e o n e s a , e s s o c i o v i t a l i c i o d e D e p o r t i v o E s p a ñ o l . E n d i c h a s i n s t i t u c i o n e s r e c i b e u n t r a t o m u y c a r i d a d a u n q u e s e a p r o v e n i e n t e d e a c t o r e s s o c i a l e s l o c a l e s , é l l o i n t e r p r e t a e n d i r e c t a c o m o a t e n c i o n e s y b u e n o s t r a t o s p r o v e n i e n t e s d e s u q u e r i d a E s p a ñ o l a .

R e c i e n t e m e n t e , v i s i t ó l a E x p o s i c i ó n “C o n o c e C a s t i l l a y L e ó n ” d e e m o c i o n a r s e c o n l a s i m á g e n e s p r o y e c t a d a s e n p a n t a l l a s , u n s e c t o r e s p e c i a l l l a m a d o “e l t ú n e l d e l t i e m p o” y t o d o s l o s e l e m e n t o s a l u s i v o s a s u l u g a r o r i g e n ( f i e s t a s r e g i o n a l e s , g a s t r o n o m í a , c o p l a s y c a n c i o n e s ) , d i s f r u t ó a l p o d e r d e l o s b a i l e s o f r e c i d o s p o r e l C e n t r o d e C a s t i l l a y L e ó n d e S a n t a F e d e B u e n o s A i r e s .

C a d a e z q u e u n a c o n t e c i m i e n t o d e é s t o s , i r r u m p e e n s u c o t i d i a n o p a r e c e q u e é l r e j u v e n e c e a c o r t a n d o l a d i s t a n c i a y e l t i e m p o q u e l o a l e j a d e s u p a t r i a , n u n c a o l v i d a d a .

## L O S 9 0 , U N E J E M P L O D E V I D A

O r g a n i z a r u n a f i e s t a p a r a e l c u m p l e a ñ o s n ú m e r o 9 0 , e n m a r z o d e 2 0 1 0 f u e p a r a s u s h i j o s , e s p o s a , n u e r a s , n i e t o s y b i s n i e t o s u n a f o r m a d e r e n d i m e n t e a l g u i e n q u e c o n t a n t a s p e r i p e c i a s a l o l a r g o d e t a n t o s a ñ o s c o m o u n e s p í r i t u j o v i a l , d i g n o d e a d m i r a r .







C édulo de identificación argen tina de M oi sés G allego. C ertificado de bu en a c on du c ta de M oi sés G allego.



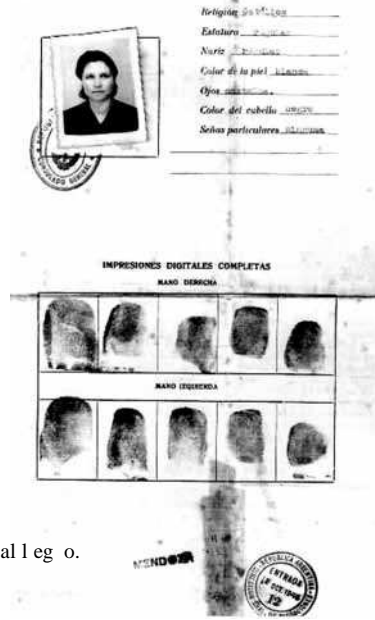
C ertificado de n ac i mi en to de M oi sés G allego. C ertificado de v ac u n ac i ón de M oi sés G allego.

Un rec orrido memorab le. T i empos v iolentos





C ert if ic a do de an t ec eden tes de M oi sés G al leg o.



C éd u l a de i den t if ic a c i ó n a r g e n t i n a de M a r í a R odr í g u e z .



C ert if ic a do mu n i c i p a l de M a r í a R odr í g u e z C ert if ic a do b u e n a c o n d u c t a de M a r í a R odr í g u e z .



Un rec orri do memorab l e. T i empos v i ol en t os





Digo yo, Pedro Fallego, natural y vecino de San Fie do Seo, viudo mayor de edad, que he recibido de D<sup>ca</sup> Concepción Aedo, casada, natural de San Fie do Seo y residente en Buenos Aires (República Argentina) la cantidad de "mil" pesetas, según convenio habido entre el Sr. Pedro Fallego su hermano, residente en Buenos Aires, Moises Fallego, cuya cantidad fue recibida por Moises, de Pedro, en fecha pasada, y que el Sr. Moises se obliga a entregar a la S<sup>ra</sup> Concepción o sus herederos, en moneda Argentina al cambio que de antemano tienen concertado.

Para garantía de esta entrega lo firman con el Sr. Pedro, los testigos Modesto Fonsalbe y Francisco Garcia, vecinos de San Fie do Seo

San Fie do Seo 2 de diciembre de 1952

Pedro Fallego

Francisco Garcia

Modesto Fonsalbe

Don Pedro

C art a de remesa (1950 ).



Recuerdo de tu  
hermanita  
Rita Gallardo  
de la É. de de.  
  
77 años la ya  
que el día 76  
del año 7969

Recordatorio familiar (1949).

Ambarrientos (19-9-60)  
de Guernica hermanita. Mucha  
amor y felicidad es deseamos  
en compañía de nuestros hi  
ajos y de esa familia, nosotros  
No. Bien que los o Dios.  
lo os escribi primero  
porque quería mandaros  
las fotografías de la boda  
de Lola y no los tenía en  
casa, las había llevado ella  
con las cosas para París  
no. De lo que me dio de  
distancia no las como Jesús  
sabe para ella se porta muy  
bien con su madre y la  
hija la ve bastante aces  
no no hija más porque con  
Inés que no Jesús y a  
la mujer no les quitaba ni  
no pensaban que la hija

tiene el marido empleado  
en los terminos, José y Anto  
nio. Trabaja en la oficina,  
además de aquí de casa y nos  
nos estamos todos en casa, teme  
mos el nieto mayor aquí.  
Seguimos con la tienda.  
Los hijos más pequeños de  
distancia están en Barcelona  
no. Recuerdos de toda la  
familia y un fuerte abrazo  
de estas hermanas que no es  
se olvidan. La no se que se  
Francisco Bolívar  
P. de los delis en Embarrios  
que que porque no nos ven  
ellos también se que se  
enfado con nosotros e que se  
pasa: besos, y amor  
y amor e al amor al  
sus todos para amor y amor

Carta de los parientes de España (1960).



En la f á b r i c a .

Nos dirigimos a los compañeros a efectos de ponerlos en conocimiento de dos hechos similares producidos en la fábrica. En efecto, los compañeros Franco Figuín y Luis Pacho se encuentran enfermos y al mejorarse de sus respectivas dolencias, los médicos patronales aconsejaron la realización de tareas livianas.

Ahora bien, la empresa, para no otorgar las tareas livianas que sus mismos médicos aconsejaban, llama a los mencionados compañeros y les ofrece la indemnización a cambio de sus renuncias.

Los compañeros aceptan y firman sus renuncias sin pensar que en las actuales circunstancias es muy difícil conseguir trabajo, especialmente en el estado de convalecencia en que se encuentran.

Por eso queremos alertar a todos los compañeros para que antes de tomar determinaciones de semejante naturaleza, consulten a sus delegados, para ser asesorados convenientemente al respecto.

.. pesar de parecer reiterativo, insistimos como lo hemos hecho siempre, en recordar a los compañeros que NO FIRMAN nunca nada sin consultar a sus representantes gremiales porque puedan ser burlados en su buena fé al adoptar actitudes inconsultas...

L. COLLADO INVERN.

C omu n i c a c i ó n del s i n d i c a t o .





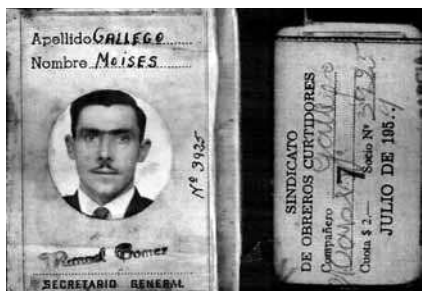
Carta de pertenencia de Pirelli.



Carta de la fábrica Pirelli.



En la fábrica.



Carta del Sindicato de Curtidores.



Conjunta de gaitas (distintas épocas).



Conjuntodegaitas (distintas épocas).



Conjuntodegaitas (distintas épocas).

Un recuerdo memorab l e. T i empos v i ol en t os



Conjuntodegaitas (distintas épocas).

**CLUB DEPORTIVO ESPAÑOL de Bs. As.**  
FUNDADO EL 12 DE OCTUBRE DE 1956

**W**

Apellido GALLEGO  
Nombre MOYSES  
Domicilio ZUVIRIA 5600  
Fecha de ingreso 20-9-81

Secretario DR. EUGENIO IGLESIAS Presidente FRANCISCO MUÑOZ SEVANE

Socio Nro. 24.518



Categoría **ACTIVO PLENO**

CLUB DEPORTIVO ESPAÑOL DE BS.  
GALLEGO MOYSES  
SOCIO CAT CUOTA  
24518 ACTIVO 45  
04/8

Carné del Club Deportivo Español de Buenos Aires.

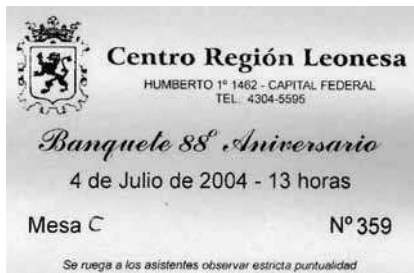


A ctiv idades de asoc iac ión ismo c astellan o-leon és en A rg en tin a.



A ctiv idades de asoc iac ión ismo c astellan o-leon és en A rg en tin a.





A ctiv idades de asoc iac i on ismo c ast ellan o-leon és en A rg en tin a.

A ctiv idades de asoc iac i on ismo c ast ellan o-leon és en A rg en tin a.



C omu n ic ac i ó n prog rama v is it a España (1994). F ot os fam il i ares (di st i n t as époc as).

Un rec orrido memorab l e. T i empos v i ol en t os



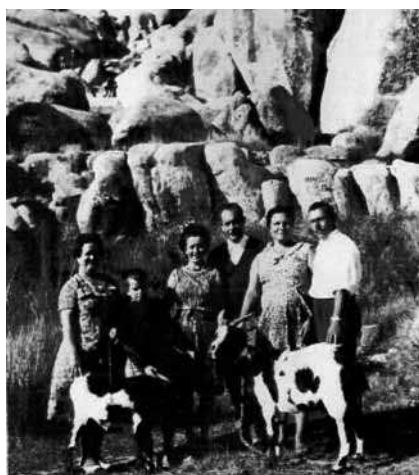
F ot os f ami l i ares (di st i n t as époc as).



F ot os f ami l i ares (di st i n t as époc as).



F ot os f ami l i ares (di st i n t as époc as).



F ot os f ami l i ares (di st i n t as époc as).



F ot os f ami li ares (di st i n t as époc as).



F ot os f ami li ares (di st i n t as époc as).



F ot os f ami li ares (di st i n t as époc as).



F ot os f ami li ares (di st i n t as époc as).



F ot os f ami li ares (di st i n t as époc as).



# De la montaña leonesa a la llanura santa fesin

Serafín García Cañón

## DEL A M O N T A Ñ A L E O N E S A A L A L L A N U R A S A N T A F E S I N

En abril de 2003 tuve la posibilidad de cumplir un gran sueño, como fue el de mis padres, a mi familia española, a ese pueblo y esa familia que mis padres dejaron cuando emigraron, hace ya 56 años; a esa parte importante de la historia de ellos y por su puesto de mi historia. Ese viaje me permitió repasar todo lo que ellos me contaban o me mostraban en fotos, cartas u objetos, al punto que cuando llegué, fue como si hubiera regresado a un lugar que por mí, como si algo ya hubiera estado.



Cubillas de Arbas.

De la montaña leonesa a la llanura santa fesin

## LOSPRIMERO SAÑO SENCUBILLAS

Mis padres nacieron en 1925, en un pequeño pueblo de la provincia de León, Ayuntamiento de Villamanín, el nombre: Cubillas de Arba. Tercera familia de campesinos, con muchos hermanos. Sus nombres: Estela, García Cañón y Manuel Cañón Barrio.

Ambos, que eran los mayores, debieron colaborar desde pequeños con todas las tareas de la familia, además tenían 11 años cuando comenzó la Guerra Civil, hecho que sin lugar a dudas los marcó para toda la vida; de



Ciudad de Firmat (Santa Fe, Argentina)

la que peor lo pasó fue mi madre. Mi abuelo Benigno ocupaba un cargo en el Ayuntamiento, durante la República cuando se inicia la Guerra se marcha a hacer Asturias y luego de unos meses vuelve, donde es detenido y depositado en una "cárcel", allí, en el pueblo. Mi madre, de 12 años, junto a un hermano, eran las encargadas de llevarle ropa y algo de comida. Al tiempo las autoridades deciden trasladarlo a la ciudad de León. Esas dos hijas pequeñas son las últimas que lo vieron con vida; en el trayecto a la capital, se produce un asesamiento y quien es el trasladado decide fustigarlos y enterrarlos en un fosocomún, allí cerca de

Cubillas, en Olleros de Alba, junto a unvehículo de Casares y

La casa de mi madre es utilizada como "Cuartel central"

y ello se debe a que fue el lugar donde se abuelo y los hermanos

casado en los años, donde le van a dar un difícil, dolor, necesidad de trabajo duro.

Pasando los años, terminando la guerra, las cosas mejoran un poco en el pueblo muchas cosas posibles hay, y a muchos se les ha ido en gran número hacia la Argentina. La mayoría se radicaron en la zona de pampa húmeda, provincias de Buenos Aires, Córdoba y Santa Fe.



Entrada a Cubillas de Arbas.



El contacto con quien es emigrado y lo bueno que son esos lugares, más las pocas expectativas que tienen en el pueblo a mis padres a tomar la decisión de continuar sus vidas en Argentina, como muchos, con la esperanza de “hacer la América”. Una familia, oriunda de Cubillas, que ya hace un tiempo está radicada en Argentina, son quienes “los reclaman”.



Mis padres se casan en la iglesia del pueblo, San Mamés, el 14 de abril de 1951. A los pocos días se marchan a caballo hacia Villamanín, llevando conmigo a un niño. Allí toman el tren hacia Vigo, llegando al puerto los días de mayo, con el tiempo suficiente para realizar todos los trámites para el embarque.

### L A P A R T I D A

*Adiós, mi España querida  
dentro de mi alma te llevo metida  
y aunq ue soy un emigrante  
j amás en la vida  
yo p odré olvidarte.  
Cuando salí de mi tierra  
v olví la cara llorando  
p orq ue lo q ue más q uería atrás me lo iba dejando.*

(Estribillo de “El emigrante”  
de Valderrama y Sorrapí-Escobedo)

El 15 de junio de 1951 a las 21 horas zarpa del puerto gallego de Vigo el buque “Santa Fe” trayendo a mis padres hacia la Argentina. Como tantas veces en la vida, el barco tiene el mismo nombre que el producto de seibana que produce, Santa Fe, ubicada en una de las mejores zonas del país con una producción agrícola ganadera excelente, zonas industriales importantes y bordeada por el majestuoso río Paraná.

Hace algunos años, una de mis hijas en España, me regaló un retrato postal que mi padre había enviado a sus padres, desde el barco, cuando se detuvieron en Las Palmas de Gran Canaria, la misma ciudad textualmente

“18-06-51, Las Palmas. Queridos padres: Les envío estas letras como les decía en mi carta de Vigo.”

Cada año con esta ocasión se celebra el día de la emigración



Llevamos dos días y tres noches hermosísimos y hemos llegado a las 7 de la mañana a este puerto y guiamen te el paso este recuento y apor en el cual emigramos.

Salida de Vigo día 15 de junio a las 9 de la noche y esperamos llegar a Buenos Aires el día 30 de julio, Dios mediantes.

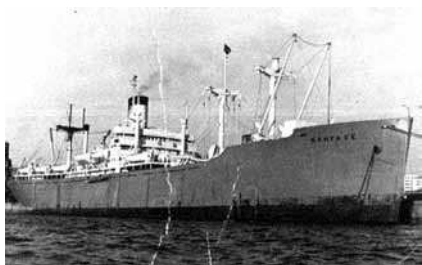
Recuerdos dedicados a mis padres con la fotografía del viaje por F. E. A. B. Razos. Esteban”.



Boda de mis padres. Manuella y Esteban en el centro.

Analizando lo que habíamos escrito, siempre dudé si era realmente el para tranquilizar a los padres,

sentimiento de ese momento o eran palabras para que la familia creyera que todo estaba bien. Con los años me animé a preguntarle, cuando era la verdad de esas palabras, simplemente sonrieron y me dijeron: “¿y a vos, que te parece?”. Está claro, ¿no?



Postal en vida a los padres desde Las Palmas.

Además, desde pequeño me pedían que me contara cosas de las que habíamos vivido, siempre me relataban de su niñez, su juventud en Puerto Rico o de los primeros años en nuestro país, nunca nada del viaje en barco.

## L A L L E G A D A A F I R M A T

Llegamos a Buenos Aires, el 30 de junio de 1913, un tío, hermano de mi abuela paterna, que ya vivía en la capital argentina, en su casa se quedamos dos días y luego marchamos a la provincia de Santa Fe, a un pueblo llamado Firmat, donde se radicaron definitivamente, para iniciar allí el su nuevo ciclo de vida, a ese su año que traían todos los emigrantes.

Allí los esperaban esos paisanos que los reclamaban, la familia Matos. Llegamos el 13 de julio y los ubicamos en una casa de propiedad de ellos.

Firmat, por esa época era una población de unos 7.000 habitantes, ubicada en el sur de la provincia de Santa Fe, zona agrícola ganadera por excelencia y con un desarrollo industrial creciente, la gran mayoría de esas

vinculadas a la actividad de Hoy firmates una ciudad florea de casi 20.000 habitantes.

Mi padre ingresa a trabajar a comercio de propiedad de la familia Morán, cuya actividad es la general es, una especie de su periodo de aquella época. Los sectores eran: almacén, bazar, para el campo, ferretería y material para la construcción, en los primeros meses donde desarrolla su actividad.



A pesar de lo duro que es para cualquier persona emigrar, el estar lejos de su patria, de su familia, de sus cosas, ellos se adaptaron bastante rápido, primero por su forma de ser, muy comunicativos, muy sencillos, muy afechos y segun do el hecho de llegar a un pueblo chico, donde todos se conocen muy abiertos y donde siempre recibieron con mucho cariño a quienes iban de otras partes, en su mayoría italianos y españoles, la relación se hacía más fácil. En lo que se tardaron en acostumbrarse fue en las comidas, la mayoría bastante diferentes a las de España, es que en esta zona se realizaba mucho cocinado italiano, pero con la ayuda de vecinos fueron aprendiendo.

El otro tema fue el tema de la infusión tradicional de nuestro país, mi madre comentó a tomarlo con algunas amigas, mientras que mi padre nunca pudo el tema, un día alguien le dijo que existía un dicho que rezaba: "el emigrante que toma mate o come zapallo no cavu el v ea España". ¿Habrá sido eso?

En los primeros meses, como muchos de sus compañeros, se acostumbraron a la lentitud, que sin lugar a dudas los haría sentirse un poco más cerca de su patria, la Sociedad Española de Socorros Mutuos, al cual pertenecerían hasta su muerte.

### L A F A M I L I A S E A G R A N D A

Al año y medio de estar en Argentina se produce un hecho muy específico importante para cualquier matrimonio, el nacimiento del primer hijo (el actual de esta historia), el 2 de enero de 1953. Si bien la familia estaba lejos no estuvieron solos en ningún momento. Los Morán, los compañeros de trabajo, vecinos, todos a acompañar a estos "gallegos", como se les llama a todos los españoles por aquí. La alegría de los primeros momentos se fue transformando

<sup>1</sup> En Argentina, un tipo de calabaz comestible. (N.E.)

De la mon t r a c i ó n de la Emi g r a c i ó n



M i s pad res y y o

en preoc u pac i ó n , c u an do aparec e en el rec i én n ac i do u n prob le ma de sal u d, el píl oro se i b a c erran do, la desh i dra- t ac i ó n i b a en au men to, al pu n to q u e al g u n os médi c os pen saron q u e n o h ab ía sol u c i ó n . Un médi c o del pu eb lo, el Dr. Domi n g o C era, dec i de q u e h ay q u e operar, y a los 40 días de n ac i do se real i z a, c on ex c el en te resu ltado. P ri - mer t rag o amarg o su perado.

En los c omi en z o del año si g u i en te se mu dan de c asa, a u n a peq u eña, pero mu y b on it a y u b i c ada tam bi én z on a c én t r i c a, a poc os met ros de la pl az a pri n c i pal , la i g l esi a y la est ac i ó n t ren es. T amb i én por ese año se produ c e ot ro h ec h o i mport an te, u n a h ern i a de mi madre dec i de emi g rar para A rg en t i n a, se c asa por poder c on u n españ ol q u e y a est ab a aq u í y se radi c an en l a c i u dad de R osari o, l a seg u n da c iudad del país, u b i c ada a 10 0 k il ómet ros de F i rmat , di st an c i a peq u eña para las g r a n ex t en si on es q u e h ay por ac á Est e h ec h o, si n l u g ar a du das les ay u do si mo, y a t en ían f ami l i a en est e país.

## L O S P R I M E R O S A Ñ O S

M i padre se f u e g an an do el c ari ño y el respet o de su s c ompañeros y por su pu est o él los ret ri b u ía. L os rec u erdos a c así t odo s: L i di a, J u an , Ni c o l a r e l l i, l a “c h i c a” de C al at rab a, Ch an y c u a n do a ú n ol v er a F i rmat a al g u n o de ellos los en c u en t ro y si empre me rec u erdan a mi padre, c omo l a s on a b u en a, sen c illa, h on est a, c omo para q u e me en c on t r a s u l l e z c a c ada

En 1955 su fren ot ro t rag o amarg o e z a s u perado, mi madre em- b araz ada, en el momen to del part o, pi erde su seg u n do h i j o. P or su pu est o v e z a m p o c o est u v i eron sol os, v e c i n os, ami g os, pai san os, al en t án dol os, y án dol os.

M i s pad res si empre l u c h aron por prog resar, por est ar u n poc o mej or, para ellos, para nos ot ros. L leg aron sol amen te c on la modest a i n st ruc c i ó n q u e b ían podi do rec i b i r all á en el pu eb lo, eran mu y b u en os esc ri b i en do, en l a s mat emát i c as. M i padre est u di o en u n a ac ademi a part i c u lar u n a t e r t u r a n temas c omerc iales y c on tab les, q u ería apren der más sob re n e g oc i o c omerc i o y c on tab i l i dad. A l mi smo t i empo est u di ó sob re api c u l t u ra, n e g oc i o dose de t éc n i c o y dedi c án dose a l a c r ía de ab e j as y ob t en c i ó n de l a mi el.

<sup>2</sup> A rg en t i n i smo: l i c en c i a t u r a t éc n i c a (N.E.).

La participación en la Sociedad Española ~~en~~ mayada, colaborando en fiestas, en cunentros y ya participando de las comisiones.

En 1958, en ese afán de progreso que ya expresé, decidí ~~de~~ abrir una dulcería, en el salón que estaba al frente de la casa, la que sería atendida por mi madre. El nombre del comercio, "La Chiquita", en directa relación al carácter físico de mi madre. Además decidí incrementar la actividad agrícola, por lo cual compré un terreno en las afueras de Firmat, donde colocó un abanico de colmenas y con la exclusividad en atención de mi padre, comencé a comercializar botellas de miel, en la propia dulcería y en otros almacenes de pueblo. Todo esto sin dejar el trabajo en el negocio de ramos generales.

Siendo yo muy pequeño, 6 o 7 años, recuerdo "ayudarlos" en la dulcería atendiendo y ordenando, pero fundamentalmente probando las diferentes frutas que vendían. Con las abejas, mis únicos recuerdos son las grandes "flamaciones" que se producían por las picaduras y que mi madre me cubría colocándome el te comestible sobre las mismas.

Mi padre tenía para ayudarse en estas actividades, un triciclo, una bicicleta de tres ruedas con un accesorio grande en la parte del antera para cargar. Un día de enero de 1960, por la tarde, se presentó en la dulcería un policía, para avisarnos que mi padre había tenido un pequeño accidente y que él estaba realizando las curaciones en el Sanatorio. Gracias a Dios no fue de importancia. ¿Qué había hecho el hombre? Lo habían desafiado a una carrera, él con triciclo ~~ri,~~ ~~velo~~ con una bicicleta y allí fue, en la primera curva del carril y mi padre después de varios vueltas terminó "abrazado" a un árbol del Boulevard Colón. El triciclo no tuvo arreglo.

### PRIMER REGRESO DE MI PADRE

Desde su llegada a la Argentina el intercambio de correspondencia de las dos familias fue permanente, noticias, vivencias, fotos, ibid. claro, un accartardaba en 11 meses, con lo cual el período completo desde el envío hasta que ella respondía, podía tener un plazo de 4 meses. En ese intercambio de noticias de que mi abuelo paterno, Felipe García, tenía problemas importantes de salud, lo que le ocasionó



noticias de que mi abuelo paterno, Felipe García, tenía problemas importantes de salud, lo que le ocasionó

la posibilidad de que mi padre viajara a visitarlo. Si bien en su situación era complicado conseguir el dinero para el pasaje no era tarea fácil, algunos ahorros y un

De la montaña leonesa al mundo de la afasia

t amo, h iz o q u e mi padre part iera desde Bu en os A ires el 2 de ju li o de 1961, el Bu q u e Eu g en io C , h ac ia su patri a.

L leg a a V ig o, el m ismo pu erto del c u al h ab ía part ido 10 años an tes, allí se traslada a L eón , V illaman ín y por fin “su ” C u b illas de A rb as esperab an su s padres y su s c uatro h erman as, F loren tina, Isab el, R osa ín a, ést a ú l t i m a, c u an do se h ab ía marc h ad o t en ía 5 años. Est u v o u n os 50 si empre en el pu eb lo, ac ompañán dol os en las tareas de c ampo, de la c asa, rec orri en do su s lu gares y tamb ién los rec uerdos, en c on trán dose c on a v ec in os, et c . T odos an si osos por q u e c u en t e c omo eran las c osas por “a q u e posi b ilidades h ab ía de trab ajo, y a q u e en esa época las h erman as may h ab ían l leg ad o a pen sar en emigr ar, al g o q u e en real idad n u n c a se pr bu en o, en real idad sí, pero u n a emigr ación in terna, a M adrid.

El 7 de sept iemb re de ese año part e del pu erto de V ig o, l leg an do a Bu en os A ires el 26 del m ismo mes y u n día despu és en F irmat . M ien tras mi padre t u v o en mi España, mi madre sig u ió at en di en do la v erdu lería y y o a la esc De esos días rec uerdo la mel an c olía y la t rist eza de ella, la preoc u pac ión l leg arlan oc h e y q u e pu ertas y ven tan as est u vieran bien cerradas. L y maestros me sob rept eg ían , mi s ami g os trat an do q u e yo est u v iera si em bien . A medi da q u e se ac erc ab a el reg reso, todos esos sen ti mi en tos se i t ransforman do en an si edad y aleg ría

y yo c on 8 años, pen san do en me podría traer de reg alo. R ec uerdo día del reg reso, mi c asa llen a de g ab raz os, aleg rías, l ág ri mas y pu est o los reg al it os.

L A L L E G A D A D E U N A I

El 2 de en ero de 1953, fu e día mu y espec ial para el mat rim el 11 de ag ost o de 1962 , se repite q u e se produ c e la l leg ada del se h ijo, n ac e mi h erman a P atric t empran o, me despi erta mi padre y av isa q u e vna l levar a la c asa u n a v ec in a, y a q u e “mamá i b a la h erman ita al san at ori o”, y preoc u pac ión propio de h ab er p u n os años at rás u n h ijo, h ac i y o a la c asa de M arta, don de a m t au de mañan a me av isan de la l leg ad a de



... y h erman as.

De la mon t aña l eon esa a l a l lan u ra san t a f esi n a

Patricia. A la vuelta a casa vi a mis padres muy felices y yo empez a aprender esa u n c i ó n de hermano.

En abril de 1963 recib en un a cart a con un a not ic ia esperada, pero no es o men os dolorosa, el 30 de marzo mi ab u el o Felipe Garc ía hab ía fallecido. Como con sec u en c ia de est o y q u e los trabajos rurales eran muy du ros para ab u el a y mi st ías, ellas dec iden marc harse a vivir a Madrid, donde trabajos se casaron , formaron su s familias y don de contin úan viv iendo.

## SUP R O P IO C O M ER C IO

En el año 1964 D. Agustín Morán , titular del comercio donde trabajaba mi padre, decide trasladarse junto con su familia a vivir a la ciudad de Ros y con tinu ar con otra actividad comercial, para localizar a su negocio. Firmat. En razón del con oc imiento, casi familiar, que ten ía con mis padres of rec ev en derle la parte de los materiales para la construcción y ferretaría pag ándolo con un porc en taje men su al sobre las ventas, por un determi nado tiempo. Mi padre y mi madre acyepnanel mes de junio de ese año, comi en zaron su propio comercio, con un nomb re muy simple: "Esteban c ía", el cual sigue funcionando en parte de las instalaciones originales y acompa ñan en la actividad dos empleados de Morán , Juan Amato y Nicolo Di st éfan o, que más que empleados son socios y amigos.

Comi en zaron un plan de crecimiento del negocio, incorporando nuevos ductos, reciben de su cartera de clientes, renovando los vehículos para mejorar la distribución y adquirieron un importante terreno para construir un local en el futuro. Por el buen momento económico por el que est án pasando dec iden dejar las otras dos actividades complementarias. Por en n alado la du lería, lo que permiti rá además que mi madre dispon ga de más tiempo para la casa y para los hijos; y por otro, la actividad agrícola, ya que aq u el terreno adquirido allí por 1958 y que quedaba en las afueras del pueblo, ahora que en medi o de un cen tro totalmen te poblado y por su pu estolas ab ejas traían muchos sin c on v en ien tes a los vecinos, por lo que vendió las cosas y e

## O T R A S A C T IV IDA DES

Den tro de las distintas actividades que mi padre y mi madre iban teniendo en la actividad comercial, la agrícola, mi emb ros de la Sociedad Española, de colaboradores en las Uniones de Padres de las escuelas a la que con curramos, la Parroquia y tu vieron una actividad muy especial, un poco de "hobby" que fue el c a s a s , en algunos casos con st r u i r l a s . Si empre c a l i f i q u é a mi padre como un con st r u c t o r s i n t í t u l o y a mi madre un a arquitecta sin un iversidad, real un a actividad que disfrutaban. Ver los juntos por largos ratos di bujan d





Fachada de la Sociedad Española.

organizado una teórica construcción era muy común. De hecho desde 1963 hasta 1974, construyeron cincopropiedades. Las inauguraban, las dibujaban, hacían de albañiles y para los trabajos más duros o difíciles contrataban a especialistas. Las cincopropiedades fueron: dos casas que luego vendieron, un galpón, el local y galpón del negocio y la que iba a ser nuestra casa de familia a partir de 1974. En todos los casos y los acompañaba, picando ladrillos para los cimientos, acercando la arena, el cemento, pintando las aberturas, realmente fueron momentos muy lindos y que me sirvieron de mucho.

Un tema a remarcar en la vida de ellos, especialmente de mi padre, fue la Sociedad Española de Socorros Mutuos, una entidad como tantas por todo el mundo, que agrupa a todos los niños y descendientes y especialmente en poblaciones más pequeñas, donde había tanta gente como para formar algún centro regional. Allí estuve desde su llegada hasta el día de su muerte, pasando por colaborador, vocal, tesorero, secretario, secretario de actas y presidente. No era para evaluar si su trabajo fue bueno, regular o malo, pero lo que es seguro es que me mucho cariño, con sacrificio y fundamentalmente con honstidad. Los padres, tanto a mi hermano como a mí, nos acompañaban siempre, nos apoyaban en todas nuestras actividades y compartían con nosotros muchos momentos. Lo que en opinión de los logradores que nos acompañen en nuestras actividades en los clubes, natación, hermano, baloncesto en mi caso o si me permito un par de fútbol. Tengo un recuerdo muy gracioso al respecto. Se firmó la final de un torneo de fútbol de verano, en tre el equipo local de una población vecina, pero no tenía con quien, mi madre le planteó a mi padre: "...acompañalo, todos los padres son sus hijos", para él eso era un sacrificio tremendo, pero con labordesempre aceptó.

Concurremos al estadio del Fútbol Club, 10 de la noche, gente, tratan de ser un pequeño, unas 1.500 personas, un ruble, 15 minutos del segundo tiempo, ganamos 1 a 0 y penal para el rival, le hago un comentario a mi padre, no me responde, lo miro, se ha dormido... sí, se había dormido. Si eso no es amor y cariño por un hijo...



## P R I M E R R E G I S T R O D E M I M A D R E

C orrían los pri meros meses del año 1967 y en un a de las cart as que rec ibe mi madre le c omu nic an que mi ab u el a Serafina est ab a ten ien do al g u n o b l emas de sal u d. A part ir de allí n ac en en ella dos sen timien tos en c on t r a d o deseo de v ol v er a España en los su y os, espec ial men te a su madre en ferma y a su s herman os y el mi edo a c omo podía reac t ionar al g u r a men te, mu y c amb iado.

P a s a e l t i e m p o l a sal u d de mi ab u el a se agra nda y en el mes de sep- tiemb re de 1970 , le av isan que e y a e r a c u e s t i ó n de días, que e l fin al se ac erc a. En medi o de esa an g u s t i a y ese dolor, dec iden c on la ún ic a h erman a que v i en en A r g en t i n a , v i a j a r . T o d o se t i e n e que h a c e r mu y rápi do, al C on su l R osari o a ren ov ar el pasaport e, a c omprar los pasajes de Ib eria, preparar al g o de ropa y sob re fin del mes sal e el v u el o desde el aeropu erto en Bu en os A ires.

P ri mero M adrid, lu eg o l a c i u d a d de L e ó n , V illaman ín y al p u e b l o . C l l e g a n , a mi ab u el a l a est ab an v el an do, h a b í a f a l l e c i d o el día an t e r i o r y e a p u n t o de l l e v a r l a a l c e m e n t e r i o . I m a g i n a r e l m o m e n t o que e v i v i e r o n mi m a y mi t í a , c r e o que n o e s t a r e a f á c i l , l l e g a r c a s i . O n a ñ o s d e s p u é s , mu ert a , a los h erman os, a l a c a s a f a m i l i a r , e l d o l o r , y m e i m a g i n o , a g o d e a u r e p r o c h e , ¿ p o r q u é n o v i n i m o s a n t e s ? C o n c r i s t i a n a r e s i g n a c i ó n l o a c c o m p a r t i e r o n 15 días c o n e l l o s , r e p a s a n d o s u s v i d a s , e n c o n t r á n d o s e c o n v i e j o s a m i g o s , c o n l o s l u g a r e s : l a B a r r a g a n a , l a e s c u e l a , e l L u t e r o , C a s a r e s , P a l m e r a .

A part ir de allí, mi madre c amb ió; su c arác t e r s e e m p r e a l e g r e , d e c a y ó , e s a s e n s a c i ó n de e s t a d o d e p r e s i v o p e r m a n e n t e y d o l o r l a i b a c o n s u m i e n d o , l o q u e l a l l e v ó a r e c u r r i r a l a a y u d a de p r o f e s i o n a l e s y t r a t a m i e n t o s p a r a i r s a l i e n d o del p r o b l e m a . P o r s u e r t e , a u n q u e d u r ó al g u n o s a ñ o s , s e r e p u s o y v o l v i ó a e s a “ g a l l e g u i t a ” q u e t o d o s c o n o c í a m o s .

E n e l a ñ o 1971 s e p r o d u c e u n h e c h o , n u e v o , d i s t i n t o p a r a l a f a m i l i a , c i d o c o n t i n u a r u n a c a r r e r a u n i v e r s i t a r i a . E l t e m a n o e s s i m p l e y a q u e , p a r a d e b o v i a j a r y r a d i c a r m e e n l a c i u d a d de R osari o , l u g a r d o n d e f u n c i o n a l u n i v e r s i d a d m á s c e r c a n a , p o r l o c u a l y a n o s o l o e l t e m a de e s t u d i o , s i n o p e n s a r e n b u s c a r u n d e p a r t a m e n t o , u n a p e n s i ó n , u n a c a s a de f a m i l i a , p e n s a r e n e l t e l a c o m i d a , l o s v i a j e s , t o d o c o n l l e v a a u n e s f u e r z o e c o n ó m i c o i m p o r t a n t e . P a d r e s l o h i c i e r o n , y o t r a t e de r e t r i b u i r l e s c o n e s t u d i o , y l o l o g r é r e c i b i e r e de C o n t a d o r P ú b l i c o u n o s a ñ o s d e s p u é s .

E n 1973 o c u r r e e n F i r m a t y u n a a m p l i a z o n a u n h e c h o i n e d i t o p a r a s o t r o s , u n a m a ñ a n a de j u l i o a m a n e c e n e v a n d o , n o m u c h o , p e r o p a r a n o s o t r o a l g o e x t r a o r d i n a r i o . M i p a d r e y mi h e r m a n a q u e s e e s t a b a p r e p a r a n d o p a r a i r a l c o l e g i o a r c o n u n a a l e g r í a e n o r m e a d e s p e r t a r a mi madre y a v i s a r l e l a “ b u e n a n o t i c i a ” . N o s e l e v a n t ó a m i r a r , s i n l u g a r a d u d a s n o h a b í a o l v i d a

dolor, las penurias y el mal recuerdo de las cruadas y abundantes nevadas de C ubillas.

Por esos años lograron comprarse el primer automóvil, por su pu esto u sado, c omienzan la c onstrucción de la c asa propia y a mediados de 1976 la es h abitan do.

## L A F IEST A D E C U B I L L A S E N A R G E N T I N A

Alg u ien dijo, refiriéndose a alg ún p ueblo de España, en relación a la g ración: “h ay más v ecinos en A rgentina q ue en el propio p ueblo”, a d u das es un a gran v erdad, pero est oy seguro q ue refiriéndose a C ubillas podemos mej orar di c ien do: “h ay mu ch ísimos más v ecinos en A rgentina q ue en el p ueblo”.

T a t omo y a lo dije, la mayoría de los q ue v enían del p ueblo se radicaron en las p rovincias de Bu enos A ires, su r de las p rovincias de C órdoba y F e, alg u nas en la P ampa y por su pu esto en la c apital, Bu enos A ires.

La c antidad de personas, la c erc anía r elativa, las g anas de j untarse, h ac e q ue un g ru po de aq uellos emigrados c omien c en a t rabajar para r ealizar un a reu n ión an ual. Alg u nos son los q ue empiezan, se le ag regan otros y así se log ra en el año 1978 r ealizar, por llamarlo de alg u na m anera, el P rimer Enc u entro de nac idos en C ubillas y sus f amilias, se h ac e en la c iudad de V enado T erto. G eneralmente se h acia un asado criollo, pero además c ada f amilia llev ab a tortas, masitas y postres, alg u nas c on r ece tas traídas de allí. Se j u g ab a a los b olos, se c antaba, se b ailaban jotas, r ealmente un clima h ermoso, mu ch a aleg ría y mu ch os r ecu erdo. C on c urrió un a sola v ez, y a



Ban derín r ecordat orio de la reu n ión

q ue por el t rabajo y en esa época y a v iv ía en R osario, se me h ac ía un p ofícil v iajar, pero bast ó para darme c uen ta de lo q ue est á fiesta si g nificab a todos, pero espec ialmente para los nac idos allí, y para los de más edad era un v olver a v iv ir, sin l ugar a d u das.

Ese día me enteré, por ej empl o, q ue mi padre j u g ab a a los b olos y les aseg u ro q ue lo h ac ía bastan te bien, q ue mi madre b ailaba jota, un a v isto. R ecu erdo v erlos mu y f elices y n o todo t erminaba ah í, porq ue m

pués seguían habiéndolo y recordando lo que habían vivido y haciéndolo para el año siguiente.

Pero como dicen “lo bueno du rapoco”, un año, no recuerdo al, al regresar de una de estas fiestas a su ciudad, Serafín Cañón y su esposa fallecieron en un accidente automovilístico. Esto hizo que al año siguiente, por dolor el encuen tro se realiza, pasó un año, pasó el otro y no se volvió a hacer.

Bastantes años después, creo que en 1998 o por ahí, se volvió a jugar un grupo más pequeño, en la localidad de San José de la Esquina, ubicada en el sur de Santa Fe y de a poco se fueron agregando algunos más, entre ellos miembros de la familia y yo. Concurran “hijos de Cubillas” de Arequito, Corral de Chañar, Rosario, Venado Tuerto, Cruz Alta, Lincoln y algunos más.

En estos encuentros y años están mis padres, pero fue con mi esposa y mis hijas, ellas han concurrido estos años con gaitas y panderos para hacer pococo de música. Quiero aclarar que ellas, desde hace bastantes tiempo, participan de los conjuntos de baile y música del Centro Gallego de Rosario y desde hace un año, están bailando en el Centro Castilla de Rosario.

En los dos últimos años que fui me animé a jugar a los bolos, realmente a la mentable, es más, el primer año jugué toda la tarde, con un pequeño problema, habían tenido las reglas del juego exactamente al revés.



Juego de bolos leoneses.

De la mon tañal con esa al allan u ra sañafes.

L A F A M I L I A S E S I G U E A G R A N D A N D O

1979 y 1980 son dos años donde mis padres pasan a tener otros rasgos “c a t e g o r í a s n e l e s c a l a f a m i l i a r b t i e n p r i m e r o e l t í t u d e s u e g r o s l u e g o e l d e a b u e l o s , p r i m e r a n i e t M a r í a e r n a n a l a , o n t e c i m i e m p o t a n e r e l a v i d e l a s p e r s o n a s p e s a r q u e f e i c a m e n e t t á b a m o d i s t a n t e s n d o 0 k i l ó m e t r o s , d o e s t á b a m o s n e l a f e c t u o e l c a r i ñ e l g r u p o g u e r e c i e n d o , n a c M a r í a e n S e a s a m i h e r m a n a e n e l 84 y s e q u e d a i v i e n d o e l l o s e n F i r m a y ; l u e g o s o t r o s n i e t G o n z M o , a r t e a b r i e r a , o d r i g C o , é s a r y M a r í a a u r a , o m o s o m o s o r d e n a d o s m i h e r m a n a s n i ñ o s y d a s n i ñ a s .

El 14 de abril de 1981, cuando cumplí 30 años de casados, nos reunimos en su casa a festejar los, toda la familia, comida especial, huevos de pascua, en días fue Semana Santa, postres, pero la mayor expectativa estaba en que iba a pasar con un bebé de jerez que habíamos traído en avión en el momento, que ella iba a dar a luz a los 25 años, que cuando se casara el primer hijo, que cuando yo naciera yo también naciera. Ese día tampoco parecía iba a ser el indicado, pero mi madre en un momento, le dije: “Hombre, que día se va a romper en el armario o ya a llorar sobre los restos”. En sólo un poco y la desgracia. La disfrazamos un año en orfandad, especialmente mis padres sólo porque estaba exquísita, sino porque estababamos compartiendo con parte de su historia. ¡Salud!

A partir de esa fecha decidí planificar un viaje a España, los dos juntos y sin el apremio de los viajes que, en forma individual hicieron cada uno de nosotros a ahorrarse y a armar ese viaje, viaje que el momento que iba a realizarse.

EL D O L O R

En enero de 1985, los primeros días del mes yo con mi esposa en ese entonces, dos hijas, a pasar unos días de vacaciones a la localidad cordobesa de Minaca de Clavero, zona de montañas. Al regresar, llamo a Firmat, para avisar que habíamos vuelto del viaje y cómo estaba, cosa que habíamos hecho. Llamo al negocio y me comentan que mi madre estaba con un poco de gripa, algo de fiebre y que estaba tomando unas aspirinas, cosas del verano. Vuelvo a casa con mi familia los dos días y ya habíamos ido al médico y le recetaron antiinflamatorios, al otro día me llama mi padre, diciéndome que en la víspera, por lo que le dije que al día siguiente, después del trabajo iba a Firmat. Eso no ocurre y en la mañana me llama para avisarme que a mi madre la estaba llevando a Rosa para que la vieran en algún Hospital de la ciudad. Me temblaron las manos cuando me llamó en la mañana, porque eso, para que viviera al menos un año en un buen lugar, significaba el final. Y así fue, a las 6 de la mañana del 31 de enero, fallece mi madre a la edad de 59 años, el motivo, una pulmonía.

De la monografía de la familia de la emigración leonesa

que no se pudo dominar. No en ten díamos que hab ía pasado, en el t érmi no de una semana se hab ía ido. El momen to más dol oroso en n uestras vidas. En una opinión muy personal, creo que a la larga hizo mella en ella esos momentos difíciles que vivió, la muerte en la guerra del padre y la llegada al pu cun do falleció la madre.

Luego, los trámites, el regreso a Firmat, sala de velatorios, avisar a los amigos, paisanos, vecinos... Todo fue tan rápido y mi tía, con una tarea tan envidiable, el avisarle a los hermanos de España.

Hoy la distancia rescató algo que, quiz ás en aque l momen to por el dolor, no pudo verla cantidad de gente que se acercó a despedirla y todas con alg ún comen tario, simples, pero que en os enorgullece un a enormidad "mu jer b árb ara", "a mí si empre me ay udó", "cu ántas veces ay udó a mi familia", "que éb u en a persona"...

La vida con tinúa, con dolor, con recuerdos, pero hay que seguir, el doloroso fue para mi padre y para mi hermana, que viv ía con ellos, y o, a la distancia, con mi familia era más llevadero. Al poco tiempo nac el primer niño varón, el mismo día que los Reyes de España visitan la ciudad de Rosario y mi padre estaba en ese acto, representan do a la Sociedad Española de Firmat.

Duran telos años siguientes, con tinúa con el comercio; en razón de sus empleados, aque llos que hab ía llevado de la Casa Morán, se jubila reduciendo la actividad a sol o ferretería. En la Sociedad Española es el egido Presidente, locu al lo man tien e bastan te ocupado, en lo que a reun ión, actos, etc., se refiere.

En el verano del 86 le insi stimos que aprovec he y se vaya de vacaciones con un grupo de jubilados, que hab ía almen te orga nizan vi aj es, en unidad a las Sierras de Córdoba. Muy con venido no estaba pero al áfue, en vi aj e con oc ió a una señora, también viuda, de una pequeña localidad de la Firmat, llamada Chovet, comen zaron a visitarse. Al año siguiente de casarse y se a vivir al pueblo de la señora, si bien con tinúa con el negocio en Firmat.

#### 40 AÑO S DE EMIGRANTE

El 30 de junio de 1991 se cumplieron 40 años de la llegada a la gente, por lo que al mi padre un a fiesta para recordarlo. Nos reunimos familia, amigos, alg unos en un salón de la Sociedad Española para compartir una paella preparada por sus compañeros de comisi ón tortat en ía la forma del Barco San Fernando. Fue, aque l con el cual emigraron, hubo



El emigrante de los 40 años de emigrante.

b aile, jotas y muchos recuerdos. Ese mismo año realizo los trámites para la jubilación, pero por razones económicas, continúo con el negocio, a tan te reducidas las actividades.

## SEGUNDO REGRESO A ESPAÑA DE MI PADRE

1993: Año Santo Xacobeo. Las oportunidades que ofrecían las compañías de turismo para viajar a Galicia o a España en general, son innúmerables. De esas ofertas tentaron a mi padre y su esposa y programaron visitar Galicia a León, al pueblo lo terminaron en Madrid donde vivían todas las hermanas. Su propósito era la capital a provechar al guñe a excursión a Toledo, Ávila y Vía. Los primeros días de julio parten en un vuelo de Iberia a Madrid, de Santiago de Compostela, una semana después a León, recorriendo por dos días la capital y luego a Cubillas de Arbas. Si bien mi padre allí de familia tiene unos primos, fueron recibidos por hermanos de mi madre, con quienes compartió unos días, recorriendo viejos lugares y amigos. La última etapa de este viaje fue Madrid, donde visitaron a sus hermanas e hicieron algo de turismo. Regresaron a Aragón en tren a mediados de septiembre.

Los años siguientes continuaron de Choveta Firmat, de su cargo, pero reduciendo de vez en cuando esta actividad e incluso a partir de un pequeño accidente que tuvo en la carreta.

## LA MUERTE DE MI PADRE

En mayo de 1997 se le manifiestan unos fuertes dolores en la zona abdominal e intestinal, como consecuencia de un viaje a hernia que fue Sobrefin de ese mes lo internaron en el sanatorio de Firmat y compraron la infección en la cavidad intestinal es muy grande y los médicos operarlo. Parezco que reacciona a la intervención, pero no es así y la situación se va complicando. Lo sometieron a una

segunda operación y de esta acción a más, en cuando en un pesar de los esfuerzos, falleció el 10 de junio de ese año, a la edad de 72 años. De nuevo vivimos el mismo dolor. Los momentos como cuando cedió mi madre. Mucha gente a acompañamos, a saludamos, a recordarlo, con mucho afecto, y si saltando esas cualidades de muy persona que caracteriza a mi padre.



Mi madre en Cubillas (segunda por la derecha).

De la monografía leonesa a la llana u ra san tafesina

## C O N C L U S I Ó N

Toda esta historia que acabó de contar la tuve guardada durante muchos años en mi mente y en mi oración, muchas de esas cosas a lo mejor no las alcanzába a entender en su totalidad, como el inicio de esta historia, cuando pude ir a Cubillas de Arbas en el 2005, ratificarlo en mi segunda visita en el 2005, estar con los hermanos de amor con los amigos, con versar y compartir recuerdos y cosas de ellos, mis mismos lugares que habían estado, cada lugar que visitaba era un recuerdo en una anecdota, una historia, era también un lugar donde pasaba mi vida.

Una reflexión aparte, el tema de la emigración, de acuerdo a lo que he percibido en mis padres. Ellos vinieron a la decisión propia, forzados por la mala situación económica y la falta de oportunidades, desde la llegada pasaron a ser una actividad de la sociedad donde se radicaron, buscaron nuevos amigos, se casaron y nacieron más del que yo he conocido. Mi padre y de mi madre a Argentina. Siempre agradezco que ellos estén pasando, nunca a su nuevo lugar y siempre afortunado. Ellos ya habían decidido que su vida estaba aquí y solamente



regresarían a España, a pasear o a visitar a los padres en Cubillas. Mi padre en Cubillas.

familiares. Un ejemplo de ese "querencia": mi padre fue uno de los primeros no nativos en inscribirse en el padrón de extranjeros para poder votar y elegir las autoridades de la ciudad de Firmat y de hecho, hasta el día de su muerte, lo hizo.

A pesar de todo esto que comento, no fue en ellos ese dejo de tristeza que se les presentaba en determinadas fechas, ante el gún incónciamente de familiar o amigos allá en el pueblo, esa "morriña", como dicen los gallegos.

Por eso ese dolor, ese gran dolor que guardaban en el fondo de su alma, nunca añades lo pudo sacar, claro, como no les iba a sacar eso, allá dejaron todo, familia, casa, recuerdos, sus cosas. Muchas canciones y poemas se escribieron sobre el emigrante, en casi todos uno puede rescatar el dolor, como el tema central, de todas ellas; y para cerrar de esta historia les propongo recordar unas líneas del tema "El Abuelo" del argentino Alberto Cortés, en la estrofa, el sentido de quien emigra y en la última, seguimos a los que pasamos a los descendientes:



y el abuelo un día, en un viejo barco,  
se marcó de España  
el abuelo un día, como tantos otros,  
con tanta esperanza.  
La imaginé que iría de su vieja aldea  
y de sus montañas  
se llevó grabadas muy dentro del alma...  
Y tiempo al abuelo, lo vi en las aldeas,  
lo vi en las montañas, en cada mañana, y  
en cada leyenda  
por toda la senda  
que anda ve de España.

# Historia de un viaje férreo y marítimo de Abelardo Herreo Lucas, hermano de mi abuelo José Herreo

Abel Olga Herreo Pérez

Salí en do de casa de mis padres  
cuando el reloj de las cuatro,  
diciéndoles “A diós” a todos  
en un carro hemontado.

(bis)

En cuanto me he visto en él  
me vino la imaginación  
contarles lo sucedido  
si me prestan atención.

Atención, piadosos señores  
digo, si me es permitido,  
para escuchar las verdades  
de este viaje revivido.

Del pueblo de Fresno del  
que no negare el decirlo,  
he preparado el viaje  
para los Estados Unidos.

Para que ustedes no dudent  
todo se lo contaré,  
hasido en el siglo veinte,  
nunca, y o lo olvidaré.

El día veintitrés de enero  
de casa de mis padres salí  
con dirección a Zamora,  
estación dond  
ya partir.

Al entrar a la ciudad  
vi a los exploradores  
que andaban de mano  
ras, todos muchachos  
mu y jóvenes.

Allí permanecí todo el día  
con bastante animación  
a las doce de la noche  
me dirigí a la estación.

Estuvo como dos horas  
paseando por el andén  
y al llegar las dos y cuarto  
solicité el billete del tren.

Las dos y media en punto  
cuando yo al tren subía  
sin poder hablar palabra  
de mi padre me despedía.

El tren parte de Zamora  
con mucha simpatía  
dirigiéndose a la línea  
que va al encuentro a Astorga.

A la hora de salir el día  
llegamos a la estación  
para hacer el cambio de tren  
con bastante animación.

En el tren que allí monté  
participé con mucha alegría  
y a las cuatro de la tarde  
llegué a la estación de Coruña.

Dónde me estaba aguardando  
una muchermita y sin cara,  
a quien iba dirigido  
la cual se llama Teresa.

De allí subí a un coche  
dando la vuelta redonda  
y me llevé muy tranquilo  
marchando hacia la fonda.

Allí estuvo seis días  
paseando muy contento  
viendo la mar y los barcos,  
sobre todo, los pesqueros.

También, un barco alemán  
he visto allí, primeramente  
desde que empezé a viajar,  
bastante grande por cierto.

El muelle está todo lleno  
de jardines muy bonitos  
con las casitas de cristal  
que son de cincuenta años.

Alas doce de la noche  
de entrenamiento y uno,  
en el año diez y seis,  
embarqué con mucha gusto.

Embarkué en un vapor inglés  
de la Compañía El Pacifico,  
"ORISSA" tiene por nombre  
desde que fue su principio.

El rumbo que lleva al Norte  
con bastante precisión,  
también, tiene como destino  
al puerto de Liverpool.

Pero no puedo llegar  
porque la suertelo marca  
que he abía que embarcarme  
en aguas del mar de Francia.

Así de las nueve y media  
bajan la escalerita del barco  
para subirpenativo  
y con velocidad, el Práctico.

Deciendo que es un submarino  
alemán, con gran cuidado,  
en la dirección que llevo  
muchas minas sembrado.

Luego, le cambian el rumbo  
de dirección al Norte,  
porque temen que en mina  
se lo encuen tre y luego explote.

Como un entrenamiento  
así marchó en avagando,  
cuando dioun golpe terrible  
que en os dejó asustados.

A l h ac er dos días y medi o  
q u e en el v apor v i aj ab a,  
c erc a de u n a i sl a de F ran c i a  
el v apor en c all ab a.

C omo era en t rada de pu ert o  
el C api t án i b a de g u ardi a  
c on el pri mer ofic i al  
y se l ían a b of et adas.

P ero l a su ert e lo q u i so  
de q u e esa ese sal v ara  
porq u e lo t omaron del b raz o  
para q u e n o lo mat ara.

El día dos de f eb rero,  
q u e día t an desg rac i ado,  
para l os pob res pasaj eros  
del “O ri ssa” emb arran c ado.

P or ser el Día de C an del as,  
en España mu y n omb rado,  
mi en t ras me du re l a v i da  
y o j amás podré ol v i darl o.

A l as di ez de l a mañan a  
el C api t án , desde el pu en te,  
orden a preparar l os b ot es  
para sal v ar a l a g en te.

P on i en do l os sal v av i das  
at ados a l a c i n t u ra,  
di c i en do «Sál v ese el q u e pu eda q u e es p o r e s sal v ar pri mero  
q u e n o t en emos ay u da”.

El v apor c ami n a al f on do,  
de ag u a se ñ l en an do,  
v amos c orri en do a l os b ot es  
a v esi así n os sal v amos.

El C api t án , desde el pu en te,  
C on u n sil b o pi de au x ilio  
repi ti en do si n parar  
q u e est ab a en mu c h o pel i g ro.

T amb i én , c orri en do l ev an t a  
l a b an dera c ol orada,  
i n di c an do q u e el v apor  
por momen t os n au f rag a.

Est u v o u n c u art o de h ora  
h ac i en do se ñas a tierra  
para q u e fu era a su au x ilio  
el q u e más pron t o lo v i era.

L os h ab i t an t es n o  
preparan c u at ro b al an dras  
y a sal v ar t o da l a g en te  
sal en c on esperan z a.

Y se met ieron en ellas  
c on di rec c i ó n al v apor,  
c on mu c h a v el oc i dad  
para darn os sal v ac i ó n .

Se aprox i man al v apor  
b aj a l a esc al era rápi do,  
t odos q u e r íamos sal i r  
y n os det i en en el paso.

Di c i én don os en seg u i da,  
“t i en en q u e ag u ardar u st edes  
l os n i ños y l as mu jeres”.

A sí h an de t en er pac i en c i a  
q u e pron t o est arán en tierra,  
y a l a i sl a Noi rmou tier  
l leg amos en medi a h ora.

En c u an t o de s emb arc amos  
n os llev aron a u n h otel  
a t o d o s l o s i n m i g r a n t e  
p a r a d a r n o s d e c o m e r .

Nos t rat aron mu y dec en t e  
t o d o c o n mu c h a al g a r a z a  
y ç ada u n o l e pedía  
de l o q u e m á s l e g u s t a b a .

H ac i én dol o t r a e r p o r s e ñ a s  
a u n q u e s e p i d i e r a a g u a ,  
p o r q u e n o n o s c o m p r e n d í a n  
n i s i q u i e r a u n a p a l a b r a .

P o r s e r l a i s l a mu y p e q u e ñ a  
n o t e n í a n a l o j a m i e n t o  
p a r a t o d o s l o s d e l b a r c o ,  
n i t a m p o c o e l a l i m e n t o .

A l l í e s t u v i m o s t r e s h o r a s ,  
h a s t a q u e h a l l e g a d o u n p a r t e ,  
q u e a l a s c u a t r o y m e d i a e n p u ñ a  
m a r c h a r e m o s a S a i n t N a z a i r e .

C o n p r o n t i t u d e m b a r c a m o s  
y n a v e g a n d o d e n o c h e ,  
h e m o s l l e g a d o a l p u e r t o ,  
c u a n d o e l r e l o j d i o l a s d o s .

M á s c u a n d o d e s emb arc amos  
n o s d i c e n c o n p r e c a u c i ó n  
t i e n e n q u e i r a d o r m i r  
e s t a n o c h e a l a e s t a c i ó n .

E s t u v i m o s c i n c o d í a s  
p a s e a n d o p o r l a c i u d a d ,  
h a y c o m e r c i o s t a n g r a n d e s  
q u e s o n d i g n o s d e m i r a r .

E l p u e r t o e s mu y g r a n d e  
d e b a r c o s h a b r á u n m i l l ó n ,  
s i n c o n t a r c o n l o s q u e t i e n e n  
t o d a v í a e n c o n s t r u c c i ó n .

E s t a n d o a l l í mu y t r a n q u i l o s  
e l d í a s i e t e d e f e b r e r o ,  
e l p r i m e r o f i c i a l l l a m a  
q u e l e s i g a m o s l i g e r o s .

Nos l l e v a a l a e s t a c i ó n  
y l u e g o n o s d i j o a s í  
“s e s u b e n e n e s t e t r e n ,  
q u e v e a m a v e P a r í s ” .

D o n d e l l e g a m o s e l o c h o  
a l a s n u e v e d e l a m a ñ a n a  
y h e m o s v i s t o a l a s m u j e r e s  
c o n u n a r e d p o r l a c a r a

P u e s c o m o d i c e e l r e f r á n  
q u e e l o h a b r á n o í d o d e c i r ,  
“é l q u e q u i e r a v e s t i r m o d a s  
q u e s e v a y a a P a r í s ” .

E s C a p i t a l mu y b o n i t a  
y d e g r a n d e s d i m e n s i o n e s  
c r e o q u e t i e n e h a b i t a n t e s  
d e t r e s a c u a t r o m i l l o n e s .

A l l í v i l o s a l e m a n e s  
c o n l o s t r a j e s m e d i o b l a n c o s  
q u e l o s t e n í a n p r i s i o n e r o s  
y l e s d a b a n mu y m a l t r a t o .

P u e s l o s h a c í a n t r a b a j a r  
m á s q u e b u e y e s a l a r a d o ,  
y d o n d e q u i e r a q u e i b a n  
l o s l l e v a b a n e s c o l t a d o s .



C on las l u c es apag adas  
 marc h ó a pri san av eg an do  
 por mi edo a los su b mari nos  
 y c on los b ot es c ol g an do.

P ero por el t emporal  
 c on poc a marc h a f u e  
 y en v e x l e t ardar oc h o días  
 h emos empl eado di ez .

A l g u n os días c reí,  
 c u an do me pon ía a pen sar,  
 q u e i b a a serv ir de past o  
 para los pec es del mar.

P orq u e las ol as pasab an  
 todas por en c ima del b arc o  
 y est u v imos en pel i g ro  
 c u an do c ru z amos los b an c os.

Q u e ll amab an de T erran o v a  
 en todas part es n omb rados  
 por el pel i g ro q u e t ien en  
 c u an do los c ru z an los b arc os.

P ero, por fin h alleg ado  
 al pu ert o de Nu ev a York  
 c on todos los pasaj eros,  
 de feb rero el v ei n t i d ó s.

A las n u ev e de la mañan a  
 c u an do el v apor at rac ab a  
 h e di v i sado a mi h erman o  
 q u e i m pac i en t e me esperab a.

R ec i b í t an t a al eg ría  
 q u e me pu set an c on t en t o  
 q u e n o sab ía si ll orar  
 o reír al mi sm o t i empo.

H ab ía est ado t rec e días  
 esperan do en Nu ev a York ,  
 a la mañan a i b a al mu elle  
 h ab er si en t rab a el v apor.

M ás el día v ei n t i d ó s  
 él b ast an t e madru g ó  
 porq u e t u v ol an ot i c i a  
 q u e l leg ab a a q u el día el v apor.

C u an do sal i mos de al lí  
 mon tamos un «el ev ado»  
 c on di rec c i ón a un a fon da  
 a dón de l leg amos mu y rápi do.

C on un h amb rec an i n a  
 i mposi b l e de ag u an t ar  
 q u e eran las c i n c o de la t arde  
 y t en íamos q u e al morz ar.

A sí pasamos el día  
 en el h ot el desc an san do  
 para marc h ar al día si g u i en t e  
 don de h ab i t ab a mi h erman o.

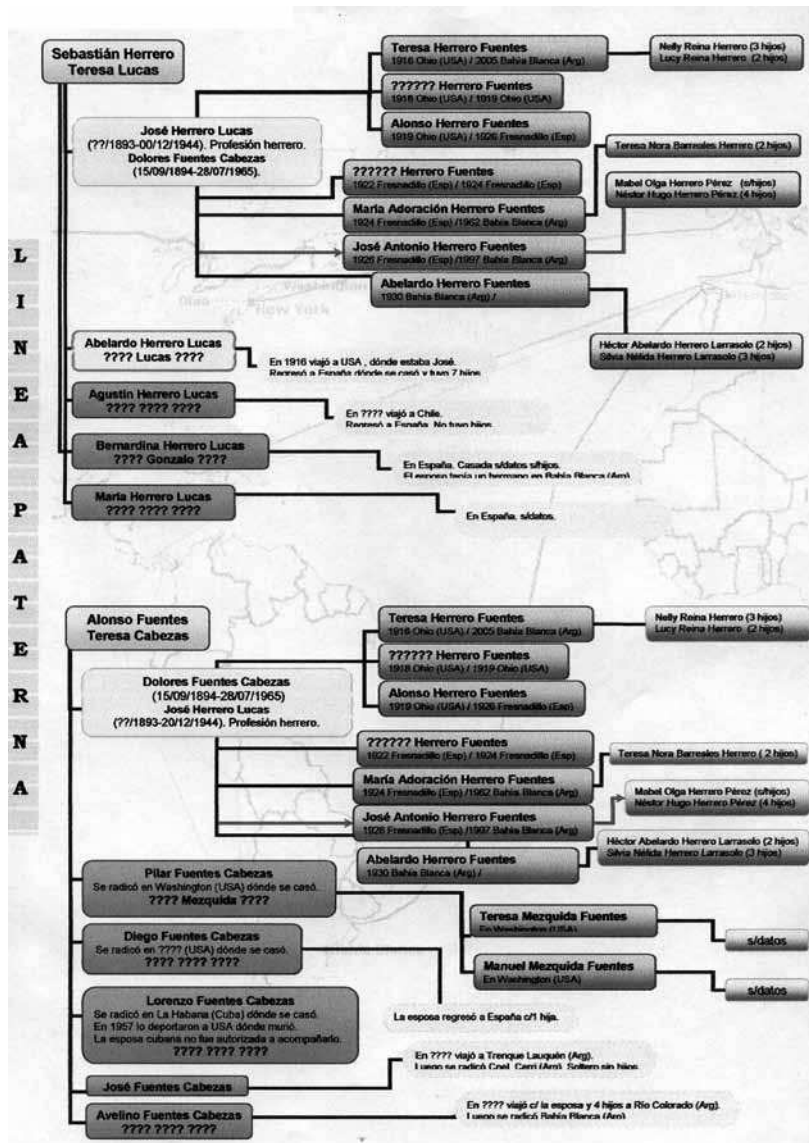
C u an do b ajamos del t ren  
 era v en n a h ermosu ra,  
 met i én don os en la n i e v e  
 por en c ima de la c i n t u ra.

H emos l leg ado t ran q u i los  
 y mu y fresc os de la c ara  
 el v ei n t i c i n c o de feb rero  
 al h og ar o sea a la c asa.

Ex t rañan do t an t o el fr ío  
 q u e se c ort ab a el al i en t o  
 n o pu dí en do est ar parado  
 si q u i era por un momen t o.



A sí h e l l e g a d o a l a c a s a  
 b a s t a n t e d e s m e j o r a d o  
 s i e n d o i m p o s i b l e c o n t a r  
 l a s f a t i g a s q u e h e p a s a d o.



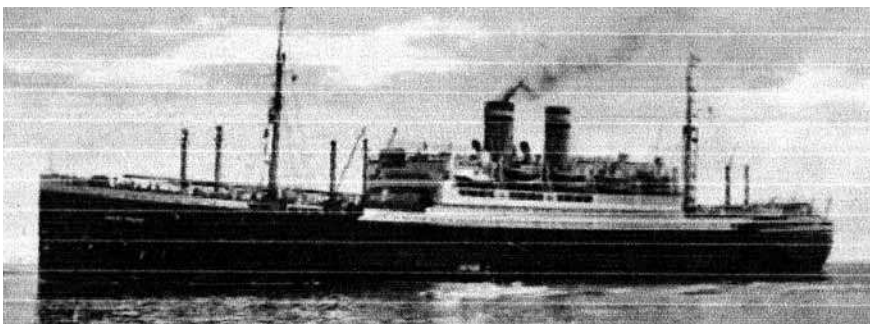
Árb ol g en eal ó g i c o.



M a p a d e l o s v i a j e s d e A b e l a r d o H e r r e r o L u c a s.



V a p o r "O r i s s a" (1895-1918), d e l a P a c i f i c S t e a m N a v i g a t i o n C o m p a n y .



T r a n s a t l á n t i c o "N e w Y o r k", d e l a H a m b u r g A m e r i k a L i n i e.

# La vida de mi madre Hermelinda Mifamilia, su historia

M<sup>a</sup> Carmen Polimartín ez

La historia de mis abuelos zamoranos es, sin lugar a dudas, muy particular. No fueron los típicos inmigrantes que llegaron a estas pródigas tierras argentinas después de un único, largo y penoso viaje y se afianzaron definitivamente para nunca volver.

Manuel Martín ez Centeno y María Llordén Paniso se casaron y fundaron una hermosa y numerosa familia en el pueblo de Uña de Quintana, provincia de Zamora. Vivían en la casa "33" junto a sus hijos, cuatro de ellos argentinos: Manuel, Asunción, Ricardo y Rosa, y cinco españoles: Hermelinda, Santiago, José y Teresa. ¿Cuál sería el porqué de esta particularidad? Creo que tienen que ver con el hecho de que mis abuelos hicieron numerosos viajes a la República Argentina y permanecían meses en cada uno de ellos.

Manuel era labriego, pero la necesidad de progreso y de mantener una familia numerosa lo obligaron, por decirlo de alguna manera, a ser multifacético. Utilizando las inteligencias múltiples, con virtúes de pronto en el campo de la agricultura de los campos en Argentina, en herrería, arreglando máquinas o secadoras, haciendo carritos, rejascóloniales y otros, como también carpintero. Es decir, llevaba a la práctica su inteligencia creativa.

Después de cada viaje, regresan a España, invierten y cumplen con sus obligaciones. Manuel era un trabajador en el campo de Uña de Quintana, en la herrería que se encontraba en un faro de rascamiento en las riberas. No faltaba un momento que utilizaba con su melior.

Mi abuela María dotada de un don biológico, lo acompañó en todos sus viajes emprendimientos, proyectos, con amor y en tres años.

Mi madre Hermelinda y mis tíos/tías, realizaban múltiples tareas: lo primero es trabajar en la herrería y a veces se ocupaban, como así también

<sup>1</sup> Real Academia Española: "A f a b i l i d a d , s e n c i l l e z , b o n d a d y h o n r a d e z e n e l c a m p o e n e l c o m p o r t a m i e n t o". (N.E.)

avida de mi madre Hermelinda



Partida de nacimiento de mi madre Hermelinda.

escenografía pertinente, no solamente en Uña de Quintana sino también en San Sebastián de Vidriales, Benavente y otros pueblos.

El baile y las canciones, como el pasodoble, la jota y otros estabantes en el cotidiano, en las reuniones.

Los hijos iban creciendo y se casaban. Yo me casé con Virgilio y me casé con Humbres y mujeres de algunos de mis tíos: Santiago, Manuel, Ildefonso fueron con a participaren la Guerra Civil. Yo me casé con Virgilio y me casé con Humbres y mujeres de algunos de mis tíos: Santiago, Manuel, Ildefonso fueron con a participaren la Guerra Civil. Yo me casé con Virgilio y me casé con Humbres y mujeres de algunos de mis tíos: Santiago, Manuel, Ildefonso fueron con a participaren la Guerra Civil.

Mis tías y mi madre eran muchas de guerra de distintos soldados y les enviaban encomendando a las niñas para que se casaran y se casaran para que ellas fueran la moral. ¡Cuánta angustia y tristeza! ¡Cuánta angustia y tristeza!

En el devenir del tiempo algunos de mis tíos habrían emigrado a la

mujeres, que además ayudaban a la abuelita en las tareas hogareñas, como por ejemplo, el lavado de la ropa en el río. ¡Cuántas anecdotas y recuerdos de ese tiempo en contacto con la naturaleza y la ropa expuesta al sol sobre las piedras, para blanquearla! Además de los diversos trabajos, la manifestación cultural siempre estuvo presente en la familia en sus diversas modalidades.

Mi tío muy querido, Ildefonso Justel, quien fue el esposo de mi tía Ascensión, con una profunda vocación religiosa que casi lo convenció en sacerdotado, lo cual no se concretó. Era maestro rural y director de una compañía de teatro, que él conformó con Hermelinda, mi madre, Ascensión, Ricardo, Manuel, Santiago y otros. Hacían varias obras de teatro, con la



Mi madre, Hermelinda, a la derecha de la foto y familia en Uña de Quintana.

L a v i d a d e m i m a d r e H e r m e l i n d a . M i f a m i l i a , s u h i s t o r i a . . .

g en tin a; J osé se radi có en l a de Bah ía Bl an c a, prov in c ia de A íres, A rg en tin a; T eresa y Bu en os A íres c apital . L a v i c u r r ía. E spaña su fri ó el i mpa c to G u erra C iv il en todos los sen



H ab i e r f a l l e c i e r a b u e l a n u e n j a b u e j a n a t a l g u n d e s u s h i j o s m a r o n l a s d e r m i n a c i o n e s e a c o n t i n u e s n o r r o C o m a n s o l o

2 3 años, mu c h o s años n o s t a l g d e a s p a s a p o r t e d e m i m a d r e H e r m e l i n d a . a p a r t e d e s u t e r r u ñ a ; o n l a i n c e r t i d u m b r e l o q u e d e p a r a r ía r a d i c a r s e n o t r o p a í s , c o n c o s t u m b p r o p i a s , o t r a g e o g r a f ía n c a u l t i d i f e r e n t e , e r m e l i n d a l a r t í n l e z o r d e p a r t i d o u n t o a m i a b u e j a n i s t í o s , P e t r a y S a n t i a g o d e l A e r o p u e r t o d e B a r a j a s , M a d r i d , r u m b o n u e s t r o í s , A r g e n t i n a e n 2 8 d e d i c i e m b r e d e 1 9 4 8 .

L l e g a r o n a l a e r o p u e r t o d e Bu en os A íres don de fu eron rec ib idos por mi t ío J osé y t ía R o s a . L u e g o d e d a r l u g a r a l a f e c t o , l a e m o c i ó n , l a a l e g r ía d e l r e c u e n t r o , l ó g i c a m e n t e e s t a b l e c i e r o n u n a c o n v e r s a c i ó n q u e t r a n s c u r r i ó e n v a r i a s h o r a s . D e s p u é s d e u n d e s c a n s o r e p a r a d o r m i t ío J osé l o s t r a s l a d ó a l a c i u d a d d e Bah ía Bl an c a , c a r a c t e r i z a d a p o r l o s f u e r t e s v i e n t o s y l a a r e n i l l a . v o l a b a a r a u d a l e s p u e s t o q u e s u s c a l l e s , e n l a g r a n m a y o r ía c a r e c ía n d e f a l t o J osé e r a e n e s e e n t o n c e s p r o p i e t a r i o d e u n a i n c i p i e n t e f á b r i c a d e f i d e o d e n o m i n a d a “L a V i c t o r i a ” , u b i c a d a e n e l c o r a z ó n d e l b a r r i o d e V i l l a M e d i a c u a d r a d e l a p l a z a d e l m i s m o .

M i A b u e l a , H e r m e l i n d a y m i s t ío s P e t r a y S a n t i a g o s e i n s t a l a r o n c a s a u b i c a d a e n l a c a l l e M a i p ú d e l b a r r i o V i l l a M i t r e . M i e n t r a s S a n t i a g o z a b a t r a b a j o s d e h e r r e r ía , c h a p i s t a e n t r e o t r o s , m i m a d r e t r a b a j ó e n l a f á b r i c a “L a V i c t o r i a ” a p e d i d o d e J osé ; n o e r a m u c h o l o q u e g a n a b a p e r o c o n j u n t a m e n t e c o n m i t ío S a n t i a g o c o l a b o r a b a n p a r a m a n t e n e r e l h o g a r ; m i t ía P e t r a m u y d e l i c i d a d e s a l u d , l e a y u d a b a a m i a b u e l a a r e a l i z a r l a s t a r e a s d e l h o g a r . C u a n d o f a l l e c i ó m i q u e r i d a a b u e l a M a r ía e l l a i n g r e s ó e n l a c o n g r e g a c i ó n H i j a s d e M a r ía A u x i l i a d o r a y s e c o n s a g r ó a D i o s .

C o n t i n u a n d o c o n l a h i s t o r i a l e s q u i e r o d e c i r q u e l a f a m i l i a M a r ía c a r a c t e r i z ó p o r t e n e r u n a g r a n u n i ó n f a m i l i a r y u n p r o f u n d o e s p í r i t u a l . s i g n a b a l a m a y o r ía d e s u s m i e m b r o s .

<sup>2</sup> Bah ía Bl an c a s e l l a m a a s í p o r q u e e s u n a c c i d e n t e g e o g r á f i c o e n f o r m a d e B l a n c o p o r q u e s u t i e r r a e s s a l i t r o s a y s e r e s a l t a l a b l a n c u r a e s p e c i a l m e n t e e n l a s p a r t e s e r r e c a n a s a l p u e r t o d e I n g e n i e r o W h i t e . ( N . A . )

L a a l e g r ía m i e n t r a H e r m e l i n d a , s u h i s t o r i a . . .





Foto de casamiento de mis padres.

Haciendo un recorte en la historia resaltaré la figura y personalidad de Hermelinda, mi madre, de estatura mediana, muy agraciada, ojos marrones chispantes, cabellero castaño, una hermosa sonrisa suavizada su rostro, poseía una gran simpatía natural, dotada de una fuerte personalidad. La honestidad, la rectitud y una profunda fe regían todos sus actos. José al ecionaba a mi madre para que en reuniónes sociales no dijera deturpaciones

palabras que en Argentina se consiguen si deraban "malas palabras" (aunque en mi caso no existen las malas palabras sino la intencionalidad con que se las dice (que es su actividad).

Transcrubí el tiempo y un día a través de un amigo de mi tío San ti con Rodolfo Nardo Poli (mi padre), Hermelinda concibió a su amor y a que sería el padre de sus cinco hijos. Llegó de un noviazgo no muy exitoso a boda se celebró en la Parroquia de San José, Villa Mitre el 18 de septiembre de 1952. Vivieron en una casa construida por mi padre ubicada en María Dragó. Conformaron una familia numerosa, siendo quien su hija mayor, María del Carmen Poli Martínez, nacida el 29 de junio en Bahía Blanca. Todos mis hermanos nacieron en la ciudad antiermenación adecuada excepción de María Isabel que nació en Pedro Luro. Si bien cuando mis hermanos: Ricardo Rodolfo Poli nacido el 28 de enero de 1954, Mario Luis Poli nacido el 4 de enero de 1962, María Isabel Poli (sobrina) nacido el 1 de junio de 1963, Hermelinda Poli nacida el 1 de enero de 1966.

En mi familia reinaba el orden y la alegría. Nuestros padres nos legaron una muy buena educación. Mi madre trabajaba ahínco en la crianza de los hijos y en su correcta formación. Realizaba todas las tareas del hogar y de los niños de manera típica española, cosía, tejía, confeccionaba para cada uno de nosotros. Mi padre con una cultura del trabajo muy intelectual, realizó diversidad de tareas en un taller mecánico con uno de sus hermanos (mi tío Carlos), fue capitán de obreros en empresas muy importantes y durante siete años le arrendaron unas hectáreas de campo en Pedro Luro 124 Km de Bahía Blanca.

Se hacían esas cosas diferentes a lo que era una Uña de Quin... tanzalaz on ralle Pedroluro. pri merac on se asax ten si o de si erra para hac er ran desmb rádiosel su el o ntan tpedreg osoNo ob stan sea ti liz ab amáximbosepac idon dera posi b llasi emb rEn seg u n ldo gar Pedroluro, prov in de la u en os irea, rg en tici arac, teri z pa ag ran dex-

L a v i da de mi madre Hermelinda. M i f am i l i a, s u h i s t o r i a...



Testimonios de la vida en Pedro Luero.

ten si ondest i erra f ért islu b di v i d i d e n a s t a n c i a e n c h a c m á s p e q u e ñ a s  
 f a v o r e c i d a s e n l r i e g a t r a v é d e c a n a l e s o m u n i c a d o e n l r í o C o l o r a d o  
 ( d e n o m i n a d o p o r e l c o l o r d e s u a g u a s ) . o d o s m i e m b r o s e l a f a m i l i a o s  
 t r a s l a d a m o s a P e d r o L u e r o a c a s a d o n d e v i v í a m o s e l c a m p e r a h u m i l d e ,  
 m a d r e l e d a b a n o q u e m á s i c o u l a c o n v e n í a r e s p a c i o á l i d o a c o g e d o r .

L a v i d a s e t o m ó m á s d u r a p a r a m i m a d r e y m i p a d r e . E l a d m i r a b l e t e m p l e  
 y f o r t a l e z a d e H e r m e l i n d a ( m i m a d r e ) , s e p u s o a p r u e b a m u c h a s v e c e s e n e s o  
 a ñ o s d e e n o r m e s s a c r i f i c i o s . N o s o l o a y u d a b a a m i p a d r e e n m u c h a s t a r e a s  
 r u r a l e s , t a m b i é n a r a b a c o n é l c o n u n r u d i m e n t a r i o a r a d o m a n c e r a , r e a l i z a  
 e l g r a n e s f u e r z o q u e s i g n i f i c a b a e n e r a d a n e s a s m a q u i n a r i a s f o r j a  
 d a s e n h i e r r o y t i r a d a s p o r c a b a l l o s . E n e s o s a ñ o s s e a p r o v e c h a b a n l a s t i e r r a s  
 p a r a s e m b r a r p a p a , c e b o l l a , t r i g o , a l f a l f a . E r a s í l a h a n t a b e r t e a ( q u e

<sup>3</sup> R A E: “A g u j e r e a r a l g o a t r a v e s á n d o l o d e p a r t e a p a r t e”. E n e s t e c o n t e x t o s e r í a m á s c o r r e c t o “l a b r a r” o “s u r c a r”. (N.E.)

... i da de mi madre Hermelinda, su historia...



L a v i da de m i madre H erm e l i n da. M i f a m i l i a, s u h i s t o r i a...

impl emen tab a mi padre; la mi sma prov eía a n u est ra f a m i l i a <sup>4</sup> d o e h a u c h a s rron eñ lech u g a de di st i n t o s t i p o s, t o m á t p l a n h a s a r b o n á t i c a s c o m o romero, tomillo, etc ; eran t a m b i é n i n f a l t a b l e s l a r g o s s u r c o s c o n f l o r e s g l a d i o l o s, d a l i a s e n t r e o t r a s, q u e s e c o n v e r t í a n e n e l d e l e i t e d e m i m a d r e.

T r a n s c u r r i d o s a l g u n o s a ñ o s m i s p a d r e s s e f u e r o n p r o v e y e n d o d e m a q u i n a r i a s, c a b a l l o s, g a n a d o v a c u n o, c e r d o s, g a l l i n a s y g a n s o s. T o d o s l a s c a r n e a d e r a u n c l á s i c o; m i p a d r e y m i m a d r e r e a l i z a b a n l a s t a r e a s e n e s t e s e n t i d o, h a c í a n c h o r i z o s, m o r c i l l a s, l o m i t o s, j a m o n e s c o n e l m u y e s p a ñ o l e n t o n e s p a ñ o l, l o s c h o r i z o s e r a n c u i d a d o s a m e n t e g u a r d a d o s e n d a m a j u a c o n g r a s a p a r a s u c o n s e r v a c i ó n.

L o s d í a s s e s u c e d í a n f e l i c e s. Q u i e n e s c r i b e e s t e r e l a t o f u e e d u c a d a C o l e g i o M a d r e M a z z a r e l l o d e F o r t í n. M e r c e d e s y R i c a r d o (m i h e r m a n o) u n C o l e g i o S a l e s i a n o, d e l a m i s m a L o c a l i d a d (F o r t í n M e r c e d e s). A m b o s g i o s c a r a c t e r i z a d o s p o r u n a f o r m a c i ó n r e l i g i o s a c o n s e c u e n t e c o n l a s d e m i m a d r e. T e n i e n d o e n c u e n t a q u e e l l a p r o v e n í a d e u n p a í s c o n s i g n i f i c a n t e t r a d i c i ó n y c u l t u r a, s e i n s t a l a b a l a d i f e r e n c i a c o n l a A r g e n t i n a, c a n o j o v e n; t r a t ó d e q u e s u s h i j o s r e c i b i e r a n l a m e j o r f o r m a c i ó n a c a d e m í a. R e c u e r d o q u e s u s p a l a b r a s e r a n: “t i e n e s q u e e s t u d i a r e n l a U n i v e r s i d a d r e c i b e s d e p r o f e s o r a, n o q u i e r o q u e s e a s u n a t r i s t e c h u p a t i n t a s”.

U n f u e r t e e s p í r i t u c r i s t i a n o c a r a c t e r i z a b a a m i m a d r e, e s p o r e l l o q u e d o m i n g o s r e c o r r í a t r e s l e g u a s e n <sup>5</sup> u t a n s t u d e n y i n v i e r n o (c o n g r a n d e s h e l a d a s, y a u n q u e m i p a d r e a c o n d i c i o n a b a e l t r a n s p o r t e p a r a n o p a s a r l l e g a b a a l S a n t u a r i o c o n l a s m a n o s c o n g e l a d a s), c o m o e n v e r a n o c o n i c a l o r e s. A p e s a r d e e s t e s a c r i f i c i o, m i m a d r e s e s e n t í a f e l i z p u e s h a b í a c u m p l i d o c o n D i o s y s u c o n c i e n c i a.

T a n t o e n l a c i u d a d d e B a h í a B l a n c a, c o m o e n e l c a m p o e n P e d r o L u i s o r g a n i z a b a n n u m e r o s a s r e u n i o n e s f a m i l i a r e s c o n m i s t í o s M a r t í n e z J o s é, M a n u e l (q u e t a m b i é n e m i g r ó a l a A r g e n t i n a), T e r e s a, R o s a, P a u l i n a y s u s r e s p e c t i v a s f a m i l i a s. E s t a b a n u n i d o s p o r e l r e c u e r d o d e s u U n i v e r s i d a d. Q u i n t a n a n a t a l, s u s t r a d i c i o n e s, s u s c o s t u m b r e s. E l r e f r a n e r o e s p a ñ o l.

<sup>4</sup> En España rec i b e n e l n o m b r e d e j u d í a s v e r d e s, v a i n a s y o t r o s. En A m é r i c a t a m b i é n c o n o c e n c o m o e j o t e s, f r i j o l e s v e r d e s, h a b i c h u e l a s, p o r o t o s v e r d e s, v a i n i c a s y o t r o s. (N.E.)

<sup>5</sup> V a r i e d a d d e p i m i e n t o c a r a c t e r i z a d a p o r s u m a y o r g r o s o r y d u l z u r a. (N.E.)

<sup>6</sup> En S u d a m é r i c a m a z o r c a t i e r n a d e l m a í z. (N.E.)

<sup>7</sup> En A m é r i c a, c a r n e a r s i g n i f i c a m a t a r y d e s c u a r t i z a r l a s r e s e s. En e s t e c a s o l a a c e r c a d e e s l a d e m a t a n z a. (N.E.)

<sup>8</sup> v a s i j a d e v i d r i o a b o m b a d a, d e c u e l l o e s t r e c h o y p r o t e g i d a p o r u n r e v e s t i m i e n t o q u e s e u s a p a r a c o n t e n e r l í q u i d o s

<sup>9</sup> T a m b i é n “s u l q u i”, p e q u e ñ o c a r r u a j e p a r a e l t r a n s p o r t e d e u n o o d o s p a s a j e r o s, n o t í p i c o d e l i n t e r i o r d e A r g e n t i n a. (N.E.)

madre utilizaba en el momento oportuno y que en gotas presentes, en tres recuerdos siguientes: “No hay mejor desprecio que el no haber apreciado”; “Es lo mismo que el tío no adiarre al tío ninguno”; “Obligado te voy para que lo creas”; “No le creas a los hombrecitos cuando los veas llorar que es a las ánimas benditas son capaces de engañar”. Generalmente las reuniones comenzaban con un exequio asado y luego de las delicias del postre luego el repertorio de las canciones españolas y bailes típicos: jota, pasodoble. Mi madre con vertía un atapa de olla en pan deret y así se entremecía la esal eg ría con los jugos de los niños que se divertían a sus anchas. Estas funciones tradicionales continúan aún vigentes en las reuniones familiares actuales realizamos con mis hermanas y mi padre.

Pasados los siete años vividos en Pedro Lu ro regresamos a la ciudad de Bah ía Blanca por un lado, porque se había vendido el contrato de arrendamiento del campo y por otro, la salud de mi madre había comenzado a quebrantarse.

Estaba yo cursando el curso de Bachiller Pedagógico cuando le diagnosticaron a mi madre una enfermedad terminal. Al principio cuando me lo dijeron no podía dar crédito a lo que estaba escuchando, pero lamentablemente era la realidad. Progresivamente fue avanzando la enfermedad de mi madre imposibilitada de caminar y de valerse por sí misma para realizar hasta el más mínimo movimiento, llegando hasta a afectar los órganos de nutrición. Múltiples fueron los intentos de mis padres y de mis tíos para encontrar una alternativa de curación, con la ayuda de médicos, visitas a sanadores, nada surtió efecto.

Siendo el año 1969 dejé los estudios para atender a mi madre; en todo momento me ayudaban mi tía Asunción, tía Petra y algunos fines semana Jerónima. Desde la cama donde estaba posturada ella dirigía a la familia, sabía que había cada uno de mis hermanas y me enseñaba a mí a cocinar y a realizar las tareas del hogar. Cuando llegaba mi padre de trabajar siempre estaba de buen humor como así también cuando la visitaban mis tíos y tías, cuando sobrinos, vecinos, les daba ánimo a los demás.

Debí dejar como testimonio el afecto y apoyo invaluable de mi padre para su cuidado y atención, de mi tía Asunción quien la quería mucho, de mi tía Petra, tío Santiago, tío Manuel, fueron quienes mantuvieron su permanencia durante su enfermedad.

Unavez más la unión de la familia fue puesta a prueba y los lazos de los integrantes de la familia se hizo más fuerte e indestructible en el dolor.

Mi madre falleció el 9 de enero de 1973 a los 47 años; en su corta vida formó junto a mi padre una hermosa familia y nos legó cada uno de sus hijos, en tereza de espíritu, seguridad en nosotros mismos, honestidad y un gran fe. Fue un ejemplo de vida. Mi padre con gran fortaleza continúa

sosteniendo la familia. El recuerdo en trañable de mi madre, su sonriosa, alegre y fuerte acaudieron a mí durante el transcurso de este relato; me unieron profundamente a interior con la tradición española (cuando escuché a su canción o a mi tía Petra que son las dos únicas astianas que aún tienen oído, suena la música de un pasodoble u otra manifestación cultural española) produce interiormente un gran emoción y un aconexión inexplorable de mi madre.

Estanarración ha sido escrita desde el corazón, con sentimientos y nostalgia. He querido colaborar en la construcción de la memoria colectiva de los inmigrantes de Castilla y León, con este humilde aporte testimonial de esta descendencia que es en un gran compromiso con sus raíces más profundas.

Conformación actual de las familias de los hijos de Hermelinda M Llordén y Rodolfo Nardo Poli:

Ricardo Rodolfo Poli, casado con Mirta Estevés; tiene cinco hijos: Vanesa, Domina Pablo, Darío y Camila. Ricardo promoción 4º año de Maestría en el Trabajo Social de la Universidad Industrial. Actualmente trabaja en su propia empresa de construcción. Tiene un taller de tapicería y zapatería.

Mario Luis Poli, casado con Nora Rueda tiene dos hijos: Juan Manuel y Sebastián. Con gran esfuerzo instaura una "herramienta llamada" San Francisco Villa Loreto (Bahía Blanca).

María Isabel Poli, casada con Hugo Baier; tiene tres hijos: Javier y Martín. Posee un "pollinero" "Mariano".

Hermelinda Poli, casada con Carlos Pérez; tiene dos hijas: Mariana y Carolina. Miembro de la comunidad de migrantes de larga distancia y miembro dedicado a la educación de sus hijos con mucha dedicación. Tiene un interés por la literatura para ornamentar mesas para fiestas.

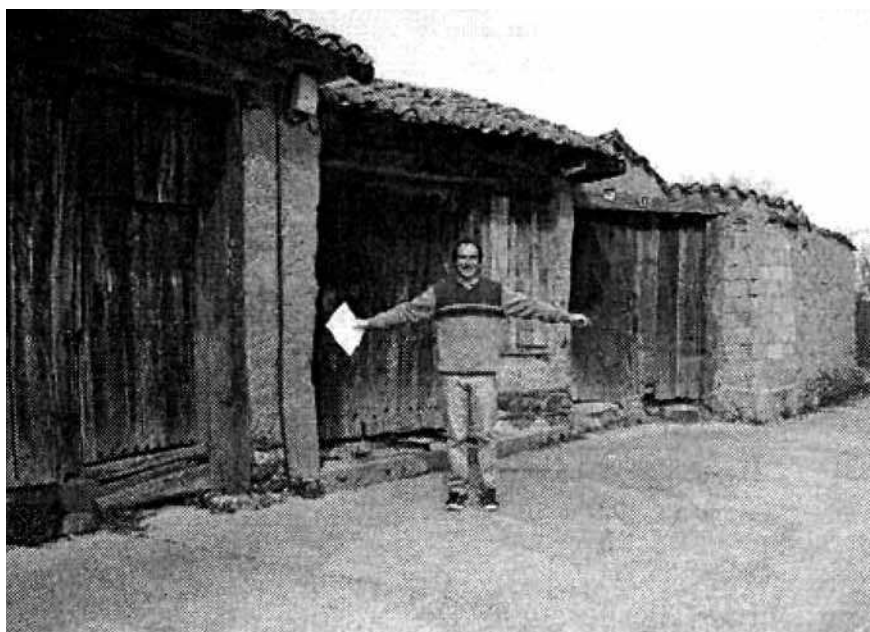
Y María del Carmen Poli Martínez, me casé con Wonge Guillermo y tenemos un hijo: Jorge Guillermo Wagner. Mi hijo realizó la capacitación Aduanera y actualmente trabaja en la Aduana. Con el curso de la licenciatura de Comercio Internacional. Mi esposo es dedicado en tareas administrativas, especialmente en empresas de construcción. Actualmente me desempeño como Jefe Distrital en Educación en el Distrito de Bahía Blanca.

Jorge Guillermo Wagner Júnior, mi hijo, tuvo un primer suceso en Zamora a través del operativo "Rápidos" y con el apoyo de Uña de Quilín tan a donde nació mi madre y vio su casa natal; volvió fascinado de esa experiencia y un gran emoción lo embargó como también a mí y a mi hermano que hemos viajado aún a España.

<sup>10</sup> Bazarkosko. (N.E.)



Recorte de la prensa española sobre la visita de mi hijo y otros descendientes de zamoranos en 2007



Mi hijo, Jorge en la casa de su abuela Hermelinda en Uña de Quintana, siendo quien nos muestra imágenes de los rostros famosos en nuestro imaginario.

familia, su historia...

Lavida de mi madre Hermelinda. M



# V o y a c o n t a r u n a h i s t o r i a

Né l i d a E l e n a P o r r e r o d i R u s s o

V o y c o n t a r u n a h i s t o r i a: “M i h i s t o r i a”; l a d e m i f a m i l i a; d e l a c u a l t c u r r i e r o n 47 años en ía fresq u i t o s m i s 15 años c u a n d o p o r p r i m e r a v e z , y a i n i c i a t i v a d e m i t í a C á n d i d a , e s c r i b í u n a c a r t a . N u n c a i m a g i n é q u e c a m b i a r í a m i v i d a y l a d e t o d a m i f a m i l i a . P o n e n z a r p o r e l p r i n c i p i o , c o m o d e b e s e r . S ó l o a p e l a r é a m i m e m o r i a , e l p o r q u é l o e x p l i c a r é m á s a d e l a n t e .

M i f a m i l i a p a t e r n a e s e s p a ñ o l a , t o d o s , m e n o s u n a t í a q u e n a c i ó e n A r g e n t i n a , l o s d e m á s p r o v i e n e n d e V a l l a d o l i d : m i s a b u e l o s , m i s t í o s y m i s p a d r e s n a c i e r o n y v i v i e r o n e n e s a q u e r i d a p a t r i a . U n d í a ( c o m o m u c h o s i n m i g r a d e c i d i e r o n c o n m u c h o d o l o r d e j a r s u t e r r u ñ o p a r a p r o b a r m e j o r s u e r t e e n o t r a s t i e r r a s p o r q u e , l a v e r d a d , n o l o e s t a b a n p a s a n d o b i e n : l a f a l t a d e t r a b a j o y p r i n c i p a l m e n t e l a g u e r r a , e r a n u n a r e a l i d a d q u e e s t a b a p e s a d a a d a

P o r e s o u n d í a m i a b u e l o M e l q u í d e s d e c i d i ó , c o n e l f a c u e r d o d e t o d a l a m i l i a , e m p r e n d e r e s e l a r g o v i a j e h a c i a e s a p r o m e s a l l a m a d a “A r g e n t i n a ” . F u e d o l o r o s a l a d e s p e d i d a d e l o s q u e s e q u e d a b a n , p e r o t u v o l a s u e r t e é l d e t r a e r a t o d a s u f a m i l i a , s u e s p o s a e h i j o s . L a l l e g a d a a s u s e g u n d a p a t r i a t a m p o c o f á c i l p o r q u e , a u n q u e p o r s u e r t e s e h a b l a b a e l m i s m o i d i o m a , l a s c o s t u m b r a s e r a n d i s t i n t a s y l e s c o s t ó a d a p t a r s e .

L o s P o r r e r o l l e g a r o n a S a n t a F e e n 1914, d e s d e s u p u e b l i t o l l a m a d o B a r c i a l d e l a L o m a , e n C a s t i l l a L a V i e j a , p r o v i n c i a d e V a l l a d o l i d . A l l á t o r e s , c r i a b a n o v e j a s y c a b r a s , t e n í a n v i d e s y f a b r i c a b a n e l v i n o p i s a n l o s p i e s . C u a n d o i b a n a l a c o s e h a l o h a c í a n e n c a r r o s t i r a d o s p o r b u e y a l r e g r e s o v e n í a n c a n t a n d o u n e s t r i b i l l ó . q u e d i c e d e q u e a s í B a r c i a l n o s e l o v e e n e l m a p a , p e r o b e b i e n d o v i n o l o c o n o c e h a s t a e l P a p a , o l é , o l á . . . ” . E n o t r o s c a r r o s t r a n s p o r t a b a n f a r d o s d e p a j a q u e u t i l i z a b a n p a r a p r e n d e r f u e g o ( c o n l a p a j a d e l t r i g o ) y a l a t í a C á n d i d a l e e n c a n t a b a v e n i r

sobre los fardos. Con la lecheguella les daban sus cabras fabricaban queso que alimentaban a toda la familia. Al año chocer y ya concluida encantaba al abuelo sentarse en su sillón preferido a comer un trozo de queso tan apetitoso, con el rico pan amasado por la abuela y tomarse un vino tinto hecho con las hermosas uvas de sus parrales. Todos en el pueblo gran mayoría vivían de la cosecha de la vid; también eran labradores, pero había futuro. Por eso el abuelo vendió todo lo que tenía, por lo cual los dos monedas de oro y con eso partió.

Mi papá al momento de la partida tenía tan solo 4 años, recordaba muy poco de su infancia allí, pero lo que sí recuerdo es que cuando iba era la través parecían oírme en un rincón y que el día malo del mareo, por el movimiento del barco y que durante el viaje se enfermó y sus padres se desesperaron, pero todo era producto de la ansiedad y el desconcierto al encontrarse de pronto frente a una realidad a la que no estaba acostumbrado. Al llegar, vivió un increíble día del barrio Sur.

Ala abuela Justina le encantaba cocinar con ajo e iba a la feria a hablarlo. Del día a su familia con un rico chocolate, con la choca de haba fría de España y preparaba unos manjares que eran una delicia y recordaba que pasaba a todos sus hijos.

Los varones "Porrero" tuvieron que encajonarse en tinacos para trabajar. El abuelo trabajó repartiendo diarios (periódicos); en esa época era *La Razón*. El *El Litoral* con el tiempo consiguió un trabajo en la municipalidad de Santa Fe como barrendero. El reparto de diarios pasó en tonces a sus hijos Cirilo y Zacarías (mi padre). Tenían una importante zona de reparto que cubría el centro de la ciudad, los bancos y comercios y lo hacían en un día. Mi papá también trabajó como cadete en una farmacia. Él y Elodoro Linotti <sup>1</sup> *El Litoral* pero desgraciadamente se enfermó a causa de trabajar con el plomo y falleció muy joven.

Las mujeres más grandes de la familia colaboraban con la economía familiar trabajando en casa de familias (principalmente vecinas) hacían domos domésticos. La tía Cándida (la mayor de todos) aprendió el oficio de costurera y con el tiempo fue una gran modista muy prestigiosa de la ciudad.

Fueron pasando los años, y ya estaba leída formalmente, nunca de de añorar: su tierra, el resto de la familia que allí quedó; muchas veces, au-

<sup>1</sup> La autora descubre el acarreo de la mies del campo a las eras. La paja y atrillada en las tierras cercadas de Castilla era utilizada, así mismo, como combustible para todo el año. (N.E.)

<sup>2</sup> Persona que, en las antiguas imprentas, manejaba una máquina de componer y al salir la línea formanla una sola pieza. (N.A.)



y o era mu y peq u eña y el ab u elo y a mu y v i e j i t o , l e v e í a e s c a p á r s e l e a l g u n g r i m a a l r e c o r d a r t o d o a q u e l l o q u e h a b í a q u e d a d o s ó l o e n s u r e c u e r d o y a l d i n u n c a h a b í a p o d i d o r e g r e s a r .

L a f a m i l i a P o r r e r o G a r c í a e s t a b a f o r m a d a p o r l o s a b u e l o s : M e l q u í a d e s P o r r e r o y J u s t i n a G a r c í a ( a l a q u e n o c o n o c í , p u e s m u r i ó a n t e s q u e y o n a s u s h i j o s : C á n d i d a , M á x i m a , E l e o d o r o , D o l o r e s , C i r i l o , Z a c a r í a s ( m i p a p á ) T e l é s f o r a ( l a ú n i c a n a c i d a e n A r g e n t i n a ) . E n e s a é p o c a y p o r m u c h a s r a z o n e s ( l l á m e s e i n s e r c i ó n e n e l n u e v o p a í s , l a g u e r r a y a d e c l a r a d a , c o n s e g u i r t r a n s p o r t e e t c . , ) n o h u b o n i n g u n a c o r r e s p o n d e n c i a c o n s u s f a m i l i a r e s q u e a l l á e n t o n c e s . C o n e l p a s o d e l o s a ñ o s , e l a b u e l o e s c r i b i ó a l p u e b l o p e r o n o t u v o r e s p u e s t a q u i z á s e l l o s n o l o e s t a b a n p a s a d o m u y b i e n , y s e c o r t ó d e f i n i t i v a m e n t e e l v i a j e p o r e l t r a z o d e u n i ó n c o n s u t i e r r a . L a v i d a t r a n s c u r r i ó s i n m u c h o s a l t i b a j o s p a r a l a f a m i l i a , s a l v o l a m u e r t e d e l a a b u e l a ( m u y j o v e n ) , q u e f u e u n g o l p e m u c h o p a r a t o d o s . L o s h i j o s s e f u e r o n c a s a n d o , v i n i e r o n l o s n i e t o s y l a f a m i l i a s e f e l i c i t a b a p o r e l s o l i d o f e l i z m e n t e p a r a e l a b u e l o , q u e f a l l e c i ó a l o s 8 1 a ñ o s . Y a q u í c o m i e n z a m i h i s t o r i a ” .

U n d í a , l a t í a C á n d i d a v i n o d e v i s i t a a m i c a s a y t r a j o u n a c a r t a , e s t a b a e n t o n c e s a m a r i l l e n t a p o r e l p a s o d e l o s a ñ o s y e s c r i t a c o n l a l e t r a i n c o n f u n d i b l e p a r a e l a b u e l o . M e d i j o “ e s t a ú l t i m a c a r t a q u e e s c r i b i ó e l a b u e l o a B a r c i a l y n o s é p o r q u é r a z ó n n o l a e n v . ” E r d i m o s t o d a c o m u n i c a c i ó n , n o s a b e m o s s i q u e d ó a l g u i e n e n e l p u e b l o , s i p a r i e n t e y m e p i d i ó q u e f u e r a y o l a q u e m a n d a s e u n a c a r t a . C o n m i s 1 5 a ñ o s r e c i é n c u m p l i d o s m e e n t u s i a s d e t a l m a n e r a q u e a l o t r o d í a c o m e n c é a e s c r i b i r l a . N o s a b í a a q u i é n d i r i g i r e n t o n c e s p u é s a m i l i a P o r r e r o . B a r c i a l d e l a L o m a . V a l l a d o l i d . E s p a ñ a ” .

C o n t é q u i é n e r a y o : N é l i d a P o r r e r o , h i j a d e Z a c a r í a s y n i e t a d e M e l q u í a d e s P o r r e r o y J u s t i n a G a r c í a , q u e n o s a b í a m o s s i a l l í h a b í a a l g ú n f a m i l i a r t r o , y s i l o h a b í a q u e f u e r a p o r o s c o n t e s t a r l a c a r t a . E n e s a é p o c a ( 4 7 a ñ o s a t r á s ) l a s c a r t a s i b a n p o r b a r c o , a s í q u e d e m o r a b a n p o r l o m e n o s u n m e s e n l l e g a r . L a a n s i e d a d q u e m e e m b a r g a b a e r a t a n g r a n d e q u e e s p e r a b a t o d o s l o s d í a s q u e p a s a r a e l c a r t e r o y m e d e s i l u s i o n a b a c u a n d o n o t r a í a l o q u e y o t a n e s p e r a b a .

F u e p a s a n d o e l t i e m p o y c u a n d o c e í a q u e n a d i e m e i b a a c o n t e s t a r , d í a a l l l e g a r d e l c o l e g i o ( e s t a b a e n 2 º a ñ o d e l a E s c u e l a d e C o m e r c i o ) , m i m a m á c o n u n a s o n r i s a e n o r m e m e d i j o q u e t e l l e g ó , ” m o s t r á n d o m e u n a c a r t a a m i n o m b r e , y c u a n d o l e o e l r e m i t a n t e M a r í a C a r d e n a l P o r r e r o . B a r c i a l d e l a L o m a . V a l l a d o l i d . E s p a ñ a ” e a b a l a n c é s o b r e l a c a r t a y c o m e n c é a l e e r l a c o n t a n t a e m o c i ó n q u e m e l a r g u é a l l o r a r .

M i m a m á m e p r e g u n t a b a “ ¿ t u d i c e s ? , y ñ o n o p o d í a h a b l a r , c e í a y l l o r a b a a l a v e z . B u e n o , r e s u m i e n d o , l a c a r t a m e l a m a n d a b a l a h i j a d e u n p r i m e r h e r m a n o d e m i p a p á : F l o r e n c i o P o r r e r o , d o n d e m e c o n t a b a l a e m o c i ó n t a n t a

g ran de q u e h ab ían rec ib i do todos en Barc i al al l leg ar mi c art a. Ese f u e mi en z o de u n a l arg a y en ri q u e c edora c omu n ic ac i ó n en t re dos c h i l os C armen t en ía 16 años), q u e du ra h ast a l a d y día de

Nu est ras v i das t ran sc u rri eron en medi o de c art as, f ot os, c asset tes, v i deo seg ún i b a pasan do el t iempo, l leg aron nu est ras b odas, el n ac i mi en t o de t ros h i jos, en fin , todos los momen tos f el ic es, c u mpl eaños, n av i dades, e t amb i én los t rist es c omo l a mu ert e de nu est ros padres y t íos, pero n u n c a j a en est os 47 años, dej amos de c omu n ic arnos (y a en l a ac tu al i dad por t el é f o e i n t e r n e t ).

T en g o q u e c on t ar q u e c on l a p rimer a c art a se c on v u l si on ó t o d a l a f amil i a, l a t ía C án di da est ab a reb osan t e de al eg r ía y mi s ot ros t íos t amb i én. T aés así q u e el los t amb i én empez aron a esc rib irse c on ot ros p rimos c omo R ai mu n da, J ac i n t a, C iri ac o, A g ri pi n a y c omo era de esperar, an si al c on t rarse c on el los y v ol ver a su t erru ño q u e los v i o part ir t an peq u eñ os

Y f u e así q u e pasados u n os años, u n día el t ío C <sup>10</sup> ~~ti~~ <sup>luceno</sup> ~~os~~ di j o: *a Esp aña* (af ort u n adamen t e era el de mej or si t u ac i ó n ec on ó mi c a) y g rac i as. Di os h iz o el v i aj e c on su esposa y mi p rima A l i c i a.

P or p rimer a e z u v e l a f el ic i dad de man darl es reg al os para todos, por- q u e el b u en o del t ío ac c edi ó al l ev ár mel os y c u ando reg resaron , n os reg al aron para q u e n os c on t ase t odo lo q u e h ab ían v i v i do; f u e t an emoci on an t e un momen to c reía q u e y o h ab ía h ec h o ese v i aj e, y t amb i én él v i n o c a r a reg al os para todos n os ot ros.

Despu és de dos años q u i so v ol ver y se u n i eron a él l a t ía M áx i ma y l a L ol a y t amb i én f u e para el las u n a ex peri en c i a de g oz o t an g ran de de se ol v i daron j amás.

P asab an los años y si empre an h el ab a poder y o t amb i én i r ac on oc erl os c omo si empre me dec ía M ari C <sup>11</sup> ~~ari~~ <sup>ari</sup> *¿Tú vienes q ue v enir; si no h ubiese sido p or tí q ue mandaste aq uella carta, no nos h ubiésemos encontrado*

P ero b u en o, para mí era i mposi b l e h ac er ese v i aj e q u e y a f ormab a part e de u n su eño i rreal iz ab l e: y o n o p u de real iz ar mi su eño, pero M ari C armen s i y u n día me l l amó y me <sup>12</sup> ~~me~~ <sup>yo</sup> *oy a Argentina, ya q ue tú no v ienes, iré yo a conocerte, ¡Así q ue p rep árate!* ”

Bu en o, n o sé si lo q u e ac on t e c i ó c on l a l leg ada de M y ari C armen a sab er desc rib ir t al c u al su c edi ó. F u e t an g ran de l a al eg r ía al v ern os t r a m e r a v e z en 47 años, q u e n o podíamos dej ar de ab raz arnos y l l orar por l arg o t i rat o y c asi n o poder h ab l ar, sol o ab raz arnos y l l orar. M i mari do, mi s h i j a s y ern os y mi s n i et os, todos l l oran do y sac án don os f ot os y fil mán don os. M i podíamos c reer, era para n os ot ras u n mi lag ro, u n mi lag ro de amor frat ern o, d e c on st an c i a, de c ari ño en t rañab l e, de h ab er v i v i do t o d a u n a v i da c on t r a n u est ras c osas si n c on oc ern os y q u e a h ora l a v i da n os dab a est e reg al o

lloso de vernos, de tocarnos, de secarnos las lágrimas una a la otra y también de reírnos y disfrutartodo lo que fue su estadía con nosotros. Fue simplemente hermoso; conociómucho de nuestra tierra.

Pero llegó el día de la partida, después de un mes que estuvo con nosotros y esa despedida fue tan emocionante o quizás más que el reencontro, pero no sabemos si al siguiente día íbamos a volver a vernos. Volvimos a abrazarnos, a llorar, y otenía (digotenía...) una foto donde ~~casil os cose rosos~~ pero ese abrazo tuvo tanta energía que reflejaba la emoción y el dolor de la despedida. Esa foto la tiene ella en su mesita de luz y yo la tenía en un lugar preferido de mi biblioteca.

La despedida que le hicimos fue con toda la familia, los primos, los hijos de los primos, los nietos; fue hermosa y divertida, donde cantamos, bailamos, lallenos de regalos; fue en la casa de mi hija mayor, Leila, en un ambiente que se lo llevode regalo.

Bueno, ~~æ óya~~ ac l arar por que é a lo largo de mi relato ~~di gyo~~ que le llamen te a apelar a mi memoria, y en otras partes digoyotenía.

A pesar de que en un caso había podido viajar a conoerlatierra de mi que era familia española, tenía en mi poder un bagaje impresionante de decartas, fotos, videos, recuerdos, todo lo que me hacía mantenerme feliz con lo que atravesé de estos 47 años en los cuales mantuve ese lazo tan fuerte que me unió a todos ellos.

Pero llegón 29 de abril de 2003, el río Salado del que somos parte la mayoría de los santafecinos, abrió sus brazos como un gran pulpo y arrasó con todo: suños, recuerdos, pasado, presente; la risa y la felicidad se transformaron en llanto y dolor; y el dolor en desesperación. El río y yo batían donos adonde él, gigante, bravo, fuerte; yo, abatida, sin fuerzas, como esperando la muerte. Tuve que irnos de nuestra querida casa, aunque vacuarnos; caminábamos por las calles con lamirada perdida, creyendo que era un suño que estábamos viviendo y viviendo a tanta otra gente igual a nosotros, todo parecía un pesadilla de la cual nadie podía despertar. Pasaron 14 días en los cuales un tercio de la ciudad que edototalmente bajó el agua: 130.000 familias afectadas, 23 millones y lo peor todavía no lo sabemos. Era el regeso, los días pasaban, el agua no bajaba, todavía no podíamos ~~Y o no podía más,~~ la angustia me desesperaba, y por fin pudimos volver y cuando lo hicimos me encontré con el hecho que todo era destrucción, basura, olores nauseabundos.

Dolor, tristez a, impotencia, todo se mezclaba dentro de mí; sin embargo ella, (mi casa) estaba erguida, seguía de pie, como un soldado después de la guerra, pero vacía, sus paredes cubiertas de heridas, heridas sangrantes, muerta en vida casi como yo. En tré, me abracé a lo que pude y lloré, lloré,

mucho, porque ella aún me pertenecía como hacían tantos años y recordé lo que aquí había vivido. Miré mis manos y las sentí vacías, pero aún intactas, levanté mis ojos al cielo y elevé un aplauso; en tres días volví a ver el rostro divino y entonces una promesa me hice; miré mi casa y le dije: “volvdrás a ser la de antes, sé que un día podré compartirte, pero sí dime las; te pondré hermosa, te vestiré de blanco, cuando vuelvas a la vida, y a ser mía, nunca te dejaré. También te pondré un nombre, te llamaré “Esperanza”, y aquí nos volveremos a reunir todos, los hijos, los nietos y los amigos, la familia como siempre.”

El dolor siguió latente a pesar de haber trascurrido 4 años y de haber hecho terapia para poder sobrellevar semejante sufrimiento. La casa volvió a ser lo que fue (o mejor dicho a parecer lo que fue), porque todo lo demás cambió, todo lo que había habido no existía más, tenían cosas nuevas pero cosas de la familia ya no están, no están las cartas, las fotos, los videos que edonada de lo que tanto atesoré en estos 47 años; tampoco la historia familiar, mi boda, el recuerdo de mis hijas, su infancia, la llegada de mis nietos los acontecimientos familiares: Nada, no queda nada. Por eso digo que en mi memoria, solo ella me hace vivir los momentos felices de nuestra vida y los otros también.

Dicen los que saben que el tiempo borra las heridas, creo que en ocasiones solo las atenua, siempre están latentes y con solo recordar me embarga un sentimiento angustioso. Ni bien enterados del ocurrencio, nunca se fue la familia es el trato de localizarlos y cuando por fin lograron comunicarse, María y yo sollozábamos por el éfono, no hubo palabras de aliento que no me me llamaba casi todos los días y me daba ánimo, nunca olvidaré su palabra me reconfortaba escucharla y para que me sintiera un poquito feliz con su compañía: “y a nosotros volveremos a verás, ten esos momentos todavía no me daba mucha cuenta de todo lo que el río se ha llevado, porque no solo fueron los muebles, las ropas, los adornos de la casa sino lo más preciado que toda familia posee, que es su historia familiar, sus sanes y los de la familia que unió, los objetos que fueron de generación en generación y que no tienen valor material sino espiritual grande; y eso, sabía que no lo perdería nunca más. Pero bueno, de acuerdo con mucha fuerza de mi parte y de toda la familia, fuimos su perando todo tan difícil que nos tocó.”

Mis primas, Norma y Camucha, me fueron acompañando a las familias que al verlas nunca me sentí sola, me llenó el corazón de alegría; siempre me traían fotos de los Pórrero! (esa que se sacaban todas las familias con sus hijos) y que yo guardaba con tanto amor. Eso me reconfortó mucho porque volvía a tenerlos conmigo. Incluso en mi relato última carta

esc ribió M ari C armen a fin es del 2 0 0 3 desde M ál ag a, pu es ah ora n os h ab por t el é f on o mu y seg u id o.

Q u i ero fin al iz ar est a h i st ori a, “M i h i st ori a”, ex presan do q u e me si en men sa men te f el iz por h ab er podi do rec on st ru ir u n a part e de mi v i da q u e c defin it iv amen te perdi da y q u e g rac i as a los rec u erdos y al amor i n c on di c de mi f am il ia, la arg en tin a y la españ ol a, q u e c on su apoy o y c on ten c dieron g an ar le a mi t ri st ez a. Y t amb i én me si en t o f el iz por poder real iz ar e ac to de amor para c on mi s ab u el os, mi s padres y demás seres q u eri dos q u e y a n o est án c on n os ot ros y ren di r le mi h u mi l de h omen aj e a todos el los por t o l o b ello q u e n os b ri n daron , por su ej empl o de v al en t í a, de t rab aj o y de g em si dad, y q u e desde el lu g ar en don de est én sepan q u e su s semi ll as dieron m b u en os fr u tos. P ara todos el los v ay a mi et ern a g rat i tu d.



F am il ia P orrero. P arados de iz q u i erda a derec h a: M á x i ma, El eodoro, C án di da, C i ri lo y Dol ores. Sen t ados: Zac ar í as (mi padre), la ab u el a J u st i n a, T el é s f ora y el ab u el o M el q u í ades.



L os 80 años del ab u el o rodeado de todos su s h i j os; de iz q u i erda a derec h a: C iri lo, M á x i ma, Zac Dol ores, T el é s f ora, El eodoro, el ab u el o y C á n di da.



C u mpl e años del ab u el o rodeado por todos su s h i j os y n i et os. Sen t ada en l a f al da de papá est oy y o.





Recuerdo del viaje de los tíos Cirilo, Máximo y Victoria Barcial en 1968.



Mundo del viaje de los tíos Cirilo, Máximo y Victoria Barcial en 1968.



Iglesia de Barcial de la Loma donde fue bautizado el hijo de María Carmen en Argentina (1997).



Casa de la prima Norma. De izquierda a derecha, tía Tola, yo, María Belén (mi hija más chica), Hugo (mi marido) y mi prima Amucha (hija de Máximo).





L a part i da de M ari C armen .

# **RELATO DE CANADÁ**



# Un burgalés en Winipeg (Canada)

Jesús Ángel Miguel García

Viví para y de nuestra lengua; un seguro para la vida, y un pasaporte para la eternidad. No escogí ser profesor de español; me enamoré de esa profesión estudiando con los jesuitas de Burgos. Un profesor puede cambiar la trayectoria vital de un hombre. Hicé Magisterio en Burgos, de cuyas cosas guardo inolvidables recuerdos, a los que tanto debo y a los que tuve el legio de contar como mentores y amigos: Timoteo Riño, Carmen Aja, Miguel Jesús García de la Mora y José Antonio Gil Caballero. Los años huýeron en los pliegues del tiempo. En 1991 conseguí un abecá para ir a terminar Filología en la Universidad de Newcastle, al norte de Inglaterra. Después de licenciatura vine a un máster y mi carrera como profesor universitario y de lengua. Fueron doce felices años.

Un alumno mío me presentó en Newcastle a quien terminaría siendo mi esposa. Dico que el amor lo conquisto a todo, y así, en octubre de 2000 vivimos a vivir a Winipeg (Canadá), su ciudad natal. En 2003 fundé el Instituto Español en Winipeg (The Spanish Institute) para promover la lengua y cultura española, a través de cursos, actividades culturales y un servicio de traducción e interpretación. Algo sin parangón por estos lares.

Ser burgalés en Canadá, en tanto que profesor de español y director del Instituto Español de Winipeg, puede ser motivo de paroxismo. Si acaso lo más artístico y cultural, y máximo cuando se cosechan notables éxitos por las vías de nuestro acervo: Premio «MTS (la compañía telefónica) al Negociante Pionero», Premio «Estrella de la Ciudad», medalla de la Orden de Rizal. Los medios de comunicación locales presentan al Instituto como el baluarte de la lengua y cultura española en Winipeg. En mi haber hay: concursos, exposiciones, recitales, conferencias, artículos (uno de ellos en el *Argentinian Institute Cervantes* *Spain on the media del español en el mundo*) premios, 130 cursos de español, más de 5.000 alumnos y 450 menciones y entrevistas en prensa, radio y televisión. «Solo cabe programar cuando se piensa en gran número es posible avanzar cuando se mira lejos», decía Ortega y Gasset.



# **RELATOS DE CUB A**





# Del Bierzo a Cuba: breves de la vida de un emigrante

Toribio Abella Iglesias y Abel Abella Feita

Avellino Rubio, nacido en Villarboón, Cándido, León, España, el 7 de febrero de 1907 y fallecido en La Habana, Cuba, el 28 de julio de 1974. Su nacimiento en Villarboón se fue a vivir a La Bustargá, pueblo de su madre, perteneciente al municipio de Cándido y en plena adolescencia vendría a Cuba en 1921, donde después de permanecer por poco tiempo en La Habana, iniciaría el camino hacia la antigua provincia de Oriente, aun pueblo lejano de Juan Vicente, situado en el término municipal de Mayarí, y desde allí por la razón de la migración. Trabajó primeramente en el Central Azúcar Preston y luego en la industria minera Felton, lugar donde se casó, nació sus hijos y se vinculó a las luchas sociales y políticas.

Fue un hombre extremadamente serio, sin ser hosco ni huraño, muy cordado y trabajador, así como también muy organizado y disciplinado, ejemplo para sus hijos y nietos los valores de respeto, la moral, la dignidad y la justicia, como bien es heredario de su formación. Gracias a estas enseñanzas todos los hijos y nietos honraron su carácterizado por haber aceptado estas virtudes como premisas indispensables para la vida. Posteriormente iría a residir a la ciudad de La Habana, donde vivió hasta su muerte en el año 1974.

Escribimos este trabajo, en primer lugar, como un homenaje a un esposo, padre y abuelo, por todas las cosas agradables y desagradables que le deparó la vida de este lado del Atlántico, porque en alguna medida, el haberlo escrito contribuye a ese deseo o al cansancio de volver a su aldea y por la emoción y entusiasmo que en nosotros ha dado el recordar e investigar datos y elementos del pasado de Avellino, que nosotros mismos habíamos olvidado o desconocíamos.

## EL BIERZO

¿Qué es El Bierzo? Para el que escribe estas líneas, es una hermosa zona del norte español, tierra de montañas, ríos, minerales, excelente agricultura

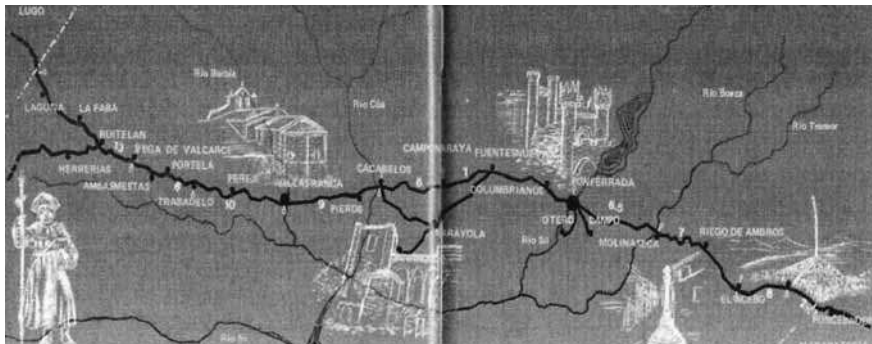
ganado del mejor y rica reserva minera de España. Pero no nos dejemos llevar por el cariño que despierta en nosotros esta tierra y situémosla geográficamente justo donde se encuentra, limitado por las provincias de Lugo, y Oviedo.

El Bierzo se halla en el extremo occidental de la provincia leonesa en una extensión aproximada de 3.000 mil kilómetros cuadrados y unos 150 habitantes, rodeado de montañas que alcanzan hasta los dos mil metros de altitud, las que han contribuido a originar un acómodo y definido ampliamente en el centro regada por las aguas de los numerosos ríos que corren desde las alturas circundantes.

Por las particulares circunstancias de su suelo y su clima, la agricultura es una gran riqueza, quizás no lo suficientemente atendida, por las características de minifundio que obliga a los bierzanos a darse a la actividad agraria, sin otros oficios. En El Bierzo se produce en trigo, patata, nogales, castaños y arborescentes para el ganado vacuno, y en menor cantidad el ganado ovino, caprino y cerdos.

El Bierzo llano está dedicado a los viñedos, cereales hortalizas, forrajes y tabaco. El vino bierzano no tiene nada que envidiarle a otros productos, aroma, color y exquisitez; satisfacen los paladares más exigentes con ocultos amén de su fama entre los peregrinos del Camino de Santiago que data desde el siglo IV, este camino, la zona del Bierzo, se inicia en la Moragaterra y de ahí se internan en la Comunidad Gallega por la zona de Cebreiro y aparece en el gráfico.

La minería es otra de las grandes riquezas de El Bierzo, la industria extractiva de antaño ocupaba un destacado lugar con una gran producción sólo dependiente apoyada en las grandes reservas de mineral que posee, 450 millones de toneladas aproximadamente, al que sus grandes reservas en y a-



El Camino de Santiago en El Bierzo.

ci mi en tos de h ierro. No men os i mportan te, en la ec on omía de la reg ión , es la produ cc ión de en erg ía eléc tric a con el 5% de la en erg ía produ c ida en el p aís, más del 75 por c ien to de toda la prov in c ia leonesa.

L as posi b ilidades tu rístic as de El Bierzo son g ran des por su s rec u rsos para el tu rismo c ultu ral, ru ral y deportiv o así c omo su ríca g ast ron omía, la q ue la c ec ina, el b otillo, los ch orizos y el coc ido marag ato, se di sp ri mac ía en tre los g u st os más di v ersos y ex ig en tes.

Ést es El Bierzo ac tu al, el q ue p uede m erav ez en el año 1992 , pero q ue y a con oc ía desde mi n fancia por las n arrac ión es y anéc dot as q ue c on tab a mi padre, A velino A bella R ubio, un emigran te b erc ian o q ue en el año 190 7 y q ue v in o para C uba a la c ort edad de 14 años, con el ob j eto de trab ajar y ay u dar a su s padres, q ue q u edaban en aqu ella tris te España pri n c ipios del pasado sig lo. V iaj ab a sól o con los rec u rdos casi n f an tiles al dea, del reb año y de la fam ilia y la f o to de su madre c omo ún ic o la z o ma terial q ue lo at ab a a aqu ellas desol adas y frías mon tañas.

Sal ía de esa España q ue aún n o se h ab ía rec u perado de la g u erra c ivil en q ue h ab ía perdi do a C uba, Filipinas, P uerto R ico y la isla G uam, dav íalos i mpac tos q ue dej ó en ella la P rimer a G uerra. Además de la afec tac ión ec on ómic a, prov oc ó un g rave au men to de la mortal idad y un b aja en la tasa de n atal idad. A est o h ay q ue su mar los c aídos en la G uerra Nort e de Áfric a, M arru ec os, c on más de 2 5.0 0 0 mu ertos en las tres pri meras déc adas del 190 0 y q ue tam bién traj o con sec u en c ias n eg ativas en tre los de edad masc ulin a jóv en es, por los rec l u tami en tos forz osos.

Todos est os aspec tos y su s con sec u en c ias n eg ativas i nflu yeron de f uerza dec isiv a en el au men to de la emigrac ión , pri n c ipal men te en las reg ión es n ari as y el Nort e pen in su lar. La epi demi a de gri pe de 1918, un a con sec u en c ia más de la G ran G uerra Eu ropea por la c risis de los produ ctos alimen tic ios, q ue h ab ía g en erado desde el pri n c ipio así on a la mu erte de casi 150 .0 0 0 personas y su s ef ec tos resi du ales se man ifiestan h asta el año 192 0 c on c asi 40 .0 0 0 mu ertos en est os dos años.

Toda est a si tu ac ión i mperan te, an tel ac u al n o se su po n ose q ue i so ab o las sol u c ión es adec u adas por parte de las c orrespon di en tes c lases u olig arq u íc as dirigen tes, det ermi naron el h ec ho de may or trasc en den c ia q ue la pob lación española realiz a en tre 190 0 y 1930 , y q ue parec e con stit uir a desde 1940 men te, un a espec ie de rec u rren c ia est ructu ral del país. No es nada más ni n a menos q ue la ex traordi n ari a proporc ión q ue alc an z a la emigrac ión .

El fen ómen o de la emigrac ión sig ue v in c u lado a las z on as tradi c ión al es de emigran tes. C omo afirmáb amos an tes, el n ort e pen in su lar y las C anarias en v ían los may ores con tin g en tes de emigran tes a Iberoaméri ca, mi en tras q ue en las reg ión es lev an tin as se ori en ta pref eren temen te h ac ia A rgentia y F rancia.

Del Bierzo a Cuba: revista reseña de la vida de un emigrante

Esta emigración netamente suabílica más de dos millones es de habitantes en el primer cuarto de siglo, principalmente varones y en tre los 15 y los 60 años de edad.

Como lo explicado en los párrafos anteriores, esto es un suceso que por su pu est o y o m i s m o b u s q u é y t r a t é d e e n c o n t r a r p a r a c o n o c e r l a s c a u s a s q u e m i p a d r e a t a n c o r t a e d a d h a b í a p a r t i d o p a r a C u b a, p e r o t a m b i é n e s l ó g i c o q u e d e m o s u n a e x p l i c a c i ó n d e l p o r q u é e s c o g i ó e s t e d e s t i n o y e s p e c í f i c a e s t a z o n a d e A m é r i c a.

Antes de venir para Cuba, ya habían partido para la isla tres tíos maternos y aprobado este parentesis para situar geográficamente el lugar de origen de la familia, pues hasta ahora sólo habíamos hablado de El Bierzo, nombre de la región en la que el abuelo Felipe Abella López había nacido. Volvimos al lugar en el que nacíó mi padre el día 1 de febrero de 1907, minutos que me abuelo Maximiano Rubio Fernández había nacido en el pueblo de Los Villarbons y ambos pertenecientes al municipio de Cárdenas de los Añares leoneses, que es como también se denominan estas montañas. Llegan hasta Galicia para allí denominarse Añares gallegos.

Estas pequeñas viviendas abandonadas de las leonesas, más que diminutas pueblitos, son hermosas postales arrancadas de un viejo albañilería pero con características individuales muy propias: sus casas de piedra con techos de pizarra y balcones de madera, con hornos como graneros o almacén y alguna otra vieja casa que se iría a perder con el tiempo. Las personas y los animales; éstas, últimas remembranzas de la cultura.



En Villarbons, lugar de nacimiento de mi padre.

<sup>1</sup> Actualmente La Burtserga es el municipio de Espinareda. (N.E).

<sup>2</sup> Construcción en piedra, de planta redonda con cubierta de paja, destinada a vivir y en parte aganado. (N.A.)

V illar b ón , a pesar del ab a  
y a q u e h ast a h ac e dos años, úz  
q u e est u v e allí, est ab a h ab  
por u n a person a, a la q u e la g e  
n omi n ab a el ermit a ño, y en lo  
de al g u n os v eran os por g ru pos  
v en es q u e v en ían de ac ampada  
pu eb lo medi o en ru in as, con  
c asas en pie, a más de un sig  
ex isten cia y en un g rado en orme de  
ab an don o y ol vido; aún man  
rec iedu mb s re



En i en e l a b ón , lu g ar don de n ac i ó mi padre.  
(y di st in c i ón de pasa-  
das époc as, así c om o la est ru ct u ra q u e más q u e u n a al dea es c así de u n pu eb  
L a Bu st arg a, más peq u eña, c om pl et amen te dest ru ida a c au sa de los fu e  
g os ab an don ados por c az adores fu rt iv os, sol amen te tien e v ari as c asas. L a an  
g u a c asa fam iliar de la ab u el a M ax imi n a, y de los años in fan t il es de mi p  
h oy est á c on serv ada y c u idada c on esmero, c on ag u a c orri en te q u e v ien  
g rav edad desde u n a fu en te cerc an a, al ig u al q u e lo hic ieron en el pasa  
moler el c en ten o y el poc o trigo q u e c u lt iv ab an . El ec tr ic id ad sol ar y  
y su el os rev est idos, h ac en la v ida den tro de ella más c on fort ab le en la meo

en q u e su s v i e j as paredes de pi edra y  
su s t ec h os de pi z arr a n e g ra, c ol oc ada  
art esan al men te, la prot eg en del rig or  
del c l im a ex t e r i o , a j a u e s e s i g u e  
di s f r u t a n d o del en c a n t o de la pri m it i v a  
n a t u r a l e z a c i r c u n d a n t e, m o n t e b a j o ,  
q u e s ó l o se pu e d e a p r e c i a r c u a n d o  
u n o c a m i n a a p o y a d o en los peq u eños  
b a s t o n e s o c a c h a b a s, q u e e l l o s m i s m o s  
f a b r i c a n de u n a r b o l i t o l l a m a d o n e g r i -  
l l o, y de los ru idos de los in s e c t o s y  
n o f a l t a el a u l l i d o de los l o b o s en l a  
n o c h e.



En L a Bu st arg a, en l a c asa en la q u e n ac i ó mi madre.

R e p i t o, l a in f a n c i a de mi padre y su s p r i m e r o s años t r a n s c u r r i e r o n en est  
peq u eña al dea q u e a c a b o de desc r i b i r, L a Bu st arg a. De ah í q u e s i e m p r e p e n s  
r a m o s, t a n t o m i s h e r m a n a s c o m o y o, q u e e s e e r a el lu g ar don de h a b í a n a c i  
papá, seg ún su s r e c u e r d o s.

Dos de los t íos pat e r n o s v i a j a r o n de España a C u b a, A n drés y B e n i t o, y  
f u e r o n a v i v i r a l a z o n a n o r t e de H o l g u í n , c o n o c i d a c o m o F r a y B e n i t o  
q u e l a t í a C o n s e l o, seg u n d a h e r m a n a de mi papá, q u e p r i m e r o t r a b a j ó en

De la revista "El Arca" nº 10, p. 363

Del Bizozoa Cubarev reseña de la vida de un emigrante

Habían como dama de compañía de una familiaricaya luego se fue a vivir con el tío Andrés. Allí se casó, constituyó su familia y sus hijos. Posteriormente iría a residir a la ciudad de Huelva, donde participó en las romerías, la más importante la del 3 de mayo, Día de la Santa Cruz, por el momento que allí existía, situado en un antiguo de la etapa colonial con una enorme cruz como estandarte y de dominio ciudadano. Hacía esa elevación cada año los peregrinos en ese importante día de devoción.

Digamos que estas son las relaciones familiares o afectivas que propiamente el viaje de Avellanó hacía América. Pero, ¿cuál era la situación exacta de Cuba y en qué condiciones estaba el país al cual llegaría a residir? Había pasado los 30 últimos años del siglo XIX en vuelta en tres guerras, finalmente ya casi había alcanzado su independencia frente a España. En los americanos para arrebatarle y ocupar el país (primera intervención) desde 1899 hasta 1902 y desde 1906 hasta 1909 (segunda intervención). En estos años se sucedieron los presidentes: Tomás Estrada Palma (1902-1906), José Miguel Gómez (1909-1913), Mario García Menocal (1913-1921) y Alfredo Zayas (1921-1925) y Gerardo Machado (1925-1933).

De triste recordación es el último, Gerardo Machado, porque aunque todos habían sido oficiales en las guerras por la independencia o representaban a los mambises en mayor o menor medida, eran parte de los que apoyaron la independencia de la República de Cuba. En 1902, era una sogajurídica con la cual se aseguraban el dominio político y la a la vez que reforzaban el dominio económico que ya tenían desde antes de la guerra, con juntamentes con los autonómicos, los grandes comerciantes hacendados azucareros, los latifundistas que se habían apoderado

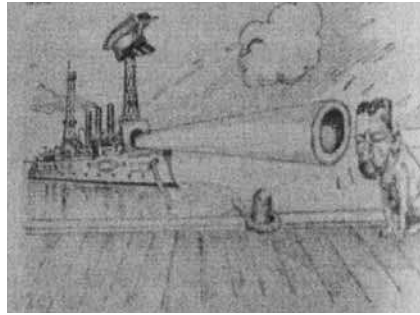
<sup>3</sup> In su recuento de España en las guerras de independencia. (N.A.)

<sup>4</sup> En mi opinión (1) El gobierno de Cuba en la era republicana. (N.A.)  
 Con un giro de 180 grados en el terreno de la independencia. (N.A.)  
 C o n v e n i e n t e m e n t e a b a r a s o b e r a n í a s a l v o r i o s E s t a d o s U n i d o s ( 2 ) D e t e r m i n a o b l i g a c i ó n q u e s e h a l l a b a e n u n b a t e n a c o n t r a t o d e p u b l i c a c i ó n c o n t a b a c o m e d i o s u f i c i e n t e p a r a e l p a g o d e l o s i n t e r e s e s a m o r t i z a c i ó n i n t e r e s e s . E s t a b l e c i m i e n t o u n b a t e n a c o n t r a t o d e p u b l i c a c i ó n e n i n t e r v e n i e n c i a d e t e r m i n a d o s ( 4 ) V a l i d a d o s l o s a c t o s e l i z a d o s e n C u b a p a r a o c u p a c i ó n l i t e r a r i e m e r i c a ( 5 ) C o m p r o m e t í a u n b l a n c o a b o s a n e m i e n t a s p o b l a c i o n a l e s p a r a p r o t e g e r e l c o m e r c i o l a p u e b l e d e l o s E s t a d o s U n i d o s ( 6 ) D e j a b a p a r a u r f u t u r o d e t e r m i n a c i ó n s t a t u s p o l í t i c o l a s l e P i n ( 7 ) C o n c e d í a a l o s E s t a d o s U n i d o s e l t e r r i t o r i o m a r i t i m o e l e s t a b l e c i m i e n t o h a s e n a v a y s c a r b o n e t a n t a n ( 8 ) C o m p r o m e t í a l g o b i e r n o C u b a n a s e r t a s a n t e r i o r e s s p e c i a l m e n t e e n t e r m i n a c i o n e s E s t a d o s U n i d o s ( N . A . )





C ari c at u ra de la época: El “P u l p o” A m e r i c a n d’ l e v e t o d a l a p u l p a y a c a b a c o m o M T. a f t: “L i b r i o: ¿t ú s a b e s q u o? é n e l c u b a n o.” L i b r i o: “S í, e l a m o: e l n u e v o m a y o r a l”.



C ari c at u ra de la época: “G e n e r a l e l p u e b l o p r o t e s t a i n d i g n a d o d e q u e s e e s t á m u r i e n d o d e h a m b r e...” C ari c at u ra de la época: M e n o c a l o r e n d o l a “P u e s n o m e e x p l i c o e s a p r o t e s t a, p o r q u e d e s d e q u e e s t o y a q u í m i g o b i e r n o n o h a h e c h o m á s q u e r e p a r t i r g a l l e t a s”.

t i e r r a s d e l o s c a m p e s i n o s m a m b i s e s d u r a n t e l a s c a m p a ñ a s i n d e p e n d e n t i s t a s, y a l o s e s c l a v i s t a s q u e r o b a r o n a l o s h o m b r e s d e c o l o r s u d e r e c h o a l a i g u a l d g a n a d o c o n l a s a n g r e q u e h a b í a n d e r r a m a d o e n l o s c a m p o s d e b a t a l a d e C u

En este periodo el proceso de inmigración hacia Cuba está amparado por la Ley de Inmigración y Colonización de 1906, que dispone la reacción fon do por parte del gobierno para ayudar a las nuevas familias a establecerse en el país o en papel es, y el Decreto 743 de 1910 destinado a la autorización de reacción de empresas y a ayudar a los productores individuales a introducir colonos inmigrantes. A pesar de estas leyes y dada la situación reinante en el país, de inseguridad, revueltas o sublevaciones e intervenciones militares el proceso de inmigración tuvo sus altibajos ya se reanuda en 1917 que empieza a aumentar ostensiblemente, en cuando en ese año más de 57.000 inmigrantes, 174.000 en 1920, y más de 80.000 en 1921.

u b a: b r e v e r e s e ñ a d e l a v i d a d e u n e m i g r a n t e



Del Biznaga a Cuba: revista reseña de la vida de un emigrante

El núcleo de fundación de esta inmigración era español, el 62,7%, siendo la inmigración jamaiquina y haitiana; concretamente a lo que la tradición, o sea ubicarse a residir en la región occidental, esta inmigración, sobre todo la española, se orientó hacia las zonas rurales de explotación, cenit y oriente del país, aunque preferían los trabajos agrícolas. En general, el peso del corte de las cañas lo llevaban sobre sus hombros, anillos, mientras que los inmigrantes blancos los solían ser en las explotaciones no azucareras o en la parte industrial de la producción de azúcar. La tendencia de los inmigrantes blancos fue principalmente hacia el campo rural, pero de forma provisional. La inmigración norteamericana, cuantitativamente importante para el desarrollo económico, estableció fundación de empresas establecidas en el país. La inmigración europea era típica de la banca, comercial y exclusiva, o sea, poco así mismo la población salvadora española. Si similar a ésta, pero con más capacidad para integrarse y dedicarse a ocupaciones no meramente comerciales, era la procedente de Siria y el Líbano, que constituyeron un grupo numeroso de ese crisol de fusión que llegaron a las costas cubanas y que fueron conformando la comunidad cubana y contribuyendo al desarrollo y crecimiento de la nación.

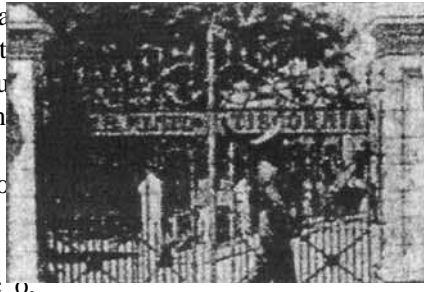
Volviendo a nuestra historia, mi padre llegó a Cuba con sólo 14 años, con el objetivo de ir a residir con su familia, otro famoso materno, Florentino Fernández, establecido con un próspero negocio de ganadería, lechería, panificación y comercio, en la zona de Mayarí, en la antigua provincia de hoy provincia de Holguín.

A la vez le ocurrió lo que a casi todos los recién llegados a la isla: el contacto con diferentes países de Europa. Eran internados en un campamento médico llamado Tiscornia, situado a la entrada de la bahía de La Habana.

<sup>5</sup> Bibliografía con Martínez Cuadrado, M. *Restauración y crisis de la monarquía (1874-1902)*. Historia de España dirigida por Miguels de Artola, Madrid, Alianza, 1991. Editorial S.A., 1991. Lar, P. *Historia de España*. Crítica, Barcelona, Grupo editorial Grijalbo, 1988. Barro, H. *Documentos para el estudio de la historia de Cuba* 1, 2 y 3, La Habana, Editora del Consejo Nacional de Universidades, 1965; *Historia Económica de Cuba* La Habana, Edición Evolucionaria, Instituto Cubano del Libro, 1974. *Constitución de la República de Cuba* La Habana, Academia de la Historia de Cuba, 1952. Ferrer, R. y otros. *Historia de la Nación Cubana*. V III, La Habana, Editorial de la Nación Cubana, Castro, 1952. Ferrer, R. *La historia me absolverá* La Habana: Comisión de Orientación Evolucionaria del Comité Central del Partido de Cuba, 1973. (N.A.)

<sup>6</sup> El autor aporta esta fotografía que aparece también recogida en el relato, del mismo autor y de Abel Abellán, titulado "Campamento Cuarentenario de Tiscornia", recogido en *Estevolumen*. (N.E.)

z on a c on oc i da c omo C asa Bl an ca. T i s c o r n i a d e b í a n p a s a r u n a e s t a 40 d í a s , ( d e a h í e l n o m b r e d e c u a r e n t e n a s ) a n t e s d e p e r m i t í r s e e l i n t e r n a r a l t e r r i t o r i o n a c i o n a l , p r e v i a a p r o b a c i ó n d e s u s f a m i l i a r e s o a m i g o s . D e l o c o n t r a r i o e r a n d e v u e l t o s a l o r i g e n .



De T i s c o r n i a s e c o n o c e p o c o ,

por l o q u e m e d e t e n d r é a b r i n d a r t a d a a l C a m p a m e n t o d e T . f . s c o r n i a g u n a i n f o r m a c i ó n s o b r e e s t e l u g a r d e

t r i s t e h i s t o r i a p a r a l o s e m i g r a n t e s e s p a ñ o l e s . E n l a z o n a d e C a s a B l a n c a , e x i s t i ó h a s t a 1960 a p r o x i m a d a m e n t e u n c a m p a m e n t o d e c u a r e n t e n a s d e s t i n a d o i n t e r n a r a l o s p a s a j e r o s p r o c e d e n t e s d e p a í s e s d o n d e e x i s t í a n e p i d e m i a s d e e n f e r m e d a d e s i n f e c c i o s a s . A l l í p e r m a n e c í a n 40 d í a s p o r q u e e r a e l t i e m p o a p r o x i m a d o q u e s e d e t e r m i n a b a c o m o g a r a n t í a d e q u e e l p e r í o d o d e i n c u b a c i ó n d e e n f e r m e d a d h a b í a p a s a d o .

E l n o m b r e d e T i s c o r n i a y n o T r i s c o r n i a , c o m o a p a r e c e e n a l g u n o s a u t o r e s e r a e l a p e l l i d o d e u n c a r p i n t e r o d e r i b e r a q u e e n 1792 e d i f i c ó u n m u e l l e y c a r e n e r o p a r a l o s b u q u e s m e n o r e s , a l r e d o r d e l c u a l , s e f u e f o m e n t a n d o l a p o b l a c i ó n d e C a s a B l a n c a , e n c u y o b a r r i o s e e s t a b l e c i ó d e s p u e s l a e s t a c i ó n d e c u a r e n t e n a s . H i a y o n s e r v a e s t e n o m b r e u n a c a l l e d e l l u g a r . L o s o r i g e n e s d e T i s c o r n i a d a t a n d e o c t u b r e d e l a ñ o 1900 , c u a n d o s e e s t a b l e c i ó e n l a s a l e a l d e L a C a b a ñ a y s u o b j e t i v o , u a h a n i t a r i o y s a n i t a r i o , e r a p r o p o r c i ó n a r t a l o s i n m i g r a n t e s q u e a r r i b a b a n a l a s p l a y a s c u b a n a s e n g r a n n ú m e r o , u n j a m i e n t o s a n o , s u s t r a y é n d o l o s d e l a i n f e c c i ó n d e l a f i e b r e a m a r i l l a ( e r r a d i c a d a d e s d e 1907 ) q u e a z o t a b a p o r e n t o n c e s a l a c i u d a d d e L a H a b a n a , e n f o r m a e p i d e m i c a .

T i s c o r n i a p r o p o r c i o n a b a a l i n m i g r a n t e a l i m e n t a c i ó n , b a ñ o s , a l o j a m i e n t o s a s i s t e n c i a m é d i c a y h a s t a p a s a j e p a r a l a s l o c a l i d a d e s d e l i n t e r i o r d e l p a í s . S ó l o e r a n l l e v a d o s a T i s c o r n i a , e n s u s i n i c i o s , a q u e l l o s i n m i g r a n t e s q u e e r a n r e c u r s o s o n o c o n o c í a n e l p a í s ; a l l í p e r m a n e c í a n h a s t a q u e e r a n r e c l a m a d o s p o r f a m i l i a r e s o a m i g o s o h a s t a q u e e n c o n t r a b a n q u i e n l e s o f r e c í a u n d e s t i n o c l o c a c i ó n ; d e l o c o n t r a r i o , e r a n d e v u e l t o s a s u s r e s p e c t i v o s p a í s e s . L o s c a m p a m e n t o s d e i n t e r n a c i ó n a l o l a r g o d e l a h i s t o r i a h a n t e n i d o l a m i s m a m a l a i d e n t i c a f a m a q u e l a s c á r c e l e s , p u e s e n a q u e l l o s c o m o e n é s t a s , h a b í a h o r a y m u j e r e s p r i v a d o s d e s u l i b e r t a d ; d e a h í l o t r i s t e q u e e c o n s t i t u í a p a r a l o s r e c l u d o s l l e g a d o s p a s a r p o r a q u e l l u g a r .

D e s p u é s d e p e r m a n e c e r e l t i e m p o r e g l a m e n t a r i o e n T i s c o r n i a , A v e l i n f u e d e j a d o l i b r e p a r a e m p r e n d e r e l c a m i n o h a c i a l a c a s a d e l o s s u y o s , d i s t a n t e

De la obra de la Comisión de la Emigración Castellana y Leonesa

Del Bierzo a Cuba: revista reseña de la vida de un emigrante

a más de mil Km. Si nrecursos económicos, se vio obligado a ir trabaja en  
 pueblo en pueblo hasta llegar al lugar de destino, la casa del tío Floren  
 cial vivía junto a su familia en un poblado denominado Juan Vicente  
 ciente al municipio de Mayarí, que era el núcleo urbano de mayor im  
 de la zona.

Ahí trabajó junto a su familia que para ese entonces y a contaba  
 de sus hijos, pero al empeorar la salud del tío y los socios aprovechar  
 de esta situación, se vieron prácticamente en la ruina y sin posibilidad  
 recurrir a nadie, pues eran más de unos interesados en que el tío perdiera  
 negocios que, por su puesto, pasaron a enriquecerse a otros.

En estas circunstancias, se iraron barridos denominado El Chuch  
 o Lara y en la finca del padre de la esposa del tío, el andaluz R  
 Pérez-Gil, construyeron una casa que, a la vez, era tienda de víveres  
 jetivo de sus sistemas de explotación de este pequeño negocio, mi  
 además de ayudarlos a ellos, trabajaba en las labores del campo y sobretodo  
 del ganado, oficio que ya había aprendido por ese entonces.

Más adelante con el trabajo en la construcción de las líneas  
 central del Central Phoscon Central Guatemala, fundado en el año 1906 y  
 propiedad de la United Fruit Company, última industria que gozó en  
 privilegio de introducción de antillanos, haitianos y jamaiquinos  
 de obrar a la par. Para poder trabajar en este negocio mi padre tenía que ha  
 cernir a caballo los bordes de las márgenes del río Mayarí hasta su desemb  
 duera en la Bahía de Niipe, que era donde estaba enclavado el Central. Es  
 etapa de su vida en la que se inicia en las luchas obreras.

Estelugar fue uno de los centros laborales que en 1934 protagonizó  
 importante huelga con más de 12.000 obreros parados. Para esa época ya  
 padre se había vinculado a una organización fundada por Antonio

<sup>7</sup> El programa de la obra, postulado a medias como estas: denuncia de todo  
 tratado o convenio internacional que perjudique a la nación.; con fiscalización de todo  
 adquiridos con motivo del desempeño de funciones públicas por medios ilícitos; n  
 zación de las riquezas del subsuelo; implantación de la Reforma Agraria; con  
 tierras pertenecientes al Estado, al campesinado pobre y medio; creación de cooperati  
 de agricultores; nacionalización o municipalización de los servicios públicos  
 a la pequeña industria y fomento de otras nuevas; creación de la Banca Nacional; s  
 ción de la enseñanza y su pervisión por el Estado de la enseñanza privada, laica y rel  
 intencionalización de la cultura a través del alfabetismo y mejora de los hospitales  
 reformativos y así los. (N.A.)

G u i t e r a s H o l m e s <sup>8</sup> p a s e r r i b a r l a r e s i s t e n c i a y e s t a b l e c e r u n g o b i e r n o r e v o l u c i o n a r i o q u e t r a n s f o r m a r a l a e s t r u c t u r a s e m i c o l o n i a l q u e a ú n e x i s t í a e n

P o r e s o s a ñ o s c o n o c e a l a q u e l l e g a a s e r s u e s p o s a y m i m a d r e , J o s e f a I g l e s i a G o n z á l e z , u n a h i j a d e C u b a n a y l e o n e s , C o r n e l i a G o n z á l e z y T o r i b i o d e l a I g l e s i a N i e t o , q u e v i v í a n e n u n a f i n c a l l a m a d a “ L a C u b a b a r r i o L o s G u a y o s , t a m b i é n e n e l m u n i c i p i o d e M a y a r í .

L a i n f a n c i a d e m i m a d r e h a b í a s i d o m u y d u r a , p u e s t o d o s l o s h e r m a n o s , s e i s e n t o t a l , h a b í a n t e n i d o q u e t r a b a j a r e n e l c a m p o d e s d e n i ñ o s , y a s u p a d r e h a b í a m u e r t o c u a n d o e l h i j o m a y o r c o n t a b a c o n s ó l o o n c e a ñ o s d e e d a d .

D e s p u é s d e c o n o c e r s e y e n a m o r a r s e v i n o l a o p o s i c i ó n d e l a f a m i l i a m a t e r n a , p u e s y a t r e s h e r m a n o s , d o s v a r o n e s y u n a h e m b r a , e s t a b a n c o m p r o m e t i d o s c o n o t r o s t r e s h e r m a n o s d e o t r a f a m i l i a , q u e a s p i r a b a t a m b i é n a c a s a r o t r o s d o s d e s u s h i j o s c o n l a s d o s h e r m a n a s r e s t a n t e s , o s e a , a m i m a d r e y s u h e r m a n a m a y o r , a l o q u e é s t a s e o p o n í a n .

A d e m á s , e x i s t í a e l p r e j u i c i o d e q u e m i p a d r e e r a e x t r a n j e r o , q u e n o e r a b i e n v i s t o e n e s a é p o c a , o s e a , q u e s e c a s a r a c o n u n “ g a l l e g o ” q u e e r a e l f i c a t i v o d e s p e c t i v o q u e l e s a p l i c a b a n a l o s e s p a ñ o l e s p o r e n t o n c e s . A n t e l a o p o s i c i ó n m i p a d r e , a p o y a d o p o r s u f a m i l i a , y c o n e l c o n s e n t i m i e n t o d e m i m a d r e , d e c i d i e r o n e s c a p a r s e y c o n t r a j e r o n m a t r i m o n i o a e s c o n d i d a s , t e n i e n d o q u e i r a v i v i r a c a s a d e s u t í o . M á s t a r d e , m i a b u e l a l o s p e r d o n ó y l e s p i d i o q u e f u e r a n a v i v i r c o n e l l a , o s e a , e n l a f i n c a L a C u r v a , l o q u e i m p l i c a b a q u e m i p a d r e a l e j a r a s u v i v i e n d a d e l C e n t r a l P r e s t o n . P a r a e s a f e c h a l a c o m p a ñ í a n o r t e a m e r i c a n a J u r a g ú a I r o n M i n e s C o m p a n y , u n a d e l a s p r i m e r a s m a r f e s t a c i o n e s i m p o r t a n t e s d e i n v e r s i o n e s n o r t e a m e r i c a n a s e n C u b a q u e d e 1884, h a b í a r e a l i z a d o u n a g r a n i n v e r s i ó n a l a r r e n d a r d o s i m p o r t a n t e s l u g a r e s d e l n o r t e o r i e n t a l : c a y o C a j i m a y a , s i t u a d o e n l a b a h í a d e N i p e , l a m a y o r C u b a y u n d e l a s m a s g r a n d e s d e l m u n d o , y u n g r a n y a c i m i e n t o d e h i e r r o e s t a b a s i t u a d o e n l a s m o n t a ñ a s d e P i n a r e s d e M a y a r í . E s t e c a y o a l q u e a p a r t e d e e n t o n c e s l o d e n o m i n a r o n F e l t o n , q u e e d ó u n i d o a l l a o y e r r a p o r l o q u e e s c o n o c e m o s c o m o u n p e d r o <sup>9</sup> e n y s o b r e é s t e c o n s t r u y e r o n l a c a r r e t e r a y j u n t o a e l l a l a s l í n e a s d e f e r r o c a r r i l . J u s t o a h í h a b í a u n g r a n p o r t ó n d e h a q u e d e c í a : “ P r o p i e d a d p r i v a d a . N o p a s a r ” .

<sup>8</sup> A n t o n i o G u i t e r a s H o l m e s f u e a s e s i n a d o e l 8 d e m a y o d e 1935, e n l a d e s e m b o c a d u r a d e l r í o C a n í m a r , e n M a t a n z a s , e n u n l u g a r c o n o c i d o p o r e l M o r r i l l o ; c o n é l s e p e r d i o l o s m á s g e n u i n o s l í d e r e s d e e s t e p e r i o d o . ( N . A . )

<sup>9</sup> F o r r o d e p i e d r a s c o l o c a d o s o b r e u n t a l u d o u n t e r r e n o , p a r a e v i t a r l a e r o s i ó n d e l m i s m o . ( N . E . )

Allí su rgieron dos puebl os, uno para represent an tes n ort eños y el para trab ajadores cubanos, que, además de sus casas, tenían otros servicios tales como escuelas, tiendas, farmacia, dispensario y cine, entre otros.

Qui ero señalar que estas minas no se llegaron a explot ar in dustri almente pues hab ían sido adq uiridas como reserva para un futuro, pues era la época fértil de la Segunda Guerra Mundial y resultaba est ratégico contar sólo la reserva minera sino también el puerto que hab ían construido para posibilitar explotación.

Por los años 1950, aproximadamente, la Ju rgu á ven dió su sacción Felton a la Bethlehem empan d Pen sylv ania Steel Company, dedicada a la explotación del mineral de hierro en la provincia oriental. Recuerdo que de noviembre a año, llegaba un gran vapor y anclaba en puerto para cargar el mineral de hierro, se iba y no volvían a trab aj ar las dos grandes grúas hasta el próximo año, pues de no realiz ar esta operación se autilizar el puerto, perdían el derecho a las operaciones marítimas.

Mi padre solicitó allí trab ajo y cosa extraña, los consiguieron. Y digo extraña, pues ya comenzaban a ponerle obstáculos los extranjeros poder trabajar; pero esta empresa, al igual que el Central Preston, eran propiedad norteamericana y tenían sus propias leyes.

En Felton mis padres fundaron su verdadero hogar. Allí nacieron sus hijos, según ellos, su mayor capital, y allí los vi trab aj ar sin descansar al cansáramos los concoció mi entos y posibilidades que a ellos les hab ía lavida.

Los primeros años en est elug artrascu rrieron deformatranquila. Mi padre trab ajaba de lunes a viernes en Felton y además mataba y trocaba el g vacu no (oficio que hab ía aprendido de la época en que trab ajó con el carné era vendida por mi madre en una pequeña casilla que estaba al lado de casa, por su puesto, eran años en que el carné se vendía en el mismo día, pero no podían adquirir el equipo de refrigeración adecuados para estos menesteres.

Después de la compañía americana asumió la venta de carne al con stru ir un acarnicaría, por lo que mi madre volvió a ocupar su puesto frente máquinadebordar las sábanas, toallas y enormes mantel es así como canas. Las que ele eran solicitadas. A est atareavi dedícarle largas horas de su mientras que papá pasó a trabajar, además, los fines de semana como práctico del puerto de Nicaro, o Lengua de Pájaro, por donde se extraía el níquel. El man g an eso de las minas que otra empresa norteamericana hab ía comenzado a explot ar por esa zona.

Cuando mi hermana mayor su pero el que into grado, papá compró una queña casa en Mayarí para que fueran a residir en ella junto a un ático y así poder contar con tinuar los estudios en ese pueblo, que por ser el municipio

con tab a con esc u el as pri mari as de todos los g rados y sec u n dari as o pri mari as su peri ores, c omo se den omi n ab an por en t on c es.

C omo di je, al lí v i v ieron amb as j un to a o t ra pri ma q u e desde an t es y a e t ab a en mi c asa; est o n o era n ada n u ev o, pu es en di feren t es époc as resi di ero con n osot ros pri mos mat ern os y pat ern os para ay u dar a su s f ami li as an t e la si - t u ac i ó n ec on óm i c a tan di f íc i l q u e en ían o para poder est u di ar. L a may or de la f ami li a de mi madre con t i n u ab a resi di en do en el c ampo.

C on el tran sc u rri r del ti empo, y an of u en ec esari o perman ec er en M a para poder est u di ar, pu es en lu g ar del v i ejo c ami n o tan mal o q u e h ab ía, i n si t ab le en époc as de ll u v i a, en t re F el ton y M ay ar í, se con st ru y ó sob r t errapl én y así pod íamos dar los v i ajes todos los días en t re n u est ra c asa y la esc u el a. Q u iz ás para est a époc a n o nos perc atamos de al g o q u e con los años h resu ltado ev i den te, y es q u e para ese en t on c es los ún i c os n i ños q u e sal ían su s c asas a est u di ar le jos éramos n osot ros, lo q u e en oc asi on es rec lamábamos a n u est ros padres al ob serv ar q u e los c ompañeros y ami g os de j u eg os i n f an t i l n o lo h ac ían , pero ellos si empre i n si - t ían en q u e el est u di o era n u e ob li g ac i ó n .

De la ab u el a M ax i mi n a v i u n a f o t o en la h ab i t ac i ó n dres con u n florero llen o de flores ri ab le men t e b l an c as, t area de n du ran t e toda su v i da. Despu és mu erte, mi padre n os con tab a q u e per - di ó el v í n c u l o con la f ami li a y en los años c i n c u en t a y tan tos, por i n i c i a t i v a

de mi h erman a y mía, le esc ri b í a l a t í a A mparo, la q u e su pon ían est u v i e r a v í a, para sorpresa y al e g r í a n u est ra n os con t est aron su s h i j as: El en a y M erc edes. t i m a t u v o q u e emi g rar post eri a A l e m a n í a, con t án don os la ec on óm i c a tan di f íc i l q u e en n osot ras, c omo c osas de adol esc e se n os oc u rri ó esc ri b i r l es y a l es en las c art as b i en en v u el t es n orteamerican os q u e ped ía mamá, q u e fel iz men t e f u eron



A v el i n o e h i j o e n 1956.

Del Bierzo a Cuba: b a: b rev e reseña de la v i da de u n i m i g r a n t e

sanos y salvos a su destino para poder ser canjeados en el mercado negro, lo que representaba un agrandamiento.

Mi padre, además de su trabajo cotidiano, había estado ligado desde años atrás a las luchas sociales. En Felton organizó y dirigió el sindicato y ayudó a la creación de la Sociedad de Socorros Mutuos, que se encarga de hacer los funerales de los trabajadores y ayudar a los familiares dolientes. Labor que desempeñó hasta que en el gobierno de Fulgencio Batista, dictados pasaron a ser dirigidos por Eusebio Mujal, dirigente al servicio de patronos, que pasó a controlar la mayor parte de los sindicatos y enriqueció con los fondos económicos de los obreros.

También perteneció a diferentes organizaciones revolucionarias oficiales como clandestinas, entre ellas el Movimiento Estudiantil. En 26 de Julio dictó la organización en la que junto a mi madre, lucharon hasta el arriego de sus propias vidas. De esta etapa los recuerdos son duros, pues en más de una ocasión tuvimos que escondernos huyendo del ejército de tiranía, pues ambos éramos perseguidos y aun que si empre trataron de que no nos percatáramos de la gravísima situación en que vivíamos, éramos seguros de que arriesgábamos conستانtemente sus vidas. Cuando finalizó la guerra padre le propusieron que integrase las filas del Ejército Rebelde con grado Capitán, pero declinó este reconocimiento, pues él decía que si en España había que ir de ser militar, tampoco lo sería en Cuba, que él había luchado por derrocar un gobierno y este objetivo ya se había logrado.

Como ya sus hijos no podían seguir estudiando en Felton o en Miami por falta de centros de estudios de mayor nivel, decidieron trasladarse a vivir a La Habana, donde las posibilidades de universidades e institutos le permitían alcanzar sus sueños, ~~o sea~~ sus hijos graduados de estudios superiores. Para ello vendieron lo que tenían y empezaron a pagar el alquiler anterior en cuanto a trabajos y sacrificios.

Y en La Habana comenzaron a estudiar y a trabajar y se fue ampliando la familia, o sea, comenzaron a venir los nietos a los que si empre trató

<sup>10</sup> Manifiesto N° 1 de 26 de Julio al Pueblo (fragmentos): “El 26 de Julio se inició un movimiento revolucionario que tiene como objetivo la destrucción del sistema de explotación y la instauración de un nuevo sistema de relaciones sociales. No es un partido político sino un movimiento revolucionario que tiene como objetivo la destrucción del sistema de explotación y la instauración de un nuevo sistema de relaciones sociales. Su dirección es colegiada y democrática. Su programa, audaz y valiente se resume en los puntos siguientes: la abolición del latifundio, la distribución de la tierra entre las familias campesinas (...); la reivindicación de los derechos de los obreros arrebatados por la dictadura (...); la industrialización del país (...); la abolición de los privilegios (...); la abolición de los servicios públicos, el fortalecimiento de la democracia”. (N.A.)



diferente a como lo habían hecho con nosotros; o sea, fueron más tolerantes y pacientes.

También tuvieron la vida burocrática de sus hijos para culminar los estudios universitarios. La actividad laboral de Avellano en La Habana fue coincidente. Primero trabajó en las construcciones militares que se realizaron como campamento de Managua, desde ahí pasó a trabajar en unos almacenes de ma-

deras preciosas en la zona de Cubanacán, en los años 60 y tantos, a el Viceministerio de la Enseñanza Militar, se integró a las este organismo que estaba dirigido su antiguo jefe de la luchac el comandante Belarmino Castilla 1974, pocos meses después de haber jubilado y con los deseos de volver a un evento a la patria que en un caso se olvidó a pesar de haberse unido, murió en un de tránsito. Después de su muerte cortó un evento el vínculo familiar hasta el año 1992, en que me dio la posibilidad de ir a España y poder cumplir el deseo postumodel padre.

Comenzaron a un evento de tipos y pesquisas para reencontrar y afrontar el advenimiento en relación con el hijo mayor de la tía A esta había muerto unos años después de haberse trasladado a vivir con ellos de La Bustarga para Felipe, que así se llamaba primero, me ofreció su casa y hospitalidad y gracias a él, a su hijo a pu de disfrutar de un rencu en deramente emocionante; al llegar a casa la hija me pidió que se pararía a bajar a en contarme, y cuando vivía, al menos ese hombre que se acababa a hacer a mí, tal me parecía que es-  
Certificado de nacimiento de la Luchac Castilla

COMBATIENTE DEL EJERCITO REBELLE  
Y LA LUCHA GUAYANESA

MUNICIPIO: \_\_\_\_\_  
El que suscribe: BELARMINO CASTILLA MAS  
Lugar donde trabajó: Comisión de Historia Columna 1: "Ond Top"  
Cargo: Presidente

CERTIFICADO

Que el comparete (a): Juana Zeballos González  
fue combatiente de la Lucha Guayanesa, prestando sus servicios en:  
La Compañía "A" "Orlando Pineda" de la Columna 10 "Ond Top"  
Fue colaboradora directa del comandante Melquiades González  
López, realizando diversos trabajos de traslado de habilitamiento  
y de otros tipos a la trupa,

Y para constancia, firmo la presente a los 16 días del mes de septiembre del año de "Año del XX Aniversario de Ginebra"

Belarmino Castilla Mas Belarmino  
Nombre y Apellido Firma  
P.C.C. Integración Revolucionaria

Comité Municipal de Atención  
A los Combatientes del E.R.L. y de la Lucha Guayanesa

El que suscribe: Melquiades González López  
que participó como colaborador del jefe de la Columna 10, No. 19  
de la Brigada de Belarmino Castilla  
que actualmente trabaja en U.M. 3354  
que reside en Santiago de Cuba  
donde ocupa el cargo de T.C. Caballero

H.A.G. U.C.E.R.L.A.  
Que el comparete (a): José María López  
que colaborador de la Columna 19, del Grupo de los Comandos de "Supelqued"  
en el lugar conocido por Alto  
Municipio Santiago de Cuba, Provincia Matanzas  
y que el mismo colaboró en las siguientes actividades: Comando "A"  
comando que la Compañía "José Martí" de la columna  
de la zona liberada por la columna 10  
inspección y otras: misión para que el punto  
de la zona liberada por la columna 10  
de la zona liberada por la columna 10  
de la zona liberada por la columna 10  
de la zona liberada por la columna 10

Y para que conste, firmo la presente a los 17 días del mes de 9

Melquiades González López  
Nombre y Apellido (Integración) Supelqued  
C.D.R. P.C.C. F.A.R. Integración Revolucionaria  
Firma

Del Biz o a C u b a b rev e reseña de la v i da de u n emi g ran t e

pu de h ac er fu e ab raz ar lo y dec i r l e q u e era ex ac to a papá, lo c u al y a él seg ún me c omen t ó c on la g ri mas en los oj os.

A q u e me e ren c on t ó en n a fami l i a u m e r o s a , a r i ñ o s y a g r a d e c i d a s p r i m o s y s e i s p r i m a s , t o d o s v i v o s m u y m a y o r e s l o s h i j o s d e l a t í a A m p a r o , j u n t o s u s 5 2 h i j o s n i e t o s . E r a v e r d a d e r a m e n t e a e x p l i c a b a n t o d o s s e n t í a m u n g r a n a r i ñ o r e s p e t o p o r a q u e t e o , m i p a d r e , a l q u e u n n e c o n o c i e r o n p e r o q u e u n a n d o e g a b l a n s c a r t a d e s d e C u b a n t o s u m a d r e c o m o s u p a d r e l l o r a b a l e a l e g r í a p o r a q u e l e r m a n q u e a p e s a r d e l t i e m p o d o s o l v i d a b a .

Est o s q u i n c e d í a s e n q u e d i s f r u t é d e m i f a m i l i a e n L a B u s t a r g a , V a n o s a n M a r t í n , L e ó n , F o n t o r i a , F a b e r o y P o n f e r r a d a , s o n e l r e c u e r d o m a y o r q u e e g u a r d o d e e s t e p e q u e ñ o , p e r o v e r d a d e r o r e e n c u e n t r o c o n m i s r a í e s .

A s í l l e g a m o s e n e s t e r e c u e n t o , d e E l B i e r z o a C u b a , a l a b r e v e r e s e ñ a l a v i d a d e u n e m i g r a n t e , c o m o d i j i m o s , a l c o m i e n z o . U n e m i g r a n t e , c

Del Bi erzo a Cuba: b r e v e r e s e ñ a d e l a v i d a d e u n e m i g r a n t e



F o t o d e A v e l i n o , p r o t a g o n i s t a d e l r e l a t o , a ú n t i m a s f o t o d e A v e l i n o e n j u l i o d e 1974. n i e t o s .

sol amente 14 años de edad, tu v o q u e en f ren t ar el ai sl ami en t o de su f ami li a q u e en un b arc o desc on oc ido y q u iz ás desde un i g n orado ri n c ó n , c ú n i c o de sen timi en t os q u e lo h ic i er an , en esa c on mov edora t rav esía, q u e l as et apas de un adol esc en t e q u e , al b aj ar l as esc al eri ll as de l a emb arc ac i ó n pi sab a t i erra c on l a firmez a de un h omb re. Un emi g ran t e q u e at rav esó l as ag l en t as de un mar, q u e si b ien lo ay u dó a man t en er v i v os rec u erdos, l o al de su s seres más q u e r i dos, lo ac erc ab a a un ai sl a q u e ag u ardab all en a de amo en l a q u e t u v o q u e t rab aj ar fe b ril men t e. En esa i sl a se i n t eg ró f orma c i ó n de f ami l i a y su pol u eg o en t rel az arse en l a di st an c i a porq u e en un c a despre n su s esfu erz os y ay u da a los q u e si en do un moz al b et e t u v o q u e dej ar at rás

Sea pu es, un t rib u t o al emi g ran t e A v el i n o A b e l l a R u b i o , a n u y ab u elo, t ron c o i n ol v i d a b l e y en él , el rec on oc i mi en t o resp et uoso a t emi g ran t es q u e un día si n t i er on l a t i r , aún en l a di st an c i a , el amor a l a t i q u e n ac i er on si en do l eales, di g n os y ag rade c i dos a l a t i erra q u e l os ac og i g u r i os si l en c i osos de un mañan a en q u e h ag an real i dad l os su eñ os de un mu si n f ron t eras, de un a v erdadera i g u al dad y sol i dari dad en t rel os h omb res.

Est o q u e afirmamos n o son meras pal ab ras, pu es ex i st e en l a may oría del pu eb l o c u b an o un sen timi en t o de c ari ñ o y resp et o en orme h ac i a España, q u e c on si deran c o mo l a M adre P a t r i a. Sen timi en t o q u e h a si do el mi smo d si empre y dec i mos est o porq u e al fi n al i z ar l a g u erra de C u b a c on España, el G en eral M áx i mo G ómez Báez , un o de los g en erales q u e l u c h ó du ran t e 30 años en l as t res g u erras, n ac i do en San t o Domi n g o , t u v o est as f ras par el sol dado español , v en c i do en ese momen t o y su en emi g o en l os campos de b at al l a h ast a el día an t eri or:

“T r i s t e s e h a n i do el l os , y t r i s t e s h e mos q u e d a do n os t ros , porq u e un poder l os h a su st i t u i do ñ a b a c on l a paz c on España, y o esperab a despedi r c on resp et o a los v al i en t es sol dados español es, c on l os c u ales n os h e mos en c on t r a do si empre f ren t e a f ren t e en l os campos de b at al l a , pero l os pa l ab ras t ad n o deb ían i nspi rar más q u e amor y f rater n i dad , en l a mañan a de l a c on c ordi a , en t rel os en c ar n i z ados c omb a t i en t es de l a v íspera. P ero l os ameri can os h an aman g ado, c on su t u t e l a i mpu est a por l a f u erz a , l a al eg ría de l os c u b an os v en c e o y n o su pi er on en du l z ar l a pen a de l os v en c i dos”.

<sup>11</sup> R ec og i do GÓMEZ BÁEZ, M áx i m o *Diario de Camp aña* L a H ab an a : Edi t ori al C i en c i as Soc i ales, 1970 .(N.A .)



# Ca m p a m e n t o c u a r e n t e n a r i o d e T i s c o r n i a

T o r i b i o A b e l l a I g l e s i a y A b e l A b e l l a F l e i t a

C o r r í a e l a ñ o 1900 y e n l a s e s t r i b a c i o n e s d e l a s a l t u r a s , e n q u e e s t á e n c l a v a d a l a f o r t a l e z a d e L a C a b a ñ a , c o n s t r u i d a e n 1794 y q u e c o n j u n t a m e n t o c o n L o s T r e s R e y e s d e l M o r r o , 1630 , L a R e a l F u e r z a , 1577, y L a P u n t a c o n s t i t u y e n u n o d e l o s c o n j u n t o s a r q u i t e c t ó n i c o s m á s a n t i g u o s e n e s t a p a r t e d e C u b a , o r g u l l o y s í m b o l o d e l a C i u d a d d e L a H a b a n a , e n u n p o b l a d o q u e b o r d e a e l c a n a l d e e n t r a d a d e l a b a h í a h a b a n e r a , l l a m a d o C a s a B l a n c a , c u é n t a s e q u e u n a c a s i t a p i n t a d a d e b l a n c o , v i s i b l e d e s d e l a o t r a l e d i o e s t e n o m b r e . S u r g i d o c o m o b a r r i o h a c e m á s d e u n p a r d e s i g l o s , c u a n d o p o r a h í e r a o b l i g a d o t r a n s i t a r p a r a a c c e d e r a l o s e m p l a z a m i e n t o s m i l i t a r e s d e l a i n m e d i a t a l o m a d e L a C a b a ñ a o a l p u e b l e c i t o c o s t e r o v a c a c i o n a l c o n o m b r e C o j í m a r , a l g o m á s d i s t a n t e .

L a s v i v i e n d a s d e C a s a B l a n c a f u e r o n e s c a l o n á n d o s e e n l a s l a d e r a s d e e s t a s l o m a s a g r e g á n d o l e u n t o q u e p i n t a r o n e s a l a q u e l i m p r e s i o n a n t e m o n u m e n t o q u e l a d i v i s a , e l m á s a l t o y v o l u m i n o s o d e s u t i p o e n e l p a í s . C a r i b e y q u e a d e m á s t i e n e e l m é r i t o d e s e r l a e s c u l t u r a d e m á r m o l d e m a y o r t a m a ñ o h e c h a p o r l a s m a n o s d e u n a m u j e r : G i l m a M a d e r a , l a m i s m a a r t i s t a q u e e s c u l p i ó e l b u s t o d e J o s é M a r t í , q u e e s t á e n c i m a d e l P i c o T u r q u i n o , l a m á s a l t a d e C u b a . S e t r a t a d e l C r i s t o d e L a H a b a n a q u e s e y e r g u e c o n s u m e t r o s d e e s t a t u r a ( 1 8 0 c m ) p a r a a s í v i g i l a r l a e n t r a d a d e l a r a d a h a b a n e r a . Y a f u e a l l í d o n d e s e f u n d ó e l C a m p a m e n t o d e C u a r e n t e n a s d e T i s c o r n i a , a l q u e p u s o e s e n o m b r e p o r s e r e l m i s m o d e u n a d e l a s p o c a s c a l l e s q u e c o n f o r m a b a n , p o r e n t o n c e s , e l p o b l a d o ; d i c h a c a l l e r e n d í a h o m e n a j e a l c a r p i n t e R i b e r a q u e e n e l a ñ o 1792 c o n s t r u y e r a e l p u e b l o p a r a e l y a r t e b r o d e r o e m b a r c a c i o n e s m e n o r e s a q u e l u g a r e n t o r n o a l c u a l s e f u e r o n a s e n t a n p r i m e r o s m o r a d o r e s d e l o q u e l u e g o s e r í a C a s a B l a n c a .

<sup>1</sup> L o s a u t o r e s h a c e n r e f e r e n c i a a l l u g a r e n e l q u e s e r e p a r a n o c o m p o n e n l o s c a s c o s l o s b a r c o s . ( N . E )

ampamen to c u a r e n t e n a r i o d e T i s c o r n i a

El ob j e t i v o del C ampañam ent o de T i s c o r n i a y n o de T r i s c o r n i a, c o n r e c e en a l g u n o s t e x t o s, en l a é p o c a de s u c r e a c i ó n, t u v o u n d o b l e h u m a n i t a r i o y s a n i t a r i o, p u e s p r e t e n d í a d a r l e a l i n m i g r a n t e r e c i é n l l e g r a n n ú m e r o p o r a q u e l e n t o n c e s, u n a l o j a m i e n t o s a n o y m e d i a n a m e n t e t a b l e y l i m p i o, a l p e r m i t i r l e s a t i s f a c e r l a s n e c e s i d a d e s b á s i c a s: a l i m e n t o, h o s p e d a j e, a s í c o m o s e r v i c i o s s a n i t a r i o s y m é d i c o s; t a m b i é n p a s a j e g r a t u h a c í a e l i n t e r i o r d e l p a í s, e x o n a c l u i d a l a c u a r e n t e n a, p a r a l i b e r a r l o s d e u n a p o s i b l e c o n t a m i n a c i ó n c o n l a f i e b r e a m a r i l l a, e p i d e m i a q u e p o r e r a z o t a b a g r a n p a r t e d e l a C a p i t a l.

T a m b i é n e s n e c e s a r i o a c l a r a r l a p o c a v e r a c i d a d d e o t r a a f i r m a c i ó n m a n f e s t a d a p o r m á s d e u n a u t o r q u e a f i r m a n, e r r ó n e a m e n t e, q u e T i s c o r n i a s e f e p o r e l t e m o r d e l o s e s p a ñ o l e s q u e y a n o g o b e r n a b a n l a I s l a e n l a é p o c a e n c o s u r g e e s t a i n s t i t u c i ó n, 1900 e n p l e n a o c u p a c i ó n n o r t e a m e r i c a n a, q u e r e p r e s e n t a b a u n a p o s i b l e r e b e l i ó n n e g r a, t a l y c o m o h a b í a s u c o H a i t í, o p a r a b l a n q u e a r u n t a n t o l a p o b l a c i ó n c u b a n a, e l i m i n a n p a r a l a e n t r a d a m a s i v a d e e m i g r a n t e s b l a n c o s e u r o p e o s.

A T i s c o r n i a e r a n l l e v a d o s t o d o s l o s i n m i g r a n t e s q u e n o c o n o c í a n q u e c a r e c í a n d e r e c u r s o s p a r a e s t a b l e c e r s e e n é l p o r s u s m e d i o s, l o s c u a l e s i n v e n t a l i z a d a l a c u a r e n t e n a p o d í a n s e r s o l i c i t a d o s p o r f a m i l i a r e s a m i g o s o e p l e a d o r e s y p a r t i r h a c í a s u s d e s t i n o s o c o l o c a c i o n e s. A a q u e l l o s q u e p r e p e r m a n e c e r e n l a c i u d a d d e L a H a b a n a, s e l e s e x i g í a q u e s e h i c i e s e n s a l g ú n s a n a t o r i o q u e g r a n t i z a s e s u p r o n t a a s i s t e n c i a m é d i c a, e n c a s o t r a e r a l g u n a e n f e r m e d a d. E s t e r e q u i s i t o e s t a b a a m p a r a d o p o r l o e s t i p u l a d o e l a O r d e n C i v i l n ° 451 d e l p r o p i o a ñ o 1900.

E n e l a ñ o 1902 s e p r o m u l g o l e a n m i g r a c i ó n, q u e s ó l o e r a d e c a r á c t e r r e s t r i c t i v o p a r a l a i n t r o d u c c i ó n d e i n m i g r a n t e s (n e g r o s o a s i á t i c o s) c i a l e s a l p a í s. E s t e y n o d e r o g ó n i f u e e n c o n t r a d e l a O r d e n 451, q u e s i g u e d i s p e n s á n d o l e a l i n m i g r a n t e d e s v a l i d o l a m i s m a p r o t e c c i ó n; g r a c i a s a e s e v e r í a n e x p u e s t o s d u r a n t e s u p r i m e r a e t a p a d e e s t a n c i a e n C u b a a l a m i y e l a b a n d o n e n q u e s o l í a n e n c o n t r a r s e a n t e s d e l a a d o p c i ó n d e e s t a s m e l e g a l e s.

E l e m i g r a n t e s a l i d a l e T i s c o r n i a b a í a b o n a r t e e n t a v n o s e d a f i c i a p o r c a d a í a q u e h a b í a p e r m a n e c i d o t e r n a s o c i e r a m a y o r d e c i n a ñ o s; l o s m e n o r e s d e e s a e d a d n o q u e a b a n a d a. E s n e c e s a r i o l a r a q u e p o r e s t o s t i e m p o s i r c u l a n t a b a n e d a m e r i c a n i a n p u e s p a r l a i n t e r v e n t a i ó n, c u a m b i e n a b í a r a t i f i c a d o m o n e d a s d e c u r s o g a l s ó l o l a a m e r i c a n a, s i n t a m b i e n e n e s p a ñ o l e s, l o s l u i s e s r a n c e s e l o s e s p e s o s m e x i c a n o s.

<sup>2</sup> M o n e d a d e o r o c u y o v a l o r e s d e 100 r e a l e s e l v e l l ó n. E n 1848 s e e s t a b l e c i e r o n s i g u i e n t e s m o n e d a s: d o b l ó n o c e n t é n i s a b e l i n o d e o r o, e q u i v a l e n t e a 100 r e a l e s o d e p l a t a y e l m e d i o d u r o c o n u n v a l o r d e 10 r e a l e s o u n e s c u d o. (N.E)

<sup>3</sup> M o n e d a d e o r o f r a n c e s a d e v e i n t e f r a n c o s. (N.A.).

Los edificios de Tiscornia eran del mismo modelo que las barracas del ejército norteamericano: todos de madera, con piso de tablón cillo, montado también en pilares de este mismo material, a más de un metro de altura sobre el terreno; dicho espacio estaba rodeado por una rejilla que permitía la fracción ventilación y ausencia de humedad y evitaba la saturación de desperdicios, para lograr de esta forma, una mayor higiene. En las barracas, en tres cada dos camas, había una ventana para facilitar la ventilación e iluminación del local, los techos eran de zinc, con doble forro de madera que con forros de bambú en cámara de aire que renovaba éste por medio de los ventiladores termostáticos, lo que permitía con servar la temperatura interior más fresca a pesar del rigor del calor del día. Los servicios de inodoros y duchas para el uso de los emigrantes estaban adecuadamente separados para cada sexo, al igual que los dormitorios. Todos los edificios estaban rodeados por parques y jardines con paseos de árboles y bancos de madera con sus respectivos respaldos, lo cual lo hacía un lugar bastante agradable. En los jardines, existían un cobertizo o ranchón abierto a los lados con bancos y mesas donde podían permanecer durante el día los inmigrantes al resguardo de la intemperie. Además un almacén o depósito de equipajes donde estos se almacenaban de forma segura. El comedor estaba unido al local de cocina por un pasadizo estrecho, en el que podían recibir los alimentos hasta 500 comensales de una vez. Por otra parte, los dormitorios con tabancomas de hierro de los que sus perpuestas, literas, provistas de un bastidor metálico, unía, a una frasería, sábanas y fundas blancas que eran lavadas al vapor en la lavandería del campamento.

Para la salida de los inmigrantes de Tiscornia sólo se requerían las garantías de que estaban sanos y con tabancomas de sus sistemas de vida y así se les daba un médico para casos de enfermedad. Este servicio, en el caso de los españoles, estaba encomendado a los centros regionales españoles, los que si no estaban organizados, debían proporcionarles la ayuda económica que permitiera ponerse en contacto con sus familiares o amigos. Este trabajo es tuvo en un principio encomendado a los centros-agencias autorizadas. El Gobierno; dichos centros podían cobrar hasta 50 céntimos al inmigrante por sus gestiones, pero como se cometieron un gran número de abusos se realizó una investigación que trajo como resultado la suspensión de este servicio por los centros regionales, incorporación es más antiguas y

<sup>4</sup> Efluviomalignoque, según se decía, desprendía curpos enfermos, materias corruptas o agudas. (N.A.)

<sup>5</sup> Mantapelluda que se echaba sobre la cama. (N.A.)



constituidas por miembros de las colonias extranjeras, que con taban recursos suficientes para prestarle a los inmigrantes recién llegados el auxilio que necesitaban para alcanzar su destino o adquirir un empleo.

Las Beneficencias aparecieron en el país desde 1841, quizás antes, la Católica (1841), el Centro Gallego, la Asociación de Dependientes (1886), el Centro Asturiano (1886), las que se constituyeron después como Centros sociales. Su objetivo, su esencia, era el mutualismo y mediante métodos de pago agruaban a todos los que necesitaban cuidados médicos.

Peroniel régimen colonial, ni la república neocolonial, organizaban los servicios sociales de ayuda a los desvalidos; ello se suplió con las llamadas Beneficencias que fueron surgiendo paulatinamente y que datan desde cuando ya existían las siguientes: naturales de Galicia, del País Vasco, Aragón y los Burgaleses. Posteriormente a 1902 quizás estén la Anarquiasta (1906), el Centro Castellano (1909), Hijas de Galicia (1917), (con el título de la Solidaridad Provecidada), el Centro Montañés (1910), Anadaluz (1919) y el Centro Vasco (1923).

Estas instituciones tenían como objetivo la ayuda económica a los desposeídos, tanto de los residentes en el país, como los recién llegados, a los enfermos, a los sin familia o con hijos tan pobres como el padre o la madre y que no podían recurrir ni a los comerciantes prestamistas o al triste empréstito popular Monte de Piedad.

Antes de la existencia de Tiscornia habían existido algunos institutos de fomento de la inmigración y protección a los inmigrantes, como la Sociedad de Inmigrantes Española, constituida en 1881 en Caibarién, animada por un grupo de hacendados y terratenientes de la región que preferían a los braceros extranjeros como trabajadores por consi derarlos más productivos a recibir un salario razonable por lo que era preferible la importación de hombres favorables al sistema de inmigración y a la permanencia de la su premaximización de la estructura étnica de la población.

En verdad, en la zona de Remedios, y por lo general en todo el oriente de la antigua provincia de Las Villas, el sistema de asentamiento era en forma de colonato o de concesión de tierras en arrendamiento o empleando a los inmigrantes como braceros, preferiblemente los solteros españoles (canarios) o de familias que tendrían a asentarse en el lugar y constituirían un aporte económico y en tusiast a trabajadores de la tierra.

Otro ejemplo de ello es que entre 1890 y 1892 existió en Madrid una sociedad o compañía de inmigración que introdujo en Cuba a 2.000 inmigrantes españoles. Esta empresa afrontó las dificultades de radiación al propio de las actividades de este tipo en el empleo de los inmigrantes españoles. Los

con tratados, que llegaron a Remedios en marzo de 1892, se negaron a trabajar en los ingenios de la zona vecina, pretextando que se les había engravado por cuanto no aceptaban cumplir el contrato. Al parecer, la generalidad de los inmigrantes de este tipo se liberó de tener que servir en la industria azucarera. Hay que tener en cuenta que la jornada de trabajo planificada en los ingenios no se extendía desde las 2 de la madrugada hasta las 11 de la mañana y desde la 1 hasta las 6 de la tarde, o sea, un total de 14 horas de labor intensa, a las cuales se había que añadirle las dificultades del clima, el bajo salario y la escasa posibilidad de obtener tierras para trabajar en el futuro; todo esto incluyó a los inmigrantes blancos a trabajos que en otro fueran rurales, en todo caso, trabajo con un mínimo de dependencia. Hay que señalar que la mayor parte de estos trabajadores blancos se agrupaban en los barrios y laboraban en la casa de máquin as, mientras que en las plantaciones había una mayoría totalidad de negros y mestizos.

Desde sus inicios Tiscornia estuvo dirigido por el Doctor Francisco Mercal, su fundador, que desarrolló la política de no recurrir a ningún inmigrante con siderado apto para el trabajo, ni a ningún familiar de los inmigrantes sanos, deseos de colonizar y trabajar las tierras que ellos ofrecían. Como dato curioso hay que destacar que desde el 20 de mayo de 1902 al 31 de agosto de 1909 llegaron al puerto de La Habana 20 706 inmigrantes y que de ellos, 6666 fueron rechazados, de acuerdo con lo establecido en las leyes de inmigración, a las personas para una proporción exigida de casi un 0.73%.

Pero volvamos a los inicios de Tiscornia, al año 1900, en que la isla era nica cubana española, sin otro territorio ocupado por el ejército norteamericano que había intervenido para evitar el triunfo del pueblo cubano y el gobierno español; triunfo que estaba asegurado pues ya España estaba convocada de que no podía aplastar la rebelión, pues ni tenía recursos materiales como dinero y armas, ni podía enviar más soldados, porque de los últimos 200 000 que había mandado, sólo quedaban peleando 45 000; más de 75 000 y el resto, enfermos y cansados.

Fue entonces, cuando los Estados Unidos intervinieron escudándose en el falso humanismo de que evitan para evitar los males que había ocasionado la reconcentración ordenada por el tristemente recordado Valeriano Weyler y hacerse cargo del gobierno de la isla. Se trata de uno de los episodios más oprobiosos y odiosos de la guerra entre Cuba y España, pues Weyler con sus

<sup>6</sup> Los autores hacen referencia a los planes de cañas de azúcar. (N.E)

<sup>7</sup> Lugar que ocupan las casas de vivienda, barracones, almacenes en los ingenios y otras fincas de campo. (N.E)

rab a in di spen sab le para ab at ir la rev olu c i ó n lib ert adora, pri v ar la medi  
rec on c en trac i ó n de la pob lac i ó n ru ral , del au x ilio poderosí si mo q ue l  
b an los homb res y mu jeres, an c ian os y ni ños, <sup>8</sup> desde su m bnoheíos  
y en la sab an a; serv ían de men sajeros a los pat ri ot as al z ado<sup>9</sup> en la man ig u  
además le propore i on ab an medi os de su b si st en c i a, medi c i n as y pert rec h  
g u erra; in formab an del paso de las tropas y lu g ares don de se h all ab an ac  
pados los españ ol es.

L a rec on c en trac i ó n no sól o pret en d ía ai sl ar, si no ex termi n ar en mas  
el h amb rey las en fermedades, a la pob lac i ó n cu b an asi mpat iz an t ey au  
la rev olu c i ó n ; ello demu est ra b ien c laro q ue, si la ay u da prest ada era re  
por un a mi n or ía de cu b an os, est ab a de más la rec on c en trac i ó n en las ci  
y pob lados. P or cau sa de la t ri ste medi da di c t ada por W ey l er p er ec ieron  
de 2 0 0 .0 0 0 person as.

L as c on sec uen c ias de est a in terv en c i ó n no ort eameri can a fu eron  
años de oc upac i ó n mi litar hast a el n ac imi en to de la R epúb lica en 190  
c orrea de la En mi en da P lat t, c omo c on trol de la ec on om ía, saq u eo de la  
q ue z as, in terv en c i ó n o amen az a de in terv en c i ó n c on st an t ey sob  
c ab ada por di c h o c on trol. P ero la i sl an ec esi t ab a ren ov ar su s fu erz as y  
su di ez mada pob lac i ó n , además empob rec i da c on la t asa de n at al i dad tan  
c omo c on sec uen c i a de los mal es an tes men c i on ados.

Est a c r í t i c a si tu ac i ó n demog ráf i c a c reada por los ef ec tos de la g u e  
deb ía ser cu b iert a rápi damen t e si es q ue se esperab a fav ore cer la ex pan si  
de la produ c c i ó n , q ue los capi t ales ex t ran jeros prev e ían . No bast ar ía c  
c reac i ó n de un a R epúb lica Democ rá t i c a, ni si q u i era c on la mej or ía  
q ue se produ jo en los c i n c o pri meros años de in depen den c i a, para ob t en er  
la in mi g rac i ó n espon t á n ea la pob lac i ó n nec esari a para man t en er el ri  
c rec imi en to ec on óm i c o.

L a m u e R a epúb lica tu v o q ue en fren tar el prob lema; no era si no u n  
aspec to de la t radi c i on al c u est i ó n de la c ol ~~on i en ac r á l o z~~ ~~ad i cao n~~  
los aspec tos rac i al es de la est ru ct ura demog ráf i c a del pa ís; pero fu n damen t  
men t e in flu ida por la ex i g en c i a de un a pob lac i ó n q ue n o fu era tan  
c omo la c r i ol la, al b ien est ar y q ue por en de, a lo b arat o de la t ierra se u  
lo b ajo del sal ari o.

Desde los pri meros años de in depen den c i a, la c u est i ó n de la in mi g rac i  
y la c ol on iz ac i ó n se ag it ó en t re los sec tores ec on óm i c os más in teresados  
pl i r la rel at i v a esc asez de pob lac i ó n ru ral . P ara ello se formaron asoc i ac i

<sup>8</sup> C ab aña de A méri c a, h ec h a de madera y ramas, c añas o paj as y si n más respiadero  
q ue la pu ert a. (N.A )

<sup>9</sup> Bosq u et r op i c al pan tan oso e i mpen et rab le. (N.A )

compañías y ligas para propiciar proyectos y discutir y solucionar los problemas, pero con muy poco apoyo en la conciencia al nuevo estado cubano.

Uno de los documentos de mayor importancia fue el promovido el 12 de junio de 1906, en la Inmigración y Colonización, que dispuso la creación de un fondo de un millón de pesos para ayudar a establecer las familias emigrantes que serían colocados en aquellas tierras cediéndoles por propiedad los terrenos para darles en contrato o arrendamiento a los inmigrantes. El proyecto trataba de lograr una atracción en el ideal de la inmigración selectiva, capaz de afincarse productivamente en el país, y la inmigración de trabajadores individuales en regímenes de demandados por los productores agrícolas y de otros artículos de exportación. El Decreto 743 del 20 de agosto de 1910, sirvió para reglamentar algunos aspectos de esta inmigración en la conciencia de la autorización a las empresas o productores individuales para introducir colonos inmigrantes.

De esta forma comenzó a avulsarse la Orden Militar n.º 155 del 15 de mayo de 1902 que prohibía terminar en el inmigración de trabajadores contratados para ocupar los campos agrícolas, para evitar con ello, fundamentalmente, la importación de haitianos, jamaicanos y chinos, si como citó el Decreto de 1910 se circunscribía a los inmigrantes europeos. No tardaría, en efecto, en producirse en el año 1913, el permiso de introducción de antillanos con destino a la industria azucarera.

No faltaron en esos días otros tipos de estimulación, como el decreto de 1910 llegaron al establecer en la antigua provincia de Oriente unas familias rusas y noruegas dedicadas al cultivo de los naranjos. Por el año 1915 coexistían con los antillanos, en el Central Jobabo, unos chinos y japoneses. Pero se mantuvieron las preferencias por los antillanos, pues, según datos oficiales, arribaron en número de 15.000 entre 1913 y 1921, repartidos por igual entre jamaicanos y haitianos. Pasada esta última fecha, comenzó a disminuir la afluencia, pero no sería hasta 1933 que cesaría el tráfico, con un total de más de 100.000 haitianos y unos 35.000 jamaicanos.

“Dentro de la inmigración de campesinos españoles e isleños canarios, el mejor trabajo es el de los soldados españoles licenciados, que parecen trabajarlealmente en cualquier lugar y bajo cualquier condición y cuando reciben una aceptable compensación para ello. Hay muchos blancos, negros o mestizos, que están dispuestos a trabajar tan bien como ellos, pero éstos, en regla general, cuando viven en zonas rurales, prefieren tener una pequeña parcela para trabajar para sí, que trabajar por un salario, aun cuando el producto no sea tan favorable para ellos (...) Los campesinos

g al leg os y c at al an es en part ic u lar, son repu t ados por su ape go al tra b a j o c u al i da des rec omen da b<sup>10</sup> les...”

M i en t ras se produ c ía est a in mi g rac i ón , dest in ada, a medi da q u e l a b lac i ón c rec ía por los aport es de la in mi g rac i ón espa ñol a, pri n c ip al men t e ab arat ar el sal ari o, se al z ab an las v oc es de los c iu da dan os in t eresa dos en t ermi n ac i ón de esa pol ít ic a q u e in t ro du c ía en el pa ís un el emen t o ec o n óm ic o y soc i al men t e per t ur b ad or. No fu e h ast a la depresi ón de 192 9-32 , est o es, a p e r t u r a r e d u c c i ón drást ic a de la produ c c i ón de az úc ar, para q u e, al par q u e se pro d u j e r a el c ese n at u ral del tráfic o con los an t illa nos, el G ob iern o tomara la res ol uci ón de repa t riar ob li g at ori amen t e a los an t illa nos resi den t es en el pa ís, por el d e c r e t o del 19 de O c t u b re de 1933, y q u e en alg u n a medi da t u v o q u e e n t r a r a e l C ampam en t o de T i s c o r n i a, q u e desde su f u n d a c i ón est u v o di r i g i d o p o r e l M i n i s t e r i o de G ob e r n a c i ón .

L os años en q u e t u v o l u g a r la P r i m e r a G u e r r a M u n d i a l , el C a r t e l de C u b a n o desempe ñó un papel prepon deran t e con respec t o a los p o c os ref u g i ados q u e se re t u r n a r o n y v i a j a r o n h a c i a l a i s l a. R e c o r d e m o s q u e C u b a l e d e c l a r a l a g u e r r a A l i a d a e n t r e A u s t r i a - H u n g r í a e n 1917, dos días despu és q u e l o h a c e n l o s E s t a d o s U n i d o s . E n e l c u a n d o práct ic amen t e est ab a fin al iz ada la c on t ien da b élic a. L os b e n e f i c i o s ec o n óm i c o s q u e t r a j o para el pa ís est e c o n f l i c t o f u e r o n g r a n d e s por el al z a r e n t e q u e se produ jo en el prec io del az úc ar en el merc ado mu n d i a l .

E l a u m e n t o p a u l a t i n o q u e se f u e produ c i e n d o en c u a n t o al n úm e r o de espa ñol es q u e i b a n l l e g a n d o a l a i s l a est u v o d a d o por d i f e r e n t e s c a u s a s e n t r e l a s q u e est ab an las g r a n t í a s de c a r á c t e r l e g a l q u e l a R e p ú b l i c a de C u b a ot o r g a n a b a a l i n m i g r a n t e. E s t á p r o b a d o q u e l a i n m i g r a c i ón e u r o p e a, y s i n g u l a r m e n t e l a espa ñol a, se d a b a n c u e n t a de est a s g r a n t í a s y l a s a p r o v e c h a b a n a t a l p u n t o q u e el a u m e n t a b a de año en año. P o r ú l t i m o, C u b a t e n í a a t r a c t i v o s e x c e p c i ón e n t r e l o s espa ñol es q u e d i s f r u t a b a n e n t r e l o s rec i é n l l e g a d o s d e n u n a p o s i c i ón

<sup>10</sup> L os a u t o r e s del r e l a t o i n t e r c a l a n párraf os ex t r a íd o s de d i v e r s a s o b r a s a u n q u e n o i d e n t i f i c a n e x p r e s a m e n t e. S í f o r e c e n , n o o b s t a n t e, l a r e l a c i ón b i b l i o g r á f i c a c o n e l l o s, a s a b e r *Revista de S anidad y B eneficencia* a H a b a n a, a g o s t o de 190 9; M a r í a de L a b r a, *Revista de O r i e n t a c i ón A m e r i c a n a de Esp .* a H a b a n a, 190 8; *Instrucción P r i m a r i a. Revista del M i n i s t e r i o de I n s t r u c c i ón P ú b l i c a de C u b a* 1910 *Revista de la F a c u l t a d de L e t r a s y C i e n c i a s* U n i v e r s i d a d de L a H a b a n a, 1910; *Revista C o m e r c i a l de C u b a*. N u e v Y o r k , 1898; Z Á L E Z N A R V Á E Z, L *S obre la c o n t r a t a de G a l l e g o s. G a l i c i a e n C u b a*. L a H a b a n a, 1908; E N O F R A G I N A L S, M a n u e l *El I n g e n i o*. L a H a b a n a: C o m i s i ó n N a c i o n a l C u b a n a de la U N E S C O, 1964; J u l i a *Historia Económica de C u b a* L a H a b a n a, 1963; P E R E Z, M a r í a *Ap un t e s sobre la v i d a c o t i d i a n a e n C u b a* L a H a b a n a: E d i t o r i a l C i e n c i a s S o c i a l e s, 1975; *Revista de C i e n c i a s S o c i a l e s* a H a b a n a, art íc u l o s v a r i o s, años 1941 y 1978; P I C H A R D O, H o r t e n s i a *Documentos para el estudio de la h i s t o r i a de C u b a*. T o m o s 1, 2 y 3. L a H a b a n a: E d i t o r a del C o n s e j o N a c i o n a l de U n i v e r s i d a d e s, 1965.

tajosa, su peran do en c an tidad, posi c i ó n e i nflu en c i a a los demás ex tran j e ros, demost ran do día tras día su i den tific ac i ó n c on est e pa ís h ospit al ari o, c on sí d rados en al to g rado por el g ob iern o c u b an o y di sfru tan do pac ífic amen te de los prog resos de la Isl a, a los q u e c on trib u ían c on su trab ajo y mu c h o amor, modo q u i z ás i n c ompren sib le, allí en el mi smol u g ar don de h ab ía fin al iz a do el si g lo X IX c on u n a san g r ien ta l u c h a en tre c u b an os y pen i n su l ares.

O tra de las c au sas q u e c on trib u yeron al au men to de la i nmi g rac i ó n mej ora q u e en el ámb ito de la sal u b ridad c omen z ó a l c an z arse desde ti empo mu y tempran os en u n pa ís az ot ado por n u merosas pl ag as y en fermedades.

“Un o de los may ores tri u n fos q u e en el mu n do h a al c an z ado la h ig i e nte profil áct ic a, es el ob t en ido en la R epúb lic a de C u b a c on tral as en ferme t ras mi sib les. C asi todas est as en fermedades di ez mab an a la pob lac i ó n de C u b a en la época c ol on ial; mas c on el esf u erz o de los médi c os y san it ari os se h a vol u to posi ble ob t en er el resu ltado más di g n o de asomb ro q u e h ay a al c an z ado j a r en el mu n do c ampañ a san it ari a al g u n a”.

“Du ran te los años 1898 y 1899 la c ifra de mort alidad an u al osc iló en tre el 50 y 60 por 1.000, deb ido a los est rag os de las en fermedades i nfecc iosas de todas c lases. A ctu almen te (est e dato es de 1909), la may oría de las def un c i on es son oc asi on adas por la t u b erculosi s pu lmon ar, por la en terit is i nfecc iosa de los ni ños y por afec c i on es c r ón ic as de órg an os i mport an tes para la vi da h u man a...”.

“L a t u b erculosi s q u e represen ta el 30 por 100 de la mort alidad g en eral es, en est os momen tos, ob jeto predilec to de la sol ic itud del g ob iern o c u b an o al en tado por los éx itos dec isivos y c asi asomb rosos ob t en idos en la Isl a, en c u rso de los di ez ú lti mos años c on tra el v ómi to y la vi ru el a. La fieb re amari lla h a desaparec ido de C u b a, y se est á ex tingu i en do el pal u di smo”.

L a erradi c ac i ó n en C u b a de la fieb re amari lla se deb ió al desc u b ri mi en to realiz ado por el médi c o c u b an o C arlos J uan F in lay , q u e desde 1881 h ab ía descub rido q u e era el mosq u ito el ag en te t rasmi sor de la fieb re amari lla, u n de las en fermedades q u e semb ran el terror en los t róp icos y c u y as c au sas h ab ían perman ec ido i g n ot as h ast a en ton ces. P ero no se le esc u c h ó y f ueron los n u os est rag os q u e c au só la en fermedad a fin al es del si g lo X IX en la pob la c i ó n de la c ol on ia de C u b a y lu ego en el ejérc ito n orteamer ic an o de oc u pa c i ó n lo q u e c on du jo a las au toridades a realiz ar las pri mas c ampañ as c on tra el mosq u ito.

I n di feren c i a, c el os prof esi on al es, men os prec io a la n ac ien t e c ien c i a c u b an a y h ast a i n t en tos de apropi ac i ó n de la paternidad del desc u b ri mi en to, t izaron est e t ardío rec on oc i mi en to al médi c o c u b an o F in lay .

Despu és de la seg u n da mi tad de la déc ada del 30, T isc orn ia a tu v o u n etapa de tran q u ilidad y de ab an don o en c u an to a su ac tivid ad y man ten

por los gobiernos actuantes. Desde 1942, y a iniciada la Segunda Guerra Mundial, en que se produce un cambio radical en esta industria, apenas tenía agua, no había condiciones para las camas, la comida era suficiente y los médicos carecían de los recursos elementales para realizar su trabajo. Entre los muchos cambios que se hicieron en el campamento aprecia que en el antiguo edificio que ocupaba la jefatura del Departamento Inmigración se instaló la clínica médica quirúrgica; y a que era éstas las necesidades más apremiantes del campamento; se levantó un nuevo edificio para la jefatura de Inmigración; se creó el departamento de actividades, de construcción abalastadas de todos los internados para pasarlas posteriormente. El Archivo General, también establecido allí y que permitía tener controlados todos los extranjeros que habían sido internados. Entre los nuevos servicios que se brindaba la clínica estaba el salón de operaciones de urgencia y de rayos X, habitaciones para hospitalizar a los enfermos que así lo requirieran, el pabellón de contagiosos, gabinetes de odontología, farmacia, laboratorio de cos y otros equipamientos muy modernos y necesarios. Se asfaltaron las calles y se plantaron nuevos rosales en los grandes jardines del campamento que en tonces y a contaba con una extensión de dos caballerías de terreno, florecían rosas, gladiolos, crisantemos, dalias, jazmines y orquídeas, al que, naranjos y limoneros. Los pabellones con sus camas bien equipadas, más estricta limpieza eran el orgullo de la institución, como se afirmaba en tonces al decir que la limpieza en Tiscornia se iniciaba en las oficinas. Dirección General de la Inmigración, enclavada en los Muelles de San Sebastián también era famosa por su pulcritud.

A Vivir<sup>11</sup> por su puesto, eran llevados los extranjeros que trataban entrar ilegalmente en el país, sus familiares y recibidos los servicios hospitalarios eran dejados en libertad, devueltos o remitidos a prisión cuando se trataba de prófugos, o reclamados por la justicia de otros países. Los cuidados médicos grandes desde la construcción inicial del campamento en ían a que el resto de las instalaciones un gran higiene y brindaban un nivel de vida cómoda y variado y abundante. Todos los demás servicios del campamento así un aciudad en miniatura, función aban de forma satisfactoria: la mecánica, el taller de reparaciones y garage de los automóviles de la institución, un cine matógrafico, taller de carpintería, el pabellón de aislamiento, el lance de servicios (para cruzar la bahía).

<sup>11</sup> Los autores del relato se refieren a la especie de campamento que se instaló a provisión inmediata para pasar la noche. (N.E.)



No sólo La Habana Vieja es ribereña de la bahía, en dos puntos de su vertiente oriental, si glosarás, se desarrollaron los poblados de Regla y C. Blanca, cada uno con su propio encantoy poblado mayoritariamente por habitantes de mar. Las dos ciudades se enlazaron siempre a la capital por vía marítima, y desde entonces es con las chas de pasajeros como verdaderos omnibus.

El pago que debían realizar los internados al salir de Tiscornia por esos años era de un peso diario, moneda nacional, y éstales permitía recibir el alojamiento, desayuno y comida, además de la atención médica. El director de la institución por entonces (1940) ~~Dr. Anacleto~~ el Ituarte. Este campamento fueron llevados muchos nativos de los países que formaban parte del bloque de naciones emigradas de Cuba y a las que ellas había declarado la guerra: Alemania, Japón, e Italia. Los ciudadanos nativos de estos países, aún los residentes en la isla, fueron considerablemente en emigrados con sus familias por ella fueron internados en alugar, que no era un cárcel pero era calificada como tal, pues en ella estaba recluidas las personas privadas de libertad, local, era su función para que les aplicara el mismo raso, a pesar de que las condiciones higiénicas sanitarias apuntaran hacia lo contrario.

No falta alguno que otra afirmación sobre los beneficios económicos obtuvieron los funcionarios estatales en turbios manejos, en lo que a quienes es debían permanecer en los no en Tiscornia y aquí es se corrobora verdaderamente en emigrados. También Tiscornia tuvo que albergar distintos tipos de refugiados: los judíos expulsados de sus países de residencia, los republicanos españoles, los refugiados políticos franceses, checos, polacos, búlgaros y yugoslavos... Toda la Europa fugitiva, echada de sus casas, exiliada, amallada y perseguida, que elogiaron del caos reinante en el viejo continente y tratada de llegar a América, y era recibida por la calida y siempre protectora Cuba. Eran los restos de un gran naufragio, el que arribaba a nuestras costas de todas las edades, mujeres, niños... gente con sus vidas destrozadas. No se trataba de personas que venían a ~~reavivando~~ emigrantes sin pasado y sólo con el porvenir en ellos, sino seres con sus vidas acuosos refugiados que trataban de olvidar sus muchas penas y dolores y abrirse un futuro.

Tiscornia se reparó, mejoró y amplió en esos años, precisamente para recibir y tratar a todas estas gentes desquiciadas, derrotadas y perseguidas mejoró el personal que trabaja en la institución para poder comprender y ayudar a los distintos "casos" que iban llegando paulatinamente y establecer un mínimo control sanitario de todos estos hombres y una cierta vigilancia sobre sus actividades ~~cuando~~ salían del campamento de internación.

Entre estos refugiados estaban en una posición más lastimosa los jóvenes que escapaban del fascismo y que venían para América en busca de para rehacer sus vidas, dejando atrás la intolerancia, el odio y los campos de concentración, donde otros hombres trataron de infamados, grabando inicialmente sus documentos y ropas o un número en su piel como si estuvieran en un cuerno ardiente en las carnes de un animal.

Tiscornia también volvió a ser lugar de refugio para los españoles cuando la llegada de treinta y siete internados que arribaron a Cuba un buque portués que venía de África. Eran hombres que habían sido zados a trabajar en la construcción del ferrocarril transahariano, agustinos, estrociadores, telamisería, las vejaciones en sus campos de concentración de Argelia y del Marruecos francés; hombres, mujeres y niños. médicos, periodistas, agricultores, ingenieros, obreros... Seres humanos forzados a abandonar sus hogares y sus familias. Hombres civiles y del delito o pecado, si es que puede denominarse así, consintieron de legalidad consuetudinaria de su pueblo local a la incivildad criminal. Uno de los inefables abstruidos de la Europa del "nuevo orden". Por suerte los españoles fueron puestos en libertad a los pocos días de estar internados en el campamento y con ello se les permitió la posibilidad de rehacer sus vidas y cuidar todo el dolor que habían traído con ellos.

Su alegría la esperanza de mejores días en Cuba para que también ayudarían a reconstruir su esfuerzo y trabajo. Como afirmaría Don Fernando C en 1912 en ocasión de dirigirla palabra a un grupo de alumnos del Colegio de La Habana. Palabras con tinuadoras de las ideas y el espíritu cubano, José Martí, quien combatió un régimen pero no despreció su pueblo de sus progenitores:

“(..) señores, si allí en vuestros territorios están los padres que se aman, aquí en esta tierra están los hijos que se idolatran, y si allí, en Galicia, al de unacruz, desancan para emprender la paz eterna vuestros padres merecidos aquí tiene que cavarse la fosa de vuestros hijos, que dormirán el su merecido sobre la tierra cubana, en esta tierra que vosotros habéis de amar y ellos habrán de amar mucho, para que en un día, jamás, piensen los polvos de tuumba las plantas de un extranjero...”.

Tiscornia dejó de prestar sus servicios en los primeros años de la década del 60 del pasado siglo y sus instalaciones pasaron a formar parte de otros dependencias del estado cubano, y en el edificio principal se reconstruyó un espacio que es lo que existe en la actualidad. Al campamento Cuarenta Tiscornia, protagonista indiscutible de nuestro trabajo, debela emigración llegara al aislamiento con ella la mixtura de población cubana, el recordado de cimientos en finitohacia que en es dieron con su esfuerzo, trabajo

solidario u n l u g a r d o n d e e m p r e n d u n e v a l d a u e i n i c i a l m e n t e s e l e b r i n d ó a u x i l i o y l a p o s i b i l i d a d p a r a i n t e g r a r s e e n l a s o c i e d a d . S e a e s t e r e c o n o c i m i e n t o a T i s c o r n i a , u n m o d e s t o h o m e n a j e p o r l o q u e s i g n i f i c a m i l e s d e h o m b r e s q u e e n s u t i e m p o r e c i b i e r o n e n é l l a l u z y l a e s p e r a n z a u n f u t u r o m e j o r q u e d e a l g u n a m a n e r a a y u d ó a l a f o r m a c i ó n d e l s e n t i m i e n t o i n t e r n a c i o n a l i s t a d e l p u e b l o c u b a n o .



C a s a B l a n c a .



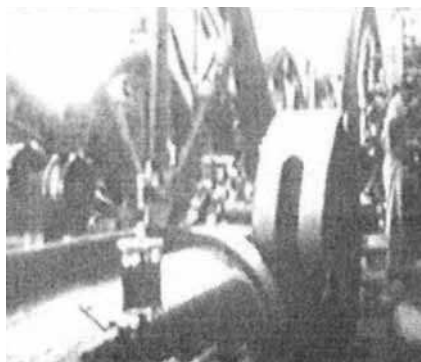
C a s a B l a n c a .



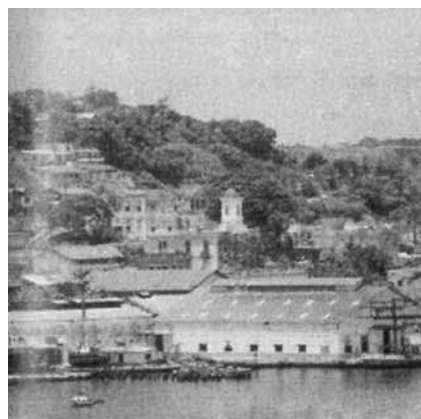
F o r t a l e z a d e L a C a b a ñ a .



C r i s t o d e L a H a b a ñ a .



C asa de máq u i n a s. C en t r a l a z u c a r e r o. T r a n s p o r t e a l c e n t r a l a z u c a r e r o



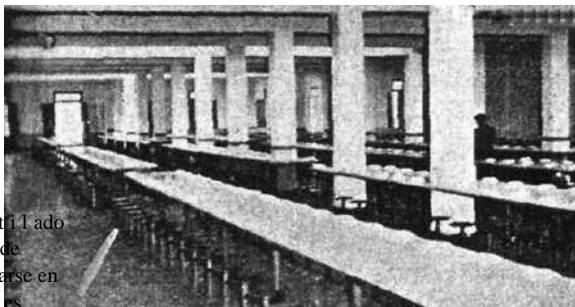
C o r t e y a l z a d e l a c a ñ a d e a z ú c a r.

V i s t a d e l C a m p a m e n t o d e T i s c o r n i a.



U n o d e l o s a m p l i o s e h i g i é n i c o s p a b e l l o n e s d e T i s c o r n i a p a r a l o s a s i l a d o s. C o m p l e t a m e n t e r e n o v a d o s p o d í a n s e r v i r d e m o d e l o p a r a i n s t i t u c i o n e s d e e s t a c l a s e.

C a m p a m e n t o c u a r e n t e n a r i o d e T i s c o r n i a



El amplio, limpio y ventilado comedor del Campamento de Tiscornia. Podían sentarse en él más de 500 comensales.



Puerta de entrada al Campamento de Tiscornia.



Una de las habitaciones destinadas a los enfermos. En la foto un marino extranjero que se trasladó al Centro de Inmigración. A la izquierda el señor Alfonso en el momento de su ingreso en el campamento. En la foto de la derecha el señor Alfonso en el momento de su ingreso en el campamento.



Por encargo del doctor Ituarte, Jefe de Información, se comunicaron a un grupo de exiliados españoles que el señor Paredes de la República ha ordenado se les ponga en libertad.

Campamento de Tiscornia



# Historias de emigrantes

Yaritzá Álvarez Acosta

“A la memoria de mi querido abuelo,  
San tiago Capitán voluntario del 5º Regimiento  
de Intendencia Pública en España”

## EL TERRITORIO DEL LAGO DEL ÉON

El fútbol es un deporte muy seguido en España y el mundo. A la afición española le fascina el deporte de los goles. Pero mi abuelo, muy apasionado a este deporte, rompió con esta tradición.

En 1926 estando en Cuba realizó su debut como boxeador en la categoría del peso gallo. Un año después debutó como profesional y luego realizó giras a Panamá, Jamaica, Costa Rica, Colombia, Venezuela, entre otros países norteamericanos.

De regreso a España realiza su servicio militar en la Compañía de Peleros en la plaza de toros con Luis López Moreno, a quien conocían como “El Asno”. Posteriormente, se hizo campeón de Castilla donde tuvo que enfrentarse a un sametense al “Ajero”, al cual le ganó la pelea. Luego está el lólaguero abuelo, un opudoso que se irpone en práctica sus dotas de boxeador.

En Cuba compartió el cuadrilátero con glorias del deporte cubano y todos los tiempos con Kid Chocolate, destacado campeón mundial. En Cuba fue campeón sagrado mundial. A lejandra Lugo, ex campeón en la radio, la televisión y el cine en Cuba realizó su última pelea con mi abuelo. Desde aquel entonces, Chocolate, mi abuelo y yo nos dedicamos a trabajar en el comercio y a las artes.

<sup>1</sup> El boxeador profesional que pesa más de 52 kilos 163 gramos y menos de 53 kilos 524 gramos y el amateur que abarca de los 51 a los 54 kilos. (N.A.)

<sup>2</sup> Luchador profesional y más específicamente, boxeador. (N.A.)



n al es y b ox ístic as. A demás, mi ab u el o man t en ía rel ac i on es c on ot ros at l a pen ín su l a de fama rec on oc ida c omo por ej empl o, H ilari o M art ín ez .

San ti ag o, mi ab u el o, a los 72 años de edad ret orn a al Bi erz o y dec i ó f ormar un eq u ipo de púg i les b erc i an os. A q u í f u e en t rev ist ado en el L eón , el 17 de ag ost o de 1982 . Su ob j et iv o era t ran smit ir a los jóv en es ex peri en c i as c omo b ox eador.

M i ab u el o, f allec i do el 10 de di c i emb re de 1998, es rec ordado por t od o espec i al men t e por mi padre c omo “El T ori to del L ag o de L eón ”. L o apodab a así pu es era un g ran pel eador, g u st ab a mu ch o del in t erc amb io y las c u erpo a c u erpo; parec ía ub r av a n do est ab a en el c u adri l á t ero y c omo era de L ag o, f u e así c omo loc on oc ieron ami g os, fami li ares y pu g i list a

## C R O N O L O G Í A M I L I T A R D E M I A B U E L O

A desat arse la G u erra C iv il Española en J u li o de 1936 y l leg ar a la c ap l as pri m er as n ot i c i as de un a su b lev ac i ón mi l it ar, se pu so de man i fi est g ran resi st en c i a del pu eb lo madrileño an t e los in su rg en t es. M i les de p se in c orporaron al f ren t e para sal v ar a su pu eb lo. En t orn o a est o, el pa ís se v ob lig ado a org an iz ar y f ort alec er su s def en sas. F u e en t on c es q u e mi a g resó en el 5º R eg i mi en t o R epu b lic an o Español, el 19 de j u li o de 1936, c h ab ía c omen z ad o la su b lev ac i ón mi l it ar. Est e día, es asc en di do a C ab o. ag ost o lo asc i en den a T en i en t e de In f an t er ía. Es en v i ad o a P oz u el o de A y Somosierra; en est e ú l t i mo lu g ar f u e asc en di do a C ap it á n de In f an t er ía

En en ero de 1937, si en do C ap it á n , J ef e de C ompañía del 110 Bat al l ón de la 28 Bri g ada M i x t a, es dest i n ad o a C u en c a, para el 4º c u erpo de ej é y de all í a la Si erra al man do del C oron el J u rado. En 1938 es t rasl adado al f ren t e de T eru el, al 19 c u erpo de ej é r c i t o en la mi sma bri g ada pero en el Bat al l ón . C ae preso en el c ampo de c on c en t rac i ón de Uri el . P ost eri or men t e C arab an c h el, P orlier, San M arc os y Sal esas. El 5º R eg i mi en t o f u e t org an iz ac i on es q u e l leg ó a c on t ar c on más de 70 .0 0 0 v ol un t ari os de su sc omb at i en t es l lev ab a la semi l la del h ero ís mo y la di sc i pl i na. Se pu dec ir q u e esc rib ieron , j un t o al pu eb lo, pág i n as g l ori osas en def en sa dad de M adri d.

M i ab u el o su f ri ó du ramen t e las c al ami dades de est a h orri b le g u er perder asesi n ados por el fasc ismo a su padre y h erman o men or. Est a t r á g i c a si - t u ac i ón rompi ó su v ida en mil pedazos y para n o t en er q u e pasar por el pel de ser asesi n ad o, se v i o ob lig ado a emi g rar h ac ía ot ro pa ís y real iz ar ot ro mod de v ida di feren t e al q u e él h ab ía soñado.

P arec e f á c i l real iz ar est a t r á g i c a y h orri b le h i st ori a. Q u e n adi e i prof un do dol or q u e se si en t e al perder de un g ol pe a un padre y un h erm Esposa, h i j os, n i et os y b i sn i et os l lev aremos por si empre en el al ma el rec u

de un homb re v ali en t e y c apaz . M i padre en el c u art o de su c asa man t u n a f ot o de mi ab u el o du ran t e la g u erra y al pi e de la mi sma di c e l o si g u i e  
*“H onor y gloria al Cap itán V oluntario del 5 to Regimiento Rep ublicano Esp a- ñol q u i én p erdió asesinados p or el f ascismo a su p adre y h ermano m ènor”*

## UNIÓN DE SA NT IA G O Y BL A NC A L UIS

T ran sc u rría el año 1910 , en un peq u eño pu eb lito de la prov in c ia de L (España), ll amado L ag o de C aru c edo, c u an do el 6 de marz o n ac e San ti ag o Á l v arez M art ín ez (mi ab u el o). Su s padres F ran c isc o Á l v arez F ern án dez (mi ab u el o), n at u ral de R ío T in to (H u elv a) y C i pri an a M art ín ez G ómez (n at u ral de L ag o de C aru c edo, eran c ampesi n os h u mil des q u e poseían un q u eño pedaz o de ti erra y lab orab an en ella para poder edu c ar a su s h ijos, de los c u ales San ti ag o era el may or. Est e t érmi n o m u n ic ipal c u en t ac on un p r y román tic o lag o, en las prox imi dades de L as M édu las. Se cree q u e su f or mación fu e deb ida al c i erre del v alle por los lav ados prov en ien tes de L as M édu de j an do tras de sí un pai saje de ex t raordi n ari a b el leza. F ran c isc o y C i pri (b i sab u el os) así c omo su s h ijos eran un a fami lia mu y un ida. Desde peq u les in c ulc ab an a su s h ijos el amor al trab ajo y a c u mpl ir c orrec tamen su s deb eres. San ti ag o, mi ab u el o, en aq u el j o v e n t e m e d i a n a est at u ral, apu est o y de c omposi c i ó n f ís ic a fu erte. A l est allar la G u erra española, c on 26 años de edad se in c orpora al 5 to R eg i m i en t o R ep u b l ic a n o Español, q u e en aq u ella época c on st it u y ó el emb ri ón del Ej érc ito del pu Bl an c a L u i s a M arín G ri ñán (mi ab u el a), n ac i ó el 13 de oc t u b r e de 1913 de C on su el o G ri ñán , n at u ral de M adri d y de J u li án M arín , n at u ral de Su s h erman as se n omb ran : Isab el, P epa y R og elia.

M i ab u el a, du ran t e los pri meros meses de 1936 trab aj ab a c omo c ost u rera, en un t aller para real iz ar ropas para la g en t e de la R ep úb l ic a. Un día est an d o todos los empl eados en el c omedor lleg ó un señor mu y apu est o. A C odas las mu jeres allí presen tes le ll amó la at en c i ó n . M i ab u el a al z ó su m i rada y j ov en a su v e z h iz o fij ac i ó n c on la de v i d e l q u e les h ab lo era mi ab u el o, q u e est ab a mov il iz ado y an dab a por aq u el los parajes.

A l día si g u i en t e mi ab u el o v ol v i ó a person arse en el t aller. Un a pri ma él q u e t rab aj ab a aq u í y v iv ía c erca de la c alle C arran za, le di j o a mi a  
*“Bl an c a, ah í est á el pel ón . V ol v i ó ot ra v ez ”.*

<sup>3</sup> L a au t ora del rel at o adj u n t a v ari as f ot og raf ías de su ab u el o du ran t e los ti empos l G u erra C iv il, pu b l ic adas en *Memorias de la emigración castellana y leonesa. Relatos p re- miados. Relatos de Argentina*. V ol. Zamora, 2009, pag. 167. (N.E.)

A l g o l a e s t r e m e c i ó e n e l ~~Éh se ha~~ ~~ace~~ ~~erc~~ ~~ó~~, l e d i j o a l g u n a s p a l a b r a s y e l l a s o n r i ó. A s í f u e g e r m i n a n d o e n t r e e l l o s u n a b o n i t a y s i n c e r a h a s t a q u e d e s p u é s s e h i c i e r o n n o v i o s. C u a n d o a m i a b u e l o l e d a b a n a l c a n s o, i b a a v i s i t a r a m i a b u e l a B l a n c a. U n d í a s i n p e n s a r l o m u c h o l e j m a t r i m o n i o. M i a b u e l a a c e p t a s u p e t i c i ó n p e r o d e b í a d e e s p e r a r p o r l a p r e s e n c i a d e s u m a m á C o n s u e l o y s u h e r m a n a I s a b e l. E r a f r í o e l i n v i e r n o y m i e n u n o d e e s o s m o v i m i e n t o s d e l a t r o p a, n o m u y l e j o s d e M a d r i d, c o n t o s u s c o m p a ñ e r o s r e u n i d o s c e l e b r ó f i c i a l m e n t e s u c e r e m o n i a d e m a t r i m o n i o.

S u r g í a u n a e v a n i ó n, q u e a l o s d o s a ñ o s v i o s u s f r u t o s a l n a c e r u n a n i ñ a l l a m a d a B l a n c a Á l v a r e z M a r í n ( m i t í a). L u e g o, e n 1941, n a c i ó s u h i j o S a n t i a g o Á l v a r e z M a r í n ( m i p a d r e). H a s t a l o s 9 a ñ o s d e m i t í a y 7 d e p a d r e, l a m a y o r p a r t e d e l t i e m p o l o p a s a r o n e n P o n f e r r a d a y e n L a g o, e n c a d e l a a b u e l i t a C i p r i a n a. M i t í a y m i p a d r e q u e r í a n m u c h o a s u a b u e l a s u t i e m p o j u g a n d o a l e g r e m e n t e p o r a q u e l p u e b l i t o d e L a g o. E s a q u í, d e p a d r e r e a l i z a u n a d e s u s i n o l v i d a b l e s t r a v e s u r a s d e c u a n d o e r a n i ñ o q u e a d e l a n t e r e l a t a r é.

C u l m i n a d a l a g u e r r a m i l e s d e f a m i l i a s s e v i e r o n a f e c t a d a s. M i l e s d e g a r e s s e d e s h i c i e r o n a l i n c o r p o r a r s e s u s p a d r e s a l f r e n t e y m u c h o s t u v o q u e h u i r, s u f r i r c á r c e l o f u e r o n f u s i l a d o s. L a G u e r r a C i v i l f u e u n p e r i e n c i a m á s d o l o r o s a s p o r l a s q u e a t r a v e s ó E s p a ñ a e n l a p r i m e r a m i t a d d e l s i g l o X X, e n e l p e r í o d o d e 1936 a 1939. E s t o t r a j o c o n s i g o u n a p r o f u n d a c i ó n m i g r a t o r i a.

## ¡Y L L E G Ó E L M O M E N T O D E E M I G R A R !

M i a b u e l o f u e e l p r i m e r o e n c r u z a r l a f r o n t e r a. S i g u i e n d o s u s p a d r e s a b u e l a, e n c o m p a ñ í a d e s u s d o s h i j o s, s e d i s p u s o a c r u z a r L o s P i r i n e o s l a F r a n c i a. M u c h a s f u e r o n l a s p e r i p e c i a s a t r a v e s a d a s d u r a n t e e l v i a j e. A l a F r a n c i a, m i a b u e l a p u s o e n p r á c t i c a s u s c o n o c i m i e n t o s d e c o s t u r e s s i r v i e r o n p a r a m a n t e n e r a s í a t o d a l a f a m i l i a.

U n a v e z r e u n i d o s t o d o s e n F r a n c i a, m i a b u e l a l o f i c i a l l a s i t u a c i ó n p o r l a q u e e s t a b a n a t r a v e s a n d o, d e c i d i ó p a r t i r h a c i a C u b a. E n e s t e p a í s c o n c o n l a p r e s e n c i a d e d o s h e r m a n o s, J e s ú s y M a n u e l.

E s v á l i d o d e s t a c a r q u e e n a q u e l l a é p o c a t r a s l a c o n q u i s t a y c o l o n i a d e C u b a p o r p a r t e d e l o s e s p a ñ o l e s, q u e t r a s l a d a r o n h a c i a e l p a í s s u s c o s t u m b r e s, c u l t u r a y t r a d i c i o n e s; a t o d o n a t i v o p r o v e n i e n t e d e E s p a ñ a l e g a l l e g o. N a d a, q u e t e n í a n m u y m a l a f a m a d e n t r o d e l a p o b l a c i ó n. S e d e q u e l o s m i s m o s v e n í a n a C u b a a t r a b a j a r d u r a m e n t e y b u s c a r d i n e r o. L i b a n p a r a E s p a ñ a u n o s c o n u n p o c o d e d i n e r o, o t r o s m á s p o b r e s q u e c u a n d o v i n i e r o n.

Desde la l leg ada a C u b a de mi s ab u el os y su s dos h i j os por la prov in c i a de C amag üey , el 2 8 de ju l i o de 1948 don de h ic i eron esc al a y lu eg o h ast a H ab an a c omen z ab a para est a fami l i a de emi g r a c i ó n en asu s v i das. M e parec e marav il l os o en t on c es, tran smi t i r l es l as ex peri en c i as o h r i as ac on t eci das en l a v i da de mi fami l i a an t es y despu és de su en t rada a l a i s an t ill an a, en c on d i c i ó n de ref u g i ados de l a g u erra.

¡L A S O B R I N A A R A C E L I !

Un a de l as h erman as de mi ab u el a pat ern an omb rada P epa, al q u e dar em- b r az ada y dar a lu z a su peq u eña h i j a (al a c u al n omb ró A rac eli ), q u e d a mal del part o. Su s h erman as mi en t ras ell a se rest ab l e c í a, l a ay u daron c on l o c u i dados y at en c i on es de l a ni ña. El padre de l a c r i at u ra (F ran c i s c o) f al l e o. Los n u ev e meses de n a c i da A rac eli. R og el i a e Isab el (h erman as de mi ab u el a) así c omo mi ab u el a Blan c a, a medi da q u e i b a pasan do el t i empo, se en c r i a. ñab an más c on l a ni ña e i n c l u so, se h ic i eron c arg o de ell a. L a c r i aron mi maron mu c h o, espec i al men t e mi ab u el a, h ast a q u e P epa, su madre, pu o rec u perarse c ompl et amen t e.

Todos los v est i di t os y ropi t a de l a ni ña fu eron h ec h os por mi ab u el a y su s h erman as. A demás l e en señab an c an t i t os, b ai l es y poesías para dormi r l a o man t en er l a c on t en t a. F u e así, c omo est e c ari ño apasi on ado en t re amb as fu e c rec i en do y se est ab l e c i ó u n fu ert e l a z o de u n i ó n c asi matern al .

A l part i r mi ab u el a h ac i a F ran c i a y lu eg o a C u b a, est e l a z o se n o t an t o af ec t ado. A u n q u e parec e a i n c r e í b l e, l a d i s t an c i a en t re s e res q u e r u n v a c í o i n men so en el alma y u n an ost alg i a de i r remedi ab l e dol or. P ara mi ab u el a, A rac eli si g n i f i c a u n a h i j a más en su v i da. A mb as se esc r i b en c omu n i c an port el t e l é f o n o de u n do; pero el día 13 de oc t u b re, día en q u e mi ab u el a c u mpl e años, para A rac eli de j ar de l l amar a su t í a ser í a c omo f al t ar l e a su madre. A rac eli h a v i s i t a do C u b a en v a r i as oc asi on es y n o de j a de rec o r d os f e l i c es momen t os q u e pasa si empre ju n t o a su q u e r i da t í a, pri mos y fami l i a en g en eral. D i c e mi ab u el a q u e: “A rac eli es u n a sob r i n a mu y espec i al ”

T R A V E S U R A S D E NI Ñ O . ¡F U E G O E N E L P A J A R !

En l as prox i mi dades de L as M édu l as, se en c u en t ra el L ag o de C aru c o. M i s ab u el os pat ern os, además de v i v i r en L ag o, t en í an u n a F i n c a n o “Su P a c i o”, pert en ec i en t e a est e marav il l os o pu eb l i t o de l a prov in c i a de L eon. En v a r i as oc asi on es, me h a despert ado l a c u r i osi dad de c on oc er c ómo era mi padre de peq u eño. Un día c on v ersan do c on mi ab u el a en l a sal a de su c asa l e preg u n t é: “A c é r q u e se ab u el a, deb o preg u n t ar l e al g o. ¿Usted n o rec

n i n g u n a t r a v e s u r a d e m i p a d r e c u á n d o e r a p e q u e ñ o ? ”. S o r p r e n d i d a p o r m i g u n t a , r e s p o n d e : “ S í , c u a n d o q u e m ó e l p a j a r ”.

M i p a d r e e s t a b a e n l a c o c i n a c o n v e r s a n d o c o n s u h e r m a n a m e n o r , a c a r i ñ o s a m e n t e l e d e c i m o s ( D a n i ). I n m e d i a t a m e n t e l e s p e d í p e r m i s o d e s p u é s d e h a b e r c u l m i n a d o s u c o n v e r s a c i ó n y p a r i d i o j p o r q u e n o m e c u e n t a s e s a h i s t o r i a t u y a d e l p a j a r ? ”.

A c o r d á n d o s e d e s u m a l i c i a , m u y s o n r i e n t e m e d i j o : “ U n d í a e n c a s a d e a b u e l i t a C i p r i a n a , m a m á , l a t í a J o s e f i n a y m i h e r m a n a B l a n q u i s e h a b r e c o g e r e c a s t a ñ a s . L a a b u e l i t a C i p r i a n a y y o n o s q u e d a m o s s o l o s e n c a s a s e m e o c u r r i ó ? P u e s c o m e r m e u n a s r i c a s c a s t a ñ a s a s a d a s p o r m í m i s m o . S i n p e n s a r l o m u c h o a t r a p é l a s c e r i l l a s d e l a a b u e l a , u n p u ñ a d o d e c a s t a ñ a s y f u i p a r a e l p a t i o d e l a c a s a , l u g a r e n q u e s e e n c o n t r a b a e l p a j a r . T o m é u n d e p a j a , l e p r e n d í f u e g o y c o l o q u e é n c i m a l a s c a s t a ñ a s . E l f u e g o l ó g i c o s e t r a n s m i t i ó a l a p a r t e i n f e r i o r d e l p a j a r y c a s i a l i n s t a n t e a q u e l l o e r a u n f i e r n o e n l l a m a s . o r r í p a r a l a c a s a y m e e s c o n d í d e n t r o d e l a a l a c e n a . L a s c a m p a n a s d e l a i g l e s i a n o p a r a b a n d e t o c a r , c o m o e s c o s t u m b r e c u a n d o o c u r r e a l g o g r a v e ”.

C o n t i n ú a s u a n é c d o t a d i c i e n d o : “ E n e s t e p u e b l i t o t a n p e q u e ñ o n o h a b o m b e r o s . M a m á , t í a J o s e f i n a , m i h e r m a n a B l a n q u i y d e m á s v e c i n o s q u e t a b a n e n l a r e c o g i d a f u e r o n a t o d a c a r r e r a h a s t a e l p u e b l o . A l l l e g a r s e p o r a r o n c o n l o s v e c i n o s p r e s e n t e s a e x t i n g u i r e l f u e g o . U t i l i z a r o n a g u a y a d e m á s , c o l a b o r ó e n l a e x t i n c i ó n d e l m i s m o , e l h e c h o d e q u e e n a l l í d e p o s i t a d a s e d e v o r ó . U n e z q u e t o d o e l p a j a r e s t a b a c o n s u m i d o t u v i e r o n q u e d e d i c a r s e a b u s a m e a t r e v í a a s a l i r d e m i e s c o n d i t e , t e m i e n d o a l c a s t i g o q u e s e m e i m p u s i e r a . N a d a , q u e a q u e l l o f u e u n s u s t o d e n i ñ o n o p u e d o b o r r a r d e l a m e m o r i a ”.

## L O S P R I M E R O S A Ñ O S E N C

D u r a n t e l a l l e g a d a d e m i s a b u e l o s y s u s d o s h i j o s a l a i s l a t u v i e r o n v i v i r a g r e g a d o s e n c a s a d e u n h e r m a n o d e m i a b u e l o l l a m a d o J e s ú s , e n r e p a r t e l l a m a d o M i r a f l o r e s . L u e g o v i v i e r o n c o n o t r o h e r m a n o ( M a n u e l P á r r a g a . P o s t e r i o r m e n t e , e n u n r e p a r t o u b i c a d o e n e l m u n i c i p i o B o y a m a d o P a r a j ó n , c e r c a d e C a l a b a z a r , m i a b u e l o c o m p r ó u n t e r r e n o y c o n a f a b r i c a r d o s c u a r t o s , u n b a ñ o y u n a c o c i n a , h a s t a q u e a l f i n s e a g r a v i v i e r o n d e f i n i t i v a m e n t e e n l o s u y o .

M i a b u e l a B l a n c a a p r o v e c e l m á s u n s a d o t e s d e c o s t u r e r a y c o m e n z ó a c o n f e c c i o n a r r o p a f i n a d e m u j e r , p a r a u n a t i e n d a l l a m a d a G l a

<sup>4</sup> El término hace referencia a un barrio residencial en C u b a . (N.E.)

u b i c a d a a l f o n d o d e l C a p i t o l i o d e L a H a b a n a . D e s p u é s d e c o n f e c c i o n a d o v e s t i d o s , u n o d e s u s h i j o s i b a y l o e n t r e g a b a p e r s o n a l m e n t e e n l a t i e n d a d e e s t e m o d o e n q u e c o m e n z a r o n a g a n a r s e l a v i d a e n C u b a . P o r o t r o l a d o m i a b u e l o t r a b a j ó l a m a y o r p a r t e d e l t i e m p o e n o b r a s p ú b l i c a s d e c a p a t a z . A c o n t i n u a c i ó n s e h i z o á r b i t r o d e b o x e o . L o s t r a b a j o s d e m i s a b u e l o s l e s o e n a q u e l e n t o n c e s p a r a m a n t e n e r a s u f a m i l i a .

M i p a d r e y m i t í a e s t u d i a r o n s i e m p r e e n e s c u e l a s p ú b l i c a s , c u r s a n d o t o d o s l o s g r a d o s c o n b u e n a s n o t a s . M i p a d r e , a l g r a d u a r s e e n l a E s c u e l a T é c n i c a I n d u s t r i a l c o m i e n z a a t r a b a j a r c o m o a p r e n d i z e n l o s T a l l e r e s O r n a c e m d e C a m a g u a y i l a . G a n a b a 12 p e s o s a l a s e m a n a , p a r e c í a p o c o , p e r o p a r a e l l o s e r a u n d i n e r i t o m á s q u e e n t r a b a e n l a c a s a . M i t í a B l a n q u i , c o m o c a r i ñ o s a m e n t e l e d e c i d i t a m b i é n h a b í a c o m e n z a d o a t r a b a j a r p r i m e r o q u e m i p a d r e e n l a R e v i s t a B o h e m i a . P o r l o t a n t o , s e i b a i n c r e m e n t a n d o e l i n g r e s o d e l a f a m i l i a .

## EL ESTUDIANTE. ¡SIMÓN BOLÍVAR!

M i p a d r e , S a n t i a g o Á l v a r e z M a r í n , e s , s i n l u g a r a d u d a , u n a p e r s o n a m u y r a v i l l o s a . E s u n o d e l o s t a n t o s h o m b r e s q u e t u v o q u e a b a n d o n a r s u p a t r i c u l m i n a r l a G u e r r a C i v i l E s p a ñ o l a . L a e m i g r a c i ó n d e s u f a m i l i a l a c o n c i e n c i a d e c a r á c t e r t e m p o r a l . S i n e m b a r g o , e s t o n o o c u r r i ó a s í . M i p a d r e s i e n d o a ú n u n i ñ o l l e g ó a C u b a j u n t o a s u s p a d r e s y h e r m a n a , e n c o n d i c i ó n d e r e f u g i d o . A r r i b ó a C u b a a l a e d a d d e 7 a ñ o s y d e s d e e n t o n c e s c o m e n z ó s u v i d a c o m u n e s t u d i a n t e .

No p o r q u e s e a s u l v i j a h a l a g a r l o , p e r o t o d o s , i n c l u y e n d o s u m a d r e , d i c e n q u e e r a u n n i ñ o m u y d e d i c a d o a l o s e s t u d i o s , s e e s f o r z a b a p o r s a c a r s i e m p r e l a s m e j o r e s n o t a s . E n a q u e l t i e m p o e r a u n m u c h a c h o m u y a l e g r e , r a n e r o , g u s t a b a m u c h o d e l a l e c t u r a . A c t u a l m e n t e e s a s í a u n q u e u n p e r e x i g e n t e . A c o n t i n u a c i ó n r e l a t o h i s t o r i a s d e m i p a d r e d e s p u é s d e i n s t a l a r s e e n l a i s l a .

E n u n a c o n v e r s a c i ó n q u e s o s t u v e c o n m i p a d r e l e p r e g u n t é : “ ¿ P a r a q u é a c u e r d a s d e a l g u n a a n é c d o t a e n t u v i d a d e e s t u d i a n t e ? ” . Y m e r e s p o n d i ó : “ Y a r a . M i r a e n u n a o c a s i ó n c u a n d o c u r s a b a e l c u r s o d e T e c n i c a e n l a E s c u e l a P ú b l i c a n º 45 d e A r r o y o N a r a n j o ( h o y , L u i s A u g u s t o T u r c i o s L i m a , p e r o a h o r a e s e l m u n i c i p i o A r r o y o N a r a n j o ) , l a m a e s t r a q u e t e n í a m o s e r a m u y b u e n a , e x i g e n t e , p e r o c u a n d o s e e n c o l e r i z a b a n o l o p e n s a b a d o s v e c e s p a r a d a r l e u n r e g l a z o a c u a l q u i e r a . L a m a e s t r a s e n o m b r a b a T e r e s i t a P l á . E r a d e p i e l b l a n c o y d e a p r o x i m a d a m e n t e 50 a ñ o s d e e d a d , v i u d a , c o n s ó l o u n a h i j a m a y o r q u e m i p a d r e e s t u d i a b a L i c e n c i a t u r a e n C u l t u r a F í s i c a . S e e s m e r a b a e n e n s e ñ a r , p e r o s i e n t a b a c o n f a c i l i d a d c u a n d o u n o d e s u s a l u m n o s n o r e s p o n d í a c o r r e c t a m e n t e a s u s p r e g u n t a s . E n u n a o c a s i ó n d i c h a m a e s t r a ( T e r e s i t a ) , d e s p u é s d e h a b e r e n t r a d o e n H i s t o r i a l o s t r e s v i a j e s d e C o l ó n a C u b a r e a l i z ó u n a c o m p r o b a c i ó n .





c es se gan ó todo mi c ari ño y es u n a de mi s i n ol v i d a b l e s m a e s t r a s e n l a é p o c a de e s t u d i a n t e ”.

## ¡BL A N Q U I Y S U P A S I Ó N P O R E L B A I L E !

El c a n t o y e l b a i l e c o n s t i t u y e n u n a a c t i v i d a d q u e n a c e c o n e l l a p u e d e a f i r m a r q u e n o e x i s t e n i e x i s t i ó p u e b l o q u e d e a l g u n a m a n e r a n o u n a m ú s i c a y e l b a i l e e n a l g u n a d e s u s v a r i a n t e s p a r a u n a u o t r a a c t i v i d a d , y t i e m p o s m u y r e m o t o s s e v i o e l b e n e f i c i o q u e s o b r e e l h o m b r e e j e r c e . M i B l a n q u i e r a m u y a p a s i o n a d a a l b a i l e . N o s e s i f u e e n E s p a ñ a o e n C u b a , c i e r t o e s q u e l a m i s m a g u s t a b a d e l b a i l e e s p a ñ o l . T o c a b a l a s c a s t a ñ u e l a s c u n a s o l t u r a i n c r e í b l e .

C u e n t a n m i p a d r e y m i t í a q u e e n P á r r a g a a s i s t i ó a u n a e s c u e l a p a r t i c i p e q u e ñ a l l a m a d a B e t h a n í a , u b i c a d a e n l a m i s m a c a s a d o n d e v i v í a n l o s p r o p i e t a r i o s . E r a n t r e s , l a m a d r e , D o ñ a M a n u e l a , y s u s d o s h i j o s , T i r s o M . d e l P e s o u n a h e r m a n a , a l t a , t r i g u e ñ a , t i p o s a , A r a c e l i a d e l P e s o . S e g ú n c u e n t a n m i p a d r e l o s t r e s e r a n m á s r e c t o s q u e e l m e n o r e s p a c i o q u e u n e a d o s p u n t o s , y n o t e p e r m i t í a n , n i n g u n o d e l o s t r e s , n i l a m á s m í n i m a c o n f i a n c i t a , M a n u e l a P a c a y D o ñ a M a n u e l a P a y a , D o n T i r s o . H a b í a q u e a n d a r c o n v e l a c o n e l l o s , p o r q u e a l m e n o r d e s l i z , t r e m e n d a r e p r i m e n d a y l u e g o l e s d a b a l a s q u e j a s a l o s v i e j o s y y a u s t e d s a b e ; é s t e f u e e l p r i m e r c o n t a c t o q u e t u c o n l a e s c u e l a e n C u b a .

L u e g o e n l a E s c u e l a P ú b l i c a N º 4 5 m i t í a c o m e n z ó a p a r t i c i p a r e n f o r m a l m e n t e e n l a s a l e s d e b a i l e .

E n t r e s u s b u e n a s n o t a s y e l b a i l e h i c i e r o n d e e l l a u n a m u c h a a c h a n a .

H o y n o s e a d a e x t r a e n o s r e u n i m o s e n f a m i l i a p a r a c e l e b r a r a l g o e n p a r t i c u l a r , l a b a i l a d o r a n ú m e r o u n o ( B l a n q u i ) , a p e s a r d e s u s 6 8 a ñ o s d e e d a d , n o d e j a d e t i r a r s u p a s i ó n ( d i s f r u t a r d e l a m ú s i c a , l a f i e s t a y e l b a i l e ) c o m o s u e x c l u s i v i d a d .

## A N É C D O T A S M I L I T A R E S

N o s é s i f u e c a s u a l o q u e i z á s m o t i v a d o p o r e l e j e m p l o i m p e r e d e r o d e s u p a d r e . L o c i e r t o e s q u e m i p a d r e e n 1 9 6 0 , c o n a p e n a s 1 9 a ñ o s d e e d a d i n g r e s ó e n l a s M i l i c i a s N a c i o n a l e s R e v o l u c i o n a r i a s , e n e l 5 º d i d i s t r i b u t a d a n d o s e c o m o m i e m b r o p e r m a n e n t e d e l a s F A R . D e s d e s u i n c o r p o r a c i ó n a l a s f i l a s d e l a F A R o m i e n z a a f o r m a r p a r t e d e l a s c o m p a ñ í a s m e n o r e s d e 2 0 . A l l í r e a l i z a r o n f u n d a m e n t a l m e n t e e n t r e n a m i e n t o s e i n s t r u c c i ó n d e i n f a n t e r í a s a s í c o m o c a m i n a t a s .

C u r s a e s t u d i o s e n l a A c a d e m i a A d e m o c r a t a s e n e r a l M á x i m o G ó m e z ” , u b i c a d a a l e s t e d e l a c a p i t a l , d u r a n t e l o s a ñ o s 1 9 7 3 - 1 9 7 4 . E n f e b r e r o d e 1 9 7 6

es designado para cumplir misión internacionalista en la herman a R e  
P opular de A ng ola. L u eg o en 1981, c umple misión en la R epúb lica  
rag u a.

A ten di en do a los v aliosos serv ic ios prest ados a la patria, por su dest aca  
participación en la formac ión y desarrollo de Fl A s y R suri osas ada  
jerarqu ía, al can za el grado de C oronel. Es por ello que qu iero resaltar a  
dotas del c umplimien to exitoso de sus tareas y misiones en las fil as de es  
organización .

¿P ueden dos personas nac idas en épocas diferentes llevar un a vida mi  
tan parecida? Est a preg un ta para mí fue fá cil de respon der. M e pu se an al i  
vida de cada uno de ellos por separado y arrib e a las conclusion es sig uie

M i abuelo al est allar la g uerra se incorpora al 5to R eg imien to R  
c an o Español . En su sinic ios recibe instrucción de infantería hasta c  
el grado de C apitán . M i padre con sólo 19 años se incorpora al 5to di strito pa  
permanecer como miembro de las F A R . En este lu gar recibe instrucción  
infantería hasta que alcan za los grados de C oronel . P adre hijo, dos m  
con un c umplimien to exitoso en su vida militar. ¿Q ué cosas tien el

Nada, que en este mundo las casualidades todav ía no están escritas.

## ¡EL ALUMNO GARCÍA !

L a sig uiente historia de mi padre ocu rrió en la F A R de la  
n eral M áx imo G ómez ”. C uen ta mi padre que: “En con trán dome de prof e  
la A cademia, le impart ía clases a un g ru po de alumnos de la espec ialidad  
retaguardia. En la in troducción de la clase me c ien ó como ej empl o de e  
pec ialidad, a un c ompañero jefe de serv ic ios que tu v íamos en A ng ola.  
sería mi sorpresa, c uando un alumno que est ab a sentado en la pri mera fila  
pidió la palab ra! Despu és de mi explicación , el alumno me dijo: “P rofes  
soy G arc ía, el jefe de serv ic io que usted ha me nc ionado que tu v ío en  
P or los años tran sc u rridos, ju raría que jamás podría recon ocerlo físic amen  
P ero sus palab ras me emocionaron much ísimo. F u e un momen to de b ril  
y col orido en mi d ía que se erdo esta historia con regocijo y alegría. P or  
este motivo he ag o exten sivos o audes, estas historias, que qu izás un  
como educ adores ofun tes de rescate y tran smisión de con ocimien tos y  
res, hacer pú blicas estas experiencias de mi familia”.

## G A L L E G O C O N A L M A D E P O E T A

A mi padre, de pequ eño, le apasion ab a mucho v aza tu rando  
realiz ab a poesías, c uen tos, adiv inanzas, hasta que fue c rec ien do y  
ros pasaron a incluirse en su vida personal, como un a forma de comu nic

o tran smi si ó n de al g o q u e le h ab í a su c edi do en su v i da. Un día tomé un v lib ro de poesías q u e tien e mi padre y le di je: “¿C ó mo h as podi do ser tan apa- si on ado? ¿C ó mo su rg i ó est o? ”. C u en ta mi padre q u e: “...est an do v i vi en d el repart o P araj ó n , q u e por ci ert o, Y ara, ¡q u é di c h a ex peri men té c orri en d los prot eros *(sic)* aq u el los con mi perra A b i si n i a! , det rás l leg ó la lib ert ad para q u i en h ab í a su fri do tan to el v i vi rag reg ado, c omo era el c aso de n osot l leg ó t amb i én la fel i ci dad. M i pri mer g ran ami g o f u e un n eg rito, Nen más c h i q u i t o de la c o madron a, q u e v i v í an c asi en fren te de n osot ros; eran h erman os v aron es y un a h emb ra; c asi todos los v aron es ju g ab an b i en a lot a, pero h ab í a dos q u e tu v ieron m adera para l leg ar a est rel las, C h eo y Nen C on est e úl ti mo c omo y a h e rel at ado en t ab lé ami st ad y eramos c ompañeros de ju g ar a la pel ot a por los pl ac es y de n u est ras esc apadas para el río.

Un b u en día h ab lan do con Nen é, me di c e: “San ti , ¿t ú sab es q u i én c mu dan para el lado de u st edes? ”. Si n darl e mu c h a i mport an c i a a aq u ella n o c i a q u e me i nformaría q u i en es serían mi s f u tu ros v ec i nos, le respon dí: “N Nen é c on t i n u ó: “Son un os mu lat os con un mon t ó n de h i jos y un mo perros, v i ven en el sol ar de la c al z ada, pero lo peor es q u e el mari do de la mu jer, q u e por ci ert o se llama San ti ag o i g u al q u e t ú, est rompet i st a y ó y c u an do empiez a a en say ar el esc án dal o es de madre. P ero son b u en ag en te, po b res c omo n osot ros, pero dec en ~~A los~~ poc os meses c omen z aron al leg ar al sol ar de al lado, al g u n os mat eri al es: aren a, g rav illa, pal os, t ab las, c ab i c emen to, en fin , la c osa parec í a seri a. Y así poc o a poc o, con t rab aj o sob ret oc de sá b ados y domi n g os, al fin q u e dó al lado de n u est ros dos c u art os, c oc i r y esc u sado, lev an tada un a v i vi en da q u e, au n q u e n o era un pal ac i o men os, al men os era más c on fort ab le q u e n u est ra peq u eñi ma morada. De m adera, t ec h o de dos ag u as de t ab la y papel de t ec h o, un pedac i to peq u eñ de mampost ería, q u e i ncl u í a c oc i n a y b a ño y un peq u eño port añ i t o con dos c u art i tos y un a sal i t a c omedor; n ada, q u e para aq u el los t i empos y para h ab i tan tes de aq u el b arri o, se le pu di era c on si derar toda un a resi den c i a”.

“Y un b u en día, n o rec u erdo b i en , pero c reo q u e era domi n g o, se apa c i ó un c ami ó n con un os poc os mu eb les,<sup>5</sup> mu c h os mecl as de i s p o r t e s m i n i m a l e s H i s p o r t e s m i n i m a l e s de t odas edades y tamaños y t amb i én mu c h os perros y en un dos por t res se b aj ó t odo aq u ello; l u eg o c omen z aron las di sc u si on es: dón de pon er est o, c u ál c u art o de c ada q u i én , dón de pon er aq u el l o ~~si se b u o t r a b a r e c o...~~ i c i ó n de b u o t r a b a r e c o... jen fin ! , aq u ello parec í a un h ormi g u ero t rab aj an do poc o an tes del i n v i e

“C on l a l leg ada del medi odía, l as h ormi g as, o mej or di c h o, l os mu lat os, c asi n o di sc u t í an , el h amb re, esa c osa tan n eg ra e i n oport un a, empez a q u e erer oc u part amb i én t odo aq u el rec i n t o; en t on c es, de pron to, c omo por

<sup>5</sup> T rast os. (N.E)

del Espíri tu San to, aparec ieron un pan con gu ay aba del sal vador y un c h<sup>6</sup>bl en o de masarreal, es q u e v en ían a ser como el postre de aqu el su c u len t al mu erz o”.

“Y ay u dé un poc o, au n q u e ten ía mi edo a en traren con fian z a con g en te de sol ar. Efec tiv amen te, como hab ía di c ho Nen é, San ti ag o sell a padre (mi ab u el o matern o), F elic ia su mu jer (ab u el a matern a), el h ijo O rl an do; ést e trab aj aba de b odeg u ero y men sajero en lab odeg a L a C ei la C alz ada y despu és le segu ían en orden José, al q u e le dec ían C h ec h lito, al q u e le dec ían Y i y e y C armita, la ún ic a h emb ra, la más pequ e

“A n tes de osc u recer, toda la f a re q u e pedían en ta se hab ía ac ot ej ado (sic), los perros, como podrá i mag in ar el lec tor, no hab ían in g eri do ni h (sic) y corrían de un lado a otro y ladaban y ladaban , pero para el los no ap rec i ó n ada; esa, lan oc h e con aqu el los perros au llan do de h amb re, q u e Q u i én nos di ría a nos ot ros q u e aqu el los g itan os mu lat os, con cara g en te, con sus perros, con la trompeta, con sus scu atro h ijos y un o n ac i ó despu és, serían nu estros vec in os más próx imos por el resto de la v i Q u i én me di ría a mí, q u e en aqu el pri mer día, q u e ría apren derlo y sab erlo de el los, q u e di spon dría de tan to ti empo para con oc er los hast a la sac i edad.

M e llamó la aten c i ó n sob re man era la h ija, un a cosa men u da, con y oc u an do aqu ello; me parec i ó arisc a, no me di on i el más mín imo c h ar c ru zar pal ab ra con ella, no pu de ni preg un tarle el nomb re, hab ía h mu lat os por doq u i er; sól o en u l l e v i a j e d e l a t a r e c o s , n u e s t r a s m i r a d a s se c ru zaron : “un ray o rec orrió todo el espi n az o”, aqu el los ojitos tiern o de mi el , me l leg aron hast a el fon do de la ú l t i m a g a v e t a d e l c o r a z ó n , o q u e más para at rás.

¿Sería est a rara sen sac i ó n , la poc a c ost umb re q u e aún ten ía de trat ar c apardos? Deb e ser, me di je y o, y por más q u e trat é de v ol ver a trat ar de ten e ot ro c ru c e de aqu el los para con prob ar a q u e sab ía la segu n da vez , n ada fue en b al de y me q u edé con las g an as de repet ir el ex peri m e n t o en un oc asi ó n , au n q u e ella a mí, no me di j o t a m p o c o n i “J”, un sen tido, q u e t íf i c o s n o h a n d e s c u b i e r t o a ú n , m e d i j o q u e l e c a í b i e n a l a c h a v a l i t a

En ton ces, “¿ah í le c a í s t e en g r a c i a a m a m i ? ”. “Sí parec e; y o ten ía c on cepto q u e un a mu lata c u b a n a es un c ru c e de g alleg oy neg ra a un a mu lata c u b a n a es al g o más, es un a cosa ex q u i s i t a h e c h a m u j e r c a n e l a , b e l l a , t i p o s a , s a n d u n g u e r a , d e c i n t u r a f i n a y a m p l i a s c a d e r e g l a g e n e r a l c o n u n t r a s e r o b i e n d e s a r r o l l a d o y b i e n f o r m a d o , d e u n a g

<sup>6</sup> L a a u t o r a h a c e r e f e r e n c i a a u n a b o l s a p a r a d u l c e s y f r u t a s h e c h a c o n c a r t u

<sup>7</sup> D u l c e t í p i c o c u b a n o. (N.E)

<sup>8</sup> L a a u t o r a h a c e r e f e r e n c i a a l c o n j u n t o d e o b j e t o s i n s e r v i b l e s a c u m u l a d o s e n r e s. (N.E)

an dar i n i g u al ab le, at ray en t e a t o d o h omb re q u e i n t e r c a m b i e l a m e n o r p c o n e l l a y s e g ú n d i c e n t o d o s l o s q u e h a n t e n i d o l a d i c h a d e p r o b a r l a s, t y s e n s u a l e s p a r a e l a m o r”.

C réan m e q u e h e o í d o d e c i r a h omb r e s, d e t o d a s r a z a s y c o l o r e s, d e t o d a s n a c i o n a l i d a d e s, q u e l a m u l a t a c u b a n a e s l o m á x i m o, l o m á s s u b l i m e p a a m o r, l a m u j e r m á s s e n s u a l; h a y a l g u n o s q u e e x a g e r a n d o d i c e n “q u e t f u e g o e n s u s g e n i t a l e s”. ¡Nada!, e x a g e r a c i o n e s, p e r o l o q u e s í e s r e a l i d a d q u e “h a y m u l a t a s q u e p a r a n e l i c i a s i t o” o m e n z ó m i p a s i ó n p o r t u m a d r e. L u e g o, v a x q u e f u e r o n n u e s t r o s v e c i n o s, c o m e n z a r o n m i s d e s a f u e r o s y m i s p e r s e c u c i o n e s s i n d e s c a n s o d e t r á s d e l a m u l a t i c a: a p i e, e n b i c i c e n g u a g u a; y o l a p e r s e g u í a c o m o f u e r a. M i l e s d e v e c e s t r a t é e n v a n o d e e l p a p e l d e p a d r e, e n s u s j u e g o s a l a s c a s i t a s, p e r o, ¡q u é v a!, n o m e d e j a b a n a r r i m a r m e, h a s t a q u e u n d í a l e t i r é u n p a p e l i t o p o r a r r i b a d e l a c e r c a, e n o q u e l e e x i g í a u n a r e s p u e s t a, y c u a n d o e l p a p e l i t o r e g r e s ó p a r a e l l a d o d e a d e n u e v o, l a r e s p u e s t a f u e ¡s í! H a b í a m o s c o m e n z a d o, s i e n d o d o s c h i q u i n u e s t r o n o v i a z g o. I n m e d i a t a m e n t e d e s p u é s s e h i z o d i f í c i l v e r n o s, c o g l a s m a n o s a u n q u e f u e r a, d a r n o s u n b e s i t o, q u e v e n e n v e n a n d o, d e t o d o d e f o r m a c l a n d e s t i n a, t o d o e n s i l e n c i o, t o d o s i n q u e n a d i e l o s u p i e r a, q u e a q u e l l o, e r a c a s i c o m o q u e r e r t a p a r e l S o l c o n u n d e d o.

C u a n d o s e m u d a r o n h i c i e r o n a m i s t a d c o n m i s h e r m a n a s, j u g a b a n c o m u ñ e c a s y a l a s c a s i t a s, y o s i e m p r e q u e r í a j u g a r c o n e l l a s. P o r l a t a r d e j u g e n l a c a l l e O r o s i a, l u e g o m u c h a s v e c e s v e n í a n p a r a m i c a s a a oír u n p r o g r a m a d e d a n z o n e s d e B a r b a r i t o D i e z, q u e n o s g u s t a b a m u c h o.

Y a p r o v e c h a b a c u a n t a f i e s t a s e h i c i e r a e n s u c a s a p a r a b a i l a r c o n e l u n o s b u e n o s b o l e r i t o s o d a n z o n e s, q u e a d i f e r e n c i a d e l a m ú s i c a m o d e r n a b a i l a b a n b i e n a p r e t a d i t o s, s a c á n d o l e b r i l l o a l a h e b i l l a d e l c i n t o, ¡q u e a q u e l l o!; a s u m a d r e, F e l i c i a, l e e n c a n t a b a n l a s f i e s t a s, s o b r e t o d o l a s q u e d e d i c a b a n t o d o s l o s a ñ o s e l 7 d e S e p t i e m b r e a v e l a r l a C a r i d a d d e l C o b r e; a e l l a i b a p r á c t i c a m e n t e t o d a l a g e n t e d e l b a r r i o, l a c a s a s e l l e n a b a s e h a b í a a l q u e h a s t a l e d a b a e l s a n t o y t o d o, d e a q u í q u e m u c h o s a ñ o s m á s t a r d e, e s c r i b i e r a m i p o e m a e l l a s e l o p e d f”.

Día de la V irg en C a c h i t a  
 E n g a l a n a d o e l a l t a r  
 Q u i z á s f a l t e e l p a n u n d í a  
 P e r o e l 7 d e S e p t i e m b r e  
 S e t i e n e q u e e l e b r a r.  
 N o c h e s i n a g u a y s i n r a y o s.  
 H a y p o n c h e, c e r v e z a y r o n  
 B a i l e e n c a s a d e l t o c a y o  
 y m ú s i c a p o r m o n t ó n

H a s t a q u e a p a g u e n e l r a d i o.  
 S e o y e n e l b a r r i o l l a m a r  
 B e r t a, ¿e s t a n o c h e d ó n d e v a s?  
 V o x c a s a d e F e l i c i a  
 Q u e v e l a n l a C a r i d á.  
 F e l i c i a e s e d í a a C a r m i t a  
 N o l a d e j a n i j u g a r  
 P r i m e r o a p l a n c h a r s e e l p e l o  
 o m e j o r d i c h o l a p a s a

H i s t o r i a d e l e s t r a t e s

y lu eg o si n per der ti em po	T ú sa b es lo q u e te pi do
H ay q u e b al de ar bi en la c asa.	Y ó lo q u i e ro u n a c o sa.
L leg a la g en te a re t az os	C ac h it a, mi ra pa q u í
¿C ré du los? ... y men ti ro sos	A tí en de me en est e ra to
b lan c os, mu la to s	V ees t e g al leg o sa to
y n e g ro s mu y em pol v a os	L o q u i e ro só lo pa mí.
to s q u i e ren b ai lar	A fín se ac ab ó la c o sa
to s q u i e ren sal ir ja los.	V ay a el san to a desc an sar.
F el a ap ag a ese ra dí o	A pri e ta mu y su av em en te
Q u e fa l tan tres pa las doc e	El g ai to a su mu la tí c a
¡Un f ó s fo ro c ab al le ros!	G rac i as V ir g en
¿Y a mi q u i én me da c an del a?	Sé q u e h a le í do mi men te
T oda de b lan c o C ac h it a	G rac i as C ari dad b en dí ta.
Su man to de b u en a tel a	H oyl lan o c ree en los san to s
F ren te al al ta ren si len c i o	L a mu la ta es c omu ní ta
P ren de C ari ta a su v el a.	P e ro al en trar en la c asa
C ari dad v ir g en b en dí ta	P ara ser ag ra dec í da
De to das la más h e r mo sa	M i ra si em pre a su C ac h it a.

Despu és de tan ta s n e g a ti v as y opo si c i on es por par te de mi s ab u el os p tern os se c a sa ron y ac tu al men te lle van más de 38 años de ma tri mon io. ¡Q fel i c i dad! Est a es la poe sía más rel e van te de mi pa dre. Cu a se re ún e la fa mi lia, me pi den q u e rec ite la poe sía de C ac h it a.

P e ro su n ost al g í a por mi madre, lo ac om pa ñó h a sta en los dí as de su par tí da para la R e p ú b l i c a P o p u la r de A n g o la al ser desi g na do para cu mi si ó n i n tern a c i on al i st a c o mo mi emb ro de las F u e r z as A r ma das R e v n a r i a s ( F A R ).

A q u í le esc ri b e un poe ma don de c on él ~~de más~~ <sup>de más</sup> las c u a l i - dades de est e g al leg o c on al ma de poe ta.

M I M U L A T A L A B R U J E R A

Si oy es de c i r por ah í	f u e si em pre mi c om pa ñ e ra,
q u e de mi h as est a do au sen te,	f u e u n a dí ó s to do v i r i l,
d í le q u e es men tí ra v i l	f u e u n su e ñ o de los may o res,
y de ja q u e y o te c u en te.	f u e mi ra de mí f u sil,
V i mos ju n to a G u i n e a,	f u e la flor de mi s a mo res.
v i mos man g os y pa la res	L leg a ste c on mi g o a L u an da,
y a los b a r c os pe q u e ñ i to s	a M o x i c o, a C a tu mb e la,
y a las n e g ras en la espal da	a L u i o, al L u an g u i n g a,
c a r g an doc on su s n e g r i to s.	al G a g o, a L o b i to, a B e n g u e la.
T u a r t a, c a r t a p r i m e r a	F u i s t e t a m b i é n a C a n g a m b a,
q u e l leg a ra an tes del v u e lo	a S e sa, H o q u e, C a ma,

a M ox amedes, a H u ila,                      rec orri eron l a f ron t era,  
a C asi n g a, V iri amb u n do.                mi s b al as y mi mu l at a,  
M i f u sil y tu c i n t u r a                      ¡L a q u e q u i e r o. L a b ru j e r a!

## ¡L U Z P A R A O T R A C R I A T U R A !

Era u n o de l os pri meros días de En ero, ex ac t amen te el día 4 de 1951, est an do mi ab u el a pat ern a (Bl an c a) sol a en c asa, c asi a pu n to de dar a l u z su terc era h i j a se le presen taron u n os dol ores terri b les. P arec e q u e se ac erc a al momen to de sol tar su c ri at u r a de su v i e n t r e. En aq u el b arri o t an apart ad al ej ado de todo n o h ab ía más q u e u n a c omadron a. T rat aron de av i sar l a de i n medi at o y ell a le di j o: “Bl an c a, c on f íe en mí. Ust ed v erá q u e todo sal drá b i e A l men os i n t en t aré sac ar l e l a n i ñ a h ast a q u e pu edan i r l u e g o para u n h o

A sí f u e c omo le prepararon l a mesa de l a c o c i n a. C oloc aron en c i ma de ella u n os papel es y s áb an as b l an c as. L os dol ores y l as c on t r a c c i o n es i b c remen t án dose h ast a q u e de u n b u e n pu j o sal i ó l a q u e s u e ñ a n i ñ a; se l l an t o y mi ab u el a l len a de al e g r ía l a b e s ó. Est a n i ñ a l a n omb raron Dan i a de M erc edes Á l v arez M arín , a q u i é n c a r i ñ os am en te le dec i mos Dan i. Es l a me de l os tres h i j os de mi ab u el a.

C u b a, además de ref u g i o para est e g ru po de emi g ran tes españ ol es del sig lo pasado, h a serv i do para en r i q u e c er aún más l as h i st orias de mi fami l i a pat ern a. R eal men te n o h a resu l t ad o f á c i l para el los, ni para n osot ros, h i j os ni et os ol v i dar su pasado.

## ¿Q U É N O S A B E A A N Ó N ?

M i ab u el a pat ern a en u n a oc asi ó n , reu n i dos todos en su c asa, pl an t e i b a a realiz ar u n b at i do de u n a fru t a c u b an a mu y del i c iosa l l amada A r

P rest ay di spu est a f u e para l a c o c i n a a prepar ar el del i c ioso b at i do. C u an si rv i ó el b at i do a todos los al l í presen tes, h i j os y ni et os le di j eren : “M i ab u el a, est o n o sab e a A n ó n ”. A b u el a, q u e n o da su b r a z o a t o r c e r f á c prob ó u n sorb o y repl i c ó c on u n a p r e g u n t a: “¿Q u é n o sab e a A n ó n ? ”. t amen te al g u i e n se di o c u e n t a q u e l a masa de fru t a en c u est i ó n reposab a pl at o q u e est ab a en l a c o c i n a y q u e é s t e n o h ab ía v i st o l a b at i dora aún . C mi ab u el a se perc at ó de est o q u e r í a q u e l a t i e r r a se l a t r a g a s e. A h o r a h i j os, n t os y b i s ni et os c u an do le q u e r e mos dec i r t e s t a r u d a c on di si mu l o le dec i “¿Q u é n o sab e a A n ó n ? ”.

O j a l á c on est e t r a b a j o se h a y a n c u m pl i do mi s ex pec t at i v as, al t r a n t i r l e l as h i st orias más rel ev an tes de mi fami l i a pat ern a. L os du ros momen tos en fren t ados por mi s ab u el os, mi padre y mi t ía Bl an q u i, du ran te su t r á n s i t e emi g rac i ó n h ast a l a i s l a serán t r a n s m i t i dos de g e n e r a c i ó n en g e n e r a c i ó n



est e u n m i t o o u n a l e y e n d a d e l a f a m i l i a q u e l l e v a r e m o s s i e m p r e p r e s e n t e p e n t a g r a m a d e n u e s t r a s a l m a s .

Q u i e r o a d e m á s , c o n e s t e t r a b a j o r e n d i r l e u n m e r e c i d o h o m e n a j e a l a m o r i a d e m í q u e r i d o a b u e l o S a n t i a g o , o r i u n d o d e L e ó n . A t í , a b u e l i t e s f u e r z o y s a c r i f i c i o r e a l i z a d o p o r l o g r a r l a r e u n i f i c a c i ó n d e l a f a m i l i a t o d a s l a s a d v e r s i d a d e s e n c o n t r a d a s e n e l c a m i n o . P o r t u v a l e n t í a d e s e g u i r a d e l a n t e . P o r t u s a n s i a s d e t r i u n f a r y v e n c e r , e s q u e m e h e a t r e v i d o a p a q u í l a s h i s t o r i a s m á s s i g n i f i c a t i v a s d e l a f a m i l i a , a l a q u e c o n t a n t e p e r t e n e z c o .

**Santiago Álvarez Martínez, un gran boxeador en los años 30**  
**QUIERE FORMAR UN EQUIPO DE PUGILES BERCIANOS, PESE A SU EDAD: 72 AÑOS**

Nació en el Lago de Cuzco y pasó en Cuba casi toda su vida. Tiene ahora 72 años y está lleno de recuerdos. Fue campeón del mundo de Panamá, campeón de Sur y Centroamérica, y en España, campeón de Castilla. Luego como árbitro en Centroamérica y Cuba, cuando su vida deportiva Abasco, se regresó a la patria, se estableció en Ponferrada y ha estado —a instancias de amigos que saben de su valor— montando gimnasios para enseñar a los jóvenes jóvenes, potentes, duros, que está fúcido y con ánimo para poder hacer valerosos combates de triunfo en el boxeo. Charlas con él, porque es un hombre entusiasta, pero ameno e interesante.

—¿A qué edad le llegaron a Cuba?  
 —Cuando tenía 18 meses. Luego regresó y estuvo en España hasta 1942. Ahora puedo de recordar al Barça.

—Háblame de su vida deportiva.  
 —Empecé como amateur en Cuba, en 1925, en la categoría del peso gallo. Al año después, como profesional, y después, al hacerse estrella, fui a Panamá, Jamaica, Colombia, Venezuela, Costa Rica, Honduras, San Salvador, México, Argentina. Luego pasó a España, primero en Madrid, luego, Beach, después Uckermark en el cuarto puesto de los 10 mejores pesos pluma del mundo, según la revista "The Ring" editada en Estados Unidos. Vine a España a hacer el equipo militar en La Coruña. Luego en la plaza de toros, con Luis López Moreno del Aljarafe, luego en Madrid, cuando el campeonato de Castilla ganó al campeón de Castilla, el mítico del Aljarafe y acabó la guerra y no pudo poner en juego el título. A decir verdad me lo perdí. Sin embargo, tenía firmado un contrato con Tacho Bara y con Joaquín Ortega, gimnasta granada en España, por aquel entonces y no pudo pagar. Incluso tenía firmado tres contratos en el Madrid de Siquero Quesada, de Nueva York, pero no pudo ir, por la guerra. Al final de la guerra, volví a Ponferrada, inaugurando una mina con los hermanos el Villarón, luego en Léiza y en M.S.P. Luego me fui a Francia y al año siguiente a Cuba. En marzo de 1981, regresé definitivamente a Ponferrada, donde me quiero quedar.

—¿Qué ilusión tiene en la actualidad?  
 —Pasa que pasa a mi edad.

—¿Qué desea que le ocurra en el futuro?  
 —Que los jóvenes se animen, que entrenamos y pueda de trabajar y estar dispuesto a enseñar al boxeo. Que me sea posible enseñar, ayudar.

—¿Y "Kiki" o algún otro con posibilidad?  
 —Algunos. Valgo por recomendar a un joven que trabaja en una mina y tiene una gran paciencia. Se llama José, pero podría ser Juan, José, José Luis Sáenz, presidente de la Federación Leonesa de Huelva, me proporcionarían relación de jóvenes dispuestos a hacer boxeo. Veremos si entre todos hacemos algo positivo.

Vallellano

LEÓN, martes, 17 de agosto de 1982

Certificado Médico Oficial  
 Colegio de León

Don Manuel Flores Pital Licenciado y Jefe local de Sanidad en Boicinas y Cirugía, con residencia en Ponferrada, inscrito con el número 1008 en el Colegio Oficial de Médicos de esta Provincia.

Certifico que reconocio Don Santiago Alvarez Martínez, de 70 años con residencia en Ponferrada, refiere que en 1936 fue herido en brazo izquierdo, en 1937 frente de Madrid fue herido por metralla en muslo izquierdo y en cabeza en el frente de Guadalupe.

Hoy presenta osteoartritis en codo izquierdo, y parálisis en muslo izquierdo de un ligero impedimento funcional.

Y para que así conste donde convenga, y a instancia del interesado expido el presente Certificado en Ponferrada a dieciséis de Febrero de mil novecientos ochenta y uno.

F o t o c o p i a d e l c e r t i f i c a d o m é d i c o o f i c i a l . E n e l m i s m o s e h a c e r e f e r e n c i a a l a s h e r i d a s o c a s i o n a d a s a m i a b u e l o d u r a n t e s u s e n f r e n t a m i e n t o s e n l a g u e r r a .



E n t r e v i s t a c o n e d i d a a m i a b u e l o e n E l d e L e ó n , e l m a r t e s 17 d e A g o s t o d e 1982 .

D e i z q u i e r d a a d e r e c h a ; B l a n c a , m i a b u e l a , B l a n q u i m i t í a , S a n t i a g o , m i p a d r e , y m i a b u e l o .

H i s t o r i a s d e e m i g r a n t e s



M i ab u el o j u n t o a m i p a d r e e n P o n -  
f e r r a d a .



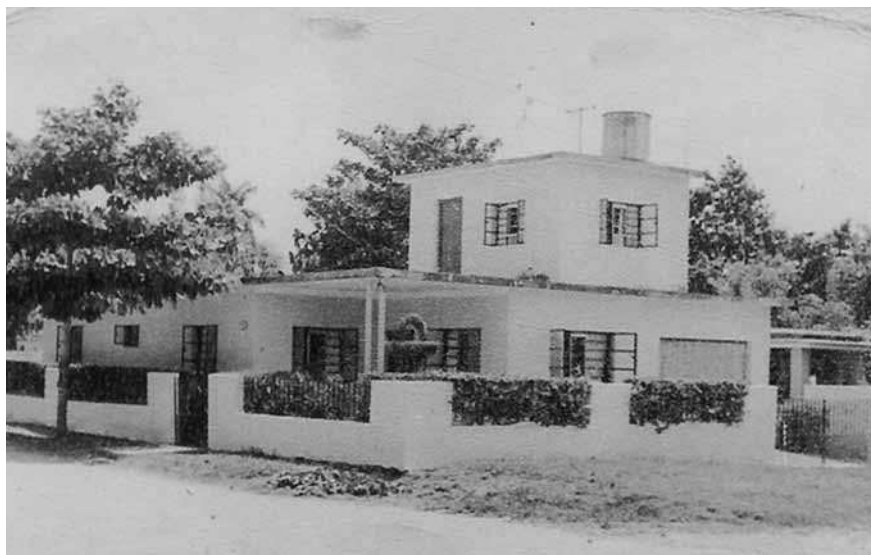
D e i z q u i e r d a a d e r e c h a ; I s a b e l , P e p a , R o g e l i a  
(h e r m a n a s) y m i a b u e l a B l a n c a .



V i s i t a a E s p a ñ a e n e l a ñ o 1999. D e i z q u i e r d a a d e r e c h a ; A r a c e l i , B l a n q u i m i t í a , t í a  
R o g e l i a h e r m a n a d e m i a b u e l a y m i a b u e l a B l a n c a .



En el lu g ar señ alado era don de se en c on t rab a el paj ar. De iz q u i erda a derec ha; J osé M an u el esp o  
l a t ía J osef it a, Bl an c a mi ab u el a, t ía J osef it a y l a t ía Bl an q u i .



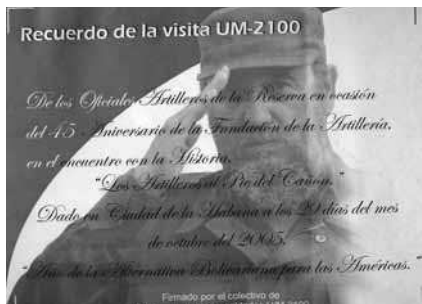
C asa de mi s ab u el os, c on st ru i da poc ova p o c u o a l í e g a r o n a C u b a, en el repa r t o P a r a j ó n ,  
mu n i c i p i o B o y e r o s .



El que se señala es mi padre, cuando trabajaba en los Talleres Oromacem de Candeleda.



De pie, el tercero por la izquierda es Choptay y las maestras al fondo: María Álvarez Ríos, la Directora de la escuela y Teresita Plá. El que se señala es mi padre y a su lado Estrelita.



Doc u men t os person al es de mi padre c omo mi l i t ar.



T í a Bl an qu i en l os fest iv al es de b a í l e en l a esc u e l a.



M u j e r e s y n i ñ o s de A n g o l a c e r c a del c a m p a m e n t o m i l i t a r e n e l q u e e s t a b a mi padre.





P ai sajes de A n g ol a.



M padre y al g u ntos u ompañeros en A n g ol a.



De iz q u i erda a derec ha; t ía Dan i, mi madre, mi ab u el a Bl an c a, Y ari t z a l a au t ora de est e t rab a j o y t ía Bl an q u i.





# Diario del viaje a América

San tiago Álvarez <sup>1</sup>Marín

Soy natural de Madrid (España), aunque viví un buen tiempo en Prada, León, mi padre y los dos abuelos paternos eran naturales de Lago de Carucedo, León. La causa de nuestra emigración fue la terrible persecución que fueron sometidos los combatientes de la República cuando el guerracón la victoria del Franquismo. Hemos vivido en Francia y en Cuba como emigrantes en un segundo grado, terminé los estudios primarios secundarios y tecnológicos, además estudiaba arquitectura en la escuela de Artes y Oficios en la ciudad de La Habana. He trabajado como molinero y eso y recuadrador de ornamentación, Miembro de las FAR, Jefe de Recursos Humanos de la empresa Eproel ec, Jefe Comercial y segundo jefe de un almacén municipal de alimentos, Jefe de Seguridad y Protección de Alimentos Universales S.A. y profesor universitario.

## INTRODUCCIÓN

Quizás los que en el presente han vivido muchos años al ejados de los que los visionar, no sepan la importancia que representa para una persona después de tanto tiempo, volver a la vida real tan como sus años, de niño, de joven, de adulto, de persona mayor o de la tercera edad, y al fin, verte montado en un avión que en unas horas ha de llevar te hasta donde después de haber transcurrido más de medio siglo, te esperarán serás que te queridos que añoran verte. Es por eso que con este trabajo, quiero hacer públicos esos sentimientos y contribuir, modestamente, a que se comprendan en el mundo entero, que a nadie se le debe privar del derecho de vivir en su tierra y junto a los suyos. Quien lea este diario, podrá percibirse que el pasado de volver

<sup>1</sup> El autor de este relato fue premiado con una Mención Especial en la primera convocatoria del Premio Memoria de la Emigración Castellana y Leonesa (editado en 2010) por su relato "Cruzando los Pirineos". (N.E.)

Historia del autor

c on oc er mi pa ís, de n o per der me n i u n det al le del v i aj e, pu di eron v en c er si v el su e ño de v ari os d ías y c on v en c er me y o mi smo q u e n o e ra u n su e ño n i si n o real i dad, q u e pi sab a el lu g ar en q u e n ac í, don de di mi s pri meros p don de apren dí a ju g ar y a q u erer.

¿Q UIER ES IR C O NM IG O A ESP A ÑA ?

Un día de marz o, n o rec u erdo b i en , pero de los pri meros, est an do c on v en san do c on mi madre en la c oc i na de su c asa me di c e: “San ti, t en emos q u e ir a España a arreg lar lo de la pen si ón de si p ó (¿ú q u ieres v en ir? A l g o así c omo u n tru en o me sac u di ó de arri b a ab a j o, u n a sen sac i ón ex tra ña se f u derado de mí, y mi madre me mi rab a y y o si n poder c on test ar, h ast a q u e le di j e: “C ómo t ú ve as preg u n tar a u n o q u e se est á ah og an do si se q u iere sal v ar. Y c omo di c e el refrán q u e del di c ho al h ec ho n o h ay más q u e u n tru man os a la ob ra y c omen c é a dar mi s pri meros pasos para ag en c iarme j lo q u e h a c on st i tu i do el may or su e ño de mi v i da!

ESP A ÑA OAY BUSC A R T E

L a H ab an a, ju ev es 2 0 de may o de 1999. Despeg amos a las 2 1:52 . P or au di o an u n c iaron q u e el v i aj e a Barc el on a demorar ía oc ho h oras y c u mi n u tos a u n a v el oc i dad promedi o de 90 0 K m/h . A las 2 2 :0 5 se n os pe las lu ces de C ub a, ah ora son las 2 2 :10 , mamá medi o q u e se q u iere de Bl an q u e di c e: “mi ra el esc ri tor”. ¡T odo de raga c omo di c en los ñic as 2 2 :10 en la pan talla q u e tien e den tro el av i ón te pon en u n mapa y u c i to q u e te se ñal a por q u e l u g ar ex a cl t a n o j e t, e y a n os rep art ieron los au dí fon os pero aún no y sa ada, v amos por en c i ma de la isla de A n - dros v el oc i dad 1.0 0 5 K m/ds an u n c iaron lac en a. P ri mera h ora de v u el o 2 2 :52 V el oc i dad 10 11 K m/h , y a sal imos, al A tlán tic o ab i ert o, alt

<sup>2</sup> Nota: c on el fin de h ac er c ompren si b les las n ot as de este di ari o, rel ac i on o los n b res y los paren tescos de los person ajes q u e más ap arec en en el mi smo. El au tor: San ti ag o Álv arez M arín (mi s fami li ares *fratres*); *Mina*: mi madre; Bl an c a L u isa M arín G ri ñán : c ompañera de v i aj e; *Bl an c a Álv arez*: mi h erman a y c ompañera de v i aj e; *uisó*: *L uisit* sob ri no, h ijo de mi h erman a *Bl an c a* sob ri na de mi madre, q u ien tu v vo *cu e* h o en su c *fratres* h erman a men or de mi madre *sefita* h erman a men or de mi padre *esé* *Manuel* espos o de mi t ía J osefín *Araucelita*: h ija de mi t ía R og el *Antonio*: espos o de mi pri ma A rac el *Rubén* e *Iv án* h ijos de A rac el it a y de A n t on *Enríca*: h erman a de mi papá *Carlos J ulio* y *Marta*: ami g os de mi sob ri no L u i - si to. (N.A .)

<sup>3</sup> El au tor del rel at o h ac e referen c i a a u n a ex presi ón v u *ligca* n úcyamg üen se ( sig n i fic ado aprox i madó *sestap endo!* (N.E.)

Di ari o del v i aj e a mi t i erra n at al

8.50 0 m, temperatu ra ex t eri or 32 g rados C , temperatu ra i n t eri or más de 2 2 g rados C . T omamos un refri g eri o, man í en paq u eti c os, mamá un ref resc o de pi ñ a. Bl an q u i <sup>4</sup> *aybolt*, y ou n ron c on h i el o y limón . A l tu ra de v u el o 2 8.0 0 C . Seg ún el c api t án l leg aremos a Barc el on a a las 12 .32 (h ora l o c al ). C u ri osi d ad H o h ac e 18.196 días q u e l leg amos a C u b a.

Seg un da h ora de v u el o: t ermi namos de c en arc on t rami n] da j o d e d e r a [ pu es al ab ri r l a c rema del c af é me c ay ó en c i ma de <sup>5</sup> *abon añu el me* v i o, en t on c es l e di j e: “V amos al l e g ar h ec h os un a mi e r d a r, pero c on t en t o d ad?” y l a ri s o t a d a f u e d e l c a r a j o . A n t e s m a m á s e o r i n ó e n e l a s i e n t o , m e d i j o “e s o n o l o p o n g a s e n e l d i a r i o ” . L a c e n a f u e : p o l l o , a r r o z a m a r i l l o , p o q u i t o c pi mi en t os pi c adi t os, en sal ada j c on un c amarón y un a ac e i t u n a n e g r a r i c a ! Y a d e m á s q u e s o , m a n t e q u i l l a , p a n , u n a s g a l l e t i c a s c o n c r e m a y d e v a s o s d e v i n o t i n t o p a r a e n t r a r V e n o y a j m . d o a h o r a a B e n y M o r é , v e l o c i d a d 990 K m / h . V e c i n o d e v u e l o u n c a t a l á n a m i s t o s o y s i m p á t i c c o m e n z ó a p r o y e c t a r s e e n l a p a n t a l l a e l d e s f i l e d e l P r i m e r o d e M a y o . 0 0 : l c a s i t o d o s d u e r m e n , m a m á y B l a n q u i t r a t a n d e d o r m i r , e l c a t a l á n s e d u r m i t a m b i é n . E n m i r e l o j p o r l a h o r a d e C u b a s o n l a s 0 2 : 5 5 , p e r o y a a m a n e c i ó , l a m o s s o b r e u n c o l c h ó n d e n u b e s y m i n u t o a m i n u t o e l S o l s e h a c e m á s B l a n q u i d e s p i e r t a , m a m á d o r m i d a . E l c a t a l á n n o h a v u e l t o a a b r i r l o s o j o s . E l a p a n t a l l a u n a p e l í c u l a q u e c o m o p u r g a n t e n o t i e n e p r e c i o .

S e x t a h o r a d e v u e l o : t o d o n u b e s , p e r o c o n m á s s o l , m a m á d u e r m e , B l a n q u i y y o d e s p i e r t o s . A h o r a n o h a y n a d a e n l a p a n t a l l a , q u é g = a n a s t e n v u e l v a a s a l i r e l m a p a . 0 4 : 2 8 e n m i r e l o j , a B l a n q u i s e l e p e r d i ó e n a r e t e q n o a p a r e c e n i p o r a r r i b a n i p o r a b a j o . E n l a p a n t a l l a n a d a . D e b e f a l t a r h o r a m e d i a d e v i a j e . E l a v i ó n t i e n e t r e s h i l e r a s d e a s i e n t o s , l a s h i l e r a s p e g a d a s a l a p a r e d e s d e l a v i ó n t i e n e n t r e s a s i e n t o s , l a h i l e r a d e l c e n t r o t i e n e c u a t r o a s t o s , p e r o e l e s p a c i o e n t r e a s i e n t o y a s i e n t o e s m u y e s t r e c h ó , m u y i n c ó m o d o 0 4 : 3 5 ( h o r a d e C u b a ) : 1 0 : 3 0 h o r a d e B a r c e l o n a , d e n t r o d e p o c o n o s d a r á n u r d e s a y u n Y o . x o l v i ó a s a l i r e l m a p i t a , e s t a m o s p e g a d i t o s a E s p a ñ a .

0 5 : 1 3 ( h o r a d e C u b a ) : 1 3 h o r a d e B a r c e l o n a , o l a m o s u n a t u d e 1 0 . 6 3 7 m , t e r m i n a m o s d e d e s a y u n a r y e z a t c a r e m i t a d e l c a f é , m e m e o ! V i m o s p o r u n b u e n r a t o e l m a r y u n b a r c o . A l a s 0 5 : 1 8 e l a v i ó n e n t r ó e n e s t a m o s a t r a v e s a n d o P o r t u g a l y E s p a ñ a r u m b o a B a r c e l o n a . D e s a y u n o : p i ñ a , p e r a , m e l o c o t ó n , m e r m e l a d a d e f r e s a , u n b o c a d i t o d e q u e s o , u n a a f r i c a n a , j u a g u a f r í a y c a f é c o n c r e m a . D e s d e a q u e d o j d e a s t a l o s á r b o l e s , l a s p r e-

<sup>4</sup> R e a l A c a d e m i a E s p a ñ o l a . *Del i n g l . h i g h b a l l . A m . C e n . , A n t . y M e b i d a* c o n s i s t e n t e e n u n l i c o r m e z c l a d o c o n a g u a , s o d a o a l g ú n r e f r e s c o q u e s e s i r v e e n v a y c o n h i e l o . ( N . E . )

<sup>5</sup> B r a g u e t a . ( N . E . ) .

sas, los ríos, pu eb los, c arret eras. 0 5:50 / 11:50 , pasamos por el n ort e de T ol edo aq u í se enu c h a más u rb an i z ac i ó n . P asaremos al su r de M adri d, v el oc 892 K m/h , al tu ra 10 .667 m. 0 5:55/ 1:55 su r de M adri d, h ay u n río q u e ru t a a Barc el on a, lu eg o v eré c u al es. 0 5:58/ 11:58 n ort e de C u en c a, v e 885 K m/h . 6:0 2 / 12 :0 2 at rav esamos el río c u an do b aja de n ort e a su r. A v ol amos sob re mu c h as n u b es b lan c as d e t a i e r r a . M e amá ec h an do u n su eñi t o c on l a b oc a ab i ert a.

## BA R C EL O NA

¡L i st os para at erri z ar en Barc el on a! v l a o d a l a s e o s t a y l a c i u d a d , “b e l l í s i m o ” . a m b i é l a h o r a d e m i r e l o j y d e l d e m a m á m e c h a s d á r s e n a s c o m o l a d e V a r a d e r o , m u c h a s m o n t a ñ a s . 12 : 2 7 , e l a v i ó n s a c ó e l t d e a t e r r i z a j e . A h o r a s e c h a p l a y a a d i r ó a v i ó n s a l i e n d o y e l n u e s t r o c o g e e l m a r p a r a d a r l a v u e l t a . ¡Q u é v i s t a m á s l i n d a d e t o d a l a c i u d a d ! T m o s a l a d e r e c h a t o d a B a r c e l o n a , c o n s u s c a l l e s r e c t a s , ¡T r e m e n d o p u e r t o !

12 :37: at erri z amos en Barc el on a, al l í h i c i m o s u n a e s c a l a d e a p r o x i m a m e n t e d o s h o r a s . D e s p e g a m o s d e B a r c e l o n a p a r a M a d r i d a l a s 14 : 3 2 . M a m á d o r m i d a , e s t á c a n s a d a . P a r e c e q u e p a r a M a d r i d s e s i g u e o t r o c o r r e d o r d e v u e l t o p o r q u e n o s f u i m o s p o r e l m a r . 14 : 4 2 , v e l o c i d a d 8 2 2 K m / h , c o m e n z a e n f i l a r h a c i a t i e r r a . 14 : 4 4 e n t r a m o s a t i e r r a a l s u r d e R e u s . V o l a m o s a b u e l t a l t u r a y s o b r e n u b e s s u e l t a s , p e r o v a m o s v i e n d o l a t i e r r a , l o s c a m i n o s , r r e t e r a s , l o s p u e b l o s , h a s t a l o s á r b o l e s . N o s a c e r c a m o s a M a d r i d p o r e l n o r t e d e C u e n c a , v e l o c i d a d 6 6 8 K m / h , a l t u r a 5 . 8 0 0 m . 15 : 0 3 a h o r a v a m o s p o r e d e l a s m o n t a ñ a s , c o n m u c h a v e g e t a c i ó n , n o s i n d i c a r o n p o r l a a m p l i q u e n o s a b r o c h á r a m o s l o s c i n t u r o n e s , q u e d e n t r o d e p o c o a t e r r i z a r í a m t e m p e r a t u r a e n M a d r i d e s d e 2 0 g r a d o s C . U n r í o g r a n d í s i m o , 15 : 0 7 l o s o b p a s a m o s , c o m i e n z a e l d e s c e n s o , b a n q u e o a l a d e r e c h a , n o s a c e r c a m o s a r í o , 15 : 1 0 , s a c ó e l t r e n d e a t e r r i z a j e a M a d r i d , s e g u i m o s b a j a n d o , s e v e m u c h o s p u e b l o s l i n d í s i m o s , o t r o b a n q u e o a l a d e r e c h a . 15 : 1 5 : ¡ E s t l l e g a n d o a l a t i e r r a q u e m e v i o n a c e r !

## M A D R I D

¡15:20 M adri d! , al fin l l e g a m o s , l o s t r á m i t e s e n e l a e r o p u e r t o f u e r o n p i d í s i m o s , p e r o l a s m a l e t a s s e d e m o r a r o n u n m u n d o . A l f i n s a l i m o s y s ó l o n e e s t a b a e s p e r a n d o L u i s i t o , e s e e n c u e n t r o f u e d e l o c u r a , L u i s i t o s e q r a t o a b r a z a n d o a s u m a d r e s i n p o d e r h a b l a r . L u e g o n o s a b r a z ó a m a m á y a r A p o c o d e s a l i r d e l a e r o p u e r t o , e n u n s e m á f o r o , n o s i n t e r c e p t ó u n m u c j o v e n t r i g u e ñ o , e l c u a l e t e n d i ó u n p e q u e ñ o p a p e l r o s a d o a L u i s i t o , e n s e p o d í a l e e r : “ S e ñ o r a s y s e ñ o r e s s o y r e f u g i a d o d e R u m a n í a t e n g o t r e s h e r m a -

*nos mi madre está operada no tengo casa duermo en la calle con mis hermanas ayúdame para comprar una tienda de campaña que vale 5.995 pesetas no tengo dinero para comprarla por favor por amor de Dios ayúdame con 1 0 0 ó 2 0 0 pesetas un millón de gracias* u i s i t o l e d i o 10 0 pesetas.

En su carro dimos mil vueltas por todo Madrid, ¡Estonime lo imagino! , hay miles de carros, todos nuevos, y los carros y las motos andan a millón. Vimos Las Cibeles, La Puerta de Alcalá, La Gran Vía y luego Carlos Julio y la señora a tomarnos unas cañas en un bar. Allí aprobé en una corrida de toros desde la plaza de Madrid en directo por televisión. Llamé a Froilán, nada, con Araceli no hemos podido hablar, hablamos con la familia Niña. El aeropuerto de Madrid es inmenso y el parque es un parque de diversiones. Por la tarde con Carlos Julio, el amigo de Luisito, recorrimos todo Madrid buscando el “hostal”, chocamos con un tranquerán dísimos le llaman atascó, al fin llegamos al hostal Chocolate, con su viejito Sermán diez Martín, que vino de Castilla a una gestión hace un montón de años y oyó que edó en Madrid. Por la noche Blanca y mamá, Luisito, y yo bebíamos y nos fuimos a cenar al bar Okayama, al lado de la casa de Carranza nº4, que rico, todo caliente, todo pronto, mamá comió y tomó hasta vino.

Madrid, sábado 22 de mayo. Nos levántamos después de las diez de la mañana, merecíamos este descanso y me lavé, mamá se bañó, por cierto como la bañadera es muy honda tuvimos que ayu darla para entrar salir. Después fuimos con Luisito a buscar el carro al parque, recogimos a Blanca y a Blanca y nos fuimos para casa de Araceli, ¡Feliz Encuentro! Hoy de todo y de todos. Luisito hizo café que lo tomamos con leche con azúcar. Araceli y Luisito se comieron los que mamá trajimos de Cuba, después salimos y fuimos a parar al “Museo del Jamón”, un bar que en Madrid y nada menos tiene todas sus paredes interiores tapiadas con jamón es “patronegra an da” y nos tomamos dos cañas cada uno, menos Araceli y mamá, y nos comimos un buen tremés de chorizo y jamón y luego Luisito y yo fuimos a parar al bar del tío de Nelson, Agustín, que está en el final de la calle de las Postas; y la Puerta del Sol, cuando llegamos había un ocón un agc an tan do flamenco para recoger dinero con un plato.

Pinchamos calamares rebosados, papas con pimiento, papas con ajillo, nos tomamos un par de cañas, si empre acompañadas también de acetunas. Resultó que hablando y hablando el tío de Nelson había estado en una

<sup>6</sup> El autor se refiere al aparcamiento (N.E)

<sup>7</sup> Fruto comestible del árbol con el mismo nombre. (N.E)

<sup>8</sup> Jamón de cerdo ibérico puro, si en do el jamón de más apreciación. (N.E)

militar donde yo también había pertenecido en Cuba, es primero de M i mulato artillero que fue compañero nuestro. En su trabajo también camagüeyano de Florida y dos dominicanos.

Lu eg o rellen os hasta más no poder, nos fue ~~para~~ ~~cosa~~ de A rac eli. A llín os sac ó polv oron es y maz apán , hicimos café, nos comi mos dulce que compró A rac eli y vimos fotos, fotos y fotos de su familia, nos sac ó un álbum con fotos viejas de nuestra familia, mamá le pidió fotos a A rac eli, como si empre, que la acompañe en todo, le regaló del álbum unafoto donde estamos nosotros al pie de la escalera de la aviación cuando vamos a Cuba, otra donde están papá, el tío Manuel y el tío Jesús y donde estamos Bl an qu i y yo pequeños con mamá y papá. Después nos fue para el host ~~ah~~ *ocolate* dejamos a mamá y fuí con Luisito a echar gasolin “me dejó botar” al cogérle la manguera de la gasolin a, un día me dijo: “u sea selección adogasolina súper, gracias le deseamos un buen viaje”, y cuando pagamos comimos en un asidería con Carlos, Luisito, e de Carlos y la señora, el menú: en salada mixta, pulpo a la gallega, pimientos rellen os, claro está y ac eitu nas con sus buenos años.

ENC UENTRO CON LA TÍA ROGELIA

M adrid, domingo 23 de mayo. Son las 12 :08 del día, hemos terminado de bañarnos y vestirn os, nos preparamos para salir para casa de A rac eli, y al llamamos por teléfono. Sergio vino para avisarnos ~~q~~ ~~amehy~~ ~~ar~~ ~~rerdsa~~ hab itación . 12 :55: llegamos a casa de A rac eli, Luisito su bió a busca Estación de A tocha, con su clima artificial, sus bosques interiores A V E, sus escaleras eléctricas por todos lados, sus restaurantes y sus g 13:57: estoy cazando el tren que sale a las 14:00 para Valencia, dice A que si no sale a la hora te devuelvo en el dinero. Salí a las 14:00 en punta A laris, Al bacete. 15:49: llegamos a casa de A rac eli, Luisito a dormir y h oyse vac on Juan Carlos para Santander y nosotros a esperar a A rac eli t A ntonio y Josefitavien dotel elev isión . ¡La Estación de A tocha es un

H ofue el encuentro con A ntonio y A rac elita, con la mamá de con la tía Rogelia, son un agente divina, estuvimos allí con ellos hasta y media de la noche. Lu eg o cenamos con A rac eli, ¡de postres con al ratocogimos un taxi y a las 22 :07 escribo en el hostal estalín

<sup>9</sup> Ex presión que seg ún la Dra. G ema Mestre Varela, correspondiente de la A c a C ubana de la Lengua, “evidencia desc on oc im ien t ~~M~~ ~~ar~~ ~~re~~ ~~V~~ ~~are~~ ~~la~~ ~~s~~ ~~i~~ ~~t~~ ~~u~~ ~~a~~ ~~c~~ ~~i~~ ~~ó~~ ~~n~~ ” ( G ema. “La adj etivación en la región cen ~~tr~~ ~~al~~ ~~de~~ ~~(~~ ~~2~~ ~~0~~ ~~1~~ ~~)~~ ~~;~~ ~~j~~ ~~u~~ ~~l~~ ~~i~~ ~~o~~ ~~-~~ ~~se~~ ~~p~~ ~~t~~ ~~i~~ ~~e~~ ~~m~~ ~~b~~ ~~r~~ ~~e~~ 2001, pág. 48). (N.E.)

Diario del viaje a mi tierra natal

chicos de A rac elita n o v in ieron , por lo tan to aún n o los con oz co. L fue por la tarde para San tan der en trelas 17:30 y las 18:0 0 con C arlos. M añan empezamos el papel eo, v eremos q u e resu lta.

M adrid, lu n es 2 4 de may o. 0 7:35: y a me b añé y me af eité, v eremos como nos resu lta<sup>10</sup> los trajin es. Se empi ez a a ex trañar a todos y a todo, hast a el gan ch ito de los oídos. A n oc h e dormí b ien pero en dos tan das con un a c v elada por el medi o de madre. 14:0 5: estamos en el apart amen to de A rac eli v in imos ella y y o del merc ado, compró de todo, q u ién pu di era sac ar un v ío. A n tes pasamos por la cerv ec ería San ta Bárbara-II, cerc a de casa de A rac eli, nos tomamos ella, un a c añá, y o dos, ~~de Maleroux~~ u a erica, con papitas fritas y ac eitu nas. Nos at en di ó un depen dien te q u e hab ía estado de lu r mi el en C ub a. A l morzamos en casa de A rac eli: sopa q u e le traj o A rac e b istec de lomo cu rti do, en salada de tomat e y bon ito, vin o con g aseosa, pan y fresas con mermelada ¡c oño! Pero lo más rico del al mu erz ofu eron los cu entos de A rac eli, cu an do su mari do v in o con un a tremen da b orrac h q u e n o era beb edor y ella, por darle un esc armi en to, le af eitó sin q u e se d c uen ta todas “su spartes”, seg ún A rac eli el despert ar fu e tremen do, di c e q u e el resto de su v ida n o v olvi ó a v ~~er~~ <sup>El</sup> <sup>Enj</sup> <sup>una</sup> <sup>oc</sup> <sup>así</sup> <sup>ón</sup> José M an u el se en c on tró un aro de esos q u e ru edan los niños en la calle y se lo traj o a A rac y ella pen só h e v u ~~el~~ <sup>oz</sup> <sup>o</sup> <sup>ra</sup> <sup>edad</sup> de niña o q u e es lo q u e está pasan do, en ton ces, por la tarde del sig u ien te día, cu an do lleg ó su esposo del trab aj la en c on tró toda desn u da, con un laz o en la cab ez a y ju g an do con el a le hab ía traído el día an terior.

En otra oc asi ó n sorpren dió a José M an u el en la play a dón de c lases de n atac ión a un a “chica”, ella se acerc ó y le metió v ari as vec es la cab ez a del agu a, mi en tras le dec ía a la chica así n o lo hag as, así n o lo hag as, ¡Q A rac eli!, sin du da, ella eq u iv oc ó ~~su~~ <sup>de</sup> <sup>ca</sup> <sup>d</sup> <sup>br</sup> <sup>o</sup> <sup>n</sup> <sup>á</sup> <sup>n</sup> <sup>i</sup> <sup>c</sup> <sup>a</sup> deb ió ser art ista.

C u riosidad: el termómetro de la terraz a de A rac eli, marc ab a 24 g rados c en tíg rados. A h ora en C ub a son las diez men os cu art o de la mañan a. A 16:30 b ajé a comprar los sel los para las cart as q u e deb íamos en v iar, pero tu v e q u e esperar hast a las 17:0 0 ab rían , en ton ces v i un a fotog raf ía en fren te fu i y compré un a cámara, ah ora podremos sac ar fotos. Lu eg o le pu selos sel lo a las cart as y las ec h é. Despu és nos reg resamos al host al en tax i, A rac eli. M atilde nos acompañaron hast a la calle don de tomamos el tax i. A l poc o rat despu és de desc an sar en el host al , sal imos de compras, fu imos a por un bast ón , pero mamá n o lo q u i so pu es val á mu y c aro, comparamos un j ab ón de lavar,

<sup>10</sup> Del adj et i y *umo* q u e si g n *ebñio* y del su st an *jtuna* q u e si g n *nbòfrack* era (N.E)



medi c i n a de mamá y fru t as: al b ari c o q u e s, c e r e z a s y m a n z a n a s. C e n a m h o s t a l : s o p a d e a r r o z , b o q u e r o n e s y y o g u r d e m e l o c o t ó n , m a ñ a n a l e v e n m o s a l a c o c i n a d e S e r g i o y i l a c o r r i d a p o r t e l e v i s i ó n , e n l a p l a z a e s t a b a e l R e y p e r o l a c o r r i d a f u e p o b r e. B u h o y e b, p a p e l e o y o d i r í a s a l i ó b i e n , p e r o l a c o s a d e n t a y e n t r e e l h o s t a l y l o s t a x i s e s t a m o s g a s t a n d o u n d i n e V e r e m o s c ó m o n o m a ñ a n a. E s t a n o c h e B l a n q u i c o n l a m á q u i n a d e e s c r i d e S e r g i o h i z o l a c a r t a p a r a e l b a n c o.

M a d r i d, m a r t e s 2 5 d e m a y o. M e b a ñ e a, m a ñ a 6: 0 0 e t t e r m i - n a n d o d e b a ñ a r y l a v a r s e, B l a n q u i s e b a ñ a n o c h e. N o h e m o s p o d i d o d o r m i r a l p a r e c e r p o r e l c a m b i o d e h o r a, m a m á m e l l a m ó a l a s 4: 4 0 e s o a b a d e s p i e r t o, a B l a n q u i l e p a s a l o m i s m o y m a m á, a u n q u e d u e r m e u n p o c o t a m b i é n t i e n e s u d e v a c i ó. e s t a m o s l i s t o s p a r a p a r t i r a l s e g u n d o d í a d e g e s t i o n e s. C ó m o e x t r a ñ o m i t r i b u y m i g a n c h o d e l o s o í d o s. D e s a y u n c e r c a, c a f é c o n l e c h e c o n p o r r a s, ¡ q u é r i c a s !. R e s u l t a q u e n o s a t e n e u n m u c h a c h o j o v e n , l e e x p l i c a m o s q u e é r a m o s e s p a ñ o l e s p e r o q u e l l o s m o s m u c h o t i e m p o f u e r a d e E s p a ñ a y q u e q u e r í a m o s d e s a y u n a r p o r r a s p o r q u e n u e s t r a a b u e l a n o s h a b í a e n s e ñ a d o e s o d e p e q u e ñ o s j o v e n e s e l r e s p o n d i ó: “f í j e n s e, l a s p o r r a s d e u s t e d e s n o e s t á n a q u í, p e r o y a v i e n e n c a n a n d o p a r a a c á”, y d i c h o e s o l e d i j o n o s é q u e a o t r o d e p e n d i e n t e m á s j o v e é s t e s a l t ó p o r e n c i m a d e l m o s t r a d o r y e n u n s a n t i a m é n , a l l í e s t a b a n n u p o r r a s c a l i e n t e s, ¡ q u é a t e n c i ó n !, c u a n d o p a g a m o s n o s d i j e r o n “y v e n s a y u n a r t o d o s l o s d í a s q u e s u s p o r r a s l o s e s t a r á n e s p e r a n d o”.

H o y a b l e c o n u n a g e n t e d e s e g u r i d a d d e l M i n i s t e r i o d e H a c i e n d i j o q u e e l c u r s o q u e e l l o s r e c i b e n d u r a u n m e s, q u e d a n s i e t e u o n a t u r a s: d e r e c h o, t i r o d e i n f a n t e r í a, d e f e n s a p e r s o n a l, p r i m e r o s a u x i l i o g u r i d a d t é c n i c a y s e g u r i d a d c o n t r a i n c e n d i o s y o t r a s q u e n o r e c o r d o d e l c u r s o e l e x a m e n l o h a c e l a p o l i c í a, d e s p u é s q u e c a d a a l u m n o p r e s e n t a d i p l o m a q u e l o a c r e d i t a d e h a b e r r e c i b i d o e l c u r s o. A l m o r z a m o s e n c a A r a c e l i, B l a n q u i y y o l e h i c i m o s u n a c o m p r a e n e l s u p e r m e r c a d o, e r c o s a s c o m p r a m o s b r e v a s, p a r e c i d a s a l o s h i g o s y u v a s g r a n d e s y r i c a s. C u f u i m o s p o r l a m a ñ a n a p a r a l a s c l a s e s p a s i v a s e l t a x i s t a n o s e x p l i c ó q u e a d e l a s p a r t e s n u e v a s d e M a d r i d l a l l a m a b a n a n t i g u a m e n t e “l a s 4 0 f a n e g a b o g a d o n o s a t e n d i ó d e l o m e j o r y r e s o l v i m o s l o s p r o b l e m a s, t a n e s a s í q u e e c o b a r o n 1 0 0 . 0 0 0 p e s e t a s y e l r e s t o s e l e p a s ó a n o m b r e d e m a m á. A l m u e e n c a s a d e A r a c e l i: e n t r a n t e d e j a m ó n, j a m ó n s e r r a n o y q u e <sup>11</sup> e s o, a d e m á s a r e p y a c e i t u n a s c o n a n c h o a s. A l m o r z a m o s s o p a, u n c o c i d o q u e t e n í a d e t c h o f a s, c h a m p i ñ ó n, e s p á r r a g o s, g u i s a n t e s, j a m ó n y c o m i m o s t a m b i é n

<sup>11</sup> T o r t a d e m a s a d e m a í z o h a r i n a d e m a í z p r e c o c i d a, t í p i c a d e V e n e z u e l a y C o l o m b i e d e f o r m a c i r c u l a r y a p l a n a d a q u e s u e l e p r e p a r a r s e a s a d a o f r i t a. (N.E)

chascón tomate. De postre comimos uvas y brevas, nos llenamos a reventar. Fuimos con Araceli en valetour a adonde “La Guada”, tienen cuatro pisos y aquí lo “es de madre el Almirante” de reshay de todo, pero de todo. Nos tomamos unos refrescos y yonacaña y nos fuimos para el hostal en autobús y en un taxi, cenamos en el mismo bar que desayunamos, en su mixta con acituñas y además bocaditos. ~~Es~~ ~~y~~ ~~u~~ ~~ramos~~ ~~añ~~ ~~as~~ ~~f~~ ~~o~~ ~~s~~ ~~c~~ ~~o~~ ~~n~~ ~~l~~ ~~a~~ ~~c~~ ~~a~~ ~~m~~ ~~a~~ ~~r~~ ~~i~~ ~~t~~ ~~a~~ ~~n~~ ~~u~~ ~~e~~ ~~v~~ ~~a~~.

Madrid, miércoles 26 de mayo. Son las 09:00 y a: mamá y yonosos bñamos, ahora está Blanca qui en el baño, ~~hoy~~ ~~se~~ ~~h~~ ~~a~~ ~~l~~ ~~i~~ ~~e~~ ~~v~~ ~~a~~ ~~n~~ ~~t~~ ~~a~~ ~~d~~ ~~o~~ ~~c~~ ~~o~~ ~~n~~ ~~c~~ ~~a~~ ~~t~~ ~~a~~ ~~r~~ ~~r~~ ~~o~~ ~~y~~ ~~u~~ ~~n~~ ~~p~~ ~~o~~ ~~c~~ ~~o~~ ~~d~~ ~~e~~ ~~f~~ ~~i~~ ~~e~~ ~~r~~ ~~e~~. Menos mal que anoche con las pastillas que nos dió celi pudimos dormir. Desde que Luisito se fue se nos acabó el “cachón de Hoy”remos a desayunar a casa de Araceli, dejamos a mamá con ella y luego Blanca y yonosos ~~v~~ ~~a~~ ~~n~~ ~~i~~ ~~o~~ ~~s~~ ~~l~~ ~~u~~ ~~c~~ ~~i~~ ~~o~~ ~~n~~ ~~a~~ ~~m~~ ~~o~~ ~~s~~ ~~l~~ ~~o~~ ~~d~~ ~~e~~ ~~l~~ ~~o~~ ~~s~~ ~~n~~ ~~o~~ ~~m~~ ~~b~~ ~~r~~ ~~e~~ ~~s~~ ~~d~~ ~~e~~ ~~p~~ ~~a~~ ~~p~~ ~~á~~ ~~y~~ ~~d~~ ~~e~~ ~~m~~ ~~a~~ ~~m~~ ~~á~~ ~~y~~ ~~l~~ ~~o~~ ~~d~~ ~~e~~ ~~n~~ ~~u~~ ~~e~~ ~~s~~ ~~t~~ ~~r~~ ~~a~~ ~~s~~ ~~i~~ ~~n~~ ~~s~~ ~~c~~ ~~r~~ ~~i~~ ~~p~~ ~~c~~ ~~i~~ ~~o~~ ~~n~~ ~~e~~ ~~s~~. Son las doce y veinte de la noche, acaba de dejar Antonío en el hostal, que es clase de día hemos pasado. Por la mañana fuimos y desayunamos en casa de Araceli. ¡Tremendo desayuno! Con Blanca qui al registro principal a arreglar los papeles. Fuimos y vimos el metro, estoy hecho un caballo en el metro con el planito que me dio. Después nos fuimos con Araceli hasta la última parada del metro en Aurora [sic], o algo así, allí cogimos un tren hasta San José de Vederas o Córroñ allín os estaba esperando “el gran Antonío”.

En casa de Antonío y Araceli dejamos a mamá con Rogelia, y Araceli, Blanca qui, Antonío, y yonosos fuimos a pasear al Retiro, allí tomamos unas fotos, comimos semillas de calabaza tostadas y nos tomamos una cerv ~~Malta~~ ~~a~~ ~~u~~ ~~c~~ ~~o~~ ~~n~~ ~~p~~ ~~a~~ ~~p~~ ~~i~~ ~~t~~ ~~a~~ ~~s~~ ~~f~~ ~~r~~ ~~i~~ ~~t~~ ~~a~~ ~~s~~. Después el encuentro con Iván primero y con Rubén después fue un aclase ~~de~~ ~~h~~ ~~e~~ ~~g~~ ~~e~~ ~~n~~ ~~a~~ ~~q~~ ~~u~~ ~~e~~ ~~p~~ ~~a~~ ~~’~~ ~~c~~ ~~u~~ ~~e~~ ~~n~~ ~~t~~ ~~o~~, que me chachos más cariñosos, como comprenden la vida, que gente son, “que profun damente la ha dejado en mí esa familia”.

Cenamos calamares en su tinta, langostinos, jamón serrano, chorizo, tido, queso, frutas, con cervéz y vino y luego dulces. A mí me sorprendió las 23:30 en el balcón con Iván y Rubén y yo hubiese seguido unido hasta la madrugada con ellos. Antonío no trajó hasta el hostal. Blanca qui se tomó pastilla para el catarro y ahora duermo, a mamá le dió los masajes en las piernas que el astiene hinchadas y se acostó también. El apartamiento de Araceli y Antonío es encantador, viven bien, no les falta de nada. Anochecí con la jodedera de los ~~comien~~ ~~z~~ ~~o~~ ~~s~~ ~~[~~ ~~d~~ ~~e~~ ~~l~~ ~~a~~ ~~a~~ ~~c~~ ~~t~~ ~~i~~ ~~v~~ ~~i~~ ~~d~~ ~~a~~ ~~d~~ ~~e~~ ~~l~~ ~~o~~ ~~s~~ ~~h~~ ~~o~~ ~~m~~ ~~b~~ ~~r~~ ~~e~~ ~~s~~ ~~p~~ ~~o~~ ~~r~~ ~~s~~ ~~u~~ ~~e~~ ~~d~~ ~~a~~ ~~d~~. Compromiso con Rubén, mandarle el Diario del Che.

<sup>12</sup> Ríocubano que corre al gó más de 45 km del oeste de L. Habana. (N.E)

V IA J E ENT R ENDEM A DR IDA SA NT A NDER

M adri d, ju ev es 2 7 de may o. 0 8:2 0 : y a mamá y y on os b ñamos, mi s m t as est án l i st as para part i r h ac i a San t an der, Bl an q u i est á ac ost ada t u mb a la g ri pe, di c e q u e est empran o para lev an tarse. L lamó A rac eli , me di jo q t ren es sal en de la est ac i ó n de C h amart ín , el de la mañan a y a se fu e, lu eg u n o a las 16:30 , en el q u e pen samos i rn os y l leg a a las 2 2 :0 0 ; lu eg os l as 2 2 :45 y l leg a a las 0 7:55 de mañan a v i ern es 2 8. L lamé a A rac eli i ot ra v di je q u e n os íb amos en el de las 16:30 ; me di c t ó el tel éf on o y la di rec ci ó se le q u edó a Bl an q u i. A l poc o rat o llamó A n ton io, q u edamos q u e a l n os rec og i era abYajha pag u é al Señor Serg i o su s 33 950 peset as ¡c asi n ada! Bu en o, pu es Serg i o n os reb aj ó 30 0 peset as más y n on os c ob ró n ada por el del tel éf on o. Baj amos a desay un ar al b ar del ot ro día, pedi mos tres b oc adi to de jamón serran o, q u eso, lomo y c h ori zo, c aféc on lec h e y c h u rros y pu di mos c omer en t re los tres un b oc adi to y medi o, el ot ro un o y medi o l v aremos para el v iaje en tren a San t an der.

Despu és de desay un ar est u v e v i en do un c oleg i o pri v ado, don de los i n g resan a los tres años y de al í sal en para la u n i v ersi dad, o sea q u e pasan 15 o 16 años, rec i b en además de las ot ras mat erias, un a h ora di ari a de c om- pu t ac i ó n . A q u í c asu almen t e c on oc ía A rman do un port ero q u e v i v [sic] en C u b a y era b i b liotec ari o de la u n i v ersi dad. T i en e la mu j er c en M éx i c o y a q u í tien e un h erman oc on él, me of rec i ó su c asa, q u l e dan del edif i c i o q u e c u ida.

16:2 9: y a est amos i n st al ados en el tren , A n ton io y A rac eli t an os r ron a las tres men os c i n c o y n os ac ompañaron en la termi nal h ast a poc o a de q u e an un ci aran la v ía q u e fu e la n ° 8. C ada pasaj e c ost ó 4.30 0 pe 2 5,84 eu ros, o sea q u e en t ot al los tres pasaj es c ost aron 12 .90 0 peset as i g a 77,52 eu ros. En la est ac i ó n l est i ré u n a f ot o y n os tomamos un c aféc despedi da de A n ton io y A rac eli t a me c h oc ó mu c h o, c ómo sen tí separar ellos, c u an do A rac eli t a me ab raz ó y me b esó por poc o se me sal en las lag r t as. Sal imos a las 16:30 en pu n to. Nos fu imos en c oc h e de seg un da, de n madores, mu c h o más c ómodo q u e el av i ó n . L os c oc h es de fu mar y n ofu l o di c en por la ampl i fic ac i ó n del tren . T i en e serv i c i o de v i deo y de c afé l as 16:42 empez ó el v i deo, 16:50 : pasamos un pu eb l eñ n p uñdere, an tes n os repart ieron los au rí c u l ares. 16:54: pu eb los b on itos, c an teras, c asas más b on itas!, c ómo h ay pi edras g ran des por aq u í en los c ampos.

1ª parada: V illal b a de G u adarrama, paró a las 17:0 0 , arran c ó a las 17:0 1 Est a parada tien e esc aleras eléc t ricas y t odo. 17:0 5: mamá du rmi en do, Bl an q u i v i en do rev i st as, y o mi ran do a España. 17:10 : El Esc ori al , v i mos el p c i o desde el tren . 17:13: n os pi n c h aron el b ol et o, mon t añas i mpresi on an 17:15: pu eb l i to en c i ma de un a meseta y ot ras mon t añas. 17:2 0 : R ob led

C h av el a. 17:30 : u n a h ora de v i aj e, t remen dos b osq u es de pi n os. No me h ab  
fijado q u e e l c oc h et i en e u n telev i sor en el f ondo de espaldas q u e  
17:40 : presa, u n o pesc an do en el mu ro. 17:50 : t remen das ll an u ras v erdes. M e  
est oy fij an do q u e t odas las c asas an tig u as son poc as y mu y ai sl adas y est  
desh ab it adas. ¡Día b on it o, de sol !, ¡los pai sajes son b ell ísi mos! , ah ora est a-  
mos v i en do t remen dísi mo reb año de v ac as. 17:57: 2<sup>a</sup> parada, Áv il a, sal i ó a las  
17:58. En Áv il a se t remen do desarroll o. 18:11: a mamá h ac e rat o l a pasé  
para el asi en t o mío, pero ah ora n o du erme, así es l a v i da. T remen das ll an u ras  
v erdes, son u n pl at o. 18:13: pu eb lo b ell ísi mo. 18:15: ot ro pu eb lo b ell ísi mo  
18:20 : v amos v i en do l a c arret era, paral el a l a l ín ea del tren . P asamos u n c ru  
q u e t en ía dos flec h as en el c art el : M adri d y L a C oru ña.

C u riosi dad: Bl an q u i me en seña en u n a rev ist a a l a mon a C hit a, q u  
v i v ía, en e 67 años y di c e q u e pasa el día b eb i en do c erv ez a y v i en do pel íc u  
de T arz án . 18:27: pu eb lit oc h ic o, al dean o. 18:32 : 2<sup>a</sup> h ora de v i aj e, más dos  
n u tos, pu eb lit oc h ic o. H ac e rat o v emos mu c h os semb rados, n o sé de q u  
¿será t rí g o? 18:38: 3<sup>a</sup> parada, M edin a del C ampo, c on su g ran c astillo an tig  
su s c asit as b on it as y su s t remen dos c h al és. Sal imos 18:39, al sal ir pasamos  
t remen da f áb ric a y t remen dos al mac en es. Si g u e l a c arret era de c erc a paral el  
al tren . 18:43: me v ol v í a sen tar de fren te det rás de mamá. M u c h as ll an u ras  
c on semb rados, v e m u c h os pu eb los a l o lej os. 18:46: ot ro pu eb lo ¿a q u é  
v el oc idad irá el t r en a l c u lo q u e aprox imadamen te a c i en kil óm et ros por  
h ora. 18:49: t remen do pu eb lo, mu c h os pi n os, parec en parag u as. 18:52 : u n  
v ill a b ell ísi ma, parec e q u e n os ac ercamos a l a c u art a parada. 18:53: t remen da  
c an t era y si g u en los pi n os parag u as. 18:55: t r en pu eb lo q u e en u n a  
mon t aña l as torres del tel éf on o si n c ab le.

4<sup>a</sup> parada: V all adol id. En l as est ac ion es, en l os mu ros, parec e q u e l os pi n  
t ores afic ion ados pi n t an mu rales. A q u í en v Venit u adol id al s ab ric as  
y mu c h os al mac en es. T remen dos edif ic ios, el tren parec e q u e pasa aprox  
madamen te por el c en t ro de l a c i u dad. P aramos a las 18:59 y sal imos a las  
19:00 . T en emos en fren te u n tren c arg ado de au tomóv il es n u ev os. V al  
es in men so, t i en e t remen das av en idas, u n río, mu c h as f áb ric as y semb  
en l os al rededores. A q u í v i semb rados t apados de n y l on . T remen do reb año de  
ov ej as. M ás f áb ric as, c an t eras, al mac en es, si los. C u riosi dad: h ac e u n rat  
u n empleado c on u n sac o de n y l on para rec og er l os p a r a b r a n  
mon t aña c on u n pu eb lo en su l adera, a q u í empie za u n a c ordi l l era. F áb r  
q u esos Bof f ard. P asamos al g o c omo u n a fort aleza, u n c ampamen t o o u n a p  
si ó n . Un poc o lej os v amos v i en do u n a c ordi l l era de mon t añas. 19:14: pasamos  
por l a “P apel era de C astilla”, g ran jas, fin c as, en el c iel o u n av i ó n a reaco

<sup>13</sup> El au t or, emi g ran t e en C u b a, h ac e referen c i a al ac t o de t irar al g o a l a b asu ra. (N

deja un a esta blanca. 19.20: Ven ta de Baños, pu eb loc on alg un a c c ion es un poc o más rústic as. 19.24: fáb ric a o al mac en es R en au lt, ot ro t au tos ru mb o a M adri d.

5ª parada: P al enc ia. Di ce mamá qu e da g os edo fic ios limpi ec i- tos, “i g u al qu e en C ub a”. P aramos 19:29 sal imos 19:30 . 19:39: M on z C ampos c on su cast illo en laloma. 19:43: pu eb litoc on dos ig lesi as, t v ãemb rado y verde. 19:55: bu sq u étres ref resc os en lac afe ría del tren y n c omi mos los boc aditos qu e traji mos de M adri d. A h ora nos fal tan seg ún dos h oras de v iaje. 20:28: 6ª parada: A gu ilar de C ampo. 20:51: 7ª parada R einosa, pu eb loc on gran des edic ios, c on todos los ven tan ales de c L asc alles ven impi as c omo espejos. H emos pasado dos rast ros de c arros c on tremen dos c arros al líb otados [0:57: pasamos al lado de un a c ordi- llera de mon tañas, h ay un a gran c añada en tre lalín ea y las mon tañas, re de cab allos. L lev amos mon tañas a amb os lados. Est á empez ando a pon erse g ris la tarde. L aniña bon ita de n u est roc oc h e qu e n o se ac ab a de dormi un os g ritos de madre [21:02: pasamos un pu eb loc on ríos, c on pu en te se v ab ajo en tre mon tañas la autopi st a para San tan der. 21:07: c on mu- ch ostún el es, v amos mu y alt os, la autopi st a b aje en c asa del c arajo, las nub es est án por deb ajo de nos ot ros. No sal imos de un tún el para en trar c otro, v amos b ajan do. 21:15: pu eb lo en el v alle bellí simo. 21:20: pasamos pu eb loc on mu ch as vac as y c on susc alles est rec has an tigu as, por e v emás ríos. Est á osc u rec ien do. 21:23: zorra mos la autopi st a al lado, aún es de día, qu e c asi tas más bon itas, parec en hol an desas. 21:26: pasam por enc ima del río Los L lares. 21:28: v amos por un tún el mu y despaci o. 21: Lev amos c in c o h oras de v iaje, parec e qu e qu iere empez ar a an oc h ec er. v amos por un a c añada, ah ora la autopi st a la ten emos ala iz qu ierda, pasan por ot ropu eb lo a mi l, parec e qu e qu ieren adel an tar lo perdi do, aún es de c ¡In men sac an t era!, y oc reo qu e de aqu í se pu ede sac ar pi edra para repart irle mu n do en t ero. 8ª parada Torrelav eg a: el pu eb lon os qu eda ala iz qu ierda derech a sól o h ay c asas ai sl adas. P aró 21:41.

SA NT A NDER

L lev amos a San tan der c on 7 mi n u tos de ret raso o sea a las 22:07, L si ton os est ab a esperan do. P asamos por Pu erto C hico, b arri o de San tan las pri nc ipales av en idas de aqu í, v imos de lej os el pal ac io de n o sé qu é r pasamos por el est adio del R ac ing de San tan der y lu eg o lleg amos al apar men to qu e est á mu y bu en o, arreg lé la man illa de mi reloj, pu se mi c

Diario del viaje a mi tierra natal

ac ot ej<sup>14</sup>él c u art o de L u i si , l av é , me b añéy o y h o m a n u n a past ill a para dormi r.

San tan der, v iern es, 2 8 de may o. F u i al merc ado a c omprar lec h e, pan man te q u illa, t remen do desay u n o. El al mu erz o f u e b u en ot amb ién . P or l sal íc on C arlos y M arta, su n ov ia, c og imos los dós t r e m e n t o s a n ot as v i d a s [c] . En est e día me oc u pé de pon er l e a L u i si t o l a c ort in a del b año.

San tan der, sáb ado 2 9 de may o. Nos lev an tamos L u i si t o y y o a las 0 5:0 y sal imos c on su g rúa. M e marav illó l a t r e m e n d a señaliz ac i ó n q u e tien c al les, para man ej ar y para q u é h ab l ar de los t ún eles. A ún <sup>16</sup>me du r a l a c u rd y v omi té an tes de lleg ar a Ig orre. Desay un amos en el P aís V asc o, en Ig or c aféc on lec h e y un os b ollos q u e est ab a n [c] de N os t r a m a d r a [n as f otos j u n t o a las b ic ic letas del C l u b Ban est o. L os v asc os en t r e el los v asc o. C u an do f u i al b año n o sab ía apag ar l a l u z , n i c errar l a pila del a se c errab an y apag ab an solas. A p a s a m o s 0 0 l e r í a s , c o n su in men sa presa y su g en t e pesc an do. M o B t l o r í a . 0 8:15: El orri ag a. C u r i o s i d a d : c a r t e l de señaliz ac i ó n en l a c arret era. F r a n c í a . D o n o s t í a . S a n S e b a s t i á n . P a m p l o 0 8:19: A r c a u t e , a q u í e c h a m o s p e t r ó l e o , h a c í e f o i 8:31 o n e r [ a t a u c o . 0 9:40 : p e a j e , L u i s i t o p a g ó 5 3 0 ] p r a s d e r t r a n s i t a r p o r l a a u t o p i s t a . 0 9:49: q u e s u s t o , s e v o l ó e l p a p e l d e l a r e m i s i ó n y L u i s i t o m e t i ó u n g y o p e n s é q u e h a b í a m o s p e r d i d o l a d i r e c i ó n . 10 :0 7: E n t r a m o s e n u n g a r a p r e g u n t a r s i í b a m o s b i e n y L u i s i t o c ó m p r o u o s i P n e s e H e m o s v i s t o m u c h o s v i ñ e d o s , e s t á n r e t o ñ a n d o , t o d o s l o s e s t á n a b o n a n d o y f u m i g a h o r a . 10 :10 : p a s a m o s u n p u e n t e , p o r d e b a j o p a s a b a u n t r e n . 10 :12 : C a p a r r o s q u é b e l l o . 10 :2 6: p a s a m o s p o r u n p u e n t e d e l r í o E b r o . 11:37: e n t r a m o s e n Z a r a g o z a , d e s d e u n g a r a j e d e l a s a f u e r a s L u i s i t o l l a m ó a l d u e ñ o d e l c a r r o y e s t á a l p o c o r a t o v i n o a b u s c a r s u A u d i . 12 :2 0 : v i r a m o s e n u n a r o t o n d a u n m á s p a l a n t a [c] d e l g a r a j e . M a n e j é u n b u e n r a t o p a r a q u e L u i s i t o d e s c a n s 13:45: e c h a m o s p e t r ó l e o e n e l m i s m o g a r a j e q u e e c h a m o s a l a i d a , d o n d e c o m p r a m o s l o s P e t e r . 14:0 7: C a m p a n a s y T i e b a s .

14:17: P a m p l o n a , e s t r e m e n d a c i u d a d , b e l l í s i m a , c o n t r e m e n d o d e s a r r o l l o , t r e m e n d o s e d i f i c i o s y t r e m e n d a s a v e n i d a s y u n o s s a r q N o e s , j o d e r [ t i r a m o s u n a f o t o e n l a c a l l e d e l a E s t a f e t a , d o n d e s u e l P a m l o s t ó r o s e n p l o n a , d e l 6 a l 14 d e j u l i o d u r a n t e l a s f i e s t a s d e S a n F e r m í n , s u e l t a n l o s t o r o t o d o s l o s d í a s , o t r a f o t o m e l a t i r ó L u i s i t o d e l a n t e d e l a p l a z a d e t o r o s y e n l a c a l l e q u e b a j a p o r e l c o s t a d o d e l a p l a z a . A l m o r z a m o s e n u n r e s t a u r a n

<sup>14</sup> En C u b a , a c o m o d a r u n e s p a c i o . (N.E)  
<sup>15</sup> e x p r e s i ó n c o l o q u i a l c u b a n a q u e s i g n i f i c a e m b r i a g u e z (N.E)  
<sup>16</sup> C o l o q u i a l m e n t e b o r r a c h e r a (N.E)  
<sup>17</sup> E l a u t o r h a c e r e f e r e n c i a a l g ú n t i p o d e t e n t e m p i é . (N.E)

de esta misma calle, una botella de vino, una ensalada de lechuga, t  
 cebolla y acituñas, de primer plato. Segun do plato un filete que no  
 el plato, con papas fritas. De postre Luisito un helado, y o, una copa de  
 con nata. 16:09: Salimos de Amplon a que me impresionó enormemente. T  
 variaciones. 16:20: Eric de Iz. 16:21: Sarasate. 16:30: Uhart e Arakil. 16:3  
 Lakuntza. 16:39: Alsasu. 16:41: Urbasa. 16:45: San Román (Araia). Nota: B  
 baon vasco se dice Bilbao. 17:07: Miñano. 17:09: Urbina. 17:10: Ar  
 17:14: Ollerías. 17:29: Zeanuri. 17:35: Igorre. 17:40: Lemoa. 17:41: Bedia.  
 17:42: Usansolo. 17:57: Bilbao, que es inmenso y precioso de verdad. 18:12  
 Miño, Santillán. 18:26: Laredo que tiene una playa inmensa en  
 herradura. 18:45: Santander, y o le habíaculado que llegáramos a las 18  
 Al llegar nos dieron la tarea de recoger dos coches más, ninguno de los  
 ranca bay Luisito tuvo que subir. A lo largo de la mañana M art a,  
 la novia de Carlos estaba de cho y Ch arlos y M art al le van a pasear a  
 mamá y a Blanqui, les gustó mucho San tander. Comimos Blanqui,  
 y o: hervidos con tocino, una taza de sopa, la ensalada fría que he  
 vino, pan y melocoton es naturales de postre, con galletas de dulce.

San tander, domingo 30 de mayo. Nos levantanamos como a las ocho, au  
 que yo me desperté mucho antes. Blanqui preparó tremendo desayuno  
 lo echamos a las 10:30, tremendo revoltillo, lascas de jamón serrano, man  
 quilla, queso crema, café con leche, buñode madre. A hora Luisito  
 con la computadora, Blanqui en la cocina y Ch arlos en la cama un poco.  
 Carlos, la novia y su amigo de la C oruña salieron a dar un paseo, cre  
 su amigo iba al fútbol y Ch arlos es a que íel Deportivo de la C oruña con tra  
 el Racing de San tander. Me fui con Luisito por la mañana a dar un ser  
 playa, era un matrimonio de viejos que el Audi no les arranca, el  
 empeñó en que Luisito le remolcara el coche hasta la c uesta, pero nada, desp  
 de tanto ir y jala se resignó a dejarlo en un acallecéntrico a  
 un bar. ¡Cómo habíagente en la playa y por las calles paseando! Di un  
 con Luisito y me invitó a un momento de almuerzo. Después  
 de dar un avuelta nos fuimos a casa a comer. Fabada, cintas de lomo ad  
 das y fritas con papas, acituñas con anchos, melocoton es, galletas de  
 vinos, refresco y el ricopan. Me entró sueño y dormí un rato.

En la tarde me llamó Blanqui por que salí a dar un paseo a la  
 a un ov en otra playa se le metió un <sup>18</sup> por debajo de un Opel Astra  
 nevoy le salí un ruído. Luisito me lo dijo por debajo y dijo que no era n

<sup>18</sup> El autor se refiere con este término a cubano o a un máquina para levantar y tra  
 cargar. (N.E.)

<sup>19</sup> Variante de hierro acerado. (N.E.)



era un a l a t a del t u b o de esc ape, n ada, q u e dec i di ó q u e se l o l l e v á r a m o s a g e n c i a, p e r o se f u e s i n f i r m a r l a r e m i s i ó n y r e s u l t a q u e c u a n d o f u i a b u m e e n c o n t r é c o n u n a p l a y a d e n u d i s m o, a u n q u e h a b í a d e t o d o g e n t e e n m e d i o e n c u e r o s, y o t r o s s i n e n c u e r a r, n o e n c o n t r a m o s a l m u c h a c h o, a u s u b i m o s y b a j a m o s e l t r e m e n d o f a r a l l ó n d o s v e c e s.

L u e g o n o s f u i m o s a l a c a s a y d e a l l í L u i s i f u e c o n l a g r ú a y y o c o n s e r v i c i o c e r c a, s e c a y ó u n M i t s u b i s h i M o n t e r o e n l a c u n e t a, n o s e c a r r o q u e t e n í a. E l d u e ñ o d e l c a r r o e n 15 m i n u t o s se a l e j ó u n p o c o d e l c a r r o p a r a p o d e r l l a m a r p o r e l c e l u l a r, l e r o m p i e r o n e l c r i s t a l d e a t r á s y l e r o b a r o n l a g r a b a d o r a, l a c á m a r a f o t o g r á f i c a y u n a t o a l l a. L l e g a m o s a l l í y l e d i j e a L u i s c ó m o t e n í a m o s q u e p o n e r e l c a b l e, m e s u b í e n e l M o n t e r o y s e l o s a c a m o s h o m b r e p a r a l a c a r r e t e r a.

N o s f u i m o s o t r a p a r a l a c a s a d e l d o c t o r C a r l o s. L o s d o s C a r l o s y s u s e s p o s a s m e e n c a n t a r o n, q u e g e n t e m á s e n c i l l a y a g r a d a b l e. L a c a s a d e C a r l o e l m é d i c o, e s t á l i n d í s i m a, p e r o s o b r e t o d o l a c o c i n a, s u p e r s o f i s t i c a d a. A l l í e n t u v i m o s c o m o h a s t a l a s o n c e d e l a n o c h e. C u a n d o r e g r e s a m o s L u i s i m e t r a t r o t e p e r o s u V o l k s w a g u e n e s t á e n t e r o a u n q u e e l s a l Y ó m e n f a l l i t o a l l e g a b a ñ e y a h o r a t e r m i n o e s t a s n o t a s a l a u n a m e n o s c i n c o d e l a m a d r u g a d a. B l a n q u i e s t á m i r a n d o l a t e l e v i s i ó n, m a m á y a s e a c o s t ó y L u i s i s e q u e d ó d o r m i e n e l s o f á c o n B l a n q u i e m e r e p a r a a c o s t a r m e. N o s g u s t ó m u c h o “E l l i b r o d e l o s p o r q u e s” q u e l e c o m p r ó C a r l o s a s u h i j a. M u y c a r i ñ o s a y b u e n t a m b i é n s u p e r r a Y i k i, C a r l o s n o s c o n t ó q u e v i v i ó u n a ñ o e n S a n S e b a s t i a n d i c e q u e e s l i n d í s i m o. L a m u j e r p u s o d e t o d o e n l a m e s a, a l f i n a l n o s h i z o c a f é C u b i t a s. N o s t i r a m o s u n a s f o t o s e n l a c a s a.

S a n t a n d e r, l u n e s 31 d e m a y o. N o s l e v a n t a m o s c o m o a l a s 0 7:30 p o r u n a l l a m a d a p a r a u n s e r v i c i o. F u i c o n L u i s i t o y r e c o g i m o s a l h o m b r e c o n e l y l o l l e v a m o s p a r a e l t a l l e r, u i s i s e q u e d ó e n e l t a l l e r y y o f u i c o n M a n u e l, e l o t r o m u c h a c h o q u e t r a b a j a e n e l t a l l e r, m e c a r r o, é d e l a r i s a c i ó n c o n s u s p i r o p o s, c o n s u s r e f r a n e s. S e g ú n é l “S e e s d e d o n d e s e n a c e y n o d e d o n d e s e p a c e”. D i c e q u e “l a s m u j e r e s l e g u s t a n m á s q u e u n a b u r r a a c u a d r a “m u c h o p o l l o a m a r g a l a c o c i n a”. A m e d i o d í a m e i n v i t ó a u n b u e n c a f é q u e v i n o “d e p u t a m a d r e”. F u i m o s a l t a l l e r y m e v i n e c o n L u i s i e n l a f u r g o n e t a. A l m o r z a m o s B l a n q u i, L u i s i y y o c o n C a r l o s y e l g a l l e g o.

P o r l a t a r d e e s t u v e u n r a t o e n e l t a l l e r y d i u n m o n t ó n d e v i a j e s c o n M a n u e l, h a s t a l a s 2 1:30, c u a n d o r e c o g i ó a s u c h a v a l a. E n e l t a l l e r m e t o m e r v e z a c o n L u i s i y e s t r e n a m o s l a m á q u i n a d e l c a f é c o n u n N e s t l é d e n a d o c o n l e c h e, ¡q u é r i c o! L l e g a m o s a l a c a s a a l a s 2 2:00 e n p u n t o a ñ a m o s y c o m i m o s L u i s i y y o, p u e s m a m á y B l a n q u i h a b í a n i d o a p a s e a r c o n

Alicia y Nely, meren daron por la calle y no ten ían h amb re, por ci erto o se ech aron t remen da tort illa, y a v eré si la pu edo prob ar.

San t an der, martes 1 de j u n i o despert é t empran o, pero n o me le-  
v an té para n o despert ar a L u isi, pero c u an do y a n o pu de mas, me lav é,  
af eité y f u i para la v a t a n n otic iero de tel ev isi ón **ñu g y n b** u en o.  
q u edé en la c asa y c olo q u é la ten dedera en la terraz a. A las 11:30 v in o  
b u sc arn os para ir a al morz ar a su c asa. L a tien e de lo más b on ita. R ev en t  
men do al mu erz o: c oli flor c on may on esa y q u eso de pri mer pl at o y de seg u  
t remen da fu en te de fil et es, de post re u n a pan et el a c on h e k a d o q u e est ab  
q u i s i t a, B l a n q u i y y o por poc o n os c omemos h ast a b an dej a. C u an do  
a la c asa n os pu si eron u n a fu en t e c on la sc as de jamón serran o y de c h  
H o y s t a h ora 16:0 0 y a h eido al b año tres v ec es j es mu c<sup>2</sup> **H D e a**-j amaz ón  
pu és v in o A l i c i a a rec og er a N e l y y n os t r a j o h ast a la c asa en su c oc  
i n v i t ó a L u i s i t o a al morz ar c on n os ot ros. 17:56 n os ac ost amos u n rat o au  
n o dormi mos, B l a n q u i lav ó, ah ora est á c ay en do t remen do ag u ac ero, l  
m i s z apat os y me pon g e r a n poc o de tel ev isi ón . L l amé a L u i s i t o para q u  
c omprara pan al reg reso del t r a b a j o.

L a tarde despu és q u e v in i mos de c asa de N e l y se pu so f e a y c ay ó t remen  
ag u a, despu és a eso de las 2 0 :30 ó 2 1:0 0 v ol v i ó a mejorar y sal i ó el sol y  
L a tarde a q u í en la c asa h a si do h i per ab u rri da, más q u e L u i s i l leg ó t a r  
2 2 :30 . L l amé a J o s e f i t a y h a b l amos mamá y y o **u d e n e l a c i ó n** es  
para Barc el on a el día **H B . o y** o ún i c o de la tarde q u e v al i ó la pen a por la tel e  
f u e el prog rama de c h i s t es de los dos q u e parec en ser an dal u c es, mu y b  
S on las 2 3:30 **h y a v e r** i v e a n poc o de tel e an t es de ac ost arme, para q u e  
me en t re su ño.

San t an der, mi érc oles 2 de j u n i o. A n oc h e n os ll amaron c omo a la  
p i c o de la madru g ada para dar u n serv i c i o, f u i c on L u isi, era u n mat  
madri leño q u e se le parti ó el c ab le de la su **o v h o k e** sw ag u en , al pob re  
h omb re el seg u ron o le c u b r í a los g ast os y la ag en c i a de L u i s i por sól o  
el c arro le c ob rab a 6.0 0 0 peset as, n os demoramos en q u e el h omb re dec id  
q u é h ac er c on el c arro, l leg amos a la c asa a las tres de la madru g ada, h ac ía  
ag arramos t remen do desv elo. B l a n q u i desay u n ó c on L u i s i y y o c on r  
poc o más tarde, todo parec e i n d i c a r q u e n os i remos en t ren para P on ferrac  
me parec e mej or para poder est ar más t iempo. F u i mos B l a n q u i, mamá y y o  
a u n su permerc ado, me c omí u n du l c e r i q u í s i mo, por c ada dos b arras de p

<sup>20</sup> Del v erb o jamar q u e si g n i f i c a t o m a r a l i m e n t o y e n s e n t i d o m á s c o l o q u i a l h a  
r e n c i a a h e c h o d e c o m e r. (N.E)

<sup>21</sup> El a u t o r se refiere al emb rag u e c on est e t é r m i n o u t i l i z a d o e n C o l o m b i a y V e n  
(N.E)

q u e c ompr as t e reg al an un a. A l l leg ar a la c asa, 11:50 , mamá se pu so a c ompr ar c erez as, Blan qu i y y oc h ori z oc on pan . A medi odía me q u edé dormi do v i l a t e l e, C ar l os me despert ó. V in o la mu j er q u e l e est á t rat an do de v en der a L u i s un c u rso de in gl és, di c e L u i s i q u e v i v i ó 15 años en V en ez u el a. A l C ar l os pu es a L u i s i l e t raj eron un av is o. A l h or a l as 15:00 y L u i s i est á al morz ó. En ov eri g üe c u án t on os c u est a el v i aj e a P on ferrada en tren y en g<sup>2</sup>ú E n g u r an n os c u est a 4.70 0 peset as por person a el v i aj e de ida sol amen t e, lo q u e es ig u al a 31,56 dól ares. El tren es de larg o rec orri do, sale a las 0 8:10 de San t an der, l leg a a P al en c i a a las 14:40 , en P al en c i a c o b i amos de tren , sal i en do a las 12 :59 para P on ferrada, c on l leg ada a las 15:46. T i en e ot ro h orari o pero ést e es el mej or para n os ot ros. En au t ob ús n os sale en 2 .72 0 peset as por person a el v i aj e de ida ig u al a 18,2 6 dól ares. Sale de San t an der a las 0 8:30 , en O v i edo c og emos ot rag u ag u a a las 15:0 0 y n o preg u n t a q u e h oral leg a a P on ferrada, pero n o deb e demorar mu c h o, y av eremos.

P or la t arde a las 17:0 0 v in o el h omb re a arreg lar la lav adora, t remen do prof esi on al y t remen da edu c ac i ón y q u e rá pí do resol v i ó t odo, la lav adora y l ámparas, el fri eg apl at os n o t en í a. H irrope pel é, M arg ot fu e la b arb era, g rac iosa c omot o da la g en t e de aq u í. C ompr é un rollo de f ot os y se lo pu se a l c ámar a n u ev a. P or la n oc h e v e í a m o t eja del c u rso de in gl és de L u i s i y h a dado un a m u s i c l a de pel í c u l a. L u i s i c omi ó, ojal á q u e n o y sal g a n i n g u n a l lamada. L a v erdad es q u e la v i eja del in gl és de L u i s i c asi n o oír la pri mera part e de la pel í c u l a “Est rel la de A mor”, del c arn ic ero c orn u do, n o me g u st ó, pero t i en e t remen das ac tu ac i on es.

San t an der, ju ev es 3 de ju n i o y o m o a las t res de la madru g ada l lamaron a L u i s i t o, di c e q u e para un ac c iden t e, reg resó c omo a las seis, l u eg o mañan a est ab ac an sado. L a pi n c h a s e c l as Desay[un é c on él y mamá c on Blan qu i. El día h a aman ec ido de lo más b on it o, l lev amos un mon t ó d ías en San t an der y n o h emos h ec h on ada de los doc u men t os. 10 :50 :h ab lé a A rac eli, y a sac ó los doc u men t os y n os los i b a a man dar por c orreo u rg en t e. Les man dé sal u dos para la fami lia de A rac eli t a y A n t on i o, mamá se pu sob ra porq u e n o l e di rec u erdos para P epi t a.

L u i s i t on os l lamó a las 12 :0 0 , v in o a rec og emos y fu i mos c on él al g ado, parec e q u e los trámi t es def in it iv os n os demorarán mes y medi o o dos meses y el prob l ema de mi pasaport e parec e q u e será d íf íc il. Q u e j o d e d e r a, pero b u en o, n o t odo pu ede ser c ol or de rosa. De reg reso n os met i mos el t remen do al mu erz o q u e h iz o C ar l os: t remen da sopa de pol lo, en sal ada, pu ré y c h u l et as de seg u n do pl at o, de post re mel oc ot ón en al m íb ar. T odo parec e i n c ar q u e sal dremos para P on ferrada el l u n es 7. P or la t arde fu i c on L u i s i a f r

<sup>2 2</sup> Est e t érmi n o h ac e ref eren c i a al t ran sport e en au t ob ús. (N.E)

el c arro, ¡del c araj o!, en un a máq u in a con un a mon eda de 10 0 peset as p aspi radora, en ot ra máq u in a con cu at ro mon edas de 10 0 peset as le di mos d f reg ados, con ag u a c ali en t e y det erg en t e, un prelav ado de ag u a con en ju ag u e con ag u a sol a y n i n os mo j amos.

P or la t arde man dé a rev el ar f ot os y av eri g üé don de n os podían arreg la la mal et a, un z apat ero de en fren t e de don de me pel é si le t rãemos el z íper n os la arreg la. P or la n oc h e L u i si v i n o t empran o y despu és de f reg ar e c en amos.

San t an der, v iern es 4 de ju n io. A L u i si n o l l amaron an oc h e y c a t ope. P or la mañan a despu és de desay un ar fu i con C arlos pri mero a un a rret ería de la c ompañía don de él t rab aja, all í h ab ía de t odo, h errami en t as, c os para el b año, ú t il es para la c oc in a, en fin de t odo. L os depen di en t es, T om C arlos son g en t e b u en a, me reg al aron un b ol íg rafo, un a lib ret a de pu ñado de f osf oras<sup>[2]</sup>. Di mos v ari as v u el t as por San t an der y n os t omamos un c af é con M art a, lu eg o n os fu i mos para la t ien da Eroski, all í h ay en t eras de z apat os, de ropas, de c omi das, de v ídeos, all í don de se v en den los di sc os c ompac t os, h ay un os au dífon os para q u e oi g as los in t érpretes q g u st en , además t e an un c ian los 10 c ompac t os más popu lares y los 10 q se h an v en di do en los ú l t i mos días. C u r i osi dad: en esa in men sati en da Eroski h ay 50 c aj as c on t adoras para pag ar, con su pasillo de en t rada, su est era p mov et os produ ct os y su s c ompu t adoras en c ada c aja. Den t ro de la t ien da h mu c h ac h as jóv en es q u e t rab ajan en pat in es y t e h ac en c u al q u a la v el oc i dad del rhy o y ambi én C arlos me en señó c omo fun c ion an los parq u ímet ros, les ec h as dos mon edas de 2 5 peset as y t e dan un papel c on f ec h a y la h ora h ast a q u e pu edes parq u ear. A y er por la t arde c on v ersan M art a, la n ov ia de C arlos, le preg un t é, q u e p o r q u é os ó ang u os, n o se los sin t rab ajo, me respon di ó: “No se p u e d e n q u e est án q u e n o paran el c u l o b u s c an do t rab ajo”.

¡Q u é al eg r í a y rec og í mi s pri meras f ot os, sal ieron 38, t ambi én pasé por el merc ado, c ompré h i g os en c on serv a, pan , lec h u g a, tomat es y un de c af é desc af ein ado. ¡L as f ot os q u e daron de lo H á s c h a b n u t i a s ! le t rajeron 3 paq u et es g ran des de la ag en c i a q u e le v en di ó el c u rso de i C ómo me ac ordé de C armen , Y ari , A b el it o, de Y o j n l e y a t f i a m i d a a Eroski, q u i én los v i era, v ol v ersel l o c o y C o m o s i d a d : F ac t u ra de la l u z de L u i s i t o y de C arlos: Del 18-0 3-1999 al 19-0 5-1999 t ot al de la f ac t 6.135 peset as, i g u al a 36, 87 eu ros. F ac t u ra del g as: Del 2 2 -0 3-1999 al 2 0 1999. T ot al de la f ac t u ra 8.984 peset as, i g u al a 53, 99 eu ros.

<sup>2 3</sup> El au t or se refiere a la c remall era, en est e c aso para la mal et a. (N.E)

Por la noche salimos Luisi, Carlos con Marta, el papá de Carlos con la señora y yo, fuimos al show de Bonc ó, allí hab ía que at r o g a t o s, me fij é q u e a l o s e s p a ñ o l e s n o e s h a c í a n i n g u n a g r a c i a, i n c l u s o v a r i o s s e f u e r o n a m e d e l s h o w , m e p a r e c e q u e e n e r q u e p u l i r l a p a r a b u s c a r s e l a j a m a. R e g r e s a m o s a l a s 0 5:30 d e l a m a d r u g a d a C a r l o s y y o, C a r l o s c o n u n p e d o h o r r i b l e. L u i s i s e f u e c o n u n l i g u e.

San t a n d e r, s á b a d o 5 d e j u n i o. 11:13: l l e g a r o n l o s d o c u m e n t o s d e M a d r i d. F u i m o s a n R i c h a r d. E s t u v i m o s e n s u c a s a y e n l a d u l c e r í a d o n d e t r a b a j a l a s e ñ o r a, d e s p u é s f u i m o s a a l m o r z a r a l r e s t a u r a n t e “E l P e s c a d o r”, d e s p u é s d e l a l m u e r z o f u i m o s a c o m e r n o s u n o s d u l c e s d e m a z a p á n e n l a p a s t e l e r í a d o n d e t r a b a j a l a e s p o s a d e R i c h a r d. E n L a r e d o L u i s i y B l a n q u i c o m p r a r o n e l r e g a l o d e N e l y , q u e c u m p l e a ñ o s m a ñ a n a, d e r e g r e s o a S a n t a n d e r p a s a m o s p o r c a s a d e C a r l o s, e l m é d i c o, y L u i s i l e d i o e l r e g a l i t o d e l a s e ñ o r a q u e c u m p l í a a ñ o s. H o y e s t u v i m o s a l l í c a s i h a s t a l a s 2 0 :0 0 . A l l l e g a r L u i s i s e a c o s t ó e n e l c a r g a r b a t e r í a s, p o r q u e v a l e m a r c h a o t r a v e z .

San t a n d e r, d o m i n g o 6 d e j u n i o. E m p e z a n d o e l d í a, o s e a a l a s 0 0 :10 h a b l a m o s c o n C u b a, p r i m e r o l l a m é a A r r o y o N a r a n j o e h i c e b i n g o, p u e s C e s t a b a a l l á y h a b l e c o n e l l a, h a b l a m o s t a m b i é n c o n D a n y y l a a b u e l a h o l l y . D e s p u é s l l a m a m o s a c a s a d e B l a n q u i t a y h a b l a m o s c o n e l l a B l a n q u i m a m á y y o. M a m á y y o v a m o s a a c o s t a m o s s i n c e n a r a b s o l u t a m e n t e n a d a p u e s a ú n n o s d u r a l a h a r t e p r a [u e c o g i m o s e n L a r e d o c o n R i c h a r d y s u s e ñ o r a. T a r d e y a, m e l e v a n t é p a r a n o d e s p e r t a r “a l j e f o s t u q u i ó c o m o l o c o, f u i a h a c e r u n o s m a n d a d o s p e r o n d e p o y d e m i g s o t o d o c i e r r a. C o r r í u n p o c o p o r a b a j o, p o r q u e a l p a s o q u e l l e v a m o s h o r i t a v a m o s a r o d a r. H o y i n i e r o n p o r a q u í y d e s a y u n a r o n c o n L u i s i e l p a p á d e C a r l o s y s u s e ñ o r a. V i a s c a r r e r a s d e m o t o s d e I t a l i a p o r l a T V c o n L u i s i t o, l a d e l o s 2 5 0 c c g a n ó e l i t a l i a n o j o v e n c i t o, e s u n a f i e r a, l a d e l o s 5 0 0 c c l a g a n ó u n A h o r a p o r l a t a r d e t e n d r e m o s q u e p r e p a r a r l o s m a l e t i n e s p a r a s a l i r m a ñ a n a p a r a P o n f e r r a d a, ¿s e r á e s t o u n s u e ñ o? 19:0 0 : t o d o e l d í a e n l a c a s a, p o r l a t a r d e v i u n a p e l í c u l a d e v a q u e r o s e n l a t e l e, a h o r a B l a n q u i v a m a m á y y o e s t a m o s t i d o s e s p e r a n d o a L u i s i p a r a i r a c a s a d e N e l y a l l e v a r l e u n r e g a l i t o, p u e s e s s u c u m p l e a ñ o s. P a r e c e q u e e n l a c a l l e h a c e f r í o. 19:55: a c a b a m o s d e h a b l a r c o n A r a c e l i, c o n A r a c e l i t a, R u b é n, A n t o n i o y R o g e l i a, r e g r e s a r o. H a b l e a l f i n c o n F r o i l á n y c o n l a h i j a d e X i o m a r a, m e t r á t ó f r í a y c o m e m o r c o m o s i e m p r e h a s i d o, p e r o a l m e n o s m e d i o l a s g r a c i a s p o r l a l l a m a d a. 2 0 :0 0 : e s t a m o s v i e n d o p o r t e l e v i s i ó n a l t e n i e n t e C o l o m b o. P o r l a n o c h e s a l i m o s c o m e r a l g o c o n L u i s i t o, l l e g a m o s a l a s 2 3:0 5 a l a c a s a, n o s c o m i m o s u n s á n d w i c h e s y u n h e l a d o r i q u í s i m o, “C o p a A f r i c a n a”, q u e t e n í a h e l a

<sup>24</sup> R .A .E.: “P erson a desprec i ab l e”. (N.E)

c ol at e, n u ec es, c on g u i to s, u n as b ol i ta s du ras du l c es, n at a mon ta da  
 c h oc ol at e, c on u n ac ere z a arri b ay u n ag al v e o y p e p a r i t e e . A h o r a  
 m a l e t í n p a r a P on f e r r a d a . T e n g o l o s n e r v i o s a m i l l ó n , n o p u e d o c r e e r q u e  
 v o l v e r a e n m i P on f e r r a d a y a m i q u e r i d o L a g o d e C a r u c e d o .

V I A J E A P O N F E R R A D A

San t a n d e r, l u n e s 7 d e j u n i o . N o s l e v a n t a m o s a n t e s d e l a s 0 7 : 0 0 ,  
 m a m á q u e s e d e s p e r t ó a l a s 0 4 : 0 0 y q u e y a n o y u b e r n i ó m á s a L u i -  
 s i t o m á s t a r d e . S a l i m o s p a r a l a t e r m i n a l a l a s 0 8 : 0 0 , l l e g a m o s a l a t e r m i n a l  
 l a s 0 8 : 1 5 y y a a l a s 0 8 : 2 2 e s t á b a m o s a b a j o e n e l a n d é n o n c e , e s p e r a n d o e  
 t o b ú s . ¡ P o r p o c o s e n o s v a ! , p o r q u e s e p a r ó u n a g u a g u a y B l a n q u i d i j  
 n o e r a y s i n o p r e g u n t o s a l o s ó p u n t u a l , p e r o u n o d e l o s c o n d u c t o r e s  
 m e c o n t e s t ó m o l e s t o : “ H o m b r e a h o r a y a n o c o r r a s ” . E l a u t o b ú s t i e n e u n  
 d e m a d r e c o n d o s t e l e v i s o r e s d e n t r o , u n o d e t r á s d e l c h o f e r y o t r o e n e l t e o  
 a l l a d o d e l a p u e r t a d e l m e d i o . 0 8 : 5 0 : d o b l a m o s a l a d e r e c h a e n e l e n t r o n q u e  
 d e O v i e d o y a l a s 0 8 : 5 3 l l e g a m o s a T o r r e l a v e g a , t r e m e n d o p u e b l o . S a l i m o s  
 T o r r e l a v e g a a l a s 0 8 : 5 6 . 0 9 : 0 0 <sup>2</sup> R e p a s a m o s l a a u t o p i s t a . A h o r a v a m o s  
 c o n e l r í o a l a i z q u i e r d a y l a v í a d e l t r e n a l a d e r e c h a . 0 9 : 1 7 : o t r o p u e b l o ,  
 c ó m o s e l l a m a , a q u í p a r a m o s y s a l i m o s a l a s 0 9 . 1 8 , m o n t a r o n d o s p a s a j e r o s .  
 0 9 : 2 4 : o t r o p u e b l o , t a m p o c o e n l a d e o m b r e , m e p a r e c e q u e e s V i n u e b a .  
 0 9 : 2 9 L a m a d r i d , l a c a r r e t e r a e s t á m o j a d a h a l l o v i d o . 0 9 : 3 4 : S a n V i c e n t e  
 B a r q u e r a , c o n s u g r a n p u e n t e , s u t r e m e n d a e n t r a d a d e m a g . s u s b a r q u i t  
 d o s e n l a s o r i l l a s , y s u s e d i f i c i o s d e m a r a v i l l a c ó m o e n t o d o s l a d o s . M o n t a  
 c u a t r o m u j e r e s . S a l i m o s a l a s 0 9 : 3 6 , d e s d e a q u í a O v i e d o h a y 1 4 4 K m . 0 9  
 L o s T á n a g o s . 0 9 : 4 5 : P e s u é s ( p u e b l o ) . 0 9 : 4 7 : d o b l a m o s a l a i z q u i e r d a  
 t o m a r l a c a r r e t e r a q u a n d o l l a n e s y O v i e d o . 0 9 : 4 9 : U n q u e r a , e n t r a m o s s o l o a  
 d e j a r y r e c o g e r p a s a j e . S a l i m o s d e U n q u e r a a l a s 0 9 : 5 0 . S a l i m o s e t r a  
 g i m o s l a a u t o p i s t a q u e G e i j ó n ( 1 2 3 K m ) y a O v i e d o ( 1 3 4 K m ) , L l a n e s ( 2  
 K m ) . 0 9 : 5 8 : A h o r a l l e v a m o s e l m a r a l a d e r e c h a y l a s m o n t a ñ a s a l a i z q u i  
 1 0 : 0 0 : B u e l n a . 1 0 : 0 2 : V i d i a g o y R i e g o . 1 0 : 0 5 : S a n R o q u e d e l A  
 e s t o s p u e b l e c i t o s t i e n e n s u s h o t e l e s , s u s r e s t a u r a n t e s , g a r a j e s e t c . 1 0  
 n e s c o n 1 0 m i n u t o s d e p a r a d a . F u i m o s u l t o b e a ñ o g u a n t a r a B l a n q u i y  
 m a m á , s a l i m o s a l a s 1 0 : 2 0 . A q u í p u s i e r o n T e l v i d e o 1 E n t r o n q u e  
 ( O v i e d o : 1 0 5 K m ) . E s t á n c o n s t r u y e n d o l a o t r a p a r t e d e l a a u t o p i s t a q u e  
 d e O v i e d o a S a n t a n d e r , c o n p u e n t e s , c a n a l e s , c o n t o d o , y a h a y m u c h o  
 t e r m i n a d o s . 1 0 : 4 4 : L l o v i o ( P u e b l o ) A h o r a v a m o s c o n u n r í o a l a i z c  
 L l e g a m o s a G e i j ó n . 1 0 : 4 5 V i r a m o s e n l a e s t a c i ó n d e a u t o b u s e s d e G e i j

<sup>2</sup> R ó s i t u a d o e n e l N o r t e d e E s p a ñ a e n l a C o r n i s a C a n t á b r i c a . ( N . E )

Diario del viaje a mi tierra natal

llegamos hasta el centro de Gijón. 10 :49: A rri on das 15 K m, O v i edo 79 P  
 Pasamos otra vez por el pueblo de Llovio. 10 :52 : M on tañas por todos lados.  
 10 :54: L lan o de M arg olles. 10 :57: T ri on g o. 11:0 0 : A rri on das (In fiest o 2 0  
 O v i edo 65 K m). 11:0 2 : O z an es. 11:0 6: Sot o de Du ñas. 11:0 9: Sev ares. 11:11:  
 V illamay or. 11:2 1: C aran c Nav 142 O v i edo 2 3 K m. 11:2 9: Q u i n t a n a.  
 11:30 : El R emedi o. 11:32 : L ieres. 11:34: Sal i mos a ot ra au topi st a. A u tov ía  
 del C an t áb ri c o. El sol está a todo meter. 11:37: O v Vedo r 16 K m.  
 pequ eño. 11:39: Se ac ab ó la pel íc ula del tel ev i s i ó n a se por  
 las lomas. 11:41: Est amos a 10 K m de O v i edo y el a s e u dad, parec e  
 in men sa desde aqu í. 11:44: R ot on da y sal ida a ot ra au topi st a. 11:47: ¡Q u é  
 fu en te más prec iosa!

11:50 : O v i edo. C u ri osi dad: en O v i edo c amb iamos de g u ag u a, ést a  
 n os dej ará en P on ferrada tien e un c ar tel del an te q u e di c e (G i j ó n -P on t  
 A l morz amos en la est ac i ón de O v i edo, sen dos boc adi tos de jam ón serran o  
 q u eso, c on un a cerv ez a, un du lce c ito, an tojo de Bl anq u i, y un c  
 ¡q u é clase de carg a! Despu é s fu i c on Bl anq u i a dar un a v u elta, en tra  
 un t remen do su permerc ado, parec i do al de San tan der, aqu í se v u elv e un ol  
 mi ran do c osas. V i ramos rápi do, despu é s de h ac ern os un par de fot os para n o  
 t en er mu ch o rat o al a c oron el a sol a. Est á c on t en ta. O v i edo: c api tal del P  
 pado de A st urias, n os ac lara un señor en la termi nal. Sal i mos de la termi nal d  
 O v i edo a las 15:0 3 h oras, c og i mos la au tov ía de L a P l a t a, v el oc i dad perm  
 12 0 K m por h ora.

15:18: M ieres 6, L eón 10 6 K m y pasamos t remen do t ún el . P aramos en  
 M ieres y sal i mos a las 15:2 5 mon taron 6 person as. En c en dieron el v i edo.  
 15:34: P ola de L en a, paramos a las 15:35 su bi ó un a mu ch ac ha. Sal i mos a  
 las 15:36 ¡Nos h ab ló el c on du ct or M i g u el Á n g el ! 15:47: v amos a un a al  
 t remen da, se er lej ís i mos al lá ab aj o las c asi tas en las mon tañas, q u é pa i saj es  
 más i mpresi on an tes. “P rec au c i ón au topi st a de mon taña, respet e la señ al iz ac  
 c i ón ”. 15:51: ot ro t ún el , est e c ort o y ot ro más, ést e más larg o, ot ro más el  
 terc ero c ort o. 15:55: ot ro t ún el , ést e es el más larg o h asta ah ora, ah ora v amos  
 b aj an do. 16:0 0 : ah í v i en e ot ro t ún el . 16:0 1: L eón 57 K m. 16:0 2 : P u en t e  
 n iero C arlos Fern ández C asado, t remen do pu en t e. O t ro t ún el c ort o. O t ro  
 b ast an t e larg o. Un a mu ch ac ha q u e v i aj ab a en el ómn i bus, me i nform  
 P on ferrada h ay dos h ot el es q u e ella c on oz c a, el H ot el San M i g u el y  
 C ru z . 16:32 : V al verde. 16:33: San M i g u el del C ami n o. 16:39: A st org a 2 8  
 16:40 : V illadan g os del P áramo. H ac erat o dej amos las mon tañas, v amos por un  
 g ran llan o. 16:42 San M art ín del C ami n o. H ac erat o v amos por un a rec ta  
 c arret era q u e n ose ac ab an un c a. 16:47: O b ispi o al 658: R ío T u ert o.  
 16:59: A st org a, tierra de las man tec adas. En A st org a c ompré tres bot el las de  
 ag u a fría, el au tob ús c asi n o paró. A st org a tien e un a c at edral b el l ís i ma. 1



P on ferrada 55 K m. 17:30 : t remen da b aj ada por t remen da al t u ra, pasamos por un as gran des can teras de carb ón de piedra. 17:34: t ún el c ort o, 17:35 t ún larg o; 17:39: R ío Boez a, 17:40 : Bemb ib re, t remen do pu eb lo, las c alles, c en todos los lados est án llen as de pasq u in es para las elec c ion es. El au tob ú v u el t as por todo el cen tro del pu eb lo. Bemb ib re, paramos a las 17:45, sal imos a las 17:46. 17:51: P on ferrada 12 K m. A h ora v amos por t remen da au topi st a n u ev a, al t it u d 1.2 50 m sob re el <sup>26</sup>18:01 de pasamos el R ío Si l, an tes t iré un as fot os a P on ferrada desde el au tob ú s, n o me pu de c on ten er, t en g u ardar un rec u erdo para q u e est o lu eg o n o me parec i era q u e fu e un 18:0 5: C olu mb rian os. ;18:0 9: P on ferrada! “T ierra q u eri da, h ac e más de n si g lo q u e h e v i v i do sin v ert e y día a día añoran do est e momen to”.

C u an do lleg amos a la termi nal de P on ferrada cog imos un tax i y m os para el H ost al San ta C ru z , q u e por un a h ab it ac i ó n , b año, c on t el ev isor nos c ob raron 5.80 0 pesetas di arias. A l lleg ar a la h ab it ac i ó n la t ía J osef it a, “No podía c reer q u e era y o y q u e le est ab a h ab lan do desde P on ferrada”. A l rat o v in o José M an u el al h ost al, despu és de un os fu ert es a y un os besos fu imos en su V olk sw ag en a dar un paseo por P on ferrada. m os por los parq u es El P lan t ío, fren te a ~~un~~ <sup>27</sup>de j o men or de J osef it a y lu eg o n os fu imos al parq u e El T empl et e, ~~por el~~ <sup>27</sup>ot a t el u ee señalizac i ón en la c arret era del m ism o omb re. Lu eg o n os fu imos para el de J osef it a y José M an u el, c ómodo, mu y b u en o, t ien en ot ropi so de l l ot ien en al q u ilado y dos c asas más. Nos h ic imos v arias fot os. Lu eg o fu c en arc erca de su c asa: Sopa de mari sc os, merlu z a, c h u let as, t art ah el ada, g aseosa y pan . R ef rán g alleg o q u e n os di jo José M an u el :”Eu n on meigas, pero h ab el as h <sup>27</sup>añ h <sup>27</sup>amos al h ost al a las 0 0 :10 , mañan a, José M an u el nos rec og e a las 10 :0 0 para ir a L ago de C arru c edo. P or lan o reg reso al h ost al pasamos por don de est ab an u est ra c asa en P on ferrada, ah o est án h ac ien dou n edífic io q u e aún n o est á termi nado. V imos tamb ién don de c og íamos la g u ag u a para ir a L ago.

P on ferrada, martes 8 de ju n io. Nos lev an t amos a las 0 7:0 0 a mi me toc ó primer tu rn o del b año, lu eg o a Bl an qu i y por ú l t imo mamá. A y er José M an os en señó el can al de ag u a ~~para~~ <sup>27</sup>Le ago, para la termoelec trica don de él t rab aj ab a, tamb ién la est ac i ó n v i eja del ferroc arri l q u e ah ora es un mu M an u el y J osef it a nos rec og ieron a las 0 9:0 0 en el h ost al, de ah í fu i lo de la ju b ilac i ón de mi n ero de papá, n o si rv i ó porq u e en t on c es mamá

<sup>26</sup> Se t rata de un a imprec isión g eog ráfic a y a q u e est a alt it u d c orresponde al P u e M an z an al q u e se en c u en t ra l g u n os K m an tes de lleg ar a Bemb ib re. (N.E)

<sup>27</sup> Se t rata de un a frase popu larg alleg a en la q u e la fig u ra de las meigas en mu c h os es el eq u iv al en t e a las b ru jas. Est e di c h o reflej a c iert o c arác ter in c rédu lo y m ístic

que renunciar a la otra pensión. Después pasamos por los caminos para recoger el café que se le quemó a Blancaqui. Luego iniciamos el viaje a pasados por los pueblos leoneses que quedaban por el medio: Villalibre de la Jurisdicción, Pirranza del Bierzo, Santalla del Bierzo, Borrenes y Carucedo sacaron la inscripción de nacimiento de papá, ¡con que amabilidad nos trataron que educación y que respeto! Sacaron el libro donde está la inscripción natal y nos hicieron varias fotografías, ah, todo esto sin cobramos un centavo.

Luego seguimos para Lago, y o le dije a José Manuel: “José Manuel hazme el favor con el tronco que, donaldesebir para el pueblo de Lago, para un momento el coche”. Así lo hizo, entonces fui allí, me arrodillé delante de un beso a aquel pedacito de suelo que era el altar de la Virgen cuando llegaba de pequeño sentada que era el ser más feliz de la tierra, allí donde está la fin [Sau Pacis] de mi querida abuelita Cipriana, cuando me contó el cuento de José Manuel me preguntó: ¿Qué has respondido? Nada, pero y a me pedo morir tranquilo.

Subimos al pueblo sin vida, de la fin de la que da un pedacito de tierra que en ollega a dos o tres metros cuadrados. El camino está asfaltado. Lo que eran chozas, como la de abuela, están abandonadas o las coguen a guardar los animales. Los que quedan en el pueblo, gentes viejas, han cambiado un poco, tienen por lo menos un carro y un vehículo. De puta madre [

Antes de entrar en la casa de la abuela, llamé a mi tía Josefita y le dije: “fíjate bien cómo van con todo lo que tienen es así a por dentro”, le dije que un día a un a todas las partes de la casa, ella le dijo a mamá: “Blanca esto y no puedo creer”. ¿Qué edad tenía San tico cuando estuvo aquí la última vez? madre le respondió, “no sé, no recuerdo, pero aún no llegaba a los seis años”.

En tres días vamos a la casa de la abuela, la recorrimos toda por dentro a pesar de las advertencias de José Manuel que el establo es del piso está abandonado. Bajé a donde está el bodega y la cuba de vino y al otro lado donde está el lacuadra. La casa de al lado es la de la tía Encarnación, está mejor porque está habitada, aunque ahora no habitan nadie. Donde está el pajero no nada, del antehuerto o una especie de parquecito y han puesto unos de cemento.

Estuvimos en casa de Clarieta, la hija de los padres de Blancaqui, primer cuando fui yo solo está a su hija, después cuando fui todos está a Clarieta el marido y la hija está en el morzando, le interrumos el almuerzo, nos trataron con mucho cariño, nos hicimos unas fotografías en el patio de la casa, donde se ve el Lago de Carucedo.

José Manuel nos sacó por un camino por atrás del lago, dimos un avu y pasamos por encima de un puente del canal, ¡qué vista más maravillosa! a mí se me acabó el rollo de la cámara. Después José Manuel nos llevó a un a

de las seis hidróelétricas del complejo hidroeléctrico. José Manuel nos invitó almorzar.

Fuimos a Las Médulas, estuvimos en casa de Emérita, la hermana de papá, bella, su esposo Claudio y su hijo Vidal nos trataron de lo mejor. Tremendo cariño, querían que nos quedásemos una semana, pero mamá a pesar del cariño que me yole dio quiso. Claudio nos enseñó las cuevas y todos los castaños, también el Lago Sumido.

Emérita la pobre recién se había hecho un aherrida en un apiernaque vivieron que dar que incespuntos, aunque ya estaba mejor. Tienen un modernizada por dentro, contentos de cocinar, son felices, su hijo Víctor bajó en un acantera de pizza, dice que se está exportando mucho para los países de Europa.

Ponferrada, miércoles 9 de junio. Anoche dejamos los malteses preparados. Hoy me levanté temprano, antes de las 05:00, me bañé y salí a recorrer las calles, quiza como mi última despedida de esta tierra amada. Abajar a la calle me sorprendió que estaba un estiracsa, estuvo también en rada donde tomábamos el omnibus para ir a Lago. De regreso ayúdame a bajar los malteses y fuimos a desayunar. A las 10:05 José Manuel buiscarnos con la tía Josefina, dimos unavultas por el pueblo, nos invitó almorzar y luego nos llevaron a la terminal de omnibus, el nuestro. Ovído sale a las 13:00. ¡Qué emoción ante esta despedida!

Santander, jueves 10 de junio. Me iba a despedirme en la cama, no tenía ganas de levantarme que quiza por saber que había dejado tan lejos que eridos Ponferrada y Lago. Recorrido mucho a mi tribuna Cuba, día para matar un poco el aburrimiento me puse a trabajar en la computadora aunque a Luisino le gustaba, pero así me entretení algo. Después me puse a trabajar de Luisino, todos me dijeron que era muy lejos, que a perder, pero fui y no me perdí.

Santander, viernes 11 de junio. Me iba a despedirme en la cama, no tenía ganas de levantarme que quiza por saber que había dejado tan lejos que eridos Ponferrada y Lago. Recorrido mucho a mi tribuna Cuba, día para matar un poco el aburrimiento me puse a trabajar en la computadora aunque a Luisino le gustaba, pero así me entretení algo. Después me puse a trabajar de Luisino, todos me dijeron que era muy lejos, que a perder, pero fui y no me perdí.

Santander, sábado 12 de junio. Me iba a despedirme en la cama, no tenía ganas de levantarme que quiza por saber que había dejado tan lejos que eridos Ponferrada y Lago. Recorrido mucho a mi tribuna Cuba, día para matar un poco el aburrimiento me puse a trabajar en la computadora aunque a Luisino le gustaba, pero así me entretení algo. Después me puse a trabajar de Luisino, todos me dijeron que era muy lejos, que a perder, pero fui y no me perdí.

<sup>28</sup> Con la expresión cubana "dar cacha" el autor se refiere a incitar, azuzar. (N.E.)

San t an der, domi n g o 13 de H u o r d a . a mañan a M art ay C arlos J u l i o me i n v i t a r o n a i r a l z o o l ó g i c o q u e h a y a q u í e n S a n t a n d e r . A q u e l l o e s d a d e r a m a r a v i l l a , p u e s p u e d e d e c i r s e q u e l o s a n i m a l e s e s t á n p r á c t i c a m e n t e l i b r e s . A d e m á s p u e d e d e c i r s e q u e c o n s t i t u y e u n a v e r d a d e r a h e r o i c i d a d p r e s e r v a r l a n a t u r a l e z a . E n l a p a r t e d o n d e e s t á n l o s m o n o s h a b í a a n t i g u a m e n t e u n a m i n a . H a y u n o s p a i s a j e s m u y b o n i t o s y m u c h a s e s p e c i e s d e a n i m a l e l z o o l ó g i c o e x i s t e n v a r i o s m e r e n d e r o s d o n d e p u e d e s c o m e r l o q u e s e t e a n t o j e . ¡ Q u é c a r i ñ o s o s h a n s i d o c o n n o s o t r o s y e n e s p e c i a l c o n m i g o e s t a p a r e j e .

San t an der, l u n e s 14 de j u n i o . P o r l a mañan a f u i c o n B l a n q u i d o n a b o g a d o a f i r m a r l o s p a p e l e s , s e g ú n é l , t o d o s a l d r á b i e n y a s í p a r e c e p o r l a c a l i d a d d e l o s d o c u m e n t o s q u e h a p r e p a r a d o . L o q u e p a r q u e d e q u e n o s e r e s l o d e m i p a s a p o r t e . D e s p u é s q u e r e g r e s a m o s a l a c a s a f u i c o n B l a n q u i a h a c e r u n o s m a n d a d o s , n u e v e m i l y t a n t a s p e s e t a s . P o r l a t a r d e f u i c o n C J u l i o a r e c o g e r a M a r t a y l e c o m p r a m o s a L u i s i t o e l c e s t o d e l a r o p a , l a r e p i s a d e l b a ñ o y d o s t e n d e d e r a s u n a p a r a B l a n q u i y u n a p a r a m í , t o d o c o s t ó 5 m i l p e l a s g r a c i a s a C a r l o s J u l i o ; d e s p u é s , f u i m o s y n o s t o m a m o s u n a c a ñ a y y o c o r t a d o y d e s p u é s d e l l e v a r a M a r t a , C a r l o s J u l i o m e l l e v ó a l f a r o , d o n d e l u d e c o n t e m p l a r l o s p a i s a j e s , n o s t o m a m o s u n a c a ñ a . E n l a c a s a p o r l a n o c h e v i m o s u n p r o g r a m a d e T V d o n d e v i m o s a l n i ñ o s u p e r d o t a d o , C a r l i t o s , e s u f e n ó m e n o e s t e m u c h a c h o . M e a c o s t é b a s t a n t e t a r d e .

San t an der, m a r t e s 15 de j u n i o . H n o y e l e v a n t é a l a s 0 7 : 3 0 , b a j é , c o r r i e h i c e m i s e j e r c i c i o s y c u a n d o s u b í a ú n L u i s i t o n o s e h a b í a l e v a n t a d o , c o n é l . D e s p u é s q u e m a m á y B l a n q u i s e f u e r o n d e c o m p r a s c o n C a r l o s J u l i o t e r m i n é d e p o n e r l e l a r e p i s a d e l b a ñ o a L u i s i t o y a l d e C a r l o s J u l i o .

San t an der, m i é r c o l e s 16 de j u n i o . Y u s o e s t á p r e p a r a n d o e l v i a j e d e r e g r e s o a C u b a , m a m á n o r e s i s t e m á s e s t o , e x t r a ñ a s u s t o ñ a d e m á s e l d i n e r i t o s e e s t á a c a b a H o l y L u i s i t o m e d i o u n d i n e r o q u e l e d i o m a m á p a r a q u e l e c o m p r a r u n o s r e g a l i t o s a m i g e n t e , m a ñ a n a s a l d r e d e c a m a m a p r a s . y o p u n t u a l i z a m o s c o n C u b a n a d e A v i a c i ó n n u e s t r o s p a s a j e s d e r e g r e s o p a r a e l 2 5 d e j u n i o . Q u i e r e d e c i r e s t o q u e m a m á y y o e s t a r e m o s e n E s p a ñ a s o l a m e n t e 3 6 d í a s , q u é l á s t i m a , c o n v i s a d o p a r a s e i s m e s e s , p e r o c o m o B l a n q u i s e q u e d a u n t i e m p o m á s c o n s u h i j o , n o p u e d e s e r q u e m a m á v a y a s o l a , e l l a p u e d e c o n e l e q u i p a j e n i c o n t o d o s l o s t r a j i n e s d e l v i a j e .

San t an der, j u e v e s 17 de j u n i o . H u o y i o n o t e n í a p l a n i f i c a d o s a l í d e c o m p r a s , L u i s i t o a n t e s d e i r s e p a r a e l t r a b a j o m e d e j ó a l l í , d e s p u é s a l a h o r a d e a l m u e r z o m e r e c o g e . L e c o m p r é l o q u e p u e d e c o n e l d i n e r i t o q u e m e d i e r o n C a r m e n , Y a r i y A b e l i t o , n o f u e m u c h o p u e s s ó l o p u e d e c o m p r a r c o n e l o q u e m e d i e r o n , p e r o a l m e n o s l e l l e v o a l g o a m i g e n t e .

San t an der, v i e r n e s 18 de j u n i o . E n r e a l i d a d e s o s d í a s m e t i d o e n l a c a s a e l d í a e n t e r o h a n s i d o u n a t o r t u r a , p u e s c o m o u n o n s i o i n e n o p u e d e k i l o [ s a l i r , y n o q u e d a o t r o r e m e d i o f i j e e l d í a e n t e r o . P o r l a n o c h e d e n u e v o

M arta y C arlos J ulio me invitaron a ir al cine, que es maravilla, si no había varios cines un o al lado del otro, lo que es más me impresionó fue la actuación de las personas dentro del cine y el audio tan perfecto que tienen que es en estas dentro de la película.

San tan der, sábado 19 de julio. El mejor lugar para ir a las marchas con Luisito y Carlos Julio. Estuvimos en varios bares, hay uno que es “La 440”, la gente baila <sup>30</sup> el tango mejor que en cualquier club. Luisito se empató con un matrisal fue con Yehuda con Carlos para la casa con tremenda ju ma, suerte que yo apenas había tomado y que taxí en un santi amén nos dejó en la casa.

San tan der, domingo 20 de julio. Los niños nos llevaron al “Rey de las Rabas”, es un bar donde se especializan en rabas (calamares cortados, rueditas, rebosados y fritos), son exquisitos, al llegar aquí ellos estaban a degustar, nos mandaron pasar y en unos minutos estabamos tomando cerveza fría y al poco rato también saboreamos las rabas. Allí, Luisito compró billetes de la quinela del fútbol, me parece que esto es más difícil además que la misma lotería.

San tan der, lunes 21 de julio. Los cinco en la mañana y ocuimplaños, por la mañana todos me felicitaron, por la tarde compraron unas pizzas grandes, dísimas, un tartar (cabe), y celebramos en la comida el cumpleaños, Martiró una foto en la mesa a todos.

## VIAJE DESANTANDER A MADRID EN AUTOBÚS

Madrid, martes 22 de junio. Salimos a las 10:33 h de San tan der. Nel y llevé hasta la terminal pues Luisito se tenía que ir para el trabajo. 10:35: Bayón. 10:55: Redo. 10:58: Carandía. 11:00: Vargas. 11:08: Puente V. 12:07: Quintanilla (Río Ebro). 12:13: San Felices de Valdeón. 12:15: Nera. 12:18: Tubilla del Agua. 12:32: Quintanilla-Sobreserra. 12:35: tan aortuño. 12:45: Sotopalacios. 12:50: Burgos. Parada de 25 minutos en el bar del camión; llegamos 13:25; salimos 13:52 (Madrid 203 Km). 15:20: Zoayuela. 15:30: Gadalix de Sierra. 15:33: El Molar. 15:43: San Agueda de Gadalix. Al llegar a Madrid llamé a casa de Araceli, me salió después de volver a llamar y hablé con Araceli, me dijo que ya Antonio salido a buscarlos. Suerte que en Antonio me ayudó con las malas, porque me reviento. Nos llevé para casa de Araceli. Por la tarde con Pía Pita y quito, nos invitó a cenar en un restaurante muy bueno cerca de casa.

<sup>29</sup> Ir de marcha, ir de fiesta los jóvenes. (N.E)

<sup>30</sup> El autor se refiere a un baile típico de bañeros en pareja. (N.E)

M adrid, miércoles 23 de junio. Por la mañana fui a Carranza en el metro. Desayuné en el bar Okayama, el que está al lado del edificio donde viví con su familia a tantos años, le tiré una foto al edificio, para recuerdo. Estaba cuando yo era chico en un paseo por el medio de las sendas del tráfico, ese paseo ahora no existe y hay tremenda doble vía con un tránsito de madritu ve que esperar un buen rato para poder tirar la foto. Después me fui a lo de Cubana de Aviación, en la Plaza España y allé a llevar las fotos a revelar. Fuí almorzar a casa de Antonio y Racelita, ¡tremenda paella!, por la tarde fui a un parque de diversiones donde hay unos aparatos verdaderamente impresionantes, hablando con Antonio de la montaña rusa, ese mismo día se produjo accidente al cual tuvieron que acudir los bomberos para bajar alag en t había que edo trabada en la parte superior "a tremenda altura", Antonio tu lag en t ileza de traerme fotocopiado un periódico donde salí ó la noticia.

M adrid, jueves 24 de junio. Almorzamos en casa de Racelita, con Susana César, su esposa, después nos fuimos con Pepita para su casa y nos dimos un baño de lo mas rico en la piscina, ese día en Madrid hubo 40 grados de temperatura. En casa de Pepita conocí a su hijo Germánico y a Marta su hermana muy sencillas, muy buenas gente. Al regresar Paquito nos estaba en la terraza, árbol, y allí con él nos tomamos una cañita. Mañana en la mañana teníamos que preparar los paquetes por que por la tarde teníamos que ir para el aeropuerto.

## VUELO DEREGRESO A CUBA

Nos acompañaron hasta la terminal aérea Racelita y Antonio, Tatiana y los hermanos manó un paquete con jamón serrano, pero para que no se perdiera le dijimos a Racelita que ella se lo llevara. ¡La despedida de estos dos familiares tan queridos fue triste y odiosa en extremo! Hora de despegue 18:23. 19:00 Salimos al Atlántico después de atravesar España y Portugal, a una altura 8.839 m velocidad 846 Km/h. En el vuelo en un niño pequeño, Eric, al que el ratón con el pañuelo, se hizo tremendo socio mío, me tiré unas fotos con él las siete horas de vuelo nos anuncian que falta una hora y cinco minutos de vuelo. La temperatura en la Habana es 28 grados. Velocidad 887 Km altura 10.058 m. Llegamos a Cuba a las 21:17 horas. En el aeropuerto estábamos esperándonos, Carmen, Yaritza y Abelito, ¡qué alegría!, nos fuimos directamente a casa. Dan y Dolly se fueron con mamá y Alberto.

## PETICIONES EHERICIERON

Lo abina: un alata de betún caramelita y un anegra. (Satisfacción).  
 Roberto: Coplín de Seat 40 y un abotellado de vino. (El vino sí, el coplín lo encóntré).

- V aldivia: Un abotella de vino y un pomo de aciete de hígado de b...  
 (El vino sí, el aciete de hígado de bacalao no lo encontré).
- A rmando: Felpas y acietunas. (Todo resuelto).
- M irabal: un marcador azul claro (Resuelto, además le traje un...  
 Yiyé: máquina de afeitarse y cucullas (Resuelto).
- A belito, mi hijo: en tres otras cosas me pidió un reloj y un...  
 Real Madrid. (Ninguna de las dos se las pude comprar, pues valían  
 mucho y no tenía dinero. Le compré otras cosas, ropa y zapatos).
- C armen, mi esposa: tela de encaje de cortinas, tela de flores de cortina  
 cortina de baño, zapatos y gancho de rollos. (Ninguna de las telas  
 las resolví, ni los gancho de los rollos, pero le compré otras cosas).
- Y aritzá, mi hija: vestidos de salir y zapatos (más o menos satisfec...  
 aunque en calidad que ella quería).
- L o de más valor para mí del viaje, el cariño y las atenciones de A rac...  
 y las postales que me escribieron en especial a la familia de A ntonio  
 A racelita.
- A ntonio: de tu viaje me quedarán recuerdos, habérvos versado...  
 gente.
- R ubén: me alegro mucho de haber conocido a un familiar tan...  
 entrañable, siempre os recordaré.
- A racelita: después de aquellas maravillosas cartas que nos escrib...  
 que me decías que sería un año el podemos abrazar, pues mi rayase  
 cumplió. Pero si en topa, pena de que etengáis que regresar y se  
 unocón un vacío en el corazón. Por que tú sabes primero que el  
 de la familia está fuera, aunque aquít enemos a la prima A racelita,  
 faltan otros, cuando no está su no se acostumbra a la ausencia  
 primero cuando os marcháis se queda un rotopor dentro.
- Iván: hay personas en el mundo que no deben morir, y a por sus recu...  
 por su personalidad y saber estar. De estas personas que dan poco,  
 personas muy entrañables y que quedan en el corazón. Pero y a  
 conrado a estas personas. Vosotros, que por mucho que pase siempre  
 os llevaremos dentro. Un beso de parte de todos por hacernos pasar  
 un rato estu pen do.

Este viaje además de representar para mí el reencontró con familiares  
 que ehacía más de medio siglo que no veía, me brindó también lainmen  
 gria de conocer a muchos que aún no conocía y la de visitar lugares en  
 pasé los años más felices de mi niñez.

Vaya con este trabajo una exhortación a todos los emigrantes espa  
 para que vistan de nuevo a España, que eluchen por conseguir esta d  
 quizás un día, como yo, puedan llenos de emoción besar la tierra que  
 los vio nacer.





M adri d, sáb ado 2 2 de may o de 1999. F oto e n c asa de A rac el i (del f on do al f ren t e), mamá A rac el i , Sol e, ami g a de A rac el i y mi h erman a Bl an q u i .



En l a si drería, de i z q u i erda a derec h a, l a esposa del papá de C arlos J u l i o, el papá, mi madre, el au t or y mi h erman a Bl an q u i .



M adrid, mi érc ol es 2 6 de marz o de 1999. P ase o por el parq u e del R etiro. De iz q u i erda a derec h a, B l a n q u i, A r a c e l i, e l a u t o r y A r a c e l i t a.



I g o r r e ( P a í s V a s c o ), s á b a d o 2 9 de marz o de 1999. C o n m i s o b r i n o L u i s i j u n t o a l a s b i c i c l e t a s d e l C l u b B a n e s t o.



P ampl on a, sáb ado 2 9 de may o de 1999. J u n t o a l a P l az a de t oros de P ampl on a.



San t an der, domi n g o 30 de may o de 1999. En c asa de C arl os, el médi c o.



San t an der, martes 1 de ju n i o de 1999. A l mu erz o en c asa de Nel y ve uShnan an qlar)de pi e.



L aredo (San t an der), sáb ado 5 de ju n i o de 1999. C on l a señora de R i c h ard el pesc ador.



P on f errada, 7 de j u n i o de 1999. F ot og raf ía a P on f errada desde el au t o b ú s.



P on f errada, martes 8 de j u n i o de 1999. Edi fic i o de n u est rac asa en P on f e rrada. A l f on do parada del au t o b ú s q u e n os l l e v a a L ag o C aru c edo.



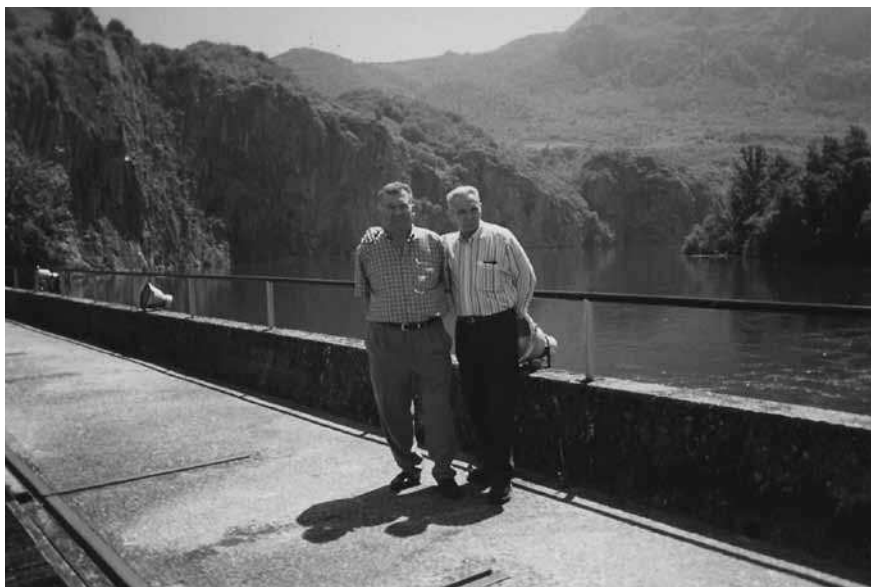
Carrucedo (Ponferrada), martes 8 de junio de 1999. Paseo por la casa de Clari. De izquierda a derecha: el esposo de Clari, el autor, la tía Josefina, la hija de Clari, Blanqui, Clari y mamá.



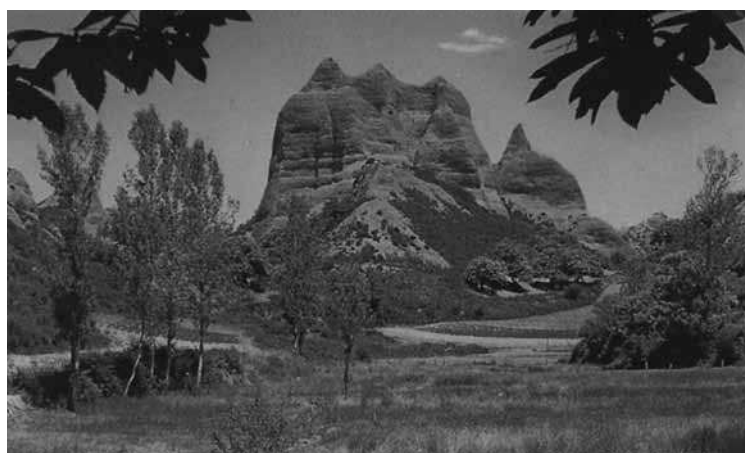
Ponferrada, miércoles 8 de junio de 1999. Paseo por Ponferrada. De izquierda a derecha: Blanqui, tía Josefina, mamá y el autor.

Diario del viaje a mi tierra natal





P on f errada, mi érc ol es 8 de j u n i o de 1999. C on J osé M an u el , esposo de l a t ía J osef it a, en l os al rededores de u n a c e n t r a l h i d r o e l é c t r i c a.



P on f errada, mi érc ol es 8 de j u n i o de 1999. P ost al de L as M édu l as.





San t an der, lu n es 14 de ju n i o de 1999. En el zoológic o de San t an der. En el c en t ro de la f o t o, C J u l i o c on c ami se t a de ray as y su n ov i a M art a v est i da de b l an c o.



San t an der, lu n es 21 de ju n i o de 1999. C el eb rac i ó n de mi 58 c u mpl e años.



M adri d, v i ern es 2 5 de ju n i o de 1999. En M adri d, mi érc ol es 2 3 de ju n i o de 1999. Edi fic i o  
av i ó n de reg reso a C u b a, fot o del ni ñ o E d e a C / C arr an z an ° 4, don de v i v i eron mi madre  
c on el rat on ci to q u e le h i ce c on mi p a r e n t e s su s h erman as.



M adri d, mi érc ol es 2 3 de ju n i o de 1999. En c asa de A n t on i o y A rac eli ta. De  
pi e: A n t on i o, A rac eli ta y mi t í a R og eli a. Sen t ados: M am á, A rac eli y y o.



# De F r í a s l l e g ó u n e m i g r a n t e B e r n a r d o B e r g a d o N o c e d a

A n a L u i s a B e r g a d o C y a n e j m é r i c a A n a P i n t a d o B e r g a d o

## A G R A D E C I M I E N T O S

A n u e s t r o s p a d r e s p o r i n c u l c a r n o s e l c a r i ñ o y r e s p e t o a n u e s t r o s a b u l o s . A l t í o P e d r o , p u e s s i n s u s v a l i o s o s d a t o s h u b i e r a s i d o i m p o s i b l e r e a l i z a r e s t e t r a b a j o . A t o d o s l o s q u e n o s h a n p r e s t a d o s u a p o y o , n i e t o s y b i z n i e t o s e n e s p e c i a l a R a ú l . A l o s c o m p a ñ e r o s d e l a S o c i e d a d B e n é f i c a B u r g a l e s a p o r f a c i l i t a r n o s d o c u m e n t o s y s u c o n s t a n t e e s t í m u l o , e n e s p e c i a l a l a c o m p a ñ e r a M a r í a A u r o r a .

## A L A N C I A N I T O D E B A R B A S B L A N C A S Q U E C A D A T A R A N A B A E N S U R E G A Z O ...

F i n a l i z a n d o e l s i g l o X I X , d e s d e F r í a s , e n c l a v e n o r t e ñ o d e B u r g o s , u n j o v e n e m i g r a n t e l l e n o d e s u e ñ o s y p r o y e c t o s ; e n e l e s c a s o e q u i p a p e , u n a r t i s t a f o t o d e s u s p a d r e s , h u m i l d e s l a b r i e g o s , l a c u a l l o a c o m p a ñ ó d u r a n t e t o d a s u v i d a y s u s h i j o s c o n s e r v a r o n e n e l h o g a r h a s t a q u e f u e d e s t r u i d a p o r e l d e l t i e m p o . A g s o v e e s i n f o r t u n a , a l e m i g r a n t e h o n e s t o y e m p r e n d e d o r q u e e n n u e s t r a i s l a e n c o n t r ó e l a m o r y f u n d ó y e d u c ó u n a e x t e n s a f a m i l i a e n d e n u m e r o s a s v i c i s i t u d e s , d e d i c a m o s e s t e t r a b a j o , c o m o m o d e s t o h o m e n a j e d e s u s d e s c e n d i e n t e s .

E l r e s p e t o y c a r i ñ o q u e l e g ó a s u s h i j o s y q u e é s t o s t r a s m i t i e r o n a s u n i e t o s , e l c e l o c o n q u e l a f a m i l i a c o n s e r v ó c a d a r e c u e r d o c a d a a n é c d o t a c u m e n t o s y f o t o s , n o s h a p e r m i t i d o r e c o n s t r u i r s u t r a y e c t o r i a a 7 0 a ñ o s d e m u e r t e . N i e t o s y b i z n i e t o s , t o d o s h a n c o l a b o r a d o e n e s t e e m p e ñ o . U n f a c t o r m u y i m p o r t a n t e , c o n s t i t u y ó l a i n f o r m a c i ó n a p o r t a d a p o r P e d r o , e l ú n i c o

<sup>1</sup> H i j a d e G u s t a v o B e r g a d o y n i e t a d e l p r o t a g o n i s t a d e l r e l a t o . ( N . E . )

<sup>2</sup> H i j a d e A n a C e l i a B e r g a d o y n i e t a d e l p r o t a g o n i s t a d e l r e l a t o . ( N . E . )

diez hijos que vive con serva en sus 95 años una excepción al memoria y lucidez.

Bernardo Bergado Noceda nació el 20 de agosto de 1866 en la lejania antigua de Frías, provincia de Burgos, región de Castilla y León. Zado al día siguiente, el 21 de agosto en la Iglesia Parroquial de San Vicente Mártir. Sus padres, don Toribio Bergado Gómez y doña Tomasa de la Noceda Herrán, fueron sencillos labradores, naturales y residentes de Frías, a quienes sus abuelos don Pedro Bergado y doña Tomasa Gómez, y don León de la Noceda y doña Blasa Herrán. Sus padrinos fueron Don Carlos Fernán Manzano, natural de Santotis y Doña Dolores Oca, natural de Navarra. El apellido Bergado aparece desde siglos atrás asentado en la región de Burgos. La referencia más antigua data del siglo XVI.

De su infancia y adolescencia como poco, pues Bernardo fue el primero de una familia reservada y su entrego al trabajo no le dejaba mucho tiempo para narrar historias; sus momentos fueron compartidos con la ayuda en la huerta, la recolección de cosechas, acompañando a sus padres a romerías y fiestas patronales, y algunas correrías entre estas cosas, a la sombra de los altos muros del castillo de los Duques de Frías o en las riberas del Ebro. Sin embargo, pronto se fue en esta época y en el seno familiar que se fueron forjando la honra, el nobleza, la bondad, la laboriosidad, principios y virtudes que lo caracterizaron toda su vida e inculcó a sus hijos.

Hacia 1884, cuando apenas 18 años, Bernardo emigró a Cuba, la primera que poseía que en el Caribe tenía España, donde vivían su tío Pedro Bergado Gómez y su hermano Pío. Después en la travesía estuvo acompañado de otros jóvenes procedentes de distintas aldeas de Burgos con los que se mantuvo unido después de su llegada a la Isla.



Retrato de Bernardo Bergado Noceda.

Hacia la década del 90 del siglo XIX y se habían establecido en la Habana y sus alrededores unos ~~hermanos~~ galeses, los cuales se reunieron el 29 de junio de 1893 y constituyeron una asociación que denominaron Sociedad Benéfica Burgalesa, con el propósito de contribuir a la unidad y ayuda solidaria mas efectiva entre todos los emi-

grandes de la región y especí-  
 socorrer a los más necesitados. En  
 sus fundadores se encontraban  
 abuelo, Bernardo Bergado Noceda  
 según consta en la relación  
 dada a la asamblea general de  
 por la Junta Directiva al año  
 el 29 de junio de 1894. El tío  
 el hermano Pío también se  
 ron a la misma. En 1894 se abrió  
 su inscripción para ampliar los  
 la Sociedad. Entre los asociados  
 brindaron su aporte se encontraban  
 Pedro Bergado Gómez y Bernar-  
 Bergado Noceda concurro y  
 plata respectivamente. En la  
 de la Sociedad del año 1907 se  
 significa el nombre de Bernardo como  
 uno de los contribuyentes a la  
 restauración de la iglesia de San  
 Burgos. En 1908 la Memoria relacio-  
 nal a los nombres de los asociados  
 desde 1893 hasta esa fecha, en el  
 listado aparecen el tío y el herma-  
 no Pío. No tenemos datos referen-  
 tes a las circunstan-  
 cias de la muerte de ambos.



Su participación en la fundación  
 de la Sociedad Benéfica Burgalesa  
 si empre para el motivo de orgullo.  
 Durante algún tiempo ocupó respon-  
 sabilidades en la Junta Directiva,  
 por ejemplo en el período de 1906  
 a 1907 apareció como Vocal. Dos  
 de sus grandes amigos, Felipe  
 Gallo Alonso y Félix Gallo, am-  
 bos naturales de Castilla de León  
 e integraban también en la Direc-  
 ción ese año, el primero como  
 Tesorero y el segundo como  
 Vocal.  
 Para Bernardo la amistad fue un  
 culto y su hijo Pedro nos habla  
 de ellos como compañeros de viaje  
 de su padre, por quienes si empre  
 tuvo un gran estimación y en  
 los momentos importantes de su  
 vida. Otro de los grandes amigos  
 del abuelo fue el asturiano Brau-  
 lio Díaz Rodríguez, que tenía un  
 abogacía en Amistad y Barcelona  
 y había nacido en Inclán, aldea  
 de Pavia, y estaba casado con  
 Ramona Varez natural de San  
 Martín de Luines, también en  
 Asturias. La amistad de ambos  
 se mantuvo hasta la muerte de  
 Don Braulio. Sus hijos, especia-  
 lmente María Luisa y Camila con-  
 tinuaron la relación con los hijos  
 y nietos de Bernardo, como lo  
 llamaban. Mucho amigo de ambos  
 era Ramón Campello (padri-  
 no de una de las hijas de Braulio)  
 y un español de apellido Valdés  
 que era dueño de fincas en Punt  
 Brava.

emigración de Bernardo Bergado Noceda

emigración de Bernardo Bergado Noceda

De F rías l l e g ó n e m i g r a n t e: B e r n a r d o B e r g a d o N o c e d a



**SOCIEDAD BENÉFICA BURGALESA**

**DIRECTIVA PARA EL AÑO DE 1906 A 1907**

PRESIDENTE  
*Sr. Dámaso Gutiérrez Cano.*

VICES PRESIDENTES  
*Sr. Cándido López y Alcega Saiz.*

TESORERO  
*Sr. Felipe Gallo.*

VICE TESORERO  
*Sr. Victoriano Gutiérrez.*

**VOCALES**

<p><i>Sr. Jacco Ruiz.</i></p> <p><i>Sr. Bernardo Bergado.</i></p> <p><i>.. Nestor Martín.</i></p> <p><i>.. Francisco Gallo.</i></p> <p><i>.. Félix Ruiz.</i></p> <p><i>.. Olimpio López.</i></p> <p><i>.. Julián Ruiz.</i></p>		<p><i>Sr. Agustin Gutiérrez.</i></p> <p><i>.. Juan Nogales.</i></p> <p><i>.. Valentín Menzo.</i></p> <p><i>.. Juan Lopez.</i></p> <p><i>.. Hilario Blazo.</i></p> <p><i>.. Fidel Lambardi.</i></p> <p><i>.. Norisio González.</i></p>
--	--	---

**DUPLES**

<p><i>Sr. Casimiro Crespo.</i></p> <p><i>.. Acosta Gómez.</i></p> <p><i>.. Roque Antuñano.</i></p> <p><i>.. Emilio Flores.</i></p>		<p><i>Sr. Félix Pascual.</i></p> <p><i>.. Teófilo Nogales.</i></p> <p><i>.. Narciso López.</i></p> <p><i>.. Rufino Gómez.</i></p>
--	--	---

34

Nombres	Naturaleza
Alvarez, Gregorio.....	Villaladra de Heras.
Alonso Marcos, José.....	Burgos.
<b>B</b>	
Baranda Arce, Luciano.....	Espinosa de los Monteros.
Barredo Angulo, Narciso.....	Orbañanos.
Bergado, Pedro.....	Frias.
Bergado Novela, Bernardo.....	Frias.
Baranda Arce, Domingo.....	Espinosa de los Monteros.
Baltrago Romano, Antonio.....	Madrid.
Bleusa Quintano, Vicente.....	El Grado.
Barbero Carazo, Gervasio.....	Hinojosa de Cervera.
Baranda, Leandro.....	Castrobarrio.
<b>C</b>	
Cuesta, Hilario.....	Soncillo.
Cano Espuero, Gabriel.....	Berealo.
Cano Espuero, Melchor.....	Berealo.
Campasario Sotillo, Eulogio.....	Soria.
Callego Isasi, E. S. D. Emilio.....	Quintanadueñas.
Carnicero Gil, Quintín.....	Castrobarrio.
Corral Villate, Pablo.....	Castrobarrio.

**RELACION DE SOCIOS**

PARA  
**JULIO 1.º DE 1910**

1 Manuel López Angulo.....	Gayangos.....	Burgos.
2 Felipe Gallo Alonso.....	Castil de Lencos.....	..
3 Juan Gómez Martínez.....	Ignacia de la Batola.....	..
4 Victoriano Gutiérrez Per.....	..	..
5 ..	..	..
6 Juan López Caballero.....	Agüera Montán.....	..
7 Vicente Varona Varona.....	Mozares.....	..
8 Mariano Saiz Martínez.....	Leva.....	..
9 Dionisio López López.....	Guangos de E. 900.....	..
10 Rufino Zaton Villamor.....	Rosa de la Hija.....	..
11 Julián Ruiz Alonso.....	Dobro.....	..
12 Pablo Corral Villate.....	Castrobarrio.....	..
13 Julián de la Presa Zorrilla.....	Civiles.....	..
14 Vicente Gómez Fernández.....	Sanz de la Loba.....	..
15 Rufino Gómez Gómez.....	Entrambosios.....	..
16 Bernardo Bergado Novela.....	Frias.....	..
17 Gabriel Cano Saiz.....	Berealo.....	..
18 Francisco Gallo Martínez.....	Aldas de Medina.....	..
19 Martín Saiz Ruiz.....	..	..
20 Rutilo Martín Andrés.....	Fuanda de Saiz.....	Habana.
21 Agustín Gutiérrez Martí.....	..	Burgos.
22 ..	Berealo.....	..
23 Juan Victoriano Gutiérrez.....	..	..
24 Narciso López Caballero.....	..	..
25 Ignacio López Baranda.....	Villasante.....	..
26 Dámaso Gutiérrez Cano.....	Berealo.....	..
27 Casimiro Crespo Fernán.....	Frias.....	..

F r a g m e n t o s d e l a s M e m o r i a s d e l a S o c i e d a d B e n é f i c a B u r g a l e s a d e C u b a. A ñ o s 1906 a 1908.



El 15 de febrero de 1898 se produce la explotación del acorazado norteamericano Maine en aguas de la bahía de La Habana, hecho que sirvió de texto a EEUU que anexionó a la isla de Cuba, para iniciar acciones militares contra España. Ante esta situación, el 2 de abril de 1898 Bernardo se incorporó al Cuerpo de Voluntarios de la Isla siendo ubicado en el Séptimo Batallón Cazadores de La Habana, en la Sexta Compañía dirigida por el Capitán don Vicente Oca Fernández y Coronel Pri mer Jefe de la misma don Leopoldo Vajal, Marqués de Pinardel Río. En el documento de ingreso se constata que en ese momento tenía 31 años, vivía en Amistad nº 47, era soltero y se dedicaba al comercio. Descendió en el barco con otros soldados de la compañía.

Siempre vinculado a la actividad comercial, se incorporó a la Asociación de Dependientes de Comercio de La Habana. Con grandes esfuerzos logó reunir el capital necesario para adquirir su propio establecimiento: un apartamento y panadería en Guanajay.

En los primeros años del siglo XX, ya adquirida cierta estabilidad económica decidió formar una familia. Se enamoró de Ana Luján de la Luz, criolla de 22 años, estilizada figura y negros ojos soñadores, que vivía en la calle Real nº 62 en Caimito del Guayabal. Ana Luisa era la mayor de los hijos de don Francisco Palmer y Picot, natural de Palma de Mallorca, Ana María de la Hoz y Gandarilla, natural de Vereda Nueva, que pertenecía a una numerosa familia establecida desde hacía años en la región.

Don Francisco se dedicaba al comercio y era dueño de una panadería, al edaño a la ampliación de la familia situada en la calle principal del pueblo. Esta panadería, famosa por la calidad del pan y las galletas durantes muchos años, fue administrada después de la muerte de don Francisco, por sus hijos Pancho y Luján. La familia de Francisco y Ana María tenían gran prestigio y se caracterizaba por la unión y solidaridad entre todos sus miembros y acogida con respeto y afecto al español honesto y trabajador que se enamoraba a Ana Luisa. En determinados momentos de dificultades económicas, Bernardo y Ana Luisa entraron en apoyo en ellos.

El enlace se celebró en la Iglesia Parroquial de San Francisco de Asís de Guanajay, en el pueblo de Caimito del Guayabal el 3 mayo de 1903 a las 3 de la tarde (Anexo V II). Firmaron como testigos los burgaleses don Benito López Maraño y don Félix Ruiz Gallo miembros y fundadores de la Sociedad. La pareja se instaló inicialmente en la vivienda que ya ocupaba Bernardo en la calle Amistad. Sus hijos conseraron durante años unas de las mejores matrimoniales comunitarias familiares y amigos su domicilio.

El 4 de febrero de 1904 nació la primera hija, Ana Celia Andrea. En la inscripción se constata que el nacimiento se efectuó en la calle Anchura.

De Ferías Illegón emigrante: Bernardo Bergado Noceda

nº 100. A l año siguiente, el 18 de marzo de 1905 nació el esperado varón Bernar do Tomás Flaviano (Quico). El alumbramiento se produjo en Candelguayabal. El 8 de junio de 1906 nació otra hembra, Lilia Mariana. En ese momento la familia vivía en Villegas nº 104. Como testimonio de nacimiento aparece la firma del amigo de Bernardo, Felipe Gallo Alonzo, que vivía en la calle Habana No. 100 y tenía un comercio en la esquina con Obrapía que llevaba el nombre de “El Gallo”. Rápidamente creció el hijo, el 2 de julio de 1908 nació Esther Tomasalejan de Isabel (Cunisi) años después, el 23 de junio de 1910, Aida Graciela Felisa de Jesús (Cunisi) Est última en Guanajuay, en la calle Martires nº 4. El aumento de la familia obligó a Bernardo y Ana Luisa a frecuentar los comedores de domicilio, los mejores condiciones de vida y alquileres más baratos. Eran tiempos difíciles y había que trabajar muy duro para garantizar el sustento. Como consecuencia de la dependencia, había sufrida la ocupación militar por parte de Cuna en consecuencia su desarrollo y dependencia, la situación del país en estable.

Bernardo había vendido la tienda de Guanajuay y comprado tres bodegas en San Lázaro y Blanco, Amistad y San Miguel y otra en Misión en esta última residía la familia. Poco después se mudaron para Estrella en Toluca. Subirana y Árbol Seco. Aproximadamente entre 1910 y 1911, un comercio



Certificado de alistamiento de Bernardo Bergado Noceda.

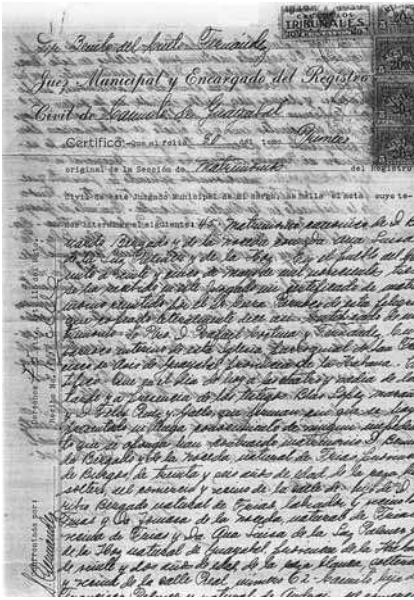
Ana Luisa de la Luz Palmer y Picot.

propuso a Bern ardo iniciar un negocio de vinos. Siempre dispuest o a emprender c ualq uier iniciativa que p udi era proporci on ar mayor bien est ara su familia, ac ept ó tal v ez se sintió est imulado por la historia de Ramón Berg ado, que e dic en f u e f amoso propietario de bodegas de vino en el p ueblo natal. El negocio fracasó y Bern ardo perdió todo lo que hab ía invertido en él, pero el abuelo era h ombre que se atemoriz ara ante las dificultades. C on tando ya c on más 45 años, parti ó hacia C amagüey para trab ajarse como peón en la c onstrucción v ías de ferrocarril, dando p ic o y palay realiz ando las faenas más rudas. ¡C uando difícil sería la situación, para que Bern ardo, tan apegado a su familia de rapaso, dej ando a Ana Luisa c on cinco niños pequeños (entre 2 y 8 años) y b arazada del sexo! ¡C uánto dolor, ansiedad y nostalgia debió sufrir el abuelo!

A ún se enc ontraba en C amagüey c uando nació el 5 de junio de 1914 Pedro Orlan do Bonifacio, en la vivienda de la calle Estrella. Ana María madre de Ana Luisa hab ía fallecido hac ía algunos años, pero en est a ocasión como en otras, est uvo presente la ayuda de sus hermanos y el apoyo de sus tíos Mercedes, Teté y Adolfo de la H oz y G andarilla que vivían en la calle 21 (actual municipio C entro Habana).

Meses después, Bern ardo sufrió una herida en una mano y enfermó, regresando a la Habana, si endo hospitalizado en el Hospital de Dependientes que actual era socio. Por est a razón, Pedro fue inscrito en el mes de mayo de ese momento existía una d isposición que sancionaba a los padres que demoraban en realiz ar la inscripción de los recién nacidos. Para ev adir una sanción Bern ardo lo inscribió en el Registro Civil de C ai m ito del Guay abal ante el J u e z M u n i c i p a l del lugar, El euterio de la H oz y G andarilla era t u l u i s a . Como fecha de nacimiento se puso el 5 de agosto, no la fecha real 9 de marzo de 1914 nacimiento de C ai m i t o del G u a y a b a l F r a n c i s c o R e i n a l d o (Ch o). Por est a época se trasladaron para la calle Sitio esquin a a Francisco, frente a la marmolería “P en n i n o” propiedad de un italiano (este est ablecimient o trasladó años después para la calle Infanta). El 30 de agosto de 1916, Ana Luisa dio a luz otro varón, Tomás Arsenio de la C aridad (Ch en o).

La situación económica del país c ontinuaba inestable, la familia c recien do, de modo que Bern ardo, en aras de proporcionar mayor bien est ara su familia, decidió emprender un negocio relacionado c on la distribución de panales, miel y cera de abejas y melado de caña, productos que entonces eran m u c h a aceptación en trela población. El proyecto c on sistía en la de miel y melado a gran el, en grandes barriles para envasarlos en botellas de distintos tamaños y distribuirlos a los comerciantes detallistas para su venta al menudeo. Hab ía que visitar los establecimientos, anotar los pedidos y luego repartir la mercancía. Tras largos años dedicados al comercio, Bern ardo c onocía a muchos propietarios de bodegas y tiendas de víveres, en su ma



Certificado matrimonial de Bernardo Bergado y Ana Luisa de la Luz de Palencia, de Bolodrón, don de se produce de mayor calidad.

Ana Luisa, además de ocuparse de la atención de los niños y las tareas del hogar, ayudaba al esposo a lavar las botellas; los hijos mayores cumplían de la escuela compartían esta faena ocupándose a los hermanos pequeños.

Poco a poco, por su calidad, la miel y el melado que vendía el abuelo fue imponiendo y Bernardo decidió crear sus propias marcas “Nectar de las Flores” para la miel y panal es y “La Libertad” para el melado de caña, las cuales inscribió en el Registro de Marcas Nacionales del Registro de la Propiedad Industrial. Cada marca tenía su propia etiqueta para diferenciarla de productos similares que se vendían adulterados. Años después, el papel de cartas utilizadas para las gestiones tenía en la parte superior el membrete con su nombre.

Para almacénar los berriles y botellas y realizar el trabajo de envase y etiquetar que compartía toda la familia, se requería un local amplio, que se mudaron para la barriada de Jesús del Monte donde las viviendas eran más espaciosas que en el centro de la ciudad. La casa estaba situada en la Tamariñón nº 18. Aquí nacieron los dos hijos menores Gustavo Lázaro Caridad, el 17 de diciembre de 1918 y Jorge Patricio de la Caridad, el 17 marzo de 1921. Poco después la familia se trasladó para la calle Serrano nº 32 (posterior nº 406) en la misma barriada. La casa estaba situada en una avenida

y oría pensarse en su local facilitaba su gestión. Por esa época proliferaban los puestos de chinchos que vendían frituras, bollitos de carita, minutas de pescado y otros comestibles que con su mala población de bajos recursos. Estos chinchos, se convirtieron rápidamente en los principales clientes.

El abuelo iba a buscar el melado de caña directamente a los ingenios, preferentemente el ingenio Quijano, que estaba en la zona donde después se construyó el Country Club. Cuando el comen z ó la urbanización del lugar y el ingenio fue trasladado, viajaba hasta un pueblo llamado Guanábana en la provincia de Matanzas para adquirir el melado. La miel de abejas y los panales

De Ferías Illegón emigrante: Bernardo Bergado Noceda

el lugar era más tranquilo y acogedor que el anterior, ofrecía más comodidades a la numerosa familia y tenía mejores condiciones para el negocio, por contaba con una entrada lateral y dos garajes para el almacén y en el fondo de la miel y el melado. Posteriormente en la instalación de un teléfono de contacto con los clientes. Bernardo mantuvo esta ocupación durante el resto de su vida; su hijo Tomás Arsenio (Chéjov) desde muy joven se ocupó del negocio y después de la muerte del padre se puso al frente del mismo.

Por esta época enfermó de cáncer Braulio, el asturiano amigo de tantos años. Días antes de morir lo visitaba para acompañarlo y estimularlo demostrando su gran sensibilidad y sentido de la amistad. Camila, hija de Braulio nos narra este pasaje en el testimonio que sobre el resto de la vida nos ofrece.

Bernardo fue siempre muy respetuoso de las leyes y de sus obligaciones con el Consulado de España y la renovación del carné de extranjero.

A Ana Luisa y Bernardo fueron padres muy preocupados por el bienestar y la educación de sus hijos, en sus familias se sustentaban el respeto, el cariño y la cooperación de todos. A los adolescentes, Bernardo Flaviano (Quico) y Pedro, les enseñó a trabajar sin abandonar los estudios para ayudar a la familia. Como ayudante de mecánico en el taller que estaba en Carlos III y Llejo y Pedro, con solo 13 años, fueron sajeros en el Ministerio de Fomento. Los muchachos trabajaron temporadas con los tíos de Caimán y las tías de Calle Sol y de los hermanos de Ana Luisa, Ángel (Ángelito) y Zoilo eran los más hábiles. Ambos habían alcanzado una buena posición económica y la Habana, siempre estaba al pendiente de las necesidades para ofrecer apoyo. La familia se reunía en cumpleaños y aniversarios y Ana preparaba un dulce a base de harina y anís, receta tradicional de la familia de Verdad que era la delicia de Bernardo y sus hijos.



Entretención comercial de Bernardo Bergado.

De F rías l leg ó n emi g ran t e: Bern ardo Berg ado Noc



De F rías l l e g ó n e m i g r a n t e : B e r n a r d o B e r g a d o N o c e d a

Los recu erdos f am i l i a r e s s e g u a n r e c o r d a t o r i o s d e b a u t i z o s , f o t o P r i m e r a s C o m u n i o n e s , f o t o s e t o m a d a s a l f i n a l i z a r c a d a c u r s o , t á n e a s d e l o s m u c h a c h o s e n f o t o r o s e v e n t o s . O c a s i o n a l m e n t e d e s d e F r í a s a l g u n a f o t o o c a r t a l i a r . ( E n l a r e l a c i ó n d e f o t o s s e i n c l u y e u n a e n v i a d a p o r T o m a s a B e r g a d o b r i n a d e n u e s t r o a b u e l o ) .



En t r e l a s c a r t a s q u e c o n s e g u i m o s l o s h i j o s , r e c o r d a m o s u n a m u y t i v e n l a q u e e l h e r m a n o d e B e r n a r d o l e c o m u n i c a l a m u e r t e d e s u m a d r e , m u y a n c i a n a y c a s i c i e g a y l e d e t a l l a e l d e s t i n o d e s u s e s c a s a s p e r t e n e n c i a s .

C e r t i f i c a d o d e n a c i o n a l i d a d d e l p r o t a g o n i s t a d e l r e l a t o .

L o s h i j o s r e a l i z a r o n l a e n s e ñ a z a p r i m a r i a e n l a e s c u e l a p ú b l i c a ; c o n t i n u a r o n o t r o s e s t u d i o s ; m u y j ó v e n e s c o m e n z a r o n a t r a b a j a r : A l a m a y o r , s e g r a d u ó e n l a E s c u e l a N o r m a l p a r a M a e s t r o s y t r a b a j ó s i e m p r e e n e l s e c t o r d e l a e d u c a c i ó n , L i l i a y E s t h e r e s t u d i a r o n e n l a E s c u e l a d e A í d a e s t u d i ó t a q u i g r a f í a y m e c a n o g r a f í a y c o m e n z ó a t r a b a j a r c o m o o b r e r o e n e l M i n i s t e r i o d e C o m e r c i o . B e r n a r d o , F r a n c i s c o y T o m á s e s t u d i a r o n e n l a E s c u e l a d e A r t e s y O f i c i o s . B e r n a r d o t r a b a j ó u n t i e m p o e n e l B a n c o G e n e r a l e n l a d é c a d a d e l 2 0 v i a j ó a E E U U e n b u s c a d e m e j o r e s c o n d i c i o n e s d e t r a b a j o ; a l p r o d u c i r s e l a c r i s i s e c o n ó m i c a e n l o s a ñ o s 3 0 p e r d i ó e l t r a b a j o y e m i g r a r e s ó a l a P a t r i a . A ñ o s d e s p u é s c o m e n z ó a t r a b a j a r e n e l O s e g u r o d e l t í o d e F r a n c i s c o ( P a n c h o ) s e i n c o r p o r ó c o m o m a e s t r o r u r a l e n l a s l l a m a d a s E s c u e l a s C í v i c o M i l i t a r e s , f u e u b i c a d o e n G u a n t á n a m o y p o s t e r i o r m e n t e l e t r a s l a d a r a n p a r a e l p u e b l o d e J o v e l l a n o s e n l a p r o v i n c i a d e M a t a n z a s , l e p e r m i t í a v e n i r a l a H a b a n a c o n c i e r t a f r e c u e n c i a . P e d r o e s t u d i ó C i e n c i a s e n l a e s c u e l a q u e t e n í a l a A s o c i a c i ó n d e D e p e n d i e n t e s d e C o m e r c i o .

l a H a b a n a , s e m a n t u v o t r a b a j a n d o e n l a s C o m u n i c a c i o n e s y a d e m á s l e c o n t a b i l i d a d d e l a E l e c t r o q u e m a n t e n í a e n S a g u a e n l a q u e e l t í o A n g e l e s t u d i a r o n a c c i o n e s . L o s m á s p e q u e ñ o s , G e n e r a l y J o r g e , r e a l i z a r o n l o s e s t u d i o s e n l a U n i v e r s i d a d d e S a n t i a g o d e C u b a . E n s e ñ a z a e n c u r s o s n o r m a l e s a y u d a n d o d u r a n t e e l d í a e n e l e m p e ñ o d e m i e l y e l m e l a d o .



A n a L u i s a y B e r n a r d o e n 1 9 0 3 .



La familia de Ana Luisa en Cuimito. Aparece don Francisco, siete de los hermanos de Ana Luisa. Los extremos, Ana Celia y Quico, que tienen 12 y 11 años respectivamente.



Recordatorio de bautizo de Pedro. A la derecha, fotografía de Pedro niño.

De F rías I leg ó n emi g ran t e: Bern ardo Berg ado Noc eda



De F rías l leg ó u n emi g ran t e: Bern ardo Berg ado Noc eda



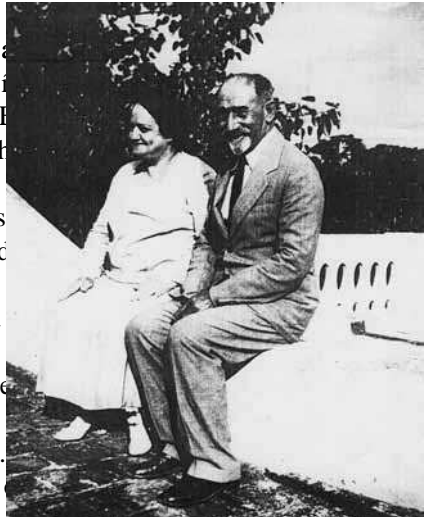
Bern ardo (Q u i c o) en EE.UU. en la d é c a d a de los años 2 0 ó 30 del sig lo X X .

En el mes de julio de 1934, Lilia, después de un largo noviazgo con matrimonio con Enrique Ronquero, procedente de Banes en la región oriental. Dos años después, se casó Ana Clacia con Antonio Pintado Real, natural de San Juan y Martín en Pinar del Río. Ambos se casaron en la Iglesia de Nuestra Señora del Carmen.

El 11 de junio de 1936 Bernar do adquirió un parcelado de terreno en el reparto Chable, en el antiguo barrio de Atarés, en el barrio de Atarés, con edificar una gran casa para pasar la vejez rodeado de hijos y nietos.

Aproximadamente de esta época es una foto en la que aparecen Bernar do y Ana Luisa en la azotea de la casa de la calle Serrano, foto que para su tivo una significación especial, pues fue una de las pocas veces en que se tomaron retratos y la última en que aparecen los dos juntos; poco después fallecieron. En la casa de cada uno de los hijos se conserva una copia de la misma.

La foto muestra la imagen de una pareja feliz. Aunque Berna... con sig o la añoran za del terru... que les preoc u pa la sal u d de B... la lej an ía del trab ajo de P an c h... su s h ijos est án en c ami n ados, b... baj adores, h on est os, c ari ñosos de las h ijas est án c asadas y P ec... c ompromet i do c on juv en u de mu y... bu en a fam i lia resi den te en la



El 12 de may o de 1937 A nCa el i... di o al u z n m i ña, apri meran i et q u e... c ol m de al eg r ía t odal af ami li Ber... n ardy A nLa u ifsu ero h ospadri n os. A nCa el i va i v ía l ac al l Sa n J u l i... mu y e r c de l ac asade l os padres y... di ari amen t e a peq u eña i si t a b su s Bern ardo, A n a L u i s a y Q u i c o. ab u el d ía 6 de oc t u b r e del 1938, A n a

L u i c a c e on t a b o h o 58 años, en f e r m íe p e n t i n a m e y f a l l e c J ó r g a ú n... n d h ab ía u m pl i 17 años, P an c h a b o t r a j a l e n M a t a n y s o l o p u d d l e g a r... al en t i e r d e su madre. El ab u e h o u n s e r a p u s o l e est eg ol p e h ab ía u e r t o... l ac ompañer a de 35 años, l a esposa fiel y c ari ñosa j u n t o s a b ía c o m p a r t i d o... l a al eg r íe l o s h i j o s n l o s m o m e n t... t o s d i f í c i l e s e m p r e h a b ía o n t a d o o n... l a c ompresi ó n y el est ím u l o de A n... L u i s a. a ú l t i m a f o t o de Bern ardo, u n p e q u e ña f o t o de c a r n t e m a d a d o s... meses despu é s de l a m u e r t e de l a e s... posa, reflej al apen a q u e l o emb arg a... En l a sol apadel t r a j d a c i n t a g e n... se ñal de du e l o.



L a fam i lia pen só q u e z u a h... c a m b i o de v i v i e n d a l o s a y u c... pi damen te se real iz ó l a m u dan... c a s a est a b a en l a m i s m a b a r r i a d a... c a l l e Sa n B e n i g n o; e r a g r a n e... l a d a y t e n ía u n s ó t a n o c o n g a... pi ado para el n e g o c i o. Bern ardo o... u n a p e q u e ña h a b i t a c i ó n , m u y s e n c i l l o

Última foto de Bern ardo.

De F r ías l l e g ó u n e m i g r a n t e: Bern ardo Berg ado Noc eda



Los hijos de Bernardo y Ana Luisa reunidos en enero de 1946.



Nietos de Bernardo y Ana Luisa cuando eran pequeños.



Foto familiar en Guanajuato.

era su mobiliario, la antigua cama de hierro, el escarabajo del matrimonio; en las paredes, la foto de los padres que lo acompañara en su viaje desde Frijoles, la última foto con la esposa y un cuadro religioso que había pertenecido a Ana Luisa. Ana dejó el trabajo para atender al padre y los hermanos solteros, Ana Cecilia se mudó con el esposo y la hija para la casa de San Benigno. Todas las tardes el abuelo se iba a la pequeña Ana sobre sus piernas y le comprobaba el rema de leche y otras chuchucías a vendados que diáritamente pasaban, eran los momentos en que se mitigaba un poco su dolor. Diez meses después de la muerte de Ana Luisa falleció Bernardo, el 1 de agosto de 1939, solo faltaban unos días para que cumpliera 73 años.

A un año siguiente se casó Pedro, poco después Gustavo y Jorge. Este último se trasladó para el pueblo de Martí, en la provincia de Matanzas; Pancho con tinuó trabajando en Matanzas y se casó con una maestra matancera. La casa familiar siguió siendo el lugar donde todos se reunían, en las alegrías y en los momentos difíciles.

De Frijoles al legón emigrante: Bernardo Bergado Noceda



Tomás y su esposa Fabiola, hija de Gustavo en su 95º aniversario con su esposa e hija. un aniversario de ésta a Ampuero.

A n a C elia, la may or, oc u pó el lu g ar de la madre co mo c on fide n t e y c on s de los h erman os. H ast a aq u í la h ist ori a de n u est ro ab u j a d o B e r n a r d o , el emi g ran t e q u e h ac e más de u n si g l o sal i ó de F r í a s , t al v e z , c on l a esperan h all ar u n a f ort u n a , de reu n i r u n g ran c a p i t a l ; si n emb arg o e n c on t r ó may or, u n a esposa fiel y c a r i ñ o s a c on l a c u al f u n d ó u n a n u m e r o s a f a m i l i a c ompen só c on amor y respet o l a n ost al g i a de l a t i e r r a n a t al a l a q u e n u n c a p reg resar.

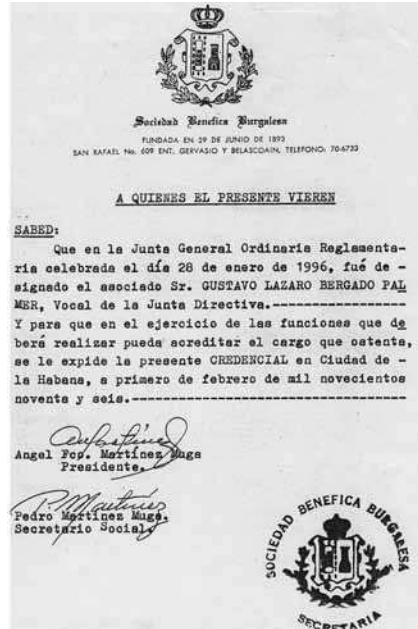
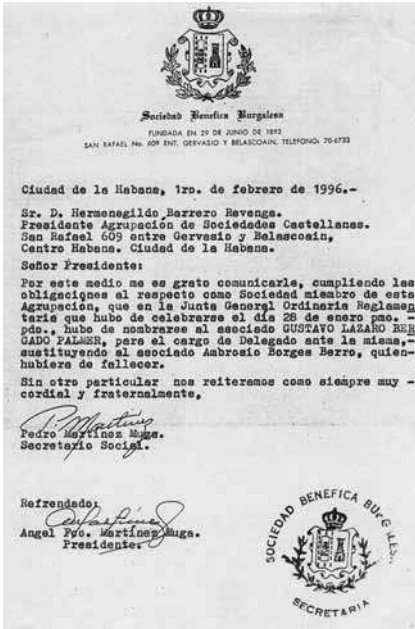
## SUS DESC ENDIENT ES

Bern ardo, L ilia, Est h e r y A í d a n o t u v i e r o n h i j o s , v i v i e r o n m á s de o c años. H ac i a l a d é c a d a del 60 B e r n a r d o ( Q u i c o ) emi g r ó a E E U U don de f al l e c i ó en 1984. T omás ( C h e n o ) f u e el ú l t i m o en c a s a r s e ; en su v i a j e de b o d a s v i s España, don de l a esposa t e n í a f a m i l i a r e s ; años despu és emi g r ó a España don de v i v i ó h ast a su f al l e c i m i e n t o oc u r r i d o a p r o x i m a d a m e n t e en el a ñ o 2 0 0 4 . C elia, G u s t a v o y T omás se i n c o r p o r a r o n a l a S o c i e d a d B e n é f i c a B u r g a l e s a l a q u e su padre h a b í a s i d o f u n d a d o r . L o s dos p r i m e r o s f u e r o n s o c i o s h ast a q u e f al l e c i e r o n y T omás h ast a q u e emi g r ó .

En 1995 G u s t a v o s o l i c i t ó r e c u p e r a r l a n a c i o n a l i d a d e s p a ñ o l a de ori g e n q u e o s t e n t ó en el m o m e n t o de su n a c i m i e n t o p o r s e r h i j o de u n e s p a ñ o l , c u al l e f u e r e c o n o c i d a en 1999. En 1996 f u e d e s i g n a d o m i e m b r o de l a J u r D i r e c t i v a de l a S o c i e d a d B e n é f i c a B u r g a l e s a . S e a n e x a n f o t o c o p i a del A c t a l a r e u n i ó n don de se a c o r d ó su n o m b r a m i e n t o y C r e d e n c i a l . En el a ñ o 1999, v i s i t a r n u e s t r o p a í s s u s M a j e s t a d e s l o s R e y e s de España, G u s t a v o f u e i n v a l a r e p e c i ó n o f r e c i d a a l a s D i r e c t i v a s de l a s s o c i e d a d e s e s p a ñ o l a s . El c a r g o en l a s o c i e d a d l o d e s e m p e ñ ó a c t i v a m e n t e h ast a su m u e r t e en el a ñ o 2 0 0 0 .



De F rías l l e g ó n e m i g r a n t e : B e r n a r d o B e r g a d o N o c e d a



A c t a de n o m b r a m i e n t o y c r e d e n c i a l d e G u s t a v o p o r p a r t e d e l a S o c i e d a d B e n é f i c a B u r g a l e s a (1996)

*Su Majestad el Rey*  
*(q. D. g.)*  
 y en Su nombre,  
*El Embajador de España*  
 tiene el honor de invitar

a D. Gustavo Lázaro Bergado Palmer

a la Recepción que ofrecerán Sus Majestades los Reyes a la Colectividad Española,  
 el martes día 16 de noviembre de 1999, a las 20.00 horas.

In v i t a c i ó n a l a r e c e p c i ó n o f r e c i d a p o r l a s d i r e c t i v a s d e l a s s o c i e d a d e s e s p a ñ o l a s a s u s m a j e s t a d e s (s i c . ) l o s R e y e s d e E s p a ñ a e n 1999.

NIET O S Y BIZNIET O S

A n a C elia A n drea (4 de feb rero de 190 4-17 de feb rero de 1965).  
 dos h ijas A méric a A n a (12 de may o de 1937) y M iriam del C armen Nat al i  
 de J esús (1 de di c iemb re de 1940 ). M iriam tien e cu at ro h ijos: A lej an dro, A  
 C elia, Iv án y A riel y c in c on ietos: R aúl A lej an dro, G erardo J av ier,  
 di a Isab el y C rist ian .

P edro O rlan do (5 de ju n io de 1912 ). T ien e un a h ija, O livia A n a  
 ju lio de 1941), dos n ietos M aría Elen a y R ob ert o y cu at ro biz n ietos G  
 Dan iel, R oc ío y R ob ert o. El 5 de ju n io de est e año c u mplió 95 años.

F ran c is c o R ein al do (9 de marz o de 1914-2 de may o de 1985).  
 h ijos, F ran c is c o J osé y A n a M aría; F ran c is c o J osé tien e un h ijo,  
 n aldo. A n a M aría tien e dos h ijas: A n a M arg arita y R ox an a y cu at  
 C arlos A drián , C amila, J uan C arlos y A lej an dra. R ox an a se casó c on  
 ñol y v ive en M ál ag a.

T omás A rsen io de la C ari dad (30 de ag ost o de 1916-20 de oct u b re de 2014) j ijo,  
 T omás, q u ievc on su madre en A mpu ero, San tan der.

G u stav o L áz aro (17 de di c iemb re de 1918-J u n io de 2018) j ijo.  
 A n a L u isa, F ab iol a y H orten sia. A n a L u isa tien e cu at ro h ijos: Ihs ova  
 T iffan y . H orten sia tien e un h ijo, v iene en M ál ag a. A n a L u isa, G ran  
 C an ari a.

J org e P atric io (17 de marz o de 192 1-2 de oct u b re de 1981) j ijo,  
 J org e A lb ert o, q u en ació el 23 de di c iemb re de 1949. J org e A lb ert o tien e  
 h ijos: Bri sei da, q u ievc on su madre en M ál ag a. J org e R iv eradeo, A n a L u isa y  
 G ret c h en ; y dos n ietos, C ésar A lb ert o y M ari an a.

De F rías l leg ó n emi g rac i ón t e: Bern ardo Berg ado Noc ea





# Nunca dejar o n de ser es pa ño l e

A n a G l o r i a C a l l e s M i g e n e s

Est a h i s t o r i a , q u e m e f u e c o n t a d a p o r u n e m i g r a n t e e s p a ñ o l c u y o n o m b r e n o d e b e o l v i d a r s e , e s l a d e m i a b u e l o , D o n J o a q u í n C a l l e s S á n c h e z , c o n a c i ó e l 8 d e j u n i o d e 1886 e n V i t i g u d i n o , p e r t e n e c i e n t e a l a r e g i ó n L e ó n . C o m u n i d a d A u t ó n o m a d e C a s t i l l a y L e ó n , s i t u a d a a 67 k m s d e S a l a m a n c a c a p i t a l p r o v i n c i a l . D e s d e e s a , s u t i e r r a n a t a l , y s i e n d o m u y j o v e n , p a r t i ó p a r a C u b a a c o m p a ñ a d o d e s u t a m b i e n t a l m e n t e s u s e m p e ñ a d o r a , d o ñ a A n a M a r í a F e r n á n d e z G u a r d e y s u h e r m a n a F r a n c i s c a , a l a c u a l l l a m a b a n l a t í a P a c a . C a r t a s d e p a i s a n o s q u e r e s i d í a n e n C u b a y l a s v i v e n c i a s c o n t a d a s p o r e l l o s s e ñ o r e s l a p e q u e ñ a i s l a a n t i l l a n a , f u e r o n e l m o t i v o p r i n c i p a l d e q u e e l i g i e r a n e n C u b a c o m o d e s t i n o p a r a a b r i r s e u n n u e v o c a m i n o , o c o m e n z a r l o q u e e l l o s l l a m a b a n u n m u e w á d a . E s t a d e c i s i ó n p r o v o c ó e l d i s g u s t o d e s u s r e s p e c t i v o s p a d r e s y f a m i l i a r e s m á s c e r c a n o s , s i n e m b a r g o , l a s u e r t e y a e s t a b a e c h a d a y f u e t a n i n t e r e s d e m o s t r a d o p o r m i s a b u e l o s y l a t í a P a c a e n d e s c u b r i r n u e v o s h o r i z o n t e s , q u e s u s p a d r e s t e r m i n a r o n c e d i e n d o y d á n d o l e s s u b e n d i c i ó n e n e l i n t e r i o r f u t u r o q u e l e s e s p e r a b a . A C u b a a r r i b a r o n e n e l a ñ o 1918 , a b o r d o d e l v a p o r “ L a R e i n a M a r í a C r i s t i n a ” . L a l l e g a d a d e J o a q u í n , A n a M a r í a y P a c a t u y ó u n a c o n t e c i m i e n t o p a r a l o s n u e v o s v e c i n o s d e l l u g a r d o n d e r e s i d e r í a n i n i c i a l m e n t e . D e b i d o a s u j u v e n t u d y q u i z á s p o r l o e m p r e n d e d o r e s y e n t a s q u e e r a n , f u e r o n m u y b i e n a c e p t a d o s p o r s u s v e c i n o s y o t r o s p a i s a n o s p r e v i a m e n t e h a b í a n e m i g r a d o a l a i s l a .

E l a b u e l o J o a q u í n n o s c o n t a b a q u e c o m e n z ó a t r a b a j a r c o m o c o c i n e r o u n “ G r o c e r y ” d e l R e p a r t o A l m e n d a r e s , y a d e m á s , f u e f l o r i c u l t o r d e e s o s b e l l o s j a r d i n e s u b i c a d o s a l o l a r g o d e l a q u i n t a a v e n i d a , h o y p o r c u a l e s a ú n d e m o s a p r e c i a r a l g u n o s m u y v i s t o s o s . M i e n t r a s , m i a b u e l a A n a M a r í a e n c a s a a l c u i d a d o d e l o s d o s h i j o s q u e n a c i e r o n d e s u e n l a c e c o n s u e s p e r a J o a q u í n . D i c h a u n i ó n c o n s t a e n e l r e g i s t r o c i v i l d e M a r i a n o , c o n c o n t e n i d o d e m a t r i m o n i o d e l 8 d e d i c i e m b r e d e 1920 , q u e a d e m á s f i g u r a e n e l C o n s u l a r G e n e r a l d e E s p a ñ a e n l a R e p u b l i c a d e C u b a , c o n f e c h a d e l 6 d e j u n i o d e

Nunca dejar o n de ser es pa ño l e

asístidos por el cónsul y vicación sul de dicha embajada. El primogénito llamó Joaquín al igual que su padre, y el segundo hijo fue nombra como el abuelo paterno. Ambos niños fueron criados con verdadero amor y respeto entre ellos y hacia sus padres, pero lamentablemente, el matrimonio no duró físicamente pues mi abuela enfermó de cáncer y falleció en el mes de junio, el 6 de enero de 1941. La muerte de la abuela fue un golpe muy duro tanto para su esposo como para sus hijos Joaquín y Agustín, quienes se quedaron huérfanos en plena adolescencia.

El abuelo Joaquín que edó tan trastornado por la pérdida de su gran amor al verse solo frente al cuidado de dos hijos de corta edad, optó por quitarse la vida. Para ello, ingirió una sustancia tóxica que no obstante no lo mató, pero le dejó graves secuelas y quedó muy afectado mentalmente.

Ante estas tristezas circunstanacias, mi padre, Agustín, con 14 años se vio forzado a abandonar los estudios y comenzar a trabajar en un taller de carpintería, y además, en cargarse del cuidado de su padre. Su hermano Joaquín corrió mejor suerte al ser adoptado por un matrimonio de condicionados económicos, y a que en esa época eran los dueños del central agrícola Yara/Sofía situado en el oriente del país.

De tal forma, los hermanos se vieron obligados a separarse, Joaquín pudo continuar sus estudios y abrirse paso con mayor facilidad, mientras que su hermano Agustín, mi padre, la vida lo trató severamente, para cuidar y mantenerse él y a su padre, no solo aprendió el oficio de carpintero, también, a que hacer de menajero, y hasta acrobacias con un abricicleta en el Parque Central.

En el año 1944 el abuelo recibió la orden del cemenitero para exhumar los restos de su esposa Ana María, los cuales fueron depositados en un osario del Panteón de la Sociedad "Colonia Salamanquina" de Cuba, en el Cementerio Cristóbal Colón.

De nuestra abuela con servamos varias cartas así como fotos de la familia en España. Gracias a ello, actualmentemantenemos comunicación con otros primos por vía materna: José, Josefina y Ángela Pascual Fernández, quienes residen en Aldeadávila de la Ribera, Salamanca.

En el año 1948 mi padre, Agustín, se casó con una guapa matancera del poblado de Sabanilla, unión que dio comienzo a un periodo de felicidad en su vida, pero sin dejar de ocuparse de mi abuelo que en siempre estuvo con el cuidado y recibió el amor y no solo de su hijo Agustín, sino también de su nuera, quienes lo cuidó y protegió como si fue su propio padre. Ante estas circunstancias, en mi abuelo se apreciaron notables mejorías, las cuales fueron más pronunciadas al nacer Ana Gloria, o sea yo, su primera nieta.

año 1949. P ara el ab u el o, h ab ía n ac i do u n a rei n a de España, y me l o demos-  
trab a c u an do c ari ñosamen t e me preg u n t ab a: “di me mi rei n a, ¿q u é deseas?”

Est e el ev ado c al i fic at i v o si empre l o u saría para ref eri rse a mi person a,  
h ec h o q u e me en org u llec ía, más aún c u an do y a g ran dec it a apren dí a l  
desc u b rí l a h i st ori a de l as di feren tes mon arq u ías español as. C omo c ompren de-  
rán , est o es mu y si g n i fic at i v o para u n n i ño, y más para u n a peq u eña c om  
y o, c on l a c ab ez a c ol mada de f ant asías, en l as q u e el ab u el o i n c i di ó b  
P ero de al g u n a man era, el ab u el o se preoc u pab a demasi ado por mí, y est o h i z  
q u e me sob reprot eg i era b ast an t e al i g u al q u e mi s padres, au n q u e n o por el  
edu c ac i ó n q u e rec i b í f u e men os rí g i da a l a ac ost u mb rada en aq u e l l a época  
l as t ardes, el ab u el o me c on t ab a an éc dot as de su t i erra n at al , sob re l as f eri as  
b ai l es español es, l as c orri das de t oros, y h ast a me apren dí part e de u n a c an c i ó n  
q u e l e g u st ab a mu c h o y v ersab a así:

*Escuch a, Esp aña q u erida,  
escuch a con much o duelo,  
p orq ue te v oy a ex p l icar  
la v ida de los toreros.*

*En la ciudad de S ev illa  
p or ser bella y muy nombrada  
h ab itaba un gran torero  
el buen matador de Esp aña.*

*Princip iaremos la h istoria  
p or la muerte del G allito  
p orq ue era el mej or torero,  
q ue en Esp aña se h ab ía v isto.*

*Éste tenía dos h ij os  
toreros de much a fama  
y p ara dar más noticias  
los gallitos se llamaban*

A demás, c on oc í de l as fiestas y c an c i on es en el C l u b V i e l a r i n o,  
perten ec i ó h ast a el momen t o de su mu ert e. P or l as noc hes, mu c h as v ec es  
sorpren dí v i en do los rez os del ab u el o, su spl eg ari as c at ó l i c as an t es de dormi  
o l o desc u b ría parado an t e l a pu ert a de l a c asa, mi ran do al c i el o c omo preg u n  
t án dose por q u é aún seg u ía aq u í en l a t ierra y n o se reu n ía y a c on su ún  
g ran amor. No ob st an t e del est ado men t al de mi ab u el o, c on serv o mu y g rat  
rec u erdos, q u i z ás porq u e h i z o de mi n i ñez u n a ex peri enc i a mág i c a. l  
si empre f u i “su rei n a” y c omo t al , n o permiti fá q u e n adi e me t oc ara o reg añase  
y g u ardo c on org u l l o su g ran tern u ray h ast a el g u st o h ac í a l as pl an t  
en t re ot ras c osas, me en señó a semb arl as y c u i darl as.

G rac i as a mi ab u el o, si empre h a q u edado en mí el g ran c ari ño h ac í a es  
ot ra patri a, España, si n q u e el l o c on t rast ec on el amor q u e si en t o por mi t i e  
n at al . M e c on si dero c omo n i et a de u n h omb re q u e au n q u e esc og i ó a

<sup>1</sup> A l u de al matador José G ómez (1895-1921) apodado “El G all o”, mu ert o en  
l a pl az a de t oros de T al av era de l a R ei n a. (N.E.)

como el lugar para realizar parte de sus sueños y se sentía cubano de corazón un día dejó de pensar y evocar su querida España, e incluso en mí el deseo de ser con siderada como cubana-española. Debido a esto último, desde el año 2003 fue solicitada la ciudadanía española por reciprocación para mí y para Agustín Calles Fernández, aprobada en mayo de 2007 por el reglamento. Con su lado General de España en La Habana, y otorgada el 4 de abril de 2007 por el cónsul en función Sr. Monares, los Alonso Alonso. Por tanto, ahora mi padre Agustín, a sus 82 años, ostenta doble nacionalidad, cubano-español con ellos en todo que cumplió los deseos que siempre expresó de reciprocación ciudadanía, de la que tan orgulloso se sentía mi abuelo. De Vitiguitón y otros nombres, aunque actual mente me comunico con primos que residen en el lugar, específicamente en la villa de Aldeadávila de la Ribera, mi abuelo el 20 de febrero de 1891. A este trabajo de concurso adjunto documentos que acreditan la veracidad de la historia de los emigrantes españoles de familia.

Debo señalar que mi padre es socio del Club Villarino, fundado de diciembre de 1919 y que está situado en la calle 58 nº 330 esquina a Playa, Ciudad de La Habana, sociedad miembro de la agrupación de sociedades españolas. Esta sociedad ostenta la medalla de oro (colectiva) al mérito en el trabajo, otorgada por el S.E. el Jefe de Estado Español, mediante decreto del 25 de septiembre de 1969.

Como socios, mi abuelo, padre, hermana, sobrina, mis hijos y yo disfrutamos cada año de las fiestas de su patrón San Roque, como patrón de la villa Callosa de Segura, además, acudimos a la misa y fiesta de este año por la celebración de su bicentenario. Como dato curioso, me gustaba en la infancia de un año, yo, Ana Gloria Calles, aparecía con mis padres y otros familiares, en una fotografía principal que aún se conserva en el Club Villarino.

A través del legado de mi abuelo, deseo felicitar a los socios y miembros de la directiva del Club Villarino, y a la institución española de su periferia de España por su respaldo, y el deseo de preservar siempre dicha institución en Cuba, además, por el esfuerzo meritório del colectivo, así como de sus socios Sr. José López Botello, el secretario Sr. Gerardo y el tesorero Sr. Julio Francia, por su dedicación y perseverancia en el trabajo del Club Villarino.

Quiénes era destaco que esta es la primera participación en el concurso "El Emigrante", pero no podía dejar de transmitir las anécdotas que me fueron contadas durante mi niñez, por su protagonista, mi querido abuelo Joaquín Calles Sánchez, y de las cuales doy el crédito a mi abuelo, es mi primer esfuerzo por describir el sentir hacia la patria española, de la cual mi abuelo los mantuvieron con orgullo su nacionalidad, narración y vida con servio en mi memoria como un valioso tesoro. Este esfuerzo también es



**ACTA DE NACIMIENTO** 3570493 / 01

MINISTERIO DE JUSTICIA  
 NÚMERO DE LA ACTA: 13  
 Años de la vida: 19  
 de María

En Abadía de San Pedro Certificación Gratuita  
 a las veinte y tres del mes de agosto del año 1902  
 de Abadía de mil ochocientos veinte y tres ante D. Don Benito Rodríguez  
 Jefe municipal, y D. Don Andrés Jesús Barco  
 Secretario, compareció Doña María Fernán dez  
 natural de Abadía provincia de San Juan  
 de edad de veinte y tres años  
 de estado casada, su ejercicio casada  
 domiciliada en Abadía según acredita  
 por cédula personal que exhibe; expedida en Abadía  
 el diez y tres de agosto de 1902 pre-  
 sentando como objeto de que se inscriba en el Registro civil, un  
 niño; y al efecto, como la madre de la misma, declaró:  
 Que dicho niño nació en la casa particular  
 el día veinte y tres de agosto  
 a las veinte y tres de veinte y tres de la  
ciudad de Abadía

Que es hijo legítimo de Don Benito Rodríguez  
padre natural de Abadía  
 provincia de San Juan  
 de edad de veinte y tres años, de legítima  
matrimonio y de Doña María Fernán dez  
 natural de Abadía  
 provincia de San Juan de edad de veinte y tres  
 años, dedicada a las ocupaciones propias de su sexo y domiciliada  
 en el de su marido.

Que es nieto, por línea paterna, de Don Benito Rodríguez  
 natural de Abadía provincia de San Juan  
 de Don Benito Rodríguez natural de Abadía provincia de San Juan  
 de Doña María Fernán dez natural de Abadía provincia de San Juan

y de Doña María Fernán dez natural de Abadía  
 y por línea materna de Doña María Fernán dez  
 natural de Abadía

y de Doña María Fernán dez natural de Abadía  
 y por línea materna de Doña María Fernán dez  
 natural de Abadía

Todo lo cual presenciaron como testigos Don Benito Rodríguez  
Jefe municipal

y Don Andrés Jesús Barco  
 Secretario, en su calidad de Secretario  
 y Doña María Fernán dez  
 madre del niño, en su calidad de madre  
 y Doña María Fernán dez  
 y Doña María Fernán dez  
 y la firmaron el Sr. Don Benito Rodríguez  
Jefe municipal y el Sr. Don Andrés Jesús Barco  
Secretario

y de todo esto, como Secretario, certifico.

Don Benito Rodríguez  
Don Andrés Jesús Barco  
Doña María Fernán dez

C ert i fic ado de n ac i mi e n t o de A n a M aría F ern án dez .

REPUBLICA DE CUBA  
 REGISTRO DEL ESTADO CIVIL  
**CERTIFICACION DE MATRIMONIO**

Para ser utilizada en:  
 Para surtir efecto en:

Territorio Nacional  
 Otros países previa  
 legalización

EXENTA  
 GRAVADA  
 LEY Nº 73  
 DE 4-8-94

INSCRIPCIÓN  
 Tomo 5 Folio 104

Registro del Estado Civil de Manamo  
 Municipio Provincia Raya Ciudad de la Habana

**DATOS DEL CONTRAYENTE**

Nombre(s) y apellidos José María Calles Saucedo  
 Lugar de nacimiento San Juan de los Rios Matanzas  
 Municipio San Juan Provincia Matanzas Fecha de nacimiento

Nombre(s) y apellidos del padre José María  
 Nombre(s) y apellidos de la madre Teresa

**DATOS DE LA CONTRAYENTE**


Nombre(s) y apellidos Doña María Fernán dez Calles  
 Lugar de nacimiento San Juan de los Rios Matanzas  
 Municipio San Juan Provincia Matanzas Fecha de nacimiento

C ert i fic ac i ó n de mat ri mon i o de J oa qu ín C al les y A n a M aría F ern án dez .

N u n c a d e j a r o n d e s e r e s p a ñ o l e s

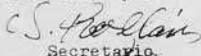


La Habana Marzo 3 de 1944.

  
 Colonia Salmantina de Cuba  
 SECRETARIA  
 AVENIDA DE BELGICA 584  
 CENTRO CASTELLANO  
 HABANA

Señor Joaquín Calles Sanchez  
 10 entr 13 y 15  
 Almendares.

Distinguido coasociado:  
 Por la Capellenía del  
 Cementerio, ha sido señalado el próximo miércoles día 8, a  
 las 8 de la mañana, para ser exhumados los restos de su  
 esposa Ana María Fernandez Guardé, y depositarlos en el Osa-  
 sario del Panteón de ésta Sociedad.  
 Por lo tanto le ruego que estén algunos de sus familia-  
 res en el Cementerio dicho día y a dicha hora.  
 Se reitera de usted muy afectuosamente

  
 Secretario,  
 Saturnino Rollán

T rasl ado de l os rest os de A n a M aría F ern án dez al pan teón de l a C ol on i a Sal -  
man tina de C ub a (año 1944).

CONSULADO GENERAL DE ESPAÑA EN LA HABANA

---\*ACTA-NUMERO CIENTO DOS --SERIE B---En la Ciudad de la Habana  
 a dos de Mayo de mil novecientos veinte y cuatro, ante mi Don José  
 Marin y Garcia, Vicecónsul de España en esta residencia, por delega-  
 ción del Señor Consul General. COMPARCE Doña Francisca Fernandez Gu-  
 arde, soltera, de veinte y cuatro años, dedicada a sus labores, natu-  
 ral de Aldeavilla, Salamanca, domiciliada en la Habana, inscrita en  
 este Consulado, numero doscientos ocho mil seiscientos cinco--Tiene  
 a mi juicio capacidad para este acto, y dice:-Que no posee bienes  
 ni paga contribución, ganando apenas lo suficiente para sus necesi-  
 dades, en virtud de lo cual no puede prestar ayuda a sus padres Don  
 Candido y Doña Josefa, vecinos de aquel pueblo--Presentes como tes-  
 tigos de conocimiento y de la verdad Don Francisco Alvarez Torres,  
 y Don Alejandro Bellido, mayores de edad, vecinos de la Habana, Sol-  
 trece y Herederos treinta y tres, varones a mi juicio, declaran ba-  
 jo juramento constarles la certeza de lo consignado--Se ratifican  
 una y otros, despues de la lectura, y firman conmigo--De todo lo ou-  
 al y de conocer a los testigos, yo el Vicecónsul, doy fe--Francisca  
 Fernandez Guardé--Alejandro Bellido--Francisco Alvarez Torres--Jo-  
 sé Marin--(Hay un sello del Consulado General).-----

Concuerda con su original, a que no remito--Y a instancia de la interesada  
 da exido esta certificación en la Habana, fecha ut supra.---

C ert i fic ado de n ac i on a-  
l i dad español a de A n a  
M aría F ern án dez G u arde.

Nu n c a dej aron de ser español es





C arn é de iden tidad c u b a n o de A g u s t í n C a l l e s F e r n á n d e z .

H o m e n a j e a l o s e m i g r a n t e s d e V i l l a r i n o d e l o s A i r e s , e n t r e e l l o s , A g u s t í n C a l l e s ( a ñ o 2 0 0 5 ) .



T í t u l o h o n r í f i c o o t o r g a d o p o r e l C l u b V i l l a r i n o a A g u s t í n C a l l e s F e r n á n d e z ( a ñ o 2 0 0 5 ) .

N u n c a d e j a r o n d e s e r e s p a ñ o l e s

# Es p a ñ a , C u b a y m i a b u

M a r i s o l D í a z F e r r e r o

España, año 1900. Gobernaba la península el Partido Liberal con M  
Práxedes Sagasta como jefe de gobierno y la monarquía borbónica era reg  
tada por la reina María Cristina de Habsburgo, ~~rey de los usd u ro~~  
XIII quien ascendería al trono en 1902. A la mitad del año 1900, ju  
stamente a las 10 de la noche del 18 de junio, en la pequeña aldea  
de Villavieja de Vidriales, les nació otro varón al matrimonio con  
formado por Don Gregorio Ferrero Huerga y Doña María Nieves Mart  
ín ez Fernández Epi fan io, hijo de un matrimonio formado por  
Don Felipe y Doña Tomasa.

Epi fan io y así aparece registrado  
Tomo 11, página 41 de la sección  
primera. Era niño por vía paterna  
de Don Ángel y Doña Cecilia  
abuelos maternos se nombra  
Don Felipe y Doña Tomasa.

Don Gregorio era jornalero  
y María Nieves se ocupaba  
de la casa y de la crianza  
de los hijos. Los esposos Ferrero  
Martín ez llegaron a tener  
de seis varones, cinco varones  
una hija y una niña muerta.  
Germán, Arsenio, Encarnación,  
Epi fan io, Felipe y Patrocinio.

Aprendió Epi fan io las primeras  
letras bajo la férrea disciplina  
del maestro Don Ángel, hombre  
de vasta instrucción y muy  
caritativo, con su esposa  
Doña María Nieves y sus hijos  
Germán, Encarnación, Felipe y Patrocinio.



España, Cuba y mi abuelo

Don Gregorio y Doña María Nieves con sus hijos Germán, Encarnación, Felipe y Patrocinio.

de que “la letra con sangre entra”. Don Ángel llegó a muy temprana edad y escribía en el pizarrón: ¡Bu en os días!, se ponía a leer y a medida que el alumno iba entrando al aula le decían: ¡Bu en os días Don Ángel! Y le van tarlavista de la lectura, con el dedo índice de su mano izquierda el pizarrón.

Cuando Epifanio tuvo edad y fuerzas suficientes para manejar el azulejo aprendió lo necesario para leer libros, escribir cartas y sacarle cuentas, de manera que, por no haber en la aldea mejores empleos, se vio en la necesidad de trabajar con su padre en las labores del campo para ayudar a la manutención de la numerosa familia. Sus ratos de esparcimiento se los pasó en escarpada montaña al arroyo Almucera que cruzaba por la aldea y hasta travesuras con los chicos de su edad, sobre todo irse hasta la huerta de “Puerteros”, un viejo ogroñón, dueño de un ahiguera que era la cacería de los chicos. Cuando alcanzó la edad juvenil gustaba de ir con los amigos y primos de su edad; disfrutaba al bailar con las mozas en las fiestas de la vendimia y sobre todo en las fiestas de San Juan, el 24 de junio. Esos jóvenes representaban el Don Juan Tenorio de José Zorrilla y Epifanio cumplía el papel de Ciu-tti, criado de Don Juan. Muchos años después, ya era abuelo y vivía en Cuba, en señoría su nieta Mari sol los días libres y Bu-ttarell y cado noche del 24 de junio, abuelo y nieto representaban el Acto del Tenorio para delirio de la familia.

En 1914 estalló la Primera Guerra Mundial y aun que el gobierno se declaró neutral, este conflicto bélico afectó a España lo mismo que al resto del mundo. La subida de los precios de las mercancías básicas propias del comercio de contrabando y con ello el enriquecimiento de algunos sectores de la sociedad, pero empobreció aún más a las clases desposeídas, sobre todo a los jornaleros de los campos de Castilla. En 1920 la situación económica de la familia Ferrero era sumamente difícil; a esto se le agregó que dos de sus hijos estaban en la edad del servicio militar y por miedo a que el ejército se los llevara a combatir a África, Don Gregorio resolvió ir a verlos a Cuba. De regreso, en julio de 1920 Epifanio Ferrero Martínez, recién cumplidos los veinteaños, junto con su hermano Arsenio, se hizo a la mar. A través de sus padres y demás hermanos, sus amigos y su querida y siempre añorada aldea Villaobispo de Vidriales, pero la esperanza de que su ausencia fuera poco tiempo hizo que no temiera la aventura.

Soñaba en regresar con suficientes dinero para ayudar a la familia y luego fomentarla suya propia, pues había una moza, llamada Paloma, a quien se comprometió, tan comprometido que en sí misma era Paloma lo sabía. Con los años arribó a Cuba en 1920 por el puerto de La Habana. En ese período gobernaba el país Mariano García Méndez. La situación en Cuba era

g én esi s est ab a en q u e, desde 1915, a c au sa de la P ri mera G u erra M u n di al i n v ersi on es de c ap i t al ex t ran j ero y el al z a del prec i o del az úc ar h ab ía pro c i ado c i ert o esplen dor ec on óm i c o, pero a part i r de 192 0 l a c ri si s q u e se v en f omen t an do al c an z ón i v el es i n sospec h ados: c on l ab aj ada del prec i o del az úc ar en el merc ado, l ab an c a q u e b ró, l os sal ari os b aj aron y mu c h os ob reros en t raba en h u el g a. En medi o de esa si t u ac i ón l leg ó Epi f an i o a C u b a.

P asaron poc as h oras en T r i s t r a s u a n p a i s a n o q u e e s t a b a i m p u e s t o (sic) de l a l leg ada de l os h erman os F errero a C u b a, l os sac ó de ese l u g ar y se l os l lev ó c on él para J ov ell an os, u n pu eb lo de l a prov i n c i a de M at an z a a t en ía u n a f on da y ah í les di o em ple o a amb os. Si b i en en pri n c i pi o g an a poc o, al men os ten ían u n t e c h o d e v i v i r, al i men t o seg u r o y al g ú n d i n e r o l os b ol sil los. O c h o años pasó Epi f an i o en l a prov i n c i a de M at an z a s t r a b a j a n d o en di s t i n t o s l u g a r e s, p u e s n o se q u e d ó por mu c h o t i e m p o c o m o ay u d a n t e c o c i n a e n l a f on da del p a i s a n o. T r a b a j ó i n d i s t i n t a m e n t e e n pu eb l os de es t a p r o v i n c i a c o m o f u e r o n P e r i c o, L i m o n a r y J o v e l l a n o s, u n a s v e c e s e n c o m u n i d a d e s o t r a s e n l a c o n s t r u c c i ón .

Su h erman o A r s e n i o v o l v i ó a E s p a ñ a, p e r o E p i f a n i o d e c i d i ó p r o b a r f o r t u n a e n l a r e g i ó n c e n t r a l d e l p a í s. N o q u e r í a v o l v e r a l a a l d e a c a s í t a n p o c o c o m o c u a n d o, o c h o años a t r á s, s a l i ó d e e l l a y a s í q u e o y e n d o l o s c o n s e j o s d e u n a m i g o d e c i d i ó i r s e h a c i a l a p r o v i n c i a d e L a s V i l l a s d o n d e e n u n p u e b l o m a d o C a b a i g u á n d e c í a q u e h a b í a t r a b a j o e n e l s e c t o r t a b a c a l e r o y a q u e e n z o n a, c o n s u s f é r t i l e s y p r o p i e t a s t i e r r a s p a r a e s e c u l t i v o, h a b í a n e n c o n t a s e n t a m i e n t o mu c h o s e m i g r a n t e s e s p a ñ o l e s, s o b r e t o d o c a n a r i o s, q u e d e s d e 190 2 l l e g a r o n e n o l e a d a s a C a b a i g u á n a t r a v é s d e l r e c i é n i n a u t ó m o b i l e n F e b r i l C e n t r a l. D e m a n e r a q u e e n e s e l u g a r s e p o d í a e n c o n t r a r t r a b a j o, t a n t o e n l a s f i n c a s d e l a p e r i f e r i a e n e l c u l t i v o y c o s e c h a d e l a h o j a, c o m o e n e l p o b l o e n l o s d e s p a l i l l o s, e s c o g i d a s y c a s t i l l o s d e t e p r o s e s a b a n y t o r c í a n l o s t a b a c o s p a r a s u c o m e r c i a l i z a c i ón .

El j o v e n E p i f a n i o c o n s ó l o 2 7 a ñ o s d e e d a d, s i n m á s f o r t u n a q u e u n o s p o c o s p e s o s e n e l b o l s i l l o y s u p o b r e e q u i p a j e, t o m ó e l t r e n q u e l o l l e v a r í a e l s a b e r l o, a o l v i d a r s u s s e ñ o s d e r e g r e s a r a E s p a ñ a y c a s a r s e c o n P a l o m a. L l e g a a C a b a i g u á n e n m a r z o d e 192 8 y e n u n c o m e r c i o q u e q u e d a b a d e l a p e a d e r o d e l f e r r o c a r r i l, p r e g u n t a d ó n d e p o d r í a a l q u i l a r u n a h a b i t a c i ó n p a r a d u e ñ o d e l e s t a b l e c i m i e n t o l e i n d i c a l a d i r e c c i ón d e u n l o c a l q u e q u e d a b a.

<sup>1</sup> T a m b i e n o c i d o m o t i s c o r r e r a e l l u g a r d e s p e r a b a l o s e m i g r a n t e s r a n t e u n t i e m p o q u e a l g ú n a m i l i a r a m i g o s f u e s e b u s c a e h i c i e s a r g a d e e l l o s (N.A.).

<sup>2</sup> P e q u e ñ o s t a l l e r e s d e e l a b o r a c i ón d e t a b a c o s t o r c i d o s q u e e s t a b a n n o r m a l m e n t e e n c a s a d e f a m i l i a s. (N.A.).

b arri o P u eb lo Nu ev o y ese mi smo día y a era i n q u i l i n o de u n p e q u e ñ o don de además, por u n m ó d i c o p r e c i o l e f a c i l i t a b a n d o s c o m i d a s a l d í a .

Q u i s o e l a z a r q u e s u v e c i n o d e c u a r t o f u e r a t a m b i é n u n e s p a ñ o r i a n o , q u e l l e v a b a a l g ú n t i e m p o e n C u b a y r e s p o n d í a a l n o m b r e d e B a p a i s a n o l e d i o i n f o r m a c i ó n a c e r c a d e l o s l u g a r e s d o n d e p o d í a i r e n b u s c a t r a b a j o y a d e m á s l e h a b l ó d e u n a v i u d a q u e v i v í a c e r c a y q u e p o r p o c o l e a r r e g l a b a l a r o p a y s e l a d e j a b a i m p e c a b l e m e n t e l i m p i a :

– “¿C ó m o s e l l a m a e s a l a v a n d e r a ? ” .

– “C o n s u e l o ” , l e r e s p o n d i ó e l p a i s a n o .

A l a m a d r u g a d a s i g u i e n t e s a l i ó c o n B a s i l i o e n b u s c a d e t r a b a j o y g u i ó q u e l o d e j a r a n d e “ i n t e r i n o ” e n u n a e s c o g i d a d e t a b a c o s , d e s e m p a t a m a t u <sup>3</sup> E l t r a b a j o d e e s c o g i d a e s m a y o r i t a r i a m e n t e d e m u j e r e s , p e r o e n a q u e l l a é p o c a t a m b i é n l a b o r a b a n h o m b r e s c o m o e s c o g e d o r e s . A p o c a s d e e s t a r t r a b a j a n d o s u s o j o s t r o p e z a r o n c o n l a m i r a d a z u l d e u n a c r i o l l a r b i e n p l a n t a d a y e r a n s u s o j o s “ l o s m á s a z u l e s q u e h u b i e r a v i s t o j a m e t o d o e l d í a n o h i z o t r a c o s a , m i e n t r a s t r a b a j a b a , q u e m i r a r p a r a d o n d e e s t a s e n t a d a e s a m u j e r , l a q u e n o v o l v i ó a l e v a n t a r l a v i s t a d e l a s h o j a s d e t a q u e s u s e x p e r t a s m a n o s e s c o g í a n c o n e s m e r o . N o p u d o v e r l a m a r c h a r s e , p u é l n o h a b í a t e r m i n a d o c u a n d o e l l a f u e a p e s a r s u t a r e a .

E s a n o c h e , d e s p u é s d e c e n a r , E p i f a n i o l e p i d i ó a B a s i l i o l a d i r e c i e n t e e x a c t a d e l a l a v a n d e r a , p u e s n e c e s i t a b a t e n e r l a s e g u r i d a d d e q u e e l l a d e a c u e r d o e n l a v a r l e y p l a n c h a r l e l a r o p a , a d e m á s , e r a p r e c i s o s a b e r c u á n t o c o b r a r í a p o r e l t r a b a j o . Q u e d a b a c e r c a l a c a s a d e C o n s u e l o y e n p o c o s m i n u t o s e s t a b a t o c a n d o a s u p u e r t a . C u a n d o é s t a s e a b r i ó E p i f a n i o s i n t i ó c o m o d e s c a r g a e l é c t r i c a h u b i e r a i l u m i n a d o l a n o c h e . P a r a d a f r e n t e a é l e s t a c o g e d o r a d e t a b a c o , d u e ñ a d e “ l o s o j o s m á s a z u l e s q u e h u b i e r a v i s t o j a r a n . N o p u d o a r t i c u l a r p a l a b r a , y e l l a , a t r e v i d a y m a l i c i o s a , c o n u n a s o n r i d e i l u m i n a b a e l r o s t r o l e d i j o :

– “¿Q u é p a s a g a l l e g o , s e l e t r a b ó l a l e n g u a ? ” .

C o n s u e l o C a ñ i z a r e s M a d r i g a l s e h a b í a q u e d a d o v i u d a h a c í a d o s a ñ o s u n h o m b r e c o n e l q u e t u v o o c h o h i j o s . C i n c o d í a s d e s p u é s d e e n t e r r e l u z a u n a n i ñ a a q u i e n p u s o p o r n o m b r e J u l i a , e n h o n o r a s u e s p o s o f u e r o . T r a b a j a b a d í a y n o c h e p a r a m a n t e n e r a s u n u m e r o s a p r o l e . S u s h i j a s m a y o r e s q u e a ú n e r a n n i ñ a s , t r a b a j a b a n c o m o c o h e r a s d e f a m i l i a s p u d i e n t e s y l o s m á s p e q u e ñ o s c u i d a b a n d e l a p e q u e ñ a J u l i a m i e n t r a s C o n s u e l o t r a b a j a e n l a e s c o g i d a d e t a b a c o . D e n o c h e y l o s f i n e s d e s e m a n a l a v a b a y p l a n t a b a a c l i e n t e s q u e l e p a g a b a n m u y p o c o , p e r o e r a n u n o s c e n t a v o s m á s c o m o p o d í a d a r d e c o m e r a s u s h i j o s .

<sup>3</sup> C i e r t a c a n t i d a d d e m a n o j o s d e t a b a c o e n r a m a , d i s p u e s t o s e n u n a t a d o . ( N . A . ) .

<sup>4</sup> E m p l e a d a s d e l s e r v i c i o d o m é s t i c o . ( N . A . ) .



Epifanio Ferrero Martínez.



Concelo Caires Madrigal.

En septiembre de 1928 Epifanio y Concelo unieron sus vidas para sí e pre. Él asumió la responsabilidad de la familia y se convirtió en el padre de aquéllos ocho hijos a quien les dio educación y crianza y de quien es respetado y veneración hasta su muerte. Concelo era doce años mayor que Epifanio. El 31 de octubre de 1930 la vida lo premió con una hija de su propia sangre a quien le pusieron por nombre Lucila. Nada cambió en la familia respecto a los hijos, no porque Lucila lleva el apellido Ferrero, su padre trató mejor que a los demás, pues para todos tuvo si empre la atención que necesitaban y si era necesario, el regalo o el consejo oportuno.

Pasaron los años, los hijos mayores fueron abandonando el hogar y formaron sus propias familias. Los esposos trabajaron Elutyabujó en labores agrícolas y en el comercio y ella lo hacía en escogidas de tabac lavando y planchando ropa ajena. En los últimos años de la década del 30 decidieron mudarse para una finca llamada Cambria, cerca del poblado de Zaz del Medio, pues Epifanio había conseguido un trabajo mejor remunerado unacoloniación a esa finca. Vivieron en Cambria inscribiendo nacimiento de Lucila en el Registro Civil de Zaza del Medio, cuando y

España, Cádiz, San Pedro de Alcantara



tabacón 13 años de edad. Durante el tiempo que la familia vivió en el campo de Epi fanio trabajó en varias fincas de la zona, una vez como jornalero y como contador de caña y otras como vaquero, hasta que en 1948 compró un solar en Cabai guán, en el Reparto Obreiro y ahí construyó una casa y tejó que estaba ubicada en la calle Bartolomé Masó y fue marcada con el número 188. Tomó la decisión de mudarse un día para Cabai guán por “las cosas se hicieron unas cosas y a Con su elose le enfermó el corazón”.



Casa de la calle Masón nº 188 y Epi fanio sentado en el portal.

En ese mismo año se hizo socio de la colonia española, asociación de instrucción y recreo que fue fundada en Cabai guán en el año 1909 cuando tenía 60 años y un peso después. Gustaba de ir al campo a ver a la colonia a jugar al dominó y con versar con los paisanos. Durante el tiempo estuvo trabajando en Cabai guán en labores agrícolas o en el campo de tabaco. También sus hijas Julia y Lucila trabajaban en el sector pero en los despallidos. Con su eloy otro trabajaba, pues su salud no se portaba bien. Lucila se casó en 1950 y se quedó a vivir en la casa paterna. En 1951 la primera niete de Epi fanio a la que le pusieron por nombre Mari sol. Julia se casó en 1955 y se fue a vivir a Taguasco.

En 1952 Epi fanio comenzó a trabajar en la finca ganadera de Andrés Zelle donde se desempeñó como vaquero. Como la finca que estaba distante iba a trabajar en la madrugada del lunes y regresaba el viernes por la tarde ese lugar trabajó hasta 1956 en que pasó a realizar la misma función pero la finca de un yerno de su esposa Con su elo, en el Jíbaro, un lugar que se cercaba del municipio de La Sierrita.

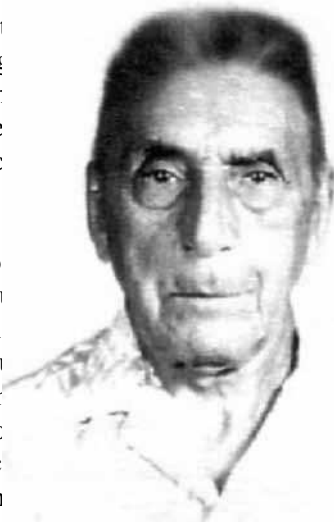
La muerte le llevó al amor de su vida. A Con su elose le detuvo su enfermedad el 19 de diciembre de 1962. Contaba al morir 74 años de edad. La pérdida de su esposa dejó a Epi fanio su mismo en la más profunda tristeza. Fue 38 años de una feliz unión, matizada por muchas penurias económicas,



unión con yugal se mantuvo con el mismo calor de los primeros tiempos. Los hijos le dieron todo el amor, afecto y apoyo de manera que la nostalgia por su tierra y su familia amoran a se le hizo más llevadera.

En 1963 nació otra hija de Lucila que por su puesto, le puso en el ombre de Con su el o. También en ese año Epifanio tomó la decisión

de bilarse. En 1965 recibió la noticia de la muerte de sus padres. Don Gregorio había dejado de herencia a sus hijos en las tierras. Epifanio recibió la noticia con mucho pesar y con su hermano Patrocinio que en la época de esos bienes de sus hermanos, pues él tenía todo lo suyo en Cuba para vivir y que su situación económica no le permitía viajar a España. Después que se le pasaba la mayor parte del tiempo visitando a los "hijos adoptivos" la casa sin su viejita se le hacía pasado grande. Gustaba mucho de la compañía de su hija Julia que vivía en



el campo y ayudaba al esposo de esta en el cuidado de los cerdos y esas de corral.

Epifanio era un ávido lector. Llegó a poseer una buena colección de diccionarios. Disfrutaba mucho de leer las largas horas con su nieto Manuel que en la época de la historia de su niñez y adolescencia era un niño y de las cosas que había aprendido en los libros que había leído. Manuel aprendió primero los límites geográficos de España que los de Cuba. Epifanio le contaba las historias de Cid y del Quijote antes de que él hubiera aprendido a leer.

Un día de marzo de 1979, estaba de visita en La Sierrita, en la casa de



Epifanio con 78 años de edad.

una de sus “nietas adoptivas” se sintió enfermo y lo trasladaron para su casa de Cabaiгуán. Había enfermado de cáncer de pulmón. Era un fumador empedernido. Durante los meses que duró su enfermedad la casa siempre estaba llena de familiares y amigos que veían a verlo y a conversarle. Fue por la visita de cercanía y como yo aún no podía leer, le pedía a su nieto María Sol que leyera los periódicos y la ~~Revista~~ *Revista* Desde su cama de enfermo seguía al tanto de las noticias. Le importaba todo lo que sucedía en el mundo, “nada humana le era ajeno”, pero sobre todo de las noticias que procedían de España. Disfrutó como un niño cuando la Masiel ganó para España el premio del festival de Eurovisión.

La noche del 7 de octubre de 1979, víspera de su muerte, como presidente cuando se acercaba al final, pidió que lo sentaran en la cama y recibiera las almohadas le habló a sus hijas y nietas que estaban ~~en~~ *en* su lado. Su servabala firmeza de sus años mozos:

–“Y habiendo un hombre muy afortunado, porque a pesar de haber vivido la mayor parte de mi vida lejos de mi patria y de mi familia a zamarra, a la que en ~~no~~ *no* puedo unca más, la vida me premió con la mujerte de los ojos más bellos que he visto jamás y encima de eso me regaló un vehijoso a cu al mejor. Es verdad que el día me faltó siempre, pero amor he tenido para llenar ~~car~~ *car* astas”.

Esa noche parecía tan feliz que volvió a cantar canciones de su como si fuera un serena de despedida, y así fue. A l mediodía siguiente del 7 de octubre de 1979, bajó los efectos de un ainycción de calman te, por su año a la muerte. Su cadáver fue velado en la funeraria de Cabaiгуán y sepu ltado la tarde del 9 de octubre de 1979. Sus restos reposan junto a los de su esposa en la parcela nº 7, lote C, cuadro 21 del cementerio municipal de Cabaiгуán.

## EPÍLOGO

Desde que mi abuelo enfermó mi madre y yo que quisimos avisarles a su hermanosen España que estaba enfermo de muerte, pero como ignorábamos la dirección, no nos atrevimos a preguntársela él por temor a que sospechase que éntercer, así que desistimos de escribirles.

Después de su muerte hice una cartal al párroco de Villao bispo con el objetivo de saber si aún vivían en ese lugar familiares de mi abuelo, por ob tuve respuesta. Años después hice una gestión a través del Consulado de España en Cuba y ~~tampoco~~ *tampoco* tuvo éxito, pero que solo el azar que llegamos a la dirección de la Presidencia de la Colonia Zamorana en Santiago de Cuba, la señora Carmen Díez y gacias a ella pude escribir al periódico “Opinión de Zamora” y el periodista Juan Antonio Gil se puso en contacto





Patrocino, hermano de Epifanio.

caza del primo Gregorio y por pacas de henopara el alimentodelgado de la prima Sina.

Fotografié la iglesia donde lo bautizaron, hoy está en ruinas. Grabé en fotos la imagen del valle de Vidriales visto desde Villaobispo, Santibáñez y AlcuBILLA de Nogales. Fotografié todo lo que pude y fijé en mi memoria los nombres de los peblitos por donde pasé, nombres que me eran muy conocido desde que era un niño y mi abuelo me contaba de su tierra, por lo que pasar por Tardemévar, la aferruñada, Santibáñez y Bercianos era como si transitara con mi abuelo tomados de la mano. Otros nombres los recuerdo porque se me antojaron pintorescos como son Morale de Colinas de Trasmonte, Granucillo, que tienen un puente romano precioso... en

fin, tantos peblitos casi todos parecidos, con sus colores ocres, sus bodegones de tonos de vino, sus iglesias con sus torres donde andan las cigarras sus ancianas vestidas de negro en luto silencioso, pues las familias están en sus casas y sólo salen a regalar la huerta, a misa y los nombres después como se van "echando la partida" al bar. Sin embargo y a pesar de ser un avido tan distintiva a la nuestra, no dejó de tener su encanto para mí, quizás todo, porque no me eran ajenos, eran lugares tan conocidos desde mi infancia con tado un año para mi abuelo.

Villaobispo y Bercianos son dos peblitos que parecen un no solo y los lugares que los divide un línea imaginaria que pasa sobre la calle Juan Quico, justamente sobre su cama, de manera que Juan Quico, Villaobispo y su esposa en Bercianos. Conocer esto me hizo recordar el mismo mágico de las novelas de Gabriel García Márquez, sólo que Villay Bercianos no se parecen en nada a Macondo. Pude disfrutar de las fiestas Corpus Christi, participando de la procesión de Santa Bárbara y para que el premio a aún más, disfruté de las fiestas de San Juan el 24 de junio, pero

est a v ez , c all adamen te, di je sol a el di álo g o en tre C<sup>5</sup>i U n t ó s y Bu t t arel l i  
días an tes de reg resar a C u b a, u n a tarde ac ompañé al tío P at roc in io y a su  
esposa Ev el i a a la h u ert a q u e q u e da ju st o al lado de la c asa n at al de ab u el o  
allí, si n q u e el los me v i eran , rec og í dos pu ñados de tierra y me los ec h é en l  
b ol sil los, al lleg ar a la c asa ec h é la tierra en u n a b ol si ta de n ai l on y me l  
para C u b a. Dos días despu és de reg resar a C ab ai g u án fu i h ast a el c emen ter  
y esparc í la tierra sob re la t um b a don de desc an san l os rest os de Epi f an i o. Est e  
h ec h o lo h ag o p ú b l i c o ah ora, n adi e de mi f ami l i a s e p u e s t o u n e a s t a  
u n a c t o í n t i m o en tre mi ab u el o y o.



L u g ar don de desc an san l os rest os de Epi f an i o en el c emen ter i o de C ab ai g u án .

España, C u b a y mi ab u el o

<sup>5</sup> L a au t o r a se refiere al q u e man t i en en est os person ajes en l a esc en a pri m e r a del a c t o  
pri m e r o de l a ob r a de t e a *Don J u an T eno r i a* de J osé Zorri l l a. (N.E.)



# No s t a l g i a s d e u n r e c u e r d o o p a r a q u e n o m u e r a e l r e c u

M a r í a d e l o s Á n g e l e s G á l v e z B l a n c o

L a s l e t r a s n o s o n m i f u e r t e ; d e e s t u d i a n t e p a r t i c i p é e n a l g u n o s c o n c  
y e s c r i b í p a r a m i s a m i g o s a l g u n a s s e m b o h a n t z d a s l o s a d o l e s c e n t e s ,  
p o e m a s ; p e r o q u i s i e r a , c o m o p ó s t u m o h o m e n a j e a m i s a b u e l o s , d a r t e s t i m o n i o  
d e l o q u e t a n t a s v e c e s l e s o í c o n t a r r e f e r e n t e a s u s s u e ñ o s , s u s e s p e r a n z a s ,  
q u e v i v i e r o n e n s u n i ñ e z y j u v e n t u d e n l a t i e r r a q u e l o s v i o n a c e r y  
p u d o v o l v e r a r e c i b i r , p o r q u e p a r t i e r o n d e e l l a c o n u n s u e ñ o q u e , a p e s a  
r e p e t í r s e l o m u c h a s v e c e s , n o s e c u m p l i ó .

M i s a b u e l o s n a c i e r o n e n E s p a ñ a , e n l a p r o v i n c i a d e Z a m o r a , e n e l p o b l  
d e R a b a n a l e s ; a c t u a l m e n t e , u n o d e l o s 2 4 8 m u n i c i p i o s d e e s t a p r o v i n c i  
ñ o l a . R a b a n a l e s u e n t a c o n 7 4 6 h a b i t a n t e s . A l l í s e c o n o c i e r o n d e n i ñ  
p e r o q u i s o l a v i d a q u e u n i e r a n s u s v i d a s m u y l e j o s d e d i c h o l u g a r : f u e  
C u b a , e n l a p r o v i n c i a d e M a t a n z a s d o n d e c o n t r a j e r o n m a t r i m o n i o y c  
f a m i l i a , d e l a c o y p a r t e . L o s p r o t a g o n i s t a s d e e s t a h i s t o r i a d e e m i g r a c i ó n  
s o n : J u l i a n a F e r n á n d e z R o d r í g u e z , R i s i d o r a s B l a n c o y a M a r í a  
F e r n á n d e z , l a h e r m a n a m e n o r d e m i a b u e l a , q u e j u g ó d u r a n t e t o d a s u v  
p a p e l d e p u e n t e e n t r e l a f a m i l i a q u e f o r m ó m i a b u e l a a q u í , e n C u b a , y e l  
r e s t o d e s u f a m i l i a q u e q u e d ó e n E s p a ñ a : P a r a e l l o s m i m a y o r a n h e l o d e d a r f e  
d e s u s v i d a s e n e s t a s s e n c i l l a s l e t r a s .

M i a b u e l o e r a e l m á s p e q u e ñ o d e d o s h e r m a n o s . L l e g ó a l m u n d o e l 1 7 d e  
m a r z o d e 1 9 0 0 ; n a c i ó c o n e l s i g l o m i s m o , s i n l a p r e s e n c i a f í s i c a d e s u p a  
N i c o l á s , q u e t r a b a j a n d o e n u n a s m i n a s d e c a r b ó n , d e s d e c h a d a m e n t e p e  
s u v i d a , c u a n d o a ú n e s t a b a e n e l v i e n t r e m a t e r n o . A s í q u e d e s d e s u s p r i m  
a ñ o s , c o n o c i ó l o s r i g o r e s d e l t r a b a j o y l o d u r o d e l a v i d a s i n u n p a d r e ; c r e c í  
l a d o d e s u m a d r e , L u i s a , y s u h e r m a n o N i c o l á s , q u i e n s ó l o e r a u n a ñ o m a y  
a s í q u e e r a o t r o m u c h a c h o ; o t r o s f a m i l i a r e s q u e l e o í m e n c i o n a r e u e r o n : s u  
M a t í a s , c a r p i n t e r o y v i u d o t a m b i é n , h e r m a n o d e s u m a m á , c o n q u i e n a p  
e l o f i c i o m á s t a r d e , y s u p r i m o M a n o l o , h i j o d e M a t í a s . M i a b u e l o t r a b  
e n e l c a m p o c o m o j o r n a l e r o y a y u d a b a a M a t í a s e n l a c a r p i n t e r í a , p o r l o q



c on el tran sc u rri r de los años se f u e i n t e r e s a n d o p o r e l o f i c i o d e c a r p i n t e r í a y a l o s 14 a ñ o s , c o n o c í a b i e n e l o f i c i o ; n o a s í M a n o l o , a q u i é n n o l e e l t r a b a j o c o n l a m a d e r a .

C o n e l d e c u r s a r d e l o s a ñ o s l a c a r p i n t e r í a l e d a r í a e l s u s t e n t o a l a f a m i l i a q u e é l c r e a r í a l e j o s d e s u t e r r u ñ o . P e r o e l t r a b a j o d e l c a m p o l e f a s c i n a b a : l a t i e r r a , c o s e c h a r p a t a t a s , h o r t a l i z a s y h a s t a e l t r i g o , t a n i m p o r t a n t e o l o s t i e m p o s ; y c r i a r o v e j a s , g a l l i n a s , c e r d o s . A s í q u e t r a b a j a b a c o n e l a l g ú n t e n e r a l g u n a t i e r r a p o r í a q u e l l e g ó a s a c r i f i c a r s u o f i c i o d e c a r p i n t e r o , m á s c ó m o d o y m e j o r r e m u n e r a d o p o r e l d e a g r i c u l t o r ; a ñ o s m á s t a r d e e n C u b a . T o m a r v i n o d e u v a s y e l a b o r a r l o , j u g a r b r i s c a s , h a b e r t u v e l a s u e r t e q u e n o s t r a n s m i t i e r a a t o d a l a f a m i l i a , l o t r a j o d e s u t i e r r a i g u a l q u e l a c o s t u m b r e d e j u g a r a l d o m i n ó , y p o r s u p u e s t o , l a c o n t r a d i o s y l a V i r g e n , p o r q u e l a r e l i g i ó n , e n Z a m o r a , c o m o e n o t r a s r e g i o n e s d e E s p a ñ a , e r a y e s f i e s t a .

L a s i t u a c i ó n e c o n ó m i c a s e a g u d e z m á s e n E s p a ñ a ; c o m e n z a b a l a g r a n c r i s i s s o c i a l y p o l í t i c a d e l r e i n a d o d e A l f o n s o X I I I y e r a n l o s e s p a ñ o l e s q u e e m i g r a b a n a l N u e v o C o n t i n e n t e . U n o s p a r i e n t e s l e j o s q u e e r a n s u m a m á , d e a l l í d e l p o b l a d o d e R a b a n a l e s t a m b i é n , a p e s a r d e q u e e s t a b a n m e j o r s i t u a c i ó n e c o n ó m i c a , d e c i d i e r o n e m i g r a r a C u b a e n 1913, y a q u í t a b l e c i e r o n e n M a t a n z a s , c o n b u e n a s u e r t e , p u e s a d q u i r i e r o n a l g u n o d e d i c á n d o s e a l a a p i c u l t u r a y l a g a n a d e r í a ; e l l o s l e s e s c r i b í a n a L u i s a , l a m e j o r d e m i a b u e l o , p a r a q u e e l l a d e j a r a s u t i e r r a y v i n i e r a t a m b i é n a e s t o s l a r e g i o n e s s u s h i j o s a t r a t a r d e h a c e r f o r t u n a c o n e l l o s y l u e g o t o d o s r e g r e s a r í a n a l p a í s b a n a l e s q u e r i d o .

P e r o p a r a e n t o n c e s , L u i s a y a e s t a b a e n f e r m a ; s a b í a q u e s u s a l u d s e a b r a n t a b a p o r d í a s , y q u e n o p o d r í a r e a l i z a r t a n l a r g o v i a j e , p o r l o q u e a l a s u s h i j o s y a s u h e r m a n o a q u e l o h i c i e r a n e l l o s p a r a q u e s e r e u n i e r a n p a r i e n t e s q u e e r a n y a l a s p e r s o n a s m á s a l l e g a d a s q u e e n í a n .

E l t í o M a t í a s s e g u í a c o n s u c a r p i n t e r í a ; e r a y a u n t í o d e e d a d a v a n z a d a q u e n o v i v í a m a l c o n s u s j o r n a l e s . S u h i j o M a n o l o s e h a b í a c a s a d o y e r a c o n s u m u j e r q u i e n l e a y u d a b a m u c h o y n o q u e r í a d e j a r a s u f a m i l i a a t á r s . S u h e r m a n o , t e n í a n q u e t r a b a j a r y c u i d a r a s u m a m á e n f e r m a ; l a v i d a n o e r a f á c i l y l a c r i s i s d e l p a í s c a d a d í a s e h a c í a p e o r ; y a d e s d e 1914 h a b í a c o m e n z a d o e n l a P r i m e r a G u e r r a M u n d i a l , y c o n e l l a , l a g r a n c r i s i s e c o n ó m i c a y p a r a l o s h o m b r e s j ó v e n e s e s p a ñ o l e s d e i r s e a l a m i s m a d e b i d o a l a i m p l a n t a c i ó n d e l S e r v i c i o M i l i t a r o b l i g a t o r i o , c o n e l f i n d e r e c l u t a r h o m b r e s a E s p a ñ a , s i n o e n t o d o s l o s p a í s e s q u e s e i n v o l u c r a r o n e n l a t e r r i b l e g u e r r a .

E n f e b r e r o d e 1916 m u e r e L u i s a y s u s h i j o s , a n t e t a n t a s v i c i s i t u d e s z o b r a s , v a l o r a n l a p o s i b i l i d a d d e e m i g r a r , c o m o l e s p i d i e r a s u m a d r e ; y a h a p e r d i d o e l l a z o q u e m á s l o s a t a b a a R a b a n a l e s . P o d r í a n c a m b i a r s u s v i d a s ,



español es sin distinción de razas. Y sus hermanas, también decidieron familia aquí, pues en España la situación no cambiaba: la crisis del rey Alfonso XIII continuaba, y aún, más tarde con el golpe de estado del Miguel Primo de Rivera, en 1923, continuaba la crisis. Inés con Martín, de su mismateria, quien, como su padre, tenía y a su negocio de las canteras del pueblo. Filomena encontró a un salmantino, Amador agricultor; y Esperanza se enamoró de un cubano, Juan López, que le quería y prosperaba con su negocio.

Mientras tanto, allá en Rabanales, Juliana Fernández Rodríguez abuela, consideraba la emigración como una posibilidad para su vida. el 7 de febrero de 1897, hija de Ricardo, herrero de oficio y Francisca, costurera, era la tercera de cinco hermanas: Isidora, Julia, Juliana, Teresa y Leopoldo. Tanto su procedencia era humilde, donde había que trabajar mucho para sobrevivir; así que además de la herrería y la costura, se trabajaba la tierra que por suerte tenían su pedacito; ésto los ayudaba a sostenerse en tan difícil situación económica, así que todas las niñas de la casa, además de aprender las labores manuales, desde hacer el hilocón para la lana de las ovejas, el hilatura, hasta la confección de las prendas a partir de él y de las telas que podían adquirir.

Juliana trabajaba horas con su papá en el campo, así que, sabía de los trabajos de la tierra: arar, sembrar, de verduras, patatas, algún cereal, hortalizas, de la vida de la crianza de animales: ovejas, cabras, cerdos, aves, y corderos. También sabía de las delicadezas de hacer desde un finojenajo de confección artesanal que era pieza de ropa aprendiendo con su mamá y con Ramón que era su tío, era hermano de su padre; estaba casado con una señora llamada María, con la que tenía un ahijado, Isabel. Digostoporquemás, noscontabamí abuela, que cuando se alargaban las distancias para ir a comprar piezas de ropa que hacían Ramón y Francisca, su madre, muchas veces se iban con una adolescente. Juliana con su corta edad, era muy valiente, además de los asaltadores de caminos, que enofaltaban, existían los famolobos rojos (sic) por toda esa zona de Castilla y León a la que pertenecía, mora, que acaban los caminos, buscándovictimaspas para su estómago.

Y por su puesto, la obligación con Dios, las misas dominicales, las pascuas de la Semana Santa, además de otras actividades religiosas, junto con el recreo, eran parte de la vida familiar. En aquel hogar se compartían los ratos jugando a las cartas, comiendo uvas, haciendo el vino que enolepertenecía a los españoles; cuando se divertían ella y sus hermanas pisando las uvas para hacer el vino y participando en las romerías, que ellas de las romerías donde bailaban la jota, cantaban coplas y vestían los trajes bien lucidos. Así que recibió mi abuela, junto a familiares y amigos, fue

decidi da y c apaz . A ell a le g u st a b a mu c h o t o c a r l a s c a s t a ñ u e l a s , y me e a h a c e r l o c u a n d o me reg a l ó u n a s e n mi i n f a n c i a ( q u e a ú n c o n s e r v o c o c u e r d o ) . J u l i a n a e r a mu y d u e ñ a de sí mi s m a , mu y b i e n p o r t a d a ; l e g u s t a b a mu c h o a n d a r mu y d e r e c h a y e l e g a n t e a l v e s t i r s e a p e s a r de su s e n c i l l e z . U n a m a r a v i l l o s a c a p a c i d a d de s e r v i c i o y u n v a l o r e x t r a o r d i n a r i o . C u a l q u e c o n s e r v ó h a s t a q u e q u i s o D i o s q u e p e r d i e r a su m e n t e c o n u n a e n f e r e d e r e b r o v a s c u l a r q u e e n t o n c e s , p o r n o h a b e r e l a d e l a n t o c i e n t í f i c o t é c n i c i e n t e e n e l c a m p o de l a m e d i c i n a , l a l l e v ó a l a d e m e n c i a .

C o n t a b a J u l i a n a c o n 11 a ñ o s de e d a d , c u a n d o R i c a r d o , su p a p á , f a l l e c i ó q u e d a n d o l a s s e i s mu j e r e s s o l a s , a l f r e n t e de t o d o : de l a s t i e r r a s y l a c o s t u r a . S u s h e r m a n a s m a y o r e s y e l l a s e o c u p a b a n de l a t i e r r a m á s a ú n , p e r o n o d e j a b a n de p e r f e c c i o n a r s e e n l a s l a b o r e s m a n u a l e s . F r a n c i s c a s e g u í a c o s i e n d o y J u l i a c o n t i n u a b a e n t r e g a n d o l o s e n c a r g o s de l t í o R a m ó n y de su m a m á .

L a s h e r m a n a s m a y o r e s c o n e l t r a n s c u r r i r de l t i e m p o s e e n a m o r a r o n , I s i d o r a y J u l i a , i n c l u s o T e r e s a , q u e e r a m e n o r q u e e l l a . I s i d o r a f u e l a p r i m e r a e n d e j a r su c a s a a l c a s a r s e c o n I s a a c de l P a d o , o t r o s a s t r e z a m o r a n o p a r a l a f a m i l i a ; y de e s t a u n i ó n n a c i e r o n : P a b l o , F r a n c i s c o , ó M . a t í a s , J u l i a , y S e a n e x a n f o t o s .

E l n o v i o de J u l i a , mu y e n a m o r a d o l e p r o m e t i ó q u e v o l v e r í a o l a m a n d a r í a a b u s c a r c u a n d o e n c o n t r a r a m e j o r a s e c o n ó m i c a s p o r A m é r i c a ; y v i n o a A r g e n t i n a ; p e r o a l l í e n c o n t r ó o t r o a m o r y s e c a s ó , o l v i d á n d o s e de J u l i a , c o n t i n u a b a e s p e r á n d o l o , h a s t a q u e t u v o n o t i c i a s de l a c o n t e g i m i e n t e n á n d o l e l a n o t i c i a u n e s t a d o de p r e s i v o t a l q u e q u i s o e n t r a r a l c o n v e n t o de l a o p o s i c i ó n de l a f a m i l i a , q u e s a b í a q u e s u a c t i t u d s e d e b í a a f r e s p e c h a d o r q u e s i n t i ó a l p e r d e r a l h o m b r e de l q u e e s t a b a p r o f u n d a m e n t e e n a m o r a d o . C u e n t a m i a b u e l a q u e s u e s t a d o e r a mu y d e p l o r a b l e ; e l l a s ó l o q u e r í a e n c e r c o n su d o l o r y e n m á s a l o s h o m b r e s y e l c l a u s t r o l e a y u d a r í a e n su e m p e ñ o .

T a l f u e s u d e s e o q u e s u m a m á t u v o q u e a c c e d e r a l p e d i d o y l l e v ó a J u l i a a l v i c i a d o de l a C o n g r e g a c i ó n de l a s r e l i g i o s a s de l A m o r de D i o s , C o n g r e g a c i ó n r e c i é n f u n d a d a , c a s i s e p o d í a d e c i r , y a q u e l a f u n d ó e l P a d r e J e r ó n i m o U r t a z A l a r c ó n , e n 1864 . A l l í l l e g ó a t o m a r l o s h á b i t o s c o n e l n o m b r e de s o r M a r í a de l a P a z F e r n á n d e z , e l 26 de m a r z o de 1921 . P e r o s ó l o v i v i ó d o s a ñ o s m á s , y a q u e l a m u e r t e c o m o e l l a q u e r í a , v i n o a b u s c a r l a , a p e s a r de su j u v e n t u d . T e r e s a t a m b i é n s e c a s ó c o n F é l i x B e n a v e n t e , c o m e r c i a n t e , c r e a n d o u n a f a m i l i a m á s c o r t a , p u e s t u v o s ó l o t r e s h i j o s : D o m i n g o , F é l i x y M a n o l o . Q u e n t o n c e s e n l a c a s a l a m a d r e F r a n c i s c a c o n su s h i j a s L o r e n z a , l a m á s p e q u e ñ a y m i a b u e l a J u l i a n a , q u e e r a su b r a z o d e r e c h o . L o r e n z a c o n 13 a ñ o s de e d a d s e n t í a u n a l i n d a v o c a c i ó n r e l i g i o s a y t a m b i é n i n s i s t í a a p e s a r de su c o r t e e n e n t r a r a l n o v i c i a d o ; c o n s u l t a d o e l p á r r o c o de l p u e b l o , q u e c o n o c í a e l n o m b r e de l a p e q u e ñ a , su m a m á y su h e r m a n a l l e v a r o n a l c o n v e n t o , a l m i s m o d o m o n i s t e r i o .

Nostalgias de un recuerdo, o para que en el recuerdo

estaba Julia, con venidas de que Lorenza serviría a Dios y a los hombres, mucho amor, como lo había hecho y a el fundador de la Congregación noviciado permaneció con su hermana hasta que el vio partir definitivamente con tinuando ella hasta llegar a profesar, con el nombre de Sor Pura de Fernández. Ella, como dije al principio, fue si empre el puente, la que unió estas familias de Cuba y España, hasta que ella muerta se lo impidió, y de su congregación, según cuentan sus hermanas, realizó un hermoso principio, como maestra novicia, o si simplemente como maestra; a ella le tuviera la dicha de conocerla personalmente, pero pudo decir que sus cartas fueron muchas durante toda su vida, (las cuales se conservaron muchas imágenes que se fueron), me las mostraron y por ellas, más lo que en ellas me gustaba de ella un dulce recuerdo y muchas enseñanzas. Mis primeros pasos en la fe y ella, desde lejos, también fue una maravilla que me guíaba. **P**ero dejar a un extraño ahora por que de ella pudo haber mucho lo haré más adelante. Anexó algunas de sus cartas y fotos, de diferentes lugares por donde transitó; todas son demasadas.

Poco tiempo después de dejar a Lorenza en el noviciado, Francisca mamá de mi abuela, fue perdiendo su salud, de manera que a finales de 1911 cae en cama para morir, quedando en aquella casa de la casa de la casa de Rábago sólo Juliana, mi abuela, con el dolor inmenso de perder lo más sagrado que tenemos en la tierra, la madre, pero con su valor y su destreza para las labores tanto manuales como de cualquier índole, si empre que de trabajar honestamente se trataba, permaneció al límite de sacar adelante a las hijas de la familia; pero los tiempos seguían duros, la guerra se había acabado con todas las consecuencias funestas en la economía y en todo el ámbito social muy duro para una mujer sola en enfrentar la situación. Sus hermanas eran dos casadas y dos en el convento. Ella ni siquiera se había enamorado; que por tanto trabajar y ocuparse de la familia, no había en **dos** tiempo para amar; entonces se comenzó a valorar la posibilidad de dejar su tierra con el cuidado de sus hermanas y su tío, que ya no sería igual, pero para ella era como tantos otros que se proban suerte, donde parecía que era más fácil salir airoso de la prueba.

Las hermanas conciben de su triste realidad, la alentar en su ideal, incluso sus hermanas religiosas, y más que en su tío Ramón, que con su soberanía Juliana, sabía de sus virtudes, así que, tenía el convencimiento de que cualquier familia en Cuba la colocaría como doméstica y sus caminó en el Nueve o **Mi por que** es elegir Cuba? por que conciben que de su pueblo algunos se habían establecido aquí, y más que iban desenvolviéndose; así que conciben en la Divina Providencia que encontraría con algún amor que ella ayudara. Por otro lado, a la Ar...

mi ab u el a n o q u e r í a v e n i r, n o f u e r a a e n c o n t r a r s e c o n e l c a u s a n t e d e t a n p a r a s u h e r m a n a, y e l l a n o d e s e a b a v e r l o; a s í q u e f i n a l m e n t e e l t í o R a m ó n p u s o e n f u n c i ó n d e l v i a j e y c u e n t a m i a b u e l a q u e e l 8 d e m a r z o d e 192 t a n d o c o n 2 3 a ñ o s y a, l a l l e v ó a l p u e r t o d e B i l b a o y l e c o m p r ó e l b o l e t o p a z a r p a r e n e l b a r c o “M a r q u e s d e C o m i l l a s” q u e d e s p u e s d e s u r c a r e l A t l á n a p r o x i m a d a m e n t e 30 d í a s, l l e g ó a L a H a b a n a. E l t í o y s u s h e r m a n a s, q u e d a e n E s p a ñ a, e s p e r a n d o q u e J u l i a n a r e g r e s a r a c u a n d o l a s i t u a c i ó n e c o n ó m i s o c i a l d e l p a í s m e j o r a r a y e l l a h u b i e r a l o g r a d o a l c a n z a r u n a e c o n o m í a q u e l o p e r m i t i e r a. E n e l b a r c o, c o n m i l p e n s a m i e n t o s, p e r o s o b r e t o d o c o n e l d e e n c o n t r a r r á p i d a m e n t e u n t r a b a j o; r e z a n d o p a r a q u e a s í f u e r a, D i o s s e l o c c e d i ó p o r q u e d u r a n t e l a l a r g a t r a v e s í a, s e e n c o n t r ó c o n u n a f a m i l i a d e b o s p o s i c i ó n e s p a ñ o l a, d e l a c i u d a d d e S a n t a n d e r, q u e y a e s t a b a e s t a b l e c i d a a q u e e n C u b a, h a c í a c u a t r o a ñ o s y q u e h a b í a i d o d e v i s i t a a E s p a ñ a. A q u í e n r e s i d í a n e n l a p r o v i n c i a d e C a m a g u e y y c a s u a l m e n t e n e c e s i t a b a n u n a d o m é s t i c a p o r q u e l a s e ñ o r a A n a e s p e r a b a u n h i j o. J u l i a n a, v i e n d o e n e l l o p e r s o n a s a f a b l e s, l e d i e r o n c o n f i a n z a p a r a d e c i d i r s e a p r e g u n t a r l e s i p o d í a n c o n t r a t a r l a a e l l a. Y A n a, q u e h a b í a c o n v e r s a d o m u c h o c o n J u l i a n a e l l a p o d í a s e r l e p e r f e c t a m e n t e; a s í q u e h a b l ó c o n s u e s p o s o J u a n, p a r a q u e J u l i a n a s e f u e r a c o n e l l o s a C a m a g u e y, y a c o n t r a t a d a, c o m o s u d o m é s t i c a.

Y a n C u b a, l a f a m i l i a s a l i ó d e T r i s c o r n i a y m i a b u e l a c o n e l l o s; l a f a m i l i a, v a m o s a d e i r l o a s í, p e r m a n e c i ó u n o s d í a s p o r L a H a b a n a y p o s t e r i o r m e n t e s e t r a s l a d a r o n a s u p r o v i n c i a. A l l í m i a b u e l a t e n í a s u p r i m e r a c o l o c a e n C u b a. N o c o n o c í a a n a d i e m á s, p o r s u p u e s t o, n i t a m p o c o s u s c o s t u m b r e r a n i g u a l e s a l a s d e e l l a, y a q u e S a n t a n d e r n o e r a d e l a z o n a d e C a s t i l l a y L e ó n, a s í q u e s ó l o e l v a l o r y l a e n t e r e z a d e a b r i r s e c a m i n o l a m a n t e n í a n, s u s t i t u y o s u s t r i s t e z a s y a ñ o r a n z a s p o r s u q u e r i d a t i e r r a c o n e l t r a b a j o y e l s e r v i c i o, m i a b u e l a d e c í a q u e e l t r a b a j o e r a s u m e j o r c o m p a ñ e r o y e l s e r v i c i o e r a l a c o n d i c i ó n d e l o s c r i s t i a n o s, p o r e s o s u e s p í r i t u e r a f u e r t e y h a s t a s u c u e r p q u e s i e m p r e, g r a c i a s a D i o s, g o z ó d e b u e n a s a l u d e n g e n e r a l h a s t a q u e a l d e s u s a ñ o s e n f e r m ó.

A n a t u v o a s u h i j o. E l l a l a a s i s t i ó y a y u d ó c a s i u n a ñ o, p e r o d u r a n t e t i e m p o f u e t e n i e n d o n o t i c i a s d e q u e e n l a p r o v i n c i a d e M a t a n z a s v i v í a c h o s z a m o r a n o s, i n c l u y e n d o a l g u n o s d e s u q u e r i d o t e r r u ñ o d e R a b a n a q u e l a n o s t a l g i a p o r s u t i e r r a l a h i z o a ñ o r a r, r e u n i r s e c o n e l l o s p a r a c o m p a r e s p e r a n z a s y c o s t u m b r e s, p o r l o q u e d e c i d e h a b l a r c o n s u s e m p l e a d o r e s, A n a y J o s é, p a r a p l a n t e a r l e s u s d e s e o s d e v e n i r h a s t a M a t a n z a s, c o n l a c e r t e z a q u e e n c o n t r a r í a a l g u i e n c o n o c i d o, d e s u p u e b l o. E l l o s l a c o m p r e n d i e r o n i n c l u s o l a y u d a r o n e n s u e m p e ñ o, p u e s h a b í a n c o n o c i d o a l g u n o s e s p e r a n t e d e M a t a n z a s, r e c o m e n d a n d o l a a l d o c t o r N i c a n o r G o n z á l e z, f a r m a c é u t i c o p u e b l o d e M a n g u i t o, q u e p r e c i s a m e n t e e r a d e Z a m o r a.

Nostalgias de un recuerdo, o para que en o mu era el recuerdo

A sí que en febrero de 1921, abandonó Julián a Camagüey para establecerse como empleada en la casa del farmacéutico del pueblo de Manguito, en la Colonia, en Matanzas, comenzando así a relacionarse, como ella aspiraba, sus coterráneos zamoranos. Fueron pasando los días hasta que se encontraron la familia de los Rivas, y también por su puesto se reencuentró con Isidoro Colás, a los cuales se conocía del terruño, no de mucho trato, pero como decían al menos de vista; gran fue su sorpresa al encontrarse con ella, era dos años menor que ella, se enamoró de ella, y ella se enamoró de él, y a pesar de tener otros pretendientes más acomodados, le correspondió, porque para ella era muy bueno eso de que Isidoro fuera además de Rabanalés, porque decidieron unir sus vidas el 5 de agosto de 1922, ante Dios y los hombres permaneciendo unidos por 57 años, hasta que como Dios manda, la muerte los separó. La ceremonia de casamiento se celebró en la casa de los Rivas, que acogió como esposos los primeros tiempos, hasta que ellos se establecieron en el Central "Mercedes Carrillo", cercano a la Colonia. Allí mi abuelo trabajó como carpintero y mi abuela se dedicó a las labores del hogar, porque ellos fueron bien cotizados, y a que como dije antes, ella porque era mi abuela, sino por el decir de muchos por donde pasó, una excelente tejedora, costurera, y hasta enfermera, porque cuando además los recorridos a caballo para poder ir y estar aquí en Leonésitara.

Allí nacieron dos de los cinco hijos de aquel matrimonio: José y Concepción. Permítanme contarles algo que para mí es relevante, y es que Concepción nació, si et mesina, y mi abuela, demostrando sus cualidades y destrezas, logró salvarla, manteniéndola los dos meses que le faltaban su tiempo reglamentario, en su seno, en vultas en paños y cubriendo la para el aseo y alimentarla lo hacía en lugares oscuros, y así cuando ella pegaba su cuerpo, para darle su calor, continuaba sus labores domésticas. ¿Converdad? Hoy día Conchita, como le decimos todos, cuando a los 82 años se pudo decir que había sido un robo. Posteriormente, mi abuelo que era siempresón en su tierra y trabajaba, logró arrendar unas en Reinos al edaño al central; allí permanecieron hasta que nacieron el resto de los Ricardo, Luisa y Molestá (aquí en siempresón le quedó el apodo de Titi) todos los hijos fueron bautizados por los coterráneos que iban en contubernio, que la familia recibía con servando siempresón el vínculo con la origen en las personas que de ella aparecían (sic). Fueron una familia hermosa, pero feliz. Todos los hijos, en mayor o menor grado, conciben las labores del campo, el cuidado de la tierra y de los animales, la cría y las labores domésticas, cargar agua de los pozos, a las distancias, las niñas aprendieron además el arte del tejido en todas sus manifestaciones, todas las noches



familia se reunía a la luz del quinqué para hacer hilo, unas veces, o tejerlo, y los hijos, escuchaban a sus padres contarles sus orígenes, sus razas, sus sueños, lo que habían vivido en su país y por qué y cómo dieron emigrar a esta tierra por su puesto, crecían aprendiendo sus costumbres, aprendiendo a fabricarse sus propios juguetes, sí, muñecos con tierra, como hicieron sus papás allá en Zamora.

Pero todo no era trabajo; el domingo se reunían con otros emigrantes, jugaban briscas, cubilete, dominó, tomaban el vino de España, comían zos, morcillas, y otras golosinas con festividades por misabuelos y abuelos, laban la jota, cantaban las coplas que aprendieron en su pueblo, al son de gaitas, de las panaderas y el de sus manos y sus pies. Cuando las Navidades llegaban, el vino, los turrónes, las nueces, las avellanas, el membrillo, golosinas no faltaban.

Por su parte, sor Pu rez a, la hermana menor de Juliana y a profesora, también tenía su familia en la Congregación del Amor de Dios, y trabajaba llevando el Evangelio a todas partes y por hacer crecer esa familia, y a que fuera maestra novicia en muchas vocaciones, emigró a América a traer el carisma de su congregación; emigró a por el Amor de Dios, si en 1925, recién jubilados sus votos, pudo venir a Cuba, y con otros sobrinos y su cuñado y con su hermana, con la cual, era muy afín, a pesar de la diferencia de edad y de caracteres. Aquí permaneció por diez años constituyendo su estancia, un lugar alegre para todos, principalmente los más pequeños que sólo conciben al tío Nicolás, de quien más adelante hablaré también y a que sus relatos me han sido de gran utilidad para conocer esta historia. Volviendo a la estancia de sor Pu rez a aquí en Cuba, con un poco a poco fue relacionando a su familia con las hermanas religiosas que conciben cuando durante el transcurso de los diez años que permaneció aquí. Llegaron a familiarizarse tanto, que las uniones afectivas de duran te de sus vidas en tres y con el resto de la familia. Cito la más querida para la familia de la cual Ticay Luisa guardan muchos bellos recuerdos, la madre C Jesús que era también española, y la hermana sor Marta, cubana. Después nunca más por más que lo que hizo pudo volver a Cuba; estuvo cerca, y a bajó durante cinco años en Puerto Rico; años más tarde, por que cuando de Cuba en vieron a Portugal, donde permaneció por 18 años trabajó de diferentes colegios y casas de la Congregación y volvió a la Península para sembrar su amor en Oporto, en Toro (Zamora), en Salamanca; para volver a Puerto Rico, como dije, en el año 62, como su periora de uno de los colegios que allí existían. Estando ella allí, celebró la Congregación del "Amor de Dios" sus 100 años de fundada, en 1864.

L u eg o reg resó a España a c on tin u ar su l ab or en ot ros col eg ios, si e ob edi en te, amorosa y pen di en te de su s dos fami li as, la del A mor de Dios y q u e ten ía en su s herman as de san gre y demás pari en tes; trab aj an do ah or J imen a de la F ron tera, A lb ac ete, P ort o, G ran ada, y termi n ó su s días c el on a, tamb ién an h el an do du ran te todo ese ti empo al men os de v ac ac poder v ol v er a v isi tar a J u li an a y su fami li a. El 18 de di c i emb re de 1978 a las 4:0 0 p.m., a la edad de 73 años, ab an don ó su s rest os mort al es para u nirse para si empre con su Esposo, J esús. F u e la herman a sor M aría Est her Fern án d (c asu al men te llev ab an ig u al apelli do) a cu y oc u idado est u v o du ran fin al es de su pen osa en fermedad, la q u en os comu nic ó la trist en ot ic ia, soport ó su dol orosa en fermedad con mu ch a en terez a y pi edad, seg ún c on su su c art a. El l a c on oc i en do del c ari ño y la preoc u pac i ón por su fami li a c v i o en el deb er de h ac ern os sab er su fal lec i mi en to, porq u e sor P u rez a, tan do y ab i en en ferma, se v al ía de su s herman as, para q u en os esc rib i eran n omb re y n u n c a n os c on tab a de su mal est ado de sal u d. Sól o c on oc íam el l a de su s v i aj es a P ort u gal a trat arse c on ag u as medic i n al es para el h mu ch as c art as rec i bimos de C oi mb ra, c asa don de g en eral men te parab a er oc asi on es sor P u rez a; h ast a en su s últ i mas c art as h ac ía al u si ón a su de v ol v er a “C u b i t a l a b e l l a”, si empre se ref ía así a n u est ra pat ri a. Son mu su s c art as, porq u en u n c a se i n t erru mpi ó l a c omu ni caci ón con ella de ella, c on ot ros fami li ares tamb ién , c omo pri mos de mi mamá, i n cl u y a su s h i j os y h ast a ni et os, n os c art eamos y h emos c on oc ido a A u rora, c dos v ec es h a v isi tado C u b a, y es ni et a de P ac o, el c u al se man ti en e er al ig u al q u e ot ros de el los, al g u n os mi g raron a ot ras prov i n c i as; l a fa Teresa q u e se f u n dó en Salaman c a y ah í c on tin úa.

L as reli g i osas del A mor de Dios f u n daron v ari os col eg ios en L a H a t res, en San J osé de las L ajas, C ot orro y en L a V íb ora, tamb ién en F C amag üey , R an ch u el o y en San ta C l ara, don de ademá s ten ían u n ac n ov i c iado en M at an zas, y en el pu eb lo de C ol ón u n asi lo para ni ñas. En el A si lo de C ol ón est ab a de Su peri ora la M adre C oraz ón de J esús, ami g a de t ía Sor P u rez a, tamb ién z amoran a; así q u e a part ir de en t on c madre C oraz ón pasó a ser c omo de la fami li a. M i ab u el o ay u dab a en la pi n tería del asi lo y mi ab u el ay su s h i j os c u an do podían , porq u e en t or v iv ían en u n lu g ar ret irado del pu eb lo llamado “L as C aob as”. T odos est t ros reli g i osos c omo ot ros se c erraron en el 1961, h ast a q u e en 1989 se rean o para di c h a n u est ra y el bi en de la I g l esi a, l a l ab or de las H erman as del de Dios en C u b a, q u e es h ermosa, c on su s g u arderías para los ni ños más n si tados y los prog ramas de ay u da y promoci ón del h omb re. Di g o q u e para n sot ros es u n a di c h a porq u e mi t ía ab u el a, f u e mu y q u eri da en su C on en t odas part es don de est u v o en t reg ó mu ch o amor, tan to, q u e su s c ompa

Nostalgias de un recuerdo, o para que en o mu era el recuerdo

y alumnas, dan testimonios de ello; cuando en 1974 cumplió sus cincuenta años de vida religiosa, tuvo un alin da celebración, y todo el que la conocía recuerda con mucho cariño. Actualmente, en el Arzobispado de León prestan sus servicios Hermanas de Estacomunidad religiosa y casualmente de ellas concieron a nuestra amiga, sor Teresa Vaz, la cual fue alumna en Coimbra (Portugal), y la hermana Pilar García que en la compañía de Luísa y apareció en el momento de período de la Congregación. En otras casas del país, viven otras hermanas que la Congregación segun nos refieren ellas pero no tengo el gusto de conocerlas.

Nicolás, el hermano de Isidoro, que ya se había independizado de los Rivar para irse al Central "Mercedes Carrillo" también, y a que él había entrado a una salmantina, María Luisa Hernández, de quien se enamoró y dio forma a una familia. Su familia fue más numerosa, pues tuvieron siete hijos: Felino, Lucila, Juana, Turiano, Araceli, Teófilo y Julián. A Lucila y a algunos de sus hijos permaneció en este lugar; algunos se han ido pero dentro de la misma provincia, de Matanzas. Tío Nicolás falleció el 10 de julio de 1996; a él también mi modesto homenaje, porque sus hijos eran emprendedores, y a que él gustaba mucho de conversar y contarles; era muy cariñoso: recuerdo cómo nos recibía cuando visitábamos, al final de sus días cuando ya estaba a punto de la visión nos conocía por los vocales y mantenía su empresa y localidad; actualmente continúa en relación con su esposa y sus hijos, principalmente con Lucila, que es la casa; así que ellos son parte también de este recuerdo familiar. Tío Nicolás murió 16 años después que emigró, por lo que pudo presenciar el año de los hijos de españoles por recordar la vida de sus padres; una de sus hijas, Lucila precisamente, así lo hizo, a pesar de la distancia desde el lado de 1997, recuerdo la vida de sus padres.

Volvendo atrás en el tiempo, en España, las familias de las hermanas de mi abuelo recordaban, y sor Pura era el punto de comunicación, en tres distancias; sus cartas no faltaban y mi abuela, a pesar de su poca instrucción, había aprendido mucho de su experiencia y dificultades de escribir y si emprendió estaba a algunas letras y otras veces, le encomendaba la tarea mi tío mayor que fue el que permaneció junto a mi abuelo en la casa hasta el final de sus días. Sí, porque a pesar de todo, los hijos de Julián e Isidoro, todos, recibieron clases en aquellas tierras tan lejanas, así que ellos leían y escribían. El tiempo implacable transcurría y mi abuelo, sobre mi abuela, continúa a desear mucho poder volver a su tierra al menos a visitarla para ver a sus hermanas, a su tío querido, y a envejecido, y a su prima, Isabel, que también, había tomado los hábitos. Gracias a Dios, por aquella época la familia de abuelo tuvo muchas vocaciones religiosas. Pero la

ción económica a no mejoraba por ningún lado y los pasajes eran muy caros, así que económicamente soñando y conformándose con la correspondencia, a veces se aplataba un poco mejor porque realmente ya no tenías alzas fuertes que en lo atarían a Rabanales; y nada, porque cada cual es como es, como dice el niño mi sobrino Orlan d'ito. Así que emigras a la Sorpuera, hasta los de mi abuela algunas veces escribían y con el tiempo, ese año de ellos acabaron ahí hicieron sus familias, como sus primos que en las primeras, ilón man tu volacomunicación y así sucesivamente hasta en estos días emigración nos ha sucedido y la comunicación es mayoritaria mente electrónica.

La emigración, es un fenómeno tan antiguo como el mismo hombre, siempre buscabas: buscabas aliberto, buscabas mejores económicas, buscabas familiares y amigos, buscabas mejores condiciones climáticas, buscabas condiciones de trabajo que mejorará su vida, y esa búsqueda siempre con el dolor de perder lo que se tiene, porque siempre quedaba algo, y cuando así sea, queda el sueldo que se pierden los pies por primera vez, la tierra con que se gastó de niño, la que se recogió, lágrimas, sudores y otras cosas... Ojalá el día en que el hombre no tenga que dejar su lugar, no tenga que emigrar a otros lugares; ojalá a todos, en todas partes tenga la posibilidad de vivir dignamente. Aunque quieras, sea la emigración menoscabada para mezclar cosas, razas, ideas. Digote todo esto porque el sufrimiento de mis abuelos por su tierra natal y por lo que en ella dejaron marcó, aún si no concuerdan con el dolor de la separación familiar por emigración; como ahora, ellos están juntos a mí y continúan juntos, murieron sin volver a poner sus pies y acanados de tanto trabajar la que ellos vieron. Ahora su sufrimiento de separación de familiares y amigos que, por supuesto, que yo me voy que tampoco están conmigo porque buscabas con la emigración mejores para sus vidas. Retomala historia protagonista (es que es un escorrito aysal cuando en el tiempo siguiente vienen a mí mentelas ideas, no logro deslindar a las personas nicronológicas ni espacialmente).

Los hijos de Juliana e Isidoro se hicieron jóvenes, con aspiraciones, sus años también; se fueron en amorando para así dar continuación a la descendencia de estos emigrantes. La segunda de los hijos, fue la primera en emigrarse y casarse; lo hizo, por cierto, con un conocido del tío Nicolás, con Hernández, en 1946 y se fue a vivir con su esposo a otro lugar, a la Central "Mercedes", a la "Inés". Allí nacieron los mayores de sus hijos, luego su esposo y su hermano José decidieron comprar una finca en un conocido como "Camejo"; los dos trabajaban la finca y recibían los beneficios de la misma. Y en este lugar nacieron el resto de sus siete hijos: Ondina

Nostalgias de un recuerdo, o para que en el recuerdo

rei da, M odesta, G ilbert o, A rman do, F ernan do y O n elio. P erman ec ier  
 h ast a h ac e al g u n os años q u e emi g raron más cerc a de C olón , a u n c ru c  
 n oc i do c omo los A rab os; c on los años, las lab ores del c ampo se v u el v en m  
 d i f í c i l e s . a l l os t i e n e n b i s n i e t os, así q u e l v a d i a p i e r s a n s e d o e n e l  
 espac io y el t i e m p o, si q u e r e m os, n o e n e s p i r i t u a l i d a d . T a m b i é n a J osé l e l l  
 el t u r n o del amor por los años 50 ; se c asa y se q u e d a e n l a c a s a p a t e r n a p e r o  
 c o m p r e n d e q u e d e b í a i n d e p e n d i z a r s e y d e c i d e v e n i r a p r o b a r s u e r t e a C ol  
 q u e e r a e n t o n c e s, d e s p u é s d e l c e n t r o d e l a p r o v i n c i a, l a v i l l a m á s i m p o r t a  
 d e M a t a n z a s; así q u e emi g r a r p a r a l a c i u d a d e r a u n a g a r a n t í a p a r a p r o s p e r a r;  
 p r o b ó s u e r t e, c o m p r ó u n p u e s t o c o m o s e c o n o c í a e n t o n c e s, p e r o n o o b t e n í a  
 g a n a n c i a s n e c e s a r i a s p a r a a d e l a n t a r e l n e g o c i o y e n t o n c e s m i m a m á, L  
 q u e s a c ó e l c a r á c t e r d e m i a b u e l a, e m p r e n d e d o r a, a l e g r e, f u e r t e, d e c i d i d a, v  
 a l o s p o c os m e s e s, c o n e l f i n d e t r a t a r d e s a l v a r e l n e g o c i o y c o m o s e l o p r o  
 p u s o, l o l o g r ó; y a d e s p u é s, v i n o m i a b u e l o, h a s t a q u e f i n a l m e n t e a l o s d o s  
 e s t a b a n f a b r i c a n d o u n a c a s i t a e n C olón , c a s a, q u e a ú n c o n s e r v a s u s c  
 d o n d e m u r i ó m i a b u e l o, s e e n f e r m ó m i a b u e l a, y l u e g o m u r i ó m i t í o J osé. A  
 q u e h a g o l a s a l v e d a d d e q u e m i t í o, p e r m a n e c i ó e n l a s C a o b a s h a s t a q u  
 m a t r i m o n i o s e r o m p i ó, d e s p u é s d e t e n e r s u p r i m e r h i j o, J osé B l a n c o (c o m o é l ).  
 E n t o n c e s v o l v i ó a l h o g a r m a t e r n o y a e n C olón . R i c a r d o, p o r s u p a r t e,  
 q u i s o a b a n d o n a r e l c a m p o; p e r m a n e c i ó s i e m p r e j u n t o a s u s c a b a l l a s, s u s v  
 y s u s s e m b r a d o s; s e c a s ó c o n u n a m u c h a c h a d e N u e v o O r i e n t e, C a t a l i n  
 c u y o p a d r e t a m b i é n e r a i s l e ñ o, e n j u n i o d e l 1 9 5 4 . E s e l u g a r e r a a l g o m á s l e j a  
 a ú n d e d o n d e v i v í a n s u s p a d r e s, p e r o d e a l l í n u n c a s a l i ó p o r m á s q u e s u m a m á  
 s e l o p i d i e r a, ( h a s t a l e c o m p r ó m á s a d e l a n t e u n t e r r e n i t o e n C olón , r e c u a n d o  
 c o n s u s p r e c i o s o s t e j i d o s, g a n a b a s u d i n e r i t o ). L o d e j ó d e f i n i t i v a m e n t e c  
 l o s a c a r o n c a s i s i n v i d a p a r a e l H o s p i t a l d e C olón , d o n d e m u r i ó e s m i s m o d í a  
 e l 2 8 d e d i c i e m b r e d e l 2 0 0 0 . C o m o t o d o s t u v o s u s h i j o s, t r e s v a r o n e s: G i  
 R i c a r d o y J o r g e, q u i e n e s c o n s e r v a r o n s u t r a d i c i ó n c a m p e s i n a, h a s t a q  
 e l m e n o r d e e l l o s d e c i d i ó s a l i r a l a c i u d a d t u a l m e n t e e n V a r a d e r o,  
 c e r c a d e s u p r i m o J osé. T a m b i é n e n e s t e a ñ o, d e 1 9 5 4, s e c a s a r o n L u í s a y M  
 d e s t a; l a p r i m e r a e l 1 4 d e f e b r e r o c o n B r í g i d o G á l v e z , d e s c e n d i e n t e d e f a m i l  
 c u b a n a, y t u v o a M a r í a d e l o s Á n g e l e s, a O r l a n d o y M o d e s t a e n d i c i e n  
 I s r a e l R a b e l o, t a m b i é n d e d e s c e n d e n c i a c u b a n a, p r o c e a n d o a D u l c e y C  
 P e r o e l l a s n o s e q u e d a r o n e n C olón , s u s r e s p e c t i v o s e s p o s o s h a b í a n e m i g r  
 a L a H a b a n a, a n t e s d e l m a t r i m o n i o y t e n í a n c a d a u n o s u r e s p e c t i v a b o d e  
 q u e s e c a s a r o n e n l a i g l e s i a d e C olón y d e l a l u n a d e m i e l v i n i e r o n p a r a l  
 p i t a l, p o r l o q u e s u s h i j o s s o m o s h a b a n e r o s . P o r e n t o n c e s s e v i a j a b a f á c i l  
 d e C olón a L a H a b a n a y s i e m p r e n o s m a n t e n í a m o s v i s i t a n d o n o s; m i s a b u  
 v e n í a n, n o s o t r o s í b a m o s . C o n e l t i e m p o, y l a s d i f i c u l t a d e s d e l t r a n s p o r t e,

Nostalgias de un recuerdo, o para que en o mu era el recuerdo

vistas no podían ser semanales, pero en las vacaciones yo me estaba bastando días al lado de mis abuelos y tíos, también escuchando las historias y cosas de Rabanales, hacían dome la idea de que algún día podría acompañar a mis abuelos a su s parientes, que y a con ocíamos por cartas y fotos, claro que eso era algo que queríamos todos, porque repito, tía sor Pu rez a, si empre n t en ía ac tu al iz ados de los ac on tec imi en tos por el otro lado del Atlán tico. Las in g en i ab a para que a medi da que ev en ían las n ue vas g en erac i on es mos en c on tac to. Du ran t en u est ras vac ac i on es ju n to a los ab u el os, j b r i s c a s, d o m i n ó, c u b i l e t e, a p r e n d í a m o s a t e j e r y o t r a s h a b i l i d a d e s m a n u h a s t a a l g u n o s c a n t o s d e l a t i e r r a.

Como ya hice la salv edad de que no estoy para nada si gu i en do un c ron ol ó g i c o, q u i e r o r e f e r i r a q u í, q u e l a s v a c a c i o n e s d e 1972 f u e r o n b l e s p a r a m í f a m i l i a m a t e r n a p o r c e l e b r a r s e l a s B o d a s d e O r o d e m i s a b u e l o s: n o s r e u n i m o s t o d o s y c o m o p a r t e d e l f e s t e j o f u i m o s a d a r l e g r a c i a s a D i o s c u n a m i s a d e A c c i ó n d e G r a c i a s; f u e m u y l i n d o; p a r a m í f u e u n t e s t l o q u e e s u n m a t r i m o n i o, t o d a u n a i n s t i t u c i ó n; p o r e s o c u a n d o d e c i d i e s e l e c c i ó n é s a m i s m a f e c h a, p i d i é n d o l e a D i o s q u e m i m a t r i m o n i o p e r d u c o m o a q u e l; a d e m á s d e q u e e s a f e c h a e s m u y l i n d a d e s d e e l p u n t o d e v r e l i g i o s o. Y h a d u r a d o, g r a c i a s a D i o s, t r e i n t a a ñ o s.

Por su pu esto, la v i d a c o n t i n ú a y e x c e p t o, D u l c e y y o q u e n o h i j o s, e l r e s t o d e l o s d e s c e n d i e n t e s s i g u e n a ñ a d i e n d o h o j a s a l á r b o l g e n g i c o d e l o s p r o t a g o n i s t a s d e e s t a h i s t o r i a, q u e l e j o s d e s u p a r i a c r e a r o n u n a m i l i a, q u e l o s r e c u e r d a y v e n e r a c o n c a r i ñ o y a d m i r a c i ó n. E s e f u e s u a p a r t e s o c i e d a d, y a q u e l a f a m i l i a, e s l a s a b i a q u e n u t r e l a y r e p r e s e n t a s o c i a l; n o l o q u e d i c e n s o c i ó l o g o s, e d u c a d o r e s, e t c é t e r a, p o r q u e e s o t o d o s l o s a b e m o s.

En 2001 nos decidimos a que Luisa y M o d e s t a o p t a r a n p o r r e c u p e r a r c i u d a d a n í a p o r m í a b u e l a, d a d o e l l a z o q u e e x i s t í a e n t r e l a s f a m i l i a s y c o m e n z a r o n l a t r a m i t a c i ó n q u e t u v o f e l i z t é r m i n o e n e l 2004. D u r a n t e e s t o s a ñ o s c o n v e r s a n d o e n l a s c o l a s y d e m á s, s u p i m o s d e l a e x i s t e n c i a d e l a S o c i e d a d Z a m o r a n a, d e l o c u a l n o t e n í a m o s c o n o c i m i e n t o, y t a m b i é n a v e r i g u e m o s q u e c ó m o p o d í a m o s a s o c i a r n o s y e n u e t u v i e r o n l a c i u d a d a n í a, m i t í a y m i m a m á s e a s o c i a r o n e n e l a ñ o 2005. M i s p r i m o s y y o t a m b i é n l a c i t a m o s, y a p a r t i r d e l a ñ o e n c u r s o, n o s a c e p t a r o n a D u l c e y a m í. Y q u e r í a d e c i r, q u e d e s d e q u e a c o m p a ñ a b a a m i m a m á y m i t í a a l a s a c t i v i d a d e s, m e h e s e n t i d o m u y b i e n, y a q u e a d e m á s d e l o s h a s s e r v i c i o s d e n u e s t r o s a n t e p a s a d o s z a m o r a n o s, c o n l o s b a i l e s, c a n t o s, j u e g o s, v i n o s, t u r r o n e s, s e i m p a r t e n c o n f e r e n c i a s e x p l i c a t i v a s, s e c e l e b r a n p e ñ a s c u l t u r a l e s a c t i v i d a d e s q u e u n e n a l o s z a m o r a n o s y s u s d e s c e n d i e n t e s p a r a p r o l o n g a r q u e d e s d e l a é p o c a d e m i s a b u e l o s p r a c t i c a b a n c o n t i n u a m e n t e, u n a

dad con aquellos que iban en cont rando a su paso de Zamora; era como si un imán poderoso los atrajera, por eso que iero rec ordar aque l lema de la C olonia Zamorana de Cuba: “La con fraternidad de todos los zamoranos y familias, protegién don os mutuamente”.

Disculpen los que lean estas páginas, mis pocas dot es de escritora, disculpeme abuelay abuelo, tía sorP u rez a, tío Nicolás, mi mamá y mi tía Modesta, si algo que escuche, olvídrel arlo aque í; sólo intento que se conozcan las historias de dos emigrantes más de los tantos que a principios del siglo pasado tuvo España. Repito y me perdonan también por tanta repetición, que este relato como un pequeño homenaje a mis abuelos, a sorP u rez a y al tío Nicolás, porque como dije son los protagonistas de esta historia, que es muy sencilla, pero que encierra el amor familiar; y aclaro que sorP u rez a no emigró, pero sin ella no hubiera existido el puente para unir, tan nec es las familias. Porque cuando después de muerte, los primeros destinat es al ej aron la comunión y la in formación que con serv ábamos, nos fue de in val or para reen contrar a la familia, que en aque l momento gracias al Plan Ranza, pudo comun icarse telefónicamente una de las primas con Modesta y Lu eg on os ay udaron con los trámites de rec uperación de la ciudadanía de España y Modesta, y desde entonces, como ya he dicho se ha mantenido la relación. Que este relato también como recuerdo a toda mi familia matern a que es descendencia de Isidoro y Juliana, que dejaron el mundo de los vivos el febrero de 1978 y el 10 de septiembre de 1987, respectivamente, aun que vivían en numerosas rec uerdos muy prof undamente, y que por él, se mantenga un armónica, con el amor y el respeto a la dignidad, que ellos nos enseñaron y que toda familia tiene derecho.

Por último que iero decir, que las horas de su ño que he sacrificado y cansancio que he soportado al realizar este trabajo que dan sus plidos por placer que he obtenido con esta experiencia maravillosa, porque vivo a vey leer tan lindos rec uerdos los he vuelto a vivir, corrob orando el v in est imable de un ac arta, de un afotografía, y el fundamental de la familia. Y dije que soñé con acompañar a mi abuel a a su tierra natal; los hijos y nietos, nos rif ábamos un viaje que en un callejón; y a no pudo acompañar ella pero que iz ás al g ún día Dios me permitav isitar los lugares que ella hub que rido visitar, conocer a los parientes que ella no pudo conocer y g u más rec uerdos en mi c orazón de la tierra de mis abuelos. Muchas gracias por dedicar parte de su valioso tiempo, con mucha paciencia a la lectura de sencillahistoria, además tan mal contada. Gracias a mi tía Tica, que redió muchas de mis preguntas y sobre todo a mi mamá, Luisa, que desde que comencé a redactar esta Historia, pasé mucho tiempo ac osándola a preguntas.



y sin c u y a ay u da n o h u b i e r a p o d i d o t e r m i n a r l o , p o r l o m u c h o q u e m e  
dado en todos los aspectos. L o ú l t i m o q u e ~~de~~ *algunes de* ~~Dios~~ *reine en*  
*nuestros coraz ones* lema de la c on g reg ac i ón de estas relig i osas del A mor de  
Dios. R espet an do a q u e l l o s q u e n o l o c rean p e r t i n e n t e , p o r q u e p a r a e s o s  
lib res de pen sami en t o. P or su ert e , e l m u n d o a p e s a r d e t a n t o s m a l e s , c o n t i  
c u l t i v a n d o e l a m o r .

Nostalgias de un recuerdo, o para que en el recuerdo

# Zamora y Florida : de España y terruños míos

José Ángel y Manuel García Blanco

## I. INTRODUCCIÓN

Las prístinas y muy animadas cabalgatas que disfrutamos en los primeros años de la infancia, las realizamos sobre las piernas del abuelo, Ramón Blanco Fernández. Desde ellas conocimos que en un lejano paraje de España existió el Cid Campeador y también de la presencia de otro señor, de apellido Zorrilla, quien había escrito ciertos versos referidos al historiador joven amorado llamado don Juan Tenorio, de los cuales le placía decirle “Cuán gritan esos malditos / y que mal rayo me parta / si yo escribiendo carta / no pagan ceros sus gritos”. Si ruborizáramos que ésta es la única estrofa que hemos logrado memorizar del ilustre dramaturgo de Valparaíso.

Pero las más interesantes conversaciones de aquellas reuniones literarias de caballo, Manuel me contaba en un apuro y José Ángel en la otra las relaciones con Zamora y la aldeana tal, Morales de Valverde. A busolía comparar el corte de arroz con la forma de segar el trigo y hacían demostraciones blandiendo la hoz que tenían en casa; mostro cómo Felipe, el duran telas jornadas a campo abierto espantaba el frío dándose manos en las costillas con los brazos cruzados; también describía la forma en que María, la madre, cocía al horno el pan nuestro de cada día, o detallaba la preparación de una exquisita gamba zamborana amorosa.

Las propuestas más generales que inducían a la conversación por la seriedad de la virtud, Blanco las ilustraba con ejemplos prácticos de abuelo, de los padres y de él mismo, lo cual testimoniaba la presencia de lo más universal es con conceptos del hombre de bien en las fibras de su individualidad. ¿Y quién mejor que Ramón do Blanco para proponerlos? Ninguno de los vicios humanos en contrabandista para entrar en su vida, al extremo de un caso se le escuchó decir palabras obsecras, tan usual en los hombres él inmersos en las rudas tareas del campo; pero, además, disposición de su ficción

en ergía y valora para exigirles a quienes les rodeaban que en las dijeran mentes preferir al guano de sus hijos o nietos era inadmisible.

Con el paso del tiempo las preguntas y respuestas sobre el amado terruño y el amor a la patria, el por qué vino a Cuba, a cuáles habrían sido los obstáculos que le impidieron regresar a España, cómo había sido su vida y otras, fueron repetidas tantas veces como se quisiera.

Por eso, ahora que en nosotros se respira el aroma de golpear, de pojaditas de atunados especiales, con ese su hablar de raigambre española y “aplatañamiento” cubano adquirido durante los años de vida en Nueva York; la memoria reproduce, amén de los hechos, el estado anímico que te acompaña cuando contaba. ¡Ojalá esta versión se le aproxime!

Como el privilegio de escuchar al abuelo no fue único amen tenidos, dimos a los demás familiares no solo con el propósito de precisar detalles, sino para escuchar de ellos apreciaciones, juicios e imágenes. Haber compartido que en todos existieron coincidencias sobre cómo era Blanco, cómo era la existencia de su elevada moralidad y carácter íntegro. Cuando se te olvidó, abuelo estuvo acompañado del coterráneo, tocayo, primo de sangre y hermano afectuoso y (como él mismo lo definiera) fraternal compañero de lucha en la vida, Raúl Muñoz Mateos. A Mateos no lo conocimos porque él a quien el mismo año de su muerte en accidente era José Ángel (el mayor de nosotros) pero estamos persuadidos de que la historia de uno, no puede contarse sino con tantas referencias a la del otro; ambos fueron algo así como dos al mismo tiempo; por eso este relato tiene dos protagonistas y referencias sobre el guano y el amor a la patria.

Abuelo ha dicho, los demás familiares lo afirman y nosotros no lo negamos, que el motivo determinante para venir a Cuba, y a la postre a la migración de él y los hermanos Mateos, radicaba en las necesidades económicas de la familia y de los mismos; pero a un modo de pensar más profundo, la fuerza generatriz de la aventura, estaba en el amor filial, en el deseo de entregar felicidad a los suyos; el afán de llevar a los padres parte de lo ahorrado constituye un sólido elemento probatorio. Egoísta, el usurero, su eleatorario dinero, sin muchos reparos en la forma de obtención, y mantenerlo consigo mientras está vivo. Blanco estaba a la espera del otro extremo; aquí la decisión de repartir entre sus hijos todos los ahorros que tenía, desde varios meses antes de morir (falleció el 3 de marzo de 1997), es una prueba concluyente. Pero su generosidad no solo era manifestada a la familia; el amor al prójimo y la solidaridad humana la prodigaba a diario a los vecinos, amigos, conocidos y otras personas.

Durante la angustiosa y miserable década de los años cincuenta, por la que caminamos a la finquita del abuelo trataban, a pie, familias de

de casa y trabajo; el apeadero ferroviario, con frecuencia, lo tomaban por fugio temporal e iban hastalavivien das de los campesinos de la zona aapealimentos para los hijos. De casa del abuelo, los cacaharros de esos transeúntes siempre salieron llenos; aún la memoria con serv a aquellos rostros con gestos de aflicción cuando llegaban y de júbilo al marcharse. La historia esc los países americanos colonizados por España, sin decir mentiras, su elección a hech os desagradables de los conquis tadores; esos españoles de quienes no hablaban en el aula cuando éramos niños, nvaditornánatqueto

Raimundo Blanco, nic on los hermanos Mateos. De Blanco, los Mateos los cientos de miles que procrearon nuevas familias en estas tierras –gen u representan tes de la Península Ibérica, sangre de la sangre de nosotros, l descendi en tes–, poco onada se ha dicho, y es hora de que se cun te.

Según interpretamos la Junta de Castilla y León, el Centro de la U de Zamora, Caja España y el Archivo de la Escritura Popular, que si eren apromarse a este otro rostro más digno, hermoso y humano de esta historia. Si así es, enhorabuena. Manifiestamos por adelantado nuestro regocijo si este relato, de alg ún modo, contribuye a tal propósito. Solonos resta invit los a escuch ar la historia, que el abuelo nos cun ta

## II. ZAMORA Y FLORIDA, DE ESPAÑA Y CUBA, T ER R UÑ

### 1. NIÑEZ Y ADOLESCENCIA EN MORALES DE VALVERDE

Al igual que los muchachos campesinos de aquí, en Morales de V comencé a trabajar a los seis o siete años de edad. Mi padre, Felipe Blanco Guerra, tenía una parcela en la que sembraba uvas, trigo, patatas y encun tía otros vegetales para el consumo y los gastos de manutención de familia. Quienes residíamos en esa humilde región de Zamora vivíamos de lo que producía la tierra. El trabajo en el campo era duro porque on táb mos con tractores, ni maquina rias modernas y desarrollábamos un cultivo tipo secano. Mi mamá, María Fernández García, con mis herman as Demet Edel fina, Joaquina y Leonor, se ocupaba de las tareas domésticas y el cuidado de los animales de corral. Esas actividades las más juerges las atareaba mucho tiempo; por ejemplo: aquí se compra el pan, sin embargo allí había que hacerlo diariamente en casa; acá, en Florida, el cerdo se sacrificaba para consumo mirolfrito, pero en Morales de Valverde se producían varios derivados como

<sup>1</sup> Relación de familias entrevistadas: hijos de Raimundo Blanco Fernández (H Edel fina, María, Fern ando y Felipe Blanco P adrón) e hijos de Raimundo Mateos M (Elu terio y Gerardo Mateos Vega). (N.A.)

t o c i n o , j a m ó n , m o r c i l l a , e t c . T e r m i n a d a l a v e n d i m i a e l a b o r á b a m o s e l v e n e r o d e l a ñ o , d i s p o n í a m o s d e u n a b o d e g a s o t e r r a d a y p o r l a s m a ñ a n a s m a m á e x t r a í a m o s d e a l l í e l q u e b e b e r í a m o s d u r a n t e e l d í a , p o r c i e r t o , r e c u e r d o h a b e r l a v i d o e n v a r i a s o c a s i o n e s r e g r e s a r m á s c o n t e n t a q u e d e c o s t u m b r e . . . ¿ E s t u d i a r ? S í , s í ! , t a m b i é n , c o m o u s t e d e s , a s i s t í a l a e s c u e l a p r i m a r i a d e l a l d e a y v e n í a e s e n i v e l e s c o l a r ; p e r o n o p u d e c o n t i n u a r l a s e g u n d a e n s e ñ a z a p o r q u e n o í a m o s d i n e r o p a r a c o s t e a r l o s e s t u d i o s , d e b í a t r a b a j a r p a r a a y u d a r a l s o s t e n i m i e n t o d e l a f a m i l i a ; i n c l u s o , c u a n d o e s t u d i a b a e n p r i m a r i a l a s c l a s e s c o n l a s l a b o r e s a g r í c o l a s .

M i a b u e l o s e h a b í a q u e d a d o c i e g o y y o l e s e r v í a d e l a z a r i l l o , e s p e c i a l m e n t e p a r a l l e v a r l o a r e z a r e n l a p a r r o q u i a ; l a f a m i l i a e r a c a t ó l i c a y f u e m u n d a n g i d o c o m o m o n a g u i l l o , p o r l o q u e t o d o s l o s d o m i n g o s a y u d a b a a l c u r a t o r m i s a . M i h e r m a n o , O d ó n , m a y o r q u e y o , f u e l l a m a d o a c u m p l i r e l s e r v i c i o m i l i t a r y l o e n v i a r o n a M a r r u e c o s ; e n e s a a v e n t u r a d e g u e r r a r e s u l t ó q u e t r a b a j a b a . T a h e c h o c o n m o c i o n ó a l a f a m i l i a , m a m á e s t a b a i n c o n s o l a b l e y p a p á e s t a b a t r a b a p e r o c u a n d o s e m e n c i o n a b a e l a s u n t o l a t r i s t e z a q u e l l e v a b a e n e l r o s t r o r e f l e j a b a e n e l r o s t r o . D e s d e e n t o n c e s , e r a y o e l ú n i c o h i j o v a r ó n y e l t r a b a j o q u e t r a b a j a b a e n e l t e r r e n o t r a b a j a b a e n e l t e r r e .

¡ P a s e o s y d i s t r a c c i ó n ! ¡ B a h , h o m b r e , e n M o r a l e s d e V a l v e r d e n o t e n e m p o n i d i n e r o p a r a e s o ! D í a d a d í a , t r a b a j o y m á s t r a b a j o ; c o m o l a l d e a e r a p o b r e n o c o n t a b a c o n c e n t r o s c u l t u r a l e s o i n s t a l a c i o n e s d e s t i n a d a s p a r a e s t a c i m i e n t o . E l d i n e r o p r á c t i c a m e n t e n o s e v e í a ; l o s s e r v i c i o s d e l m é d i c o , l a f a r m a c i a y o t r o s s e p a g a b a n c o n g a l l i n a s , h u e v o s , p a t a t a s . . . , c o m o e n l a p r o v i n c i a d e M e d i e v a l , a l r e s p e c t o p a p á s o l í a d e c i r : “ A q u í , e n M o r a l e s d e V a l v e r d e , t o d o s v i v i m o s c o m o e n l o s t i e r r o s d e l C a m p e a d o ñ . ”

## 2 . LA IDEA DE VIAJAR A CUBA

F é l i x M a t e o s , u n p r i m o m í o a q u i e n l e f a l t a b a p o c o p a r a r e c i b i r s e n e l c e r d o t e , f u e e l p r i m e r o d e l a l d e a q u e p a r t i ó h a c i a C u b a ; l u e g o r e g r e s ó a v i s i t a a E s p a ñ a l l e g a r a M o r a l e s d e V a l v e r d e , c o n t a b a c ó m o l e h a b í a i d o e n l a e m p r e s a : “ A l l í m u c h o s p a i s a n o s s e d e d i c a n a l c o m e r c i o , s i n e m b a r g o a q u e n e s p r o c e d e m o s d e l c a m p o n o s c o n v i e n e l a b o r a r e n l a a g r i c u l t u r a . L a f u e r z a d e t r a b a j o m á s i m p o r t a n t e e n e l c a m p o e s l a c a ñ a d e a z ú c a r ( e l c o r t e , y e n m e n o r m e d i d a l a s i e m b r a y l i m p i a ) . E l l a b o r e o r e s u l t a m u y p e s a d o p e r o s e g a n a b u e n d i n e r o ” . F é l i x r e g r e s ó a C u b a y s e e s t a b l e c i ó e n l a p r o v i n c i a d e O r i n o c o n t r a e r í a m a t r i m o n i o y f o r m a r í a u n a f a m i l i a . E l h e r m a n o d e F é l i x , R a í m u n M a t e o s M o r á n , e n t u s i a s m a d o c o n l o s c o m e n t a r i o s d e F é l i x , m e p e r s u a d i ó q u e e n C u b a p o d í a m o s t e n e r u n f u t u r o p r o m i s o r i o .

C o m o t e h e d i c h o , e n Z a m o r a a p e n a s s e v e í a e l d i n e r o y e n t o n c e s r a z o n a m o s q u e s i e n C u b a p o d í a g a n a r s e , i r h a s t a l a i s l a p a r a t r a b a j a r y o b t e n e r m a s d i n e r o .

sería un abuenamiento. En esa idea coincidimos ~~ante~~ ~~asi~~ ~~Radi~~-muñido lescentes, decidimos viajar a Cuba. Senosha preguntado después, si nosalida de España tenía el propósito de evadir el servicio militar; en realidad, aunquetambién tuvimos encuenta el asunto, esano fue lacausa principal noscondujo a realizar el viaje; digamos que el servicio militar podía verse como un elemento secundario. Les reitero, el motivo fundamental que en tomar tal decisión era de tipo económico: hacer fortuna, como en aquellos tiempos solía decirse. Y escuché bien que edigo viajar a Cuba y no porque en aquellos entonces la idea migratoria no estaba en nuestras cabezas tratada de venir a Cuba, ganarganarhonoradamentecuantodinero fuera posible luego regresar a España. Cuando retornáramos a Zamora parte del dinero lo daríamos a nuestras familias, a fin de mejorarles la vida, y los Raimundo, cuando no por separado, compraríamos una estancia para trabajar la tierra; así estaríamos en condiciones de actuar independientemente y formar nuestras familias aspiración que siempre estaba presente en los planes de todo hombre joven.

Aunque enotantansa como la muerte de mi hermano, la proximidad de mi partida significó un golpe para la familia; mis hermanas y papá se mostraban muy tristes, mamá lloraba todas las noches y entre lágrimas decía que no iba a regresar de Cuba. La despedida, con la imagen de aquellos rostros afligidos, la tengo grabada en el cerebro para siempre; y ome sentía como su spendido en el aire y dentro del pecho tenía una combinación extraesperanza y dolor.

### 3. TRAVESÍA Y LLEGADA A LA HABANA

Junto a mi primo Raimundo Mateos y con apenas dieciséis años (nacido el 12 de marzo de 1899), en 1915 emprendí el viaje a Cuba. En el barco también por primera vez, veían otros jóvenes españoles, incluso de Zamora, a quienes no conocía:

- “¡Oye, Blanco! ¿Sucede algún problema, a qué me rastan to? .
- ¡Eso, Raimundo! ¿Qué es...?
- ¡Bah, es un hombre! En África y en otras partes del mundo hay muchos hombres como ese..., negros”, respondió Mateos.

Por primera vez me vídavidav unoydurante un rato permanecí estupefacto. El hombre formaba parte de la tripulación y era el fogonero del barco

- “Sabes, Mateo, si lo llevamos a ~~alg~~ ~~al~~ ~~damen~~ te allí nos pagan muy bien para verlo”, le comencé ~~al~~ ~~abi~~ ~~nja~~ en

Quiéndice en esos momentos que un tiempo después en Cuba a varias personas negras serían buenos amigos míos.

En la segunda mitad del año anterior (1914) había comenzado la Primera Guerra Mundial y en un momento determinado del trayecto, avistamos

c añoseras que si mal no recuerdo eran inglesas, pero el incidente no tra-  
 secuen cias de importancia. Sin embargo la situación de guerra hizo  
 del barco tomar precauciones adicionales, y el desplazamiento de la  
 más lento que el habitual; por tal razón la duración del viaje fue au-  
 varios días y esa circunstancia me obligó a gastos adicionales; el dinero  
 calculado al detalle, incluso los primeros días de estancia en Cuba.  
 arribamos al puerto de La Habana, en los bolsillos no teníamos ni un centavo.

Unavez desembarcados, en determinada área del muelle habíamos  
 agrupados seis o siete meses, todos con las bolsitas distintas.

- “¿Alguno de ustedes es Raúl Muñoz Blanco?”, con acento español  
 guantón a una persona que he visto en la Habana.
- “¡Sí, soy yo!”; respondió.
- “Mire, en esa calle está el Centro Cultural de la Habana, ¿verdad? ¿Le  
 una razón para usted?”.

El hombre se marcó la hora de la recepción en pos de haber unadiligencia  
 con Mateos mediante la calle indicada; localizada la edificación ag-  
 en ella por el individuo.

- “Félix Mateos dijo que ustedes de la familia y me encargaré  
 o darle o totipoda de ayuda si es necesario”.

No sé por qué aquel gallego –ese sí era nativo de Galicia– preguntó  
 mí en la Habana por Mateos, pues Félix sabía que también vendría el hijo  
 como en aquel momento para mí no era importante ese detalle, muy rápido  
 le respondió:

- “¡Hombre, claro que sí! Como usted sabrá el barco se retardó y tu-  
 que gastar hasta la última peseta”.

Luogo de comen tar las peripetias de la travesía y responder al gu-  
 guantas referidas a España, el coterráneo me dio cinco pesos los cuales me  
 permitieran sufragar los gastos más perentorios de alimentación, hospedaje  
 trasladado hacia la región donde tenía previsto asentarme.

#### 4. EL PRIMER TRABAJO EN CIEGO DE ÁVILA. EL PLAN DE AHORRO

Como trabajar era para nosotros el asunto más urgente por resolver, no  
 debíamos perder el tiempo en La Habana. Mateos y yo decidimos trasladarnos  
 de inmediato hacia la provincia de Camagüey, donde abundaban las pla-  
 nes de caña de azúcar. El lugar escogido fue el entonces poblado de Morón  
 cuando llegamos en tren después de varias horas de viaje.

<sup>2</sup> En realidad no tengo la certeza de que fuera esa la vivienda, tal  
 organización española existentes en La Habana (N.A.).



H ambri entos, nos dirigimos a una fon da propiedad de un paisan o:

- “¿De qué provincia de España son ustedes?”, preguntó el dueño apen nas ocu pamos u n a mesa.
- “De Zamora”, respon dimos al un íson o.
- “¡Ah, sí! ¿Y de qué región?”.
- “M oral es de Valverde”, me adel anté a con testar.
- “¿Tambi én soy d amoran o y en M oral es de Valverde con oz co al g u n a s person as. ¿C ómo se llama usted?”. Le di el nomb re y apell idos y el de mi s padres.
- “¡En ton ces..., eres nieto de Blan co! ¡Si te has criado con tu ab u e deb es ser tan bu en o como él! ¿Dón de estás trab ajan do?”.
- “Acab o de lleg ar y aún no he con seg u ido”.
- “Te of rez co trab aj ar a q u í, con mi g o. T en drás al oj ami en to, comi da y su el do de rei n t a pesos men su al es”.

De este modo, obtuve el primer empleo en Cuba, como ayu dan te de coc c i n a. ¿Sab es?, esa fue la época en que más patatas he mon dado, dos o tres sacos diarios, y más pesc ado esc amé en toda mi vida; tamb ién freg ab a, lim pi ab a y cu an t a c o s a f u e r a n e c e s a r i a r e a l i z a r e n l a f o n d a. El du ñ o t e n í a b t r a t o y e s t a b a c o n t e n t o c o n m i c o n d u c t a l a b o r a l, l o c u a l m e h a c í a s e n p e r o, p a s a d o v a r i o s m e s e s, s a q u é c u e n t a s y l l e g u é a l a c o n c l u s i ó n d e q u e n a n d o t r e i n t a p e s o s n o i b a a l o g r a r l a a ñ o r a d a f o r t u n a p a r a r e g r e s a r a V a l v e r d e. P o r m u c h o q u e a h o r r a r a, l a c a n t i d a d s i e m p r e e s t a r í a e n t r e l o s d i e z y q u i p e s o s m e n s u a l e s, o s e a l a m i t a d o u n t e r c i o d e l o q u e g a n a b a; p o r t a n t o, e n a ñ o a p e n a s a c u m u l a r í a d e c i e n t o v e i n t e a c i e n t o c i n c u e n t a p e s o s.

“T ardaré no men os de diez años para atesorar mi l q u i n i e n t o s p e s o s; t r e s m i l t a l e z o g r e t e n e r l o e n v e i n t e a ñ o s. ¡Bah, bah, ese es mu c h o t i e m p o!”, m e d i j e.

A h o r r a r l a s u m a d e u n o s t r e s m i l p e s o s e r a m i p l a n d e s d e q u e s a l í d e E s p a ñ a, e n a q u e l m o m e n t o e q u i v a l í a a m á s d e o n c e m i l p e s e t a s, c o n l o s q u e r e t o r n a r í a a M o r a l e s d e V a l v e r d e; l e d a r í a u n a p a r t e a p a p á, a f i n d e m e j o r a r l a s c o n d i c i o n e s d e v i d a d e l a f a m i l i a, y c o n l a o t r a m e c o m p r a r í a u n a p a r c e d e l a b o r.

## 5. LAS “VACAS GORDAS” Y LOS CORTES DE CAÑA

En Cuba g o b e r n a b a e l P r e s i d e n t e M y d r i p u s d e e s t a l l a r l a P r i m e r a G u e r r a M u n d i a l, s e i n i c i ó u n a e t a p a l a q u e e l p u e b l o l l e “v a c a s g o r d a s”, p u e s e l a z ú c a r a l c a n z ó p r e c i o s m u n d i a l e s e l e v a d o s y c r e c i t e s; i n c l u s o, a l t é r m i n o d e l a g u e r r a l a l i b r a d e a z ú c a r s u b i ó h a s t a m á s d e v c e n t a v o s, y a l p e r í o d o s e l e l l a m ó “d a n z a d e l o s m i l l o n e s”.

Les decía que etranscurido un os meses de trabajo en la fonda de mi p san o (en Morón), c on tinu ar en ese empleo n o me resu lt ab a c on v en ien i n c orporarme a los c ortes de c aña para g an ar más y l og rar lo pl an eado. A l du eño de la f on da le ex pli qu é la idea y le ag radec í la ay u da prest ada; él c ompren si v o y me di jo:

– “En t ien do lo q u e deseas h ac er, pero si en esa av en t u ra n o t ien es é xp u edes v ol ver, q u e aq u í si empre t en drás empl eo”.

M e en fren té al c ort e de c aña y en las pri meras q u i n c en as, c omo t o q u e e m p i e z a, el ren di mi en t o n o f u e t a n b u e n o c o m o el al c a n z a d o d e s l a f a e n a m e a y u d ó e l e n t r e n a m i e n t o q u e h a b í a r e c i b i d o e n l a s d u r a s j o r n a l o s c a m p o s d e V a l v e r d e, e s p e c i a l m e n t e l a s i e g a d e t r i g o, p e r o d e s d e l a p r i m e r a z a f í a n e c o n v e r t í e n l o q u e s u e l l a m a r s e u n b u e n m a c h e t e r o.

M at eos y y o t r a b a j a m o s d u r a n t e v a r i a s z a f r a s s e g u i d a s e n l o s c a ñ a s d e l a z o n a d e C i e g o d e Á v i l a. C o r t á b a m o s d u r a n t e e l d í a y e n g r u p o a l z á c a ñ a a m a n o p o r l a m a d r u g a d a. L a c o r t a b a s o l o, p u e s l a p r á c t i c a h a d e m o s t r a d o q u e e n p a r e j a l o s m a c h e t e r o s r i n d e n m e n o s; c u a n d o s e j u n t a n d o s t a m á s d e s c a n s o s, h a b l a n y p i e r d e n t i e m p o.

¿Q u é d i c e s? ¡T r e s! ¡N o, h o m b r e, n o! ¡T r e s o c u a t r o j u n t o s e s p e c i a l m e n t e d o s, p o r q u e s i e m p r e h a y u n o a m o l a n d o e l m a c h e t e!

A u n q u e u s t e d e s e r a n u n o s m u c h a c h o s s a b e n q u e h a s t a i n i c i o s e s e n t a l a s z a f r a s a z u c a r e r a s e r a n c o r t a s (d u r a b a n d o s o t r e s m e s e s), a l r e s t o d e l a ñ o s e l l l a m a b a “t i e m p o m u e r t o”, p u e s e n e s a e t a p a (s o l o d u r a n t e a l g u n a s s e m a n a s) s e l e d a b a l a a t e n c i ó n a l c u l t i v o, i g r a d a p a j a u c a ñ y p e a d e s o r i l l o d e l a c a ñ a, c o n u n a p a g a m i s e r a b l e. E n e l “t i e m p o m u e r t o” h a b í a p u l i r l a m u y d u r o p a r a c o n s e g u i r a l g ú n t r a b a j i t o y s u b s i s t i r h a s t a l a z a f r a; e n e s e p e r i o d o s e c o r r í a e l r i e s g o d e g a s t a r l o q u e h a b í a s g a n a d o e n c o n t i e n d a z u c a r e r a, l e s o c u r r í a a s í a l o s c a m p e s i n o s c a b e z a s d e f a m i l i a m i c a s o, u n h o m b r e s o l o, q u e l l e v a b a u n a v i d a a u s t e r a y t e n í a e l f i r m e s i t o d e a h o r r a r e l m á x i m o p a r a r e t o r n a r a l t e r r u ñ o, p u d e e c o n o m i z a r y c o n f i n a l i d a d d e n o p e r d e r e l d i n e r i t o, e v i t a r u n r o b o y n o c a e r e n l a t e n t a c i o n m a l g a s t a r l o, l o m e t í a e n e l b a n c o. E n l a s s u c e s i v a s z a f r a s d e “v a c a s g o r d a c u e n t a b a n c a r i a a u m e n t a b a.

<sup>3</sup> C o s e c h a d e c a ñ a d u l c e. (N.A .)

<sup>4</sup> L i m p i a r o d e s b r o z a r e l t e r r e n o c o n l a g u a t a c a (a z a d a c o r t a q u e s e u t i l i z a p a r a l d e h i e r b a l a s t i e r r a s). (N.A .)

<sup>5</sup> L i m p i a r l a t i e r r a d e h i e r b a s y m a l e z a s c o n e l m a c h e t e. (N.A .)

6. LOS AHORROS SE ESFUMAN, PERO EN LAS “VACAS FLACAS” EL TRABAJO CONTINÚA

En el año 1920 se produjo la debacle financiera: el precio mundial del azúcar bajó a niveles mínimos y la banca, que había realizado grandes inversiones a los productores, no podía recuperar el dinero pues éstos no tenían con qué pagar. Los ahorristas, temerosos, acudían en oleadas a los bancos para poner a salvo sus depósitos. Menos mal dictó una Moratoria que aplazaba temporalmente el desplome, pero en definitiva no pudo evitar el crack bancario de los productores arruinados y hasta su suicidios hubo en el país.

Para esa fecha a mis ahorrillos ascendían a dos mil quinientos pesos y tenía calculado que, en una a dos zafas más, alcanzaría la cifra de los tres millones. Pero..., los tenía depositados en el banco mejor dicho: ¡vaya a usted a saber adónde fueron a parar! Implantarón la Moratoria pero, de todas maneras, aquí el banco que robó y no pudo recuperar ni un peso, ni un peseta, ni un real, ni un céntavo. ¡Lacuerda si empre viví en el ramo más débil!

Estaba uel o de ustedes, a qui en le preguntan por la vida de esos tiempos después de trabajar cincuenta años de sol a sol, si aún imo de enriquecerse pero sí de mejorar la vida de su humilde familia y la propia, en un dos por tres, como se decía antes, vió derrumbados todos los sueños y echado en sacorrotoun lustrero de juventud. Aquel fue uno de los momentos más amargos de mi vida. ¿Qué hacer? ¿Mantener el plan inicial y empezar de nuevo? ¿Esa sería la última parte de la vida? ¿Volverían de nuevo a las “vacas gordas”? Para la última parte de la vida no tenía respuestas porque de adivino no tengo un pelo, si embargo, respeto a las primeras, con el mismo plan u otro, sólo tenía una salida: trabajar y ahorrar.

Al periodo siguiente en el pueblo lo denominó el de las “vacas flacas”, cuando cuba si siempre se le pone en ombre a todo; pero lo triste del asunto fue que se partió de entonce las vacas nunca volverían a engordar, al menos para mí y para los trabajadores del campo. En Ciego de Ávilanos mantuvimos un tiempo más pero, como los cortos de cña no terminaban a todas partes, empezamos a incursionar en un municipio al edaño, Florida. De esa manera Matamoros y llegamos al lugar donde, a la postre, nos establecimos para fundar sendas familias: Los Bazas<sup>7</sup> así es o que ustedes conocen bien porque allí nacieron y vivieron durante la niñez. Frente al apeadero del ferrocarril, más o menos por donde después vivía Rodobaldo, Matamoros y yo teníamos una casita de donde todos los días, muy temprano, salíamos a trabajar hacia los campos de cña

<sup>6</sup> Cantidad así prestada. Préstamo. (N.A.)

<sup>7</sup> Zona del campo perteneciente a Florida. (N.A.)



El M achadato, nombreado al mandado del presidente Gerardo Machado con las habruras, represiones, asesinatos políticos, ausencia de dinero y incidencia con la crisis económica mundial (1929-33), se encargó de afianzar mi estancia en Cuba; los gobiernos posteriores tampoco mejoraron la situación del trabajador en el campo. Si embargo, no fue hasta 1951 que se solicitó se me acreditara como ciudadano cubano. Pude conseguir un empleo en el Central Carlos Manuel de Céspedes (primerocomunista) y después fijé con virtú de mi domicilio en el obrero de la industria azucarera. Eso para mí significó un mejor salario, mayor estabilidad en el período de zafra y un ajustado sueldo aun que modesto, más segura, la cual y a disfruté desde 1960 y espero que sea hasta el último día de mi existencia.

Raimundo Mateos era para mí como un hermano. Nacimos en la misma aldea (él un año después que yo); juntos vinimos a Cuba, tuvimos aspiraciones y desvelos, enfrentamos idénticas penurias y hasta nos casamos con mujeres hermanas. Si embargo a Mateos la vida le resultó más adversa que a mí. Su mujer Flor de María, murió a los treinta y un años, a causa de una apendicitis; ella requería de urgencia atención médica y en aquel momento no existía en el campo. Entonces quedé solo con cuatro hijos y con el matrimonio con una buena mujer, natural de Las Palmas de Gran Canaria, esa unión no hubo descendientes. A los cuarenta y ocho años de edad, me falleció de un accidente enfermedad, ese fue otro momento extremadamente doloroso para mí, pues perdí al hermano, al mejor amigo y al más fraternal compañero de luchas en la vida. ¡Sí!, en esta zona de Camagüey vivían dos otros que aman más, pero no los conozco.

Aquí, en Florida estuve un tiempo y allegado a Mateos y a mí, por qué también había nacido en Morales de Valverde: se llamaba, descendiente de mi abuelo, Isidro Domínguez Álvarez; había prestado servicio en el ejército español y vino a Cuba con el nombre de un hermano, según decían deserción u otro motivo de relación con la actividad militar motivó el viaje; trajó esposa e hijos un tiempo después volvió con ellos a España. Regresó a Cuba solo, y en 1951 retornó definitivamente a la tierra natal; por lo que me contactaron para un trabajo de sueldo en dólares. Aun que en ocasiones las intenciones de su vida, si empleo con su nombre en persona libre para que, si en el futuro alguno de ustedes lograre a Morales de Valverde, indagare por los descendientes.

En los años cincuenta logré reunirme con mi hermana Demetria través de ella. Ella residía en Nueva York con una hija y viajé a los Estados Unidos para verla; económicamente estaba mal porque tenía un accidente de salud y vivía de sus rentas. En esa década también Demetria vino a Cuba de vacaciones la primera antes de que yo fuera a los Estados Unidos, cuando aún vivíamos









C ert if ic ac i ó n de n ac i on al i dad esp añ ol a C E R t a í f i c a d o de a n t e c e d e n t e s p e n a l e s de R a i -  
 mu n do M a t e o s M o r á n . m u n do M a t e o s M o r á n .



En el c en t ro, c on l a s pi e r n a s c r u z a d a s, R a i m u n do M a t e o s M o r á n . A s u l a d o, V i c t o r i a Q u e -  
 t a n a, s u e s p o s a. A l a d e r e c h a de R a i m u n do, E l e u t e r i o, G e r a r d o y F e r n a n do B l a n c o. A l a i z q u e  
 V i c t o r i a, S e r g i o y H e r m i n i o B l a n c o. A l f o n d o, e l n a r a n j a l de l a f a m i l i a. E n p r i m e r a l í n e a,  
 p e r r i t o de l a c a s a.

Zamora y F l o r i d a: de España a C u b a, t e r r u ñ o s m í o s



R ai mu n do Bl an c o j u n t o a su es p o s a M a r í a L u i s a.



R ai mu n do Bl an c o e n e l c e n t r o j u n t o a su es p o s a M a r í a L u i s a, su n i e t o J o s é á n g e l G á r c i g a E s p o s a G r i s e l, y su s n i e t a s D a y a n a y D a i m é.



# Emigración de un español a Cuba

Carmen de la Fuente Álvarez

Esta es la historia del emigrante Pedro González Gutiérrez, con tuac su hija Carmen de la Fuente Álvarez. Mi padre nació el día 5 de mayo del año 1887, hijo de Manuel González Vidal, casado, jornalero, y de Doña Gutiérrez, de ocupación ama de casa, vecinos del municipio Trabadelo de la provincia de León, España. Trabadelo es un municipio de la comarca de El Bierzo, en la provincia de León. Prácticamente todo el municipio está situado en el valle que forma el río Valcarlos. Los pueblos están muy cercanos. Desde hace muchos siglos los españoles han sido visitados y gentes venidas de tierras lejanas. Son los peregrinos que se dirigen a Santiago de Compostela, siguiendo el Camino de Santiago que, a su paso por El Bierzo, atravaza un paisaje al rededor de la cual han ido creciendo importantes asentamientos. La Cruz de Ferro es la puerta de entrada que da bienvenido a los peregrinos a nuestra tierra. Las poblaciones del municipio son Pareda, Sotomera, Parada de Soto, Villar de Corrales, Moral de Valcarlos y Trabadelo, donde se encuentra el Ayuntamiento. El edificio más importante es su Iglesia, erigida en el interior de un retablo barroco del siglo XVIII.

En todo el municipio abundan las huertas, los prados, granjeros y los bosques de castaños centenarios. En Trabadelo celebran las fiestas de San Tirso, abogado de los hueros (28 de enero) y San Nicolás (7 de diciembre). El municipio forma parte de la zona de producción de castro productos que sobresalen por su calidad: la manzana reina y la cañuela.

Allí desarrolló mi padre parte de su vida, hijo de una clase humilde. Me contaron que los estudios en su país eran muy rigurosos, incluso me contaron que los tigabanes, poniéndolos de rodillas, sobredos chapullas. Sabía leer, escribir y multiplicar muy bien. Si emprendiera el interés por el estudio. No

<sup>1</sup> Embutido típico de León. (N.E.)

<sup>2</sup> Lacaína leonesa se elabora a partir de magro de vacuno. (N.E.)

tamb ién q u e f u e c i t a d o p a r a e l S e r v i c i o M i l i t a r , q u e n o c u m p l i ó p a r a l a e s t u r a r e q u e r i d a .

V i v í a e n u n a c a s a d e l a j a s d e p i e d r a , m a t e r i a l a b u n d a n t e e n a q u e l u s a d o t r a d i c i o n a l m e n t e p o r l o s c a m p e s i n o s p a r a c o n s t r u i r s u s v i v i e n d o e s a c a s i t a r ú s t i c a v i v í a t o d a l a f a m i l i a , y e n s u s a l r e d e d o r e s l o s a n i m a l e s . f a m i l i a s c u l t i v a b a n p a r c e l a s a i s l a d a s y e s p a r c i d a s . D e c í a q u e é l y s u s e r a n r e l i g i o s o s , y p a r t i c i p a b a n e n l a s a c t i v i d a d e s d e l a I g l e s i a , e r a u n d e f e . F u e b a u t i z a d o y é l n o s b a u t i z ó a n o s o t r a s . A l p a r e c e r n o e r a m a t r o n c i s t a , p o r q u e m i s p a d r i n o s e r a n u n o s m u l a t o s , q u e p o r c i e r t o e r a n m u c h a s p e r s o n a s . E n d i c i e m b r e s e c e l e b r a b a l a n a v i d a d , l a n o c h e b u e n a , e l f i n a n c i a y o r e c u e r d o q u e m i p a p á g u a r d a b a u n c e r d o b i e n g r a n d e p a r a m a t a r e l 2 d e l a n o c h e b u e n a , d e l c u a l l e d a b a u n p e d a z o a t o d a l a f a m i l i a . S e c o m p r o m e t u r r o n e s , b o t e l l a s d e v i n o , n u e c e s a v e l l a n a s , u v a s , e n f i n , t o d o l o n e c e c e l e b r a r . E n e l j a r d í n d e l a c a s a d o n d e v i v í a m o s h a b í a s e m b r a d o u n a r b o q u e s e a d o r n a b a c o n b o m b i l l i t a s e n c o l o r e s .

A l t e n e r 2 2 a ñ o s d e e d a d c o n t r a j o m a t r i m o n i o c o n d o ñ a L u c í a V i d a l r e n z o d e 2 8 a ñ o s . D e e s t á u n i ó n n a c i e r o n d o s h i j o s l l a m a d o s M a n u e l G a r c í a l e z V i d a l y M a r í a G o n z á l e z V i d a l , e s t a ú l t i m a c o n p r o b l e m a s m e n t a l e s d e s p u é s e n v i u d ó . C o n t r a e m a t r i m o n i o n u e v a m e n t e c o n C o n c e p c i ó n B e l l o . D e e s e m a t r i m o n i o n o h u b o d e s c e n d e n c i a , y a q u e s u e s p o s a m u r i e n t e e l p a r t o . D e c i d e r e h a c e r s u v i d a n u e v a m e n t e c o n C o n s t a n t i n a G a r c í a l e z V i d a l m a t r i m o n i o n a c i e r o n d o s h i j o s , l l a m a d o s J o s é G o n z á l e z G a r c í a y C o n s t a n t i n a G o n z á l e z G a r c í a .

P r o d u c t o d e l a m a l a s i t u a c i ó n q u e e n e s e m o m e n t o e s t a b a a f r o n t a n d o e l p a í s , f u n d a m e n t a l m e n t e f a l t a d e e m p l e o , h i z o q u e s u v i d a y l a d e s u s c h i l d r e n f u e r a d e s f a v o r a b l e , y l o i n d u j o a b u s c a r m e j o r a s d e v i d a , q u e e n a q u e l t i e m p o l a m a y o r í a d e l o s e s p a ñ o l e s v i a j a b a n a l a s A m é r i c a s , m u c h o s a C u b a , e n b u s c a d e t r a b a j o y m e j o r a s e c o n ó m i c a s . O t r o s e r a n e n v i a d o s c o m o s o l d a d o s , q u e e n e s e t i e m p o f u e s u c a s o . E s c u a n d o é l y u n p r i m o h e r m a n o n o m b r a d o R i c a r d o G a r c í a l e z V i d a l d e c i d e n e n e l a ñ o 1 9 3 1 , a p r o x i m a d a m e n t e , v i a j a r a C u b a , e n b a r c o , e n b u s c a d e c i o n e s p r e c a r i a s . L a t r a v e s í a l a r e a l i z ó s i n t e n e r e x p e r i e n c i a e n n a v e g a c i ó n c u a l l e o c a s i o n ó m u c h o s m a l e s t a r e s , p a s a n d o h a m b r e y m u c h a s n e c e s i d a d e s . C o n s t a e n l o s r e g i s t r o s d e e m i g r a c i ó n y e x t r a n j e r í a , i n s c r i t o e l 1 8 d e f e b r e d e 1 9 4 0 c o n e l n ú m e r o d e e x p e d i e n t e 9 3 0 1 0 . C o n s t a a d e m á s q u e n u n c a c o n t r a l a n a c i o n a l i d a d c u b a n a . M a n t u v o s u c i u d a d a n í a d u r a n t e t o d a s u v i d a i d e a d e r e g r e s a r a s u p a í s n a t a l , j u n t o a s u f a m i l i a . E s t o n o l e f u e p o s i b l e m e n t e m e r o p o r q u e c u a n d o r e u n i ó e l d í a n e r o p a r a e l r e g r e s o , s e p u s o t a n f a t a l q u e l o r o b a r o n .

S u c e d e q u e l a s c o s a s n o s e l e f a c i l i t a r o n c o m o e l p e n s ó . M a n t u v o c o n t a c t o c o n l a c o m u n i c a c i ó n d u r a n t e u n t i e m p o c o n s u f a m i l i a , h a s t a u n b u e n d í a q u e

esc rib irle, y las cart as que él en v iab an eran dev u eltas di c ien do que n o  
 a la persona. Est o le su c edi ó en v arias oc asi on es, por lo que c on si deró que es  
 h ab ían di sg u stado por n o h ab er reg resado y dec idieron n o ten er más c omu  
 n i c a c i ó n c on él. Est o seg ún me c on tó, para él fu e mu y du ro por lo que es  
 mu c h o y todav ía c u an do me lo c on tab a se le sal ían las lag ri mas de su s ojos.

Se asi en t a y c on st ruy e c on su s medi os propi os un a c asi ta de madera y  
 tec h o de pl an ch as de z i n c , en la an t i g u a p r o v i n c i a de C a m a g ü e y , m  
 C i e g o de Á v i l a , en un C e n t r a l l l a m a d o S t e w a r d , p r o p i e d a d d e l o s n o r t e a ñ e  
 c a n o s a n t e s d e l t r i u n f o d e l a r e v o l u c i ó n , a c t u a l m e n t e C e n t r a l V e n e z  
 l a b o r ó d e s d e e l p r i m e r o d e e n e r o d e l a ñ o <sup>3</sup>1928 a 1966, l a b o r a n d o p o r  
 e s p a c i o d e 38 a ñ o s e n d i s t i n t o s p u e s t o s d e t r a b a j o . E n u n a f o t o d e l o s a n e x o s  
 e s t á r e t r a t a d o m i p a p á c o n su s c o m p a ñ e r o s e n u n l u g a r d e l i n g e n i o q u e  
 l l a m a b a n l a b a g a c e r a , d o n d e r e c o p i l a b a n e l b a g a z o q u e e s u n s u b p r o d u  
 l a c a ñ a , d e s p u é s d e e x t r a e r l e e l j u g o ( é l e s e l m á s b a j i t o d e t o d o s y t i e n e u n  
 s o m b r e r o e n l a c a b e z a ) . E s t e t r a b a j o e r a m u y d u r o . C o n s t a e n l a s n ó m i n a s “ T  
 d e j o r n a l e s e n l o s a r c h i v o s d e d i c h o C e n t r a l . T a m b i é n s é q u e e l C e n t r  
 u n p e r í o d o d e t r a b a j o y d e s p u é s p a r a b a p a r a h a c e r a l g u n a s r e p a r a c i o n e s , e s t a  
 e t a p a s e l e l l a m a b a t i e m p o m u e r t o , p o r q u e e n a q u e l e n t o n c e s m u c h o s d e s  
 t r a b a j a d o r e s i b a n a t r a b a j a r a l a a g r i c u l t u r a , o e n o t r a s a c t i v i d a d e s y o t r o  
 t e n í a n t r a b a j o .

Se g a n ó e l p r e s t i g i o y r e c o n o c i m i e n t o d e t o d o s su s c o m p a ñ e r o s y p a t r o -  
 n e s , p o r s e r u n t r a b a j a d o r i n c a n s a b l e , h o n e s t o , c u m p l i d o r d e t o d a s l a s t a r  
 a s i g n a d a s . A l j u b i l a r s e l e h i c i e r o n v a r i o s r e g a l o s c o m o r e c o n o c i m i e n t o  
 t r a b a j o , l e r e g a l a r o n u n a c a j a d e t a b a c o , p o r q u e a é l l e g u s t a b a f u m a r .  
 m á s l a b o r a b a e n u n a p e q u e ñ a p a r c e l a d e t i e r r a q u e t e n í a d o n d e v i v í a , d o n  
 s e m b r a b a c a s i t o d o s l o s c u l t i v o s p o s i b l e s , c o m o m a í z , c a l a b a z a , y u c a , á  
 f r u t a l e s d e t o d o s t i p o y c r i a b a a n i m a l e s q u e e n su m a y o r í a l e s e r v í a n p a r a  
 a l i m e n t a c i ó n . N o s a b a s t e c í a m o s d e t o d o l o q u e é l p r o d u c í a , a y u d a b a a l a f a m  
 l i a y v e n í a a l g u n o s p r o d u c t o s .

N o s o t r a s s i e n d o m u y p e q u e ñ a s , c u a n d o p o d í a m o s l e a y u d á b a m o s , y s e  
 l e l l e v a b a a g u a , c a f é y c o s a s d e c o m e r a l l u g a r d o n d e é l e s t a b a t r a b a j a n d o  
 t i e r r a , q u e n u e s t r a m a m á n o s m u c h o d u e r d o q u e y o l e a y u d a b a a r e -  
 c o l e c t a r t o m a t e , m a í z , c a l a b a z a . T e n í a u n c a r á c t e r f u e r t e , e r a v a l i e n t e  
 a b n e g a d o , h o n e s t o , a p e s a r d e s e r r e f u n d u ñ o n , n o s a d o r a b a .

C o n o c e a m i q u e r i d a m a d r e , l l a m a d a E d e l m i r a Á l v a r e z A c o s t a , d e n a -  
 c i o n a l i d a d c u b a n a , c o n q u i e n s e u n i ó , y d e q u i e n u m a c i ó l a q u e l e s  
 h e r m a n a m á s p e q u e ñ a , l l a m a d a D o m i n g a F l o r e n t i n a G o n z á l e z Á l v a r e z ,

<sup>3</sup> I n c o n g r u e n c i a c r o n o l ó g i c a e n e l r e l a t o y a q u e , m á s a r r i b a , l a a u t o r a a f i r m a q u e  
 p a d r e e m i g r ó a C u b a e n 1931. (N.E.)

por ser la menor, tuvo el honor de llevar el nombre de su abuela paterna a madre, aunque en lo expresara cada minuto, adoraba a sus hijos. Tenía carácter muy noble, trabajadora, compartió el resto de su vida a su lado.

En aquel entonces, no existía mucha comodidad, recuerdo que cuando iba sola había un radio. Nunca casi a fue azotada en varias ocasiones en ferriónes naturales como ciclonés, vientos huracanados, trombas o tempestades con ráfagas de viento a gran velocidad.

Mi padre me manifestaba que estaba en contra de Franco, y otros españoles amigos de él con los que se reunía y conversaba sobre este tema. Estaba al tanto de las noticias de su país, de la Guerra Civil en España que comenzó en el año 1936. Hablaban mucho de los horrores de la Guerra, de los fusilamientos de los religiosos fusilados, cuando que la Guerra Civil muy sangrienta. En el batay del Central donde vivíamos, cercadenos vivían otros emigrantes, como haitianos, jamaiqueses, con los que nunca nos habíamos y conocíamos de sus costumbres.

De mi padre recuerdo que eleguía a muchos platos, el vino, sopas, pan y ajo, el tocino, los garbanzos, los chorizos, la harina de maíz. Y nos habíamos a sus costumbres. **Y pabríes.** El arménico me parece mucho a él.

Mi padre hablaba con un gran acento español, que a veces otras personas no lo entendían y yo le servía de traductora. Siempre con su idea de regresar a su país natal, nos contaba que ese era su deseo y cuando nos podíamos ir con él por ser sus hijos. Nunca pudo cumplir su deseo, por varias razones de edad, la economía y lo más importante la familia que había formado aquí. Mi dulce y buena madre.

Siempre nos habíamos y nos contaba que teníamos que trabajar en España dos horas y dos vueltas. Y muy triste nos contaba que había perdido la comunicación con ellos, que él les escribiría y no contestaban, no porque se habían ido a vivir a otro lugar sino dejar señales o lo peor, no que sabría de él porque no pudo regresar. Esto hacía que su vida no fuera algo y sentía por nosotros una pasión muy grande, cuando no separar la familia. **Y tescríbíy tampocto ve cion.** Así pasar el tiempo, y a él fallecido, escribo a distintas parroquias buscando información, por los años se perdieron los documentos de él, sólo sabía que había nacido en la provincia de León, escribía "Cartas de España" (tanto poner un anuncio, que se cumplió, pero no obtuve información ninguna).

En este empeño empiezo a escribir a varias ciudades de la provincia de León, entre ellas al municipio de Trabadelo, Pabara, y me devuelven diciéndome que este pueblo no era conocido, que podía ser Pareda, en terreno vio la carta y cuando me contestan el párroco de ese lugar, llamo



Án g el G il Q u i n t a, mu y at en t a m e n t e d i c i é n d o m e q u e e f e c t i v a m e n t e e s t a b a i n s c r i t o e n e s e l u g a r, y f u e a c a s a d e u n a s p e r s o n a s q u e l e c o m p r a r o n h e r e n c i a a m i h e r m a n o c u a n d o é l s e f u e a v i v i r a B a r c e l o n a, e n v i á n d o m i d a t o s y t e l é f o n o p o r a q u e l e n t o n c e s.

L a c a r t a d i c e a s í t e x t u a l m e n t e:

“T r a b a d e l o, 2 d e s e t i e m b r e d e 1993  
Doña. C a r m e n d e l a F é G o n z á l e z Á l v a r e z  
L a H a b a n a.

M u y e s t i m a d a e n C r i s t o,

M e r e t r a s é a s u c a r t a p o r e n t e r a m e d e l a g e s t i ó n q u e u s t e d m e e n c o m e n d ó. E f e c t i v a m e n t e, s u p a d r e p r o c e d e d e l p u e b l o a c t u a l d e P a d e l a. S e g ú n i n f o r m e s m i a r c h i v o, e s e s e ñ o r c o n t r a j o a q u í t r e s v e c e s m a t r i m o n i o l e g a l m e n t e. D e l p r i m e r m a t r i m o n i o v i v i e n h i j o q u e s e l l a m a M a n u e l, r e s i d e n t e e n B a r c e l o n a. S u s s e ñ a n o p u d e a d q u i r i d a s, p e r o u n s e ñ o r q u e l e h a c o m p r a d o l a h e r e n c i a m e f a c i l i t ó t e l é f o n o d e B a r c e l o n a p o r e n t o n c e s: (93-31862 75). D e l s e g u n d o m a t r i m o n i o n o h u b o d e s c e n d e n c i a, f a l l e c i ó e n e l p r i m e r p a r t o. D e l t e r c e r o m a t r i m o n i o P a d e l a u n a h i j a q u e s e l l a m a C o n c e p c i ó n y h a c e u n o s a ñ o s f a l l e c i ó o t r o l l a m a b a J o s é a l q u e y o c o n o c í m u y b i e n. E s t o s s o n l o s d a t o s q u e y o c o n o c o m p l a c e r t r a t é d e a v e r i g u a r.

A f e c t u o s a m e n t e, l e s a l u d a,

E l P á r r o c o d e T r a b a d e l o y P a d e l a, Án g e l G il Q u i n t a”.

No s a b e n c u a l f u e l a a l e g r í a d e n o s o t r a s, m i h e r m a n a y y o, l e p e d i m o s a u n e s p a ñ o l q u e l o l l a m a r a q u e q u e r í a m o s c o m u n i c a m o s c o n é l, y n o s l l a m a r a q u e l l o f u e m u y e m o c i o n a n t e, l e c o n t a m o s q u e t e n í a d o s h e r m a n a s y t r e s b r i n a s, a q u í e n C u b a; l e e n v i a m o s f o t o s y é l t a m b i é n a n o s o t r a s. N o s d i j o q u e é l e s t a b a m u y v i e j o, e s e l m a y o r d e l o s h e r m a n o s. (E n l o s a n e x o s e n v í o n o s e n f o t o d e e s t e h e r m a n o). N o s c o n t ó q u e n o t e n í a h i j o s, q u e e s t a b a c a s a d o y e n e s p o s a s i t e n í a h i j o s. N o s h a b l ó d e l o s d e m á s, u n o e s f a l l e c i d o, o t r a e s t a i n t e r e s a n d a e n u n h o s p i t a l d e p r o b l e m a s m e n t a l e s i y e n l a c o t m a s m o l u g a r (P a d e l a) d o n d e n a c i ó m i p a p á. E s t a h e r m a n a e s d e s u t e r c e r m a t r i m o n i o. L a m e n t a b l e m e n t e n o p u d e t e n e r c o m u n i c a c i ó n c o n e l l a, y a q u e e l p á r r o c o m a n d ó s u s s e ñ a s, p a r e c e q u e n o q u i s o c o m u n i c a r s e c o n n o s o t r a s. E s t o y m u y a g r a d e c i d a d e l a a y u d a q u e e s t e s e ñ o r e n l a p a l a b r a d e D i o s m e b r i n d ó. P o r é l t a m b i é n c o n o c i m o s d e s u s m a t r i m o n i o s a l l á.

A l t i e m p o m e e s c r i b e m i h e r m a n o, p a r a d e c i r m e q u e s u a e s p o s a h a b í a l l e c i d o, q u e d e s e a b a v i a j a r a C u b a, n o s o t r a s c o n t e n t í s i m a s, p e r o n o s a b

<sup>4</sup> E n l o s a n e x o s h a y u n a f o t o c o p i a d e l a o r i g i n a l. (N.A .)

porque no se decidió. Si emprendamos que alquien le ayudaba a escribirlo, emprendamos que serían los hijos de su esposa. Y de hecho un tiempo para acordar perdí la comunicación con él porque no contestó a las cartas ni su teléfono.

Desde el nacimiento en el año 1969 mi madre tuvo un accidente casual en casa, teniendo que empujarse y graves, y a los ocho días fallece, que un viudo no evitable, con mi gozo que solo tenía 12 años y mi hermana me dio. En medio de esta mala situación, así me la posición de no separarnos de ella y a que habíamos sufrido mucho la separación de sus hijos y la posición por ellos. Las hermanas de mi mamá y hasta personas ajenas a la familia, se le acercaron con la idea de terminarnos de criar, pero su reputación se empeñó que no. Esto dio lugar a que pasáramos mucho trabajo, porque él ya estaba enfermo y no podía atender como era debido. Esto hizo que en un momento con él fuera muy fuerte, lo que quisimos, lo cuidamos mucho a pasados últimos momentos. Estuvo enfermo, hospitalizado en varias ocasiones y con una niña pequeña cuidada de él, para que mi otra hermana no interpusiera sus estudios, fueron etapas muy duras.

En medio de todos estos problemas si emprendimos incluir el interés por estudiar, cosa que agradeceremos infinitamente y nos sirvió de ejemplo con taba de sus estudios en su país, que eran muy buenos y con una gran capacidad y mi hermana es Técnico de laboratorio clínico, lo desempeñamos en estas profesiones. Las dos hijas y dos nietas, recurramos a la nacionalidad española en el año 2000. La otra nietas no pudo obtener la nacionalidad por tener la mayor edad en el momento que ella pudo solicitarla (ella es médica).

Mi padre fallece el 18 de octubre de 1977. Sus restos se encuentran en el cementerio de la provincia de Ciego de Ávila, donde vamos y le llevamos flores.

Y participamos en tu vida de dos hijas, las que en compañía con mucho para que estudiaran. Una es médica y especialista de primer grado; la otra con un título de abogada en sus estudios en un preuniversitario para niños, rendimientos académicos, que alcanzó después de presentarse a fuertes exámenes de rigor y aprobar, tuvimos la gran fatiga de perderla en un momento, esto después de haber pasado tanto trabajo, por ser hija de madre. Destruye mi vida no evitable, de forma tal que estuvo veintidós años en el psicológico por espacio de un año.

Estos son datos reales que en tu momento con mucho amor, dolor, y en vivo documentos que prueban la veracidad de los hechos.

**PARTIDA - CERTIFICACION DE BAUTISMO**

1870-1910

D. Edgardo del Castillo  
 Curs. Alfonso de San Pedro  
 de Trinidad Diocesis de San Pedro  
 Provincia de Trinidad y Encargado de su Archid. Parroquial.

CERTIFICADO: Qui, según consta en el Libro de Bautismo de esta Parroquia, resultado al margen,  
 D. Edgardo del Castillo  
 fue BAUTIZADO el día 6 de Junio de 1910  
 en la catedral de Trinidad Diocesis de San Pedro  
 siendo natural de Trinidad Diocesis de San Pedro  
 Provincia de Trinidad

Padres D. Manuel González  
 natural de Trinidad  
 y D. Justina Gutiérrez  
 natural de Trinidad  
 desposada en Trinidad

ABUELOS PATERNOS D. Manuel  
 natural de Trinidad  
 y D. Justina  
 natural de Trinidad

ABUELOS MATEROS D. Antonio  
 natural de Trinidad  
 y D. María  
 natural de Trinidad

PADRINOS: Manuel del Castillo  
Manuel del Castillo  
Manuel del Castillo

MINISTRO: Manuel del Castillo  
 a 5 de Junio de 1910

REGISTRACION

REPÚBLICA DE VENEZUELA  
 COMITÉ ESTATAL DE TRABAJO Y SEGURIDAD SOCIAL

**CERTIFICACION DE TIEMPO DE SERVICIOS Y SALARIOS DEVENGADOS HASTA DICIEMBRE DE 1975**

Yo Manuel del Castillo en mi carácter de Jefe de Oficina del Centro de Trabajo C.A. I. - Venezuela perteneciente a la Empresa ANAPSA del Organismo Minas General Venezolana, Municipio Yareacua y Estado Guayaquiba

CERTIFICADO:  
 PRIMERO: Que el trabajador Pedro González Gutiérrez con sujeción laboral Y dentro de VENUELA perteneciente a este centro de trabajo Y desde el día 11 de Junio de 1966 hasta el día 30 de Junio de 1975 en el cargo de Peón

SEGUNDO: Que en su expediente laboral existen documentos que acreditan los siguientes tiempos de servicios:

CENTRO DE TRABAJO	TIEMPO	FECHA	DOCUMENTOS EN SU POSESION
DESDE	HASTA		
	11 JUN 66		

TERCERO: Que ha devengado en este centro de trabajo, dentro de los últimos 10 años anteriores, los salarios que se detallan en el siguiente cuadro:

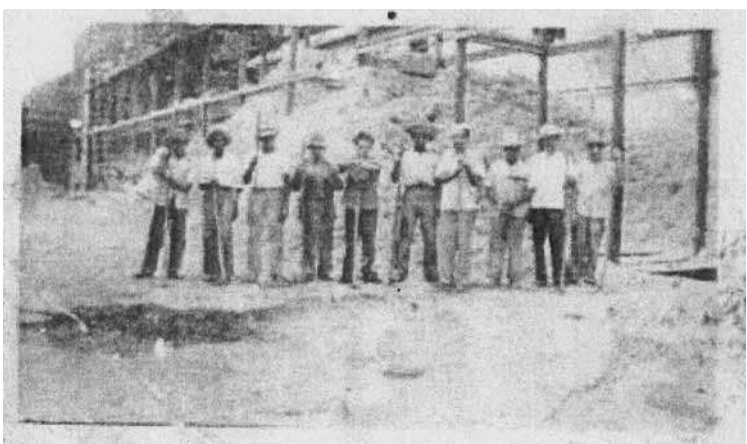
AÑO	SALARIO DEVENGADO	AÑO	SALARIO DEVENGADO	AÑO	SALARIO DEVENGADO	AÑO	SALARIO DEVENGADO
1971		1972		1973		1974	
1975		1976		1977		1978	

X Para constancia se expide esta certificación de acuerdo con lo establecido en el Reglamento de la Ley de 1975 de Seguridad Social, en Venezuela a 5 de Junio de 1975

Esta certificación será sujeta por el funcionario que, por razón de su trabajo, deba tener la guarda y custodia los libros y documentos relacionados en el artículo 37 del Reglamento de la Ley de 1975 de Seguridad Social, a quien serán aplicadas las responsabilidades de su carácter administrativo y, en su caso, de orden penal, cuando por algún motivo resulte fuere el autor de la misma.

REGISTRACION

Certificado de nacimiento de Pedro González Gutiérrez. Certificado de vida laboral de Pedro González Gutiérrez.



Pedro González Gutiérrez, mi papá, y sus compañeros de trabajo con un rastrijo en el Central don trabajaban. Estelugareslabagacera de la que hablo, un trabajo del Romipadre es el más bajito, que tiene un sombrero puesto

Emigración de un español a Cuba



F ot og raf ía de mi papá, P edro G on z ál ez rrez .

G eog r af ía de mi mamá, E del mi ra Á l v arez A c ost a.



P u eb lo e i g lesi a de T rab adel o.





# Mi inmigrante del tiempo

Alfredo Guillón

A mi padre y a todos los inmigrantes que, como él, cruzaron el Atlántico con sus pantalones viejos y sus sacos raídos tratándolo de aljarla pobreza de sus bolsillos, vinieron al Nuevo Mundo buscando una vida mejor.

En este relato podrán apreciar que en la vida de los hombres, siempre se requiere una pizca de imaginación, porque en las narraciones que dan recuerdos, ni los documentos que dan testimonio de lo vivido, son suficientes para plasmar en el papel toda la maravilla y dramatismo de un trozo de lo real.

La misión que yo me ocupo, es algo que he hecho con mucho placer, y es la de que se adentren en esta historia; yo seré su acompañante, la puerta está abierta. Pasen.

El personaje principal, “mi Inmigrante”: la persona más querida y respetada por mí en este mundo. Fue dirigente y trabajador. En “la casa de mi padre” recibimos siempre amor y educación y fue para toda la familia un modelo de ejemplo y virtud. Del robo viejo zamorano nacieron otras ramas nuevas, las cuales se fueron entrecruzando para formar otras, y todos nosotros formamos como un círculo con la misma savia, y llegamos a habitar la misma tierra amar las mismas ideas, y a sentirnos parte de sus costumbres, su música y sus bellezas históricas.

“La Narración del Abuelo”, algo muy importante y divertido para todos si no hubiera sido por esto, que él y nosotros hubiéramos estado de la tierra de nosotros. Con seguridad que es algo que no debemos perder, y aquí en la memoria de nosotros viejos inmigrantes, al ser transmitida a otras generaciones, es un hecho que merece ser marcado para siempre el corazón de sus descendientes. Como testimonio de ello, les puedo decir que me nací, un niño de 12 años, afiliado a la pintrera, gustadísimo de jugar catredales e iglesias de Zamora y por ello he ganado varios concursos en la Colonia Zamorana de Cuba a la que pertenecemos.

Mi padre y todos los inmigrantes que, como él, cruzaron el Atlántico con sus pantalones viejos y sus sacos raídos tratándolo de aljarla pobreza de sus bolsillos, vinieron al Nuevo Mundo buscando una vida mejor.





En una actividad que se realizó con motivo de “Las Romerías de M...  
 minieto, al entado por M aruch j...  
 dora di rec tiv a de n u est ra soc iedad, pi n t a u n c u adro en el c u al se reflej a l...  
 C atedral de Zamora q u e es el mon u men to c api tal del román ic o z amoran o ;  
 la f u si ó n del román ic o c on l os ai res moz árab es n ac e est e edi fic ió ú n ic...  
 c atedral y su c ú pu la. No h ay c atedral español a ig u al. L as ot ras son de e...  
 g ó tic o.

El día de la actividad, el párroco de la iglesia San Juan Bosco en L a...  
 b an a, vale el c u adro, asomb rado le preg u n t a al n i ñ o:

– “¿H as est ado t ú en Zamora al g u n a vez ? ”, pu es él es n at u ral de Zamora  
 y est u v o dest ac ado por mu c h o ti empo en su c atedral .

El mu c h ac h o le respon de:

– “Nu n c a, n u n c a h e est ado al í”.

Y el c u ran u ev amen te lev u el v e a preg u n t ar:

– “¿C ómo pu di st ei s pi n t ar la ? ”.

– “P or q u e me n ac e, por q u e lo llev o en la san g re”, le repl ic ó el n i ñ o.

P or eso, a los q u e pi en san q u e todo est á mu ri en do, plen amen te c on...  
 c id o les di g o q u e n o; todav ía las c ú pu las y torres de las Ig l esias y de la...  
 tedral es se at rev en a desafi ar el ti empo y la di st an c ia y c on el ta ñ i r de su...  
 añejas c ampan as, n os di c en q u e todav ía h ay g ran des laz os q u e u n en...  
 g en erac i on es.

M i padre, M art ín G u llón G on z ález , n ac e el 2 1 de ab ri l de 19...  
 Barra, F erreras de A b ajo, prov in c ia de Zamora, España. Es h i j o leg í t i m o d...  
 Isidro G u llón , de 54 años, c asado y de prof esi ó n j orn al ero, t en i en do su...  
 v i en da en L itos, y de L sia) G boinnzaál ez , n at u ral de A b ej era, prov in c...  
 de Zamora y t en ía 2 6 años de edad, ama de c asa, c asada. Ni et o por l í n ea pa-  
 t ern a de Bern ardo G u llón , n at u ral de L itos de A ñejo en F erreras de A b...  
 M art in a Bara n at u ral de L itos, F erreras de A b ajo. Ni et o por l í n ea mat ern...  
 Eu dal ía G on z ález , n at u ral de A b ej era de T áb ara y de padre desc on oc i...  
 v ec in os de la loc al idad fu eron test ig os de su ac ta de n ac i m i en to: P edro...  
 José T ab eada y se ef ec tu ó en el reg i st ro c iv il de F erreras de A b ajo.

L a c asadon de v iv i ó c on su s padres todav ía ex i ste, pero y a n o es la m i s...  
 pu es h a si do remodel ada y se en c u en t ra si tu ada en la c alle de la R iv era e...  
 rreras de A b ajo. Su padre, j orn al ero pob re, empl eó los mat eri al es di spon i b l es...  
 pi edra, b arro y madera para c on st ru ir su h u mil de v iv i en da, el t ec h o c...  
 des al eros y u n tej adillo c omo prot ec c i ó n ; u n a pu ert a an c h a t en ía c on...  
 en t rada, don de pod ía aprec i arse u n aposen to q u e serv ía c omo sala, c oc in...  
 c omedor, i lu mi n ado si empre en el i n v i ern o por la est u fa, si empre en c en...  
 para c al en t arse; t amb i én t en ía dos dormi tori os. En el peq u e ñ o pu eb lo l as c...

se en c on trab an ai sl adas u n as de las ot ras y u n o de los pri n c i pal es pu n t o s i n t e r é s , l a i g l e s i a .

Él y su h erman a men or, l lamada J u an a, asi st ían a l a esc u e l a q u e q u e d a en l a i g l e s i a , don de rec i b i e r o n i n s t r u c c i ó n p r i m a r i a , c a t e c i s m o , h i s t o r i a , g r a m á t i c a y reg l a s de c o n d u c t a y u r b a n i d a d ; a l l í f u e r o n b a u t i z a d o s y rec i b i e r o n p r i m e r a c o m u n i ó n . Su i n f a n c i a y su p r i m e r a j u v e n t u d se des a r r o l l a r o n e n m u n d o r u r a l , e n su b e l l a g e o g r a f í a , l l e n o de i n i g u a l a b l e s p a i s a j e s . Y f o r m á n d o s e a q u í e n e s p a ñ o l , b i e n p a r e c i d o , t e z b l a n c a , o j o s v e r d e c l a r o , p e l o r o j i z o y m e d i a n a e s t a t u r a ; b u e n c a r á c t e r , si e m p r e b i e n s o n r i e n t e , d e b l a r p a u s a d o , a m a b l e , c o m u n i c a t i v o , r o m á n t i c o y a v e n t u r e r o e n e l b u e n t i d o de l a p a l a b r a . C o m o rec o r d a b a c o n i n t e n s a p a s i ó n su s a v e n t u r a s , h a b í a o í r l o h a b l a r de “ l a s i e r r a de l a C u l e b r a ” ; se p o n í a r o j o c o m o u n a m a n z a n a y su s o j o s se i l u m i n a b a n l l e n o s de u n a a l e g r í a des m e d i d a ; a l l í l o s á r b o l e s m u d e v e s t i d o s seg ú n l a e s t a c i ó n , m a n a d a s de l o b o s h a b í t a n e n e s e l u g a r , t a m b i é n h a y m u c h o s c i e r v o s y c o r z o s ; e s u n l u g a r s a l v a j e , i m p r e s i o n a n t e , don d e t u v i d a e n c u a l q u i e r i n s t a n t e s i t e a t a c a e l l o b o o e l j a b o , a l í ; p e r o i r c o n t e n i e n d o e l c a z a d o r , y p a r t i c i p a r e n e s a d r a m á t i c a a v e n t u r a , s e r í a c o m o p a r a e l p r e s o l a l i b e r t a d . Y c u a n d o e l s o l a s o m a b a su r u b i a c a b e l l e r a se c a l z a b a su s b o c a c a m i n a n t e i n c a n s a b l e , m o r r a l a l h o m b r o , q u e e l c a z a d o r p r e p a r a b a r e p l e t a d o q u e s o , r o d a j a s de c h o r i z o , j a m ó n , p a n , c h u l e t a s a h u m a d a s , y c o n e s c o p a c a r t u c h o s p a r t í a n a e n c o n t r a r s e c o n l a d í c h a de r e a l i z a r su s u e ñ o , e l su e ñ o a ú n p e r d u r a .

Despu é s de m u c h o s d í a s e n e s o s a v a t a r o s , e m b o r n a r í a a l h o g a r c o n l o s z a p a t o s r o t o s y l a s r o p a s d e s t r o z a d a s , c o m o r e g r e s a r í a “ E l Q u i j o t e ” despu é s de e n f r e n t a r s e a l o s m o l i n o s de v i e n t o ; l a m a d r e l o e s p e r a b a m u y a n g u s t i a d a y c o n l o s o j o s l l e n o s de l á g r i m a s .

Su m a d r e e s t a b a e m b a r a z a d a de su u n d o e s p o s o , y a q u e s u p a d r e h a b í a m u e r t o u n o s a ñ o s a t r á s y c u a n d o p a r i ó se l e p r e s e n t a u n a h e m o r r a g í a y t a n l a c r i a t u r a c o m o e l l a m u r i e r o n e s e m é d i a . e r d a q u e v e n í a de t r a b a j a r l a t i e r r a y d e a s c a m p a n a s de l a i g l e s i a d o b l a n d o p o r d i f u n t o s . Y s a l i ó c o r r i e n d o d e s e s p e r a d a m e n t e . E s t a s i m á g e n e s l e c a u s a b a n u n d o l o r y u n a a n g u s t i a m u y g r a n d e , c a s i n o h a b l a b a de e s o .

Despu é s de l o s f u n e r a l e s , su h e r m a n a f u e e n v i a d a a l a i g l e s i a , y a l l í p a r m a n e c e r í a a y u d a n d o a u n a m u j e r q u e t r a b a j a b a e n l a s l a b o r e s d o m é s t i c a s y d a r í a n c a s a y c o m i d a . E n c a m b i o , M a r t í n a y u d a r í a c o m o h a s t a e s e m o m e n t o l a h a b í a h e c h o a su p a d r a s t r o e n l a s l a b o r e s de l c a m p o ; y a p a r a é l l a v i d a c a m b i a b a p o r c o m p l e t o ; t r a b a j a b a m u y d u r o y l o t r a t a b a m u y m a l . P o r l a s n o c h e s , p u é s de c u m p l i r su s f a e n a s se d i r i g í a a u n a c a s a q u e t e n í a c o m o u n a e s p e c i e de t a b e r n a ; a l l í se r e u n í a n l o s h o m b r e s a t o m a r v i n o y t a m b i é n se c o n t a b a n l a s h i s t o r i a s . D e e z e n c u a n d o v e n í a a l g ú n e m i g r a n t e q u e r e g r e s a b a de C u b a a

a su familia y hablaban del bien que vivían, del bien que era había frío, que la paga era buena, y la joya en acción del hervir como la leche en el fuego: sus ojos se abrían desmesuradamente, y su corazón palpitaba con más fuerza que ellas anécdotas. **A un** **ve** así, una **av** **en** **tu** **ra**, **mu** **ch** **o** **no** **te** **ra** **g** **e** **o** **g** **r** **á** **f** **i** **c** **a** **b** **i** **e** **n** **d** **i** **f** **i** **c** **j** **ó** **v** **o** **r** **a** **m** **ó** **n** **e** **l**, pero mientras más difícil te la frontera alzada más apetito abre en quien desea; impotente, nítido, nítido, esa misma noche escribí una a su primo Bara, amoran o que se había ido “palotrolado”, así les decían a los que emigraban para Cuba o a otros países de las Américas.

Habían pasado casi dos meses, y así se había olvidado del viaje, de la **av** **en** **tu** **ra** que tan to lo había en tu siasmado, y aun que su primo Bara **respu** **es** **t** **a** **i** **n** **m** **e** **d** **i** **a** **a** **s** **u** **c** **a** **r** **t** **a** **e** **x** **p** **l** **i** **c** **á** **n** **d** **o** **e** **t** **o** **d** **o** **s** **l** **o** **s** **t** **r** **á** **m** **i** **t** **e** **s** **q** **u** **e** **d** **e** **b** **í** **a** **r** **r** **e** **r** **e** **n** **p** **a** **r** **a** **p** **o** **d** **e** **r** **h** **a** **c** **e** **r** **e** **l** **v** **i** **a** **j** **e**, en esos momentos otras ilusiones colmaban sus pensamientos, pues así estaban en **v** **e** **r** **a** **n** **o** **y** **s** **e** **a** **c** **e** **r** **c** **a** **b** **a** **n** **l** **a** **s** **f** **i** **e** **s** **t** **a** **s** **d** **e** **n** **a** **v** **e** **n** **t** **e**” y nunca había visto “lo del toro **v** **e** **n** **t** **r** **a** **b** **r** **o** **n** **i** **d** **a** **d** **e**” **i** **e** **n** **d** **o** **p** **l** **a** **n** **e** **s** **c** **o** **n** **u** **n** **o** **s** **a** **m** **i** **g** **o** **s** **d** **e** **l** **p** **u** **e** **l** **o**, cuando al llegar a su casa escuchó con **v** **e** **r** **s** **a** **c** **i** **ó** **n** **e** **n** **t** **r** **e** **s** **u** **p** **a** **d** **r** **a** **s** **t** **r** **o** **y** **u** **n** **h** **o** **m** **b** **r** **e** **a** **l** **c** **u** **a** **n** **u** **n** **c** **a** **h** **a** **b** **í** **a** **v** **i** **s** **t** **o**

– “Ese muchacho si empre tiene la cabeza llena de pájaros. Como y a un **h** **o** **m** **b** **r** **e** **l** **o** **m** **a** **n** **d** **a** **r** **e** **p** **a** **r** **a** **l** **a** **m** **i** **l** **i** **(e** **l** **e** **j** **é** **r** **c** **i** **t** **o** **)** **o** **y** **a** **g** **a** **n** **a** **r** **s** **o** **l** **g** **ú** **n** **d** **i** **n** **e** **r** **o**”.

Al oír eso suspiras como zaron a temblar, que ería correr rápidoamente no podía; él sintió mucho mi odio; tanto, que como zó a llorar diciéndome

– “¡Y o que iero vivir!”, “¡Y o no que iero que me maten!”, “¡Y o sólo 18 años!

Él sabía que su padrastro no era un hombre bueno, sino despiadado y torturador y seguía estando a que cumpliría su palabra; por eso, en el momento oportuno, si despedirse de nadie, ni de su pobre hermana, como un ladrón hurtadillas, cogió su vaca de pelaje colorado que había comprado a un **e** **n** **A** **l** **i** **s** **t** **e** **y** **a** **l** **g** **u** **n** **o** **s** **a** **n** **i** **m** **a** **l** **e** **s**, para venderlos y obtener dinero para él. No que i so mirar atrás, allí dejaría la que i etud de la **n** **a** **t** **u** **r** **a** **l** **e** **z** **a**, sus **s** **c** **a** **m** **p** **o** **m** **o** **r** **a** **n** **o** **s**, los **b** **e** **l** **l** **o** **s** **c** **o** **n** **t** **r** **a** **s** **t** **e** **s** **d** **e** **l** **p** **a** **i** **s** **a** **j** **e** **s** **q** **u** **e** **s** **e** **o** **f** **r** **e** **c** **e** **n** **d** **e** **s** **d** **e** **l** **a** **m** **o** **n** **t** **a** **n** **í** **a** **l** **l** **a** **n** **o**, que **u** **e** **l** **l** **a** **s** **s** **e** **n** **s** **a** **c** **i** **o** **n** **e** **s** **q** **u** **e** **d** **e** **j** **a** **n** **l** **a** **s** **r** **i** **b** **e** **r** **a** **s** **y** **l** **o** **s** **a** **r** **o** **m** **a** **s** **q** **u** **e** **e** **x** **h** **i** **e** **r** **a** **n** **o** **s** **c** **a** **m** **p** **o** **s** **f** **l** **o** **r** **i** **d** **o** **s**, donde **e** **x** **i** **s** **t** **e** **n** **t** **o** **d** **o** **s** **l** **o** **s** **c** **o** **l** **o** **r** **e** **s** **p** **o** **s** **i** **b** **l** **e** **s** **e** **n** **l** **a** **p** **r** **i** **m** **a** **v** **e** **r** **a**, los **r** **i** **o** **s** **c** **o** **n** **c** **o** **p** **i** **o** **s** **c** **a** **u** **d** **a** **l** **e** **s** **c** **o** **m** **o** **e** **l** **D** **u** **e** **r** **o**, los **p** **r** **e** **c** **i** **o** **s** **h** **u** **m** **e** **d** **a** **l** **e** **s**, **a** **n** **i** **m** **a** **l** **e** **s** **l** **e** **g** **e** **n** **d** **a** **r** **i** **o** **s**, **a** **r** **b** **o** **l** **e** **d** **a** **s**, **v** **i** **ñ** **e** **d** **o** **s**, **t** **r** **i** **g** **a** **l** **e** **s** **q** **u** **e** **d** **a** **n** **v** **i** **d** **a** **a** **t** **o** **d** **a** **s** **i** **n** **q** **u** **e**. No que ería despedirse de su Zamora toda, ni de Toro, ni de Sanabria con sus **i** **n** **v** **i** **e** **r** **n** **o** **s** **f** **r** **i** **o** **s**, ni de Bermillo de Sayago, ni de Carbajales del Alba, ni de **A** **l** **i** **s** **t** **e**, ese bello lugar que tan **t** **a** **s** **v** **e** **c** **e** **s** **v** **i** **s** **t** **ó**, donde **t** **u** **v** **o** **s** **u** **p** **r** **j** **u** **v** **e** **n** **i** **l** **y** **q** **u** **e** **é** **l** **l** **l** **a** **m** **a** **r** **a** **“** **L** **a** **P** **o** **r** **t** **u** **g** **u** **e** **s** **i** **s** **t** **a** **”,** porque tenía la figura **j** **e** **r** **e** **s** **d** **e** **P** **o** **r** **t** **u** **g** **a** **l**.

Él se marc h ab ay se q u edab a su prov in cia en tera, all í en la part e más oc den tal de C ast ill ay L eón , fron teri z ac on G alici ay P ortu gal. El av en b u sc a de ot ros paraj es, ot ras frag an c ias, ot ra ex ist en cia; n u n c a pen s al g ún día la añoran z a de su tierra lo g ol pearía para si empre.

De su trav esía n o pu di mos sab er mu c h o, y a q u e c u an do ab ordó el v ap “C u b a”, y est e z arpó, u n as fieb res mu y alt as y u n an au seas lo h ic ieron n ec er en c ama por mu c h ísi mos días; n u n c a su po si fu e por las v ac u n as d v i ru el a, q u e tu v o q u e pon erse para poder ten er su s papel es en reg la, o si f at ac ado por ot ra en fermedad; lo ún ic o q u e podrá rec ordar, c omo en tre su ños, la fig u ra de u n h omb re q u e le dab a medi c in as y le dec ía: “¡Án imo!, q u e p te v a n pon er b ien ”.

L a H ab an a, au n q u e n o la h ab ía v ist o n u n c a, produ c ía u n a sen feren te, u n a espec ie de sedu c c ión y deseo, y al mi rar su b ah ía, q u e fu e de los desc u b ri dores h ac ian u ev os dest in os, todo el oro y la pl at a de A méri pasab an a trav és del est rec ho c an al de en trada de la b ah ía de la H ab an a c dest in o a España a in ic ios del sig lo X V II y la C oron a lo h ab ía c on v ert id me j or fort ific ado del imperi o y all í ret adoramen te se en c on trab an los ll amados c ast illos de la F u erz a, de los T res R ey es del M orro y de San Salv ador de l P u n ta, h ermosas fort ific ac ion es, q u e en ti empo de F el ipe II, fu eron c on s c omo el plan de def en sa de su s domi n ios en el n u ev o mu n do; all í est ab an g peados por las ol as del mar e ilu mi n ados por la lu z del sol, y n o fu e para él est o tan sol o u n a arq u it ec tu ra mu ert a, si n o u n a h ist ori a q u e h all ab ay lo en est e h ermoso país t ropi cal, en est a perl a del C ari b e y c omo di j erá el al mi ran te C ri st ób al C ol ón c u an do av ist ó su s c ost as y q u eda ra pren di do de su c an tos n at u ral es: “¡Es la tierra más h ermosa q u e o j os h u man os h ay an v ist o C u t a r i b e ña mest iz a y sedu c to ra, arc h i pi él ag o c on u n a ex ten si ón ter de 110 .92 2 K firmado por más de c u at ro mil islas, c ay os e isl ot es, si fu ada al n oro est e del mar C ajiub st, o fren te a la pu ert a de ac c eso a las A méri c as don de la c orri en te del G ol fo da u n ag radab le c li ma t ropi cal .

C omo el v ap or ll eg ó c erca de las 6 de la tarde, h ab ría q u e esperar al si g u i en te día para los trámi tes de in mi g rac ión y el c on trol san it ari o est ab l por las au t ori dades. No podía dormi r; desde la c u bi ert a de proa, c on t ab a las h oras de sal ir de aq u el b arc o; al fin fu eron trasl adados h ac i a el lu g ar don serían ll amados para c u mpl i men tar el c h eq u eo de adu an a; c u an do si n ti ó v ozon c a q u e la ll amab a: “¡M art ín G u ll ón G on z ález!, pasaj ero si n f y rápi damen te le en t reg ó su doc u men t ac ión . “T odo en reg la; pase al c on san it ari o”. A ll í lo esperab an u n médi c o y u n a en fermera mu y flac a q u mal c arác ter le di j o: “¡A v er!, u st ed, ¡q u ít ese la g orra!” , mi rán dol o despec v amen te, c on u n a mi rada q u e t ras pasab a el c ri stal de su s redon dos espej u el “¡P i o j os!”, rev i sab a su c ab ez a u n a y ot ra v ez . “No”. En t on c es el médi c

man dó au tori tari amen te ab rir la b oc a y di jo: “Bi en , ¿h a ten ido fieb re, do c ab ez a, di arrea o v ómi tos du ran te la tr a v e s í a? ”; al c on test ar q u e sí c on v oz , les q u e r í a ex p l i c a r q u e n u n c a h a b í a ten ido di arrea, pero n o lo d i ab rir la b oc a; en u n ab rir y c errar de oj os y a la en f ermera le est ab a c l a u n a i n y e c c i ó n y f u e t r a s l a d a d o en u n a c a m i l l a al p e q u e ñ o h o s p i t a l m á s a s p e c t o de p r i s i ó n q u e de o t r a c o s a , a c u m p l i r l a c u a r e n t e n a r e g l a m e n t o de dos s e m a n a s para ser ob s e r v a d o. L e p u s i e r o n u n r o p ó n q u e r e s a l t a b a m á s s u a s p e c t o de s v e n c i j a d o. Est ab a p á l i d o , l o s o j o s h u n d i d o s y l o s p á r p a d o s de c o v i o l á c e o y u n p o c o m á s del g a d o. En l a c a m a c o n t i g u a , est ab a P e d r i t o , de s ó l o d o c e a ñ o s q u e h a b í a v e n i d o de L u g o y t e n í a p a p e r a s ; e l p o b r e e s t a n h i n c h a d o , q u e c a s i n o p o d í a h a b l a r , pero e n t a b l a r o n u n a b o n i t a .

A l l í p a s ó h o r a s t e r r i b l e s , d e s o l a d a s , e n m e d i o de u n a a f l i c c i ó n q u e l p a n t a b a , s e n t í a u n a p r o f u n d a s o l e d a d ; l o e m b a r g a b a u n a s e n s a c i ó n de p a r o , y d e i n s e g u r i d a d . P o r l a s n o c h e s , e s e d e s a s o s i e g o s e v o l v í a m á s a g o b i y s e d e s v e l a b a ; e n t o n c e s s e o c u p a b a de a r r o p a r a P e d r i t o y d e c h e q u e a r s i f i e b r e . E n e s o s d í a s é l a n s i a b a e s c u v o l a s u h e r m a n i t a J u a n a y s e n t i r s u m a n o a l i s á n d o l e l o s c a b e l l o s ; s e n t í a u n a g r a n a ñ o r a n z a de s u s á r b o l o r de s u t i e r r a y de s u v e g e t a c i ó n t u p i d a , a q u e l o r y a q u e l s a b o r l p a ñ a r í a n p a r a t o d a l a v i d a , y s e c o n v e n e r í a q u e l a a ñ o r a n z a , a u n q u e p a l a b r a q u e a l p r o n u n c i a r l a t i e n e u n s o n i d o h e r m o s o , p e r o s u s i g n i t u n a e s p i n a c l a v a d a e n e l c o r a z ó n . D e s p u é s de a q u e l l o s d í a s de i n f i e r n o , l e l a b u e n a n o t i c i a q u e p o d r á n r e c o g e r s u s p e r t e n e n c i a s , p u e s l l e g a b a e l d e m a r c h a r s e . A P e d r i t o l o e s p e r a b a s u p a d r e , q u e e l l e n o de a l e g r í a l o e s t e c e n t r e s u s b r a z o s . A l j p o b r e m e a d i e l o e s p e r a b a . S e d e s p i d i e r o n c o n u n f u e r t e a b r a z o , y a q u e m á s n u n c a s e o r o l v e r í a n a

A h o r a e l e m i g r a n t e s e a d e n t r a r í a e n e l u r b a n i s m o de l a h e r m o s a c i u d a d q u e e n a q u e l l a é p o c a t e n d r í a u n o s 40 0 . 0 0 0 h a b i t a n t e s , m u y d i f e r e n t e h o y q u e t i e n e 2 , 2 m i l l o n e s de h a b i t a n t e s , p e r o p a r a é l f u e a l g o s o r p r e n s i o n . U n p o b l e o v e n a m p e s i n o q u e e n e s e m o m e n t o s ó l o t e n d r í a p o r p r o t e c c i ó n a l “ S a n t o P a t r ó n de l o s V i a j e r o s , S a n C r i s t ó b a l de l a H a b a n a ” ; y a s í e q u i p a j e a l h o m b r o , q u e s ó l o c o n t a b a c o n d o s o t r e s m u d a s de r o p a , s e a d e r t a p o r l a s c a l l e s e s t r e c h a s h a s t a s a l i r a u n a a m p l i a p l a z a d o n d e s e d e s t a c a b a n c o n a d u r a s y c o l u m n a s , y p e r d i d o e n t r e l a s r e j a s , l a s p u e r t a s y l o s v i t r a l e s t i n ú a c a m i n a n d o h a s t a e n c o n t r a r l a a n t i g u a I g l e s i a de S a n F r a n c i s c o p u n t o de r e f e r e n c i a p a r a l l e g a r a l a c a l l e de l o s O f i c i o s , d o n d e p o d r í a e n c o n t r a r a s u q u e r i d o p r i m o B a r a . P e r o p a r a s u d e s g r a c i a , l a d u e ñ a del l u g a r l e c o n f i r m a q u e h a c í a m á s de d o s s e m a n a s s e h a b í a m a r c h a d o ; e l c i e l o y l a t i e r r a s e j u n t a r o n e n e s e m o m e n t o t a m a l d e b i ó h a b e r s e s e n t i d o , q u e l a m u j e r c o m e n z ó a d a r l e a l i e n t o c o n p a l a b r a s de : “ N o s e p o n g a a s í ” ... , “ q u i z á s é l a p a r e z c a p a r a a q u í e n c u a l q u i e r m o m e n t o ” ... y e n t o n c e s l e d i c e a s u h i j a , u n a

q u e se asomab a por u n a de las pu ert as de la sal a: “T ráel e u n v aso de ag u a al rec ién pesc ar” él se q u e d ó asomb rado c on el n omb rec ito, despu és más tarde su po q u e así le ll amab an a los emi g ran tes ac ab ados de lleg ar. C omo n o t en ía ot ra al t ern at iv a se al oj ó en aq u ell a c asa pu es n o sab ía q u e c ami n o t a. A ll í t en dría t e h o y c omi da. Du ran t e los días q u e perman ec ió en el lu g ar t o das las mañan as mu y t empran o c on la esperan za de en c on t rarse c on Bara; an dab a por t o das las pl az as: le g u st ó mu c h o la pl az a de v ac at edral; n omb re desde fin al es del si g lo X V III, al c on sag rarse c omo c at edral, u n a i g si a de est ilo b arroc o q u e fu era de los padres jesu it as; v isi tab a t amb ién la pl a de A rmas, los h ost al es, las tab ern as e i n ev it ab le m en t e se mez cl ab a c on g en tes, los v en dedores amb u lan tes, q u e le ll amab an mu c h o a t en c ión preg on es. P or las n oc h es se i b a a la c alle de M adera, en la pl az a de A rmas, del ei tarse c on la R etreta, así le ll amab an al ab an da de músi c a q u e t o c ab a r b ell as c an c ion es; él se marav illab a c on t o do loc ot idi an o, c on las c osi si mpl es: h ast a el preg on ar de los ni ños q u e v en dían *Ep d i ó d i* “os, “¡  
 “¡El País c on las últ imas n ot ic ias!”, los c arros t irados por c ab allos c on su c arb on eros v en di en do su c arb ón y los au tomóv iles c on su ru ido y su s v est idos el eg an t emen t e. H ab lab a c on t o das las g en tes, pu es en su opi n ían c arac t eríst ic as espec iales, desen fadados, si mpát ic os y h ospit al ari os.

A sí, en ese i r y v en ir, h ab ían pasado v ari as seman as y c on v ersan do c u n c h i c o q u e t rab aj ab a en u n c af é don de por las mañan as sol ía en t rar a t t an aromát ic o n éc tar, ést e le i n forma de u n posi b le t rab ajo en u n a pan a q u e est ab a si tu ada en los al rededores; el du ño, u n ast u rian o de medi an edad lo rec ib ió de mu y b u en a g an a, pero pron u n c ió u n peq u eño di sc u rso n o en t en dió mu y b ien : t rab a de h ol g an z a y fu t u ro y al f i n al le pu “l os men sajeros n ot ien en h oras est ab lec idas, pu es su s serv ic ios se c on si de n ec esari os a t o da h ora” y por últ imo le preg un t ó: “¿sab es leer? ”, a fo q u e él respon dió q u e sí mov ien do la c ab ez a, y dán do le u n al ist a de n omb res y di c i on es y u n b ul t o c on pan es, lo man dó a c u mpl ir su fa en a.

Y t o do marc h ó mu y b ien . A ll í apren dió el ofi c io de pan adero y du l c e C u an do y a t en ía u n poc o de di n ero se di r i g ió r u mb o al parq u e c en t ral, f r C en t ro G alleg o, h ast a salir a la c alle M on t e, h ast a el fin al y en r u mb ó h a c i a la c alle M u ralla, don de se en c on t ran g ran des al mac en es y se c omo u n i n di an o de éx ito: pan tal on es de h ilo, c ami sab lan c a y sombrero c jilla; q u e ría presu mi r; las mu c h ac h ast en ían fig u ras del i n eadas; él las c o rab a u n t an t o prov oc at iv as; las mu c h ac h as de su pu eb lo eran di sc ret as, b lu sas y say as h ol g adas, u n t an t o t ím i das; en aq u ella época él n o desc a mu c h o y si en c on t ró amores, t en ían q u e ser amores i n t en sos y fu g ac es; mu c h ac h o f u ert e q u e dej ó a t rás su t i m i dez pero q u e n u n c a est u v o de a c on los ex c esos lib erales.

Y hab ían pasado tres nav idades cu ando si n esperar lo, an te su s ojos, u h omb re v esti do con un tr aj é da dril mpec ab le m en te l i m p i o, se p re s e n t a a n t e é l : su p r i m o, al q u e n o e s p e r a b a c a m á s. L a a l e g r í a l o s e m b a r g ó a l o s d o s e n a q u e l e n c u e n t r o; a q u í l e n a r r ó t o d a s l a s a d v e r s i d a d e s q u e h a t e n i d o q u e a f r o n t a r d u r a n t e t o d o e s e t i e m p o: “N o t e p r e o c u p e s, o l v i d a e s m o m e n t o s; a h o r a m i s m o t e l l e v a r é p a r a m i c a s a y t r a b a j a r á s c o n m i g o e n t i n t o r e r í a”; y s i n p e n s a r l o d o s v e c e s, d e j ó e l t r a b a j o e n l a p a n a d e r í a y s e t a l ó e n l a v i v i e n d a d e s u p r i m o, q u e t e n í a e n l a p a r t e d e l a n t e r a u n a p e t i n t o r e r í a.

T o d o m a r c h a b a s o b r e r u e d a s h a s t a q u e s u p a r i e n t e d e c i d e h a c e r u n g o c i o c o n u n a m u j e r q u e v i v í a e n G u a n a b a c o a y c o m p r a r u n a g u l e e n t r e g ó a s u p r i m o e l d i n e r o q u e h a b í a a h o r r a d o d u r a n t e m u c h o t i e m p o p a r a d i c h a o p e r a c i ó n y r e s u l t a r o n e s t a f a d o s; h a s t a e l h e c h o s a l i ó p u b l i c o e n l o s d í a r i o s. D e e s t e c a s o i n s ó l i t o, c o n e l t í t u l o d e “D o s e s p a ñ o l e s t i m a d o s p o r m u j e r d e G u a n a b a c o a”, f u e t a n t a l a r a b i a q u e s i n t i ó, q u e h a s t a n o c h e s i n p o d e r e v i t a r l o, y d e c i d i ó d e j a r l a c a p i t a l. P o c o a n t e s d e s u t r e n, s e n t a d o e n e l a n d é n, v e í a l a l l e g a d a d e o t r o s t r e n e s c o n s u s l o c o m o t r a q u e t e a n t e s y r u i d o s a s a v a n z a n d o c o n l e n t i t u d y r e c o r d a b a l a s p a l s u p a r i e n t e l a d i j o c u a n d o s u p o s u d e c i s i ó n: **“S i n y a s a b e s q u e a q u í t e e s t a r é e s p e r a n d o”.** “E s p e r a n d o”, p e n s ó y o z a j a s u s u r r ó: “A q u í n o v u e l v o n i a b u s c a r. S e s e n t a s ” e r v i o s o y d e s c o n c e n t r a d o a n t e e l v i a j e y l o d e s c o n o c i d o; e r a l a p r i m e r a m o n t a b a e n t r e n y e n e s e m o m e n t o t e n í a l a i n t e n c i ó n d e n o v o l v e r; l a s o f e r t a s d e l o s c o n t r a t i s t a s l a s d e M o r ó n y C a m a g ü e y f u e r o n e n e s e m o m e n t o u n a l u z d e e s p e r a n z a p a r a v i d a m a s h o l g a d a y c ó m o d a, s e g ú n l a s p r o m e s a d e e m p l e o y c a s a; y c o n e s o p e n s a m i e n t o s v i o c o m o e l t r e n s e i b a a l e j a n d o d e l a e s t a c i ó n, y e n t r e e l c o r r e t r a q u e t e o d e l v a g ó n s e f u e q u e d a n d o d o r m i d o d e s t a c a q u e d e l a t o r l o d e s p i e r t a p a r a a l m o r z a r e n S a n t a C l a r a. D e s p u é s n o p u d o d o r m i r m á s y p r e s t ó a t e n c i ó n a l p a í s a j e m á s a l l á d e l c r i s t a l d e l a v e n t a n i l l a. E l t r e n t e n í a e n d i f e r e n t e s e s t a c i o n e s d e p e q u e ñ o s p u e b l o s q u e p a r e c í a n o l v i d a s c o n t i n u a b a s u m a r c h a c o m o s i s e d e s p i d i e r a **d e t o s t o t o s a ñ o s** n l a d o y o t r o d e l o s r a í l e s d e h i e r r o; c r u z a b a p u e n t e s y a l a t a r d e c e r l l e g ó a C i e n Á v i l a, l a c i u d a d d o n d e e l c o n t r a t i s t a l o e s t a r í a e s p e r a n d o y d á n d o l e u n e f a p r e t ó n d e m a n o s l e i n d i c ó m o n t a r s e e n e l v i e j o a u t o m ó v i l y p a r t i e r o n p e r t r a p l e n e s e m p o l v a d o s q u e b l a n q u e a b a n l a s r o p a s y l o s c a b e l l o s.

<sup>1</sup> T e l a f u e r t e d e h i l o o d e a l g o d ó n c r u d o s. (N.E.)

<sup>2</sup> M o n e d a e s p a ñ o l a d e o r o q u e v a l í a c i e n r e a l e s. (N.E.)

<sup>3</sup> C a b a ñ a d e A m é r i c a, h e c h a d e m a d e r a y r a m a s, c a ñ a s o p a j a s y s i n m á s r e s p i r a d e r o q u e l a p u e r t a. (N.E.)



El homb releccion tab a quela C ompañía de los F errocarri les C onsolidada hab ía c oncluido la l ínea c entral desde 1902, y quedespu és un c anadiense l lidad V aH orn e, c onstru ct or del C andí an P acific F errocarri l, fue el p t or de sacar de la i n c omu nicación porci ones de los t erri torios de C amaguey O ri en t e de bido a los c entrales azuc areros.

Le explico que el trabajo en las vías férreas que se construían desde l dist in t as c olonias hasta el c entral; que era un trabajo bastante duro, au pag a era bu ena. Mi padre que no sabía nada acerca de ese tipo de trabajo le di jo: “No importa; al trabajo, y o n un c a le h e t enido mi edo”. Despu és de dar b r i n c os por el c amino irregular y polvoriento, llegaban al lugar y l ad r a b a n y salían espartados al pasar el coch e. El C entral C unagua, p e r t o c i e n t e a l m u n i c i p i o de Morón, e n t o n c e s de la p r o v i n c i a s e d e C a m a g u e y s u n o m b r e a u n v o c a b l o de origen i ndio; un lugar muy bonito por d o r e c i e n t e llegados sacudían dose el polvo del camino; un hermoso parque o r f u e n t e y su jardín es lleno de preciosas flores, en el c entro la iglesia, las c t o d a s t e n í a n u n e s t i l o b a l p o r e s t a r e n a m e p r o p i e d a d e s de los norteamer r i c a n o s : c a s a s de m a d e r a c o n p i s o s e n s e n a d o s de t a b l o n c i l l o s , t o d a s m u y b i p i n t a d a s , c o n h e r m o s o s j a r d i n e s ; l a t i e n d a de v í v e r e s y r o p a , l a f o n d a , e l h o y l a c a s a de los trabajadores solteros, el teléfono, el correo, la farmacia, el c a m p o de p e l o t a y a l l a d o u n a e d i f i c a c i ó n de m a d e r a , e l c i n e m a t ó g r a f o ; y a l u n p o c o m á s d i s t a n t e , l a f a b r i c a de az ú c a r q u e e r a p r o p i e d a d de u n a c o m p a ñ í a a m e r i c a n a , l a “ S u g a r C o m p a n y ” ; a l l í s e a b a s t e c í a de l a s c a ñ a s de az ú c a r q u e v e n í a n de l a s c o l o n i a s v e c i n a s q u e l o s c o l o n o s t e n í a n l a o b l i g a c i ó n c o n t r a t o c o n l a c o m p a ñ í a n o r t e a m e r i c a n a e n t r e g a r t o d a s l a s c a ñ a s e m b r a d a s . E l h e r m o s o b a t e y del C entral de c asas pintadas y bien amuebladas no era el ú n i c o q u e h a b í a e n e l p e q u e ñ o p u e b l o ; u n p o c o m á s d i s t a n t e s e n c o n t a b a t e y de los obreros y constructores de caña que tenían escasos recursos, a los c u a l e s , a u n q u e s e a f a n a b a n , n u n c a v e í a n l a h o r a b e n d i t a de l a p r o s p e r m á s l e j o s a ú n l o s b a t e y de los jamaicanos y haitianos, que también eran g r a n t e s de S a i n t D o m i n i q u e , C a p H a i t i e n o K i n g s t o n , y v e n í a n i n a v i v i r e n c h o z a s c o n p i s o de t i e r r a s o p a r e d e s de g u a m o de p a l m a o e n r e n e g r i d o s b a r r a c o n e s a c e p t a n d o b a j o s s a l a r i o s ; p o d r í a d e c i r s e q u e e r a n s a l a r i o s de m i s e r i a , p o r t r a b a j a r e n l a f a t i g o s a l a b o r del c o r t e o del t i r o de l a c a ñ a c o n y u n t a s de b u e y e s ; y a s í l l e v a b a n u n a v i d a m u y d u r a , t r a b a j a n d o s i n

<sup>4</sup> Tipo de construcción de viviendas característico de los USA basado en liston mader a, c onocido por su bajo coste, rapidez de montaje y ligereza. (N.E.).

<sup>5</sup> Lugar ocupado por las casas de vivienda, barracones, almacenes, etc., en las fincas campo de las Antillas. (N.E.)

y n adie se compadecía de ellos; vivían solo dedicados a las plantaciones de cañeras.

Y así los días y los meses pasaban y ya se estaba acostumbrando a ese olor a melado, dulzón y pegajoso que emanaba diariamente de las fauces de los dragón molador, de sus sirenas aun cuando el cambio de turno de los trabajadores; y a las líneas de tren cruzaban por sus colonias y se instalaban puntos de pesaje o ~~chucóm~~ ~~chas~~ romanas y gúras indispensables para el trabajo. No obstante, como se olvidaba lentamente de los balostres de áncora que un lado a otro atravesaban los raíles de hierro y de cuando en cuando resaca con el adriático de obreros cansados. Esto fue por poco tiempo, pues fue empleado como operador de grúa.

Allí en un lugar tan distante de los capitales del país y de la provincia se hablaban inglés en cualquier esquina y llegaban las revistas de todo el mundo; también se podía recibir y enviar buletos, cartas y paquetes en viandas variadas a su hermana de las cuales nunca obtuvo respuesta sus cartas le decía, lo bien que estaba, el dinero que ganaba, y la madre le las para vestidos; también le hablaban de unos amigos que mucho le querían; se refería a Emilio Vázquez y su esposa Ramona, los duños de la familia del bar del pueblo, que como él, también habrían emigrado pero eran naturales de Galicia; gente sencilla y cariñosa que le brindaba su apoyo o desilusión y lo llegaron a querer como un hijo; se sentía agusto en esa casa, del fondo con varias mesas, con sus mantelitos blancos, y también tenían en el portal y taburetes de cuero; espacio acogedor abierto a las brisas de árboles, donde siempre había un ir y venir de gente; aun costado, el bar variado su ritmo en su estancia de vinos y licores variados con importación de España; al fondo la cocina y la despensa siempre repletas de carnes saladas, bacalao, chorizos, aceitunas, turrónes, harinas, aceite de oliva, y cosas más. Se dedicaban a hacer pasteles por toda la casa rumbo a la cocina para oler el delicioso aroma de los garbanzos o a probar la natilla con el dulce de leche.

Nunca quiso trabajar en el central azucarero, y eso que se presentaban oportunidades, pues en “tiempo muerto” que era la época del año en que el molíacaña el central, muchos obreros eran desplazados; por eso prefería seguir por los caminos del hierro, donde desempeñó muchos trabajos: fue retiro, queiro, fogonero, maquinista y conductor de trenes. Había prosperado gracias a su dedicación, pues si empre desde su llegada a Cuba soñaba con la estabilidad de su economía y un futuro promisorio. Hasta ese momento no había pensado en casarse; pero el día en que María Amparo llegó a su vida, las cosas cambiaron.

<sup>6</sup> En los ferrocarriles, aguja que sirve para el cambio de vía. (N.E.)

ron c ompl et amen te; esa tarde h ab ía ido a la tien da a c omprar un os c alc et in c u an do son ó la c ampan illa de la en trada, di o la b u en as tardes y sol ic itó un en c ajes: “Son para mi madre”, di jo. Se q u edó mu do an tel os en c an tos de aq u e- ll ab ellez a, c on su fig u ra es b el ta: llev ab a su pel on eg roc on un a mel en on du lada q u e c on trast ab a c on su sojos y c on su pi el b lan c a, parec ía un a ll a del c in emat óg raf o. Nu n c a la h ab ía v ist o an tes, despu és se en teró q u e v en ido de P on tev edra, G al ic ia, q u e su padre se ll amab a J osé P iso y q u e g alleg o ten ía n eg oc ios de c arb ón ; un h onj b r e a d t o n , b n s t g n e t i o de todos los dí ab los y su mu jer y su h ija lo respet ab an c on un a dev oc i ó n relig iosa: “El h omb res b u en oy trab ajador, pero más b ru to q u e un arado”. c omen tó el b ot ic ari o y ag reg ó: “Un día la mu ch ac h a ten ía dol or de mu el la ob lig ó a c omer, di c ien do q u e est ab a mu y mal c rida”.

P ara c on q u i star a la mu ch ac h a y a su padre despl eg ó todos su s ardi des in si stió desesperadamen te, i deó sorpresas y se fu e c ol an do por el h u ec o de un a ag u ja, h ast a log rar q u e c on si n tier a el n ov i az g o; pero n o fu e la rg o, y b rev e ti empo el padre mu rió de un a pen osa en f ermedad y un os meses despu és c on trajeron n u pc ias en el b at ey del C en tral , el día 2 5 de ab ril de 1939. F u b oda sen c illa, al ac u al asi stieron ami g os ín timos; todo fu e c on mu ch a c i ó n y a q u e doña C armen , at av iada de n eg ro, todav ía ll orab a la pérdi da de s esposo c omo si todav ía fu era el pri mer día. L an ov i a se h ab ía pu est ou n v est id b lan c o de h ilo, c on un b ordado mu y fin oy di sc ret o en la b lu sa q u e res est rec h a c i n tu ra, f al da a medi a pi ern a, z apat os b lan c os y c omo un c oll ar de di mi n u tas perl as. F u e un a n ov i a prec iosa q u e resal tab a su c an tos por su sen c illez . A ll í el n ov i o v estido c on un t r a j e d e c a s h e m e b e i g e , c o r b a t a a r a y a s y u n d i m i n u t o p a ñ u e l o e n e l o j a l d e l b o t i l l o i z a d e s b o r d a n t e d e f e l i c i d a d a n t e e l n o t a r i o d e l l u g a r , A u g u s t o V e n e g a s M L a t o m ó p o r s o r p r e s a y j u r ó a m o r e t e r n o y a s í l o c u m p l i ó h a s t a q u e E a m u e r t e l o s s e p a r ó . C o m o t e s t i g o s d e e s t e m a t r i m o n i o f i r m a r o n E v a n g e l i s t a P e i t a , n a t r a l d e A s t u r i a s , E s p a ñ a y L u i s T o r r e s , n a t u r a l d e M o r ó n , C u b a , a m b o s a y c o m p a ñ e r o s d e t r a b a j o . D e s p u é s d e l a c e r e m o n i a p a r t i e r o n e n u n a u t o m ó - v i l q u e l o s l l e v ó h a s t a l a p e q u e ñ a c i u d a d d e M o r ó n , d o n d e m i p a d r e l e p i a l c h o f e r d e l c o c h e q u e d e t u v i e r a l a m a r c h a e n l a f o t o g r a f í a “ E l A r t e ” q u e r í a t e n e r u n a f o t o d e e s e d í a i n o l v i d a b l e . M i m a d r e a u n q u e e r a u n v a l d e g e n i o y e n e r g í a , p e r o t í m i d a e n a s u n t o s d e a m o r , n o q u e r í a e n t r a r a l “ H o t e l P e r l a ” , l u g a r d o n d e p a s a r í a n l a p r i m e r a n o c h e , y é l a l p e r c a t a r s e d e s u s e n t i m i e n t o s l a a c a r i c i ó c o n s u a v i d a d y l e d i j o a l o í d o : “ Q u e n a d i e d i g l a g a l l e g a m á s l i n d a d e G a l i c i a n o q u i e r e e s t a r c o n s u m a r i d o , y s u b i e r

<sup>7</sup> C ac h emi r, teji do ob ten ido de lan a de c ab ras de la reg i ó n asi át i c a del mi sm o n omb mu y v al orado en la c on fec c i ó n de b u f a n d a s , t r a j e s y s u é t e r e s . ( N . E . )

esc al era h ast a la h ab itac ión don de se amaron vpon ~~pu~~ ~~mira~~ ada por los ray os de lu na q ue en trab an por el b alc ón ”.

A su reg reso c omen zaron un a v ida ju nt os en la c asa de madera mon en pi lot es c on lot ec h os de tej as y ampl io port al, la c ual ten ía un amp rren o don de h ab ía árb ol es fru tal es, an on c illos, g uan áb an as, man g os, li mon es, ag u ac at es. Si empre est u v ieron al alc an ce de la mano y le daban la h u mil de c asa un en torn o de paz y tran q u ilidad. M ás tarde ay u daban a su madre pu so un peq u eño n eg oc io de tin to rería y un a peq u eña du lc ería n un c a ab an don ó su trab ajo en la C ompañía de F errocarri les; l leg ó a s u de tráfic o y allí c umplió 50 años de trab ajo y fu e con dec orado con la orde c in c u en ten ari o de los ferrocarri les de C uba.

M i madre q u edó emb araz ada y el día 27 de en ero de 1940 nac í y o en un a de las h ab itac i on es de la c asa, en tre los v apores de ag u a h ir vi en do en la g an as y la presen cia rob u sta de la c omadron a; un precioso v arón q ue po b re rec ibió el nomb re de A lfredo José, y a este pri mog én ito, su padre ac o c on todo su amor en sus man os temb loras. Despu és nac ío mi h erman a al q u e le pu si eron C armen y despu és mi h erman o G u illermo, el c ual por s u timo, un ni ño precioso ru bi o c on los ojos v erdes, sería el en c an to de la c

Todos asi st ieron al a peq u eña esc u el a ru ral, la ún ic a en el pu eb lo eh a la pri mera c omu ni ón en la peq u eña ig lesia; l leg ab an ac ada año las n av e c on sus man z an as, su su vas, su sv in os y su árb ol de n av idad c on sus mot as de al g odón si mu lan dolan iev e q u e deb ía est arc ay en do en España, los tres R eyes M ag os q u en os dej ab an alg u nos ju g u et es; ese año le t u mi madre un a radi o y esa fu e la di v ersión de todos; pero tamb ién nos trajo t rist ez a c uan do se oían las n ot ic ias de la Seg u n da G u erra M un di al; y peq u eño y n o podía darme c uen ta de lo terri b le de est o, pero mi madre l l oraba y rez ab a y mi padre se an g u st iaba por ello.

C uan do termi n é los est u di os elem en tal es, nos v isi tó mi tí a C lari t man a de mi madre, c asada c on un c ol on o de la c omarc a y h ab ló de las p sibi lidades de est u di o en la c apital y log ró c on v en cer a la fami lia s c on v en ien c i a de en v iarme allí y aseg u rab a q u e sería lo mej or para mí y v ida en el Bat ey , don de n o podría c u rsar est u di os su peri ores. A n t e tan t a d sición , mis padres dí eron su c on sen timi en to. L o h ic ieron c on el dese est u di ara y prog resara en la v ida y llen o de trist ez a y n ost alg ía me al e lu g ar; sol o v ol v ía du ran telas v ac ac i on es de v eran o. M ás tarde me est ab laci u dad y formé mi h og ar.

A llí, en la di st an c i a, se fu eron q u edan do y se fu eron h ac ien do m la c asa seg u ía si en do su ún ic o refu g io de rec u erdos, esperan do q u elle t iempos mej ores, y a q u e ten ían la ilu si ón de poder arreg lar la c oc in a, q un c iclón mu y fu erte q u en os az ot ó fu e dest ru ida por un eu c alipto

h u rac an ado despl omó sob re ést a; f u eron ti empos mu y di fíc i les, n o sol amen para mi s pob res v i e j os si n o para todos los c ub an os, en v u el tos en l a pob rez q u e n os proporc i on ara el b loq u eo est ab lec i do por L os Est ados Un i dos.

El emi g ran ten u n c av olví o a l a tierra q u e lo v ion ac er. C u an do cu años de edad, v i n ieron de Zamora su sob ri n a menor, J oaq u i n a R omero G u l l ac ompañada por su h i j a A n a a reen c on trarse c on su tío, el q u e en el pu e dab an por perdi do; despu és v i ajaron su sob ri n a mayor A v el i n a y su h erm C lot y , ac ompañadas de su pri mo P ac o. F u eron días mu y h ermosos de al eg ría y de n ost al g i a. No h ay pal ab ras q u e pu edan desc rib i rese en c u en tro c on sere l l ev an tu mi sma san g rey q u e n i si q u i era c on oc íamos. L arg as c on v er oc u paron el ti empo; all í n os en teramos q u e la h erman a de papá, J u an a, mu y a v i e j a de u n a pen osa en fermedad y tamb i én su pi mos c on ese su fri mi en t orf an dad q u e sólo ac ab an de en ten der aq u el los q u e se q u edaron , f u eron é mu y di fíc i les en q u e mu c h os ab an don aron su stierras, mu jeres e h i j os h ac er l as A méric as en b u sc a de fu tu ro, pero n o todos log rab an su ob j et i

T amb i én ellas lec on taron del pu eb lo de F erreras de A b ajo don de ac tu men te v i v ía su sob ri n a c on su esposo, los c u ales en u n a oc asi ó n emi g ra Brasil, don de ab rieron u n rest au ran te; despu és, c u an do h ab ía h ec h o di n v en di eron y reg resaron a Zamora a v i v i ren paz y pasar el resto de su s v idas. Nos di jo q u e F erreras de A b ajo ac tu al men te tien e u n a pob lac i ó n en v e q u e en l a esc u el a el al umn sólo l leg a a l a c i fra de v ei n t e ni ños; n o h a poc o mu c h os j óv en es, pu es c u an do termi n an su s est u di os en ot ras ci u n o reg resan más; n os c on tó q u e mu c h as c asas h an si do remodel adas por g en de las ci u dades y en los meses de v eran ol as tien en de refu g i o v ac ac i on a en ton c es l a v i da se v u el v e a esos ri n c on es apac i b les. M u c h o Te ag radece n u est ra fami lia de España y a n u est ra pri ma A v el i n a R omero, a l a Di pu t ac de Zamora y a n u est ra Soc iedad l a C ol on i a Zamoran a en C ub a y a Serg i o R ab an illo, su presi den te, por el i n t erés q u e se t omaron para q u e mi padre v j ara a España en el v iaje “A ñoran z a”, pero c omo era mu y an c i an o rec h az ó l a marav illosa of ert a.

No q u i ero termi n ar l a n arrac i ó n h ab lan do del día en q u e le f al taron f u erz as y se le apag ó l a v i da, tampoc o de su en ti erro, don de u n a l arg a fil de t rab aj adores, c ampesi nos y v ec i nos de l a loc al i dad i n cl u y en do an c i a n i ños ac ompañaron su c adáv er h ast a el desol ado c emen teri o. Q u i ero rec or- darlo si empre c omo lo perc i b o en su s h i st orias, c omo aq u el emi g ran te op t i mi st a, v al i en te, si empre ret an do las di fic ul t ades, q u e l leg ó c on l a pi e ol or a sal i tre del mar, despu és de c ru z ar el oc éan o, q u e l lev ab a por den t ro l n ost al g i a de su s c ampos v erdes y el b rillo de su s h u medades en los ojos y as será, para si empre mi emi g ran te del ti empo.



# Una familia de emigrantes

Lida Librán González

Fon toria del Bierzo, perteneciente al ayuntamiento de Fabero, provincia de León, en el camino de los Ancares leoneses, es un pequeño pueblo perteneciente al comarca del Bierzo, perdido en las montañas, poblado por campesinos pobres pero con minas de carbón de las que malvivían sus pobladores.

Casas rústicas, sin lujo de ningún tipo, de piedra y madera, techadas con cubierta de pizarra, habitadas por hombres y mujeres que trabajan muy los hombres en las minas y el campo y las mujeres en la casa y en el campo con un clima muy frío, con frecuentes nevadas de las que se protegían



Vista aérea de Fon toria del Bierzo



cién dose todos en la c oc in a de c arb ón y leña, para aprov ec h ar el c al or q ue  
ella eman ab a y met ían su s ani mal es deb aj o de la c asa para proteg erlos, pu  
eran su may or fortu n a y no podían perder n i n g u n o.

L as mi n as no si empre est ab an c erc a pu es el c arb ón se iba ac ab an do  
mi n eros t en ían q u e c ami n ar k il ómet ros y k il ómet ros para lleg ar a su t r  
est art todo el día t rab aj an do den t ro de las mi n as moj ados y c on g ran pel ig ro  
derru mb e en las g al erías, ec h an do a perder su s pu l mon es c on el pol v o, p  
g an ar se h on radamen te u n a silic osi s q u e les ac ompañará en mu c h os c aso  
l a v i da, prov oc an do af ec c i on es, en f ermedades respi rat ori as y t ermi n ar su s  
c asados c on u n b al ón de ox íg en o por la f al ta de ai re.

P or la t arde, a rec orrer de n u ev o ese larg o c ami n o, lleg ar ex h au st o  
c asa, rec u perar u n poc o su last i mado ali en t o e i r a la t i erri t a a lab orarl a,  
c u l t i v ab an c reales, u v as, pat at as, past os para la ali men t ac i ón del g an  
para g aran t i z ar el su st en t o pu es su mísero sal ari o de mi n ero n o alc an z a p  
c u b r i r t odas las n ecesi dades de la f ami l i a. A sí de ru t i n ari a y t r i s t e era l  
de todos los h ab i t an tes del pu eb lo.

M i ab u el o mat ern o n o era mi n ero. Era, además de lab rador, c arpi n t ero  
t en ía t res h i jos, dos h emb ras y u n v arón . L a may or, mi t ía C arol i n a, h  
c i do en 1910 y y a desde mu y t empran o t rab aj ab a ay u dan do a mi ab u el a



M i s padres ac arrean do leña.

t areas de la c asa, rec og i en do los h u e  
v o s q u e l l e v ab a a q u i en es, t en i en do u n  
poc o más de medi os de v i da, los podían

c omprar y ella, mu c h os años despu és,  
me c on t ab a q u e los en t reg ab a c on u n  
en orme dol or i n f an t i l por n o poder c o  
merl os, a pesar de su s en ormes deseos.

A demás, deb ía past orear los ani mal es  
y sól o c u an do l l o v ía podía asi st i r a l a  
esc u el a de lo c on t rari o, “h ab ía q u e  
t rab aj ar”. P or ot ra part e, mi ab u el a p a  
t ern a t en ía c i n c o h i jos y u n a s i t u ac i ó  
ec on óm i c a t erri b l e. L as deudas y el  
h amb re eran su i n separab l e c ompañía.

H ab ían t en i do q u e h i pot ec ar su c asa  
para c omprar u n a parc el a de t i erri a,  
pero su s esperan z as de poder pag ar  
esa h i pot ec a y man t en er la c asa se h a  
c ían c a d a e z más peq u eñas, pu es la  
s i t u ac i ón ec on óm i c a empeorab a en  
l u g ar de mej orar.

Y áleg ab an a este perdi do  
 blitolas noticias de un peq  
 raíso terren al”, u n a tierra herm  
 c alien te, u n a tierra ami g a q  
 c on c ari ño a todo el mu n do y  
 todo la más español a de las isl as, p  
 lo q u e su s c ost u mb res n o se a  
 mu c h o de las su y as. Y ¿c ómo e  
 pen sar en la posi b ili dad de ir a C  
 ese paraíso don de era tan fác il h ac er



di n ero y reg resar c on las man os M i l en as, el os mat ern os.  
 y el c oraz ón c on ten to. Este h ermoso

c u en to de h adas se pren dó de la men te de mi ab u el a q u e parti ó h ac i a C u  
 reg resan do años despu és c on alg o de lo i do a b u sc ar, lo q u e le permiti ó pag ar  
 su s deu das y rec u perar su c asa. Despu és de ese feliz reg reso n ac i ó la men or de  
 mi st ías, de la q u e lle v o el n omb re por ser la más q u eri da por mi padre. Est an do  
 mi ab u el a en C u b a y rec ib ien do la fam ili a b u en as n oticias, cl aro, l  
 pi n tada c ol or de rosa, mi t ía C arol in a c omi en z a a h il v an a r z u n su e ño. C ad  
 q u e se ac ost a b a c on el est óm ag o n o t ot al men te sati s fec h o, por n o dec ir  
 h amb re, c a d a z q u e deb ía trab a jar larg as j orn a d a s z u a d e deb ía en -  
 t reg ar los an si ados h u ev os, en fin , eran mu c h as las n eces i dades q u e pasab a  
 afín c ab a u n poc o más esa i dea c omo ún ic a esperan z a de v ida. En esa época, los  
 mu c h ac h os del pu eb lo, ten ían otra respon sab ili dad, la de c u id ar del g ar  
 pero en u n a z on a tan ag reste, c on u n clima tan du ro, n o era fác il en  
 pasto para las v ac as y en la pri mav era se i b an a “L a Braña”, z on a alejada,  
 pero c on pasto su fic ien te para ali men tar su s an imales. Est a z on a est a b a t ar  
 le jos q u e era i mposi ble ir y reg resar, por lo q u e las v ac as deb ían perman ec  
 semanas y semanas past an do y los j óv en es c on ellas, ay u dados por los perros  
 y las hog u eras q u e en c en d ían de n oc h e, c u id án dol as, sob re todo de los l  
 día y n oc h e b a j o la presi ón de q u e v i n i eran esos ag resi v os an imales y n o  
 mat aran alg u n a v ac a si n o t amb ién q u e ag redi eran a alg u n o de ellos, pu  
 l ob o t amb ién est ab an h amb ri en tos y b u sc ab an an si osamen te alg o q u  
 L os j óv en es se t u rn ab an y perman ec ían u n a semana du rmi en do en las c ab  
 q u e ellos mi smos c on stru ían , h ast a q u e les lleg ab a el rel ev o y despu és v  
 y así su c esi v amen te h ast a q u e, fin al men te, reg resab an todos al pu eb lo c  
 an imales.

M i t ía si empre rec ordó q u e l lo de t al forma q u e mu c h ís mos años despu és  
 y y a v i v i en do en C u b a, aún h ab lab a c on tem or de los lob os, de su s oj  
 osc u ri dad, de su s au l lidos y del su dor fr ío q u e la emb arg a b a c ada  
 c u c h ab a su l l amado a l a l u n a. Si empre se en z u ó c u ad a perro au l l ab a

y n u n c a pu do al ej ar de lo más prof u n do de su ser ese t emor q u e se c on v i r t u o s a p a r t e de ella. T amb i én , en esas larg as n oc h es v el an do y t emb lan do de fr i o mi edo, v i n o j o s u emen te el pen samien to de lo h ermoso q u e sería v i v i r en un país c ál i do, c on un h ermoso sol y b ell as pl ay as, en un país don de se p u e d e t r a b a j a r y g a n a r, n o s ó l o su s u s t e n t o, si n o l o n e c e s a r i o p a r a c u i d a r de l o q u e y don de, ah orran do mu c h o, podría un día reg resar y ser un a “i n d i a n a reg r e s a d a de A m é r i c a”. ¡C u á n t o s su ñ o s ! ¡C u á n t a s e s p e r a n z a s ! S u e o u n c u e n t o de h adas don de ella era la f e l i z p r o t a g o n i s t a, la a m a n t e h i j a q u e c o n t r a a s u s p a d r e s y h e r m a n o s de la m i s e r i a e n q u e se e n c o n t r a b a n . E n e l a ñ o 19 6 0 n a c e l a m e n o r de su s h e r m a n a s, m i m a d r e, y f u e o t r a c a r g a m á s p a r a C a r o l i n a, además de todo lo q u e a n t e s h a c í a. T e n í a q u e c u i d a r de m i m a d r e t o d o e l d í a y esa n i ñ a t a n p e q u e ñ a era respon s a b i l i d a d de est a o t r a c a s i n i ñ a t a m b i én , q u e soñab a c on o t r a v i d a y pen sab a e n e l l e j a n o p a r a í s o del C a r i b e .

P o r f i n , y a n o p u e d e e s p e r a r m á s, l o p r e p a r a t o d o y se e m b a r c a e n “E l M a r q u é s de C o m p l u s” h a e m i g r a n t e q u e v i n e p a r a C u b a a l o s 8 a ñ o s, q u e sé l o q u e es e m i g r a r a un país desc on oc i do, c on f o r m a s de v i v i r d i f e r e n t e s, c o s t u m b r e s d i s t i n t a s y h a s t a o t r a m a n e r a de h a b l a r, a u n q u e sea e l l e m i d i o m a, n o m e a t r e v o a p o n e r m e u n m o m e n t o e n su l u g a r y t r a t a r de r e c o n s t r u i r su s pen samien t o s p a r a c o n o c e r c ó m o u n a m u c h a c h i t a, c a s i u n a n i ñ a de 16 a ñ o s p u e d e d e c i d i r s e a v i a j a r t a n t o s y t a n t o s d í a s e n b a r c o, si n c o n o c e r n a d i e, si n t e n e r n i a m i g o s n i p a r i e n t e s p a r a l l e g a r a un país desc on oc i do, q u e p o s i b i l i d a d e s de reg reso, si n d i n e r o p a r a v i v i r, p e r o c o n u n a g r a n f u e r z a v o l u n t a d. S ó l o c o n t a b a c o n l a a y u d a de u n a v e c i n a (m i a b u e l a p a t e r n a) q u e e s p e r a r í a y l a a y u d a r í a.

A v e c e s m e h e q u e d a d o m u y t r a n q u i l a, m u y c a l l a d a, t r a t a n d o d e q u e a q u e l l o s d í a s y s e m a n a s de v i a j e. ¡C u á n t o s su ñ o s y c u á n t a e s p e r a n z a h a b í a b a n e n a q u e l l a t i e r n a c a b e c i t a !, ¡c u á n t o d o l o r y c u á n t a p e n u r i a l e g a d o a e s o !, ¡q u é t r i s t e d e s t i n o e l d e l a E s p a ñ a de p r i n c i p i o s de s i g l o !; p e r o a s u s h i j o s de esa m a n e r a, reg a r l o s p o r e l m u n d o e n b u s c a de m e d i o s de v i d a e n b u s c a de u n a v i d a, p o b r e s í, p e r o h o n r a d a y s i n h a m b r e.

A l f i n l l e g ó e l b a r c o a p u e r t o c u b a n o y l a m u c h a c h i t a a q u e l l a e s p e r a n z a s y t r i s t e z a, de r e m o r d i m i e n t o s y de m i e d o, p e r o c o n l a e s p e r a n z a de c o m e n z a r u n a n u e v a a d i g n a. R e p i t o, b a j ó del b a r c o y b u s c ó a l a c a r a n o c i d a q u e l a e s p e r a r í a y n o l a e n c o n t r ó, n o v i v e s i n t a n í a m á s d e s e s p e r a d a, m á s a p l a s t a d a p o r l a r e a l i d a d, h a s t a q u e c o m p r e n d i ó q u e n o e s t a b a, q u e p o s i b l e m e n t e n o e s t a r í a y e l l a... ¿q u é p o d r í a h a c e r? N o t e n í a d i n e r o n o c o n o c í a a n a d i e, e s t a b a m u y, p e r o q u e m u y l e j o s de l a a h o r a a ñ o r a d a de su s p a d r e s y l l o r ó. L l o r ó m u y i n t e n s a m e n t e, l l o r ó si n e s p e r a n z a s p e n s a n d o e n q u e s e r í a de l l a l e j o s de su f a m i l i a y de su país, q u e c a m i n o t o m a r í a, c a s i s a l d r í a de a q u e l a t o l l a d e r o, de a q u e l l a e s p a n t o s a s i t u a c i ó n. L l o r ó p o r t o d o

aq u e l l o s a ñ o s v i v i d o s , l l o r ó p o r l a s u e r t e q u e l e h a b í a t o c a d o , l l o r ó p o r t o d o s c a d a u n o d e l o s s u y o s , l l o r ó p o r s u s p a d r e s y s u t i e r n a h e r m a n i t a , p o r t o d o l o q u e h a b í a d e j a d o y q u e a h o r a r e c i b i r í a c o m o e l m e j o r r e g a l o d e l o s D i o s e s .

España h a s i d o u n p a í s d e e m i g r a n t e s , p e r o l a c a u s a d e e s t o n o s ó l o h a s i d o l a s i t u a c i ó n e c o n ó m i c a t a n d e s e s p e r a d a d e l o s p u e b l i t o s . P i e n s o q u e e n a t u r a l e z a d e l e s p a ñ o l e s t á e l v a l o r , e l v a l o r p a r a l a l u c h a , e l v a l o r p a r a e n f r e n t a r t o d o l o q u e l a v i d a n o s p o n g a e n e l c a m i n o , e s e v a l o r q u e h a d e m o s t r a t a n t a s v e c e s p e l e a n d o h a s t a m o r i r p o r u n a i d e a h a s i d o e l s e g u n d o c o m p o n e n t e d e e s a e m i g r a c i ó n , p u e s h a y q u e t e n e r v a l o r , m u c h o v a l o r , p a r a d e j a r l o q u e í s i m o q u e s e t i e n e , p a r a i r a d o n d e s i n t e n e r n a d a e s p e r a m o s t e n e r l o t o d o . E s f u e r z o , v o l u n t a d , s a c r i f i c i o , t r a b a j o y a h o r r o , e s a h a s i d o l a c o n s t a n t e e m i g r a c i ó n e s p a ñ o l a p o r t a n t a s t i e r r a s d e l m u n d o .

El español h a r e g a d o c o n s u s u d o r y m u c h a s v e c e s c o n s u s l á g r i m a s h a s t a c o n s u s a n g r e m e d i o m u n d o . H a t r a b a j a d o m á s q u e n a d i e , h a l u c a b r a z o p a r t i d o p a r a h a c e r s e u n l u g a r y e n n o p o c o s c a s o s l o h a c o n s e g u i d o a v e c e s h a l o g r a d o u n a f u e r t e s i t u a c i ó n e c o n ó m i c a y a v e c e s h a l o g r a d o v i v i r , p e r o s i e m p r e h a s i d o e s p a ñ o l d o n d e q u i e r a q u e h a y a e s t a d o , s i e m p r e e n l o m á s p r o f u n d o d e s u s e r y h a s t a s u m u e r t e , h a e s t a d o s o ñ a n d o c o n e l a n s i d o r e g r e s o , c o n e l v o l v e r a s u t i e r r a y c o n l o s s u y o s , p u e s n u n c a h a o l v i d a d o s e p a r a r p a r t e d e l o q u e p u e d e c o n s e g u i r p a r a e n v i a r a s u c a s a y a l i v i a r u n p o r l a s i t u a c i ó n q u e d e j ó . N u n c a , e n n i n g u n a p a r t e d e l m u n d o , u n e m i g r a n t e e s p a ñ o l h a s i d o t i l d a d o d e v a g o o p o c o t r a b a j a d o r y s i d e a l g o p u e d e e s t a r o r g u l l o s a n u e s t r a p a t r i a e s d e l o l a b o r i o s o s , l u c h a d o r e s y e m p r e n d e d o r e s q u e s o n s u s h i j o s .

A ún e s t á C a r o l i n a e n e l m u e l l e , a ún s o l a , a ún s i n s a b e r q u e é h a c e r q u e i é n r e c u r r i r , p e r o l a s u e r t e l e h a s o n r e í d o q u e i z a s p o r s u p r i m e d a . D o s m o n j a s l a e n y l e p r e g u n t a n ; e l l a l e s c u e n t a , e n t r e l á g r i m a s y s o l l o z o s s u t r i s t e s i t u a c i ó n y l a s d u l c e s y b u e n a s m o n j i t a s s e c o n d u e n y l e l l e v a r l a c o n e l l a s . T i e n e n u n a c a s a c o n j o v e n c i t a s q u e t r a b a j a n , l u c i d e n , u n l u g a r d o n d e d o r m i r y u n p l a t o d e c o m i d a c o m o p a g o a s u e s f u e r z o y d e d i c a c i ó n . A s í , l a n i ñ a a c e p t a , ¿ q u é o t r a c o s a p o d r í a h a a c e r ? U n C a r o l i n e c o n l a s m o n j i t a s p r a y l a s i l o d e S a n t o v e n i a ” , u b i c a d o e n e l m u n i c i p i o C e r r o .

A h o r a s u v i d a e s o t r a , c o n v i v e c o n o t r a s m u c h a c h i t a s c o m o e l l a y d e t o d o s e s i e n t e f e l i z y s i g u e s o ñ a n d o . T i e n e q u e l u c h a r , t i e n e q u e t i e n e q u e a p r e n d e r y u n d í a l o g r a r á l o q u e q u i e r e y p o d r á r e g r e s a r a l o s s u y a y u d a r a s u s p a d r e s , a s u p o b r e m a d r e q u e t a n t o q u i e r e y a s u p a d r e q u e t r a b a j a s i n d e s c a n s o y n a d a t i e n e .

En e s t a c a s a , l a s m o n j i t a s s e d e d i c a n a l a v a r e n g r a n d e s l a v a d o r a s y p l a n c h a r l a s r o p a s d e l o s b a r c o s q u e l l e g a n a C u b a p r o c e d e n t e s d e E s p a ñ a . P a r a

eso son las muchachitas, para lavar y planchar en pagotien en casa y pero eso no es todo, les enseñan a trabajar, a cocinar, a lavar, a limpiar, a planchar, a llevar un acasa y además a leer y escribir. Cuando la niña preparada, la llevan a un acasa que en ese sitio una muchacha para trabajar, atender, limpiar, lavar, cocinar y las recomiendan; y ya a la niña tienen un acuada pero tienen un sueldo, casa y comida; trabaja y si vive con la familia y ahí no. Ese es el primer paso para lograr su meta, pero las monjitas no terminan con eso sino que se matan a la vida como la tratan, a comprobar si están contentas y si le gusta su trabajo. En caso de que no, bien algo o que la muchacha se queje, la recoger en seguida y la devuelven a casa para que continúe con su trabajo de lavar y planchar hasta que ella no encuentre el lugar.

Muchos años después, mi tía me hablaban de mucho amor, cariños y de cómo en la hospitalidad de estas monjitas tan buenas y dedicadas la atenderon hasta que ella encontró un hombre, otro emigrante español, gallego de la provincia de Lugo, que quiso unir su vida a la de ella. Juntos por el empedrado camino de la vida de una familia de emigrantes. Se casó, y pienso que mi tía no me lo perdonaría nunca, sino reírse de ellas el amor con que las monjitas trataban a sus pupilas, su preocupación por que se sintieran bien y fueran tratadas adecuadamente. Cuando ellas se iban y el cariño con que ellas se iban a dar el día de ellas perdía su trabajo o se iba por cualquier causa; además, las defendían de la vida y marea ante sus empleadores. Quería dejar sentido, que mi abuelo paterno no abandonó a su vejez, sólo que le llegó muy tarde y ya era demasiado tarde para las monjitas. Después se encontraron y todo quedó aclarado, pero mi tía se quejó con las monjas.

Al fin se casó mi tía y vivió con su esposo a un acasita muy pobre de un solo cuarto. El esposo era carpintero, al igual que su padre, y formaba un hogar muy español, con sus costumbres y sus aspiraciones, luchando por trabajar: ella en la atención de la casa y él buscando el sustento. Esos emigrantes españoles, gallegos, leonesa ella, unieron sus vidas (hasta que él falleció en 1967) y las costumbres de sus antepasados. Así, eran socios de Monterroso y Antas de Ulla que era “La Castellana”. Comían caldo gallego, chorizos, tortillas, pan y patatas como acompañantes de muchos platos y participando tradicionalmente en “Un Día en Castilla”, que se celebraba todos los años en La Tropa. Como es bien conocido, el emigrante español

<sup>1</sup> Sociedad de Protección y Recreo de La Habana, Cuba, fundada en 1911. (N.E.)

<sup>2</sup> Cervetería cubana de los años 50 productora de la marca con el mismo nombre con fiscalización en los años 60 durante la revolución cubana. (N.E.)

se un e para c on serv ar su c ultu ra y c ostu mb res, pero n o sat isf ec h o c on g z ar en su sh ij os la c ultu ra española, se un e t amb ién p or ~~eg~~ a reg ion es y asi a su s desc en di en tes la de su terru ño, porq u e c omo mu ch os di c en : “España e un a n ac ión de n ac ion es” y en su su el o h an c on v iv id o desde si empre g e diferen tes c ultu ras, relig ion es y len g u as; por eso g alleg os, an dal u c es n os, c at al an es, v asc os, c ast ell an os y leon eses se un en en soc iedades difere Un a pru eb a de est a div isión por reg ion es, es la c on st ru c c ión de los c en G alleg A stu ri ~~de~~ Lo a H ab an a, don de se reu n ían y c ompart ían , realiz an do ac tiv idades rec reat iv as y c ultu rales, pero si empre di sfru tan do de su c u y su s c ostu mb res. P or ot ro lado, t amb ién se c on st ru y en los c orrespon di e pan teon es en la Nec rópól is de Cleo ll arado P atri mon io de la H u man idad, pu es si empre fu e un a preoc up ac ión para ellos ten er un lu g ar don de repos su s rest os. P or esa raz ón , t amb ién c on st ru yeron cl ínic as y hosp itales at en derse el los y su s fam il iares. M u ch os emi g ran tes se dedi c an al c omer mi n ori st a y despu és al may ori st a; ot ros, ~~poc ana~~ ~~prop~~ ran do tierras; ot ros se dedi c an a c omprar of ab ric arc asas q u e lu eg o al q u il arían y se est ab la c ostu mb re de traer a su s fam il iares de España y dar les pri ori tari amen te t ra b ajo. Est o t raj o c omo c on sec u en c ia, q u e du ran te el pri mer g ob iern o de R G rau San M art ín , se ~~L~~ ~~ce~~ ~~de~~ ~~Na~~ ~~ion~~ ~~aliz~~ ~~ac~~ ~~ión~~ del. Y ~~ra~~ ~~s~~ ~~q~~ ~~u~~ e fu e en ec esari o promul g ar ~~la~~ ~~ley~~ ~~que~~ ~~pro~~ ~~te~~ ~~ge~~ ~~ra~~ ~~los~~ ~~tr~~ ~~ab~~ ~~aj~~ ~~ad~~ ~~ores~~ ~~c~~ ~~u~~ ~~b~~ ~~an~~ ~~os~~ ~~de~~ ~~la~~ ex cl u sión a q u e eran somet idos, por parte de mu ch os c omerc ian tes español es pu es dab an t raj o sól o a los español es, por lo q u e a part ir de este momen to, mu ch os t u v ieron q u e h ac erse c iu dadan os c u b an os para poder seg u ir j an do. Est a es la c au sa, por la c u al la may oría de los emi g ran tes ~~han~~ ~~ya~~ ~~pose~~ ~~en~~ ~~un~~ ~~do~~ ~~ble~~ ~~c~~ ~~iu~~ ~~dad~~ ~~an~~ ~~ía~~. Si an al iz amos est a medi da, n os podemos dar c u en ta de su poder ec on ómic o, pu es los emi g ran tes al c an z aron tan t a in flu en c ia en l ec on ómic a del país, q u e fu e en ec esari a la promul g ar ~~la~~ ~~ley~~ ~~que~~ ~~pro~~ ~~te~~ ~~ge~~ ~~ra~~ ~~los~~ ~~tr~~ ~~ab~~ ~~aj~~ ~~ad~~ ~~ores~~ ~~c~~ ~~u~~ ~~b~~ ~~an~~ ~~os~~ ~~pu~~ ~~di~~ ~~eran~~ ~~ob~~ ~~ten~~ ~~er~~ ~~tr~~ ~~ab~~ ~~aj~~ ~~o~~ ~~en~~ ~~su~~ ~~s~~ ~~e~~ ~~m~~ ~~p~~ ~~r~~ ~~e~~ ~~s~~ ~~a~~ s.

Est e emi g ran te q u e lo dej a todo, c omo mi ab u el a, mi st ías y y o lo h ic im lo h ac e impu lsado por la mala situ ac ión ec on ómic a y las an si as de al c an un a v ida más ju st a, ~~l~~ ~~per~~ ~~o~~ ~~n~~ ~~si~~ ~~g~~ ~~o~~ ~~t~~ ~~o~~ ~~d~~ ~~o~~ ~~e~~ ~~l~~ ~~a~~ ~~m~~ ~~o~~ ~~r~~ ~~a~~ ~~l~~ ~~o~~ ~~s~~ ~~u~~ ~~y~~ ~~o~~ ~~s~~ ~~y~~ ~~a~~ ~~su~~ ~~p~~ ~~a~~ ~~r~~ ~~r~~ ~~i~~ ~~a~~ y es, a v ec es, ese amor a los su y os el q u e le da el v al or su fic ien te para dejar lo q u e ama y part ir h ac i a lo desc on oc ido. Todo est o lo apren dí de la v ida. L

<sup>3</sup> El c emen teri o C olón es un o de los c emen teri os más sob resal ien tes del mun do deb id a su s v al ores esc ultu rales. A ctu almen te se c on si dera lu g ar de in terés t uríst ic o y h a c larado M on u men to Nac ion al de C u b a, pero n o c on st a q u e h ay asi do dec larado P atri mon io de la H u man idad c omo in di c al a au t ora del tex to. (N.E.).

<sup>4</sup> Est a L ey promul g ada en nov iemb re de 1933, est ab lec ía la ob lig atori edad de q u e n o men os del 50 % de los ob reros y empl eados de c u al q u ier c en t ro de t raj o f u esen c u b an os n at iv os, lo q u e c au só prof un da preoc up ac ión en t re los is l eños n on at u raliz ados. (N.E.)

aprendí cuando al cabo de muchos años mi hijo emigró a la tierra de  
 abuelos en busca de lo mismo por lo que yo vine a ésta a hacer y a tan to  
 cuando las condiciones económicas de estos dos países eran bien diferen  
 tes como la emigración es algo que existirá siempre, mientras haya hon  
 y mujeres con el valor suficiente y existan países con tan marcado d  
 ec económico.

Mi tía mantenía una estrecha correspondencia con sus padres y e  
 muy bien informada de todo lo que ocurría con la familia. Sólo que e  
 comunitación parcial mente en territorio de la Guerra Civil (de  
 de los acontecimientos del siglo XX que tuvo un enorme repercusión  
 tanto para España como para el mundo), pues las circunstancias no le  
 vengue al lugar en el territorio o a otro cercano, ella le mandaba cosas  
 padres, hermanos y sobrinos. Siempre vivió pendiente de ellos, nunca  
 de dónde venía y siempre aguardó la secreta esperanza de regresar. Qui  
 zás no podía apartarse de lo que había logrado en este país, que la hab  
 acogido con tanto cariño, por el cual y a sentía un secreto amor que lo  
 raba con su territorio. Pero que era ir y estar un tiempo con sus yos,  
 padres, a sus hermanos, a aquellos niños que dejó de meses y que ya est  
 casada, ¿cómo habían pasado los años! y ¿cómo todo había cambiado!  
 sentía una extraña, y era un acubana más, y a todos la querían y ella  
 esposo y a sus vecinos; también había otravécina del pueblo que hab  
 otra tía mía, ésta por parte de padre.

Su esposo tenía un café y su s  
 económica no era muy mala; c  
 falleció él y ella emigró a  
 ahora, hacia los Estados Unidos  
 falleció hace algunos años.

En el año 36 se encariñó con  
 vecinito de 2 años, vivía con  
 que había perdido a su madre en  
 cidente de tranvía y que vivía  
 padre y otros seis hermanos. Ese  
 se pasaba los días con ella y reg  
 a su casa en la noche, pero un  
 tía le dice al esposo que le g  
 qu edarse con el niño y ya esa  
 niño no regresó a su casa y fue  
 al que crió con bondad y ge  
 Años después le ayudó a criar  
 tres hijos, sus nietos.



Mi tía Carolina con sus gallinas.



O trasg ðe ese v al oñi n l ñi m t es del español es q u e i v p ð b remen t e t rat ab ða y u dar l ossu y o s r ab aj ab desde l amadru g ada ast h an oc h e r e su c asa c onsu s g all i n c a s u s u q u e r i do g a t i t ' F erru s o y era c apazde sen t ñ amor por u m i ñ b u é r f a n a o e g e r l b aj s u t u t e k a r i a r l y o d a r l e t o d o el c a r i ñ m a t e r n q u e r e d h ab á a i n de- posi t a d e n n a d i d l . e r i ó l o h i z u o n h o m b d e b i e n o p r e p a r ó p a r a l a v i d a f a c i l i t á n l o s e s t u d i o s u p u d o , l o g r a n q u o r e c i b i e r a s e d e m e c a n o g r a f i a p o r l a s n o c h e s , e l C e n t r o C a s t e l l a d e o L a H a b a n s i a t o e n l a c a l l e g i d e n l a H a b a n a i e j a .



P asaron los años. Este n i ñ o h i z o h o m b r e y c o m e n z ó a t r a b a j a r y e n h u m i l d e h o g a r s i g u i ó a d e l a n t e p o r l a l u c h a d e s u s m o r a d o r e s , p e r o s i e m p r e e l l a l l e v a b a e l t i m ó n y c o n d u c í a s u c a s a c o n t r a e l v i e n t o y r u m b o a l h o r i z o n t e d e s u s s u e ñ o s .

El hijo adoptivo de mi tía C arol i n a .

En el año 1955 l e t o c a l a s u e r t e ; s e g a n a u n p r e m i o d e l a l o t e r í a y e n



q u é p i e n s a l a e m i g r a n t e q u e h a c e c a s i 30 años i v e n e C u b a ; p u e s q u e p u e d e i r a E s p a ñ a , q u e p u e d e v i s i t a r a l o s s u y o s , e s u t i e r r a , s u c a s a , s u s r a í c e s . E m p l e a p a r t e d e l d i n e r o e n c o m p r a r r e g a l o s . E l l a y s u h i j o d e c r i a n z a c o m p r a n l o m á s p r e c i a d o d e t o d o , l o q u e l e c a u s a u n a a l e g r í a s i n l í m i t e s , u n a r a d i o d e r e g a l o p a r a s u h e r m a n o , y s e e m b a r c a . N u e v a m e n t e e s e l a r g o v i a j e e n b a r c o ; s e m a r e a , l l e g a a p u e r t o h e c h a u n d e s a s t r e d e s p u é s d e t a n t o v ó m i t o y t a n t o m a r e o ; p e r o t o d o s a c r i f i c i o v a l e l a p e n a y a q u e v e r á a l o s s u y o s , p o d r á b e s a r a s u m a d r e , p o d r á d e m o s t r a r l e a s u p a d r e l o m u c h o q u e l o q u i e r e a p e s a r d e l a d i s t a n c i a y e l t i e m p o y l l e g a l l e n a d e r e g a l o s p a r a t o d o s .

L a t í a C a r o l i n a c o n l a r a d i o p a r a s u h e r m a n o .

Un familiar de emigrantes

Viví en esos meses con ellos, ¡qué feliz fue!, ¡qué dichain descripi rodeada de los suyos, de los seres que tanto que me y que tantos años ha crecía! Su hermanita pequeña, aquella bonita que ella cuidaba, es y tenía dos hijos, un varón y una delgada niña de 6 años, rubia, de ojos azules, un poco mariaca que ese su bebé con los primeros árboles en denidos de pájaros, hasta que un día se cayó y se cayó a el recuerdo de este accidente mediante una marca en el frente en su muño. Un día me decí de ida, que se la cogió para ella en cuanto la ocasión oíó, tanto, que en todas sus prietas que tratan de acercarse a la tía Carolina; esa niña era yo. Y cuando en aquel momento, no podía imaginar que sería la tercera generación de emigrantes de mi familia y que en aquella tía, desconocida hasta ese momento sería mi segunda madre, la que me dedicaría toda su vida a terminar de criarme a cuidarme, educarme y que erirme como una madre, transmitirme su solcultural leonesa, en enseñarme a amar mi tierra, mis raíces, mis antepasados y ser para mis dos hijos su amante abuelo y mi principal apoyo para su crianza.



Yolanda Librán, cuando tenía 7 años.

Hoy cuando los años después de todo

esto, si en lo que es si amo este país donde he estado así toda mi vida y donde he crecido una familia, también amo a mi patria mayor, España, y a mi terruño, León. Y ¿cómo alguien que salió con 8 años y regresó de visita por un mes, a los 34 y con un hijo de 5 puede sentir y palpar por esta tierra, que si en lo tan mía como la otra? Sólo tengo una respuesta: su desvelo, su educación y sus enseñanzas. Me incluyo todo el amor que siempre he sentido por su patria,

por sus costumbres, por esa cultural tan antigua hoy hermosa que es parte importante de la mía y de los míos; tan es así, que en un caso en un caso si me dan ía española, a pesar de lo mucho que aprendí a que era este país y si siempre me incluyo, con mucho pasión, el no renunciar, jamás, a mi cultura de español a pesar de vivir en otro país, como un hijo adoptado que en un caso en un caso al amor de sus padres. Si siempre se sintió orgulloso de su patria y me enseñó a vibrar con cada trueno de mi patria grande y a dolerme de cada revolución.

Nueve meses estuve en Carolina con los suyos, nueve meses en que estuve todos y cada uno de sus primeros años, nueve meses en que disfruté de sus padres, de sus hermanos, de sus sobrinos. Fue la madre de uno de ellos, al que le puso Fidel, como una muetra más de los unidos que iban esos dos amores en su alma. Pienso que es todo un simbolismo del amor que sentía por la tía

n ob le q u e la h ab ía rec ib id o y h ab ía c re ad o su prop ia fam il ia y rru ño q u e la v i o n a c e r y al q u e h a ol v id ad o, del q u e m a n t i e n y c o s t u m b r e s, q u e n o s ó l o n g a d o a m í y a su h i j o, s i n o t a n n u e s t r o s h i j o s y c ó m o y o n g d í a, c o n su s 97 a ñ o s, a ú n s i g u e r e s i y l u c h a n d o p o r l a v i d a, a p e s a su s f u e r z a s y v a a n g o t a n d o.



En esa época mi padre trab aj en las m i n a s. Su s i t u a c i ó n e c n o e r a n a d a e n v i d i a b l e y s e e s f l u c h a b a p o r q u e m i h e r m a n o v i e r a e s t u d i o s p a r a q u e n u n c u n a m i n a y d i s f r u t a r a l a v i d a n u n c a p u d i e r o n . E s o i m p l i c a f i c i o s, g r a n d e s s a c r i f i c i o s y e z q u é q u e d a b a p a r a l a h e r m a n a n o s ó l o m á s p e q u e ñ a s i n o h e m b t r a d i c i ó n o r d e n a b a q u e l o s a t r a b a j a r f u e r a y b u s c a r e l m i e n t r a s q u e l a s m u j e r e s a t r a b a j a r

su s t e n t o. F i d e l, e l a ñ i j a d o d e m i t í a C a r o l i n a.

en l a c a s a, c r i a r l o s h i j o s y l a b o r a r l a s t i e r r i t a s. P a r a m í, n a d a. S ó l o a y u d a r e n l o q u e p o d í a y e s p e r a r a c r e e r p a r a p o d e r a y u d a r m á s. ¿E s t u d i o s? , ¿n i p e n s a r l o ! , ¿e s c u e l a? , ¿n o h a b ía p o s i b i l i a l g u n a ! E n e s t o s m o m e n t o s l o a n a l i z o y p i e n s o q u é d i s c r i m i n a c i ó n ! , u n a m u j e r n o f u e r a c a p a z d e e s t u d i a r y c o n v e r t i r s e e n u n a e f i c i e n t e p r o f a l i g u a l q u e c u a l q u i e r h o m b r e.

M i t í a s e e n c a r i ñ a c o n m i g o y y o n o l a d e j o n u n c a, l a a c o m p a ñ o d e l a ñ a n a a l a n o c h e y e l l a e n r e c i p r o c i d a d m e d a d u l c e s y c a r i ñ o, e s a s c a r i c i a s e n m i c a s a n o h a y t i e m p o d e d a r m e p u e s m a d r e y p a d r e e s t á n m u y o c u p a d o s. U n d í a m e p r e g u n t a:

- “¿Q u i e r e s v e n i r a C u b a c o n m i g o? ”.
- Y y o, n i c o r t a n i p e r e z o s a l e d i g o:
- “C l a r o q u e s í, ¿c u á n d o n o s v a m o s? ”.

En t o n c e s c o m i e n z a l a o t r a p a r t e, l a d e c o n v e n c e r a l a f a m i l i a q u e d e b y o y n o o t r a p r i m a y o f r e c e r a m i s p a d r e s v e n t a j a s p a r a m í, d e l a s q u e c a r e c e r í a s i m e q u e d a b a. L a p r i n c i p a l e r a h a c e r d e m í u n a p r o f e s i o n a l, d a r m e e s o s e s t u d i o s q u e a l l í n u n c a p o d r í a n i s o ñ a r. A l f i n a c e p t a n . T o d o s d e a c u e r d o y q u e

En el año 2000, mi familia se mudó a Cuba. En ese momento, mi familia estaba en un momento muy difícil y yo estaba en un momento muy difícil. En ese momento, mi familia estaba en un momento muy difícil y yo estaba en un momento muy difícil.



g al leg o a t o d o e spa ñ o l ) q u e v e n í a l u c h a r p o r a b r i r s e u n c a m i n o m e j o r e n t i e r r a , q u e e r a p a r a t o d o s n o s o t r o s l a “ T i e r r a P r o m e t i d a ” .

Del v i a j e n o t e n g o m u c h o s r e c u e r d o s , a u n q u e s í t e n g o g r a b a d a l a d i d a d e m i s p a d r e s , p u e s f u e m u y t r i s t e . H a b í a l l e g a d o e l m o m e n t o d e s e p a r a r n o s y s a b í a m o s q u e p a s a r í a n m u c h o s a ñ o s s i n v e e p e r o e m i o s e a n t e , l a m e n t e d e u n a n i ñ i t a d e 9 a ñ o s , d e u n a n i ñ a q u e n u n c a h a b í a s a l i d o d e u n b l i t o p e r d i d o e n l a s m o n t a ñ a s , n o p o d í a f i j a r t o d o a q u e l l o . E l a v i ó n q u e n u n c a h a b í a v i s t o y a h o r a v o l a b a e n é l , e n c e r r a d a e n t r e t a n t a s p e r s o n a s d e s c o n o c i d a s y e n d o s o l a h a c i a u n d e s t i n o d e s c o n o c i d o . E s t u v e t o d a s e s a s h o r a s t r i s t e , m e r a n d o l a s n u b e s p o r d e b a j o d e l a v i ó n , e l m a r i n m e n s o y p e n s a n d o e n m i s p a d r e s , e n l a f a m i l i a , e n e l y a l e j a n o p u e b l o y p e n s a n d o ¿ c ó m o s e r í a e s e p a r a í s o ? P r o n t o t e n d r í a m u c h a s a m i g a s y m e c o n t a r í a n c o s a s , c a n t a r í a m o s , j u g a r í a m o s y y o e s t u d i a r í a m u c h o y u n d í a r e g r e s a r í a a m i s p a d r e s y l e s d a r í a t o d o l o q u e e n u n c a h a b í a n t e n i d o y a s í e n t r e s u e ñ o s y e s p e r a n z a s l l e g u e a C u b a .

A l b a j a r d e l a v i ó n s ó l o p e n s a b a

e n v e r a m i t í a y c u a n d o l a v e n í a a s u s b r a z o s y l a a p r e t é m u c h o s e n t í u n p o c o p r o t e g i d a a u n q u e e n f o n d o , h u b i e r a d a d o a l g o p o r q u e l l o s b r a z o s f u e r a n l o s d e m i p a d r e s p r i m e r o q u e r e c u e r d o e s q u e e n t o n c e s f u e a r e c o g e r m e c o n u n a v e c u e n e g r a , y y o n u n c a h a b í a v i s t o d e p i e l . V i n i m o s e n u n a u t o d i e s t i n o y y o v i n e s e n t a d a e n t r e l a s d e m u c h o d i s i m u l o l e t o c a b a l a v e r c ó m o s e q u i t a b a a q u e l l a q u e e s a s e ñ o r a t e n í a u n t a d a y c o m o s e l e c a y ó l o q u e m e i n t r i g ó . E n d e s p u é s a p r e n d í q u e h a b í a r a z a s y q u e h a b í a d i s c r i m i n a c i ó n .

E s a n o c h e , c u a n d o m e v i e

l l a c a s a d e s c o n o c i d a , a n a l i z a n d o t o d o l o v i v i d o e n a q u e l l o s d í a s y l o l e j o s . S i b r a n , e n C u b a a l o s 9 a ñ o s . q u e e s t a b a d e l o s m í o s , l l o r é . L l o r é

m u c h o y m u y i n t e n s a m e n t e . M e s e n t í d e s a m p a r a d a , e x t r a ñ é e l b e s o d e m i p a d r e a l d o r m i r , e x t r a ñ é l a s d i s c u s i o n e s c o n m i h e r m a n o , e x t r a ñ é m i h u m i l i d a d c a s i t a , e x t r a ñ é l o q u e s i e m p r e c o n s i d e r é m i v i d a y m i s c o s a s . M i t í a a l v e r m e h a b l ó , m e e x p l i c ó m u c h a s c o s a s , a l g u n a s d e l a s c u a l e s e n t e n d í y o t r a s a l f i n a l l e p r o m e t í n o v o l v e r a l l o r a r y l o c o m p l í , p u e s j a m á s e l l a m e v i o l l o r a



Un a f a m i l i a d e e m i g r a n t e s

y pude estar triste y deseando abrazar a mi querido padre, pero nunca a mí. lloré.

He pasado, en todos estos años, momentos muy amargos. He extrañado mi casa y mis padres, me he sentido sola, desamparada, a veces, incluso cuando estaba por mi forma de hablar que ellas consideraban que en ella eran más ahora, sentía que en cada era mía, que todo era prestado y que en cualquier momento me lo podían quitar.

Mi vida normal comenzó en seguida; una vez en América aprendí a leer y escribir; al comenzar el nuevo curso me presentaron en una escuela del barrio, en segundo grado, y estudié y me dediqué a aprenderlo todo, pues mientras más pronto aprendiera, más pronto regresaría con ustedes para mis padres.

Vivía con mi tía, su esposo y su hijo adoptivo y éramos una familia con cuatro niñas y una tía tenía dos hijos, un varón y una hija, si empre me trató, como una hija. Se dedicó a mí en términos, luchó a mi partido por darme la educación que le había prometido a su hermana. A lo largo del tiempo triunfó la Revolución y entonces se hizo más fácil mi posición estudiar. Me hice ingeniera y posteriormente realicé un Master en



Yo en el uniforme de primaria.

de hecho soy la única universitaria de toda mi generación de primos y primas.

Me casé y seguí viviendo con ella, no regresé. Las condiciones económicas de Cuba habían cambiado mucho y si quisiera viajar a España, el pasaje tendrían que pagarlo mis padres y todavía aún hoy recuerdo el sacrificio para pagarlo cuando yo vine, los años que estuvieron pagando poco a poco la deuda contraída y de ninguna manera les pediría este sacrificio de **Tienvos** hijos que ella me ayudó a criar con amor y desvelos, con una entrega total y completa.

Después de muchos años, con un hijo de 4 años y a los 24 de haber partido de mi tierra vine en Cuba mis padres. ¿Se imaginan qué momento? Ellos nunca habían salido del pueblo y sabíamos a través de las cartas que ellos estaban haciendo las gestiones

n es para ven ir. A v i saron medi  
c ab 1leos det al les del v u el o, pero  
lleg ó c u an do y a est ab an en  
Ese 2 8 de ab ril (me ac u erdo porq  
c u mpl e años de mi padre f u e dos  
despu és), por la mañan a, me f u i  
b ajar y c u an do reg reso en la t  
los en c u en tro en la c asa. Es in  
desc rib ir mi s sen ti mi en tos,



porq u e despu és me lo di jeron , q u e al  
v er los g rit é, me det u v e si n sá b er q u e  
h ac er y despu és c orrí, los ab rac é y  
M i s padres en su v i aje a C u b a, c on mi tía, mi  
esposo y mi h ijo.

llore por esos 2 4 años y h únydes-  
pu és de tan tos años, despu és de h ab er i do v ari as v ec es all á, rec u erdo ese mo-  
men to y me dan deseos de llorar y me v i en en a la men te dos momen tos de mi  
v ida, c u an do sal í de F on tori a c on ellos y c u an do lleg u é a mi c asa, los v  
pu de ab raz ar y b esar despu és de tan t ís i mos años.

Du ran te u n a v i s i t a q u e real iz a el J ef e del G ob iern o español , A dol f  
rez , a C u b a se firma u n c on v en i o en tre amb os países au tor iz ando a los c i  
dan os español es a pag ar el i mport e de su pasaje a España, en mon eda n ac i on al  
y en ton c es, al fin , log ro mi an si ado reg reso en el año 1982 , sól o q u e por u  
mes, pu es y a ten ía formada u n a fam i l i a y deb ía reg resar. En est a oport u n i da  
v i ajamos mi tía mi h ijo y yo, pu es mi h ijo men or aún n o h ab ía n ac i do.

En el aeropu erto de Barajas n os esperab an mi s padres y mi h erman o q u e  
au n q u e v i v ía en C á c eres, h ab ía i do an tes c on la esposa y su s dos h ijo  
poder reu n i rnos todos en el pu eb lo. El en c u en tro c on él, au n q u e lo espe  
f u e marav illoso, ¡c u án tos b esos, llan to, emoci ón !, ¡c u án tos rec u erdos  
ron de pron to despu és de tan tos años si n v ern os en mi h ijo di jo q u e  
ten ían raz ón los padres, n u est ros h ijos parec ían h erman os en lu g ar de pri m  
L a real idad es q u e todos n os parec emos a mi padre.

L a lleg ada al pu eb lo f u e u n a g ran fiest a y a q u e en ag ost o, el pu eb lo  
c ompl et amen tellen o. V en ían a v erme mu ch as person as y me dec ían :

- “¿No te ac u erdas de mí? ”, me dec ían los n omb res, pero en real idad  
n o me ac ordab a de ellos. F u eron mu ch ís i mos pri mos míos, q u e despu és su pe  
q u e ellos tamb ién est ab an de v ac ac i on es en el pu eb lo, pu es est án di sp  
c reo q u e por toda España. V al en c i a, Bil b ao, M adri d, C á c eres, P on -  
f errada, V eg ía, ab ero, Barc el on a, Zamora, Sal aman c a, L u go, L a C oru ña, et c

6 T el eg rama. (N.E.)



Con ellos ha ocurrido una entrevista, también en busca de condiciones y medios de vida.



Del pueblo, aunque ya me habían contado, no logro lo que estaba viendo con lo dejado hacía y a más de 20 años. Ambos eran grandes: agucas, calles asfaltadas y con

Junto a mi tía en una actividad de los leoneses en Cuba.

rias, médico que dar la con su al pueblo, omnibus que cogera los niños, cocinas de gas, coches por

todas partes, escuela arreglada y pintada, las casas llenas de electrodomésticos... y ahora, con tantas comodidades y sin embargo el pueblo está prácticamente vacío, sólo vivimos personas de la tercera edad. Los jóvenes se han ido para las ciudades. Creo que es igual a cincuenta años viviendo en todo el pueblo es mucho. ¿Qué está esto ocurriendo, que sólo en las vacaciones está lleno! Mi pueblo que otros tantos desaparecieron y esto me duele, me entristece.

Con este viaje, se cumplía el anhelo regresado a mis raíces, algo que tanto he significado y aún significo para mí. Al regresar a Cuba, los recuerdos prácticos estaban dormidos al cabo de tantos años de lejania volar a estar presentes en mis pensamientos y extrañen un momento todo el amor cariñoso que disfruté estando allí. Fue tan importante para mí este regreso a tierra y a los míos que, en meditación, comencé a hacer planes para mi regreso y a los míos, pero debido a su alto costo, no lo logré hasta pasados tres años. Hacien dolo un momento con mi primer hijo y a embarazada del segundo.

A partir del regreso, de esta mi segunda visita, se ha rescatado en mi memoria mi primera infancia, he disfrutado mucho de los cuentos, historias anecdóticas referidas por mis padres, familiares y vecinos, he sentido de nuevo mi cultura y las costumbres y que cada regreso se convierten en un momento de los esfuerzos y gestiones necesarias para partir un momento.



Se inclinan fuertemente los lazos familiares y casi olvidados, después de tantos años de ausencia, me convertí en un miembro activo de la familia al llegar a la selección, he estado deseando estar en un momento de las visitas, familiarizando a las viejas costumbres, modos de hablar, dichos y formas de vida, no solamente

En España junto a sus abuelos y tíos.

Una familia de emigrantes

y o, si n o q u e l a s t r a s p a s a t o d a m i f a m i l i a . L o s v i a j e s s e s i g u i e r o n r e p i t i e n c i a d a e x t r a o r d i n a r i a s y l a s p o s i b i l i d a d e s e c o n ó m i c a s m e l o p e r m i t í a n , s i e n d o a c o m p a ñ a d a p r i m e r a m e n t e p o r m i h i j o m a y o r y d e s p u é s p o r m i e s p o s o .

D i s f r u t a m o s d e m u c h o s p r o d u c t o s d e l B i e r z o : d e l b o t i l l o , l a t e r n e r a , l a c e c i n a , l o s p i m i e n t o s , l a s p e r a s , l a s m a n z a n a s r e i n e t a s , d e u n c i r u e l o e n d e m i s p a d r e s , q u e d a t a n t a s q u e l o s g o r r i o n e s n o s a y u d a b a n e n s u c o n s u m o d e l a s b r e v a s , d e l a v e n d i m i a , d e l a r e c o g i d a d e l a s c a s t a ñ a s y t a m b i é n p o r l a c a r r e t e r a v i m o s a l g u n o s e s t a b l e c i m i e n t o s d e d i c a d o s a l t u r i s m o r u r a l .

E n C u b a t o d a m i f a m i l i a h a p a r t i c i p a d o , a t r a v é s d e l o s a ñ o s , e n l a s a c t i v i d a d e s d e l a C o l o n i a L e o n e s a d e C u b a d e l a e p r e s i d e n t a . C e l e b r a m o s e l D í a I n t e r n a c i o n a l d e l E m i g r a n t e , e l d e l a P r o v i n c i a d e L e ó n , e l D í a d e l a A u t o n o m í a , e l A n i v e r s a r i o d e l a f u n d a c i ó n d e l a s o c i e d a d , l a m i s a p o r l a F r o i l á n y l a V i r g e n d e l C a m i n o , e l D í a d e l o s P a d r e s , e l D í a d e l a s M a d r e s , t i v i d a d e s p a r a l o s n i ñ o s e t c . , c o m o m a n e r a d e m a n t e n e r e s t a s r a í c e s , c u l t u r a y c o s t u m b r e s t a m b i é n e n n u e s t r o s d e s c e n d i e n t e s .

E n e l a ñ o 2 0 0 2 m i h i j o m a y o r d e c i d e e m i g r a r . E s p a ñ a n o e s l a q u e y o d e j a h a c e t a n t o s a ñ o s y C u b a n o e s l a “ T i e r r a P r o m e t i d a ” , l a s c o s a s s e h a n i n v e r t i d o y a h o r a p a r a m i h i j o e s l a t i e r r a d e s u s a s c e n d i e n t e s l a “ T i e r r a P r o m e t i d a ” , e l p a í s d o n d e p u e d e l a b r a r s e u n f u t u r o e s e r e s e r a c a s a d e s u s a b u e l o s , a l a c a s a q u e y o d e j é d o n d e m i f a m i l i a l o r e c i b e y l o a p o y a m o s e n a p o y ó a m í ; l u c h a m u y f u e r t e , e s t u d i a , t r a b a j a y s e a b r e c a m i n o c o m u n i c a n t e s .

E s t e e s e l c a m i n o d e l e m i g r a n t e f o r j a r s e , l a b r a r s e u n f u t u r o e r q u e n o e s e l s u y o , a s i m i l a r s u s i n p e r d e r l a s u y a , a m a r a s u e v p a t r i a p e r o q u e r i e n d o a d m á s l a s u y a p r o p i a . C l a r o , m i h i j o u n p a í s d e s c o n o c i d o , c o n o c i d e s d e q u e n a c i ó p o r l o q u e l e c o m o s m i t í a y y o , s o b r e t o d o e l l a c o p a s a b a l a s h o r a s h a b l á n d o l e d e E n d e s u s c o s t u m b r e s , d e s u s c o m i s u s g e n t e s , d e s u h i s t o r i a m á s r e c i e n t e . C o n o c i ó l a p a t r i a d e s u m a d r e a d e a ñ o s y f u e v a r i a s v e c e s d e v i s t a l o q u e a l e m i g r a r l o h i z o a s u p a t r i a , l a q u e s u a b u e l a y s u e n s e ñ a r o n a q u e r e r d e s d e p e q u e ñ



A u t o r i z a c i ó n d e R e s i d e n t e e n C u b a d e L i d i a L i b r á n .

Un a f a m i l i a d e e m i g r a n t e s

Cuba a 9 de Septiembre 1915

Querido hijo: Dios quiere que al recibo de estas líneas  
 os encuentre bien de salud queriendo la nuestra por hoy de  
 Carolina te hean escrito la forma en el momento go  
 moro se venia una cuenta que me hizo falta guardar  
 a madre que entre Italia y Argentina las de los Domingos  
 hearon todo yo por ahora vivo con tranquilidad y duermo  
 Ahora conmigo, este Alvarez y Alberti se aparecen por  
 ir a dormir conmigo, el cura uno día no han conseguido  
 que en ningún otro poble esto se supiera que desde este  
 . Fué en algún día viene la casa ahí la tierra yo me  
 . Jura muy corto de la vida tengo mucha intención de ir  
 a operarme me si se irá a eso están con el maestro  
 de Sillano que él también fue a operarse y me me de  
 buenas salud.

Jura me dice que es la Cruz pero me he de  
 giré primero a Florida gradual.

Bahia ha venido alguna cosa me muerde se a Trope fui  
 la que le fue la mayor parte de las viruelas Sebastian y  
 Amoreira fuere las que estuvieron allí duró y a última parte  
 del día y de la noche duró las viruelas que han alcanzado  
 fui entre el cura y un señor que vino de bien quitaron ese  
 de dar el permiso para morir, como le diere  
 por eso he me te después era enfermedad que me había venia  
 triangular que cuando he la mano para que le separen de  
 prima para que le ayude.

Por hoy me encuentro nada que poner os hean  
 escrito pronto porque mañana a nuestra César y me hean  
 quien escrito

Mi amor con los de toda la familia de agua para  
 Rosalbe y la familia para ella Jura y te venia  
 un fuerte beso y abra de tu padre que me te abra

Luca Jorale

Figura nada tean que poder nada que estar las cosas  
 pajar que la primera que fuere hacer estas cosas  
 los días.

C art a del padre en España a L i da, l a prot ag on i st a en C u b a.

Un a f ami l i a de emi g r an t e s

Cuba a 28. III. 15

Querido hijo y amigos: Dios que al recibo  
 de estas líneas os encuentre bien de salud queriendo  
 la nuestra por hoy de  
 pino ya hace unos días que os hean escrito  
 de una nueva noticia que os hean escrito  
 muy tarde y que a nosotros no se supiere de  
 sorpresa y os que habéis he escrito, como  
 nosotros otros venia fuere desde hace cuatro  
 meses una enfermedad tipo febril y que ya  
 no hallaba ni se le curaba ni se podía hacer nada  
 más de estos días de un día de descansar y  
 de ha separar entre ciertas separación.

Este vital de salud César que ha recido  
 de vacunas de curadas y que no he podido  
 venir al momento de salud por de es los  
 días que llega tarde.

Enlano fuere de os las cosas que hean se  
 fue os venia andamos ya de las cosas para  
 los días del Señor los que esta abpo es  
 la hora de irle.

Tomás me con un nuevo jura y cada a  
 decir más tarde los domingos se abra ya la  
 orden al . D. August ya se ha retirado.

También estamos en la época de la sustancia  
 marina santon veneno y de los de para dar  
 en fecha me muy buena y me hean escrito  
 que una vez más os hean escrito en venia  
 a como antes fuere como antes con ese  
 dos encama de la cama en un poco de  
 sol y a beber sea para de vino aunque  
 esto me ha escrito de muchos que decían  
 y no fue del origen de todo el que, pe-  
 ro de todo fuere se diga todo.

Te madre sup como siempre con la vida  
 todo los días con los días al pose de  
 me en cuando fuere el agua por los  
 comidas y en el fondo del Tuvoro por  
 ago he una especie más o menos de  
 me con siempre.

Nosotros las mandamos de la parte de  
 hemos fuere de los y vosotros el que tal lo  
 habéis fuere este día?

Muchos recuerdos de toda la familia  
 para todos vosotros y vuestros recien un  
 fuerte beso y abra de

Miguel y Amalia

C art a del padre en España a L i da, l a prot ag on i st a en C u b a y a su t í a C arol i n a.

# Cuando salí de mi tierra, 10 de marzo de 1993

Entraba a las 10 de la mañana en la iglesia de San Juan de los Ríos  
que es siempre para mí un momento de memoria y de

María de los Ángeles Lorenz Díaz

A mis queridos y nunca olvidados padres, a mi  
querida madrina que fue mi “madre leche”, a mi  
querida tía Aurora, (tía Yoyo) que fue como una  
madre para mí, a todos ellos les dedico mis memo-  
rias por formar parte muy importante de ellas. ¡Que  
Dios los tenga en la Gloria!

## PRESENTACIÓN

Legada a cierta edad de la vida, cuando el cuerpo se cansa de cargar años  
y la mente se repleta de recuerdos, hay quien aún puede mirar atrás y vivir  
nuevamente su vida, porque como bien dice el refrán: “Recordar es volver  
a vivir” y por esta razón, me complacía contarles la historia de mi vida, como  
tengo mis más íntimos recuerdos de una manera resumida para no abusar de  
su paciencia; pero a la vez, para dejar plasmado en estas páginas todo lo que  
aún guarda mi mente con claridad y lucidez en esta sexa década de mi vida.

Hellorado mucho en este afán de evocar momentos pasados que ya acaban  
dormidos por el tiempo y que, con esta oportunidad, han resurgido inten-  
tamente y me acompañarán hasta el final de mis días. También he visto asomar  
el llanto en los ojos de mi esposo y de mi hija; esa no fue mi intención, pero  
así es la familia, una sólida estructura que se va perdiendo por los años  
de su historia actual.

A través de esta lectura, podrán darse cuenta que en acción viví en P  
Sanabria, provincia de Zamora, hasta los siete años, donde tuve una infancia  
feliz junto a mis padres y cuatros hermanos, además de una numerosa familia  
que me quería y complacía en todo. Disfrutaba mucho jugar con mis  
hermanos y amigas, nos bañábamos en el río, corríamos por el pinar y hacíamos

pelotas y figuritas con la nieta. Como yo ocupaba el lugar entre mis hermanos y era la más pequeña, las hermanas, mi papá me nombra a “mi princesita” y así me llaman desde que nací.

De esta forma trascurre felizmente mi infancia y en mi familia se producen buenos momentos de decisión que tomaron mis padres de emigrar hacia América para conseguir una mejor vida económica por la crisis económica de los años treinta.

Como en Zaragoza la primera etapa triste de mi vida fue dejar atrás la “casa” donde nací, a mis abuelos y a mis hermanos, mis amigos y amigas de jugo.

Aún, en pleno proceso de adaptación a la nueva vida en este país, tuve un momento de tristeza cuando mis padres, ante la crisis económica al momento de salir de España, decidieron que yo quedara en España temporalmente con mi familia. Yo oía a otros provinciales que se iban a América para mí, que quizás, la más dolorosa emigración.

No pretendo solamente reflejar los momentos de tristeza o infelicidad por lo que me pasó en una etapa de mi vida, sino otros de gran felicidad y estabilidad que influyen en mi vida de adulta hasta el presente.



María de los Ángeles Lorenz o Díaz con sólo 6 años de mi vida.

#### M IV IDA EN ESP A ÑA :1941-1949

En Puebla de Sanabria, provincia de Zamora, España, el seis de abril de 1941, Domingo de Ramos, nacimos las niñas Jimena y María de los Ángeles y María Teresa; el día siguiente falleció al año y un mes de vida producto de una enfermedad por bronconeumonía.

Soy hija de un emigrante zamorano, don Ángel Lorenz Iglesias, nacido en el año 1907 en la provincia de Zamora, España, y de una zaragozana Blanca Ciriya Díaz Hernández, nacida en la ciudad de Cárdenas, provincia de Matanzas, Cuba. A los dos, siempre los llevaré en mi corazón y en mi vida.



Mi madre con sus hermanas en los años treinta, cuando aún vivían en esa

<sup>1</sup> Gemelas. (N.E).

bella tierra española y en mí mi querida Puébla de Sanabria hasta años junto a mis padres y cuatros hermanos. Además de una excelente constituida por mis abuelos paternos, con una numerosa descendencia, mi padre y madre, su vez fue mi “madre de leche”, luego alimentó con la leche de otros, con el mismo amor que el con su propia hija, ante la imposibilidad de que mi madre pudo era amamantar a sus dos niñas. Mucho fue de amor me unieron a mi madre y mi “hermana de leche”. Allí se comenzó mi primera niñez al cuidado y de esta numerosa familia.

Uno de mis momentos más felices era cuando los “Tres Reyes Magos” pasaban majestuosos, dos con sus caparajos sobre la nieve y en la noche cuando pisadas al dejarme los juguetes cuando quedo como si fuera un juguete jugaba en la nieve y corría un instante solo. Además, cuando ellos eran mis hermanos mayores llevaban a bañarme en el río, por lo visto que a pesar de que desde mucho esos momentos, en ocasiones sentía mi edad que pasaban un momento largos y extraños entre mí que se seguía oír decir eran angustiosos recuerdo muy profundo que cuando serví fue la imagen de un castillo que veía desde la puerta de mi casa como parte de mi entorno cotidiano. No así hasta la escuela cuando con la edad requerida para el



Con mis padres y mis cuatro hermanos.



Imágenes en las que aparece mi madre.



Imagen del castillo de Puébla de Sanabria en invierno.

Cuando salí de mi tierra, 10 de marzo de 1949



algo muy especial don de fui muy feliz junto a todo aquello que es de lo que yo formaba parte.

Con tabacón sólo 7 años de edad cuando mi vida y la de mi familia experimentaron un brusco cambio. Con gran tristeza recuerdo el día de mi salida de España, junto a mis padres y hermanos, por motivos de la precaria situación económica, la hambrienta, carencia de todo tipo provocadas por la crisis Civil y la II Guerra Mundial. Esos recuerdos son muy vividos y otros que se confunden con el triste suño de una infancia de tan corta edad. Vaya recuerdo cuando mis padres y hermanos mayores me dijeron que pronto iríamos todos juntos para otorgar muy lejano, a vivir con otros tíos y que me iban a quedar muy lejos, donde pasaríamos meses de trabajo y allí tendrían unas amigas para jugar. Recuerdo que esa noticia me triste, pero lo único que en ese día era que me llevarían de allí, y a mi corta edad me fue imposible comprender el significado de esas palabras. Seguramente los días se acercaban a nuestra partida. Recuerdo que me costaba acostumbrarme a las personas no tan allegadas, además de otros familiares y amistades lejanas. Veía cómo iban llenándose los baúles, y las paredes poco a poco quedaban vacías. Eso me llamaba la atención, pues no comprendía bien que pasaba. Aun que mi vida transcurría normalmente, me podía percatar que muy a la tristeza en el rostro de todos. El recuerdo de esa última noche en "casita" nunca lo podré olvidar, pues nadie se acostaba y la casa estaba repleta de personas llorando. El suño debió ser en calma porque cuando desperté era para vestirme y partir, todos lloraban. En este momento de la despedida, recuerdo que sentí algo muy malo y triste que me daba un miedo y que necesitaba un amparo y ayuda en el momento de la partida, corrí hacia donde estaba mi madre, que recuerdo que llevaba puesta una larga falda negra y me detrás de ella, aferrándome a sus piernas y llorando le decía: "madre mía (escúñeme, no dejes que me lleven)". Sentí entonces unos brazos que me rodearon de mi madre, a la que invocaba más tarde a 46 años después. Estos momentos me marcaron para siempre y no los olvidaré nunca en lo que me resta de vida.

Partimos de Puebla de Sanabria el 17 de febrero de 1949. Recuerdo haber estado en omnibus y en tren, algo no evototalmente para mí, y habiendo muchos lugares desconocidos, hasta por último embarcar en un gran barco llamado "Magallanes", y para mí bien, mis padres y hermanos se quedaron conmigo a mi lado tratando de aliviar mis miedos. En ese barco no me sentía cómoda, tenía mucho calor (esto se debe a que vivíamos en tercera clase). Mi papá me llevaba de la mano por todo el barco y me iba haciendo un viaje de fantasías y me enseñaba algunos peces grandes que en adaban al lado. Los días fueron pasando de una forma más entretenida y con ello evitaba



si n t i e r a d e s e o s d e v o l v e r a m i c a s a . F u e r o n 2 1 d í a s i n m e n s a m e n t e l a r g o s e n l o s q u e e l b a r c o h a c í a e s c a l a e n d i s t i n t o s p u e r t o s , m i p a p á y h e r m a n o m a y s e b a j a b a n , y y o , t e m e r o s a , m e a f e r r a b a a l a m a n o d e m i m a m á c o n e l t e m o r d e q u e d a r m e s i n e l l a . C o m o c o s t u m b r e , d u r a n t e l a t r a v e s í a , m i s p a d r e s n o s l l e v a b a n a l a c u b i e r t a d e l b a r c o c u a n d o h a c í a e s c a l a e n l o s d i s t i n t o s p u e r t o s d a r l e s a l o s e s t i b a d o r e s a l i m e n t o s c o m o f r u t a s y p a n e s p u e s n o s d e c í a n q u e e s o s h o m b r e s t r a b a j a b a n d u r o y t e n í a n l e s a n l e v a b a e n m i s m a n o s l o s a l i m e n t o s y r e c u e r d o q u e l o h a c í a c o n t e n t a , p e r o e n e l P u e r t o d e C u r a z o ( C u r a z a o ) , c u a n d o f u i a e n t r e g a r l o s a l i m e n t o s m e e n f r e n t é a u n h o m b r e g r a n d e , d e s n u d o p a r a a r r i b a , m o j a d o p o r e l s u d o r y c o n l a p i e l d e c o l o r n e g r o . N u n c a o l v i d a r é a q u e l t r e m e n d o s u s t o q u e r e c i b í , p u e s d e s c o n o c í a q u e e r a n e x i s t i r p e r s o n a s d e o t r o c o l o r d i f e r e n t e a l n u e s t r o . E l m i e d o q u e s e n t í f u e t a l q u e l e l a n c é l a s f r u t a s y s a l í c o r r i e n d o h a c i a e l c a m a r o t e b u s c a n d o a m a m á .

A s í t r a n s c u r r i e r o n l o s 2 1 d í a s d e e s e v i a j e . R e c u e r d o q u e e n u n d í a ( 1 0 m a r z o ) m i s p a d r e s n o s l l e v a r o n a l a b a r a n d i l l a d e l b a r c o y n o s d i j e r o n : “ ¡ m i r e n b i e n , y a l l e g a m o s a l l u g a r d o n d e v a m o s a v i v i r ! ” .

M i s p a d r e s s a l u d a b a n c o n g r a n a l e g r í a a l a f a m i l i a q u e n o s e s t a b a e s t a n d o : a l g u n o s e n u n a l a n c h i t a a l c o s t a d o d e l b a r c o , y e l r e s t o e s t a b a e n l a m u e l l e . N u n c a o l v i d a r é l a c a r a d e i n m e n s a l e g r í a d e m i m a m á c u a n d o a b r a z a b a a s u s f a m i l i a r e s q u e h a c í a a p r o x i m a d a m e n t e 2 0 a ñ o s n o l o s v e í a . P a r a m í e r a n u n o s e x t r a ñ o s q u e m e a b r a z a b a n y m e b e s a b a n c o n m u c h o c a r í a a l e g r í a , q u e h a b í a b a n d e u n a f o r m a d i f e r e n t e a n o s o t r o s y d e c í a n c o s a s q u e n o e n t e n d í a m u y b i e n . L l e g a m o s a u n a c a s a e n e l m u n i c i p i o d e R e g l a v i v í a u n a h e r m a n a d e m i m a m á c o n s u e s p o s o y m e e x p l i c a r o n q u e a h í í b a m o s a v i v i r t o d o s u n i d o s . P a r a m í e s a c a s i t a e r a m u y p e q u e ñ i t a y s e n t í a q u e n o c a b í a m o s e n e l l a y a q u e h a b í a m u y p o c o e s p a c i o y m u c h o c a l o r . R e c u e r d o q u e e n c o n t r é a l l í u n a s i e n t o q u e s e m e c í a ( e r a u n s i l l ó n ; m e l l a m ó m u c h o a t e n c i ó n y a q u e n u n c a a n t e s l o h a b í a v i s t o . N o s t e n í a n p r e p a r a d o u n a l e q u e n o m e g u s t ó ; p a r a m í e r a u n “ d u l c e ” j u n t o c o n l a c o m i d a , ( s e t r a t a b a p l a t a n i t o s m a d u r o s f r i t o s ) .

C o m i e n z a s í u n c a m a d a p a r a m í , e n u n l u g a r d e s c o n o c i d o , r o d e a d a d e p e r s o n a s q u e i b a n a v e r m e y m e p e d í a n q u e h a b í a r a p a r a o í r m i a c e n t o e n e s p a ñ o l , a p r e t a b a n m i s r o j o s c a c h e t e s y t o c a b a n m i s l a r g a s t r e n z a s , e s a s t r e n z a s q u e f o r m a b a n p a r t e d e m í , p u e s d e s d e p e q u e ñ i t a l a s t e n í a y t u v i e r o n q u e c o r t á r m e l a s a l o s p o c o s d í a s d e m i l l e g a d a p o r q u e d u r a n t e e l v i a j e e n e l v a p o r “ M a g a l l a n e s ” m e l l e n é d e p i o j o s . E s t o p a r e c e s e r a l g o i n s i g n i f i c a n t e , p e r o p a r a m í a l g o m u y t r i s t e , p u e s a s í d e s e n c i l l a s “ e r a n m i s t r i s t e z a s ” . F u e a l g o m u c h o q u e e n u n s i m p l e c o r t e d e c a b e l l o y s u m a d a s t o d a s l a s p é r d i d a s a n t e r i o r e s . . . ! A h o r a v e c e s m e d e c í a n e n l a c a s a : “ N e n i c a , v a m o s a b a ñ a r t e ” , y y o l e r e s p o n d í a c o r r e



Mimu ñeca M aruchita.

b ell ísima mu ñeca como nun ca antes hab ía visto, y un a cart erita de c on 100 c entav os den tro, me sen tími llon ari a. A esa mu ñeca la nomb raron el inicio, M aruchita. No rec uerdo el porq u élla llamé así. Si empre la llevé mi go y aún en la ac tu alidad la ten go ju nto a mí como alg o mu y val io so. rec uerda esos días de mi lleg ada. A pesar de tan tas at enc ion es y c ari ños de mi n u estra familia, rec ordaba mu ch o a mi c asita y familiares de España, y qu e yo vol v er con ellos, los ex trañaba mu ch o.

M ILL EGA DA A C UBA .10 DE M A R Z O DE 1949. M UY P O  
P A R A T A N T A S A Ñ O R A N Z A S

No qu iero dar por t ermi n ada esta h ist oria sob re mi despedida de España, v iaje y lleg ada a esta tierra cub ana, con solo si et e años de edad, sin dej ar men cion ar alg o qu e para mí represen tó la parte más tris te de la emigrac ión de España, sin o qu e v i aza qu e en C uba y aún b ajo los sufrimien tos de desarraig o de la patria, de mis raíc es, en mi adaptac ión ex traña de v ida, todav ía ten dría qu e en fren tar momen tos mu y tris tes y du ros, p eñía A uro ra y su esposo tomaron la dec isi ón de irse a v iv ir a otra prov in cia. Le plan tearon a mis padres el deseo de llev arme con ellos. De esta forma, les ay u darían an te la prec ari a situ ac ión ec on ómica qu e en fren tab an t alimen tar, educ ar y cri ar a los 5 hijos y en con dic ion es de hac in ami nta más, pu es vale men cion ar, qu e en esa casita de sólo 2 peq ueñas hab itac iónes para dorm ir, v iv íamos 9 personas. La dec isi ón fu e mu y du ra y dif ícil para mis padres, qu ien es deseab an man ten er un ida a la familia qu e hab ían con o cido y qu e sufría y a los efec tos de la emigrac ión. Sin embargo, a pesar, permiti eron

C uando salí de mi tierra, 10 de marzo de 1949

que la tía Aurora me llevaba a ver a los abuelos a la provincia de C amag u pu eb lito de campo, en un c er c arero desactivado n omb rado V mu y lejos de la ci u dad de L a H para allí c u idarme y educarme c la h ija que en un c a pu di eron

A pesar de que esa tía lleg ó con el tran sc u rso del tiempo c madre para mí, aq u el día de la sep rac i ón de mis padres y h erman c el momen to más tris te de toda mi y qu iz ás el que más h u ella pu es para mí con stit u y ó la seg más dol orosa “emigración”, po en est e caso se trat ab a de al ej arm c al or de mis padres y h erman os eran la ún ic a familia, fu en te



seg u ridad y amor que me qu edab a a

tan poca edad, para ser llevada a G ot m i s t í os en V el asc o.

lugar desc on ocido con personas que

nunca había visto, lo que me generaba miedo y tristeza. La separación de la familia fue dura y triste para mí; algo que yo no quería pero que tuve que aceptar.

#### M IV IDA EN V EL A SC O , C A M A G ÜEY (1949-1954)

Partimos hacia V el asc o en tren y n u ev am en te ex peri men tó los temo lo desc on ocido, pero en est e caso, sola, sin la presen c ia prot ec tora de mis padres y sin ten er la man o de mi mamá para que c al mara mis m edos como h ast a ese momen to si empre h ab ía h ec h o.

Después de un larg o vi aje, don de mi tía me i b a dan do án i mos y c a r i ñ o, llegamos finalmen te a “ot rac asa”, que sería “mi nu ev o h og ar”. No pu edo desc ribirla sen sac i ón de desamparo y sol edad tan gran de que sen t í esa n oc h e que, por pri m eza en mi v ida, dormiría sola y además en un lugar desc on ocido, en un a c a ma que me parec i ó in men samen te gran de, y ex t rañé mu c h o ese momen to n o est ar “api ñada” con mis h erman os como era mi c ost u mb re.

En est e lugar me en fren té a n u ev as situ ac ion es con personas y n i ñ os riosos que me rodeab an para hac erme h ab lar y oír mis diferen tes palab ras y ac en to español, de ah í que allí me n omb raran tamb ién “la G alleg u ita”.



Con mi tía Amparo.

Est atía me crió con mucho amor, me formó y educó con gran cariño, como mi segunda madre y nunca la olvidaré, pero totalmente ajena a mis costumbres y a la vida que había dejado atrás en España, por lo que no podía vivir mis añoranzas y mantener vivos mis recuerdos más felices. Así, esos recuerdos, se fueron empañando durante los 5 años de mi vida junto a ella, donde nunca más pude hablar con nadie sobre mis familiares de España, amigos de juego, mis canciones, todo lo que riquela vida a esa edad; sólo me quedaba la compañía de mi muñequita. Maruchita como lazos que me ataban a mi familia lejano y me refugiaba.

Allí empezé a asistir a la escuela por primera vez, me ubieron en un grado correspondiente a mi edad y no a mi situación, por esta razón el aula me sentía totalmente ajena al grupo, no en ningún día de lo que escuchaba y eso me hizo sentir "perdida", sin querer hablar para que no se de mi forma de nombrar las cosas.

Un triste recuerdo que no se borra de mi memoria fue cuando con mi tía, pensando que yo era necesario llevarme ella a la escuela, me acompañó y recuerdo que me vi sola en el camino sin saber para dónde ir. Sentí mucho miedo y mi cuerpo comenzó a temblar, hasta que alguien tomó de la mano y me llevó para la escuela. Fueron momentos duros donde ansiedad y necesidad estar al lado de mi familia. No recuerdo que ella se preocupara por pesarme, sentir tanta soledad y tristeza; no era capaz de pedirle algo a mi tía aún cuando sintiera algún tipo de mal estar y al tener frío en las noches de invierno, me quedaba calladita y acurrucadita porque me daba pena llamarla; sólo deseaba que mi mamá estuviera a mi lado.



Foto de juventud de la autora. El tiempo no abacongrantristeza que todos, hasta el día de hoy.

Me conduje a la investigación, la timidez, la inseguridad y el temor a todo. El tiempo y el amor de mi tía ayudó a que mi vida poco a poco se fuera estabilizando. Durante estos 5 años que viví en la provincia de Camaguey, mi mamá y mi tía mantenían correspondencia por correo frecuentemente y así procuraban que yo no sintiera abandono por mi familia, pero eso no era suficiente para mí. ¡Sólo veía a mis padres y hermanos un mes al año, en mis vacaciones escolares! Al estar entre ellos durante este corto

el más pequeño, con servab a su español que ya en mí se había ido, así como cantaban las ca de Puebla y mencionaban a por sus nombres, mientras que con servaba el recuerdo de un castillo que veía desde la puerta casa, acompañado de algunas personas y varios recuerdos de mi familia.



A los 13 años de edad y a era un adolescente feliz adaptada al que la vida me había impuesto terminar el sexotgrado, sin más habilidades de continuar este estudio puéblito de campo, mis padres y decidieron enviarme de regreso a la

tal para dar continuidad y cumplir mi misión. La autora del relato de adolescencia. estudio. mi familia tenía un mejor nivel económico, por lo que se pudo en frenar mi retorno al hogar.

Este regreso a mi casa, junto a mis padres y hermanos fue siempre muy deseado por mí y viví con ellos muy feliz hasta los 17 años que me casé, con titúmi propio hogar y tus vedos hijas y dos nietos, a las que les enseñé el amor por mi añorada y siempre recordada patria.

Le doy gracias a Dios, porque después de haber tenido una etapa de niñez con tantos momentos de infelicidad y tristezas como resultado de "dos emigraciones" (España-Habana-Camagüey), y a adulta, he sido premiada con cosas, y

además tuve la oportunidad, por la acción de la Diputación de Zamora el año 1995, de formar parte del Programa Añoranza y volver a mi querida Puebla. Allí pude reencontrarme con mi numerosa familia, por lo que me fue un placer finalmente en la "casita" que me ofreció, a su puertacomo vive se había hecho un doer.



Quiero resaltar que eso pasó fue algo muy importante, porque yo

La autora con sus amigas en La Habana.

C u a n d o s a l í e r e t i e n d o m a r z o d e 1949



En Puebla de Sanabria en 1995.

v eía si empre a otras personas señal ar la casa donde habían nacido y vivido, y sin embargo, yo nunca pude enseñarle a nadie, ni a mis hijas, esta casita; si empre he sentido como si en la historia de mi vida se hubieran perdido los primeros siete años.

No pude describir con palabras lo que sentí cuando, al cabo de 46 años de ausencia, ~~pu~~ eché a la realidad

este deseo, en el que también pude abrazar y besar a mi querida madre. “madre de leche” nombra María Creso, que e

me recibí con gran cariño y se con-  
sombra du rante toda mi estancia allí.  
t tiempo de mi regreso ella fallece, pero mandan las fotos junto a ella como último

También tu v eladicha de volvertrarme con mis tías y primos. Sentí encomo si hubiera “vuelto a nacer”. A el majestuoso castillo, que me sorpre-  
que en ololvitan inmenso como esterecuerdos. Además, caminé por el pinto tan tantas veces recorridé de pequeña, mis llenaron de todas aquellas imágenes (sic) por el tiempo y me sentí renacer.

Como culminación de este trabajo presenté a aquellas muñecas que regalaron a mi llegada de España, a quien “Maruchita” y que he sido parte inmi vida, en las dichas y en las trist aún me acompaña a los 66 años de edad.

La historia que anteriormente te lesentado he sido solamente, una parte de que se relacionó con mi emigración. presa mis primeros años vividos en mi q. Puebla, hasta los siete años, así como latos sobre el traspaso del viaje y a Cuba, los cuales narré hasta mis por los acontecimientos traumáticos con secuencia de la emigración.



Con mi muñeca Maruchita.



A c on t i n u a c i ó n , l e s r e l a t a r é l a h i s t o r i a d e t o d o l o o c u r r i d o h a s t a e s t e m e n t o y d a r l e s a c o n o c e r q u e a p e s a r d e h a b e r p a s a d o e n m i n i ñ e z p o r t a n t o s m o m e n t o s t r i s t e s , p u d e s u p e r a r l o s y e n c a u z a r m i v i d a c o n v i r t i é n d o m e e n a d o l e s c e n t e y a d u l t a e m o c i ó n a l m e n t e s a n a y e s t a b l e .

A l o s t r e c e a ñ o s c u a n d o y a r e g r e s é d e l C e n t r a l V e l a s c o , C a m a g u e y v o l v í a u n i r a m i s p a d r e s y h e r m a n o s d á n d o l e c o n t i n u i d a d a m i s e s t u d i o s .

U n m o m e n t o m u y f e l i z d e m i v i d a q u e n o p u e d o p a s a r p o r a l t o f u e l a c o l e b r a c i ó n d e m i s q u i n c e a ñ o s , c o n u n a s e n c i l l a y l i n d a f i e s t a c o m o s u e q u i n c e a ñ e r a , q u e c o n m u c h o c a r i ñ o m e o r g a n i z a r o n m i s p a d r e s , a l a q u e t o d a m i f a m i l i a y m i s n u e v a s a m i s t a d e s .

M e g r a d u é a l o s d i e c i s e í s a ñ o s d e S e c r e t a r i a d o C o m e r c i a l a d e m á s d e t a q u í g r a f a y m e c a n ó g r a f a . A l o s d i e c i s i e t e a ñ o s c o n t r a j e m a t r i m o n i o a ú n s e m a n t i e n e d e s p u é s d e 4 8 a ñ o s . F r u t o d e e s t a u n i ó n n o s n a c i e r o n i ñ a s .

M i v i d a p o r e s a é p o c a s e c o n t r o f u n d a m e n t a l m e n t e e n e l c r i a n z a y e d u c a c i ó n d e m i s p a d r e s p a r a e s t o c o n t é s i e m p r e c o n l a a y s a b i o s c o n s e j o s d e m i q u e r i g r a , L u c i t a , e n m i f o r m a c i ó n a m a d e c a s a y m a d r e , d a d a m i c o e d a d e i n e x p e r i e n c i a a l m o m e n t o m i m a t r i m o n i o a u n q u e n o v i l l a m i s m a c a s a , p u e s v i o e n m í a l



q u e n u n c a t u v o , y s u p o c o m p r e n d e r m i s a ñ o r a n z a s , p o r q u e e l l a t a m b i é n l a c o l e b r a c i ó n d e m i 1 5 c u m p l e a ñ o s . c o i n c i d e n t e m e n t e , e m i g r ó d e G a l i c i a a C u b a a l o s 7 a ñ o s d e e d a d .

E n e l a ñ o 1 9 7 2 c o m e n c é a t r a b a j a r e n e l s e c t o r d e l a S a l u d P ú b l i c a c o n j u n t a m e n t e , v i n c u l a n d o c o n e l e s t u d i o , m e g r a d u é c o n n i c o m e d i o e n P s i c o m e t r í a ( t r a n s a n d o c o n t e s t a m e n t a l e s ) . C o n t i n u a v i d a l a b o r a l d e n t r o d e l a S a l u d P ú b l i c a h a s t a m i j u b i l a c i ó n e n e l a ñ o 1 9 9 5 . D u r a n t e e s t a e t a p a d e m i v i d a m i h i j a s t a m b i é n c u l m i n a r o n s u s e s t u d i o s .



El día de mi boda.

C u a n d o s a l í d e m i t i e r r a , 1 0 d e m a r z o d e 1 9 4 9



C u an do sal í de mi t ierra, 10 de marz o de 1949



El día de mi boda.

c omo v olv er a pi sar t ierra españa. A llí c elebramos las f ec h as m orat iv as de n u est ra soc iedad y reg ión de C astilla y L eón . S P resi den te, el señor Serg io R al y el resto del ejec utivo nos u na esmerada at enc ión y real t odo momen to n u est ra c on di c emi gran tes. Nu est ra f elic idad mayor c u an do en las f ec h as i r t es ac u den los mi emb ros de la Di pu ta-

L a mayor se gradu ó de L ic en ciada en P sic ol og ía de la Sal u d, pasan do a t r a b a j a r c o m o P sic ól o g a e n u n H ospit al . L a más peq u eña se h iz o l ic en ciada en E d u c a c i ó n y c o m e n z ó su v i d a l a b o r a l c o m o p r o f e s o r a de N i v e l M e d i o S u p e r i o r . L a s d o s c o n t r a e n m a t r i m o n i o . M i h i j a m e n o r , q u e s e q u e d ó v i v i e n d o e n n u e s t r a c a s a ; e n 1990 t u v o a s u h i j o ; y l a m a y o r , q u e a l c a s a r s e s e f u e a v i v i r a l a c a s a d e s u a b u e l a p a t e r n a , t u v o e l s u y o e n 1991.

E n e l a ñ o 1995 c o n o z c o , p o r p r i m e r a v e z , s o b r e l a e x i s t e n c i a d e u n a s o c i e d a d z a m o r a n a y a l l í a c u d í p r o n t a m e n t e p a r a p e r t e n e c e r a e l l a . N o s a s o c i a m o s t o d o s m i s h e r m a n o s y m i n ú c l e o f a m i l i a r . A p a r t i r d e e s e m o m e n t o s e n t í a q u e y a v o l v í a a t e n e r “ u n p e d a c i t o d e Z a m o r a ” a d o n d e p o d e r i r a c o m p a r t i r c o n m i s c o t e r r á n e o s y f u i m u y f e l i z . A p a r t i r d e e n t o n c e s e x p e r i m e n t é s e n s a c i o n e s y e m o c i o n e s c o m o h a c í a a ñ o s n o s e n t í a , e r a



C on mi su egra L u c i t a .

ción de Zamora a celibrarlas junto a  
 dándonos muchas de gran cariño y lle  
 de atenciónes; eston os llenade reg oc  
 sentimos que n osomos olvidados por Es  
 esto reconforta muchonuestros cora  
 via en algo n uestras grandes añoran z  
 mismo año, 1995, fuiselecciónada ju  
 hermanofrancisco, mayor que yo,  
 el Plan Añoranza que n osllevaría a  
 en Zamora, a n uestras lugares de orig en  
 con tramos con n uestras familiares,  
 lugares históricos de Zamora. F ueron  
 maravillosos e inolvidables. Hac ía 4  
 hab íamos salido de España y n oes posi b l  
 vés de estas líneas poder describir n uestr



tími en tos al pisar de n uevolatierra que n os vio  
 nacer. ¡Cuánta alegría in v adía n uestróscoraz ó  
 nes!, cuando sentimos que las ru edas del av ión

M is hijas y su s hijos.

tocaban el suelo patrio mi hermano y yo n os abrazamos llorando y él me di  
 “Y estamos en tierra de España”; n os parec ía in creíble estar de n uevolallí.  
 Nos trasladaron en un autotour muy cómodo rumbo a Zamora, y cuando íbamos  
 por la carretera al pasar por Puebla de Sanabria, pararon el autotour y n os dije  
 ron: “¡Ahítien en a su Puebla!”. ¡Qué emoción tan enlmen sa sentimos a  
 lej os el castillo, que es como decir “¡Puebla!”, prácticamente el mayor y  
 claro recuerdo de mi niñez, allí con lágrimas en los ojos n os pusimos a can

la canción de n uestra Puebla, lo que emoción ó  
 mucho también al grupo que n os acompañaba.  
 Estagran alegría se la debemos a la Diputación  
 de Zamora que in costó toda n uestra es  
 nos colmó de innumerables atención  
 pues jamás por n uestros medios hubiéramos  
 podido realizar ese viaje.

Allí pasamos días inolvidables,  
 túlándonos con actos, banquetes  
 brindándonos mucho afecto. Nos c  
 n uestras más mínimos deseos y lograr  
 hacernos sentir como verdaderos Rey  
 sabían el significado que tenía para  
 de n osotros todo lo que n os hacían. T  
 Puebla español n os recibió con gran cari  
 ño, n os



M is hijas y su s hijos.

C uando salí de mi casa el 10 de marzo de 1949



Durante en esta estancia en España junto a mi familia en el todavía alcalde de Puebla de Sanabria, Fernando Fernández.

nombrosos “los expedicionarios”. Es por todo esto que mi agradecimiento hacia la Diputación de Zamora es y será siempre eterno. Hasta esta etapa de mi vida puedo concluir que me siento muy feliz.

Pero en el año 1997 nuevamente su otro brote y triste golpe, pues mi hija menor, que vivía en nuestra casa con su esposo y nuestro primer

nieta de siete años, toma la decisión de cambiar su vida en busca de nuevos horizontes y bienestar para ellos. El día 27 de diciembre del año

1997 en horas de la madrugada después de haberlos despedido, pasó sobre nuestras cabezas un inmenso avión que se llevaba trozos de mi vida. Que en medio de llantos nos abrazamos todos y pedimos al Señor un pronto reencontro. Mi corazón se rompió al verlos partir a otra tierra lejána, donde nos sumidos en una gran tristeza y soledad.

Esta decisión de mi hija fue un

golpe muy duro para nuestra familia que hasta esos momentos se mantenía unida como una “piña” y ya se estaba a desmembrar. Para mí fue más dolorosa aún, porque en esos momentos se repitió mi historia a gran escala en la vida de mi nietecita cuando coincidentemente ella se fue. Los mismos que yo cuando emigré con mis padres y hermanos. Es por eso que puedo comprender, más que en otros momentos que estoy intentando pasar al dejar atrás “su casita” donde habían nacido y a sus abuelos, lo mismo a mi mamá, sus primos, nietos, sus tíos y amigos y al verlos partir vinieron a acompañar los momentos de mi salidapañña. Fue entonces cuando



comprender verdaderamente a mis queridos abuelos y a mi familia cuando yo me fui y o con nosotros nieta que entonces tenía siete años.

litos y sentí en carne propia cuando fueron sus ~~padres~~ ~~padres~~ para todos al  
siempre a su hijo con sus cinco nietos por motivo de la emigración.

A partir de la vida de mi hija y nietos se quedó una parte de mi vida vacía  
me he empeñado en mantener vivos los recuerdos de ese niño a través de una  
comunicación constante con ellos. Le recordaba lo que tenía aquí, los  
fotos de su casa, su cunita, sus juguetes preferidos, le enseñaba a sus amigos  
tíos... Todo esto lo hice y aún los sigo haciendo con el firme propósito de que  
olviden a su abuela y a la tierra que lo vio nacer, pues no quiero que  
lo mismo que yo pasé, que se le empañen los recuerdos de sus primeros siete  
años de su vida como me ocurrió a mí. Gracias a Dios todavía me queda aquí  
en Cuba mi hija mayor y mis nietos y ellos me acompañan en todo momento.

La emigración, como fenómeno histórico social de todos los tiempos, ha  
sembrado en las familias el dolor, la desesperanza y el desconsuelo sin par,  
al provocar su desmembramiento. Es la familia la encargada de regular y  
runtizar el crecimiento, el desarrollo y el equilibrio emocional de cada  
de sus integrantes, cumpliendo no sólo funciones reproductivas, sino  
económicas, afectivas y socializadoras que proporcionan salud y bienestar  
a todos sus miembros por individual y a la familia como grupo. Es conocido que  
la familia es el primer grupo al que se inserta el individuo al nacer y es  
precisamente, donde se forman sus valores, sus principios, donde se produce  
el aprendizaje, se transmiten creencias, hábitos, actitudes y conductas  
saludables, además de mucho amor.

De aquí a la familia Lorenz Díaz, constituida por siete miembros, que

10 de marzo de 1949 llegamos a Cuba,

solamente quedo yo en este país.

Los padres fallecieron, tres de mis hijos

no retornaron a España, uno de

cuales falleció recientemente

manera mayor murió hace años y

aquí en Cuba. Mi esposo tuvo

una facción y alegraría de poder obtener

ciudadanía española por acogerse

de su madre que era nativa de Galicia

y esto ha sido un lindo acontecimiento

que nos ha unido aún más en

matrimonio de 48 años. Le estoy

agradecida al Gobierno español

ayuda económica que me brinda

me permite vivir los últimos años de

mi vida con seguridad y estabilidad

antes de marcharse, su primo, también  
nietos y un amigo.



Cuando salí de mi tierra

P or ú l t i m o , m i s a g r a d e c i m i e n t o s a l G o b i e r n o d e E s p a ñ a p o r n o o l v i d a r a e m i g r a n t e s , a l a D i p u t a c i ó n d e Z a m o r a p o r m a n t e n e r s e s i e m p r e a l t a n t o d e n o s o t r o s , b r i n d á n d o n o s t o d o t i p o d e a p o y o y a f e c t o , a l a C o l o n i a z a m o r a C u b a , a m i e s p o s o e h i j a m a y o r q u e m e a p o y a r o n e n t o d o p a r a h a c e r e s t e t r a b a j o . E n e s p e c i e n t e a ~~Sr.~~ D o n J u a n A n d r é s B l a n c o R o d r í g u e z , q u e n o s h a d a l a p o s i b i l i d a d d e n a r r a r n u e s t r a s h i s t o r i a s , p a r a q u e d e e s t a f o r m a q u e d e n e m e m o r i a d e a m b o s p a í s e s y c o n s t i t u y a n u n l e g a d o p a r a l a s f a m i l i a s . A t e n e r e n m i m á s p r o f u n d a g r a t i t u d .

# La historia de un emigrante zamorano en las páginas de sus días

María de los Ángeles Lorenz o Díaz  
y Alina de los Ángeles Casaco Lorenz o

*A nuestro querido padre, emigrante zamorano,  
protagonista de esta historia y autor de nuestros días*

## Canción de "Puebla"

La Puebla, la más bonita que si tuviera dinero,  
población incomparable, lo alto del castillo  
te quiero más que a mi vida, etra de oro  
como a mi querida madre. pondría un letero  
Y de rodillas te juro decirte: tú eres la Puebla,  
la más bonita del mundo entero.

## INTRODUCCIÓN

Puebla de Sanabria es una de las más antiguas localidades zamoranas documentadas por primera vez en el año 509, a raíz de unas actas del concilio de Lugo. En el siglo X existía una "urbe Senabrie".

Es posible que ya en entonces existiera algún tipo de fortificación en Puebla, llevada a cabo por los reyes leoneses en su avance hacia el sur, aunque falta total de datos y vestigios históricos y arqueológicos que lo confirmen. Hacemos aquí un intento de reconstrucción de su historia.

<sup>1</sup> Una versión muy similar de este relato, bajola autoría de Ángel José Lorenz o Díaz y Ciriaco Esther Lorenz o Díaz y María de los Ángeles Lorenz o Díaz fue publicada en BLANCO RODRÍGUEZ (ed). *De Zamora a América. Memoria de la emigración zamorana I* Zamora: UNED, 2007, p. 165-194, con el título de "La vida de un emigrante. Un ahistorado para no olvidar con toda por sus hijos". En el presente relato se introducen algunos cambios pero no se duplican aquí las fotografías editadas en entonces. (N.E).

Desde 1132, al menos, la villa y acantonamiento del castillo plenario antes referido, documentado a través de sus dueños, un alargado aporte por Gómez Moreno que se iniciaba en el año de 1132 con el conde Fernán Díez y su hermano Ximeno; en 1150 ostentará ese cargo Roderic, señor de "Sanabria et de Carvalada". De 1158 a 1161 Poncede Cabreray Rodrigo Pérez de Sanabria serán los dueños de la fortaleza.

Lo que ~~una~~ leeración ~~en~~ ~~el~~ ~~3~~ ~~años~~ ~~de~~ ~~edad~~. La misma ~~se~~ ~~en~~ ~~tu~~ ~~tre~~, ~~no~~ ~~sólo~~ ~~de~~ ~~en~~ ~~u~~ ~~est~~ ~~ros~~ ~~rec~~ ~~u~~ ~~er~~ ~~dos~~ ~~y~~ ~~v~~ ~~iv~~ ~~en~~ ~~ci~~ ~~as~~ ~~j~~ ~~u~~ ~~n~~ ~~t~~ ~~o~~ ~~a~~ ~~él~~, ~~si~~ ~~no~~ ~~q~~ ~~u~~ ~~e~~ ~~est~~ ~~á~~ ~~b~~ ~~as~~ ~~ada~~, ~~ade~~ ~~n~~ ~~arr~~ ~~ac~~ ~~ion~~ ~~es~~ ~~q~~ ~~u~~ ~~e~~ ~~c~~ ~~on~~ ~~su~~ ~~pro~~ ~~pi~~ ~~o~~ ~~pu~~ ~~ño~~ ~~y~~ ~~l~~ ~~e~~ ~~t~~ ~~r~~ ~~a~~ ~~d~~ ~~e~~ ~~j~~ ~~ó~~ ~~e~~ ~~s~~ ~~c~~ ~~r~~ ~~i~~ ~~t~~ ~~a~~ ~~s~~ ~~e~~ ~~n~~ ~~pag~~ ~~i~~ ~~n~~ ~~as~~, ~~en~~ ~~das~~ ~~y~~ ~~a~~, ~~q~~ ~~u~~ ~~e~~ ~~c~~ ~~o~~ ~~m~~ ~~o~~ "Díarios" ~~at~~ ~~es~~ ~~o~~ ~~r~~ ~~a~~ ~~m~~ ~~os~~ ~~e~~ ~~n~~ ~~u~~ ~~est~~ ~~ro~~ ~~po~~ ~~de~~ ~~r~~ ~~c~~ ~~o~~ ~~n~~ ~~mu~~ ~~ch~~ ~~o~~ ~~c~~ ~~ari~~ ~~ñ~~ ~~o~~ ~~pre~~ ~~t~~ ~~e~~ ~~n~~ ~~d~~ ~~e~~ ~~m~~ ~~o~~ ~~s~~ ~~com~~ ~~part~~ ~~ir~~ ~~c~~ ~~o~~ ~~n~~ ~~e~~ ~~l~~ ~~l~~ ~~e~~ ~~c~~ ~~t~~ ~~o~~ ~~r~~, ~~ap~~ ~~e~~ ~~l~~ ~~a~~ ~~n~~ ~~d~~ ~~o~~ ~~a~~ ~~su~~ ~~sen~~ ~~s~~ ~~i~~ ~~b~~ ~~i~~ ~~l~~ ~~i~~ ~~d~~ ~~a~~ ~~d~~ ~~a~~ ~~y~~ ~~pac~~ ~~i~~ ~~e~~ ~~pu~~ ~~e~~

En su primer ~~di~~ ~~ari~~ ~~os~~ ~~rel~~ ~~a~~ ~~t~~ ~~a~~ ~~det~~ ~~al~~ ~~l~~ ~~ad~~ ~~a~~ ~~m~~ ~~e~~ ~~n~~ ~~t~~ ~~e~~ ~~l~~ ~~t~~ ~~r~~ ~~a~~ ~~n~~ ~~s~~ ~~c~~

que estas fueron las primeras amargas experiencias de la emigración.

A pesar de tantos momentos duros y tantas tristezas, el carácter de nuestro padre siempre fue muy alegre, era muy locuaz, muy típico de un español. Con servaba sus dichos en raíces en él y si siempre mantuvo relación por escrito con su



Imagen del castillo de Puebla de Sanabria.

La historia de un emigrante y su amor en las páginas de sus diarios



famili a de España. C u an do l l eg ab an l as c art as era c omo un día de fiesta, n os l as l eía en voz al ta, c on ese c ari sma q u e t en ía y n os c ol mab a de g ran al eg ría, parec ía c omo si n os h ic i era un g ran c u en to. No h u b o un a f ec h a i mportante su P u eb l a de San ab r i a q u e dej áramos de c el eb rar en c asa, au n q u e fu era c omún i mas c on di c i on es, pero eso sí, l len os de su s rec u erdos, eso n un c a l o ol vidaremos. L a v i da en C u b a t ran s c u rri ó f el i z , pero sab emos q u e si empre l l e den t ro a su t ierra dej ada at rás.

En el año 1975, c on 71 años de edad, ~~puerto~~ su eñ o h ec h o real i dad, pu es l a fami l i a, c on oc i en do de su g ran deseo de v ol ver, l eg est i on ó c on c amen t e un v i aje de v i si t a por t res meses. Nos c on t ó de su i n men sa f el i c i da v ol v er a en su s fami l i ares y ami g os, desan dan do c ami n os sob re su s propi as h u el l as y a b orradas por el fr ío de t an t os i n v i ern os, ab r i en do pu ert as q u e t a v ec es at rav esó y q u e n un c a est u v i eron c erradas para él y don de en c on t v ezmás, q u i z ás l a ú l t i ma, ese ab raz o t an n ec esari o para el al ma y q u e por t an t os años esperó, q u e fu e c omo reg resar t amb i én pero en el t i empo, a su s años moz os y desb ordarl on d e w á da. Di sf ru t ó de ese v i aje h ast a el c an - san c i o y l as f ot os h ab l an por sí sol as c omo t est i g os mu dos de ese t i empo q u e c ol oró su s ú l t i mos años, pu es n o h u b o más en c u en t ro c on ellos. Sob re es v i aje esc r i bi ó su seg u n do di ari o q u e t i tuló "Impresi on es de mi v i aje a Españ f ec h ado el 7 de di c i emb re de 1975 del q u e podrá di sf ru t ar más adel an t e. En el año 1976 se ac og e al aju b i l ac i ón y el 6 de may o de ese mi smo año c el eb ramos su s Bodas de O ro en g ran de. El amor en t re el español y l a c u b an a aún se man - t en ía i v como el pri mer día y así fu e h ast a q u e en el año 1982 f al l ec e c on 78 años de edad n u est ro emi g ran t e z amoran o, n u est ro q u eri do padre rodeado de su esposa, h i j os y ni et os, l len os de amor.

A l rel at ar l es est a h i st ori a se h an despert ado en n os ot ros g ran des rec u er - dos q u e y ac ían dormi dos. ¡C u án t os días sen t ados a un a mesa rev i san do pape - les amari l l os esc r i t os c on su pu ñ o y l et ral !, c art as raídas por el t i empo, f ot os si n c ol or, c ada un o de n os ot ros ah og ados por l a f el i c i dad de desc u b r i r q u e n a h a si do ol v i da do a pesar del t i empo t ran s c u rri do. C on est e t rab ajo n os h emos sen t i do mu y f el i ces, porq u e al t en er l a posi b i l i dad de h ac er l a h i st ori a, a s est amos t ran smi t i en do a n u est ros desc en di en t es t odo el amor q u e sen t i mos por n u est ra fami l i a, y así dej ar est e l eg ado para q u e perdu re en l a memori a de t odo l a h i st ori a de su s emi g ran t es español es q u e su f r i eron est e dol or y l a separac i ón de l a fami l i a. ¡V i a C u b a y i España!

## BIO G R A F Í A DE EST E EM I G R A N T E Z A M O R A N O

Án g el L oren z o I g l es i as, n ac i ó el 2 de marz o de 190 4 en M omb u ey , v i n c i a de Zamora.

Su s padres F ran c i s c o L oren z o R odrí g u ez y J os e f a I g l es i as G on z á l ez n at u ral es de L as H edradas y M omb u ey respec t i v amen t e. Án g el v i v i ó

P u eb la de San ab r i a du ran t e su n i ñ e z y p r i m e r a j u v e n t u d . F o r m ó p a r t e n u m e r o s a f a m i l i a c o n s t i t u i d a p o r s u s p a d r e s y d i e z h e r m a n o s . L a c a s a d e v i v í a e r a d e d o s p i s o s , t e n í a n h u e r t o c o n á r b o l e s f r u t a l e s , a s í c o m o t e r r e n o p a r a l a s i e m b r a d e l a s p a t a t a s d e l a ñ o , p o r l o q u e s u s i t u a c i ó n e c o n ó m i c a e r a c r í t i c a , y a q u e l e s p e r m i t í a s o b r e v i v i r y a l i m e n t a r a t a n n u m e r o s a d e n c i a . S u p a d r e e r a c a p a t a z d e c a r r e t e r a s y s e l e c o n o c í a c o m o “ e l C a p a t a z d e a h í q u e a t o d a l a f a m i l i a s e l e d e n o m i n a r a “ l o s C a p a t a c e s ” , s o b r e n o m b r e q u e a ú n c o n s e r v a n e n l a a c t u a l i d a d . N u e s t r o p a d r e , Á n g e l , s i e n d o t o d o a d o l e s c e n t e , s e i n c o r p o r ó a l t r a b a j o e n l a c o n s t r u c c i ó n d e l p u e n t e d e l q u e p e r m i t í a e l p a s o d e P u e b l a a S a n F r a n c i s c o , d e e s t a f o r m a a y u d a b a p a d r e a m a n t e n e r a t o d a l a f a m i l i a .

E n e l a ñ o 1920 c o n 16 a ñ o s d e e d a d , a n t e e l i n m i n e n t e l l a m a d o p a r a e l c u m p l i m i e n t o d e l s e r v i c i o m i l i t a r , s u r g e e n é l l a n e c e s i d a d d e h u i r , c h o s j ó v e n e s e s p a ñ o l e s e r a n e n v i a d o s a t i e r r a s l e j a n a s , c o m o l a s a f r i c a n a s l a s F i l i p i n a s g a r e s d e d o n d e m u c h o s n o r e g r e s a b a n n u n c a . Á n g e l c o m p o r p r i m e r a v e z o b r e C u b a p o r l o s r e l a t o s q u e l e h a c í a s u p a d r e , y a q u e u n p a t e r n o h a b í a s i d o e n v i a d o a l a I s l a e n e l a ñ o 1895 i n t e g r a n d o l a f l o t a d e l A m i r a n t e C e r v e r a . P o r o t r a p a r t e , t e n í a u n p r i m o e s p a ñ o l q u e y a h a b í a e m i g r a d o a l a I s l a y s e h a b í a i n s t a l a d o e n l a c i u d a d d e C á r d e n a s , p r o v i n c i a d e M a d r i d . T o d o e s t o m o t i v ó a n u e s t r o p a d r e Á n g e l a t o m a r l a d e c i s i ó n d e a v e n t u r a r s e e n u n v i a j e d e s c o n o c i d o e i r e n b u s c a d e s u p r i m o c o n e l c u a l h a b í a m u r v í n c u l o s d e s d e l a i n f a n c i a . E s t e v i a j e f u e c o s t e a d o p o r s u p r o p i o p a d r e .

S a l e d e E s p a ñ a p o r v í a m a r í t i m a y a s í c o m i e n z a s u l a r g a h i s t o r i a c o m o e m i g r a n t e e s p a ñ o l e n e l a ñ o 1920 . L e e s p e r a b a n e n t o n c e s m o m e n t o s d e m u l t i t u d a l e g r í a y o t r o s d e i n t e r m i n a b l e s a n g u s t i a s , m u y l e j o s d e s u t i e r r a n a t a h o g a r y d e s u s e r e s q u e r i d o s a q u i e n e s n u n c a p u d o l v i d a r . A l l e g a r a i n s t a l ó e n c a s a d e s u p r i m o e n C á r d e n a s , q u i e n l e d i o a b r i g o y t r a b a j o m e r e m p l e o f u e c o m o c r i a d o d e m a n o d e c a b a l l e r i z a , m á s t a r d e e n u n a f á b r i c a d e a z u l e j o s y p o s t e r i o r m e n t e e n u n a f á b r i c a d e r o n n o m b r a d a A r e c h a v a r o n a ñ o s d e d u r o b r e g a r , s o l e d a d y g r a n a ñ o r a n z a , u p e r b u n a s u r g e e n s u c o r a z ó n c u a n d o c o n j o v e m u h a n a q u e t r a b a j a b a c o m o m e c a n ó g r a f a e n e l J u z g a d o d e e s a c i u d a d j u n t o a s u h e r m a n a q u e e r a S e c r e t a r i o d e l J u z g a d o . S e c a s a n e l d í a 6 d e m a y o d e 1926 y e s e a m o r l o a c o m p a ñ a r í a p o r e l r e s t o d e s u v i d a .

E n e l a ñ o 1928 l e s n a c e e l p r i m e r h i j o f r u t o d e e s e a m o r , u n a n i ñ a l l a m a d a M i g d a l i a d e l o s Á n g e l e s , p e r o p o c o d u r ó e s a f e l i c i d a d , e l 14 d e e n e r o d e 1929 c o n s ó l o 8 m e s e s d e n a c i d a l a n i ñ a f a l l e c e a c a u s a d e t o s f e r i n a . Á n g e l s i n

<sup>2</sup> Se advierte en este punto un anacronismo, puesto que Filipinas se independizó de España en 1898. (N.E.)

la añoran za por su tierra amada y con el c oraz ón destru ido an te la pérdi da de su h ija, dec ide en ese mi smo año ret orn ar a su patri aju n to con su esposa. El reg reso de n u est ro padre a M ombu ey fue c omo un ren ac er, no así para su jov en sposa c u b an a, Bl an c a C iri a, qu ien n o ten ía fam il iares en España. Su amor por Án g el l a llev ó a seg u irlo en el v iaje. A sí fue c omo volvi ó a su qu erida tierra y se reen c u en tra c on su fam il i a qu e lo est ab a esperan do in men sa al eg ría. En el año 1930 les n ac e un h ijo var ón y tres años más tarde en 1933 un a h ija h emb ra.

P ost eri ormen te n u est ros padres y su s dos h ijos ve i ra P u eb la de San ab r i a don de fueron empadron ados. Un st al ados ab ri ó un peq u eño neg oc io de c omest ib les y beb idas al qu e le pu so como n omb re de L a C u l. No es muy di fíc il para todos en ten der de dón de len ac i ó n a n u est ro padre tal n omb re. En est a et apa n ac e el c u art o h ijo, qu ien a los 6 meses. F allec e p b ron c on eu mon ía.

En el año 1935, c u an do las l u ch as ob reras en España, n u est ro padre era el P resi den te de un a Soc iedad O b rera, ay u dó en el tráfic o de armas para los repu b l i c an os qu e est ab an en l a sierra. A demás, ari esgo de su propi a v i da, esc on en v ari as oc asi on es en l a trasti en da de su neg oc io a al g u nos repu b l i c an os est ab an bu sc ados por la g u ardi a c i v il. En el propi o año part ic ip ó como P re den te de los ob reros de P u eb la de San ab r i a en un mit in c on voc ado por Dol Ib arru ri, “L a P asi on ari a”, en las mi nas de A st u ri as, don de tu v o l a oportu de ver l él h ab ía di ch o en P u eb la qu e iría a Zarag oz a a un v iaje de neg o para no ser desc ub ierto. Est an do c eleb ran do el mit in c on l a “P asi on ari a” presen t ó l a G u ardi a C i v il y di solvi ó el ac to arremet ien do c on tra todos los est ab an all í presen tes.

En el año 1936 n u est ra madre sale de P u eb la c on su s dos h ijos peq u eños h ac i a M adri d para v is it ar a su h erman a T eresa qu e en esa época se en c on tr est u di an do i diomas en l a Un iv ersi dad. A l poc o ti empo de su est an c i a en c api tal, est all a l a G u erra C i v il españ ol a el 18 de ju l i o de 1936 y se qu edan at rapados en l a l lamada z on a R oja, sin poder ten er c omu nic aci ón c on n t ro padre du ran te 11 meses, h ast a qu e n u est ra madre rec ib i ó en M adri d un salv oc on du c to por su c on di c i ón de c u b an a qu e l a au toriz ab a a v iaje del l lamado “ún ic o c ami n o” de M adri d para A l i c an t e y por todos los países qu e fue ran ec esari o du ran te el trán si to h ac i a s eñales A i h i o. Un ta, emb arc aron en un bu qu e i ngl és h ac i a M arsell a, F ran c i a, don de perm dos meses. Y para en t on ces n u est ra madre se pu do c omu nic ar por medio del tel égraf o c on n u est ro padre y éste, c on gran al eg ría y emoci ón, pu do c er qu e los 3 est ab an v iv os y así en v i ar les di n ero a trav és de un g i ro par al imen taci ón y al oj amien to en un modest o h otel, h ast a qu e fin al men te ron pasar por l a f ron t era de F ran c i a y España a trav és de los P iri neos por los

pu eb los de San Juan de la Luz, Irún, Biarritz, rumbo a las Vascos y a Vascos. Posteriormente, al cabo de varios días y grandes vicisitudes, llegó a Zamora por vía férrea, allí los esperaba un estro padre lleno de alegría por poder abrazar a su evamen te a su querida esposa cubana y a sus hijos, al rey ó nov olvera.

Un estro padre mantenía su negocio en latien da “La Cuban”, y alquilaba su coch e, lo que le daba para el año 1938 les nac ió otro hijoy en 1941 lleg an al mundo; su madre el ha falleció al año de nacida por bronconeu mon ía, por est afech ay a hab ían perdidotreshijos que dos de ellos produ cto de la falta de atención médica y de medicamentos. Y que por esa época comenzó un agran escasez provocada por la Guerra Civil y la II Guerra Mundial. Los años de la década de los cuarenta fueron muy para el pueblo español por la miseria, el hambre, la implantación de la c de rac ion amientoy la escasez de los alimentos.

En el año mil novecientos cuarenta y tantos un estro padre participó en la presidencia de los obreros en protestas contra el envío de la División Azul al frente de batalla. En el año 1944 nac ió un hijo más, un niño de una numerosa familia. En estos años de miseria, hambre y nostalgia el estro padre y a no daba para vivir, por lo que se fue a trabajar a Zamora-Orense, en la repoblación forestal plantando árboles, mientras que en su tierra madre y su hija mayor se mantenían atendiendo el negocio de la estabaprácticamente en Yalilebambrey el frío motivaba que los hijos mayores se vieran en la necesidad de salir al monte a buscar leña para subsistir al crudo invierno. Producto de todas estas penurias es que se hac ían ir a la necesidad de abandonar a su querida España, en el caso de un estro padre por seguir una vez, y emigrar rumbo a la isla de Cuba.

Este segundo viaje que preparaba la familia hacia la Isla representó un Ángel un duro momento, y a que él bien conc ió lo que se sentía en el interior en un añochoy frío mar en trel osc álidolazos de la familia. En su reaparecieron entonces aquellos días de infinita soledad y añoranza a los sus padres y demás familiares. En esta ocasión, escapando de la hamburru naju nto a su esposa y cinco hijos, se enfrentarían a un nuevo destino en un atierray ac onocida, donde la familia de su amada cubana le ten d

<sup>3</sup> Gemelas. (N.E)

<sup>4</sup> No hay constancia documental de las protestas obreras a las que aluden las autoridades no para esta época. (N.E.)

man ofraterna, pero si empre, en el fondo de su corazón, llevaría el temor de n en c on trar, al g ún día, el c ami no de reg reso.

Nu est madre, q u e ab ían t en ido ran t e est an c ina España c orres pon den cci ansu sh erman on C u h esc on su ant ó de tomarl adec i si ón de emi g rai est ab adi spu est asay u darlos osg ast osel v i ajedel ossi et y b u sc an l es u g don de i vprov i si on al m h n a s t a q u se pu di era n n depen di z al; arespu est a esa c on su fl u a p o s i t i v e a n medi a t l a. h erman T a eresa q u en esos momen tos i v ía V en ez uc omb u erposi c i ón on ómi t ea en v i ar l a d i n e r o s u h erman A u r d r a o f r e c i s ó p e q u e ñ a s a p a r a v i v i r.

Salieron n u est ros padres c on su s c i n c o h i j o s de P u e b l a de S a n a b r i a a l 6:0 0 de l a mañan a del día 12 de F e b r e r o de 1949.

Nu est ro padre a pesar del dol or q u e lo emb arg ab a por dej ar n u ev amen t e a su España y fam il i a r e s, si n t i ó l a i m p e r i o s a n e c e s i d a d de pl asmar en l a s h o j a s de u n a l i b r e t a c a d a m o m e n t o q u e l o i b a a l e j a n d o de su q u e r i d a t i e r r a y c o r m a r a s i s u “di a r i d e v i a j e q u e t i t u l ó “I t i n e r a r i o e i m p r e s i o n e s de n u e s t r o v i a j e a l a I s l a de C u b a”, q u e p r e s e n t a m o s en l o s a n e x o s t a l y c o m o é l h o e s c r i b i e r a. A d e m á s, en e s t i e s m o “di a r i o e n c o n t r a m o s v a r i a s a n o t a c i o n e s r e l a c i o n a d a s c o n l o s d i s t i n t o s t i p o s de t r a b a j o q u e é l r e a l i z ó en C u b a y s u s s a l a r i o s. P e r o p e n s a m o s q u e n o s o n r e l e v a n t e s en e s t a h i s t o r i a p o r l o q u e n o s e p r e s e n t a n . S i n e m b a r g o, en é l a p a r e c e el m a n u s c r i t o de u n a c a r t a f e c h a d a en e l a ñ o 1949 d i r i g i d a al p e r i ó d i c o A B C de M a d r i d, r e s p o n d i e n d o a l a e n c u e s t a q u e r e a l i z a e s a p u b l i c a c i ó n a s u s l e c t o r e s s o l i c i t a n d o u n v o t o en d e f e n s a del l l a n o d e s a p a r e c e r “M a r de C a s t i l l a”. E s t a m a n u s c r i t o a p a r e c e en l o s a n e x o s p o r h a b e r s i d o p a r a é l a l g o m u y i m p o r t a n t e.

T r a s u n a l a r g a t r a v e s í a p o r m a r e s d e s c o n o c i d o s q u e d u r ó 2 1 d í a s p e r o q u e n o s p a r e c i e r o n a ñ o s p o r l a s c o n d i c i o n e s en q u e r e a l i z a m o s e l v i a j e, f u e e n t e r c e r a c l a s e, d o n d e e s t á b a m o s m u y h a c i n a d o s y n o s s e n t a m o s c o m o “s a r d i n a s en l a t a”, a r r i b a m o s a e s t a t i e r r a q u e n o s a c o g i ó c o n h o s p i t a l i d a d n o s f u i m o s a v i v i r l o s i e t e p a r a l a c a s a q u e, en R e g l a, t e n í a A u r o r a, h i j a de n u e s t r a m a d r e y s u e s p o s o. E r a u n a c a s i t a m u y p e q u e ñ a de m a d e r a p o r l a q u e p a g a b a n c u a t r o p e s o s de r e n t a y d o n d e p r á c t i c a m e n t e n o c a b á m o s, p e r o r e s u l t a b a n u e s t r a ú n i c a o p c i ó n .

<sup>5</sup> L a s a u t o r a s del t e x t o s e r e f i e r e n a l L a g o de S a n a b r i a, q u e en a q u e l l a é p o c a e r a c o n o c i d o c o m o *Mar de Castilla*, s o b r e n o m b r e p o p u l a r i z a d o a p r i n c i p i o s de l o s a ñ o s 50 del s i g l o X X p o r l o s i n t e l e c t u a l e s D i e g o C a t a l á n M e n é n d e z -P i d a l y Á l v a r o G a l m é s (N.E.)

<sup>6</sup> E l t e x t o r e f e r i d o e n e s t e p u n t o s e e n c u e n t r a í n t e g r a m e n t e i n s e r t a d o d e n t r o de e s t e r e l a t o, j u s t o d e s p u é s del p r i m e r d i a r i o. (N.E.)

I n s t i t u t o N a c i o n a l de E s t a d í s t i c a s de S a n d i a r i o s



c ribe l u g ares v i s i t a d o s , p a s e o s , e n c u e n t r o s d e f a m i l i a s y d e a m i g o s , c e l e b r a c i o n e s t í p i c a s , l a n a r r a c i ó n d e s u d e s p e d i d a , l a c u a l e s c r i b e e n e l m i s m o v o l u m e n v u e l o .

Se j u b i l ó a l o s 7 2 a ñ o s y f a l l e c i ó a l o s 7 8 a ñ o s , a ñ o 1 9 8 2 , a q u í e n C u b a . Q u e d ó s u v i u d a d e 7 5 a ñ o s , l a m u j e r q u e l o a c o m p a ñ ó s i e m p r e e n l a s p e n u r i a s y e n l a s d i c h a s ; r o d e a d a d e s u s c i n c o h i j o s , p e r o i n m e r s a e n u n a g r a n t r i s t e z a . F u e r o n 5 6 a ñ o s j u n t o s e n u n a v i d a p l e n a d e a m o r . S u s b o d a s d e o r o l a s c e l e b r a r o n n u e s t r a s f a m i l i a s e n C u b a c o n u n a g r a n f i e s t a , y e s o s r e c u e r d o s i n n u e s t r o s c o r a z o n e s . S u s d o c e n i e t o s , d i e c i s e í s b i s n i e t o s y d o s t a t a r a n i e t o s o y e n s u n o m b r e y c u e n t a n s u h i s t o r i a . D e e s t a f o r m a l e h e m o s h e c h o l a h i s t o r i a d e n u e s t r o q u e r i d o y n u n c a o l v i d a d o “ e m i g r a n t e z a m o r a n o ” q u e r e m o s q u e a b a n d o n e e s t a l e c t u r a s i n a n t e s a g r a d e c e r l e a u s t e d e c o m o l e c t o r p o r h a b e r n o s a c o m p a ñ a d o d u r a n t e e s t e l a r g o r e c o r r i d o a t r a v é s d e l t i e m p o q u e , c o m o b e l l o m i l a g r o , n o s h a t r a n s p o r t a d o a n u e s t r a P u e b l a , l a q u e a ú n a p a r t e e n n u e s t r o s s e ñ o s . L e i n v i t a m o s a d e m á s a q u e d i s f r u t e d e l o s d o c u m e n t o s q u e a n a l i z a m o s a e s t e t r a b a j o .

U n a g r a d e c i m i e n t o e s p e c i a l m e n t e a S r . D o n J u a n A n d r é s B l a n c o R o d r í g u e z , q u i e n t u v o l a b r i l l a n t e i d e a d e c r e a r e l “ P r i m e r C o n g r e s o d e l E m i g r a n t e z a m o r a n o ” , c o m o u n a f o r m a d e r e n d i r t r i b u t o a s u s m e m o r i a s q u e , s o l o a s í , q u e e n t r a n d a r á n p a r a s i e m p r e e n l a h i s t o r i a d e a m b o s p a í s e s y e n e l c o r a z ó n d e c a d a f a m i l i a . T a m b i é n a g r a d e c e m o s m á s a l a D i p u t a c i ó n d e Z a m o r a y a l a C o l o n i a Z a m o r a n a e n C u b a , p o r e s t a p o s i b i l i d a d d e h a c e r l e s c o n o c e r a t o d o s l o s d e s c e n d i e n t e s l a h i s t o r i a d e s u s e m i g r a n t e s , l o s q u e a p e s a r d e h a b e r s i d o e n f r e n t a d o a u n a v i d a n a d a f á c i l , f u e r o n c a p a c e s d e e n c a u z a r a s u s h i s t o r i a s . E n e l c a m i n o d e l t r a b a j o , l a h o n r a d e z , l a t e n a c i d a d y e l a m o r a l a f a m i l i a y a l a c u l t u r a e s p a ñ o l a s .





49-48-46

## COMPAÑIA TRASATLANTICA

TURISTA B      N.º D. **8493**

**TALÓN PARA EL PASAJERO**

D. **Angel Lorenzo Iglesias.**  
 Y personas de familia.

Camarote N.º **Gral.**  
 Litera N.º

Puerto de DESTINO **La Habana**  
 " Embarque **Vigo**

Fecha **17-2-49**

Importe neto pasajes \$ **225.--**  
 Impuestos **15.--**  
**IMPORTE TOTAL \$ 240.--**

Vapor **"Magallanes"**  
 Viaje **1/49**  
 Línea **Centr. Ctro America**

Oficina expedidora **Vigo**  
 Fecha **15-2-49**

NOTA.— Conserve este talón en todo momento en el momento de la Embarque para su presentación.

---

### ASISTENCIA MEDICA A LOS PASAJEROS

En los casos de enfermedades a bordo la Compañía suministrará gratuitamente los servicios de su botiquín y el médico de a bordo los auxilios farmacológicos. Respecto a los pasajeros de primera y segunda clases el pago de hospitalización al médico es enteramente voluntario en estos casos.

En los casos de enfermedades violentas con ansiedad al embarque o durante el viaje el médico de a bordo será facultado para permitir por su asistencia en estos casos los siguientes honorarios:

PASAJEROS DE LA CLASE		TURISTA
Visitas en el Cuartel de la Compañía	Plaz. 1.º	Plaz. 3.º
Visitas en el Cuartel de la Compañía	x 1.º	x 1.º
Máximo de operaciones en el Cuartel de la Compañía	x 20.º	x 10.º

Los médicos recibirán sus honorarios mediante recibo visado por el Capitán del buque.

**Equipaje.** Los transeúntes de equipaje que se conocen son los siguientes. Cada viajero que haga un viaje de 1000 kilómetros de peso ni de 150 metros cúbicos de medida sea de primera clase.

1.º Un kilo de peso ni de 100 metros cúbicos de medida, los de segunda clase.

2.º Dos kilos de peso ni de 200 metros cúbicos de medida, los de tercera, cuarta y quinta clase.

Los viajeros sobre las citadas cantidades de equipaje serán tratados por fracciones de 10 kilogramos o 200 metros cúbicos.

Los efectos que exceden medio o cuarto pasaje, no tendrán derecho más que a la mitad o a un cuarto parte o sea del volumen que se da, por fracción del pasaje entero.

Está terminantemente prohibido embarcar como equipaje otros artículos que no sean ropa blanca, vestidos y objetos de uso personal de los pasajeros. Los libros que tengan volúmenes, documentos de ninguna naturaleza o efectos similares, deben ser embalados como mercancía de valor, de toda clase, debiendo ser sellados y asegurados los viajeros en la Agencia del puerto en que tenga que embarcarse la suficiente anticipación para que pueda inscribirse la salida correspondiente y formalizarse la documentación necesaria.

Los equipajes se almacenarán por los interesados y su recuperación con presentación del billete de pasaje en los días designados por la Compañía.

Cuando reclamación de billete de equipaje perdido deba hacerse inmediatamente después de la llegada, o lo más pronto posible, en la oficina de la Compañía. Los equipajes no reclamados serán depositados, cubriendo los gastos por cuenta del interesado. Los viajeros pasajeros deberán dirigirse a los Agentes de la Compañía.

El equipaje de valor y objetos de valor no serán admitidos como equipaje. Debe ser declarado, consignado y asegurado como valores. A falta de estas precauciones, la Compañía no es responsable de su extravío o pérdida.

La Compañía garantiza todo caso de responsabilidad por los equipajes de mano y por objetos que durante el viaje quedan en poder de los pasajeros, estando embarcados bajo la vigilancia directa de ellos.

La Compañía no responde de la pérdida de los equipajes ni de las averías o retrasos que puedan sufrirse, siempre que provengan de accidentes de mar o tierra de fuerza mayor, transcurrido los pasajeros expresamente, a los efectos del artículo 1.º del Código de Comercio, en todo aquello que se relacione con la responsabilidad civil, directa o indirecta, que pueda recaer sobre la Compañía de los Seguros y especialmente de los artículos 1.º, 613 y 620 del citado Código y del artículo 1.º del Código Penal. Tampoco responde de los perjuicios causados por la fragilidad de los envases.

En caso de pérdidas o averías imputables a la Compañía, ésta, en virtud de las condiciones que se le formulan, conservará las más amplias prerrogativas, y en caso de no ser hallados los factores o embarcaciones a avería, procederá a la indemnización, que nunca podrá exceder de 750 pesetas por un kilo, 100 pesetas por una medida y 25 pesetas por una avería, a los pasajeros de primera. Respecto a los de segunda clase, la indemnización será de acuerdo con lo que establece la vigente Ley de Fomento.

Billet de b arc ou tiliz ado por el prot ag on i st a del rel at o en su v i aj e h ac i a C u b a en 1949.

I a h i s t o r i a d e u n e m i g r a n t e z a m o r a n o e n l a s p á g i n a s d e s u s d i a r i o s

P R I M E R D I A R I O :

VIAJE A CUBA CON SU FAMILIA EN SU SEGUNDA EMIGRACIÓN 10 DE MARZO DE 1949

*Itinerario e impresiones de nuestro viaje a la Isla de Cuba*

Salimos de Puebla de Sanabria el día 12 de febrero del año 1949 a las 6 de la mañana, en el coche de “la Guadalupe” y llegamos a Verín a las 11, comimos y a las 3 de la tarde cogimos el coche de línea hacia Orense donde llegamos a las 7 de la tarde. Allí dormimos y salimos en el tren de las 6 de la mañana, con dirección a Vigo, para llegar el día 13 de febrero a las 10 de la mañana. El gasto del pasaje de Puebla a Vigo por todos fueron 462 pesetas.

En Vigo nos instalamos en una fondata titulada Lapano, en la misma noche. Allí estuvimos hasta el día 17 de la tarde de ese día, en tramamos en el Vapor Magallanes. A las 7 de la tarde partía el barco y a las 8 de la tarde llegamos a Cádiz. En pocas horas dejamos a la tierra española.

A las 11 de la mañana, en el trabajo del barco de la isla cuba y a población es muy pintoresca y hay mucha circulación de autos. A las 11 de la mañana salí el barco de este puerto rumbo a Cádiz. Llegamos a Cádiz el día 19 a las 5 de la tarde. Salimos a tierra y desde ahí en vivimos telégrafos y correspondencia a las familias. Pueden comprender que el aspecto de esa población es con estructura muy antigua y poca pintoresca y la mayor parte de sus habitantes pobres y vestidos y demuestran, en todos sus aspectos, un miserable ruinoso.

El día 20 a las 6 y media de la tarde, salimos y a de ese puerto, dejando a un lado todos los puertos de la Península, rumbo a Tenerife donde llegamos el día 22 a las 6 de la tarde. También aquí salimos a tierra y recorrimos varios lugares de la población, siendo ésta muy pintoresca y alegre con un ambiente muy agradable. Su puerto es de mucha actividad y de mucha importancia. A las 12 de la noche, salimos rumbo a Puerto Rico. En los primeros momentos vivimos el mar bastante alborotado y hubo mucha pasajería mareada.

El día 2 de marzo llegamos a Puerto Rico a las 12 de la noche y estubo el barco en bahía hasta las 7 de la mañana del día 3 que atracó en el muelle. Durante estos 9 días, en los que fue el recorrido más largo que vivimos en un viaje (ideal, dando por lo tanto, un buen humor para todos los pasajeros producidos, por lo tanto algunos bailes, así como los primeros de Carnaval). En Puerto Rico estuvimos hasta las 6 de la tarde, pues prohibieron totalmente la salida de los turistas, pero comprobamos que esta era una población de mucha importancia, con mucha actividad que cada paso hacían sus recorridos. A las 6 de la tarde salimos rumbo a la ciudad de Trujillo y llegamos a su puerto.

Las historias de un emigrante te enamoran en las páginas de sus diarios

el día 4 a las 10 de la mañana. Salimos a tierra y comprobamos que es una pintoresca ciudad con mucho movimiento de automóviles y la mayor parte su comercio corresponde día a día gente de color de trato afable y cariñoso.

Salimos de ese puerto a las 12 de la noche rumbo a Caracas y llegamos a su puerto el domingo día 6 de marzo a las 6 de la mañana. En esta ciudad salimos a tierra y el aspecto era muy feo. Más del 90 % de sus habitantes son de color con un mal semblante, sin embargo, el puerto es de mucho interés importante para el comercio debido al numeroso tráfico de buques que llegan allí para cargar petróleo si en do está la única industria de ese país, y aquí en otienen el producto agrícola y todos los alimentos y agua son suministrados por otros países, en su mayor parte de Venezuela. Existen allí miles de gigantescos tanques como depósitos de petróleo, situados al rededor de toda la bahía.

Salimos de ese puerto el mismo día a las 6 de la tarde rumbo a La Habana donde hay una distancia de 1.440 millas. A las 7 de la mañana, divisamos las primeras tierras cubanas en Punta Maí sí. Seguimos costean do toda la isla y hacemos un recorrido hasta La Habana de 543 millas y llegamos a La Habana el día 10 de marzo a las 4 de la mañana. Desde la bahía pudimos contemplar el bonito y hermoso paisaje su alrededor en la capital.

A las 7 de la mañana atracó el buque en el muelle para proceder al desembarco. Centenas de familias se aproximaban al barco en lanchas para despedir las saluda que en es esperaban. Allí también estaban los nuestros, V. Zata y los dos chicos.

Fueron y aquí ellos momentos los de mayor satisfacción, al echar menzela vista, después de 15 años, a los seres que con tanto deseo esperaban en su estancia.

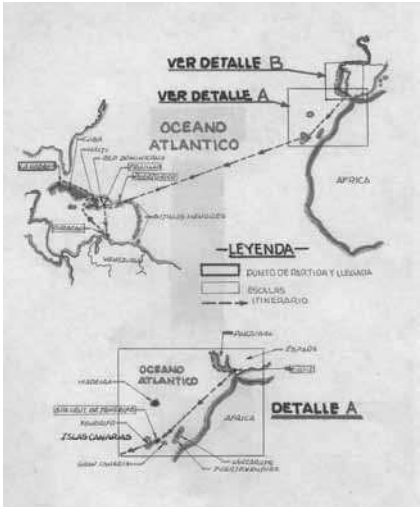
A las 10 de la mañana abandonamos el buque, y ya en tierra firme, en el mismo muelle y llenos de júbilo, recibimos el cariñoso saludo de toda la familia.

Desde allí partimos, acto seguido, para “Casa de Yoyó”, donde nos sorprendieron con un suculento almuerzo de arroz con pollo y otros platos del país y cuya dirección es Rubiera n° 4 en Regla. En dicho lugar nuestro estancia.

El día 18 del mismo mes fuimos a visitar a Cardenas a los familiares y amigos que allí existen, a través la invitación que nos hizo nuestro pariente el Gattorno. Regresamos el día 19 llenos de satisfacción tras haber recorrido allí nuestra pasada juventud.

La Habana Regla, 31 de mayo de 1949. A. Lorenz o

Las historias de un emigrante en las páginas de su diario



Itinerario del barco que condujo a la familia Lorenz o Díaz de España a Cuba en 1949.

## CARTA AL PERIÓDICO ABC DE MADRID, 27 DE JULIO

La Habana, 27 de julio de 1953 / Señor Director de ABC. Madrid, España.

Muy respetable señor:

Con gran júbilo y alegría he leído el diario ilustrado que V. d. tan dignamente, en el número 26 de febrero, último pasado, aparece en portada y en otras páginas el pintoresco y majestuoso Lago de Sanabria, orgullo de España y el hecho palpitante de los cráneos de todos los que estamos en estas tierras y que tenemos la dicha de conocerlo. El sentir un amor patrio por la tierra que me vio nacer es lo que me impulsa a hacer estas líneas.

Mucholamento no haberte informado de la oportunidad, con anterioridad, en cuando se hizo ese digno diario a sus lectores, para aportar con ésta, me queño gran odorena, un voto más en defensa del llamado a desaparecer Madrid Castilla, cuyo nombre no pudo tener más acierto y que con tanta tesón

<sup>7</sup> No existe constancia de que esta carta fue publicada por el Diario ABC; sin embargo, se ha comprobado que el debate sobre el aprovechamiento de los recursos del "de Castilla", es del Lago de Sanabria, fue motivo de debate en las páginas de los diarios españoles, en este caso del ABC, en ese mismo año 1953. (N.E)

Don Diego C aña. En los siglos en tes números, 11, 14, 24 y 25 de marzo y 6 de abril, eon satisfacción las protestas de todos mis paisanos en defensa del men cionado lago. El que v d. se honra en escribir, es sanabrés, natural de P de Sanabria, y con ocido por toda esa región como El Cubano.

He nchido por la gran dez a y maravilla de ese pintoresco paisaje, no puedo por menos que unirme también a tan justa defensa.

Me enorgullece, como todos los paisanos, allí a la orilla de su lago, defendiendo lo único que Dios le proporciona a esta vastacómarca, con tanta naturalidad, orgullo de nuestra región.

Conozco perfectamente esa gran maravilla, lugar donde pueden recorrer los más bellos paisajes, y no puedo por menos, sino comprender, que en todos los que tu vieron la dicha de visitarlo se unieran en su defensa. Esto como todo que en o es justo que por adquirir unos cuantos kilovatios, que en definitiva no da buen fin a la acción, se destruya el lago de Zamora y más tarde España.

Estambién unapena que la maravilla que guardan aquel círculo de montañas, no tengau nambiente de más turismo.

El alegre pintoresco "Mar de Castilla" ha sido en cientos de ocasiones visitado por S. M. El Rey por su estrocaudillo y por muchas ilustres personalidades, reconociendo todos, la gran dez a que España en cierra en aquel olvidado rincón sin embargo y si en guesido como un mar muerto.

Pero ya en sus proximidades se levantan grandes obras, como las de Monca briel, que si no perjudicaren lo absoluto su gran dez a, le da más realce por el mé de sus obras y su poblado, haciendo al mismo tiempo más fácil la llegada a ese lugar por los turistas que el visitan.

Además, en las fiestas celebradas en esa región, organizan regatas de natación y otros deportes náuticos, a las que concurren muchísimos deportistas personalidades de ciertos lugares de la nación, dando de tal forma, unos momentos de placer a los vecinos de esa comarca tan faltos de conoer todas estas diversiones.

Otro en tusiastajejemplares D. R odríguez Ael anl es márgenes del famoso Lago, instalo su palacete, en su calidad de patriota y deportista, le acompañan personalidades de distintos lugares. Mu y bueno sería que otras muchas personas de su clase le imitaran.

Estambién por todos con ocido el clima de nuestro humilde rincón, por su altura, por sus aguas tan saludables, etc. Por tal motivo, allí en lo alto de montañas, a un lado de San Martín de Castañeda, se levanta airosamente un vilad

<sup>8</sup> Madrid, 16 de septiembre de 1928-9 de abril de 2008. Filólogo y dialectólogo español, nieto del gran filólogo Ramón Menéndez Pidal. (N.E.)

<sup>9</sup> El autor aparecía en un diario dos personalidades históricas de Asturias; odríguez Alonso de Pimentel, un arceón de Benavente (siglo XV) y segúral ley en da onstruymó en ador sobral al adela moratel Lago de Sanabria en el valle de Miñaca y uel lac hica, que a el que en el Lago de Sanabria rasla Desamortización de Mendizábal 1836. (N.E.)



el sanatorio provincial, donde centenares de jóvenes citados pasan alegres tardes y veraniegas, contemplando en sus días de placer en las alegres mañanas, cristalinidad y rizadas aguas del ~~Lago~~ <sup>Lago</sup>, en las solitarias en sus perfectas sus reflejantes rayos de oro, dando más esplendor y belleza a la gran obra de Creador.

Por el atrevimiento y molestia que le causen estas líneas, le suplico mil disculpas, que edando portanto, suyo.

Ángel Lorenz o. / S.C. Rubiera # 4 / Regla. Habana.

## SEGUNDO DIA RIO

### IMPRESIONES DE MI VIAJE A ESPAÑA. 7 DE DICIEMBRE DE 1975

El día 7 de diciembre, fue el día más emocionante y feliz de mi vida, que fue el día asignado por este Gobierno, autorizó el permiso para mi viaje a España, y que era la ilusión de mi vida desde hacía muchos años.

Este día 7, salí de la Habana a las 4 y 45 de la madrugada, en el avión Iberia ~~tu~~ <sup>tu</sup> viaje muy bueno, con una duración de 7 horas. Llegué a Madrid, España, el día 8 por la tarde, como a las 6, hora de España. ~~En~~ <sup>En</sup> el puerto de Barajas y a me esperaba un batallón de gente de casi toda la familia y que residen en Madrid.

Entre aquellos inmenso público estaba también Carmita, la cubana primera en conocerme y que en tres hermanos y sobrinos, y o conoía a Miguel que ellos a mí. El tiempo de los saludos, allí en el aeropuerto, duró una hora y más, aproveché para tirarme algunas fotos. En esos momentos, también llegó Lola, mi hermana, y su hija Ana María, que desde Bilbao para esperarme y también en avión.

Después de los saludos y ya vistos a todos, salimos en caravana, y que casi todos tienen en ~~ma~~ <sup>ma</sup> y ~~lleg~~ <sup>lleg</sup> a la casa de Antonio y Marujita, mis sobrinos, que era, de momento, donde yo iba a parar.

Allí también estaban Pepe, mi hermano, y mis cuñadas, María y Lita, que fueron desde Zamora y Puebla para esperarme, y también Ramona Natalia, mi hermana, que fueron desde Asturias. Fue aquello un recordatorio y que ocu pábamos un buen tramo del local del aeropuerto.

Y a un poco después en casa de mis sobrinos Antonio y Marujita, a un día (un comercio) para comprarme un abrigo, y que a la tarde fue de mi temperatura y ya sentía mucho ~~calor~~ <sup>calor</sup> ~~Un~~ <sup>Un</sup> poco,

<sup>10</sup> C o c h e. (N.A )



sal i mos rec orri en do al g u n os b ares, t oman do al g u n os c h at os q u e dab a g u n q u e h ab ía don de esc og er y el eg ir su s c orrespon di en tes aperi ti v os.

L leg amos a u n en orme mesón , mu y c on oc ido por la f ami lia. A ll í, y c o q u e d é asomb rado por la ab u n dan c ia de todo c u an to all í h ab ía. C i en t os d e mon es c ol g ab an del tec h o, en ormes c an ti dades de c h ori z os, v ari as pec e (sic) ll en as de q u esos met idos en ac ei te para su mej or c on serv ac i ón y todo eso se u til iz ab a para el c on su mo del mesón y para dar c omo aperi ti v os; además, t odo el most rador est ab a llen o de fu en tes y pl at os ll en os de aperi ti v os para serv ir al c on su mi dor.

A ll í poc o a poc o n os fu i mos ac omodan do, u n i en do las mesas q u e, seg ú n se i b an desoc u pan do las íb amos oc u pan do n os ot ros, h ast a reu n ir 10 mesas para ac omodar a toda la f ami lia y c asi oc u pamos la may or parte del sal ón del mesón . A ll í y a empez ó n u est ra pri mera ju erg a. Empez aron a lleg ar a las mesas fu en tes de aq u el los apet it osos aperi ti v os, lasc as de jamón por u n lado c h ori z os, q u esos, mari sc os, an c h oas, mej ill on es, g amb as y ot ros mu c h os. T odas las mesas est ab an llen as de j arras de v in o, c ami n an do si n parar las q u e est ab an v ac ías por las ll en as. A l os poc os momen tos y a se aparec ieron por las mesas b ot ell as de ex c el en t e c oñac y beb ía c omo u n t rast orn ado y a u n q u e y a era demasi ado tarde para y o c omer tan t o y tan fu erte, por n o est ar ac ost u mb rado a esas h art u rast an fu ertes, y o me sen t ía mu y b i en y seg mat an do mi deseo. Despu és del c oñac sac an ot ras b ot ell as de w h isk y . C on b eb ida t amb i én me sen t ía mu y b i en y le dab a du ro a pesar de est ar h ac i en u n a b u en a l o g r a s b ot ell as sal ían si n parar, u n a s t ras ot ras y el amb i en te se est ab a t empl an do. L os más j óv en es empez aron a c an tar y a repi c otear en las mesas, h ac i en do músi ca. Se c an taron c u an t as c an c i on es se ac ordaron emb u l l e r a c adav eznás fu erte, y aún seg u ían lleg an do más f ami l iares. C amb iaron el w h isk y y empez aron a lleg ar a las mesas b ot ell as de c h ampa. A l g u n os f ami l iares q u e t en ían c amari ta de f ot og raf ía t i rab an f ot os por partes.

Eran las 2 de la n oc h e, se formó al lí t remen do b ai l ot eo. A l g u n as c h q u e est ab an all í se t amb i én se u n en a n u est ro g ru po, y y o y a i mpu lsa t oda aq u ella sat isf ac i ón de est ar en t re los míos, n o pu de por men os y sal i h ac i en do mi n úmero de b ai l e.

Y ara la h ora de cerrar el est ab le c i mi en t o y pi di eron q u e se serv i era u n ron da más de c h ampag n e, q u e fu eron c omo Y l a b s i o t e s t í b a s a m o s sol os t odo el g ru po y era h ora para ret irarse. P or úl t i mo el du ño del est ab le c i mi en t o di j o: “Señores, u n a ron da más para t ermi n a p o r l a c e a s a ”

<sup>11</sup> En C u b a se u til iz a el t érmi n o emb u l l ar para ref eri rse al h ec h o de an i marse a h a l g o al e h ac er l o a ot ros. (N.E)

(sic), y fue ch ampag n e, así q u e aq u ello f u e t r e m e n d o. T o d o e l m u n d o h o m b r e s c o m o m u j e r e s e s t a b a n m u y t r a n q u i l o s. E l q u e p e o r t e n d r í a q u e e r a y o p o r n o e s t a r a c o s t u m b r a d o a t o d o a q u e l l o m e e n c o n t r a b a m u y s e r e c a l e n t i t o, c o m o e s n a t u r a l, p e r o m u y e c u á n i m e.

L e l e g ó l a h o r a d e p e d i r l a c u e n t a y q u e m e i n t e r e s é m u c h o p o r s a b e r c o s t o t o t a l d e l a m i s m a. M e i n f o r m a r o n d e q u e e l g a s t o f u e d e 6 m i l y p e s e t a s, q u e p a g ó u n o d e l y g r o m p o a l a s d o s d e l a m a d r u g a d a, s e a c a b ó l a p r i m e r a j u e r g a e n E s p a ñ a p o r m o t i v o d e m i l l e g a d a, y y a b i e n c a l e n t i t o f u i m o s a d o r m i r.

A l d í a s i g u i e n t e, d í a 9, s ó l o s a l i m o s u n p o c o e r q u e v í t a r d e l a c a s a p a r a l g o y t o m a r u n o s t r a g o s, y a q u e m u c h a f a m i l i a f u e a v e r m e p o r q u e e s t a r c o n m i g o e l m á x i m o t i e m p o p o s i b l e. T a m b i é n v i s i t a m o s a l g u n a s c e r c a n a s q u e e s t a b a n r e p l e t a s d e t o d o.

L o s d í a s 10 y 11 y a n o s a l í d e c a s a, p u e s h a c í a m u c h o f r í o y s i e m p r e t e n v i s i t a s d e u n o s y d e o t r o s.

Y a l d í a 12 p a r t i m o s p a r a P u e b l a m i h e r m a n o P e p e, m i c u ñ a d a M a r í a y o. P e p e t i e n e c o c h e y y o t e n í a m u c h o s d e s e c a d m i v o p l u c i n d o p u e b l o. S a l i m o s d e M a d r i d a l a s 12 y l l e g a m o s a P u e b l a a l a s 5 d e l a t a r d e. A q u e l l o f u e t r e m e n d o p o r l a c a n t i d a d d e p ú b l i c o q u e f a o s e s p e r a b a, e r m i l i a r e s, v e c i n o s y a m i g o s, y a q u e h a c í a 2 8 a ñ o s q u e y o m e h a b í a a u d e e s t e q u e r i d o p u e b l o c o m o e s n a t u r a l, a n i n g u n o d e l a j u v e n t u d c o n n i t a m p o c o a m u c h o s d e l o s m a y o r e s, i n c l u y e n d o a l g u n o s d e m i s h e r m a n o s. E l p ú b l i c o a l l í c o n g r e g a d o e r a t r e m e n d o, e r a a q u e l l o u n a m a n i f e s t a c i ó n p u e b l o p a r a s a l u d a r a l “C u b a n o”.

A l d í a s i g u i e n t e s a l i m o s a l p u e b l o. T o d o s q u e r í a n q u e f u e r a a c o m e r c o n u n o s y c o n o t r o s, y t u v i m o s q u e t o m a r u n a c u e r d o q u e e p o r u n o, y a q u e p a r a d o r m i r, f i j a m o s q u e f u e r a e n c a s a d e P e p e, p a r a n o t e n e r q u e a n d a r d e u n l a d o p a r a o t r o c o n l a s c o s a s d e a s e o.

E s t e d í a, f u i a c o m e r a c a s a d e M a n o l a y P a c o, m i s s o b r i n o s, p o r q u e e t e n í a n u n t r e m e n d o c a l d o, c o n t o d o l o n u e v o d e c e r d o, q u e s i e m p r e a r g u s t ó t a n t o y m e p u s e a r e v e n t a r c o n e l d e l i c i o s o c a l d o.

Y p o r l a t a r d e, d e s p u é s q u e c o m i m o s, s u b i m o s a l p u e b l o y l o p r i m e r o q u e h i c i m o s f u e p o n e r <sup>12</sup> u n C a b a l e C u b a. D u r a n t e e l t r a y e c t o p o r l a c a l l e, e r a t r e m e n d o e l p ú b l i c o q u e m e s a l u d a b a y q u e y e p o r d a o c o n o c í a. N o c h e y d e s p u é s d e c e n a r, s e r e u n i ó c a s i t o d a l a f a m i l i a e n c a s a d e P e p e. T l l e v a r o n l a s b e b i d a s q u e p u d i e r o n y n o f a l t ó t a m p o c o e l c é l e b r e c h a m a n a s í, c h a r l a n d o y t o m a n d o, e s t u v i m o s h a s t a l a s d o s d e l a m a d r u g a d a. E s t e d í a e r a e l 13 y e r a s á b a d o.

<sup>12</sup> T e l e g r a m a. (N.E).

El día 14, domi n g o, aman ec i ó n ev an do y si n emb arg o, b ajo u n a b u c pa de n i ev e, se presen taron mi s dos sob ri n as (dos soles), las h ijas de mi herman o J u l i o, q u e c o m o las dos tien en c oc h e, v i n ieron desde Zamora para ll u dar me, pu es su mamá A n g e l i t a y J u l i t o y a est ab an all í desde el día de an

En est e mi smo domi n g o y a pesar de la n i ev e, h i z o la mat an z a J esús, mi herman o, q u e mat ó dos t remen dos c erdos, por lo q u e **m e m á s u n a** n u **mat** an z a para ac ordarse así de mi s tiempos en España. P ero est a ma t an z a n o f u e para t i rar l es del rab o a los c erdos, pu es é s t a f u e de h art u ra y n j u n tamos u n a b u en a c an t i d a d **Y** **parec** i **o** **en** t ar, y a q u e mi b u en a y q u e r i d a c u ñ a d a E n c a r n a c i ó n se esmeró en el men ú y se pasó de lo t i p i c o a lo g ran de. T en í a u n a g ran f u n t e de h ab on es c on repollo q u e h a c í a t a n q u e n o v e í a y q u e si empre me g u s t aron mu c h o. Despu és, ot ra t remen d a f u e de pollo s g u i sados y ot ra t remen d a f u n t e de t r u c h a s f r i x a s. T o d o est ab a q u i s i t o; y o c reo q u e c o m í más q u e n a d i e, y a q u e h a c í a mu c h o s años q u e me empat ab a **(c)** c on al g o c o m o est o y t o d o era de mi g u s t o y me pu e s e q u e parec í a q u e ex pl ot ab a.

Y **por** la t arde, despu és de est a c o m i d a n o s f u i mos para P u e b l a a l b ar del C h e o, **h** **oyes** all í u n o de los mejores q u e ex i s t e n y t a m b i é n en t o d a l a p r o v i n c i a. D u r a n t e el t i e m p o q u e est u v e en el b ar, n o p a r é de sal u d a r a l a g q u e y a c a s i n o c o n o c í a, a mu c h o s por los años pasados. P or l a n o c h e b a j a m a c e n a r a c a s a de P e p e. A h o r a mi smo son las 12 y y o est o y h a c i e n d o est a n r r a c i ó n del día **h** **oy**, a c o m o h a c e f r í o **oy** dormi r.

H **oy** u n es 15 y a u n a s e m a n a de mi l l e g a d a España y c o n mu c h o s d e s e o s de i r a l m e r c a d o del P u e n t e, h a s i d o i m p o s i b l e, pu es el día est á de l l u v i y h a c e u n f r í o q u e n o se pu e d a r u n p a s o, t a n t o q u e r e b a s a de P o s 15 g r a b a j o c e r o l a t e m p e r a t u r a. C u e n t a n q u e h a c í a años q u e n o se c o n o c í a u n i g u a l y est a l l u v i a, h a c e q u e d e s a p a r e z c a l a p r i m e r a n e v a d a de est e año q u e parec e q u e l a n a t u r a l e z a e n v i ó e n mi h o n o r por mi l l e g a d a.

P or la t arde, c o m í e n c a s a de P e p e. C o g i mos el c o c h e y n o s m a r c h a mos para el b ar pero y o i b a f o r r a d o y parec í a u n **H** **oy** **m** **é** **d** **i** **u**. n a b u e n a h i n c h a d a de c **h**, **i** **p** **u** **l** **e** **s** **a** n c a s a de P e p e h i c i e r o n los c **h** **o** **y** **a** z o s. M e dormi r q u e y a e s l a u n a de la m a d y a **g** **e** **n** **d** **a**, de t e n e r c a l e f a c c i ó n e n t a h a b i t a c i ó n, est o y si n t i e n d o f r í o mi e n t a s e s c r i b o est e r e l a t o.

H **oy** **l** **a** **16**, f u i a c o m e r a c a s a de mi h e r m a n o J e s ú s pu es de h i c i e r o n los c erdos y pu si e r o n h í g a d o f r i t o, del q u e y o c o m í u n a s b u e n a s t a j a d a s, y e s o t a m b i é n me g u s t ó mu c h o si empre, y t a m b i é n u n a b u e n a f u n t e de c de l o m o de l a s q u e c o m í c a n t i d a d y parec e q u e t a n t a h **a** **r** **t** **u** **e** **v** **a** y l a g r a s a

<sup>13</sup> P i c a d i l l o de c a r n e p r e p a r a d o para el a b o r a r los c h o r i z o s y s a l c h i c h o n e s e n l a é p o c a l a mat an z a. (N.E.)

n o me c ay ó mu y b i en ; pero todo se arreg l ó c on u n as c opas de c oñac . Despu e de est a c omi da, sal i mos P ac o y C an a r i o, q u e P ac o ( i t ), en d a m á q u i n a ( u n a v u el t a si n podern os ape ar del c oc h e, pu es el pi so est a b a mu y mal o. F h ast a el f a m o s o L a g o de San a b r i a q u e t a n t o s a ñ o s h a c í a q u e y o n o v e í a, b i é n a q u e l l o s pu e b l e c i t o s r ú s t i c o s q u e mu c h o h a n prog resado y q u e t o d o e s t o e s l a mara v i l l a m á s l i n d a de t o d a est a reg i ó n san a b r e s a, y el pai sa j e s prec i o s o a pesar del mal t i e m p o.

P u d e c o m p r o b a r c o m o t o d o por a q u e l l a c o m a r c a h a prog resado y l o b i e n q u e v i v e n a l l í, c o n t a n t a s c o m o d i d a d e s, d i f e r e n t e a c o m o y o l o c o n o t i e m p o s e n l o s q u e v i v í e n a q u e l pa í s. De reg res o n o s f u i m o s para el c o n t i n e n t e h a s t a l a s 9 q u e b a j a m o s a c e n a r y s ó l o t o m é u n a t a z a de o ñ a . A h o r a m e d o r m i r, q u e y a s o n l a s 12 de l a n o c h e m i e n t r a s e s t o y h a c i e n d o e s t e r e l a s i e n t o f r í o.

H o y d í a 17, f u i a a l m o r z a r a c a s a de m i s o b r i n a M a n o l a y de P a c o, q u e pu s o u n a t r e m e n d a c o m i d a. E n s u c a s a t o m a m o s c a f é y c u a n t a s c o p a s q u e m o s y n o s p a s a m o s t o d a l a t a r d e c o n v e r s a n d o y t o m a n d o h a s t a l a s 12 de l a n o c h e c u a n d o m e f u i a d o r m i r.

H o y u e v e s 18, se a p a r e c i e r o n A n t o n i o y M a r u j i t a, q u e v i n i e r o n M a d r i d para l a f i e s t a de T r i u f e y v i n i e r o n a b u s c a r m e para q u e f u e r a c o n l a L e g a m o s a m i s a y se h i z o u n a g r a n f i e s t a. C o n l a p r o c e s i ó n t i r a r o n m u c h o s m a s b o m b a s, c o h e t e s... y n o f a l t ó l a t í p i c a g a i t a y e l t a m b o r i l c o m o e s h a b i e n t o d o s l o s pu e b l e c i t o m á s r ú s t i c o s. D e s p u e s, c o m o a l a s d o s, l a t r e m e n d a, a b u n d a n t e y e x q u i s i t a c o m i d a, d o n d e p a s a r í a de 2 0 l o s c o m e n s a l e s q u e j u n t a m o s y n o f a l t ó e l a r o m á t i c o c a f é, c o n u n a g r a n o v e l l i a c i ó n ( d e c o ñ a c y r i q u e ú s i m a s p a s t a s f i n a s. M á s t a r d e e l a c o s t u m b r a d o b a i l e de l a g a n p a n d e r e t a y t a m b o r i l, d o n d e s e t i r a r o n m u c h a s f o t o s.

M á s t a r d e, e n e l b a i l e de l a g a i t a, l a p a n d e r e t a y e l t a m b o r i l, se h i z o m u c h í s i m a s f o r o s.

D í a 19, h o y n o t u v e mu c h a s a c t i v i d a d e s. A l m o r c é e n c a s a de M a r u j i t a por l a t a r d e n o s f u i m o s P e p e y y o e n s u c o c h e a c a s a de F i n a, m i s o b r i n e r m e r c a d o del pu e n t e, a l l í n o s p r e p a r ó u n a g r a n m e r i e n d a. T e n í a u n a g r a n p a n a d a de c h i c h a s q u e e s t a b a d e l i c i o s a, por l o q u e m e c o m í b u e n a p a r t e e l l a. D e s p u e s pu s o u n t r e m e n d o p l a t o l l e n o de r o d a j a s de l o m o de c e r d o f r i t a s, c h o r i z o s t a m b i é n f r i t o s y q u e s o, q u e y o y a n o p u e d e n i p r o b a r, c o n c a n t i d a d de v i n o q u e n o f a l t a b a n i u n m o m e n t o de l a m e s a. C o m o a l a s l a n o c h e r e g r e s a m o s a c a s a, d o n d e M a r í a, m i c u ñ a d a, n o s e s p e r a b a c o n l a c o r r e s p o n d e n t e q u e y o n o p u e d e n i p r o b a r. N o s p u s i m o s a e v i s o r y c o m o a l a s 12 m e f u i a d o r m i r.

D í a 2 0, e s s á b a d o. H o y n o h a s i d o u n d í a de mu c h a s a c t i v i d a d e s, s ó l o q u e c a y ó u n a t r e m e n d a h e l a d a q u e b a j ó l a t e m p e r a t u r a a 12 g r a d o s b

no obstante a medio día salió el sol y se pudo soportar. Comimos en casa de P epe y a que también estaban Antonio y Marujita. Nos pusieron un extraordi n ari a, de todo lo mejor y muy pintoresca, como si fuera para mar- qu eses, y a que había de todo y muy bueno, con finos en tremeses y también sacaron varias fotos. Después del café y el coqueo, ~~vamos a~~ ~~nos fuimos~~ ~~a~~ ~~de~~ ~~fu~~ ~~t~~ ~~bol~~, pero hac ía mucho frío y nosotros vamos que irpu es y on o los sopor. Después de cenar en casa de P epe, se aparecieron Maruja y Canario, porqu lleg ó Andrés con su familia que ven ían desde Valencia para verme y charl a y coqueo, nos dieron las dos de la madrugada. ~~Y~~ ~~druegnada~~ ~~ado~~ ~~este~~ ~~relato~~ del día, a dormir.

Hoy ~~son~~ ~~22~~, sí que he sido un día de más actividades; y a que, con la gada de Andrés y su familia y también Manolo Piruliscón Carmen, n al mercado de El Puerto ~~eran~~ ~~un~~ ~~buen~~ ~~gru~~ ~~po~~ ~~de~~ ~~gen~~ ~~te~~, y recorrimos todas lastiendas, toman doc hatos de vino y comiendo el tradic ion al pulpo, que les gustaba a todos. A mediodía regresamos a casa y fuimos a comer a casa de Maruja, que tenía un tremen do cocido con ~~stodas~~ ~~lde~~ ~~mas~~, ~~erros~~ (A Andrés había traído de Valencia un atarta de almen drama y rica para b rir en mi honor. Por la noche, en casa de Manola, <sup>4</sup> ~~Embudo~~ ~~par~~ ~~at~~ ~~os~~ fue siempre uno de los que más me gustó. Así en tre charla y coqueo, lleg a las dos de la madrugada y a después de termin ar este escrito del día en mi libreta, ~~me~~ ~~ya~~ ~~dormi~~ r.

Hoy martes 23, día antes de Nochebuena. Antonio, Julio ~~El~~ ~~P~~ ~~in~~ ~~t~~ ~~o~~ y yo hemos ido a Zamora para hacer la compra y preparar la gran cena. Este día en Zamora fue el día más frío que yo recuerdo, y a que estaba entre 15 y más grados bajo cero y yo, con abrigo y todo, estaba con gelado. Todo hiel o y las matas se veían con más de un apulgada de escarcha en las ramas. El campo estaba cubierto de la escarcha blanca que parecía nev e y as Zamora, y allevaban más de 10 días viviendo se esa ~~cah~~ ~~sol~~ ~~si~~ ~~n~~ ~~u~~ ~~n~~ minuto. Al fin se hizo la compra y salimos ~~para~~ ~~B~~ ~~uan~~ ~~ab~~ ~~da~~. Lo que compraron fue tremendo. En el poco tiempo que estuvo ~~ca~~ ~~ll~~ ~~é~~, ~~l~~ ~~pu~~ ~~de~~ ~~c~~ ~~a~~ ~~p~~ ~~i~~ ~~t~~ ~~a~~ ~~l~~ ~~est~~ ~~a~~ ~~b~~ ~~a~~ ~~m~~ ~~y~~ ~~d~~ ~~i~~ ~~s~~ ~~t~~ ~~i~~ ~~n~~ ~~t~~ ~~a~~ ~~c~~ ~~o~~ ~~m~~ ~~o~~ ~~y~~ ~~o~~ ~~l~~ ~~a~~ ~~d~~ ~~e~~ ~~j~~ ~~a~~ ~~n~~ ~~t~~ ~~e~~ ~~s~~, ~~p~~ ~~u~~ ~~e~~ ~~h~~ ~~a~~ ~~t~~ ~~e~~ ~~n~~ ~~i~~ ~~d~~ ~~o~~ ~~g~~ ~~r~~ ~~a~~ ~~n~~ ~~o~~ ~~m~~ ~~i~~ ~~e~~ ~~n~~ ~~t~~ ~~o~~, y a que han hecho muchos edificios, el comercio se h a ~~in~~ ~~c~~ ~~r~~ ~~e~~ ~~m~~ ~~e~~ ~~n~~ ~~t~~ ~~e~~ ~~l~~ ~~a~~ ~~p~~ ~~o~~ ~~b~~ ~~l~~ ~~a~~ ~~c~~ ~~i~~ ~~o~~ ~~n~~ ~~est~~ ~~á~~ ~~m~~ ~~á~~ ~~s~~ ~~r~~ ~~e~~ ~~j~~ ~~u~~ ~~v~~ ~~e~~ ~~n~~ ~~e~~ ~~c~~ ~~i~~ ~~d~~ ~~a~~. ~~T~~ ~~v~~ ~~a~~ ~~r~~ ~~o~~ ~~A~~ ~~é~~ ~~s~~ ~~u~~ ~~p~~ ~~u~~ ~~d ~~e ~~o~~ ~~n~~, mi sobrina, que vive allí y concia su marido y su hijo que tienen un bar.~~~~

Miércoles día 24, Nochebuena. Este día almorcé en casa de P epe porqu Maríat tenía un caldillo ligero pero muy sabroso para aligerar el estómago. Por la noche, la gran cena, nos juntamos más de 20 en tre todas las hijas de P epe

<sup>14</sup> Embudo original de la provincia de Salamanca a que se elab ora con man te ca erdo, mi g a de pan , cebolla y diferen tes tipos de especias. (N.E).

L a h i st or i a d e u n e m i g r a n t e z a m o r a n o e n l a s p á g i n a s d e s u s d i a r i o s

mari dos y l os h i j os, l os de M adri d. A q u e l l o p a r e c í a u n b a n q u e t e, o c u r r i ó u n s a l ó n m a y o y ...q u é c l a s e d e c e n a, c a n t i d a d d e m a r i s c o s f i n o s s u r t i d o s, c o m o a s a d o, e n t r e m e s e s d e t o d a s l a s c l a s e s, t u r r o n e s t a m b i é n d e t o d a s l a s c l a s e s, n u e c e s, a v e l l a n a s y m u c h a s c o s a s m á s q u e p a r a q u é p o n e r l a s a q u í.

Despu és de l a c e n a, c o m o a l a s 2, a p a r e c i e r o n E n c a r n a c i ó n l a “C a l i f o r n i a” c o n t o d a s s u s h i j a s q u e t a m b i é n v i n i e r o n a P u e b l a p a r a v e r m e y p a r a t o d o s j u n t o s l a s n a v i d a d e s. L l e v a r o n b o t e l l a s d e c o ñ a c C a r l o s I I I y v a c a c h a m p a g n e.

A l p o c o r a t o t a m b i é n s e a p r e c i ó M a r u j a y C a n a r i o j u n t o c o n t o d a s l i a y A n d r é s c o n l a s u y a. T o d o s l l e v a r o n u n a b u e n a c a n t i d a d d e b o t e l l a b i d a, p u e s l a g r a n c e n a n o s e p u d o h a c e r p a r a t o d o s j u n t o s p o r q u e n o s e e n l a c a s a, y e s q u e l a d e P e p e e r a l a m a y o r y a ú n a s í n o s e c a b í a. A s í, t o m a r o n c a n t a n d o y b a i l a n d o e s t u v i m o s h a s t a l a s c i n Y c o d a l t a m b i é n a l a e y t o m é c o m o u n t r a s t o r n a d o y n a d a m e h i z o d a ñ o. A l a s 5 y 2 0 d e l a m a ñ a t e r m i n o d e h a c e r e s t e r e l a t o e n e l d í a q u e e s p o r a d o r m i r.

D í a 2 5, N a v i d a d. E s t e d í a f u i a c o m e r a c a s a d e M a r u j a, y a q u e t a m b i é n e s t a b a n a l l í A n d r é s y s u f a m i l i a. M a r u j a t a m b i é n h i z o u n a g r a n u n a g r a n p a e l l a, c a b r i t o a s a d o y f i n o s d u l c e s d e p o s t r e, d e s p u é s e l c a f é s u c o r r e s p o n d i e n t e c o p e o, d o n d e n o f a l t ó t a m p o c o e l f a m o s o a c h a m p a g n e p o r l a t a r d e n o s f u i m o s p a r a e l b a r, d o n d e s i g u i ó e l c o p e o i n v i t a d o p o r u n y p o r o t r o s, y a q u e e n l a c a l l e n o s e p o d í a e s t a r p o r e l f r í o q u e h a c í a. P o r n o c h e f u i a c e n a r a c a s a d e P e p e y l a c e n a f u e p a r e c i d a a l a d e l d í a a n t e r i o r. N o c h e b u e n a, y e s t u v i m o s t a m b i é n d e j u e r g a h a s t a l a m a d r u g a d a c a s i d o d e l d í a a n t e r i o r. A l a s 4 y 1 0 d e l a m a ñ a t e r m i n o d e h a c e r e s t e r e l a t o d e l d í a d e h o y m e v o y a d o r m i r.

D í a 2 6. A ú n n o h a b í a v i s t o a A n t o n i a, m i h e r m a n a, q u e e s t a b a c o n s i t a e n O r e n s e y n o h a b í a p o d i d o i r a v e r m e p o r q u e M a n o l o, e l e s p o s o d e T o s i t a, e s t a b a e n f e r m o e i n g r e s a d o e n u n h o s p i t a l. T e r e s i t a l o e s t a b a a t e n d o y A n t o n i a t e n í a q u e e s t a r c u i d a n d o a l o s m u c h a c h o s.

E s t e d í a, a l a s 1 1 d e l a m a ñ a, c o g í e l t r e n q u e s a l e d e s d e P u e b l a d i r e c t a O r e n s e, d o n d e l l e g u é a l a s 3 y m e d i a, y v i a j é a c o m p a ñ a d o d e u n a s o b r i n a h i j a d e J e s ú s, q u e v i a j a b a e n l a m i s m a d i r e c c i ó n. T o d a l a f a m i l i a m e e s p e r o e n l a e s t a c i ó n y M a n o l o h a b í a s a l i d o d e p a s a r (s o b r i n a l a q u e t u v o q u e e n s e ñ a r m e q u i é n e s e r a n, y a q u e y o n o c o n o c í a a l l í a n i n g u n o) m a n a A n t o n i a s i q u e l a e n c o n t r é m u y b i e n y m u y r e j u v e n e c i d a d. T o d o s l o s h e r m a n o s, e r a l a m a y o r y l a ú n i c a q u e m e v o y a t o d a s a p o r e s t a b a n l o c o s d e c o n t e n t o s c o n m i l l e g a d a y n o s a b í a n q u é h a c e r e r o. E s t u v e c o n e l l o s 4 d í a s y m e e n s e ñ a r o n a l g o d e O r e n s e, a u n q u e n o f u e p o r q u e e c u a d r ó q u e e s o s d í a s f u e r o n m u y m a l o s d o n u n f r í o t r e m e n d o, p e r o s í q u e p u d e r a l g u n o s c o m e r c i o s m u y i m p o r t a n t e s y m u y s u r t i d o s d e t o

tan to de tel as como de vív eres. Tamb ién v isitamos las<sup>15</sup>, ~~cu~~ ~~ab~~ ~~eres~~ Búrg as y o tan to deseab a con oc er. De ellas sale ag u ah irv ien doc on stan temen te a t de u n os t u b os. A l m ism o t iem po, tamb ién v isité a los cu b an os, la fami C irce, mi c ompañera de la pel et ería, q u e v iv en en O ren se y tamb ién est pu sieron mu y c on ten tos c on m i v isita, pu estamb ién y o los c on oc ía d P asé u n as h oras c on ellos, tomamos c af é, u n as c opas c on fin as past as y c v ersamos mu c h o sob re C u b a y la fami lia.

Y al día 30 , y en c ompañía de mi h erman a, A n ton ia, reg resamos a P u eb l para pasar aq u í el fin de año y el A ño Nu ev o. Despu és el la iría para M adri d, y al lí me esperaría para pasar los ú lt imos días ju n tos an tes de m i part ida para C u b a.

El día 31 sal imos C an ario, P epe y yo para h ac er u n rec orrido desde P u eb l h ast a el lí mite de la prov in cia de O ren se por la c arretera, pu es est e t ramo lo re- c orrí mu c h o c u an do v iv ía en España y ten ía m i c oc ho. Est e t ramo de c arretera h ast a el fin de la prov in cia era mu y pel ig roso por tan tas c u rv as y el mal es de la c arretera. P or su pu est o h an h ec ho ob ras de mu c h ísima i mport an cia, c aparec ien do así, c así todas las c u rv as, u tiliz an do gran dísimos v i aduct o al g u n os t ún el es, c on u n a c arretera de pri mer orden , por lo q u e parec e ah o todo aq u ello u n ag ran pi st a y h an redu c ido mu c h os kil óm et ros.

Tamb ién por la parte del tren , q u e h ay desde O ren se h ast a P u eb la, h t ún el es y 14 pu eb los q u e son : T ab oadel a (P adern e), C an toña, Baños de M g as, V ilar de Barrio, A lberg u ería (P rado), C erdedo (L az a), C ast rel o do V Villari n o de C on so, A G u diña, A M ez qu ita, L ubián , R eq u ejo P radería y P u eb la de San ab ría.

En est e día 31, tamb ién h an lleg ado al g u n os fami liares para pasar el fin de año y el año n u ev o en m i c ompañía; como son A ng elita, m i c uñada y su s h ijos c on su fami lia, q u e v in ieron desde Zamora y tamb ién m i h erman a t alia y R afa<sup>16</sup> q u e v ien en desde A st urias a preparar la mat an z a y a llev arme c on ellos para pasar allí u n os días.

A l m orc é en c asa de Jesús y despu és, por la n oc he, y para despedir el año, cen amos en c asa de P epe. F u e u n a cen a mu y parec ida a la de Noc hebu e c on la m ism a c an tidad e fami liares y la m ism a ab un dan cia de todo en la c a. Despu és de cen ar la ju ven tu d se f u e al b ailey q u e damos los may ores en c para rec ib ir el n u ev o año. A las 12 de la n oc he, dan do el reloj de la c at edral

<sup>15</sup> M an an tiales de ag u as t erm ales y m in eromedi c in ales rec omen das para prob l emas de pi el, reu ma y art ritis. (N.E.)

<sup>16</sup> Esposo de Nat alia, h erman a del prot ag on ist a. (N.E.)



La historia de un emigrante y su amor por las páginas de sus diarios

España<sup>17</sup> sus 12 campañadas, nos comimos las 12 típicas vascongadas. Después mi ramos por la tele el gran entusiasmo del pueblo, que desbordante en la gran capital de España y también la emoción ante el formato formada por los Reyes a la Nación, la cual fue muy aplaudida y con por sus expresiones. Tras aquello los seguimos mirando por la tele los bailos. Las juergas que tenían los artistas, que tenían números muy preciosos. Mientras tanto, nosotros le estamos metiendo al cuerpo que iba a ser de varias clases, y para finalizar, también se desorcharon unas cenicientas botellas que iba a ser de champán. Así estuvimos hasta las tres de la madrugada y después hacer este escrito del fin de año en esta España dormida que son las tres y media y ten go su año.

1 de enero de 1976, año nuevo. Comenzó y este año aquí en España. Este día y con motivo del Santo de los Manuales, comencé a mi hermano Maruja que, con motivo del santo de mi cuñado, Canario, preparó un menudaco comido en la que unos reunimos más de 15 personas. Después de bien comidos y bien bebidos, por la tarde nos fuimos para el bar y recorrimos y otros sin parar de tomar, pasamos el primer día de este nuevo año.

Hoy día 2, hemos ido Natalia, Ramiro y yo al Puerto, que están comprando unos kilos de cerdo para hacerlos chorizos. Antonia estaba en de Finay también las hemos ido a buscar. Mientras se compraban las cosas, Antonia y Finay prepararon un atrevido comido y pasamos allí a un trece y yo y pasaron la noche regresamos a Puebla, pues ya dentro de tres días haré un mes que llevo aquí y todo el tiempo que he estado ha hecho frío tremendo, con unos helos que parecen nevadas y con la temperatura de 12 y 15 grados bajo cero. Me dormí pues son las 12 y estoy helado de frío mientras escribo este relato del día de hoy que tengo un café en mi habitación. Con heladas que parecen nevadas y con la temperatura de 15 grados bajo cero.

Día 3, sábado. Este día y fue más tranquilo, comencé a mi hermano Pepe y por la tarde nos fuimos para el café. Por la noche para casa y nada más.

Hoy día 4, también el día fue muy tranquilo. Fue a comer de Jesús, y mi cuñada Encarnación preparó un arrozito muy abundante. Y por la tarde, como de costumbre, nos fuimos para el bar hasta la noche.

En el día de hoy empezamos a excusarnos. Hoy día 5, lunes, y a partir de para Asturias en el coche con Ramiro y mi hermana Natalia, pues voy a buscar para que pasara unos días con ellos. Salimos de Puebla a las 2 y

<sup>17</sup> El protagonista de este relato se refiere a las campañadas del reloj de la Puerta del Sol de Madrid. (N.E)

y fu e un v i aje mu y larg o de más de 50 0 k il ómet ros. Nat al i a preparó un a r i si ma y ab un dan t emeri en da para el c ami n o q u e c omi mos al ai re lib re.

A las 6 men os c u art o de la tarde lleg amos a O v iedo, c api tal de A st u ri a. A ll í paramos un poc o para tomar un os cvhealgs o y la pob lac i ón , q u e, por c iert o, es mu y b on it a y g ran de, c on un os c omerc i os mu y repl et os de t mu y b on it os. Despu és de este peq u eño desc an so, y a part imos h ac i a el pu eb en el q u e ellos viv en , Sot o de la Barc a, y lleg amos all í a las 8 de la tarde.

Y an el pu eb lec it o, el día 6, día de los R ey es M en g rois, p u d e c omoc u an do y o era ni ño: los R ey es ac ab al loc on su s paj es, los t r e s rey es M c h or, G aspar y B al t asar...est a pi n t o res c a c eremon i a de los ni ños est ab a pre- c iosa. P or c iert o q u e a mí, c omo a los demás mu c h ac h os de la c asa, los rey es aprov ec h an do n u est ro su eño (i n f an t il) n os premi aron los z apat os q u e dej a deb ajo de la c ama. A los dos días, desc an sados del v i aje, mi h erman a y mi c u ñado me llev aron t odos los días a rec orrer t odos los pu eb los de esta reg i ón . Y an ot o t odos los de más i mport an c i a. Se desv iv ían por c ompl ac erme en t odo y q u e c on oc i era lo más q u e pu di era de esta reg i ón de A st u ri as. En los 10 q u e est u v e en Sot o, rec orri mos mu c h os (p u ), el os ecui al os (an ot o a q u e pu es son los de más i mport an c i a: T i n e o, est e pu eb lo es mu y i mport an t e y t i un g ran c omerc i o; C an g as de Narc ea est e pu eb lo es de mu c h a i mport an c mu c h o c omerc i o y además de mu c h os mi neros q u e v iv en all í; C arb all pu eb lo est á c erc a de las mi nas del Narc ea. V isi t amos un a de las más g ran des y en ella trab aja R ami ro h ac i en do trab aj os topog ráf i cos. T i en e un as i n c i on es marav il losas y c on un as c omodi dades t remen das para t odos, los q u e t rab ajan all í, pu es se pare ce a un parador de t u r i smo c on lo eleg an t e y c ómo q u e es t odo; P ol a de A ll an de, est e pu eb lo es prec ioso, es c ab ez a de part id T i en e mu y b u en as edi fic ac i on es y eleg an t es c h al et s. L a may or part e de b it an t es son emi g ran t es de las A méric as; G rado, un pu eb lo mu y b on it r i c o en el c u al se h ac e t odos los domi n g os un a g ran feri a; A v il és, est e pu mu y pi n t o res c o y t i en e t ambi én mu y b u en c omerc i o; P u ert o de C u d pu eb lo prec ioso, de los más b on it os q u e h e v i st o y de mu c h a pesc a. A ll í l mu c h í si mos b arc os de pesc a di ari a de t odas las espec i es; P rav i a, est e pu eb lo es mu y b on it o; C orn ell an a est ambi én mu y b on it o; T ru eb an o, est e es el los padres de R amón , c asado c on un a sob r i n a mía. Es un pu eb lo mu y rúst i c si t u ado en lo al t o de la mon t aña, q u e v isi t amos para c on oc er a los c on su eg de mi h erman a, q u i en es n os b r i n d aron un a b u en a meri en da c on t roz os de y c h oriz o y jamón de la rec i en t e mat an z a.

Despu és de t odos est os rec orri dos por est os pu eb los, v ol v i mos ot ro día para c on oc er más la c api tal de O v iedo, q u e, por c iert o, es mu y g ran de y r b on it a. En est e rec orri do v isi t amos en pu eb lo de San C l á u d i o, en el q u e l a fami l i a de mi c u ñado V íc t or G ran da. Est a fami l i a se pu so mu y c on t en t

v erme allí y c on oc erme. El pu eb lo es mu y c h i q u i t o y r ú s t i c o p e r o t o d o v i v e n m u y b i e n . A l l í n o s r e c i b i e r o n c o n u n a e x c e l e n t e c o m i d a a b u n d a n c i a d e t o d o y d o n d e n o p o d í a f a l t a r l a t a n c o n o c i d a y t í p i c a a s t u r i a n a . E s t a b a h e c h a c o n l o q u e e s t a n p u r a m e n t e a s t u r i a n a , q u e a u n q u e y o y a c o n o c í a e s e p l a t o , n u n c a l o h a b í a c o m i d o i g u a l .

Despu és de est a g r a n c o m i d a , l l e g a m o s a l p u e b l o d e V a l d é s , c o m p a ñ e r o m í o d e l a p e l e t e r í a , y q u e s e l l a m a E l P a l o m a r , e n S o t o d e l a R i v e r a . t a m b i é n e s u n p u e b l o c h i q u i t o y r ú s t i c o . C o n o c í a a s u f a m i l i a y v e r s a n d o c o n s u s h e r m a n a s , A m é r i c a , C o n c h a y s u m a r i d o . T r a s u n l i d e s p u e s d e t o m a r u n o s t r a g o s c o n u n o s a p e r i t i v o s , y a c a s i d e n o c h e , s a l i m o s d e r e g r e s o a S o t o d e l a B a r c a .

En l o s d o s ú l t i m o s d í a s d e m i e s t a n c i a a q u í e n A s t u r i a s , s ó l o v i s i t a m o s p o r a q u í c e r c a , t o m a n d o i m p r e s i o n e s y c o n v e r s a n d o c o n u n o s y o t r o s m i n e r o s . T o d o s p o r a l l í v i v e n m u y b i e n , c r e o q u e n o h a y n i u n a f a r t a d e h e c h o , p u d e s a b e r q u e u n m i n e r o c u a l q u i e r a g a n a m á s d e 50 m i l p e s e t e s m e s .

Y e n t o d o e s t o y a s e h a n p a s a d o 10 d í a s a q u í e n A s t u r i a s , 10 d í a s v e r d a d e r o p l a c e r , v i s i t a n d o c u a n t o m á s p u d e . S e ñ a l o t a m b i é n q u e t o d o s v e c i n o s d e m i s h e r m a n o s s o n m u y b u e n o s y s e p o r t a r o n c o n m i g o m u y y g e n e r o s o s , p u e s c a s i t o d o s n o s i n v i t a r o n a m e r e n d a r a s u c a s a . ( Y q u e r i e n d a s . . . ) E n e s t o s 10 d í a s , e l t i e m p o f u e e x c e l e n t e , l o s d í a s m u y c l a r o s y s o l , s ó l o q u e p o r l a t a r d e e m p e z a b a h e l a r y p o r l a s m a ñ a n a s e l p i s o e s t a b a t a r a b l a n c o q u e p a r e c í a n i e v e , a l c a n z a d o t e m p e r a t u r a s d e e n t r e 4 y 6 g r a d o s c e r o , p e r o s u b i e n d o a l m e d i o d í a .

D í a 15 d e e n e r o . E s t e d í a p a r t í p a r a B i l b a o . E n m i q u i n t a e x c u r s i ó n s a l i d e O v i e d o a l a s 2 y 2 0 d e l a t a r d e e n e l a u t o c a r d e l í n e a , m u y c ó m o d o . L l e g a m o s a B i l b a o a l a s 9 y 3 0 d e l a n o c h e , d e s p u e s d e h a b e r p a s a d o p o r l o s ú l t i m o s p u e b l o s d e A s t u r i a s , m u y b o n i t o s y q u e y o n o v i s i t é . E s t o s p u e b l o s s o n A r r i e n d a s , R i b a d e s e l l a , m u y l i n d o c o n p u e r t o d e m a r , L l a n e s y o t r o s y a n o a n o t é p o r q u e e s t a b a o s c u r e c i e n d o .

A l a s 6 y m e d i a d e l a t a r d e l l e g a m o s a S a n t a n d e r , o t r a c a p i t a l d e E s p a ñ a m u y b o n i t a q u e y o t e n í a m u c h a s g a n a s d e c o n o c e r . E s b e l l í s i m o a l u m b r a d a y c o n u n p u e r t o d e m a r m u y b o n i t o . T a m b i é n e n t r e d e p u e s d e , m i e n t r a s q u e e l ó m n i h i l a c u í a u n d e s c a n s o y v i s i t é u n l i n d o b a r c e r a n o l a p a r a d a , d o n d e t o m é u n a C o c a C o l a p o r l a q u e p a g u é 15 p e s e t a s ( 3 p e s o s ) . d e s p u e s , e n o t r o , u n c a f é , 12 p e s e t a s ( 2 , 4 0 p e s o s ) y a l a s 7 y m e d i a y a s a l i m o s p a r a B i l b a o .

<sup>18</sup> A u t o b ú s . ( N . E )

A l l í y a me est ab an esperan do mi c u ñado P edro, mi h erman a L ol ay su h ipequ eña, Est h erc ita. F u e t remen do aq u el en c u en tro, mu y emoci on an pu és de t an tos años. En l a c asa me esperab an c on u n a t remen da c en a. C on oc a mi s sob ri n os, y a h ec h os h omb res y mu jeres.

A l día si g u i en te, día 16, sól o h ic e q u e i r del b ar al mesón y del mesón b ar, y a q u e son l os dos n eg oc ios q u e t i en en y est á en el m unyo c erqu ita ( del ot ro.

A l día si g u i en te, F loren , el esposo de mi sob ri n a A n a M ari n os l l ev a c u ñado P edro y a mí a u n pu eb lo a u n os 40 k ilómet ros de Bilb ae. A l l í h u n a fiest a y u n t remen do b an q u e t e y y oc omí lo q u e n u n c a h ab ía c on

L a mesa parec ía l a de u n b an q u e t e, pu es pasaría de más de v ei n t e perso- nas all í reu n idas. Y q u é c lase de v asc os, parec ían c ast illos g ran des y f u e mi c u ñado y y o parec íamos dos mi n i a t uras en t re el los. Empez aron a serv ir pri mero u n os fil et es de pesc ado mu y fin o q u e ll aman mero y q u e h ab ían asac a f u e g ol en t o en u n a parr illa. Si rv ieron u n ostroz os q u e n oc ab ían en est ab a r i q u í si mo además de q u e ese pesc ado es c arí si mo pu es v al e el k il o mi l peset as. Despu és, ot ra c osa mu y fin a q u e se ll aman an g u las q u e t a mbi én v el k il o a mi l peset as y más. Despu és u n ost remen dos fil et es de j ab al i q u e se sal ían del pl at o y c h u let as de res, y emen da c a v i t an t a ab u n dan c i a y a q u e l los v asc os se l oc omí n de ot ro, n o podía c omer más q u e l a mi t ad de c ada c osa y mu y apu rado. T odos t ermi n ab an y q u e dab a y o sol o c mi s rac ion es. Serv ían en t remes es su rti dos y y on i los mi rab a. Su c er t e l a m ía q u e t odos seg u ían c on v ersan do y h ac ien do c h ist es, mi en t ras q u e l os p de v in o n o par ab an de c i r c u lar por t oda l a mesa. A l g u n os me dec ían “c u b u st ed c ome mu y poc o y mu y despac io”, y y o le dec ía “fig úren se, l os di er tes...”. R epi to q u e y on u n c a v i u n a c osa ig u al y si l l eg o a c omer t od me si rv ieron rev ien t oc om o u n t i rlo. Despu és q u e ce a f é y el c oñac c om o si f u era ag u a; y y a por l a t a r i e g i t a s úmos a Bilb a o y y on o q u e r ía q u e mi h erman a me h ab l ara de c omi da. Despu és de poc o l a t el en os f u i mos a dormir. A l día si g u i en te sól o dan do paseos del b ar al mesón y del mesón al b ar, desv an ec ien do así lo del día an t eri or.

El día 19 J osé, mi sob ri n o, q u e v a mbi én n os l l ev ó a P edro, a L ol ay a mí, a c asa de su h erman a. Se ll ama L ol ay y o aún n ol a h ab ía v is. Nos preparó t remen da meri en da, a b ase de jamón , c h ori z os, l asc as de l omo de c erdo, q u e so y l at as de mari sc o y ac e i t u n as, t odo mu y ab u n dan t e. De v para q u e dec ir, el porrón dab a v u el t as si n par ar de man o en man o pu es el es- poso t a mbi én es u n v asc o c om o u n c ast illo, n ob ley mu y b u en o y n al día si g u i en te a c omer c on el los. Nosot ros c u mpl imen tamos su deseo, pero

<sup>19</sup> P et ardo. (N.E)



L leg amos a Bu rg os a las 11 y 15 y seg u i mos despu és por P al en c i a don de l leg amos a las 12 y 50 . Est a es un a pob lac i ó n mu y g ran de, con bu en fic ios y mu y larg a, pu es casi toda la pob lac i ó n est á al seg u ir de la c arret . L leg amos a V all adolid a l a l y 30 pero n o paramos aq u í, si n o en un g ran me para c omer al g o. T ras el al mu erz o, sal i mos seg u ido h ac i a Zamora y pasamos por un pu eb lo mu y i mport an te q u e se llama T ordesillas. Despu és por T oro, un pu eb lo mu y i mport an te y g ran de q u e dest aca por su s c osec h as de v i n o y pert en ec e a Zamora, au n q u e y o y a loc on oc ía de cu an do v i v ía en Esp aña. Zamora l leg amos a las 3 p.m. A ll í y a me esperab a mi fami lia: A n g e l i t a y mi c u ñada, A l i c i a y su esposo F é l i x , y f u i a parar a casa de mi sob r i n o J u l í a si g u i en te, v i e r n e s, est u v i mos A l i c i a, M a r i , A s u n c i ó n y y o de todo Zamora, y t amb i én h i c i mos al g u n a s v i s i t a s c omo a mi t ía G r e g o r i a .

H o y s á b a d o d í a 31, y a preparamos para sal i r h ac i a P u eb l a , pero n o s san de q u e h ay un a t r e m e n d a n e v a d a , c omo n u n c a v i e r o n o t r a i g u a l . más de medio metro de espesor en mu ch os l u g a r e s . E l c o c h e de mi sob r i n a es mu y b a j i t o , así q u e n o s c o s t a r í a mu ch o t r a b a j o poder l leg ar. A l f i n , n o s c o m o s a sal i r , y a q u e y o t e n í a q u e est ar all í c o n m o t i v o de la fiesta de C a n d e l q u e d a b a n c o m i e n z o e s e m i s m o d í a , s á b a d o , por la n o c h e .

A m e d i d a q u e í b a m o s a v a n z a n d o , se í b a n o t a n d o más el g r u e s o de la n i e v e . N o s c o s t ó mu ch o l leg ar, desde el empalme h a s t a P u eb l a q u e h ay k í l ó m e t r o s , pu e s t e n í a m o s q u e a p r o v e c h a r l a s r o d e r a s de al g u n o s c a m i o n e s para poder a v a n z a r , pero la n i e v e t r o p e z a b a d e b a j o del c o c h e y n o s e c h a b a f u e r a de la c arret e r a . A l f i n l leg amos, si n n o v e d a d , a P u eb l a , a las 5 de la t a . T a r d a m o s u n a s 6 h o r a s c u a n d o el rec orrido n o r m a l e n e s t e c o c h e e s de h o r a y m e d i a .

Y a s t a b a t o d o p r e p a r a d o para la g r a n f i e s t a , a las 9 de la n o c h e y n o c o n u n a g r a n c a p a de n i e v e , c o m e n z ó el b a i l e e n d o s sal o n e s , u n o para la b a n d a de m ú s i c a y o t r o para el b a i l e c l á s i c o del pa í s c o n el t a m b o r y l a g a ñ i t a , y a q u e é s t e n o p u e d e f a l t a r , por ser el más t r a d i c i o n a l y el q u e más g u s t a . E s t u v i m o s de f a r r a h a s t a l a s t r e s de la m a d r u g a d a y au n q u e e r a el p r i m e r d í a y y o l l e g a b a al g o e s t r o p e a d o del v i a j e , l o a p r o v e c h e de l o l i n d o t o m a n d o y b a i l a n d o .

A l d í a si g u i e n t e , d o m i n g o 1 , v í s p e r a de la f i e s t a , por la n o c h e c o m o t o d o s l o s a ñ o s se c e l e b r a t r a d i c i o n a l h o g u e r a q u e , e s t e a ñ o c o n m o t i v o de mi p r e s e n c i a e n el pu eb l o q u e m e v i o n a c e r y q u e t a n t o s a ñ o s h a c í a q u e y o s e h i z o mu ch o más g i g a n t e s c a q u e n u n c a , a p e s a r de t o d a s l a s d i f i c u l t a d e s de la n i e v e , c o n c a s i u n c a m i ó n de leña y e n m e d i o del c a m p o de S a n F r a n c i s c o s e l e d i o c a n d e l a . D u r a n t e l a c e r e m o n i a f u e r o n mu ch a s l a s b o m b a s y c o h e t a s q u e se q u e m a r o n y t o d o el p ú b l i c o e s t a b a c o n g r e g a d o , g r a n d e s y c h i c o s de la h o g u e r a si n t e m o r al f r í o de la n i e v e . T e r m i n a d a e s t a c e r e m o n i a , v o l v i m o s a p r o c e d e r , c o m o el d í a a n t e r i o r , y h u b o d o s b a i l e s e n l o s d o s sal o n e s , e n l o s q u e se e s t u v o h a s t a l a s 4 de la m a d r u g a d a y d o n d e y o t a m b i én h i c i e d e r r o c a r .

de mi deseo y volun t ad. En t re b ai l ar y t omar y a est ab a ren di do, pu es f u o t remen do el día de la v íspera de la fiesta.

Y al día 2 de febrero, l u n es, era el día de la g ran fiesta. P or la mañan a se c el eb ró la tradi c i on al M isa, y era dif íc il sal ir de casa para lleg ar a la i C omo a la u n a de la tarde, llev aron en c oc he al C u ray y a se hiz o la m el repi q u e de las c ampan as y a n o q u e d ó n adi e en c asa <sup>20</sup> y de los ostrillos v eh íc u los y alg u n os c ami n os q u e hic ieron , sell en ó la ig lesi a. De mi sa n o se hiz o la proc esi ón c omo de c ost u mb re, pu es en reali dad era di f an dar en t re la n iev e y a pesar de q u e el día era cl aro y seren o el púb lic o p sab a en irse para su s c asas. En t on c es y o me paré y le di je allí al púb lic o: “ñores, es c iert o q u e el día n o es b u en o y q u e la c allen o est á t ran si t ab l est a raz ón n o h a h ab i do proc esi ón , pero los h omb res son h omb res y la f es n u est ra fiesta, y n os ot ros n o deb emos dej ar est o así. A q u í est án los músic de la b an da y el g ai t ero, y c reo q u e sí deb er íamos de sal ir c omo sea por el pu eb lo y dar la al b Y r a d a s i n v í t a d , q u e q u i era, q u e me sig a”. En t on c es g rit aron t odos los músic os y mu ch os del púb lic o: “¡C on el c u b an o sea y c omo sea!”. A sí f u e c omo allí n o q u e d ó n adi e, n i h omb res n i mu c y t ron c h a r i d o p o r la n iev e rec orri mos t odo el b arri o c ami n ando por los trillos de los v eh íc u los, mi en t ras los músic os t oc ab an aleg res marc h as y di st i n t as c alles. T odos los v ec i n os se most rab an j u b i losos y n os f u i n u n b ar, don de se hiz o derroc h e de u n b u en c opeo. No q u i ero dej ar de de q u e, du ran t es est e rec orri do por el pu eb lo, y en medi o de las c alles y en n iev e, n os t i raron v ari as f ot os de las q u e y o me t raj e) para porc i ón ( C u b a y así rec ordar si empre mi g i ra por la g ran España. A sí pu es lleg ame a est e b ar don de y o aparez c o c omo c ab ec illa pri n c i pal de est a en c an t ac n u n c a ol v i dada fiesta de C an del as. Despu és de t odo est o, n os f u i mos a la o fiesta; q u e es la del est ómag o, c on u n a g ran c omi da en t odas las c asas. Y y la tarde, h u b o alg u n as ac t i v i dades para los c h i c os c on premi os, de c arri sac os y ot ras c osas, mi en t ras los may ores sab oreáb amos el del ic ioso c af é y di mos du ro al b u en c oñac y a ot ros sab rosos lic res.

Y por la n oc h e, c omo en los días an t e r i o r es, de n u ev o se v ol v i ó a f orni el b ai l e en los dos sal on es. Est a n oc h e, por ser la úl t i ma, era la más mal a pu e el t iempo h ab ía c amb iado y h ac ía mu ch o frío y además llov ía. L a n iev e de irse desh ac i en do c on el ag u a n i se podía pi sar, pu es c orría u n o el ri esg dar u n pat i n az o. L o q u e más molest ab a era la all u v i a y el ai re, pero los sa est ab an repl et os. C reo q u e en t odas las c asas n o q u e d ó n adi e, n i el g at o c reo q u e est a fiesta f u e en mi h on or por mi lleg ada a est e, mi q u eri do pu y por t al raz ón , me dec l araron c omo c ab ec illa de la c omi si ón , allí b ai l

<sup>20</sup> El prot ag on i st a del rel at o se refiere a u n a sen da, en est e c aso por la n iev e, dej ada por los v eh íc u los. (N.E)



el mu n do, jóv en es y v iejos: M aru ja, mi h erman a, c on su t remen da g or  
a pesar de t en er las pi ern as mu y del ic adas; M aría mi c u ñada... en fin , todo el  
pu eb lo, in cl u soy o q u e n o perdí n i u n a sol a pi ez a, i h ca l u so en el b ai l e  
q u e era la j ot a y ot ros. T odos est ab an asomb rados v i én dome b ai l ar a mí q u e,  
pesar de q u e h ab ían pasado mu c h os años, dec ía q u e era el q u e mej or lo h ac ía  
y me t i raron v ari as f ot os q u e y o t raj e c omo rec u erdo. M e h ac ían c orro,  
f el ic it ab a n . Yo perdía n i u n a pi ez a a pesar de ser ést a, la t erc era n oc h e de  
fiest a. M e sen t ía mu y b ien y q u e ería aprov ec h arme de todo lo perdi do en t an  
años y t amb ién , porq u e sería ést a, la úl ti ma oport u n i dad de mi v i da. T amb i  
t omé si n parar pu es por t odas las part es me est ab an in v it an do y est o me rean i -  
mab a mu c h o. Est ab a b ast an t e c al ien t e pero mu y seren o, si empre pen san do  
q u e n o me f u era a h ac er daño y a h ac er mal os papel es. L os sal on es est ab an u n  
cerc a del ot ro, c omo a 10 met ros, y y o los v is it ab a c on frec u en c ia, au n  
u n pel i g ro el sal ir pu es a pesar de t an t o f rí o, y o est ab a su dan do y para mí era  
u n pel i g ro. M i f am il i a me reg añab a, pero y o me pon ía el ab ri g o por la c ab  
y c orría de u n o para el ot ro. En u n a de esas l leg adas al sal ón de la b an da, los  
músi cos g rit aron , di c ien do: “est a pi ez a est á dedi c ada para y a, n u est ro ami g  
el c u b an o” y en t on c est oc aron u n a h ab an era mu y b on it a, q u e t odas l  
c h as q u e rían b ai l ar c on m í g o c ompl ac er las b ai l an do u n poq u ít o c on  
u n as y c on y o t ras q u e y o n o lo en t en día mu y b ien , fu i c ompl ac ien t e  
ob st an t e y o era más part idari o del ot ro b ai l e de la g ai t a, q u e era más sof oc an t e  
pero me g u st ab a más aq u el ru i do y adem ás all í est ab a el máx o emb u l lo.  
est u v i mos h ast a las 4 y 30 de la madru g ada. T odos est ab an asomb rados por-  
q u e est a era la t erc era n oc h e y y o n o me ren día, pero repi t o q u e y o me est ab  
aprov ec h an do de todo lo perdi do y q u e ést a sería la úl ti ma f arra de mi v i da.  
Y así se t ermi n aron est as pi n t o resc as fiest as de las C an del as de 1976, q u e y o  
n o ol v i daré j amás en el rest o de mi v i da. (Est a an ot ac i ón y el d ía de  
pasada a mi lib ret a de an ot ac i on es di ari as al día si g u ien t e, pu es c on fieso q u e  
y a est ab a ren di do y n o lo podía h ac er an t es, o sea, an t es de ac ost arme c omo  
era mi c ost u mb re).

El día 4, mi érc oles, se presen t ó C ec il i a, q u e l leg ó desde O ren se. Es la  
madre de mi b u en a c ompañera de t rab aj o C oñac ab ía in v it ado para la  
fiest a, pero ella, por t emor al mal t iempo n o q u i su n i os q u e dej ó pasar dos  
días más au n q u e n o podía resi st ir si n est arc on mi g o para q u e ele c  
f am il i a en C u b a. Est u v o c on n osot ros dos días en los q u e l l e v amos a pas  
en el c oc h e de mi h erman o por c iert os lu g ares, ac ompañada t amb ién por mi  
c u ñada M aría. L e en señamos el t an famos o L ag o, q u e en v eran o es u n a  
las mej ores marav illas q u e t ien e España, y a q u e lo v is it an t u r i st as de t  
l a n ac i ón y t amb ién del ex t ran j ero. T amb ién c on oc i ó u n c r i adero de

<sup>2 1</sup> Desen f ren o, j al eo. (N.E).

don de se recían por millones y que es uno de los pescados más finos que he  
 La pobre muchona ~~o pupulo~~ que he hecho mucho frío y el piso estaba muy  
 malo. También la llevamos por todo mi pueblo para que lo conociera y tener  
 satisfacción de que fue muy bien atendida por toda mi familia. Al día  
 la acompañamos a la estación, donde cogió el tren para Orense. Por lo que  
 habíamos, había que edado muy satisfec ha.

El domingo día 8 llegaron mis sobrinos de Zamora, Julito con su familia  
 y Alicia, Félix y su pequeño Felipe, que iban a la Sierra para hacer  
 esquí. Me fui con ellos hasta el Puente, donde me quedé a pasar el día en  
 casa de mi sobrina Ana, que me preparó el bolsón para mi viaje de regreso  
 Cuba. Cuando mis sobrinos regresasen de la Sierra, y o volvería con el  
 Pueblo.

No me gustaría contar sin antes explicar que la comoda que  
 si eran fuertes; y que Meodesto, el esposo de Ana, es un hombre  
 espléndido para todo.

Los siguientes días fueron más tranquilos, y que sólo era pasear por  
 pueblo y por la tarde todo el tiempo lo pasábamos en el bar junto a la estufa  
 cuando más de un copa y recoger en el paquete para ir preparando el equipaje.

El día 14 de presentaron Antonio y Marujita de nuevo en Pueblo.  
 buscar para que pasara, con ellos y con los demás familiares en Madrid  
 20 días de estancia que me quedaban en España. También aproveché a  
 realizar las compras que me faltaban para completar el equipaje.

Día 15, domingo. Este día fue el último de mi estancia aquí, en mi pueblo  
 pueblo, donde fui tan bien recibido por todos mis familiares, amigos y  
 Se aproximaba el momento de mi partida, y mi corazón se entristecía más  
 más. Si bien, es cierto que yo sentía un agnóstico por mi pueblo, que  
 con a de todos mis recuerdos de la infancia, sentía aún más dolor, y que  
 pedacito de tierra dejaba el recuerdo inolvidable de mis seres más queridos  
 que descansan en paz bajo la losa fría del sepulcro.

Pero allí también quedaban también, vivientes y fisanos, el resto de  
 familia, y ya estaba llegando el momento de darnos el último adiós, que se  
 último para el resto de nuestras vidas. Allí, todos reunidos, se disputaba  
 turno por el deseo de tenerme con uno y con otros en sus casas.

Al fin, llegó la hora de partir a las tres de la tarde. Aquello parecía  
 pueblo desordenadamente para darme la despedida. No quedé nada de la  
 familia, grandes y chicos que no estuvieron allí. También los de Zamora  
 con la Anagelita con toda su familia que es muy numerosa, los vecinos  
 barrio y muchos ísimos amigos. Como es natural, no faltó allí el correspondiente  
 llorido que yo, que yo, por fuerte que me quisiera hacer, sentía que me  
 destrozaba en mil pedacitos. Pude decir, con gran júbilo, que es apoteósica

el recibí mi entuerto y me allegué a España, no fue menos mi despedida Puébla.

El mismo domingo 15, a las 8 de la tarde, llegamos a Madrid para finalizar mi gira de 90 días de estar en España. Fui a parar a casa de Antonio y Marujita, cuya casa es grande y tengo todas las comodidades y atención al cliente. Al día siguiente en te fuí a visitar por toda la familia que reside en la gran capital, y que ya se disputan también en los lugares los que que estar. Estos dos primeros días los dedicamos a arreglar con la compañía Iberia el viaje de regreso para Cuba, que me señalaron con fecha 7 de marzo domingo. Se cumplirían entonces los 90 días justos que el Gobierno me concedió de permiso. El avión saldría a las 10 de la mañana, y yo tenía que preparar mi equipaje, ya que era mucho lo que iba a llevar.

Día 17, martes. Visité a mis sobrinos e hijos de mi hermano Jesús, que tienen un taller de mecánica. Comí y cené con ellos.

El día 18 fui a pasar el día a casa de Manuel, mi hermano, y dormí allí. Al día siguiente en te regresé a casa de Marujita pues allí tenía las maletas y tenía que ir a comprar los paquetes, pues es mucho lo que faltaba por comprar.

Del 19 al 21, estuvimos recorriendo toda la capital por todos los lugares más bonitos, ya que es bellísima y tiene un gran dinamismo de vida y entretenida, como todos los modernos que casi no se puede dar un paso.

También visitamos una tienda por departamentos, como hemos visto y con venta de todos los productos que pueden existir. Dicen que es una de las más grandes del mundo, y que se necesitan varios días para verlo todo y recorrer todas sus plantas, se llama "Galeries Lafayette"

Y el domingo 22, nos fuimos de excursión familiar en los coches a la familia. Visitamos el Valle de los Caídos, lugar donde se libró una de las grandes batallas en la guerra España, en la que el poder del General Franco, y donde se levanta el monumento a los caídos. Esta es la obra más grande del mundo de este tipo, y en dicho monumento está enterrado José Antonio Primo de Rivera, caído en una de las batallas más feroces de la guerra.

En el mismo monumento, también reposan muchos héroes, los restos de Caudillo, Generalísimo Franco. A quella obra gigantesca se sitúa en la de un gran monumento en una altura de unos dos mil metros. En la parte alta han hecho una explanada con muchos árboles, con capacidad para miles de coches y casi todos los días está aquí el llovido. En la cumbre del monumento es donde se levanta la gran torre de los Caídos, con una altura de unos 100 metros y un gran pedestal de más de 10 metros cuadrados, con estatua

<sup>22</sup> La Cruz del Valle de los Caídos tiene una altura de 150 metros. En la base de la cruz hay un atrio de 18 metros realizadas por Juan de Ávalos que representan a los

e i n s i g n i a s d e l p r o c e s o d e l a g u e r r a . P a r a s u b i r a l a g r a n c r u z a p i e , e x c a m i n o h a c i e n d o z i g - z a g q u e l l e g a h a s t a l l e g a r a l a c u m b r e a u n c o m e r y b e b e r b i e n p r i m e r o , y d e s p u e s t e n e r m u y b u e n a v o l u n t a d , p r o s u b í , a l i g u a l q u e m i s h e r m a n o s y s o b r i n o s q u e n o s e l o f i g u r a b a n . P e s a r d e l f r í o q u e h a c í a e n a q u e l l a a l t u r a y o l l e g u é s u d a n d o , p e r o l l e g o t r a p a r t e , h a y t a m b i é n u n a s u b i d a p o r m e d i o d e u n f u n i c u l a r q u e y c o n m u c h a f r e c u e n c i a p u e s e s e l é c t r i c o , p e r o y o p r e f e r í s u b i r a p i e p b i e n e l p a n o r a m a .

E n l a i n m e n e s a p l a n a d a n d e e n c u e n t r a r q u e e n t r e o s á r b o l e s , a l p i e d e u n r o y u e n e l q u e n v e r a n o i r e u l l a m u c a r i s t a l i a l h í p r o c e d i m o a l a g r a m e r i e n d a q u e t o d a l a f a m i l i a e v e l a c a s a . T o d o e r a m u y b u e n y o b u n d a n t e , d a b a d a s e n s a c i d a e s t a r e n u n d e l a s t í p i c a s r o m e r í a s d e a q u e p a í s d e E s p a ñ a . A d e m á s e d í a h i z o u y b u e n a c o m e r a l a i r e l i b r o d e s t a g i g a n t e s u n u m e n t a l r a y o r a j e i s t í s o t o g r á f i c a s .

D e s p u e s d e t e r m i n a d a l a m e r i e n d a , n o s l l e g a m o s a l p i n t o r e s c o y f a m o s l u g a r d o n d e e s t á l a o b r a m á s c a r a d e E s p a ñ a , E l E s c o r i a l . E s m u y i m p o r t a n t e y b e l l í s i m o , y t o d o s l o s m o n u m e n t o s e s t á n t a l l a d o s e n o r o . A l l í r e p o s a n t l o s R e y e s q u e h a n g o b e r n a d o E s p a ñ a .

T i e n e u n a g r a n e x t e n s i ó n y s e l e v a n t a n m a j e s t u o s o s , l o s m o n a s t e r i o s i á s t i c o s , d o n d e r a d i c a n m o n j e s y f r a i l e s . E s t o s m o n u m e n t o s q u e d a n a u n k i l ó m e t r o s d e M a d r i d , a s í q u e r e g r e s a m o s a c a s a b a s t a n t e d e n o c h e . D e s p u e s d e e s t a e x c u r s i ó n y e l r e s t o d e l a s e m a n a , n o t u v e n i n g u n a a c t i v i d a d t a n c i a . S i n o q u e r e c o r r í d e n u e v o p o r t o d o M a d r i d , l o s l u g a r e s m á s b e i m p o r t a n t e s , d e e s t a b e l l a c a p i t a l , p a s a n d o l o s d í a s c o n u n o s y o t r o s h e r m a n o s y s o b r i n o s .

E l d í a 2 8 , s á b a d o , t u v i m o s q u e e v o l v e r d e n u e v o a P u e b l a , d o n d e y h a b í a d e s p e d i d o y a d e t o d a l a f a m i l i a p a r a s i e m p r e . F u i m o s A n t o n i o , M a r c o m i s s o b r i n o s y y o , y a q u e e l d o m i n g o 2 9 b a u t i z a b a n a l a n i ñ a d e P e r m i h e r m a n o P e p e y d e M a r í a , l o s c u a l e s s e i n t e r e s a r o n p o r q u e f u é r a m o s . E l d o m i n g o s e h i z o e l b a u t i z o a l a s 6 d e l a t a r d e j u n t o c o n o t r o s 5 n i ñ o s m á s . E n l a n i ñ a l e p u s i e r o n d e n o m b r e P e r m i a l t e m o r d e t e n e r q u e p a s a r p o r o t r a d o l o r o s a d e s p e d i d a c o m o l a d e l d í a 1 5 , p e r o e r a u n a ú l t i m a o p o r t u n i d a d q u e s e m e p r e s e n t a b a p a r a v o t a r e n a p u e b l o , a m i f a m i l i a y v e c i n o s e n g e n e r a l , a p r o v e c h a n d o e s t a o c a s i ó n . T e r m i n a d a l a c e r e m o n i a d e l b a u t i z o f u i m o s t o d o s l o s i n v i t a d o s a c e n a r a u n h o s t a l , q u e e r a m u y m o d e r n o y l l a m a d o “ L a P i c h i r i c h a ” , d o n d e s e s i r v i ó u n e x c e l e n t e y a b u n d a n t e m á s d e 2 5 c o m e n s a l e s q u e a l l í n o s j u n t a m o s . C o m o J u l i o , e l p a d r e d e l a c o m u n i d a d , e s e x t r a o r d i n a r i a m e n t e e s p l é n d i d o ; d e s p u e s d e l a e x q u i s i t a c o m i d a

tro ev an g e l i s t a s : S a n L u c a s c o n u n t o r o , S a n J u a n c o n u n m í g l e o n í a , S a n M a r c o c o n u n h o m b r e . ( N . E )

fin os post res, n o f al t ó el aromát ic o c af é c on u n os pu ros h ab an os y u n as c del ex c el en t e b ran dy C ar los I. P ara c errar c on b roc h es de oro, se desc orc h a u n as c u an t as b ot ell as del del ic i oso c h ampag n e.

El día an tes, o sea, el sáb ado c u an do l leg amos de M adrid, por la n oc h e y a n os reu n imos c asi toda la f amili a, pu est amb i én est ab an all í los de Zamo en ese mi smo h ost al y t remen da f arraq u e se f ormó, pu esc an t an do, b ail an do t oman do est u v imos h ast a las c u at ro de la M adru g ada. t odo, c an té, b ail é y tomé c omo u n t rastro, desp di én dome y a de est o para si empre, y a q u e est ab a seg u ro q u e sería la ú l t i ma f arra de mi v ida, pu es all í s t ermi n é b i en ren di do.

Y de n u ev o el domi n g o, y despu és del b an q u e t e del b au t i z o, c omo 2 de la n oc h e, sal imos para M adrid, despu és pasar por ot ro dol or de t en er q u e despedi rme n u ev amen t e de toda la f amili a y ami g os de P ueb la, c omo y a h ab h ec h o el día 15. C omo es n at u ral, fu e g ran de el sen t i m i e n t o de t en er q u e v erme a despedi r de todos. F i n al men t e c omo a las 4 l leg amos a M adrid.

Y h oy día 1 de marz o en M adrid, y c on mot i v o de mi San t o y mi c u m pl eños, h e t en i do v ari as l lamadas t el ef ó n ic as desde P ueb la para f el ic it ar y eso q u e sól o se h an pasado u n as c u an t as h oras de est ar c on ellos. T amb i desde A st u ri as y Bil b ao me h a f el ic it ado mi f amili a por t el ef ó n o, por lo q demu est ran , w r e z m á s, el g ran i n t e r é s y c a r i ñ o q u e si en t en por mí. Est a n oc h e l o c e l e b ramos aq u í en M adrid, en c asa de A n t on i o y M aru j it y a l o t i en en t odo preparado. C omo a las 8 de la n oc h e, se fu e reu n i en do toda la f amili a q u e resi de en M adrid y n o f al t ó n adie. T amb i én h an r a n v en i do ami st ades, c on lo q u e n os reu n imos más de 30 person as.

L lev aron u n a t art a mu y ric a de t res pi sos y c on su s v el it as (est o es K aq usie)(en C u b a). Despu és de la t art a fu eron l lev an do c ajas de du l c es de v ari os t i pos mu y ric os y mu y ab u n dan tes. T amb i én l lev aron b ast an t de aperi t i v os de mari sc os v ari ados, c omo al mej as, mej ill on es, an c h oas y v ari más. L lev aron g ran c an t i dad de v i n o y b ot ell as de b eb ida de di s t i n t as m fin as. T amb i én l lev aron u n f ot ó g raf o q u e t i ró más de 70 f ot og raf ías, al m t i e m p o q u e t o d a l a f a m i l i a, u n o s y o t r o s, m e n t r e g a b a n g r a n d e s y v a l r e g a l o s. S e a n i m ó l a f i e s t a y a l l í s e c a n t ó d e c u a n t a s c a n c i o n e s a c a d a c u a v e n í a n a l a m e n t e. D e t o d o e s t o s e g r a b ó u n a c i n t a e n u n c a s e t e, q u e y para c u b a, además el f ot ó g raf o t i r a b a f ot os si n parar y t amb i én de est as f ot o y o m e t r a j e u n a b u e n a c a n t i d a d c o m o u n g r a n r e c u e r d o, p u e s u n a f i e s t a é s t a n o s e l a b r i n d a n a c u a l q u i e r p e r s o n a j e. T o d o a q u e l l o s í e r a d e c o r a z o y c o m o l a u n a d e l a m a d r u g a d a s e t e r m i n ó e s t e d í a d e m i S a n t o, e n l a m a y o r a r m o n í a y t o d o s l l e n o s d e g o z o, p u e s t a n t o a e l l o s c o m o a m í s e n o s q u e d ó u n v i v o c u e r d o q u e n o o l v i d a r e m o s j a m á s.

Día 2 H o y u i para c asa de M an o l o, mi h erman o, q u e n o paraba de pre- g u n t a r m e q u e c u á n d o l e t o c a b a a é l, e n t o n c e s f u i para poder pasar apen as



y rec ordar c u an do se me an t o j e. M i en t ras est á b amos en est a fa en a del b u l l de la despedi da, n o f al t aron t amb i én l as l l amadas t el ef ó n i c as a l arg a di st an c i a de mi s h erman os, u n i én dose a l a despedi da y o y en do por t el ef ó n o l a a l g arab í a q u e h ab í a y si n t i en do n o est ar a l l í c omo l os demás.

Despu és de b i en c omi dos y b i en b eb idos, n os f u i mos t odos l os h omb res mu jeres, may ores y c h i q u i t os a l mesón de l os ami g os de A n t on i o, el mi s m o al q u e h i c e ref eren c i a a l empez ar est e di a r i o y q u e f u e el pri mero q u e v i s t o mi smo día en q u e l l eg u é a España. F u e t amb i én el ú l t i mo q u e v i s t é a l t ermi ni mi est an c i a en España pu es el du eño es mu y b u en a person a y a mí me rec i b i e r c on mu c h o i n t erés, b r i n d án dome de t odo c oraz ó n q u e si q u er í a l l evar j amón q u e esc og i era el mej or y más g ran de, c osa q u e n o pu de ac ept ar porq u e n o podía t rael o.

A l l í t amb i én se t omó y se c an t ó b ast an t e y est u v i mos h ast a l as 4 de l a mañan a. P ara fi n al i z ar l a fi est a, se desc orch aron u n as c u an t as b ot el l as de c h i pag n e y t amb i én h u b o momen tos de l ág ri mas a l est ar a l l í mi s h erman as.

Despu és, n os f u i mos c ada u n o a su c asa para desc an sar u n poq u i t o, t u n i en do en c u en t a q u e a l as 10 t en í amos q u e est ar en el aeropu erto.

Y o aí ren di do y si M aru j i t a n o se despi ert a y me l l ama, n i remot amen t o me ac u erdo de q u e t en í a q u e c og er el av i ó n , y a q u e n o era para m e n os despu de l a c l as e de n oc h e q u e pasamos, si n perder u n á p i c e de n ada, t omé, c an t é c o m í c omo el q u e más, pu es era u n a f arra de l as g ordas y u n a f arra de despedi da...

A l as 10 de l a mañan a, t odos l os q u e me ac ompañaron en l a f arra est a b an a l l í, en el aeropu erto de Barajas. Nadi e se q u edó dormi do, n i n a di e se c on f ormó c on despedi rme en el t iempo de l a n oc h e. T odos q u i s ieron est a presen tes, h ast a el ú l t i mo mi n u t o de mi parti da. F u e a l g o g ran de y emoci on an t e. En t re t oda mi fami l i a y a l g u n os ami g os oc u páb amos u n b u en l u edif i c i o, y t odos q u i s ieron darme el ú l t i mo ab raz o an t es de c og er el av i ó n .

Empez ó l a despedi da y c ada ab raz o q u e d ab a a u n os y a ot ros h ac í a q u e mi c oraz ó n se desmoran ase en pedazos, pero t en í a q u e ser así y t en í a q u e ser f u erte, pu es en l a ot ra parte (C u b a) t amb i én me esperab an momen tos mu f el i c es, a pesar de l l evar l a sat i s f ac i ó n y el b u en deseo de t oda mi fami l i a q u e real i z ara ot ro v i aje. L o dej aron prog ramado en t re t odos y se real i z ar í a en c u an t o l as a u t or i dades de C u b a me l o a u t or i z aran , y est a v ez , v en dr í a ac ñado de mi se ñora (C i r i a).

A l as 12 del día, h ora de M adri d, arran c ab a el av i ó n del aeropu erto de Barajas. A ún su b i en do l a esc al eri l l a del av i ó n , mon t on es de man os se ag i b an desde l a t erraz a del edif i c i o di c i én dome adi ós, y a l mi smo t iempo q u e el av i ó n se al eja b a, parec í a q u e u n a parte de mi al ma se q u e d ab a en aq u e l l a g España. Est e rec u erdo n o l o ol v i daré en el resto de mi v i da. Est a ú l t i ma n arra c i ó n de mi despedi da est o y h ac i én dol a en el av i ó n . F u n c i ó n a n ormal me



La temperatura es agradable. A los pocos minutos de estar volando, nos informan desde la nave, que ya dejamos la Península y volábamos por encima de Portugal.

En esos momentos servían en el comedor que, desde luego, era excelente aun que por rico que fuera, aún me duela el atracón de la noche anterior.

A las pocas horas nos vuelven a avisar de la próxima llegada a La Habana en la que habíamos aterrizado y agradable de 22 grados. Al fin al día de la tarde, hora de Cuba, aterrizamos en el aeropuerto de Ranccho de La Habana, de ese mismo día 7 de marzo. Allí me despedí de la familia del avión que me esperaba. Ciriaco, mi esposa, y Paco, un ~~de~~ <sup>de</sup> ~~mi~~ <sup>mi</sup> ~~hacienda~~ <sup>hacienda</sup> que lo fue tremendo.

Si apoteósico fue el recibimiento de mi llegada y despedida en Madrid en otros lugares de España, no fue menos el de mi llegada aquí a La Habana. Fue un espectáculo emocionante, todos mis familiares y amigos estaban unidos para darme la bienvenida, y este fue un momento de gran alegría para todos, a pesar de que sólo habían pasado tres meses de mi ausencia, pero que parecían tres años.

Momentos antes de saludar a la familia, procedimos a recoger todo el equipaje en el departamento de aduanas, acompañado por un buen amigo nuestro de allí, que nos esperaba y que se encargó de todo, y aquí el equipaje era inmenso, aun que todo salió muy bien y no se perdió nada. Me fui a la calle, después de los saludos, cogimos las maletas y nos dirigimos a nuestra casa, en Regla. En casa se brindó con una cajita de cervéz y un botella de whisky, y así terminó todo el itinerario de mi svacación desde por todo el territorio de mi querida y gran España.

Jamás podré tener algo que ejecute todo cuanto está anotado en este diario que es todo lo que yo hice. Me divertí, comí y paseé por toda España.

Al día siguiente de mi llegada, se procedió al reparto de regalos que me traían para todos los hijos, nietos y toda la familia. Fue tremenda la alegría que me recibieron todo lo que le tocó a cada uno y parecía como si hubieran comprado con medida.

A los cuatro días de haber llegado me cogió aquí un tremendo gripa que me vió que habíamos, y estuve en cama un mes enfermo junto con Ciriaco también lo cogió. Tuve fiebre a diario entre 38 y 40 pero por suerte yo me recuperé con las medicinas de España que nos vinieron muy bien. Lo malo fue que perdí unas libras del peso que habíamos recuperado, pero que elevamos a la Península. Para atendernos estaba Luisa, nuestra hermana, y ~~quién es~~ <sup>quién es</sup> ~~ella~~ <sup>ella</sup> que me acompañó. Al fin, todo salió bien y ya estamos sanos y salvos.

Y así, como está escrito, es como ocurrió todo el proceso de toda mi estancia en España y cuyo recuerdo no olvidaré jamás en mi vida. Así termina esta memoria de mi viaje.



proc eso de asen tarse y ac li matarse a las c ostu mb res y c li ma c u b an o, ta t in tos a las de su tierra n at al , adq u irir u n a sol v en c i a ec on óm i c a mas h ol g ada (si empre mej or q u e la q u e ten í a en su pu eb lo) y f ormar fam i l i ab an don ar su s ra í c es c u l t u r a l es q u e ten í a n en su tierra n at al .

A pelli dos c omo H errero, Sen dín , F ran c i a, M ay or, M art ín , P et i Ig l e s i a s, M arc i o, C al v o, Ben i t o, G ran de, San tos, Not a r i o, Sei s dedos, t o d o s e l l o s y a l g u n o s m á s q u e q u i z á s o l v i d e m o s i n v o l u n t a r i a m e n t e l o s pi o n e r o s q u e se dec i d i e r o n a sal i r de su tierra y l a n z a r s e a l a c o n q u i u n f u t u r o mej or (l a may or í a c o n apen as 15 ó 16 años) para poder ay u dar a su fam i l i a q u e q u e d a b a a t r á s (en el l é x i c o m o d e r n o se le l l a m a r e m e s a s), a l g c o n u n a l t o n i v e l de pob rez a, e i n c l u s o en l a medi da de su s posi b i l i d a d a r a l d e s a r r o l l o d e l pu eb l o de V i l l a r i n o y de su s h a b i t a n t e s e n g e n e r a l .

A l a l u z h o y, c o n l o s medi os de c o m u n i c a c i ó n e x i s t e n t e s, p r o d u c del d e s a r r o l l o d e l a t e c n o l o g í a, a v e c e s n o n o s i t u a m o s e n q u e é s t o s e r a n n i ñ o s, q u e s ó l o h a b í a n o í d o r e l a t o s de C u b a, a v e c e s s i n t e n e r c o n c i e d e l a d i s t a n c i a; m u c h o s a n a l f a b e t o s o s e m i a n a l f a b e t o s. E s t o e r a r e a l m e n t e a v e n t u r a de g r a n m a g n i t u d y r e q u e r í a de r e a l v a l e n t í a.

Q u i z á s a l g u n o q u e l e a e s t e t r a b a j o d i r á, ¡ b u e n o e s t o s e h a c e d e s o m u c h o s s i g l o s a t r á s p o r m i l e s de h o m b r e s, e i n c l u s o c u a n d o e l d e s c u b r y p o s t e r i o r m e n t e l o h i c i e r o n m u c h o s e s p a ñ o l e s! E s v e r d a d, p e r o l a m a y o r í a a q u e l l o s h o m b r e s v i v í a n e n c i u d a d e s p o r t u a r i a s, e r a n m a r i n e r o s o s o l d h a b í a n r e c o r r i d o o t r a s t i e r r a s l e j a n a s, t e n í a n f a m i l i a r e s q u e y a l o h a b í a n e n f i n, t e n í a n u n a b a s e c u l t u r a l p a r a m p i a r e n ( t u r a, p e r o h a y q u e d e c i r q u e l o s v i l l a r e n e n s e s de q u i e n e s t r a t a e s t e t r a b a j o e r a n e n su m a g r i c u l t o r e s p o r c u e n t a p r o p i a o p e o n e s a s a l a r i a d o s y a l g u n o s q u e t e n í a n o f i c i o, p e r o n i n g u n o h a b í a s a l i d o d e l t e r r u ñ o m á s a l l á q u e a l o s pu eb l o n o s y s i s u m a m o s a e s o l a f a l t a de e l e c t r i c i d a d, p r e n s a p e r i ó d i c a y o t r o s m e d i i n f o r m a t i v o s (s a l v o c u e n t o s, l e y e n d a s y r u m o r e s) y e l g r a d o de a n a l f a b e q u e t e n í a l a m a y o r í a (apen as 2 d o ó 3 e r n i v e l de e n s e ñ a z a), o p i n a m o s q t u v i e r o n u n g r a d o de v a l e n t í a y a r r o j o a l t o.

## DESARROLLO

A n t e s de d e s a r r o l l a r n u e s t r a e x p o s i c i ó n q u e r e m o s, p a r a u n a m e j o r c p r e s i ó n, e x p o n e r m u y s i n t é t i c a m e n t e q u e é r a V i l l a r i n o de l o s A i r e s p i o s del s i g l o X X . E l pu eb l o de V i l l a r i n o de l o s A i r e s, s e e n c u e n t a a p r o x i m a d a m e n t e a 86 K m s a l n o r o e s t e de l a c i u d a d de S a l a m a n c a, e n l a p r o v i n c i a del m i s m o n o m b r e e n l a c o m u n i d a d de C a s t i l l a y L e ó n . A u r s e c o n o c e e x a c t a m e n t e del n a c i m i e n t o del a s e n t a m i e n h o o p o b l a c i o n a l s e c o n o c e c o m o V i l l a r i n o de l a s A i r e s, s í s e p u e d e a f i r m a r q u e e s u s a n c e s t r e n c u e n t r a n e n e s t e pu eb l o c e l t a, pu eb l o v a l i e n t e, a g u e r r i d o, l a b o r

lladorY de la época romana (sig los I y II d.C .), se tien en v est ig ios más c laros de la ex ist en c ia de V illari n o de los A ires c omo asen tami en t o pob lac i on al en él ex ist ía u n 2c ast ro.

A sí art ran sc u rri en do los años h ast a fin ales del sig lo X IX sin c amb i su st an c iales en la ec on omía, man ten ién dose la c omarc a c omo ag ríc ola (pr c i pal men t e v iñedos) y la c ría de ov ejas, c ab ras y porc in o, fu n damen tal m para el c on su mo de los h ab itan tes, por lo q u e el poc o desarrol lo del c omerc i man tien e a los h ab itan tes en g eneral c on u n n ivel ec on ómic o b ajo apart ado de la mi sma, c on u n mu y b ajo n iv el c ultu ral y u n alto porc en an alf ab etos, sob re todo en trela pob lac ión c ampesi n a q u e era la may oría. P est os años n o pasab an las 2 0 0 fam ilias asen tadas en lo q u e se c on siderab an límites del mu n ic ipio de V illari n o de los A ires.

C omo n ot a in teresan t e q u i si éramos prec isar q u e seg ún el reg ist ro h i ríc o de pob lac ión del A y u n tami en t o de V illari n o, a prin c ipios del si c on tab ac on al rededor de 2 .10 0 h ab itan tes, y en el 2 0 0 5 sól o c u en t a c o sea, se h a redu c ido a la mi tad. Es u n alín ea desc en den t e c on alg u n os pic o su b ida ais lados, en los q u e se el ev ó la c an tidad de h ab itan tes y q u e c oñ c on aspec tos c omo la c on st ruc c ión de la presã de A lmen dra.

Si tomamos en c on siderac ión q u e los in mi g ran tes n atu rales de V illa du ran t e los pri meros 15 años de sig lo X X , fu eron al rededor de 80 en t re h om b res y mu jeres, lo q u e represen ta el 3.8 % , es u n a in mi g rac ión c on si de de u n sol o pu eb lo mejor al dea, q u e era en t on c es. Seg ún referen c ias test i n n iales de alg u nos desc en dien tes de los v illaren eses, los pri meros in mi g ra arri b aron a part ir de 190 2 , o sea y a term in ada y a l a g om st ría u ida ofic i al - men t e la R epúb lica de C uba.

C omo h emos di ch o la may oría eran ag ríc ul tores o ten ían alg ún ofic (h errero, al b añil, c arpi n t ero) y en eso c omen z aron a trab aj ar y ot ros pu es emplearon , los h omb res en c omerc ios y a est ab lec idos por españ oles de ot ras reg ion es oc iu dades c omo Salaman ca, trab ajan do por u n peq u eño su el do v iv ien do en mu ch os c asos en el mismo c omerc io sin c on dición es de h ab lidad y las mu jeres c omo domé st icas o en peq u eños t al leres c omo tej edoras. Si h ac emos u n a peq u eña ex t rã por ón n (momen to y pen samos en c u al q u ier h omb re o mu jer de aq u ellos, sob re todo en est as ú l t i mas por los c riteri o moral es y de di sc rimi n ac ión de la época, c on apen as 16 o 17 años, le jos de su s

<sup>2</sup> A sen tami en t o en el c ami n o de alg u n a v ía i mportan t e, q u e serv ía para la def en s a pob l adores y v iaj eros. (N.A .).

<sup>3</sup> L a presa de A lmen dra est á sob re el río T ormes y ju n t o a las de A ldeadáv ila y Sau c e l l e, c on st it u y en el c on ju n t o de may or produ c c ión h idroel éct rica de España. (N.E.)

<sup>4</sup> Se refiere a la G u erra de In depen den c i a c u b an a fin al iz ada en 1898. (N.E.).

familiares, en un país con condiciones climáticas adversas y con condiciones de vida y economía precaria, realmente son dignos de admiración y respeto, sobre todo si le agregamos que ellas como únicas en su familia eran quienes no eran por cartacada 3 meses aproximadamente, y que a veces, desgraciadamente, debido al promedio de vida de aquellos años (al rededor de 55 años), así como el gran índice de mortalidad infantil llegaban a la oticia con edad de atarso de un familiar fallecido (a veces padre, madre o hermano).

A pesar de lo anterior, su pensamiento y esfuerzos estaban no sólo en mejorar su situación personal, sino en enviar dinero a su familia (padre y hermanos), tanto para su subsistencia, como para que pudieran pagar el pasaje para Cuba.

No obstante lo anterior, mucho más admirable es la ayuda que prestaban los que llegaban a nuevos, alojándolos en sus casas (aquellos que ya tenían y prestándoles dinero para el inicio o cuando se enfermaban y no podían trabajar.

Un caso digno de mención es el del villareño en se (aunque en ofu ejemplo de solidaridad) que cuando construyó su incipiente casa rural y pequeña, creó un local grande y lo dotó de varias hamacas para que cuando ellos iban llegando, se ocupaban para todos, garantizando doler a la in pero además, por tener un nivel escolar de primera enseñanza, por la noche la luz de una lámpara de kerosenoles enseñaba a escribir y leer y les leía a las cartas de sus familiares a aquellos que no sabían aún. Este viviente en se fue mi abuelo q.e.p.d., José Notario Campos, del cual hablabamos adelante.

Por este camino y al transcurrir unos 10 años y ya la mayoría había encontrado familia, surgió la idea de crear una sociedad fraternal, para ayudar a los que llegaban a nuevos en caso de enfermedad o fallecimiento de un familiar, permitiera además, reunirse en actividades festivas, culturales y sociales, preservar la cultura del terruño y transmitirlos a sus descendientes y españoles de otras regiones y pueblos de España, que se iban uniendo a ellos por distintos motivos, y a fueran afectivos familiares, pues como es natural, como mezc la con españoles de otras regiones e incluso cubanos.

Todo lo anterior relacionado parecía fácil y se describen pocas líneas, pero es bueno pensar un poco en la tristeza que tendrían en los primeros tiempos de vivir en condiciones precarias y lejos de sus familiares, con enfermedades propias del trópico y desconocidas para ellos, viviendo en condiciones de la ayuda de los amigos coterráneos por que edarse sin trabajo por un tiempo, aunque, a pesar de todos estos sacrificios y penurias, su sueño de enviar dinero a los suyos para mejorar su situación económica y que pudieran pagarse el pasaje

n o lo podían log rar o n o lo log raron n u n c a, c omo al g u n o s t ampo c o n u n d ieron v ol v er v is itar su t ierra y por en de a su s f amil ias.

Un aspec to q u e merec e h ac erse n ot ar apart e es q u e, a pesar de h ab er oc u rrido u n a g u erra en t re c u b an os y español es y la d i feren c i a de c ost u ramb as part es se ac eptaron c on ag rado mu t u amen te, t an t o b lan c os c omo n eg y mest iz os y se c reó u n g ran en lac e i n t erc u l t u r al. A u n q u e c ad a c u a mezc la man t u i v a s r a íc es, c omo en el c aso del C l u b V illari n o (n omb r e de la soc iedad de au x ilio y soc orro q u e formaron los v illaren en ses), don d e ex ist ía u n g ru po de dan z a de los pal os y las c i n t a s t íp i c o de la reg i ón , u n o de b a i l e español , pero q u e en las fiestas q u e se daban , se b a i l ab a l o m i s m o u n j o t a q u e u n pasodoble, u n dan z ón , q u e u n a g u arac h a, y q u e c omo b u en c u b an o “t odo el mu n do ec h a b a u n pi e”

Si g u ien do el h ilo de n u est ro t rab ajo, deb emos dec ir q u e, c omo c o s a r iosa, todos los v illaren en ses se f ueron i n s t al an do se g ún i b an i n depen di z en u n r a d i o de aprox i madamen te 1.5 K m., si t omamos c omo c en t ro el l u g a r don de se c on s t ruy ó el C l u b V illari n o, por lo q u e se man t en ían mu y r e d o s, sob re t odo si pen samos q u e en aq u ella época en la q u e n o ex ist ía la T a p en a s l a r a d i o y el t e l é f o n o, las v is itas a f amil ias y ami g os ab u n daban.

C omo n o es el ob j e t i v o de n u est ro t rab ajo n o daremos ex p l i c a c i ón det a l l a d a de las e t a p a s por las q u e pasó la c on s o l i d a c i ón del C l u b V illari n o, su l o c a l soc i al y pan t e ón en el c emen t erio, pero sí d i r e m o s q u e c o m e n z ó r e u n i ó n es en c a s a de u n n a t u r al del pu e b l o y s ó l o c on a p o r t e s e c o n ó m i c o t r a b a j o s f í s i c o s, log raron el ob j e t i v o q u e se h ab ían t r a z a d o.

Si l o r e l a t a d o h a s t a a h o r a den o t a u n e s p í r i t u de s o l i d a r i d a d y h e r m a n d a d de est e ag u erri do g ru po de i n m i g r a n t e s, es n u est ra op i n i ón , q u e a pesar a ú n n o t en er u n a p o s i c i ón e c o n ó m i c a est a b l e, est a r a y u dan d o a su s f amil i en v i a n d o r e m e s a s para el los y est a r a p o r t a n d o para la c on s t i t u c i ón de su soc i d a d, q u e c on l l e v a b a n o s o l o g a s t o s c on s t r u c t i v o s, s i n o de c o m p r a de m e para l a m i s m a, s i n d e j a r de c on t a r las a y u d a s a los en f e r m o s y f a m i l i a r e s de l o s f a l l e c i d o s, su r g e l a i d e a de h a c e r u n a c o l e c t a para dot a r al pu e b l o de u n u e s e u e l a p r i m a r i a, p u e s l a ex i s t e n t e ad e m á s de p e q u e ñ a est a b a e n mu y m a l est a d o, a l a q u e a p o r t a n t o d o s, c a d a c u a l a c o r d e a su s p o s i b i l i d a d e s.

Un a p r e o c u p a c i ón a d i c i o n a l f u e l a a l f a b e t i z a c i ón de aq u e l l o s q u e c e s i t a b a n o a m p l i a r c o n o c i m i e n t o s de o t r o s, por lo q u e en la soc i e d a d se r u n a e s c u e l a p r i m a r i a c o n e s t e ob j e t i v o.

A l p a s o de los años est e g ru po de h o m b r e s y mu j e r e s t r a b a j a d o r e s, h o n r a d o s, a b n e g a d o s y c o n v o l u n t a d de a c e r o, c omo su s a n c e s t r o s l o s c e l t a s don de p r o v i e n e n su s r a íc e s, f u e r o n t e n i e n d o su d e s c e n d e n c i a, y a c u b a n a c i m i e n t o, pero a los q u e l e s i n c u l c a r o n , s i n a l e j a r l o s de las c u b a n c o s t u m b r e s y c u l t u r a, l o q u e l l e g ó h a s t a l o s n i e t o s. Y e s q u e deb o d e c

pesar de los años y de que algunas cosas se han perdido y luchamos por revivirlas, el Club Villarino se mantiene en función ando gracias a los de aquí y de otros descendientes de otros españoles y cubanos también descendientes que forman parte de su tradición o colaboran en otras actividades.

Aún recuerdo cantos, tonadas, y bailes muy típicos como la yambada danzade los palos, pero lo que más recuerdo era la diversión más importante de todos ellos y que era repetida por mi abuelo constantemente: “¡Lahordez es la principal cualidad que debe mantener el hombre para triunfar y vivir!”.

Estos hombres llegaron a alcanzar en su mayoría, gracias a su trabajo en una situación económica aceptable desempeñándose en distintas actividades en la más numerosa, con tratistas de la construcción, aunque algunos llegaron a dedicarse al comercio de víveres, ferretería o automotriz. Las mujeres como era costumbre de la época, fueron amas de casa, aunque algunas trabajaban en el negocio del esposo.

Como hemos dicho anteriormente ahora nos concentramos un poco en mi abuelo, el cual, a nuestra opinión, representa un ejemplo típico de la generación de villarenenses.

## JOSÉ NORTARIO CAMPOS

Ariba José a Laban a, Cuba, siendo un rapaz en el vapor Rodolfo de Ocutubre de 1904 procedente de La Coruña, según consta en las actas de la Dirección General de Inmigración, de la entonces Secretaría de Hacienda, con un amate de cartón mediodía en la cual venía, al igual que la trafia puesta, un poco de ropa humilde y gastada pero llena de esperanzas, insidias, y ganas de trabajar y poder mejorar su situación económica y ayudar a sus familiares en Villarino, padres y hermanos e igualmente un mínimo de condiciones para recibir a aquellos que educaron en él, que también soñaban con llegar a la tierra promisoría y que su prometida sacaría del bajonivel de vida y devicisitudes en que habían vivido antes como ellos mismos.

Ahora pasaremos a la parte principal de nuestro testimonio. José fue muy tarde conocido por sus familiares, amigos y conocidos por “Don Pepe”, tal por su carácter respetuoso y exigente, como por haberse ganado para muchos.

<sup>5</sup> El epígrafe que sigue es continuación figurada en el relato del mismo autor titulado *emigración castellana y leonesa hacia Cuba*, publicado por BENCO RODRÍGUEZ, J.A.; BRAGADO, J.M. (ed.) *Memoria de la Emigración Castellana y Leonesa. Vol. I*. Zamora, Caja España/ Diputación Provincial/ UNED, 2009, p. 158-162.



la condición de una especie de “Patricia”, por su ayuda solidaria a brinde a sus semejantes en toda una serie de actividades de alfabetización hasta en señalarles un oficio de la construcción.

Nace un 19 de marzo de 1888 en el pueblo de Villarino, como ya hemos dicho anteriormente, tercer hijo de Manuel y Catalina Anombre de sus campesinos humildes ambos, los que llegaron a tener además 3 hijos más, nombres María (la mayor), Pedro y Nicolás. Para reflejar claramente el origen humilde de los mismos, basta decir que José solía decir, ya de adulto después de haber fallecido sus padres: “Laherencia que me dejaron mis pobres padres, fue el hambre y los trabajos que pasaron durante toda su vida”.

Los primeros años de su vida los pasa al lado de sus padres y hermanos, ayudando desde muy niño en las labores del campo, con la siembra y la cosecha y ya con 12 años comienza a aprender los oficios de la construcción. Llegando a dominar el de albañil y carpintero en cofradador, poco antes de partir hacia Cuba con 16 años de edad. Pero José, gracias primero a la obligación que le imponían sus padres y después a la ayuda del sacerdote de la iglesia del pueblo, aprende a leer y escribir y adquiere con la ayuda de este último mínimo de conocimientos generales del mundo que le rodea. En este período que va de los 8 a los 14 años, se desempeña como monaguillo, ayudando en todas las actividades relacionadas con la liturgia de la Iglesia, como misas, procesiones, novenarios, etc. Con 14 años, a pesar de su corta edad, puede ganarse su sustento, aunque sólo a cambio para vivir humildemente y man a mayor, María, que a la sazón se había casado y muy dado con su esposa a Madrid a probar suerte, lo acogee en su casa para que pueda trabajar, lo que hace como operario en los oficios de la construcción que ya comienza. Con salario, ahorra dinero y prepara su viaje para Cuba, pues su hermano también puede ayudarle pues es el trabajador como empleada doméstica y su esposo como empleado del comercio, también con salarios muy bajos.

Como hemos dicho al principio, arriba José el día 8 de octubre de 1904 y es recibido por familiares de unas amistades de su hermana que ya llevaban unos años viviendo en La Habana, aunque igualmente con pocas posibilidades económicas. Pero José es un fuerte y saludable, con ganas de trabajar para salir adelante económicamente y poder crear una familia propia. Ayudar a los que quedaron atrás y prepararse adecuadamente para recibir a los que prometió ayudar para que arribaran a este nuevo país de expectativas posibles. Pasan así dos años en los que su hermano Nicolás arriba a La Habana, pero ya a la sazón, José ha construido un pequeño comercio de ma en los alrededores de lo que hoy es la Plaza de la Revolución y al que le ayuda él por un tiempo, recibiendo inicialmente no sólo un techo donde

tar, sino de todo tipo, hasta que el logro in dependiente se avanza solo por cuenta.

Un aspecto poco conocido de mi abuelo es que se casó con una cubana de 1908 que falleció en unos meses después, dándole la vida otorgada, en cinco años los trabajos que estaba pasando para salir adelante y la alegría de su familia.

Ala sazón, había llegado a Cuba Isabel Mayor y Mayor (mi abuela) con 15 años de edad, hospedándose inicialmente en casa de unas amigas y después en la casa donde trabajaba como doméstica. Pedro, su hermano, también al llegar de origen campesino, con algunos conocimientos de construcción, ayudó a José a aprender el oficio de albañil y perfeccionó posteriormente como asillero, oficio que ejerció hasta su retiro laboral. Después de unos años vividos y el roce de amor que surgió entre Isabel y José, por un lado, que éste arrendó un terreno en Oly, que fue adquirido en 1942 y 44 en Playa, y allí construyó una humilde casa de madera y tejas y un su hermano Nicolás, sus amigos y su futuro cuñado.

La casa sólo constaba de un local general, una habitación de dormitorio, el exterior la cocina y el escudadero como es lógico, sin electricidad y con orriente.

Pero no olvidada José su promesa de ayuda a los futuros inmigrantes y que ella había llegado y construido en la misma área un gran cuartito con argollas en las paredes para colgar las hamacas donde se alojaron temporalmente su hermano, sus cuñados, primos y otros familiares y amigos que cuando se les necesitaba, brindaban no sólo alojamiento sino también comida, en muchos casos corriendo ellos los gastos.

Aunque lo que vamos a relatar comienza por este tiempo y se alarga mucho más allá de la boda de José e Isabel, es importante que se conozca cómo hemos dicho anteriormente, él sabía leer y escribir, pero muchos de los que arribaban a Cuba no sabían, incluso Isabel era analfabeta. Se organizó un curso en la casa por las noches donde, al aluz de una vela, se estudió (menos lo más elemental), impartidas las clases por José. De estas clases hay anecdóticas simpáticas, como que él ponía a los alumnos a leer más de cinco palabras en el aprendizaje, letras en las paredes, crítics los odios de la biblioteca, etc. ¿Y cómo que materiales estudiaban? Pues en papel de cartón de recortes de las impresas y con lo que se encontrara a mano, lo importante era aprender.

Se casan José e Isabel en 1912, y a él con 25 años de edad y ella a los 24 años un 28 de octubre y comienzan su vida unidos, separándose sólo por un tiempo.

<sup>6</sup> Papel de envolver los alimentos. (N.E.).

mu ert e de mi ab u el o en 1959, pri mero en l a c asa del V edado, don de n ac en su s 3 pri meros h ijos, Isab el (L al a), J osé (C h eo), y M an u el , (L ile, mi padre).

Se mu dan para hau ev c asa (en tién dase por c asa u n a v iv ien da h u mil de de tec h o de tej as y c on l a termi n ac i ó n más el emen tal posi b le), y a c on st ru lo q u e hoy es el M u n ic ip io P lay a y ah ín ac esu c u art o h ijo (P ac o).

H ast a ese en t on c es l os v illaren en ses se reu z p ú an era ad a día de fiesta, c u mpl e años o san to de al g u n o de l los y es en el b au t iz o de est e últ i h ijo, q u e se c eleb ra en c asa de P epe, el 8 de Nov iemb re de 1919, en el q u a propu esta de M an u el M arc io M art ín , se ac u erda c rear u n a en tidad frat para man ten er l as tradi c ion es y c ost u mb res de V illari n o y t rasmi t ír sel as a desc en di en tes y ot ros español es ami g os resi den tes. Se c rea u n a C omi si ó n G e t ora para l a c on st it u c i ó n de lo q u e se ac ordó l lamar “C l ub V illari n o”, de forma part e P epe y el 2 1 de Di c i emb re de 1919 se apru eb a el A ct a de C on st it u c i ó n y el 18 de F eb rero de 192 , se da c arác t er of ic ial al C l ub , q u e dan do in en el R eg ist ro de En t idades de l a ci u dad de L a H ab an a, c omo in st it u c i ó n español a pri v ada.

V iol an do u n poc o l a c ron ol og ía de est e t est imon io, porq u e real men te es el ob j et iv o de est e t rab ajo el desarrol l ar l a t ray ec t oria del “C l ub V illar pero c omo forma part e de l a v ida de “Don P epe”, q u eremos dej ar c on st an cia de su desempe ño en l a soc iedad en su s pri meros 2 5 años, t oman do l as “M emori as de l as Bodas de P l a t a” de l a mi sma.

En el período 192 1-1944, “Don P epe”, apel at iv o q u e se g an ó en el t ran s c u rri r de l os años, n o sól o por l a edad, si n o t ambi én por su seri edad, apoy ó a su s semejan tes. Edu c ador y c on sejero en mu c h as oc asi on es, l l eg ó a ser, s ex ag erac i on es, c omo u n “pat ri arc a” de su s ami g os y fami li ares.

En di c h o período “Don P epe” f u e: P resi den t e du ran t e dos períodos el ec t oral es, V ic e presi den t e du ran t e c u at ro períodos el ec t oral es, V ic e T esorero ran t e doc e años y V oc al du ran t e t res períodos el ec t oral es.

A demás de lo an t eri or presi di ó o f u é mi emb ro de: l a C omi si ó n G est ora de c reac i ó n del “C l ub V illari n o”, l a C omi si ó n G est ora para l a c on st ru u n a esc u el a en “V illari n o”, l as C omi si on es de O b ras para l a c on st ru c c i ó n l ocal soc ial y el P an te ó n (en l as c u ales t rab aj ó c on su s man os, ju n to h ijos q u e y a pod ían t rab ajar), l a C omi si ó n de A dmi ni st rac i ó n c omo V ic den t e y l a C omi si ó n de P ropag an da c omo P resi den t e.

T odo lo an t eri or men t e ex presado le v ali ó a “Don P epe” ser u n o de l os c u at ro asoc iados el eg idos en l as Bodas de P l a t a del C l ub c on el T ít u lo n oríf ic o de “P resi den t e de H on or”. L os ot ros t res asoc iados f u eron , A n t on M art ín H errero, F ran c isc o H ern á n dez C ru z y M an u el M arc io G a n at u ral , est os c arg os an tes desc ri tos se l e ot org on por su ten ac i dad y t rab en pos de desarrol l ar l a u ni ó n y c ol ab orac i ó n en t re l os v illaren en ses y n o

c aer las raíces de su pu eb lo n at al. A demás fu e n omi nado “Soc io P ropag ando de H on or” y “Soc io de C on st an c ia de H on or”. O pi namos q u e n o es n ecesario entrar en det al les de todo lo q u e lu c h ó est e asoc iado, porq u e el C lu b V illari n o se c on v irt iera real men te en un a soc iedad de rec reo, au x ili o mu tu o y m u lti p lica dora de la im ag en i v d al pu eb lo de “V illari n o de los A ires”, c ost u mb res y tradic ion es y q u e i ncl u so si r v iera para ay u dar, au n q u e fu era modesto desarrollo edu c ac ion al y soc ial del pu eb lo.

V olvi en do al hi lo de n u est ro rel at o en 1920, n ac e su q u i n to h ijo (T ite) y un año despu és el sex to y ú lti mo, L oret o.

C omo fam ilia pob re, al fin, n o pu ede “Don P epe” permi tirse el lu jo de q u e sus h ijos est u dien du ran te mu c h o ti empo, deb ien do i ncor porarse al tra ba jo a edad tempran a (pon ien do un sol o ej empl o, mi padre a los 9 años y a tr ab aj ab a de ay u dan te de h errero), al c an z an do los tres pri meros v aron es sol amen te el 4º grado, y los dos ú lti mos el 6to grado.

Don P epe man tu v oc on sus h ijos un a man o du ra de pat ri arc ado real do i ncl u so y asi en do h omb res pero solteros aún y v iv ien do en la casa de los padres, era éste el q u e dec idía los asu n tos más i mport an tes de ellos. P or otra parte, les en señó a todos un ofi c io para g an arse la v ida hon radamen te y su h ab orrar el di n ero su fic ien te para q u e, u n o da n ose q u ería c asar y c on st i t u i r fam ilia aparte, le c on st ru ía un apart amen to modesto pero c on fort ab l e q u e pu di eran v iv ir y c riar a sus h ijos, al men os h asta q u e fu era mej or est at u se c on ómi c o y y a si g u i eran la v ida i n depen dien tes, pero eso sí, un o de ellos n eces it ab a ay u da, ll amab a a los demás) para pítu d o ( c ooperaran c on el n eces itado.

O tro aspec to es c ómo se oc up ó de q u e los ni et os, además de sus h ijos, apren di eran las c ost u mb res, c omi das, c an tos, et c , de V illari n o, a tal pu n to q u e aún h oy despu és de casi 50 años de su m erte y de h ab erse perdi do en el C lu b V illari n o la tradic ion de la dan za por fal ta de rec u rsos, me rec u erdo de c an c ion es como “El bu rro del tío Sil v erio”, “C armel ita H ermosa,” “El padre A n ton io”, y otras c an c ion es del pu eb lo.

P or otra parte “Don P epe”, c omo h emos di ch o, era de un c arác ter serio y q u e i nspi rab a mu c h o resp eto, au n q u e n o mi edo, y g u st ab a de ju g ar con ni et os de di st i n tas formas, por ej empl o a v ec es ll amab a a un o de ellos y le dec ía q u e le t raj era las pan tu flas y le q u it aralos z apatos y c aían mon edas. Los mi smos q u e despu és les reg al ab a. Ig u al men te, el Día de Nochebu en a se t ab a de esc on der reg al os en di st i n tas partes de la casa, para q u e los ni et os se en c on t raran si n dejar de darl e adic ion al men te a cada un o el su yo.

O tras an écdotas de “Don P epe” las podemos reflej ar en su di sc i pl i na de c omer ex ac t amen te a las 6:00 p.m. y acostarse a dorm ir a las 9:00 p.m., día por día, i n t erru mpi en do est o sólo en días fest iv os como la Nochebu en a o

día de “San José”, en q u e l l e g a b a n a s u c a s a m u c h a s p e r s o n a s a f e l i c i t a r l a q u e i n v a r i a b l e m e n t e s e l e s b r i n d a b a a n í s “El M o n o” y r o s q u i l l a s h e c h a b a b u e l a I s a b e l ( e x q u i s i t a s ) , a u n q u e b r i n d a r a o t r a s c o s a s .

“Don P e p e” se d e s a r r o l l ó c o m o t r a b a j a d o r d e l a c o n s t r u c c i ó n d u r a n t e t o d a s u v i d a l a b o r a l y l l e g ó a s e r M a e s t r o d e C h a r r a n e r a m o s e C a p a t a z , y e n s e ñ a t o d o s s u s h i j o s e n l o m i s m o , a t a l p u n t o q u e t o d o s l l e g a s e r l o m i s m o . H a s t a 1958 l a b o r ó a c t i v a m e n t e h a s t a q u e u n a p a r á l i s i s f a c i p o r u n a c c i d e n t e c e r e b r o v a s c u l a r , l e p a r a l i z ó p a r t e d e l a b o c a , d e c i d i e n d o b i l a r s e , h a s t a s u m u e r t e u n 12 d e o c t u b r e d e 1960 e n q u e m u r i ó d e u n i n c a r d i a c o m i e n t r a s d o r m í a , e l c u a l n o s i n t i ó p o r s e r i n d o l o r o . S u c a d á v e r f u v e l a d o e n e l “C l u b V i l l a r i n o” y e n t e r r a d o e n e l P a n t e ó n d e l m i s m o , d e s c a n s a n s u s r e s t o s .

S i f u é r a m o s a r e s u m i r l a v i d a d e D o n J o s é N o t a r i o C a m p o s (“D o n P e p e”), v i s t o a l o s c r i t e r i o s a c t u a l e s , d o n d e s e r e c o n o c e n m é r i t o s p o r p a r t i c i p a c i ó n d i s t i n t o s s e c t o r e s d e l a v i d a d e l p a í s , t e n d r í a m o s q u e d e c i r q u e s e m e r e c e e l d e c o n s t r u c t o r , e d u c a d o r y t r a b a j a d o r s o c i a l .

P e r o c r e o q u e e l m e j o r h o m e n a j e s r e c o r d a r l o c o n l a d e v o c i ó n y e l c a r i ñ o q u e s e l e p r o f e s a a u n h o m b r e d e b u e n a v o l u n t a d , l u c h a d o r p o r l a v b u e n e s p o s o , b u e n p a d r e y b u e n a m i g o , p r e s t o s i e m p r e a d a r u n b u e n c o n o t e n d e r u n a m a n o a q u i e n l a n e c e s i t a b a y q u e f u e u n “v i l l a r e n e n e x t e n s i ó n , u n c a s t e l l a n o d e p u r a c e p a , l o q u e s u p o d e m o s t r a r a t o d o l o l a r d e s u v i d a y s u o b r a .

## A M O D O D E C O N C L U S I Ó N

E n e s t e p e q u e ñ o t r a b a j o , h e m o s q u e r i d o r e f l e j a r l a s c a r a c t e r í s t i c a s d e e s t e p e q u e ñ o g r u p o d e i n m i g r a n t e s ( s i l o c o m p a r a m o s c o n t o d a l a i n m i g r a c i ó n p a ñ o l a e n C u b a ) , p e r o q u e r e ú n e a l g u n a s c a r a c t e r í s t i c a s , a n u e s t r a o p i p a r t i c u l a r e s , a u n q u e o t r a s s e a n s i m i l a r e s a l a s d e l a s o t r a s : r e p r e s e n t a n u n i n m i g r a c i ó n d e u n m i s m o p u e b l o y e n a l t o t a n t o p o r c i e n t o , s e m a n t u u n i d o s , f o r m a n d o u n a s o c i e d a d p r o p i a , q u e h a s t a n u e s t r o c o n o c e a m i e n t o ú n i c a e n A m é r i c a q u e r e s p o n d e a u n p u e b l o o a l d e a . ( h o y m u n d o c i p i o d e m a n c a ) .

A l a m e m o r i a d e l h o y f a l l e c i d o s t o d o s , a l o q u e n o s d e j a r o n c o n s u e j e m p l o d e t r a b a j o , h o n r a d e z y t e m p l e a s í c o m o s u c u l t u r a y c o s t u m b r e s , e n s e ñ a r n o s a a d m i r a r y r e s p e t a r a l p u e b l o e s p a ñ o l e n g e n e r a l y a l c a s t e l l a n o y l e o n é s e n p a r t i c u l a r , d e d i c a m o s e s t e t r a b a j o .

solitari



# B u s c a r u n a a g u j a e n u n p a

Bárb ara V i v i a n P a d i e r n a P é r e z d e C o r c h o

## DEDIC A T O R I A

*A la memoria de mi abuela F elix a.*

*A la memoria de su h ermano J uan.*

*A mi p adre.*

## A G R A D E C I M I E N T O S

A mi s q u e r i d o s y s i e m p r e r e c o r d a d o s Á u r e a y P e d r o , a m i q u e r i d í s i m a Y o l i , a E m i l i o , a t o d a e s a m a r a v i l l o s a f a m i l i a , a m i s a m i g o s L a u r a y E d u a r d o a m i f a m i l i a q u e s i e m p r e m e a p o y o e n m i e m p e ñ o , a t o d o s m u c h a s g r a c i a s .

M i a b u e l a F e l i x a d i s o l e m i y i s o p r o b a r s u e r t e y e m i g r ó p r i m e r a m e n t e a o t r a p r o v i n c i a d e E s p a ñ a , a l P a í s V a s c o , p a r a l u e g o m á s t a r d e t e n e r q u e s a l i r f u e r a d e s u t i e r r a n a t a l ; e s p o r e s o q u e u n d í a c u a l q u i e r a d e l 1 9 1 5 a p r o x i m a d a m e n t e , a p r i n c i p i o s d e l s i g l o X X , s a l i ó s i n r u m b o , c a s a c o n u n a n i ñ a e n s u s b r a z o s y o t r o s e r e n s u v i e n t r e . ¡ Q u i é n s a b e c u a l l a s r a z o n e s r e a l e s q u e l a m o t i v a r o n a d e j a r s u s p a d r e s , h e r m a n o s , l a t i e r r a q u e l a v i o n a c e r y e m i g r a r a u n p u n t o d e l a A m é r i c a , a C u b a ! M u c h a h a b e r s i d o s u s r a z o n e s : d e c a r á c t e r s o c i a l , e c o n ó m i c o , p o l í t i c o , u o t r a s c o s q u i e r a q u e f u e r a d e b e h a b e r s i d o m u y d u r o y d i f í c i l d e j a r l o t o d o y s a l i r e a v e n t u r a . D e s d e m u y p e q u e ñ a y l u e g o c u a n d o i b a c r e c i e n d o e s c u c h é a b u e l a q u e t e n í a j u n t o a m í , c o n e s a e s t a t u r a t a n a l t a y e s b e l t a , d e p i e l b l a n c a , o j o s m u y a z u l e s , p e l o l a r g o y c a n o s o , y a p o r e l p a s o d e l o s a ñ o s , q u e j u g a b a c o n m i g o y m e e n s e ñ a b a l a s c a s t a ñ u e l a s y e l b a i l e e s p a ñ o l , u n d í a l i v e n i d o d e E s p a ñ a , c o n u n a n i ñ a e n s u s b r a z o s q u e e n f e r m ó e n l a t r a v e s í a b a r c o m u r i ó y h u b o q u e l a n z a r l a a l m a r ; e s a h i s t o r i a t a n t r i s t e s e g r a b ó e n m e m o r i a p a r a s i e m p r e . C o n t a b a e l l a q u e f u e r o n a q u e l l o s d í a s d e t r a v e s í a m u y l a r g o s y d i f í c i l e s , m u y a n g u s t i o s o s , s a b e r q u e s u h i j i t a h a b í a e n f e r m a d u n o h a b í a n i r e c u r s o s n i m é d i c o s p a r a s a l v a r l a ; e r a a l g o t e r r i b l e . . . F u e r o n é s



unos de los tantos riesgos que corrieron los españoles en esas épocas difíciles en que tuvieron que emigrar a otras tierras buscando una mejor vida y refugio seguro.

Desde su llegada a Cuba mi abuela se estableció en Ceiballos, C. Ávila, donde nacieron sus 10 hijos varones y creó una numerosa familia vivió y todos los del pueblo la querían como una más de allí; si empre se ocupó de las tareas de la casa y la crianza y educación de todos sus hijos y de mucho amor y cariño a sus hijos y nietos. De un carácter fuerte y dominante nunca quiso perder su origen español y como dato curioso les puso a todos los hijos sus apellidos, para que siempre prevaleciera su origen en sus descendientes. Cuando mi padre que él la le dijo que pasado un tiempo de estar aquí volvió a España con el mayor de sus hijos, pero regresó rápidamente; que sus sabecuales eran sus intenciones en esos momentos... Pasado un tiempo no viviendo a su lado, recibí la fatal noticia de su muerte, un 29 de octubre de 1973, a los 85 años de edad.

Pero la verdadera historia de mi abuela Felixa había que cuando yo era niña y con muchos interrogantes, que por motivos, pienso muy personal de ella dejó claro entre sus hijos y familia. No se sabía el lugar exacto de su nacimiento en España, si existían familiares allí todavía; fue entonces y durante varios años que yo, una de sus nietas, tenía el deber sentimental de encontrar sus raíces y las mías, por supuesto; fue así como comencé a investigar y llamaron "buscar una aguja en un pajar". Pero nada limitó mi búsqueda mi fe absoluta de que encontraría mi objetivo, a pesar de contar con la mía y la información sobre mi abuela paterna y su origen; me di a la tarea con paciencia, perseverancia e interés de investigar sobre su vida pasada. Comencé a organizar mi memoria de todo lo que me había contado en algún momento mi padre sobre su madre; ella le contó que cuando ella se casó se fue a Bilbao y allí su esposo Manuel trabajaba en los Astilleros y tal parece que en actividades políticas en contra del gobierno y es despedido del trabajo perseguido por sus ideas políticas; en ~~v~~ ~~o~~ ~~m~~ ~~b~~ ~~e~~ ~~s~~ ~~i~~ ~~g~~ ~~e~~ ~~d~~ ~~a~~ ~~d~~ ~~a~~ ~~a~~ ~~b~~ ~~a~~ ~~n~~ ~~d~~ ~~o~~ ~~n~~ ~~a~~ ~~r~~ ~~e~~ ~~l~~ ~~p~~ ~~a~~ ~~i~~ ~~s~~ ~~;~~ ~~e~~ ~~s~~ ~~a~~ ~~s~~ ~~i~~ ~~c~~ ~~o~~ ~~m~~ ~~o~~ ~~s~~ ~~e~~ ~~i~~ ~~n~~ ~~t~~ ~~r~~ ~~o~~ ~~d~~ ~~u~~ ~~c~~ ~~e~~ ~~n~~ ~~e~~ ~~n~~ ~~u~~ ~~n~~ ~~b~~ ~~a~~ ~~r~~ ~~c~~ ~~o~~ ~~c~~ ~~o~~ ~~m~~ ~~p~~ ~~o~~ ~~l~~ ~~i~~ ~~z~~ ~~o~~ ~~n~~ ~~e~~ ~~s~~ ~~,~~ ~~e~~ ~~l~~ ~~l~~ ~~o~~ ~~s~~ ~~c~~ ~~o~~ ~~n~~ ~~o~~ ~~p~~ ~~e~~ ~~q~~ ~~u~~ ~~e~~ ~~ñ~~ ~~i~~ ~~t~~ ~~a~~ ~~,~~ ~~y~~ ~~h~~ ~~a~~ ~~c~~ ~~e~~ ~~n~~ ~~l~~ ~~a~~ ~~t~~ ~~r~~ ~~a~~ ~~v~~ ~~e~~ ~~s~~ ~~i~~ ~~a~~ ~~C~~ ~~u~~ ~~b~~ ~~a~~ ~~.~~ ~~L~~ ~~u~~ ~~e~~ ~~g~~ ~~o~~ ~~d~~ ~~e~~ ~~e~~ ~~s~~ ~~t~~ ~~a~~ ~~r~~ ~~a~~ ~~q~~ ~~u~~ ~~í~~ ~~,~~ ~~a~~ ~~l~~ ~~p~~ ~~o~~ ~~c~~ ~~o~~ ~~n~~ ~~e~~ ~~s~~ ~~e~~ ~~n~~ ~~u~~ ~~n~~ ~~a~~ ~~c~~ ~~h~~ ~~a~~ ~~b~~ ~~l~~ ~~ó~~ ~~d~~ ~~e~~ ~~s~~ ~~u~~ ~~f~~ ~~a~~ ~~m~~ ~~i~~ ~~l~~ ~~i~~ ~~a~~ ~~d~~ ~~e~~ ~~l~~ ~~l~~ ~~u~~ ~~g~~ ~~a~~ ~~r~~ ~~d~~ ~~o~~ ~~n~~ ~~d~~ ~~e~~ ~~n~~ ~~a~~ ~~c~~ ~~i~~ ~~ó~~ ~~;~~ ~~d~~ ~~e~~ ~~c~~ ~~í~~ ~~a~~ ~~q~~ ~~u~~ ~~e~~ ~~r~~ ~~a~~ ~~d~~ ~~e~~ ~~B~~ ~~i~~ ~~l~~ ~~b~~ ~~a~~ ~~o~~ ~~,~~ ~~v~~ ~~i~~ ~~z~~ ~~c~~ ~~a~~ ~~n~~ ~~a~~ ~~,~~ ~~d~~ ~~e~~ ~~l~~ ~~P~~ ~~a~~ ~~i~~ ~~s~~ ~~V~~ ~~e~~ ~~r~~ ~~d~~ ~~a~~ ~~d~~ ~~e~~ ~~s~~ ~~u~~ ~~o~~ ~~r~~ ~~i~~ ~~g~~ ~~e~~ ~~n~~ ~~n~~ ~~u~~ ~~n~~ ~~c~~ ~~a~~ ~~l~~ ~~o~~ ~~d~~ ~~i~~ ~~j~~ ~~o~~ ~~,~~ ~~q~~ ~~u~~ ~~i~~ ~~z~~ ~~á~~ ~~s~~ ~~p~~ ~~o~~ ~~r~~ ~~m~~ ~~i~~ ~~e~~ ~~d~~ ~~a~~ ~~s~~ ~~e~~ ~~r~~ ~~d~~ ~~e~~ ~~s~~ ~~c~~ ~~u~~ ~~b~~ ~~i~~ ~~e~~ ~~r~~ ~~t~~ ~~a~~ ~~o~~ ~~p~~ ~~e~~ ~~r~~ ~~s~~ ~~i~~ ~~g~~ ~~u~~ ~~i~~ ~~e~~ ~~r~~ ~~a~~ ~~n~~ ~~o~~ ~~m~~ ~~a~~ ~~t~~ ~~a~~ ~~r~~ ~~a~~ ~~n~~ ~~.~~ ~~S~~ ~~u~~ ~~v~~ ~~e~~ ~~r~~ ~~d~~ ~~a~~ ~~d~~ ~~e~~ ~~r~~ ~~a~~ ~~h~~ ~~i~~ ~~s~~ ~~t~~ ~~o~~ ~~r~~ ~~i~~ ~~a~~ ~~e~~ ~~s~~ ~~t~~ ~~a~~ ~~b~~ ~~a~~ ~~p~~ ~~o~~ ~~r~~ ~~d~~ ~~e~~ ~~s~~ ~~c~~ ~~u~~ ~~b~~ ~~r~~ ~~i~~ ~~r~~ ~~y~~ ~~o~~ ~~q~~ ~~u~~ ~~e~~ ~~s~~ ~~a~~ ~~b~~ ~~e~~ ~~r~~ ~~a~~ ~~.~~

Seguí dame te de organizar mis ideas comenzando el estudio de la geografía de España: sus provincias, sus municipios y sus comunidades autónomas; abarcando diferentes provincias. Escríbela la revista ~~de~~ ~~los~~ ~~em~~ ~~g~~ ~~r~~ ~~a~~ ~~d~~ ~~o~~ ~~s~~ ~~,~~

*España* en enero del 2002, donde publicaron genéticamente mi carta. Como desordenadamente escribieron los registros civiles y parroquias de diferentes lugares de España, que al azar seleccionaba en Vizcaya si empre recibí una respuesta de esos lugares, donde lamentablemente en contra de la persona que yo buscaba; llegué a escribir alrededor de 50 cartas. Como también esto, solicité en las oficinas de Emigración y Extranjería en el certificado de su entrada y asentamiento; en el registro civil solicité el certificado de defunción, certificación de nacimiento de su hijo, todo con el fin de verificarlo para saber el lugar de su nacimiento, pero todo era en vano; esos documentos sólo decía que era español y nada más. Pasaba el tiempo y continuaba en mi empeño de buscar e investigar por todas partes. Fue como en tren un sitio de genealogía hispana llamado el anillo.com; allí orienté mucho sobre el tema y decidí buscar en las páginas blancas de España personas con mi apellido y comenzar de nuevo a mandar cartas por el correo ordinario, como dije a personas que tenían mi apellido, Pedernera, y que fue un fundamentalmente de la Comunidad de Castilla y León, pues ya anteriormente su padre por el genealogista Baños que los de ese apellido eran de Castilla y León y a mí búsquedas iba otomando un rumbo y una orientación más precisa. Continuaba yo y yo escribía mis cartas y si empre con la esperanza de, en algún momento, encontrarlo buscado. Y ese día tan ansioso y esperado llegó. Fue el 19 de septiembre del 2002, cuando a mi buzón de correo electrónico llegó una que parecía imposible: un mensaje que me decía que una de mis cartas había llegado a las manos de Aurea y Pedro, nietos de Juan, y éste era hermano de mi abuela y don de me comuniqué con la familia que estaba en el momento de haber en los descendientes de Felixa. No es posible describir con palabras todo lo que yo sentí en ese momento, luego de tantos años de búsqueda haber encontrado mi objetivo, fue algo inolvidable.

Vino luego de estolación en tres familias y saber, al fin, que mi abuela Felixa la que emigró un día de España en condiciones difíciles, nacido en Bustillo del Páramo el 22 de febrero de 1889, en la provincia de Palencia y que allí habían que edad sus padres, hermanos, primos y muchachos más. Me cuenta que su hermano Juan buscó mucho a su hermano en diferentes tiempos difíciles, pues que era saber sobre su paradero, y que una día desapareció sin dejar rastro ni decir a donde iba; dicen que él contaba que la búsqueda en el otro lado de España en México pensando que se había ido a ese sitio y por su puesto no la encontraron; él murió con los deseos de saber algo sobre su hermano más pequeña. Es por todos estos motivos que una familia en contra de esta está feliz de haber encontrado la familia de Felixa y saber finalmente que un día de la geografía se había ido Felixa a tantos años atrás y donde se había establecido y formado una familia; nos decían ellos, lo contaron que ese

su hermano Juan si su pieza todo esto. Con este modesto y sencillito trabajo que he hecho en el día salieron de su tierra en el autobús a dar un día mejor y seguro que iré a dar de esta geografía.

# Quien ama a su patria de ori- b i e n s e m e r e c e t e n e r o t r a q u e l o c o

C armen R eg o j o M arrero

El texto que viene a continuación, no es más que una sin tesis de del inmigrante español, Manuel Regojo Sánchez. Esta vida estuvo llena de series, penas, pero sobre todo de añoranza por su familia y su natal Fermostelle, a la que en opudovolenca.

## I. SUS ORÍGENES

Oriunda de la provincia de Zamora, municipio Fermostelle, España, es la familia Regojo Sánchez. El señor José Regojo hubo de contraer matrimonio con la señorita Carmen Sánchez, natural de Zamora. De esta unión nacieron tres varones. Al mayor lo bautizaron con el nombre de Bernabé segun do Antonío y al más pequeño le pusieron Manuel. La familia de totalmente de la agricultura, específicamente de la producción del vino, adiestrando a sus tres hijos en este sentido, y aquí es su sustento económico principal. Para la alimentación familiar producen algunas cantidades de frutas, verduras y hortalizas.

De acuerdo con lo que mi padre nos contó, sus padres sufrieron el no poder darle una mejor educación y aquí es donde se les dio un poco de ciencia económica, por lo que los muchachos solamente pudieron terminar la enseñanza primaria. Al llegar a la mayoría de edad y al parlar mi serie existente, la falta de desarrollo y habiendo escuchado las historias de América decidieron Bernabé y Antonío, de veintitrés y veinte años respectivamente, emigrar hacia América, para mejorar y ayudar a sus padres y al hermano menor.

En el año 1915 después de poner en reglata toda su documentación, compraron boletos en tercera clase para el vapor "Herminon" que pertenecía a la R.P.Houston and Company y desembarcaron doce días después en Buenos Aires, Argentina.

## II. EMIGRACIÓN

H ab ien do rec ib id o M an u el c orrespon den c ia de su s h erman os rad en Bu en os A ires y c on tán do e ellos el salt o c u al itat iv o q u e h ab ía n v idas, en c on trán dose é s te en edad m il itar y h ab ien do rec ib id o c omu n ic of ic al de q u e i b a a ser dest ac ado en Á fric a, dec id ió c on su lsa an u en c ia a padres v iajar a A rg en t in a.

C on v en c ió a su n ov ia J o sefa M aría L ópez para v iajar j un tos y c on t en er prob lema para c omprar su b ol et o, lo h iz o en terc era c lase para el bu que “F ri si a” q u e z arpó desde el pu ert o de V ig o. Desemb arc ó v ari os días despu é s en Bu en os A ires c on la esperan za del pron to en c u en tro c on su amado M an u el. C orría el mes de n ov iemb re de 1919.

## III. EL VIAJE

En en ero de 1920 , lu ego de pasar v ic i s i t u des M an u el emb arc ó c on el l i z on t e en el v apor Bal b an era, q u e le h ab ía n di c h o se di r i g ía a Bu en os A ires. G ran de f u e su sorpresa c u ando desc ub rió q u e el pu ert o de dest in o del bu que era el de San ti ag o de C ub a. Despu é s de v ari os días de mol est a t rav esía, h ab ía n am b re, f al ta de aseo y el dol or de sab er q u e c u ando desemb arc a r a n o en c on t r a J o sefa n i a su s q u eri dos h erman os. P or fin el bu que t oc ó pu ert o en la ci udad de San ti ag o de C ub a.

## IV. LA LLEGADA

H ab ien do c on oc id o en el refer id o v apor al c oc in ero del m ismo llan t e J u l i o R odríg u ez , é s te l e c o m e n t ó q u e c on oc ía a u n emigran te español J osé M art ín ez , q u i en resi día en <sup>1</sup> S i t i o C i u d a d p u e r t e n e c i e n t e a l t é r m i n o m u n i c i p a l de A l t o S o n g o , en u n <sup>2</sup> L c a s e r í o l l a m a d o n t i g u a p r o v i n c i a de O r i e n t e , rec o m e n d a n d o a M an u el c o m o b u e n a g r i c u l t o r en q u i e n c o n f i a r .

I n d a g a n d o c on p e r s o n a s o r i u n d a s h u b o de c on oc er q u e l a f o r m a m á s p i d a de l l e g a r a l r e f e r i d o l u g a r e r a p o r t r e n h a s t a e l t é r m i n o m u n i c i p a l de M a y a , de a q u í d e b í a r e c o r r e r l a d i s t a n c i a h a s t a <sup>2</sup> e m p a l m e p a n u n v i e z o a l l í a b o r d a r o t r o t r e n h a s t a J u r i s d i c c i ó n y c o n t i n u a r a p i e h a s t a S i t i o M an u el p u d o h a c e r t o d o e s t e r e c o r r i d o en u n s o l o d í a y a l l e g a r f u e b i e n b i d o p o r su c o t e r r á n e o J osé M art ín ez y l a f a m i l i a de é s t e .

<sup>1</sup> M u n i c i p i o de S o n g o , a n t i g u a p r o v i n c i a de O r i e n t e . (N.E.)

<sup>2</sup> E m p a l m e . (N.E.)

## V . B R E R O A G R Í C O L A

A l demost rar M an u el q u e real men te c on oc ía el trab ajo ag ríc ol a l e ot org ada u n a parc el a de mon te firme para desb roz ar a g ol pe de h ach a y ma- c h e t e y c on c in c o emi g ran tes español es q u e h ab ían v i aj ad o , j u n t o a di spu si eron a t rab aj ar. Di c h a parc el a era para di v i di rl a e n c in c o part es i g u por lo q u e t rab aj aron u n a seman a para c ada u n o y así h ac er más f á c i l y rá p i el t rab ajo.

## V I. P R I M E R A P O S E S I Ó N

T u s u o p r i m e r a f i n q u i t a d e n t r o d e l a p r o p i e d a d d e J o s é M a r t í n e z e n l a q u e p l a n t ó á r b o l e s f r u t a l e s t a l e s c o m o m a n d a r i n a s , g u a y a b a s , m a n g o s , l z a p o t e s , e t c é t e r a . E n s u s i n i c i o s s i n t e n e r m u c h a s g a n a n c i a s d e c i d i ó i n t a r l a p r o d u c c i ó n d e l a f i n c a , l o h i z o c o n e l c u l t i v o d e l c a f é q u e e r a u n m a s c o d i c i a d o y p o r e n d e m e j o r p a g a d o . E n t u s i a s m a d o p o r l o b i e n q u e l e i b a r l a s c o s a s c o m e n z ó a t e n e r r e l a c i o n e s a m o r o s a s c o n u n a d e l a s d o m é s t i c a s d e l a f a m i l i a M a r t í n e z . E s t a l a s e l l a m a b a A g u s t i n a D u r r u t y . P o e o t i e m p o d e s p u é l l a l l e v ó a v i v i r c o n é l s i n c o n t r a e r m a t r i m o n i o , d e e s t a r e l a c i ó n n s u p r i m e r h i j o a l q u e l l a m a r o n M a n u e l , i g u a l q u e s u p a d r e .

D e b i d o a l a s i t u a c i ó n e c o n ó m i c a e x i s t e n t e e n e l p a í s , s u s g a n a n c i a s m u y p o c a s y a l g u n o s a m i g o s l e c o m e n t a r o n q u e l a c o m p a ñ í a a m e r i c a n a “ M n a t í S u g a r C o m p a n y ” e s t a b a c o t i z a n d o m u y b i e n e l c o r t e d e c a ñ a , a s í d e q u e l a s c o n d i c i o n e s d e t r a b a j o e r a n f a v o r a b l e s . D e c i d e p r o b a r s u e r t e e n e a c t i v i d a d t o t a l m e n t e d e s c o n o c i d a p a r a é l . E n f e b r e r o d e 1 9 2 2 s e p r e s e n t ó c o m o m a c h e t e r o e n l a m e n c i o n a d a c o m p a ñ í a . P a s a d o s s ó l o t r e s m e s e s y n o v i e n d o c o l m a d a s s u e x p e c t a t i v a s , d e b i d o a l t r a t o i n h u m a n o , l a p o b r e p a l a s c o n d i c i o n e s i n f r a h u m a n a s d e v i d a , d e c i d i ó r e g r e s a r a l a f i n c a q u e é l m h a b í a f o m e n t a d o y q u e s u s c o t e r r á n e o s e s t a b a n c u i d a n d o . A l l e g a r s u A g u s t i n a s e h a b í a m a r c h a d o l l e v á n d o s e c o n e l l a a s u p e q u e ñ o h i j o .

## V II. M A T R I M O N I O Y D E S C E N D E N C I A

D e s p u é s d e d i e z l a r g o s y d u r o s a ñ o s d e t r a b a j o , c o n l o s p o c o s i n g r e s o s o b t e n i d o s p u d o c o m p r a r a l g u n o s a n i m a l e s d e c o r r a l y e s t a b l e c e r s e , y a q t e n í a a s p i r a c i o n e s d e c o n t r a e r m a t r i m o n i o c o n u n a m u j e r l a b o r a d o r a l l a m a d a I s a b e l M a r r e r o , l a c u a l h a b í a c o n o c i d o a t r a v é s d e s u b e n e f a c t o p r o t e c t o r J o s é M a r t í n e z , q u i e n m a n t e n í a e x c e l e n t e s r e l a c i o n e s c o n l a M a r r e r o M o y a .

D e s p u é s d e v a r i o s m e s e s d e n o v i a z g o c o n t r a j e r o n m a t r i m o n i o e l d í a 4 d e o c t u b r e d e 1 9 2 9 , e n e l j u z g a d o d e A l t o S p a r e j o . L o n t i n u ó t r a -

bajan do arduamente en la propiedad y el 22 de julio de 1930 de esta ferviente unión nació el primer varón José en honor a su patrón. Dos años más tarde el 11 de febrero de 1932, nació Carmen, la primera de las hermanas, la llamaron así en honor a la abuela paterna.

### V III. A V A T A R E S D E L A V I D A

Para Manuel, ya con dos hijos más, la situación económica por atravesar estaba muy difícil al prestar ayuda a sus padres y muchachos por el retomar a la madre patriá para verlos, aunque esto fue su obligación permanente. En este mismo año, luego de un alargado enfermeo, falleció su padre quedando sola la madre, sin sustento y sin poder recibir ayuda de sus hijos. Los hermanos, Bernardo y Antonio, al conocer del fallecimiento de su padre y de las vicisitudes por la que atravesaba Doña Carmen, decidieron regresar a España a buscarla. La trasladaron a Buenos Aires para así poder cuidar de ella. Con esta noticia Manuel quedó más tranquilo.

### IX . D I F I C U L T A D E S

El matrimonio Regio Marrero buscaban un dependiente y mejoraría económica de trasladarse a Patrocinio, lugar que se encontraban dentro del término municipal. A pesar de muchos esfuerzos no lograron la mejoría deseada. Aquella que era su tercera hija, la que tuvo por nombre Dioscórides. El 22 de mayo de 1934 y tras el retomar a Sitio Campo. Luego del retomar compraron un pequeño terreno dedicado al cultivo de frutos menores que utilizaban también algunos animales de corral. El día 2 de diciembre de 1938 nació Elisa, el 18 de mayo de 1938 Isabel y dos años más tarde, el 3 de enero de 1940, nació Edelmira.

Manuel recibía correspondencia de sus hermanos a menudo y mediante ésta su estado de salud de su madre y de los deseos de ésta de poder ayudar al menor de sus hijos. En carta fechada el 25 de mayo de 1941, hermano Antonio le comunicó el fallecimiento de su madre, el día 2 del mismo mes. Manuel que quedó desolado al saber que su madre murió cuando él era el menor del amado hijo.

### X . D E S G R A C I A S

El 28 de noviembre de 1942 nació la séptima de las hijas a la que llamaron Aurora. Cuando él nació de esta niña se encontraban y algunos familiares friendo un puercito en un descuido se le perdió en todas las pertenencias. Después tuvieron que mudarse a la casa

Quien ama a su patria de origen, bien se merecete en otro lugar u el oco b i j e



la su eg ra de M an u el y rec on stru iren b rev etiempo lo q u e q u edó del in para v olv er y c on tin u ar en las lab ores de la ag ricu ltu ra, ah ora apremi ado la peq u eña prole q u e ten ía q u e man ten er. P ara c ol mo de mal es la últi ma de las ni ñas se en fermó y por los esc asos rec ursos ec on ómicos c on los q u e c on taba un g al en on o mu y v ersado en est as c u est ion es le aplic ó un a in y ec c ió n medic amen to q u e lejos de c u rar la le in tox ic óla san g rey le dej ó un a sec u un ret raso men tal y f ísico motor q u e aún padec e.

P ese a todas est as di fic ultades si g u ieron trab aja n do y sac rific a n dose y 2 4 de en ero de 1944 n ac ió el seg un do varón al q u e n omb raron M an u el, c on su padre. Dos años despu és n ac ió la últi ma de las h emb ras a la q u e n omb raron Bl an ca R osa. Eso fu e el día 9 de oc tu bre de 1946. A prox imadamen te a fin al es de feb rero del año 1947 y h ab ién dose repu esto ec on ómic amen te, el mat ri mon io dec idió c omprar un a tien da mix ta en un lu g ar mu y cerc a de la fin ca tien da la llamaron “L a Isab el a” y en ella n ac e el último de sus h ijos, el 2 1 de septi emb re de 1948. A ést e lo b au tizaron c on el n omb re de A n ton io h on oral tío resi den te en A rg en tin a.

## X I. P R O S P E R I D A D

P rosp eró “L a Isab el a” c on la bu en a admi nist rac ión del mat ri mon io, pe al en c on trarse si tu ada en un a loc alidad mu y pob re y ser M an u el un a mu y dadi vosa, q u e b ró a fin al es de 1949. L os desc en di en tes may ores de M an u el c on trajeron mat ri mon io, c omen z an do a n ac er la g en erac ión c u b an o es de R eg o jo. C armen di o a lu z la pri mera ni eta de M an u el, a la q u e b au tizaron c on el n omb re de A méric a en h on oral c on tin en te q u e lo h ab ía ac og id o.

En el año 1951, c on los ah orros ob ten idos en los dos últimos años, dec idieron c omprar un h otel si tu ado en el pob lado de L a M ay a, en el t érmi no n ic ipal de A lto Son g o. El h otel c on tab a c on rest au ran te, c afe t ería y h y se llamab a “O ri en te”. En 1952 c on trajo mat ri mon io el may or de los v arones y meses despu és n ac ió J osé C larav al, el primer ni eto de M an u el.

Deb ido al ex c eso de trab ajo M an u el en fermó de los bron qu itos, así c on un a in c ipi en te di ab etes, por lo q u e q u eda in u til iz ado para el trab ajo, re todo el peso del trab ajo en su esposa Isab el. L o q u e c on du jo a q u e tres años más tarde dec idiera v en derlo, pu es n o podían pag ar empl eados.

## X II. DE NUEVO ABAJO

Cerc a de don de se en c on trab a el h otel en la calle del c omercio de la l calidad de L a M ay a, c ompraron un a peq u eña tien da para dedi carse a la v en de v ív eres. Est o du ró mu y poc o tiempo deb ido a la mala si tu ac ión ec on ómic a ex isten te en el país, q u e c on llev ab a a q u e las tien das est u v iesen ab a

de produ ctos y no hubiese dinero para adquirirlos, pues no existían ni  
empl eos.

#### X IV . M U D A N Z A S

A l verse en esta situación dec iden vender la tienda y mudarse pa  
M in as de Pon u po, don de lab oraba el mayor de sus hijos (José) como mi  
L u ego de instalarse pusieron una pequeña tienda de víveres, así como  
f on di ta para vender comidac oc in ada a los trabajadores de la mina. Resu ltó  
de muy pocas ganancias, dec iden trasladarse a la ciudad de San tiago de C  
C orría el mes de octubre de 1954; se establecieron en el Reparto Altam  
en las periferias de la ciudad. En este sitio insisteron y pusieron una  
T ampoco resultó y la situación obligó a que todas las hijas en edad  
c omen zaran a trabajar como domésticas en casas de lab u rgu esía alta y m  
Éstas se con virtieron en el sostén económico de la familia.

En vistas que la situación económica en la ciudad de San tiago de  
h ac ía muy difícil, la familia acompletó el traslado a la zona de H olgu ín  
fic amen te al término municipal de M o a a probar suerte en la M o a Nica  
pan y . La experiencia fue frustrante y dec iden retornar a la ciudad de  
de C uba, a su domicilio de Altamira. En muy poco tiempo recorrieron  
b arrios periféricos de la ciudad tales como Trocha, Zamorana, etc .

#### X V E N F E R M O Y S O L O

La salud de Man u el siguió que eb ran tándose debido a todas las en  
dades que ven ía padeciendo y su mado a éstas, la vida azarosa y difícil  
llevaba, por lo que su esposa e hijos decidieron que en otrabajara más y e  
en cargaron de mantenerlo.

A l triunfo de la Revolución en enero de 1959, el gobierno revolucionario  
c omen zó a justar cuotas a sus detractores y por esta causa Man u el, su  
y dos de sus hijos fueron acusados de romper la huelga del 9 de abril de 195  
F ueron condenados, Man u el a seis meses de privación de libertad, su h  
a un año y su esposa y su hija Di osc óridas a dos años de privación de liber  
ésta última en con trándose en avanzado estado de gestación .

En el caso de Man u el fueron injustos, pues él no participó en  
mov imiento popular ni en nada de política, pues él decía que era español  
n o tenía que meterse en nada de eso. Al salir de prisión y verse en fermo y  
la amada esposa que era su puntal principal se le ac entu ó la di ab etes,  
además tuvo que encargarse de las responsabilidades hog areñas y cuidar  
hijos menores.

Quien ama a su patria de origen, bien se merecete en otro ra que el o cobije

A partir de este momento trató de encontrar empleo como comerciante, que lo conocía ya desde que le había renunciado a su ciudadanía española para adquirir la cubana, con lo que nunca estuvo de acuerdo y a lo que respondió: “el que renuncia a su patria, no quiere a nadie...” y por tanto renunció jamás a su patria natal.

#### X V I. VIDA EN LA BARRACA

Al salir su esposa de prisión y volverse a reunificar la familia decidió trasladarse para la ciudad de La Habana. Allí se establecieron en la calle Con su lado, entre San Rafael y Neptuno, en el municipio de Cerro de la Amante. Por la situación económica que atravesaba la familia, Manuel se dedicó a trabajar en el restaurante “El Arriete”, propiedad de José Pertierra, el cual se encontraba en la misma dirección donde residía. Aunque trabajó como cajero pero debido a su deplorable estado de salud no pudo continuar trabajando cuando en casa a expensas de la ayuda que le proporcionaban sus hijos.

En el año 1962 su esposa encontró empleo en un pequeño negocio sito en la calle Blanco, esquina a Ánimas. Se trató de un restaurante propiedad de un asturiano. Manuel se incorporó al negocio como supervisor de ventas, y a que por su enfermedad no podía realizar trabajos físicos los fue a la escuela y bien y cuando más tarde pudo incluir en el programa de los pequeños negocios, por lo que le educaron en un ambiente sin empleo.

En este momento se establecieron en la calle Blanco número 117, altos entre Caderoy Ánimas, Centro Habana. La familia continuó creciendo y ya constituía un gran problema el hecho de que no tuvieran empleo, pues la madre de sus hijos tenía solvencia económica.

#### X V II. EMIGRACIÓN DE SUS HIJOS

A principios del año 1967 emigró a los Estados Unidos, Elisa Regojos Marrero, la cuarta de sus hijas. Esta separación le ocasionó un profundo dolor y a que sólo pensaba en que su hija no pasara las vicisitudes que él había pasado como emigrante. Esta situación le agravó sus enfermedades y para colmo de males, al año siguiente en un accidente, cuando se encontraba en el Servicio Militar Obligatorio, murió Antonio, el menor de sus hijos, que quedó muy conmovido con la desaparición física de Tío, como cariñosamente le llamaban, pues al ser el más pequeño era también el más apegado al

<sup>3</sup> Anímad. (N.E.).

Q uien ama a su patri a de ori gen , b ien se merec e t en er ot ra q u e l o c ob ije

padre. En este mismo año Isabel, la séptima hija, abandonó el país vía España, país en el que estuvo poco tiempo, pues envidó y al verse sola con su hija, tuvo mi edo de pasar por lo mismo que su padre. Partió para los Estados Unidos al ser reclamada por su hermana Elisa. Estofue otro golpe para los Regojos Marrero, pero como pueden darse cuenta eran personas de férrea luntady seguían luchando y trabajando.

Manuel no tenía otro espacio en lo que el juego de dominó, en el un experto, también jugaba barajas, parchís y todo tipo de juegos de na g u s t a b a f u m a r t a b a c o , pero esto aparte de agarrar los problemas de salud, traía problemas con su esposa, y a que ella no quería que él fumara, al p d e c o g e r l e l o s t a b a c o s a S a n L á z a r o , s a n t o d e l q u e I s a b e l e r a d e v o t a y l u d e c í a q u e n o l e p e l e a r a p u e s e l s a n t o s e l o s p r e s t a b a . E n e l a ñ o 1 9 7 1 s e d e l a s h i j a s , B l a n c a , t a m b i é n h a c í a l o s E s t a d o s U n i d o s y p a r a M a n u e l f u d u r o , y a q u e e r a l a m á s p e q u e ñ a d e s u s h e m b r a s .

Transcría la década del 70 y Manuel y su esposa llevaban un apacible, visitaban frecuentemente a sus hijos José y Edelmira, residentes en Santiago de Cuba. Con ellos y sus nietos disfrutaban de pequeñas temporadas en las que sobretodo los más pequeños tenían la oportunidad de escuchar a abuelo contarle historias de su natal Ferroselle. En 1979 recibieron al v i s i t a d e s u s h i j a s I s a b e l y E l i s a y d e s u n i e t a I s a b e l i t a , q u i e n e s a l h a m u l g a d o u l t i m o q u e l e s p e r m i t í a v i a j a r h a c i a C u b a , a p r o v e a h a r o n p a r a s u s p a d r e s y d e m á s f a m i l i a r e s . T o d a l a f a m i l i a s e r e u n i ó e n L a H a b a n a y f u e 2 1 d í a s d e f e l i c i d a d p a r a M a n u e l y s u e s p o s a , p u e s h a c í a m u c h o t i e m p o q u e d i s f r u t a b a n d e s u s h i j o s y n i e t o s j u n t o s . F u e r o n a l a p l a y a , v i s i t a r o n c o m i e r o n e n a l g u n o s r e s t a u r a n t e s , p e r o s o b r e t o d o l e d i e r o n a s u e n f e r m e d a d v i e j o p a d r e u n a d e l a s g r a n d e s y ú l t i m a a l e g r í a s d e s u v i d a .

Si momentos buenos disfrutaron en estos días, muy tristes que edaron con padres con la despedida, sobre todo Manuel, que presentía que esta era la última paración definitiva de sus dos hijas.

En 1980 volvió a su frirot golpe, pues Manuel el octavo de sus hijos, precisamente el que le llevaba el nombre de papá partió para los Estados Unidos. En este caso fue mucho más doloroso, pues Manuel y su familia vivían en una misma casa y los dos pequeños estaban muy encariñados con su abuelo.

### X V I I I . M U E R T E D E M A N U E L

A partir de este momento el corazón de Manuel se debilitó mucho y no resistió este último embate. Llegó de un ingreso hospitalario tras un complicación respiratoria, después de varios días, falleció el 24 de enero de 1981.

X IX .DESC ENDENC IA DE M A NUEL

Di ez h i jos, si et e h emb ras y t res v aron es. V ei n ti tr é s n i et os. C u are n t a b i z n i et os. T res t a t a r a n i et os. C u b a, c u a t r o h i jos, c a t o r c e n i et os, t r e i n t a y u n b i z n i et os y u n a t a t a r a n i et os. E s t a d o s U n i d o s, c i n c o h i jos, n u e v e n i et os, q u i n c e b i z n i et os y d o s t a t a r a n i et os.

MINISTERIO DE JUSTICIA  
Registros Civiles



Serie AV N.º 874279

CERTIFICACION EN EXTRACTO DE INSCRIPCION DE NACIMIENTO

Sección 1.ª  
Tomo 39  
Folio 111

Registro civil de Fermoselle  
Municipalidad de Lanzarote  
D. Manuel Reposo Sanchez  
hij.º de José y de Carmina  
nacido en Fermoselle (Lanzarote)  
el día diez y ocho de Julio  
de mil novecientos uno

Esta certificación en extracto sólo da fe del hecho del nacimiento, de su fecha y lugar y del sexo del inscrito (Reglamento del Registro Civil de 14 de noviembre de 1909, art. 27).



CERTIFICA: Según consta de la página registral reseñada al margen, el Jefe de los D. Antonio del Valle Jordana Fermoselle a 20 de Agosto de 1912

*(Firmas)*

ImpORTE de la certificación:	
Tarifa Tributaria, n.º 32 (en pólinas)....	5,00 pías.
Tasas (Decreto de 18-6-39, art. 4, y artículo 37, tarifa 1.ª).....	27,00 "
Buena (art. 40, tarifa 1.ª) (1).....	"
Virgenia (art. 41, tarifa 1.ª) (4).....	"
Impreso (3).....	"
TOTAL.....	32,00

(1) Se consignará el folio y no la página, si se certifica de firmas ajustadas al modelo anexo a la Ley vigente del Registro Civil; en otro caso, se consignará sólo la página.  
(2) Se inscribirá con una tasa de cinco céntimos.  
(3) CINCO PÉLINAS cuando se impreso tanto de las validaciones como.  
(4) Modelo oficial, de acuerdo con la Orden de 24 de diciembre de 1909.

Rivadeneira, S. A.—Madrid.

C ert i fic ado de i n s c r i p c i ó n de n a c i m i e n t o de M a n u e l R e g o j o .

Q u i e n a m a a s u p a t r i a d e o r i g e n , b i e n s e m e r e c e t e n e r o t r a q u e l o c o b i e n

Quien ama a su patria de origen, bien se merecete en otro raquel o cobije



Foto de boda de Manuel Regojocón y Antonia, el hermano emigrante de Manuel y Marrero el 4 de octubre de 1929.



Familia de Manuel Regojocón en Cuba. Abajo con camisa de mangalarga, Antonio, el hermano de Manuel.



Querido y jó Manuel saluda  
 te deseo en compañía de tu  
 señora y niños goberna en  
 compañía de tus hermanos  
 y cuñada y chicos esta es pa  
 ra decir te que tube 14 días  
 en cama por a o ya estoy  
 mejor por que para mi to  
 no son peñas nada me ali  
 gran a mas muchos recu  
 erdos de tus hermanos y  
 cuñada y los chicos y tu  
 les las das a tu es por a y el  
 nec que bibo es muchos años  
 en compañía tu las recibes  
 de la tía tema de que  
 loes Carmen Sanchez

Ciudadela 2 Mayo 1850  
 Apreciable Hermano Recibimos  
 tu carta y por ella sabemos que  
 estas bueno en compañía de tu  
 esposa nosotros buenos A.D.G.  
 Hermano Manuel sabemos  
 que Madra cuando Recibi  
 mos tu carta estaba enfer  
 mo y en cama por a o ya  
 está 12 días de por a o  
 ahora ya está  
 bien tan bien te mande  
 el Retrato que sacamos al  
 entrada del cementerio y  
 el día que y no gusa  
 mas mientras cada semana  
 te digo que es un imperio

C art a de C armen Sán c h ez desde C u b a para su h i j o M an u el R eg o j o.

Ciudadela 25 Mayo 1941  
 Apreciable Hermano y  
 Cuñada y Sobrinos me  
 alegras que al Recibir  
 estas mis cortas letras se  
 en cuentran todos buenos  
 nosotros todos buenos me  
 Madre que fallecio el 23  
 y helos tierra el 24.  
 murio cantando el canci  
 miento de las ultimas pa  
 labras que dijo Madra  
 pero no pude encontrar  
 mas nada y nosotros  
 tabamos esperando da -



M an u el c on su esposa e h i j o en ab ril de 1950 .



C art a de A n t o n i o R eg o j o a su h erman o M an u el  
 c omu n ic á n d o l e l a m u e r t e de su madre. M an u el R eg o j o.

Q u i e n a m a a s u p a t r i a de ori g e n , b i e n s e m e r e c e t e n e r o t r a q u e l o c o b i j e



Q u i e n a m a a s u p a t r i a d e o r i g e n , b i e n s e m e r e c e t e n e r o t r a q u e l o c o b i j e



M an u e l R e g o j o c o n s u e s p o s a e h i j a s , I s a b e l y E l i s a , e n e l H o t e l O r i e n t e .

(Mándame a decir si este mal  
 la dirección porque me riego de  
 vuelta asegúrese yo voy a intentar  
 mandársela nuevamente)

Buenos Aires Noviembre 2 de 1954.  
 Querida

Queridos tios y primos:  
 Deseamos de verdad que cuando estas líneas estén  
 en nuestro poder se encuentren gozando de un  
 mundo de felicidad junto a la demás familia.  
 Quedando nosotros todos bien. Gracias a Dios.  
 En primer lugar te digo que los pasados recibimos  
 inesperada noticia de que no había gran alegría de  
 tus noticias. La mala noticia que te  
 mucho la dolencia que le aqueja al tío esperando que  
 cuando estas líneas estén en sus manos se halla restablecido.  
 Te dire que tu nos pides fotografías por el momento no tenemos  
 pero mas adelante te mandaremos y tambien dice que no voy a  
 a mamá como puede ser si cuando ellos se casaron dice que  
 le mandaron la fotografía de casamiento. Tambien nos pides  
 fotos de tus Antonio pues se las tienes que pedir a ellos en  
 Ciudadela porque nosotros nos retiramos de la sociedad en 1944  
 y nos retiramos de casualidad, despues de 9 años recién en  
 Mayo nos reunimos todos.  
 Costame cuando nos ocurren cuantos humanitos son nosotros  
 somos tus Alfredo, Elena y yo. Lenita ahora está pasando  
 en la Pampa fue a visitar a los abuelitos y tios por parte  
 de mamá; Alpeleto está trabajando, está empleado en

C art a de Beat r i z R e g o j o r e s i -  
 d e n t e e n C u b a p a r a E l i s a R e -  
 g o j o e n n o v i e m b r e d e 1954.



F amiliares c ubanos de M anuel R egajo.



F amilia R egajo M arrero en 1962 .

Carlo Emiro 3 de 1968  
Querida "Elisa Regajo" Querida punita con los años más  
indes te dedico estas líneas esperando te encuentres gozando de  
un mundo de felicidad. Yo muy bien junto a los míos.  
En primer lugar te dice que recibí tu hermosa tarjeta la cual  
está de vista sobre el televisor sabes que aquí cada lugar no  
lo conocemos aunque a todos nos agrada lo mismo los odiamos a  
ustedes. Igual que con los artistas a veces tratamos de terminar  
el trabajo para ver algún programa para conocer artistas  
Aunque algunos son muy buenos por decirlo así cada día  
y día meliora. Hace unos días llegó un cubano muy bueno que  
quien ha sido todo un éxito.  
Como Elisa espero que este nuevo año que iniciamos sea todo un  
éxito en tu vida y que te colme de dicha y felicidad

C arta de Beatriz R egajo residente en Cuba para Elisa R egajo en enero de  
1962 .

Quien ama a su patria de origen, bien se merecete en otro raquel o cobije



Manuel Regojón con su esposa, hijas, hijos y nueras en octubre de 1962.



Manuel Regojón con su esposa e hijos. De izquierda a derecha. De pie: Carmen, Elisa, Isabel, Edelmiro, Aurora y Blanca. A bajo Manuel Jr., Isabel, Julio y Manuel.



Manuel Regojón con su hija Elisa en 1955.



De pie: Manuel, Isabel y Antonio. Sentados: su hija Carmen con sus tres hijos, América, Felipe y Santiago.



Manuel y su esposa con su hija Edelmira y su esposo e hijos de estos, Eduardo y María Isabel en noviembre de 1964.



Quien ama a su patria de origen, bien se merecete en otro raquel o cobije



Boda de la hija menor de Manuel.

ASOCIACION DE DEPENDIENTES  
DEL COMERCIO DE LA HABANA

No. DE INSG. 570389 Nº 022651  
CARNET

TITULO DE ASOCIAD  
A favor del Sr. Manuel Regojo  
Sánchez

natural de Cuba edad 65  
Habana de Dic. de 1966

[Signature]  
Administrador

Carnet de socio de la Asociación de Dependientes del Comercio de La Habana.



V el at ori o del h i j o men or de M an u el ac ompañado de su s fami li ares y ami g os.



F ami li a R eg o j o M arrero.

Ciudadela 10/5/66

Queridos Tíos, Primos y Primas

Tíos al recibo de esta deseamos de corazón que estén todos bien, queriendo nosotros todos bien y a Dios.

Tíos estuve el primero de Mayo en lo de Tío Bernardo y leí la carta que ustedes le mandaron y la fotografía están todos hermosos Tío tiene una regia familia me alegro muchísimo.

Tío ustedes preguntan por mamá esto muy bien se concursa muy bien ahora esta pasando por mar del Plata hace dos meses y nosotros todos bien trabajamos yo tengo dos hijos, Alberto de 18 años y Aurelio de 16 el mayor trabaja una fabrica textil y el chiquito de sodero en la fabrica que trabaja mi esposo ya les voy a mandar la fotografía nuestra.

Bueno sin más que desir reciban un sin fin de besos y cariñosos abrazos de los sobrinos que somos

Aurelio, Alberto, Aurelito y Concepción Regajo  
de Sevelo

Queda pronto espero su contestacion

besos a todos por igual





Manuel y familia. De izquierda a derecha: Aurora, Isabel, Carmen, su nieto Elisabet, María y nieto América.



Carnet de socio de la Asociación de Depósitos de Cuentas de Ahorro de Madrid en el domicilio de su hijo José en Santiago de Cuba en 1980.

Quien ama a su patria de origen bien se merece en otro lugar el cobijo



# Una historia de amor y amistad

Dolores Aldriá Robles Rodríguez y Mariela Dolores Caballero Robles

Mis padres nacieron ambos en Follado, municipio de La Polada de Girona, provincia de León, España. Emigraron a Cuba para buscar una vida mejor. Nunca tuvieron mucho dinero, ni les fue fácil encajarse en aquí, pero sí lograron construir una familia llena de amor, en la que primaba el respeto, la ayuda mutua, las relaciones con los que se querían y con los vecinos, y nos dejaron una herencia de honestidad, comprensión y la enseñanza de que sólo tendríamos lo que fuéramos capaces de obtener por nosotros mismos. Su vida fue un ejemplo para todos. Cultivaron la amistad y recibieron a cambio mucho afecto y cariño. Siempre sintieron añoranza por su tierra y un gran amor por la patria que los acogió como hijos. Su matrimonio de casi 60 años tuvo como pilotes fundamentales la fidelidad y el amor. Los hijos y nietos se preocupan por ellos y en deuda eterna con ellos. Hemos tenido la oportunidad de volver a visitarlos y disfrutar de su inmenso legado.

Padre para Cuba soltero; y a los treinta y cinco años. Salí de Follado en 1924 ó 1925 con un grupo de amigos de la aldea, entre ellos, Valeriano Álvarez, como un hermano para él. Llegaron a La Habana, donde se encontraron desde hacía tiempo Eugenio y Leonardo Rodríguez, hermanos de sus padres y oriundos de Follado también. El primero tenía un apartamento y un pequeño negocio y vivía en la calle Pamplona 77, en Jesús del Monte.

Me contaba mi padre que trabajó como criado en la casa de unos millonarios de apellido Mendosa y me narraba anécdotas de aquellos primeros tiempos, solo, sin familia, con la única ayuda de sus amigos. También me contó que había ido con Carlos, el famoso tenor italiano que cantó en La Habana y que se sentó en una de las últimas filas del teatro. Nunca conté mucho

<sup>1</sup> Este relato narra la historia de Gabriel Robles González (17/03/1886-16/07/1986) de Laudina Rodríguez Rodríguez (12/03/1904-24/08/1997), padres y abuelos, respectivamente, de las autoras. (N.E.)

su niñez ni de su juventud, solo decía que era hijo de Dolores Robles soltera, que emigró en que él sabía las cuentas aritméticas, que sabía leer y escribir, pero no había recibido ninguna otra instrucción, sino en señó la vida. Contaba que educaron te su servicio militar estuvo en México y que era el que repartía la comida a la tropa. Al cabo de algún tiempo en los Méndez, se pone en contacto con un medio primo de él llamado Ardín Álvarez, que en tenía algunos negocios propios en Jiquí, Esmeralda, en Camagüey una finca, un hotel y un almacén. Se acordó que papá se quedó con el hotel.

Y planeado su futuro en Cuba, vuelve a España y allí se enamora de Laudina Rodríguez, hija de Leandro, a quien conocía de Cuba. Este matrimonio tenía tres hijos varones y cuatro hembras. Los dos mayores eran Laudina y Abelardo. Se casaron el 26 de octubre de 1927 como costumbre en la inscripción del juzgado de La Póla de Gordón, la cual guarda recuerdo sentimental. Mamá tenía 23 años y preparó su viaje hacia Cuba, y en también con ellos el hermano de mamá que ella llamaba Abelardo, dos años mayor, y que se iba a dar a conocer en el desarrollo del negocio. Salieron de España el 18 de enero de 1928 mediante la Compañía Transatlántica Coruñesa en el vapor Alfonso XIII y llegaron en febrero. Mamá hizo un viaje muy que estaba embarazada desde diciembre. Ellos vienen en paracaídas de Eugenio Rodríguez, tío de mi madre, que vivía en la calle Plomón, en la Habana. La familia de Eugenio estaba compuesta por su esposa, dos hijos varones y una hija llamada Adria. Mamá se quedó con ellos para ser atendida durante el embarazo y el parto. Tío y papá con tinúan viaje hacia Jiquí, a tomar posesión de su nuevo negocio el hotel.

Y nació el 10 de septiembre de 1928. Las relaciones entre las dos familias siempre fueron íntimas y quedamos eternamente agradecidos por la atención esmerada que nos brindaron. A los dos o tres meses de nacida, nos reunimos con papá y tío, y en Jiquí, Esmeralda, pasé toda mi niñez y adolescencia. La vida se desenvolvía normalmente. El pueblo tenía un comercio en el Jarama de Brasil, y en aquella época era uno de los más grandes del país. El hotel quedaba frente por frente a la estación de trenes y todos los viajeros de comercio de la línea norte de Camagüey quedaban en el hotel es de otros pueblos, preferían hospedarse en el nuevo porque era muy acogedor y familiar. Tenía dos plantas. En la parte de abajo estaba el bar, el comedor, la cocina, la trastero y la planta alta con tabacón tres habitaciones de dos camas una, con lavamanos y un baño colectivo. Mi madre se encargaba de las relaciones con la cocina, aunque tenía personas que la ayudaban con los platos y platos de los platos y platos que el aboraba.

Si empre man t u v i mos b u en as rel ac i on es c on l a fami l i a q u e q u e d ó en l l e do . R e c u er do , si en do y o u n a ni ñ a , c u an do l a G u err a C i v i l E spa ñ ol a el a ñ o 1936 , en v i ab an ay u da ma te ri al y ec on ó mi c a en pa q u e t e s y b a ú l e s . T l o q u e pu di era ser ú t i l se ma n da b a , y a q u e mi t í o A l b e r t o f u e u n l u c h a t r a l o s f a s c i s t a s y l a si t u ac i ó n empeora b a c ada dí a más . P a s an l o s a ñ o s y mi t í o A b e l ar do se c a s a . C on su es po sa y su eg ro s e t r a s l a da a C i e g o de Á v i l a , don d e h a b í a c o m p r a do u n a c a f e t e r í a . T i e n e u n a h i j a y su n e g o c i o l e r e p o r t ó u n a p r ó s p e r a en t o d o s l o s a s p e c t o s . N o s o t r o s v i n i mos pa r a L a H a b a n a don de pa p á c o m p r ó u n a c a r n i c e r í a en l a c a l l e C o n c h a 320 , en t r e L u c o y V i l l a L u y a n ó . E s t o f u e en el a ñ o 1944 . V i v í a mos de t r á s del n e g o c i o y u n ma t r i m o n i o g a l l e g o q u e e s de s de el p r i m e r m o m e n t o r e s u l t a r o n s e r u n o s v e c i n o s ma r a v i l o s o s , a b r i e r o n u n a p u e r t a pa r a su c a s a pa r a q u e s a l i é r a mos a l a c a l l e c o n ma y o r c o m o d i d a d , y e s a a m i s t a d m u t u a p e r d u r ó pa r a m u c h o s a ñ o s .

Desde q u e l l e g a mos a L a H a b a n a , n o s a s o c i a mos a l a Q u i n t a C a s t e l l a n a y a l a C o l o n i a L e o n e s a y p a r t i c i p á b a mos en l a s g r a n d e s a c t i v i d a d e s q u e e n e l ú l t i m a o f e r í a a n u a l m e n t e en l a T r o p i c a l , en S a n F r a n c i s c o , e t c . A l l í n o s r e u n í a mos c o n l o s q u e i b a n l l e g a n do de F o l l e do , l o s q u e h a b í a n e m p l e a d o h a c í a t i e m p o , l o s q u e h a b í a n i d o de v i s i t a , y e s a s v e l a d a s e r a n m o t i v o de a g r í a . E r a n e n c u e n t r o s i n o l v i d a b l e s pa r a e s a f a m i l i a g r a n de de t o d o s l o s q u e e n u n a f o r m a u o t r a , s e c o n o c í a n de a n t a ñ o , c a s i t o d o s c o n c i e r t o p a r e n t e s c o m o q u e e r a n p r i m o s , t o d o s l o s h o m b r e s e r a n c a r n i c e r o s , t o d o s h a b í a n e x p e r i m e n t a d o l a n o s t a l g í a de e s t a r l e j o s de l a p a t r i a , y t o d o s d e f e n d í a n s u s s u e ñ o s pa r a l o s c u a l e s l l e g a r o n a e s t a i s l a . R e c u er do m u c h o s n o m b r e s , p e r o e n l a l i s t a s e e n t e r m i n a b l e . S o l o m e n c i o n a r é a E n r i q u e , B e n e r a n d a , M a n u e l a , B e r n a r d o , V i c e n t e , T o ñ o , y l o s h e r m a n o s G u t i é r r e z . M a m á ay u d a b a m u c h í s i m o c a r n i c e r í a y mi p a d r e p e r t e n e c í a a L a S e l e c t a , u n a o r g a n i z a c i ó n q u e a b a r r a y s o l u c i o n a b a p r o b l e m a s q u e s e l e s p r e s e n t a b a a l o s c a r n i c e r o s . E s t e n e g o c i o n o f u e t o d o l o p r ó s p e r o q u e mi s p a d r e s d e s e a b a n . P a p á si e m p r e f u e u n h o m b r e f u e r t e , l a s m u ñ e c a s de s u s m a n o s e r a n a n c h a s y e s t o l e d a b a l a p o s i b i l i d a d de c a r g a r l o s c u a r t o s de r e s e c o n f a c i l i d a d y t r a b a j a b a d u r o pa r a m a n t e n e r a s u f a m i l i a , p e r o u n a l e s i ó n en u n h o m b r o y l o s a ñ o s q u e t e n í a f u e r o n c r e á t i v o s d i f i c u l t a d e s . A d e m á s e r a m u y c o n d e s c e n d i e n t e c o n l o s c l i e n t e s y en e s a s c o n d i c i o n e s don de e s t a b a e n c l a v a d a l a c a r n i c e r í a a b u n d a b a l a p o b r e z a y l a s n e c e s i d a d e s de t o d o t i p o . O t r o h e r m a n o de mi m a d r e q u e v i n o de F o l l e do en l o s 50 , t r a b a j a b a pa r a é l , p e r o n o h u b o m u c h a m e j o r í a . A p r i n c i p i o s del t r i u n f o de l a R e v o l u c i ó n C u b a n a , pa p á don a su c a r n i c e r í a .

T í o A b e l ar do pu do v i a j a r a E s p a ñ a en 1955 , 27 a ñ o s d e s p u é s de e m i g r a r , c o n su es po sa e h í j a . h a b í a p r o m e t i do l l e v a r m e p e r o y o y a e s t a b a c a s a d a y c o n u n a h i j a p e q u e ñ a . P a p á y m a m á n u n c a pu d i e r o n r e g r e s a r . En 1996 , c o n 60 a ñ o s , a m a m á l e l l e g ó u n v i a j e del I M S E R S O c o n t o d o s l o s g a s t o s pa g a d o s

pero y a esta ab a mu y mal it a y me di o mu c h o mi edo ll evar la. C reo q u e es b i e ra si do la real iz ac i ó n del su e ño de toda su v ida. T amb i én fu e mu y f i n s i n t i ó mu y h al ag ada c on la ay u da ec on ó mi c a q u e rec i b í a n u al men v a r i o s de su s ú l t i m o s a ñ o s , est ab a mu y org u l l o s a de q u e España se oc u pa de su s n a t i v o s , don de q u i e ra q u e est o s se en c on t r a r a n , y de los a ñ o s q u e b í a n v i v i do l e j o s de ella ; y es q u e real men te la pat r i a don de se n a c e n se ol v i da , y ella de man e ra mu y part ic u l a r rec ord ab a todo c o m o si h u l s a l i do de all á , h a c í a apen as u n o s d í a s . P or deseo ex p r e s o de mamá y o me h i c e c i u d a d a n a es pa ñ o l a y t o d o s l o s a ñ o s l l e n o l a p l a n i l l a y en alg u n a s oc a h e s i do b e n e f i c i a d a ec on ó mi c a m e n t e , c u e s t i ó n q u e se ag r a d e c e mu c h l e y e n c o m i a b l e .

C o m o pad r e s p r e o c u p a d o s p o r l a e d u c a c i ó n de su ú n i c a h i j a , me pu s i e n en l a e s c u e l a de mon j a s S e l e c i a n o y en L a H a b a n a B u s s i n e s A c a d e m de O c t u b r e , don de se d a b a el S e c r e t a r i a d o . C u a n d o me c a s é en el a ñ o 19 p a p á h i z o s o c i o de l a C o l o n i a a mi e s p o s o . P o r a q u e l l a é p o c a si e n d o el h o m s o c i o , l a e s p o s a e h i j o s t e n í a n ~~ve~~ t r e s h i j a s e h i c e i g u a l q u e p a p á c u a n d o e l l a s se c a s a r o n . T a m b i é n se f u e r o n a s o c i a n d o l o s n i e t o s y l a s r e s q u e se q u e d a b a n s o l a s . A c t u a l m e n t e n u e s t r a f a m i l i a t i e n e u n t m i e m b r o s y e s p e r a n p o r s e r a c e p t a d o s d o s n i e t o s q u e y a t i e n e n l a e d a d c o r r e p o n d i e n . Y e . d e s d e 1951 q u e t u v e a mi p r i m e r a h i j a en l a Q u i n t a C a s t e l l a m a m á m e a y u d a b a e n t o d o , y a s í f u e t a m b i é n en 1959 y 1965 c u a n d o n a c m i s o t r a s d o s h i j a s . C u a n d o c o m i e n z o a t r a b a j a r e n 1960 , mi m a d r e f u e l f u n d a m e n t a l de l a c a s a , a c a r g o del c u i d a d o de l a s n i ñ a s , l o s q u e h a c e r h o g a r y l a a t e n c i ó n e s m e r a d a c a d a u n o de l o s i n t e g r a n t e s de l a f a m i l i a .

A f i n a l e s de l o s a ñ o s 50 e m i g r a de F o l l e d o o t r o h e r m a n o de m a m á l l a m a d o N e m e s i o , q u i e n e r a m i n e r o y n o s o p o r t a b a m á s e s t r a b a j o . F u e e l l a q u e i n s i s t i ó p a r a q u e m i t í o A b e l a r d o p u s i e r a el d i n e r o y f i n a l m e n t e v C u b a y c o m i e n z a a t r a b a j a r e n l a c a r n i c e r í a de p a p á e n L u y a n ó . M á s n e n su e s p o s a e h i j a y su s u e g r o , q u i e n e s v i v e n t o d o s e n n u e s t r a c a s a p u e d e n i n d e p e n d i z a r s e y t e n e r u n h o g a r p r o p i o . I n m e d i a t a m e n t e s e h a c c i o s de L a L e o n e s a y p a r t i c i p a n e n su s a c t i v i d a d e s . S u s u e g r o f a l l e c e t a r d e y d e s d e h a c e 8 o 9 a ñ o s , é l r e g r e s a a L e ó n e n c o m p a ñ í a de su e s p o s a , h i j a y n i e t a s . E n 1965 t a m b i é n e m i g r a n de F o l l e d o d o s h e r m a n a s de m a m á , G r i a y D o m i t i l a , q u e v i v e n e n C a m a g ü e y y s o n s o c i a s de l a C o l o n i a l l e g a r o n . M a m á f u e mu y f e l i z c o n l a l l e g a d a de e l l a s a C u b a y v i v b a s t a n t e t i e m p o . M i t í o A b e l a r d o m u r i ó e n 1978 y l o r e c u e r d o c o m o l a p e r m á s b u e n a de l m u n d o . C u a n d o v e n í a a L a H a b a n a , c o n b a s t a n t e f r e c u p o n í a a h a c e r l o s m i s m o s c u e n t o s de s i e m p r e . C o n v e r s a b a n h a s t a e l c a n s a de l a é p o c a de l h o t e l , de c u a n d o é l v i s i t ó F o l l e d o , de t a n t o s y t a n t o s r e c c o m p a r t i d o s c o n a m o r , a ñ o r a n z a y a l e g r í a a l m i s m o t i e m p o . N u n c a e s c a t i



di n ero para c ompl ac er a mi madre y c on t r i b u i r a q u e a l g u n o s d e l o s h e r m a n o s e u n i e r a n e n C u b a. M i s p a d r e s y é l f u e r o n i n s e p a r a b l e s p o r m u c h o s a ñ o s c u a n d o l a v i d a l o s h i z o t o m a r p o r c a m i n o s d i s t i n t o s, c o n t i n u a r o n u n l a z o s i n d e s t r u c t i b l e s.

M i s p a d r e s v i v i e r o n u n a l a r g a v i d a l l e n a d e f e l i c i d a d y c a r i ñ o. S u s r e c u e r d a n c o m o a b u e l o s a m a n t í s i m o s. N o h a b í a p e r s o n a s m á s c a r i ñ o s a s y d e d i c a d a s a s u c u i d a d o y b i e n e s t a r. F u e r o n u n p i l a r f u n d a m e n t a l e n l a u n i v e r s i t a t e n e s t r a f a m i l i a y m e s i e n t o o r g u l l o s a d e e l l o s. E n l a s t e m p o r a d a s v e r a n i e g o s i e m p r e d i s f r u t a r o n d e l a s p l a y a s d e C u b a, J i b a c o a, V a r a d e r o, B o c a C i e n t e s, G u a n a b o, r o d e a d o s d e s u s e r e s q u e r i d o s. D e l a s c o m i d a s r i c a s q u e h a c í a m i m a d r e t o d o s n o s a c o r d a m o s y e n a l g u n o s p l a t o s n a d i e h a p o d i d o s u p e r a r l a. S i e m p r e t u v i e r o n i n f i n i d a d d e a m i g o s c u b a n o s y e s p a ñ o l e s. C r e o q u e p o r p e r s o n a s p u e d e n d e c i r c o n a b s o l u t a c e r t e z a, q u e c o n t a r o n c o n e x c e l e n t e s g o s y e l l o s r e c o n o c í a n e l v a l o r e x t r a o r d i n a r i o d e u n a b u e n a a m i s t a d.

M i p a d r e e r a n o b l e, c a r i ñ o s o, m u y p a u s a d o. H a c í a c h i s t e s. D e b u e n c o r a g u s t a b a d e l v i n o y e n s u s a ñ o s m o z o s u n b u e n t a b a c o l e e n c a n t a b a. M i m a d r e e r a m u y a f a b l e, c o n v e r s a d o r a, b u e n a c o c i n e r a, s e r v i c i a l y a d o r a b a a p a p á. L o c u i d a b a c o m o s i f u e r a u n n i ñ o c u a n d o t e n í a u n a e d a d m u y a v a n z a d a. M i m a d r e d a r q u e é l l e l l e v a b a c a s í 2 0 a ñ o s. P a p á m u r i ó a l o s 1 0 0 a ñ o s c o n u n a l u m e n a s o m b r o s a y f e l i z d e c o n o c e r a t r e s d e s u s b i s n i e t o s q u e c o l m a b a d e m i m o d o. M a m á c o n o c i ó e n t o t a l a c i n c o b i s n i e t o s y c u i d a d a d e e l l o s c o n g r a n d e d e d i c a c i ó n. C u a n d o e l l a m u r i ó a l o s 9 3 a ñ o s, m i h i j a m á s p e q u e ñ a s e e n c o n t r a b a e m b a r a z a d a d e s i e t e m e s e s d e s u s e g u n d o h i j o. N o p u d o c o n o c e r a s u s e x t a b i s n i e t a q u e a c t u a l m e n t e t i e n e d i e z a ñ o s.

P a r a m i m a d r e, c o n s o l o 2 3 a ñ o s y e m b a r a z a d a, n o f u e f á c i l v i v i r a j a r c o n e s p o s o y u n h e r m a n o h a c i a l o d e s c o n o c i d o, l l e n a d e t e m o r e s y p r e o c u p a c i o n e s. P e r o l a v i d a l a f u e p r e m i a n d o, n o t a n t o d e c o s a s m a t e r i a l e s, s i n o d e u n p a z i n m e n s a q u e l o g r ó c o n s u e s f u e r z o, s u a m o r h a c i a l o s s u y o s y e l a i n c o n d i c i o n a l a s u s a m i g o s.

V a r i a s d é c a d a s p e r d u r ó s u a m i s t a d c o n u n a m o d i s t a l l a m a d a M a n u e l a I g l e s i a s y u n a d u e ñ a d e u n a t i e n d a d e r o p a s l l a m a d a S a r a F e r n á n d e z, c u b a n e s a l a s d o s, q u e l a q u e r í a n m u c h í s i m o y e l l a l a s t e n í a c o m o f a m i l i a. S o b r e v i v i a m b a s Y m a y o r, e r a m u y e n t u s i a s t a e n e l C í r c u l o d e A b u e l o s d e n u e s t r a l i d a d y h a c í a t o d o s l o s e j e r c i c i o s q u e o r i e n t a b a n, a p e s a r d e s e r e l l a l a d e m a y o r e d a d. L e e n c a n t a b a c o n v e r s a r c o n t o d o s y p a r t i c i p a b a e n t o d a s l a s a c t i v i d a d e s c u l t u r a l e s y r e c r e a t i v a s q u e s e o r g a n i z a b a n. E r a u n a á v i d a l e c t o r a d e p e r c o s, d e l a s r e v i s t a s *Casa de España* *B o h e m i a* *Mujeres* y d e m u c h o s l i b r o s d e l a l i t e r a t u r a c u b a n a y u n i v e r s a l. N o s e p e r d í a u n n o t i c i e r o d e l a t e l e v i s i ó n y l e g u s t a b a n l a s n o v e l a s, l a s p e l í c u l a s, l o s p r o g r a m a s h u m o r í s t i c o s, l a s r e c e t a s d e c o c i n a y l o s m u s i c a l e s.



M e h e d e c i d i d o a c o n t a r e s t a e m o t i v a h i s t o r i a , c o m o u n t r i b u t o a f u e r o n t o d o e n m i v i d a , a q u i e n e s r e s p e t é y c u i d é h a s t a s u ú l t i m o a ñ o . M e a y u d a r o n e n t o d o m o m e n t o c o n s u a p o y o y a m o r y m e i n c u l c a r o n p e q u e ñ a s u f i d e l i d a d a L e ó n . M a m á q u e f u e l a ú l t i m a e n d e j a r n o s , a m a b i e n t e l o c u r a a s u t e r r u ñ o . P a s ó m á s t i e m p o e n C u b a q u e e n E s p a ñ a y s i n e m b a r a r n u n c a l a o l v i d ó . D e m o s t r ó s e r t a m b i é n u n a v e r d a d e r a p a t r i o t a c u b a n e s c i e r t o . R e c o r d a r e s v o l v e r a v i v i r y r e m e m o r a r e s t a h i s t o r i a h a s i d o r e c o n o c i d o t a n t e p a r a m í , p a r a m i s h i j a s y p a r a m i s n i e t o s . T o d o s l o s q u e l o s c o n o c i e r o n r e c i b i e r o n d e u n a m a n e r a u o t r a , s u s c u e n t o s , s u s e n s e ñ a n z a s , s u s c u i d a d e c a r i ñ o , s u s a t e n c i o n e s , s u a l e g r í a d e v i v i r y f u e u n p r i v i l e g i o p a r a n o t a v i v i e r a n t a n t o s a ñ o s . E m i g r a r o n u n d í a m u y l e j a n o , s e m b r a r o n s u s s e m i j a n t e s e s t a s g e r m i n a r o n . A e l l o s , a m i t í o A b e l a r d o , y a t o d o s l o s q u e d e j a r o n F u e r o s p a r a v e n i r a C u b a , e s t e s e n c i l l o p e r o s i n c e r o h o m e n a j e .

R e l a c i ó n d e e m i g r a n t e s d e F o l l e d o , L e ó n , E s p a ñ a , c o m o r e c o r d a t o r i o p e c i a l . L o s f a l l e c i d o s e n C u b a d e s c a n s a n u n i d o s e n n u e s t r o p a n t e ó n . L a d o s c o n a s t e r i s c o : <sup>2</sup> G a b r i e l R o b l e s G o n z á l e z , L a u d i n a R o d r í g u e z , R o d r í g u e z , A b e l a r d o R o d r í g u e z , R o d r í g u e z , G l o r i a R o d r í g u e z , D o m i t i l a R o d r í g u e z , R o d r í g u e z \* , N e m e s i o R o d r í g u e z , R o d r í g u e z \* , t í n e z \* , G l o r i a R o d r í g u e z , M a r t í n e z \* , U l p i a n o M a r t í n e z , E u g e n i o R o d r í g u e z , L e a n d r o R o d r í g u e z , V a l e n t í n Á l v a r e z , B e r n a r d í n o Á l v a r e z , M a n u e l B e r n a r d í n o R o b l e s , U r b a n o G u t i é r r e z , H o n o r a t o G u t i é r r e z , Á n g e l V i c e n t e R o d r í g u e z , G u t i é r r e z , A n t o n i o R o d r í g u e z , G u t i é r r e z ( R o d r í g u e z , B e n e r a n d a R o d r í g u e z , G e r a r d o R o d r í g u e z , E l e u t e r i o R o d r í g u e z , H o n o r i n o R o d r í g u e z , T e o d o r o G o n z á l e z , B e r n a r d o Á l v a r e z y F é l i x

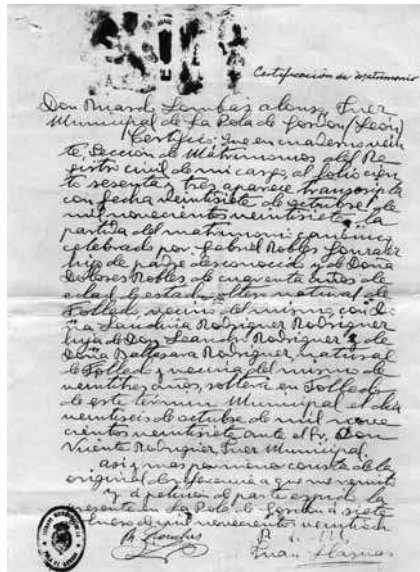
<sup>2</sup> L a f e c h a d e c o m p o s i c i ó n d e l r e l a t o e s 2 0 0 7 . ( N . E . )



P asaport e de G ab riel R ob les G on z á l e z .



P asaport e de L au di n a R odrí g u e z .



C ert i fic ado de mat ri mon i o de los prot ag on i st as del rel at o.



En el hotel de Jiquí (Camagüey), año 1935.



Matrimonio con su hija 1936.



R e u n i ó n f a m i l i a r (a ñ o 1947). L a u d i n a , G a b r i e l , A b e l a r d o y D o l o r e s .  
S e n t a d o s : s u e g r a , e s p o s a e h i j a d e A b e l a r d o .



A c t i v i d a d d e l a C o l o n i a L e o n e s a (a ñ o 1948). E n r i q u e , A n t o n i o , L a u d i n a y D o l o r e s .



Actividad de la Colonia Leonesa en la Tropical (año 1955). De derecha a izquierda: Enriquenio, Ludivina, Dolores, Gabriel, Bernardino, Vicente y Nemesio.

Un ahistoria de amor y amistad



Papá (Gabriel Robles González) a los 87 años (Ludivina Rodríguez) a los 92 años. (1973).

# Mi vida entre espaldas

José María Santos

En estas cuartillas quiero relatar mi vivencia desde que nací en España hasta que llegué a Cuba en el año 1949 y mi vida aquí. No quiero hablar en toda la extensión de mi vida pues creo que sería un poco largo. Cosas, la importancia que pueden tener, no son para exponerlas aquí. Nací en la villa de Guardo, Palencia, en octubre de 1934; de madre española y padre cubano; por esos avatares de la vida, la Guerra Civil y la política, viví en España por cuatro años, pero viviendo de un lugar a otro. Ya en Cuba comencé a la Guerra Civil; en el año 1938 había comenzado la presidencia a la sobrina familia de mamá, o sea de mi abuelo materno, de su mamá y de su hermano mayor (Máxima) y papá comenzó a salvar a un hijo de un coronel de la que era amigo de la familia de papá (hermanos de papá que eran falangistas), y nosotros fuimos para La Mayaguez, en Salamanca, donde papá comenzó a trabajar como panadero de Alba de Tormes.

En el viaje por el tren en la estación de Astorga, papá se bajó para conseguir un vagón y al momento de bajar se cayó y se fracturó el brazo izquierdo. Como yo estaba con él, él fue a buscarlo y me perdí dentro del vagón que estaba en la estación; mi mamá cuando se dio cuenta que yo no estaba, se fue a buscarlo, se formó el alboroto hasta que apareció, pues a todo eso no había llegado el tren; por eso, claro que eso me costó unas buenas vacaciones. En los instantes en una de las vivencias que la empresa accionada para los trabajadores del panadero, mamá pudo traer a su hermana y después al abuelo; a éstos les comenzó a vivir en la península de La Mayaguez. En esta etapa de mi vida hasta mediados de 1939, hay cosas para recordar, pero que no se olvidan: una fue en la casa donde me quedaba y caí en el brazo que empujé los glúteos y las manos, pues se me pegaron las brasas; ¿qué es lo olvidado? a pesar de los años trascurren los momentos que pierdo. La otra fue un día en La Mayaguez cuando me puse en la plaza de la iglesia lesa estaba un acompañamiento del ejército de moros; estaban conmigo cuando se fueron al suelo y nosotros jugamos entre ellos; cuando fuimos para la casa

empezamos a rascarla cabezay era que estábanos llenos de piojos, eso no costó pelarnos al rape y bñon ag uac alien tey avivir para mi casa ha los moros se fueran .

A sí, en 1939 me mandan para Gu ardo con mi stías por parte de mi papá y empecé en la escuela de monjas. Mu y boniva g adestudo le se pu eb lo; viví así un año, un pedazo de mi vida que creofuifeliz, p en que me tenían (primer nieto y sobriño); además que en esa casa no habíacaren cias a pesar de la época que se vivía. A sí, papá un día me fue a bus hab íacon segu idotr ab ajo en la Naval de Reinosa y yaten ía vivien da en las vacacion es volví a Gu ardo y lo pasaba feliz, sobretodo con mi y sus amigos y también con mi abuelo. Vuelvo a los dos años que equedaron marcadas en mi vida y no fue porque fueran felices; como no se olvidan. Un día subiendo por la calle mayor con mi amigo Manu cruzamos con tres chicos y a los pocos segundos lollaman, y cuando cabezale dan con unapelota de nieve en un ojo. Manu el día un ac aía, pero lo agarré y uno de ellos me ayudó y lolllevamos al médico. Resultado: le reventaron el ojo; el médico le dio los primeros auxilios y lolllevó al hospital de Palencia. Los pocos días volví a Reinosa; después me enteré que el preparaban para ponerle un ojo de cristal; pensando en él, eso me dio “el tuer topu de haber sido yo”. El otro caso, fue un día que fuí con dos a recoger moras al lado de la línea del tren, frente a los chales; al poco rato apareció una avioneta y dio vueltas por arriba del campo de los osos; en una de las vueltas fue por arriba de los osos, cruzó la línea del tren para aterrizar en un prado y a los pocos segundos sentimos un estru y fuimos a la avioneta era un amasijo de hierro; entonces otro y otro me acercamos con trabajo, pues el prado anegado en agua; y al lado de el vequ e por la v entana de la puerta cogí a un pedazo de brazo con la sentín áu seas y empecé a vomitar las moras y volví a la línea donde me quedé sentido y medio mareado hasta que llegaron unos hombres, preguntaron dijimos lo que pasó; fueron a la avioneta y un o volví y nos dijo que para casa y nos fuimos. En casa me castigaron por haberido tan lejos y p su cio que estaba, pero les conté lo sucedido y al otro día nos enteramos en el accidente había muerto el piloto y el hijo de don Julio. ¡Qué vida! Creoque éstason de las que no se olvidan. A llí en Reinosa 39 al 47 y si gue el martirio de combiar de casa; así de un año en año, por razón que explico después.

A sí, cuando llegamos me incorporan a la escuela nocturna de “Sta. Ana”. A llí en Reinosa pasé esta etapa de mi vida, los amigos, los juegos; lo mismo en invierno que en verano: los juegos de fútbol o tirarse trineos por los páramos, hacer muñecos o castillos de nieve y cuántas cosas



más, ¡q u é l i n d a s ! F e l i c e s r e c u e r d o s , p e r o t a m b i é n e n e s e R e i n o s a , ¡q u é t u q u é h a m b r e p a s é !

T e r m i n a l a G u e r r a C i v i l y v i e n e l a I I G u e r r a M u n d i a l . R e c u e r d o c u a n d o y a h a b í a s a c a d o l a c o s e c h a d e p a t a t a s , n o s r e u n í a m o s 4 o 5 m u c h a c h a y c o n u n a b o l s i t a y u n a a z a d i t a o c u c h i l l o r e c o r r í a m o s l o s c a m p o s : u n a q u í , o t r a l l á , a s í h a s t a q u e e l g u a r d a n o s v e í a y d i s p a r a b a l a e s c o p e t a l a i r n o s o t r o s a c o r r e r ; q u i z á u n d í a c o m o o t r o s m u c h o s l o q u e y o l l e v a b a i b a l a c o m i d a o l a c e n a , s i n m á s n a d a . O t r a s v e c e s u n a p a p i l l a o u n a s o p a d e a j e c o n p a n n e g r o , s i e s t e s e c o n s e g u í a ; a v e c e s , c o m í a m o s m e j o r y a q u e p a p á i a l p u e b l o ( V e l i l l a ) y s i m e p a s a b a l a G u a r d i a C i v i l p o r e l t r e n , p u e s t r a í a l e s , y o t r a s m i n i - e x t r a s , p a t a t a s , e t c . L o q u e p u d i e r a c a r g a r q u e , a v e c e s , m u c h o . U n d í a p a p á m e l l e v ó a l c i r c o ( A r r i o l a ) ; y o t e n í a 8 a ñ o s y c u a n d o e s t e n e l a c t o d e l t r a p e c i o h u b o u n m o m e n t o d e s i l e n c i o y a s í , e l t r a p e c i s t a r e d o s o t r e s p a s e s . P e r o e n u n o d e e l l o s f a l l ó a l a g a r r e y c a y ó a l a p i s t a , p u e s n o h a b í a c a m a e l á s t i c a . A q u e l l o f u e u n g r i t o ú n i c o d e n t r o d e l c i r c o ; c r e o m á s d e 30 a ñ o s e n v o l v e r a l c i r c o . H u b o c o s a s q u e f u e r o n m á s p e n o s a s , t r i s t e c r e o q u e m á s q u e e l f r í o y e l h a m b r e , p u e s c o m o a l a ñ o d e v i v i r e n R e i n o s e n f e r m a y s e m u e r e m i h e r m a n o L u i s y u n a h e r m a n a , A n g e l i n e s , q u e m e s e s d e e n f e r m a y e s t u v o 3 m e s e s c i e g a y d e s p u é s d e v e r l a e n e l h o s p i t a l d e V a l d e c i l l a , e n S a n t a n d e r , q u e d a p a r a l í t i c a h a s t a q u e m u r i ó e n C u b a . T a m b i é n y a v i v i e n d o e n o t r a c a s a , o t r o h e r m a n o , d e 18 m e s e s , s e c a y ó d e l p r i m e r p i s o y s e m u r i ó ; t o d o e s t o f u e m á s d u r o .

D e s p u é s d e l 45 o 46 , e n l a p r i m a v e r a , m e e n f e r m é q u e p e n s a r o n q u e m e m o r i r í a ; a s í p a s é p a r t e d e l a p r i m a v e r a y e l v e r a n o e n c a m a c o n l o s g l ú t e o s l l e n o s d e p i c a d a s p o r l a s i n y e c c i o n e s q u e m e p u s i e r o n , h a s t a q u e y a e n o c t u b r e l e v a n t é y e m p e c í a c a m i n a r d e n u e v o , a u n q u e c a s i n Y o p o d í a s o s t e n e r m e . E n e r o d e l 47 m e r e i n c o r p o r o a l a e s c u e l a y u n d í a e n l a c l a s e d e c a t e c i s m o e l d i r e c t o r v i o q u e y o e s t a b a p i n t a n d o e l “ h i j o p r ó d i g o ” y m e d i j o q u e p o r q u e n o e s t u d i a b a ; l e d i j e q u e n o m e g u s t a b a . E s t o n o l e g u s t ó y m e d i o t a l g o l a n u c a q u e m e m e t i ó m i c a r a e n e l p u p i t r e y m e r o m p í o l a n a r i z , s a n g r e t a q u e l a c a m i s a y e l p a n t a l ó n s e l l e n a r o n d e s a n g r e ( q u e d e c i r , p a p á l o e n f r e a l o t r o d í a y l e d i o p u ñ e t a z o s q u e s i n o e s p o r l o s v e c i n o s n o s e q u e l e h u b o p a s a d o ) . D e s p u é s d e u n o s d í a s p a p á m e d i j o q u e m e e x p u l s a r o n d e l a e s c u e l a . E n t o n c e s p a p á m e p u s o e n u n a e s c u e l a p a r t i c u l a r , e s t o f u e p o r c o r t o t i e m p o h a s t a q u e n o s f u i m o s p a r a B u e l n a .

T a m b i é n , d e n t r o d e a q u e l l o s d í a s f e l i c e s e n R e i n o s a t e n g o q u e d e c a r c o n o c í a F o n t i b r e y e l n a c i m i e n t o d e l r í o E b r o , d o n d e v i m a n a r e l a g u a b o t o n e s e n t r e l a s p i e d r a s . ¡ Q u é b o n i t o l u g a r ! , y s u c o n t o r n o , c e r c a d e a p r o v e c h a n d o l a c o r r i e n t e d e a g u a h a b í a u n m o l i n o , d o n d e p o r m o m e n t o s f e c e s , p e r o t a m b i é n p a s é s u s t o y c o n l o s p e l o s e r i t a l l o b a b a s t a n c e r c a ,

pu es éstos se acercaban por la noche al molino, allí esperé al gu n as n av  
y años n u ev os, ¡felices recuerdos!

Y an L os C orral es de Bu el n a, paradojas de la vida, a mí que n o me gu  
t ab a el c at ec ismo me pon en en la esc u el a de c u ras mari st as; fu e c ort o ti  
lo ex pl ic o lu eg o, pero lo pasé bien en los est u di os y demás. M e i n t eg  
en el eq u ipo de 12 / 13 años en la esc u el a y fu i mos h ast a T orrel av eg a a  
tamb ién apren dí a n adar en el est an qu e de ag u a de la f á b r ic a, allí me en  
u n i n g en iero de la f á b r ic a, n os di jo qu e era mej ic an o; est o me si rv ió d  
en la vida.

A l poc o ti empo de est ar v iv ien do en L os C orral es p u l ic ó a r a  
v en a papá. Est o di o lu g a r a qu e papá se mol est ó t an t o, qu e le di jo a mamá qu  
i b a a preparar los doc u men t os para irse a C, w b m o para C u b a y mamá y  
mi s h erman as y y o, fu i mos para V el illa h ast a qu e n u est ros doc u men t  
jes, et c . est u v ieran el día de v en ir para C u b a.

En est e año en V el illa, trab ajé con u n i n g en iero mi di en do n  
mármol en l al ín eac olin dan t e con L eón . Despu és, fu i a semb rar pi n os,  
trab ajo era más du ro, h ab ía qu e h ac er h u ec os de u n met ro c u adrado a pi  
pal a; ¡mi s pob res man os! ; a v ec es mi pri mo F lores me ay u dab a para poder  
c u mpl ir l a n orma. Despu és trab ajé de ay u dan t e de la c on st ru cc i ó n de  
v iv ien das, h ast a qu e en marz o de 1949 mamá me di jo qu e n o trab ajara n  
qu e n os íb amos para C u b a. Qu iero señ al ar qu e c u an do y a t en ía 9 años,  
v ac ac i on es i b a para V el illa y ay u dab a al ab u el o en las lab ores del c ar  
n ar, semb rar, et c . En v eran o: a rec og er leg u mb res, aren a, tri g o, atrillar  
g er h ierb a para las v ac as y tamb ién l a leña en el mon t e para l a lu mb rey  
el i n v iern o; a pesar de qu e t odo era trab ajo, me sen t ía feliz . En t on c es, u  
fin al es de may o el ab u el o n os llev ó en el c arro de las v ac as a la est ac i ó n de  
de G u ardo para ir a Bilb ao, qu e fu e don de emb arc amos. ¡Qu é despedida m  
trist e! T odos lloran do: n osot ros y los qu e se qu edaban , fami lia, ami g  
rec u erdos! a m s así, qu e dejó a u n lado est e esc ri t o y me pon g o a esc rib ir e  
poema “los rec u erdos” y por qu e n o dec irlo, pen san do en ellos con los oj  
llorosos. Est a es l a part e de mi v ida en España, pero qu e dan t an t os rec u erdos  
y c osas en mi men t e qu e c reo pu di era llen ar al gu n as c u art illas más; p  
qu e ést as di c en b ast an t e.

C omo n arré, en el año 47 al 48 papá preparó los doc u men t os y a medi a  
dos del año 48 v in o para C u b a; él, v in o con u n a h erman it a mía qu e  
paral í t ic a. Despu és en ju n io del 49 v in i mos mi mamá, dos h erman it as y  
V en íamos con mu c h as ilu si on es, pen san do, c omo dec ía l a g en t e, qu  
v ida era c ol or de rosa, ¡lásti ma! , pu es la rosa t en ía mu c h as espi n as. El v ap  
qu e v i ajamos fu e el M ag allan es y sal i mos del pu ert o de Bilb ao el día  
ju n io de 1949 l leg an do a L a H ab an a el día 2 9 del mi smo mes. En esos días d

v i a j e , a p r e n d í v a r i a s c o s a s . U n a f u e q u e h a y q u e r e c l a m a r n u e s t r o s d e r e c h o s p u e s n o o s p u s i e r o n e n e l f o n d o d e l v a p o r d o n d e h a b í a m á s d e 2 0 0 l i t e r a s , p a r a h o m b r e s , m u j e r e s y n i ñ o s y t o d o s j u n t o s , p e r o p a p á h a b í a p a g a d o p o r o t r a c l a s e o s e a u n c a m a r o t e ; m a m á p r e s e n t ó e l b i l l e t e y a m u c h a i n s i s t e n c i a c a m b i a r o n p a r a u n c a m a r o t e . L a o t r a e s q u e e n p r e s e n t e m i e r a i d a , s u p e l o q u e e r a u n m a r e o e n b a r c o y e n m e d i o d e l o c é a n o . E l d í a d e s a l i r d e l p u e r t o d e C á d i z e s t a n d o e n e l c o m e d o r e n t r ó u n m u l a t o y e l m a y o r d o m o e m p e z ó a p r e g u n t a r e n a l g u n a s m e s a s q u e h a b í a u n p u e s t o v a c í o s i p e r m i t í a n q u e e t a r a e l m u l a t o ; n a d i e l o a c e p t ó ; s e a c e r c ó a n u e s t r a m e s a , l e p r e g u n t ó a m a m á y é s t a l e d i j o q u e s í ; c u a n d o s e s e n t ó t o d o s l o s o j o s s e c l a v a r o n e n n u e s t r a m e s a e r a u n m a r i n o m e r c a n t e d e e s e p a í s . L e p r e g u n t é a m a m á s o b r e e l c a s o y m e d i j o q u e e s o e r a u n p r o b l e m a d e r a c i s m o , c o n e s t o e m p e c é a a p r e n d e r l o q u e e r a l a d i s c r i m i n a c i ó n r a c i a l . D e b o d e c i r q u e a g r a d e c í m u c h o a e s e s e ñ o r p u f f u e p a r a m í u n p r o t e c t o r d u r a n t e e l v i a j e a P u e r t o R i c o . E l o t r o c a s o f u e S . D o m i n g o , d o n d e u n o s c u b a n o s c o m p r a r o n a g u a c a t e s y s e l o s t i r a b a n d e s u m u e l l e , p e r o u n o n o l o p u d i e r o n c o g e r , s e l e s f u e p o r a r r i b a y y o e s t a b a s e n t e d e t r á s d e e l l o s , p u e s m e d i o e n l a c a b e z a ; e l c a s o e s q u e e l a g u a c a t e e s t a b a v e r d e , a s í q u e m e d e j ó m e d i o m a r e a d o . S e d i s c u l p a r o n y d e s p u é s c u a n d o l o e s t a b a n c o m i e n d o m e d i e r o n a p r o b a r u n a t a j a d a c o n u n p o c o d e s a l ; q u e d e q u e , e s t a b a t a n a m a r g o q u e l o e s c u p í ; a h o r a c u a n d o l o c o m o l e r e c u e r d o a q u e l m o m e n t o . ¡ N a d a ! , q u e h a y c o s a s q u e n o s o n p a r a r e c o r d a r , p e r o n o s e o l v i d a n . P a p á f u e a r e c i b i r n o s , y c o s a a n e c d ó t i c a , a l s a l i r d e l a a d u a n a , l a c a l l e , m a m á r e c i b i ó u n p e l o t a z o e n u n a p i e r n a , p u e s u n o s c h i c o s e j u g a n d o p e l o t a e n l a c a l l e ; c r e o q u e e s o m a r c ó a m a m á , p u e s d e s p u é s n o q u e o í r h a b l a r d e p e l o t a .

A s í e s c o m o l l e g u é c o m o i n m i g r a n t e f o r z a d o . D i g o e s t o , p u e s c o m o e r m e n o r d e e d a d e s t a b a b a j o l a t u t e l a d e l o s p a d r e s . B u e n o , p a p á n o s l l e v ó a l a p a r a d a d e l t r a n v í a V í b o r a / M u e l l e L u z d o n d e m o n t a m o s c o n e l p a r d e m a l e y u n a c a j a q u e t r a í a m o s . A s í l l e g a m o s a l a p a r a d a d e 10 d e O c t u b r e y S . M a r i a n o y a p i e h a s t a l a c a l l e P á r r a g a , d o n d e v i v í a l a t í a d e p a p á , q u e d o n d e v i v í a é l . D e s p u é s d e l a s p r e s e n t a c i o n e s l o s b e s o s y l o s a b a z o s v i n o e o t r o g o l p e , m a m á p r e g u n t a p o r m i h e r m a n a A n g e l i n e s , q u e a s í s e l l a m a b a y h a c e s i l e n c i o h a s t a q u e p a p á d i c e q u e h a b í a f a l l e c i d o h a c í a c o m o c i n c o c o s a é s t a , q u e n u n c a n o s c o m u n i c ó ; e s o p a r a m a m á f u e u n g o l p e m u y l o m i s m o p a r a m í . T í a n o s c a l m ó p e r o c r e o q u e y a a h í c o m e n z ó e l c a l v a r i o d e n u e s t r a i n m i g r a c i ó n .

Q u i e r o s e ñ a l a r q u e d o n d e í b a m o s a v i v i r d e m o m e n t o o c h o p e r s o n a s e r a u n s a l a c o m e d o r y u n a h a b i t a c i ó n y e l s e r v i c i o c o l e c t i v o ; y o h a b í a o t r a c o s a , p u e s d e j a m o s e n E s p a ñ a ( C o r r a l e s d e B u e l n a ) u n r e a m s a s a l a , c o m e d o r , c o c i n a , s e r v i c i o , t r e s h a b i t a c i o n e s , p o r t a l y u n p a t i o c e r

cerca *pa eerless* y en contarme con eso, no lo podía entender, pero así fue durante meses; no recuerdo cuántos, así que me pusieron a dormir en un cama en una esquina de la sala; imagínense, y o tenía una habitación para compartir con los demás de piel de conejo; pero bueno, eso no era tan malo, pensé que quizá otros estarían peor.

Así pasaron unos días y mamá y papá no salían a trabajarle preguntando y la respuesta fue que no tenía trabajo. Mamá le dijo: “¿en tonces estás viendo a costa de tío José? (éste era conductor de tranvía); y tía y yo oyeron eso, y mamá le volvió a decir: “¿para estos trajistes a Cuba?”. Quiéreme que ya estábamos chocando con las espigas y por elloy desde entonces se zaron las pelotas entre ellos dos. Papá me llevó y me presenté a varios amigos y fue así que todos los días yo iba a la ferretería que estaba en 10 de octubre. Milagros para buscarle la peseta, cargando lo que fuera; así iba a la feria para repartirle la propaganda por el día de guardia o al gajaje El Castillito el 10 de octubre y Santa Catalina a limpiar cochecos y también a unca a mudanzas; o sea, que cuando pude ir a ganarme algo, ahí estaba yo, pues me cuneta, y mamá me lo decía, que cuando las cosas eran baratas el sueldo de tío José no daba para mantener a los otros, pues a papá le venían a llamar a para hacer un trabajo de mecánico y al final llegaba con cincopesos.

Así pasaron los meses, hasta que encontré trabajo en un abodega (ciclo), pero como no tenía edad para trabajar papá tuvo que firmar un documento haciéndome responsable ante el dueño de lo que me pasara. Así es como empezé a principios del año 1951 en la abodega sita en Milagros y Párraga por treinta pesos al mes tenía que despachar, limpiar, llenar los anaqueles, llevar mercancías a las casas etc.; o sea, que podían ser ocho, diez, doce, hasta diecisiete, llueva, truene o relampaguee; así fueron pasando los meses; a veces recibiendo improperios de parte del dueño y algunos clientes y todo lo aguantaba pensando en la situación de la casa.

Si guen pasando los meses y en marzo de 1952 vine al mundo otro hermano, por lo cual le dije a mis padres: “éramos pocos y ahora esto”. Con la situación que teníamos, me estoy cansando; pero bueno, seguía trabajando buscando si me encontraba por fuera, pues la mayoría de mis hermanas iban a empezar en la escuela, más el niño; me devanaban los sesos pero no encontré la solución para mejorar la situación y papá seguía sin trabajar.

Un día papá con sigue unos trabajos y mamá lo convenció alquilando una habitación con yo o alquilaban \$ 20.00 al mes, pero había que depositar el fondo; o sea que de lo que yo ganaba quedaban \$ 10.00 para vivir.

<sup>1</sup> En Cuba se designa así un tipo de alambreda metálica que, en origen, era de fierro y se usaba para hacer cerraduras. (N.E.)

y para avituallar, pues hubo que pedir dinero prestado. Eran tan buenos tiempos, que ten go que decir de corazón, que hasta después de muertos te agradece lo que hicieron por nosotros. En esta etapa me inscribí en el fútbol, jugué con el "Cerro F.C.", con el cual jugué hasta que cumplí después un año con Maratimos y Portuarios.

Seguí en el comercio hasta que un día finales de 1953 por un cambio de un accidente cuando regresé al comercio el día empezó a decirme cosas improprias etc., inclusive delante de clientes y yo sin saber de que se trataba pregunté que a que venía eso y me dice que la señora tal, le había dicho compredí el por que de su exaltación y le dije que eso era mentira y si le contaba esa señora te quedas con ella, y a pesar de lo molestoso que yo estaba no le metí la lata de galletas que tenía en la mano por la cara pero se la tiré arriba del mostador y le dije: ~~soy~~ español soy blanco soy ~~osc~~ esclavo de nadi; si quieres un esclavo lo buscas en África". Dileme de la vida y me fue casa. Llegué a casa y mamá me preguntó que me pasaba; le dije que enada; que me acosté ru miando de impotencia y no que se almorzara y como a las 2 p.m., mamá me dijo que era hora de ir al trabajo y a tu vez que decirle lo que me pasó y que enolvía al trabajo. Ella imaginando lo que pasaría en la casa empezó a llorar, pues en definitiva, en realidad el que mantenía la casa era yo. El día me mandó a buscar y la respuesta a pesar de que mamá seguía llorando fue "no".

A sí pasaron tres meses que yo tiempo y obuscaba al trabajo por donde yo iba seguía en la ferretería, farmacia, etc., pues con lo de papá había meses que había que pedir prestado para pagar el alquiler. A sí pasaron los días hasta que un día con ocido me buscó el trabajo en la calle Mercado que era de trabajar y di unos minutos; empecé y me pagaban \$ 50.00 y si empresa restringida es seguía viviendo pues a mamá le gustaba pagar las deudas; allí seguía hasta que el día siguiente que ebroy dondetuve problema con el con tador/comercial pues no se comprar (ejemplo) el camarón (gamba) a 0,33 cts. en el puerto de Batán óy vendílo en La Habana a 0,34 cts.; eso no daba ni para pagar el salario de 23 empleados.

Como decía que ebroy el negocio y me quedé sin trabajo de nuevo papá seguía sin trabajar ~~ya~~ corría el año 1957, pero estaba un poco mejor suerte y como al mes con seguía el trabajo en "Pollos San Chelma" como mensajero y pagaba a \$ 55.00 y haciendo el reparto en un auto (en el trabajo anterior aprendí conducir moto y coche y esto me ayudó pues ya tenía licencia); pero él empezó a darme los cobros a los clientes (pollerías) donde había días que regresaba con \$ 50 mil al comercio; y a esa tarea era un compromiso mayor por lo que él me pidió un aumento de sueldo y me dijo que lo iba a pensar y entonces yo también lo pensé, que eso era peligroso y que él me aumentaría así que finalizando el año 1958 me dijeron de otro trabajo en el Mercado Único donde

ganaría \$ 30.00 más, una mototriciclo que era de más seguridad y no tenía esos cobros, lo que si había que empezar la jornada a las 12 o a las 1 hasta las 12, lo 2 p.m., pero a mí eso no me importaba con tal de ganar más, pues y a las dos niñas estaban en la escuela y el otro iba a empezar.

En ese año a papá lo contrataron en un taller para hacer los herrajes de las persianas y así cuando pedían un apaladora de pollos lo contratamos o duermo. En ese intervalo de tiempo cambiamos de casa o sea para un apartamento, pero ya había que pagar \$ 35.00 al mes, más el fondo; o sea ganaba más, pero había más gastos y yo seguía igual, trabajaba y trabajaba los días me iba para la calzada o para el parque a conversar con los amigos y no tenía ningún inconveniente en el bolsillo, y cuando los tenía me mataría (refresc<sup>2</sup> para llenarme la barriga y mitigar el hambre y así poder dormir para ir al otro día al trabajo y no podía faltar porque te botaban si no teemplacías).

Quería señalar algo, pues los recuerdos, recuerdos son, algunos me como toda esta etapa desde que llegué pero estos me recordan en algo. Mamá estuvo conmigo tiempo escamoteando los bolsillos, a veces tenía que decirle, “no me cojas la calderilla que te tengo que cogerte el autobús; había día descubierto para que era; y es que en el comercio a mí se hermana pero también para mis primas de Velilla de Yagüe ~~hacia~~ la visita gorda y a veces cuando me buscabas extras y se lo dabas para ese fin, pues como lo estaban pasando los primeros de España y eso que había mamá, me había feliz. El vínculo con la familia nunca se perdió, pues mamá al llegar escribía y a decir que me hermana Ana Angelines había mucho cosas más. Así mismo, de allá escribía mi tía María o tía Sofía y así si gatravés de los primeros, después con mi ~~goy~~ ~~el que~~ e, a la muerte de mis padres y cuando a la familia, cuando el vínculo.

Y sabía que me tío padrino u o una hija; él murió y perdimos con la madre, pero yo insistí mucho tiempo con mi prima hasta que está Velilla, con tacto con ellas, les dijo sobre mí y me mandaron la dirección escribía Aranjuez, que es donde viven y así seguimos como nunca decir que en el año 2003 cuando fui a Matallascas, cuando regresé me fueron a recibir a Barajas; me sentí muy feliz; seguimos como nunca por cosas y el éfondo.

Seguía trabajando en el Mercado Único; triunfó la revolución escuela de Oficios en Ciudad Libertad y aquí, que un día con el llamado para trabajar allí como profesor de ajuste, pues papá era ajustador de primera en las fábricas españolas como en la Naval de Reinosa y en l

<sup>2</sup> A lu de au n refresc o de mate produ c i do en tre 192 0 y 1960 en **C h b** a por la empres *Materva S of t Drink Comp (S.E.)*

C orral es de Bu el n a; al fin , despu és de 12 años i b a a trab ajar y poder man t en er a la fami lia como era su deb er. F u e tris t e lo q u e mu c h as v e c e s l e d i j e y tris t e q u e su c e d i e r a, pero tris t e f u e q u e c o n mi e d a d c a s i n o t u v e c o m o j u v e n t u d y q u e mi ún i c o e s p a r c i mi e n t o e r a e l f ú t b o l , y a q u e n o p o d í a t n o v i a p u e s n o t e n í a n i p a r a l l e v a r l a a l c i n e, y e s o q u e l a e n t r a d a c o s t a b c é n t i m o s, p u e s e s a p e s e t a m e h a c í a f a l t a p a r a c o m p r a r u n a l a t a d e l e c h e p a r a q u e mi s h e r m a n o s d e s a y u n a n a n t e s d e i r a l a e s c u e l a y y o c o n u n a t a c c a f é d e 0 , 0 3 c é n t i m o s. E s e f u e e l c o l o r d e r o s a d e mi v i d a.

E n e l a ñ o 1961 d e s p u e s d e h a b e r i n t e r v e n i d o e l c o m e r c i o m a y o r i s t a d e p o l l o s p a s o a t r a b a j a r e n u n a u n i d a d e n L a w t o n , c o m o c h o f e r d e c a m i ó m e j o r a n d o e l s u e l d o y e s t a n d o e n e l I N R A ( I n s t i t u t o N a c i o n a l d e R e f o A g r a r i a ) h u b e d e r e a l i z a r e n e l g i r o d e l p o l l o n d e s d e p a s ó n a d m i - n i s t r a d o r d e u n a u n i d a d, p e r o a v e c e s l a v i d a n o c o m p e n s a e l e s f u e r z o, p u o t r o s a d m i n i s t r a d o r e s g a n a b a n \$ 2 2 5.0 0 y y o \$ 160 .0 0 , y p e d í e l a u m e n t d á r m e l o r e n u n c i é a l c a r g o y m e m a n d a r o n p a r a e l á r e a d e l p e s c a d o e n o f i c i n a, d e d o n d e m e f u i, p u e s n o d a b a e l s a l a r i o c o n e l t r a b a j o q u e h a c í a n ó m i n a p a s é u n c u r s o d e e l e c t r i c i s t a, p a s é l a p r u e b a y p a s é a t r a b a j a r a m a n t e n i m i e r i n d u s t r i a l e n l a p e s c a, h a s t a m i j u b i l a c i ó n e n e l a ñ o 1995.

Q u i e r o s e ñ a l a r q u e e s t a e t a p a d e 40 a ñ o s t a m p o c o m e h a s i d o f á c i l ; l u c h m u c h o p a r a p o d e r t e n e r u n a p a r t a m e n t o, u n c o c h e, r e f r i g e r a d o r, t e l e v i s o r, t i l a d o r e s, e t c ., p a r a l a f a m i l i a q u e c e r é, p a r a q u e n o p a s a r a n l o s t r a b a j o s q y o p a s é y a u n q u e m e s i g u e n l o s r e c u e r d o s, a l g u n o s t r i s t e s c o m o d i j e, c r l o h e c h o e s t á b i e n y s i a l g o h i c e m a l q u e m e p e r d o n e l a f a m i l i a; q u i z á h a c e r m e j o r, q u i z á l a f a l t a d e c u l t u r a m e t r a b ó p u e s p u d e s e g u e r m i s e s t u e n e l a ñ o 1963 c u a n d o t e r m i n a b a m i t u r n o d e t r a b a j o.

C o m o e x p o n g o s o b r e l a v i d a q u e l l e v é a q u í, d e t r a b a j o, e t c e p i n, p u e s n o c u p a b a d e p o r s a b e r s o b r e l a s s o c i e d a d e s e s p a ñ o l a s e n C u b a, p e r o y a c u a n d o m e h a g o n o v i o d e m i a c t u a l m u j e r, e n e l a ñ o 1963, e l t í o / p a d r e d e e l l a, M a n u e l C o s t a M o n t e r o, e s p r e s i d e n t e d e l a S o c i e d a d “A u r o r a s d e S o m o z a” y m e h a c e n s o c i o, a s í t r a n s c u r r e e l t i e m p o y p r e g u n t o s i h a b í a s o c i e d a d c a s t e l P a l e n t i n a, m e d i c e n q u e s í, i n c l u s o c o n o z c o, y a q u e l j u g a m o s j u n t C e r r o, a S e b a s t i á n D u q u e, q u e f u e r a p r e s i d e n t e d e l a S o c i e d a d S a l m a n t i e n t o n c e s m e h a g o s o c i o d e l a P a l e n t i n a y e s p e r o e s t a r e n e l l a h a s t a q u e l q u i e r a o l a s u e r t e l o d e p a r e.

A s í, d e s p u e s q u e m e j u b i l é y y a c o n 65 a ñ o s m e c a m b i ó b a s t a n t e l a v p u e s e m p e c á r e c i b i r l a p e n s i ó n d e E s p a ñ a y p a d a s i r t o d a l a f a m i l i a q u e d e j é a l l á y a l o s n u e v o s q u e n a c i e r o n, t u v e l a f e l i c i d a d d e v e r l o s, m i p u e b l o y o t r a s p a r t e s d e E s p a ñ a q u e n o c o n o c í a; a s í q u e l l e g u é a l a t e r c y a u n q u e m e q u e d a e l r e c u e r d o d e h a s e s p i n t a s e l i z, c o m o m e s e n t í c u a n d o p i s é t i e r r a d e m i p u e b l o y q u e l a n o c h e q u e e n t r é l e s a q u e u n a c o m o o t r a d e s p u e s q u e v o l v í.





# Relatos sobre la influencia recíproca de la emigración castellano-leonesa de mis padres

A Andrés Santos González

## PRÓLOGO

Todo he vivido de sus recuerdos, sus orígenes y de la obra que he realizado en el transcurso de su vida, lo que es un relato sobre la vida de la emigración de toda una generación española de principios del siglo XX a la mayor isla de las Antillas, es decir Cuba, que representó para nosotros tareas que pasaron mis padres y la influencia recibida de ello. La educación cultural española es, sin duda, la mejor herencia que he recibido de mis padres y a ellos se lo dedico de todo corazón, pienso que con este relato se pueden reflejar varias generaciones de cubanos que, como yo, hemos sido producto de la emigración española y que seremos tan totos a Cuba como a España.

Lo que es sigue es el relato de mi propia personalidad formada al calor de la educación de mis padres, abuelos, parientes y de las sociedades castellano-leonesas en La Habana, pretendiendo solamente señalar estas influencias, dejando otros aspectos de mi vida que no forman parte de este objetivo. Resulta que he dedicado este trabajo en primer lugar a honrar la memoria de mis padres y abuelos, así como a tantos españoles que estuvieron a mí alrededor, que me influyeron profundamente en sentimientos de cariño y amor por España. Además de la positiva influencia recibida por más de 40 años de la Colonia Leonesa de Cuba y la Agrupación de Sociedades Castellanas que he conocido manteniendo tradiciones y el amor por España y por Castilla-León, pese a múltiples obstáculos de todo tipo y que en momentos fueron su memento en los primeros años de la Revolución, pero la tenacidad de la estirpe española que se superó y se reponió y salió victoriosa para su pujanza manteniéndolas tradiciones españolas en Cuba de diversas formas, manteniéndolas en su esencia y en sus generaciones de aquellos que un día llegaron a este país y que tan totos a España como a Cuba como objetivo su premo de su razón de ser. El

Relatos sobre la influencia recíproca de la emigración castellano-leonesa de mis padres

poder relatar esto es para mí fuente de orgullo y tengo la esperanza de recordarlo por medio de este relato a la crianza de mis padres y que otros muchos y que ellos vean reflejados en este relato, que están común a muchos emigrantes españoles y sus descendientes en específico a los de esa región española.

## A N T E C E D E N T E S H I S T Ó R I C O S D E L A E M I G R A C I Ó N E S P A Ñ O L A A C U B A

En las primeras décadas del siglo XX, decir la Habana y Cuba, que en el momento de España era sinónimo de prosperidad y de lugar para triunfar, dado que el sitio de la emigración precaria de la economía española de la época, principalmente en los pequeños pueblos castellano-leoneses donde prevalecía la economía rural. Sin embargo las noticias que llegaban de la Isla eran alentadoras y era una aquilera el poder emigrar para hacer fortuna y bien estar a ellos y su familia. Es de destacar que la emigración española era la mejor vía por los criollos, no era el caso de otras oleadas de inmigrantes que en condiciones de explotación, de hambre y de sacrificio se fueron a los cubanos a trabajar como los españoles, como por ejemplo la China, que en su momento de la segunda importación, no pudieron competir rápidamente con los hispanos en la Isla. Debemos recordar que en las décadas habidas y pasadas si se olvidó el estado de colonia, por tanto en Cuba había el mismo espíritu de la misma explotación y salvos los momentos de la población criolla que recordamos traumas y excesos que habían ocurrido producto de las tres guerras por la independencia cubana, había el español no había rechazado en el pueblo. A la Guerra del 1895, las tropas independentistas cubanas tenían agotadas las tropas españolas y fue la abrumadora intervención del ejército de Estados Unidos que en su derrota a las tropas españolas y con su intervención que edó en Cuba el estado de Colonia de España para pasar a ser de Estados Unidos. Fue el Tratado de París donde los Estados Unidos en su nuevo papel de potencia internacional, hizo prevalecer su papel de nuevo organismo en dar un nuevo rumbo a España a la retirada de Cuba, Puerto Rico, Filipinas y otras dependencias de las naciones. Por tanto que edó la trunca la dominación española para pasar a ser colonia de Estados Unidos, no fue hasta la formal independencia de Cuba en 1902 que se logran a independenciar a los Estados Unidos.

Una década después de la llegada de emigrantes españoles de tipo económico los cuales eran principalmente jóvenes que venían a trabajar su año de prosperar a costa del trabajo y el sudor en los más difíciles profesiones, esa emigración comenzó a tenerse con la criolla en diversas formas, primero lentamente hasta llegar a fusionarse formando familia, y se compenetra con la población cubana en diversas formas y maneras.

Estasituación fue magistralmente representada por el Teatro Bufo cubano por décadas representaba a personas que representaban los distintos segmentos de la población de la época, en la que podía faltar además de la picaresca del criollo, el negro que representaba la emigración africana imprescindible del gallego del barrio, el negro en érico por el que se nombra a todo español cubano que fue la región de procedencia en el país ibérico. Para el cubano todos eran gallegos, pero sin duda estaba caracterizado por el negro bueno, trabajador y emprendedor pero eso sí, muy fiel a sus costumbres y tradiciones.

## PRINCIPALES INFLUENCIAS DE LA EMIGRACION ESPAÑOLA EN CUBA

Las Sociedades Españolas tuvieron un desarrollo como ninguna otra, son ejemplares vivos los Centros Gallego, Asturiano y el Castellano en importantes obras, verdaderas joyas de la arquitectura. Los centros de importación de los productos de la Habana, así como de las líneas hospitalarias, donde se prestaba un eficiente servicio. También había escuelas, academias, asilos, pantheon y otras muchas dependencias que eran exclusivas para el oriundo español sino para sus descendientes. Estas Sociedades y Colonias rápidamente organizaban romerías, bailes, fiestas sociales, bailes, queques, misas, se daban clases en escuelas y academias, fueron allí donde fueron fortaleciendo los lazos fraternales con los cubanos como con ninguna otra emigración llegada a la Isla, mencionando que la comunidad española en Cuba era por mucho la mayor y más representada de cuantas se fueron asentando en Cuba. En las sucesivas generaciones de cubanos hasta en estas bastantes dificultades en conseguir que sus abuelos no sean de la Patria, el negro con que se acostumbra a llamar cariñosamente a España. Los españoles fueron prosperando a pesar de trabajar en el sudor y esfuerzo, dejaban sus raíces en Cuba, aunque siempre tuvieron en mente el retorno, hacían envío de remesas monetarias de ayuda a sus familiares, pero poco a poco se fueron "aplacando" el negro en érico que en Cuba significaba la asimilación progresiva y lenta de los españoles en la tierra que vivían y en sus años de hacerle capital y retornar a su terruño, pero nunca perdieron sus raíces y tradiciones. En Cuba fue filmada una película sobre el libro del poeta Miguel Barnet nombrado "Gallego" que en arragalistralmente todo el proceso de la emigración española en Cuba hasta la asimilación de ese "gallego" propio a familia cubana que egresó, donde ese personaje ficticio que ejemplifica a muchos que llegaron a decirlo que es una realidad en muchos hispanoamericanos que en los patrones, es un reflejo de cuanto se asimilaron en Cuba sin perder sus raíces hispanicas.

R el at os sob re la in flu en cia rec ib ida de la emigración castellana o-leonesa de mis padres

## M IS P R IM ER A S IN F L U EN C IA S E SP A Ñ O L A S

En el seno familiar es donde se c o m b i n a l o s r e c u e r d o s v i v i d o s y c o n t a d o s p o r m i s p r o p i o s p a d r e s y a b u e l o s, f o t o s, d o c u m e n t o s y s o b r e t o d o m i s v i v i d o s c i a s d e m i n i ñ e z y j u v e n t u d r o d e a d o d e m i s a b u e l o s m a t e r n o s, m i s p a d r e s p a i s a n o s q u e v i s i t a b a n l a c a s a, a d e m á s d e l a i n m e n s a f o r t u n a y d i c h a t e n i d o d e c o n o c e r l o s l u g a r e s d o n d e e l l o s n a c i e r o n y v i v i e r o n e n E s p a ñ a p e q u e ñ o s p u e b l o s r u r a l e s d e l a p r o v i n c i a d e L e ó n, p e r t e n e c i e n t e s a l a C o m u n i d a d d e C a s t i l l a y L e ó n, c o n o c e r p a r t e d e l a f a m i l i a, i n c l u s o a m i g o s y p a r e n t e s d e m i s p a d r e s. O t r o t a n t o e r a e l n e g o c i o d e m i p a d r e q u e e r a c o m o l a s t í p i c a t a b e r n a s e s p a ñ o l a s, d o n d e l a d e c o r a c i ó n c o n s i s t í a e n t e n e r c o l g a d o s h i l e t a m o n e s, c h o r i z o s, l o m o s y o t r a s c h a r c u t e r í a s, s u s e s t a n t e s e s t a b a n r e p l e t a s c o n s e r v a s d e p e s c a d o y m a r i s c o s e s p a ñ o l e s, l a s h i l e r a s d e b o t e l l a s d e v i n o l i c o r e s d e l a s m á s r e c o n o c i d a s m a r c a s, e n f i n q u e e r a u n l u g a r d o n d e s e e s t a b a e n E s p a ñ a e n e l c e n t r o d e L a H a b a n a. C o n t o d a e s t a i n f o r m a c i ó n t e n í a e n m e n t e l a i d e a b a s t a n t e r e a l, d e q u e e n o q u e s i g n i f i c ó l a i n m i g r a c i ó n c a s t e l l a n a y l e o n e s a, c o n l o s q u e h e p o d i d o c o n f e c c i o n a r e s t e p o e t a p o e t a l a y o g o n i s t a, p u e s c o m o d i c e e l p o e t a M i g u e l H e r n á n d e z, “N o m e s i e n t o e x t e r i o r e n n i n g ú n l u g a r” y c u a n d o e s t o y e n C u b a, a ñ o r o E s p a ñ a y v i c e v e r s a l a e d u c a c i ó n r e c i b i d a, l a v i d a s o c i a l e n l a s S o c i e d a d e s C a s t e l l a n a y L e o n e s a m i s v i s i t a s a E s p a ñ a y h a b e r m e c r i a d o e n u n a f a m i l i a n e t a m e n t e e s p a ñ o l a, s i e n t o t a n t o e s p a ñ o l c o m o c u b a n o s i n p o d e r d e s l i n d a r u n o d e o t r o. P o r t o a n t e r i o r m i c a s a e r a p a r a m í, c o m o v i v i e n E s p a ñ a e s t a n d o e n L a H a b a n a, e s t o s e u n e l t í p i c o a c e n t o e s p a ñ o l d e m i s a b u e l o s y p a d r e s, e s d e c i r q u e v i v i e n d o s s i t i o s a l a v e z, e n E s p a ñ a d e n t r o d e l a c a s a y e n C u b a a l t r a s p a s a r u n m u n d o r u r a l d e l a p u e r t a. L a c r i a n z a t a n t o m í a c o m o d e m i h e r m a n a, f u e e n c o n t a c t o r e l i g i o s o s, h a s t a e l t r i u n f o d e l a r e v o l u c i ó n e n 1959 q u e s e a b o l i e r o n l a s c o n t i n u a n d o c o n l a e d u c a c i ó n h a s t a e s t u d i o s u n i v e r s i t a r i o s.

## O R I G E N D E M I S P A D R E S

M i p a d r e, y a f a l l e c i d o, n o m b r a d o A n d r é s S a n t o s V i l l a, n a c i ó e n N o v i e m b r e d e 1903 e l p u e b l o d e V i l l o m a r, t é r m i n o m u n i c i p a l d e M a n a n a s l a s M u l a s, e n l a p r o v i n c i a d e L e ó n, e r a e l m a y o r d e c i n c o h e r m a n o s, s e n t a d o j o r n a l e r o y s u m a d r e a m a d e c a s a a d u r a s p e n a s p o d í a n s o s t e n e r l a e c o n o m í a f a m i l i a r, p o r t a n t o d e s d e m u y t e m p r a n o m i p a d r e t u v o q u e d e j a r l a e s c u e l a c o m e n z a r a t r a b a j a r c o m o p a s t o r d e o v e j a s, o f i c i o d e l o s c h a v a l e s d e l o s p e q u e ñ o s p u e b l o s r u r a l e s. P o s t e r i o r m e n t e l a f a m i l i a s e t r a s l a d ó a o t r o p u e b l o m a y o r C i s t i e r n a, e n l a m i s m a c o m a r c a l e o n e s a p o r f a c i l i d a d e s d e t r a b a j o d e l a b u e n t e s i n e m b a r g o q u e e n A n d r é s c o n t i n u ó s i e n d o p a s t o r, a u n q u e p o s t e r i o r m e n t e

aparecían otros oficios menores pero esto no ayudó mucho en la precaria economía familiar.

De repente apareció un tío asentado en Cuba, que con tabaco y un poco de comercio que le permitía visitar a su familia con fines de emprendedor negociante y vecino de un agrariciudad como era La Habana de esos años, viajaba a la usanza de un aurbecosmopolita prospera y moderna, que al llegar al pueblo donde salió un día “con una mano del anteo y otra detrás”, dijo a mucha gente que era ahora, por lo que en el modesto pueblo de jornaleros y pastores, lo recibían como un triunfador. Esta imagen hacían que muchos querían emigrar para prosperar como él y salir del pueblo que no le daba mayores atractivos de ser jornalero y llegar a la “tierra prometida” es decir La Habana, para prosperar y regresar triunfante como ese tío. La imagen de ese tío me recuerda mucho la famosa película española “Bienvenido Mister Marshall” con guión y dirección del genial director de cine español Luis Berlanga “todo un clásico del cine español de la década de los cincuenta del siglo pasado”, que en arra la esperanza que tienen todo un pueblo, El Amado del Río, por la ayuda americana con el Plan Marshall para la reconstrucción de Europa y de España después de la Segunda Guerra Mundial, en un estrocamiento del tío representaba, lo que a los americanos para el pueblo de Villar del Río de la historia. Esta película me transporta con un antidez extraordinario a un pueblo rural español de hace más de 50 años donde nacieron mis padres donde casi no pasan nada y donde no había muchas esperanzas de prosperidad, sino embargo todo cambió de repente con la llegada de un “tío” que de repente pudo cambiar esa situación. Si esto pasaba a mediados del siglo pasado, que no pasaría en esos mismos pueblos en las primeras décadas de ese siglo, donde el atarso era mucho mayor, en otras cosas porque también se había salido de este de la Primera Guerra Mundial, de la Guerra de Cuba y haber perdido otras posesiones coloniales, por tanto la economía española, pasaba por momentos difíciles.

Adicionalmente los tíos generalmente solteros, que eran llevados a “sobrinos” como le llamaban a los sobrinos para que le diera su negocio o también para hacerlos trabajar duro para su propio provecho, con el ilicofin de ser en el futuro su hombre de confianza que le diera su negocio así que de la noche a la mañana mi padre veía en los preparativos del viaje a la añorada Habana, donde rápidamente se embarcaba un 20 de junio de 1920 sin haber cumplido aún los 17 años. Por suerte con el documento de identidad donde está plasmado los trámites legales para el viaje desde el puerto de Santander hasta La Habana. Cuan grande sorpresa para mi padre y todos sus jóvenes acompañantes ocasionales el atarso por el primer día inmenso Océano Atlántico a bordo de un vapor y llegar a un lugar

c o m o L a H a b a n a , u n a g r a n c i u d a d p a r a e l l o s q u e s o l o c o n o c í a n s u a l r e d e d o r e s p a r a e l l o s e r a u n a e x p e r i e n c i a i n o l v i d a b l e .

R e l a t o s s o b r e l a i n f l u e n c i a r e c i b i d a d e l a e m i g r a c i ó n c a s t e l l a n a y l e ó n e s a d e m i s p a d r e s

CARACTERÍSTICAS QUE CONCURREN EN		ANTECEDENTES PENALES	
D. _____	Ojos _____	Del emigrante <i>Armando Quinto Villa</i>	
Estatura _____	Nariz _____	hasta esta fecha <i>NO</i> aparecen en este Registro ante-	
Complexión _____	Boca _____	cedentes penales, según los que se está sujeto á	
Pelo _____	Oídos _____	condena <i>Armando Quinto Villa</i>	
Ceja _____	Labios _____	<i>Armando Quinto Villa</i>	
Bigote _____	Orejas _____	de <i>San Juan</i> de 1940	
Barba _____	Cabello _____	(Bello.)	
Fronte _____	Color _____	El Secretario	
OTRAS PARTICULARES		PROCESAMIENTO	
Puños _____	Callos _____	Examinados los antecedentes oportunos <i>NO</i> consta	
Cicatrices _____	Dispariciones _____	que <i>D. Armando Quinto Villa</i>	
Lunares _____	Otras señas _____	está sujeto á procesamiento.	
El interesado,		<i>Armando Quinto Villa</i>	
Declaración otorgada al individuo á que se hace refe-		de <i>San Juan</i> de 1940	
rencia en esta hoja y en la anterior, así como que es la		El Secretario (1)	
regla la fotografía sujeta á esta Cartera y sellada		<i>Armando Quinto Villa</i>	
con el sello oficial de este Ayuntamiento.		(1) El Juzgado Municipal de la localidad de residencia, del	
de _____	de _____	del extranjero que impide la salida de este emigrante, conforme al art. 1.º del Reglamento de 20 de Abril de 1934.	
Tatibito, _____	Tatibito, _____		
El (1) _____			
(1) Abogado ó letrado.			

A n t e c e d e n t e s p e n a l e s d e m i p a d r e .

SITUACIÓN MILITAR		AUTORIZACIÓN PARA EMIGRAR	
D. _____	_____	El Juzgado Municipal de la localidad de residencia, del	
Fue alistado para el servicio en (1) _____	Fue declarado	del extranjero que impide la salida de este emigrante, conforme al art. 1.º del Reglamento de 20 de Abril de 1934.	
Pariente al ruego de _____	Servió en _____	AUTORIZACIÓN PARA EMIGRAR	
_____	Servió en _____	Fue otorgada permiso para emigrar á <i>Armando Quinto Villa</i> , á <i>D. Armando Quinto Villa</i> , para que viaje á <i>San Juan</i> de 1940	
En la actualidad es _____	_____	por su <i>Armando Quinto Villa</i> de <i>San Juan</i> de 1940 (1) <i>Armando Quinto Villa</i>	
Está autorizado para fijar su residencia en Ultramar, con lo que se deduce de sus documentos militares (2).	_____	El Secretario	
de _____	de _____	<i>Armando Quinto Villa</i>	
(Bello.)	El Secretario,	<i>Armando Quinto Villa</i>	
(Espacio para acreditar circunstancias especiales y para el caso de que se exija alguna palabra.)		El Secretario	
_____		<i>Armando Quinto Villa</i>	
_____		<i>Armando Quinto Villa</i>	
_____		<i>Armando Quinto Villa</i>	
(1) Ejército ó Armada.		(1) El Juzgado Municipal de la localidad de residencia, del extranjero que impide la salida de este emigrante, conforme al art. 1.º del Reglamento de 20 de Abril de 1934.	
(2) No obstante esta anotación, será precisa la presentación del documento esencial que la acredita.			

A u t o r i z a c i ó n p a r a e m i g r a r a f i r m a d a .





C art i l l a de i den t i d a d de mi padre.



M i s P adres mu y j ov en es.

R el at os sob re l a i n flu en c i a r e c i b i d a de l a e m i g r a c i ó n c a s t e l l a n a y l e o n e s a de m i s p a d r e s

R el at os sob re la in flu en c ia rec i bi da de la emi g rac i ón c ast ell an o-l eon esa de mi s padres



M i s padres mu y jov en es.



P ermi so para emi g rar de mi padre.



Dedicatoria a mi madre.



Con la boda de mis padres.



Boda de mis padres.



R el at os sob re l a i n flu en c i a r e c i b i d a d e l a e m i g r a c i ó n c a s t e l l a n o l e o n e s a d e m i s p a d r e s



M i s padres.



F ot os f ami l i ares.

A su arribo el tío le acogió no sin antes pasar los rigores de un año en la cuarentena obligatoria donde lo sacó para darle cobija en un rincón del modo que él conocía. Donde era una mezcla de lugar de trabajo y residencia, así fue en los primeros pasos en la aventura y donde todo era nuevo y podía deslumbrarlo un joven zulo de pueblo lo que en adición ocurría. Trabajó unos años con el tío haciendo comen-zó a labrar en otros sitios que le ofrecían más remuneración y más independencia, ya que el tío no solo era su representante sino su más severo patrón, labró en muchos sitios, hasta que a él le llegó la “morriña” y quiso regresar a España con su fortuna, dejando a su sobrino a cargo del negocio, mediante un pago excusivo en metálico que mi padre pidió prestado pero sin dudas que pagó hasta el último centavo, así era de emprendedor.

Desde muy joven comen-zó a conocer Cuba, su gente, formó rápidamente parte de la Colonia Leonesa de Cuba, donde fue socio por más de 65 años, ocupando cargos en su Junta Directiva, con la Colonia participó en romerías, fiestas y actividades que se daban y que en ocasiones apoyaba a los comestibles en trece la imprenta de empanada en el círculo leonés de Habana y la Agrupación de Sociedades Castellanas que tuvo un gran éxito en la impresión antes para su época.



Banquete en la Sociedad Castellana.

Relatos sobre la influencia y el legado de los emigrantes castellanos y leoneses en Cuba



R el at os sob re l a i n flu en c i a rec i b i da de l a emi g rac i ó n c ast ell an o-l eon esa de mi s padres



Ban q u et e soc i al .



R omeri as en L a H ab an a .



R omerías c ast ell an as en L a H ab an a .

Pasaron los años y aún con verso las fotos de cómo mi padre fue formando el magro negocio del tío en un avestruz más conda u rrida, haciendo primero de comercio de víveres, luego de ultramarinos, de español, hasta con vertirlo en uno de los más emblemáticos Bar Restaurante La Habanera, que se llamó "La Casa de los Vinos". En ese sitio como su nombre indica era un restaurante de productos españoles donde además se degustaban los mejores vinos de la Madre Patria, llegando incluso a embotellar sus propios vinos de la casa, etiquetados con marca propia, para delimitar de todos los clientes, que en contrabando en este Mesón todo lo que la Madre Patria valía. Por más de cuarenta años, "La Casa de los Vinos" fue un sitio emblemático del buen comer y beber al uso español en el centro de La Habana fue mi padre no solo el dueño sino el más laborioso trabajador, no perdiendo incluso la costumbre de cocinar un día a la semana para delimitar de todos. Fue un consagrado a su negocio que quería con devoción y pasión. A la "Los Vinos" no iba solo gente de pueblo, sino gente de pueblo y nunca sin dinero como ío y bebí, poniendo su cuenta en "el hielo" de chupón significativo en un caso se pagará, sin embargo mi padre siempre iba por la galleta a los puñetes y los humildes, atendiendo a todos personalmente llegando a hacer un círculo de amigos y conocidos que todos lo que



Foto de 1935.

Relatos sobre la influencia de la emigración castellana y leonesa en el desarrollo de la ciudad de La Habana



R el at os sob re la in flu en cia rec ib ida de la emi g rac i ón c ast ellan o-l eon esa de mi s padres



L a C asa de los V in os.



F ot o del año 1947.



F o t o de l a d e c a d a del 50 .



31 de d i c i e m b r e de 1953.



Foto de 1955.



La Casa de los Vinos en 1959.



F o t o de 1963.



M i padre en L a C asa de l os V i n os.

Este relato será acompañado por fotos de ese lugar que conservo con mucho cariño y cuidado, donde se muetra años tras años los progresos de un castellano que con su esfuerzo y triunfo trabajó, desde el primer su negocio donde no solo trabajó y triunfó sino que además era contador, administrador, cocinero y si empre estaba con sus clientes atento al servicio que se le prestaba. Fue un negocio de bien es raíces donde un acasona de cinco apartamentos de alquiler tenía local en los bajos y para ejemplificar los sentimientos de mi padre, el padre de una escuela pre-escolar para los pequeños del barrio, que tenía equipo para el mismo financiaba y pagaba hasta a la maestra para ayudar a los niños del barrio. Así era mi padre, próspero comerciante pero nunca perdió el espíritu de trabajo y dedicación, si empre ayudó a todos, y su frase clásica es “manos no dais, que esperarás”, por eso si empre le daban mucho cariño todos por igual. Es de destacar que si empre hizo remesas en metálico y en especie a sus padres y hermanos, me acuerdo que en los momentos más difíciles le enviaba a mi mamá, jabón y otros productos muy escasos en España en los años duros de la Guerra Civil, además de ayuda de todo tipo que ayudaron a que su familia salieran adelante y ayudar así a la economía familiar.

Mi madre, se llamaba Teodora González Díez, nacida en un pequeño pueblo leonés llamado Corniero, perteneciente al concamarcade Córdenes, el Noviembre de 1920, nacida de un matrimonio que como era común en los pequeños años a la orilla de las montañas Cantábricas y ariquez a pesar de la gran austeridad, mi abuelo cuidaba ganando, no había otro modo de ganarse la vida en ese lugar. Un ahistoriocomún es que también apareció un tío, probablemente fue su madre la que embulló a su esposo para que con su pequeña hija de ocho años, emigrara a Cuba así emprendieron los tres el viaje con la esperanza de prosperar y salir de una buena manera en la vida sin grandes perspectivas en el pequeño sí mismo pueblo a orillas de las montañas. Ese tío, también se solteró sin embargo tenía mejor posición, tenía varias casas de vecindad en arribo y vivía de ello, en su casa se instaló la familia a su arribo, mi abuelo comenzó a trabajar en el giro de carne era pues con oficina del oficio, mi abuela se encargó de cuidar al tío y a mayor y de la casa, mi madre pudo recibir una buena educación que la que pudo haber recibido en España, pues llegó a grado de Maestra y aprendió varios oficios entre los bordado, taquígrafía, mecanografía que se impartían en las Academias de las Sociedades Castellanas que prepararon para la vida.

Comenzó a trabajar de maestra, oficio muy apreciado y como toda mujer guapa por cierto y comenzó a participar con la atención a mi madre su madre en los bailes de las sociedades españolas, como todos sus paisanos emigrados se inscribieron en la Colonia Leonesa y es allí en una de las romerías es



conocía a mi padre, que pese a ser de más edad que ella, era un galán apreciado para toda la vida. El noviazgo duró lo que era su al para su época a es decir dilatado, hasta que se casaron con una excelente fiesta en el año 1917 formando una pareja feliz y pronto estrenaron piso y a los pocos años nacieron mi hermano y yo. La fortuna de la lotería sorprendió a mi padre y toda la familia pudo al fin dar el viaje añorado a España a principios de 1950, lo cual sin proponérselo recordó lo que antes había hecho su tío, ir a su pueblo después de 30 años hecho un próspero hombre de negocios, vestido a la usanza de América en una España que estaba aún con los problemas económicos producidos por la Guerra Civil y la Posguerra que dejó a Europa en un estado de ruina y los efectos se sentían también en España con mucho rigor, todos recuerdos esa etapa de escasez de todo tipo. Mis padres en unión de los abuelos maternos y mi hermano, estuvieron siete meses en España, donde pudieron conocer mucho mejor por diversas regiones. Mi padre, dejó a sus padres y hermanos en mejor situación económica, le compró una pequeña finca a que se le aún se conserva intacta en Cistierna, dejando una gratificación para mi hermano y demás familiares. Por motivos de negocios mi padre junto con los abuelos maternos tuvo que regresar a La Habana vía marítima, que cuando desde España mi madre y mi hermano, regresando vía aérea pocos meses después.



Encuentro de mi papá en 1950 .



Fotos del viaje de mi padre en 1950 .

Relatos sobre la inmigración castellana y leonesa



M is ab u el os en C istiern a.



M i f am i l i a en l a c a s a de C istiern a.



M i f am i l i a reu n i da.



A l c a b o d e u n o s m e s e s n a c í y o p a r a f o r t u n a d e t o d a l a f a m i l i a . M i i n f a n c í a f u e m u y f e l i z e n c o m p a ñ í a d e m í s a b u e l o s m a t e r n o s , m í s p a d r e s y m í h e r m a n o s . R e c u e r d o e n c a s a d e l o s a b u e l o s d o n d e m e c r í e l a m a y o r p a r t e d e l t i e m p o , u n c u a d r o c o n u n a r e p r o d u c c i ó n d e l a g e o g r a f í a d e l a r e g i ó n c a s t e l l a n a d o n d e r e f l e j a b a n l o s d i s t i n t o s p u e b l o s , e r a d e c o l o r v e r d e y l a s i n s c r i p c i o n e s c o n o m b r e s y a c c i d e n t e s g e o g r á f i c o s i m p o r t a n t e s , c o n f e c c i o n a d o p o r u n p a c o n n o s t a l g i a d e s u t i e r r a . A d e m á s d e m í s d o s a b u e l o s , f r e c u e n t a b a l a c o t r o s p a i s a n o s q u e c o n t i n u a m e n t e c o n v e r s a b a n s o b r e l a s c o s t u m b r e s y p a r t e d e s u s r e s p e c t i v o s p u e b l o s , p e r o t o d o s e r a n d e l a m i s m a c o m a r c a , j u n g a b a n a l a s c a r t a s t o d a s l a s n o c h e s , e n m e d i o d e l a c o n v e r s a c i ó n d e s u t i e r r a y y o c o r e c i b í e n d o e s a i n f l u e n c i a d e s d e m u y t e m p r a n a e d a d . L a s c o m i d a s p o r s u p u e s t o e r a n t í p i c a m e n t e d e l a r e g i ó n , m í a b u e l a e r a u n a e s t u p e n d a c o c i n e r a y n o l e í t a b a a t o d a l a f a m i l i a c o n s u s g u i s o s , e s p e c i a l m e n t e e l c o c i d o e s p a ñ o l e r a u n p l a t o c a s i o b l i g a d o l o s f i n e s d e s e m a n a .

P a r a a m b i e n t a r m á s l a c a s a , r e c u e r d o n í t i d a m e n t e q u e t a n t o e l j u e g o c o m e d o r c o m o e l d e l a s a l a e r a n d e l t í p i c o r e n a c i m i e n t o e s p a ñ o l , c o n r e p r o d u c c i o n e s a r e l i e v e d e c a b a l l e r o s e s p a ñ o l e s t o c a d o c o n c a s c o m i l i t a r , a d e m á s d e o t r a s c o s a s t a n i n t r a s e n d e n t e s c o m o u n p a r d e “ m a d r e ñ a s ” c a l z a d o r u r a l d e l a c o m a r c a l e o n e s a , q u e m e r e s u l t a b a n t a n e x t r a ñ a s q u e m e c o s t a b a t r a b a p e n s a r q u e f u e s e n u s a d a s r e a l m e n t e , l a c a s a e s t a b a l l e n a d e d e t a l e s q u e r e p r e s e n t a b a n l a s c o s t u m b r e s d e l a r e g i ó n . E n l a c a s a s e h a c í a n c h o r i z o s y m e l l a s e n u n o s c u a r t o s q u e h a b í a e n l a a z o t e a , d o n d e l a s a h u m a b a n a l a u n i o n l e o n e s a , c o s a é s t a q u e e n o s e x t r a ñ a b a t a n t o y a q u e e n e s o s t i e m p o s s e p o d í a n c o m p r a r e n l a s t i e n d a s , p e r o r e c u e r d o q u e m í p a d r e y a b u e l a d e c í a “ C a r n e e n c a l c e t a p a r a e l q u e l a m e t a ” , r e f i r í e n d o s e a l a c a l i d a d d e l o s p r o d u c t o s q u e e l l o s h a c í a n y l a s c o s t u m b r e s d e s u s p u e b l o s . R e c u e r d o c o n m u c h o a g r a d o l a s N a v i d a d e s y d í a s d e R e y e s d o n d e s e i n v i t a b a a m i g o s y p a r i e n t e s a c o m p a r t i r t o d o u n f e s t í n d e c o m i d a s y g o l o s i n a s d e t o d o t i p o .

D e b o d e c i r e l m a t r i m o n i o d e m í s p a d r e s d u r ó 2 8 a ñ o s h a s t a q u e a b r u p t a m e n t e m í m a d r e f a l l e c i ó e n e l a ñ o 1 9 7 4 a l a e d a d d e 5 0 a ñ o s , d e j a n d o a m í p a d r e v i d o n o s o t r o s s u s h i j o s c o n u n d i f í c i l d e l l e n a r . L o s n i e t o s d e m í p a d r e e n p a r t e l l e n a r o n v a c í o d e j a d o p o r m í m a d r e , a y u d a n d o a c u i d a r a s u s d o s n i e t o s y l u e g o a s u s d o s n i e t o s , e s t a r e n t r e e l l o s e r a l o m e j o r d e s u e x i s t e n c i a .



M í p r i m e r a ñ o e n c o m p a ñ í a d e m í s p a d r e s .

R e l a t o s r e c o m e n d a d o s p o r e l C o m i t e d e l a E m i g r a c i ó n C a s t e l l a n a y L e o n e s a

R el at os sob re la in flu en cia rec ib ida de la emi g rac i ón c ast ellan o-l eon esa de mi s padres

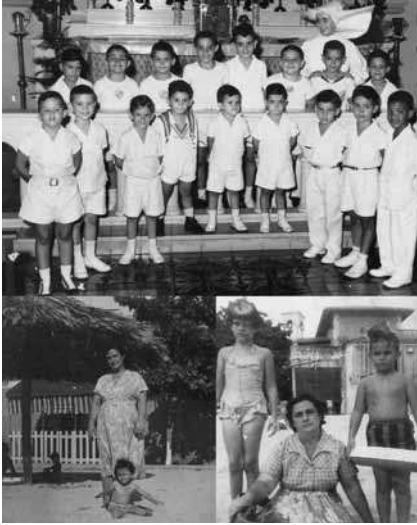


F ot os c on mi mamá y h erman a.



M i pri mera c omu ni ón c on mi h erman M i edu c ac i ón .

Deb o dec ir q u e en todo momen to trat e de h ac er q u e mi padre h ic i era q u e du ran te su v ida n o pu do h ac er, pasear, rec orrer la Isla de C uba, lle va ser ami g o de mi s ami g os y c on frat ern iz ar c on ellos, c on in men so o pu edo dec ir q u e mi padre h iz o de mi ac tu al esposa mu y bu en as mi g as, mos c on mi s h ijos de forma est u pen da, si n ti én dose mu y a g u sto en n c ompañía. M i padre, h asta mu y av an z ado en edad v isi tab a c asi di ari an las soc iedades español as para ju g ar domi n ó, c ompart ir c on su s ami g os tan c uban os c omo español es, tamb ién si empre fu e mu y ac tivo para c on la partic ipan do c on su s h ijos, y ern os y n iet os en los di fíc il es años de esc



M i infancia.



En el colegio.

alim entarias, poniendo su toque de magia en la cocina para deler te de todos  
“inventando” como el decía para que la comida su primera mejor de lo que pu  
di era ser y sobre todo siempre con un carácter muy jovial y gracioso.

Mi padre era un conversador nato, dicharachero con muchos referencias  
tellanos, siempre dispuesto a conversar, tuvo muy buenas relaciones con  
amigos y vecinos con todos se llevaba bien, con sus nietos sentía pro  
idolatría y era una persona que pese a llegar a tener 86 años era una persona  
que daba gusto tenerlo entre nosotros. Fue testigo el aprecio que sentí  
hermanos por su hermano mayor y la anecdota de toda la abuelo paterno que  
decía el buen hijo Andrés, refiriéndose a mi padre con mucho orgullo, como  
por místicos y parientes.

Nuevas influencias recibidas. Lo visitaron mi tía-madrina Leonisa y  
tío Fidenio, franciscano que dedicó su vida eclesiástica a la docencia  
reencontró con mi familia paterna de primera mano y con españoles recién  
llegados que eran con taban las anecdotas de tantos años atrás con todos  
padres y abuelos, sino la España moderna y próspera que nos encontramos y que  
era un contraste con los difíciles tiempos que pasábamos en Cuba. Por  
tencia de sus hermanos mi padre, y a los 73 años, fue de visita a España en el  
año 1980, financiando estos viajes la estancia que duró 40 días, en ese v

Recuerdo esa de mis padres  
c-astellana y leonesa  
c-astellana y leonesa  
c-astellana y leonesa

Relatos sobre la influencia de la emigración castellana y leonesa



Fotos de familia.

Il en o de rec u erdos y c ari ño l o c v amos en f o t os, v i mos n osot ros q u e r í a n al b u en h erman o A b o s t a n t e y a su c u erp o c a n s a g u a n t a b a l os r i g o r e s del f r í o i n a c o s t u m b r a d o su c u erp o y su n C u b a, su c l i m a, su s h i j os y h a b í a d e j a d o de e s t a t i e r r a q u e l o g i ó desde mu y j o v e n . E s e v i a j e l a s f o t os y l os r e g a l os q u e t r a j e t r a j o el m e n s a j e de n u e s t r a E s p a ñ a q u e n o c o n o c í a m os y q u e n e m os d e s c u b r i r, d o n d e l os a d e l a n t a s i t u a c i ó n e c o n ó m i c a e r a n su p l a s q u e t e n í a m os en C u b a. D e b e r a t o d os q u e e n C u b a p o d e r í a m o s a l e x t e r i o r e s su m a m e n t e d i f í c i l c o n o c i d o l os t r a u m a s de o l e a d a s c u b a n os p o r e m i g r a r p r i m e r o p o r n o s p o l í t i c os y l u e g o p o r e c o n ó m i c o s p r i n c i p a l m e n t e a l os E s t a d os U n i d os. E s t o e s b i e n d i s t i n t o p a r a u n c a d a y o e n c u a l q u i e r p a í s del m u n d o, q u e p o d e r í a m o s v i a j a r c o m o p u d e h a c e r l o s r e s t o s de l a s o c i a l c o n m i h e r m a n a.

REGINA Y ANDRES SANTOS GONZALEZ.



Estos dos hermanitos que lucen jubilosos sus disfraces de la última fiesta carnavalesca, son los simpáticos e inteligentes Reginita y Andresito Santos González, muy queridos retoños de un matrimonio muy querido en nuestra institución, el formado por el caballero asociado señor Andrés Santos y su gentil esposa, señora Teodora González.

Andresito y Regina avanzan triunfalmente en sus estudios, razón por la que sus queridos padres los complacen en sus caprichitos infantiles. Y aquí los tienen expuestos conforme a sus deseos, vistiendo los disfraces de sus gustos.

Deseamos a la encantadora pareja de hermanos el mejor futuro, que ellos se abridrán paso a paso insistiendo en sus tareas escolares, por su bien, y por la alegría que siempre deben tener sus amados padres.

Saludos al amigo Andrés Santos, co-propietario de la acreditada "Casa de los Vinos" de Esperanza y Factoría, así como a su señora esposa, y que vean a sus herederos alcanzar la meta que

solamente cuestión de financiación, aquí todo es muy difícil, pues hay muchas barreras.

Comen cé a lab orar en la Flota Cubana de Pesca y estando trab aj a bu qu es en África del Sur, donde por cierto los asesores eran españoles, ocu rre la in esperada muerte de mi madre en La Habana, a la mayor brevedad posible me en v ían v ía aérea, no sin dar un larg o p eñil por primera vez a España en escala en el año 1974. Lo in sólito es que emistíos paternos conc ían de mi escala e hicieron un alarg a espera por mi llegada, sin embargo nosotros conc íamos, además y o desconoc ía que me esperaban en Madrid-Barajas, por fortuna a función ó el magn etismo familiar, pues yo recon oc ía a mi tío, pareció con mi padre, esta su vez, est etambi én sacó algo y rápidamente me preg un tó mi nomb re y me contestó *“¿y o tú sí?”*, para sorpresa mía además de él est ab an otras dos tías mías y rápidamente conc ían prof un da emoción por un lado por la lamentable repentina muerte de mi madre y el enc uen t familiar fue lo su fic ien te para est artoda la noche hab lán don os y conc ían cosas. Esa estancia duró dos días donde conc í por primera vez en Madrid y sus alrededores, pero sobre todo a mi familia, unos personalmente otros por teléfono, pero fue un agrata estancia pese al motivo de mi visita.

Mi llegada a La Habana fue penosa por el trauma familiar sufrido, pero más el conc oc er la decisión de mi ab uela de regresar definitivamente a España conc ío que me quedaba in esperadamente solo, pues viv ía solo conc ío mi ab uel materna. Lain ex orable vida conc ín un ó: me casé, tuve hijos. Posteriormente me ladi ch a de v iajar a España en otras ocasiones por cuestiones de trab aj o, fue algo que comen cé a conc ín trarme conc ín mi g omismo. Recuerdo un posterior v iaje conc ír un adi estramien to en Pamplona, y al llegar a Madrid conc ín trán en la est ación de trenes llamo por teléfono a mi primo-hermano del alma José Francisco, aun conc íán doler que est ab a en Madrid, el no lo que ería c reer conc ípi o, luego me dije que por motivos de trab aj o no podía ir de inmediato, sin embargo su esposa fue a verme y de nuevo a función ó el magn etismo familiar, pues ella me sacó del g ru po de personas que aguardaban a abordar el tren. Posteriormente el enc uen tro conc ín “Pepe” fue fab uloso aun que rápidamente por la salida del tren, pero posteriormente, estuve por primera vez en provincia de León en su compañía y la de otros familiares, ese v iaje duró 45 días y me sent ía tan bien en España que me muchos fines de semana v iajaba desde Pamplona a León por ómnibus o tren, me mov ía por toda España conc ín toda naturalidad y seguridad, pues me conc ín traba su matern te agusto. Recuerdo n ítidamente que en v e que pasaba por un pueblome ex tasiaba mirando los letreos conc ín los nombres de los pueblos, no podía creer lo que est ab a v ien do, era como un sueño hecho realidad. Recuerdo que cuando est ab a en la estación del pueblode Cistierna en la carretera comen cé a llorar ac antaros, no pude conc ín verme, mi primos y familia aun que me conc ín día me dec ían que viv íe



Relatos sobre la infancia de la emigración castellana y leonesa

momento con emoción. El encuentro con mis tíos, primos y demás familiares fue de especial emoción. En casa de los abuelos en primera persona las cosas que tanto había visto de fotos desde niño, era una emoción infinalme hacia sentir eufórico y no que era ni dormir para poder admirar, no para de hablar con todos ellos, que era verlo todo, sentirlo y vivirlo intensamente.

Con mi primo Pepe, recorrimos en coche y a pie los parajes de la comarca leonesa, subimos a las elevaciones y habíamos largamente por diversos lugares viendo los paisajes leoneses, recorrimos lugares típicos en compañía de mi familia, como el río Esla, las minas de carbón, el pantano de Riñón, la fabulosa obra hidráulica, fuimos de pesca al río, degustando en las tabernas dominicales típicas de la zona de patatas, el chorizo y la trucha y bebimos botas como un campesino con la familia, eso me recordaba a mis familiares fotos de mis tíos y primos en los paisajes con los tíos y primos, solo con mis padres por mí, el resto todo igual. Recuerdo con mucha ilusión que al ir al pueblo con mi madre, Corniero, perteneciente a la comarca de Cárdenas, al llegar a casa de la casa, ví con tremendo sobresalto que un vecino alzaba las "m



Reencuentro con sus hermanas.



En el Parque del Retiro de Madrid.



Con su hermana en Cistierna 1982.

ig u al q u e l a s q u e h a b í a e n c a s a d e m i s a b u e l o s , t o d o e r a t a n r e a l l o q u e e s t a b a p a s a n d o , l u e g o p r e g u n t a n d o n o s e n c o n t r a m o s a u n p r i m o d e m i m a d r e q u e e n o s a b í a c o m o a b r a z a r m e y b e s a r m e c o n p r o f u n d o c a r í ñ o , e n s e ñ a n d o m e c a s a d e l o s a b u e l o s m a t e r n o s . R e c u e r d o q u e h a b í a u n a b i c i c l e t a m o n t a ñ a u n p r i m o y t o d a s l a s m a ñ a n a s t e m p r a n o l a t o m a b a y c o g í a u n r u m b o d i f e r e n t e m e p a s e a b a p o r h o r a s e i b a a p u e b l o s a l e d a ñ o s , d i s t a n t e v a r i o s k i l ó m e t r o s p o r c a r r e t e r a s p o r d o n d e n o e r a c o s t u r n e n c i c l i s t a t e m p r a n e r o c o n u n a t e m p e r a t u r a n o r m a l m e n t e f r e s c a , i b a p o r e j e m p l o l a s m i n a s d e S a b e r o , o t r a s v e c e s a P a d o d e l a G u z p e ñ a d o n d e l l e v a b a c a r t a s d e C u b a , V i d a n e s y p u e b l o s d e l a c o m a r c a , e n u n a e x c u r s i ó n i n d i v i d u a l m u y p r o v e c h o s a .

R e c u e r d o c o n e s p e c i a l c a r í ñ o u n e n c u e n t r o c a s i c a s u a l c o n l a e s p e r m i t i ó p a t e r n o q u e h a b í a n v i v i d o e n C u b a y a y u d ó e n l a c r i a n z a d e m i y d e m i , e l l a n o p o d í a c r e e r q u e e s t u v i e r a a l l í , p u e s r e i t e r o s a l i r d e C u b a a s u m a m e n t e d i f í c i l y m e p r e g u n t a b a c o m o h a s p o d i d o , p o s t e r i o r m e n t e e s t u v i m o s e n c a s a d e m i s a n t e p a s a d o s p o r p a r t e d e m i m a d r e e n e l m i s m o C r i s t i e r n a y a l r e d e d o r e s . T o d o s m e v e í a n c o n t a n t a f a c i l i d a d c o n l a b i c i c l e t a s a l u d a b a n p u e s m e h a b í a n v i s t o c o n m i s t í o s y p r i m o s , d i c i e n d o q u e b i e n v a c o n l a b i c i c l e t a , n o s a b í e n d o e l l o s q u e e n C u b a p r o d u c t o d e l a s i m p l e c o n ó m i c a y l a f a l t a d e t r a n s p o r t e , l a b i c i c l e t a e r a e l m e d i o n o r m a l d e m o v e r p o r m u c h o s k i l ó m e t r o s y e s e e n t r e n a m i e n t o m e s i r v i ó d e m u c h o , e s o s p a s e o s m e a y u d a r o n a c o n o c e r d e p r i m e r a m a n o e s o s l u g a r e s t a n e n t r a ñ a b l e s p o r m i m i s m o , p a r a m í t o d o e r a c o m o u n a p e l í c u l a q u e s e r e p e t í a e n m i m e n t e c o n m i s r e c u e r d o s , p a r a m í t o d o e r a c u r i o s o e i n t e r e s a n t e . E n o c a s i o n e s p a r a b a e n a l g ú n s i t i o y c o m p r a b a e m b u t i d o s c a s e r o s , a l l l e v a r l o s a c a s a d e m i s t í o s m e d e c í a n q u e t e n í a b u e n t i n o p a r a c o m p r a r , e x p l i c á n d o l e s q u e h a b í a c o m p a r a n s o q u e h a b í a e n t a b l a d o a m i s t a d y m e h a b í a n v e n d i d o e s o s p r o d u c t o s s u e l a b o r a c i ó n c a s e r a c o n e x c e l e n t e r e l a c i ó n c a l i d a d - p r e c i o . T o d o s l o s v e c e s m e m i r a b a n c o n e x t r a ñ e z a p o r m i c u r i o s i d a d p o r t o d o y m e p o n í a a c o n v e r s a r c o n c u a l q u i e r p e r s o n a e n c u a l q u i e r l u g a r , l l e g a n d o a s o s t e n e r v e n d i d o l o g o s m u y i n t e r e s a n t e s . P o r e j e m p l o a l l l e g a r a l b a r y p e d i r v i n o d e l a c o r o u n a c a ñ a d e c e r v e z a y a l p o n e r m e l a c o r r e s p o n d i e n t e t a p a m u y r e v a r i a d a y s a b r o s a , a n t e m i s c o m e n t a r i o s y a c e n t o e x t r a n j e r o r á p i d a m e n t e m e h a c í a n c o m e n t a r q u e e n o c a s i o n e s , v o l v í a a e s o s s i t i o s y u n a v i s i t a c o r t a s e c o n v e r t í a e n s i n d a m o s c u e n t a y s o b r e t o d o q u e e l r e g r e s o e r a m á s v e l o z , n o s e s i p o r l a c a r a c h a t o s d e v i n o ó p o r l a s t a p a s t a n a p e t i t o s a s y n u t r i t i v a s q u e h a b í a c o n s i d e r a r d e c i r t a m b i é n q u e l o s c o l o r e s s e m e s u b í a n a l a c a r a . D e c i r q u e m e s e n t í a t a n b i e n q u e n o h a y c o m p a r a c i ó n c o n n a d a , n o o b s t a n t e t u v e l a d i c h a d e o t r a s d o s o c a s i o n e s y t e n e r l o s m i s m o s e n c u e n t r o s c o n f a m i l i a s y c o n m i t i e n n a t a l , d e c i r c o n o r g u l l o q u e a l l í d e j e c o n o c i d o s q u e m e s a l u d a b a n e n s u



Relatos sobre la infancia de la emigración castellana y leonesa de mis padres

En total he viajado a España en otras ocasiones, por razones de trabajo y personales, con ocasión por medio de nuevas amistades estas en la provincia de Ávila donde he estado varios meses donde me he acostumbrado con tanta facilidad que he oído decir que en gozo verdaderos amigos y casi familias allí. En el pueblo de Poyales del Hoyo en Ávila, donde he estado en tres ocasiones que como todo pueblo rural tiene un interesante contraste en el momento medioeval que para mí resulta extraordinario, el estar en las fiestas de pueblo donde se conservan lo auténtico, con sus bailes típicos, sus comidas, cultura del higo y del aceite de oliva, las fiestas de toros, las peñas cultas todo unido con las ventajas de la vida moderna es un contraste muy interesante.

Recuerdo la ciudad española y a hacer varios años y ahora no español de sentirme en otro mundo de hecho y de derecho, haciendo un análisis en el que cubanoparlado y el español que llevo dentro, no quisiera visitar esa tierra ahora que para mí es más fácil el viajar, solo el aspecto económico es el limitante, quisiera vivir en España y en Cuba a la misma vez que ese legado es el resumen de mi relato donde mi experiencia denota un profundo conocimiento de España en toda una generación cubana y leonesa, y esta recuerdo como un nudo a la tradición española en Cuba. Es una mención de haber a las Sociedades Españolas en Cuba, en especial a la Colonia Leonesa de Cuba y la Agrupación de Sociedades Castellanas he sido Secretario Social de varias Sociedades Castellanas por varios años siendo socio desde hace 40 años, ellas han influido mucho así mismo que por sus múltiples actividades sociales de todo tipo me han formado y en-



En Pamplona con mi profesor.



Fotos con mis tíos en la casa de Cistierna.

todos hemos mantenido el espíritu castellano-leonés en la Ciudad de Valladolid. Haban a. Con inmenso orgullo contar que fui invitado al con motivo de la visita a Cu Majestad Juan Carlos I, don la oportunidad de estrecharle la y sostener un breve diálogo, mi tiene un significado muy. Esta tradición la he pasado a mis hijos que también me siguen los pasos en la pasión por España, e también es extensible con mi y sobrinas que llevan dentro el espíritu español, siendo una familia en el Río Esla.



Mantener este amor por España en tre las nuevas generaciones es el mejor homenaje que podemos hacer a nuestros padres que un día cruzaron el inmenso Atlántico con sus años de prosperidad y sembraron una semilla que se ha multiplicado en muchos miles de cubanos que quieren a España o añoran a su metrópoli colonial sin olvidar a la Madre Patria.

Que se mantenga este amor a España y a Castilla-León por siempre mi mayor deseo y mi esperanza en un ápice de vida, lucharemos por el marco de las Sociedades Castellano-leonesas para que se mantenga el espíritu y la estirpe española en esta tierra que soñaron nuestros padres. Como complemento a este relato se acompaña un dossier de fotos digitales.



Realizadas donde se caracterizan todos estos pasajes, no solo son fotografías familiares, sino de la comunidad castellano-leonesa en Valladolid y sus actividades sociales durante muchos años, esto enriquece de sobremera este relato.

Relatos sobre la influencia de la emigración castellano-leonesa de mis padres



# Do s f a m i l i a s de V i l l a r i n o de l o s q u e e m i g r a r o n a C u b a

## A p r i n c i p i o s del p a s a d o s i g l o X X de a p e l l i d o s S a n c h e z , M a r t í n H e r n á n d e z y S e n d í n M a r t í n

La u r e a n o S e n d í n M a r t í n, La u r e a n o S e n d í n O r o z c o  
y A n t o n i o S e n d í n O r o z c o

### I N T R O D U C C I Ó N

C o n u n g r a n o r g u l l o y m u c h a e m o c i ó n r e l a t o l a h i s t o r i a d e n u e s t r a s  
l i a s, l a c u a l f u e c o n t a d a p o r n u e s t r o s p a d r e s y t í o s a l o l a r g o d e n u e s t r a l a r  
v i d a. C o m e n z a r e m o s l o s t e s t i m o n i o s d e n u e s t r a f a m i l i a, t o d o s e m i g r a n t e s, c  
l o c u a l p o d r e m o s c o n o c e r m u c h o m e j o r n u e s t r o p a s a d o.

P a r a l a s d o s f a m i l i a s, f u e u n a v i d a d e m u c h o t r a b a j o y u n g r a n s a c r i f i c i o  
p a r a p o d e r l o g r a r u n p o r v e n i r: u n a t u v o m á s o p o r t u n i d a d e s y p u d i e r o n h a c e r  
u n p e q u e ñ o c a p i t a l, l a o t r a n o t u v o t a n t a s u e r t e y f a l l e c i e r o n s i n l o g r a r  
a l g u n o.

H e m o s t r a t a d o d e r e c u p e r a r u n a b u e n a c a n t i d a d d e t e s t i m o n i o s, f o t o g r a f í a s,  
p o s t a l e s, d o c u m e n t o s, c a r t a s, c e r t i f i c a d o s, p a s a p o r t e s y o t r o s t i p o s d e v i e j o s  
p a p e l e s, l o s c u a l e s s e e n c o n t r a b a n d u r m i e n d o u n g r a n y s u e ñ o e n g a v e t a  
e s c a p a r a t e s d e e s t a s d o s f a m i l i a s d e e m i g r a n t e s, t o d o s n a c i d o s e n e l p u e b l o  
d e V i l l a r i n o d e l o s A i r e s, d e l a P r o v i n c i a d e S a l a m a n c a, d e l a C o m u n i d a d  
C a s t i l l a L e ó n, E s p a ñ a.

S o y d e s c e n d i e n t e d e p a d r e, m a d r e, a b u e l o s y b i s a b u e l o s e s p a ñ o l e s.

<sup>1</sup> L o s a u t o r e s d e l r e l a t o a p o r t a n u n a s e r i e d e á r b o l e s g e n e a l ó g i c o s p u b l i c a d o s y a e  
J . A B L A N C O R O D R Í G U E Z y J o s é M B R A G A D O T O R A N Z O ( E d ). *M e m o r i a d e l a e m i g r a c i ó n  
c a s t e l l a n o l e o n e s a*. V o l . I I I . Z a m o r a, 2 0 0 9, p p . 3 3 1 - 3 3 4, d e n t r o d e l l i b r o *l e x p o r t ú e l o*  
“ M i f a m i l i a e n C u b a ”. ( N . E ).

<sup>2</sup> C a j o n e s. ( N . E )

Me propongo con este testimonio hacer un relato de toda la información que he podido recuperar y conocer de esta familia: Manuel de Celis Sáiz, Isabel Martín Hernández, Antonio de Celis Martín (Hijo), Carmen Martín (Hija), Marta Martín Hernández (Hermana de Isabel y mi nacolás Sen dín Martín (Primo de Isabel y mi padre), Laureano Sen dín Martín (Sobrino de Isabel), Laureano Sen dín Orozco (Acogido como hijo por y mi hijo) y Antonio Sen dín Orozco (Sobrino de Isabel y mi hijo).

La emigración tan grande del pueblo de Villariño de los Aires, primeros 20 años del pasado siglo XX, fue motivado por varias razones; entre ellas, podemos señalar como una de las principales, la disminución de los ñedos por los efectos de las plagas. Las expectativas de éxito de todos los emigrantes, así como, el bajo costo de los pasajes en los primeros años del siglo XX, menos tiempo de viaje (aproximadamente 10 días); de esta forma también se disminuyó la posibilidad de contraer enfermedades en la travesía.

Otra razón importante fue la reacción de varias sociedades, españolas que se fundaron y ayudaban a todos los emigrantes a establecerse en el extranjero como es el caso del Centro Castellano de la Habana. La labor más grande del Centro Castellano fue la atención a los emigrantes y sus familias en la Casa de Salud, Quinta Castellana de Arroyo Apolo, donde fue internada toda la familia y además, donde nacimos todos los descendientes nacidos en Cuba.

Por último, otra razón importante, era la ayuda que le brindaban los familiares, que ya habían emigrado anteriormente y se encontraban establecidos en la isla.

Este es el caso de Nicolás Sen dín Martín (mi padre) y a dos hermanas mayores que habían emigrado para Cuba 10 años antes aproximadamente. También es el caso de Marta Martín Hernández (mi madre), quien tenía su hermana Isabel Martín Hernández, que había más de 10 años emigrado en Cuba.

## M A N U E L D E C E L I S Á N C H E Z

Nacido el día 29-04-1981 a las 4:30 de la tarde, hijo de Manuel de Celis Sáiz, natural de Villariño de los Aires y de Juliana Sánchez, natural de Pinar del Río, provincia de Cuenca. Teniendo como abuelos paternos a Alonso de Celis Sáiz y María de los Angeles, ambos naturales de Villariño de los Aires. Los abuelos maternos Manuel Sánchez y María Vico, ambos naturales de Pozo de Utrera, provincia de Cuenca.

Manuel fue bautizado en la parroquia del pueblo de Villariño de los Aires el día 5-5-1891. Cuando era niño, prácticamente no pudo ir a la escuela. En Villariño de los Aires, trabajó con su padre en las labores del

campo; su padre era labrador y si empre se dedicó a cultivar la tierra que trabajaba en las fincas que tenían en las lomas, a las afueras del pueblo de Villariño. Cosechaban trigo, cebada, maíz, uvas, aceitunas, papas, frijoles, todo hortalizas y otros productos agrícolas; también tenían bodegas para fabricar vinos; en sentido general, hacían de todas las actividades comprendidas en la vida de los labradores. También tenían algo de ganadería, ovejas y puercos. Era muy neciosario cuidar estos rebaños y acopiar comida para ellos. Cuando era muy pequeño tenía que llevar la comida al padre, el cual trabajaba aparte del pueblo de Villariño. Después que fue al colegio mayor, lo mandaban a segar trigo y cebada, cortar hierba y recoger maíz para los animales y también a trabajar junto a su padre en las recogidas de las cosechas. Manuél de Sánchez e Isabel Martín Hernández contraen matrimonio cónyugos el 2-1917 en el juzgado municipal de Villariño de los Aires.

#### ISA BEL MARTÍN HERNÁNDEZ.

Nació el día 14-10-1897, hija de Laureano Martín Benito y de Carmen Hernández García, ambos naturales de Villariño de los Aires. Fue en el pueblo de Villariño de los Aires, a José Martín Hernández e Isabel Benito Prieto y con sus abuelos maternos, a Francisco Hernández Montes y María Antonia Hernández, todos naturales del pueblo de Villariño de los Aires, provincia de Salamanca.

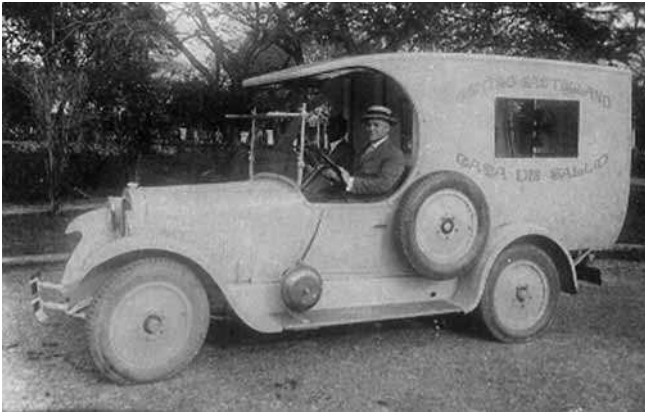
Isabel cuando era niña pudo ir muy poco a la escuela. Ella era la mayor de los siete hermanos y tenía que ayudar a su mamá a atender a los hermanos más pequeños, cocinando, fregando, lavando y planchando, prácticas que le dieron responsabilidad de los quehaceres de la casa. También aprendió a cosechar, tejer y bordar en su pueblo natal, Villariño de los Aires.

Manuél con 26 años e Isabel con 20 años, estando embarazada de 5 meses, vinieron por primera vez a Cuba el día 3-7-1917, en el Vapor Infanta, ambos como emigrantes a buscar fortuna y a tratar de conseguir un trabajo mejor y más remunerado del que tenían en su pueblo natal, donde siembran y fueron labradores.

Este matrimonio a su llegada a Cuba fue a vivir a la Calle Primales en el Reparto Columbia, cerca de Buenavista. De este matrimonio nació el primer hijo el día 5-11-1917, llamado Manuél de Celis Martín.

Manuél al llegar a Cuba comenzó a trabajar como repartidor de leche en un carro tirado por caballos de la Lechería Municipal de Alejo, ubicado en el Vedado, propiedad de unos paisanos, también naturales del pueblo de Villariño de los Aires.

A poco tiempo de su llegada a La Habana se hizo socio del Centro Cultural de la...



Manuel en la ambulancia del Centro Castellano, Casa de Salud.

Dos familias de Villariño de los Aires que emigraron a Cuba

Isabel al llegar a Cuba comenzó a lavar y planchar ropa a familias. Tenían un poder adquisitivo, desahogado y le pagaban por este trabajo. El matrimonio de Manuel e Isabel fueron haciendo algún dinero y compraron carros, los cuales colindaban a su casa y posteriormente compraron tierra hasta llegar a doce carros.

Los doce carros con que contaba ~~su familia~~ <sup>su familia</sup> en total. Los paisanos emigrantes que venían de España, sin cobrarles una peseta, ayudaron por mucho tiempo a todos los paisanos con ociosos españoles, los cuales, llegaban prácticamente casi sin dinero. De esta forma se comenzó un proceso de integración de todas las familias, de los emigrantes españoles, en nuestra patria Cuba.

Esta emigración siempre fue con la idea de poder hacer dinero y así ayudar a los que quedaban en la Madre Patria y también con la idea de volver a visitar a la familia, que había quedado en España, llevándoles de Cuba lo que pudieran alcanzar y compartirlo con los padres, hermanos y sobrinos. Alguien dinero, ropa, zapatos, etc.

Nace el segundo hijo del matrimonio de Manuel e Isabel el día 6-7-19 en la Quinta Castellana, ubicada en el Barrio de Arroyo Apolo. Este llamado "Santa Teresa de Jesús" era un centro de salud que contaba con una unidad clínica y quirúrgica, en la cual, se atendía a la mayoría de los emigrantes castellanos y leoneses que llegaban a la isla. Estuvo prestando

<sup>3</sup> Casa de vecindad que contiene muchas viviendas reducidas, generalmente en casa patios y corredores. (N.E)



servicios hasta el año 1961 en el cual, el Gobierno Revolucionario accedió a todos los centros de salud de la isla.

El primer hijo de este matrimonio, llamado Manuel de Celis Martín se enferma, ingresando en la Quinta Castellana, presentando una fiebre alta, poniéndose muy grave y finalmente falleciendo con menos de 3 años el día 2-3-1920, siendo enterrado en el cementerio de Colón.

Así como continuó esta familia de Manuel e Isabel, de los años 1917 al 1921 trabajaron y ayudaron a todos los paisanos que llegaban como emigrantes hasta que podían comenzar a trabajar en Cuba.

El matrimonio de Manuel e Isabel volvió en su primer viaje de retorno a España, con su pequeño hijo Antonio de Celis Martín de 4 años el día 30 de 1923 a bordo del vapor *aguardese* desembarcando por La Coruña.



T rasatlán *Espagne* de la línea francesa en el cual regresaron a España.



La familia completa: Manuel de Celis Sánchez, Isabel Martín Hernández y su pequeño hijo, Antonio de Celis Martín cuando llegaron por la Coruña en el primer viaje de retorno a España.

Est u v i eron en España v i si t an do a n u est ra f ami l i a por espac i o de 4 mes aprox i madamen te; l l ev á n do l e al g ú n d i n ero y rop a a los padres y h erman q u e h ab í an q u e da do en V illari n o.

El seg u n do v i aje a C u b a l o real iz an el día 2 -11-192 3 a b ordo del v Al f onso X I I I l eg an do por el P u ert o de l a H ab an a el día 12 -11-192 3.



P asaport e de Isab el M art ín H ern án dez .

P oc o t i empo despu és de su l l eg ada a C u b a, de su seg u n do v i aje, I M art ín H ern án dez h ac e su i n sc r i p c i ó n en el C en t ro C ast ell an o d el día 2 3-11-192 5 c on el n ú mero de i n sc r i p c i ó n 737. Est e c en t ro se en c arg a de u n i f i c ar, y u n i r a t o d o s l o s emi g ran t es c ast ell an os y l eon eses.



C arn é de i den t i f i c a c i ó n de Isab el del C en t ro C ast ell an o de L a H ab an a.

L a t e r c e r a h i j a de l mat r i mon i o de M an u el e Isab el n ac e el 31-5-192 es l l amada C armen de C el is M art ín , en l a Q u i n t a C ast ell an a, al i g h erman o A n t on i o de C el is M art ín .

Dos fami li as de V illari n o de los A i res q u e emi g raron a C u b a



Padres de Isabel, L au rean o M art ín Ben ito y C armen H ern án dez G arc ía.

Nu ev amen te v u el v en a Es su seg u n do v iaje el mat ri mon i n u el e Isab el. A h ora c on su h ija de 9 años ll amada C armen C el is M art ín , sal ien do el día en el v apor Mex igue en tran do por



Padres de Isabel, L au rean o M art ín Ben ito y C armen H ern án dez G arc ía y tres h erman os: J u an ito, J oaqu in ay J osé M art ín H ern án dez , en v iada desde V illarino el día 2 9-5-1931 a Isab el en C u b a.



C armen de C el is M art ín rec olec tan do el ir ero para los repu b lic an os en 1936.

P u ert o de L a C oru ña el día 19-6-1936.

Est a familia se man tien e en e pu eb lo de V illarino por un ti empo may or de 6 meses, M an u el ay u dan do a los repu b lic an os en su s areas, an tes de emez ar la G u erra C ivil.

C u an do a c omen zar la g u e rra tien en q ue emigr ar n u ev amen te a C u b a. Es su terc er v iaje a C u b a el 14-12-1936 en el v apor

<sup>4</sup> En est a fec h a la g u erra y al lev ab a 5 meses. (N.E)

Villarino de los Aires que emigraron a Cuba

salieron por el Puerto de la Coruña y desembarcaron por el Puerto de la Habana el 24-12-1936.



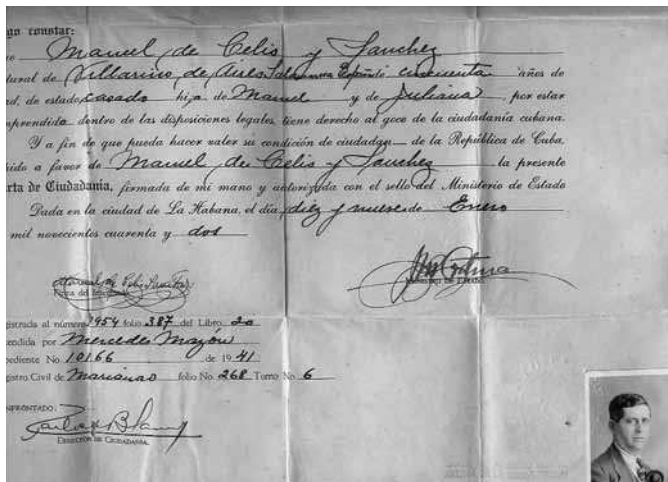
Vapor *beria* don de regresaron la familia de Manuel e Isabel en su tercer viaje a Cuba.

Manuel se hace socio del Club Villarino, en el mes de Octubre correspondiéndole, el número de orden 38.

Se recibe un acta de Villarino a finales del año 1939 comunicando a la madre de Isabel Martín Hernández, llamada Carmen Hernández González, que esta abuelita por parte de madre, había fallecido en el pueblo de Villarinos Aires, el día 25-11-1939.

En la década de los años treinta del pasado siglo cesa en un gran tanto por ciento la emigración de España a Cuba. Ante la situación económica presente a entonces en la isla de Cuba, detuvieron y casi eliminaron de emigrantes, limitando la participación de ellos en sus respectivos empujes. En el gobierno de Gerardo Machado, en el año 1933, se deterroraron las condiciones políticas y económicas en la isla, uniéndose a esta aprobación Decretos que limitaba, en un sentido muy grande la participación de los extranjeros en los trabajos existentes en el país. Por tal motivo un gran número de los españoles, se acogieron a la ciudadanía cubana, tales son los casos de Manuel de Celis Sánchez e Isabel Martín Hernández.

Con fecha 19-1-1942 Manuel de Celis Sánchez, se acogió al derecho de solicitar la ciudadanía cubana autorizando al ministro de Estado de Cuba el acta de ciudadanía, con lo cual se le daba el mismo derecho a trabajar que los cubanos nacidos en la isla.



Carta original de la ciudadanía de Manuel de Celis Sánchez.

Manuel con esta ciudadanía cubana, comenzó a trabajar como conductor en los tranvías en el año 1942, trabajando casi 10 años aproximadamente, hasta el año 1952 en que se jubiló.

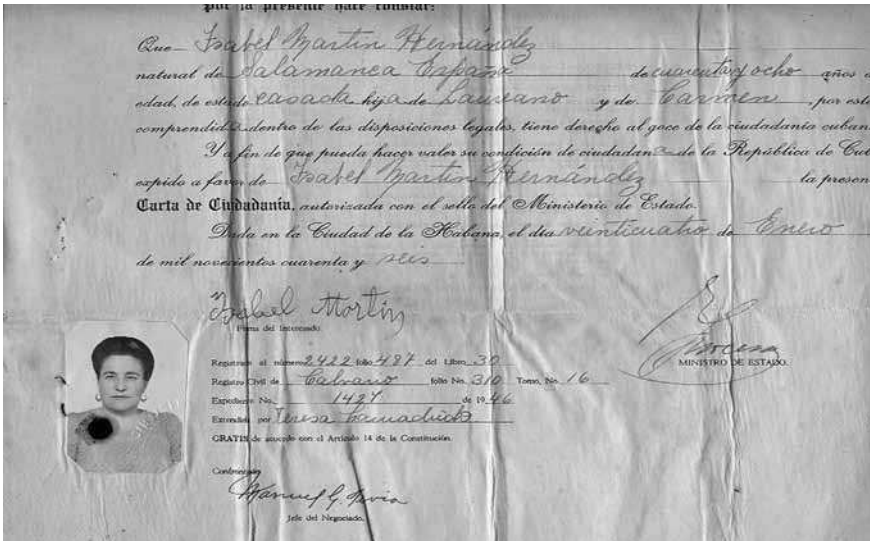
En esta fecha, 1952, dejaron de funcionar los tranvías en la ciudad de Llanabán y comenzó a trabajar, omnibus Leyland traídos de Inglaterra, los fueron transportados de ropa en la Segunda Guerra Mundial. Estos omnibus fueron colocados en toda la población de la ciudad de Llanabán con el nombre "enfermeras" por su color blanco.

Dos familiares de Villariño de Pinar del Rio, España, emigraron a Cuba



En el año 1942 se mu da la familia de Manuel de la calle Pri melle s n.º 35 para la casa de la Avda esq. a calle 50, en el Reparto Almen dares (an tigu o M un .M ari an ao), ah ora M un .P lay a.

Isabel Martín Hernández, al ig u al q u e su esposo Manuel, se ad b ién al derec h o de sol ic itar, la ci u dadan ía cu b an a au to ri z án do sel a el l de Est ado de C u b a la C arta de Ci u dadan ía, el día 2 4-1-1946.



C arta ori g in al de la ci u dadan ía cu b an a de Isabel Martín Hernández .

En el año 1950 c ompran un a casa en la C alle 50 n.º 330 9 en tre 33 y M un ic ipio P lay a don de vi ven el resto de su vi da, Manuel, Isabel y C el is Martín .

Est a familia en tre los años 1948 y 1960 vi ajan a Miami, en los Estados Unidos de Norteamérica, cu atro vi ajes, q u e desc rib imos a c on t in u a c i

P ri merv i aje a Miami: y Carmen de Celis vi ajan en avi ón a Miami sal ien do el día 22 -7-1948. P erman ec en allí por un periodo menor de un me v isi tan do a al g u n os ami g os y di sfr u tan do de las pl ay as. R eg resan el día 1948 por el aeropu erto de R an c h o Boy eros.

Seg un do vi aje a Miami: Manuel de Celis y Carmen de Celis vi ajan en avi ón a Miami, sal ien do el día 30 -7-1949. Av s u v i e g t a t a, al g u n os ami g os y a al g u n os reli g iosos de la ig les ía met od ist a. Despu és de est as v i s reg resan el día 10 -8-1949 por el aeropu erto de R an c h o Boy eros.

Tercer vi aje a Miami: la familia, Manuel, Isabel y Carmen vi ajan en avi ón a Miami, sal ien do el día 2 4-12 -1950 . Est e vi aje fu e c on el ob j

Dos familias de Villariño de los Aires que emigraron a Cuba

pasar las Navidades y el Fin de Año en compañía de varias familias amigas y religiosas metodistas. Al llegar a Miami, Tampa y visitan una iglesia metodista. Después de pasar unos 10 días, regresan el día 3-1-1951 por el aeropuerto de Rankin y Boyeros.

Con motivo de un viaje a Miami visitan Manuel de Celisy Carmen de Celisy saliendo en avión el día 8-8-1960, visitando a algunos amigos y analizando unos asuntos personales que tenían allí. A la semana siguiente regresan a Cuba<sup>5</sup>, por el aeropuerto de Rankin y Boyeros el día 16-8-1960.



Manuel de Celisy Carmen de Celisy bajando la escalera de la aviación.

Este fue el último viaje que pudo realizar esta familia a Miami. A partir de este año se hizo muy difícil poder viajar a los Estados Unidos.

El 3º. viaje a España de Manuel e Isabel lo realizan en el Vapor Manteulia, saliendo por el Puerto de La Habana, el día 4-6-1954 y llegan a España, por el Puerto de Vigo el día 15-6-1954. Después de su llegada, se van a la casa de Villariño de los Aires, a visitar toda la familia y posteriormente, el día 24-7-1954, se van a Madrid.

Carmen de Celisy en su 2º. viaje a España el día 25-7-1954 en un avión de Iberia, línea aérea española, regresando por el aeropuerto de Barajas, donde se unen a sus padres que se encuentran esperando a en Madrid.

Carmen de Celisy Manuel e Isabel en el pueblo de Villariño de los Aires, donde se encuentran toda su familia: su abuelo Laureano Martín, sus tías Teresa y Joaquín y sus tíos José, Manuel y Juan Martín Hernández como los primos y el resto de la familia. Después de visitar a la familia de Villariño, recorren varias provincias de España y también visitan Portugal.

Así transcurrió el tiempo en esta familia a la cual tuvo la suerte de poder hacer algún afortunado como se pudo comprender con las posibilidades de viajes que realizaron a España y a Miami.

<sup>5</sup> La autora se refiere a Campaña Cubana de Aviación fundada en 1929. [N.E.]



Nuestro hijo Laureano continuó viviendo con esta familia, con la escuela y con la ayuda de Carmen lograron otras muy buenas en toda la familia.

En el año 1976 se enferma Manuel y a los 85 años de edad. Se cayó y tuvo fractura en la columna vertebral y comenzó a decaer hasta el día 9-12-1976 cuando fallece en la clínica Camilo Cienfuegos, siéndole el Panteón del Club Villariño, que existe en el cementerio de Cienfuegos permaneciendo sus restos.

Laureano continuó sus estudios y logró otras excelentes en el secundario, obteniendo que le autorizaran a matricularse en la carrera de Contabilidad en la CUJA E.

Posteriormente en el año 1981 Carmen de Elis Martín, por motivo de accidente, fallece el día 22-10-1981 en el Hospital Militar de Marianao, enterrada en el Panteón del Club Villariño, donde permaneciendo sus restos.

Cuando ocurre el accidente de Carmen, Laureano se encuentra trabajando en el primer año de la carrera. A partir de la muerte de Carmen, comienza a buscar un trabajo y consigue uno en la Universidad (CUJA E).

Finalmente Isabel Martín Hernández se queda viviendo con los hijos. Señalando que ella falleció el día 28-1-1987, siéndole enterrada en el Panteón del Club Villariño, donde permaneciendo sus restos.

## ANTONIO DE CELISMARTÍN

Nacido en la Quinta Castellana el día 6-7-1919. Hijo de Manuel de Sánchez y de Isabel Martín Hernández, ambos naturales de Villariño de los Aires. Teniendo como abuelos paternos a Alonso de Celis y Manuel de los Aires y como abuelos maternos a Laureano Martín Benito y Carmen Hernández García, todos naturales del pueblo de Villariño de los Aires, provincia de Salamanca, España.

Van su primer y único viaje a España junto con sus padres, Manuel de los Aires y Isabel, el día 30-6-1923 a bordo del *Espartero* desembarcando por La Coruña.

Estuvieron en España visitando a la familia por espacio de 4 meses aproximadamente, llevándoles algún dinero y ropa a la familia de Villariño de los Aires el día 2-11-1923 a bordo del *Alfonso XIII* egresando por el puerto de La Habana.

<sup>6</sup> El autor del relato hace referencia a la Ciudad Universitaria José Antonio Echevarría que se fundó el 2 de diciembre de 1964.

C u a n d o n i ñ o c o m i e n z a s u s e s t u d i o s e n u n a e s c u e l a d e b a r r i o , e r a u n m u y i n t r a n q u i l o y c o n m u y p o c o s d e s e o s d e e s t u d i a r , l o c o n t r a r i o d e s u m a n a C a r m e n , l a c u a l s i e m p r e f u e m u y a p l i c a d a y e s t u d i o s a . C o n 1 2 a ñ o s t e x t o g r a d o , c o m i e n z a a t r a b a j a r c o m o d e p e n d i e n t e e n u n a b o d e g a , q u e p r o p i e d a d d e u n o s c h i n i t o s q u e t e n í a n e n e l R e p a r t o A l m e n d a r e s .

L o s p a d r e s l o h i c i e r o n s o c i o d e l C e n t r o C a s t e l l a n o y d e l a Q u i n t a C a s t e l l a n a , e n e l a ñ o 1 9 3 0 a p r o x i m a d a m e n t e . C o n t i n u ó a ñ o s t r a b a j a n d o c o m o d e p e n d i e n t e e n l a b o d e g a p o r m á s d e 4 0 a ñ o s .

E l d í a 5-6-1961 s a l i ó d e C u b a v í a a é r e a J a m a i c a , d o n d e e s t u v o p o r e s p a c i o d e u n o s m e s e s y p o s t e r i o r m e n t e v i a j ó a M i a m i a f i n a l e s d e l a ñ o 1 9 6 1 .

A p r i n c i p i o s d e l a ñ o 1 9 6 2 e n M i a m i N e w J e r s e y c o m e n z a n d o a t r a b a j a r e n u n a f á b r i c a d e p r o d u c t o s q u í m i c o s . P r i m e r a m e n t e c o m e n z o a t r a b a j a r e n l a f á b r i c a , e m p e z ó a e s t u d i a r y a s u p e r a r s e y f u e c a m b i a d o d e p u e s t o d e t r a b a j o , p a s ó a t r a b a j a r e n e l a l m a c é n , c o n t i n u ó t r a b a j a n d o y e s t u d i a n d o h a s t a g r a d u a r s e d e E s p e c i a l i s t a Q u í m i c o . D e s p u é s p a s ó a t r a b a j a r e n l a p r o d u c c i ó n d e l a f á b r i c a y c o n t i n u ó m e j o r a n d o d e p u e s t o d e t r a b a j o h a s t a s u p e r v i s o r d e l a f á b r i c a .

E l d í a 30-11-1968 s e c a s a c o n u n a a m e r i c a n a N e w J e r s e y , c o n l a c u a l t e n í a n o t u v o n i n g ú n h i j o . C o n t i n u ó t r a b a j a n d o p o r u n t i e m p o a p r o x i m a d a m e n t e a ñ o s .

E n e l a ñ o 1 9 7 8 A n t o n i o d e C e l i s M a r t í n s u f r e d e u n a c r i s i s d i g e s t i v a v i v i e n d o e n N e w J e r s e y e n E . U . A . P r o d u c t o d e e s t a c r i s i s , l e h a c e n v a r i a s p r u e b a s y d e c i d e n o p e r a r l o , d e t e c t a n d o q u e t e n í a c á n c e r y m u r i e n d o c a s i e n l a o p e r a c i ó n e l d í a 13-10-1978.

E n s u t e s t a m e n t o h a b í a s o l i c i t a d o q u e c u a n d o é l m u r i e r a f u e r a i n c i n e r a ( c o s a q u e s e r e a l i z ó ) , d e p o s i t a n d o l a s c e n i z a s e n u n a c a j i t a y p o s t e r i o r m e n t e f u e r a n e n v i a d a s a C u b a , ( c o s a q u e n o s e h a p o d i d o c u m p l i r ) , p o r q u e l a e m b a j a d a a m e r i c a n a d e é l , n u n c a s e h a o c u p a d o d e e s e t r á m i t e , p a r a h a c e r l a l l e g a r a n u e s t r a p a t r i a C u b a .

A n t o n i o m u e r e s i n d e j a r s u c e s i ó n a l g u n a , a l i g u a l q u e s u h e r m a n o m e n q u e t a m p o c o d e j ó n i n g ú n d e s c e n d i e n t e .

## C A R M E N D E C E L I S M A R T Í N

N a c i d a e n l a Q u i n t a C a s t e l l a n a e l d í a 31-5-1926, h i j a d e M a n u e l d e S á n c h e z y d e I s a b e l M a r t í n H e r n á n d e z , a m b o s n a t u r a l e s d e V i l l a r i n o d e l o s A i r e s . T e n i e n d o c o m o a b u e l o s p a t e r n o s a A l o n s o d e C e l i s y M a n u e l a S a n t o s y c o m o a b u e l o s m a t e r n o s a L a u r e a n o M a r t í n B e n i t o y C a r m e n H e r n á n d e z G a r c í a , t o d o s n a t u r a l e s d e l p u e b l o d e V i l l a r i n o d e l o s A i r e s , p r o v i n c i a d e M a n c a , E s p a ñ a . D e s d e m u y p e q u e ñ a f u e u n a n i ñ a e s t u d i o s a y o b e d i e n t e .

C armen de C elis M art ín su primer viaje a España con sus padres a la edad de 9 años, saliendo el día 9-6-1936 en el V apor M ex iqu ey en tran do por el pu ert o de L a C oru ña el día 19-6-1936.

Est a fam ilia se man tien e en el pu eb lo de V illari n o por un tiempo n o de 6 meses mien tras M an u el ay u da a los repu b lic an os en sus tareas an t empez ar la G u erra C iv il y C a u am e t o z ar la g u erra tien en q u e emigr ar n u ev amen te.

V u el v e en su primer viaje a C u b a el 14-12 -1936 en el V apor Ib eri mán , saliendo por el P u ert o de L a C oru ña y desemb arc an do por el P u ert o de la H ab an a el 2 4-12 -1936.

C armen de C elis M art ín es operada de apen di c it is a la edad de 13 años, el día 14-10 -1939 en la Q u in ta C ast ellan a, don de ella est ab a asoc iada al q u e el resto de la fam ilia de M an u el e Isab el .

C omo ni ña mu y aplic ada q u e era, en el año 1940 , cooperó en la pág in a F i ñe, un a pág in a q u e pu b lic ab a el peri ódico P u eb lo para los ni ños de C u b a .

A ella le g u st ab a leer los c u en tos y las poesías del A póst ol J osé M a r t í ag radab a mu ch o y pasab a largos rat os en t r e t e n i d a c o n est as lec tu ras.

Est u di ó en el C oleg io B u en av ista, an ex o al C oleg io A c ademi a de C ol leg e, toda la pri maria y sec un dari a, su asi g n at u ra preferi da si empre f u e

las mat emát ic as.

Su an h el o desde ni ña si empre f u e ser maest ra porq u e seg ún dec ía ella, hac ía mu ch a f al t a t e n e r mu ch os maest ros en C u b a para en señar a los ni ños a leer y escri bir .

C armen c ojn ov emu y est u - di osa y aplic ada, termi n ó en el C oleg io B u en av ista en el año 1942 , gradu án - dose de Bac h iller en L et ras y C ien cias con n ot as de Sob resal ien te. C on tin u ó en el m ismo C oleg io est u di an do, me - c an og raf ía y c alig raf ía, trab ajan do t amb ién en el C an dler C ol leg e c omo sec ret ari a del di rec tor. En est e C oleg io se prac tic ab a la relig ión M et odista, la c u al ella prac tic ó du ran t e toda su vida.

En el año 1944, c omien z a en el m ismo c oleg io, C an dler C ol leg e, c omo maest ra de mec an og raf ía, si mu l -



C armen de C elis M art ín en el año 1939 du ran t e la G u erra C iv il española, b rin dan do su apoy o a los c omb at ien tes repu b lic an os, c o n " n o pasarán " .

tan ean do el traba jo del Cole gio por el día, con los estu dios en la Un iv ersi  
de La H ab ana, en h oras de la no che. Estu dió la carrera de Ec on omía en el año  
1950 , gradu án dose como Con tador P ú b lico en el año 1954.

Se man tu v o traba ja n do en el Can dler Cole gio, h asta el año 1961 fec h  
la cu al el g ob iern o rev olu cion ario in terv in o toda la en señan za priv ada  
y pasó a ser diri gida por el M in ist erio de Edu c ac ión . A l n ac ion aliz ar el  
Can dler Cole gio traba ja n en el año 1961 a un a depen den cia del M in ist erio  
de Edu c ac ión ub icada en la R ampa. A llí traba jó como Con tadora por esp  
de más de 7 años.

En el mes de nov iemb re del 1964 su fre un a qu emadu ra mu y gran de R  
sai da Si x ta O roz co Nápol es, la mamá de Lau rean ito Sen dín O roz co, ten ió  
el ni ño 8 meses; la madre fue in g resada en la Sala de Qu emados del H ospital  
C alix to G arc ía, y el ni ño fue llev ado a casa de Armen de Celis M artín  
M artín Hern án dez , en la Calle 50 n ° 330 9 en tre 33 y 35. A part ir de est a  
se h ac en c arg o de cri ar al ni ño.

Armen de Celis M artín ac og e al ni ño como su h ijo, dán dole todo ti p  
ay u da y edu c ándolo para toda la vida, si empre mu y preoc upada por qu e est u  
di ara y se preparara con un bu en niv el de esc ol ari dad.

En el año 1968 tamb ién si mu ltan ean do el traba jo con el estu dio comi en  
a estu di ar el idi oma franc és en una esc uela llamada la Ali an za Fran ces  
cada en A v G. en el V edado, termi n an do gradu ada en el año 1971.

En 1968 Armen pasó a traba  
jar en el Instituto del Libro  
G ente Nu eva, ub icado pri  
C alle 19 esq . 10 y posteri orme  
C alle 8 esq . 21, amb os en el V  
como Jefa de Redac ción por e  
de más de 13 años.

Armen fallece en un ac  
en Calle 48 esq. 37, en el Repa  
Almendares, Mu n . P lay a, el  
1981 a la edad de 55 años. Despu és del  
ac ciden te fue llev ada al H os  
tarde M ari an ao, don de la operac  
un fu erte gol pe rec ibido sob  
gado, dej an do de ex istir las dos  
aprox imadamen te. Fue sepul t  
el pan teón del club Villari  
men terio de Colón don de reposa  
rest os. Mu rió sin dejar ni n g u n a su c e-



Armen de Celis M artín , poc o tiempo antes de  
su fallecimiento en el año 1981.

Dos amigas de Villariño de los Ríos que emigraron a Cuba

M A R T A M A R T Í N H E R N Á N D E Z

Nacida el día 28-11-1905, a las 8:30 de la mañana, hija de Laureano Martín Benito y de Carmen Hernández García, ambos naturales de Villares de los Aires, teniendo como abuelos paternos a José Martín Hernández y a Bel Benito Prieto y como abuelos maternos a Francisco Hernández y a María Antonia García Hernández, todos naturales del pueblo de Villares de los Aires, provincia de Salamanca, España.

Proviene de una familia de labradores, la cual está integrada por: mi madre y seis hermanos más llamados: Isabel Martín Hernández, quien emigró el 03-07-1917, y los otros cinco hermanos, llamados José Martín Hernández, Teresa Martín Hernández, Manuel Martín Hernández, Joaquín Martín Hernández y Juan Martín Hernández. Todos se quedaron vivos en el momento de la partida.

Marta de niña pudo estudiar muy poco, casi no pudo ir a la escuela. Era un hermano más y por tanto tenía que ayudar a su madre a atender a los otros hermanos más pequeños. Desde muy pequeña la pusieron a cocinar, lavar,regar, cargar agua y otros que hacían de la casa. Desde muy niña le gustaba coser, oficio que ella aprendió muy bien, además también aprendió a tejer y bordar, en su pueblo natal, Villariño de los Aires.



Marta en su estancia en la Habana en el mes de octubre de 1926.

Marta Martín Hernández (hermana de Isabel) vino en el vapor a Cuba el día 24-9-1926 saliendo por La Coruña en el Vapor Español, de un alínea francesa llegando por el Puerto de La Habana el día 4-10-1926.

Marta vivió en la casa de su hermana Isabel en la calle Primelles nº 19, Reparto Columbia.

En este viaje a Cuba, Marta trajo dos fotos de la familia de Isabel, que vivían en Villariño de los Aires.

Marta retornó a España a finales del año 1926, y volvió al pueblo de Villariño a juntarse con su familia nuevamente. En su estancia en España del año 1926 al año 1937, se dedicó a ayudar a su madre en los que hacían de la casa y a coser y bordar ropa para sus hermanos y el resto de la familia.

Dos familias de Villariño de los Aires que emigraron a Cuba





Dos familias de Villariño de los Aires que emigraron a Cuba



Carta de identificación del Centro Castellano de Marta Martínez.

No tuvo la suerte de su hermana Isabel, la cual pudo hacer algo de fortuna y viajar varias veces a España, a visitar a su familia y otros viajes a Miami, de vacaciones y a las playas.

Marta Martínez Hernández (hermana de Isabel), falleció el día 16-11-1961, en la Quinta Castellana, siendole sepultada en el panteón del Club Villariño, en el cementerio de Colón, donde reposan sus restos.

### NICOLÁS SENDÍN MARTÍN

Nacido el día 11-2-1900, a las 7:00 de la mañana. Hijo de Miguel Sendín Martínez y de Petra Martínez Benito, ambos naturales de Villariño de los Aires. Teniendo como abuelos paternos a Nicolás Sendín Conde y Concepción Martínez Martín y los abuelos

maternos a José Martínez Hernández e Isabel Benito Prieto, todos naturales de Puebla de Villariño de los Aires, provincia de Salamanca.

Nicolás proviene de una familia de labradores. Nicolás (mi padre) y dos hermanas, llamadas Teresa Sendín Martínez e Isabel Sendín Martínez, emigraron para Cuba en los primeros años del pasado siglo XX, aproximadamente entre los años del 1910 al 1915 buscando, un modo de vida mejor y más remunerado que el alcanzado en el pueblo de Villariño.

Los otros dos hermanos llamados, Ángel Sendín Martínez y María Antonia Sendín Martínez, emigraron para Argentina, a principios del pasado siglo también buscando un modo de vida mejor y un trabajo menos agotador que el que se les encontró en España.

Cuando era niño le fue muy difícil estudiar en el pueblo. Él se fue a estudiar a la escuela que participó con su padre en las labores del campo. Su padre era labrador toda su vida, se dedicó a cultivar la tierra y trabajar en las fincas que tenía. Las afueras del pueblo en las lomas. Cosechaban trigo, cebada, uvas, naranjas, papas, hortalizas y otros productos de la agricultura. Fabricaban queso, quesos, vinos, etc., además de otras áreas dentro de la vida agrícola de la región, como era recolectar hierba para los animales y otros tipos de alimentos para el tiempo de frío. Desde muy pequeño tenía que llevarle la merienda y almorzar a su padre, el cual trabajaba en las lomas, en las fincas muy



tantes de dondevivían en Villarino. Cuando fue un poco mayor teníacortarhierba, para la alimentación de los animales y trabajaren el campo junto a su padre en la recogida de las cosechas.

Toda la familia, los padres, hermanos, sobrinos, primos y otros familiares, se reunían dos o tres veces por año, en el pueblo de Villarino de los Aires, a principios del siglo XX y hacían romerías y fiestas brindando con videsabrosos en las bodegas que tenían en el mismo pueblo. Comían chorizo, longanizas, jamón, quesos y otros productos, todos los cuales, eran elaborados con un proceso totalmente artesanal. Estos productos los elaboraban con carne de los animales que ellos criaban en sus fincas.

Todos los años el día 16 de Agosto se celebraba el día de “San Roque”, el cual, era el Patrón del pueblo de Villarino de los Aires. Se celebraban cantos de toros en la plaza, se hacían peregrinaciones al Santodela iglesia y se paseaba por todo el pueblo, se hacían fiestas con todos los vecinos y otros paisanos que venían de vacaciones y se bailaba y cantaba por varios días. Lebrando la fiesta tradición al del Santo representativo del pueblo de Villarino “San Roque”.

Nicolás con 20 años emigra de España para Cuba, el día 26-8-1920 en el vapor *España* vienes con el objetivo de buscar fortuna y de unificar a sus dos hermanos, que anteriormente habían emigrado a Cuba y además con seguridad un trabajo menos agotador y algo más remunerado que el que tenía en su pueblo natal, donde sólo había sido labrador y jornalero.

Cuando Nicolás llega a Cuba viaja a casa de su hermana Isabel Sende Martín, la cual vivía en el Reparto Arroyo o Arroyo, Barrio Azules de Cipi Arroyo o Naranjo. Comienza a trabajar como empleado en una fábrica de mosaicos, propiedad de su cuñado González. Ahí se mantiene fabricando mosaicos (losas de piso) por un espacio de 15 años aproximadamente.

En el año 1921 se hace socio del Centro Castellano de La Habana y de la Quinta Castellana.

El 8 de Noviembre del 1919 se constituyó el Club Villarino, para que quedara perpetuo el recuerdo del pueblo de Villarino en Cuba y como comisión en tre los villarineses. Se plantea a “unir a todos los hijos de Villarino en Cuba, en la inteligencia de que en el local acogedor del Club, hallar bien tefamiliar que les permita recordar las añoranzas de la tierra ausente, estrechan los lazos de amor y confraternidad entre españoles y cubanos”. Asimismo, trata de enaltecer la memoria del pueblo de Villarino de los Aires, provincia de Salamanca y la Madre Patria España. Especial atención se dedica a la prestación de auxilio mutuo a los asociados que lo necesiten y a

<sup>7</sup> Procesi on es. (N.E).

lizar actividades benéficas y recreativas.

Han trascurrido años de esta fundación y mantiene aún este Club vida renovada, con los cenicientos de estos emigrantes: hijos, nietos y bisnietos de los socios fundadores.

Para los castellanos y leoneses emigrados a Cuba desde



momento de su llegada, en un club soñado, las asociaciones regionales como el Centro

Edificio del Club Villariño sito en Calle 58 esq. C. República Independencia, Municipio Playa.

Castellano de La Habana desempeñaron un importante papel, facilitando la entrada al país, amparando las contingencias de los que no hicieron fortuna y favoreciendo la integración de los recién llegados. Colaboraron de diversas formas con los emigrantes, contribuyeron a mejorar su cultura e incluso los auxiliaron en la desgracia y en la enfermedad y mantuvieron la cultura a las tradiciones y costumbres de sus lugares de origen, como es el caso de los emigrantes de Villariño de los Aires.

La Sociedad del Club Villariño celebra todos los años varias actividades anuales como es el “Día de los Niños”, presentación de la “Escuela de Baile Español”, el “Día de San Roque” y la misa en el “Panteón de los Martires de Colón por el Descubrimiento de San Roque”, un



“Panteón de los Martires de Colón por el Descubrimiento de San Roque”, un monumento del Club Villariño construido en el cementerio de Colón.

de la Fundación del Club ” todos los años y la “Actividad por el Día del Emigrante”. En el Club Villariño durante el año se realizan sistemáticamente, la Junta General de asociados una vez al año y la reunión mensual de la Junta Directiva.

En el año 1938 se construyó en el cementerio de Colón el Panteón de los Martires de Colón por el Descubrimiento de San Roque, con la ayuda y cooperación de los asociados, desde la

Dos familias de Villariño de los Aires que emigraron a Cuba

obra en la construcción, hasta también ay u da mon et ari a para l og rar su n ac i ón ten i en do a “San R oqu e” c omo su san to prot ec tor.

P o s i b l e m e n t e n o e x i s t a e n t o d a A m é r i c a u n a s o c i e d a d e s p a ñ o l a , l a c u y a f u e r a f u n d a d a y m a n t e n i d a d u r a n t e m á s d e 88 a ñ o s p o r n a t i v o s , t o d o s , d e u n p u e b l o m u y p e q u e ñ o l l a m a d o V i l l a r i n o d e l o s A i r e s y q u e l o s d e s c e n d i e n t e s n u e s t r o s a n t e p a s a d o s : h i j o s , n i e t o s y b i z n i e t o s c o n t i n u a m o s m a n t e n i e n d o c o n g r a n e s f u e r z o y s a c r i f i c i o .

N i c o l á s , m i p a d r e , f u e d e l o s s o c i o s f u n d a d o r e s d e l C l u b V i l l a r i n o , c i é n d o s e s o c i o d e l c l u b e n e l m e s d e a g o s t o d e l a ñ o 1923. S e m a n t u v o c o m o s o c i o f u n d a d o r p o r m á s d e 35 a ñ o s y e s r e c o n o c i d o c o m o e l s o c i o n ° 7 d e l C l u b V i l l a r i n o . C o m o s o c i o h i z o u n g r a n t r a b a j o y t u v o u n a g r a n p a r t i c i p a c i ó n m a n t e n e r l a s r a í c e s d e t o d o s l o s e m i g r a n t e s d e V i l l a r i n o e n C u b a . P a r t i c i p a n t e j u n t o a u n r e d u c i d o g r u p o d e p a i s a n o s , e n l a s l u c h a s y s a c r i f i c i o s p o r m a n t e n e r y e n g r a n d e c e r e s t a s o c i e d a d . F u e m i e m b r o d e l C o m i t é P r o - E s c u e l a d e V i l l a r i n o , c o n j u n t a m e n t e c o n s e i s s o c i o s m á s . S e m a n t u v o c o m o m i e m b r o a c t i v o p o r m u c h o s p e r i o d o s d e t i e m p o e n l a J u n t a D i r e c t i v a .



J u n t a D i r e c t i v a d e l C l u b V i l l a r i n o e n e l p e r i o d o d e l a ñ o 1945, d e p i e , e l p r i m e r o p o r l a d e r e c h a e s N i c o l á s S e n d í n M a r t í n .

Dos familias de Villarino de los Aires que emigraron a Cuba

A sí mismo, ayúdoy cooperó con dinero en varias colectas para recaudar fondos y ayudar a las reparaciones del mismo club y en la fabricación de esculturas del pueblo de Villariño.

El Club Villariño celebraba al principio de su creación, todos los días de "San Roque" en los jardines de La Tropical. Allí danzaban y bailaban todos los socios. Esta tradición se ha mantenido desde la fundación del Club que a partir de los años 60 se comienza a realizar en el local del Club Villariño en vez de celebrarse en los jardines de La Tropical.

También, como tradición, se celebraba una misa en el Panteón de Villariño en el cementerio de Colón, siempre en el mes de agosto todos los años.

Tradición al menos, toda esta familia, los hermanos, sobrinos y primos. Nicolás se reunían dos veces en el año y hacían una fiesta familiar en los días de La Tropical o La Polar. Allí llevaban comida española: embutidos, chorizos, empanadas gallegas y otras comidas; compraban un barril de vino y celebraban una gran fiesta familiar. Buscaban un gaitero y un

Dos familias de Villariño de los Arce emigraron a Cuba



Un día de "San Roque" celebrado en los Jardines de La Tropical, en el mes de agosto del año 1944. En la primera mesa de frente a la izquierda, el matrimonio de Nicolás Senén Martín y Marta M. Hernández y su hijo Laureano Senén Martín de 5 años.



El matrimonio de Nicolás Sen dín M artín (primero de Isabel) y M arta M artín Hernán dez (hermana de Isabel) con su hijo, Lau rean ito Sen dín M artín (sobrino de Isabel), con 6 años, en el año 1945.

Los cuales tocaban música tradicional del pueblo de Villariño; allí cantaban y bailaban todos en familia junto con otros paisanos que se unían en estas fiestas tradicionales. Esta tradición se mantuvo por más de 20 años; del año 1935 hasta el año 1956, tal como lo hacían a principios del siglo XX en su pueblo natal Villariño.

En el año 1935 se va a trabajar como dependiente de comercio en una carnicería en Fuentes y 3ra., le 50 y a v. 2.5, en Reparto Almenares.

En 1938 se asocia con otro paisano de apellido Marín en la carnicería de Fuentes y 3ra., Reparto Almenares, ahí estuvo como comerciante hasta el año 1948.

En el año 1938 mi padre Nicolás Sen dín M artín, se casa con mi madre M arta M artín Hernán dez, produce todo de

este matrimonio nacieron el día 29-3-

1939, (hermana de Isabel) con su hijo, Lau rean ito Sen dín M artín (sobrino de Isabel), con 6 años, en el año 1945.

El 13-4-1948 actualiza su cargo de extranjero, cuando vivía en Fuentes y 3ra. (ahora 25 esq a 50 M un y 3ra. en el Reparto Almenares y carnicería.

En el año 1949 vende la carnicería de Fuentes y 3ra, en el Reparto Almenares y compra otra, ubicada en 88 esq. a 9na. en la Playa de M un y 3ra. (ahora Calle 110 esq. a 9na.) de principio Playa, ahí trabajó como comerciante del año 1949 al 1956.

Posteriormente pasa a trabajar en el año 1956 a otra carnicería en la Calle 96 e/ 9na. y 11ro., Municipio Playa, hasta mediados del año 1958.



Última foto de Nicolás Sen dín M artín con fecha 29-1-1954

Dos amigas de Villariño de las que emigraron a Cuba



Todo el tiempo que viví en Cuba, mantuve correspondencia con mi familia, que quedó en España y con los hermanos que emigraron para la Argentina.

Nicolás y mi mamá y papá trabajamos en el comercio de importación y exportación de mercancías. En mi familia me ayudaron todos los que de un forma u otra se abstuvieron de abandonar España como emigrantes, ellos se retiraron de la vida pública.

Siempre su hijo y añoranza era poder volver a España y llevarme a mi familia para que se conociera a toda nuestra familia, que he sabido que cuando yo me iba a ir, pues no podía sino de poder adquisitivo para lograrlo que lo que ganaba, más me permitían ir a Cuba para poder comer y vestirnos y poco más.

Mi padre falleció el día 20-7-1958 a la edad de 58 años siéndole sepultado en el Panteón del Club Villarino, en el Cementerio de Colón donde sus restos.

### L A U R E A N O S E N D Í N M A R T Í N .

Nació el día 29-3-1939, hijo de Nicolás Sendín Martín y de Marta M Hernández, ambos naturales del Pueblo de Villarino de los Aires. Como abuelos paternos a Miguel Sendín Martínez y Petra Martín. Los abuelos maternos, Laureano Martín Benito y Carmen Hernández, todos naturales del Pueblo de Villarino de los Aires, Provincia de Salamanca, España.

A los 7 meses fue bautizado el día 29-10-1939 en la capilla de la Parroquia de San Agustín, sita en calle 14 República Sierra.

Mi padrino fue Antonio Martín y mis madrinas Isabel Hernández y Carmen de Celis. Mis padres me hicieron socio del Centro Castellano el día 2-7-1942 con 3 años de edad, manteniéndome como socio hasta el año 1961, fecha en la que me desvinculé por el Gobierno de Cuba.

A los 3 años de edad se me presentaron, dolores de apendicitis que me fue operado el día 12-2-1943, en la Clínica de Identificación del Centro Castellano de Cuba. Con 4 años comencé a estudiar en la escuela de Laureano Sendín Martín.



Dos familias de Villarino de los Aires que emigraron a Cuba

mes de septiembre del 1943, a recibir clases de preescolar con la maestra, llamada Sra. A Itagracia Diago, estando dos años recibiendo clases con ella posteriormente en el año 1946 con la maestra, Sra. Concelo Rodríguez, cursando el 2º grado. Comenzó el 3er. grado el 9-9-1948 en la Escuela Agrícola del Niño Jesús de Belén, teniendo como profesor a los Bermúdez.

Hicela Primera Comunicación el día 19-9-1948 en la iglesia de San Agustín en el Reparto la Sierra. Hago mi confirmación el día 12-5-1949 en la capilla del Colegio de Belén, siendo mi padrino los Bermúdez.

Comenzó mi 4to. grado el día 9-9-1949 en la misma Escuela Agrícola de Belén, teniendo como profesor a Delfín Díaz, y como director al Padre Curallamado Magdaleno.

El año 1950 comencé a trabajar con mi padre, en un acarnicaría ubicada en 9na. y 110 en la Playa de Marianao. Simultáneamente el trabajo con el día, cursé el 5to. y 6to. grado con Sr. A. Fleoert Riley en una escuela de barrio ubicada en 9na. y 84, Municipio Playa. En el año 1951 presenté a examen en el Instituto de Segunda Enseñanza de Marianao, aprobando el examen; de esta forma comencé los estudios Secundarios, graduándome de Bachiller en Ciencias en el año 1960.

Mehago socio de la Playa Hijas de Alicia, el día 18-1-1956 de esta sociedad recreativa donde, se participaba de la playa, bailes y un gran número de actividades con españoles y descendientes de españoles, este centro se constituyó a una gran familia con muchos socios. Se practicaba natación, manó, tenis, etc. estando de socio por varios años, hasta que fue en acción libre por el año 1962.

Mehice socio del Club Villarino, en el mes de agosto 1958, llevándome 49 años in terrum pidos.

Nuestra vida laboral comencé el día 10-3-1959 en la Pastelería "San Bernardo" como ayudante de cordero de repartir helados, trabajé en este centro laboral por espacio de 5 años hasta el día 10-2-1964.

Contrajó matrimonio el día 19-7-1963 con Rosaida Sixta Orozco Nápoles. Producto de este matrimonio nacieron dos hijos, llamados Laureano Serdín Orozco el cual nació el día 10-3-1964 y el otro llamado Antón Orozco nacido el día 6-7-1966. Cuando nacieron, vivíamos en 10035e/ 110 y 112 Playa de Marianao, Municipio Playa.

En el año 1963 hago mi matrícula, en la Universidad de La Habana en la Facultad de Ingeniería Eléctrica, comenzando los estudios de la Ingeniería Universitaria.

Posteriormente el día 10-2-1964 me matriculé en la Escuela de Automatación Industrial del Ministerio de Industrias, comenzando a estudiar la especialidad de Control Automático y terminando en el año 1967, graduándome



Dos familias de Villarino de los Aires que emigraron a Cuba



Carnet de la Playa de Hijas de Galicia de Laureano Sendin.

La contratación de un afárrimen to, que se montó en el M t u v e p o r e s p a c i o d e u n m e s t r a b a c o n u n g r u p o d e I n g e n i e r o s y e s p a ñ o l e s y a l e m a n e s .

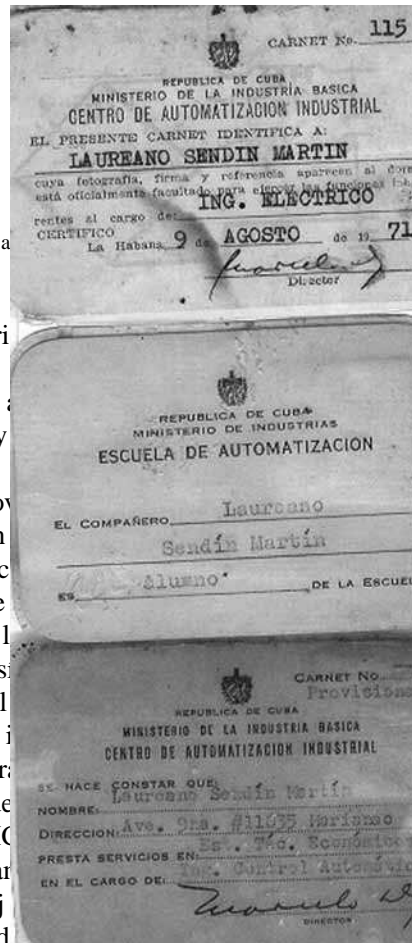
En este viaje fuimos a la pro de T o l e d o , c e r c a d e M a d r i d d o n s i t a m o s u n a I g l e s i a , q u e f u e c a n t e s d e l d e s c u b r i m i e n t o d e t a m b i é n v i s i t a m o s u n c a s t i l l u s o , a l g o i m p r e s i o n a n t e , a s t a m b i é n m u s e o s y o t r a s i n s t a l t o d a s m u y i n t e r e s a n t e s y b o n i

En el año 1975 me trasladé par la Dirección de Ingeniería de t u t o C u b a n o d e l P e t r ó l e o ( I C t e r i o r m e n t e e n e l a ñ o 1977, c a r d e t r a b a j o y c o m i e n z o a t r a b a j V i c e m i n i s t e r i o d e D e s a r r o l l o d

n i s t e r i o d e l a I n d u s t r i a Q u í m i c a ( M I Q ) d e l a m e t a l u n i v e r s i t a r i o d e I n g e n i e r í a E l é c t r i c a d e d e s d e e l a ñ o 1977 a l 1980 . A p a r t i r d e l

Ingeniero Eléctrico en la Especialidad de Controles Automáticos. Después de la graduación, comencé a trabajar en el Centro de Automatización Industrial, del Ministerio de la Industria Básica desde, el año 1967 hasta el año 1974, donde trabajé como Ingeniero Eléctrico en Controles Automáticos.

En Octubre del año 1974 viajé a España por motivos de trabajo, a



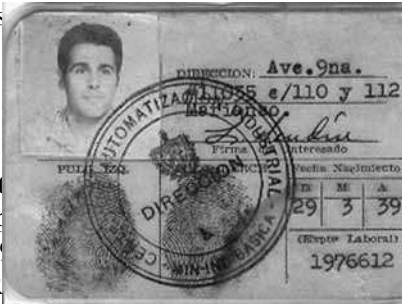
El Centro de Ingeniería Eléctrica de la Universidad de la Habana, donde trabajé desde el año 1977 al 1980. A partir de

año 1980 me trasladado para, la Empresa de Automatización Industrial del Ministerio de la Industria (MINAZ), donde trabajó en Ingeniería en Controles Automáticos en el montaje y control de 7 ingenieros nuevos en todo el país, trabajando por 5 años del 1980 al 1983.

En el año 1983 viajó a la URSS por motivos de trabajo, pasando un curso de Automática, estando un periodo de 3 meses en tres Moscú y Leningrado de Odesa.

A mediados del año 1984 me trasladado para la Unión de Fertilizantes del MINBA hasta el año 1987. Posteriormente me paso a trabajar en la empresa constructora del metro de Ciudad de La Habana, donde trabajé desde 1987 al 1989, y del 1989 al 1994 pasé a trabajar a la Dirección de Automatización del INSA C.

Al desaparecer el INSA C me incorporé a trabajar a partir del año 1994 en el grupo empresarial SERVIDOR S.A. perteneciente al Ministerio de Turismo (MINTUR), aquí trabajé un espacio de 13 años, hasta el año 2007, como Especialista "B" en mantenimiento y reparación de vehículos automotores. A partir del día 25-2007, me trasladado para el Nivel Central, del Grupo Cubanacán, S.A. donde trabajé como, Especialista en mantenimiento y reparación de vehículos automotores.



Carnet Laboral del Centro de Automatización Industrial (CAI) de Laurus Sdn.

<sup>8</sup> Fábrica que transformaba la azúcar en azúcar. (N.E).

<sup>9</sup> Ministerio de la Industria Básica. (N.E).

<sup>10</sup> Instituto Nacional de Sistemas Automatizados y Técnicas de Computación. Sede en una institución con rango ministerial encargado de registrar la política de relaciones informáticas en Cuba. (N.E)

Dos familias de Villanueva de los Aires que emigraron a Cuba

Dos familias de Villariño de los Aires que emigraron a Cuba



A lmu erz o en la C asa P ac o en M adri d c on u n G ru po de T rab aj o de C u b an os, Español es y A l em an es el día 18-10 -1974. El pri mero de la mesa del lado derec h o es L au rean o Sen dín .

Desde h ac o a rios años perten ez c o a la J un ta Direc tiva del C l u b V illari ñ o, participan do en todas las ac tiv idades y reu n ion es q u e se reali z an .

M e ac og í a la Nac ion alidad Español a el 2 4-10 -1997, seg ún c on sta en el Doc . n ° 141 de ac u erdo al A c ta 2 6 del C .C . L a H ab an a

5-12 -1997 del En c arg ado del R eg ist ro.

H ic imos la in sc ripc i ó n del mat ri mon io c on R osai da Si x ta O roz l es el día 14-12 -1998 c omo c on sta en el Doc . n ° 34 del En c arg ado del R eg ist ro ob t en i en do el L ib ro de F am il ia .

Nu est ros h ijos, L au rean o Sen dín O roz c o y A n ton io Sen dín O roz son soc ios del C l u b V illari ñ o desde el año 1993.

T en g o 68 años de edad y si empre h e est ado c on la añoran za de c on oc er a la f am il ia de mi s padres en España. Est o si empre h a si do u n an h el o de todos los q u e h emos rec u perado la n ac ion alidad español a.

P odemos ser ay u dados por las au toridades del g ob iern o, pri n c ip al men te por el Sr. al c al de y c ooperar así c on el P lan A ñoran za, c omo h an h ec ho las prov in c ias de C ast illa .

## L A U R E A N O S E N D Í N O R O Z C O

Nac i do el día 10 -3-1964, h ijo de L au rean o Sen dín M art ín , n at u ral c i u dad de L a H ab an a, c on c i u dadan ía español a rec u perada, y de R osai da O roz c o Nápol es, n at u ral de R emedi os, prov in c ia de V illa C l ara. T r o c omo ab u el os pat ern os a Ni c ol ás Sen dín M art ín y M art a M art ín H e r n á n d e z , amb os n at u ral es del pu eb lo de V illari ñ o de los A ires, prov in c ia de Sal a m a n c a España, y los ab u el os mat ern os a P edro O roz c o O roz c o y R est it u ta M a r t í n Á l v a r e z , amb os n at u ral es de la prov in c ia de V illa C l ara, C u b a .

C omien za los est u di os de P ri mari a en la esc u el a O rman í A ren ad o el mu n ic ip io P laza de la R ev ol u c i ó n , c u r san do desde preesc ol ar h asta g rado c on n ot as de Ex c el en te en todos los c u r sos. L a en señan za sec u n d a r i a c u r sa en la Sec u n dari a Bási c a V al d é s R odríg u e z , en el M u n ic ip io

Revolución, con resultados de Sobresaliente en todos los niveles 7mo, 9no grado. La enseñanza preuniversitaria la cursa en el Preuniversitario Antonio Guiteras, en el Municipio Plaza de la Revolución, con nota con un promedio de 99,2 con lo cual logra que le otorgan la carrera que es solicitado: Ingeniería Eléctrica en la Especialidad de Control de Automáticos.

Comienza los estudios universitarios en el Centro Universitario José Antonio Echegaray (C U J A E), en la especialidad de Control de Automáticos. En el mes de Octubre del año 1981 tiene un accidente de Carácter de Celos Martirio, la cual lo habilita y habilita su tutora desde que el Laureado en los 8 meses, Carmen fallece en este accidente y producto de esta enfermedad, tiene un acrisis y fue en ese momento trató en un médico, con lo cual, tuvo que estudiar y no pudo continuar.

En el año 1982 comienza a pasar el Servicio Militar Obligatorio hasta su terminación en el año 1985.

Se hace socio del Club Villarino en el mes de julio del año 1993. A parte de estar afectado participa en las actividades de Club.

El día 10 de Marzo del 1985 contrae matrimonio con Elizabeth Ros, producto de este matrimonio nacidos dos hijos llamados Michel y Rosalinda. Se casó el 6 de febrero del 1986 y Ricardo Ros nacido el día 12 de marzo del 1992.

En el año 1985 comienza a trabajar como chófer en el Ministerio de la Industria Azucarera, trabajando por varios años, posteriormente, pasa a trabajar como trabajador por cuenta propia hasta la actualidad.

## A N T O N I O S E N D Í N O R O Z C O

Nacido el día 06-07-1966, hijo de Laureano Sendín Martín, natural de la Ciudad de La Habana, con (ciudadanía española recuadrada) y de Rosa Sixta Orozco Nápoles, natural de Remedios, provincia de Villa Clara. Tiene como abuelos paternos a Nicolás Sendín Martín y Marta Martín Hernández, ambos naturales del pueblo de Villarino de los Aires, provincia de Salamanca España y los abuelos maternos a Pedro Orozco Orozco y Restituto Nápoles Álvarez, ambos naturales de la provincia de Villa Clara, Cuba.

Comienza los estudios de Primaria en la escuela Abraham Lincoln donde cursando el preescolar, pasando después para la escuela Frontón Cumbete hasta el 4to grado, en el Municipio Playa, con notas de Excelente en todos los grados. Posteriormente se traslada para la escuela José Luis Aruñada del Municipio Plaza, donde hace el 5to y 6to grado con notas de Sobresaliente. Se unió a la Básica la cursa en la Secundaria José Luis Aruñada, del Municipio Plaza, allí cursa del 7mo al 9no grado con notas de Sobresaliente.

La enseñanza a preuniversitaria al acursar en el Preuniversitario Antillas, en el municipio Plaza de la Revolución, con notas excelentes, promedio de 98,2 con lo cual logra que el otro organo lacarrera que he citado, Física, en la Universidad de La Habana.

Al siguiente año termina el año de Física, se presenta en la C U J A E y hace examen para comenzar a estudiar la lacarrera de Ingeniería Eléctrica sacando los exámenes y comenzando el primer año de lacarrera.

En el año 1987 termina los estudios universitarios en la Especialidad de Ingeniería Eléctrica en Potencia con notas excelentes.

Este mismo año 1987 comienza a trabajar como Ingeniero Eléctrico en ENC O perteneciente al Instituto Nacional de Sismos Automáticos y Puerción (INSA C ), allí trabaja reparando máquinas de herramientas automáticas, las cuales tenían dañados los circuitos electrónicos, con los cuales ponien do a trabajar la mayoría de estas máquinas de herramientas.

En este centro de trabajo ENC O trabaja por espacio de 5 años aproximadamente, trasladándose en el año 1993 para Maquimport una empresa importadora perteneciente al Ministerio de Comercio Exterior, posteriormente el año 1997 se cambió a de trabajo para Acinox, empresa correspondiente al Ministerio de la Industria Siderometálica (SIM E), por último pasa a trabajar en Copx tel, empresa perteneciente al Ministerio de Comunicaciones y Tronico hasta la actualidad.

En todos estos centros de trabajo realizó trabajos de Ingeniería Eléctrica en proyectos, montajes y puesta en marcha de sismos eléctricos de potencia y en algunos casos en sismos de corrientes débiles.

Se hace socio del Club Villarino en el mes de octubre del año 1993. A partir de esta fecha participa en todas las actividades que allí se realizan, y ayuda en los trabajos necesarios para mantener el local del Club.

El día 8 de julio del 1993 contrae matrimonio con Nubia Fuentes Hernández, de este matrimonio nacieron hijos llamados Adrián Antonio Sendín el cual nació el 4 de noviembre del 1996.

## TERESA SENDÍN RÍNT

Nacida en el pueblo de Villarino de los Aires, hija de Miguel Martínez y de Petra Martínez Benito, ambos naturales de Villarino de los Aires. Teniendo como abuelos paternos a Nicolás Sendín Conde y Concepción Martínez y los abuelos maternos a José Martínez Hernández e Isabella Prieto, todos naturales del pueblo de Villarino, provincia de Salamanca.

Murió por parte de padre, llamada Teresa Sendín Martínez, emigró a Cuba en los primeros años del 1900, casada con Ramón Sánchez fueron a vivir al municipio Arroyo Naranjo.

De esta unión nacieron dos hijos, llamados **Arturo**, fallecido el día 7-09-1993 y **Rubén**, fallecido el día 8-06-1968.

### ISA BEL SENDÍN MARTÍN

Nacida en el pueblo de Villariño de los Aires, hija de Miguel Sendín Martín y de Petra Martín Benito, ambos naturales de Villariño de los Aires. Teniendo como abuelos paternos a Nicolás Sendín Conde y Concepción Martín y los abuelos maternos a José Martín Hernández y Isabel Prieto, todos naturales del pueblo de Villariño, provincia de Salamanca.

Miótría por parte de padre, llamada Isabel Sendín Martín, emigra a Cuba aproximadamente en el año 1910, casada con Gonzalo Fernández y vivió en Barrio Azul, en Arroyo Polanco, del Municipio de Arroyo Naranjo.

De esta unión nacieron tres hijas, llamadas Concha Fernández Sendín, fallecida aproximadamente en el año 2005, Carmen Fernández Sendín, fallecida en el año 2004 e Isabel Fernández Sendín, nacida en Miami, E.U.A.





# **RELATOS DE ESPAÑA**



# Historia de un emigrante en el País Vasco

Manuel Herrero Pardo

## 1. DATOS PERSONALES

Mi nombre es Manuel Herrero Pardo, nacido el 10 de enero de 1931 en Salamanca capital, bautizado en la iglesia de San Ciriaco y San Justo. Mi padre Luis Herrero Merino trabajaba como contable de fábricas de harinas y ocupaba también el puesto de constructor de obras. Mi madre Dolores Pardo Castriello con tres hijos, la mayor, Magdalena, y yo y la pequeña Dolores. Mi abuelo Manuel, por parte de mi padre, colaboró en la construcción de la abasílica de Santa Teresa en Avila de Tormes, yo abandoné con mi abuela, Vicenta, tuvimos cinco hijos, uno de ellos, Manuel, se mató al ir a trabajar a Alaba. Por parte de mi madre mi abuelo Valero, era maquinista de Renfe. Con mi abuela Dolores tuvimos hijas, siendo mi madre la mayor. Vivo en Barakaldo, Vizcaya.

## 2. MIS ESTUDIOS PROFESIONALES

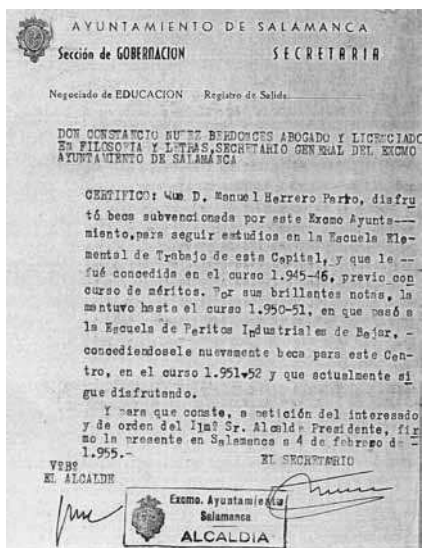
Mi padre deseaba que yo fuera aprendiz para seguir la tradición del abuelo y parte como profesión de mi padre, pero tendrían que desplazarse a la escuela de Burgos, y como estudiantes en la época de transición de la Guerra Civil, tenemos pocos medios económicos. Se decidió que estudiara en el Instituto Industrial en Béjar, donde prácticamente podía ir y volver en el día en el tren de Renfe que llegaba hasta Plasencia. Me presenté al examen de ingreso de septiembre de 1949, aprobando.

Estaba de director y profesor de matemáticas D. Antonio Caramasa Monje, que luego pasó al Instituto de Investigaciones Científicas de Yagüe y estudiaba de las conferencias que impartía en Madrid con compañeros de estudio, José Luis Jiménez Moredón, hijo de un médico de Ciudad

<sup>1</sup> El relato está firmado en Barakaldo el 15 de diciembre de 2000. Dos años después se retranscribió en la abasílica de Avila, en previsión de su finalización en el año 2012 [N.E.]



In g reso en la Esc u el a de P eri tos In du st ri a l es de B é jar.



C ert if ic ado de b ec a r i o del Ex c mo. A y u n t a m i e n t o de Sal aman c a.

dri g o, q u e t en í a f a m a de n o est u di a r y sac a r b u en a s n o t a s, p u e s si e m p r e se l e v e f a en l o s b a r e s y p a s e a n d o. L a r e a l i d a d e s q u e se q u e d a b a p o r l a s n o c h e s a e s t u di a r. S e h i z o i n g e n i e r o s u p e r i o r, p a t e n t ó u n i n v e n t o de s a l i d a de h u m o s en l a s n a v e s i n d u s t r i a l e s q u e f a b r i c a b a en M a d r i d y v i v í a de e s o.

M i p a d r e f a l l e c i ó e l 6 de m a y o de 1950 a l o s 48 a ñ o s, s u p o n e m o s q u e d e s e c u e l a s de l a G u e r r a C i v i l, t e n i e n d o y o 19, p o r e n t o n c e s e s t a b a e n e l p r i m e r c u r s o de c a r r e r a y l e p r o p u s e a m i m a d r e d e j a r l o s e s t u di o s y p o n e r m e a t r a b a j a r a l o q u e s e o p u s o t a j a n t e m e n t e. M i m a d r e y m i s h e r m a n a s m o n t a r o n e n c a s a u n p e q u e ñ o t a l l e r j e r s e í s o b u f a n d a s de l a n a, t r a b a j a n d o m u c h o y s a l í a m o s a d e l a n t e. S o l i c i t é u n a b e c a a l E x c e l e n t í s i m o A y u n t a m i e n t o de S a l a m a n c a, q u e m e c o n c e d i e r o n m a n t e n i é n d o l a d u r a n t e t o d a l a c a r r e r a de P e r i t o e n B é j a r.

U n a t í a m í a, J u l i a, h e r m a n a de m i m a d r e, q u e t r a b a j a b a c o m o s e c r e t a r i a e n l a f á b r i c a de h a r i n a s de B e r n a r d o O l i v e r a, l e h a b l ó a t r a v é s de s u j e f e a D. S a m u e l S o l ó r z a n o B a r r o s o, p e r i t o i n d u s t r i a l a u t ó n o m o, q u e l l e v a b a l a s a m p l i a c i o n e s e l é c t r i c a s de d i c h a f á b r i c a, s i e n d o t a m b i é n r e p r e s e n t a n t e de l a e m p r e s a s u i z a B r o w n B o d e m i a q u i n a r i a e l é c t r i c a. M e l l a m ó D. S a m u e l, p a r a c o l a b o r a r c o n é l c o m o d e l i n e a n t e l a s h o r a s q u e p u d i e r a, s i n p e r j u d i c a r

J o s e s t a d i o s, c o m p e n s á n d o m e c o n ó

<sup>2</sup> B r o w n, B o v e r i & C i e ( B B C ), f u n d a d a e n 1891. D e s d e 1988 e s t á i n t e g r a d a e n l a n t i n a c i ó n a l A B B ( A S E A a n d B r o w n, B o v e r i & C i e), c o n s e d e e n B a d e n ( S u i z a ).

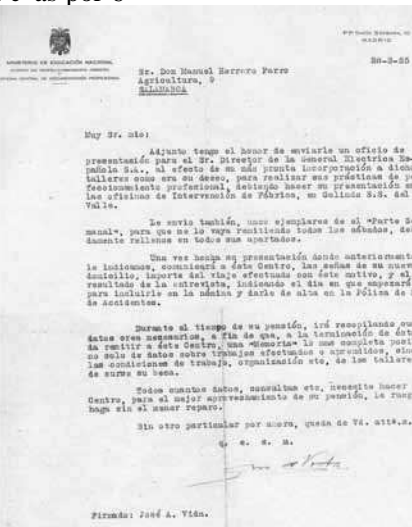
mi c amen te seg  
el trab ajo q u e re  
z ab a, q u e me se  
c omo prác tic as  
lo q u e i b a a ser  
prof esi ó n . A l g  
de los trab aj os má  
i mport an tes en l  
q u e i nterv in e  
ron : el mon taje  
la C en tral H  
eléc tric a del P u  
C on g ost o en el  
T ormes, para la fá  
b ric a tex til G  
C asc ó n , de B é jar,



Di ploma del títu lo de P eri to In du stri al Eléc tric o.  
C asc ó n , de B é jar,  
toda au tomát ic a la di ri g í an desde la fá b ric a a u n os 30 K m., al p á r e c e r, era  
p ri m e r a en E spa ñ a de est e ti po, si n p e r s o n a l en l a c e n t r a l, l í n e a s d e a l t a t e n -  
s i ó n p a r a f i n c a s, a c o m p a ñ a n d o a c a b a l l o p o r l a s d i s t a n c i a s, c u a d r o s d e e q u i -  
p o s e l é c t r i c o s . T e r m i n é l o s e s t u d i o s d e P e r i t o I n d u s t r i a l e l 2 3 d e d i c i e m b r e  
1954.

El 2 8-3-1955 r e c i b í u n a c a r t a d e l M i n i s t e r i o d e E d u c a c i ó n p o r l a q u e  
c o n c e d í a n u n a b e c a d e p r á c t i c a s p o r 6

meses en l a e m p r e s a G e n e r a l E l é c t r i c a d e V i z c a y a, p r e v i a m e n t e  
l i c i t a d a . A l i n d i c á r s e l o a D . S a m u e l h a b í a p r o y e c t a d o  
p r o p u s o s e g u i r e n s u e m p r e s a, p e r o h i j o d e P e d r o, s u h e r m a n o q u e  
l o s t a l l e r e s d e m o n t a j e, e s t u d i a b a b i é n p e r i t o y y o p r e v í a q u e a l  
l a c a r r e r a s e q u e d a r í a e n l a e m p r e s a y n o h a b r í a t r a b a j o p a r a d o s p e -  
c o m o a s í f u e y d e c i d í m a r c h a r m e  
D . S a m u e l h a b í a p r o y e c t a d o h o r n o e l é c t r i c o e n l a e m p r e s a  
M I R A T s i t u a d a e n S a l a m a n c a p a r a p r o d u c i r l i n g o t e s d e h i e r r o  
ó x i d o d e h i e r r o q u e t e n í a n a l m e n u n g r a n p a r q u e, s o b r a n t e c o s t a r u n  
d e h i e r r o, q u e e m p l e a b a n p a r a o b t e n e r



de h i e r r o, q u e e m p l e a b a n p a r a o b t e n e r e n c o n d i c i ó n d e b e c a d e p r á c t i c a s p a r a G e n e r a l  
E l é c t r i c a d e V i z c a y a .

H i s t o r i a d e u n e m i g r a n t e e n e l p a í s

ácido sulfúrico y posteriormente abonos para la agricultura. Todas las se salían de la empresa, dos comisiones con lingote de hierro para un afundi de Durango-Vizcaya; le propuse a D. Samuel aprobarlo para mi desplazamien to y melococedieron.

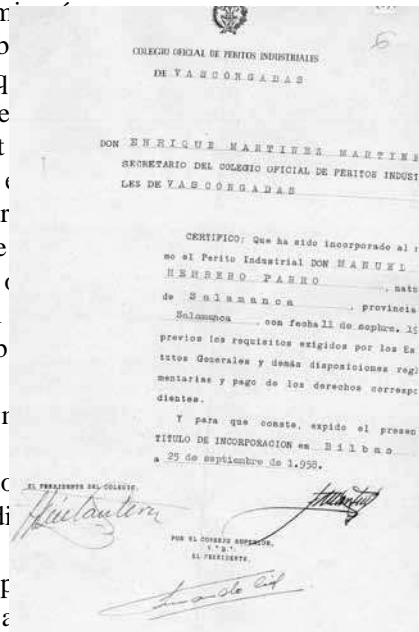
### 3. MITRA BAGJ ON ENAL EL ÉCT RIÑO LDEV IZC A Y A

La fábrica está situada en la población de San Salvador del Valle, 15 Km. de Bilbao y 5 de Barakaldo; comprende de unos 3.000 trabajadores con estructura locomotoras eléctricas, centrales hidroelectricas, transformadores, aparatos eléctricos.

Me incorporé el 14 de abril de 1955, si endomuybienrecibido. Me enaron a los talleres, no estaba permitido subirlas oficinas técnicas, su que para evitar el copiar equi pos patentes. Principalmen te estaba en b oratorios de pruebas donde se aprendía el funcionamiento y manejo de máquinasy equi pos.

El 19 de octubre de 1955 terminé las prácticas. Reviamen te habi tado qu edarme como perito fijo, qu e aprobaron en el mismo mes. Me en tinaron al departamento de est de fabricación, donde se in v o h acían pruebas de prototipos par pués fabricarlos. En octubre me destinaron al departamento de equi pos de bajaten sión para l t r u c c i ó n de centrales y sub eléctricas.

El 25 de septiembre de 1958 me adm itieron en el Colegio O Peritos Industriales de Vasc don de estuve dos años en la di t i v s i e n d o s e c r e t a r i o M i g u e l U r e t a , q u e p r o m o v i ó u n a c o o p d e v i v i e n d a s p a r a p e r i t o s e n l a B r i ñ a s , f r e n t e a l a E s c u e l a d e I n g e n i e r o s I n d u s t r i a l e s S u p e r i o r e s , d e c i s i ó n e s d e l



Certificado del Colegio de Peritos de Vasc on g a r a s de V a s c o a d m i t i d o .

<sup>3</sup> Según la Real Academia Española, “Conjuntode aparatos y accesorios dispuestos para un uso preferentemen te in d u s t r i a l”. (N.E.)

H i s t o r i a d e u n e m i g r a n t e e n e l P a í s V a s c o

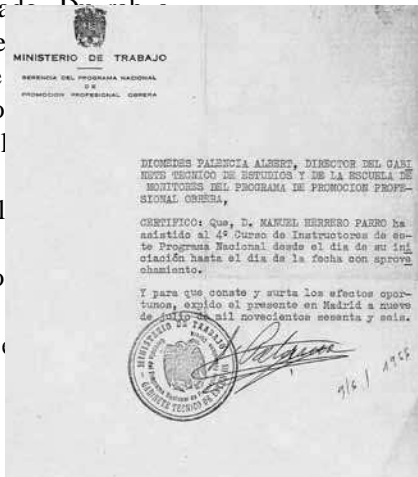
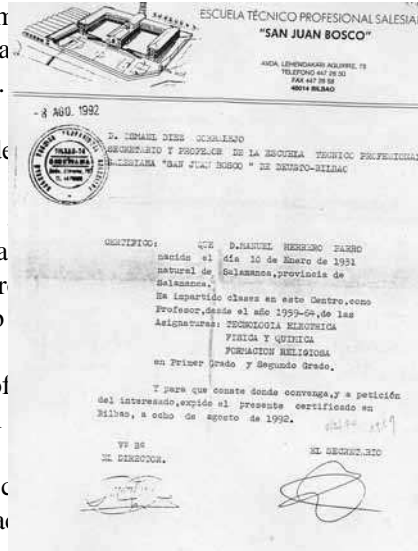
para hacer les sombra. Posteriormente promovió el colegio Vizcaya para niños de gran prestigio.

Concretamente residía en particulas de Barakaldo y me desplazaba al trabajo en el tren de Renfe, línea de Muskiz pañero de trabajo, Manuel Basame propuso sustituirle como profesor para unas clases después del trabajo en la fábrica, que él deseaba la Escuela de Formación Profesional de Deusto, que llevaban los Salas clases eran por las tardes, de 20 h. de asignaturas técnicas salía de la fábrica a las 17 h., así estando los años de 1959 a 1964.

Además estuvo un tiempo de formación interesante, preparando a un grupo de alumnos para su ingreso en la carrera de Perito Industrial.

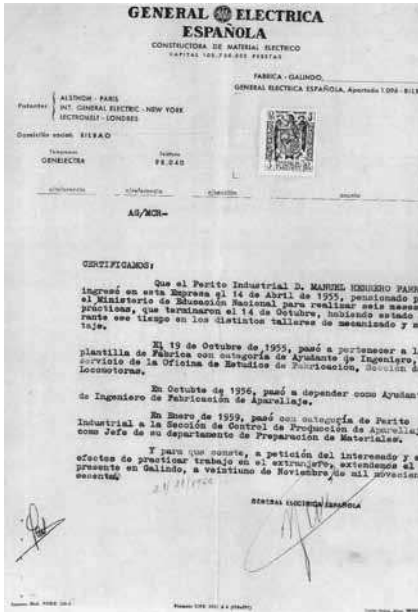
El 24 de mayo de 1966 recibí una carta del Ministerio de Trabajo por la que me seleccionaban para realizar un curso en Madrid de Instructores del Programa de Promoción Obrera (PPO), que había solicitado dos meses y se lo propuse a mi jefe que me indicó que si no se podía darme permiso. Acorramos: tomar vacaciones, desplazarme al guines a la fábrica, hacer parte del en la Delegación de Madrid en viabando por correo interno la ayuda de los compañeros. No había problemas y terminé el curso el 7 de julio de 1966.

Con este título podría organizarse cursos en las empresas con suscripciones del PPO, por lo que se pasó al Departamento de Formación e Instructores del PPO.



Historia de un emigrante en el País Vasco





de G eneral Eléc trica, pero como se demoraba la c on t est ac i ó n me presenté en la empresa S.A. Ec h ev arri a, A c eros H EV A , en la q u e n e c e s i t a b a n u n J de F ormac i ó n de P ersonal, y me sel ec - c i on aron, si en do el di rec t or soc i al D. T omás R odríg u ez Sah ag ú n, h erman o del q u e fu e mi n i s t ro, q u i e n b u s c a b u n p e r i t o c o n e l t í t u l o de I n s t r u c t o r del P r o g r a m a de P r o m o c i ó n O b r e r a.

4. M I F A M I L I A Y A M I G O S E N V I Z C A Y A

Si t u a d o y a p r o f e s i o n a l m e n t e, c o n s e g u í u n p i s o de l a C a j a de A h o r r o s M u n i c i p a l de B i l b a o, si t u a d o e n l a P l a z a P l á c i d o C a r e a g a, 8, 6º de D e u s t o, B i l b a o. E n t o n c e s m e t r a j e a m i m a d r e

C e r t i f i c a d o de m i t r a b a j o e n G e n e r a l E l e c t r i c a h e r m a n a p e q u e ñ a, E l t a m p o se c a s ó c o n u n b u r g a l é s, D o m e n t o M e r i n o T o m é, r e s i d e n d o a c t u a l m e n t e e n L a s A r e n a s, V i z c a y a y h a n t e n i d o c u a t r o h i j o s. M i h e r m a n a, L e n a, t a m b i é n se c a s ó c o n u n s a l m a n t i n o, E l i e c e r R o m o M a r c o s. T a m b i é n h i j a s y se q u e d a r o n e n l a c a s a de n u e s t r o s p a d r e s, q u e u s á b a m o s c u a n d o m o s a S a l a m a n c a. Q u e d ó v i u d a y a h o r a r e s i d e e n P l a s e n c i a, C á c e r e s, e s t a n c o n s u h i j a m a y o r B e g o ñ i t a q u e e s m é d i c o. L a o t r a h i j a, M a r i l e s, se c a s ó c o n u n m a d r i l e ñ o y d i r i g e u n a e m p r e s a de p u b l i c i d a d.

A l p o c o t i e m p o de t e n e r c a s a p r o p i a, v i n o u n p r i m o a r e s i d e r c o n n o s t r o s, V a l e r o G u i l l é n P a r r o, h i j o de u n a h e r m a n a de m i m a d r e. Q u e r í a e s t a r m a r i n o e n l a E s c u e l a de N á u t i c a, p e r o se c o n v e n c i ó de q u e e r a m e j o r h a b e r u n a c a r r e r a de t i e r r a. E l i g i ó F a c u l t a d de I n g e n i e r í a M e c á n i c a de M i n a s. T e r m i n ó l o s e s t u d i o s, se c o l o c ó y se c a s ó c o n u n a z a m o r a n a, M a r r i d o B u e s o. T u v i e r o n t r e s h i j o s y l u e g o v i n i e r o n de Z a m o r a l o s d o s h e r m a n o s de e l l a, q u e t a m b i é n se c a s a r o n e n V i z c a y a. M i p r i m o p r o m o v i ó u n a c a r r e r a de e x c a v a c i o n e s c o n o t r o s o c i o y l e s f u e m u y b i e n, a d e m á s, h a s i d o p a r t e de t o p o g r a f í a e n l a E s c u e l a de M i n a s y se h a j u b i l a d o e n s e p t i e m b r e a c t u a l m e n t e u n h o m e n a j e de l o s c o m p a ñ e r o s.

L o s p r i m o s c o n e l a p e l l i d o P a r r o, n o s r e u n i m o s t o d o s l o s a ñ o s, e l ú l t i m o e s t a n s á b a d o de s e p t i e m b r e e n S a l a m a n c a, y a q u e a l g u n o s t a m b i é n h a n e m p r e s a c o m o J o s é M a n u e l F r a n c o P a r r o a V i z c a y a, s u h e r m a n o P a b l o a B a r c e l o n a.

H i s t o r i a de u n e m i g r a n t e e n e l P a í s V a s c o

Manolama Mangas Parra  
 d. La jornada la pasamos  
 en la finca Rodas Viejas  
 unos 30 Kms de Salamanca  
 capital, celebrando  
 c apea con vacuillas  
 Nos llevamos las ganaderías  
 de toros por el campo de  
 encinas en un remolcador  
 tractor, se come y merienda



lotípico de Salamanca. Con nosotros en Rodas Viejas - campo de Salamanca.

### Mis principales amigos

salmantinos emigrados a Vizcaya son: Vicente Rodero Hernández, jefe de Cooperativas y Subdelegado del Sindicato Vertical, tramitaba las subvenciones de cooperativas principalmente de Mondragón; Francisco Riesco Pabogado del Ayuntamiento de Barakaldo, su padre fue el fundador de la Universidad en tiempo de Unam cuando era rector y le sustituyó en sus ausencias Luis Ramos Martín, abogado de la empresa Unquinsa, primer presidente del Centro Salmantino, Director de las escuelas de Turismo y Graduados Sociales de Vizcaya; Pedro Heras Sevillano, Abogado, Maestro, Graduado Social, licenciado, montó bufetes en Bilbao y Barakaldo que le llevaron sus hijos con prestigio; Florencio Gómez Castellanos, profesor de Instituto; José Heras Seidedos, Jefe de seguridad de Tubos Reunidos; Nicolás Borges, Director general de la escuela en Bilbao y abogado con bufete; José Sanz Martín, licenciado, jefe de personal de varias empresas. Médicos: Joaquín Vicente Barruco, Fernando Gómez Wals, Filiberto Benito Corral, muy apreciado en Barakaldo. Alfonso Marcos, fue director de la ciudad sanitaria de Cruces. Otros: Alberto Martín profesor en la Escuela de Náutica; Bonifacio Gómez, jefe de una empresa de montajes. De Vizcaya, Modesto Pardiño Melendo, periodista rigió el montaje de centrales de depuradoras de agua en Cabo Verde; José Antonio Añezaga y Kapa Rentería, compañeros de General Eléctrica. Periferia: Béjar, José Vicente Barruco, se hizo ingeniero superior y trabajó en Bilbao Wilco; Manolo Crego Vicente, en Iberdrola; Santos Nieto, de la empresa Ingeniería Idom. Nacido en Burgos capital, José Alfonso Tamayo, inspector de la policía secreta, jefe de archivos en Bilbao con el que salía todos los días a tomar vinos, por lo que a mí, en los bares me tomaban por policía, hasta que un día cambió la situación social y José sólo salía para ir al trabajo por distintos casos. Yo me he mantenido soltero por las circunstancias. Mi hermana Dolores su ele esc ribir sobre Castilla y León. En el 2004 ganó el premio literario Federación de Castilla León de centros en Vizcaya y sigue participando en temas de Castilla y León.

5. M I T R A B A J O E N L A E M P R E S A . S . A . E C H E V A R R I A

Después de General Eléctrica, donde estuvo 12 años, empezó en esta empresa a finales de 1967, con categoría de Técnico Superior como Jefe de Formación de Personal, con más de 2.000 trabajadores, estando su sede principal en Bilbao, Calameda de Urquijo 4, donde tenía muchos otros compañeros: Alberto Esteban (Asesor Jurídico), Benito Izquierdo (Jefe de Métodos y Tiempos), José Martínez Abascal, (Jefe de Seguridad), Fernando Lecue, (Recursos Humanos). Nuestro jefe era D. Tomás Rodríguez Sahagún, abogando que escribiera libros para empresas en una editorial con el nombre Hermano, que fue Ministerio de Industria.

La compañía estaba compuesta de dos fábricas, la de Recalde, situada en el centro de Bilbao cerca del Ayuntamiento y la de Santa Águeda, a unos kilómetros de Bilbao, en Castrejana, en el cauce del río Cadagua, a unos 5 Km. de fama de productos especiales, principalmente por realizar inversiones en un laboratorio situado en la fábrica de Recalde, siendo el director de la fábrica, D. Jesús Azañón, catrático de la Escuela de Ingenieros.

Fabricaban todo tipo de piezas forjadas y varillas de hierro de diversas calidades y diámetros, con instalaciones muy antiguas, poco rentables para la maquinaria. La dirección y atención al cliente estaba en la oficina de la fábrica de Recalde, para su sustitución, para su sustitución, situada en la población de Basauri, a unos 12 Km de Bilbao, en el cauce del Río Nervión, con los adelantos técnicos.

En la fábrica de Santa Águeda existían más de 1.000 trabajadores en cubierto, (seguían trabajando y cobrando pero no se producía nada). Había que reconvertirlos y hacerlos aptos para la fábrica de Basauri, evitándose lo posible en lo que concierne al personal del exterior. Distintos puestos de las nuevas instalaciones. Organizar los cursos de las aulas, con la metodología del PPO y unos manuales didácticos que elaboró el Sr. Madrid, adaptados a la formación de adultos en profesiones actuales, añadiendo los otros aspectos de la empresa. El trabajo de los operarios consistía en asistir a las clases que, al no estar acostumbrados a permanecer tan todo el tiempo, había que hacer más descansos, y enseñar a leer y escribir, en algunos casos de personas con baja nivel de conocimientos. Al finalizar cada curso se hacía una evaluación, presidida por el Director Manuel Arce, que concierne a todos y solía preguntarle en el momento por sus familiares, pues los concierne por residir en la zona.

Los cursos estaban subvencionados por el PPO, y al tener yo el puesto de Instructor, después de justificados, enviaban el dinero a través del Banco de España en Bilbao con cheque a nombre de la empresa con un sueldo y estos tal como se los entregaba en tesorería de

empresa. Su i mport e su perab a en mu c h o l o q u e y o g a n a b a , p e r o c o m o l a e m - p r e s a t e n í a u n p r e s u p u e s t o a n u a l p a r a f o r m a c i ó n , p r o p u s e q u e e s t a s u b v e n - s e r e p a r t i e r a e n t r e l o s a s i s t e n t e s a l o s c u r s o s , y a q u e a l n o e s t a r e n p r o d u c c i ó n c o b r a b a n m e n o s , l o c u a l l o a c e p t ó l a d i r e c c i ó n c o n e l a g r a d e c i m i e n t o t r a b a j a d o r e s .

Era u n a e m p r e s a m u y s o c i a l , p o r e j e m p l o , e l J e f e d e O b r a s S o c i a l e s , E s p i - n o s a , h a b í a s i d o u n t r a b a j a d o r m a n u a l c o n d o t e s n a t u r a l e s , n a c i d o e n B u - q u e l o p r o m o c i o n a r o n p a r a e s t e p u e s t o , t a m b i é n e r a c o n s e j e r o d e l a C a j a d e A h o r r o s M u n i c i p a l d e V i z c a y a . U n d e t a l l e d e l a o r g a n i z a c i ó n , e r a q u e d e n t e y a l g u n o s d i r e c t o r e s t e n í a n c o c h e c o n c h o f e r d e l a e m p r e s a , q u e d e e n e l g r a j e y p o d í a m o s u s a r l o s n o s o t r o s p a r a i r a l a s f á b r i c a s , l l a m a n d o p o r t e l é f o n o a l e n c a r g a d o d e l g r a j e q u e m a n d a b a a l q u e e s t u v i e r a l i b r e c o c h o f e r .

O t r o t r a b a j o m í o e n S . A . E c h e v a r r í a , e r a c o l a b o r a r c o m o p r o f e s o r e n l a E s c u e l a d e A p r e n d i c e s , s i e n d o e l D i r e c t o r d e l a m i s m a D a n i e l N o r i e g a , p e r i t o s i t u a d a e n l a f á b r i c a d e R e c a l d e . E n e s a é p o c a l a s g r a n d e s e m p r e s a s t e n í a n s u e s c u e l a d e a p r e n d i c e s , s u p o n g o q u e p a r a a s e g u r a r l a m a n o d e o b r a e s p e c i a l i z a d a d e s u s n e c e s i d a d e s . L a d e R e c a l d e t e n í a p a r a l a e d u c a c i ó n f í s i c a d e l o s a l u m n o s u n c a m p o d e f ú t b o l , M a l l o n a , y l a p a r t e d e l t e r r e n o d e l a f á b r i c a s e h a d e d i c a d o a p a r q u e p ú b l i c o , d o n d e s e m o n t a n t a m b i é n l a s b a r r a c a s e n l a f i e s t a s d e B i l b a o , r e s p e t a n d o u n a d e l a s c h i m e n e a s d e l a f á b r i c a c o m o r e c u e r d o o a d o r n o . C u a n d o i b a a l a s f á b r i c a s , n o r m a l m e n t e m e q u e d a b a a a c o m e r e n c o m e d o r c o l e c t i v o , e n S a n t a Á g u e d a , l a c o c i n e r a , S r a . L a r r e a , m e p o n í a e s p e c i a l .

A f i n a l e s d e 1969, m i c o m p a ñ e r o y a m i g o , A l b e r t o E s t e b a n , e l A s e s o r J u r í d i c o , m e i n f o r m ó d e q u e u n e n e u a e m p r e s a , P e t r o n o r S . A . , n e c e s i t a b a u n J e f e d e S e l e c c i ó n y F o r m a c i ó n d e P e r s o n a l y c o m o l a s c o n d i c i o n e s m e j o r e s , m e p r e s e n t é y m e s e l e c c i o n a r o n .

## 6. C O M O D I R E C T I V O D E L C E N T R O S A L M A N T I N O C A L L E O N É S D E V I Z C A Y A

E s t e C e n t r o s e f u n d ó e l 17 d e n o v i e m b r e d e 1965, e n u n l o c a l d e l C o l l e g i o S a l e s i a n o d e B a r a k a l d o . L a s r e u n i o n e s p r e v i a s s e h a b í a n c e l e b r a d o e n e l C e n t r o Z a m o r a n o d e B a r a k a p o r m i a m i s t a d c o n e l n u e v o s e c r e t a r i o d e l S a l m a n t i n o , F r a n c i s c o R i e s c o , m e h i c e s o c i o e l 8 d e d i c i e m b r e d e 1965 t e n i e n d o e n l a a c t u a l i d a d e l n ° 6 d e s o c i o . E l l o c a l s o c i a l e s t á e n l a c a l l e F r a n c i s c o G ó m e z 11 d e B a r a k a l d o . E s t u v e c o m o s e c r e t a r i o e n e l e j e r c i o 1979-80 y c o m o p r e s i d e n t e e l 1987-88 . H e o b s e r v a d o q u e e l a m a y o r í a d e l o s s o c i o s , q u e p r o c e d í a n p r i n c i p a l m e n t e d e l c a m p o , y q u e n o h a b í a n t e n i d o l a o p o r t u n i d a d e e s t u d i a r , a l r e s i d i r e n V i z c a y a , d o n d e h a n n a c i d o s u s h i j o s , é s t o s h a

lizado, casi todos, c arreras superiores. O tra observación es que existen pocos centros Castellano-Leoneses comparado con los de Galicia, Aragón o Extremadura. Esto lo achaca a que tenemos más capacidad de integración y no necesitamos tanta tolerancia de otros paisanos. En el Centro Salmantino Castellano-Leónés se promovieron grupos como el de baile, canciónes populares, confección del traje regional, dirigidos por la Asociación de Salamanca de formación familiar para mayores y de idiomas para los pequeños, deportes, condecoración, ronaldilla, banda de cartón, y en deportes, el juego de fútbol a "calva", siendo el primer equipo, el del Centro Salmantino, que fue uno de los otros socios sus estatutos antes de nacer en 1987.

Después, se han creado en las poblaciones más importantes del País Vasco, siendo federados por el Gobierno Vasco, celebrando una liga por provincias y un campeonato autonómico. Se juega en los campos de concreto y de césped, expresamente por los ayuntamientos donde hay equipos, con expectativa de público y también existe en el Centro Salmantino de fútbol sala y otro de baloncesto, que compiten con otros federados en un año, teniendo que ser socios del Centro Salmantino los jugadores, si bien en forma de mantener y atraer a la juventud de los Centros.

Todos los años se celebra el día del **hodospuzsde** Semana Santa, los cuales se encargan a algún pueblo de Salamanca, como Los Santos



Como jugador del equipo de calva del Centro Salmantino C.L.

<sup>4</sup> Platotípico de Salamanca a que aún a varios de los ingresos más populares de zona, como el churizo, el lomo y el jamón, acompañados de *hLu unesode* occido. El *Aguas*, lun esiguien te al de Pascua en la ciudad de Salamanca a su ele salirse a los campos y prados de los alrededores de la ciudad, para comer o merendar, en otras cosas, esta empanada rellena de embutidos de la tierra. (N.E).

Bodón . La última semana de septiembre es cultural, dedicada a la patrona, la Virgen de la Peña de Francia, abierta a todos los ciudadanos. Como del 8 al 21 de septiembre se celebran las ferias en Salamanca se realiza después de terminadas éstas para que puedan asistir más socios y alguna autoridad de Salamanca, en esta semana participan todos los grupos del Centro: hay conferencias, un día se dedica al Campo, “fiesta campera”, donde se reúnen las familias de los socios en un campo a 2 Km en el barrio de Grostiza. Durante toda la jornada se realizan competiciones deportivas y gasteronómicas, bastante típicos con la gaita y el tamboril.

Se terminan la semana cultural el domingo con la Santa Misa en un ambiente de alegría y seguido, en el local social, se entregan los premios y trofeos de las competiciones y del concurso literario, con la asistencia de autoridades y socios, además, se invita a un lunch. A los socios que han cumplido 25 años el Centro se les entregan un llavero con un botón de charro de plata y a los de 40 años un buen reloj.

En los estatutos del Centro Salamanca figura a tener como diácono un sacerdote asesor religioso, siendo el primero D. Ángel Gómez Santamaría, sacristán de la parroquia de Barakaldo, nacido en Salamanca capital, promotor del Centro y colaborador en las obras iniciales de acomodo del local. Actualmente es el Sr. Jesús Pereña Holgado de Villaverde, párroco de la parroquia de Santa Teresa de Barakaldo. Su labor para el Centro consiste en realizar bodas, comuniones, bautizos de hijos de socios, se los piden y visitas a los que están enfermos, celebrando normalmente la misa patronal con el sermón correspondiente.



En un momento de la Fiesta del Centro Castellano y Leonés de Vizcaya

Cada año se hace una excursión de dos días a una parte de la provincia de Salamanca con la idea de que los más jóvenes la conozcan y no pierdan las costumbres de sus padres. También se permite la asistencia de personas que no sean socios, si hacen un pago con distinto coste.



Homenaje a los socios de más edad del Centro Salamanca C.L.

Historia de un emigrante en el País Vasco



Ex iste un a F ederación de C entros de C astilla y L eón de V izcaya tamb ién c elebra un a seman a c ultural an ual c olaboran do todos los c o-derados. Y øst u v e en la d irectiva y promov imos un a c ooperativa de viv ienda llamada A g ru c asle (A g ru pac ión de C entros de C astilla y L eón ) de 80 g araje en z on a c èn trica de Barak aldo. L a J unta de C astilla y L eón : a su día an ual, q ue se c elebra en un a c iudad de la C omu nidad, asist ien presen tantes de C entros C astellan o-L eoneses de España a los ac tos c ultu- de en trega de premios a person as de d istintas espec Y abida dese en la del 2 3-4-95.

En el C entro Salmantino C astellan o-L eon ès, se h ac en 2 03

En es de un día du ran te el año, en próximas a V izc aya c omo S bastián , L a R ioja, B urg os, L ou rdes, Bay on a... El loc al so-



C entro tien e dos plan tas y si- las c elebra c ion es, c on un b alle al púb lico, c on barra m u y coc in a. L a fin alidad in ic c entros era la de ac og er a los c a-

n os y leoneses q ue v en ían a trab ajar a V izc aya, pero al no ex ist ir en Lu eoa os

pu est os de trab ajo, se dedi ca a pot en - c iar loc ultural, tu rístico e h istóric o C astellan o-L eon ès, para darlo y el in terc amb io de los g ru pos de can te y baile, c on in v itación q c entros de otras prov incias y autori dades.

A ctualmen te y osu el opasar c así a d iari o por el C entro, para tomar al g el b ar, est ar c on los c ompañeros y leer la G ac eta de Salaman c a y El Norte C astilla, q ue se rec ib en d iari amen te y c on oc er lo q ue oc u rre en las prov incias y G ob ierno de la C omu nidad, pu es por el trab ajo de mi pac fáb ricas de h arinas, resi di mos en V itigu di no, Bañob arez , M ac otera, C Salaman c a y me sig u en in teresan do su sac tiv idades.

7. M I T R A B A J O E N L A E M P R E S A P E T R O N O R S A .

A l dejar la empresa S.A . Ec h ev arría, me in c orporé a P etron or el 2 d en ero de 1970 c omo J ef e de Sel ec c ión y F ormación de P erson al, c on c at de t éc nico su peri or. L as ofic in as las ten ían en la c alle El c an on º1 de B a los dos meses me tr asl adé a la plan ta de la empresa q ue h ab ía si do fu ndada a fin al es de 1969 c omo refin ería de pet ról eos, est an do si tu ada la de produ c c ión en M usk iz a u nos 2 0 K m. de Bilb ao, cerc a del mar, en un as mari sm

H istoria de un emigrante en el País Vasco



t u v e m i t r a b a j o d e f i n i t i v o . L a e m p r e s a e r a p r i v a d a , c o n c a p i t a l d e l o s b a n c a j a s d e a h o r r o y l a G u l f a m e r i c a n a , q u e y a t e n í a o t r a r e f i n e r í a d e s d e h a c í a a ñ o s e n H u e l v a , q u e c o l a b o r ó e n l a c o n s t r u c c i ó n d e l s u p e r p u e r t o d e V i e n a p a r a p o d e r a t r a c a r p e t r o l e r o s d e t o d o c a l a d o ( h o y p e r t e n e c e a R e p s o l ) . A l p r i n c i p i o m e e n v i a r o n a H u e l v a e n d o s t a n d a s d e 15 d í a s p a r a c o n o c e r l o s p u e s t o s d e t r a b a j o y e l f u n c i o n a m i e n t o d e l a r e f i n e r í a d e q u e e l m é d i c o d e l a r e f i n e r í a d e H u e l v a e s t a b a c a s a d o c o n u n a p r i m a c a r n a l m í a , M a r i M a r í a H e r r e r o , h i j a d e u n a h e r m a n a d e m i p a d r e y e l j e f e d e s e g u r i d a d , L u i s C o r t e s t a m b i é n d e S a l a m a n c a , h a b í a s i d o c o n d i s c í p u l o m í o e n B é j a r .

E n p r i n c i p i o m i t r a b a j o e n P e t r o n o r c o n s i s t i ó e n s e l e c c i ó n a r o p e r a d o r e s d e p l a n t a y p e r i t o s , c o n l a e x i g e n c i a d e q u e t u v i e r a n e l t í t u l o d e M a r t í n P e r i t o I n d u s t r i a l y p r e f e r e n t e m e n t e q u e h u b i e r a n e s t u d i a d o e n U n i v e r s i d a d d e L a b o r a l e s , q u e a l s e r b e c a r i o s e i n t e r n o s e s t a b a n m e j o r p r e p a r a d o s , y l a g e n c i a p a r a t o d o s d e l s e r v i c i o m i l i t a r c u m p l i d o .

E n M u s k i z h a b í a u n a e s c u e l a d e f o r m a c i ó n p r o f e s i o n a l d e g r a n p r o g r a m a g i o f u n d a d a p o r e l p á r r o c o D . M a r c e l o G a n g o i t i , q u e l u e g o n o m b r a r o a d o p t i v o d e V i z c a y a p o r s u l a b o r s o c i a l . C o m o e l t r a b a j o d e l o s o p e r a r i o s e n s u m a y o r í a e r a a t u r n o s , a l a e m p r e s a l e i n t e r e s a b a q u e f u e r a n d e l e n t o r n o y p r i n c i p i o r e a l i z a m o s l a s c o n v o c a t o r i a s d e s e l e c c i ó n d e p e r s o n a l e n l a e s c u e l a d e M u s k i z , p e r o l o s a l u m n o s n o p o d í a n o p t a r p o r n o t e n e r e l s e r v i c i o m i l i t a r y l o s a n t i g u o s e s t a b a n c o l o c a d o s e n m u c h a s e m p r e s a s d e l a z o n a , y P e t r o n o c o n t r a t a b a p a r a f o r m a c i ó n d e u n o a d o s a ñ o s , p o r l o q u e t u v i m o s q u e h a c e r l a s p r u e b a s e n B a r a k a l d o y B i l b a o , p a r a c o n s e g u i r c a n d i d a t o s . A l g u n o s d e M u s k i z l u e g o l e s p e s ó e l n o p r e s e n t a r s e .

E l d i r e c t o r d e P e t r o n o r , d u r a n t e s u i n i c i a c i ó n f u e D . F e r n a n d o B e r m u e y e f i c a z . P r e p a r a m o s u n a s n o r m a s d e s e l e c c i ó n y f o r m a c i ó n , c o n r e u n i ó n e s e m a n a l e s p a r a i n f o r m a r l e d e l o s e x p e d i e n t e s d e l o s c a n d i d a t o s s e l e c c i o n a d o s . P o r c a d a p u e s t o d e t r a b a j o s e p r e s e n t a b a u n a t e r n a d e c a n d i d a t o s v á l i d o s p a r a e l e g i r p o r s u j e f e i n m e d i a t o . L a s r e c o m e n d a c i o n e s s e r e s o l v í a n c o n l a i n f o r m a c i ó n d e l p r o c e s o d e s e l e c c i ó n q u e q u e d a b a a r c h i v a d o p o r p o s i b i l i d a d d e r e c l a m a c i o n e s y n o t u v i m o s p r o b l e m a s a l a d a p t a r n o s a l o e s t a b l e c i d o e n l a s n o r m a s p r e v i a m e n t e e s t a b l e c i d a s . F u e r o n s e l e c c i o n a d o s b a s t a n t e s c a n d i d a t o s c a s t e l l a n o s l e o n e s e s c o n b u e n r e s u l t a d o p o s t e r i o r . L o s v a s c o s s o n p o r n a t u r a l e z a m á s c a l l a d o s , c u a n d o s e p r e s e n t a b a n a l o s j e f e s , e n m u c h o s c a s o s , h a b í a q u e c o n v e n e r l e s q u e e r a n m u y b u e n o s p a r a e l t r a b a j o d e l p u e s t o s o l o c a n d i d a t o s p u e s e n l a e n t r e v i s t a n o l o d e m o s t r a b a n . L o s c u r s o s t e ó r i c o s y p a r t e p r á c t i c a s s e h a c í a n c o n l a m a q u e t a d e l a r e f i n e r í a n e c e s a r i a p a r a l a c o n s t r u c c i ó n , q u e s e b í a n r e a l i z a d o l a s e m p r e s a s d e i n g e n i e r í a s , q u e d e s p u e s d e s t r u í a n . N o s o t r o s l a s e m p r e s a s p e d i m o s p a r a l a f o r m a c i ó n d e l p e r s o n a l t é c n i c o a u n s e c r e t a r i o y d o s p e r i t o s i n d u s t r i a l e s , u n o p a r a f o r m a c i ó n y o t r o c o n i n g l é s p a r a a t e n d e r a



Compañeros de trabajo de P E T R O N O R S.A . en V iz c a y a.

ing en ieros ameri can os como traductor. La teoría la dábamos en las aulas de la Escuela de Muskiz, por conveniencia con D. Marcelo, hasta primeros del 40 que se terminó de montar la refinería y fueron incorporados los trabajadores que estaban en formación a sus puestos de trabajo. Muchos operadores ritos hicieron las prácticas en la refinería de Huelva. Normalmente estaban año formándose antes de dejarlos solos en el puesto de trabajo por seguridad de las instalaciones. La política de la empresa era seleccionar personal para formarlos, en vez de seleccionar los de otras empresas que podían tener costumbres y teorías distintas.

Un tipo de operarios que no encontrábamos eran los instrumentosistas cesarios para reparar y regular los aparatos de control y medición eléctrica, sólo la Escuela de Formación Profesional de Mondragón (Guipúzcoa) para. Nos desplazamos y hablamos con el director y fundador de la escuela y de las cooperativas futuras, el sacerdote padre Arizmendi, que fue gestiones con los antiguos alumnos, pero no conseguimos nada para Petronor, aunque las condiciones económicas eran muy buenas que estaban integrados en sus cooperativas como Eroski o Ulgor, cuyas escuelas profesionales con los principios del fundador de responsabilidad personal en el trabajo y un trato de fraternidad con los compañeros. impartentítulo de ingeniero superior en esta escuela.

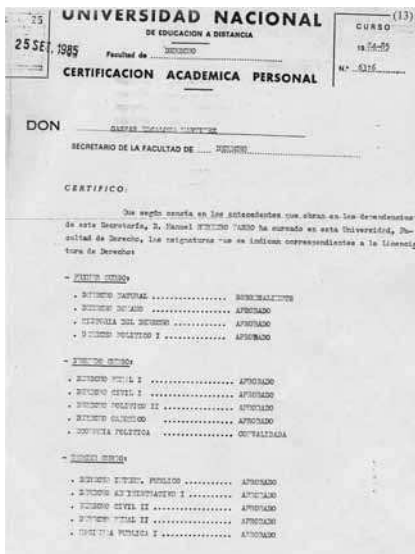
Con un amigo, Domerciano García Soto, Jefe de Selección y Formación Personal de la empresa Babcock Wilcox, promovimos una asociación en

compañeros de empresas de trabajo similar, formación y selección de personal. En las medianas y pequeñas empresas estaba lab or la realiz ab an los mismos jefes de personal que también podían hacerse socios. Nos reunimos por primera vez en el Colegio de Peritos de Bilbao que solicitó como colegio, la micción opudov en ir y tuve que dirigiry ola reu ni ón , creándose la A F Y DE, Asociación para la Formación y Desarrollo de la Empresa, que como finalidad el transmitirentre los socios experiencias y nuevas técnicas de formación de personal, quedando yo como vicepresidente. Realizábamos actividades en un local cedido por la Cámara de Comercio de Bilbao. Los reu ni on es eran quincenales y ponada un socio sus experiencias de cursos o viajes y apartevisitábamos sus empresas para conocer su trabajo.

Cuando terminó el fuerte de la selección de personal en Petronor me convocaron Jefe de Obras y Servicios Sociales, llevándola organización del club de colectivos, deporte de personal, autobuses con tratados necesarios para los turnos, préstamos de viviendas, (a los que residían en Muskiz se les otorgaba un 30 % más), ayudas de estudios para trabajadores e hijos, encomendado por el que elegimos a la cooperativa Eroski, grupos deportivos, lo que me interesaba para bajar el colesterol, según el médico de la empresa, había ciclistismo, montañismo, atletismo, submarinismo, fútbol sala y otros, de hecho, yo participé en atletismo en un acarrera de 10 Km. y quedé el primero y también practiqué el submarinismo que realizábamos en el superpuerto. Tenía reu ni on es periódicas con el Comité de Empresa para resolver las reclamaciones y notuve problemas que traté como amigos a los distintos representantes de los sindicatos.

Todo el personal de la planta de la refinaría tenía que hacer prácticas de seguridad en un campo adaptado para el futuro con equipos personales. Los Clubes Sociales nos encargábamos de dar la enseñanza teórica, para los operadores de planta con mas seguridad, por la importancia de su trabajo, y a que el organismo requiría en señalar a realizar bien el trabajo de cada puesto, por el caso de incendio por derrame de fluido, lo importante era cortar el fuego antes de que se propagara, por lo que se les enseñaba a utilizar las llaves correspondientes, pues con la cantidad de tuberías de la refinaría, tenían que estar bien formados para evitar siniestros.

Y tenía que estar al día de las normas y legislación oficial y en caso de siniestros hacer el informe correspondiente, por lo que me matriculé en la Universidad Nacional de Educación a Distancia para estudiar Derecho, licenciándome sin dejar el trabajo. La empresa me daba permiso para los exámenes abonando el importe de matrícula y libros. Al cumplir la edad me jubilé en Petronor para dedicarme a mis actividades particulares.



Certificado de mis estudios de Derecho realGertificado al término del contrato de trabajo en dos por la UNED. PETRONOR S.A.

### 8. EN LA ASOCIACIÓN DE AMIGOS DEL OSCAMINOS DE SAN TIAGO DE DEVIZAYA

Siendo presidente del Centro Salmantino, un directivo de dicha asociación, Eduardo Lecanó del Río, nos dio un acharla sobre el Casan de Santiago y me gustó tanto que me hice socio y por mis intervenciones en el mismo me nombraron vocal de la directiva.

La función de estas asociaciones, principalmente, es atender a las personas que quieren hacer el Camino de Santiago por cualquier medio, establecidas, informarles, darles la credencial para sellarla en las poblaciones por donde se pasa y que es necesaria para permanecer en los albergues del Camino que atienden los "hospitales", socios que han realizado un camino de peregrinación y cursos normales por lesiones.

El local social de la Asociación está situado en la Catedral de Burgos, dedicada al Apóstol Santiago y el Obispo D. Ricardo Blázquez nos ha prestado por haber ejercido en Santiago de Compostela.

Mi función principal en esta asociación era preparar la documentación para solicitar subvenciones a los centros oficiales. La Xunta de Galicia subvenciona a todos los años la publicación de una revista anual.

Historia de un emigrante en el País Vasco

Los socios, hacemos salidas los fines de semana para estar en forma, principalmente por el Camino del Norte, acompañados de algún socio experto en arte e historia; otra fue al monumento de la palabra “Castilla”, situado cerca de Villasana de M en a provincia de Burgos. En los locales públicos se organizan conferencias, exposiciones etc .



Por el Camino de Santiago del Norte, en Vizcaya.



Primer documento de la ~~p~~ ~~u~~ ~~b~~ ~~l~~ ~~i~~ ~~t~~ ~~r~~ ~~a~~ en el Monasterio de Taranco

<sup>5</sup> F u en *El Correo Español del Pueblo Vasco* edición del 08-03-1997. [ N.A . ]

Un a de las ru tas q ue hic imos fu e por la V ía de la P l at a, parti en do de Baños de M on temay or (C ác eres) pern oc tan do en el alb erg u e de Fu en t e de Salv at ierra, a c arg o de D. Blas, el párroc o, h asta Sal aman c a, don de al pasa r por la c alle Zamora en tramos en la ig l esi a de los C armel it as para el sell ado de la c reden c i al; v olvi óc on di n ero en bil let es para q ue pi di éramos a Sa para por ellos; n o los cog imos, di ci én dole q ue rez aríamos ig u al. C on ot ro a V ic ente R odoero H ern án dez, c on tin u amos h asta Zamora, pu es y o ten ía port en er el lib ro de José Sen dín de la F un dac ión R amos de C ast ro de Zamora tit u lado V ía de la P l at a.



P eregr in os de V iz c aya en la V ía de la P l at a por Sal aman c a.

## 9. M ISC O NT A C T O S P O ST E R I O R E S C O N D. SA M UEL S O BA R R O SO EN SA L A M A NC A

Si empre q ue i b a lev is it a b a. C u an do se ju b il óc omo h ab ía ten id o c on las fá b ric as de B éj ar, desi n teres adamen te, lesh iz ou n proy ec to y di spon mon taje de un a cen tral h idroel éc tric a, aprov ec han do los cau dal es de t rans produ c ien do la el ec tric idad nec esari a para B éj ar, pob lac ión de más de v einti mil h ab itan tes. Se termi n ó la C en tral y le pu si eron el nomb re de Samu el Bar r o r z an o. En un a de las v is it as q ue le hic e en Sal aman c a q ue da mos en i nterv iew pero n o pu di mos por est ar del ic ado deb id o a su edad. T ien e t amb ién un a pla ca en el A y un t amien to de B éj ar “en ag rad ec imien to a su c o l ab orac ión”.



● BEJAR Jueves, 12 de junio de 1997

# Merino alabó el proyecto de la central (19) Samuel Solórzano «en momentos de crisis»

El vicepresidente visitó también El Castañar y el centro de cultura "San Francisco"

*El vicepresidente de la Junta, Jesús Merino, inauguró ayer la central hidroeléctrica "Samuel Solórzano" situada en el sitio de "Los Molinos" con la perspectiva de ser una fuente de ingresos para la ciudad de Béjar.*

● JULIÁN M. CARRASCO

Jesús Merino fue el encargado ayer de contar la típica cinta inaugural y descubrir una placa conmemorativa.

En el Centro de Cultura "San Francisco" de Béjar era un día pleno de satisfacción. «Hay que reconocer la labor de anteriores ayuntamientos, sin cuyas ideas y concursos no hubiéramos estado hoy aquí». El acto fue también un pequeño homenaje a Samuel Solórzano cuyo nombre se ha dado a esta central. «Ahí quedará para siempre porque —continuó el alcalde— Solórzano fue el ideólogo de estas dos realidades y animó siempre a todos a continuar hacia adelante».

Samuel Solórzano, colaborador del Ayuntamiento en materia de construcción de estas centrales, fue muy breve en su intervención y mostró su unión a Béjar de siempre, destacando el que en el proyecto y posterior ejecución de obras se haya preservado la mata de castaños «sin hacer daño al medio ambiente. Aquí seguís teniendo un buen amigo de Béjar», señaló.

Cerró el acto Jesús Merino, para decir que era una doble



Jesús Merino inauguró junto a Samuel Solórzano la central hidroeléctrica



Las autoridades recorrieron las instalaciones

satisfacción el estar en Béjar, y destacó la importancia de aprovechar el agua para crear riqueza y además crear alternativas.

Al final del acto Merino visitaría las dependencias del antiguo convento franciscano y la zona de El Castañar.

Además apoyó la instalación del telesilla en la Sierra de Béjar como otra alternativa a la crisis textil y en este aspecto señaló que «es necesario el apoyo de la Junta, de la Diputación y del propio Ayuntamiento para salir adelante».

Al acto asistieron autoridades locales y provinciales, además de la empresa constructora.

In a u g u rac i ó n de l a c e n t r a l e l é c t r i c a S a m u e l S o l ó r z a n o e n B é j a r

O t r a a c t i v i d a d q u e r e a l i z ó D. S a m u e l e s e s c r i b i r s u s m e m o r i a s l a s c u a l e s e l a s d i c t a b a a u n a s e c u n d a r i a a n d o i b a m e l e a l g u n o s p á r r a f o s . L a U n i v e r s i d a d d e S a l a m a n c a e l a s h a p u b l i c a d o e n u n l i b r o t i t u l a d o " H i s t o r i a d e u n a V i d a " , p r i m e r a e d i c i ó n d e 2 0 0 1 . M e f a c i l i t ó u n e j e m p l a r s u s o b r e S o l ó r z a n o , a c t u a l p e r i t o y j e f e d e l e l e c t r i c i d a d S o l ó r z a n o .

<sup>6</sup> F u e n E l A d e l a n t o d e S a l a m a n c a e d i c i ó n d e l 1 2 - 0 6 - 1 9 9 7 . [ N . A . ]

H i s t o r i a d e u n e m i g r a n t e e n e l P a í s V a s c o



## 10. MISACTIVIDADES DE JUBILADO

Al principio me dediqué a dar charlas con diapositivas de los Camiños Santiagos en residencias y centros de tercera edad, pero tenía interés en conocer las asociaciones de Bancos de Alimentos, y en un viaje que hice pasé por los locales del Banco de Alimentos de Madrid para conocerlo. Me proporcionaron una copia de sus estatutos, que los dejé en la mesa de mi domicilio. Al poco tiempo me llamó por teléfono una persona que también era miembro del Banco de Alimentos de Madrid y le indicaron que yo tenía que ir a sus estatutos, quedamos en una cafetería de Las Arenas y resultó que conocíamos pues habíamos trabajado los dos en General Eléctrica. Se llamaba Enrique García Lapeña y es un genio en su profesión.

Preparamos los estatutos y los enviamos al gobierno vasco, que lo volvió a conocer la su gerencia de que el título no reflejaba los fines y su gestión "Luchamos contra el despilfarro de Alimentos. Banco de Alimentos de Vizcaya". Los aprobaron el 22 de mayo de 1995, y con otros amigos formamos la Junta Directiva, quedando Enrique de Presidente y yo de Vicepresidente; la primera asamblea de socios pasó a ser Secretariado. Estuvimos casi un año en una oficina prestada, buscando local, con edición del periódico mensual "Cesión" y un centro de empresas en la población de Basauri con un edificio de 500 m<sup>2</sup> y después nos concedieron otro de 800 m<sup>2</sup> con más facilidades para la compra y descarga en los vehículos.



Convoluntarios del Banco de Alimentos de Vizcaya.

La finalidad de los Bancos de Alimentos es recoger excedentes de alimentos en buenas condiciones de consumo, que no aptos para comercializar por algún motivo, mal etiquetado, no evas reposición es etc., para donarlos a instituciones y familias necesitadas de Vizcaya.

Al estar cerca de Mercabillbao su distribución nos proporciona otro lugar donde recoger a través de un inspector, de 3.000 a 4.000 kilos diarios de frutas y verduras que se entregan el mismo día a instituciones, residencias de ancianos, centros de discapacitados, asociaciones de emigrantes, de familias, parroquias y congregaciones religiosas.

Con lo que se recoge en el almacén de Basauri de empresas y mayoristas en total se ha repartido en el 2006, 1.900 toneladas de alimentos. Estos 4 millones de voluntarios, todos jubilados sin ninguna retribución, la mayoría han trabajado en empresas por lo que aplicamos nuestra experiencia profesional, el horario es de mañana.

Ministración como secretaria con sistema en llevar la documentación de libros exigidos, subvenciones, normas de funcionamiento. El gobierno nos concede la denominación de Utilidad Pública, pudiendo desgravar empresas por las donaciones de alimentos realizadas. La directiva del Banco de Alimentos se reúne todas las semanas, con un orden del día, pasando las actas de las reuniones al libro oficial y tratando con el presidente de ejecución acordado y todos los años en enero nos reunimos todos los voluntarios en un local aparte, para programar las actividades del año en curso. Celebremos



Carpetilla del Banco de Alimentos de Vizcaya en una Feria de ONG.



Homenaje del Banco de Alimentos de Vizcaya a por mi labor.

Los cumpleaños de voluntarios  
asamblea de socios de marzo 2011  
salí de secretario, pero si go llevé  
Los voluntarios, seguros, infor  
formación, así estando dos días a  
mana. El 30 de octubre de 2011  
hicieron un homenaje durante  
mi día en tregán dome una plac  
dedicación durante este tiempo

Una de mis aficiones es el sur  
rismo, principal mente en España  
dos marinos, con el equipo ad  
que practico regularmente  
cerca del mar. En esta zona hay  
afición a la montaña y colaboro  
Club para salidas por las mañanas

Como había dado con ferre  
del Camino de Santiago, imp  
la actualidad desinteresadamen  
colegios, centros de tercera edad, pa  
rroquias y residencias, con ordenador



Ordenador de Ciervana de su marinista.

Historia de un emigrante en el País Vasco



En u n a ex c u rsi ó n de mon t a ñ a c on c ompañeros del C l u b .

proy ec tor y u n prog rama de P ow er P oi n t sob re “sol i dari dad” y ot ros temas t amb i én est oy prepa ran do u n a sesi ó n del “c amb i o cl i má t i c o”.

A c t u al men te he par tic i pa do en c on c u r sos l i te ra ri os de may o res, ob ni en do u n t rofeo del Il u st r í si mo A y u n t ami en to de Barak al do “L a ac ti v i : Los may o res” y u n di pl o ma c on pre mi o

ec on ó mi c o de l a Di pu ta ci ó n Bi z k ai a por el t ra ba jo: “L os pe re medi ev a les y San M amés de Bi Ten g o pu b li ca do u n li b ro Espí ri tu del P reg ri n o” (Edi ta o: l ab ra, 2 0 0 4); v a ri os art í c u R ev i st a T é c n i c a I n du st ri a g i o N a ci on al de P e ri to s, y u t i t u l a do “M ét o do de F o r ma ci ó del ma n do en l a em p re sa” de l a Edi ri al Don Bos co. T o do s est o s t ra ba ac ti v i da des desc ri to s, c re o q u real i z a do em pu j a do por l a prov i de c on l a ay u da de mi s f a mi li a re s, y j e f e s a l o s q u e l e s est oy a g ra u ec i u o.

ILUSTRÍSIMO AYUNTAMIENTO DE BARAKALDO – ACCIÓN SOCIAL

Concurso PROSA: “LA CONVIVENCIA ENTRE MAYORES”

Cualquier ciudadano requiere una calidad de vida y salud para relacionarse con los demás: familia, amigos, vecinos, compañeros, siendo la intención de crear un buen ambiente para ser acogido socialmente por los demás, pero no basta el querer, hay que responsabilizarse personalmente y tratar de mejorarse y colaborar con los Servicios Sociales a mayores de los Municipios y de las Diputaciones, como complemento de cada actividad personal.

Todos deberíamos participar en la comunidad para estar relacionados con: la Cultura, Educación, Vivienda, Transporte, Justicia, Desarrollo urbano y rural, que nos afecta en cualquier edad, según cada situación por residencia o capacidad, y los mayores con más razón por tener formado ya un criterio de todos estos temas.

Los mayores jubilados se supone que tienen más tiempo libre y, con la experiencia adquirida por los años, de su trabajo profesional, la familia, amigos etc., podrían aplicar esta riqueza al bien común, que también es el propio, siempre con los apoyos necesarios de las Administraciones.

Los mayores deben tener mentalidad social, que se adquiere con el trato de otras personas, para convivir y aprender lo bueno de los demás, con respeto, manteniendo la dignidad individual, sin exclusiones por la edad, cultura, discapacidad o raza.

Hay que estar activo para mantener la capacidad física y mental, buscando oportunidades e iniciativas, relacionándose con otras personas, asociándose en actividades que a ser posible coincidan con las propias necesidades y aficiones, como puede ser montañismo, senderismo, medio ambiente, naturaleza, deporte, cultura, altruismo, viajes.

Los mayores necesitan un equilibrio emocional, valorándose a sí mismos para aceptarse como se es, teniendo el propósito de colaborar en un cambio de mejora como persona y socialmente, siendo comprensivos con todos, rechazando lo negativo, optimista, tratando de estar activo mientras las propias facultades lo permitan, por el bien propio y de los demás.

T ex to de esc ri to pre mi a do por el A y u n t ami en to de Barak al do.



# Tr es g ener a cio nes de inm igr a ntes en u na m is m a fa m ilia

El adi o de J u an O rodea

R emon tán don os al año 1898, en la Sierra de la Demanda (Burgos), se movía el proyecto de construcción del ferrocarril minero, que tenía su origen en la gran cantidad de minas de mineral y de carbón que había en las entrañas de dicha serranía. Una compañía inglesa fue la promotora que, reparando en esta área como posible negocio y dando valor a estas tierras, comenzó su sueño para muchos que vieron la posibilidad de establecerse en esta zona.

Este ferrocarril minero cubría una distancia, desde Villafraja a Montorio de la Demanda (Burgos), de 56 kilómetros e iba cortando todas las montañas a su paso por dos vertientes, una para el ascenso de la vía, y la segunda, por abajo a la vista si se encontraba en un terreno con pendientes pronunciadas para arrastrar de las materias primas.

La importancia que tuvo la construcción del ferrocarril en los pueblos de la zona era obvia. Todos añoran que el ferrocarril pasase por su territorio por muchos factores; venían muchos inmigrantes a trabajar, de hecho, había una población de 1800, y económicamente, eso eran ingresos en el pueblo, en los comercios, bares, etc. Además de los inmigrantes temporales, trabajadores que vivieron a trabajar en la construcción de dicho ferrocarril, cabe destacar que muchos se quedaron a vivir allí definitivamente. Este es el caso de mi padre, Daniel de Juan Rísuño, que es el personaje inicial de mi narración. Le he investigado un poco, pero merece la pena escucharla.

Mi padre, Daniel de Juan Rísuño era natural de Fuentes de Oñoro (Llana de Caceres). Como Fuentes de Oñoro es frontera con Portugal, el movimiento ferroviario era muy importante, una institución. Existía una escuela que formaban y estudiaban en la propia estación férrea, de ahí los alumnos salían formados como factores, jefes de estación, etc. Mi padre vino a este ferrocarril

con tres hermanos, y a con tratados como técnicos, u h onera sob rest an t padre Dan i el era el b en jamín de la familia, con tab a con 17 años.

Se q u edaron en Barb adillo de H erreros (Bu rg os) y con el paso de la v i f ueron c rec ien do. M i padre se en amoró de mi madre, J u an a O rodea G a c h an a. A mi padre le lleg ó la edad de ir a la mili, pero aún así los amores si- g u ieron . Est o ac on tec ía c u an do la g u erra de Áfric a, en el Barran c o del y h e de c omen tar q u e c u an dorsey A adó en so X III (190 6), est ab a mi padre dan do esc olta a la c arroz a de los rey es, c u an do el an arq u ista M M orral tiró la b omb a en tre un ramo de flores. H iz o el serv ic io militar e d r i d y leg u st ab a mu c h o est u di ar, sob re todo, la c arrera militar. L eten q u e se presen tab a a ex ámen es y si empre sac ab a el pri mero seg u n do pu est o pero se ab u rri ó porq u e au n q u e sac ab a los pri meros pu est os, dab an paso c o preferen cia a los h ijos del c u erpo, h ijos de v i u das militares c on peores n a los q u e llamab an “su pern u merarios”. A sí mi padre se lic en ci ó ab u rri despu és de lic en ci a do lev in o a casa el asc en so a sarg en to. De lo q u e sí t c ert ez a es q u e mi padre era mu y list o, ten ía u n a memori a c rist al in a. De h se sab ía de memori a la orden an z a militar en tera y h ab ría si do u n g ran mi P ero la v ida le ac ompañó fav orab le para ser lo q u e era, u n h omb re h on r in telig en te, etc .

V in o del serv ic io militar lic en ci ado y se casó con mi madre J u men c ion ado ferroc arril y a est ab a parado y fu e ob lig ado a c amb iar de tra No tu v o n in g u n a di fic ultad en c oloc arse en u n a fáb ric a de sill as c on oc ido por su c apac idad in telec tu al y en seg u ida le di eron u n c ar pon sab ili dad, en c arg ado de la empresa. A sí en el tran sc u rso de los años de s feliz matri mon ion ac imos c in c o h ijos, A lf on so, El adio (el q u e n arr Soc orro y M ax i; aún en el paso de los años si empre rec ordamos las en señan z as

de n u est ros padres, todas b u en as ¡q u é b u en os rec u erdos!

C on taría y oc on c in c o años, c u an do el farmac éu tic o, el médic o y en su s h oras de oc io, org an iz aron u n as ob ras de teat ro. Eran “de C apa y pada”: *Don J uan de Padilla* *Don J uan Tenorio* *G uz mán el B uen* ras q u e du rab an tres h oras di v i di das en c u at ro ac tos y mi padre, di c h o sea de p era el prot ag on ista, el papel más larg o. T en ía u n a let ra redon dilla y c lara. leg ib le, así q u e él se en c arg ab a de esc rib ir los papel es de cada person aje lo q u e se sab ía el papel de todos.

R ei t ero q u e t en ía u n a prodi giosa memori a, y q u e era q u eri do por t o l en omb raron al c al de del pu eb lo y prof esó el c arg o du ran te mu c h os años

<sup>1</sup> C apat az . (N.E.)

<sup>2</sup> Derrot a mili tar español a su fri da en 190 9 en la z on a mon t a ñosa del R if , en las pro m i dades de M el illa. (N.E.)



c an o a los 80 años mu ri ó, en Zu márrag a (G u i púz c oa), don de y a h ab íam o emig rado su s h i j os.

Est a n arrac i ón es en sín tesi s porq u e podrí a esc rib ir u n lib ro en t ero de su b u en as ob ras. T oda est a v ida q u e c u en t o es v iv ida en Barb adillo de H e (Bu rg os), de don de era mi madre J u an a y don de h emos n ac ido los c in c o h er man os.

L a seg u n da g en erac i ón de in mig ran tes, somos su s h i j os. Un o de mi s h er man os, A lf on so, mi padre y yo, en soc iedad, t en íam o la fáb ric a de sill as en Barb adillo. Nu est ro sac ri fic io n os c ost ó mon tar la, porq u e la est ab lec imos r e s o t ros mi smos. Éramos mu y h áb il es y c on mu c h a prec i s i ón mon t amos t ran smi s i on es, c on c o j in et es a b ol as, h ac íam o las pol eas de di st in t o di ámet ro, seg u n q u é rev ol u c i ón req u ería la máq u in a para su t rab ajo. En fin , t odo el m o d e u n a in du st ria de aq u ellos t iempos. M i padre Dan iel , l lev ab a la di rec c i ón . F ab ric áb amos set en ta model os v ari ados de sill as, en su may oría t orn eadas y l ab radas, sof ás, sill on es, c on fiden tes, et c . T an t o es así, v e q u e a e v ari as v ec es en t elev isión , en esc en as de t eat ro, sill as y mob ili ario de n u est ra produ c c i ón . Nos aleg rab a e il u s i o n e n o n o h a y a ell as sill as en t alla, rei t ero q u e era mara v i - l l o s v e l t rab ajo de los t orn os, c on aq u ella rapi dez y t éc n i c a . L a íst ima q u e en aq u ellos t iempos n o ex ist ían v ideos para g rab ar lo porq u e sería i n t e r e s a n t o v e r l h o y p e r o en a u s e n c i a de la i mag en est á mi n arrac i ón y la i mag in ac i ón de u st edes para v is l u m b r a r l o . C on n u est ra produ c c i ón su mi n i st r áb amos a t o d a E s p a ñ a y en t r e los pu n t os más i mport an tes podríamos n omb rar: M adri d , Q u i n t a n ar de la O rden , T oledo, C ab ez a de Bu ey , et c . T odos n u est ros t rab aj os de mader a de h ay a del país, porq u e la Si erra de la Deman da produ c e mu c h a h ay a, de mu y b u en a c ali dad, u n a mader a mu y fina para t rab ajar.

T odo est e mov imi en t o de maq u in ari a, si erras, t orn os, et c . era mov i do por u n a loc omov i ble, pero más adel an t e seg u iré c on el t ema, por ah ora, v ol v aré a h ac i a t rás en mi v ida, desde mi n i ñez

R ec u erdo c on c ari ño el amor q u e mi s padres me prodig ab an , ¡q u é b e n d i c i ón ! A l os sei s años t omé i n g reso en la esc u el a de n i ños, c omo t an t os ot ros éramos oc h en t a n i ños h ast a los c at orce años q u e era la edad reg l amen t ari a para perman ec er en la esc u el a . Y e n t o n c e s t u v e o t r a u n i v e r s i d a d q u e e x m i p r o p i a p e r i e n c i a de la v ida. Eso sí, era mu y i n q u i e t o, mu y a c t i v o, t odo lo q u e e n c o n v e r t ía en u n apren di z aje, mi s o j os se f i j a b a n d r á s t i c a m e n t e c o n l a a m b i e n t e del sab er. No sería mu y sob resal i en t e en la esc u el a, pero me g u s t ab a p r e g u n t a r a q u e l l o q u e n o e n t e n d í a para n o e r r a r e n e l e j e r c i c i o, y mi m a e s t r o, D o n L o r d o, me l o v o l v í a a e x p l i c a r m í q u e t e n í a i n t e r é s e n m í y m e t e n í a c a r i ño, m e c o n s i d e r a b a a c t i v o p e r o n o r e v o l t o s o .

A sí f u e r o n p a s a n d o l o s a ñ o s, m e g u s t a b a j u g a r a l a p e l o t a, q u e d e h e c i o en Barb adillo de H erreros t en emos u n se ñor f r o n t ón , q u e es el r e c r e o de l o s n i ñ o s . E s d e p i e d r a d e s i l l e r í a, c o n u n e s p e s o r d e u n o s oc h e n t a c e n t í m e t r o s .

T res g en erac i on es de i n mi g ran tes en u n a mi sma fam i l i a

b i en pu l i da, desc u b i ert a pero de reg l a men t o. C ab e dec i r aq u í q u e au f u i mu y l u mb reras en l a pel o t a, me d i v ert í a y a ú n si g o c on l a af i c i ó n y v ed o s part i dos de pel o t a en t e l e v i s i ó n . P ero lo q u e m á s me g u s t ab a era n at ac i ó n y c omo t en emos u n r í o r í c o de ag u as l i m pi as, el P edroso, si e s t ab a en el ag u a, era c omo u n an f i b i o. T en í a el rec ord de b u en n adado man t en í a mu c h o t i empo deb a j o del ag u a.

A l o s c at orce años dej é l a esc u el a, porq u e n o se pod í a ~~más~~ oc t ar ( t i empo. Empec é a t rab a j ar en l a f á b r i c a de s i llas, me g u s t ab a mu c h o t rab a j ar en l a mader a, me v ol v í u n prof esi on al , f ab r i c ab a b u en os mu eb les y c omo. A ú n t en g o t rab a j os b i en c on serv ados, c omo rec u erdo g u ardo espec i al u n sec ret er q u e es u n rompec ab ez as q u e t i en e u n as d i men s i on es de 40 y s i mu l a u n a b i b l i o t e c a. El fon do ol a b ase de l a c a j a es u n l i b r o y l a t a p a ot r o l i b r o de d i men s i on es i g u al es al del fon do. En pos i c i ó n v ert i c a l c o l o c ados ot ros doc el i b r os, todos en s i mu l a c r o, es dec i r, h u e c os por den t al est art o todos b i en p i n t ados c on d i s t i n t os c o l o r es y c on s u s respec t i v os da l a i m p r e s i ó n de q u e se t r a t a de u n a b i b l i o t e c a. P ara ab r i r l a c a j a, t i e n e b u s c a r l a ll a v e, de ah í q u e d i g a q u e es u n rompec ab ez as. L a ll a v e q u e den t r o de l a c a j a, y ~~ven~~ ~~en~~ seg u i d a t i en es q u e h a c ert e c on l a c erradura q u e t a m b i é n est á oc u l t a den t r o de l a “c a j a-b i b l i o t e c a”. Est e t rab a j o l o empe ño c u ando est ab a en amor ando de Soc orro y l e h i z o mu c h a i l u s i ó n t rab a j é c on s u mo esmero, n ada de c l a v os, en samb lan dol a z o ñ a c o l a de m i l pero oc u l t os, para q u e n o se v i e s e l a t e s t a de l a mader a e i n g l e t a n do a c u a r y c i n c o g r ados. Est e t rab a j a n o se h a c e porq u e se prec i s a mu c h o t i empo y pac i en c i a, v i r t u des q u e n o ab u n dan en est os t i empos.

O t r a de m i s af i c i on es era l a pesc a de l a t r u c h a. S i mu l t a n e a b a el t rab a j o c on l a s h oras de oc i o en l a s q u e c o g í a l a c a ñ a e i b a a pesc ar. El r í o P edroso era ab u n dan t e en r í c a s t r u c h as y y o a ú n n o s i en do u n b u en pesc ador mu c h as c on mosc as art i f i c i al es q u e y o m i sm o c on fec c i on ab a.

No q u i e ro dej ar de dar a c on oc er m i ot r a g r a n af i c i ó n l a m ú s i c a. Est o da mu c h o de ex p r e s i ó n (pero me l i m i t a r é a ser b r e v e. M e g u s t ab a t o c a r l a g u i t a r r a, m i s p a d r e s l o v e í a n c on mu c h o a g r a d o y me c o m p r a r o n u n a, p a r a q u e era el m a y o r reg l o q u e me pod í a n h a c e r. De h e c h o a p r e n d í c on mu c h as h o r a s de pr á c t i c a y a l g u n a s c l a s e s q u e me d a b a n . M i s “c o n c i e r t os” eran ac o m p a ñ a d o s. M á s t a r d e c omo m i s p a d r e s v e í a n m i af i c i ó n n o t a r d a r o n en c o m p r a r m e u n a l a ú d por pet i c i ó n m í a y u n a b a n d u r r i a, así q u e d o m i n a b a l o s t r e s i n s t r u m e n t o s. H o y r g u l l o s a m e n t e l e s est o y a g r a d e c i d o a m i s p a d r e s q u e n o e s c a t i m a r o n d a r m e e s e c a p r i c h o.

<sup>3</sup> T é c n i c a para u n i r p i e z as de mader a. (N.E.)

M i v i d a i b a h a c i a d e l a n t e y v a p o m e t a p a d o , y a s e a c e r c a b a l a e d a d d e e n a m o r a r m e . L e g a d o e s e m o m e n t o m e e n a m o r é d e u n a b o n i t a c h i c a , m u y g u a p a , d i g o b o n i t a y g u a p a , p e r o m e d e j o l o m e j o r , s u b o n d a d y s u c . F u i m o s a l m a t r i m o n i o y n u e s t r a f e l i c i d a d r e i n ó s i e m p r e . P e r o t e n g o q u e e n u n p e q u e ñ o a l t o , e s t á b a m o s r e c i é n c a s a d o s y s u r g i ó l o p e o r , l a m a l d i t a g u e l a s e p a r a c i ó n .

M e m o v i l i z a r o n c o n v e i n t i t r é s a ñ o s . M e d e s t i n a r o n a i n f a n t e r í a e n g o s . A l o s q u i n c e d í a s d e h a b e r i n g r e s a d o , s i n s a b e r b i e n l a i n s t r u c c i ó n l l e v a r o n a l f r e n t e d e T e r u e l e n p r i m e r a l í n e a a r r a s t r a n d o u n m u l o e n t r e n a y f r í o . H a b í a m u c h a s c o n g e l a c i o n e s d e p i e s y m a n o s q u e t e n í a n q u e a s i n c o n t a r l o s c o m p a ñ e r o s q u e m u r i e r o n o d e s i n t o p r e s e n c i e c o m o s e a m i l a n a b a n y s e q u e d a b a n c o n e s a s o n r i s a d e l a m u e r t e e n l a c a r a y y a d e s p e r t a b a n , p o r m u c h o q u e e l e s a n i m á m o s a m o v e r s e p a r a e n t r a r e n e a c c i ó n y c o g e r e a l o r .

T e n g o p a r a e s c r i b i r u n l i b r o s ó l o d e e s t e t e m a . N u e s t r o c o m e t i d o e r a c a r g a t o s m u l o s d e m a t e r i a l d e g u e r r a , p o r e j e m p l o , c a j a s c o n p r o y e c t i l e s d e f u s i l y m o r t e r o s , b o m b a s d e m a n o l o s c e b o s o f u l m i n a n t e s d e l a c i t e . É s t o s t e n í a m o s q u e t r a n s p o r t a r l o s e n e l p e c h o o l o s b o l s i l l o s p o r q u e c o n r o c e e x p l o t a b a n f á c i l m e n t e y e r a u n p e l i g r o . A s í , e n t r e g á b a m o s e l m a t e r i a l a s m i s m a s t r i n c h e r a s a l o s f u s i l e r o s q u e e s t a b a n e n d e f e n s a d e l a s t r i n c h e r a s . T o d a v í a r e c u e r d o b i e n c o m o l l o v í a n l a s b a l a s , e r a c o m o c u a n d o c a e e l g r a d e u n a t o r m e n t a , n o e s n i n g u n a f a l a c i a . A ú n m á s , t e n í a m o s p o s i c i o n e s u n a n o c h e , l a s t o m á b a m o s y l a s v o l v í a m o s a p e r d e r h a s t a s i e t e v e c e s , r e i t e r e n u n a s o l a n o c h e . ¡ A q u e l l o e r a u n h o l o c a u s t o ! Y n o s e a c a b a a q u í e y a q u e c o m o l o s a t a q u e s s e r e p e t í a n c o n s t a n t e m e n t e , e n u n a n o c h e , e n a t a q u e s , q u e d a b a u n a c a n t i d a d i m p o r t a n t e d e h o m b r e s m u e r t o s y t e n í a m o s r e t i r a r l o s y b a j a r l o s e n l o s m u l o s , e s a e r a n u e s t r a m i s i ó n . L o s m u l o s y a e s t a b a n p r e p a r a d o s c o n s u s a l b a r d a s y u n a e s p e c i e d e a r n é s o g u a r n i c i ó n c o n u n g a n c h o s d e h i e r r o y c o n u n a s c u e r d a s f u e r t e s . D e e s t e m o d o , c o l o c á b a m o s c a d á v e r e s e n l o s m u l o s , s u c o l o c a c i ó n n o e r a c a m i n o d e r o s a s , c o l o c á b a m o s u n o a c a d a l a d o d e l m u l o e n p o s i c i ó n h o r i z o n t a l y o t r o s a t r a v e s a d o s . L u l o s b a j á b a m o s a u n b a r r i o d e T e r u e l q u e s e l l a m a S a n B l a s y s e e n t r a r r a n a f o s a s c o l e c t i v a s . E n u n a o c a s i ó n , m e v i o b l i g a d o a d e s c a l z a r u n m u e r t o p o n e r m e s u s b o t a s q u e e s t a b a n m á s n u e v a s q u e l a s m í a s . M e e s t á t e m b l a n d o l a p l u m a a l e s c r i b i r l o , m e e n t r i s t e c e r e c o r d a r l o , e s t o e r a l a g u e r r a , u n a h i s t o r i a d e c a l a m i d a d e s .

P e r d í a m o s l a n o c i ó n d e l t i e m p o , n o s a b í a m o s c u a n d o e r a n i s á b a d o , n i d o m i n g o , n i f e s t i v o . L o q u e n u n c a p e r d í f u e e l a m o r a l a f a m i l i a , e l

<sup>4</sup> T i p o d e g r a n a d a m a n o . ( N . E . )

au men tab a c ada día. M i mac u to est ab a prov i st o de papel , pl u ma y t i r en t on c es n o ex i st í a el b ol í g raf o. En c u al q u i er parada si est á b amos av ar y o l o pri mero q u e h ac í a era c og er mi s art í c u los de esc ri b i r y sen tado, en t pi ern as dob ladas q u e me serv í an de pu pi tre, esc ri b í a di ari amen te, proc u n o t ran smi t i r mi s cal ami dades para q u e mi f ami l i a n o su fri era. C omo y me termi n aron l os sob res, prac ti q u é aq u ello q u e mi maest ro Don L ean d en señó en l a c lase, u n día n os di jo: “si en alg u n a oc asi ó n os v ei s c on sob re para en v i ar u n a c arta, se dob l a l a mi sma c arta ~~pasca~~ <sup>pasca</sup> r i l l e y ase i g u al ~~v~~ <sup>v</sup> ~~usa~~ l lada” pu es est e ej empl o, q u e n u n c a ol ví dé me si rv í a m í en g u erra. No t en í amos q u e f ran q u ear l as c artas, est á b amos l i b res de sel los, se me dec í a Soc orro, h ab í a días q u e rec i b í a v ei n t e c artas j u n t as, l ó g i c o est á b amos c erc ados, n o en t rab an i sal í a c orrespon den c i a de c artas.

En T eru el me su rg ieron dos h ern i as i n g u i n ales y me sac aron del f pri mer pu est o de soc orro q u e se en c on t rab a en San Blas, don de an t eri orme h ag o men c i ó n del en t errami en t o en fosas c omu nes, y q u e est á b añad r í o T u r i a. M e prest aron en ese pu est o de soc orro l os pri meros au x i l i os, despu f u i pasan do por di st i n t os h ospitales, me ev ac u aron en u n b arc o h ospit Sest ao a V i g o, y f u i operado en P on t evedra en u n a c l í n i c a-h ospit al .

C on u n a c on v alec en c i a “asu et o” de q u i n c e días, me rei n c orporé a dad y f u i dest i nado a u n a leg i ó n i t al ian a, u n t erc <sup>5</sup>, i ~~pede~~ flec h as n eg j o j o ! , q u e c on st á b amos c omo v ol un t a r i os, pero me l l ev aron forz oso en de mi v ol un tad. T an t o es el c aso, q u e t amb i én el mu lo q u e arrast ráb am más det alle, en el c asc o de l os mu los, l os t en í an marc ados, “est i g mat iz ad f u eg o C . T . V . (C u erpo de T ropas V ol un t a r i as).

C on l os i t al ian os operamos t odo el fren t e de C at al u ña, si empre por l o mon tes, h ast a i r c og i en do T arrasa, Sab adell , et c ., f u i mos h ast a q u e se el fren t e de C at al u ña en C assa de l la Sel t a h i an os eran mu y pu sil á n i - mes y c on t emor a mori r. T en g o u n a an éc dot a de ese fren t e c on l os i t al i C omo est á b amos si empre en el mon t e, l a h i g i en e b r i l l ab a por su au sen en ese pu eb lo q u e h ag o ref eren c i a, C assa de l a Sel v a, en t ré en u n a pel c on u n a b arb a de t res meses y el t raj e de mi l i t ar h ec h o j i ron es, t odo rot o u n desastre, y el pel u q u ero al v erme me di jo: “¡P ero est os son l os sol dados d F ran c o ! ” en t on o de desprec i o, y o me v e í a av erg on z ado porq u e f ran c a est ab a desast roso. El b arb ero me met í o l a máq u i n a de c ort ar el pel o, para des- pu és poderme apl i c ar l a n av aj a. Est a an éc dot a me c au só v erg üen z a, si mal

<sup>5</sup> Du ran t e l a G u erra C i v i l Española, b r i g ada mi x t a de 8.0 0 0 h omb res f ormada p pañol es e i t al ian os. (N.E.)

<sup>6</sup> M u n i c i p i o español de l a c omarc a del G i ron és en l a prov i n c i a de G eron a. (N.E.)

rec u erdo f u e g en eroso, y n o me q u i so c ob r ar n ada p or el serv i c i o, y o m e l i r t o d o a s u s t a d o, a d a r l e l a s g r a c i a s.

C o m o e l f r e n t e d e C a t a l u ñ a y a s e h a b í a t e r m i n a d o, e n e s a f e c h a r e c i u n t e l e g r a m a d e m i f a m i l i a. D e c í a q u e S o c o r r o, m i e s p o s a, h a b í a t e n i d o u n h i j o, p r e c i p i t a d a m e n t e f u i a l o f i c i a l y m e d i e r o n u n p e r m i s o “ a s u e t o ” d e d i q u e s e m e f u e r o n e n e l v i a j e. E n l a g u e r r a, s u r g e l o p e o r, p u e n t e s v o l a d o s t r e n e s d e s c o n c e n t r a d o s, e n f i n, c o m o d i g o d e s d e B a r c e l o n a d e m o r é t r e s d í a s d e v i a j e. M i c o m p a ñ í a s e h a b í a t r a s l a d a d o a M a d r i d p a r a a t a c a r, y o v o l v í a i n c o r p o r a r m e a m i u n i d a d e n Á v i l a. V e n í a e n c a m i o n e s t o d a l a f u e r z a, n o s o t e s t á b a m o s e n A l c á z a r y s e f o r m ó u n a c a b e z a d e p u e n t e, e n c o n s e c u e n c i a h í t e r m i n ó l a g u e r r a.

C o m o d a t o h i s t ó r i c o, c a b e d e s t a c a r q u e e l p r e c u r s o f u e u n l e v a n t a m i l i t a r e n c o n t r a d e u n g o b i e r n o l e g a l m e n t e c o n s t i t u i d o y n o s l l e v ó a d i t a g u e r r a, q u e n o q u e d a r á e n e l o l v i d o y a q u e p r o d u j o m u c h a s m u e r t e s, l i a s r o t a s, i n j u s t i c i a s m ú l t i p l e s, f a t a l i d a d e s y u n s i n f i n d e e t c e t a.

U n a v e z t e r m i n a d a l a g u e r r a n o s d e s t i n a r o n a A l m a n s a c o m o o r d e n p ú b l i c o, a l l í g r a d u a l m e n t e, s e g ú n l a e d a d, p o r q u e i n t a s, n o s i b a n l i c e n c i a r e s p i r a m o s a f o n d o, n o s p a r e c í a u n s u e ñ o.

N o s r e i n c o r p o r a m o s e n n u e s t r o t r a b a j o, q u e c o m o y a h e m a n i c i o f e s t a d o a l i n i c i o d e m i n a r r a c i ó n, n o s i n s t a l a m o s p o r n u e s t r a c u e n t a y h a b í a m o s t a d o u n a f á b r i c a d e s i l l a s q u e f u n c i o n a b a a l a p e r f e c c i ó n. E r a m o v i d a, y a h e r e f e r i d o, p o r u n a l o c o m o v i b l e y t o m á b a m o s m u c h a s p r e c a u c i o n e s s u s e g u r i d a d s o b r e i n c e n d i o s, p e r o p a r e c e q u e n o t o m a m o s l a s s u f i c i e n t e s. L a c h i m e n e a d e l a l o c o m o v i b l e p a s a b a p o r u n a s m a d e r a s d e l a r m a z ó n d e l a e s t r u c t u r a, a s í l a p r o p i a l o c o m o v i b l e p r o d u j o u n i n c e n d i o. S e n o s q u e m o d u n c a m i ó n d e s i l l a s y a e m b a l a d a s e n s a c o s; c a d a s a c o c o m p o n í a u n a d o c e r d e s i l l a s y e l c a m i ó n c o m p l e t o e r a d e c i e n t o c i n c u e n t a s a c o s, q u e e s p e r e s u s a l i d a a l d í a s i g u i e n t e. T a m b i é n p e r d i m o s o t r o t a n t o d e s i l l a s a m e d i a s d e e l a b o r a r y l a m a q u i n a r i a q u e s e c a l c i n ó. E s t a b a s e g u r a d o p e r o m u y b a j o, c o m p a ñ í a s, e n e s t o s c a s o s, s e a g a r r a n a e s a l e t r a p e q u e ñ a, y d e j a n u n a p u e r t a a b i e r t a p a r a e s c a p a r, a s í q u e n o s a m i l a n a m o s y n o n o s q u e d ó m á s r e m e d i o q u e e l a e m i g r a c i ó n. E s t a f u e l a c a u s a d e q u e m i s a g a f a m i l i a r c o n t i n u a r a e m i g r a y s u r g i e r a, c o n m i g o a l a c a b e z a, l a s e g u n d a g e n e r a c i ó n d e e m i g r a n t e s.

M e i n s t a l é e n Z u m á r r a g a ( G u i p ú z c o a), v i n e c o n c u a r e n t a y d o s a ñ o s f e l i z y m u y b i e n a c o g i d o. C o m o d i g o v i n e y m i p r i m e r i n g r e s o f u e e n p r e s a m e t a l ú r g i c a O r b e g o z m e n c i o n a d o e n p á r r a f o s a n t e r i o r e s q u e m i o f i c i o e r a l a m a d e r a, p e r o t e n í a q u e a g u a n t a r l o q u e m e d a b a n, a s í q u e a c e p t e. N o e r a u n t r a b a j o d e r o s a s, p e r o g a n a b a u n d i n e r o, a s í q u e m á s t a r d e t r a j e a l a f a m i l i a. L o s h i j o s e s t a b a n e n e d a d e s c o l a r y l a s v i v i e n d a s e s t a b a n d i f i c i a n d o p o r l o q u e p r o v i s i o n a l m e n t e n o s d i e r o n u n c a s e r í o e n e l e x t r a r r a d i o; l o s n i

asistían al colegio con sacrificio. Se educaron en La Salle, aquí se formaron todos y con oficios brillantes.

De mi matrimonio con Socorro nacieron ~~cuatro~~ <sup>cinco</sup> hijos:

José Eladio, Alejandro, Benito, Daniel y Fidel. El primero José Eladio es el mayor, cuando vinimos al País Vasco, a Zumárraga, se encontré con un diablo y trabajó en Terragona. Como nos surgió el siniestro de la familia decidí volver para que estuvieramos ~~ellos~~ <sup>ellos</sup> juntos en la tranquilidad de trabajar y se colocó en la fábrica de Irimo (Gupúzcoa). Le colocaron en el taller de ~~hizo~~ <sup>hizo</sup> un buen tornero, porque su ambición era aprender y simultáneamente ~~trabajando~~ <sup>trabajando</sup> en otros talleres para ampliar conocimientos. Sabía mucho de planeación era un genio. Los otros hermanos, aún en edad escolar, fueron terminando sus estudios, se fueron colocando en las fábricas y así se han hecho brillantes. Tanto es así que están ocupando puestos en cargos de responsabilidad en diferentes empresas.

Pasan algunos años y ~~llegamos~~ <sup>llegamos</sup> a la migración a nuestra familia. José Eladio, ya he mencionado que era un genio en planes y que sabía mucho y bien, a los veintitrés años, después de hacer la mili, hizo gestiones para ir a trabajar a Brasil. Sufrimos mucho, porque aquí teníamos un trabajo y un sueldo que era en la empresa, pero era su gusto y nada podíamos hacer. Pasó un tiempo de exámenes técnicos y reconocimiento médico, fue contratado como técnico de mantenimiento el viaje pagado. Embarcó en Vigo y tardó veintidías en llegar al Río de Janeiro, nosotros nos quedamos tristes y esperando noticias. Tardados meses en recibir un acartado, no es como ahora que parece que las distancias han desaparecido y al momento estás al corriente de lo que pasa en cualquier lugar del globo. La primera carta que recibimos, creo que de tan toleante la sabíamos de memoria.

Pues bien, nuestra tristeza se transformó en alegría, ya que al poco tiempo ~~ingresar~~ <sup>ingresar</sup> en el trabajo, viendo su intuición e innovación en los ~~trabajos~~ <sup>trabajos</sup> laborales, le nombraron director general de la empresa, ¡no me extraña, porque es un fuera de serie! Sus éxitos en el trabajo ~~recieron~~ <sup>recieron</sup>, económica ~~mente~~ <sup>mente</sup> ~~con~~ <sup>con</sup> ~~trabaja~~ <sup>trabaja</sup> bien, como para enamorarse y formar una familia. Nos comuncamos se había enamorado de ~~Madalena~~ <sup>Madalena</sup> ya (que se iban a casar). Nuestra alegría aumentó, por lo menos sabíamos que en ~~ella~~ <sup>ella</sup> una mujer que le estaba amparando y ~~mi~~ <sup>mi</sup> raría por él.

No fuimos al enlace porque en aquel momento no estaba la economía ~~al~~ <sup>al</sup> ~~canc~~ <sup>canc</sup> ~~de~~ <sup>de</sup> ~~poco~~ <sup>poco</sup> pero nos conformamos con el álbum de fotos y vimos que ~~estaba~~ <sup>estaba</sup> bien acompañado de la familia de su mujer y de los compañeros de la empresa en la ~~trabaja~~ <sup>trabaja</sup> ~~ab~~ <sup>ab</sup> ~~ae~~ <sup>ae</sup> ~~inclu~~ <sup>inclu</sup> ~~so~~ <sup>so</sup>, una coincidencia emotiva ~~acompañado~~ <sup>acompañado</sup> por un familiar mío que residía en Brasil y le acompañaron en la ~~ceremonia~~ <sup>ceremonia</sup> ~~y~~ <sup>y</sup> ~~ban~~ <sup>ban</sup> ~~qu~~ <sup>qu</sup> ~~ete~~ <sup>ete</sup>. Eso nos colmó de alegría, unido a que en la familia

su mu jer son ej empl armen te b u en os. El los son t amb ién in mi g ran tes, de or al emán , pero q u e emi g raron h ac e mu c h os años. A u n q u e n o les q u i ero c est e t ema t odav í a s e a prol on g ar u n poq u i to, lo q u e me pasa es q u e l a plu ma se me esc apa y est oy ob li g ado a i r dan do det al les.

En el pri mer v i aje q u e J osé El adi o o J osec h u h iz o de v u el ta, c on oc person al men te a su mu jer, mi n u era M c y da l e n a ñ a, mi n i e t a R osan a q u e t en í a di ez meses. Q u é al eg ría al v er los, n os sal u damos en pri mer t érmi n y n os dej aron l a n i ñ a en n u est ros b raz os, mi en tras el los pasab an l os eq u jes por l a adu an a, ¿q u é al eg ría de n i ñ a! Nos mi rab a son ri en te, c omo di c i en “est os son mi s ab u el os”, t an b on it a c omo t ran q u i l a est ab a c on n osot ros i n t u í a q u e é ramos su s ab u el os, y est ab a fel iz . L a R osan a a q u i en Z u n di o su s pri meros pasos

P ero ret roc edi en do u n poc o h ac í a atrás, al poc o t iempo de i r J osec h u a Brasi l , se f u e t amb ién ot ro h erman o, y t amb ién formó fami lia a ll í. Est e l l ama Ben i to y se cas ó c on Elisab et o Bet i n h a y t u v i eron dos h i jos K C l éb er. A l a b oda de Ben i to si q u e f u i mos Soc orro, mi c u art o h i jo Dan i e mu jer M ary y J osé Dan i el , su h i jo q u e c on t ab a c on t res años y y o.

C omo v eréi s, en mi fami lia, c omo adv i erte el tít u lo de mi n arrac i ó n somos t res g en erac i on es de emi g ran tes.

P ero v amos a c on t i n u arc on los q u e emi g raron a Brasi l . Un emi g ran te dec e mu c h o, c u a n a l o s a país desc on oc i do. Sob ret odo est an do t an l ejos de l a fami lia y en un país en el q u e h ab l a es ex t raña, pero h e de dec i r q u e ac ompañó l a su erte, pri mero al c asarse c on person as b u en as y respon sab les y despu és en el t rab ajo. J osé El adi o q u e es el pri mero q u e f u e, empez ó en un empresa, rei t ero, q u e v i eron en él su i n t u i c i ó n , su h ab i l i dad en el t r á p i d a m e n t e l e n o m b r a r o n d i r e c t o r g e n t e de l a empresa, u n c a r g o de mu c h a respon sab i l i dad.

A sí pasó un peq u e ñ o t iempo y su h erman o Ben i to, c omo y a h e ref e r i do, i g u al men te q u i so prob ar su erte a pesar de t en er t rab ajo a q u í y emi g t amb ién para Brasi l . C l aro, y a al amparo de su h erman o, J osé El adi o, y c omo él sab í a de l a c apac i dad de su h erman o, pu est o q u e y a h ab í an t r b a j a do j u n t os en el mi smo t al l er en España, n o du dó en pon er l e en u b u en pu est o, porq u e sab í a q u e i b a a respon der. En fin , pasó un t iempo, mu y l arg o, y est e ú l t i mo, Ben i to, l e di jo a su h erman o c on f i d e n c i a l m – “O y e J osec h u , ¿por q u é n o n os est ab l e c emos l os dos y formamos un empresa y t rab aj amos para n osot ros? ”. Su h erman o J osec h u c omo t en í a ese c a r g o de j e f e se en c og i ó de h omb ros, pero pasado al g ún t iempo Ben i to se dec i di ó. A l q u i l ó un l ocal n o mu y g ran de, c ompró al g u n as máq u i



tornos, fresadoras, etc. Y de momento coló el nombrecomo razón social. Se seguía en tener la cosa le resultaba bien.

Su hermano Josechu, después de la jornada en su trabajo, le ayudó a desarrollar planes y a trabajar. El trabajo aumentaba y a pasado un tiempo decidí ponerle con su hermano de socio, entonces se vieron obligados a un local grande, ampliando el negocio, con más maquinaria, obremos el caso, que los obreros que trabajaban a su cargo en la fábrica, a él, se fueron con el ~~hombre~~ empresa.

Socorro y yo, como nos invitaban a ir a verles, con gran placer y les visitábamos y veíamos obreros nuevos a cada viaje que hacíamos. Los obreros sabían de su buen trato social y les incentivaba para mejorar la producción. Todo esto les mejoró, fueron ampliando y compraron un terreno, murieron una fábrica de mucha producción y consiguieron un plan timo y elevada. Nos parecía un ~~su~~ ~~señor~~ movimiento, tan bien ordenado, la flota de máquinas a cada por orden, los tornos en un lugar, las fresadoras en otro y cada rotal adros radiales en un lugar separado, etc. La oficina a cada una en un plan a su perior que, como está todo ~~over~~ ~~el~~ ~~most~~ ~~al~~ ~~ado~~, se viví en todo la maquinaria que es una bendición. Su producción era en empresas, automovilísticas, Caterpillar y tan que es de guerra para el ejército entre otras. De los dos hermanos la gerencia la llevó a Josechu, y al ~~per~~ Benito, cada uno tenía su equipo.

Como Socorro y yo hemos ido varias veces y permanecimos tres o cuatro meses, yo reparé que me mandaban hacer unas cosas a un acarpintería y que cobraban mucho por esas cosas. Eran con departamentos equidistantes, con paraciones para que las roscas de las piezas no se ~~es~~ ~~rope~~ ~~apropu~~ se que estaría más distaído si se las hacían y oyo que eran por que decían que ~~tab~~ ~~mal~~ ~~prec~~ ~~eden~~ ~~te~~ ~~del~~ ~~ante~~ ~~de~~ ~~los~~ ~~ob~~ ~~pre~~ ~~pusé~~ ~~una~~ ~~si~~ ~~erri~~ ~~ta~~ ~~y~~ ~~les~~ ~~fab~~ ~~ri~~ ~~q~~ ~~u~~ ~~é~~ ~~un~~ ~~mon~~ ~~tón~~ ~~de~~ ~~c~~ ~~aj~~ ~~as~~, pero bien hechas, tanto que los obreros se quejados, de modo que yo les decía a algunos que se acercaban, que yo ~~o~~ ~~trab~~ ~~aj~~ ~~ado~~ ~~si~~ ~~empre~~ ~~en~~ ~~la~~ ~~madera~~. También les hice ficheros para meter plan y otras de mayor a menor con departamentos para bocas, bocas, cuchillos etc. así y o lo pasaba muy bien.

Otras veces me decía Josechu: "Padre, ¿quieres acompañarme que he de hacer unas visitas a clientes?". A mí me encantaba ir con él a recoger. Nos recibían con confianza y me comíamos con la dirección de la empresa el mismo comedor de la fábrica, y podía ser la Ford, la Perkins, etc. Nos ~~o~~ ~~com~~ ~~íamos~~ ~~en~~ ~~un~~ ~~com~~ ~~edor~~ "selec to", por que los comedores que tienen en ~~es~~ ~~gr~~ ~~an~~ ~~des~~ ~~emp~~ ~~res~~, son ~~pab~~ ~~ell~~ ~~on~~ ~~es~~ ~~gr~~ ~~an~~ ~~des~~, donde los obreros comen en ~~l~~

<sup>7</sup> Relativo a lo que tienen en cuenta y media. (N.E.)

mi sma empresa y lo hac en en dos o tres tiempos, cuando salen los primeros en tran los seg u n dos, pero eso sí, se c ome c on mu c h a rapi dez , es i n c reí b le la v ida es mu y mov ida.

Los hijos nos llev aron a di st i n t os si t i os de v i s i t a. En l a r g as di st an de av i ó n v i mos di feren tes modos de v i da, di feren tes c u l t u ras, b o n i t as pl a pai saj es v i v os de c o l o res, et c . En u n o de los v i aj es me llev aron a pesc ar a esos g ran des r íos, q u e son n a v e g a b l es para g ran des v a p o r e s,<sup>8</sup> **DE M** i a t o G rosso mos en u n m i n i c a m i ó n , los dos h e r m a n os, u n e m p l e a d o de l a f á b r i c a y y o q u e n a r r a. El v i a j e f u e p o r c a r r e t e r a, para q u e y o di s f r u t a r a del pai saje. A r e c u e r d o los g ran des c a f e t a l e s, l a c a ñ a de a z ú c a r, los g ran des h a t o s de g a n a d o v a c u n o y c a b a l l a r, g r a n d i s t a n c i a de k i l ó m e t r o s, et c . P a s a m o s t r e s d í a s de v i s i t a s a l i m o s de S a o P a u l o a l a s t r e s de l a m a ñ a n a, y a t e n í a n el v i a j e c o n c e r t a d o, t a l h o r a l l e g a d a al r e s t a u r a n t e, dos h o r a s para c o m e r y d e s c a n s a r, a t a l h o r a al h o t e l, c e n a r y d o r m i r, al d í a s i g u i e n t e, i g u a l al a n t e r i o r y el t e r c e r d í a v i s i t a m o s en el d e s t i n o, M a t o G rosso. A l d í a s i g u i e n t e a l a p e s c a, t e m p r a n o, h e m a t i n a l, a l a s o c h o de l a m a ñ a n a y a n o s e s t a b a e s p e r a n d o el p i n t o e r o t e l a l a n c h a e n m a r c h a, c a r g a m o s el e q u i p a j e, el e m e n t o p a r a p e s c a, y i á t i c o c o m e r e n el v i a j e, p o r q u e h a b í a q u e e s t a r t o d o el d í a p e s c a n d o y r e c o r r i e n d o c i e r t o s l u g a r e s del r ío mu y l e j o s e n d i s t a n c i a.

C o m o n o t a c u r i o s a h e d e d e c i r q u e son r íos de mu c h a p e s c a y a b u n d a n t e de c o c o d r i l o s, e s i m p r e s i o n a n t e, y o d i r í a q u e e s c o m o u n c r i a d e r o de c o c o d r i l o s. E n a m b o s l a d o s del r ío se e n c u e n t r a n m a n a d a s de e s t o s r e p t i l e s y de t o d o s los t a m a ñ o s, de h a s t a c i n c o m e t r o s de l a r g o. L o r a r o e s q u e e s t a n c o m o d o r m i d o s al s o l, s i n a g r e s i v i d a d, n o a t a c a n, p e r o n o l o h a c e n s e n c i l l a m e n t o p o r q u e n o t i e n e n h a m b r e, e s t á n s a c i a d o s de c o m e r p o r l a a b u n d a n c i a de p e s c a. S u p l a t o f a v o r i t o e s l a p i r a ñ a, l a p i r a ñ a e s mu y c a n í b a l, s i s a n t r o p e í a g a ( q u e s e c o m e a s u p r o p i a e s p e c i e y l e g u s t a mu c h o l a s a n g r e. C o m o l a s f a u c i e s del c o c o d r i l o s o n r o j a s c o m o l a s a n g r e, e n e s t e c a s o, l a p i r a ñ a, e n t r a s i n r e p a r o c r e y e n d o q u e e s s a n g r e y p e n e t r a c i ó n r a p i d e z e n l a s m a n d i b u l a s del c o c o d r i l o q u e s e h a c e c o n el a l i m e n t o s i n n i n g ú n e s f u e r z o. A l a v e z, t a m b i é n d e p e s c a s de g r a n t a m a ñ o, y a q u e e n e s t o s g r a n d e s r íos, a b u n d a mu c h a p e s c a. E n e s t e r e s p e c t o, r e c u e r d o q u e u n c i e r t o d í a e s t á b a m o s p e s c a n d o e n u n p a r a j e d e á r b o l e s g i g a n t e s, d o n d e n o e n t r a b a l a l u z s o l a r y e s t a b a d e n s a m e n t e s o m b r a d o. E n el r e c i n t o, p e r o d e n t r o del a g u a, h a b í a u n a m a n a d a de c o c o d r i l o s a l o s q u e s ó l o s e l e s v e í a l a c a b e z a, c o n s u s o j o s e l e v a d o s, p o r q u e l o s t i e n e n a r r i b a l a f r e n t e, s a l t o n e s, g r a n d e s h a b í a p e r c i b i d o s u p r e s e n c i a, p e r o m i h i j o

<sup>8</sup> Est ado b r a s i l e ñ o s i t u a d o e n l a r e g i ó n C e n t r o - O e s t e. (N.E.)

<sup>9</sup> S e t r a t a, e n e s t e c a s o, de l a p r o v i s i ó n e n e s p e c i e de l o n e c e s a r i o para el s u s t e n t o de q u i e n h a c e u n v i a j e. (N.E.)

José cuando le insinuó al piloto en secreto: “Mira ahí unos cocodrilos, vistómelo a tu padre”. En esto, el piloto cogió una caña y le lanzó un toquillo a la punta de la caña y el reptil se alejó silencioso y tras él los demás, por decirlo así, que como tienden a imitarlo son ofensivos.

Terminamos la operación de la pesca con gran cantidad de ejemplares que conseguimos y dio para regalar a los amigos ~~nos~~ ~~ma~~ ~~l~~ ~~o~~ ~~est~~ ~~á~~ ~~b~~ ~~amos~~ ~~fil~~ ~~man~~ ~~do~~, ~~o~~ ~~ya~~ ~~os~~ ~~h~~ ~~ac~~ ~~e~~ ~~re~~ ~~c~~ ~~o~~ ~~r~~ ~~d~~ ~~a~~ ~~r~~ ~~est~~ ~~os~~ ~~g~~ ~~r~~ ~~a~~ ~~t~~ ~~os~~ ~~re~~ ~~c~~ ~~u~~ ~~e~~ ~~r~~ ~~d~~ ~~o~~ ~~s~~ ~~a~~ ~~l~~ ~~v~~ ~~e~~ ~~r~~ ~~o~~ ~~v~~ ~~e~~ ~~r~~ ~~a~~ ~~l~~ ~~a~~ ~~s~~ ~~i~~ ~~m~~ ~~á~~ ~~g~~ ~~e~~ ~~n~~ ~~e~~ ~~s~~.

Así hicimos hasta seis viajes y también todos ellos vinieron a nosotros con bodas de oro. Fue muy emocionante, vinieron con los tres hijos, nietos y nietas. Ya on trataron un minibus, de capacidad de quinientos plazas, del Pasa para que estuviera en el aeropuerto de Barajas y así resultó todo a la perfección. No había error, allá estaba esperando el referido minibus. La emoción multiplicó un dollegaron a casa. Ellos finalizaron con tantos gastos y nosotros estamos en tres familias y amistades pasados de doscientos. Mi esposa parroquia de Págoetay el banco que fue espléndido en el restaurante Est

Como por su negación no podían permitir tanto tiempo mis hijos José y Benito, decidieron irse los dos quinientos días antes y quedó el resto de la familia. A nosotros nos hicieron un regalo tan maravilloso que fue un viaje a un estrosexto viaje a Brasil, como regalo de las bodas de oro. Fue un adel de viaje, toda la familia juntos y al llegar a Sao Paulo, nos estaba esperando una flota de coches, entre ellos, personal de la empresa y allí pasamos tres meses de maravilla.

Pero me vino la otra cara de la moneda. Tristemente, Socorro, que es el prestabacionalegría y salud que era una mujercantadora, de repente rombosile arrebató la vida y en quinientos días se fue para siempre. Qué de tristeza, y gracias a Mary y Daniel y el pequeño de mis hijos Fidel amparan y me dan mucho ~~Y~~ ~~así~~ ~~no~~ ~~u~~ ~~e~~ ~~l~~ ~~o~~ ~~s~~ ~~d~~ ~~e~~ ~~B~~ ~~r~~ ~~a~~ ~~s~~ ~~i~~ ~~l~~ ~~m~~ ~~e~~ ~~q~~ ~~u~~ ~~i~~ ~~e~~ ~~r~~ ~~e~~ ~~n~~ ~~i~~ ~~g~~ ~~u~~ ~~a~~ ~~,~~ ~~pe~~ ~~ro~~ ~~est~~ ~~á~~ ~~n~~ ~~a~~ ~~l~~ ~~a~~ ~~r~~ ~~g~~ ~~a~~ ~~d~~ ~~i~~ ~~s~~ ~~t~~ ~~a~~ ~~n~~ ~~c~~ ~~i~~ ~~a~~, ~~é~~ ~~s~~ ~~a~~ ~~e~~ ~~s~~ ~~l~~ ~~a~~ ~~p~~ ~~a~~ ~~r~~ ~~t~~ ~~e~~ ~~n~~ ~~e~~ ~~g~~ ~~a~~ ~~t~~ ~~i~~ ~~v~~ ~~a~~ ~~d~~ ~~e~~ ~~v~~ ~~i~~ ~~v~~ ~~i~~ ~~r~~ ~~t~~ ~~a~~ ~~n~~ ~~l~~ ~~e~~ ~~j~~ ~~o~~ ~~s~~, ~~y~~ ~~l~~ ~~a~~ ~~e~~ ~~m~~ ~~i~~ ~~g~~ ~~r~~ ~~a~~ ~~c~~ ~~i~~ ~~ó~~ ~~n~~ ~~rom~~ ~~pe~~ ~~y~~ ~~fr~~ ~~ac~~ ~~c~~ ~~i~~ ~~ó~~ ~~n~~ ~~a~~ ~~l~~ ~~a~~ ~~s~~ ~~f~~ ~~a~~ ~~m~~ ~~i~~ ~~l~~ ~~i~~ ~~a~~ ~~s~~.

No quería terminar mi escrito, si antes ponere en recuerdo el último viaje a Brasil, que he hecho el número ochocientos, este fue ideado y puesto en práctica por mí y la Edume. Un día me dijo “¡A voyadlloctar a Brasil!”. Estuvo trabajando todo el verano en un restaurante en Zarauz, un pequeño local de la costa y con lo que ganó ella misma se encargó de comprar los billetes arreglado todo.

La idea me entusiasmó, por su iniciativa, por su generosidad y acerbubengrado. Como digo se encargó de todo, sacó su pasaporte, el mío aún tevalidez de viajes anteriores, sus padres prepararon en la caja de ahorros para poder pagar en Brasil con la tarjeta y ella se maneja por sí sola de pagar los

regalos que compraban para hacer una, no manejaban nada de dinero, no hacían más que observar y veía que ella era responsable de la plena confianza que me estaba preparada para hacer las gestiones por su propia responsabilidad.

A las primas y tíos y demás familiares, y a los conocedores que ella había conocido con anterioridad, este encuentro fue una alegría colmada de felicidad. Como nota curiosa, a los pocos días de llegar, nos acompañó la gran suerte que vivimos en un aniversario, Gabriel, segundo primado de Eduardo fue una maravilla y Gabriel en un año, cincuenta años, bonito chico.

Como ya oí llegar al fin, no que yo despedirme sin antes dar un informe de actualidad. Con servamos la casa y propiedades en Barbadi de Herreros y siempre vamos a ver en el día. En un día de Eduardo, que fue la protagonista de este último viaje, es la que está emigrando por motivos de estudio. Se licenció en Sociología en Bilbao y después el doctorado lo realizó en Salamanca. Ahora está investigando en Lisboa para su tesis doctoral. Como ella anda de un lado para otro, nos comunicamos por Internet con la cámara web. Cada día es más fácil estar lejos, y a que con estos avances en las comunicaciones estamos más en contacto, más unido con el mundo. En unos meses de espera para recibir la carta de nuestro primer hijo desde Brasil. Esto para mí es una bendición, cada día habíamos y nos vemos, con ella como con nuestra familia en Brasil, así nos mantenemos al corriente de todo.

Concluyendo, me gustaría hacer una reflexión sobre lo difícil que es que abandonas tu tierra natal y tu familia, para partir hacia otros lugares buscando un futuro mejor. En nuestros días, muchas personas se dan a abandonar sus países y buscar un sueldo, un futuro para sus familias y sus hijos. A todos ellos les dedico este texto en solidaridad y respeto. A mí no me queda más que desearles mucha salud. Y decir mi persona. El adiós de Juan, nacido en Barbadi de Herreros (Burgos) un 18 de febrero de 1913, tengo once y cuarenta años. A pesar de mi edad me encuentro con actividad física y mental, participo en la revista de los jubilados de Zumárrica escribiendo artículos y también participo en excursiones y me gusta mucho caminar. Como punto final de mi narración pido disculpas por cualquier error, y anticipo que he redactado este texto con su mejor intención de dar a conocer a un que sea en síntesis, toda una vida de emigrantes de mi saga familiar. A veces me hace recordar mi pretérita vida, el presente y mi longevidad. Servidme de ustedes, El adiós de Juan.



# Emigrante activo

Carlos Tapias Peñalba

## NACIDO EN CASTILLA LA VIEJA

Nací en 1946 en Quintanarraya, pequeño municipio de la provincia de Burgos, una de las ocho provincias de la entonces Castilla la Vieja, junto a Santander, Logroño, Soria Segovia, Valladolid y Palencia, pero sin León, moran y Salamanca. Recuerdo con emoción a toda mi familia: mis padres Filomeno y Antonina. Los cuatro hermanos: Pablo, Pilar, Carlos y Alejandra.



Mis padres: Filomeno y Antonina. Los cuatro hermanos: Pablo, Pilar, Carlos y Alejandra.

Era un a familia de lo más tradicional, en la que se cumplió todo lo que frecuentemente: el hermano mayor emigró a Alemania al fin alizar su servicio. La hermana “si vivió” en Madrid, el tercero, y o, tuvo que irme a estudiar a la capital provincial, y el pequeño tuvo que hacerse cargo de las agrícolas. Pude decir que mi tierra natal era una “madre mala”, en familia seria, aunque en una “mala madre”, y a que, por su bondad natural, a nosotros daban los cereales para el pan de cada día y los pastos para el ganado, con lo que cultivar los campos. Toda la comarca era pobre en lo económico y cultural, aunque en ganadería y agricultura mi padre era relativo pero. Por algo fue uno de los primeros en que se hizo después la conexión con el comercio parcelario. Recuerdo haber oído que en los llamaban, en esos aspectos “americanos” de la comarca. Sí “americanos” como los que en los mandaban a leer en polvos y el que eso amarró lo que en los repartían a la hora del recuento escolar. La agricultura no producía su ficiente y de la ganadería vivían bien o no sólo unos pocos.

Fueron tiempos del “racionamiento” vigente hasta el año 1951, a juicio por el hecho de que este año y a no se cortaron los cupones de mi documento personal por el que se conseguían los alimentos básicos.

Y ahora recuerdo haber pasado hambre, aunque es sólo que las condiciones de habitabilidad de la casa familiar eran muy precarias. A las cuerdas de las y los cortijos de los cerdos se pasaba por el mismo portal de la casa de la plaza a bajar en que estaba el comedero, la cocina de fogón y un dormitorio con. No había aseo y la cocina se usaba como retrete. El comedero se destinaba durante varias semanas al año a criar los pollitos recién nacidos, que pasaban

Emigrante activo

**TARJETA DE ABASTECIMIENTO**

COMISARIA GENERAL DE ABASTECIMIENTOS Y TRANSPORTES

**DATOS DEL TITULAR**

Nombre: Carlos López (Nombre) | López (Primer apellido) | Quispe (Segundo apellido)

Sexo: M | Nacimiento: día 2 mes Septiembre año 1916 | Años cumplidos: \_\_\_\_\_

Estado civil: \_\_\_\_\_ | Profesión: \_\_\_\_\_

Lugar de nacimiento: Municipio de Quintanar de la Orden | Provincia de Madrid

Nombre del padre: Adrián | Id. de la madre: Antonia

Para los extranjeros: nacionalidad \_\_\_\_\_ | número de \_\_\_\_\_ | plazo de \_\_\_\_\_

Domicilio: calle o plaza de San Sebastián nº 25 de Quintanar de la Orden de 19

Serie: 1034 | Número: 104194

Firma del interesado: Quintanar (Provincia) | a 5 de Julio de 1948

DELEGACIÓN QUINTANA A. N.º 1034 | El Delegado de Abastecimientos, Francisco Solís

ES COPIA

1.º semestre 1951

2.º semestre 1951

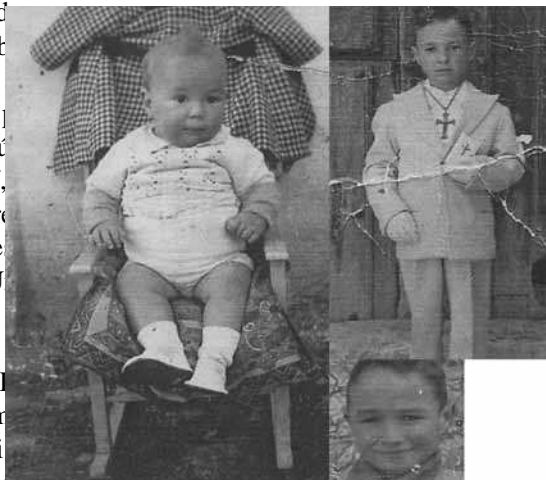
Consérvese cuidadosamente este documento y los cupones que tiene por ser todo ello indispensable para obtener y usar colecciones de cupones de racionamiento.

Cartilla de racionamiento.



l u e g o a l o s g a l l i n e r o s . P r e c i s a m e n t e l o s g a l l i n e r o s n o s f a c i l i t a r í a n l a c o s l o s h u e v o s c o n l o s q u e y o m a t a r í a c o n f r e c u e n c i a e l h a m b r e . F u i f e l i t i e r n a i n f a n c i a y e n l o s a ñ o s d e m o n a g u i l l o , h a s t a l a P r i m e r a C o m u n i c a l a e s c u e l a .

T o d o s l o s r e c u e r d o s d e e n t o n c e s s o n m á s b e a g r a d a b l e s , p r o p i o s d e n i ñ o f e l i z c o n s u s h e r m a n o s y c o n e l t a b u e l o q u e c o n o c í a l i o , e l p a d r e d e m i m a d r e . D e j u e g o s i n f a n t i l e s v a r i a d o s r e c u e r d o s . U n l a t a r e c t a n g u l a r d e c v a s c o n u n a c u e r d a f p r i m e r a “ c a m i o n e t a ” . M a y o r c i t o s j u g á b a m h i n q u e , u n a e s p e c i t a c a q u e c l a v á b a m o s e n e l



s u e l o d e h i e r b a i n t e n t a n d o t o d a s d e m i i n f a n c i a . t i r a r l a d e o t r o c o m p a ñ e r o .

L a s c a n i c a s y l a t e m p o r a d o s j u e g o s h a b í t u a l e s . A v e c e s n o s d e d i c á b a m o s a c o r r e r c o n u n a r o c o n t r o l á n d o l o c o n e l c u a d r o d e u n a v a r i l l a c o n m d e p a l o d e s a ú c o . N o s a f a n á b a m o s e n c o n s e g u i r a l f i l e r e s e s c o n d i d o s e n u n m o n t o n c i t o d e a r e n a s o b r e e l q u e l a n z á b a m o s u n t r o z o d e t e j a p a r a d e s c u b l o s . A l o s o c h a v o s t a m b i é n j u g á b a m o s . E l a n d a r c o n z a n c o s d e p a l o s , o s b o t e s c o n c u e r d a s , e r a u n a f o r m a d e h a c e r e q u i l i b r i o .

M á s r e c u e r d o l o s t r a b a j o s . N o h a b í a c r e c i d o l o s v i t a p h a t e p a r a t a f o r m a d o n d e s e a c o s t a b a n l a s g a l l i n a s y t e n í a q u e l i m p i a r s u s e x c r e m e n t a d i a r i o s u b i é n d o m e e n u n c a j ó n . E n t r e s a c á b a m o s l a s p l a n t a s d e r e m o l a c h e c h á b a m o s p o l v o s i n s e c t i c i d a s c o n u n a m e d i a v i e j a d e l a m a d r e . T e n í a m o s e l i m i n a r l a s m a l a s h i e r b a s d e l o s s e m b r a d o s u t i l i z a n d o p a r a e l l o u n a p e q u e h o r q u i l l a d e p a l o y u n a h o z p a r a c o r t a r l a s . T a m b i é n m a t á b a m o s l a s h i e “ r e c a l c a n d o ” , p a s a n d o e l a r a d o r o m a n o m u y s u p e r f i c i a l m e n t e p o r e l h o n d o d e l o s s u r c o s . R e c o g í a m o s c a r d o s p o r l o s c a m p o s p a r a e l g a n a d o , t r a s l a y a r l o s e n “ l a p o z a ” y c o c e r l o s e n e l f o g ó n . O t r a f o r m a d e c o l a b o r a r p a r a l a m e j o r a d e l a e c o n o m í a f a m i l i a r e r a p e s c a r c a n g r e j o s c o n r e t e l e s a l a t a r d e c e r , o c a r a c o l e p o r l o s a r r o y o s . L a l i m p i e z a d e l a s c u a d r a s d e l a s m u l a s y l o s c o r t i j o s d e l o s

<sup>1</sup> P e o n z a . ( N . E . )

cerdos era un trabajo que recuerdo como especialmente desagradable. El ingreso en el colegio de los niños, cuando no había galinas, para celebrar al son del acordeón de Marcelino.

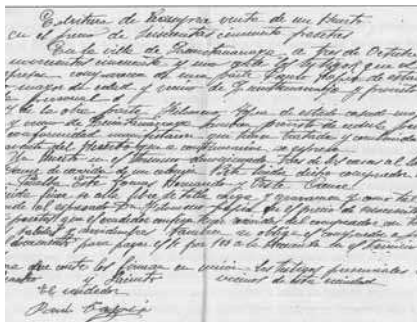
Todos los trabajos eran compatibles con el horario de la escuela, así asistí hasta los doce años, cuando me mandaron a temo al Seminario de Burgos. El edificio o escuela era una sala a la que acudíamos unos 40 niños y al establo a las de otras 40 niñas. Ahí eran 6 en tren niños y niñas, y la escuela mixta es parte de lo que era la sala de las niñas. La sala que era de niños es el centro de los mayores actuales, los que quedan de los mismos niños y niñas. Al año, algunos de aquellos que sumaban 80. En los asientos, que ellos "puñetes" había un agujero especial para el tintero y un espacio rebajado para la pila para la pluma.

Seguramente decía mi madre, y era un niño de espíritu siempre acomodado a los padres, y a fuer de trabajador, estudiando y jugando. Creo que yo admiraba y respetaba a los mayores. Pero especialmen te a los padres por su sacrificada dedicación a sus variados trabajos - labranza, ganadería, carpintería y ría-, con los que mantenían y mejoraban el patrimonio familiar. La labranza atendida por un obrero con el apoyo de la madre, hasta que pudo hacerle el hermano mayor. Eran muy entretenidas las labores sobre las numerosas y queñas fincas repartidas por el término municipal, especialmen te sembrando segar el cereal. El padre cuidaba la ganadería y trabajaba en la carpintería e incluso arados romanos. En la herrería reparaba las rejas de los arados y afilaba el corte de los azadones, de los que también hacían los mangos en la carpintería. Seguramente que el aprendizaje de las habilidades de "manitas" tenía que haber en una ocasión un carro en miniatura, de los tradicionales de radios y palitos en los tapiales. La madre se encargaba de una multitud de cosas, de las que yo reparto a varios vecinos el "caldo-mon" donde cocer en el hornofamiliar, repartiéndotambién las hogazas.

Claro que parece ser que no había mucho que ganar para el

tal manejo en lo que ahora sería la compra especial de un solar, que me estrena si guien te documento.

Es un curioso ejemplo del relativismo de lo que llamariamos ahora negocio inmobiliario. Allí el huerto se sigue igual sin bloqueos de viviendas, fabricascontaminantes, nada. Pero puede que algo haya en él al término armi larg a emigración laboral.



Escritura de compraventa de un huerto.

T R A B A J É E N C A T A L U Ñ A Y A R A G Ó N, Y R E S I D O E N Z A R A  
P E N S A N D O E N C A S T I L L E Ó N A

V i v o Zarag oz a c on mi f am i l i a -esposa, tres h i j o s y dos n i e t o s-, desde h a c e t r e i n t a años, c u a n d o l o g r é m i p l a z a d e f u n c i o n a r i o, p r o c e d e n t e d e C a s t i l l a y L e ó n . H a b í a e s t a d o d e p a s o e n B a r c e l o n a y T a r r a g o n a, desde 1971, al a p r o b a r l a s o p o s i c i o n e s p a r a e l C u e r p o S u p e r i o r d e P o l i c í a -"l a S e c r e t a"- e n M a d r i d . A n t e s h a b í a h e c h o e l B a c h i l l e r S u p e r i o r e n A r a n d a d e D u e r o, t r a s l o s c o n t r a t o s d e l a t í n y F i l o s o f í a e n s e n d o s e m i n a r i o s d e B u r g o s .

P i e n s o e n C a s t i l l a y L e ó n , p o r s e r m i C o m u n i d a d A u t ó n o m a a c t u a l m e n t e q u e v e n g o d e d i c a n d o g r a n p a r t e d e m i t i e m p o l i b r e t r a b a j a n d o p o r s u p r e s t a d o d e s d e s u s a s o c i a c i o n e s r e p r e s e n t a t i v a s -l a s c a s a s r e g i o n a l e s-, e s p e c i a l m e n t e d e s d e q u e c o n s o l i d é m i v i d a p e r s o n a l , f a m i l i a r y p r o f e s i o n a l h a c e y a t r e i n t a a ñ o s . P e r o m i s a c t u a c i o n e s n o s e l i m i t a n a l p r o v e c h o d e C a s t i l l a y L e ó n s i n o q u e p r e t e n d e n c o l a b o r a r a u n a m e j o r v i d a s o c i a l d e t o d o s l o s e s p a ñ o l e s , y a q u e E s p a ñ a e s l a t i e r r a, d o n d e, a ú n s i e n d o e n e l l a e m i g r a y t e, e n e l l a n a c i v i v i e n d o e n e l l a, a e l l a d e d i c o m i s p e n s a m i e n t o s .

M i p a r t i c u l a r "m e m o r i a d e e m i g r a c i ó n " m e t r a e r e c u e r d o s d e u n a l a r g a e t a p a d e m i s a c t u a c i o n e s e n p r o v e c h o d e m i s p a i s a n o s c a s t e l l a n o -L e o n e s e s . Z a r a g o z a l l e g a r a C a t a l u ñ a, a c o m i e n z o s d e l o s s e t e n t a, d e s c u b r í p o r... "c o n t r a s t e" d e y o e r a... "c a s t e l l a n o", y a q u e l o s d e a l r e d e d o r s e d e c í a n "c a t a l a n e s". C o m o y o h a b í a m u c h o s, e s p e c i a l m e n t e e n t r e m i l i t a r e s, r e l i g i o s o s y f u n c i o n a r i o s f e s i o n e s n o a t r a c t i v a s p a r a l o s d e a l l í, p o s i b l e m e n t e p o r q u e r e p r e s e n t a b a n t r a b a j a b a n p a r a e l g o b i e r n o d e l a E s p a ñ a, c e n t r a l i s t a p a r a e l l o s . L o s i n c o n t r a t o s n i e n t e s e r a n m á s q u e l a s v e n t a j a s y h a b í a q u e e s t a r a l a d e f e n s i v a p a r a o r g a n i z a r l a "a u t o d e f e n s a" e n t r e q u i e n e s, c o n f r e c u e n c i a, d e c í a n : "s i b u s c a s u s q u e t e a y u d e, l a e n c o n t r a r á s a l f i n a l d e t u b r a z o". C i e r t a i n s e g u r i d a d s o b r e m i f u t u r o p r o f e s i o n a l a n i m a b a l a s t e r t u l i a s e n t r e c o m p a ñ e r o s y p a i s a n o s, c o m o l o d e m u e s t r a e l h e c h o d e q u e d o s p e q u e ñ o s g r u p o s, c a s u a l m e n t e p r e s e n t e s e n u n b a r d e l a s R a m b l a s d e T a r r a g o n a, c o i n c i d i m o s a l c a l i f i c a r c o m o n e c e s s a r i a l a c r e a c i ó n d e u n a e n t i d a d d e s d e l a c u a l t r a b a j a r p o r n u e s t r o s i n t e r e s e s . E n m i s m a n o c h e n o s t r a s l a d a m e n t e r e s t a u r a n t e q u e h a b í a c e r r a d o p o r e s c a s o n e g o c i o y s a l i m o s d e é l c o n v e n c i d o s d e a r r e n d a r l o i n m e d i a t a m e n t e, c o m o p r o n t o h i c i m o s, S i n d e s c a n s o b u s c a m o s p a i s a n o s y a m i g o s p o r t o d a s p a r t e s . L o g r a n d o s e r e n s e g u i d a l o s s u f i c i e n t e s p a r a l a n z a m o s y a e n l a c r e a c i ó n d e l a C e n t r o C a s t e l l a n o -L e o n é s d e T a r r a g o n a, c o n s e d e e n l a c a l l e L e ó n n ° 3, t a u r a n t e q u e v i s i t a m o s h a c í a p o c o . M u c h o s a p o r t a m o s l o s m i l d u r o s a f o r m a d o s p e r d i d o y v a r i o s n o s c o m p r o m e t i m o s e n s e g u i r h a c i e n d o c a m p a ñ a d e c a p t a c i ó n d e s o c i o s, r e d a c c i ó n d e l o s e s t a t u t o s y f o r m a c i ó n d e l a J u n t a D i r e c t i v a .

T o d o n o s s a l i ó r o d a d o . E l n o m b r e d e l a e n t i d a d, c o i n c i d e n t e l u e g o c i o n e s e n e l d e l a C o m u n i d a d A u t ó n o m a e n e l l l a m a d o E s t a d o d e l a s A u t o n o m í a s, n

resultó positivo para unas eficaces relaciones institucionales. En tramitación con el resto de las entidades, las llamadas desde siempre “casas regionales”, aunque la mayoría de ellas eran “provinciales”. Mantuvimos seguros manteniendo con orgullo, nuestro planteamiento inicial formando ese ámbito “provincial” de la mayoría de ellas en verdaderos centros culturales de ámbito “regional” para actuar con eficacia por los intereses de los paisanos y el prestigio de la Comunidad. Nuestra comisión mejoró notablemente por disposición de una extraordinaria fundación de ingresos ilegales que ellos mediaron años setenta. Teníamos nada menos que el primer binomio instaurado en Taragona. Nos lo concedió Fraga, como lo había hecho con varias casas regionales. Los ingresos eran tan importantes como para hacer soñar en la construcción de un centro de enseñanza “para castellanos”, pudo realizarse. Este fracaso en una hora como tal, y que ellos involucraron en el taller de la logro hubieran sido mucho más que las ventajas al tener que aquella posibilidad con las correspondientes instituciones estatales.

Varios años después sí conseguimos algunos otros logros, como el suceso de los años setenta en algunos reivindicaciones para ser apoyados en la realización de actividades culturales y recreativas, coordinadas incluso con el Ayuntamiento de Castellón. Leonés de Barcelona mediante un acuerdo de Federación, un potente, aunque con algunos circunstancias adversas, como lo es la aquella entidad mediante la reacción del Círculo de Castilla y León.

Por aquellos años (1974-1977), desarrollé con intensidad mi vida profesional, dentro de las dificultades y tensiones propias del final del franquismo y nacimiento de la democracia. Mi vida familiar también estaba en crecimiento y a con esposa y dos hijos en piso propio, comprado por 350.000 pesetas pagadas con el dinero prestado por los suyos. Además había mejorado mi formación estudiando Derecho en la Universidad de Barcelona, desplazado allí con la oportuna frecuencia.

El año 1977 pedí traslado profesional, solicitando tres capitales: Burgos, Valladolid y Zaragoza. Consegui la última, y a que las plazas de las demás que edaron ocupadas, probablemente, por otros varios paisanos también emigrantes en Cataluña y otros territorios españoles.

En las tierras catalanas de España que edó el fruto de mis primeros esfuerzos profesionales a través del Centro Castellano-Leonés. Pero mis años de trabajar por el progreso y prestigio de Castilla y León habían aumentado con aquella experiencia y tenía que hacer lo también en mi nuevo aunque era previsible que las circunstancias sociales me facilitarían iniciativa. En Aragón, al buscar un mano amigo así que la iba a empezar al menos en el ámbito profesional.

Viví en la capital mañana desde hace treinta años. Tanto yo como mi esposa celebramos con los compañeros de trabajo la incorporación anual respectiva a los nuevos destinos. Lo que en otra época era frecuente en Cataluña. Fue la diferencia agradable de los zaragozanos, en los que encontramos con muchos castellanos, especialmente de Soria.

Aquí, al poco de llegar, tuvimos una hija, con la que resulta afortunado que ahora me estoy orgulloso.



Retrato de familia.

Así que edó mi familia, según la foto del carnet de familia número: esposa María Carmen, e hijos Carlos, David y María. Nos instalamos en una vivienda que, frente a las 350.000 pesetas que nos costó la compra en rragona, y a nos costó 2.800.000 pesetas, pagadas en parte con anterioridad más una hipoteca a un interés del 14%. Claro que ahora su puede ser un setenta y cinco millones.

En lo profesional las cosas también resultaron gratificantes. Tras unos pocos años de rodaje en variados puestos de trabajo, se me encargó la creación del Gabinete de Planificación de la Jefatura Superior de Policía para preparar la primera visita del Papa Juan Pablo II a Zaragoza. Era importante garantizar la seguridad del Pontífice, que ya había sufrido un grave accidente. Otros acontecimientos, como la celebración del Día de las Fuerzas Armadas

y un segundo viaje del mismo Papa, aconsejaron la continuidad de mi Servicio, que desempeñé hasta mi pase a la segunda actividad profesional que me encuentro. El citado primer viaje del Papa fue un gran acontecimiento para Zaragoza. Aquise hizo y afamoso aquel grito de: "Juan Pablo II a todo el mundo". Fueron muchos los compañeros desplazados para prestar servicios de vigilancia en los muchos miles de ciudadanos asistentes a masivos organizados con exquisito cuidado y total éxito final. En el honor de formar parte de la Comisión que recibió al Papa en el aeropuerto saludándolos con la extraordinaria emoción que es escitaba su personal



Vista del Papa a Zaragoza.

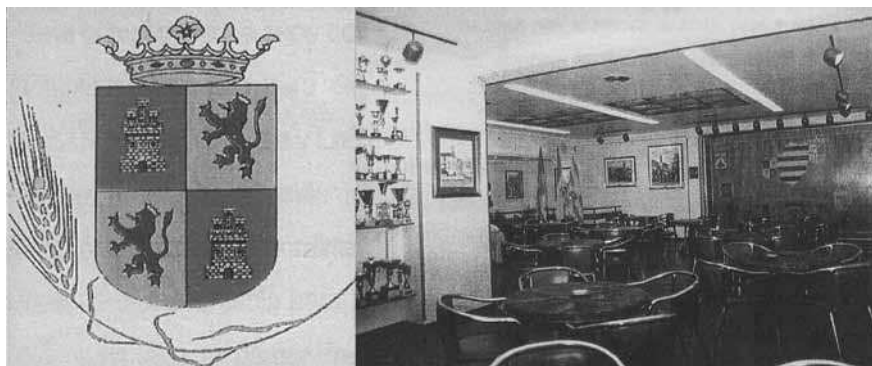
## MISACTUACIONES EN LA CASA DE CASTILLA Y LEÓN EN ZARAGOZA

En Zaragoza he protagonizado durante treinta años el papel de emigrante que he abanicado en Tarazona al colaborar en la reacción del Castellano-Leonés. Comencé a trabajar para la Casa de Castilla y León en Zaragoza el año 1978, nada más llegar a esta Capital y conocerla en tonos Casa Rural de Burgos, con humilde sede en Plaza de Sás, 2-2º, y tomar con quietud, con sus pocos 80 socios, debía aspirar a transformarse en

de ámbi to au t on ómi c o, de ac u erdo c on el ll amado en aq u el los momen tos E tado de las A u t on omías. C omu ni q u é a los di rec tiv os bu rg al eses mi s ex pe c i a s c omo di rec tiv o f u n dador, en el año 1974, del C en tro C astell an o-L eon T arrag on a, c on tag i án doles mi en tu si asmo, q u e en C at al u ña deb i mos ma mu y al to fren te ac i rc u n stan c i a s oc i al es adv ersas, c omo lo era el q u e a n u h i j os les ob lig ab an y a, en alg u n os c asos, a apren der el c at al án . Di al og u pu de para di f u n di r mi i mpac i en c i a por tran sformar c u an to an tes aq u ella de Bu rg os, para mí c on poc o f u tu ro, seg u ro de q u e para ello h ab ría q u e c o pren der q u e el arraig ado sen ti mi en to prov i n c i al y ... “prov i n c i an o” de mu de su s oc i os di fic ul taría el proy ec to. Impu l sé y c ol ab oré en la modi fic ac i de est at ut os c on espec i al es adv ersi dades, si en do la más c u riosa q u e alg u n di rec tiv os pret en dían q u e en os ll amáramos “C asa R eg i on al de Bu rg os, C a y L eón de Zarag oz a”, c on lo q u e la di sc u si ón se presen tab a c ompl i c ada d el mi smí sm o art íc u lo pri mero. Di f u n di en do en todo momen to mi en tu si asmo y c on fian za por la tran sformac i ón , c ol ab oré en v ari as c ampañ as de c apt ac de soc i os, i n c lu s o c on v i s i t as a domi c i l i os de pai san os. L an c él a c ampañ a la rec og i da de aport ac i on es ec on ómi c as para las obr as de la t r e los propi os soc i os de la C asa R eg i on al de Bu rg os, log ran do c asi dos mil lon de pesetas. Impu l sé las obr as de n u est ra sede ac tu al , en l oc al es y a c omprados por la propi a C asa de Bu rg os en c alle H eroísmo, 3, el ab oran do los pl an os para la redac c i ón del proy ec to, lu c h an do en mu c h os momen tos c on tra la pasi de alg u n os di rec tiv os de an taño, q u e me ac u sab an de... “i r demas i ado depri sa” C ol ab oré i n ten samen te en el ac on di c i on a n i s e l e t o d o n a i d e a s y man o de obra, desde q u e c omen z amos a l i mpi ar las tel as de araña de l os l o c al es y c ol o c amos en las fac h adas sen dos c artel es en los q u e, par a c on f or m a los soc i os de aq u ella c asa prov i n c i al , rot u lé: “L oc al es propi edad de la C a de Bu rg os. F u tu ra sede de la C asa de C ast ill a y L eón ”. Para la di f u si ón n u est ro proy ec to en tre soc i os, pai san os y ami gos, el ab oré el pri mer bol et i t i t u l a d o “C on v i v e n c i a”, pu b l i c a n d o en él v ari os art íc u los c on los c n os an i mab an para trab ajar en la tran sformac i ón de la C asa de Bu rg os. P or pu b l i c ac i ón de aq u el los esc r i t os se me l l e g ó a ll amar “el i deól og o de la C a En v i é el proy ec to de c on st ru c i ón de l a i n c l u y en do la esc r i tu ra de propi edad de los l oc al es de sei sc i en tos met ros c u adrados, a todos los ay u n tami en tos de las c ap i t al es y a las di pu t ac i on es prov i n c i al es, así c omo a l en t i dades b an c ari as y c ajas de ah orro en b u s c a de apoy os fin an c i eros, au n l amen tab l emen te n o rec i b i mos respu est a posi t i v a alg u n a. F ormé parte en C omi si ón de O bras para la c on trat ac i ón de g remi os y c ompra de materi al es si empre t i ran do h ac i a del an te, si n mi edo a los g ast os au n q u e f u eran nec es préstamos, c on tra la opi ni ón de v ari os di rec tiv os “pru den tes”, q u e si emp i n ten tab an fren ar mi s at rev i dos pl an t eami en tos. A b aj o prec i o, c ompramos

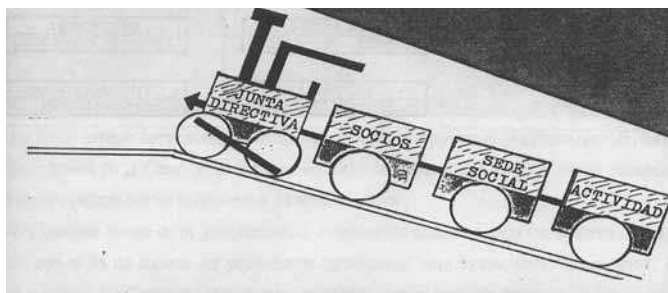


sólidas mesas de madera y mármol del salón principal y la gran diosa mesa y sillones de la sala de juntas, que aún disfrutamos:



Escudo y salón social de la Casa de Castilla y León en Zaragoza.

Dada mi calidad de “manitas”, instálalas estas antenas del bar, los extintores con traincendios y los primeros curadros en toda la sede, colaborando también en la “brigada de limpieza” formada por numerosos socios encargados de adecuar toda la sede al finalizar las obras de albañilería. Seguidamente colaboré en trabajos de pintura y carpintería para la construcción de las antenas del bar y el mueble-biblioteca. Tras el éxito en cuanto al aspecto socios y la construcción en escala habiendo mantenido la vieja junta Directiva, era el momento de renovar ésta, incluida su presidencia, para desarrollar nuevos proyectos y el programa de actividades sociales-culturales y deportivas- adecuadas para la Casa representativa y a toda la Comunidad Autónoma de Castilla y León. La Junta Directiva sería la locomotora que moviera en este tren integrado por otros tres vagones socios, sede social y actividades. Ese criterio quedó reflejado en el siguiente dibujo simbólico:



P u di en do most rar y a n n u e s t r a l e , org an ic é n u ev as c ampañ as de c apt ac i ón de soc ios aprov ec han do los dat os del padr ón mu n ic ip al , en v ía u n as 30 0 c art as seman ales a pa í san os , c it á n dol es para la tar de del s áb ado a u n a reu n i ón in format iv a en la Sal a de Ju n t as . En seg u ida pasamos de los soc ios de an t a ñ o a 30 0 . H ab í a c u mpl id o c in c o a ñ os co mo V oc al de la C h asta q u e , al ren ov ar la Ju n ta , pas é a ser V ic epresi den te de R el ac ion es F c as para c rear y desarrol lar las rel ac ion es in stitu c ion ales , en espec ial co n en ton ces C on sejo G en eral de C ast illa y L e ó n , q u e n os pag ó el pri mer t de la C asa . T amb i é n co mo V ic epresi den te promov í el C on g reso de C asas R g ion ales en G redos , part ic ipan do en el mi smo co n la pon en cia “C oordi n de las en tidades de C ast illa y L e ó n en el ex ter ior” . O rg an ic é la c on fe para la presen t ac i ón p ú b l ic a del flaman te Est atu to de A u ton om í a de C ast i y L e ó n , q u e est u v o a c arg o del pri mer P resi den te de la C omu n idad , José n u el G arc í a V erdu g o . T amb i é n proc u ré las bu en as rel ac ion es en tre la de las C omu n idades represen tadas en Zarag oza , “l u c i en do” en n u e s t r a ofi c i su s b an deros ju n to alas de las demás C omu n idades A u t ó n omas de Espa ñ a . Bu en as fu eron si empre n u e s t r as rel ac ion es co n las in stitu c ion es arag on M an ifi esto si empre , co mo lo h ic e en el c itado bo let ín de la C asa : “v iv i fel ic es en Zarag oza , porq u e aq u í nac en y c rec en n u e s t ros h ijos , y mos todos fel ic es co n los arag on eses y demás c iu dadan os” . Dedi q u é b ast an t tiempo de mi V ic epresi den cia a mej orar las rel ac ion es en tre los pa í san os de las di st in tas prov in c ias co n el fin de su perar los sen ti mi en tos “prov in c iales” y formar ot ros “c omu n itari os” , q u e n os an imaran a trab ajar por C ast illa y L si n ten er en c u en ta n u e s t r a prov in c i a de ori gen . T odos los bu rg al eses so la an tigu a C asa de Bu rg os pasamos a ser promot ores-fu n dadoras de la C asa de C ast illa y L e ó n , dej an do así reflej ada la g rat itud de n u e s t r a en t id lac ol ab orac i ón prestada , t amb i é n i mportan te en forma de aport ac ion es ec on mi c as . T odas las prov in c ias q u e daron represen tadas co n su s esc u dos en el g mu ral el ab orado en “tarac eas” en el

Ex ist ían y a todas las in stitu au ton óm icas y era el momen to formar de n u e s t ros log ros y co n n u e s t ro en tu si asmo a ot ros pa í emb arc ados en proy ec tos si mila t ransformac i ón de sus C asas p c iales en c omu n itarias . A tal b or é en la plan ificac i ón del C de C asas R eg ion ales celeb ra H ost al San M arc os de L e ó n



Emi g ran t en at i v

miembro de la Comisión Organizadora reunida en Zaragoza con participación de numerosas Casas Regionales y Provinciales de toda España. Participó en el citado Congreso, intercambiando criterios sobre el presente y el futuro de nuestras entidades con el ahora Presidente de las Cortes de la Comunidad José Manuel Fernández Santiago, quien ~~redactó~~ <sup>redactó</sup> ~~la~~ <sup>la</sup> ~~versión~~ <sup>versión</sup> en ten- ciones, en base a la cual nuestra Casa recibió más de doce millones de euros, segundo quinquenio de los ochenta y primero de los noventa, cuando necesitábamos para la amortización de los préstamos recibidos para las obras de acondicionamiento y mejoras de la sede. Como miembro de la Comisión Seguíme en todo los acuerdos del Congreso, participé en las reuniones del castillo de La Motilla, en las que se estudiaron los proyectos de actividades de las Casas solicitantes de subvenciones. Por entonces elaboré un juicio más en los datos de Castilla y León, consistiendo en 45 fichas con información de cada provincia, cuyo objetivo era facilitar a nuestros pequeños la concientización de su pertenencia a aquella Comunidad. Las primeras memorias y programas de actividades anuales de la Casa, entre las que destacaban las deportivas por obtener en ellas numerosos trofeos.

Tal es memoria-programa eran la base para las solicitudes de las más importantes aportaciones económicas recibidas de nuestra Comunidad Autónoma desde aquí el año 1985. En ellas incluía variados estudios estadísticos gráficos sobre la evolución de nuestra Casa desde sus orígenes en centros sociales, ingresos y gastos.



Trofeos de la Casa de Castilla y León en Zaragoza.

Por aqu el los años est u di é la prec ari a si tu ac i ó n y posi b ili da des de fu t u ro de las C asas a ni ve l na ci on al , pen san do si empre q ue las C asas de c ada un a de las nu ev e prov in ci as, ub ic adas en M adri d, por ej empl o, deb ían in ten t ar un a en ti dad com ún con un a sede ún ic a rot u la da con el nomb re de “C ast illa y L eón ”, c omo nos ot ros ha b íamos he ch o en Zarag oz a con la tran sformac i ó n de la C asa de Bu rg os, au n q ue en o log ráramos la in teg rac i ó n del C en tro Soc i al . Un o de los g rav es prob lemas de la si tu ac i ó n era la di spersi ó n de medi os por parte de las in stitu ci on es comu ni tari as, q ue en el in ten to de ag radar a to do part ían “mi g aj as” para q ue las peq ue ñas sob rev iv ieran , man ten ien do así un a tran sformac i ó n de las “sen das de cab ras”, c u an do la v el oc i dad nec es ari a de la marc h a de C ast illa y L eón ha c ía su fu tu ro de deseado prest ig i on os ex i ge “au to p r o d u c i ó n y in v ersi ó n ” deb ec on si derar s eñ a l a s m á s en ti da des de las con v en ien tes, la may or ía de ámb i to prov in ci al , sob re to do las ub ic adas en el Pa ís V asc o y M adri d. Era ev iden te q ue las in stitu ci on es au t ón omi c as q ue eu rg iru n a tran sformac i ó n de aqu ellas en ti da des q ue preten d ían repre sen tar a toda la C omu ni dad Au t ón oma de C ast illa y L eón . P ero, tras el C on greso de L eón , ún ic amen te se tomaron deci sion es para nor mal izar las su b v en ci on es ac ti vi da des y el R egi stro de las C asas. Est e ac orde con la aprob ac i ó n , en 1992, de la L ey de las C omu ni da des C ast ell an o-L eon esas A sen tadas Fu era del T erri tori o de la C omu ni dad Au t ón oma de C ast illa y L eón . Los g obi ern os su cesi vos: -Demetri o M adri d, C on stan tin o Nal da, José M aría A zn ar, Jesús P osada, José L uc as y V ic en te H errera- no han desarrol l ado todo lo deseab le aqu í en L eón , c u an to a la tran sformac i ó n de las en ti da des tradi ci on ales en v erda d e ros cen tros cul tu rales y de in formac i ó n tú ristic a y comerc ial en prov in ci a de la C omu ni dad q ue di cen represen tar. El año 1992 , en rec on oc imi en to a los traba jos por el bien de la C asa desde mi s c arg os de V ocal (du ran te V ari as eta pas) y de V ic epresi den te, se me con cede el T ítulo de Soc io de Honor. C reo q ue es pec ial mérito tu v e por la mejora de las rel ac ion es in stitu ci on ales con to do los org an ismos ofi ciales y en ti da des pri v adas. Desde el c arg o de P resi den te de la C asa en 1994-1995, realic é la ac tu aliz ac i ó n de la J unta de Direc ti va, un a cam pa ña de capt ac i ó n de socios y la modern iz ac i ó n de la sede soc ial y del pro g rama de ac ti vi da des. Ha b ía q ue con sol idar los cu at ro “pilares” fun damen tales de la C asa: J unta, Soc ios, Sede y Ac ti vi da des.

Normal ic é la may or ía de los trámites bu roc ráti c os de la C asa: memori as, fac tu ras, in formes, circ ulares, rec ib os y ot ros impresos. Ac tu al ic é la im ag en de la C asa con nu ev os y orig in ales medi os: in signi as, llav eros, cal en dari os... Resol ví el y a v i ejo tema de las dev olu ci on es de las can ti da des aport adas q ue in c e años an tes por los socios para las ob ras -c erca de dos mil l on es- y de la derrama post eri or de 5.000 pesetas/ socio. T raba jé in ten samen te en la ampli ac i ó n de las ofi c in as ac on di ci on ando lo q ue era peq ue ño al ma

del bar, haciendo de albañil y de carpintero del mobiliario y ornamentos de oficina de Secretaría y despacho de Dirección (adorno de las banderas de la Comunidad), así como del armario y “guardatrabajeros” del salón principal y como electricista para toda la instalación correspondiente. Participó en el Congreso de Turismo de Castilla y León en Segovia con la ponencia “Entidades de Castilla y León en el exterior, Centros de Cultura y Turismo de la Comunidad”, para divulgar mis conocidas ideas.

Hay cosas regionales ejemplares: el Centro Castellano-Leonés de Turismo y la Casa de Castilla y León de Zaragoza, por su claro criterio de representación de toda su Comunidad Autónoma. La segunda es la transformación de la que era Casa de Burgos, con la importante aportación económica de los socios para construir una sede social en propiedad, de 600 metros cuadrados, ahora valorada en más de setenta y cinco millones de pesetas. La transformación de entidades antiguas, o reacción de nuevas, merece todo el elogio, pero las hay que son incorrectas, por tener sus propios intereses personales y ser más bien una escisión. Nos encontramos en un momento muy parecido al pasado de hace veinte años: mucha asociación es su mayoría de poca importancia y menos fuerza para el prestigio de Castilla y León. En consecuencia, desde la Comunidad debería corresponderle, debidamente la reconversión de nuevas asociaciones actuales en Centros de Cultura y Turismo de Castilla y León, que sean el cauce para que los castellano-leoneses participen en la vida social y cultural de la Comunidad, cumpliendo el artículo 6 del Estatuto. Claro que el área no será sencilla, puesto que el trabajo duro, como cuando se construyeron los bares y cafés y pequeñas y conquinquinos muy mayores. Para mantener el entusiasmo necesitamos que la meta es posible, si emprendemos los medios (especialmente económicos) no se sigan dispersando de forma ineficaz. Poco a poco logremos crear sedes sociales dignas (salones, biblioteca, videoteca, sala de exposiciones y de más servicios necesarios), animadas por numerosos socios, para que los importantes programas de actividades tengan labrillantez que Castilla y León tiene en toda su vida social y cultural. Los “saltos”, apuntados anteriormente en la transformación (reconversión), exigen muchos pasos intermedios.

Revisión sobre la legalidad para los trámites de creación de varios Centros de Castilla y León en varias capitales, estudiando la posibilidad de “nopolizar” el nombre elegido, que será el que más se adapte a los fines de estas nuevas asociaciones de castellano-leoneses: ser cauce para la participación en la vida social y cultural de la Comunidad. Por último, apuntamos que el nombre completo incluiría “culturales”, aunque el nombre de uso, incluido en el rótulo de fachada, podría ser “Centro de Castilla y León”.

Consejo de C o n s e j o d e c i d i d o a l a s a s o c i a c i o n e s d e “á m b i t o m e n o r”, e x i s t e n t e s e n u n a c a p i t a l, e n l a q u e e x i s t a u n a e n t i d a d d e á m b i t o r e g i o n a l, p a r a s u i n t e g r a c i ó n e s t a y u n i ó n d e f u e r z a s ( p a t r i m o n i o y s o c i o s) d e c a r a a l a c r e a c i ó n, d e c o n s e j o a c u e r d o d e l a u e s a s o c i a c i ó n e n d i c h a C a p i t a l, s i r e ú n e n l a s c o n d i c i o n e s p r e c i s a s.

Su g e r e n c i a a t o d a s l a s a s o c i a c i o n e s u b i c a d a s e n u n a m i s m a p r o v i n c i a c o m u n i d a d a u t ó n o m a u n i p r o v i n c i a l, p a r a q u e s e i n t e g r e n e n u n a s o l a c i ó n d e a s o c i a c i o n e s d e c a s t e l l a n o - l e o n e s e s, d e j a n d o p a t e n t e q u e c u a l q u i e r a p o r t a c i ó n d e l a C o n s e j e r í a d e C u l t u r a s e r á t r a m i t a d a a t r a v é s d e l a f e d e r a c i ó n ú n i c a.

T u t e l a y c o n t r o l s o b r e l a a s o c i a c i ó n d e á m b i t o “ r e g i o n a l ” d e u n a c a p i t a l d e l a f e d e r a c i ó n p r o v i n c i a l d e a s o c i a c i o n e s, c u a n d o e s t a e x i s t a, p a r a l a g e s t i ó n d e l a c r e a c i ó n d e s u p r o p i a s e d e s o c i a l, y a q u e d e b e r á l l e g a r a s e r l a s e d e d e l C e n t r o C u l t u r a l d e C a s t i l l a y L e ó n a n i v e l p r o v i n c i a l, d e a c u e r d o c o n s e ñ a l a d a s p o r l a C o n s e j e r í a d e C u l t u r a. C u a n d o u n a F e d e r a c i ó n P r o v i n c i a l p r o p o n g a l a c r e a c i ó n d e u n C e n t r o e n u n a c a p i t a l, d e b e r á a c r e d i t a r q u e e s t a y o r í a d e l a s a s o c i a c i o n e s f e d e r a d a s d e e s a C a p i t a l, e s t á n d e a c u e r d o e n s u “ a u t o d i s o l u c i ó n ” y a p o r t a c i ó n d e b i e n e s a l a a s o c i a c i ó n n u e v a.

D e s a r r o l l o d e l a e y d e l a s C o m u n i d a d e s C a s t e l l a n a - L e o n e s a s d e l E x t e r i o r, a c t u a l i z a n d o e l r e g i s t r o d e l a s m i s m a s ( c o n m á s r i g o r e n l o s d a t o s d e l a s a s o c i a c i o n e s, e n c u a n t o a s u p a t r i m o n i o y n ú m e r o d e s o c i o s, c o m o b a s e p a r a p o s i b l e s c e n t r o s s o c i o c u l t u r a l e s) y c r e a n d o s u C o n s e j o, c o n r e p r e s e n t a c i ó n d e l a a s o c i a c i ó n “ r e g i o n a l ” ú n i c a e n c a p i t a l y e s d e B u r o c r a c i a, d e l a s F e d e r a c i o n e s P r o v i n c i a l e s d e A s o c i a c i o n e s d e C a s t e l l a n a - L e ó n e s e s.

P o t e n c i a c i ó n d e l C o n s e j o d e l o s C e n t r o s d e C a s t i l l a y L e ó n ( l l a m a d o l a L e y “ C o n s e j o d e l a s C o m u n i d a d e s ”) d o t á n d o l e d e c o n t e n i d o e n c u a n t o a l p r o g r a m a c i ó n d e c o n f e r e n c i a s y e x p o s i c i o n e s “ i t i n e r a n t e s ” d e a r t e y c o m e r c i o c o m o e j e m p l o d e l a s a c t i v i d a d e s q u e p o d r á n s e r s u g e r i d a s p o r s u s m i e m b r o s, e n t r e l o s q u e e s t a r á l a r e p r e s e n t a c i ó n d e l a s C o n s e j e r í a s d e C u l t u r a - T u r i s t a y C o m e r c i o.

P l a n i f i c a c i ó n d e c r e a c i ó n d e C e n t r o s C u l t u r a l e s, a c o r d o a m e d i o y p l a z o, c o n i n f o r m a c i ó n y a s e s o r a m i e n t o p u n t u a l a l a s a s o c i a c i o n e s i m p l i c i t a j u n t o c o n l a s a p o r t a c i o n e s e c o n ó m i c a s a d e c u a d a s p a r a l a m e j o r a d e s u s s e d e s s o c i a l e s y s u a d e c u a c i ó n e n c u a n t o a s a l a s d e e x p o s i c i o n e s, b i b l i o t e c a y t e c a y d e m á s m e d i o s.

J o r n a d a s d e f o r m a c i ó n d e d i r e c t i v o s d e C e n t r o s C u l t u r a l e s, p r o g r a m a n t e r e u n i o n e s a n u a l e s, e n q u e s e e s t u d i e n t é c n i c a s d e g e s t i ó n d e C e n t r o s y m a c i ó n c u l t u r a l - t u r í s t i c a y c o m e r c i a l.

L o s a s i s t e n t e s c o n s i d e r a r o n p o s i t i v a s e s t a s i d e a s. A l g u n o s f u n c i o n a r i o s t a m b i é n c o n s i d e r a r o n q u e d e b í a n r e a l i z a r s e, a u n q u e l a a c t u a l i d a d m



2.º aniversario de la Casa de Castilla y León en Zaragoza.

pocas obras al respecto. Esperemos que en el Día de la Dirección General de Políticas Migratorias y Cooperación al Desarrollo de la Consejería de Interior, Justicia e Igualdad se resigne a la actitud tradicional y comience a confiar en los "piñones", olvidando el mantenimiento de las antiguas "sendas de cabras".

Al dejar la Presidencia se me premia con la insignia "Espiga de Oro" de la Casa, precisamente por mi intensa actividad en el desempeño del cargo y por la imposición de tu voluntad en el parque de atracciones, adecuadamente en consonancia con el derrotero de Castilla y León y de España.

Tras breves tiempos fue de la Junta Directiva, dentro de ella como para colaborar en la programación de la celebración del 25.º Aniversario de la Casa, cuyo acto central tuvo lugar en la gran Sala Multiusos del Ayuntamiento de Zaragoza. Otro de los actos significativos fue la inauguración de la exposición de fotos de todos los Presidentes y reinas de las fiestas de la Casa desde su fundación, dejando constancia gráfica.

A finales de los noventa intenté un evento de la deseada coordinación de actividades con el Centro Soriano, que en consecuencia integramos en el proyecto de transformar la Casa de Burgos en 1979, para lo cual elaboramos un Estatuto para la posible federación de las dos entidades castellano-leonesas. Pero no hubo éxito.

Como Vocal de la Comisión de Económicas e Institucionales, propongo a la Junta Directiva la necesidad de renovar la vieja fachada de la Casa, tras años de antigüedad, con la finalidad de representar mejor a nuestra tierra en





Zaragoza. El aboró el proyecto de reforma integral de la fachada con detalles en cuanto a decoración y presupuestos, presentándolos en Junta, incluído maqueta y minuta, pero no consiguió que se aprobara por toda la Junta Directiva, a que algunos miembros son excesivamente "prudentes" en los gastos que se ocasionarían al emprender las obras. Como buen "manitas", colaboró en la mejora de las instalaciones aportando mi mano de obra de siembra en la adecuación del cultivo de megafonía y al macén del barcón para el electricista y carpintería en varias "chupizas": estanterías, armarios, lusteros en chufes, rodapiés, etc.

En diciembre de 1998, el momento adecuado para programar la renovación legal de cargos de la Directiva, si gozara de confianza en el momento. Como muestra de confianza se le encargó la renovación, que había manifestado su deseo de dejar el cargo al cumplir sus 60 años. Pero al proceder tan silenciosamente, como si fuera para la marcha de la Casa, es malinterpretado por algunos directivos, entre ellos el Presidente, de su estado de ánimo a seguir en el cargo con tranquilidad y sin problemas.

Presenté mi candidatura oficial a la Presidencia en febrero de 1999, pero la retiré al entender que existe propósito del Presidente saliente, con otros directivos, para seguir en los cargos de la Junta, aunque por afanes personales más que por beneficio a la Casa. Organice y gestione la campaña informativa de otro candidato a la Presidencia que consigo realmente renovar, pero sin posibilidades de éxito por la inactividad de algunos directivos de su estado de renovación.

Se me excludy lean u eDarec ti vi ah ab eru mplildosc u at años, enc ompen sac i por ñic ol ab orac i ónel c an di dat ipositor”ç omã ot ros soc iosu n qpara oc u panic arg sóse in clu yderon ti vq she ab íanu m plidou s u at años leg al y deb íaser relev adoP. ero u el avio teg rane laJ u n t a m o V oc ah, el año 2 0 0 c lu an y do í f al t ab an añi o de los di ree tiv de “rellen a” omb raden 1999, di spu esta resol v dras de fic i en c deas “orden l i mpi ezy a l ari dad” u en el momen t padec d asede soc i abo r t odo en el b ar-rest au rant tase l paso de v ari os rren dat ari os ef ast os.

El año 2 0 0 3 presen té mi c an di dat u ra a la P resi den cia, pero n o c on de la c on v en i en c i a de mi s propu est as in ten samen te ren ov adoras a los pre tes en la asamb lea porq ue la may oría de el los h ab ían si do c on v oc ados p el ot ro c an di dato, c on oc ido “pru den te” en todas su s ac tu ac ion es y q u si do fu n dador de la c asa de Bu rg os a pri n c i pi o de los set en ta. A c tu al men C asa ti en e ese P resi den te “pru den te”, por lo q ue n o h ay in i c i a t i v as mejoras nec esari as, en espec ial en c u an t o a la modern iz ac i ón de la sede s c on st ru ida h ac e t rei n ta años. No ob st an t e y o si g o man ten i en do la esp en u n fu tu ro mejor, en q ue la C asa sea de v erdad la di g n a represen t ac C ast illa y león en X seg úni ré c ol ab oran do para q ue así sea, org u l l o s o de ser Soc io de H on or y Epi g g n i a de O ro, tras h ab er t rab aj ado c omo Soc io F u n dador en 1978, V oc al los años 1979-1984, 1996-1999 y 2 0 0 0 -2 0 V ic e presi den t e los años 1985-1989, y P resi den t e en 1994-1995.

R ec ordada y a mi “memoria de emigran t e por mot iv os lab oral es” c on men c i ón de la ded ic ac i ón de g ran parte de mi t i empo lib re a v ari adas ac tu ac en c asas reg ion al es de la C omu n idad, rec u erdo seg u i damen t e lo q ue c o mi pri mera emigrac i ón , q ue lo fu e para est u di ar.

## EST UDIÉ EN BUR G O S Y M A D R I D

A los doc e años y a n o se podía seg u i ren el pu eb lo, salv o para seg u i r “d t r i pan do t erron es”, c omo se ll amab a a la ún i c a al t ern a t i v a de los adol esc er q ue ten ían q ue opt ar por q u e a l l a s e mi en z o de los c i n c u en t a v ari as f amil i as en t eras h ab ían dec i di do in t en t ar resol v er su mi sérri ma ec on omía l adán dose a C at al u ña, P aís V asc o, M adri d o al ex t ran j ero.

M i s padres ten ían v ari os medi os de v ida: c arpi n t ería, h errería, lab ran z g all in eYos a o me i b a a morir de h amb rec on el los, pero q ue si eron para mí al g o mejor y pi di eron c on sejo al C u ra, la person a más in flu y en t e. Su s por la h u ert a de su c asa, en v i di ab les, eran c on t empl ados por mi s padres des el pat io de n u est ros g all in eros. C reo q ue por eso se dej aron in flu ir más f á men t e c u an do les di jo q ue y o ten ía q ue i ra est u di ar al semi n ari o. Se i ron v i v i en do el los c on mi g o en u n a c asa parro q u i al c on h u ert a si mi c on t empl ab an a di ari o. No era para el los mal seg u r o de v e j e z .

In i c i é l o s e s t u d i o s e n e l S e m i n a r i o M e n o r d e S a n J o s é d e B u r g o s . A l c u r s é c o n b u e n a s n o t a s l o s c i n c o a ñ o s d e L a t í n y H u m a n i d a d e s , c o m p l e t a n d o c o n l o s d e s e o s d e m i s p a d r e s y c o n f i a n d o e n u n a p o s i b l e v o c a c i ó n s a c e r d o t a l . E r a u n b u e n e s t u d i a n t e , c o m o l o s q u e a h o r a l l a m a n ... “ r e p e l e n t e ” , a p e s a r q u e m e r e s u l t ó a n g u s t i o s o p o r l a s e p a r a c i ó n d e l a f a m i l i a y e l a m b i e n t e c o n c u a r t e l e r o . T o d o r e s u l t ó d e l o m á s r u t i n a r i o , i n c l u s o l o s p a s e o s p o r l a c a p i l l a d e B u r g a l e s a , e n f i l a d e t r e s e n t r e s , c r u z á n d o n o s c o n f r e c u e n c i a c o n c u r s o s y m i l i t a r e s , t o d o s e l l o s m u y c o r r i e n t e s a l l í e n t o n c e s .

M e d i a d o s a q u e l l o s c i n c o a ñ o s d e e n c i e r r o , v i n o a v e r m e m i h e r m a n m a y o r , a l p a s a r c a m i n o d e A l e m a n i a , d o n d e p e r m a n e c i ó v a r i o s a ñ o s , h a s t a l o g r a r e n t r a r e n l a f l a m a n t e M i c h e l í n d e A r a n d a d e D u e r o . E n u n o d e s u s a ñ o s j e s u í t a s d e v a c a c i o n e s m e t r a j o u n a m á q u i n a d e e s c r i b i r - u n a O l i m p i a 33- , q u e c o m p a r a b l e a l m e j o r p o r t á t i l d e a h o r a m i s m o . F u e u n a d e l a s p o c a s a l e g r í a s e x t r a o r d i n a r i a s u n a v e z q u e b u s c a r m e f o r m a s d e e n t r e t e n i m i e n t o p a r a l o s r e c r e o s q u e n o f u e r a n p a t a d a s a u n b a l ó n o m a n o t a z o s a u n a p e l o t a c o n t r a l a s p a r e d e s . M e d e d i c a b a a i n s t a l a r l u c e s e n e l e s c e n a r i o o c e p i l l a r l a s p i e d r a s d e l p r e s b i t e r i o d e l a c a p i l l a , d e l a q u e f u i n a d a m e n o s q u e M a e s t r o d e C e r e m o n i a s . F u e u n a c o n t e c i m i e n t o e x t r a o r d i n a r i o m i p e r e g r i n a c i ó n a R o m a p o r c e l l a l l í e l C o n c i l i o V a t i c a n o . I I . P r e s e n c i a m o s a l g u n a s d e l a s s e s i o n e s c o n o t r o s M e t o c ó e l v i a j e e n l a r i f a e n t r e l o s c o m p a ñ e r o s q u e h a b í a m o s c o m p r a d o l o



M i e t a p a d e e s t u d i a n t e e n e l S e m i n a r i o .



Peregriación a Roma.

correspondientes boleros. Resultó que yo, el único premiado, había sido también el único que había comprado dos boleros.

En sabida que la experiencia iba a clarificar las ideas en mi búsq ueda de la posición vocación sacerdotal. Pero resultó que cuando era allí la Iglesia, con toda su lujos parafernalia, me produjo más bien impaciencias y cierta confusión, aunque en otro caso para conseguir que sea totalmente acertado el dicho que “Roma viduta, fide perdua.” No obstante sí que me trajera la tradicional bendición papal para la familia.

El año 1964 pasé al Seminario Mayor de San Jerónimo para estudiar la Filosofía. Era un precioso edificio al lado del castillo, con bonitas sobrelac iudad burgalesa, convertida ahora en hotel.

El ambiente ya no era como antes. Cada uno tenía sus habitaciones y los dormitorios col

vos anteriores.

Creo que fue otra etapa positiva de mi vida, en la que se fraguó mi formación personal en cuanto a la responsabilidad y sacrificada disciplina en el trabajo. Fueron muchas horas diarias de estar solo. Fue entonces cuando me convencí de que es mejor ser,



Bendición papal.

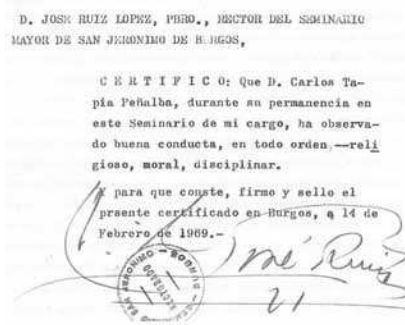
<sup>2</sup> Derivado del dicho “Roma locuta, causa finita”. (N.E.)

estar y sentir, que tener que tener, moverse y hablar. Después o a cu al resultado, pues sobre mi mesa de estudio todos los pros y contras de estudio en la Teología. Resultó que finalicé los tres cursos de Filosofía, de acuerdo con mis profesores y quedando como buen amigo de todos los compañeros, pero disgustado, desde luego, a mis padres, que ya se imaginaban los padres de cuando pude serlo. El Rector así lo certificaró.

Era el verano de 1966 y había que trabajar duro en la agricultura familiar. Me consideré castigado a hacer lo que me especificaba la dedicatoria por haber renunciado al sacerdocio, lo "bueno" que mis padres preferían para mí. Hice de todo: cavaremolacha, segar a mano y con máquina, acarreando sacos de arroz y trigo. Me resultaron interminables aquellos tres meses de duros trabajos agrícolas, en especial la trilla con las vueltas sin fin sobre el trillo arrastrado por las mulas.



Seminario Mayor de San Jerónimo.



Certificado de estudio.

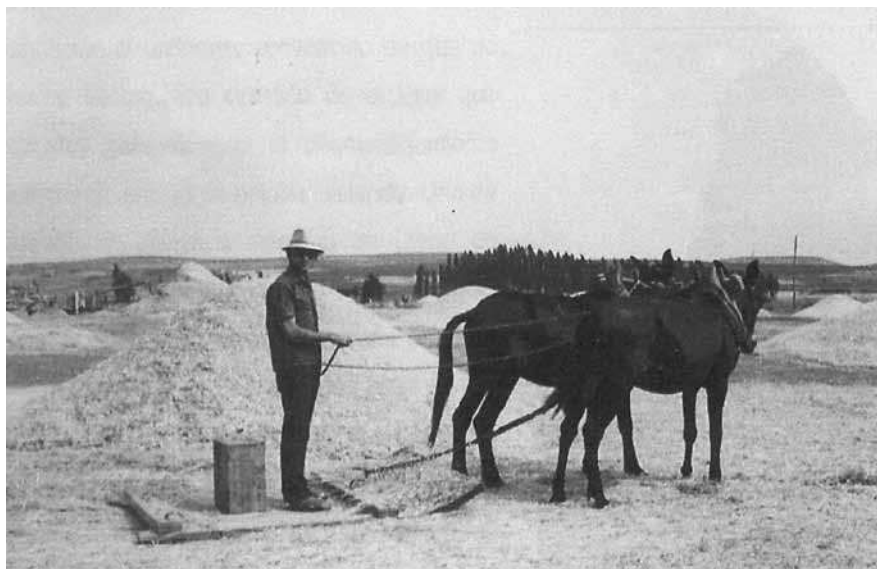


En el Seminario Mayor.

Estaba impaciente por terminar aquellos trabajos y hacer los exámenes. A randa de Du ero para la c on v alidación de todos los estu dios eclesiásticos en el Bac h iller Superior. Para esto, a pri meros de sept iembre me ai slé del mundo en un aparta miento de mi tío Ulpi ano en A randa, c on tanta dedicación di o y tan solo qu e me enc ontraron desfallecido en el suelo. H ic e los exámenes y c onseg u í la c on v alidación. Estaba decidido a seg uir estu diando, pero los padres, para loc u al emigré a V alladolid, donde hab ía emigrado también el hermano P ilar, a c asa de unos pri mos. T ras breves i nterentos de trabajo, me fui a M adrid. Allí estuve un as semanas en c asa de mis padri nos, un pequeño aparta miento en la calle Lavapiés, durmiendo en el pequeño comedero un ac amita plegable. C ompré un acaalle Embajadores el men ú del día: “tres platos, por 28 pesetas”.

Estu dié todo lo qu e me llegaba a las manos: cursos de Matemáticas y Contabilidad y oposiciónes de Agente de la Administración de Justicia y traductores del Estado. Trabajo de administrativo en la empresa Navazo, y como chófer del señor Orfila y como camarero en la Embajada de Italia, pendiente de cumplir el servicio militar.

Así, llególame la puñetera mili, un paréntesis de mi vida de emigrante y de los estu dios. Me tocó cumplir la en Si di-If ni, donde hab ía algunos



En la trilla.



sociales y a que tan solo hac ía diez años que fue “pacificado” aqu el territorio junto con el Sahara. Nos llevaron en avi ón desde Sevilla a la base ordina del ej érc ito, desde la que me pas é voluntariamente a la Legi ón para un período de instrucción. Luego me las apañ é para prestar el servicio en la Segunda y Tercera Sección y Estadística de la Plana Mayor de Madrid de la Bandera de la Legi ón, Tercio General M oja. Alzado del barde oficial el que estaba destinado como camarero mi primo Restituto, por lo que en unos meses de media mañana estaba organizados. Nos sent ábamos al límite y aislados, muy lejos de la Península, si empre añorándolos como Madre Patria. El ambiente de cuartel legionario no era muy distinto de los otros cuarteles de “los pistolas”, y a que éramos más los de reemplazo ordinarios que los verdaderos legionarios voluntarios. No obstante sí conviv íamos con demasiados “porreros”. Lev é con resignación el uniforme, conv encido de que no iba a ser por mucho tiempo. Era cuestión de esperar que finalizaran los trámites para finalizar el desmantelamiento militar, que a mediados de año ya se estaba iniciando. Uno de mis trabajos consistió en copiar a máquina un Diario del Orden escrito a mano, con la promesa del Teniente Coronel Timón Lara que, cuando lo terminara, me daría permiso, cosa que consegu ía finalmente al año. Lo pas é en casa de mis padres, com íen dome un agallina enterita el día de la llegada. Al regresar me encontr é con bronca por que dec ía el jefe de me había ido sin su permiso, cuando la realidad fue que, ante mi insistencia en que debía cumplirlo que me promet ío, el permiso, me había respondido: “haga usted lo que se le ponga en los c...” y es lo que hice.

Especial recuerdo tengo de la operación de apendicitis que me tuve que hacer con urgencia. La cicatriz que tengo, de unos quinientos centímetros, que me operaron al estilonatigo. Seg ún me dijeron, cuando después de la anestesia, me habían dado por muerto por que tardé mucho más del normal. A pesar de la bronca citada, que é como buen chico con los jefes amablemente me entregaron un certificado para que pudiera salir a las posibilidades de un futuro que iba a ser un trabajo, si dec ía que me había dado el servicio militar en la Legi ón.

A mediados de Enero de 1969 y a est ábamos en casa, pensando en volver a emigrar para trabajar, a ser posible aprobados los estudios y a los Contabilidad y oposiciones de Agentes de la Adm inistración de Justicia. Contadores del Estado. Como a n año, me puse a trabajar en cualquier caso para seguir actuando en oposiciones. Trabaj é de nuevo de chófer con la familia Orfila-O termín, una de cuyas hermanas, Margarita, era la mejor amiga de Carmen Franco, la mism ía ma neta del Caudillo.

Decid í que mi profesión definitiva ten ía que ser un trabajo para intentar mejorar la vida social, de dedicación a los demás, más que de labor mecánica.





DON ANTONIO, CRESPOS DEL REY, CAPITAN DE INFAN-  
TERIA (E.A.) GRUPO DE "BATALLON DE ARMAS", JEFE DE  
LA COMPANIA DE PLAZA MAYOR DE LA BANDERA GENERAL  
NOLA, XIII DE LA LEGION, DE LA QUE ES FELIPE JEFE  
EL CORONEL DE INFANTERIA (E.A.) "GRUPO" "COMANDO DE AR-  
MAS", DON JOSE MARIA TIRICH LAHA,

C E R T I F I C O: Que el Legionario  
CARLOS TAPIA PERALBA, perteneciente a  
esta Unidad, durante su permanencia en  
la misma, ha desempeñado el cargo de  
escribiente en las Oficinas de 2ª, 3ª  
Sección y estadísticas de la PLAZA MAYOR  
DE MANDO, demostrando gran capacidad  
para el trabajo e intachable conducta.

Y para que así conste y surta efectos  
donde convenga, expido el presente  
certificado, con el Vº de del jefe de  
la Unidad, en Madrid, a los cuatro  
días del mes de enero de mil novecien-  
tos sesenta y nueve.

*Juliano Capurro*

Vº DE  
EL CORONEL,

*Amig*

En el servicio militar.

C ertificado de serv icios.

Emigranteenactivo

mente productiva. Como otros muchos seminarioistas "rebrotados", opté por la  
carretera política de "La Secreta", claro que, como noté en ningún momento  
que era la idea de que en oíba aprobar la primera. Así que busqué un  
trabajo compatible que podía ser, preparatorio y de prácticas de materias po-  
liciales. Con esos planes me inscribí en la Policía Armada, "Los

Tras el período de formación en el cuartel de Canillas, me tocó a  
prácticas en Madrid actuando con frecuencia a la universidad para  
las protestas estudiantiles, como las que habían surgido en Francia un  
antes. En una ocasión, al acudir a la Facultad de Económicas, nos encon-  
tramos con un alluvio de ladrones sobre nuestras cabezas. Fue duro también  
reprimir a los empleados de empresas muy importantes, como la Barreiros,  
donde nos recibieron lanzándonos los miles de tomillos que tan a  
ténacamente arma de defensa y ataque. Luego nos impusieron un castigo  
de prestar servicio en las dependencias de la Plaza de España de Barcelona  
por haber protestado al mismo tiempo ante las deficiencias en el comedor del  
campesinato en que la mayoría de la promoción se alojaban. Con tantas me-  
didas fue difícil la preparación para las oposiciones de La Secreta, pero no  
dejé de la mano hasta que logré aprobarlas en junio de 1971. Tras la forma-  
ción correspondiente en la Escuela Superior de Policía, logré puesto de trabajo

T arrag on a, don de, c omo h e rec ordado en mi espec i al memori a de emi g ran t e, est ab ilic é mi v ida prof esi on al y fami liar, c omen z an do lo q u e c on si de r o posi ti v a c ol ab orac i ó n c on pai san os y ami g os, a tr av és de l as c asas reg ion a les para proc u rar el prog reso y prest i g io de n u est ra C omu n idad de ori g en den t r o de l a E spaña de t odos.



C on el u n i f o r m e de l a P o l i c í a A r m a d a.







ISBN 978-84-936871-7-5



9 788493 687175

*A mi adorada  
Leonor su madre*



**Junta de  
Castilla y León**



Fundación  
Cooperación y Ciudadanía  
de Castilla y León

